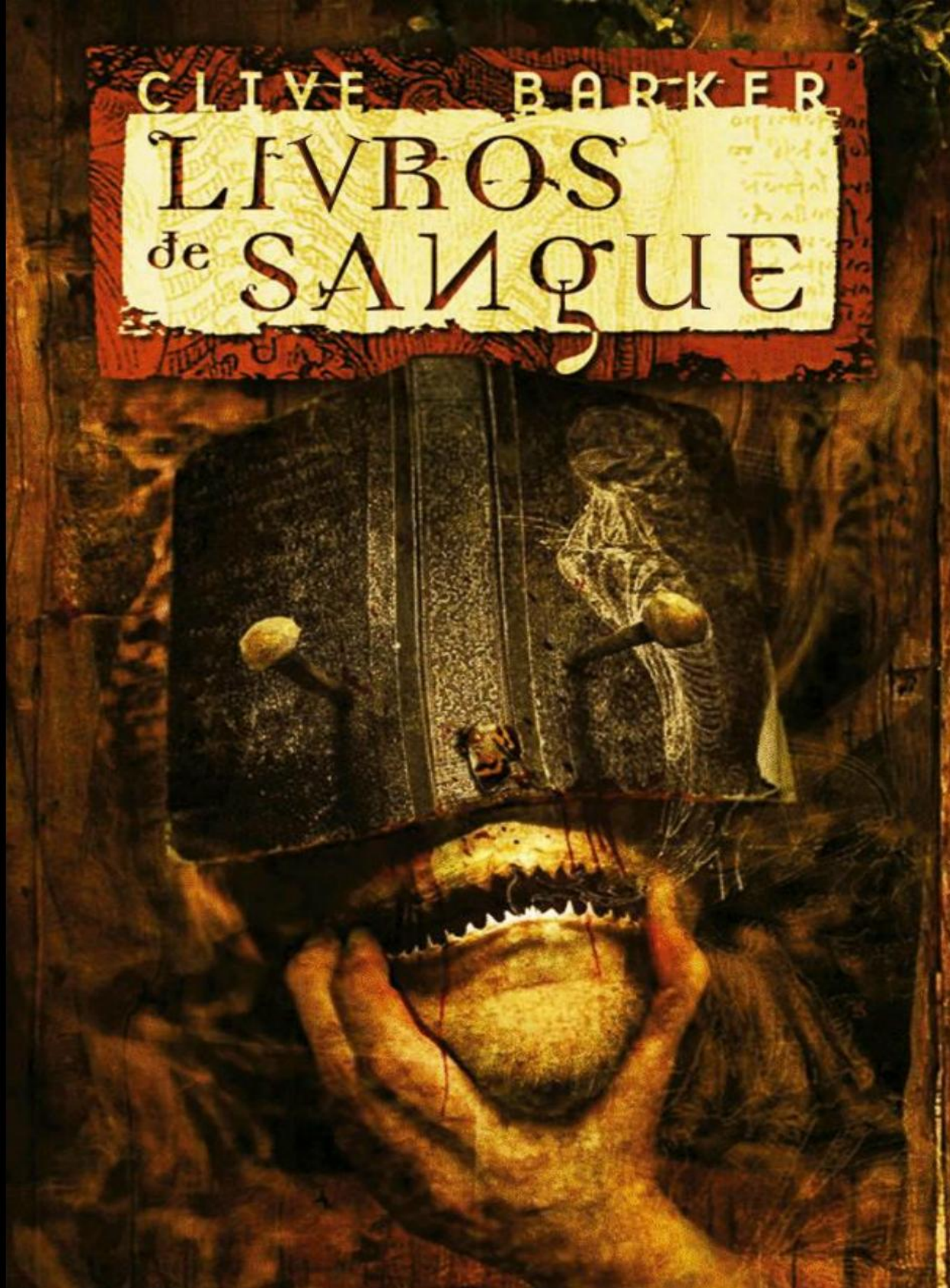


CLIVE BARKER

LIVROS
de SANGUE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

TODOS NÓS SOMOS UM LIVRO DE
SANGUE;

AONDE QUER QUE FORMOS ABERTOS,
SOMOS VERMELHOS.

Clive Barker

**LIVROS DE
SANGUE**

VOLUME ÚNICO

Clive Barker
LIVROS DE SANGUE

Título Original
BOOKS OF BLOOD - Volume One, Two, Tree
Copyright © 1984 by Clive Barker
(Publicado mediante acordo com SPHERE BOOKS LTD.)

Tradução de Aulyde Soares Rodrigues
Copyright da tradução © 1990 EDITORA CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA S.A.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, incidentes, ou são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente e quaisquer semelhanças com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais reais é total coincidência.

Clive Barker nos dá evidência, aqui de que seu extraordinário sucesso de crítica e de público nos países da língua inglesa não foi alcançado pelo simples bafejo da sorte. Ele o conseguiu pela notável soma de qualidades que o fazem tornar plausíveis as mais fantásticas ou abomináveis personagens e situações. Seus fantasmas, seus mortos-vivos (efetivamente mortos mas terrivelmente vivos), não nos trazem à memória as risíveis palhaçadas que Hollywood nos impõe em suas produções “classe B”, sendo antes assustadoras materializações do sobrenatural que injetam adrenalina em nosso sistema sanguíneo, aceleram o batimento cardíaco e nos deixam de cabelos em pé e com suores frios nas palmas da mão.

Há muita violência e horror nos escritos do jovem autor inglês, mas elaborados com engenho e arte, numa riqueza detalhista que diríamos quase barroca, temperados com boa dose de erotismo e servidos por uma linguagem viva e trepidante como o dia-a-dia que vivemos nos aflitos e apressados tempos de hoje.

Os seis contos — noveletas ? — que este volume inicial contém são inesquecíveis, mas admitem constante releitura, a cada uma delas revelando novas e angustiantes facetas. Estes LIVROS DE SANGUE não se destinam, portanto, a leitores de coração fraco e sem imaginação: eles têm o impacto de pesadelos enfrentados à luz do dia.



CONHEÇA O AUTOR



“Um visionário, fantasista, poeta e pintor, Clive Barker expandiu os limites da imaginação humana como um romancista, diretor, roteirista e dramaturgo. Um investigador inveterado que atravessa uma miríade de estilos com facilidade, Barker deixou sua indelével marca artística em uma quantidade de projetos que refletem seu alcance criativo da mídia contemporânea – do terreno da literatura familiar à visão progressista de sua produtora Seraphim. Seu “*Deuses e Monstros*”, de 1998 o qual produziu, lhe garantiram três indicações e um Oscar de *Melhor Roteiro Adaptado*. No ano seguinte, Barker se juntou ao patamar de autores ilustres como Gabriel Garcia Marquez, Annie Dillard e Aldous Huxley quando sua coleção de trabalhos literaterários foram incluídos a linha Permanente da HarperCollins, que então publicou *O Essencial*

de *Clive Barker*, uma antologia de 700-páginas com uma introdução de Armistead Maupin.

Barker começou sua odisseia no teatro de Londres, roteirizando peças originais para seu grupo *The Dog Company*, incluindo “*A História do Demônio*”, “*Frankenstein Apaixonado*” and “*Crazyface*”. Logo, Barker começou a publicar seus *Livros de Sangue*, uma coleção de contos de ficção; mas foi seu romance debutante, *O Jogo da Perdição* que expandiu sua crescente audiência internacional.

Barker trocou as marchas em 1987 quando dirigiu “*Hellraiser*,” baseado em seu romance *The Hellbound Heart*, que se tornou um genuíno clássico cult semeando algumas sequências, várias linhas de revistas em quadrinhos e uma gama de produtos comerciais. Em 1990, ele adaptou e dirigiu “*Raça das Trevas*” de seu conto *Cabal*. Dois anos depois, Barker foi produtor executivo de “*O Mistério de Candyman*,” assim como da sequência de 1995, “*Candyman 2: A Vingança*”. Ainda naquele ano, ele dirigiu Scott Bakula e Famke Janssen em seu conto noir de detetive, “*O Mestre das Ilusões*.”

O trabalho literário de Barker inclui best sellers de fantasia como *Weaveworld*, *Imajica* e *Everville*, os livros infantis *The Thief of Always*, *Sacramento*, *Galilee* e *Coldheart Canyon*. O primeiro de seus cinco livros infantis, *Abarat*, foi publicado em Outubro de 2002 em ressonante aclamação crítica, seguido por *Abarat II: Days of Magic*, *Nights of War* e *Abarat III: Absolute Midnight*; Barker está atualmente completando o quarto livro da série. Como um artista, Barker frequentemente se volta para as telas para alimentar sua imaginação com exposições de extremo sucesso pela América. Suas pinturas neo-expressionistas foram exibidas em dois livros de formato grande, *Clive Barker, Illustrator*, volumes I & II.”

Você pode encontrar mais informações sobre o autor e seu trabalho:

Seguindo no Twitter: [@RealCliveBarker](#)

Em sua página no Facebook: [Clive Barker: Revelations](#)

Ou visitando a [Página Oficial de Clive Barker](#)

À minha mãe e a meu pai

Para Johnny

Para Roy e Lynne

Para Julie



AGRADECIMENTOS

Devo agradecer a muitas pessoas. Ao meu professor particular de inglês em Liverpool, Norman Russell, pelo encorajamento inicial; a Pete Arkins, Julie Blake, Doug Bradley e Oliver Parker pelo encorajamento posterior: a James Burr e Kathy York pelos bons conselhos a Bill Henry, pela apreciação profissional; a Ramsey Campbell por sua generosidade e seu entusiasmo; a Mary Roscoe, pela trabalhosa tradução dos meus hieróglifos a Matie-Nolle Dada pelo mesmos a Vernon Conway e Bryn Newton por sua Fé, Esperança e Caridade: e a Nann du Sauroy e Barbara Boote da Sphere Books.



INTRODUÇÕES

Introdução para os Volumes I a III

“A criatura havia agarrado seu lábio e arrancado o músculo do osso, como quem retira as camadas de um mil-folhas.”

Estão me entendendo?

Eis aqui outra pitada do que se pode esperar de Clive Barker. “Cada homem, mulher e criança naquela torre de horrores era cego. Viam somente através dos olhos da cidade. Não tinham mente pensante, a não ser para pensar os pensamentos da cidade. E acreditavam que eram imortais, na sua força implacável e pesada. Vasta, louca e imortal”.

Podem ver que Barker é um visionário tão cheio de recursos, quanto um escritor impressionante. Permitam-me mais uma citação, de outra história:

“O que seria uma Ressurreição sem um pouco de riso?” Cito deliberadamente, como uma advertência aos leitores de coração fraco. Se gostam duma tranquilizadora ficção de horror, bastante irreal para não ser levada muito a sério, e suficientemente familiar para não distender em excesso a imaginação e não despertar pesadelos que acreditavam estar dormentes, estes livros não são para vocês. Porém, se estão cansados de histórias que provocam o sono, deixando a luz acesa ao partir, para não mencionar a ciranda das Boas Histórias Bem Contadas que nada mais têm a oferecer além de ideias furtadas de bons escritores de contos de horror desconhecidos dos leitores de best-sellers, vão se alegrar, como me alegrei, ao descobrir que Clive Barker é o mais original autor do

gênero que já apareceu nos últimos anos, e, no melhor sentido, o mais profundamente chocante nesse campo da literatura.

A história de horror, de um modo geral, é supostamente reacionária. Sem dúvida, alguns dos seus melhores escritores o foram, mas essa tendência produziu também uma grande quantidade de absurdos irresponsáveis, e não há nenhum motivo para que todos nesse campo olhem para trás. Quando se trata de imaginação, as únicas regras devem ser os próprios instintos, e Clive Barker jamais nos desaponta. Dizer, como dizem alguns escritores de histórias de horror (em atitude defensiva, na minha opinião), que esse gênero preocupa-se fundamentalmente em nos fazer lembrar o que é normal, mostrando o sobrenatural e o estranho como algo anormal, não é muito diferente de dizer (como parecem pensar alguns editores) que a ficção de horror deve tratar de pessoas comuns enfrentando o mundo estranho. Graças a Deus ninguém convenceu Poe disso, e também por haver escritores tão radicais quanto Clive Barker.

Não que ele seja necessariamente contrário a temas tradicionais, mas estes aparecem transformados, quando trabalhados por ele: Sexo, Morte e Luz das Estrelas é a mais fantasmagórica história de teatro. Restos-Humanos, uma variação brilhante e original do tema do *doppelganger*^{1}, mas alcançando, mais do que nunca, conclusões tanto cômicas quanto estranhamente otimistas. O mesmo se pode dizer de Novos Assassinos na Rua Morgue, uma assustadora e otimista comédia do macabro, mas no território mais desafiador da franca atitude radical que Barker tem em relação ao sexo. O que exatamente essas e outras histórias nos dizem sobre possibilidades ficcionais, deixo ao julgamento dos leitores. Já disse que estes livros não são para os fracos, nem para os sem imaginação, e recomendo que isso seja mantido na lembrança ao se aventurarem por histórias como O Trem de Carne da Meia-noite, um conto fantástico em tecnicolor, que relembra filmes de horror explícito, porém muito mais espirituoso e vívido do que qualquer um deles. Bodes Expiatórios, seu conto com uma ilha de terror, usa realmente esse elemento

básico das películas e dos videocassetes do gênero, o zumbi submarino; Filho de Celuloide enfrenta diretamente um tabu biológico, com um realismo digno dos filmes de David Cronenberg, mas deve-se acentuar que a força real da história está no seu fluxo inventivo. O mesmo acontece com Nas Colinas, as Cidades (que contradita a ideia adotada por muitos de seus colegas, a de que não existem histórias originais no gênero), e As Peles dos Pais. A fertilidade criativa nos lembra os grandes pintores fantásticos e, na verdade, não sei de nenhum outro autor do gênero mais digno de ser ilustrado. E ainda há mais: o apavorante Blues do Sangue de Porco, e Pavor, que anda na trêmula corda bamba entre claridade e voyeurismo, risco inerente a qualquer tratamento do tema do sadismo; há muito mais, mas acho que já está mais do que na hora de deixar o caminho livre para os leitores.

Aqui temos quase um quarto de milhão de palavras (espero que comprem ou tenham comprado os três primeiros volumes da série, pois Barker os escreveu como um único livro), sua própria escolha do melhor de dezoito meses de trabalho, contos escritos à noite, enquanto, durante os dias, ele escrevia peças de teatro (as quais, a propósito, tiveram casas cheias o tempo todo). Para mim é um feito espantoso, e a mais impressionante estreia na ficção de horror dos últimos anos.

Ramsey Campbell
Merseyside, 5 de maio, 1983

Introdução do Editor para o Volume I

Uma das mais influentes antologias da literatura moderna, os “Livros de Sangue” de Clive Barker devem ser leitura obrigatória a todo aspirante à contador de histórias. Este primeiro volume contém alguns dos mais memoráveis e enervantes contos que o gênero de terror tem a oferecer.

Começa com a história do título “O Livro de Sangue” onde o autor nos leva ao conto icônico da casa assombrada, e arrasta os leitores em um remoinho de intrigas e tormento. Bem após as palavras serem lidas, as imagens irão permanecer. Os leitores não irão esquecer tão cedo o jovem rapaz mentiroso, o psíquico ansioso e a casa que é construída na rodovia dos amaldiçoados.

O próximo é “O Trem de Carne da Meia-Noite”. Bem parecido do medo que uma criança sente das coisas que estão logo além do alcance de seus sentidos – atrás da porta do armário, ou embaixo de sua cama – Barker encontrou uma forma de fazer lugares como metrô, túneis e esgotos invocarem estas mesmas sensações em adultos. Ele é o mestre em encontrar os lugares que repolsam na periferia, conjurando os terrores ardentes que nós não temos coragem de admitir, e puxá-los como as cordas de um instrumento de tom menor que ninguém mais consegue ver, mas que todos podem ouvir.

“O Yattering e Jack”, a terceira oferenda neste volume, é um tipo muito diferente de história. Dentre contos onde o bem raramente vence o mal, este é um sopro de ar fresco. Um conto cômico de um demônio de coração diabólico, frustrado, tentando em vão levar um homem à loucura. Esta também é uma narrativa mais tradicional. Ela é menos exagerada no sentido gráfico, mas de alguma forma ainda nos conduz a saliência do medo casual onde nossa armadura espiritual é trincada e desgastada, e onde os mitos ao redor de onde formamos nossas vidas devem ser nada mais que ficção. Matando os pensamentos que padres e pastores, coelhos e cisnes podem não ter nem uma pista, e que a realidade de tudo é muito, muito pior.

Na história “Blues do Sangue de Porco”, são os personagens que comandam o show. Enquanto este pode ser visto, a primeira vista, como terror puro, direto, você logo descobrirá que a prosa opera em níveis diferentes. Enquanto nós temos vislumbres do mundo através dos olhos de vários personagens, começamos a ver eventos, e até mesmo o mundo todo, sob uma luz diferente. São reviravoltas e desdobramentos do próprio fim, e nada mais, a história irá te levar a imaginar se você algum dia irá querer comer porco novamente.

“Sexo, Morte e Luz das Estrelas” conduz às paredes surradas de um velho teatro onde fantasmas estão esperando nos flancos. É o estudo de um personagem assombrado, onde o personagem é o teatro, com o poder de levar visitantes à loucura e aprisionar todas as glórias passadas dentro de suas paredes.

Finalmente, chegamos à “Nas Colinas, As Cidades”, um dos contos mais grotescos, de trama intrincada no todo da forma. Esta não é a sua fantasia das trevas usual. Junto desta história estão ocultas profundezas, para o leitor descobrir a cada leitura subsequente. Na superfície, há romance e tragédia, mas abaixo disso somos convidados a um olhar criterioso à algumas das tradições potencialmente perigosas que nossas respectivas culturas estimam. Devemos nos agarrar à nossos antigos rituais em nome da comunidade, ou devemos descartá-los antes que eles nos excluam? Um capítulo final forte e apropriado à uma coleção impressionante.

E então chegamos ao final desta introdução, e ao começo de nossa jornada. Apesar do terror que vemos à uma base diária, todos gostamos de negar que existem coisas nas trevas que não podemos explicar. Os *Livros de Sangue* nos alertam que pode ser tolice negar essas trevas, e faz isso ao deixar aberta uma porta para atravessarmos, se nos sentirmos ousados o bastante. A escolha é nossa. Iremos passar por esta porta... ou deixaremos as trevas às nossas costas?

David Niall Wilson

3/7/2013

UM ESCRITOR MENOS ORDINÁRIO

Introdução para o Volume II

Essas histórias são cápsulas do tempo, não apenas para o trabalho de Barker, embora elas tenham levado o famoso Stephen King a proclamar que ele tinha visto o futuro do terror e seu nome era Clive Barker, mas para aqueles de nós que cresceram com elas como uma constante em um mundo em mutação. Eu me lembro vividamente da primeira vez que li “Terror”, por exemplo — era Setembro de 1987 e eu ainda tinha de adquirir um monte de maus hábitos que me levariam a cair fora de uma graduação de contabilidade em favor da política. O que me lembro daqueles dias não são os salões de palestras, mas sim a privacidade que a reitoria oferecia às 9 am, quando todo mundo saía correndo obedientemente para a primeira aula. Essa era minha deixa para comprar um bacon, um pão doce de ovos, um café forte e me sentar no corredor, praticamente sozinho. Veja, eu menti; eu já tinha começado a adquirir aqueles maus hábitos. A primeira aula se tornou meio que um ritual de matar aula para mim, um tempinho sozinho para ler. Eu nunca tinha sido muito de leitura antes disso — uma alma perdida para o futebol, críquete, tênis, rugby, atletismo, sinuca, dardos, literalmente qualquer coisa que poderia se passar por esporte — aquela era a única desculpa que eu precisava me atirar naquilo com uma determinação quase assustadora. Então eu li “O Trem de Carne da Meia-Noite”, “O Yattering e Jack”, “Jacqueline Ess: Sua Vontade e seu Testamento”, “Restos Humanos”, “Nas Colinas, As Cidades”, e todas aquelas outras revelações de uma hora de duração e um tipo de relacionamento nasceu. Claro, Clive não tinha ideia.

Eu não posso te dizer o que estudei no dia que li “Terror”, por exemplo, mas se passaram 25 anos e eu te posso dizer exatamente o que eu estava pensando quando Quaid se apresentou para Steve

Grace. Na verdade eu estava furioso, *furioso mesmo*, eu tinha acabado de ter meu coração partido por meu melhor amigo – era uma garota (e não é sempre?), com quem eu estava flertando, conversando e tentando construir em mim mesmo uma pilha grande o suficiente de coragem para chamar para sair. Ela estava namorando um cara da escola e tinha acabado de terminar, então uma noite antes de “Terror”, eu a chamei para sair, como parte de um grupo que incluía meu melhor amigo. Tinha muita torcida de ambos os lados, já que os amigos dela queriam que ficássemos juntos, e como sempre, tinha álcool. Então num momento profundo e significativo, o objeto de meu desejo antecipou minha grande jogada, e disse que ela não queria nada sério por um tempo – ela estava muito machucada, a todas aquelas outras mentiras brilhantes que podem fazer um 'não' parecer menos doloroso. Então meu melhor parceiro se ofereceu para falar bem de mim, colocar em boas palavras, então ela poderia ver que talvez preferir o otimismo inocente não seria um má ideia – só que o que ele estava realmente fazendo era convidá-la para voltar a sua casa e trepar na mesa na cozinha.

É claro, eu ouvi a coisa sórdida inteira em segunda mão; ele apenas deu de ombros e disse “ela nunca vai te amar, parceiro, e nós somos melhores que isso. Vamos sair e dar uma trepada hoje a noite. Algo frio e casual”. O que estava tudo bem apesar da puta traição, mas eu tive de vê-la todos os dias.

Então, enquanto eu sentava e lia sobre Quaid chegando na vida de Steve e a primeira tentativa de conversa dos dois sobre medo e pessoas não querendo abrir a porta, eu a vi andando em minha direção através do refeitório vazio e temendo o que estava prestes a dizer, porque eu sabia que iria confirmar cada guinada, imaginando que o pior da minha mente já tinha adicionado a coisa deles porque, porque, porque...

“Terror” permanece como uma das histórias mais singulares e poderosas que já li, e por causa de onde eu estava na minha vida, precisamente como o Steve na história, um estudante em uma universidade de tijolos vermelhos procurando por um guru – e o meu foi tão desleal do seu próprio jeito, com um caralho que ele

valorizava mais que qualquer amizade – eu encontrei um melhor em Clive, apesar de que, novamente, ele não sabia disso. Veja, bem aí, nesse dia, eu precisei dos monstros para vencer, porque essa parte obscura de mim queria ser um monstro também. Eu queria montar um experimento psicológico em mim mesmo para torturar o sonho jovem do amor. Nas palavras imortais de outra das criações de Clive, eu queria destroçar suas almas.

Obscuro, certo? Aqui é onde você começa a procurar por crimes não resolvidos na região de Newcastle aproximadamente de 1987-1996, antes de eu emigrar. Eu fiz algo melhor. Eu fui até um grupo de escritores onde Stephen Laws estava falando, e Stephen perguntou inocentemente o bastante “Então você é um escritor?”, eu refleti sobre isso, tinha acabado de terminar “Nas Colinas, As Cidades” a cerca de uma hora e disse “Eu acho que quero ser”. Eles tem um concurso em sua homenagem, para escrever uma história de terror. Então eu escrevi minha história séria – uma confissão de seis minutos de duração sobre porque eu metei um homem, incluindo o como, em cada intimamente e perturbador tom de bate-papo; me foi pedido que eu nunca retornasse. Mas eu amei as caras de espanto na multidão. O constrangimento. O desconforto. E sim, o terror, enquanto eles percebiam onde iria chegar. Então quando Stephen Laws fez aquela pergunta novamente resposta considerada foi 'Eu quero ser um escritor de terror, igual ao Clive Barker'.

Então eu descobri que ele estava vindo para a Waterstones local para assinar seu recém lançado *A Trama da Maldade*, eu entrei na fila – e cara, como eu esperei... Devem ter se passado duas horas, talvez três, comigo sendo a última pessoa em uma fila de umas duzentas pessoas de comprimento. Eu tinha certeza de que eles iam fechar as portas antes que eu entrasse na loja, mas Clive continuou assinando. E assinando. E eventualmente lá estava eu, cara a cara com o guru que eu desesperadamente queria. Ele olhou para cima, disse algo brilhante e cortês para o qual eu dei de ombros eloquentemente e não disse nada. Ele perguntou de novo e levou um tempo para eu perceber que ele estava perguntando meu nome, mas eu estava tão fora de mim pela ideia de ele querer apertar as mãos. Isso foi inesperado mas eu era o último na fila e tinha

acabado de assisti-lo passar uns bons trinta minutos pintando a jaqueta de couro franjada de um cara, eu não tinha ideia do que dizer, finalmente Clive olhou para cima, a caneta pousada sobre minha cópia novinha de *A Trama da Maldade*, e disse, “Ei, você escreve ou desenha?” eu admiti que escrevia e contei para ele sobre como eu tinha sido chutado de um grupo de escritores, ganhando uma gargalhada, e então, enquanto os assistentes da compras tentavam fechar a loja, Clive disse que amaria minha opinião sobre alguma coisa e começou a rascunhar o Cenobita de Kenneth Cranham na capa do meu livro, enquanto contava sobre tudo que eles iriam fazer com *Hellraiser II*. Eu aprendi muito mais disso que o simples júbilo de fã ficando com a língua presa por causa de seu herói. Quando os anos passaram e eu comecei a dar os meus próprios autógrafos, eu me lembrei de tudo o que Clive fez por nós naquele dia, o bom humor, a conversa fácil, nos fazendo sentir importantes para ele, e apliquei isso para mim mesmo.

Da próxima vez que Stephen Laws perguntou sobre escrever, eu grandiosamente proclamei, com 22 anos, que eu iria ser tão grande quanto Clive Barker quando estivesse com quarenta. É claro que Clive teve de ir e fazer tremendamente difícil ao escrever *A Trama da Maldade* só para começar, mas após ele com *Imajica* e conquistando Hollywood, bem, o velhaco não estava tornando fácil para mim, não é? Stephen estava sempre preocupado de que eu nunca alcançaria as alturas que estipulei para mim mesmo, mas eu não estava porque eu estava sendo o que sempre sou – estipule objetivos impossíveis e então vai e faça-os acontecer – e se você não conseguir, bem, você deve ter feito algo apenas extraordinário. Ou no caso do Clive, icônico.

Tempus fugitted como ele tem o hábito de fazer, e eu estava em uma convenção nos Estados Unidos, onde um jovem artista tinha feito uma escultura que ele queria dar ao Clive. Ele soube que nós dois estaríamos na Convenção de Fantasia Britânica em algumas semanas e me perguntou se eu podia dá-la para Clive. Eu concordei, mas basicamente sou cronicamente tímido com pessoas que admiro, então, tenso, eu a dei aos organizadores, para que eles a dessem à Clive e cuidassem para que fosse na mesma pequena área

que ele recebe seus admiradores em seus incríveis jeans pintados e na verdade nunca diz olá. Então teve o tempo que eu escrevi uma enorme carta de fã para Peter Atkins sobre sua introdução à edição de aniversário de *Hellbound Heart* – uma coisa enorme preenchida com o que Clive significa para mim e como *A Trama da Maldade* foi o livro que me fez querer ser um escritor. Pete se ofereceu para me levar para dar uma volta, conhecer Clive em sua casa em Hollywood já que eu estaria lá para uma exibição no mês seguinte, mas eu me contive... O que eu iria dizer? Como eu poderia dizer a este completo estranho o quão importante ele foi ao homem que eu me tornei? Como eu poderia explicar o quanto suas palavras se moveram em mim pelos anos, e não frequentemente das formas mais óbvias.

Eu sempre disse que *A Trama da Maldade* é meu romance favorito de todos os tempos, e neste Natal, passando por uma crise existencial bem na linha entre meia-idade e não estar onde eu queria estar, eu voltei ao início e reli *A Trama da Maldade* pela primeira vez desde os dias de refeitório, de aulas matadas. Eu fiquei apavorado em não amá-lo. E se o lesse novamente e não fosse o que eu construí na minha cabeça?

Bem, é claro que não era – como eu disse antes, estas histórias, uma vez lidas, são cápsulas do tempo para nós, cada pedaço tão inspiradas quanto por eventos na vida do autor, como Lo's Orchard foi. Elas existem dentro de todos nós como coisas diferentes. Cada um de nós dá um pouco de nós mesmos para elas e elas para nós e se tivermos sorte, um laço duradouro se forma. Eu não era o mesmo eu que se apaixonou pela incrível aventura de Cal; naquela época a inventividade pura e vertiginosa do fantástico tinha me arrebatado. Isso não pode acontecer duas vezes. Eu já tinha sido um visitante para a trama. Ela ainda estava viva dentro de mim, lembrada de modo que não fosse esquecida, minha memória ajudando Cal e Susannah a recriar os padrões. Desta vez não foi pelo escopo da imaginação que eu me apaixonei, ou a própria prosa. Foram as verdades simples que pareciam surgir em cada página que falaram com eu de quarenta e três anos. Havia tanta sabedoria de vida nela que eu fui muito jovem para compreender na primeira vez

que eu a li, e eu encontrei-me apaixonando por meu romance favorito mais uma vez de uma forma totalmente nova.

Com a mão no coração, posso dizer que *A Trama da Maldade* foi o romance favorito do meu eu de 19 anos e também o do meu eu de 43 anos, apesar dele ter oferecido experiências de leitura completamente diferentes para nós dois. Verdades simples ressoam dentro nós mais verdadeiramente, tocando nossas almas como se fossem batidas perfeitas de diapasões, mas elas são intensamente pessoais. Bem, até agora, essa tem sido basicamente minha carta de amor à Clive. Isso é o que ele significou para mim e que eu sempre tive medo de dizer. Ele imaginou o mundo para mim, da forma exata que eu precisava imaginar para mim mesmo, e minha vida é muito mais rica por sua imaginação ter sido parte dela. Eu não seria o homem que sou agora, sem a sua presença. Esta é uma simples verdade.

Estas são notas da minha vida, eu convido você a lembrar de quem você é quando participar de “Espetáculo Infernal” pela primeira vez, não se esqueça de quem você é quando sair em um caso pela primeira vez com Daupin, ou se encontrar refém da Sra. Ess, ou procurar por um guru como Quaid, porque isso irá permanecer dentro de você e é quase certo de você irá se lembrar o quão comoventes, originais e poderosos estes Livros de Sangue podem ser. Eles mudaram o cenário do terror, convidando os monstros à vencer pra variar. No mundo de Barker não existe ameaça externa e aconchegante para a sociedade se unir contra ela. Seus horrores são mais obscuros. Ele é subversivo. Nós somos os monstros. Então vire a página, abraça os seus monstros.

Steven Savile

19 de Maio de 2013

Na estrada em algum lugar entre Londres e Bristol

SANGUE NOVO EM FRASCOS VELHOS

Introdução para o Volume III

Quando os *Livros de Sangue* de Clive Barker foram lançados em 1984/85, escritores de terror e aficionados de todos os lugares, incluindo eu mesmo, não pudemos esperar para conseguir uma cópia. Eu comprei as verdadeiras primeiras edições – seis volumes em brochura vindos da inglesa Sphere Books com suas capas fotográficas transformadas bizarramente – e rapidamente os devorei, imediatamente reli várias das histórias. Como diabos, todos nós imaginamos, esse jovem britânico saiu de lugar nenhum com *trinta histórias*, a maior parte delas do tamanho de romances ou romances curtos, que são todos tão *amaldiçoadamente boas*?

E eles não foram apenas bons, eles foram originais. Eles foram o tipo de histórias que nós realmente não havíamos lido antes. É claro que sexo e violência já faziam parte da ficção de terror, mas nestes dias quietos antes de splatterpunk nunca tínhamos lido um trabalho que tratava o sexo e a violência tão graficamente e com tanta agressividade. Ainda assim, nestas histórias eles nunca foram exagerados. Imagens brilhante retratando momentos angustiantes, e sempre com um olhar poético, provando que *alguém* pode escrever sobre *qualquer coisa* se esse alguém escrever *bem*. Com estes trinta contos nestas brochuras finas, Clive Barker verdadeiramente fez com que a ficção de terror se dirigi-se à um destemido e novo futuro.

Tão recentes quanto estas histórias pareciam trinta anos atrás, elas reteram cada pedaço de seu poder, terror e beleza hoje. Uma grande parte da razão, além da impressionante e vívida prosa de Barker, é que estas histórias são *clássicas* para todas as inovações e renovações. Barker pegou os frascos vazios da velha estrutura do gênero e os encheu com sangue novo e vibrante. Em nenhum lugar

isso pode ser visto mais claramente do que no próprio Volume 3 que você está lendo.

De fato, duas destas histórias lembram um trabalho do mais completo escritor inglês de histórias de fantasmas, M. R. James. “A Cabeça Descarnada” de Barker começa com a remoção de um objeto (neste caso uma pedra maciça) que mantinha dormente um antigo mal, por séculos, um artifício de enredo frequente não apenas em James, mas nos trabalhos de muitos de seus contemporâneos Eduardianos. O cenário de terra eclesiástica é similar a muitos contos de James também, e dois dos personagens principais são um clérigo, Reverendo Coot e o bedel Declan Ewan. Mas enquanto James poderia ter descrito o espectro apenas como algo meio sombrio, úmido e possivelmente cabeludo, Cabeça Descarnada é, na descrição simples de Barker, “2.75 metros de altura, coberto de sangue e parecia como o Inferno de pernas”. Para dizer mais eu estaria revelando demais.

A segunda história Jamesiana é “Confissões da Mortalha (de um pornógrafo)”, na qual Barker parece prestar homenagem ao fantasmagórico “face de pano enrugado” tão friamente descrita no “Oh, Whistle, and I’ll Come to You, My Lad” de James. Mas ao invés de apenas uma face, o espírito do falecido Ronnie Glass possui a mortalha inteira na qual ele foi enrolado no necrotério, e os poderes de Glass são um pouco mais extremos do que meramente esculturas de tecido. “Confissões...” é também uma história clássica de retorno-dos-mortos-por-vingança que estaria em casa em uma revista *Weird Tales* dos anos 30 ou em uma revista em quadrinhos de humor negro *Contos da Cripta* da década de 50, apesar de que Glass poderia fazer coisas *indizíveis* que até mesmo Bill Gaines poderia ter hesitado em retratar. A história de Barker é ao mesmo tempo escandalosa, engraçada e repugnantemente desagradável, mas Ronnie Glass, mesmo sendo um pedaço de vingança, de roupa sentiente, nunca perde sua humanidade.

Aquela humanidade está sempre presente nos personagens de Barker, mesmos nos sibáritos imorais que povoam “Bodes Espiatórios”, Barker nos leva a uma ilha deserta, tropo do sinistro, um marco da ficção de terror mesmo antes da “Fungus Island” de

Philip M. Fisher, que define o modelo. A ilha de Barker é ainda mais desagradável, mas eu não direi com quais criaturas é povoada – os leitores merecem descobrir por eles mesmos. Aqueles que frequentemente pulam as passagens descritivas façam por sua conta e risco neste conto. Eles não irão apenas perder algumas das mais ricas prosas de Barker, eles também irão perder um olhar profundo na personagem perfeitamente desenhada, a narradora em primeira pessoa do autor.

Nós entramos no território de Dorian Gray/William Wilson/doppelganger com “Restos Humanos”, um penetrante estudo de personagem de Gavin, um vendedor de seu próprio corpo e afeições a aqueles com dinheiro para pagar. Como em “A Cabeça Descarnada”, nós temos o retorno de uma antiga ameaça, mas ao invés de decepar membros e beber sangue, as maquinações desta criatura são mais sutis e mais terríveis. A própria alma e personalidade de Gavin são ameaçadas, enquanto ele enfrenta a pergunta de o que significa ser humano. É talvez a história mais *assombrada* desta coleção.

A mais audaciosa, entretanto, é certamente “O Filho do Celuloide”, uma fantasia brilhante em filme, morte e sobrevivência. Novamente, a história em si é baseada na premissa simples do retorno-após-a-morte, mas a maneira do retorno é completamente inesperado, com os gatilhos sendo uma combinação de um tumor cancerígeno de um corpo e as emoções catárticas sugadas de décadas de cinéfilos. Surpreendente, imprevisível e completamente satisfatória, “Filho do Celuloide” é um indicativo do poder, graça e terror que fez toda uma geração de escritores e leitores de terror perceberem que o futuro do horror seria aquele em que nada seria reprovado ou proibido.

Clive Barker *ainda* é o futuro do terror, exibindo, com suas histórias, agora com décadas de idade (e com a nova ficção que ele continua a criar), o gênero tão profundo e fértil nós habitamos, quantas possibilidades e potenciais ainda repousam diante nós. Estas primeiras histórias deixam evidente que palavras brilhantes, cuidadosamente escolhidas e infalivelmente arranjadas, podem nos permitir transcender verdadeiramente o gênero, para elevar o

“terror” a algo mais que vulgaridades e gritos na noite, para buscar alto conhecimento em espelhos sombrios, para beber o vinho de frutas de velhos frascos preenchidos com sangue novo e intoxicante.

Chet Williamson

QUANDO TUDO MUDOU

Introdução para o Volume IV

Não existem tantas coisas neste mundo que são divisoras de águas. Aquele asteroide que (tipo que) dizimou os dinossauros foi um deles. Bill Buckner deixando aquela bola rolar através de suas pernas no sexta jogo da World Series em 1986 foi outro . O Dollar Menu no McDonalds é (possivelmente) um terceiro.

Mas quando, em 1984, o primeiro LIVROS DE SANGUE de Clive Barker foi publicado, bem, isso mudou a ficção de terror para sempre.

Eu tinha 32 anos na época, e tinha publicado um punhado de histórias de terror, influenciadas principalmente por Ray Bradbury, H.P. Lovecraft e pelo início de Stephen King. Influências muito boas, quando você pensa sobre isso. (Eu também fui influenciado por Dylan Thomas, Charles Dickens e um monte de outros britânicos, mas isso é outra história).

Ummm - na verdade não é.

Porque, veja , Clive Barker é um britânico.

E ele surgiu do campo da esquerda, e colocou suas botas em sua própria e única área de jogo, assim como esses outros britânicos fizeram.

Seu trabalho era... retorcido. Estranho. Grotesco e maravilhoso. Único (sim, eu sei que eu acabei de usar essa palavra no parágrafo acima).

ÚNICO DE UMA ESPÉCIE.

Pronto, eu disse.

É por isso que Clive Barker foi um divisor de águas - porque ele foi único de uma espécie. Suas palavras não eram como as palavras de qualquer outra pessoa. Uma pitada de Gormanghast; um pouco de Poe, talvez; um pingo de Gahan Wilson e Algernon Blackwood -, mas , não, não realmente, porque, como Atena, ele veio totalmente formado a partir da cabeça de Zeus - Zeus sendo o Deus do Terror neste caso.

Em suma: ninguém jamais havia contado uma história da mesma forma que Clive Barker antes.

E em LIVROS DE SANGUE ele cravou essas botas.

Aqui estão elas.

Use-as.

Al Sarrantonio

UMA INTRODUÇÃO PARA LIVROS DE SANGUE

Introdução para o Volume V

Muito tem sido feito do impacto que Clive Barker teve na ficção de terror, por isso vou manter essa parte curta. Ele saiu do que parecia ser lugar nenhum e era foi estrela durante a noite, devido a LIVROS DE SANGUE. Este é um destes livros.

Lembro-me de lê-los e gostar deles, mas agora, anos depois, como eu voltei a reler eles, eu acho que eles são ainda melhores do que eu me lembrava. Do contrário de tantas coisas que gostamos quando éramos mais jovem, nessas histórias não cresceram rachaduras e feridas com o tempo, e este volume em particular, é um dos mais exclusivos em seu ciclo de histórias.

Há uma espécie de familiaridade com os contos, uma sensação de que você já viu aspectos delas antes, e frequentemente, mas a diferença no trabalho de Barker é que ele, de alguma forma, infundiu temas familiares com uma dose de energia, sociologia e impacto político, carente em muitas outras histórias de terror, e ele veio ao familiar a partir direções não familiares. Mesmo que você não esteja totalmente certo de suas intenções, é evidente pela forma como o cérebro se excita de que há mais acontecendo na cena do que apenas a cena. Eles são justaposições de pulp e arte, a inteligência, o selvagem e o sublime.

Mas acima de tudo, o que fez dessas histórias memoráveis foi a qualidade mais básica de todos. Eram foram fundamentais, narração pura, e você podia sentir o autor se lançando contra a página como um tigre se lançando contra as barras de uma jaula. Você sabia que muito em breve as barras cederiam, e o tigre viria para fora, e você estaria certo. Dentro de algumas páginas ele quebrou as barras e estava em sua cara.

Os contos de Barker são tão estranhos em sua premissa, que por si só podem carregar o leitor, mas acrescenta a isso seu estilo de

prosa sangrento e você terá histórias como “O Proibido”, um conto sobre um estudante escrevendo sua tese em grafite, e no processo de estudo do grafite, encontra marcas grosseiras que levam à descoberta do que parece ser uma criatura lendária, o Candyman. E se isso soa familiar, pode muito bem ser que, mesmo se você ainda não leu a história, você esteja ciente da versão cinematográfica que leva o mesmo título. O filme é bom, mas a história é tão fria e arrepiante, quanto um verme úmido na base da espinha.

"A Madona" é uma história perturbadora sobre uma piscina que pode conter alguns habitantes bizarros, e o que acontece com Jerry, um empresário que está em uma situação infernal de mudança de vida. É uma história das mais inesperadas que a primeira vista parece muito familiar.

"Os Filhos de Babel" possui algo do tema Mestres do Segredo, mas certamente leva toda a ideia de um passeio selvagem e surpreendente. Para dizer mais eu arruinaria este conto da mosca na sopa, por assim dizer.

"Na Carne" é o meu favorito do grupo, e tão preocupante para mim quanto uma maioria republicana na Câmara e no Senado. Mas, ei, isso é só comigo. Este fez com que eu me sentisse nervoso e um pouco desconfortável quando o li pela primeira vez, e uma re-leitura confirmaram esses sentimentos, mas desta vez eu vi um outro nível nesse conto e me deleitei com a confiança da prosa.

Tudo bem, eu estou sendo superficial nas histórias. Eu não quero prejudicá-las de qualquer maneira. Eu não quero manejá-las de tal forme que suas cores apareçam, então eu as pego e te entrego, imediatamente.

Barker começou no topo. Não tem muitos de nós que conseguem. Aqui está uma das razões do porquê.

Eu dou as boas-vindas a você nesta casa de papel, este Livro de Sangue de Clive Barker. Aproveite o terror.

Joe R. Lansdale
Nacogdoches, TX

OS LIVROS DE SANGUE

Introdução para o Volume VI

Os *Livros de Sangue*. Isso é um título difícil de seguir. Na superfície, essas quatro palavrinhas dizem tudo o que você precisa saber sobre o que você está se metendo. O único contratempo é que Clive Barker não está interessado na superfície.

Claro, os contos que compõem esta coleção são entusiásticos à primeira vista. Mas eles são muito mais do que aparentam ser. Você vai sentir isso uma vez que você nade por estas águas. Quando você terminar a última página e afastar-se do livro, você logo perceberá que as histórias estão presas em sua cabeça. Elas vivem, respiram e se movimentam dentro de você, ficam com você até que você comece a perceber... nenhuma dessas histórias eram tão simples quanto você poderia querer acreditar. Em seguida, fica claro para você, que elas são sobre algo mais profundo. Estes conceitos, e as palavras usadas para moldá-los, são magia poderosa.

Tendo tido a boa sorte de conhecer Clive pessoalmente por muitos anos, eu posso dizer com certeza que ele é conectado a algo que o resto de nós apenas irá saber por procuração. Histórias e visões fluem através dele e para as páginas ou telas em taxas alarmantes. E, tão rápido quanto elas conseguem escapar através de seu condíte escolhido, ainda assim, não são rápidas o bastante.

Os cinco contos contidos neste volume são horripilantes, reveladores e certamente, de um lugar diferente a que todos nós conhecemos.

A Morte Viva vende-se brilhantemente como o conto muito simples de uma mulher que contrai uma doença que logo destrói tudo em sua vida. Onde a maioria das histórias sobre pragas se interessam apenas em mostrar a devastação à longo prazo, *Morte Viva* mantém um ponto de vista muito contido e, em última instância, revela-se como um tratado sobre a solidão.

Como os Grilheiros Sangram é a história de capitalistas gananciosos que compram um lote de terra na Amazônia e tentam

expulsar seus moradores nativos. Se parece com um conto clássico de vingança, mas em breve você vai perceber que é uma lição de sensibilidade que você não se esquecerá tão cedo.

Crepúsculo nas Torres é uma criatura literária na qual facções enviam seus principais agentes para destruir uns aos outros. A história que se desenrola, no entanto, é mais do que aparenta aos olhos. É uma questão de confiança. Segurança. E manter um controle firme sobre a fera dentro de si.

A *Última Ilusão*, sobre a qual o filme *Mestre das Ilusões* se baseou, é noir de detetive com uma reviravolta. O detetive sobrenatural de Clive, cansado do mundo, Harry D'Amour, faz a sua estreia nestas páginas. Ele é o aterro sanitário para todas as coisas ruins que escolhemos não ver. Para cada arrepio que creditamos a uma brisa fresca, D'Amour testemunha horrores indizíveis. Mas o fato de que ele está lá, vendo o que está na periferia, é um lembrete de que nem tudo é exatamente como parece.

E, finalmente, chegamos ao fim da viagem, o que nos encontra *Na Rua Jerusalém*. Neste pós-escrito para a história que dá título esta série, *O Livro de Sangue*, mais uma vez nos encontramos com o jovem em cuja carne todas essas histórias foram esculpidas. Os eventos na *Rua* ocorrem quatro anos após os fantasmas virem para o jovem na Tollington Place, 65, mas enquanto a história se passa, sua carne ainda parece crua.

Esta pode ser a marca particular de presciência no trabalho de Clive. Pode ser um acidente feliz. De qualquer forma, as palavras são um exemplo clássico de vida imitando a sua arte. No momento da redação deste texto, já fazia quase trinta anos desde que o primeiro livro foi publicado, e ainda assim as palavras contidas em cada volume ainda nos cortam até a medula.

Se você é um recém-chegado à série, ou um devoto de longa data, as histórias irão assombrá-lo da mesma forma. Como o próprio mestre disse, “As histórias vão à noite e dia. Nunca pare. Eles se contam, você verá. Elas sangram e sangram. Você nunca pode calá-las; nunca pode se livrar delas”.

Mark Miller
30 de março de 2013

Volume I



O LIVRO DE SANGUE

Os mortos têm suas estradas.

Por elas transitam filas constantes de trens-fantasmas, carruagens de sonhos, atravessando a terra árida atrás das nossas vidas, com o tráfego infundável das almas que partiram. Seu ritmo monótono e pulsante pode ser ouvido nos lugares devastados do mundo, através de fendas produzidas por atos de crueldade, violência e depravação. Sua carga, os mortos errantes, pode ser vista de relance quando o coração está a ponto de explodir, e visões que deviam estar ocultas surgem definidas.

Tem placas indicadoras, essas estradas, assim como pontes e acostamentos. Tem postos de pedágio e cruzamentos.

É nessas intersecções, onde multidões de mortos se encontram e se cruzam, que tais estradas proibidas têm mais probabilidade de penetrar nosso mundo.

O tráfego é denso nos cruzamentos, e as vozes dos mortos mais penetrantes. Aí, as barreiras que separam uma realidade da outra estão gastas e tênues, devido à passagem de incontáveis pés.

Uma das intersecções de estrada dos mortos ficava em Tollington Place, número 65. Apenas uma casa isolada, de falso estilo georgiano e fachada de tijolos, o número 65 não se destacava na paisagem. Uma casa velha, nada notável, despida da grandeza barata que ostentara no passado, há mais de dez anos encontrava-se vazia.

Não foi a umidade crescente que afugentou os inquilinos do número 65. Não foi o bolor no porão, nem a sucumbência do terreno, que abriu uma fresta larga na frente da casa, dos degraus de entrada até o beiral: foi o barulho do tráfego. No andar superior, o ruído daquele movimento era contínuo. Rachava o estuque das

paredes e retorcia as vigas. Sacudia os vidros das janelas também. O número 65 da Tollington Place era uma casa mal-assombrada, e ninguém podia possuí-la por muito tempo sem ficar insano.

Em certo período de sua história, um horror fora cometido naquela casa. Ninguém sabia quando, nem o quê. Mas mesmo para o observador desavisado a atmosfera opressiva da casa, especialmente no andar superior, era evidente. Havia a lembrança e a promessa de sangue no ar do número 65, um cheiro que se instalava nas narinas e enjoava o estômago mais forte. A casa e as vizinhanças eram evitadas pelos insetos daninhos, pássaros e até pelas moscas. Nenhum cupim rastejava na cozinha, nenhum pardal fizera seu ninho no sótão. Fosse qual fosse a violência perpetrada, havia rasgado a casa de cima a baixo, como a barriga de um peixe, e através desse corte, daquele ferimento aberto diante do mundo, os mortos espiavam e comentavam o dia-a-dia.

Pelo menos era o que se dizia...

Era a terceira semana de investigação no número 65 da Tollington Place. Três semanas de sucesso sem precedentes na área do paranormal.

O Departamento de Parapsicologia da Universidade de Essex, utilizando como médium um novato naqueles estudos, um jovem de vinte anos, chamado Simon McNeal, havia registrado evidência quase inegável de vida depois da morte.

No quarto do último andar da casa, que não passava de um cubículo claustrofóbico, o rapaz McNeal aparentemente havia invocado os mortos e, a seu pedido, eles haviam fornecido vasta prova de suas visitas, escrevendo com centenas de caligrafias diferentes nas paredes amarelo claro. Ao que parecia, escreviam o que lhes vinha à cabeça no momento. Os nomes, é claro, datas de nascimento e de morte. Fragmentos de lembranças e desejos de boa sorte para seus descendentes vivos, frases estranhas e tortuosas, que insinuavam seus tormentos e lamentavam as alegrias perdidas. Algumas das caligrafias eram duras e feias, outras, delicadas e femininas. Havia desenhos obscenos e piadas não terminadas ao lado de versos românticos. Uma rosa mal desenhada. Um jogo-da-velha. Uma lista de compras.

Mortos famosos haviam comparecido àquele muro de lamentações — Mussolini estava lá, John Lennon e Janis Joplin —, e desconhecidos também, quase anônimos, haviam assinado ao lado dos figurões. Era uma lista de presença dos mortos, e aumentava a cada dia, como se a notícia estivesse se espalhando de boca em boca entre as tribos perdidas, atraindo todos para fora do seu silêncio e levando-os a inscreverem seus nomes nas paredes daquele quarto vazio, marcando sua sagrada presença.

Depois de uma vida inteira dedicada à pesquisa psíquica, a Dra. Florescu estava acostumada com a realidade do fracasso. Era quase uma sensação de alívio poder descansar confortavelmente, certa de que a evidência jamais se manifestaria. Agora, com aquele sucesso espetacular, sentia-se entusiasmada e confusa ao mesmo tempo.

Sentada, como tinha estado durante aquelas três semanas incríveis, no quarto principal do andar do meio, um lance de escadas abaixo do quarto onde os mortos escreviam, ouvia o vozerio que vinha lá de cima com uma espécie de temor respeitoso, quase não acreditando que tinha permissão para estar presente àquele milagre. Tinha ouvido ruídos anteriormente, indicações tantalizantes de vozes de outro mundo, mas era a primeira vez que os habitantes daquela área insistiam em ser ouvidos.

No andar acima do seu os ruídos cessaram.

Mary consultou o relógio: seis e dezessete da tarde.

Por algum motivo só conhecido pelos visitantes, o contato nunca ia muito além das seis horas da tarde. Mary esperava até seis e meia e então subia. O que teria acontecido hoje? Quem teria ido ao quarto sórdido e apertado para deixar sua marca?

— Levo as câmaras para cima? — perguntou Reg Fuller, seu assistente.

— Sim, por favor — murmurou ela, absorta na expectativa.

— O que será que tivemos hoje?

— Vamos dar mais dez minutos ao rapaz.

— Certo.

Lá em cima, McNeal, recostado num canto do quarto, olhava o sol de outubro pela janela estreita. Sentia-se um tanto confinado, sozinho naquele lugar danado, mas assim mesmo pairava nos seus

lábios aquele sorriso ténue e beatífico que derretia o coração mais acadêmico. Especialmente o da Dra. Florescu; oh, sim, a mulher estava apaixonada por seu sorriso, por seus olhos, pelo ar de desamparo manifestado só para ela...

Era um bom jogo.

Na verdade, a princípio fora só isso — um jogo. Agora Simon sabia que estavam jogando paradas muito mais altas; o que tinha começado como uma espécie de detector de mentiras havia se transformado numa competição séria: McNeal versus a Verdade. A verdade era simples: ele era uma fraude. Escrevia todas as “mensagens dos fantasmas” com pedacinhos de grafite que escondia sob a língua; batia nas paredes e fazia outros ruídos, gritava sem outra provocação que não a pura encenação fraudulenta; e os nomes desconhecidos que escrevia — ria-se só de pensar nisso — eram nomes tirados da lista telefônica.

Sim, era sem dúvida um jogo muito divertido.

Ela lhe prometia tanto, tentando-o com a fama, encorajando, sem saber, cada mentira que ele inventava. Promessas de riquezas, de aplaudidas entrevistas na televisão, de uma adulação que ele jamais havia conhecido antes. Desde que produzisse os fantasmas...

Outra vez aquele sorriso sedutor dominou seu rosto. Ela o chamava de seu Intermediário: um inocente transmissor de mensagens. Logo ela estaria ali — os olhos no corpo dele, sua voz quase chorosa com o entusiasmo patético por outra série de nomes e tolices rabiscadas.

McNeal gostava quando ela olhava para sua nudez, ou sua quase nudez. Fazia todo o trabalho vestindo apenas suas cuecas para eliminar a possibilidade de ter aparelhos escondidos. Uma precaução ridícula. Tudo de que precisava eram as pontas de lápis sob a língua, e energia suficiente para se mover e se debater por meia hora, gritando como um doido.

Estava suando. Seu peito se encontrava molhado de suor, o cabelo grudado na testa. Naquele dia o trabalho fora duro; não via a hora de sair do quarto, tomar um banho e se aquecer por algum tempo na admiração dos outros. O Intermediário enfiou a mão na cueca e começou a brincar com seus genitais, preguiçosamente. Em

algum lugar do quarto uma mosca, certamente muitas estavam presas. Não era ainda a época das moscas, mas ele as ouvia muito perto. Zumbiam e se debatiam contra a janela, ou em volta da lâmpada. McNeal ouvia suas vozes fininhas de moscas, mas não as questionava, muito entretido nos pensamentos sobre o jogo, e no prazer simples de se acariciar.

Como zumbiam aquelas vozes inofensivas de insetos; zumbiam, cantavam e se lamentavam. Como se lamentavam.

Mary Florescu tamborilou na mesa. Sua aliança matrimonial estava folgada hoje e movia-se acompanhando o ritmo dos dedos. Às vezes estava apertada, às vezes larga, um desses pequenos mistérios que jamais havia analisado com atenção, mas que simplesmente aceitava. Na verdade, nesse dia estava muito larga, quase a ponto de sair do dedo. Pensou no rosto de Alan. O querido rosto de Alan. Pensou nele como se o visse através de uma abertura redonda feita pela aliança, um túnel. Teria sido assim a morte dele? Carregado para longe, cada vez mais para baixo, para o escuro, ao longo de algum túnel? Empurrou a aliança para trás. Através das pontas do indicador e do polegar quase sentiu o gosto azedo do metal quando o tocou. Uma sensação curiosa, uma ilusão.

Para livrar-se do gosto azedo, pensou no garoto. O rosto dele veio com facilidade, com tanta facilidade, inundando sua lembrança com aquele sorriso e o porte comum, não amadurecido ainda. Na verdade, evocando-lhe uma menina — todo curvas e pele suavemente clara —, ele era a própria inocência.

Seus dedos estavam ainda na aliança, e o gosto azedo aumentou. Ergueu os olhos. Fuller preparava seu equipamento. Em volta da cabeça quase calva um halo de luz verde pálida cintilava ondulante.

De repente Mary sentiu-se atordoada.

Fuller não viu nem ouviu nada. Estava com a cabeça inclinada para os aparelhos, absorto no trabalho. Mary olhou fixamente para ele, vendo o halo, sentindo que algo novo despertava dentro dela, invadindo-a. O ar parecia vivo — as moléculas de oxigênio, hidrogênio e nitrogênio atiravam-se para ela num abraço apertado. O halo sobre a cabeça de Fuller começou a se espalhar, encontrando

um brilho igual em cada objeto do quarto. A sensação estranha nas pontas dos seus dedos crescia também. Via a cor do ar que exalava: rosa alaranjado, enfeitando o ar efervescente. Ouvia com clareza a voz da mesa ao seu lado: o queixume surdo da sua presença sólida.

O mundo estava se abrindo, levando suas sensações a um êxtase, conduzindo-as para uma confusão desordenada de funções. Subitamente percebeu que podia ver o mundo como um sistema, não de política e religiões, mas um sistema de sensações, um sistema que se alargava, saindo da carne viva para a madeira inerte da mesa, para o ouro velho da sua aliança.

E mais além. Além da madeira, além do ouro. Abriu-se a fenda que dava para a estrada. Em sua cabeça ela ouvia vozes que não vinham de qualquer boca viva.

Olhou para cima, ou melhor, uma força estranha fez com que sua cabeça se lançasse para trás com violência, olhando para o teto. Estava coberto de vermes. Não, isso era absurdo! Parecia estar vivo, com a vida dos vermes — pulsando, dançando.

Mary pôde ver o rapaz através do teto. Estava sentado no chão, com o pênis ereto na mão, a cabeça atirada para trás, como a de Mary. Tão perdido no êxtase quanto ela. Sua nova visão percebeu a luz pulsante sobre e em volta do corpo dele — traçando a paixão das suas entranhas, derretendo de prazer sua cabeça.

E Mary viu mais, a mentira que ele era, a ausência da força onde ela havia imaginado existir algo maravilhoso. Ele não tinha talento para se comunicar com fantasmas, nunca tivera, via agora claramente. Era um mentiroso, um garoto mentiroso, um doce e branco garoto mentiroso, sem a compaixão ou a sabedoria para compreender o que tinha ousado fazer.

Agora estava feito. As mentiras tinham sido contadas, os truques executados e a gente da estrada, farta além da medida de ter sido falsamente representada e transformada em objeto de zombaria, zumbia na fresta da parede, exigindo uma reparação.

Aquela fresta que ela havia aberto sem saber, ela aos poucos, lentamente conseguira abrir. Seu desejo pelo garoto tinha feito aquilo; seu pensamento constante, sua frustração, seu desejo e o desgosto com esse desejo haviam aumentado a fresta. Entre todos

os poderes que podiam tomar visível o sistema, o do amor e da sua companheira, a paixão, e da companheira de ambos, a perda, eram mais potentes. Ali estava ela, uma encarnação dos três. Amando, desejando e sentindo agudamente a impossibilidade das duas coisas. Envolta numa agonia de sensações que havia negado a si mesma, acreditando que amava o garoto apenas como seu Intermediário.

Não era verdade! Não era verdade! Ela o desejava, ela o queria agora, profundamente dentro do seu corpo. Mas agora era tarde demais. O tráfego não podia ser impedido por mais tempo; aquela torrente exigia, sim, extra acesso ao pequeno trapaceiro.

Mary não tinha forças para impedir. Tudo o que podia fazer era deixar escapar uma fraca exclamação de horror, vendo a estrada que se abria a sua frente, compreendendo que aquele não era um cruzamento comum.

Fuller ouviu o barulho.

— Doutora? — Ergueu os olhos, e seu rosto — inundado de luz azul que Mary percebia com o canto dos olhos — tinha uma expressão interrogativa.

— Disse alguma coisa? — perguntou ele.

Com um aperto no estômago, Mary tentou imaginar como aquilo terminaria.

Os rostos transparentes dos mortos desenhavam-se nítidos na frente dela. Via a profundidade do sofrimento e compartilhava de seu desespero em serem ouvidos.

Percebeu que as estradas que se cruzavam em Tollington Place não eram estradas comuns. Não estava vendo o tráfego feliz e descansado dos mortos comuns. Não, aquela casa abria-se para o caminho percorrido tão somente pelas vítimas e pelos causadores de violência. Os homens, as mulheres, as crianças que tinham morrido entre todas as dores que os nervos podem provocar, e levavam nas mentes a marca indelével das circunstâncias da sua morte. Com uma eloquência além das palavras, os olhos contavam a agonia, os corpos fantasmas mostravam ainda os ferimentos que lhes haviam tirado a vida. Mary via também, misturados aos inocentes, seus carrascos e atormentadores. Esses monstros, frenéticos, sangradores de mentes doentias, espiavam para o mundo; criaturas

sem igual, indescritíveis milagres proibidos de nossa espécie, falando e uivando sua algaravia inane.

Agora o rapaz lá em cima as percebia. Mary o viu voltar-se um pouco no quarto silencioso, sabendo que o que ouvia não eram zumbidos das moscas, as lamentações não eram lamentações de insetos. De repente dava-se conta de que tinha vivido num pequeno canto do mundo e que o resto, o Terceiro, o Quarto e o Quinto mundos pressionavam suas costas, famintos e irrevogáveis. A visão de seu estado de pânico tinha também gosto e cheiro para Mary. Sim, sentia o gosto dele como sempre havia desejado sentir, mas não era um beijo que unia seus sentidos, era o pânico crescente do jovem que a inundava completamente; a empatia era total. O olhar medroso era tanto dele quanto seu — as duas gargantas secas pronunciaram com voz rascante as mesmas palavras:

— Por favor...

... que as crianças aprendem...

— Por favor...

... que recebem cuidado e presentes em troca...

— Por favor...

... que até os mortos, sem dúvida, até os mortos deviam conhecer e atender.

— Por favor...

Naquele dia, porém, não ia haver misericórdia; Mary tinha certeza disso. Aqueles fantasmas, desesperados, vinham suportando na estrada, por um tempo infinitamente longo, os ferimentos que haviam causado sua morte e as insanidades que os haviam levado a cometer tantas carnificinas. Tinham suportado a sua leviandade e insolência, as mentiras que haviam feito do seu sofrimento um jogo. Queriam agora que a verdade fosse dita.

Fuller olhava agora atentamente para ela, seu rosto nadando num mar de luz alaranjada pulsante. Sentiu as mãos dele na sua pele. Ardiam como vinagre.

— Você está bem? — perguntou ele, num tom metálico.

Mary balançou a cabeça.

Não, não estava bem, nada estava bem.

A fresta abria-se cada vez mais, segundo após segundo; através dela Mary via agora outro céu, um céu cor de chumbo, que cobria a estrada. Dominava a mera realidade da casa.

— Por favor — disse ela, seus olhos girando para a substância do teto que desaparecia gradualmente.

Alargando-se. Alargando-se...

O mundo quebradiço que ela habitava estirava-se no limite máximo de resistência.

De repente partiu-se, como uma represa, e as águas negras fluíram, inundando o quarto.

Fuller percebeu que alguma coisa estava errada (Mary sabia pela cor da aura dele, pelo medo repentino), mas não compreendia o que era. Um calafrio percorreu a espinha do auxiliar, e Mary pôde ver o cérebro de Fuller rodopiando.

— O que está acontecendo? — perguntou ele. Mary sentiu vontade de rir da angústia na sua voz.

Lá em cima, a jarra d'água no quarto repleto de inscrições partiu-se.

Fuller deixou-a e correu para a porta que começou a sacudir-se e estalar antes que ele chegasse perto, como se todos os habitantes do inferno a estivessem empurrando no lado de fora. A maçaneta girava e girava. A tinta cobriu-se de bolhas. A chave ficou incandescente.

Fuller olhou para Mary, que permanecia rígida ainda, na mesma posição grotesca, cabeça lançada para trás, olhos arregalados.

Estendeu a mão para a maçaneta, mas a porta se abriu antes que a tocasse. O corredor no lado de fora do quarto tinha desaparecido completamente. No seu lugar estava a estrada, estendendo-se até o horizonte. A visão matou Fuller imediatamente. Sua mente não tinha forças para absorver aquele panorama — não conseguiu controlar a sobrecarga que percorreu todos os seus nervos. O coração parou; uma revolução inverteu a ordem do seu organismo; a bexiga cedeu, os intestinos cederam, seus membros tremeram e entraram em colapso. Caiu no chão, com o rosto incandescente como a porta, o corpo contorcendo-se como a

maçaneta. Num instante era matéria inerte, tão apropriada para aquela indignidade quanto madeira ou aço.

Em algum ponto a leste, sua alma entrou na estrada partida, a caminho da intersecção onde acabara de morrer.

Mary Florescu sabia que estava sozinha. Acima dela, o belo rapaz, aquele jovem belo e mentiroso contorcia-se e gritava sob as mãos vingadoras dos mortos que agarravam sua pele jovem. Mary sabia das intenções deles; estavam marcadas naqueles olhos — não havia nada de surpreendente nisso. Toda história tem seu tormento tradicional. Este devia ser usado para registrar seus testamentos. Ele seria a página, o livro, o veículo das suas autobiografias. Um livro de sangue. Um livro escrito com sangue. Ela pensou nos artefatos macabros feitos com pele humana que havia visto, que havia tocado. Pensou nas tatuagens que havia visto, apenas para exibições, em parques de diversão algumas delas, outras apenas em trabalhadores sem camisa, andando ria rua com uma mensagem para suas mães gravada nas costas. Não era novidade escrever um livro com sangue.

Mas naquela pele, naquela pele tão translúcida — oh Deus! — isso era um crime. Ele gritava, enquanto as agulhas torturantes de vidro quebrado eram passadas por sua carne, abrindo grandes sulcos. Mary sentiu a agonia como se fosse dela, e não lhe pareceu assim tão terrível...

Mas ele gritava. E lutava e xingava seus atacantes com nomes obscenos. Amontoavam-se em volta dele, surdos a qualquer súplica ou prece, torturando seu corpo com todo o entusiasmo de criaturas de há muito obrigadas a um silêncio total. Mary ouvia a voz dele enfraquecendo-se em súplicas e lutou contra o peso do medo em seus próprios membros. Sentiu que, de um modo ou de outro, precisava ir ao quarto de cima. Não importava o que houvesse além da porta ou na escada — ele precisava dela, e isso era o bastante.

Mary levantou-se e sentiu o cabelo esvoaçar violentamente, eriçando-se como as cobras da Medusa. A realidade era ondulante — mal percebia o chão sob os pés. As tábuas da casa eram de madeira-fantasma, e além delas a escuridão furiosa clamava e se abria à sua

frente. Olhou para a porta, sentindo o tempo todo uma letargia contra a qual mal podia lutar.

Evidentemente não queriam que fosse lá em cima. Talvez, pensou Mary, até tenham um pouco de medo de mim. A ideia a fez decidir-se; por que se dariam ao trabalho de intimidá-la, se sua presença, depois de ter aberto aquele buraco no mundo, não representasse uma ameaça para eles?

A porta incinerada estava aberta. Além dela a realidade da casa havia sucumbido completamente ao caos ululante da estrada. Mary saiu do quarto, concentrando-se nos pés que tocavam ainda chão sólido, embora seus olhos não o pudessem ver. O céu acima dela era azul-da-prússia, a estrada, larga e castigada pelo vento, mortos por toda a parte. Abriu como se estivesse entre uma multidão de pessoas vivas, enquanto os rostos idiotas e boquiabertos olhavam para ela, odiando essa invasão.

O “por favor” tinha desaparecido. Agora Mary não dizia nada, apenas rilhava os dentes e entrecerrava os olhos na frente da estrada, pondo os pés para a frente com determinação para encontrar a realidade da escada que ela sabia que estava ali. Tropeçou quando chegou ao primeiro degrau, e um uivo ergueu-se da multidão. Não sabia se estavam rindo de inepta ou advertindo-a sobre até onde podia ir.

Primeiro degrau. Segundo degrau. Terceiro degrau.

Embora mãos a puxassem de todos os lados, estava se adiantando entre a multidão. Já podia ver, pela porta aberta, o quarto onde estava deitado no chão seu pequeno mentiroso. A cueca estava na altura dos tornozelos, parecia uma cena de estupro. Ele não gritava mais, mas seus olhos estavam vidrados de terror e de dor. Pelo menos estava vivo. A resistência natural da mente jovem em parte aceitava o espetáculo que se desenrolava na frente dele.

De repente ele girou a cabeça num gesto e seus olhos encontraram os dela, além da porta. Naquele momento extremo ele conseguiu despertar um talento real, uma arte que era ainda uma fração da que Mary possuía, mas o suficiente para entrar em contato com ela. Seus olhos se encontraram. Num mar de escuridão azul, cercado por todos os lados por uma civilização que nenhum deles

conhecia nem compreendia, seus corações vivos se encontraram e se uniram.

— Desculpe — disse ele quase em silêncio. Infinidamente tocante. — Desculpe. Desculpe. — Olhou para o outro lado, seu olhar arrancado dela.

Mary tinha certeza de que devia estar quase no topo da escada, os pés ainda caminhando no ar, tanto quanto os olhos podiam ver, os rostos dos viajantes acima dela, abaixo e dos dois lados. Mas podia ver, fracamente, o contorno da porta e as tábuas e vigas do quarto onde estava Simon. Ele era uma massa de sangue agora, da cabeça aos pés. Mary via as marcas, os hieróglifos da agonia em cada centímetro do seu corpo, do rosto, dos braços e das pernas. Num dado momento ele apareceu num *flash* bem nítido e Mary o viu no quarto vazio, com o sol entrando pela janela a jarra quebrada ao lado dele. Então sua concentração enfraqueceu, e ela viu o mundo invisível tornado visível, com Simon dependurado no ar, enquanto os mortos escreviam em seu corpo por todos os lados, arrancando punhados de cabelo da sua cabeça e do seu corpo para conseguir mais espaço na página, escrevendo nas axilas, escrevendo nas pálpebras, escrevendo nos órgãos genitais, no rego entre as nádegas, nas solas dos pés.

Somente os ferimentos eram uma visão comum nos dois quadros. Quer ela o visse atacado pelos escritores, quer sozinho no quarto, ele sangrava e sangrava.

Mary estava diante da porta, agora. Estendeu a mão trêmula para tocar a realidade da maçaneta, mas nem reunindo toda sua força de concentração conseguiu focalizá-la direito. Havia apenas uma vaga imagem na frente dos seus olhos, porém, era suficiente. Agarrou a maçaneta, girou-a e escancarou a porta do quarto onde os escritores trabalhavam incessantemente.

Lá estava ele, na sua frente. Não mais do que dois ou três metros de ar apodrecido os separavam. Seus olhos novamente se encontraram, e um olhar eloquente, comum aos dois mundos, o dos vivos e o dos mortos, passou entre eles. Havia compaixão, naquele olhar, e amor. As ficções desapareceram, as mentiras viraram pó.

Em lugar dos sorrisos enganadores do rapaz havia agora uma verdadeira doçura — refletida no rosto dela.

E os mortos, temerosos desse olhar, viraram suas cabeças para o lado. Seus rostos ficaram rígidos, como se a pele tivesse sido esticada sobre os ossos, sua carne estremeceu, tornando-se violácea, suas vozes soaram tristonhas, antecipando a derrota. Mary estendeu a mão para tocá-lo, não precisando lutar contra as hordas dos mortos; eles afastavam-se da presa, como moscas mortas, caindo do vidro da janela.

Ela o tocou de leve no rosto. O toque era uma bênção. Os olhos dele encheram-se de lágrimas que desceram pelas faces escarificadas, misturando-se com o sangue.

Os mortos não tinham voz agora, nem boca. Perdiam-se ao longo da estrada, sua crueldade exorcizada.

Palmo a palmo, o quarto começou a se recompor. As tábuas do assoalho tornaram-se visíveis sob o corpo soluçante, cada prego, cada parte manchada. As janelas apareceram — e lá fora, a rua ecoava com as vozes das crianças no fim do dia. A estrada havia desaparecido completamente da vista humana dos vivos. Seus viajantes haviam voltado os rostos para as trevas e partido para o nada, deixando somente seus sinais e seus talismãs no mundo real.

No patamar entre os dois lances de escada no número 65, o corpo de Fuller era pisado casualmente pelos viajantes que passavam pelo cruzamento. Finalmente a alma dele aproximou-se, entre a multidão, e olhou para a carne que havia ocupado antes, antes que os outros que vinham atrás a impelisses para seu julgamento.

Lá em cima, no quarto escurecido, Mary Florescu ajoelhada ao lado do jovem McNeal acariciava-lhe a cabeça ensanguentada. Não queria sair da casa para pedir ajuda antes de ter certeza de que os atormentadores não voltariam. O único som agora era o sibilar de um avião a jato, seguindo sua rota através da estratosfera, na direção da manhã. Até a respiração do rapaz estava calma e regular. Nenhum halo de luz circundava mais o seu corpo. Todos os sentidos estavam no lugar certo. Visão. Audição. Tato.

Tato.

Ela o tocou agora, como jamais havia ousado antes, passando as pontas dos dedos levemente sobre o corpo, sobre a pele lacerada, como uma velha cega lendo Braille. Havia pequenas palavras em cada milímetro do corpo dele, escritas por uma multidão de mãos, através do sangue ela podia distinguir a escrita meticulosa na pele. Podia até mesmo, à luz mortífera, ler uma frase ou outra. Era a prova acima de qualquer dúvida que ela tanto desejava, mas, oh Deus!, como desejava não a ter conseguido dessa maneira. Contudo, depois da espera de toda uma vida ali estava, a revelação da vida além da carne, escrita na própria carne.

O rapaz sobreviveria, isso era evidente. O sangue começava a secar e miríades de ferimentos aos poucos se fecharam. Ele era saudável e forte; não haveria qualquer dano físico essencial. É claro que sua beleza se fora para sempre. De agora em diante ele seria, na melhor das hipóteses, um objeto de curiosidade e, na pior, de repugnância e horror. Mas ela o protegeria, e ele ia aprender, com o tempo, a conhecê-la e confiar nela. Seus corações estavam unidos para sempre.

E depois de algum tempo, quando as palavras no corpo dele fossem feridas fechadas e cicatrizes, ela o leria. Traçaria, com amor e paciência infinitos, as histórias contadas pelos mortos no corpo dele.

A história no abdome, escrita com letra fina em estilo cursivo, O testemunho em letra elegante e caprichada que cobria seu rosto e o couro cabeludo. A história nas costas, na canela e nas mãos.

Ela ia ler todas, transcrever todas, cada sílaba que cintilava e purgava sob seus dedos amorosos, para que o mundo soubesse as histórias que os mortos contam.

Ele era um Livro de Sangue, e ela, a sua única tradutora. Quando a noite chegou, Mary deixou seu posto de vigília e o levou, despido, para a noite morna.

Nas páginas seguintes estão as histórias escritas no Livro de Sangue. Leia-as, se quiser, e aprenda.

São um mapa daquela estrada escura que conduz para fora da vida e a um destino desconhecido. Poucos terão de percorrê-la. A maioria irá tranquilamente por ruas iluminadas, conduzida para

fora da vida com orações e carícias. Mas para outros, para os poucos eleitos, os horrores virão, saltitantes, para levá-los à estrada dos condenados.

Portanto, leia-as. Leia-as e aprenda.

É melhor estar preparado para o pior, afinal. Além disso, é prudente aprender a andar antes que a respiração termine.

O TREM DE CARNE DA MEIA- NOITE

Leon Kaufman não era mais um forasteiro naquela cidade. O Palácio das Delícias, como a havia chamado nos dias de sua inocência. Mas isso era quando morava em Atlanta, e Nova York era ainda uma espécie de terra prometida, onde qualquer coisa e tudo eram possíveis.

Agora Kaufman já morava há três meses e meio na sua cidade de sonho, e o Palácio das Delícias não parecia tão delicioso assim.

Teria realmente passado apenas uma estação do ano desde que descera na Estação Rodoviária Central e olhara para a Rua 42, na direção do cruzamento com a Broadway? Tão pouco tempo para perder tantas ilusões acalentadas?

Agora, só em pensar na sua ingenuidade, sentia-se embaraçado. Constrangido, lembrava de ter dito em voz alta: “Nova York, eu te amo”.

Amor? Nunca!

Tinha sido, se tanto, um entusiasmo passageiro.

E agora, depois de três meses de vida com o objeto de sua adoração, passando dias e noites dentro dela, a cidade havia perdido toda a aura de perfeição.

Nova York era apenas uma cidade.

Ele a vira acordar de manhã, como uma vagabunda, tirar homens assassinados do meio dos dentes, e suicidas de seu cabelo emaranhado. Ele a havia visto tarde da noite, suas ruas sombrias desavergonhadamente cortejando a depravação. Ele a havia observado à tarde, indolente e feia, indiferente as atrocidades cometidas a cada hora nas suas ruelas abafadas.

Não era um Palácio de Delícias.

Engendrava morte, não o prazer.

Todas as pessoas que conhecia haviam conhecido a violência; era um fato da vida. Era quase chique conhecer alguém que tivera morte violenta. Era prova de estar vivendo naquela cidade.

Mas Kaufman tinha amado Nova York de longe durante quase vinte anos. Esse caso de amor fora planejado durante a maior parte de sua vida adulta. Portanto, não era fácil livrar-se da paixão, como se nunca a tivesse sentido. Em certos momentos, muito cedo, antes de começarem as sireias da polícia, ou no fim do dia, Manhattan era ainda um milagre.

Por esses momentos, e em lembrança de seus sonhos, Kaufman concedia-lhe ainda o benefício da dúvida, mesmo quando o comportamento da cidade nada tinha de refinado.

Ela não facilitava esse perdão. Nos seus poucos meses em Nova York, Kaufman já tinha visto suas ruas inundadas de sangue.

Na verdade, não eram tanto as ruas, mas os túneis abaixo delas.

“Carnificina no Metrô” era a frase do mês. Na semana anterior, uns três assassinatos haviam sido perpetrados. Os corpos foram descobertos num dos vagões da linha Avenida das Américas, retalhados e parcialmente eviscerados, como se um funcionário eficiente do matadouro tivesse sido interrompido no seu trabalho. A matança tinha sido tão profissional que a polícia estava interrogando todos os indivíduos fichados nos seus arquivos que, de um modo ou outro, estivessem ligados ao negócio de carnes. Os tendais localizados à beira-mar estavam sob vigilância, os *ahatedourns* foram revistados à procura de pistas. As autoridades prometiam uma prisão iminente, mas nenhuma fora feita ainda.

Aquele trio recente de cadáveres não era o primeiro a ser encontrado nesse estado; no dia da chegada de Kaufman à cidade, o Times havia publicado uma reportagem que ainda era tema de conversa de todas as mórbidas secretárias comerciais.

Noticiara-se que um visitante alemão, perdido no metrô tarde da noite, havia encontrado um corpo no trem. A vítima era uma mulher de trinta anos, atraente e de corpo bem-feito, residente no

Brooklin. Estava completamente nua. Haviam-lhe levado toda a roupa, todas as joias. Até os brincos.

Mais estranho do que o fato de lhe desnudarem o corpo era o modo cuidadoso e sistemático pelo qual as roupas tinham sido dobradas e colocadas numa sacola de plástico, no banco, ao lado do corpo.

Não se tratava de um assassino irracional. Era uma mente bastante organizada, um lunático com forte senso de ordem.

Além disso e mais estranho ainda do que o desnudamento cuidadoso era o ultraje que então fora perpetrado. Os repórteres afirmavam, embora a polícia não confirmasse isso, que o corpo fora meticulosamente depilado. Todo o cabelo, todos os pelos foram removidos, da cabeça, do sexo, das axilas, raspados totalmente. Até as sobrancelhas e as pestanas haviam sido arrancadas.

Finalmente, aquela peça de carne, completamente nua, foi dependurada, pelos pés numa das alças presas ao teto do carro e um balde de plástico negro, forrado com uma sacola também de plástico negro, foi colocado sob o corpo, para aparar o sangue que pingava dos ferimentos.

Naquele estado, nu, sem pelos, dependurado e praticamente sem sangue, o corpo de Loretta Dyer foi encontrado. Era revoltante, meticuloso e profundamente perturbador. Não havia sinal de estupro nem de tortura. A mulher fora rápida e eficientemente despachada, como se fosse um pedaço de carne. E o açougueiro estava solto ainda.

As autoridades municipais, com sua alta sabedoria, determinaram que a imprensa não devia ter acesso ao caso. Propalava-se que o homem que havia encontrado o corpo estava sob custódia protetora em Nova Jersey, longe da curiosidade dos jornalistas. Mas esse despistamento não teve sucesso. Algum policial ganancioso passou detalhes importantes para um repórter do Times, e todo mundo em Nova York ficou logo sabendo da terrível história. Era o tópico de conversação em todas as lanchonetes e em todos os bares e, é claro, no próprio metrô.

Mas Loretta Dyer foi apenas a primeira.

Agora, mais três corpos haviam sido encontrados nas mesmas circunstâncias, porém dessa vez o trabalho fora evidentemente interrompido. Nem todos os corpos estavam com pelos e cabelos raspados, e as jugulares não tinham sido cortadas para a sangria. Havia outra diferença, mais significativa: não foi um turista que os encontrou, mas um repórter do *New York Times*.

Kaufman leu a reportagem na primeira página do jornal. Não tinha interesse mórbido pela história, ao contrário do homem ao seu lado, no balcão da lanchonete. Sentiu apenas uma leve repugnância, que o fez empurrar o prato com ovos cozidos para longe dele. Era simplesmente outra prova da decadência da cidade. Não sentia prazer com aquela doença.

Contudo, era um ser humano e não podia ignorar os detalhes sangrentos descritos na reportagem. O artigo não usava linguagem sensacionalista, mas a clareza simples do estilo tornava mais impressionante a descrição. Kaufman não pôde deixar de refletir também sobre o homem que perpetrava aquelas atrocidades. Haveria um só psicopata à solta, ou vários, inspirados a copiar o crime original? Talvez fosse apenas o começo do horror. Talvez outros crimes iguais viessem a ser cometidos até que o assassino, entusiasmado ou exausto, se descuidasse e fosse apanhado. Até então, a cidade, a cidade adorada de Kaufman, ia viver num estado que mediava entre a histeria e o êxtase.

Um homem barbado derrubou com o cotovelo a xícara de café de Kaufman.

— Merda! — disse ele.

Kaufman virou-se na banquetta para evitar o café que pingava do balcão.

— Merda disse o homem outra vez.

— Está tudo bem — disse Kaufman.

Olhou para o homem com um leve ar de desprezo. O desajeitado filho da mãe estava tentando absorver o café com um guardanapo que, aos poucos, se transformava numa papa úmida.

Kaufman ficou imaginando se aquele idiota de cara corada e barba malfeita seria capaz de matar alguém. Haveria naquele rosto de comilão algum sinal, alguma pista, talvez o formato da cabeça ou

a expressão dos olhos pequenos, que denunciasse sua verdadeira natureza?

O homem se dirigiu a ele.

— Quer outro?

Kaufman balançou a cabeça.

— Café. Regular. Preto — disse o cretino para a moça do outro lado do balcão. Ela ergueu os olhos da grelha com gordura frita que estava limpando.

Oi?

Café. É surda.

O homem sorriu para Kaufman.

Surda. — disse ele.

Kaufman notou que lhe faltavam três dentes na arcada dentária.

— Esta ruim, não é? — disse o homem.

Referia-se a quê? Ao café? A falta dos dentes?

— Três pessoas desse jeito. Trinchadas.

Kaufman fez um gesto afirmativo.

— Faz a gente pensar — disse o homem.

— Certamente.

— Quero dizer, estão escondendo os fatos, não é? Eles sabem quem fez isso.

A conversa era ridícula, pensou Kaufman. Tirou os óculos e guardou no bolso; o rosto barbado não estava mais nítido. Uma melhora pelo menos.

— Filhos da puta — disse ele. — Filhos da puta todos eles. Aposto qualquer grana que estão escondendo de nós os fatos.

— Que fatos?

— Eles têm as provas, só estão deixando a gente no escuro. Existe alguma coisa nisso tudo que não é humana.

Kaufman compreendeu. O idiota estava aventando uma teoria de conspiração. Já ouvira a mesma coisa muitas vezes. Assim nascem as lendas.

— Escute, eles vivem mexendo com esse negócio de clones e acabaram perdendo o controle. Podem estar criando monstros sem

que a gente saiba. Há alguma coisa aí que eles não estão contando. Escondendo os fatos, como eu disse. Aposto qualquer coisa.

Kaufman achou interessante a certeza absoluta do homem. Monstros à solta à procura de presas. Seis cabeças, uma dúzia de olhos... Por que não?

Ele sabia por que não. Porque isso seria uma desculpa para a sua cidade; isso a tiraria do anzol. E Kaufman acreditava no seu íntimo que os monstros nos túneis de Nova York eram perfeitamente humanos.

O homem de barba atirou o dinheiro no balcão e levantou-se, deslizando o traseiro gordo para fora da banquetta de plástico manchado.

— Provavelmente a culpa é de algum tira de merda — disse o homem, como tiro de despedida. — Tentou fazer uma merda de herói e fez uma merda de monstro. — Deu um sorriso grotesco. — Aposto qualquer coisa — repetiu, saindo da lanchonete.

Kaufman soltou lentamente o ar pelo nariz, sentindo diminuir a tensão no seu corpo.

Detestava aquele tipo de conversa; sentia-se inarticulado e sem ação. Pensando bem, detestava também aquele tipo de homem, um animal vomitando opiniões, de que Nova York estava cheia.

Eram quase seis horas da tarde quando Mahogany acordou. A chuva da manhã tinha se transformado, naquele começo de noite, numa leve garoa. O ar estava tão limpo quanto era possível em Manhattan. Espreguiçou-se na cama, jogou para longe o cobertor sujo e levantou-se para o trabalho.

No banheiro a chuva pingava na caixa do ar condicionado, enchendo o apartamento com o som cadenciado e monótono. Mahogany ligou a televisão para abafar o ruído, sem interesse pela imagem na tela.

Foi até a janela. A rua, seis andares abaixo, estava apinhada de gente e de veículos.

Depois de um dia de trabalho intenso, Nova York voltava para casa, para se divertir, para fazer amor. As pessoas saíam em bandos dos escritórios e entravam nos seus automóveis. Algumas estariam irritadas depois de um dia de trabalho em cubículos pouco arejados;

outras, conformadas como cordeiros, caminhariam para casa seguindo as avenidas, levadas pela corrente incessante de muitos corpos. Outras ainda estariam se dirigindo para o metrô, cegas para os *grafitis* nas paredes, surdas para a própria voz e o ribombar frio dos túneis.

Mahogany gostava de pensar nisso. Afinal, não fazia parte do rebanho comum. Podia ficar ao lado da janela olhando as milhares de cabeças lá embaixo, certo de ser um homem escolhido.

É claro, tinha prazos para cumprir, como o povo nas ruas. Mas seu trabalho não era, como o deles, uma tarefa sem sentido; era mais como um dever sagrado.

Ele precisava viver, comer, dormir e evacuar como eles. Mas o que o impulsionava não era a necessidade financeira e sim as exigências da história.

Ele se integrava numa grande tradição, que remontava a um tempo mais antigo do que a descoberta da América. Era um caçador noturno, como Jack, o Estripador, como Gilles de Rais, uma encarnação viva da morte, uma fúria com rosto humano. Era o fantasma que assombrava o sono, que despertava o terror.

As pessoas lá embaixo podiam não conhecer seu rosto, nem se dar ao cuidado de olhar para ele duas vezes. Mas seus olhos as apanhavam, avaliavam-nas, escolhendo somente as melhores daquela procissão, selecionando as saudáveis e jovens para o sacrifício de sua faca santificada.

Às vezes Mahogany tinha vontade de desvendar ao mundo sua identidade, mas as responsabilidades pesavam demais sobre ele. Não podia esperar a fama. Sua vida era secreta, e só por orgulho poderia desejar reconhecimento.

Afinal, pensou, por acaso a carne aplaude o açougueiro quando pulsa sobre seus joelhos?

De um modo geral, estava satisfeito. Fazer parte da antiga tradição era suficiente, teria de ser sempre suficiente.

Entretanto, ultimamente algumas descobertas tinham sido feitas. Não por culpa sua, é claro. Ninguém podia acusá-lo. Mas eram tempos difíceis. A vida não era tão fácil quanto há dez anos. Estava mais velho, é claro, o que tornava o trabalho mais cansativo.

E cada vez mais as obrigações sobrecarregavam seus ombros. Era um homem escolhido, um privilégio difícil de ser mantido.

Uma vez ou outra pensava se não seria prudente treinar um homem mais jovem para o seu trabalho. Precisaria consultar os Patriarcas, mas, mais cedo ou mais tarde, teriam de encontrar-lhe um substituto, e seria um desperdício criminoso da sua experiência não procurar um aprendiz.

Tanta felicidade para transmitir. Os truques da sua profissão extraordinária. O melhor modo de se aproximar furtivamente, de cortar, de despir, de sangrar. A melhor carne para aquele fim. O modo mais simples de se desfazer dos restos. Tantos detalhes, tanta habilidade acumulada...

Mahogany entrou no banheiro e abriu o chuveiro. Entrou sob o jato d'água e olhou para o próprio corpo. A pequena barriga, os cabelos brancos no peito flácido, as cicatrizes e espinhas espalhadas pela pele clara. Estava ficando velho. Porém, naquela noite, como em todas as outras noites, tinha um trabalho para fazer...

Kaufman voltou apressadamente para o saguão, com seu sanduíche, abaixando a gola e passando a mão no cabelo molhado pela chuva. O relógio acima do elevador marcava sete e dezesseis. Trabalharia até as dez em ponto, nem um minuto mais.

O elevador o levou ao décimo segundo andar onde ficavam os escritórios de Pappas. Andou lenta e desanimadamente pelo labirinto de mesas vazias e máquinas encapadas, até seu pequeno território, que ainda estava iluminado. As faxineiras conversavam no corredor, e suas vozes eram os únicos sons no prédio.

Tirou o sobretudo, sacudiu-o para tirar a água da chuva e o dependurou no cabide.

Sentou-se na frente de pilhas de pedidos com os quais trabalhava há três dias, e começou a tarefa. Mais uma noite e o trabalho estaria terminado, e Kaufman achava mais fácil de se concentrar sem o incessante ruído das máquinas de escrever no escritório.

Desembrulhou o sanduíche de presunto com maionese e pão preto e acomodou-se para o trabalho da noite.

Eram nove horas agora.

Mahogany estava vestido para seu turno da noite. O terno discreto de sempre, a gravata marrom com o nó impecável, as abotoaduras de prata (presente da primeira mulher) nos punhos da camisa imaculadamente passada, o cabelo escasso brilhando de óleo, as unhas cortadas e polidas, o rosto perfumado com água-de-colônia.

Sua mala estava pronta. As toalhas, os instrumentos, o avental de cota de malha.

Verificou a própria aparência no espelho. Ainda podia ser tomado por um homem de cinquenta anos, pensou.

Enquanto examinava o rosto no espelho, lembrou-se do dever. Acima de tudo, precisava ter cuidado. Olhos o seguiriam a cada passo, observando o desempenho dessa noite, julgando-o. Precisava sair como um homem inocente, sem despertar suspeitas.

Se eles soubessem, pensou. Aquela gente que andava, corria e saltava, passando por ele na rua, que colidia com ele sem pedir desculpas, que olhava nos seus olhos com desprezo, que sorria da sua gordura, do corpo pouco a vontade no terno mal feito. Se soubessem o que ele fazia, o que ele era, o que ele levava na mala.

Cuidado, disse para si mesmo, apagando a luz. O apartamento ficou às escuras.

Foi até a porta e abriu-a, acostumado a andar no escuro. Feliz no escuro.

As nuvens de chuva tinham desaparecido. Mahogany andou pela Avenida Amsterdam, rumo à estação de metrô da Rua 154. Essa noite tomaria outra vez a composição Avenida das Américas, sua linha favorita e geralmente a mais produtiva.

Desceu a escada do metrô com a ficha na mão. Passou pelos portões automáticos. O cheiro dos túneis enchia suas narinas agora. Não o cheiro dos túneis profundos, é claro. Esses tinham um cheiro especial. Mas havia um certo conforto no ar viciado e elétrico da linha menos profunda. O hálito regurgitado de milhões de passageiros circulava naquele lugar apinhado, misturando-se com o hálito de criaturas muito mais velhas; coisas com vozes macias

como argila, cujos apetites eram abomináveis. Como ele adorava isso. O cheiro, a escuridão, o trovejar dos túneis.

Ficou de pé na plataforma, observando com olhar crítico os passageiros ao seu lado. Um ou dois corpos achou que seriam dignos de serem seguidos com os olhos, mas havia muita escória entre eles, poucos dignos da caçada. Os fisicamente gastos, os obesos, os doentes, os exaustos. Corpos destruídos por excessos e por indiferença. Ofendiam seu instinto de profissional, embora compreendesse a fraqueza que estragava o melhor dos homens.

Andou pela estação por mais de uma hora, vagando pelas plataformas, enquanto os trens chegavam e partiam, chegavam e partiam, e o povo com eles. Havia tão poucas pessoas de boa qualidade, que ficou desanimado. Parecia que cada vez a espera se tornava mais longa até encontrar a carne digna de ser usada.

Eram agora quase dez e meia e não tinha visto nenhuma criatura realmente ideal para o abate.

Não importa, pensou ele, ainda tinha tempo. Logo ia aparecer o pessoal dos teatros. Sempre havia um ou outro corpo saudável. A *inteligencia* bem alimentada, segurando os canhotos das entradas e comentando sobre as diversas formas de arte — oh, sim, encontraria alguma coisa entre ela.

Do contrário, e em certas noites parecia impossível encontrar alguma coisa apropriada, teria de ir de carro até o centro da cidade e apanhar um casal de namorados na rua, ou encontrar um ou dois atletas, saindo do clube de ginástica. Sempre garantiam bom material, só que com esse tipo de espécimes fortes podia haver alguma resistência.

Lembrou-se dos dois negros que havia atacado há um ano mais ou menos, com uma diferença de quarenta anos entre eles; pai e filho, talvez. Tinham resistido com facas, e Mahogany passou seis semanas no hospital. Uma luta séria que havia feito Mahogany duvidar da própria habilidade. Pior, imaginou o que os seus mestres teriam feito com ele se sofresse um ferimento mortal. Seria enviado à família em Nova Jersey, para um decente enterro cristão? Ou sua carcaça seria atirada nas trevas, para o próprio uso deles?

A manchete do *New York Post* deixado no banco ao seu lado chamou a atenção de Mahogany: “Toda a polícia na rua para apanhar o assassino.” Não pôde evitar um sorriso. Os pensamentos sobre fracasso, fraqueza e morte desapareceram. Afinal, era ele aquele homem, era ele o assassino, e naquela noite a ideia de ser preso era risível. Afinal, sua carreira não era sancionada pelas autoridades mais altas? Nenhum policial poderia detê-lo, nenhum tribunal seria capaz de julgá-lo. As próprias forças da lei e da ordem que encenavam toda aquela perseguição serviam a seus senhores tanto quanto ele; quase desejava que um policial insignificante o que o levasse em triunfo à presença do juiz só para ver a cara deles quando viesse das trevas a informação de que Mahogany era um homem protegido, acima de qualquer lei ou estatuto.

Passava agora das dez e trinta. Os frequentadores de teatros começavam a aparecer, mas nada ainda aproveitável entre eles. De qualquer forma esperaria passar a hora de maior movimento e seguiria uma ou duas peças melhores até o fim da linha. Esperou com paciência, como um caçador experimentado.

Às onze horas, uma hora além do que havia prometido a si mesmo, Kaufman ainda não havia terminado. Mas a irritação e o tédio dificultavam o trabalho, e os números se embaralhavam na frente dos seus olhos. As onze e dez entregou os pontos e admitiu a derrota. Esfregou os olhos ardentes com as palmas das mãos até enxergar um verdadeiro calidoscópio sob as pálpebras fechadas.

— Que se fodam! — disse.

Nunca dizia palavrões na frente de outras pessoas. Mas uma vez ou outra dizer “que se fodam” era um grande consolo. Saiu do escritório com o sobretudo úmido no braço e foi para o elevador. Sentia as pernas e os braços dormentes e mal podia manter os olhos abertos.

Lá fora estava mais frio do que esperava, e o ar da noite expulsou em parte sua letargia. Caminhou para o metrô da Rua 34. Tomaria um expresso até Park Rockaway e estaria em casa dentro de uma hora.

Nem Kaufman nem Mahogany sabiam, mas na esquina da Rua 96 com a Broadway a polícia acabava de prender o que julgava ser O Assassino do Metrô, depois de cercá-lo num dos trens que iam para a cidade. Era um homem pequeno, de origem europeia, que empunhava um martelo e uma serra e encurralara uma jovem no segundo carro, ameaçando cortá-la pelo meio em nome de Jeová.

Se era ou não capaz de cumprir a ameaça, ninguém sabia. Mas, em verdade, nem teve chance de provar. Enquanto o resto dos passageiros (incluindo dois fuzileiros navais) observava, a vítima em potencial deu-lhe um pontapé certeiro nos testículos. Ele deixou cair o martelo. Ela o apanhou e quebrou-lhe o maxilar inferior e o osso da face antes que os fuzileiros pudessem intervir.

Quando o trem parou na Rua 96, os policiais estavam à espera para efetuar a prisão do Açougueiro do Metrô. Entraram correndo no carro, gritando como almas penadas e morrendo de medo. O Açougueiro estava deitado num canto, com o rosto em mísero estado. Eles o levaram triunfantes. A mulher, depois de ser interrogada, foi para casa com os fuzileiros.

Uma confusão que lhe viria a ser muito útil, embora Mahogany dela não tivesse a menor notícia ainda. A polícia levou boa parte da noite para determinar a identidade do prisioneiro, especialmente porque ele mal podia falar, com o maxilar quebrado. Só às três e meia da manhã um certo Capitão Davis, que entrou de serviço naquela hora, reconheceu o homem como um vendedor de flores aposentado do Bronx, chamado Hank Vasarely. Aparentemente Hank fora preso muitas vezes por comportamento ameaçador e exposição indecente, tudo em nome de Jeová. As aparências enganam; Hank era tão perigoso quanto o coelhinho da Páscoa. Não era O Açougueiro do Metrô. Mas quando os policiais chegaram a essa conclusão Mahogany já estava fazendo seu trabalho há muito tempo.

Eram onze e quinze quando Kaufman entrou no expresso para a Avenida Mott. Havia mais dois passageiros no carro. Uma mulher negra de meia-idade, vestindo um púrpura, e um adolescente pálido e cheio de acne, que olhava fixamente para os *grafitis* do teto, onde havia um que dizia “Beije meu traseiro”.

Kaufman estava no primeiro carro. Tinha uma viagem de trinta e cinco minutos pela frente. Fechou os olhos, embalado pelo balanço ritmado do trem. Era uma viagem tediosa, e ele estava cansado. Não viu quando as luzes se apagaram no segundo carro. Não viu o rosto de Mahogany, no vidro entre os dois carros, a procura de mais carne.

Na Rua 14 a mulher negra desceu. Ninguém embarcou. Kaufman abriu os olhos brevemente, olhou para a plataforma vazia da Rua 14 e os fechou de novo. As portas se fecharam com um zumbido... Ele pairava naquele morno lugar entre a vigília e o sono com o adejar de sonhos nascentes envolvendo-o. Uma sensação agradável. O trem andou outra vez, chacoalhando nos túneis.

Talvez no fundo da mente adormecida Kaufman tenha registrado o fato de que as portas entre o primeiro e o segundo carro haviam sido abertas. Talvez tenha sentido o cheiro da rajada repentina do ar do túnel, registrando também o barulho mais acentuado das rodas do trem. Mas ignorou tudo isso.

Talvez tivesse até mesmo ouvido o ruído da luta quando Mahogany dominou o jovem de olhar perdido. Mas o som era distante, e a promessa do sono, tentadora. Kaufman dormiu de novo.

Por alguma razão sonhou com a cozinha da mãe. Ela estava picando nabos e sorrindo docemente. No sonho Kaufman era muito pequeno e olhava para o rosto radiante enquanto ela trabalhava. Corta. Corta. Corta.

Abriu os olhos bruscamente. Sua mãe desapareceu. O carro estava vazio. O jovem havia desaparecido. Durante quanto tempo tinha dormido? Não se lembrava de o trem ter parado na Rua 4. Levantou-se, sonolento ainda, e quase caiu com um balanço mais violento do carro. Parecia ter aumentado muito a velocidade. Talvez o maquinista tivesse pressa de chegar em casa, de ir para a cama abraçado à mulher. Estavam voando, na verdade. E era apavorante.

Kaufman viu uma persiana baixada sobre o vidro entre os dois carros, que não tinha notado antes. Ficou um pouco preocupado. Será que havia dormido demais, e o guarda não o vira no carro?

Talvez tivessem passado por Park Rockaway, e o trem corresse agora para onde quer que fosse guardado à noite.

— Que se fodam! — disse em voz alta.

Deveria ir até o maquinista para se informar? Que pergunta mais idiota! Onde estamos? Naquela hora da noite, certamente ia ouvir uma porção de desaforos como resposta.

Então o trem começou a diminuir a marcha.

Uma estação. Sim, uma estação. O trem saiu do túnel para a luz encardida na estação da Rua 4 Oeste. Não tinha perdido parada alguma.

Mas então, para onde tinha ido o garoto?

Teria ignorado o aviso, proibindo passar de um carro para o outro quando o trem estivesse em movimento, ou estava na cabine do maquinista, lá na frente? Provavelmente entre as pernas do maquinista ainda, pensou Kaufman com um sorriso de desprezo. Não seria a primeira vez. Aquele era o Palácio das Delícias, afinal, e todos tinham direito a um pouco de amor no escuro.

Kaufman deu de ombros. Por que se importar com o paradeiro do garoto?

As portas se fecharam. Ninguém tinha embarcado. Saíram da estação, as luzes diminuindo de intensidade com o aumento de energia usada pelo motor para recuperar a marcha.

Kaufman sentiu outra vez vontade de dormir, mas o medo de se perder injetou-lhe adrenalina no organismo, e seus braços e pernas formigaram com energia nervosa.

Seus sentidos estavam aguçados.

Sobre o barulho metálico e surdo das rodas nos trilhos, ouviu o som de roupa sendo rasgada, que vinha do segundo carro. Alguém estaria tirando a camisa apressadamente?

Levantou-se, segurando uma das alças de couro para se equilibrar.

A janela entre os carros estava fechada pela persiana, mas Kaufman olhou para ela, franzindo a testa, como se pudesse adquirir visão raio-X de um momento para outro. O carro balançava e balançava. A toda velocidade outra vez.

Outra vez o barulho de roupa rasgada.

Seria algum estupro?

Levado por um leve impulso de bisbilhotice caminhou no carro balouçante para a porta, esperando encontrar uma fresta na persiana. Com os olhos fixos nelas, não notou que chapinhava em sangue. Até que...

...escorregou. Olhou para baixo. Seu estômago viu o sangue antes que o cérebro registrasse alguma coisa, e o presunto com pão de centeio subiu, prendendo-se na sua garganta. Sangue. Respirou várias vezes o ar viciado e desviou a vista — de volta para a janela.

Sua mente dizia: sangue. Nada podia afastar a palavra da sua cabeça.

Estava a uns dois metros da porta, agora. Precisava ver. Havia sangue nos seus sapatos, e uma trilha fina que ia até o outro carro, mas Kaufman precisava olhar.

Era imperativo.

Mais dois passos na direção da porta e então examinou a persiana, procurando uma fresta; um fio puxado no pano seria suficiente. Achou um orifício minúsculo. Grudou o olho nele.

Seu cérebro recusou-se a aceitar o que os olhos viam do outro lado da porta. Rejeitou o espetáculo como absurdo, como um sonho. A razão dizia que não podia ser real, mas seus servos sabiam que era. Ficou rígido de terror. Os olhos fixos não se podiam afastar da cena horrível no outro lado da cortina. Ficou ali parado na porta enquanto o trem continuava a viagem barulhenta, todo o seu sangue fugindo para as extremidades, e o cérebro atordoado por falta de oxigênio. Pontos brilhantes espoucaram na frente dos seus olhos, obliterando a atrocidade.

Então ele desmaiou.

Estava inconsciente quando o trem chegou à Rua Jay. Não ouviu o aviso do maquinista para que todos os passageiros que iam continuar viagem mudassem de trem. Se tivesse ouvido, sem dúvida questionaria o motivo. Nenhum trem desembarcava todos os passageiros na Rua Jay; a linha ia até a Avenida Mott, via Aqueduto do Hipódromo, passando pelo Aeroporto John F. Kennedy. Teria perguntado que tipo de trem era aquele. Exceto pelo fato de já saber.

A verdade estava dependurada no outro carro. Sorria satisfeita para si própria, protegida por um avental ensanguentado de cota de malha.

Aquele era o Trem de Carne da Meia-noite.

Não se pode calcular o tempo num desmaio total. Segundos ou horas podiam ter passado antes que Kaufman abrisse os olhos de novo e sua mente se concentrasse naquela terrível situação.

Viu-se deitado sob um dos bancos, encostado numa das paredes vibrantes do carro. Até então a sorte estava com ele, pensou; de algum modo, o balanço do carro havia levado seu corpo inconsciente para o esconderijo.

Pensou no horror no Carro Dois, e engoliu o vômito. Estava sozinho. Onde quer que estivesse o guarda (talvez assassinado), não tinha como chamar por socorro. E o maquinista?

Estaria morto também nos controles? Estaria o trem naquele momento lançando-se para dentro de um túnel desconhecido, um túnel sem qualquer estação que o pudesse identificar, a caminho da destruição?

E se não houvesse alguma colisão para matá-lo, havia o Açougueiro, ainda retalhando, separado de Kaufman apenas por uma porta.

Para qualquer lado que se voltasse, o nome na porta era Morte.

O barulho era ensurdecador, especialmente ali, deitado no chão. Os dentes de Kaufman batiam sem cessar, e seu rosto estava amortecido pela vibração; até seu crânio doía.

Gradualmente sentiu que as forças voltavam aos membros exaustos. Com cuidado esticou os dedos e fechou-os, para provocar o refluxo do sangue.

Com a volta da sensação, voltou também a náusea. Continuava a ver a nojenta brutalidade no outro carro. Tinha visto fotografias de vítimas de crimes antes, é claro, mas aquele não era um crime comum. Estava no mesmo trem que o Açougueiro do Metrô, o monstro que dependurava as vítimas pelos pés nas alças de couro, sem pelos e nuas.

Dentro de quanto tempo o assassino iria atravessar aquela porta e exigir também o corpo de Kaufman? Tinha certeza de que, se

o Açougueiro não acabasse com ele, a terrível expectativa se encarregaria disso.

Ouviu movimentos do outro lado da porta.

O instinto dirigiu sua ação. Kaufman afundou-se mais sob o banco, o corpo transformado numa bola minúscula, o rosto pálido virado para a parede. Depois cobriu a cabeça com as mãos e fechou os olhos com força, como um garoto com medo do bicho-papão.

A porta deslizou, abrindo-se. Clique. Suash. Uma lufada de ar veio dos trilhos. Um cheiro diferente de todos que Kaufman já havia sentido, e mais frio. O ar em suas narinas era algo primitivo, hostil e indescritível. Kaufman estremeceu.

A porta se fechou. Clique.

O Açougueiro estava perto, Kaufman sabia. Devia estar em pé, a poucos centímetros dele.

Estaria olhando para as costas de Kaufman? Inclinando-se, a faca na mão, para tirar Kaufman do esconderijo, como um caramujo arrancado da concha?

Nada aconteceu. Não sentiu qualquer bafo no pescoço. Sua espinha não foi aberta de alto a baixo.

Apenas o som de passos perto da cabeça de Kaufman, depois o mesmo som afastando-se.

O ar preso nos seus pulmões, que estavam a ponto de estourar, foi expelido asperamente entre os dentes.

Mahogany ficou quase desapontado ao ver que o homem adormecido tinha desembarcado na Rua 4. Esperava ter mais uma tarefa a realizar naquela noite, que o mantivesse ocupado até o fim da linha. Mas não. O homem se fora. A vítima em potencial não parecia mesmo muito saudável, pensou. Provavelmente um anêmico contador judeu. A carne não devia ser de primeira qualidade. Mahogany atravessou o carro na direção da cabine do maquinista. Passaria o resto da viagem ali.

Cristo, pensou Kaufman, ele vai matar o maquinista.

A porta da cabine se abriu. Então ouviu a voz do Açougueiro baixa e rouca:

— Oi.

— Oi.

Eles se conheciam.

— Tudo feito?

— Tudo feito.

Kaufman ficou chocado com o que havia de rotineiro naquela troca de palavras. Tudo feito? O que queria dizer tudo frito?

Não ouviu as palavras seguintes, porque o trem passou por uma parte muito barulhenta dos trilhos.

Kaufman não resistiu mais. Cuidadosamente desvirou o corpo e olhou por sobre o ombro para a porta do carro. Só podia ver as pernas do Açougueiro e a parte de baixo da porta da cabine aberta. Diabo! Queria ver outra vez o rosto do monstro.

Ouvia risadas agora.

Kaufman calculou os riscos da sua situação; a matemática do pânico. Se ficasse onde estava, mais cedo ou mais tarde o Açougueiro o veria, e ele seria transformado em picadinho. Por outro lado, se saísse do esconderijo, arriscava-se a ser visto e perseguido. O que seria pior, a imobilidade e depois a morte, encurralado num buraco, ou tentar a fuga e enfrentar o Juízo Final no meio do carro?

Kaufman surpreendeu-se com a própria coragem: escolheu sair dali.

Com lentidão infinita arrastou-se de sob o banco, os olhos pregados nas costas do Açougueiro. Uma vez fora, começou a se arrastar para a porta. Cada palmo era um tormento, mas o Açougueiro parecia muito entretido com a conversa.

Kaufman chegou a porta. Começou a se levantar, tentando se preparar para o que ia ver no Carro Dois. Segurou a maçaneta, e a porta se abriu mansamente.

O barulho das rodas aumentou, e uma onda de ar viciado e úmido, um fedor que não existia na terra o envolveu. Será que o Açougueiro iria ouvir algum ruído, ou sentir o cheiro? Será que se voltaria... ?

Mas não. Kaufman passou pela pequena abertura da porta para a câmara ensanguentada.

O alívio fez com que se descuidasse. Não fechou a porta ao passar, e ela começou a se abrir com os movimentos do trem.

Mahogany enfiou a cabeça para fora da cabine e olhou para a porta.

— Que diabo é isso? — disse o maquinista.

— Não fechei bem a porta. Nada mais.

Kaufman ouviu os passos do Açougueiro na direção da porta. Agachou-se, uma bola de pânico, contra a parede entre os dois carros, percebendo de repente que seus intestinos estavam cheios. A porta foi puxada do outro lado, e os passos se afastaram.

Salvo, pelo menos por mais alguns minutos.

Kaufman abriu os olhos, preparando-se para a carnificina que ia ver.

Não podia evitá-lo.

Apossou-se de todos os seus sentidos: o cheiro das entranhas abertas, a visão dos corpos, a sensação do líquido no chão sob seus dedos, o som das alças de couro estalando ao peso dos corpos, até o ar com o gosto salgado de sangue. Estava naquele cubículo diante da morte absoluta, correndo velozmente, cortando as trevas.

Mas não sentiu náusea agora. Nenhuma sensação sobrou a não ser uma leve repugnância. Chegou a examinar os corpos com curiosidade.

A carcaça mais próxima era o que restava do jovem espinhento do Carro Um. O corpo estava de cabeça para baixo, balançando para a frente e para trás ao ritmo do trem, em uníssono com os três companheiros; uma obscena dança macabra. Os braços pendiam molemente dos ombros, onde dois cortes com dois centímetros mais ou menos de profundidade tinham sido feitos, para que os corpos ficassem mais em ordem assim dependurados.

Cada parte da anatomia do garoto ondulava, acompanhando o ritmo do trem. A língua pendia da boca aberta. A cabeça balançava no pescoço cortado. Até o pênis sacudia de um lado para o outro na virilha pelada. Do ferimento na cabeça e do corte da jugular o sangue pingava ainda no balde preto. Havia uma certa elegância em tudo aquilo, a marca de um trabalho bem-feito.

Ao lado do primeiro estavam os corpos de duas mulheres brancas e outro de um rapaz de pele morena. Kaufman inclinou a cabeça para olhar os rostos deles. Não tinham qualquer expressão.

Uma das jovens era muito bonita. Achou que o homem devia ser porto-riquenho. Todos sem cabelo e sem pelos. Na verdade, o ar estava repleto do cheiro pungente da tosa. Kaufman ergueu-se, encostado na parede do carro, e o corpo de uma das mulheres girou, mostrando as costas para ele.

Não estava preparado para aquele horror final.

A carne das costas estava aberta do pescoço até as nádegas, e o músculo fora retirado para expor as vértebras brilhantes. O triunfo final da arte do Açougueiro. Ali estavam dependurados aqueles pedaços retalhados, tosados, sangrados de humanidade, abertos como peixes, prontos para serem devorados...

Kaufman quase sorriu ante a perfeição daquele horror. Sentiu a sugestão de insanidade fazendo cócegas na base do seu crânio, tentando-o para o vazio, prometendo uma indiferença total para com o mundo.

Começou a tremer incontrolavelmente. Suas cordas vocais tentavam formar um grito. Era intolerável; porém, gritar seria ver-se transformado numa das criaturas ali dependuradas.

— Foda-se — ele disse, em voz mais alta do que pretendia; depois, desencostando-se da parede começou a andar pelo carro entre os corpos balouçantes, observando as pilhas de roupas cuidadosamente dobradas ao lado dos outros objetos, nos bancos, ao lado dos donos. Sob seus pés o chão estava pegajoso, coberto de bile quase seca. Mesmo com os olhos quase fechados, via o sangue nos baldes com extrema clareza; era grosso e embriagador, com pontos de poeira girando dentro dele.

Passou pelo jovem e viu a porta do Carro Três. Tudo o que tinha a fazer era percorrer a aterrorizante fileira de atrocidades. Obrigou-se a seguir em frente, tentando ignorar os horrores, concentrando-se na porta que o levaria de volta a sanidade.

Passou pela primeira mulher. Mais alguns metros, disse para si mesmo, dez passos no máximo; menos, se caminhasse confiantemente.

Então as luzes se apagaram.

— Jesus Cristo — disse ele.

O trem inclinou-se para um lado, e Kaufman perdeu o equilíbrio.

Na escuridão completa procurou apoio e os braços frenéticos abraçaram o corpo mais próximo. Antes que pudesse evitar, sentiu as mãos mergulharem na carne macia e os dedos agarrando a borda aberta do músculo das costas da mulher morta, as pontas tocando o osso da espinha. Seu rosto estava encostado na carne sem pelos da virilha.

Ele gritou e estava gritando ainda quando as luzes se acenderam.

E quando as luzes voltaram, piscando, e o grito morreu na sua garganta, ouviu o ruído dos passos do Açougueiro atravessando o Carro Um em direção à porta.

Largou o corpo que abraçava. Seu rosto estava sujo do sangue da perna da mulher morta. Kaufman o sentia como se fosse uma pintura de guerra dos índios.

O grito havia desanuviado sua mente, e sentiu de repente uma espécie de força. Não ia haver perseguição por todo o trem, ele sabia; não ia haver covardia, não agora. Ia haver um confronto primitivo, dois seres humanos, face a face. E não haveria truque — qualquer truque — que ele não estivesse disposto a usar para derrotar o inimigo. Era uma questão de sobrevivência, pura e simples.

A maçaneta da porta girou.

Kaufman olhou em volta, procurando uma arma, os olhos firmes e calculadores. Viu a pilha de roupas ao lado do corpo do porto-riquenho. Havia uma faca entre os anéis de pedras falsas e cordões imitando ouro. Uma arma limpa e imaculada de lâmina longa, orgulho e alegria de um homem. Estendendo o braço para além do corpo jovem e musculoso, Kaufman apanhou-a. Era uma sensação agradável, segurá-la; na verdade, extremamente excitante.

A porta estava sendo aberta, e o rosto do Açougueiro apareceu.

Kaufman olhou para Mahogany através do matadouro. Não era terrivelmente assustador; apenas outro homem cinquentão, gordo, meio calvo. Rosto pesado, olhos fundos. A boca, pequena para o rosto e lábios delicados. Na verdade, uma boca feminina.

Mahogany não podia entender de onde tinha surgido aquele intruso, mas sabia que era outro dos seus descuidos, outro sinal de incompetência crescente. Precisava despachar aquela criatura imperfeita imediatamente. Afinal, não deviam estar a mais de dois ou três quilômetros do fim da linha. Precisava retalhar o homenzinho e dependurá-lo pelos tornozelos antes de chegar ao seu destino.

Entrou no Carro Dois.

— Você estava dormindo — disse, reconhecendo Kaufman. — Eu o vi.

Kaufman não disse nada.

— Devia ter saído do trem. O que estava tentando fazer? Queria se esconder de mim?

Kaufman continuou em silêncio.

Mahogany segurou o cabo do cutelo que pendia do cinto de couro muito usado. Estava sujo de sangue, bem como o avental de cota de malha, o martelo e a serra.

— Agora — disse ele — tenho de liquidar você também.

Kaufman ergueu a faca. Parecia pequena comparada as armas do Açougueiro.

— Foda-se — ele disse.

Mahogany sorriu das pretensões de defesa do homenzinho.

— Não devia ter visto isto; não é para gente como você — disse ele, dando outro passo para Kaufman. — E um segredo.

Oh, ele se julga um tipo inspirado por Deus, certo? — pensou Kaufman. Isso explica muita coisa.

— Foda-se — repetiu.

O Açougueiro franziu a testa. Não gostava da indiferença do homenzinho por seu trabalho, por sua reputação.

— Todos nós temos de morrer um dia — ele disse. — Você devia estar satisfeito, não vai ser liquidado como a maioria deles. Posso usar você. Para alimentar os Patriarcas.

A única resposta de Kaufman foi um sorriso. Não estava mais aterrorizado com aquele monstro grosseiro e desajeitado.

O Açougueiro tirou o cutelo do cinto e o brandiu no ar.

— Um judeuzinho imundo como você — disse ele —devia agradecer por poder ser útil; ser carne é o melhor que pode desejar.

Sem nenhum aviso, o Açougueiro atacou. O cutelo dividiu o ar com velocidade, mas Kaufman recuou para longe do alcance da arma. O cutelo raspou a manga do seu paletó, cortando-a e foi se enterrar na nádega do porto-riquenho. O impacto quase decepcionou a perna, e o peso do corpo abriu mais o talho. A carne exposta da coxa era como carne da melhor qualidade, suculenta e apetitosa.

O Açougueiro começou a retirar o cutelo do corpo e nesse momento Kaufman atacou. A faca moveu-se velozmente para o olho de Mahogany, mas por um erro de cálculo atingiu o pescoço. Atravessou a coluna e apareceu do outro lado, com uma pequena gota de sangue. O pescoço atravessado. Com um único golpe. De um lado ao outro.

Mahogany sentiu a lâmina no pescoço como uma sensação sufocante, quase como se tivesse um osso de galinha atravessado na garganta. Emitiu um som ridículo de tosse. O sangue escorreu dos seus lábios, pintando-os como batom numa boca de mulher. O cutelo caiu no chão.

Kaufman retirou a faca. Dos dois ferimentos o sangue jorrou, em arco.

Mahogany caiu de joelhos, olhando para a faca que o havia matado. O homenzinho o observava passivamente. Dizia alguma coisa, mas Mahogany estava surdo para as palavras, como se estivesse embaixo d'água.

De repente Mahogany ficou cego. Sabia, com uma nostalgia dos sentidos, que jamais ia ver ou ouvir outra vez. Isto era a morte. Estava com ele, sem dúvida.

Porém a mão sentia ainda o pano da calça, e os borrifos quentes na sua pele. A vida parecia andar na ponta dos pés, enquanto os dedos agarravam-se aos últimos sentidos... e então o corpo desmoronou, e as mãos, a sua vida e seu dever sagrado desapareceram sob o peso da carne cinzenta.

O Açougueiro estava morto.

Kaufman respirou profundamente o ar viciado e segurou uma das alças de couro para se equilibrar. Lágrimas obscureciam a visão

da cena que o rodeava. Passou-se algum tempo; não sabia dizer quanto se demorou perdido num sonho de vitória.

Então o trem começou a diminuir a velocidade. Sentiu e ouviu os freios sendo acionados. Os corpos dependurados foram lançados para a frente quando o trem deslizou, diminuindo a marcha, as rodas guinchando nos trilhos suados e pegajosos.

Kaufman foi dominado pela curiosidade.

O trem ia desviar-se agora para o abatedouro subterrâneo do Açougueiro, decorado com as carnes que ele havia colecionado em toda a sua carreira. E o maquinista risonho, tão indiferente ao massacre, o que faria quando o trem chegasse ao seu destino? O que quer que acontecesse agora era acadêmico. Kaufman podia enfrentar qualquer coisa; olhar e ver.

O alto-falante estalou. A voz do maquinista.

— Fim da linha, cara. Melhor ir para o seu lugar, hein?

Ir para o seu lugar? O que significava isso?

O trem estava quase parando agora. Lá fora tudo estava escuro, como sempre. As luzes piscaram, depois se apagaram. Dessa vez não acenderam novamente.

Kaufman estava em completa escuridão.

— Partiremos dentro de meia hora — anunciou o alto-falante, exatamente como um aviso comum de estação.

O trem parou. O som das rodas nos trilhos, o deslocamento de ar da sua passagem, aos quais Kaufman já se havia acostumado, desapareceram de repente. Só ouvia o zumbido do alto-falante. Nada via na escuridão.

Então, um som sibilante. As portas estavam se abrindo. Um cheiro invadiu o carro, tão cáustico que Kaufman levou a mão ao rosto para se defender dele.

Ficou em silêncio, a mão sobre a boca durante o que lhe pareceu uma vida. Não ver o mal. Não ouvir o mal. Não falar o mal.

Então, viu um lampejo luminoso fora da janela. Desenhou a silhueta do batente da porta e aumentava gradualmente. Logo a luz no carro era suficiente para que Kaufman visse o corpo encolhido do Açougueiro a seus pés e os lívidos pedaços de carne dependurados em volta dele.

Ouviu um murmúrio também, vindo do escuro, fora do trem, um conjunto de vozes fracas, como vozes de insetos. No túnel, arrastando os pés na direção do trem, caminhavam seres humanos. Kaufman via seus contornos agora. Alguns carregavam tochas que queimavam com uma luz marrom mortiça. O ruído era talvez dos pés na terra úmida, talvez suas línguas estalando, talvez as duas coisas.

Kaufman não era mais o homem ingênuo de uma hora atrás. Não podia haver dúvida quanto à intenção daquelas coisas que saíam das trevas e caminhavam para o carro do trem. O Açougueiro havia abatido os homens e as mulheres para servir de alimento aos canibais, e eles estavam chegando, como que atendendo ao gongo do carro-restaurante.

Kaufman inclinou-se e apanhou o cutelo do Açougueiro. O barulho das criaturas aproximava-se cada vez mais. Ele recuou para o lado oposto das portas abertas, mas descobriu que as outras estavam abertas também, e o murmúrio vinha dos dois lados, aproximando-se dele.

Encolheu-se contra um dos bancos e estava a ponto de se esconder debaixo de um deles quando uma mão, magra e frágil, quase transparente, apareceu na porta.

Não podia desviar os olhos. Não que estivesse paralisado pelo terror, como quando olhou pela porta entre os carros. Simplesmente queria ver.

A criatura subiu no carro. As tochas atrás dela deixavam seu rosto na sombra, mas os contornos podiam ser vistos claramente.

Não havia nada de notável.

Dois braços, duas pernas, a cabeça de formato normal. O corpo era pequeno, e o esforço de subir no trem a fazia respirar asperamente. Parecia mais geriátrica do que psicótica; gerações de canibais fictícios não o haviam preparado para aquela comovente vulnerabilidade.

Atrás da primeira, criaturas semelhantes começaram a surgir das trevas, subindo no trem. Na verdade, entravam por todas as portas.

Kaufman estava encurralado Sopesou o cutelo nas mãos, pronto para a luta contra aqueles monstros antigos. Uma tocha fora levada para o carro e iluminava os rostos dos líderes.

Eram completamente calvos. A pele cansada dos rostos esticava-se sobre os ossos, brilhando com a tensão. Havia manchas de podridão e doença, e em alguns lugares o músculo tinha se transformado em pus negro, através do qual apareciam os ossos da têmpora ou da face. Alguns deles estavam nus como bebês, os corpos, uma massa informe e sifilítica, quase assexuados. Os que tinham sido seios carregavam sacos ressecados pendendo dos ombros, os órgãos genitais murchos, quase inexistentes.

Mais impressionantes do que os nus eram os que usavam roupas. Kaufman percebeu logo que eram feitas de pele humana e pendiam dos ombros ou estavam amarradas na cintura. Não apenas uma, mas uma dúzia ou mais de peles amontoadas ao acaso sobre os corpos das criaturas, como patéticos troféus.

Os líderes daquela grotesca fila para a refeição tinham chegado aos corpos, e as mãos delicadas tocavam a carne dependurada, passando de cima a baixo nos corpos sem pelos, com gestos que sugeriam prazer sensual. Línguas dançavam fora das bocas, perdigotos caíam sobre a carne. Os olhos dos monstros dardejavam de um lado para o outro, com fome e excitação.

Finalmente um deles viu Kaufman.

Os olhos pararam por um momento, fixando-se nele. Uma expressão interrogativa surgiu no rosto, uma paródia de perplexidade.

— Você — disse a coisa. A voz era tão devastada quanto os lábios de onde saía.

Kaufman ergueu um pouco o cutelo, calculando suas chances. Havia uns trinta deles no carro e muitos mais lá fora. Mas pareciam tão fracos, e não tinham armas, a não ser pele e osso.

O monstro falou outra vez, a voz bem modulada, sob controle agora, a entonação de um homem antes culto, antes encantador.

— Você veio à procura do outro, não é?

Olhou para o corpo de Mahogany. Evidentemente compreendeu a situação com rapidez.

— Ele já estava mesmo velho — disse a criatura, os olhos lacrimejantes postos mais uma vez em Kaufman, estudando cuidadosamente.

— Foda-se — disse Kaufman.

A criatura tentou um sorriso irônico, mas a técnica estava quase esquecida, e o resultado foi uma careta, expondo os dentes sistematicamente limados em ponta.

— Agora será você quem terá de fazer isto para nós — disse o monstro com seu sorriso bestial. — Não podemos sobreviver sem comida.

A mão deu pancadinhas na nádega de carne humana. Kaufman não tinha resposta para aquela ideia. Olhou com repugnância para as unhas que deslizavam entre as nádegas, sentindo o músculo tenro.

— Isto nos repugna tanto quanto a você — disse a criatura. — Mas somos obrigados a comer esta carne, do contrário morreremos. Deus sabe que não gosto dela.

Mas a coisa estava babando.

Kaufman conseguiu falar, afinal. Sua voz saiu fraca, mais por uma confusão de sentimentos do que por medo.

— O que são vocês? — Lembrou-se do homem barbado na lanchonete. — São algum tipo de acidente?

— Somos os patriarcas da Cidade — disse a coisa. — Bem como as mães, as filhas e os filhos. Os construtores, os legisladores. Nós fizemos esta cidade.

— Nova York? — perguntou Kaufman. — O Palácio das Delícias?

— Antes de você nascer. Antes do nascimento de qualquer pessoa viva.

Enquanto falava, a criatura passava as unhas sob a pele do corpo aberto, soltando a fina camada elástica do músculo apetitoso. Atrás de Kaufman, as outras criaturas estavam tirando os corpos das alças, as mãos acariciando com prazer os seios macios e os flancos. Eles também começavam a esfolar os corpos.

— Você nos trará mais — disse o primeiro. — Mais carne para nós. O outro fornecedor estava fraco.

Kaufman olhou para o monstro, incrédulo.

— Eu? — disse ele. — Alimentar vocês? O que pensa que sou?

— Deve fazer por nós, e para os mais velhos do que nós. Para aqueles de antes de a cidade ser imaginada, quando a América era só florestas e desertos.

A mão frágil fez um gesto, apontando para fora do trem.

Kaufman acompanhou com os olhos a direção apontada. Havia alguma coisa na escuridão que ele não vira antes; muito maior do que qualquer ser humano.

O bando de criaturas abriu um espaço para que ele pudesse examinar melhor o que estava lá fora, mas seus pés não se moveram.

— Ande — disse o patriarca.

Kaufman pensou na cidade que tinha amado. Seriam aqueles realmente seus antigos fundadores, seus filósofos, seus criadores? Tinha que acreditar. talvez houvesse pessoas na superfície.— burocratas, políticos, todo tipo de autoridade — que conheciam esse terrível segredo, e cujas vidas eram dedicadas a preservação daquela coisa abominável, alimentando as criaturas, como os selvagens ofereciam ovelhas aos deuses. Havia uma terrível familiaridade naquele ritual. Despertava uma lembrança — não na mente consciente de Kaufman, mas no outro ego mais profundo, mais antigo.

Seus pés, não mais obedecendo à mente, mas à força do instinto para adorar, moveram-se. Atravessou aquele corredor de corpos e saiu do trem.

A luz das tochas iluminava agora fracamente a escuridão lá fora. O ar parecia sólido, espesso, com o cheiro de terra muito antiga.

Mas Kaufman não sentia cheiro algum. Inclinou a cabeça para a frente, o máximo que podia fazer para não desmaiar outra vez.

Lá estava; o precursor do homem. O americano original, a quem a terra pertencia antes mesmo dos *Passamaquoddy* ou dos *Cheyenne*. Seus olhos, se é que aquilo tinha olhos, estavam fixos nele.

Kaufman estremeceu, Seus dentes bateram uns contra os outros.

Ouviu o ruído da anatomia daquela coisa: tiquetaqueando, estalando, soluçando.

Ela fez um pequeno movimento no escuro.

O som era apavorante. Como urna montanha acomodando-se.

O rosto de Kaufman estava erguido para o vulto e, sem pensar no que fazia, sem saber por que, caiu de joelhos na imundície na frente do Patriarca dos Patriarcas.

Cada dia da sua vida o havia levado para aquele dia, cada movimento apressando-o para aquele instante incalculável de terror sagrado.

Se houvesse luz suficiente naquele inferno para ele ver tudo, talvez seu coração, frágil coração, tivesse explodido. Porém, vendo só o que podia ver, sentiu um adejar tremulo no peito.

Era um gigante. Sem cabeça ou membros. Sem nenhum traço humano, sem um órgão que tivesse sentido, sem sentidos. Se ela parecia com alguma coisa, era com um cardume de peixes.

Milhares de bocas movendo-se em uníssono, brotando, florescendo e murchando ritmadamente. Era iridescente como madreperla, mas as vezes predominava uma cor mais profunda do que todas as que Kaufman conhecia e cujo nome sabia!

Era tudo que Kaufman podia ver, seria mais do que ele desejava ver. Havia muito mais na escuridão, bruxuleando e estalando.

Mas ele não podia olhar mais. Virou-se e nesse momento urna bola de futebol foi atirada do trem e rolou, parando na frente do Patriarca.

Não menos ele pensou que era uma bola, até olhar com mais atenção e reconhecer uma cabeça humana, a cabeça do Açogueiro. A pele do corpo fora arrancada em tiras. A cabeça cintilava sangrenta diante do seu Senhor.

Kaufman desviou os olhos e voltou para o trem. Cada parte do seu corpo parecia estar chorando, exceto os olhos. Estavam quentes demais com o que tinham visto, e as lágrimas ferviam e se evaporavam neles.

Lá dentro, as criaturas já tinham começado a ceia. Uma delas arrancava pitéu doce e azul do olho de uma das mulheres. Outra escava com uma mão na boca. Aos pés de Kaufman jazia o corpo decapitado do Açougueiro sangrando ainda profusamente onde fora cortado o seu pescoço.

O pequeno patriarca que havia falado antes, colocou-se na frente de Kaufman.

— Vai nós servir? — perguntou ele, gentilmente, como se pedisse a uma vaca para segui-lo.

Kaufman olhava para o cutelo, o símbolo da profissão de Açougueiro. As criaturas saíam do carro agora, arrastando os corpos semi-devorados. As tochas saíam com elas, e a escuridão voltava ao interior do carro.

Mas antes que as luzes desaparecessem completamente o patriarca estendeu o braço e segurou o rosto de Kaufman, obrigando-o a olhar para a própria imagem refletida no vidro sujo do carro.

Era um reflexo fraco, mas Kaufman pôde ver o quanto tinha mudado. Mais pálido do que se pode imaginar qualquer ser humano e coberto de sangue e sujeira.

A mão do patriarca segurava ainda com força o rosto de Kaufman com o indicador enfiado na sua boca até tocar-lhe a garganta. Kaufman sentiu náusea, mas não tinha forças para repelir o ataque.

— Deve servir — disse a criatura. — Em silêncio.

Tarde demais Kaufman compreendeu a intenção daqueles dedos...

De repente a criatura agarrou sua língua e a torceu. Com o choque Kaufman largou o cutelo. Tentou gritar, mas não saiu nenhum som. Sua garganta estava cheia de sangue, ouvia a carne sendo rasgada, foi dominado pelas convulsões da agonia.

Então a mão saiu da sua boca, aqueles dedos vermelhos e cobertos de saliva diante dos seus olhos, segurando a língua entre o polegar e o indicador.

Kaufman não podia falar.

— Deve servir. — disse o patriarca, e enfiou a língua de Kaufman na própria boca, mastigando-a com evidente satisfação. Kaufman caiu de joelhos, vomitando o sanduíche.

O patriarca já ia desaparecendo na escuridão; o resto dos anciãos já havia regressado também ao covil, para outra noite de espera.

O alto-falante estalou.

— Para casa — disse o maquinista.

As portas se fecharam. Sibilando, e o som do motor fez vibrar o trem. As luzes piscaram ao se acenderem, apagaram-se e acenderam outra vez.

O trem começou a se mover.

Kaufman estava deitado no chão, as lágrimas escorrendo pelo rosto, lágrimas de dor e resignação. Ia sangrar até a morte, resolveu, ali mesmo onde estava. Não lhe importava morrer agora. Era, afinal, um mundo sórdido.

O maquinista o acordou. Kaufman abriu os olhos. O rosto acima do seu era negro e amistoso. Deu um largo sorriso, Kaufman tentou dizer alguma coisa, mas sua boca estava selada com sangue seco. Agitou a cabeça, como um retardado que estivesse tentando falar. Conseguiu apenas rosnar...

Não estava morto. Não tinha sangrado até a morte.

O maquinista o ajudou a se ajoelhar, falando como se ele fosse um garoto de três anos.

— Você tem um trabalho a fazer, meu velho; eles estão satisfeitos com você.

O maquinista lambeu as pontas dos dedos e passou-os nos lábios inchados de Kaufman, tentando abri-los.

Muito o que aprender. Muito o que aprender.

Conduziu Kaufman para fora do trem. Estavam numa estação que ele nunca vira antes. Toda de azulejos brancos, absolutamente imaculada; o Nirvana de um guarda de estação. Não havia *grafitis* desfigurando as paredes. Não havia guichês de passagens, mas também não havia portões nem passageiros. Uma linha onde passava apenas o Trem da Carne.

Uma turma de faxineiros lavava com mangueiras o sangue dos bancos e do chão do trem. Alguém tirava a roupa do corpo do Açougueiro, preparando-o para ser despachado para Nova Jersey. Em torno de Kaufman, todos trabalhavam.

Um leque da luz do alvorecer entrava por uma abertura no teto da estação. Partículas de poeira dançavam nos raios de sol, girando e girando. Kaufman olhou para elas, enlevado. Não via uma coisa tão bonita desde criança. Linda poeira. Girando e girando, girando e girando.

O maquinista conseguiu finalmente separar os lábios de Kaufman. A boca estava ferida demais para se mover, mas pelo menos podia respirar com facilidade. E a dor começava a diminuir.

O condutor sorriu para ele, depois voltou-se para os homens que trabalhavam na estação.

— Quero apresentar-lhes o substituto de Mahogany. Nosso novo Açougueiro — anunciou ele.

Os trabalhadores olharam para Kaufman. Havia nos rostos deles uma certa deferência que o agradou.

Kaufman olhou para a luz do sol que o envolvia agora. Moveu a cabeça, indicando que queria ir para cima, para o ar livre. O maquinista fez um gesto de assentimento e o conduziu por uma escada, depois por um corredor e, afinal, para fora, para a calçada.

O dia estava lindo. O céu brilhante sobre Nova York, riscado por filamentos de nuns rosa pálido e o ar tinha cheiro de manhã. O dia estava lindo. O céu brilhante sobre Nova York, riscado por filamentos de nuvens rosa pálido, e o ar tinha cheiro da manhã.

As ruas e avenidas estavam praticamente vazias. Ao longe, um táxi ou outro passavam no cruzamento, o motor murmurando; um corredor passou no outro lado da rua.

Logo aquelas calçadas desertas estariam cheias de gente. A cidade continuada sua vida, na ignorância do que havia embaixo dela sem saber ao que devia sua existência. Sem hesitação, Kaufman caiu de joelhos e beijou o asfalto imundo com os lábios sangrentos, silenciosamente jurando lealdade eterna a sua continuação.

O Palácio das Delicias recebeu a adoração sem comentários.

O YATTERING E JACK

Por que os poderes (que mantenham o poder por muito tempo; que por muito tempo possam vomitar luz sobre as cabeças dos condenados) o haviam tirado do inferno para seguir Jack Polo, o Yattering não sabia. Sempre que encaminhava uma pergunta hesitante, ao longo do sistema, ao seu mestre, sempre a mesma simples indagação, “O que estou fazendo aqui?”, a resposta era uma rápida censura por sua curiosidade. Não era da sua conta, diziam, só era da sua conta fazer. Ou morrer tentando. Depois de perseguir Polo durante os últimos seis meses, o Yattering começava a ver a extinção como uma escolha fácil. O jogo infundável de esconde-esconde não beneficiava ninguém, e era uma imensa frustração para o Yattering. Temia úlceras, temia lepra psicossomática (uma condição à qual os demônios inferiores eram sujeitos), pior ainda, temia perder a cabeça e matar o homem de uma vez, num acesso incontrolável de raiva.

Afinal, o que era Jack Polo?

Nada mais do que um importador de pepinos para conserva; pelos testículos do Levíticos, era simplesmente um importador de pepinos! Sua vida era um desperdício, a família era chata, sua visão política, simplista, e sua teologia, não-existente. O homem, em suma, era um João-ninguém, uma das coisas mais vazias da natureza por que se incomodar com gente como essa? Não se tratava de um Fausto, disposto a um acordo, um vendedor da alma. Esse homem não daria a mínima atenção à inspiração divina: fungaria, ergueria os ombros e continuaria a importar pepinos.

Porém, o Yattering estava preso àquela casa, na noite longa, no dia mais longo, até fazer do homem um lunático, ou coisa parecida. Ia ser uma tarefa demorada, senão interminável. Sim, em certos

momentos, até a lepra psicossomática parecia suportável se o livrasse daquela missão impossível.

Jack Polo, por sua vez, continuava a ser o mais alheado dos homens. Sempre fora assim; na verdade, sua história estava repleta de vítimas da sua ingenuidade. Quando a falecida e lamentada esposa o traiu (ele estava em casa, pelo menos em duas dessas ocasiões vendo televisão}, foi o último a descobrir. E as pistas que eles deixavam! Um homem cego, surdo e mudo teria desconfiado. Mas não Jack. Continuava com seu negócio chato, sem notar o perfume da colônia na adúltera nem a regularidade anormal com que ela trocava a roupa de cama.

Não demonstrou desinteresse menor quando a filha Amanda lhe confessou ser lésbica. Sua resposta foi um suspiro e um olhar intrigado.

— Bem, desde que você não engravide, querida — disse ele, saindo para o jardim, feliz como sempre.

Que poderia uma fúria fazer com um homem desses?

A uma criatura especializada em meter o bedelho nos ferimentos da psique humana, Polo oferecia uma superfície tão glacial, tão desprovida de marcas, que negava à malícia qualquer ponto de apoio.

Os acontecimentos pareciam não afetar de modo algum essa perfeita indiferença. Os desastres da vida eram incapazes de provocar cicatrizes em sua mente. Quando teve afinal de enfrentar a verdade sobre a traição da mulher (ele os encontrou trepando no banheiro) não conseguiu sentir-se ferido ou humilhado.

Essas coisas acontecem, disse para si mesmo, afastando-se para que terminassem o que tinham começado.

Che ,sera, sera.

Che sera, sera. O homem resmungava a maldita frase com monótona regularidade. Parecia viver dentro dessa filosofia de fatalismo, deixando que ataques à sua masculinidade, ambição e dignidade escorressem sobre seu ego, como a chuva na sua cabeça calva.

O Yattering tinha ouvido a confissão completa da mulher de Polo (estava dependurado de cabeça para baixo no lustre, invisível

como sempre), e a cena o deixou arrepiado. Lá estava a pecadora desesperada, pedindo para ser acusada, repreendida severamente, espancada mesmo, e Polo, em vez de oferecer-lhe seu ódio como satisfação, apenas deu de ombros e deixou que ela contasse sem interrupção sua história, até não ter nada mais para confessar. Afinal ela saiu do quarto, mais frustrada e magoada do que com sentimento de culpa: o Yattering a ouviu dizer para o espelho do banheiro o quanto estava insultada pela ausência de reação raivosa e ofendida do marido. Pouco tempo depois, ela se atirou do balcão do Cinema Roxy.

O suicídio foi de certa forma conveniente para a fúria.

Sem a mulher e com as filhas longe de casa, podia inventar truques mais elaborados para perturbar aquela vítima, sem se preocupar em manter sua presença em segredo para criaturas não marcadas pelos altos poderes para o ataque.

Mas a ausência da mulher deixava a casa vazia durante o dia, o que logo se tomou uma carga de tédio que o Yattering achava quase insuportável. Das nove às cinco sozinho na casa, o tempo parecia infundável. O Yattering vagava desanimado, planejando vinganças bizarras e impossíveis contra o homem Polo, andando pelos quartos, deprimido, acompanhado só pelos cliques e zumbidos da casa quando aquecedores esfriavam ou quando o refrigerador ligava e desligava. A situação logo se tornou tão desesperadora, que a chegada da correspondência era o ponto alto do dia, e uma inescapável melancolia instalava-se no Yattering quando o carteiro nada tinha para entregar e passava direto para a casa vizinha.

Quando Jack chegava, os lances recomeçavam com animação. A rotina do aquecimento: esperava Jack na porta e impedia que sua chave girasse na fechadura. A competição durava um ou dois minutos, até Jack acidentalmente descobrir a medida da resistência do Yattering e vencer a partida; uma vez ele dentro da casa, todos os lustres começavam a balançar. O homem geralmente ignorava essa manifestação, por mais violenta que fosse. Talvez desse de ombros, resmungando “estão com defeito” e depois, inevitavelmente, che sera, sera.

No banheiro, o Yattering espremia pasta de dente sobre o tampo da privada, ou enchia o box chuveiro com papel higiênico. Chegava mesmo a partilhar o banho com Jack, invisível, dependurado no cano da cortina de plástico, murmurando sugestões obscenas no seu ouvido. Os demônios aprendiam na Academia que isso sempre dava resultado. A rotina da obscenidade no ouvido nunca deixava de perturbar os clientes, fazendo os pensar que estavam inventando aqueles atos perniciosos, o que os levava à auto-repugnância, e auto-rejeição e, finalmente, à loucura. É claro que algumas vezes as vítimas ficavam tão excitadas com as sugestões, que iam para a rua e agiam de acordo. Nessas circunstâncias, geralmente eram detidas e encarceradas. A prisão levava a outros crimes e a uma queda lenta das reservas morais — e a vitória era conquistada por esse caminho. De um modo ou de outro, a insanidade vencida.

Só que por algum motivo, a regra não se aplicava a Polo ele era imperturbável, uma torre de dignidade.

Na verdade, do modo como iam as coisas, quem ia endoidar era o Yattering. Estava cansado, tão cansado! Aqueles dias infundáveis, atormentando o gato, lendo os quadrinhos do jornal da véspera, assistindo a programas esportivos na televisão, drenavam toda a força da fúria. Ultimamente tinha se apaixonado pela mulher que morava no outro lado da rua. Era uma jovem viúva e parecia passar boa parte da vida vagando nua pela casa. Às vezes era quase insuportável, no meio do dia, quando o carteiro nada entregava, olhar a mulher, sabendo que jamais poderia atravessar a soleira da porta da casa de Polo.

Essa era a lei. O Yattering era um demônio inferior, e sua caçada de almas era estritamente confinada ao perímetro da casa de sua vítima. Sair dali significava ceder todos os seus poderes à vítima, colocar-se à mercê da humanidade.

Durante os meses de junho, julho e parte de agosto ele souou na sua prisão, e durante todos aqueles meses brilhantes e quentes Jack Polo mostrou-se completamente indiferente aos ataques do Yattering.

Era extremamente constrangedor, e aos poucos destruía a confiança do demônio em si mesmo, vendo aquela vitima fraca resistir a todos os truques e tentativas.

O Yattering chorava.

O Yattering berrava.

Num aceso de angústia incontrolável ferveu a água do aquário cozinhando os peixinhos.

Polo não ouviu nada. Não viu nada.

Finalmente, no fim de setembro, o Yattering quebrou uma das primeiras regras da sua condição e apelou diretamente aos seus mestres.

O outono, a estação do inferno; e os demônios dos altos escalões estavam condescendentes. Concordaram em falar com sua criatura.

— O que você quer? — perguntou Belzebu, sua voz empestando o ambiente da sala de estar.

— Este homem...começou nervosamente o Yattering.

— Este Polo...

— Sim?

— Não consigo ter a menor influência sobre ele. Não consigo fazer com que entre em pânico, não consigo fazer com que sinta medo, nem que se preocupe um pouco. Confesso-me impotente, Senhor das Moscas, e quero que me liberte deste sofrimento.

Por um momento o rosto de Belzebu apareceu no espelho sobre a lareira.

— Você quer o quê?

Belzebu era meio elefante, meio vespa. O Yattering ficou apavorado.

— Eu... quero morrer.

— Você não pode morrer.

— Morrer deste mundo.Só morrer deste mundo. Sumir. Ser substituído.

— Você não morrerá.

— Mas não posso vencê-lo! — choramingou o Yattering.

— Precisa.

— Por quê?

— Porque estamos mandando. — Belzebu sempre usava o “nós” real, embora não tivesse direito a ele.

— Ao menos diga-me porque estou nesta casa — implorou o Yattering. — O que ele é? Nada! Ele é nada!

Belzebu achou aquilo formidável. Ele riu, zumbiu, fungou.

— Jack Johnson Polo é filho de um fiel da Igreja da Salvação Perdida. Ele nos pertence.

— Mas para que o querem? Ele é tão chato.

— Queremos porque sua alma nos foi prometida, e sua mãe não a entregou. Nem a dela, por falar nisso. Ela nos enganou. Morreu nos braços de um padre e foi escoltada em segurança para...

A palavra seguinte era anátema. O Senhor das Moscas mal conseguia pronunciá-la.

—...o céu — disse Belzebu com infinito enfraquecimento na voz.

— Céu — disse o Yattering, sem saber ao certo o que significava isso.

— Polo deve ser assombrado em nome do Velho, e punido pelos crimes da mãe. Nenhum tormento é profundo demais para uma família que nos enganou.

— Estou cansado implorou o Yattering, atrevendo-se a chegar perto do espelho.

— Por favor, eu peço.

— Aposse-se desse homem — disse Belzebu ou vai sofrer no lugar dele.

A figura no espelho ondulou o tronco negro e amarelo e desapareceu.

— Onde está seu orgulho? — disse a voz do mestre, sumindo na distância. — Tenha orgulho, Yattering, orgulho!

E ele se foi.

Frustrado, o Yattering pegou o gato e o atirou no fogo, onde foi rapidamente cremado. Se ao menos a lei permitisse que esse tipo de crueldade fosse imposta à carne humana, pensou. Se ao menos... ao menos... Então faria Polo sofrer esses tormentos. Mas não. O Yattering conhecia as leis tão bem quanto as costas da sua mão; tinham sido chicoteadas no córtex exposto quando era um pequeno

demônio, por seus professores. E a Lei Número Um dizia: “Não encoste a palma da mão nas suas vítimas.”

Nunca lhe explicaram por que a tal lei vigorava, mas ela vigorava.

Nunca...

Assim, continuou o processo doloroso. Dia sim, dia não, e o homem nem dava sinal de ceder. Nas semanas seguintes, o Yattering matou mais dois gatos que Polo levou para casa em substituição ao adorado Freddy (agora cinzas).

A primeira dessas vítimas foi afogada na privada, numa preguiçosa tarde de sexta-feira. Foi uma satisfação mesquinha ver a expressão de desastre registrada no rosto de Polo quando abriu o zíper da calça e olhou para baixo. Mas qualquer prazer que o Yattering possa ter tido foi anulado pela eficiência jubilosa com que o homem resolveu o problema do gato morto, tirando o volume encharcado do vaso, embrulhando-o numa toalha e enterrando-o no quintal, sem um murmúrio.

O terceiro gato que Polo levou para casa percebeu, desde o começo, a presença do demônio. Na verdade, houve uma semana, em meados de novembro, quase interessante para o Yattering quando brincou de gato e rato com Freddy III. Freddy era o rato. Uma vez que gatos não são animais especialmente brilhantes o jogo chegava a ser um desafio intelectual, mas era uma mudança nos dias intermináveis de espera e de fracassos. Pelo menos a criatura aceitava a presença do Yattering. Finalmente, porém, de péssimo humor (provocado pelo casamento da jovem e nua viúva), o demônio perdeu a paciência com o gato. O animal afiava as unhas no carpete de náilon, arranhando e raspando o pelo durante horas. O barulho fazia rilharem os dentes metafísicos do demônio. Olhou uma vez para o gato, rapidamente, e o animal explodiu, como se tivesse engolido uma granada sem pino.

O efeito foi espetacular. Os resultados, obscenos. Cérebro de gato, pelos de gato, entranhas de gato por toda parte.

Naquela noite Polo chegou em casa exausto e ficou parado na porta da sala de jantar, o rosto pálido, olhando para a carnificina de que Freddy III tinha sido vítima.

— Malditos cachorros — disse ele. — Malditos, malditos cachorros.

Havia raiva em sua voz. Sim, exultou o Yattering, raiva.

O homem estava perturbado havia visíveis traços de emoção no seu rosto.

Entusiasmado, o demônio correu pela casa, resolvido a capitalizar aquela vitória. Abriu e fechou com estrondo todas as portas. Quebrou vasos. Balançou as lâmpadas de mesa.

Polo apenas limpou os restos do gato.

O Yattering subiu correndo a escada e rasgou um travesseiro. Fez surgir uma aparição hedionda no sótão, com apetite para carne humana, rindo-se o tempo todo.

Polo enterrou Freddy III, ao lado do túmulo de Freddy II e das cinzas de Freddy I.

Depois foi para a cama, deitando-se sem o travesseiro.

O demônio ficou perplexo. Se o homem era incapaz de algo mais do que um lampejo de aborrecimento vendo seu gato espalhado pela sala, que chance tinha de vencer aquele filho da puta?

Restava a última oportunidade.

Aproximava-se o dia da Missa do Galo, e as filhas de Jack viriam para casa, para o seio da família. Talvez elas o convencessem de que nem tudo estava bem no mundo; talvez pudessem arranhar aquela indiferença impecável e começar a derrubá-lo. Esperando, sem muita esperança, o Yattering, nas últimas semanas de dezembro, planejou seus ataques com toda a imaginação maldosa que conseguiu reunir.

Enquanto isso, a vida de Jack continuava tranquila. Parecia viver num mundo à parte da sua experiência, como um escritor que escreve uma história absurda, sem jamais se envolver profundamente na narrativa. Entretanto, demonstrava de vários modos significativos um certo entusiasmo pela data que se aproximava. Limpou cuidadosamente os quartos das filhas. Arrumou as camas com lençóis perfumados. Limpou todas as manchas de sangue de gato do carpete. Chegou a armar uma árvore de Natal na sala, com bolas cintilantes, guirlandas e presentes.

Uma vez ou outra, enquanto se ocupava com os preparativos, Jack pensava no jogo que estava fazendo, e tranquilamente calculava as chances contra ele. Nos próximos dias teria de medir não só o próprio sofrimento, mas o das filhas também, contra a possível vitória. E sempre que fazia esses cálculos as chances de vitória pareciam maiores do que os riscos.

Assim, continuou a escrever sua vida e esperou.

A neve chegou, suaves flocos contra o vidro da janela, contra a porta. Vieram as crianças cantando canções de Natal, e Jack foi generoso com elas. Era possível, pelo menos durante certo tempo, acreditar em paz na terra.

Tarde da noite do dia vinte e três de dezembro, chegaram as filhas, num turbilhão de presentes e beijos. A mais jovem, Amanda, chegou primeiro. Na sua posição favorável, no patamar da escada, o Yattering olhou sombriamente para a jovem mulher. Não parecia material ideal para um colapso nervoso. Na verdade, parecia perigosa. Gina chegou uma ou duas horas mais tarde; uma suave e elegante mulher de vinte e quatro anos, que parecia tão intimidadora quanto a irmã. Encheram a casa com seu riso e seu entusiasmo; mudaram os lugares dos móveis; jogaram fora comida de lanchonete que estava no freezer disseram uma para a outra (e para o pai) como tinham sentido saudades. Em poucas horas a casa tristonha estava com uma nova pintura de luz, alegria e amor.

Dava náuseas no Yattering.

Choramando, escondeu a cabeça no quarto para não ouvir o som da afeição, mas as ondas de choque o envolveram. Só podia ficar ali, ouvindo e aperfeiçoando seu plano de vingança.

Jack estava feliz por ter as duas belas filhas em casa. Amanda, sempre cheia de opiniões, e tão forte, como a mãe. Gina, mais como a mãe de Jack: discreta, sensível. Ele estava tão feliz com a presença das duas que sentia vontade de chorar. E ali estava ele, o pai orgulhoso, sujeitando-as a um risco tão grande. Mas, qual era a alternativa? Se tivesse cancelado as comemorações do Natal, teria levantado suspeitas. Podia até mesmo estragar toda a sua estratégia, chamando a atenção do inimigo para o jogo que estava fazendo.

Não, precisava ficar firme. Fingir indiferença, como o inimigo estava acostumado.

Chegaria a hora de agir.

Às 3.15 da manhã de Natal o Yattering iniciou as hostilidades jogando Amanda para fora da cama. Uma proeza insignificante, mas surtiu o efeito desejado. Sonolenta, esfregando a cabeça machucada, ela voltou para a cama, que começou a sacudir e saltar outra vez, jogando-a para fora, como se fosse um potro selvagem.

O barulho acordou o resto da casa. Gina chegou primeiro no quarto da irmã.

— O que está acontecendo?

— Tem alguém embaixo da cama..

— O quê?

Gíria apanhou um peso de papel da penteadeira e mandou que o assaltante saísse de onde estava. O Yattering, invisível, sentou no peitoril da janela, fazendo gestos obscenos para as duas, dando nós nos próprios genitais.

Gina espiou embaixo da cama. O Yattering estava dependurado no lustre agora, fazendo-o balançar de um lado para o outro, dando a impressão de que o quarto cambaleava.

— Não tem nada lá.

— Tem sim.

Amanda sabia. Oh, sim, ela sabia.

— Tem alguma coisa aqui, Gina — disse ela. — Alguma coisa no quarto conosco tenho certeza.

— Não — Gina foi positiva. — Está vazio.

Amanda procurava atrás do guarda-roupa quando Polo entrou.

— Que barulhada é essa?

— Tem alguma coisa na casa, papai. Fui jogada para fora da cama.

Jack olhou para os lençóis amarrotados, o colchão fora de lugar, depois para Amanda. Esse era o primeiro teste; precisava mentir com a maior calma possível..

— Parece que andou tendo pesadelos, beleza, disse ele, com um sorriso inocente,

— Tinha alguma coisa embaixo da cama insistiu Amanda.

— Não tem ninguém agora.

— Mas eu senti.

— Muito bem. Vou examinar o resto da casa. — propôs ele, sem entusiasmo. Vocês duas fiquem aqui, só por precaução.

Quando Polo saiu do quarto, o Yattering balançou mais o lustre.

— Estamos em plena decadência. — disse Gina.

Lá embaixo estava frio, e Polo podia ter passado muito bem sem andar descalço sobre os ladrilhos da cozinha, mas estava satisfeito por ver a batalha começar daquele modo mesquinho. Seu medo tinha sido que o inimigo atacasse selvagememente as duas vítimas indefesas. Mas não. Havia julgado perfeitamente a criatura. Era uma das fileiras mais baixas. Poderosa, mas lenta. Capaz de ser atraída para além dos limites do seu controle. Vá com calma agora, pensou, vá com calma.

Andou pela casa toda, obedientemente, abrindo armários e olhando atrás dos móveis; depois voltou para as filhas, que estavam sentadas no topo da escada. Amanda parecia pequena e pálida, não a mulher de vinte e dois anos que era, mas uma criança outra vez.

— Nada de nada — disse ele com um sorriso. — “É manhã de Natal e por toda a casa...”

Gina terminou o verso.

— “Nada se mexe, nem mesmo um rato.”

— Nem mesmo um rato, beleza.

Nesse momento o Yattering apanhou sua deixa e atirou para longe um vaso que estava sobre a lareira.

Até Jack deu um salto.

— Merda! — disse ele. Precisava dormir, mas era evidente que o Yattering não pretendia deixá-los em paz ainda.

— Che sera, sera — murmurou ele, apanhando os pedaços do vaso chinês e enrolando numa folha de jornal. — A casa está afundando um pouco no lado direito, sabiam? — disse em voz mais alta. — Há anos está afundando.

— Decadência. — disse Amanda com tranquila certeza — não ia me atirar para fora da cama.

Gina ficou calada. As opções eram limitadas. As alternativas pouco atraentes.

— Bem, talvez fosse Papai Noel — disse Polo, tentando um pouco de frivolidade. Com os pedaços do vaso embrulhados na mão foi para a cozinha, certo de estar sendo seguido a cada passo. — O que mais podia ser? — Fez a pergunta,, virando a cabeça para trás, enquanto jogava o embrulho na lata de lixo. — A única outra explicação... — aqui, foi quase com entusiasmo que passou tão perto da verdade — a outra única explicação possível é absurda demais para palavras.

Uma ironia refinada, negar a existência do mundo invisível, sabendo muito bem que naquele instante ele bafejava vingativamente no seu pescoço.

— Você está pensando em *poltergeists*? — perguntou Gina.

— Quero dizer qualquer coisa que faz barulho de noite. Mas somos pessoas adultas, não somos? Não acreditamos no bicho-papão.

— Não — disse Gina categórica, — Eu não acredito, mas também não acredito que a casa esteja afundando.

— Bem, isso tem de servir por enquanto — disse Jack com descuidada finalidade.

— O Natal começa agora. Não queremos estragá-lo falando de duendes, queremos?

Os três riram.

Duendes. Era um pouco demais. Chamar aquela cria do inferno de duende.

O Yattering, fraco e frustrado, com lágrimas ácidas fervendo no rosto intangível, rilhou os dentes e ficou quieto.

Tinha tempo ainda para vencer aquele sorriso descrente do rosto liso e gorducho de Jack Polo. Tempo demais. De agora em diante nada de meias medidas. Nada de sutilezas. Seria um ataque aberto e total.

Que haja sangue. Que haja agonia.

Os três iam ser derrotados.

Amanda estava na cozinha preparando o jantar de Natal quando o Yattering desfechou o ataque seguinte. O som de coro do

King's College inundava a casa, cantando “Oh, cidadezinha de Belém com a vemos tão tranquila...”

Os presentes lá tinham sido abertos, os cartões trocados, a casa repousava num quente abraço, do telhado ao porão.

Na cozinha, um frio repentino dominou o calor e a fumaça; Amanda sentiu um arrepio; foi até a janela, que estava aberta para manter o ar puro, e a fechou. Talvez estivesse ficando resfriada.

O Yattering observou as costas dela enquanto a moça trabalhava na cozinha, sentindo prazer naquela domesticidade de um dia. Amanda sentiu o olhar dele. Voltou-se. Ninguém, nada. Continuou a lavar as couves-de-bruxelas e encontrou um verme enrolado numa delas. Afogou-o imediatamente.

O coro continuava a cantar.

Na sala de estar, Jack e Gina riam.

Então, um barulho. A princípio um chocalhar, seguido de pancadas, como se alguém estivesse batendo numa porta. Amanda deixou cair a faca na vasilha com a couve e voltou-se, olhando na direção do som. O barulho aumentava. Como se alguém estivesse preso num dos armários, desesperado para sair. Um gato ou um... passarinho.

O barulho vinha do forno.

O estômago de Amanda subiu para a garganta, e ela começou a imaginar o pior. Teria trancado alguma coisa no forno quando pôs o peru para assar? Chamou o pai, enquanto apanhava a luva acolchoada e se aproximou do fogão que sacudia com o pânico do seu prisioneiro. Amanda tinha visões de um gato pulando sobre ela, o pelo queimado, a carne meio assada.

Jack estava na porta da cozinha.

— Tem alguma coisa no forno — disse ela, como se precisasse dizer.

O fogão saltava frenético; o que estava dentro debatia-se, sem conseguir abrir a porta.

Jack tirou a luva da mão dela. Este é um truque novo, pensou. Você é melhor do que pensei. Isto é inteligente. Isto é original.

Gina estava na cozinha também.

— O que vocês estão aprontando? — perguntou de bom humor.

Mas a piada não teve efeito, pois o fogão começou a dançar e as panelas com água fervente caíram no chão. Água escaldante atingiu a perna de Jack. Ele gritou recuando e deu um encontrão em Gina, antes de se lançar para o fogão com um berro digno de um samurai.

A alça da porta da forno estava escorregadia com calor e gordura, mas ele a agarrou e abriu a porta para baixo.

Uma onda de vapor e calor escaldante saiu do forno com o cheiro de succulenta gordura de peru. Mas a ave lá dentro, ao que parecia, não tinha intenção de ser devorada. Atirava-se de um lado a outro na assadeira espirrando gotas de molho em todas as direções. As asas semi-torradas e escuras se debatiam impressionantemente, as pernas sapateavam na parte de cima do forno.

Então, percebeu que a porta estava aberta. As asas se abriram de cada lado do corpo recheado e o peru meio saltou, meio caiu para fora, numa paródia do que era quando vivo. Sem cabeça, recheio e cebola pingando de dentro dele, agitou-se como se ninguém tivesse dito à maldita coisa que estava morta, enquanto a gordura fervia ainda nas suas costas recobertas com tiras de bacon.

Amanda gritou.

Jack mergulhou para a porta quando a ave saltou no ar, cega, mas vingativa. O que ela pretendia fazer quando alcançasse suas três vítimas, elas nunca descobriram. Gina arrastou Amanda para o corredor com o pai atrás delas, e a porta foi fechada ao momento em que a ave se lançava sobre ela, batendo na madeira com força. O molho escorreu por debaixo da porta. escuro e gordo.

A porta não tinha chave, mas Jack imaginou que o peru não podia abrir a maçaneta. Enquanto recuava, sem fôlego, amaldiçoou a sua autoconfiança. A oposição tinha mais trunfos na manga do que ele pensava.

Amanda soluçava, encostada na parede, o rosto manchado por gotas de gordura do peru. A única coisa de que parecia capaz era negar o que tinha visto, balançando a cabeça e dizendo repetidamente “não”, como se fosse um talismã contra o horror ridículo que continuava se atirando contra a porta. Jack a levou para a sala. O rádio continuava com as canções de Natal que abafavam o

barulho da ave, mas as promessas de boa vontade pareciam um fraco consolo.

Gina serviu uma boa dose de conhaque para a irmã e sentou ao lado dela no sofá, procurando acalmá-la com álcool e com palavras tranquilas. Nada disso produzia efeito em Amanda.

— O que era aquilo? — Gina perguntou ao pai, num tom que exigia resposta.

— Não sei o que era — respondeu Jack.

— Histeria em massa? — O aborrecimento de Gina era evidente. Seu pai tinha um segredo; ele sabia o que estava acontecendo na casa, mas por algum motivo não queria contar.

— O que devo chamar, a polícia ou um exorcista?

— Nenhum dos dois.

— Pelo amor de Deus...

— Não está acontecendo nada, Gina. Francamente.

O pai voltou-se da janela e olhou para a filha. Seus olhos diziam o que a boca se recusava a dizer, que aquilo era uma guerra.

Jack estava com medo.

De repente a casa era uma prisão. O jogo era agora letal. O inimigo, em vez das brincadeiras idiotas, queria fazer mal, fazer mal aos três.

Na cozinha o peru finalmente dera-se por vendido. As canções no rádio foram substituídas por um sermão sobre as bênçãos de Deus.

O que fora doce era amargo e perigoso. Olhou para Amanda e Gina no outro lado da sala. Ambas, por razões pessoais, tremiam. Polo teve vontade de contar, explicar o que estava acontecendo. Mas a coisa devia estar ali, ele sabia, gozando a vitória.

Jack estava enganado. O Yattering tinha se retirado para o sótão, muito satisfeito com a proeza. A ave, pensava ele, fora um golpe de gênio. Agora podia descansar um pouco, recuperar as forças. Deixar que os nervos do inimigo se estraçalhassem na expectativa. Então na hora certa, desfecharia o golpe final.

Preguiçosamente imaginou se algum dos inspetores tinha visto seu trabalho como peru. Talvez a originalidade do Yattering os impressionasse e melhorasse a perspectiva de novas tarefas.

Certamente não tinha sido treinado durante todos aqueles anos simplesmente para assombrar imbecis retardados como Polo. Deveria haver alguma coisa mais desafiadora do que isso. Sentia a vitória nos ossos invisíveis e era uma sensação agradável.

A perseguição a Polo sem dúvida tomara impulso agora. As filhas o convenceriam (se já não estivesse convencido) de que alguma coisa terrível estava para acontecer. Ele entraria em colapso. Ia desmoronar. Talvez fosse acometido de loucura clássica: arrancar os cabelos, rasgar a roupa, lambuzar-se com o próprio excremento.

Oh, sim, a vitória estava próxima. E então, seus mestres não iam amá-lo? Não o cobririam de elogios e de poder?

Mais uma manifestação era tudo de que precisava. Uma intervenção final e inspirada, e Polo se transformaria num balbuciante monte de carne.

Cansado, mas confiante, o Yattering desceu para a sala.

Amanda dormia deitada no sofá. Obviamente sonhava com o peru. Os olhos rolavam sob as pálpebras quase transparentes, o lábio inferior tremia. Gina estava sentada ao lado do rádio, desligado agora. Tinha um livro aberto no colo, mas não lia.

O importador de pepinos não estava na sala. Não eram dele os passos na escada? Sim, estava subindo para esvaziar a bexiga cheia de conhaque.

O momento ideal.

O Yattering atravessou a sala. Amanda sonhou que alguma coisa escura passava pela frente dos seus olhos, algo maligno, algo que deixava um gosto amargo na sua boca.

Gina ergueu os olhos do livro.

As bolas prateadas da árvore balançavam suavemente. Não só as bolas. As guirlandas e os galhos também.

Na verdade, a árvore toda. Balançava como se alguém a estivesse sacudindo.

Gina teve um mau pressentimento. Levantou-se. O livro escorregou para o chão.

A árvore começou a rodopiar.

— Cristo — disse ela. Jesus Cristo.

Amanda continuava a dormir.

A árvore tomou impulso.

Gina caminhou com o passo mais firme possível até o sofá e tentou acordar a irmã, sacudindo-a. Amanda, presa no sonho, resistiu por um instante.

— Papai — disse Gina. Sua voz era forte e foi além do corredor. Também acordou Amanda.

Polo ouviu um ganido, como se um cão estivesse na sala, lá embaixo Não, dois cães. Desceu correndo a escada, e o dueto transformou-se num trio. Entrou correndo na sala, esperando ver todas as legiões do inferno, com cabeças de cachorro, dançando com suas belas filhas.

Mas não. Era a árvore de Natal que uivava, como uma matilha de cães, girando e girando.

As lâmpadas há muito tinham se soltado. O ar fedia a plástico queimado e seiva de pinheiro. A árvore girava como um pião, atirando enfeites e presentes dos seus galhos com a generosidade de um rei ensandecido.

Com dificuldade desviou os olhos do espetáculo da árvore e viu Gina e Amanda agachadas, apavoradas, atrás do sofá.

— Saiam daí — gritou ele.

Mal tinha acabado de falar e a televisão apoiada impertinentemente num dos pés, começou a girar como a árvore, adquirindo impulso cada vez maior. O relógio sobre a lareira juntou-se ao balé. Os atijadores ao lado do fogo. As almofadas. Os enfeites. Cada objeto acrescentava sua nota característica à orquestração de uivos que aumentavam a cada segundo, até chegar a um volume ensurdecedor. O ar começou a transbordar com o cheiro de queimada, com a fricção aquecendo os piões rodopiantes ao ponto de chama. A fumaça girava na sala.

Gina segurou o braço de Amanda e a arrastou na direção da porta, protegendo o rosto da chuva de agulhas de pinheiro que a árvore ainda em aceleração atirava longe.

Agora as luzes giravam também.

Os livros, atirados para fora das estantes, juntaram-se à tarantela.

Mentalmente Jack via o inimigo correndo entre os objetos, como um malabarista girando pratos na ponta de uma vara, tentando manter todos em movimento ao mesmo tempo. Devia ser um trabalho exaustivo, pensou. O demônio provavelmente estava a ponto de entrar em colapso. Não podia estar pensando claramente. Superexcitado. Impulsivo. Vulnerável. Esse devia ser o momento se é que havia um momento, para uma na batalha, finalmente. Enfrentar a coisa, desafia-lá e fazer com que caísse na armadilha.

O Yattering, por seu lado, estava desfrutando a orgia da destruição. Jogava todos os objetos na desordem, fazendo tudo girar.

Observou com satisfação a fuga das filhas; rui-se ao ver o velho de olhos arregalados diante daquele balé absurdo.

Certamente ele já estaria quase louco, não estaria?

As beldades tinham chegado junto à porta, seus cabelos e a pele cheios de agulhas de pinheiro. Polo não as viu sair. Atravessou a sala correndo, esquivando-se de uma porção de objetos e apanhou um garfo de bronze da lareira, que o inimigo havia omitido. Objetos diversos, em sarabanda, enchiam o ar em volta da cabeça dele, dançando com velocidade estonteante. Polo estava escoriado e picado. Mas a excitação de entrar na luta o dominava, e começou a bater nos livros, nos relógios e na louça, fazendo tudo em pedaços. Como um homem numa nuvem de gafanhotos, ele corria pela sala, destroçando seus livros favoritos, quebrando rodopiantes porcelanas Dresden, esfacelando as lâmpadas. Um monte de objetos quebrados enchia o chão, alguns mexendo-se ainda até a vida desaparecer dos fragmentos. Mas, para cada objeto derrubado e quebrado, havia uma dúzia ainda girando, ainda uivando.

Ouvia a voz de Gina na porta, gritando para que saísse da sala. para deixar aquilo em paz.

Mas era tão gratificante lutar contra o inimigo mais diretamente do que nunca. Não queria desistir. Queria que o demônio se mostrasse, para ser conhecido, reconhecido.

Queria o confronto com o emissário do Velho de uma vez por todas.

Inesperadamente a árvore, cedendo às leis da força centrífuga, explodiu. O estrondo foi como um uivo de morte. Galhos, ramos, agulhas, bolas, luzes, fio elétrico, fitas voaram pela sala. Jack, de costas para a explosão, atingido pelo impacto, foi atirado ao chão. Agulhas de pinheiro cravaram-se na sua nuca e na cabeça. Um galho liso passou por cima dele, empalando o sofá. Fragmentos da árvore espalharam-se pelo chão em volta dele.

Agora, outros objetos, girando acima da tolerância de suas estruturas, explodiam também. A televisão estourou, mandando uma onda letal de vidros pelo ar, que, na maior parte, foi se cravar na parede oposta. Fragmentos do interior do aparelho, tão quentes que escaldavam a pele, caíram sobre Jack, enquanto, apoiando-se nos cotovelos, ele se arrastava para a porta, como um soldado sob bombardeio.

A sala estava tão carregada com a barragem de fragmentos que parecia cheia de névoa. As almofadas haviam emprestado suas penas para o cenário, caindo como neve sobre o carpete. Pedacos de porcelana, um belo braço de cerâmica vidrada, a cabeça de um cortesão saltaram no chão na frente do seu nariz.

Gina estava agachada a porta, incitando-o a se apressar, os olhos semicerrados contra aquele granizo mortal. Quando Jack chegou a porta e sentiu os braços dela em volta do seu corpo, podia jurar que ouviu uma risada na sala. Tangível, audível, cheia e satisfeita.

Amanda estava de pé no corredor, o cabelo cheio de agulhas de pinheiro, olhando para ele, arregalada. Jack passou as pernas pela porta e Gina a fechou com força, isolando a demolição.

— O que é? — perguntou ela. — *Poltergeist*? Fantasma? O fantasma de mamãe?

Jack achou graça na ideia de a mulher morta ser responsável por aquela destruição por atacado.

Amanda tinha um meio-sorriso nos lábios. Ótimo, pensou ele, está se livrando do choque. Mas então viu o olhar vazio da filha e compreendeu. Amanda tinha entrado em colapso, sua sanidade refugiara-se no lugar que o fantástico não alcança.

— O que é aquilo lá dentro? — perguntava Gina, segurando no braço dele com tanta força que parecia um torniquete.

— Não sei — mentiu ele. — Amanda?

O sorriso de Amanda não mudou, olhou para o pai, através dele.

— Você sabe.

— Não.

— Está mentindo.

— Acho...

Jack levantou-se do chão, tirando com as mãos pedaços de porcelana, penas, vidro da camisa e da calça.

— Acho... que vou dar um passeio.

Atrás dele, na sala os últimos sons de uivos tinham parado. O ar no corredor estava elétrico com presenças invisíveis. Estava muito perto dele, invisível como sempre, mas tão perto. Este era o momento mais perigoso. Não podia perder a coragem agora. Precisava agir como se nada tivesse acontecido, tinha de deixar Amanda por enquanto, deixar as exclamações e as recriminações para quando tudo estivesse terminado.

— Dar um passeio? perguntou Gina incrédula.

— Sim... andar... preciso dum pouco de ar fresco.

— Não pode nos deixar aqui.

— Vou arranjar alguém para nos ajudar a fazer a limpeza.

— Mas Mandy...

— Ela vai se recuperar. Deixe-a em paz.

Era duro, quase imperdoável. Mas foi o que ele disse.

Jack andou com passo pouco firme até a porta da frente, nauseado depois de tanto rodopio. Atrás dele Gina estava furiosa.

— Não pode sair assim! Está doido?

— Preciso dum pouco de ar — disse ele, com a calma que seu coração aos saltos e a garganta seca permitiam. — Por isso vou sair por um momento.

Não, disse o Yattering. Não, não, não.

Estava atrás dele, Polo sentia-o zangado agora, pronto para torcer seu pescoço. Mas não tinha permissão, não podia nunca tocá-lo. Mas Jack sentia a revolta dele como uma presença física.

Deu outro passo na direção da porta.

Estava com ele ainda, acompanhando-lhe cada passo. Sua sombra, seu par constante. Gina gritou:

— Seu filho da mãe! Olhe para Mandy! Ela enlouqueceu!

Não, não devia olhar para Mandy. Se olhasse para Mandy, ia chorar, podia perder a razão, como a coisa queria, e então tudo estaria perdido.

— Ela vai ficar boa — disse ele, quase num sussurro.

Estendeu a mão para a maçaneta da porta. O demônio trancou a porta, rápida e ruidosamente. Não tinha mais paciência para sutilezas.

Jack, mantendo os movimentos tão calmos quanto possível, destrancou a porta, soltando os trincos de cima e de baixo. O demônio a trancou outra vez.

Era excitante aquele jogo; era também pavoroso. Se ele o provocasse demais, será que frustração faria o demônio esquecer suas limitações?

Suave e lentamente, abriu os trincos outra vez. Suave e lentamente, o Yattering os fechou.

Jack imaginou por quanto tempo podia ficar fazendo aquilo. Precisava sair, tinha de fazer com que ele atravessasse a soleira da porta. Um passo era tudo que a lei exigia, de acordo com seus estudos. Um simples passo.

Destrancada. Trancada. Destrancada. Trancada.

Gina estava de pé, uns dois ou três metros atrás do pai. Não compreendia o que estava vendo, mas era óbvio que Jack lutava com alguém, ou com alguma coisa.

— Papai... — começou a dizer.

— Fique quieta — disse ele com calma, sorrindo, enquanto destrancava a porta pela sétima vez. Havia um tremor de loucura naquele sorriso, era largo demais, fácil demais.

Inexplicavelmente ela retribuiu o sorriso. O seu era sombrio, mas genuíno. Fosse o que fosse que estivesse acontecendo, ela o amava.

Polo tentou correr para a porta dos fundos. O demônio chegou alguns passos à sua frente, passando pela casa como um campeão de

corrida e trancando a porta antes mesmo que Jack tocasse a maçaneta. Mãos invisíveis giraram a chave na fechadura, e logo depois a transformaram em poeira no ar.

Jack fingiu um movimento na direção da janela ao lado da porta dos fundos, mas as persianas foram abaixadas e os vidros fechados com força. O Yattering, muito ocupado com a janela para observar Jack de perto, não percebeu quando ele passou correndo para a porta da frente.

Quando notou o truque, soltou um grito áspero e correu atrás, quase colidindo com Jack quando escorregou no chão encerado. Evitou a colisão por meio de uma manobra de verdadeiro balé. Isso na certa seria fatal, tocar o homem na excitação do momento.

Polo estava outra vez na porta da frente, e Gina percebendo a estratégia do pai a havia destrancado enquanto o Yattering e Jack lutavam na porta dos fundos. Jack tinha rezado para que ela aproveitasse a oportunidade para fazer aquilo. Gina a aproveitara. A porta estava entreaberta. O ar gelado da tarde entrou no vestíbulo em espirais.

Jack cobriu os poucos metros até a porta rapidamente. sentindo, sem ouvir, o grito lamentoso do Yattering quando viu sua vítima escapando para o mundo exterior.

Ele não era uma criatura ambiciosa. Tudo o que queria naquele momento, mais do que qualquer sonho era agarrar a cabeça daquele humano entre as mãos e fazer dela uma coisa sem sentido. Amassar completamente e jogar o pensamento quente na neve lá fora. Acabar com Jack Polo para sempre, para todo o sempre.

Não pedia muito.

Polo tinha saído para a neve fresca que estalava sob seus pés, os chinelos e as bainhas da calça enterrados na massa fria. Quando a fúria chegou ao degraus Jack já estava a uns dois ou três metros da casa, andando na direção do portão. Escapando. Escapando.

O Yattering uivou outra vez, esquecendo os anos de treinamento. Cada lição aprendida, cada regra de batalha gravada na sua cabeça foi anulada pelo simples desejo de ter a vida de Polo nas mãos.

O Yattering atravessou a soleira e saiu atrás de Jack. Uma transgressão imperdoável. Em algum lugar do inferno os poderes ocultos (que mantenham o poder por muito tempo que por muito tempo possam vomitar luz sobre a cabeça dos condenados) perceberam o pecado e souberam que a guerra pela alma de Jack Polo estava perdida.

Jack sentiu também. Ouviu o barulho de água fervendo quando os passos do demônio derretiam a neve onde pisava. Estava atrás dele! A coisa tinha quebrado a primeira regra da sua existência. Era a desistência. Jack sentiu a vitória em sua espinha e no estômago.

O demônio passou a frente dele. Sua respiração podia ser vista claramente no ar, embora o corpo do qual ela emanava não estivesse ainda visível.

Jack tentou abrir o portão, mas o Yattering o fechou com violência.

— Che sera, sera — disse Jack.

O Yattering não aguentou. Segurou a cabeça de Jack com as duas mãos, pretendendo transformar em pó os ossos frágeis.

O toque foi seu segundo pecado e a agonia do Yattering foi além do que podia suportar. Uivou como uma alma penada e recuou, deslizando na neve e caindo de costas.

Reconheceu o erro. A lição ensinada à custa de pancada voltou a sua lembrança Sabia também que seria o castigo por sair da casa, por tocar o homem. Estava aprisionado em um novo mundo, escravo daquela criatura idiota de pé ao seu lado.

A vitória era de Polo.

Jack ria, vendo o contorno do corpo do demônio formando-se na neve do caminho. Como uma fotografia sendo revelada; a imagem da fúria apareceu. A lei estava sendo aplicada. O Yattering nunca mais poderia se esconder. Ali estava ele, visível aos olhos de Polo, em toda a sua glória sem encantos. Carne marrom, olhos brilhantes sem pálpebras, braços se agitando, o rabo castigando a neve, derretendo-a.

— Seu filho da mãe — disse ele. Tinha um leve sotaque cantante de australiano.

— Não tem permissão para falar sem que eu me dirija a você — disse Polo com autoridade calma, mas absoluta. — Compreendeu? Os olhos sem pálpebras enevoaram-se com humildade.

— Sim — disse o Yattering.

— Sim, senhor Polo.

— Sim, senhor Polo.

Enfiou o rabo entre as pernas, como um cachorro espancado.

— Pode ficar de pé.

— Obrigado, senhor Polo.

Ficou de pé. Não era uma figura bonita, mas, assim mesmo, gratificante para Jack.

— Eles ainda o pegarão — disse o Yattering.

— Quem?

— O senhor sabe — falou com hesitação.

— Diga os nomes deles.

— Belzebu — foi à resposta do Yattering, orgulhoso por dizer o nome do seu mestre. — Os poderes. O próprio inferno.

— Acho que não — disse Polo. — Não com você preso a mim, como prova das minhas habilidades. Não sou melhor do que eles?

O olhar do demônio ficou sombrio.

— Não sou?

— É — concedeu ele a contragosto. — Sim. O senhor é melhor do que eles.

O Yattering começou a tremer de frio.

— Está com frio? — perguntou Polo.

Fez um gesto afirmativo, imitando a expressão de uma criança desamparada.

— Então precisa fazer um pouco de exercício — disse Polo.

— Acho melhor voltar para a casa e começar a arrumar tudo. A fúria ficou perplexa, desapontada mesmo com a ordem.

— Nada mais? — perguntou incrédulo o Yattering. — Nenhum milagre? Nenhuma Helena de Troia? Não quer voar?

A ideia de voar numa tarde cheia de neve como aquela deixou Polo gelado. Era essencialmente um homem de gostos simples; tudo o que pedia da vida era o amor das filhas, um lar agradável e um bom preço de mercado para os pepinos.

— Nada de voar — ele disse.

Enquanto andava com passos arrastados para a porta, aparentemente o Yattering pensou em uma nova brincadeira de mau gosto. Voltou-se para Polo, obsequioso; mas evidentemente malicioso.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou.

— Fale.

— É justo informá-lo de que é considerado ímpio quem mantém qualquer contato com criaturas iguais a mim. Heresia mesmo.

— É mesmo?

— É sim — disse o Yattering, animando-se com sua profecia. — Muita gente já foi queimada por muito menos.

— Não nos nossos dias, na nossa época — respondeu Polo.

— Mas o Serafim vai saber — disse ele. — E isso significa que nunca poderá entrar naquele lugar.

— Que lugar?

O Yattering procurou lembrar a palavra especial dita por Belzebu.

— No céu — disse triunfante. Tinha nos lábios um sorriso feio; essa era a manobra mais inteligente que já havia tentado, uma questão teológica.

Jack acenou afirmativamente com a cabeça, mordendo o lábio inferior.

A criatura provavelmente estava dizendo a verdade; associação com ela ou com os da sua espécie não devia ser vista com agrado pelos Santos e Anjos. Provavelmente seu acesso aos planaltos do paraíso seria impedido.

— Muito bem — disse Polo afinal. — Sabe o que tenho dizer a respeito, não sabe?

O Yattering olhou para ele, franzindo a testa. Não, não sabia. Então, o sorriso de satisfação morreu quando percebeu exatamente onde Polo queria chegar.

— O que é que eu digo? — perguntou Polo.

Derrotado, o Yattering murmurou a frase.

— Che sera, sera.

Polo sorriu.

— Você ainda tem uma chance — disse Polo, entrando na casa e fechando a porta, com algo muito parecido com serenidade no rosto.

BLUES DO SANGUE DE PORCO

Podia-se sentir o cheiro dos garotos antes de vê-los, o suor jovem entranhado nos corredores com janelas gradeadas, o hálito azedo confinado, as cabeças mal lavadas. Então, suas vozes, reprimidas pelas regras do confinamento, puderam ser ouvidas.

Não corram! Não gritem! Não assobiem! Não briguem! chamava-se Centro de Remanejamento para Menores Delinquentes, mas na prática era mais uma maldita prisão. Havia cadeados e chaves e carcereiros. Os gestos de liberalidade eram poucos e infrequentes, e não disfarçavam a verdade; *Tetherdowne* era uma prisão, apesar do nome suave, e os seus ocupantes sabiam disso.

Não que Redman tivesse qualquer ilusão a respeito dos seus futuros alunos. Eram durões e estavam presos por algum motivo. A maior parte era capaz de roubar qualquer um que se aproximasse deles; de aleijar se tivesse vontade. Redman estava há muitos anos na força para acreditar na mentira sociológica. Conhecia as vítimas, conhecia os garotos. Não eram retardados mal-compreendidos, eram espertos, de mentes rápidas e amorais, como as lâminas que escondiam sob as línguas. Sentimento não tinha qualquer utilidade para eles, só queriam sair dali.

Bem-vindo a Tetherdowne.

O nome dela era Leverton Leverfall ou...

— Sou a Dra. Leverthal.

Leverthal, sim, era isso. A cadela perigosa que tinha conhecido em...

— Conhecemo-nos na entrevista.

— Sim.

— Estamos satisfeitos com sua presença, Sr. Redman.

— Neil; por favor, me chame de Neil.

— Procuramos não usar primeiros nomes na frente dos garotos, para que não tenham a impressão de se aproximar de nossas vidas privadas. Portanto, prefiro que deixe os nomes de batismo para as horas de folga.

A doutora não disse qual era seu primeiro nome. Provavelmente alguma coisa fria. Ivone. Lídia. Ele inventaria algo adequado. Ela parecia ter cinquenta anos e talvez tivesse dez menos. Não usava maquilagem, e o cabelo era tão puxado para trás que só por milagre os olhos não saltavam das órbitas.

— Vai começar a lecionar depois de amanhã. O superintendente pediu-me que lhe desse as boas-vindas em seu nome e apresentasse suas desculpas por não estar presente. Tem de tratar de problemas de fundos para a instituição.

— O eterno problema.

— Infelizmente sim. Estamos remando contra a maré; a atitude geral do país é muito orientada para a Lei e a Ordem.

O que queria dizer exatamente a frase elegante? Castigue duramente qualquer garoto apanhado atravessando a rua com o sinal fechado? Sim, ele também pensara assim há muitos anos, e se vira num obscuro beco sem saída, tão ruim quanto ser sentimental.

— O fato é que podemos perder Tetherdowne — disse ela —, o que será uma pena. Sei que não parece grande coisa...

...mas é nosso lar — disse ele rindo. A piada caiu no vazio. Ela pareceu nem ter ouvido.

— Você — a voz dele ficou mais áspera — você tem uma sólida experiência (teria ela dito insólita?) na área. Esperamos que sua indicação seja bem recebida pelas autoridades que mantêm a instituição.

Então era isso. Ex-policia serve de símbolo para aplacar os poderes vigentes, para mostrar energia no departamento de disciplina. Na verdade ele não era bem o que eles desejavam. Queriam um sociólogo que redigisse relatórios sobre o efeito do sistema de classes na brutalidade dos adolescentes. Calmamente, ela lhe estava dizendo que estava deslocado ali.

— Eu lhe disse por que deixei a polícia.

— Sim, mencionou alguma coisa. Invalidez, não foi?

— Não quis um trabalho de escritório, só isso; e não quiseram que eu continuasse fazendo o que faço melhor. Seria perigoso para mim, segundo alguns.

Ela aparentemente ficou um tanto embaraçada com a explicação. Como psicóloga que era, devia estar devorando suas palavras. Redman estava suas mágoas mais íntimas. Que diabo, estava sendo sincero.

— Assim, fui posto na rua depois de vinte e quatro anos — hesitou e depois disse — não sou um policial simbólico, nem sou também um policial típico. A força e eu nos separamos. Compreende o que estou dizendo?

— Ótimo, ótimo. — Ela não entendia nem uma maldita palavra. Redman tentou outra abordagem.

— Gostaria de saber o que disseram aos garotos.

— O que disseram?

— A meu respeito.

— Bem, alguma coisa da sua carreira.

— Entendo. — Então tinham sido avisados. Aí vêm os porcos.

— Achamos que era importante.

Ele rosnou.

— Compreenda, muitos desses garotos têm problemas de agressividade. E uma fonte de dificuldades para muitos deles. Não podem se controlar, portanto, sofrem.

Redman nada disse, mas a mulher olhou severamente para ele, como se tivesse apresentado alguma objeção.

— Oh, sim, eles sofrem. Por isso nos esforçamos tanto para demonstrar interesse por sua situação, procuramos mostrar que existem alternativas.

Ela foi até a janela. Do segundo andar tinham uma boa vista do terreno. Tetherdowne tinha sido uma grande propriedade particular com muito terreno em volta. Campo de esportes, a grama amarelada com a seca do verão. Mais adiante um grupo de privadas externas, algumas árvores cansadas, arbustos, e depois só terra até o muro. Redman tinha visto o muro do lado de fora. Alcatraz se orgulharia dele.

— Tentamos dar a eles um pouco de liberdade, um pouco de instrução e simpatia. A ideia generalizada é de que os delinquentes gostam das suas atividades criminosas, não é mesmo? Mas não é o que diz minha experiência. Eles vêm a mim com sentimento de culpa, arrasados...

Um das vítimas arrasadas fez rapidamente um V com os dedos; às costas de Leverthal, quando passou pelo corredor. Tinha o cabelo grudado na cabeça, com três repartidos. Algumas tatuagens de implantação caseira, incompletas, no antebraço.

— Entretanto, cometeram atos criminosos — disse Redman.

— Sim, mas...

— E, sem dúvida, precisam não se esquecer disso.

— Acho que não precisam ser lembrados, Sr. Redman. Acho que se consomem com sentimento de culpa.

Era uma entusiasta da culpa, o que não o surpreendeu. Esses analistas assumiram os púlpitos, de onde costumavam falar os manuseadores da Bíblia, com sermões antiquados sobre o fogo do inferno, mas com um vocabulário menos colorido. Basicamente, porém, era a mesma história, completa com as promessas de cura, se os rituais fossem observados. “E não se esqueçam: os justos herdarão o reino do céu.”

Redman viu que estava havendo uma perseguição no campo de esportes. Perseguição e agora uma captura. Uma vítima estava com o pé sobre a outra vítima, menor; um espetáculo impiedoso.

Leverthal viu a cena ao mesmo tempo em que Redman.

— Desculpe-me. Preciso...

Ela começou a descer a escada.

— Sua oficina fica na terceira porta à esquerda se quiser dar uma olhada — disse ela, sobre o ombro. — Volto num minuto.

Uma ova que voltaria. A julgar pelo progresso da cena lá embaixo, seriam necessárias três alavancas para separar os dois.

Redman foi até a oficina. A porta estava trancada, mas através do vidro viu as bancadas, os tronos, as ferramentas. Nada mau. Podia até ensinar algum trabalho em madeira, se lhe dessem tempo suficiente.

Um pouco frustrado por não poder entrar na oficina, voltou pelo corredor e desceu a escada, encontrando facilmente o caminho para o campo ensolarado. Um pequeno grupo de espectadores rodeava o lugar da luta, ou do massacre, que já tinha terminado, Leverthal, de pé, olhava para o garoto no chão. Um dos guardas estava ajoelhado perto da cabeça do menino; os ferimentos pareciam graves.

Alguns dos espectadores olharam para a cara nova quando Redman se aproximou. Houve cochichos, alguns sorrisos.

Redman olhou para o garoto. Dezesesseis anos talvez. Estava deitado com o rosto no chão, como se escutasse alguma coisa na terra.

— Lacey — Leverthal disse o nome do menino.

— Está muito ferido?

O homem ajoelhado perto de Lacey balançou a cabeça;

— Não muito. Uma briguinha. Nada quebrado.

O rosto do garoto estava sujo de sangue que saía do nariz amassado. Os olhos fechados. Tranquilo. Era como se estivesse morto.

— Onde está a maldita maca? — disse o guarda. Evidentemente não se sentia confortável, ajoelhado no chão duro.

— Estão vindo, senhor — disse alguém.

Redman achou que aquele era o agressor. Um garoto magro, dezenove anos mais ou menos. O tipo de olhos que azeda o leite a vinte passos.

Um pequeno grupo de garotos saía agora do prédio principal, carregando uma maca e um cobertor vermelho. Todos com um sorriso de orelha a orelha.

O grupo de espectadores começou a se dispersar, agora que o melhor tinha terminado. Não era muito divertido apanhar os pedaços.

— Esperem, esperem — disse Redman — não vamos precisar de algumas testemunhas? Quem fez isto?

Alguns descuidados erguer de ombros, mas a maioria deles fez-se de surda. Afastaram-se lentamente, como se ninguém tivesse falado.

Redman disse:

— Nós vimos. Da janela.

Leverthal não ofereceu qualquer ajuda.

— Não vimos? — perguntou Redman, voltando-se para ela.

— Acho que estávamos muito longe para culpar alguém. Mas não quero mais ver esse tipo de agressão, vocês entenderam?

Ela havia visto Lacey e o reconheceu de longe. Por que não o atacante também? Redman culpou-se por não ter prestado atenção; sem nomes e personalidades para completar os rostos, era difícil distinguir entre eles. O risco de uma acusação falsa era grande, embora estivesse quase certo de que fora o garoto com olhos de azedar leite. Não era hora de cometer erros, pensou. Tinha de deixar a coisa como estava.

Leverthal parecia indiferente à coisa toda.

— Lacey — disse ela em voz baixa — sempre Lacey.

— Ele pede para apanhar — disse um dos garotos que carregava a maca, afastando uma mecha de cabelos louros dos olhos — ele não sabe das coisas.

Ignorando a observação, Leverthal orientou a colocação de Lacey na maca e começou a andar para o prédio principal com Redman atrás dela. Tudo parecia tão casual!

— Não é muito bom da cabeça, o Lacey — disse ela, quase como explicação; e isso foi tudo. Nenhuma compaixão.

Redman olhou para trás quando enrolaram o cobertor vermelho no corpo imóvel de Lacey. Duas coisas aconteceram, quase simultaneamente.

A primeira: alguém no grupo disse “aquele é o porco”

A segunda: Lacey abriu os olhos e os fixou em Redman, arregalados, claros e reais.

Redman passou boa parte do dia seguinte arrumando a oficina. Muitas ferramentas estavam quebradas ou danificadas por mãos inexperientes; serras sem dentes, talhadeiras lascadas e sem corte, tornos quebrados. Ia precisar de dinheiro para reabastecer a oficina com as ferramentas básicas da profissão, mas não era hora de começar a fazer pedidos. Convinha esperar e fazer um trabalho

decente. Conhecia bem a política das instituições; a polícia estava cheia dela.

Às quatro e meia um sino começou a tocar, bem distante da oficina. Redman o ignorou, mas, depois de algum tempo, o instinto o dominou. Sinos eram alarmes, e alarmes eram tocados para alertar as pessoas. Deixou o trabalho de arrumação, trancou a porta da oficina e seguiu seus ouvidos.

O sino estava tocando no que chamavam zombeteiramente de Unidade Hospitalar, dois ou três quartos separados do bloco principal e decorados com alguns quadros e cortinas. Não havia sinal de fumaça, portanto não se tratava de incêndio. Mas ouviu gritos. Mais do que gritos. Verdadeiros uivos.

Apressou o passo nos corredores intermináveis e quando virou uma esquina, caminhando na direção da Unidade, uma figura pequena colidiu com ele. O impacto tirou o fôlego de ambos, mas Redman agarrou o garoto pelo braço, antes que ele pudesse fugir. O menino reagiu rapidamente, chutando a canela de Redman com os pés descalços. Mas Redman o segurou com firmeza.

— Me solta, seu filho da...

— Calma, calma!

Os perseguidores estavam próximos.

— Segura ele!

— Porra! Porra! Porra!

— Segura ele!

Era como lutar com um crocodilo; o garoto tinha toda a força do medo. Mas o melhor da sua fúria tinha-se esgotado. As lágrimas inundavam-lhe os olhos contundidos, enquanto cuspiu no rosto de Redman. Era Lacey nos seus braços, Lacey, o de cabeça não muito boa.

— Tudo bem. Nós o pegamos.

Redman recuou, cedendo a vez ao guarda que, com uma chave de braço, parecia prestes a quebrar os ossos do rapaz. Três outras caras apareciam agora. Dois garotos e um enfermeiro, uma criatura nada atraente.

— Me solta... Me solta... — Lacey gritava, mas tinha perdido toda a disposição para a luta. A derrota punha um ar amuado no seu

rosto, mas os olhos bovinos voltaram-se acusadores para Redman, grandes e castanhos. Parecia ter menos de dezesseis anos, quase no início da adolescência. Tinha a sugestão de uma penugem no tosto e um pouco entre as contusões e um curativo malfeito no nariz. Mas era um rosto quase feminino, um rosto de virgem, do tempo em que ainda existiam virgens. Contudo, lá estavam os olhos.

Leverthal apareceu, tarde demais para fazer qualquer coisa.

— O que está acontecendo?

O guarda falou com voz esganiçada. A corrida tinha acabado com seu fôlego e sua paciência.

— Ele se trancou no banheiro. Tentou sair pela janela.

— Por quê?

A pergunta foi feita ao guarda, não ao garoto. Uma confusão reveladora. O guarda, embaraçado, deu de ombros.

— Por quê? — Redman repetiu a pergunta, dirigindo-se a Lacey.

O garoto olhava com vaguidão, como se não lhe tivessem feito qualquer pergunta..

— Você que é o porco? — perguntou de repente, o ranho escorrendo do nariz.

— Porco?

— Ele quer dizer polícia — disse um dos garotos. A palavra foi dita com precisão zombeteira, como se estivesse falando com um imbecil.

— Eu sei o que quer dizer, garoto — disse Redman, procurando ainda fazer Lacey baixar os olhos. — Sei muito bem o que quer dizer.

— Você é?

— Fique quieto, Lacey — disse Leverthal — já arranjou muita encrenca.

— Sim, filho. Eu sou o porco.

A guerra de olhares continuou, uma batalha particular entre o garoto e o homem.

— Você não sabe de nada — disse Lacey. Não era uma observação maliciosa; o garoto simplesmente estava contando sua versão da verdade. Não desviou os olhos.

— Tudo bem, Lacey, agora chega. — O guarda tentava arrastá-lo dali; a barriga dele aparecia entre o paletó e a calça do pijama, uma abóbada macia de pele branca.

— Deixe ele falar — disse Redman. — O que é que eu não sei?

— Ele pode contar seu lado da história para o Superintendente — disse Leverthal, antes que Lacey pudesse responder. — Não interessa a você.

Mas interessava muito. Aquele olhar fazia com que fosse da sua conta; tão penetrante, tão trágico. Aquele olhar exigia que fosse da sua conta.

— Deixe o garoto falar — disse Redman, a autoridade. na sua voz calando Leverthal. O guarda afrouxou um pouco a chave de braço.

— Por que tentou fugir, Lacey?

— Porque ele voltou.

— Quem voltou? Diga o nome Lacey. De quem está falando?

Durante alguns segundos, Redman percebeu que o garoto lutava contra um pacto de silêncio; então o rapaz balançou a cabeça, desfazendo o intercâmbio elétrico entre eles. Era como se tivesse perdido o caminho; uma espécie de perplexidade o amordaçou.

— Não vai acontecer nada a você.

Lacey olhou para os pés, franzindo a testa.

— Quero voltar para a cama agora — disse. O pedido de uma virgem.

— Não vai acontecer nada, Lacey, eu prometo.

A promessa não pareceu surtir efeito; Lacey estava mudo. Mas, de qualquer modo, era uma promessa, e Redman esperava que Lacey compreendesse isso. O garoto parecia exausto pelo esforço da fuga malograda, da perseguição, e por ter sustentado o olhar de Redman. Seu rosto estava pálido. Deixou que o guarda o virasse, levando-o de volta à Unidade Hospitalar. Mas antes de virar a esquina do corredor, aparentemente mudou de opinião; lutou para se libertar, não conseguiu, apenas ficou de frente para seu interrogador outra vez.

— Hennessey — ele disse, mais uma vez com os olhos nos de Redman.

E foi tudo. Desapareceu antes de poder dizer qualquer outra coisa.

— Henessey? — disse Redman, de repente sentindo-se um estranho. — Quem é Henessey?

Leverthal estava acendendo um cigarro. Suas mãos tremiam levemente. Redman não havia notado o tremor na véspera, mas não se surpreendeu. Não conhecia psicanalista algum que não tivesse problemas particulares.

— O garoto está mentindo — disse ela. — Henessey não está mais conosco.

Uma pequena pausa. Redman nada disse. Só serviria para deixá-la nervosa.

— Lacey é esperto — continuou ela, levando o cigarro aos lábios sem cor. — Ele conhece o ponto exato.

— Como?

— Você é novo aqui, e ele quer dar a impressão de ser dono de um mistério só seu.

— Então, não é um mistério?

— Henessey? — ela fungou com desprezo. — Meu Deus, não. Ele fugiu da custódia no começo de maio. Ele e Lacey... — Ela hesitou, contra a vontade — Havia alguma coisa entre ele e Lacey. Drogas talvez, nunca descobrimos. Cheirar cola, masturbação mútua, só Deus sabe o quê.

Sem dúvida o assunto era desagradável pára ela. A repugnância aparecia em vários músculos tensos do seu rosto.

— Como foi que Henessey fugiu?

— Ainda não sabemos. Simplesmente não apareceu na chamada da manhã. Revistamos o lugar de cima a baixo. Mas ele tinha desaparecido.

— É possível que tenha voltado?

Uma risada genuína.

— Jesus, não. Ele odiava este lugar. Além disso, como ia entrar?

— Ele saiu.

Leverthal concedeu o ponto com um murmúrio.

— Ele não era muito inteligente, mas era astucioso. Não fiquei surpresa quando demos por sua falta. Poucas semanas antes da fuga ele se fechou completamente. Eu não conseguia uma palavra dele, mas até então costumava falar bastante.

— E Lacey?

— Completamente dominado pelo outro. É comum. Garoto mais novo adora o mais velho, mais experiente. Lacey vem de um ambiente familiar muito instável.

Perfeito, pensou Redman. ‘tão perfeito que não acreditava numa só palavra. Mentes humanas não eram quadros em exibição, numerados e postos na parede em ordem de influência, um com a marca “Astucioso”, o seguinte “Impressionável”. Eram sim rabiscos; borrifos espalhados de *graffiti*, imprevisíveis, que não podem ser confinados.

E o garotinho Lacey? Esse era escrito sobre água.

As aulas começaram no dia seguinte, com um calor tão opressivo que a oficina, às onze horas, era um verdadeiro forno. Mas os garotos responderam rapidamente ao modo direto de Redman. Viam nele um homem que podiam respeitar, mesmo não gostando dele. Não esperavam favores, e não receberam nenhum. Era um arranjo estável.

De um modo geral. Redman achou o pessoal da instituição menos comunicativo do que os garotos. Um bando estranho. Nenhum espírito forte entre eles, resolveu Redman. A rotina de Tetherdowne, os rituais de classificação, de humilhação, pareciam moer a todos, transformando-os em uma única espécie de cascalho. Passou a evitar cada vez mais as conversas com seus iguais. A oficina era seu santuário, o lar longe do lar, cheirando a madeira recém-cortada e a humanidade.

Só na segunda-feira seguinte um dos rapazes mencionou a fazenda.

Ninguém dissera a Redman que havia uma fazenda na instituição, e a ideia parecia absurda.

— Quase ninguém vai lá agora — disse Creeley, um dos piores carpinteiros deste mundo de Deus. — Ela fede.

Risos generalizados.

— Tudo bem, garotos, fiquem quietos.

As risadas pararam, com algumas piadinhas cochichadas no meio.

— Onde fica essa fazenda, Creeley?

— Não é uma fazenda de verdade, senhor — disse Creeley, mastigando a língua (uma rotina incessante). — Só alguns barracos. E fedem, senhor. Especialmente agora.

Apontou, através da janela, para o terreno além do campo de esportes. Desde que Redman o havia visto pela primeira vez, quando falava com Leverthal, o terreno abandonado tinha brotado no calor escaldante, e estava mais cheio de mato do que nunca. Creeley apontou para um distante muro de tijolos, quase completamente escondido por um escudo de arbustos.

— Está vendo, senhor?

— Sim, estou vendo.

Mais risadinhas.

— Qual é a graça?— voltou-se para a classe. Uma dúzia de cabeças curvaram-se sobre o trabalho.

— Eu não iria até lá, senhor. Aquele muro é tão alto como a porra de uma pipa.

Creeley não estava exagerando. Mesmo no frescor do fim de tarde, o cheiro que vinha da fazenda era de virar o estômago. Redman só teve de seguir o nariz, o campo e passando pelos anexos. As construções que janela da oficina saíam do esconderijo agora. Alguns barracos de ferro retorcido e madeira podre, um galinheiro e o chão de tijolos era tudo que a fazenda tinha para oferecer. Como Creeley tinha dito, não era bem uma fazenda. Era como fosse um pequeno Dachau doméstico, imundo e abandonado. Obviamente alguém alimentava os poucos prisioneiros: galinhas, a meia dúzia de gansos e os porcos, mas aparentemente não se davam ao trabalho de fazer limpeza. Daí o cheiro de podridão. Os porcos, especialmente, viviam numa cama de excremento, ilhas de esterco cozido ao sol com perfeição e povoadas por milhares de moscas.

O chiqueiro propriamente dito dividia-se em dois compartimentos separados por um alto muro de tijolos. Na parte anterior de um deles um leitão malhado estava deitado na

imundície, seu corpo cheio de parasitas e moscas. Outro, menor, podia ser visto na parte mais escura da divisão, deitado na palha grossa de excremento. Nenhum dos dois se interessou por Redman.

O outro compartimento parecia vazio.

Não havia excremento na parte da frente, descoberta, e era menor o número de moscas entre a palha. Entretanto o cheiro acumulado de matéria fecal não era menos penetrante, e Redman ia se afastar dali quando ouviu um barulho lá dentro, e um vulto grande se levantou no escuro. Redman inclinou-se sobre a porta trancada de madeira, ignorando o fedor por um ato de força de vontade e espiou para o interior do chiqueiro.

O porco saiu para vê-lo. Era três vezes maior do que os outros, uma vasta leitoa, talvez a mãe dos leitões no outro compartimento. Mas, enquanto a cria era imunda, a porca cintilava de limpeza, o corpo rosa escuro radiante de saúde. O tamanho dela impressionou Redman. Devia ter o dobro do peso dele, calculou; uma criatura formidável. A seu modo grosseiro, um animal com certo encanto, as pestanas douradas e curvas e a penugem delicada no focinho, engrossando em cerdas em volta das orelhas, e o olhar oleoso, atraente dos olhos marrons escuros.

Redman, um homem da cidade, raramente tivera oportunidade de ver a verdade por detrás, ou anterior a carne no seu prato. Aquela porca maravilhosa era uma revelação. A ideia pejorativa que sempre tivera sobre porcos, a fama que fazia daquele nome sinônimo de imundície, tudo era desmentido por ela.

A porca era linda, desde o focinho fungador até o rabo em parafuso, uma sedutora com patas de porco.

Os olhos do animal observaram Redman como um igual, ele estava certo disso, admirando-o menos do que ele a admirava.

Ela estava segura de si, ele também. Eram iguais sob o céu brilhante.

De mais perto, o corpo dela tinha um cheiro adocicado. Evidentemente alguém a havia escovado e alimentado naquela manhã. A manjedoura tinha ainda os restos da comida da véspera. Intocados. A leitoa, pelo visto, não era gulosa.

Depois de algum tempo, ela aparentemente ficou satisfeita com a análise que fizera e, roncando baixinho, virou-se nos pés ágeis e voltou para o interior mais fresco do compartimento. A audiência estava terminada.

Naquela noite ele foi procurar Lacey. O garoto fora removido da Unidade Hospitalar e estava sozinho num quarto. Aparentemente continuava a ser atormentado pelos outros garotos no dormitório, e a alternativa era esse confinamento solitário. Redman o encontrou sentado num tapete de velhas revistinhas infantis, olhando para a parede. Os desenhos fortemente coloridos nas capas das revistas faziam seu rosto parecer mais pálido do que nunca. Não tinha mais o curativo no nariz, e a equimose começava a amarelar.

Redman apertou a mão de Lacey, e o garoto ergueu os olhos para ele. Olhos muito diferentes agora. Lacey estava calmo, dócil mesmo. O aperto de mão, um ritual introduzido por Redman sempre que encontrava os garotos fora da oficina, foi fraco.

— Você está bem?

O garoto fez um gesto afirmativo.

— Gosta de ficar sozinho?

— Sim, senhor.

— Logo vai ter de voltar ao dormitório.

Lacey balançou a cabeça.

— Não pode ficar aqui para sempre, sabe disso.

— Oh, eu sei, senhor.

— Terá de voltar.

Lacey fez outro gesto afirmativo. Era como se a lógica não tivesse penetrado seu entendimento. Virou o canto de uma revistinha do Super-homem e olhou as figuras sem atenção.

— Escute, Lacey. Quero me dar bem com você. Certo?

— Sim, senhor.

— Não posso ajudá-lo se você mentir para mim. Posso?

— Não.

— Por que mencionou o nome de Kevin Hennessey na semana passada? Sei que ele não está mais aqui. Ele fugiu, não foi?

Lacey olhou para o herói em três cores na revistinha.

— Não fugiu?

— Ele está aqui — disse Lacey em voz baixa.

O garoto de repente ficou confuso. Redman percebia pela voz e pelo rosto dele.

— Se ele fugiu, por que ia voltar? Para mim isso não faz muito sentido, o que você acha?

Lacey balançou a cabeça. Os ferimentos no nariz abafavam as palavras, mas elas saíram suficientemente claras.

— Ele nunca foi embora.

— O quê? Quer dizer que ele não fugiu?

— Ele é esperto, senhor. Não conhece Kevin. Ele é esperto.

Fechou a revista e olhou para Redman.

— Esperto como?

— Ele planejou tudo, senhor. Tudo.

— Tem de me explicar.

— Não vai acreditar em mim. Então isso é perder tempo, porque não vai mesmo acreditar... Ele pode ouvir o senhor agora, ele está em toda parte. Não se importa com paredes. Os mortos não se importam com essas coisas.

Morto. Uma pequena palavra, pouco maior do que vivo, mas que tirou o fôlego de Redman.

— Ele pode ir e vir — disse Lacey — quando bem entender.

— Está dizendo que Hennessey está morto? — perguntou Redman. Tome cuidado Lacey!

O garoto hesitou; sabia que estava numa corda bamba, arriscando-se a perder seu protetor.

— O senhor prometeu — disse de repente, a voz fria como gelo.

— Prometi que nada de mal ia acontecer a você. Eu prometi e é verdade. Mas isso não quer dizer que me pode contar mentiras, Lacey.

— Que mentiras, senhor?

— Hennessey não está morto.

— Está, senhor. Todos sabem que está. Ele se enforcou. Lá no chiqueiro.

Redman já tinha ouvido muitas mentiras contadas por especialistas e considerava-se um bom juiz de mentirosos. Conhecia

todos os sinais reveladores. Mas não via nenhum no garoto. Ele estava dizendo a verdade. Redman sentia nos próprios ossos.

A verdade, toda a verdade, nada além da verdade.

Isso não significava que o que ele dizia era verdadeiro. Estava simplesmente dizendo a verdade que ele via. Ele acreditava que Hennessey estava morto. Isso nada provava.

— Se Hennessey estivesse morto...

— Ele está senhor.

— Se estivesse, como podia estar aqui?

O garoto olhou para Redman, sem qualquer traço de malícia no rosto.

— Não acredita em fantasmas, senhor?

A solução era tão transparente que deixou Redman confuso. Hennessey estava morto, mas Hennessey estava ali. Logo, Hennessey era um fantasma.

— Não acredita, senhor?

Não era uma pergunta retórica. Ele queria, não, ele exigia uma resposta razoável para sua pergunta razoável.

— Não, garoto — disse Redman. — Não acredito.

Lacey aparentemente não se impressionou com o conflito de opiniões.

— Vai ver — disse simplesmente. — Vai ver.

No chiqueiro, ao final do terreno, a grande porca sem nome estava com fome.

Ela acompanhava o ritmo dos dias e, com sua progressão, os desejos cresciam. Sabia que não era mais tempo para restos azedos de comida. Outros apetites haviam substituído esses prazeres suínos.

Desde a primeira vez, adquiriu o gosto por alimento com uma certa textura, uma certa ressonância. Não era exatamente comida o que exigia o tempo todo, só quando sentia necessidade. Não pedia muito: uma vez ou outra, apetecia-lhe engolir a mão que a alimentava.

Estava na porta da sua prisão, inquieta com a expectativa, esperando, esperando. Bufava, rosnavava, a impaciência transformando-se em fúria. No chiqueiro ao lado, os filhos

castrados, sentindo sua inquietação, agitavam-se. Conheciam a natureza dela, sabiam que era perigosa. Afinal, tinha comido dois dos seus irmãos, vivos, novos, molhados ainda do seu útero.

Ouviu, então, o barulho através do véu azul do cair da noite, o som suave da passagem de alguém pelo mato rasteiro, acompanhado do murmúrio de vozes.

Dois garotos aproximavam-se do chiqueiro, tímidos e cuidadosos a cada passo. Ela os deixava nervosos, o que era compreensível. As histórias dos seus truques eram sem conta.

Por acaso ela não falava, quando irritada, com aquela voz possessa, contorcendo a boca gorda, suma, para falar com língua de gente? Não ficava às vezes de pé nas patas traseiras, rosada e imperial, exigindo que os garotos menores fossem postos no chiqueiro para mamar em suas tetas, nus, como se fossem crias suas? E por acaso não batia com os cascos no chão até a comida que traziam estar cortada em *petits morceaux* e posta na sua boca, segurada entre polegar e indicador trêmulos? Todas essas coisas ela fazia.

E pior ainda.

Nessa noite, os garotos sabiam, não estavam levando o que ela queria. Não era a carne a que tinha direito que estava no prato nas mãos deles. Não era a carne doce e branca que havia pedido com aquela sua outra voz, a carne que, se ela quisesse, poderia conseguir à força. Nessa noite a refeição era simplesmente bacon algo passado, que fora roubado da cozinha. O alimento que ela realmente desejava, a carne que fora perseguida e apavorada para alentar os músculos, depois batida como um bife para seu deleite, essa carne estava sob proteção especial. Levaria algum tempo até que eles pudessem levá-la ao abatedouro.

Enquanto isso esperavam que ela aceitasse suas desculpas e suas lágrimas e que não os devorasse na sua fúria.

Um dos garotos tinha evacuado nas calças quando chegou ao chiqueiro, e a porca sentiu o cheiro dele. Sua voz soou com timbre diferente, deliciando-se com o estímulo do medo deles. Em vez do ronco baixo, ouviram uma nota mais alta, mais quente. Dizia: eu sei, eu sei. Venham ser julgados. Eu sei, eu sei.

Ela os observou através das tábuas do portão, os olhos cintilando como pedras preciosas na noite escura, mais brilhantes do que à noite, porque vivos, mais puros do que à noite, porque cheios de desejo.

Os garotos ajoelharam-se perto do portão, as cabeças inclinadas para a frente, em súplica, a travessa que dois deles seguravam coberta com um pedaço de pano fino e manchado.

— Muito bem? — disse ela.

A voz era inconfundível para eles. A voz dele, saindo da boca da leitoa.

O mais velho, um garoto negro com lábio leporino, falou em voz baixa para os olhos cintilantes, dominando o medo:

— Não é o que você queria. Desculpe-nos.

O outro garoto, pouco à vontade com a calça suja, murmurou desculpas também.

— Mas, vamos conseguir, vamos mesmo. Vamos trazê-lo logo, logo que for possível.

— Por que não esta noite? — perguntou a porca.

— Ele está sendo protegido.

— Pelo novo professor. O Sr. Redman.

A porca aparentemente já sabia. Lembrou-se do confronto, do modo como ele a havia olhado, como se ela fosse um espécime do zoológico. Então aquele era o inimigo, aquele velho. Ela o teria também. Era mais do que certo.

Os garotos ouviram a promessa de vingança, satisfeitos porque o problema estava fora das suas mãos.

— Dê a carne para ela disse o garoto negro.

O outro levantou-se e tirou o pano da travessa. O bacon cheirava mal, mas a porca mesmo assim fez ruídos úmidos de entusiasmo. Talvez ela os tivesse perdoado.

— Vamos, rápido.

O garoto segurou a primeira tira de bacon entre polegar e indicador e estendeu a mão. A porca apanhou o bacon com o lado da boca e mastigou, mostrando os dentes amarelados. Engoliu depressa.. O segundo, o terceiro, o quarto, o quinto, a mesma coisa.

O sexto e último pedaço ela abocanhou com os dedos dele, com tamanha elegância e rapidez que o garoto só gritou quando os dentes do animal se fecharam sobre os dedos magros e ela os engoliu. Ele tirou a mão de cima do muro do chiqueiro, olhando boquiaberto para a mutilação. Considerando as circunstâncias, o dano não era muito grande. A ponta do polegar e metade do indicador tinham desaparecido. Os ferimentos sangravam muito, sujando-lhe a camisa e os sapatos. A porca roncou e bufou, aparentemente satisfeita.

O garoto deu um grito e correu:

— Amanhã disse a porca para o outro suplicante. — Não esta carne velha de porco. Tem de ser branca. Branca e... rendada. — A porca achou ótima sua própria piada.

— Sim — disse o garoto. Sim, é claro.

— Sem falta! — ordenou ela.

— Sim.

— Ou eu mesma vou buscar. Ouviu bem?

— Sim.

— Eu mesma vou buscar, onde quer que ele esteja escondido. Vou comê-lo na cama, se quiser. Enquanto ele dorme, como seus pés, depois as pernas, depois seus testículos, depois seus quadris...

— Sim, sim.

— Eu quero ele — disse a porca, raspando a palha com o casco.
— Ele é meu.

— Henessey morto? — disse Leverthal, a cabeça abaixada, sem parar de escrever um dos seus intermináveis relatórios. — Outra invenção. Uma hora o garoto diz que ele está no Centro, na outra diz que está morto. Nem consegue inventar direito uma história.

Era difícil argumentar com as contradições, a não ser aceitando a ideia dos fantasmas, como acontecia com Lacey. De modo nenhum Redman ia discutir esse assunto com a mulher. Essa parte era absurda. Fantasmas eram tolices; apenas medos tornados visíveis. Mas a possibilidade do suicídio de Henessey fazia sentido para Redman. Pressionou com esse argumento.

— Então, onde foi que Lacey arranjou essa história, sobre a morte de Henessey? Uma invenção estranha...

Ela dignou-se a erguer os olhos, o rosto fechado como um caramujo na concha.

— Imaginações férteis são comuns por aqui. Se ouvisse as histórias que tenho gravadas, o exotismo de algumas ia estourar seus miolos.

— Houve algum suicídio aqui?

— No meu tempo? — pensou por um momento, a caneta no ar.

— Duas tentativas. Nenhuma delas, eu acho, com a firme intenção de sucesso. Chamados de socorro.

— Henessey foi um deles?

Com um pequeno sorriso irônico ela balançou a cabeça.

— Henessey era instável; mas de um modo completamente diferente. Pensava que ia viver para sempre. Esse era seu pequeno sonho: Henessey, o Super.homem de Nietzsche. Tinha algo parecido com desprezo pelo rebanho comum. Na sua opinião, fazia parte duma raça especial. Tão distante do resto de nós, meros mortais, quanto daquela horrível...

Redman sabia que ela ia dizer leitoa, mas parou sem terminar a frase...

— ... aqueles pobres animais na fazenda — disse ela, olhando outra vez para o relatório.

— Henessey passava muito tempo na fazenda?

— Não mais do que qualquer outro — mentiu ela. — Nenhum deles gosta do trabalho da fazenda, mas faz parte das atribuições dos garotos. Limpar chiqueiro não é uma ocupação agradável. Eu que o diga.

A mentira que de pronto havia reconhecido fez com que Redman não falasse do último detalhe da história de Lacey, que a morte de Henessey tinha ocorrido no chiqueiro. Deu de ombros e mudou de assunto.

— Lacey está tomando algum remédio?

— Alguns sedativos.

— Os garotos são sempre sedados depois de uma briga?

— Só quando tentam fugir. Não temos pessoal suficiente para supervisionar garotos como Lacey. Não sei por que está tão preocupado.

— Quero que ele confie em mim. Eu prometi. Não quero desapontá-lo.

— Francamente, tudo isso está me parecendo proteção especial. O garoto é um entre muitos. Não existem problemas únicos nem esperança especial de redenção.

— Redenção? — Uma palavra estranha.

— Reabilitação, seja lá como quiser chamar. Escute, Redman, vou ser franca. A impressão geral é de que você realmente não está do nosso lado.

— Oh?

— Nós todos sentimos, e sei que isso inclui o Superintendente, que você devia deixar que continuássemos o trabalho como estamos acostumados. Procure aprender nossos métodos antes de começar a...

— Interferir.

Ela fez um gesto afirmativo.

— Uma palavra tão boa quanto outra qualquer. Você está fazendo inimigos.

— Obrigado pelo aviso.

— Este nosso trabalho já é difícil sem inimigos, acredite-me.

Ela tentou um olhar conciliatório que Redman ignorou. Com inimigos ele sabia conviver, com mentirosos não.

A sala do Superintendente estava trancada há uma semana. Explicações sobre seu paradeiro eram as mais diversas. Reuniões com as entidades financiadoras era a favorita entre o pessoal do Centro, embora a secretária afirmasse que não sabia ao certo. Estava havendo uma série de seminários na universidade, dirigida por ele, disse alguém, para pesquisas que seriam úteis na solução dos problemas dos Centros. Talvez o Superintendente estivesse assistindo aos seminários. Se o Sr. Redman quisesse, podia deixar um recado, que seria transmitido ao chefe assim que possível.

Quando voltou para a oficina, Lacey estava à sua espera. Eram quase sete e quinze da noite; as aulas haviam terminado há muito tempo.

O que está fazendo aqui?

Esperando, senhor.

— Esperando o que?

— O senhor. Queria entregar esta carta, senhor. Para minha mãe. Pode mandar para ela?

— Pode mandar pelos canais normais, não pode? Dê-a a secretária, que ela a envia para você. Sabe que tem direito a duas cartas por semana.

O rosto de Lacey se contraiu.

— Eles leem as cartas, senhor, para o caso de a gente escrever alguma coisa que não deve. E se a gente escreve, eles queimam as cartas.

— E você escreveu alguma coisa que não deve?

Ele fez um gesto afirmativo.

— O quê?

— Sobre Kevin. Conte para ela tudo sobre Kevin, sobre o que aconteceu com ele.

— Não tenho certeza de que você entendeu bem os fatos sobre Hennessey.

O garoto deu de ombros.

— E verdade, senhor — disse em voz baixa, aparentemente não se importando mais em convencer Redman. — E verdade. Ele está lá, senhor. Dentro dela.

— Dentro de quem? Do que está falando?

Talvez Lacey estivesse falando, como Leverthal tinha sugerido, instigado apenas pelo medo. Tinha de estabelecer um limite em sua paciência para com aquele garoto.

Uma batida na porta e Redman viu um indivíduo de cara manchada, chamado Slape espiando pelo vidro.

— Entre.

— Telefonema urgente para o senhor, no escritório da secretária.

Redman detestava telefones. Máquina horrível. Nunca trazia boas notícias.

— Urgente? Quem é?

Slape deu de ombros e espremeu uma espinha no rosto.

— Fique aqui com Lacey, está bem?

Slape não parecia muito feliz com a perspectiva.

— Aqui, senhor?

— Aqui.

— Sim, senhor.

— Estou confiando em você, portanto, não me desaponte.

— Não, senhor.

Redman voltou-se para Lacey. A aparência magoada era agora uma ferida. Aberta, quando ele começou a chorar.

— Está bem. Dê-me a carta. Eu a levo ao escritório.

Lacey tinha enfiado o envelope no bolso. Tirou-o relutantemente, entregando-o a Redman.

— Diga obrigado.

— Obrigado, senhor.

Os corredores estavam vazios.

Era hora da televisão, e a adoração noturna da caixa mágica tinha começado. Todos deviam estar grudados no aparelho branco e preto que dominava a sala de recreação, absortos nos filmes policiais, programas de auditório e nas guerras espaciais, as bocas abertas, as mentes fechadas. Um silêncio hipnótico descia sobre todos até aparecer a promessa de violência ou a sugestão de sexo. Então o salão explodia em assobios, obscenidades e gritos de encorajamento, voltando ao silêncio durante os diálogos, enquanto esperavam outra arma, outro seio a mostra. Redman ouvia tiros e música ecoando no corredor.

O escritório estava aberto, mas a secretária não estava lá. Provavelmente tinha ido para casa. O relógio do escritório marcava oito e dezoito. Redman acertou seu relógio de pulso.

O telefone estava no gancho. Fosse quem fosse que tinha telefonado, na certa cansou de esperar e não deixou qualquer recado. Aliviado com a ideia de que não devia ser tão urgente, ficou ao mesmo tempo desapontado por não falar com o mundo exterior. Como Crusoé, vendo uma vela passando ao largo de sua ilha.

Ridículo, não estava preso ali. Podia sair quando quisesse. Daria um passeio naquela noite, deixando de ser Crusoé.

Pensou em deixar a carta de Lacey na mesa, mas mudou de ideia. Tinha prometido defender os interesses do garoto e era o que ia fazer. Se necessário, ele mesmo poria a carta no correio.

Voltou para a oficina, sem pensar em nada especial. Vagas sugestões inquietantes flutuavam em sua cabeça, prejudicando suas reações. Suspiros chegavam-lhe a garganta, sua testa franzia. Este lugar maldito, disse em voz alta, não se referindo as paredes ou ao assoalho, mas a armadilha que representavam. Sentia que podia morrer ali com suas boas intenções arrumadas em volta dele, como flores num caixão, e ninguém ia saber, nem se importar, nem chorar. Idealismo era fraqueza naquele lugar, bem como compaixão e indulgência. Inquietação era tudo, inquietação e...

Silêncio.

Era isso que estava errado. Embora a televisão ainda desse tiros e gritasse no corredor, era acompanhada pelo silêncio. Nada de assobios, nada de vaias.

Redman voltou correndo para o vestíbulo e seguiu o corredor até a sala de recreação. Naquela área do prédio era permitido fumar, e o ar estava pesado com o cheiro de cigarros velhos. Lá adiante continuava o barulho do tiroteio. Uma mulher gritou o nome de alguém.. Um homem respondeu que tinha sido atingido por um tiro. Histórias, contadas pela metade, pairavam no ar.

Chegou ao salão e abriu a porta.

A televisão disse: “Deite-se!”

“Ele tem uma arma!”

Outro tiro.

A mulher, loura, com seios grandes, levou um tiro no coração e morreu na calçada, ao lado do homem que amava.

A tragédia não tinha espectadores. A sala de recreação estava vazia, as velhas poltronas e banquetas, rabiscadas com esferográficas, continuavam dispostas para uma audiência que havia encontrado espetáculo mais interessante. Redman passou entre elas e desligou o aparelho. Quando sumiu a fluorescência azul-prateada e cessou o ritmo insistente da música, Redman percebeu, no escuro, no silêncio, que havia alguém na porta.

— Quem está aí?

— Slape, senhor.

— Mandei ficar com Lacey.

— Ele teve de ir, senhor.

— Ir?

— Ele fugiu, senhor. Não pude evitar.

— Droga. O que quer dizer que não pôde evitar?

Redman andou para a porta e tropeçou numa banqueta que raspou o linóleo, em protesto.

Slape se encolheu.

— Desculpe, senhor — disse ele. — Não consegui pegar Lacey. Tenho um pé aleijado.

Sim, Slape mancava.

— Para onde ele foi?

Slape deu de ombros.

— Não tenho certeza, senhor.

— Pois tente se lembrar.

— Não precisa ficar zangado, senhor.

O “senhor” foi dito com voz arrastada, uma paródia de respeito.

A mão de Redman formigou, louca de vontade de dar um murro naquele adolescente cheio de espinhas. Estava a dois passos da porta. Slape não se moveu.

— Saia do caminho, Slape.

— Francamente, senhor, não pode ajudar Lacey agora. Ele se foi.

— Já disse, saia da frente.

Quando se moveu para o lado para empurrar Slape, ouviu um estalido na altura da barriga e viu que o filho da mãe tinha um canivete encostado à altura de seu umbigo. A ponta espetava a gordura da barriga.

— Não há necessidade de ir atrás dele, senhor.

— Pelo amor de Deus, o que você está fazendo, Slape?

— Estamos só fazendo um jogo — disse ele, com os dentes cinzentos cerrados. Não tem mal nenhum. E melhor deixar as coisas como estão.

A ponta da faca tirou sangue. Morna, ela desceu para a virilha de Redman. Slape estava disposto a matá-lo, não havia dúvida. Fosse qual fosse o jogo, Slape estava se divertindo. O brinquedo chamava-se matar o professor. A faca estava sendo pressionada,

com lentidão infinitesimal contra a pele de Redman. O filete de sangue era agora um riacho.

— Kevin gosta de sair e brincar, às vezes — disse Slape.

— Hennessey?

— Isso mesmo; gosta de nos chamar pelos sobrenomes, não é? É mais masculino, certo? Isso significa que não somos crianças, isso significa que somos homens. Mas Kevin não é um homem, na verdade, o senhor compreende. Ele jamais quis ser um homem. Na verdade, acho que detestava a ideia. Sabe por quê? (A faca dividia o músculo agora, delicadamente). Ele pensou que, quando ficasse homem, ia começar a morrer e Kevin costumava dizer que não ia morrer nunca.

— Nunca morrer.

— Nunca.

— Quero conhecer Kevin.

— Todo mundo quer, senhor. Ele é carismático. Essa a palavra da doutora para ele, carismático.

— Pois quero conhecer esse sujeito carismático.

— Logo.

— Agora.

— Eu disse logo.

Redman segurou pelo pulso a mão que empunhava o canivete com tanta rapidez que Slape não teve oportunidade de aprofundar a arma. A resposta do adolescente foi lenta, dopada, talvez, e Redman o dominou. O canivete caiu da mão dele e Redman segurou com mais força, passando com facilidade o outro braço pelo pescoço magro e emaciado do garoto. A palma de Redman apertou o pomo-de-adão do assaltante, fazendo-o gargarejar.

— Onde está Hennessey? Você vai me levar a ele.

Os olhos que fitavam Redman estavam apagados, como as palavras, a íris, como ponta de alfinete.

— Leve-me a ele! — mandou Redman.

A mão de Slape encontrou o corte na barriga de Redman, e seu punho fechado socou o ferimento. Redman praguejou, soltando o braço, e Slape quase se livrou, mas Redman acertou a virilha do garoto com o joelho, num golpe rápido e vigoroso. Slape queria

dobrar o corpo em agonia, mas o braço no pescoço não permitiu. O joelho subiu novamente, com mais força. E outra vez. Uma vez mais.

Lágrimas de dor rolaram pelo rosto de Slape, abrindo caminho pelo campo minado de espinhas.

— Posso machucar você muito mais do que você a mim — disse Redman. — Portanto, se quiser ficar fazendo este jogo a noite toda, para mim esta ótimo. Vou usar você como um saco de areia.

Slape balançou a cabeça, respirando com dificuldade pela traqueia comprimida.

— Não quer mais?

Slape balançou a cabeça outra vez. Redman o soltou, atirando-o pelo corredor contra a parede. Choramingando de dor, o rosto contraído, Slape deslizou pela parede até o chão onde se enrolou na posição fetal, as mãos entre as pernas.

— Onde está Lacey?

Slape começou a tremer; as palavras saíram num atropelo.

— Onde pensa que está? Kevin o pegou.

— Onde está Kevin?

Slape olhou para Redman atônito.

— Não sabe?

— Se soubesse não perguntava.

Slape pareceu cair para a frente enquanto falava, soltando um suspiro de dor. Redman pensou que estava desmaiando, mas Slape tinha outras ideias. De repente o canivete estava em sua mão e subia na direção da virilha de Redman. Ele recuou, desviando-se da lâmina por um fio de cabelo e Slape estava de pé outra vez, a dor esquecida. O canivete cortava o ar para a frente e para trás, Slape sibilando suas intenções por entre os dentes cerrados.

— Mato você, porco. Mato você, porco.

Então escancarou a boca e berrou:

— Kevin! Kevin! Socorro!

Os golpes no ar ficavam menos precisos à medida que Slape perdia o controle, com o rosto cheio de lágrimas, ranho e suor, atirando-se para a vítima escolhida.

Redman escolheu o momento para desfechar um golpe contundente no joelho de Slape, na perna fraca, imaginou. Acertou. Slape berrou e cambaleou para trás, girando e batendo de cara na parede. Redman foi atrás dele, pressionando as costas do garoto. Tarde demais percebeu o que tinha feito. O corpo de Slape relaxou, e a mão com o canivete, presa entre o corpo e a parede, escorregou para fora, cheia de sangue e sem a arma. Slape exalou o ar da morte e caiu pesadamente contra a parede, aprofundando mais a faca na barriga. Morreu antes de chegar ao chão.

Redman o virou com o rosto para cima. Jamais se acostumara com a morte súbita. Ir assim de repente, como uma imagem na televisão. Desliga-se e pronto. Nenhuma mensagem.

O silêncio completo do corredor pesava sobre ele enquanto se dirigia para o vestíbulo. O corte na barriga não era grave, e o sangue tinha feito da camisa um curativo natural, quando secou, tecendo o algodão com a pele e fechando o ferimento. Quase não o incomodava. Mas esse era seu menor problema. Precisava desvendar mistérios e não se sentia capaz. A atmosfera viciada, sufocante do lugar o deixava, também, usado e exausto. Não era possível saúde ali, nem bondade, nem razão.

De repente acreditou em fantasmas.

No vestíbulo uma lâmpada estava acesa, nua, suspensa no espaço morto. À sua luz ele leu a carta amarrotada de Lacey. As palavras borradas no papel foram como fósforos acesos nas cinzas do seu pânico:

“Mamãe:

eles me deram para a porca comer. Não acredite neles se disserem que nunca amei você, ou se disserem que fugi. Nunca fugi. Eles me deram para a porca. Eu amo você.

Tommy.”

Redman pôs a carta no bolso e começou a correr para fora do prédio e através do campo. Estava bem escuro agora, uma escuridão profunda, sem estrelas, e o ar estava pegajoso. Mesmo à luz do dia, Redman não tinha muita certeza do caminho. À noite era muito pior. Logo viu que estava perdido, em algum lugar entre o campo de

esportes e as árvores. Longe demais para ver a silhueta do prédio principal atrás dele, e as árvores à sua frente pareciam todas iguais.

O ar da noite estava pesado: nenhuma aragem para refrescar o corpo cansado. Lá fora estava tão parado quanto dentro da casa, como se o mundo todo fosse o interior, um quarto sufocante, limitado por um teto pintado de nuvens.

Parou no escuro, o sangue pulsando na cabeça e tentou se orientar.

À esquerda, onde julgou que estavam as privadas, brilhava uma luz. Certamente estava completamente enganado sobre sua posição. A luz era no chiqueiro. Viu a silhueta do galinheiro em ruínas. Havia vultos lá, vários, de pé, parados, como que assistindo a um espetáculo que ele ainda não podia ver.

Começou a andar na direção do chiqueiro, sem saber o que faria quando chegasse lá. Se todos estivessem armados como Slape e com as mesmas intenções assassinas, então seria seu fim. A ideia não o preocupou. Naquela noite, a ideia de deixar esse mundo fechado era de certa forma uma opção atraente. Para baixo e para fora.

E havia Lacey. Depois de falar com Leverthal tivera um momento de dúvida, quando perguntou a si mesmo por que se preocupava tanto com aquele garoto. A acusação de proteção especial era de certo modo verdadeira. Haveria algo nele que desejava Thomas Lacey nu ao seu lado? Não era esse o subtexto da observação de Leverthal? Mesmo naquele momento, correndo na direção da luz, só pensava nos olhos do garoto, imensos e exigentes, profundamente fixos nos seus.

Lá adiante via os vultos na noite, afastando-se da fazenda. Redman os via iluminados pela luz do chiqueiro. Tudo estaria terminado? Fez uma longa curva para a esquerda dos barracos para evitar os espectadores que se afastavam da cena. Não faziam qualquer barulho, não havia riso nem conversa entre eles. Como uma congregação saindo de um enterro, caminhavam no escuro, separados uns dos outros, as cabeças abaixadas. Era tétrico ver aqueles delinquentes sem Deus tão dominados pela reverência.

Chegou ao galinheiro sem encontrar nenhum deles face a face.

Alguns estavam ainda em volta do chiqueiro. A parede do compartimento da porca estava cheia de velas, dezenas e dezenas. Queimavam firmes no ar parado, lançando uma luz quente nos tijolos e nos rostos dos poucos que olhavam ainda para os mistérios do chiqueiro.

Leverthal estava entre eles, bem como o guarda que tinha se ajoelhado perto da cabeça de Lacey no primeiro dia. Dois ou três garotos estavam ali também, rostos que ele reconheceu, mas de cujos nomes não se lembrava.

Ouviu um barulho no chiqueiro. As patas da porca na palha, aceitando os olhares deles. Alguém estava falando, mas Redman não podia dizer quem era. Uma voz de adolescente, um pouco desafinada. Quando a voz parou o monólogo, o guarda e um dos garotos saíram de forma, como se tivessem sido dispensados, e se afastaram no escuro. Redman aproximou-se mais. O tempo era tudo agora. Logo os primeiros da congregação teriam atravessado o campo e estariam entrando no prédio principal. Veriam o corpo de Slape, dariam o alarme. Precisava encontrar Lacey agora, se é que Lacey podia ser encontrado.

Leverthal o viu primeiro. Ergueu a vista do chiqueiro e acenou com a cabeça, cumprimentando, aparentemente sem dar importância à presença dele. Era como se fosse inevitável, como se todos os caminhos levassem à fazenda, à casa de palha e ao cheiro de excremento. Fazia sentido ela pensar assim. Redman quase acreditava também.

— Leverthal — disse ele.

Ela sorriu abertamente para ele. O garoto ao lado de Leverthal olhou e sorriu também.

— Você é Henessey? — perguntou Redman, olhando para o garoto.

Ele riu e Leverthal também.

— Não — disse ela. — Não. Não. Não. Henessey está aqui.

Apontou para o chiqueiro.

Redman andou os metros que faltavam para a parede do chiqueiro, esperando — e ao mesmo tempo não querendo — ver a palha, o sangue, a porca e Lacey.

Mas Lacey não estava li. Só a porca, grande e animada como sempre, de pé sobre pedaços das próprias fezes, as orelhas imensas e ridículas batendo sobre os olhos.

— Onde está Henessey? — perguntou Redman, os olhos fixos nos da porca.

— Aqui — disse o garoto.

— Essa é a porca.

— Ela o comeu — disse o garoto, sorrindo ainda. Obviamente achava a ideia deliciosa. — Ela comeu Henessey e ele fala através dela.

Redman teve vontade de rir. Isso fazia com que as histórias de Lacey parecessem quase plausíveis em comparação. Estavam dizendo que a porca estava possuída.

— Henessey se enforcou mesmo como Tommy disse?

Leverthal fez um gesto afirmativo.

— No chiqueiro?

Outro gesto afirmativo.

De repente a porca mudou de aspecto. Na imaginação, Redman a viu erguer-se para farejar os pés do corpo de Henessey ainda em contorções, sentindo a morte que chegava, salivando à ideia da carne. Viu-a lambe o orvalho que emanava da pele dele já quase cadáver, lambendo, delicadamente a princípio, depois devorando. Não era difícil entender como os garotos haviam feito daquela atrocidade uma mitologia, inventando hinos, servindo a porca como se fosse um deus. As velas, a reverência, o sacrifício de Lacey tudo isso evidência de doença, mas não mais estranho do que milhares de outros costumes religiosos. Podia até mesmo entender a lassidão de Lacey, sua incapacidade de lutar contra as forças que o dominavam.

Mamãe, eles me deram para a porca comer.

Não “mamãe, ajude-me, salve-me”. Apenas: “eles me deram para a porca”.

Tudo isso podia entender: eles eram crianças, a maior parte sem instrução, alguns beirando a instabilidade mental, todos susceptíveis à superstição. Mas não explicava Leverthal. Ela olhava para o chiqueiro outra vez, e Redman só então notou que seus

cabelos estavam soltos, esparramados sobre os ombros, cor de mel à luz das velas.

— Para mim parece uma porca, pura e simplesmente — disse Redman.

— Ela fala com a voz dele — disse Leverthal em voz baixa. — Fala em línguas diferentes, pode-se dizer. Logo vai ouvi-lo. Meu querido garoto.

Então ele compreendeu.

— Você e Henessey?

— Não fique tão horrorizado — disse ela. — Henessey tinha dezoito anos, os cabelos mais negros que você já viu. E ele me amava.

— Por que ele se enforcou?

— Para viver para sempre — disse ela — para nunca ser um homem e nunca morrer.

— Nós o procuramos durante seis dias — disse o garoto, quase cochichando no ouvido de Redman. — E mesmo depois, ela não deixava ninguém chegar perto dele, queria Henessey só para ela. A porca, quero dizer. Não a doutora. Todos amavam Kevin, compreende? — murmurou ele com intimidade. — Ele era bonito.

— E onde está Lacey?

O sorriso amoroso de Leverthal desapareceu.

— Com Kevin — disse o garoto. — Onde Kevin quer que ele esteja.

Apontou para a porta do chiqueiro. Um corpo estava deitado na palha, de costas para a porta.

— Se você quiser Lacey tem de entrar e apanhar o corpo — disse o garoto, e imediatamente segurou com dedos fortes a nuca de Redman.

A porca reagiu ao movimento súbito. Começou a patear na palha, mostrando o branco dos olhos.

Redman tentou se livrar da mão do garoto, ao mesmo tempo acertando o estômago dele com o cotovelo. O garoto recuou sem ar, praguejando, e foi substituído por Leverthal.

— Vá para ele — disse ela, agarrando o cabelo de Redman. — Vá para ele se você o quer. — Suas unhas arranharam a têmpora e o

nariz de Redman, passando perto dos olhos.

— Tire as mãos de mim! — disse ele, tentando afastá-la, mas ela não o largava, balançando-lhe a cabeça para a frente e para trás, tentando empurrá-lo contra a parede.

O resto aconteceu com pavorosa rapidez. O cabelo longo da mulher passou pela chama da vela e incendiou-se, as chamas subindo rapidamente pela cabeça. Gritando por socorro ela caiu pesadamente sobre o portão do chiqueiro que, com o peso, cedeu para dentro. Redman viu, sem poder fazer nada, a mulher em chamas cair na palha. O fogo espalhou-se avidamente pela parte descoberta do compartimento, na direção da porca, queimando rapidamente a palha seca.

Mesmo então, *in extremis*, a porca era ainda uma porca. Nenhum milagre, nenhuma palavra, nenhuma súplica, em línguas. O animal entrou em pânico quando as chamas o cercaram, encurralando o corpo enorme e lambendo seus flancos. O ar ficou cheio do cheiro de bacon queimado quando as chamas subiram pelo seu corpo, acima da cabeça, devorando as cerdas como se fossem relva seca.

Sua voz era a voz de uma porca, seus gritos, os gritos de uma porca. Grunhidos histéricos saíam dos seus lábios, e ela lançou-se pela parte descoberta do chiqueiro, passando pelo portão quebrado, pisando Leverthal.

O corpo da porca, queimando ainda, era uma coisa na noite, correndo pelo campo, numa rota sinuosa por causa da dor. Os gritos não diminuíram quando a noite a engoliu, pareciam ecoar para trás e para frente, no campo, como se procurasse a saída num quarto fechado.

Redman passou por cima do corpo chamuscado de Leverthal e entrou no chiqueiro. A palha queimava nos dois lados, e o fogo ia lentamente para a porta. Redman semicerrou os olhos por causa da fumaça ardida e, abaixando a cabeça, entrou na parte coberta.

Lacey estava na mesma posição, de costas para a porta. Redman o virou para ele. O garoto estava vivo. Estava acordado. O rosto, manchado pelas lágrimas e pelo terror, virou no travesseiro

de palha, os olhos tão arregalados que pareciam prestes a sair das órbitas.

— Levante-se — disse Redman, inclinando-se sobre ele.

O corpo pequeno estava rígido, e com dificuldade Redman endireitou as pernas e os braços dele. Com palavras carinhosas, fez o garoto levantar-se quando a fumaça começava a espiralar para dentro do compartimento.

— Vamos, está tudo bem, vamos.

Redman sentiu que alguma coisa passava por seu cabelo. Uma chuva de vermes caiu no seu rosto e erguendo os olhos viu Hennessey, ou o que restava dele, ainda dependurado na viga do chiqueiro. O rosto era uma massa negra e amorfa. O corpo estava devorado até a altura dos quadris, e as entranhas pendiam da carcaça fedida, balançando em movimentos sinuosos de vermes na frente do rosto de Redman.

Se não fosse pela fumaça espessa, o cheiro do corpo seria insuportável. Mas Redman sentiu apenas revolta, ímpeto que deu nova força ao seu braço. Tirou Lacey debaixo do corpo e o empurrou para a porta.

Lá fora a palha começava a se apagar, mas a luz do fogo, das velas e do corpo queimando, o obrigou a entrecerrar os olhos, saídos do escuro.

— Venha, garoto — disse ele, fazendo-o passar por entre as chamas.

Os olhos de Lacey eram botões brilhantes, com um brilho lunático. Não transmitiam mensagem alguma.

Atravessaram a parte aberta do chiqueiro até o portão, evitando o corpo de Leverthal, e no escuro caminharam na direção do campo aberto.

O garoto parecia estar saindo do estado de choque com cada passo que os afastava da fazenda. Atrás deles, o chiqueiro era ainda uma lembrança chamejante. À sua frente a noite estava tão parada e impenetrável como nunca.

Redman tentou não pensar na porca. Certamente devia estar morta.

Mas enquanto corriam parecia haver um barulho na terra, como se alguma coisa muito grande os estivesse acompanhando, mantendo distância, cansada agora, mas insistente na perseguição.

Redman puxava o braço Lacey e corria, cada vez mais depressa, o chão ainda quente do sol sob os pés. Lacey choramingava agora, sem palavras, mas finalmente um som. Era um bom sinal, o sinal de que Redman precisava. Tivera mais do que podia suportar de coisas insanas.

Chegaram ao prédio sem incidentes. Os corredores estavam tão vazios como quando ele os havia deixado, há uma hora. Talvez não tivessem ainda encontrado o corpo de Slape. Era possível. Nenhum dos garotos parecia disposto a qualquer tipo de recreação. Talvez tivessem ido silenciosamente para os dormitórios a fim de acabar, no sono, o ato de adoração.

Estava na hora de procurar um telefone e chamar a polícia. Homem e menino caminharam pelo corredor para o escritório do Superintendente de mãos dadas. Lacey estava calado outra vez, mas não tinha mais o ar de louco; parecia que as lágrimas purificadoras estavam próximas. Ele fungava, fazia barulhos na garganta.

Seus dedos apertaram mais a mão de Redman, depois relaxaram-se completamente.

Na frente deles, o vestíbulo estava escuro. Alguém havia recentemente quebrado a lâmpada que balançava ainda de leve no fio, iluminada pela luz opaca que vinha da janela.

— Venha. Não precisa ter medo. Venha, garoto.

Lacey inclinou-se e mordeu a mão de Redman. O movimento foi tão rápido que o homem não teve tempo de se defender e soltou o menino que correu pelo corredor para longe do vestíbulo.

Não importava. Ele não podia ir longe. Pela primeira vez Redman ficou satisfeito por haver muros e grades naquele lugar.

Redman atravessou o vestíbulo escuro para o escritório da secretária. Nada se movia. Quem havia quebrado a lâmpada estava muito quieto, imóvel.

O telefone estava quebrado também. Não só quebrado, despedaçado.

Redman voltou para a sala do Superintendente. Havia um telefone lá. Não ia ser detido por vândalos.

A porta estava trancada, mas Redman tinha se preparado para isso. Com o cotovelo quebrou o vidro e, enfiando o braço, alcançou a fechadura. Não tinha chave.

Para o diabo, pensou ele, atirando-se de ombro contra a porta. Era de madeira forte e resistente, e a fechadura, de boa qualidade. Seu ombro doía, e o ferimento na barriga abriu-se de novo, quando a fechadura finalmente cedeu, e ele entrou na sala.

O chão estava coberto de palha; o cheiro ali dentro fazia com que o do chiqueiro parecesse doce. O chefe estava atrás da mesa, mas seu coração tinha sido devorado.

— A porca — disse Redman. — A porca. A porca. — E dizendo “a porca” apanhou o telefone.

Um barulho. Redman voltou-se e aparou o golpe no meio do rosto. A pancada quebrou-lhe o osso malar e o nariz. A sala derreteu e ficou toda branca.

O vestíbulo não estava mais escuro. Havia velas acesas, centenas delas, ao que parecia, em todos os cantos, em todas as saliências. Mas sua cabeça girava, sua vista estava confusa por causa da concussão. Talvez fosse uma única vela, multiplicada pelos sentidos que não podiam mais dizer a verdade.

Estava no meio da arena do vestíbulo, sem saber bem como podia estar de pé, pois sentia as pernas adormecidas e inúteis sob o corpo. Na periferia da sua visão, além da luz das velas, ouvia pessoas conversando. Não, não estavam conversando. Não eram palavras. Eram sons sem sentido, feitos por pessoas que podiam ou não estar ali.

Então ouviu o grunhido, o grunhido baixo e asmático da porca, e logo ela apareceu saindo da luz dançante das velas. Não estava mais brilhante e bela. Seus flancos estavam chamuscados, os olhos de conta, secos, o focinho, deformado. Ela caminhou para ele muito devagar, e lentamente Redman notou a figura que a montava. Era Tommy Lacey, é claro, nu, como no dia em que nasceu, O corpo tosado e sem pelos, como uma das crias da porca, seu rosto inocente de qualquer sentimento humano. Os olhos dele eram agora os dela,

e ele guiava a grande porca pelas orelhas. E o ruído da porca, o som rouco e fanhoso não saía da boca do animal, mas da boca de Lacey. Sua voz era agora a da porca.

Redman disse o nome dele em voz baixa. Não Lacey, mas Tommy. O garoto pareceu não ouvir. Só então, quando a porca e seu cavaleiro se aproximaram, Redman percebeu por que estava de pé. Tinha uma corda em volta do pescoço.

Nesse momento a corda se apertou, e Redman ficou dependurado no ar.

Nenhuma dor, mas um terror pavoroso, muito pior do que a dor, abriu-se nele, um desfiladeiro de perda e pena, e tudo que ele era mergulhou nele.

Abaixo de Redman, a porca e o garoto pararam, bem embaixo dos seus pés. O garoto, sempre grunhindo, desceu da porca e agachou-se ao lado dela. Através do ar acinzentado, Redman via a curva da espinha do garoto, a pele perfeita das costas. Viu também a corda cheia de nós que saía do meio das nádegas pálidas com a ponta desfiada. Exatamente como o rabo da porca.

A porca ergueu a cabeça, embora seus olhos não pudessem ver. Redman sentiu alguma satisfação em pensar que ela estava sofrendo e que ia sofrer até morrer. Quase bastava pensar nisso. Então o animal abriu a boca e falou. Redman não sabia como as palavras estavam saindo, mas saíam. Uma voz de garoto, desafinada.

— Esta é a sina da besta — disse a voz — comer e ser comida.

Então a porca sorriu, e Redman sentiu, embora pensasse que estava insensível, o primeiro impacto de dor quando os dentes de Lacey tiraram um pedaço do seu pé, e o garoto escalou, grunhindo, o corpo do seu salvador para o beijo da morte.

SEXO, MORTE E LUZ DAS ESTRELAS.

Diane passou os dedos perfumados pela barba ruiva de dois dias, no queixo de Terry.

—Adoro sua barba — disse ela. — Até os fios brancos.

Ela gostava de tudo nele, pelo menos era o que dizia.

Quando ele a beijava: adoro isso.

Quando a despia: adoro isso.

Quando ele tirava a cueca: adoro isso, adoro isso, adoro isso.

Ela o chupava com entusiasmo tão genuíno que Terry ficava só olhando a cabeça loura bombeando na sua virilha, pedindo a Deus que ninguém entrasse no camarim. Diane era casada, afinal de contas, embora fosse atriz. Ele também tinha mulher, por aí, em algum lugar. Esse tête a tête seria matéria suculenta para os jornais locais, e Terry estava procurando criar a reputação de diretor sério: nada de truques, nada de fofocas, apenas arte.

Então, até mesmo os pensamentos mais ambiciosos dissolviam-se na língua de Diane, quando ela excitava ao máximo suas terminais nervosas. Ela não era uma grande atriz, mas, por Deus, que desempenho nessas ocasiões! Técnica impecável, senso de oportunidade imaculado. Ela sabia, por instinto ou por ensaio, exatamente quando apanhar o ritmo e levar toda a cena a uma conclusão satisfatória.

Esgotadas as possibilidades desses momentos, ele quase sentia vontade de aplaudir.

É claro que todo o elenco daquela produção de Noite de Reis, dirigida por Calloway, sabia do caso entre os dois. O comentário malicioso passava de boca em boca quando diretor e atriz chegavam

tarde ao ensaio ou se ele chegava com ar satisfeito e ela muito corada. Ele tentou convencê-la a controlar a expressão de gato que comeu o canário que se espalhava no seu rosto, mas Diane não sabia disfarçar muito bem. O que era notável, considerando a sua profissão.

Na verdade La Duvall, como Edward insistia em chama-la, não precisava ser uma grande atriz, ela era famosa. Portanto, que importava declamar Shakespeare como se fosse Hiawatha, blá-blá-blá, blá-blá-blá? O que importava se sua compreensão psicológica da personagem era duvidosa, sua lógica, falha, sua projeção, inadequada? O que importava se seu senso de poesia era igual ao seu senso de moral? Ela era uma estrela, e isso queria dizer negócios.

Ninguém podia tirar isso dela: seu nome era dinheiro. A publicidade do Teatro Elysium anunciava seu direito à fama em tipo romano de seis centímetros, negro sobre o amarelo.

“Diane Duvall, a estrela de Filho do Amor”.

Filho do Amor!... Provavelmente a pior novela que já havia passado pelas telinhas do país em toda a história da TV, duas sólidas horas por semana de personagens padronizados e diálogo estupefaciente que tinham como resultado altos índices de audiência, e os atores, quase da noite para o dia, tornarem-se estrelas brilhantes no céu constelado da televisão. Cintilando entre eles, a mais brilhante das brilhantes, estava Diane Duvall.

Talvez ela não tivesse nascido para interpretar os clássicos, mas, Jesus, como era boa de bilheteria! E nestes dias, nesta era, com os teatros desertos, o que importava era o número de entradas vendidas.

Calloway aceitava resignado o fato de que aquela não seria a Noite de Reis definitiva, mas, se a produção fosse bem-sucedida — e com Diane no papel de Viola, havia muitas chances a favor — ele poderia abrir algumas portas para si mesmo no West End. Além disso, trabalhar com a sempre amorosa, sempre exigente Miss D. Duvall tinha suas compensações.

Calloway vestiu a calça de sarja e olhou para ela. Diane o brindava com aquele sorriso encantador, o que usava na cena da

carta. Expressão Número Cinco no repertório da Duvall, um misto de virginal e materno.

Retribuiu o sorriso com um do seu estoque particular, uma expressão terna e amorosa que passava por genuína à distância de um metro. Depois, consultou o relógio.

— Meu Deus, estamos atrasados, benzinho.

Ela passou a língua pelos lábios. Será que gostava tanto assim do sabor?

— Acho melhor arrumar meu cabelo — disse Diane, levantando-se e olhando para o espelho grande ao lado do chuveiro.

— Certo.

— Você está bem?

— Não podia estar melhor — respondeu ele. Beijou de leve o nariz dela e saiu.

A caminho do palco, entrou no banheiro dos homens para arrumar a roupa e lavar o rosto com água fria. O sexo sempre punha manchas reveladoras na sua pele e na parte superior do peito. Inclinando-se para lavar o rosto, Calloway estudou com olhar crítico os próprios traços no espelho sobre o lavatório. Depois de manter à distância por trinta e seis anos os sinais da idade, começava a parecer velho. Não era mais o galã juvenil. Havia bolsas inegáveis sob os olhos, que nada tinham a ver com falta de sono, e rugas também, na testa e em volta da boca. Não parecia mais o *wunderkind*, os segredos da dissipação estavam escritos por todo o seu rosto. O excesso de sexo, de bebida e de ambição, a frustração de aspirar e perder tantas vezes a grande chance. Como estaria agora, pensou com amargura, se apenas se contentasse em ser um João-ninguém sem iniciativa, trabalhando num repertório de segunda classe, com o público garantido de dez aficionados por noite, e dedicado a Brecht? Provavelmente teria o rosto liso como o bumbum de um bebê, como a maioria das pessoas que trabalhavam no teatro socialmente engajado. Vazios, e satisfeitos, pobres cretinos.

Muito bem, tu paga teu dinheiro e tu faz tua escolha, pensou ele. Olhou mais uma vez para o querubim desgastado refletido no espelho, pensando que, pés-de-galinha ou não, as mulheres ainda o

achavam irresistível, e saiu para enfrentar as agruras e atribulações do Ato III.

No palco um caloroso debate estava em progresso. O carpinteiro, Jack, tinha feito duas cercas vivas para o jardim de Olívia. Precisavam ainda ser cobertas com folhas, mas pareciam impressionantes, ao longo de toda a largura do palco até o ciclorama, onde o resto do jardim ia ser pintado. Nada daquele negócio simbólico. Um jardim era um jardim: grama verde, céu azul. Era assim que o público gostava, ao norte de Birmingham, e Terry tinha alguma simpatia por seus gostos simples.

— Terry, meu amor.

Eddie Cunningham segurava sua mão e seu ombro, conduzindo-o para a batalha.

— Qual é o problema?

— Terry, meu amor, não pode estar falando sério sobre essas fodidas (a palavra saiu aos tropeços, fodidas) cercas vivas. Diga para o tio Eddie que não fala sério, antes que eu tenha um ataque — Eddie apontou as cercas ultrajantes. — Quero dizer, olhe para elas. — Uma fina penugem de saliva chiava no ar, saindo da sua boca.

— Qual é o problema? — repetiu Terry.

— Problema? A marcação, amor, a marcação! Pense no assunto. Ensaíamos toda a cena, eu me agitando para cima e para baixo como uma lebre histérica. Para cima à direita, para baixo à esquerda, mas não funciona se eu não tiver acesso livre no fundo do palco. E veja! Aquelas malditas coisas estão tomando todo o cenário de fundo.

— Exatamente onde deviam estar para a ilusão de jardim, Eddie.

— Mas não posso dar a volta, Terry. Tem de ver meu ponto de vista.

Apelou para os poucos que estavam no palco, os carpinteiros, dois técnicos, três atores.

— Quero dizer... não vai dar tempo.

— Eddie, modificaremos a marcação.

— Oh.

Isso tirou o vento das velas dele.

— Não?

— Umm.

— Quero dizer, parece mais fácil, não acha?

— Sim... só que eu gostei...

— Eu sei.

— Muito bem. A necessidade obriga. Que tal o *croquet*?

— Cortamos também.

— Todo aquele negócio com os tacos de *croquet*? Aquelas insinuações maliciosas?

— Tem de ser cortado. Sinto muito, não pensei muito nisso antes. Não estava pensando direito.

Eddie agitou os braços.

— É só o que você faz, amor, pensar direito.

Risadinhas. Terry deixou passar. Eddie tinha razão na sua crítica; não havia considerado os problemas do desenho das cercas.

— Sinto muito, mas não podemos resolver de outro modo.

— Certamente não vai cortar a parte de mais ninguém — disse Eddie. Olhou para Diane por sobre o ombro de Calloway, depois foi para o camarim. Exít ator furioso, à esquerda. Calloway não tentou detê-lo. Estragar aquela saída ia piorar muito as coisas. Murmurou baixinho “oh, Jesus” e passou a mão larga no rosto. Aquela era a falha fatal da sua profissão: atores.

— Alguém quer ir buscar o Eddie? — pediu ele.

Silêncio.

— Onde está Ryan?

O diretor de cena mostrou o rosto respeitável sobre uma das cercas agressoras.

— Desculpe?

— Ryan, amor — quer, por favor, levar uma xícara de café para Eddie e convencê-lo a voltar para o seio da família?

Ryan fez uma cara tristonha como que dizendo, você o ofendeu, você vai buscá-lo. Mas não era a primeira vez que Calloway passava adiante a responsabilidade, era um mestre nessa arte. Apenas olhou para Ryan, desafiando-o a contradizer seu pedido, até o homem abaixar os olhos e fazer um gesto afirmativo.

— É claro — disse, sombrio.

— Ótimo.

Com um olhar acusador, Ryan saiu à procura de Ed Cunningham.

— Não há espetáculo sem Belch — disse Calloway, tentando aquecer um pouco a atmosfera. Alguém resmungou, e o pequeno semicírculo de espectadores começou a se dispersar. Fim do espetáculo.

— Ok, ok — disse Calloway, apanhando os pedaços. —Vamos trabalhar. Vamos fazer tudo desde o começo da cena. Diane, está pronta?

— Estou.

— Certo. Podemos começar?

Virou de costas para o jardim de Olívia e para os atores, a fim de pôr em ordem seus pensamentos. Só as luzes do palco estavam acesas. O auditório, às escuras. Bocejavam para ele insolentemente fileiras e fileiras de cadeiras vazias, desafiando-o a distraí-las. Em certos dias a ideia de viver como um simples parecia algo a ser devotamente desejado, parafraseando o príncipe da Dinamarca^{2}.

Alguma coisa se moveu nas galerias do Elysium. Calloway ergueu os olhos das próprias dúvidas e fixou-os no espaço escuro. Será que Eddie havia se instalado na última fila? Não, é claro que não. Para começar, não teria tido tempo de chegar até lá.

— Eddie? — gritou Calloway, com a mão em pala sobre os olhos. — E você?

Distinguia apenas um vulto. Não, os vultos. Duas pessoas, passando pela frente das cadeiras da última fila na direção da saída. Fosse quem fosse, certamente não era Eddie.

— Não era Eddie, era? — perguntou Calloway, voltando-se para o jardim de mentira.

— Não — respondeu alguém.

A voz de Eddie. Ele estava no palco, apoiado numa das cercas com um cigarro entre os lábios.

— Eddie...

— Tudo bem — respondeu ele, já de bom humor. — Não precisa rastejar. Não aguento ver um homem bonito rastejando.

— Vamos ver se podemos adaptar o negócio dos tacos em algum lugar — disse Calloway, ansioso para fazer as pazes.

Eddie balançou a cabeça e bateu o cigarro para tirar a cinza.

— Não é preciso.

— Francamente...

— De qualquer modo, não estava muito bom mesmo.

A grande porta da platéia fechou-se atrás dos visitantes com um pequeno rangido. Calloway não se deu ao trabalho de olhar. Tinha partido, fosse quem fosse.

— Alguém esteve na casa esta tarde.

Hammersmith ergueu os olhos dos números que examinava.

— Oh? — Suas sobrancelhas eram erupções de pelos grossos como arame, ambiciosas muito além da sua vocação. Erguiam-se agressivas sobre os olhinhos de Hammersmith, numa paródia de surpresa. Ele apertou o lábio inferior com dedos manchados de nicotina.

— Tem ideia de quem foi?

Continuou puxando o lábio, olhando para o homem mais jovem com desprezo indisfarçável no rosto.

— Será isso um problema?

— Só quero saber quem esteve olhando o ensaio, só isso. Acho que tenho todo o direito de perguntar.

— Todo o direito — disse Hammersmith, com um pequeno aceno de cabeça e fazendo um muxoxo com os lábios pálidos.

— Falaram de alguém do Teatro Nacional — disse Calloway. — Meus agentes estavam arranjando alguma coisa. Só não quero que venham sem meu conhecimento.

Especialmente se forem pessoas importantes.

Hammersmith estudava os números outra vez. Sua voz parecia cansada.

— Terry, se vier alguém do *South Bank* para examinar sua obra-prima, eu lhe prometo que será o primeiro a saber. Certo?

O tom era acintosamente rude. Então “vá brincar, garotinho”, que Calloway teve vontade de lhe dar uns socos na cara.

— Não quero ninguém vendo os ensaios sem minha autorização, Hammersmith. Você ouviu? E quero saber quem esteve

no teatro esta tarde.

O gerente suspirou pesadamente.

— Acredite, Terry — disse ele — eu não sei. Sugiro que fale com Tallulah; ela estava na entrada esta tarde. Se alguém entrou, ela provavelmente viu.

Suspirou outra vez.

— Certo... Terry?

Calloway não insistiu. Tinha suspeitas de Hammersmith. O homem não se importava merda alguma com o teatro, deixava isso sempre muito claro; adotava um tom exausto sempre que falavam em outra coisa que não fosse dinheiro, como se assuntos de estética não merecessem sua atenção. E tinha uma palavra, largamente usada para atores e diretores: borboletas. Maravilhas de um dia. No mundo de Hammersmith só o dinheiro era para sempre, e o Teatro Elysium estava em área de primeira qualidade, área que um homem sensato podia transformar em bom lucro se fizesse o jogo certo.

Calloway tinha certeza de que ele venderia o teatro no dia seguinte, se fosse um bom negócio. Uma cidade-satélite como Redditch, crescendo como Birmingham tinha crescido, não precisava de teatros, precisava de escritórios, para citar os membros do Conselho de Vereadores, um crescimento através do investimento em novas indústrias. Precisava também de lugares especiais para construir essas indústrias. Nenhuma mera arte podia sobreviver a esse pragmatismo.

Tallulah não estava na bilheteria, nem no saguão, nem na Sala Verde.

Irritado, tanto pela falta de cortesia de Hammersmith quanto pelo desaparecimento de Tallulah, Calloway voltou ao auditório a fim de apanhar o paletó e sair para tomar umas e outras. O ensaio tinha terminado, e os atores há muito haviam partido. As cercas nuas pareciam um tanto pequenas da última fila de cadeiras. Talvez precisassem ser elevadas mais alguns centímetros. Tomou nota nas costas de um programa de teatro que encontrou no bolso: Cercas. Maiores?

O barulho de passos o fez erguer a vista. Um vulto apareceu no palco. Uma entrada perfeita, no centro, ao fundo do palco, para onde

as cercas convergiam. Calloway não reconheceu o homem.

— Sr. Calloway? Senhor Terence Calloway?

— Sim?

O visitante caminhou até a frente do palco onde antigamente ficavam as luzes da ribalta e parou, olhando para a platéia.

— Perdoe-me por interromper o fio dos seus pensamentos.

— Tudo bem.

— Queria uma palavra.

— Comigo?

— Se me permitir.

Calloway foi até a frente da primeira fila, examinando o estranho.

Estava vestido em tons de cinza dos pés à cabeça. Terno de lã cinzenta, sapatos cinzentos, gravata cinzenta. Pretensa elegância, foi a conclusão inicial e pouco caridosa de Calloway. Mas, assim mesmo, o homem impressionava. Não via bem o rosto dele, sob a aba do chapéu.

— Permita que me apresente.

A voz era persuasiva, culta. Ideal para comerciais de sabonetes, talvez. Depois dos maus modos de Hammersmith, a voz era uma aragem de boa educação.

— Meu nome é Lichfield. Não espero que ele signifique muito para um homem tão jovem quanto o senhor.

Tão jovem, ora, ora. Talvez ainda houvesse algo do *wunderkind* no seu rosto.

— O senhor é crítico? — perguntou Calloway.

A risada que emanou de sob a aba do chapéu, imaculadamente dobrada, era irônica.

— Em nome de Jesus, não — respondeu Lichfield.

— Perdoe-me, então, mas não tenho a menor ideia de quem seja.

— Não precisa se desculpar.

— Esteve no teatro esta tarde?

Lichfield ignorou a pergunta.

— Sei que é um homem muito ocupado, senhor Calloway, e não quero desperdiçar seu tempo. O teatro é meu negócio, como é o

seu. Acho que podemos nos considerar aliados, embora nunca tenhamos nos encontrado antes.

Ah, a grande irmandade. A reivindicação tão conhecida, de sentimento, fez com que Calloway tivesse vontade de cuspir. Quando pensava no número de supostos aliados que o haviam tranquilamente esfaqueado pelas costas e, por outro lado, nos dramaturgos cujas peças ele havia deturpado com um sorriso, os atores que tinha esmagado com indiferença! Irmandade que se dane, era cão come cão, como em todas as outras profissões.

— Tenho interesse permanente neste teatro — dizia Lichfield com uma ênfase curiosa na palavra permanente. Soava decididamente funérea em sua boca. Fique comigo.

— Oh?

— Sim. Passei muitas horas felizes neste teatro, durante muitos anos e, francamente, é doloroso para mim ser portador duma notícia desagradável.

— Que notícia?

— Sr. Calloway, devo informá-lo de que sua Noite de Reis será a última produção que o Elysium verá.

Não foi grande surpresa, mas assim mesmo feriu, e o desagrado íntimo deve ter aparecido no rosto de Calloway.

— Ah... então o senhor não sabia. Foi o que pensei. Eles sempre mantêm os artistas na ignorância, não é mesmo? É uma satisfação da qual os Apolônios jamais abrem mão. A vingança do contador.

— Hammersmith — murmurou Calloway entre dentes.

— Hammersmith.

— Filho da mãe!

— Jamais devemos confiar no clã dos administradores, mas acho que não lhe preciso aconselhar isso.

— Tem certeza do fechamento?

— Certeza absoluta. Ele o faria amanhã, se pudesse.

— Mas por quê? Encenei Stoppard aqui, Tennessee Williams, sempre com boa audiência. Não faz sentido.

— Faz um admirável sentido comercial, e se pensar em números, como Hammersmith pensa, não há resposta para a

simples aritmética. O Elysium está ficando velho. Nós todos estamos ficando velhos. Nós estamos rangendo. Sentimos a idade nas juntas; nosso instinto é deitar e desaparecer.

Desaparecer; a voz tornou-se fraca e melodramática, um murmúrio de desejo.

— Como o senhor sabe disso?

— Durante muitos anos fui curador do teatro e desde que me aposentei fiz questão de — como se diz? — manter o ouvido colado ao chão. É difícil, nestes nossos dias, evocar o triunfo que este palco viu no passado...

Não terminou a frase, a voz perdida num devaneio. Parecia genuíno, não uma fala para efeito.

Então, voltou aos negócios:

— Este teatro está para morrer, senhor Calloway. O senhor estará presente aos últimos ritos, embora não por culpa sua. Achei que devia ser... avisado.

— Muito obrigado. Eu lhe agradeço muito. Diga-me, o senhor foi ator?

— Por que pergunta?

— A voz.

— Consideravelmente retórica, eu sei. Minha maldição, suponho. Mal posso pedir uma xícara de café, sem soar como Lear na tempestade.

Riu vigorosamente à própria custa. Calloway começava a gostar do homem. Talvez tivesse aparência um tanto arcaica, um pouco absurda mesmo, mas havia nele um entusiasmo que capturou a imaginação de Calloway. Lichfield não se desculpava por seu amor ao teatro, como muitos profissionais que procuravam o palco como segunda opção, seus corpos e almas vendidos ao cinema.

— Confesso que tentei alguma coisa na profissão — disse Lichfield em tom confidencial — mas não tinha o vigor necessário. Porém, minha mulher...

Mulher? Calloway ficou surpreso com a ideia de haver alguma coisa heterossexual em Lichfield.

— ... minha mulher Constantia representou aqui várias vezes, e com grande sucesso, devo dizer. Antes da guerra, é claro.

— É uma pena fechar o teatro.

— Realmente. Mas temo que não haja milagres possíveis neste último ato. O Elysium será demolido daqui a seis semanas, e isso é o fim. Eu só queria que soubesse que outros interesses além dos meramente comerciais estão protegendo esta última produção. Pense em nós como anjos da guarda. Desejamos tudo de bom a você, Terence, nós todos desejamos tudo de bom a você.

Um sentimento genuíno, expresso com simplicidade. Calloway ficou comovido com o interesse do homem e, ao mesmo tempo, sentiu como se o estivessem censurando. Colocava suas ambições numa perspectiva pouco lisonjeira. Lichfield continuou:

— Queremos que este teatro termine seus dias em estilo apropriado, e que tenha uma boa morte.

— É mesmo uma pena.

— Muito tarde para remorsos agora. Nunca devíamos ter abandonado Dionísio por Apolo.

— O quê?

— Vendemo-nos aos contadores, à legitimidade, aos Hammersmiths, cujas almas, se é que têm uma, devem ser do tamanho da minha unha e tão escuras quanto um quadro-negro. Devíamos ter tido a coragem das nossas representações, eu acho. Servir à poesia e viver sob as estrelas.

Calloway não identificou as citações, mas pegou a ideia geral e respeitou o ponto de vista.

Nos bastidores, à esquerda, a voz de Diane cortou a atmosfera solene como uma faca de plástico.

— Terry? Você está aí?

O encanto foi quebrado. Calloway só percebeu o quanto à presença de Lichfield era hipnótica quando outra voz se interpôs entre eles. Ouvi-lo era como ser embalado por braços conhecidos. Lichfield deu um passo para a frente do palco e disse com voz baixa e conspiratória:

— Uma última coisa, Terence...

— Sim?

— Sua Viola. Ela não tem, se me perdoa dizer isto, as qualidades especiais exigidas pelo papel.

Calloway ficou calado.

— Eu sei — continuou Lichfield — lealdades pessoais não permitem honestidade nesses assuntos.

— Não — disse Calloway. — Tem razão. Mas ela é popular.

— Açular cães de caça contra ursos também era, Terence. Um sorriso luminoso apareceu sob a aba do chapéu, pendurado na sombra como o de um gato Cheshire.

— Estou brincando — disse Lichfield, a voz rouca risonha agora. — Ursos podem ser encantadores.

— Terry, você está aí!

Diane apareceu, vinda dos bastidores, vestida com exagero como sempre. Pairava no ar um confronto embaraçoso. Porém, Lichfield já estava saindo ao lado da falsa perspectiva das cercas para o fundo do palco.

— Estou aqui — disse Terry.

— Com quem estava falando?

Mas Lichfield tinha saído, tão suave e silenciosamente como entrou. Diane nem o viu.

— Oh, com um anjo — disse Calloway.

O primeiro ensaio geral não foi, considerando todos os aspectos, tão ruim quanto Calloway havia previsto: foi infinitamente pior. Deixas perdidas, objetos de contra-regra mal colocados, a parte cômica parecia forçada e fora de lugar, os desempenhos, desesperadamente exagerados ou insignificantes. Era uma Noite de Reis que parecia durar um ano. No meio do terceiro ato, Calloway consultou o relógio e calculou que uma apresentação completa de Macbeth (com intervalo) já teria terminado a essa altura.

Sentou-se na primeira fila com a cabeça nas mãos, pensando no trabalho que ainda teria de executar para levar a produção a ponto de ser apresentada. Não era a primeira vez nessa peça que se sentia desamparado em face dos problemas do elenco. As deixas podiam ser ajustadas, os acessórios de contra-regra mais bem ensaiados, entradas repetidas até ficarem gravadas nas memórias. Mas um mau ator é um mau ator... Ele poderia labutar até o dia do juízo aperfeiçoando e aprimorando, mas não poderia fazer da orelha de porca que era Diane Duvall uma bolsa de seda.

Com toda a habilidade de uma acrobata ela conseguia desviar-se de todo significado, ignorar todas as oportunidades de comover a audiência, anular toda a nuance que o autor insistia em apresentar. Era um desempenho heroico na sua inépcia, que reduzia a delicada caracterização, a duras penas criada por Calloway, a uma lamúria de uma só nota. Aquela Viola era material de novela barata, menos humana do que as cercas artificiais, e tão verde, na sua inexperiência, quanto elas.

Os críticos iam massacrá-la.

Pior ainda, Lichfield ficaria desapontado. Para imensa surpresa de Calloway, o impacto da presença de Lichfield continuava inalterado; Terry não podia esquecer sua projeção teatral, sua pose, sua retórica. Tudo isso o havia atingido com maior profundidade do que gostaria de admitir, e a ideia de sua Noite de Reis com aquela Viola, o canto do cisne do adorado Elysium de Lichfield, perturbava e embaraçava Calloway. De certo modo, parecia uma ingratidão.

Muitas vezes fora avisado sobre a carga pesada imposta a um diretor, antes de se entregar completamente à profissão. Seu querido e desaparecido guru no Centro dos Atores, *Well be loved* (o do olho de vidro) havia dito desde o começo:

— Um diretor é a criatura mais solitária neste mundo de Deus. Sabe o que é bom e o que não é numa peça, ou pelo menos deve saber se vale alguma coisa, e tem de carregar essa informação dentro dele, sem deixar de sorrir.

Naquela época não parecia difícil.

— Essa profissão não tem nada a ver com o sucesso — costumava dizer *Well be loved* — tem a ver com aprender a não cair de cara no chão.

Bom conselho, como ficou provado. Via ainda *Well be loved* oferecendo aquela sabedoria numa bandeja, a calva brilhante, os olhos muito vivos cintilando com delicioso cinismo. Nenhum homem na terra pensava Calloway então, amou o teatro com maior paixão, e nenhum homem na terra fora jamais tão mordaz sobre suas pretensões.

Era quase uma hora da manhã quando terminaram aquele horrível ensaio geral, conferiram suas notas e separaram-se

sombrios e mutuamente ressentidos, dentro da noite. Calloway não queria a companhia de nenhum deles; nada de alguns drinques na casa deste ou daquele, nada de mensagens recíprocas de ego. Tinha uma nuvem sombria só sua, que nem vinho, mulher ou canção poderia dispersar. Mal conseguia olhar Diane de frente. Suas observações para ela, transmitidas na frente de todo o elenco, tinham sido ácidas. Não que adiantasse...

No saguão encontrou Tallulah, muito animada ainda, embora já passasse muito de hora de uma velha senhora ir para a cama.

Você já vai fechar agora? — ele perguntou, mais para dizer alguma coisa do que por curiosidade.

Eu sempre fecho por esta hora — disse ela. Tinha mais de setenta anos; velha demais para aquele trabalho na bilheteria, e obstinada demais para ser despedida. Mas, afinal, tudo isso agora era acadêmico, não era? Calloway imaginou qual seria a reação dela quando soubesse que o teatro ia acabar. Provavelmente partiria. seu coração ressequido. Hammersmith não havia dito que Tallulah estava no teatro desde os quinze anos?

— Bem, boa-noite, Tallulah.

Como sempre, ela respondeu com uma pequena inclinação de cabeça. Então, estendeu a mão e tocou o braço de Calloway.

— Sim?

— O Sr. Lichfield... — começou ela.

— O que tem o Sr. Lichfield?

— Ele não gostou do ensaio.

— Ele esteve no teatro esta noite?

— Oh, esteve sim — respondeu ela, como se Calloway fosse um imbecil por pensar o contrário — é claro que esteve.

— Eu não o vi.

— Bem... isso não importa. Ele não ficou muito satisfeito.

Calloway procurou fingir indiferença.

— Não se pode fazer nada.

— Sua montagem interessa muito a ele.

— Sei disso — disse Calloway, evitando os olhares acusadores de Tallulah. Já tinha muitos motivos para passar a noite em claro, sem acrescentar sua voz desapontada a eles.

Soltou o braço e caminhou para a porta. Tallulah não tentou detê-lo. Disse apenas:

— Devia ter conhecido Constantia.

Constantia? Onde já tinha ouvido aquele nome? Mas, é claro, a mulher de Lichfield..

— Ela foi uma Viola maravilhosa.

Calloway estava cansado demais para sentimentalismos com uma atriz morta; ela estava morta, não estava? Ele disse que estava morta, não disse?

— Era maravilhosa! ... — repetiu Tallulah.

— Boa-noite, Tallulah. Vejo você amanhã.

A velha não respondeu. Se estava ofendida por seu modo brusco, paciência. Deixou-a com suas queixas e saiu para a rua.

Estavam no fim de novembro e fazia frio. O ar da noite não trazia qualquer lenitivo, apenas o cheiro de piche da rua recentemente recapeada e poeira no vento. Calloway levantou a gola do paletó e caminhou apressado para o duvidoso refúgio do Cama e Café da manhã de Murphy.

No saguão, Tallulah deu as costas ao frio e a escuridão do mundo exterior, entrando novamente naquele templo dos sonhos. Cheirava a cansaço agora; com o mofo do uso e da idade, como seu próprio corpo. Estava na hora de deixar que os processos naturais seguissem seu curso; não havia sentido em deixar que as coisas continuassem além do seu tempo determinado. Isso se aplicava tanto a casas quanto a pessoas. Mas o Elysium tinha de morrer como havia vivido, gloriosamente.

Com atitude respeitosa ela afastou as cortinas que cobriam os retratos no corredor que ia do saguão as cadeiras. Barrymore, Irving, grandes nomes, grandes atores. Fotografias manchadas e desbotadas, talvez, mas as lembranças eram tão nítidas e refrescantes quanto água da fonte. E no lugar de honra, o último da linha a ser descoberto, um retrato de Constantia Lichfield. Um rosto de beleza transcendente, uma estrutura óssea de comover qualquer entendido em anatomia.

Era jovem demais para Lichfield, é claro, e isso foi parte da tragédia. Lichfield, o Svengali, um homem com o dobro da idade

dela, conseguira dar aquela brilhante beleza tudo o que ela desejava, fama, dinheiro, companheirismo. Tudo, menos o presente de que ela mais precisava: a própria vida.

Ela morreu antes de completar vinte anos, de câncer no seio. Tão rapidamente que era difícil acreditar que se fora.

As lágrimas assomaram aos olhos de Tallulah, lembrando aquele gênio perdido e desperdiçado. Tantos papéis teriam sido iluminados por Constantia, se tivesse sido poupada. Cleópatra, Hedda, Rosalinda, Electra...

Mas não tinha de ser. Ela desapareceu, apagada como uma vela no temporal e, para os que ficaram, a vida se transformou numa marcha lenta e sem alegria por uma terra gelada. Em certas manhãs, acordando para outra madrugada, Tallulah virava-se na cama e rezava para morrer enquanto dormia.

As lágrimas a cegavam agora, e ela chorava perdidamente. Mas, oh meu Deus, havia alguém atrás dela. Talvez o Sr. Calloway, que tivesse voltado para buscar alguma coisa esquecida, e ali estava ela, soluçando desconsoladamente, como a velha tola que, Tallulah sabia, ele a julgava ser. Um homem jovem como ele, o que poderia entender da dor dos anos, a dor profunda da perda irreparável? Não a experimentaria tão cedo. Mais cedo do que talvez pensasse, mas não já.

— Tallie — disse alguém.

Sabia quem era; Richard Walden Lichfield. Voltou-se, e lá estava ele, a menos de seis metros dela, a bela figura de homem de sempre. Podia ter vinte anos mais do que ela, mas a idade parecia não atingi-lo. Tallulah sentiu vergonha de suas lágrimas.

— Tallie — disse ele bondosamente — sei que é um pouco tarde, mas achei que gostaria de dizer alô.

— Alô?

As lágrimas diminuía e agora ela via a companheira de Lichfield, de pé, um ou dois passos atrás dele, em atitude de respeito, parcialmente obscurecida. O vulto saiu da sombra de Lichfield e ali estava a beleza luminosa de ossos delicados que Tallulah conhecia tão bem quanto o próprio rosto. O tempo fez-se em pedaços, e a razão desertou o mundo. Faces queridas

subitamente voltavam para encher as noites vazias e oferecer nova esperança a uma vida cansada. Por que duvidar da evidência dos próprios olhos?

Era Constantia, a radiante Constantia, passando o braço pelo de Lichfield e inclinando a cabeça gravemente em resposta ao cumprimento de Tallulah.

Querida Constantia morta.

O ensaio foi marcado para as nove e trinta da manhã seguinte. Diane Duvall, como de hábito, fez sua entrada com meia hora de atraso. Parecia não ter dormido a noite toda.

— Desculpe o atraso — disse, as vogais abertas escorrendo pela passagem entre as cadeiras, na direção do palco.

Calloway não estava com disposição para beija-pés.

— Temos uma estreia amanhã — disse asperamente — e todo mundo está aqui à sua espera.

— E mesmo? — disse ela com voz trêmula, tentando ser devastadora. Era cedo demais, e o efeito caiu em chão de pedra.

— Tudo bem, vamos ao começo — determinou Calloway — e todos, por favor, com suas cópias e canetas. Tenho aqui uma lista de cortes e quero que sejam ensaiados antes do almoço. Ryan, apanhou a cópia das falas?

Uma apressada troca de palavras com o diretor de cena e uma negativa apologética de Ryan.

— Então vá apanhar. E não quero reclamação alguma; agora é tarde demais. O ensaio da noite passada foi uma vigília, não uma encenação. As deixas atrasadas e lentas, tudo péssimo. Vou cortar, e não vai ser agradável.

Não foi. As queixas apareceram, apesar da advertência, as discussões, os acordos, as caras fechadas, os insultos resmungados. Calloway preferia estar dependurado pelos pés num trapézio em vez de dirigir quatorze pessoas temperamentais numa peça que dois terços deles não compreendiam e à qual o terço restante não ligava a mínima. Era de acabar com os nervos.

A coisa ficou pior porque durante todo o tempo Terry tinha a impressão desagradável de estar sendo espionado, embora o auditório estivesse vazio, da última à primeira fila. Talvez Lichfield

estivesse olhando por um buraco na parede, pensou, depois afastou a ideia como os primeiros sinais de paranoia.

Almoço, finalmente.

Calloway sabia que ia encontrar Diane e estava preparado para a cena que ia representar com ela. Acusações, lágrimas, calma, lágrimas outra vez, reconciliação. Formato padrão.

Ele bateu na porta da estrela.

— Quem é?

Será que já estava chorando, ou falando através do copo de algo reconfortante?

— Sou eu.

— Oh.

— Posso entrar?

— Pode.

Ela estava com uma garrafa de vodca, boa vodca, e um copo. Nada de lágrimas ainda.

— Sou uma inútil, não sou? — disse ela, logo depois que ele fechou a porta. Os olhos pediam uma contradição.

— Não seja boba — contemporizou ele.

— Jamais consegui interpretar Shakespeare — disse ela com um muxoxo, como se fosse culpa do Bardo. — Todas aquelas malditas palavras.

A tempestade estava no horizonte. Calloway a via, aproximando-se.

— Está tudo bem — mentiu ele, passando o braço pelos ombros dela. — Você só precisa de um pouco de tempo.

O rosto dela se anuviou.

— A estreia é amanhã — disse Diane secamente.

Uma observação que não podia ser refutada.

— Eles vão me fazer em pedaços, não vão?

Ele queria dizer que não, mas sua língua teve um acesso de honestidade.

— Vão. A não ser que.

— Nunca mais vou trabalhar, não é? Harry me convenceu a fazer isto, aquele maldito judeu imbecil, bom para minha reputação, foi o que ele disse. Para ganhar um pouco mais de experiência, disse

ele. O que é que ele sabe? Fica com os malditos dez por cento e me deixa carregando a criança. Quem banca a idiota sou eu, não é?

À ideia de bancar a idiota, a tempestade despencou. Não era uma chuva leve; era uma senhora tempestade completa. Ele fez o que pôde, mas era difícil. Diane soluçava tão alto que as pérolas de sabedoria de Calloway se afogavam no choro. Então ele a beijou um pouco, como qualquer diretor decente faria e (milagre sobre milagre) aparentemente deu resultado. Calloway aplicou então a técnica com maior entusiasmo, suas mãos descendo para os seios dela, procurando os mamilos sob a blusa e apertando-os entre o polegar e o indicador.

Funcionou às mil maravilhas. Havia sugestões de sol entre as nuvens agora; ela fungou e desafivelou o cinto dele, deixando que o calor de Calloway secasse o que restava da chuva. Os dedos de Terry estavam na borda rendada da calcinha de Diane, e ela suspirava com aquela investigação, delicada, mas não em excesso, insistente, mas nunca demais. Em algum lugar do percurso ela derrubou a garrafa de vodca, mas nenhum dos dois se deu ao trabalho de endireitá-la, e o líquido escorreu da mesa para o chão, como contraponto das instruções dela e do resfolegar dele.

Então a maldita porta se abriu e uma lufada de ar passou no meio deles, esfriando o assunto em pauta.

Calloway quase se voltou, mas lembrou-se a tempo de que estava com a calça aberta e olhou para o espelho atrás de Diane para ver o rosto do intruso. Era Lichfield. Olhava diretamente para Calloway, com o rosto impassivo.

— Desculpe-me, eu devia ter batido.

A voz era tão macia quanto creme batido, sem trair tremor ou embaraço. Calloway afastou-se meio de lado, afivelou o cinto e voltou-se para Lichfield, maldizendo em silêncio o próprio rosto muito corado.

— Sim... teria sido mais delicado — disse ele.

— Peço desculpas novamente. Queria uma palavra com... — os olhos, tão fundos que era impossível decifrar sua expressão, estavam fitos em Diane —... sua estrela — disse ele.

Calloway praticamente sentiu o ego de Diane expandindo-se ao ouvir a palavra. A forma de abordagem o deixou confuso; teria Lichfield mudado de opinião? Estaria ali como o admirador arrependido, para se ajoelhar aos pés da grandeza?

— Gostaria de falar em particular com a senhora, se for possível — disse em voz suave.

— Bem, estávamos só...

— Mas, naturalmente — interrompeu Diane. — Dê-me um momento, está bem?

Estava imediatamente dona da situação, as lágrimas esquecidas.

— Espero lá fora — disse Lichfield, saindo do camarim.

Antes que a porta se fechasse, Diane estava na frente do espelho, a ponta do dedo envolta num laço de papel, limpando um filete de rímel.

— Ora — dizia ela com voz doce — que delícia ter alguém que vem desejar boa sorte. Sabe quem é ele?

— O nome é Lichfield — disse Calloway. — Foi curador do teatro.

— Quem sabe quer me oferecer alguma coisa.

— Eu duvido.

— Ora, não seja tão pessimista, Terence — zangou-se ela. — Não pode ver ninguém receber atenção, não é mesmo?

— Meu erro.

Diane examinou os olhos no espelho.

— Como estou? — perguntou.

— Ótima.

— Sinto muito o que aconteceu antes.

— Antes?

— Você sabe.

— Oh... sim.

— Vejo você no bar, certo?

Ao que parecia, estava sendo sumariamente dispensado, sua função de amante e confidente não mais necessária.

No corredor gelado do lado de fora do camarim, Lichfield esperava pacientemente. Embora fosse mais iluminado do que o

palco e ele estivesse mais próximo do que na noite anterior, Calloway outra vez não conseguiu ver com clareza os traços sob a aba larga. Havia alguma coisa — que ideia era aquela que zumbia em sua mente? — alguma coisa artificial nos traços de Lichfield. A carne do rosto não se movia como um sistema interligado de músculos e tendões, era rígida demais, rosada demais, quase como tecido cicatricial.

— Ela ainda não está pronta — disse Calloway.

— É uma mulher encantadora — ronronou Lichfield.

— Sim, é.

— Eu não o culpo...

— Umm.

— Mas não é atriz.

— Não vai interferir, vai, Lichfield? Não vou permitir.

— Deus me livre.

O prazer voyeurístico que Lichfield demonstrava com seu constrangimento fez com que Calloway o respeitasse menos do que antes.

— Não quero que a perturbe...

— Meus interesses são os seus interesses, Terence. Tudo o que desejo é ver esta produção prosperar, acredite. Acha que nessas circunstâncias iria alarmar sua atriz principal? Serei manso como um cordeiro, Terence.

— Seja lá o que for — veio a resposta irritada — cordeiro você não é.

O sorriso apareceu outra vez no rosto de Lichfield, o tecido em volta da boca mal se movendo para acomodar a expressão.

Calloway foi para o bar com aquela foice predatória de dentes fixa na mente, ansioso, sem saber o motivo da ansiedade.

Na cela de espelhos do seu camarim, Diane Duvall estava quase pronta para representar sua cena.

— Pode entrar agora, senhor Lichfield — disse ela. Ele estava na porta antes que a última sílaba de seu nome fosse pronunciada.

— Miss Duvall — ele fez uma mesura discreta e respeitosa.

Diane sorriu: ‘Que homem tão educado!’

— Por favor desculpe-me por ter entrado daquele modo antes.

Diane fez seu ar de ingênua, que sempre derretia os homens.

— O Sr. Calloway... — começou a dizer.

— Um jovem muito insistente, suponho.

— Sim.

— Capaz de impor suas atenções a sua atriz principal, não é?

Diane franziu levemente a testa, uma linha dançante onde os arcos depilados das sobrancelhas se encontravam.

— Exatamente.

— Nada profissional da parte dele — disse Lichfield — mas, se me perdoa, seu ardor é perfeitamente compreensível.

Diane foi para o fundo do camarim, aproximando-se do espelho, e então voltou-se, sabendo que o reflexo daria aos seus cabelos uma iluminação de fundo mais lisonjeira.

— Muito bem, senhor Lichfield, o que posso fazer pelo senhor?

— Francamente, trata-se de um assunto delicado — disse Lichfield. — A dura verdade é que — como posso dizer? — seus talentos não se adaptam de modo ideal a esta produção. Seu estilo não tem a leveza necessária...

Um silêncio de dois segundos. Ela fungou, pensou na impertinência da observação e então atravessou aquele palco privado na direção da porta. Não estava gostando do começo da cena. Esperava um admirador e dialogava com um crítico...

— Saia! — disse, com voz gelada.

— Senhorita Duvall...

— Ouviu o que eu disse.

— Não se sente bem no papel de Viola, certo? — continuou Lichfield, como se a estrela não lhe tivesse dito nada.

— Não é da sua maldita conta — retrucou ela.

— Acontece que é. Vi os ensaios. Foi sem graça, nada convincente. A comédia está sem graça, a cena da reunião — devia partir nossos corações — é pesada.

— Não preciso da sua opinião, muita obrigada.

— Não tem estilo...

— Dê o fora.

— Nem presença e nem estilo. Tenho certeza de que na televisão é simplesmente radiante, mas o palco exige uma

veracidade especial, uma emoção que a senhora francamente não possui.

A cena estava esquentando. Diane queria bater nele, mas não encontrava motivação adequada. Não podia levar a sério aquele *poseur* desbotado. Ele era mais comédia musical do que melodrama, com suas imaculadas luvas cinzentas, a gravata cinzenta de nó perfeito. Bicha estúpida e maldosa, o que sabia sobre teatro?

— Saia antes que eu chame o diretor de cena — disse ela, mas o homem lhe bloqueava o caminho da porta.

Uma cena de estupro? Era isso o que estavam representando? Será que o homem estava a fim dela? Que Deus não permitisse!

— Minha mulher — disse ele — fez o papel de Viola...

— Ótimo para ela.

— ... e ela acha que pode pôr um pouco mais de vida no papel do que você.

— A estreia é amanhã — respondeu Diane, quase sem pensar, como se estivesse defendendo a própria presença.

Por que diabo tentava discutir com ele? Um desconhecido que entrara daquele modo e fazia agora aquelas observações terríveis? Talvez porque ela estivesse com um pouco de medo. O hálito dele, mais próximo agora, cheirava a chocolate fino.

— Ela sabe o papel de cor.

— Esse papel é meu. E eu vou fazê-lo. Vou representá-lo, nem que seja a pior Viola em toda a história do teatro, entendeu?

Diane tentava manter a calma, mas estava ficando difícil. Alguma coisa nele a deixava nervosa. Não era violência o que temia da parte do homem, mas temia alguma coisa.

— Sinto muito, mas já prometi o papel à minha mulher.

— O quê? — Diane arregalou os olhos diante de tanta arrogância.

— Será Constantia quem irá representá-lo.

Diane achou graça no nome. Talvez fosse alta comédia, afinal. Alguma coisa de Sheridan ou Wilde, material fino, malicioso. Mas ele falava com tanta certeza, Constantia vai representá-lo como se tudo estivesse arranjado.

— Não vou mais discutir isso, cara; portanto, se sua mulher quer o papel de Viola, vai ter de representar no olho da rua. Está claro?

— Ela estreia amanhã.

— Você é surdo, idiota, ou as duas coisas ao mesmo tempo?

Controle-se, dizia-lhe uma voz interior, você está exagerando, e perdendo seu domínio da cena, seja lá de que cena esteja falando.

Ele deu um passo em direção a ela, e as luzes do espelho lhe iluminaram o rosto sob a aba larga do chapéu. Diane não prestara atenção quando ele apareceu em cena; agora via as linhas profundas, os sulcos em volta dos olhos e da boca. Não era carne, tinha certeza. Ele estava usando algum disfarce de borracha, muito mal colocado. A mão de Diane formigou com vontade de arrancar tudo aquilo e descobrir o rosto verdadeiro.

É claro! Era isso! A cena que estava representando era à do desmascaramento.

— Vamos ver seu rosto verdadeiro — disse ela, a mão estendendo-se para a cabeça de Lichfield antes que ele pudesse impedi-la, o sorriso alargando-se quando ela atacou. É isso mesmo o que ele quer, pensou Diane, mas era tarde demais para remorsos ou desculpas. Seus dedos encontraram a borda da máscara, logo abaixo dos olhos, e se curvaram para segurar melhor. Ela puxou.

A fina película de látex saiu facilmente, e o rosto verdadeiro foi exposto para o mundo. Diane tentou recuar, mas ele a segurava pelos cabelos. Tudo o que ela podia fazer era olhar para aquele rosto quase descarnado. Alguns fios secos de músculos enrolavam-se aqui e ali, e uma sugestão de barba pendia de uma dobra ressequida como couro, no pescoço, mas todo tecido outrora vivo há muito tempo havia apodrecido. A maior parte do rosto era só osso, manchado e gasto.

— Eu não fui embalsamado — disse a caveira —, mas Constantia foi.

A explicação escapou a Diane. Não fez qualquer ruído de protesto que, sem dúvida, a cena justificaria. Tudo o que conseguiu foi um gemido choroso quando os dedos dele se apertaram, e sua cabeça foi puxada para trás.

— Precisamos fazer uma escolha, mais cedo ou mais tarde — disse Lichfield, o hálito agora não mais com cheiro de chocolate, mas de profunda putrefação — entre servir a nós mesmos ou servir à arte.

Diane não compreendeu muito bem.

— Os mortos precisam escolher com mais cuidado do que os vivos. Não podemos desperdiçar nosso fôlego, se me perdoa a frase, em algo que não seja o mais puro prazer. Você não quer a arte, suponho. Quer?

Diane balançou a cabeça, pedindo a Deus que fosse a resposta esperada.

— Você quer a vida do corpo, não a vida da imaginação. E pode ter.

— Muito... obrigada.

— Se quiser com intensidade, pode ter.

De repente a mão que puxava dolorosamente seus cabelos segurou-a pela nuca e levou-lhe os lábios ao encontro dos dele. Ela teria gritado quando aquela boca apodrecida se apertou contra a sua, mas o beijo foi tão insistente que tirou todo o seu fôlego.

Ryan encontrou Diane no chão do camarim alguns minutos antes das duas horas. Era difícil adivinhar o que tinha acontecido. Não havia sinal de ferimento na cabeça ou no corpo, e ela não estava completamente morta. Parecia estar numa espécie de coma. Talvez tivesse escorregado, batendo a cabeça na queda. Fosse o que fosse, estava definitivamente fora de circulação.

Faltavam horas para o último ensaio geral final, e Viola já estava na ambulância, a caminho do Centro de Tratamento Intensivo.

— Quanto mais cedo derrubarem este lugar, melhor — disse Hammersmith.

Estivera bebendo durante o horário de trabalho, uma coisa que Calloway nunca o tinha visto fazer antes. A garrafa de uísque estava sobre a mesa, ao lado do copo pela metade. Marcas redondas e úmidas desenhavam-se sobre as folhas cheias de números, e as mãos dele tremiam violentamente.

— Quais as notícias do hospital?

— Ela é uma bela mulher — disse Hammersmith, olhando para o copo.

Calloway juraria que ele estava a ponto de chorar.

— Hammersmith, como está ela?

— Em coma. Mas a condição é estável.

— Isso pelo menos já é alguma coisa, espero.

Hammersmith ergueu os olhos para Calloway, as sobrancelhas espessas unindo-se em fúria.

— Seu verme — disse ele — você estava fodendo Diane, não estava? Acha que é muito encantador, não é? Muito bem, pois deixe que lhe diga uma coisa. Diane Duvall vale dúzias de pessoas iguais a você. Dúzias!

— Por isso permitiu que essa peça continuasse, Hammersmith? Por que viu Diane e sentiu o desejo de pôr suas mãozinhas quentes em cima dela?

— Você não compreenderia. Você tem a cabeça entre as pernas.

— Parecia genuinamente ofendido pela interpretação dada por Calloway à sua admiração por Miss Duvall.

— Tudo bem, seja como quiser. Mas continuamos sem Viola.

— Por isso mesmo estou cancelando o espetáculo — disse Hammersmith, acalmando-se para saborear o momento.

Tinha de acontecer! Sem Diane Duvall, não podia haver Noite de Reis; e talvez fosse melhor assim.

Ouviu-se uma batida na porta.

— Quem, diabo, será? — disse Hammersmith suavemente. — Entre.

Era Lichfield. Calloway ficou quase contente ao ver aquele rosto estranho e cheio de cicatrizes. Queria perguntar a Lichfield uma porção de coisas, como estava Diane quando ele a deixara, sobre o que tinham conversado, mas não era o tipo de entrevista para ser feita na frente de Hammersmith. Além disso, qualquer ensejo de acusação seria invalidado pela própria presença do homem naquele momento. Se Lichfield tivesse tentado qualquer ato de violência, fosse por que fosse, evidentemente não voltaria tão cedo, tão sorridente.

— Quem é você? — perguntou Hammersmith.

— Richard Walden Lichfield.
— Continuo sem saber.
— Eu fui curador do Elysium.
— Oh.
— Meu interesse...
— O que você quer? — interrompeu Hammersmith, irritado com a pose de Lichfield.

— Ouvi dizer que a produção está prejudicada — respondeu Lichfield, tranquilamente.

— Nada de prejudicada — disse Hammersmith, com um tremor irônico no canto da boca. — Nada de prejudicada, porque não vai haver qualquer peça. O espetáculo foi cancelado.

— Oh? — Lichfield olhou para Calloway.

— Isso tem o seu consentimento? — perguntou.

— Ele não tem nada a dizer sobre o assunto; só eu tenho o direito de cancelá-lo se as circunstâncias obrigarem; está no contrato. O teatro está fechado a partir de hoje, e não reabrirá.

— Garanto-lhe que irá — disse Lichfield.

— O quê? — Hammersmith levantou-se atrás da mesa, e Calloway deu-se conta de que era a primeira vez que o via de pé. Era muito baixo.

— Apresentaremos Noite de Reis como está anunciado — ronronou Lichfield. — Minha mulher teve a bondade de concordar em substituir Miss Duvall no papel de Viola.

Hammersmith riu, uma risada vulgar de açougueiro, que morreu nos seus lábios quando o escritório foi invadido pelo perfume de lavanda e Constantia Lichfield fez sua entrada, cintilante, com seda e peles. Parecia tão perfeita como no dia de sua morte. Até Hammersmith prendeu a respiração e ficou calado ao vê-la.

— Nossa nova Viola — anunciou Lichfield.

Depois de um momento, Hammersmith conseguiu falar.

— Esta mulher não pode entrar na peça a menos de um dia da estreia.

— Por que não? — disse Calloway, sem tirar os olhos da mulher. Lichfield era um homem de sorte. Constantia era de uma

beleza extraordinária. Ele mal ousava respirar na presença dela, com medo de que desaparecesse.

Então ela falou. As linhas do 5 ato, cena 1.

Se nada nos impede agora a felicidade

A não ser esta minha falsa roupagem masculina,

Não me envolva em seus braços antes que

Lugar, tempo e boa fortuna possam combinar

Num todo chamado Viola.

A voz era clara e musical, mas parecia ressoar dentro do seu corpo. enchendo cada frase com uma força móvel de paixão reprimida.

E aquele rosto! Maravilhosamente vivo, os traços representando a história das palavras com delicada economia.

Ela era encantadora.

— Desculpe-me — disse Hammersmith. — Mas há regras e regulamentos para coisas como essa. Ela é filiada, por acaso, ao sindicato?

— Não — disse Lichfield.

— Bem, você compreende, então será de todo impossível. O sindicato proíbe esse tipo de coisa. Eles nos esfolariam vivos.

— E o que é que isso importa a você, Hammersmith? — disse Calloway — Qual é o problema? Nunca mais entrará de novo num teatro, quando este for demolido.

— Minha mulher tem assistido aos ensaios. Sabe o papel com perfeição.

— Seria um espetáculo de magia — disse Calloway, seu entusiasmo aumentando cada vez que olhava para Constantia.

— Está se arriscando ao enfrentar o sindicato, Calloway — censurou Hammersmith.

— Aceito o risco.

— Como você disse, para mim não é nada. Mas se um passarinho for dizer a eles, pode contar com ovos quebrados em sua cara.

— Hammersmith, dê uma chance a ela. Dê uma chance a nós todos. Se o sindicato me puser na lista negra, paciência.

Hammersmith sentou-se outra vez.

— Além do mais, não teremos público, sabe disso, não sabe? Diane Duvall era uma estrela. Eles aguentariam sua pretensiosa produção só para vê-la, Calloway. Mas uma desconhecida...? Bem, é o seu funeral. Vá em frente, faça o que quiser. Eu lavo as mãos. E sua responsabilidade, Calloway, lembre-se disso. Espero que o esfolem vivo!

— Obrigado — disse Lichfield. — Muita bondade sua.

Hammersmith começou a arrumar a mesa, dando maior proeminência à garrafa e ao copo. A entrevista estava terminada, ele não se interessava mais por aquelas borboletas.

— Vão embora — disse ele. — Vão embora de uma vez.

— Tenho um ou dois pedidos — disse Lichfield para Calloway, quando saíram do escritório. — Pequenas alterações na produção que realçarão o desempenho de minha mulher.

— Quais são?

— Para conveniência de Constantia, eu pediria que a iluminação fosse diminuída consideravelmente. Ela não está acostumada a trabalhar sob luzes tão quentes e tão fortes.

— Muito bem.

— Pediria também a instalação de uma fileira de luzes na ribalta.

— Luzes de ribalta?

— Um pedido estranho, reconheço, mas ela sente-se muito melhor com luzes da ribalta.

— Em geral, elas ofuscam os atores — disse Calloway. — Não podem ver bem a platéia.

— Mesmo assim... faço questão de que sejam instaladas.

— Certo.

— Terceiro, eu pediria que todas as cenas de beijos, abraços e tudo o que, de que alguma maneira, leve alguém a tocar em Constantia sejam alteradas para eliminar qualquer contato físico.

— Qualquer?

— Todos!

— Meu Deus, por quê?

— Minha mulher não precisa dessas coisas para dramatizar o trabalho do coração, Terence.

Aquela entonação curiosa de palavra “coração”. O trabalho do coração.

Os olhos de Calloway encontraram-se com os de Constantia por uma fração de segundo. Foi como se tivesse sido abençoado.

— Vamos apresentar nossa nova Viola a companhia? — sugeriu Lichfield.

— Por que não?

Os três entraram no teatro.

A alteração do cenário e a questão do contato físico foram fáceis. E, embora a princípio o resto do elenco demonstrasse certa desconfiança em relação à nova atriz, seus modos simples e sua graça natural logo conquistaram todos. Além disso, ela estar entre eles significava a continuação do espetáculo.

Às seis horas Calloway determinou um descanso, avisando que começariam o ensaio final as oito, e mandou que todos saíssem e procurassem se divertir. Todos estavam tomados por um novo entusiasmo pela produção. O que na véspera tinha parecido confusão, começava a tomar forma. E claro que havia muitas coisas para serem criticadas: falhas técnicas, roupas malfeitas, descuidos do diretor. Tudo como de hábito. Na verdade, os atores estavam satisfeitos, como não se sentiam há muito tempo. O próprio Ed Cunningham fez um ou dois elogios.

Lichfield encontrou Tallulah arrumando o Salão Verde,

— Esta noite...

— Sim, senhor...

— Não deve ter medo.

— Não estou com medo — respondeu Tallulah. Que ideia. Como se...

— Vai haver alguma dor, e eu sinto muito isso. Para você, na verdade para todos nós.

— Eu compreendo.

— Sei que compreende. Ama o teatro tanto quanto eu, conhece o paradoxo desta profissão. Representar a vida., ah, Tallulah, representar a vida., que coisa estranha. Às vezes me pergunto, você sabe, por quanto tempo conseguirei ainda manter esta ilusão...

— Seu desempenho é maravilhoso — disse ela.

— Você acha? Acha mesmo? — Sentia-se encorajado com a crítica favorável.

Era tão cansativo fingir o tempo todo; a carne falsa, o hálito, a aparência de vida.

Agradecido a Tallulah por sua opinião, estendeu o braço para ela.

— Você gostaria de morrer, Tallulah?

— Dói muito?

— Quase nada.

— Eu ficaria muito feliz.

— Isso é o certo.

Cobriu a boca da mulher com a sua, e Tallulah estava morta em menos de um minuto, cedendo satisfeita à sua língua exploradora. Ele a deitou no sofá esgarçado e fechou a porta do Salão Verde com a chave que ela carregava. O corpo esfriaria depressa na sala gelada, e estaria de pé outra vez quando comessem a chegar os espectadores.

Às seis e quinze Diane Duvall desceu de um táxi na frente do Elysium. Estava escuro, era uma noite de novembro castigada pelo vento, mas ela sentia-se muito bem. Nada poderia deprimi-la naquela noite. Nem o escuro, nem o frio.

Sem que a vissem, passou diante dos cartazes com seu rosto e seu nome e atravessou a platéia vazia em direção ao camarim. Lá, passando o tempo a fumar um maço de cigarros, estava o objeto da sua afeição.

— Terry!

Ficou parada na porta por um momento, esperando que ele se recobrasse da surpresa. Calloway ficou pálido, e Diane fez um muxoxo. Não era fácil. Havia uma estranha rigidez nos músculos de seu rosto que dificultava a expressão.

Calloway ficou mudo. Diane parecia doente, sem dúvida, e se havia saído do hospital para tomar parte no ensaio, ele teria de convencê-la a não fazer isso. Ela estava sem maquiagem, e o cabelo louro cinzento precisava ser lavado.

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele, quando ela fechou a porta.

— Negócios inacabados — disse Diane.

— Escute... Tenho de lhe dizer uma coisa...

Meu Deus ia ser uma confusão.

— Encontramos uma substituta para a peça — ela olhou sem compreender, e Calloway continuou, atropelando as palavras. — Pensamos que você não pudesse mais trabalhar, isto é, não permanentemente, mas você sabe, pelo menos para a estreia...

— Não se preocupe — disse ela.

Calloway abriu um pouco a boca.

— Não me preocupar?

— Que me importa isso?

— Disse que tinha voltado para terminar...

Calloway não terminou a frase. Diane estava desabotoando o vestido. Isso não é verdade, pensou ele, não pode ser verdade. Sexo? Agora?

— Pensei muito nas últimas horas — disse ela, tirando o vestido por baixo, fazendo-o passar pelas cadeiras e passando por cima dele quando caiu no chão. Estava com sutiã branco que tentou desabotoar, mas não conseguiu. — Resolvi que não me importo mesmo com o teatro. Quer me ajudar?

Virou-se de costas para ele. Automaticamente Calloway desabotoou o sutiã, sem pensar se queria aquilo agora, ou não. Pareci a um *fait accompli*. Diane tinha voltado para terminar o que fora interrompido, só isso. E apesar dos ruídos bizarros que ela fazia no fundo da garganta e do olhar vidrado, ainda era uma mulher atraente. Ela se pôs de frente para ele, e Calloway olhou para aqueles seios generosos, mais pálidos do que ele se lembrava, mas encantadores. Sua calça começava a ficar apertada demais da cintura para baixo e a atitude dela piorava a situação, pois Diane estava rebolando como a mais ousada strip-teaser do Soho, passando as mãos por entre as pernas.

— Não se preocupe comigo — disse ela — já me decidi. Tudo que quero realmente...

Pôs as mãos, que há pouco tinham estado entre as pernas, no rosto dele. Estavam geladas.

— Tudo o que eu quero é você. Não posso ter sexo e palco... Chega a hora na vida de nós todos em que precisamos tomar uma decisão.

Diane passou a língua nos lábios. Não deixou nem sinal de umidade.

— O acidente me fez pensar, analisar o que realmente desejo. E para ser franca — estava desafivelando o cinto dele — não ligo a mínima...

Agora o zíper da calça.

— ... para esta ou qualquer outra peça de merda.

A calça de Calloway caiu.

— ... vou mostrar com o que me importo.

Enfiou a mão dentro da cueca e o agarrou. De certo modo, os dedos gelados faziam o toque mais sensual. Calloway riu, fechando os olhos, enquanto ela abaixava sua cueca e se ajoelhava a seus pés.

Diane estava com a mesma prática de antes, sua garganta aberta como um ralo. A boca um pouco mais seca que de costume, a língua áspera o arranhava, mas as sensações o excitavam intensamente. Era tão bom que Calloway nem notou a facilidade com que ela o devorava, abocanhando-o mais profundamente do que nunca, usando todos os truques que conhecia para conduzi-lo as alturas. Lenta e profundamente, depois ganhando velocidade, até Calloway quase se satisfazer, e então, em ritmo lento outra vez, até passar a vontade imperiosa. Ele estava completamente à mercê de Diane.

Ele abriu os olhos para vê-la no seu trabalho. Diane estava grudada nele, uma expressão de êxtase no rosto.

— Deus — murmurou Calloway. — Isso é tão bom. Oh, sim, oh, sim.

O rosto dela não reagiu de nenhum modo a essas palavras, Diane apenas continuou sua tarefa em silêncio. Não fazia os ruídos de costume, os pequenos rosnados de satisfação, a respiração pesada pelo nariz. Apenas devorava a carne dele em silêncio absoluto.

Por um momento Calloway conteve a respiração, enquanto uma ideia nascia em suas entranhas. Diane continuava oscilando

para frente e para trás, olhos fechados, os lábios presos ao seu membro, completamente absorta. Meio minuto, um minuto, um minuto e meio. E agora suas entranhas estavam repletas de terrores.

Diane não estava respirando. Fazia aquele trabalho com tanta perfeição porque não precisava parar nem por um momento para tomar fôlego.

O corpo de Calloway ficou rígido, e sua ereção murchou na boca de Diane. Mas ela não fez nenhuma pausa no seu labor; o movimento inexorável continuou entre suas pernas enquanto em sua mente formava-se a ideia impensável:

Ela está morta!

Ela me tem na boca, na sua boca fria, e ela esta morta!... Por isso Diane tinha voltado, tinha se levantado da pedra fria do necrotério e voltado para ele. Precisava terminar o que tinha começado, não se importando mais com a peça ou com a mulher que usurpava seu lugar. Era este ato que valia para ela, só este ato. Diane o escolhera para desempenhar o papel por toda a eternidade.

Calloway, chegando a essa conclusão, nada mais podia fazer que não fosse olhar para aquele cadáver que o estava chupando.

Então, Diane aparentemente percebeu seu terror. Abriu os olhos e olhou para ele. Como fora possível confundir aquele olhar morto com vida? Suavemente ela tirou o órgão dele já murcho da boca fria.

— O que há? — perguntou, a voz aflautada, procurando ainda fingir que tinha vida.

— Você... você não está., respirando.

O rosto dela tomou uma expressão desapontada. Ela o soltou.

— Oh, querido — disse Diane, despindo-se de toda sugestão de vida. — Não sou muito boa nesse papel, não é isso?

A voz era a de um fantasma, fina e desamparada. A sua pele, que Calloway achara tão deliciosamente pálida, tinha uma transparência de cera.

— Você está morta? — ele perguntou.

— Sim, estou. Há duas horas, enquanto dormia. Mas eu tinha de vir, Terry, tanta coisa para terminar. Fiz minha escolha. Você devia se sentir lisonjeado. Está lisonjeado, não está?

Diane ergueu-se e procurou alguma coisa na bolsa que estava ao lado do espelho. Calloway olhou para a porta, procurando fazer com que seus membros se movimentassem, mas estavam inertes. Além disso, tinha a calça em volta dos tornozelos. Se desse dois passos, ia cair de cara no chão.

Diane voltou-se para ele com uma coisa prateada e afiada na mão. Por mais que tentasse, Calloway não conseguiu identificar o objeto. Mas, fosse o que fosse, era para ele.

Desde a construção do novo crematório, em 1934, o cemitério havia sofrido uma humilhação sobre outra. Os túmulos haviam sido profanados para roubar o chumbo dos caixões, as lajes revisadas e partidas; estava cheio de fezes de cachorro e de *graffiti*. Poucas pessoas ainda compareciam para cuidar dos túmulos. As gerações passaram, e os poucos que ainda tinham algum ente querido enterrado ali estavam muito velhos para enfrentar as aleias maltratadas, ou não suportavam ver tanto vandalismo. Mas nem sempre fora assim. Havia famílias ilustres e influentes enterradas atrás das fachadas de mármore dos mausoléus vitorianos. Fundadores da cidade, ricos industriais e dignitários, todos os que haviam contribuído para o orgulho da cidade com seu trabalho. O corpo da atriz Constantia Lichfield havia sido enterrado ali (“Até o Nascer do Dia e o Desaparecer das Trevas”), e seu túmulo era um dos raros a receber ainda atenção de algum admirador secreto.

Naquela noite não havia ninguém por perto, estava frio demais para namorados. Ninguém viu Charlotte Hancock abrir a porta do jazigo, com as asas dos pombos aplaudindo sua força quando saiu cambaleante para se encontrar com a lua. O marido, Gerard, estava com ela, um corpo menos recente, morto treze anos antes que a mulher. Joseph Jardine, *en famille*, saiu logo depois dos Hancock, bem como Marriot Fletcher e Anne Snell, mais os irmãos Peacock e muitos outros. Em um canto, Alfred Crawshaw (capitão do 17 de Lanceiros) ajudava a mulher Emma a sair da cama putrefata. Por toda a parte os rostos se encostavam na bordas da lajes — aquela não era Kezia Reynolds levando nos braços o filho que tinha vivido apenas um dia? E Martin van de Línde (A Lembrança do Justo é

Abençoada) cuja esposa jamais fora encontrada? Rosa e Selina Goldfinch, ambas figuras importantes e Thomas Jerrey, e...

Nomes demais para serem mencionados. Grande variedade no estado de putrefação para ser adequadamente descrito. Basta dizer que todos saíram dos túmulos, estando em frangalhos os trajes com que tinham sido enterrados, os rostos conservando apenas as bases estruturais de beleza. E lá iam eles, abrindo os portões dos fundos do cemitério e atravessando a área deserta na direção do Elysium. À distância ouvia-se o som do tráfego. Lá em cima um jato passou baixo, preparando-se para a aterrissagem. Um dos irmãos Peacock ergueu os olhos para o vulto gigantesco com suas luzes piscando, tropeçou e caiu de frente, partindo o queixo. Eles o ajudaram a levantar carinhosamente e o escoltaram na caminhada. Tudo estava bem; de que valeria a ressurreição sem algumas risadas?

Assim, o espetáculo continuou.

*“Se a música é o alimento do amor continue tocando, Dê-me em excesso para que, saciado,
O apetite adoeça e morra...”^{3}*

Não conseguiram encontrar Calloway quando o espetáculo ia começar, mas Ryan tinha instruções de Hammersmith... (através do onipresente senhor Lichfield) para começar com ou sem o diretor.

— Ele deve estar lá em cima na galeria — disse Lichfield. — Na verdade, acho que posso vê-lo daqui.

— Ele está sorrindo? — perguntou Eddie.

— De orelha a orelha.

— Então está bêbado.

Os atores riram. Havia muito riso naquela noite. O espetáculo ia bem e embora não pudessem ver o público, por causa das luzes instaladas na ribalta, sentiam as ondas de amor e prazer emanadas do auditório. Os atores saíam do palco cheios de entusiasmo.

— Estão todos nas galerias — disse Eddie — mas seus amigos, senhor Lichfield, estimulam maravilhosamente os atores. Estão quietos, é claro mas com imensos sorrisos, todos eles.

A cena II do primeiro ato, a primeira entrada de Constantia Lichfield como Viola, foi saudada com aplauso espontâneo. E que aplauso! Como o rolar ecoante de tambores de cordas, como a batida seca de milhares de varetas sobre couro esticado. Aplauso generoso, genuíno.

E, meu Deus, ela correspondeu plenamente. Começou a representar como se tivesse intenção de continuar, entregando todo o coração ao papel, sem necessidade de comunicar fisicamente a profundidade dos seus sentimentos, mas recitando os versos com tanta inteligência e tanta paixão que o menor adejar das mãos valia mais do que centenas de grande gestos. Depois dessa primeira cena, cada entrada sua no palco era saudada com o mesmo aplauso da audiência, seguido de um silêncio quase reverente.

Nos bastidores, o ambiente era de entusiasmada confiança. Toda a companhia farejava o sucesso, um sucesso milagrosamente arrancado das mandíbulas do fracasso.

Outra vez! Aplauso! Aplauso!

No seu escritório, Hammersmith registrou o ruído sonoro da adulação através da névoa de álcool.

Estava no ato de servir sua oitava dose quando a porta se abriu. Ergueu os olhos brevemente e viu que era aquele arrogante Calloway. Deve ter vindo para tripudiar, pensou Hammersmith, para me dizer como eu estava enganado.

— O que você quer?

O safado nem respondeu. Com o canto do olhos Hammersmith teve a impressão de ver um largo e brilhante sorriso nos lábios de Calloway. Idiota, satisfeito consigo mesmo, entrando aqui quando um homem está lamentando sua perda.

— Acho que já sabe.

O outro rosnou.

— Ela morreu — disse Hammersmith, começando a chorar. — Morreu há algumas horas, sem recobrar a consciência. Não contei ao elenco. Achei que não valia a pena.

Calloway de novo nada disse. Será que o filho da mãe não se importava? Não via que era o fim do mundo? A mulher estava morta. Tinha morrido nas entranhas do Elysium. Ia haver inquérito,

exame do seguro, post-mortem, investigação. Muita coisa seria revelada.

Tomou outro grande gole de uísque, sem se dar ao trabalho de botar os olhos em Calloway.

— Sua carreira vai dar um mergulho depois disto, filho. Não vou ser o único, oh, não.

Calloway continuou calado.

— Você não se importa? — perguntou Hammersmith.

Silêncio por um momento, e então Calloway respondeu.

— Não ligo a mínima.

— Você não passa de um insignificante contra-regra, bancando diretor. Isso é o que são todos vocês, merdas de diretores! Uma crítica favorável e viram dádivas de Deus à arte. Muito bem, vou dizer exatamente o que penso...

Olhou para Calloway, os olhos nadando em álcool, com dificuldades para focalizar. Mas finalmente conseguiu.

Calloway, o cretino safado estava nu da cintura para baixo, com meias e sapatos, sem calça e cueca. Aquela exposição seria cômica se não fosse a expressão do seu rosto. O homem tinha enlouquecido. Seus olhos giravam incontrolavelmente nas órbitas, saliva escorria da boca, muco, do nariz, a língua estava de fora como a de um cão cansado.

Hammersmith pôs o copo sobre o mata-borrão e olhou para o pior. Havia sangue na camisa de Calloway, um filete que subia para o pescoço até a orelha esquerda, da qual se projetava a ponta da lixa de unhas de Diane Duvall. Estava enfiada no cérebro de Calloway. O homem estava definitivamente morto.

Mas estava de pé, falando, andando.

Do teatro veio novamente o som do aplauso, abafado pela distância. De certo modo não era um som real. Vinha de outro mundo, de um lugar onde as emoções governavam. Um mundo do qual Hammersmith sempre se sentira excluído. Nunca chegou a ser um bom ator, embora tivesse tentado, Deus era testemunha, e as duas peças que havia escrito, sabia, eram horríveis. Contabilidade era seu forte e fez uso disso para continuar o mais perto possível do

palco, odiando sua insuficiência artística, tanto quanto se ressentia do talento dos outros.

O aplauso morreu, e, como se fosse a deixa de um ponto invisível, Calloway avançou para ele. A máscara que usava não era cômica nem trágica, era um misto de sangue e riso. Acovardado, Hammersmith estava acuado atrás da mesa. Calloway pulou sobre ela de um salto (parecia tão ridículo, as abas da camisa e os testículos balançando) e agarrou a gravata de Hammersmith.

— Filisteu — disse Calloway, que jamais conheceria os sentimentos de Hammersmith, e partiu-lhe o pescoço com um golpe — ploc! —, enquanto lá embaixo o aplauso recomeçava.

*Não me envolva em seus braços antes que
Lugar tempo e boa fortuna possam combinar
Num todo chamado Viola.*

Vindos dos lábios de Constantia, os versos eram uma revelação. Era quase como se Noite de Reis fosse uma peça nova, e o papel de Viola tivesse sido escrito só para Constantia Lichfield. Os atores que estavam no palco com ela tinham a impressão de diminuir de tamanho ante a demonstração daquele dom.

O último ato continuou até a amarga conclusão, a audiência mais encantada do que nunca, a julgar pela atenção arquejante.

*O duque disse: “Dê-me sua mão
E deixe que a veja como mulher”*

No ensaio, o convite insinuado pelos versos fora ignorado. Ninguém devia tocar em Viola, muito menos segurar a mão dela. Mas, no calor da representação, os tabus foram esquecidos. Tomado pela paixão do momento, o ator estendeu a mão para Constantia e ela, também esquecida da proibição, estendeu a sua em resposta.

Nos bastidores, Lichfield murmurou “não”, mas a ordem não foi ouvida. O duque segurou a mão de Viola, vida e morte cortejando-se sob o céu pintado.

A mão estava gelada, não tinha sangue nas veias, nenhuma cor na pele.

Mas ali estava, como se fosse viva.

Eram iguais, o vivo e a morta, e ninguém poderia alegar uma causa justa para separá-los.

Nos bastidores, Lichfield suspirou e permitiu-se um sorriso. Havia procurado evitar aquele toque, com medo de que quebrasse o encanto. Mas Dionísio estava com eles naquela noite. Tudo ia ficar bem, sentia nos ossos.

O ato estava quase no fim, e Malvolio, bradando ainda suas ameaças, embora derrotado, foi levado para fora do palco. Um a um o elenco saiu, deixando o bufão para terminar a peça.

*Há milênios o mundo começou,
Em turbilhões de água e vento,
Para ser como agora. Nossa peça acabou
E nos esforçaremos para agradecer-vos a cada momento.*

As luzes no palco se apagaram, e a cortina desceu. Das galerias veio um aplauso extasiado, o mesmo aplauso ecoante e seco. O elenco, olhos brilhantes com o sucesso da primeira apresentação, alinhou-se atrás da cortina para o agradecimento. O pano subiu, o aplauso aumentou.

Nos bastidores, Calloway aproximou-se de Lichfield. Estava vestido e tinha lavado o sangue do pescoço.

— Muito bem, temos um sucesso brilhante — disse a caveira.
— É uma pena que esta companhia tenha de ser dissolvida.

— Sim, uma pena — respondeu o morto.

Os atores agora gritavam nos bastidores, chamando Calloway. Eles o aplaudiam, pedindo sua presença.

O diretor pôs a mão no ombro de Lichfield.

— Vamos juntos — disse.

— Não, eu não posso.

— Mas deve. É seu triunfo tanto quanto meu.

Lichfield fez um gesto afirmativo, e os dois foram para o palco a fim de agradecer, ao lado da companhia.

Nos bastidores, Tallulah trabalhava. Depois do sono no Salão Verde, sentia-se mais disposta. Tanta coisa desagradável tinha desaparecido, partido com sua vida. Não sentia mais dor nos quadris, nem a neuralgia no couro cabeludo. Não precisava mais aspirar o ar através de sua traqueia entupida por setenta anos de muco, nem esfregar as costas das mãos para ativar a circulação. Nem piscar ela piscava. Preparou as fogueiras com redobradas

forças, empilhando os detritos das produções anteriores para terem nova utilização. Velhos cenários de fundo, artigos de contra-regra, vestuário. Quando as pilhas de combustíveis atingiram altura suficiente, acendeu um fósforo e botou fogo nelas. O Elysium começou a se incendiar.

Sobre o eco dos aplausos alguém gritava:

— Maravilhoso, queridos, maravilhoso!

Era a voz de Diane, todos reconheceram, embora não pudessem vê-la. Diane cambaleava pela passagem central, em direção ao palco, fazendo um papel ridículo.

— Cadela idiota — disse Eddie.

— Opa! — disse Calloway.

Ela estava perto do palco agora, falando com ele.

— Tem tudo o que queria agora, não tem? Esta é sua nova amante, não é? Não é?

Diane tentava subir no palco, segurando no metal quente dos refletores das lâmpadas da ribalta. Sua pele começou a queimar; a gordura estava realmente no fogo.

— Pelo amor de Deus, não deixem que ela continue — disse Eddie.

Mas Diane parecia não sentir a queimadura nas mãos. Riu para ele. O cheiro de carne queimada encheu o ar. A companhia rompeu as fileiras, esquecendo o triunfo.

Alguém gritou: “Apaguem as luzes!”.

Num instante as luzes se apagaram. Diane recuou, com a fumaça saindo das mãos. Um dos atores desmaiou, outro correu para os bastidores e vomitou. Atrás deles ouviam o estalar do fogo, mas outras coisas exigiam sua atenção.

Com as luzes da ribalta apagadas, viam com maior clareza o auditório. As poltronas estavam vazias, mas o balcão e a galeria estavam repletos de admiradores ávidos. Completamente lotados, com espectadores enchendo as passagens entre as cadeiras. Alguém lá em cima começou a aplaudir novamente, sozinho, por um instante, logo acompanhado por todos. Mas agora, poucos membros da companhia sentiam orgulho daquele sucesso.

Mesmo ali do palco, com os olhos cansados e ofuscados, podiam ver claramente que nenhum homem, nenhuma mulher, nenhuma criança daquela multidão entusiasmada estava vivo. Acenavam com finos lenços de seda nas mãos putrefatas, alguns batiam ritmicamente nas costas das cadeiras, a maioria apenas batia palmas, osso contra osso.

Calloway sorriu, fez uma profunda curvatura e recebeu o aplauso com gratidão. Nos seus quinze anos de teatro jamais vira um público tão entusiasmado.

Envoltos no amor dos admiradores, Constantia e Richard Lichfield, de mão dadas, voltaram à frente do palco para mais um agradecimento, enquanto os atores vivos recuavam horrorizados.

Começaram a gritar e a rezar, gemiam, corriam de um lado para o outro, como adúlteros apanhados em flagrante numa farsa. Mas, como na farsa, a situação não tinha saída. Chamas brilhantes lambiam as vigas do teto, e pedaços de lona cascadeavam à direita e à esquerda. Na frente, os mortos; atrás, a morte. O ar estava espesso de fumaça. Alguém, com uma toga em chamas, recitava gritos. Outro acionava um extintor contra aquele inferno. Tudo inútil, todo trabalho em vão, além de mal dirigido. Quando o telhado começou a desabar, pedaços mortais de madeira em chamas silenciaram quase todos.

Nas galerias, quase todo o público partira. Cambaleava de volta aos túmulos, antes que chegassem os bombeiros, as mortalhas e os rostos iluminados pelo fogo quando olhavam sobre os ombros para ver a morte do Elysium. Um ótimo espetáculo e iam felizes para casa, satisfeitos com o novo assunto para comentar durante algum tempo, nas trevas.

O incêndio durou toda a noite, apesar dos esforços como sempre valorosos dos bombeiros. Às quatro da manhã, desistiram da luta, dando a batalha como perdida, e o incêndio continuou sem empecilhos. Ao nascer do sol o Elysium não existia mais.

Nas ruínas foram descobertos restos de várias pessoas, quase todas impossíveis de serem identificadas. Fichários de dentistas foram consultados, e um dos corpos era de Giles Hammersmith (administrador), outro de Ryan Xavier (diretor de cena) e, o mais

chocante, o terceiro era de Diane Duvall, “Estrela de O Filho do Amor”, morta no incêndio, diziam os jornais. Em uma semana ela estava esquecida.

Não houve sobreviventes. Muitos corpos simplesmente nunca foram encontrados.

Parados ao lado da estrada, viam os carros que passavam velozmente pela noite.

Lichfield estava ali, evidentemente, e Constantia, radiante como sempre. Calloway havia resolvido ir com eles, bem como Eddie e Tallulah. Havia mais uns três ou quatro no grupo.

Era a primeira noite de liberdade, e ali estavam na estrada, atores ambulantes. Eddie fora vitimado só pela fumaça, mas havia outros bastante feridos durante o incêndio. Corpos carbonizados, membros quebrados. Mas o público para o qual representariam no futuro na certa ia perdoar essas pequenas mutilações.

— Há certas vidas vividas para o amor — disse Lichfield à sua nova companhia — e vidas vividas para a arte. Nosso grupo felizmente escolheu a segunda alternativa.

Uma onda de aplauso percorreu a companhia.

— A vocês, que jamais morreram, quero dar-lhes boas-vindas ao mundo!

Risos, e mais aplausos.

As luzes dos carros que passavam pela estrada, indo para o norte, desenhavam o grupo em silhueta. Para todos os efeitos pareciam homens e mulheres vivos. Mas, afinal, não era esse o truque da sua profissão? Imitar tão bem a vida que a ilusão confundia-se com a realidade? E seu novo público, esperando por eles nos mortuários, cemitérios e capelas fúnebres, apreciaria essa habilidade mais do que qualquer outro. Quem pode melhor aplaudir a imitação de paixão e dor do que os mortos, que já experimentaram esses sentimentos e finalmente se libertaram deles?

Os mortos. Precisavam tanto de entretenimento quanto os vivos, e constituíam um mercado extremamente negligenciado.

Não que a companhia fosse representar por dinheiro, representaria por amor à arte, Lichfield deixou isso bem claro desde o começo. Não mais serviriam a Apolo.

— Agora — disse ele — que caminho devemos seguir, norte ou sul?

— Norte — disse Eddie. — Minha mãe está enterrada em Glasgow. Ela morreu antes que eu começasse a representar profissionalmente. Gostaria que me visse no palco.

— Norte, então — disse Lichfield. — Vamos procurar um transporte?

Conduziu-os para o restaurante da estrada, com o luminoso que, piscando nervosamente, mantinha a noite à distância. As cores tinham uma intensidade teatral: vermelho, lima, cobalto e o branco que parecia sair das janelas, inundando o estacionamento onde eles estavam. As portas automáticas sibilaram quando saiu um viajante, com *hamburgers* e doces para a criança que estava no banco de trás do seu carro.

— Sem dúvida algum motorista amigoso arranjará um lugar para nós — disse Lichfield.

— Para todos nós? — perguntou Calloway.

— Um caminhão serve; mendigos não podem ser exigentes — disse Lichfield. — E somos mendigos agora, sujeitos aos caprichos dos nossos benfeitores.

— Podemos roubar um carro — disse Tallulah.

— Não precisamos roubar, a não ser em caso extremo — disse Lichfield. — Constantia e eu iremos na frente à procura de um motorista.

Segurou a mão da mulher.

— Ninguém diz não à beleza — disse ele.

— O que diremos se alguém nos perguntar o que estamos fazendo aqui? — perguntou Eddie nervosamente. Não estava acostumado àquele papel, precisava ser tranquilizado.

Lichfield voltou-se para a companhia e sua voz ribombou na noite:

— O que diremos? Que estamos representando a vida, é claro! Com um sorriso!

NAS COLINAS, AS CIDADES

Foi só ao fim da primeira semana de viagem pela Iugoslávia que Mick descobriu como era a pessoa mais sectária do mundo o seu amante. Na verdade, fora avisado. Uma das bichas nos Banhos Turcos lhe havia dito que Judd estava à direita de Atila, o rei dos hunos, mas o homem fora um dos casos de Judd, e Mick achou que havia mais despeito do que objetividade nessa restrição de caráter.

Ah, se tivesse dado ouvidos à advertência! Então não estaria dirigindo aquele Volkswagen por uma estrada interminável, sentindo-o com o tamanho de um caixão de defunto e ouvindo a opinião de Judd sobre o expansionismo soviético. Jesus, como ele era chato! Judd não conversava, fazia conferências intermináveis. Na Itália o sermão foi sobre a exploração do voto dos camponeses pelo comunismo. Agora, na Iugoslávia, Judd entrava com entusiasmo no assunto, e Mick tinha vontade de dar com um martelo naquela cabeça intolerante.

Não que discordasse de tudo o que Judd dizia. Alguns argumentos (aqueles que Mick compreendia) pareciam bastante lógicos. Mas, na verdade, o que sabia ele do assunto? Era professor de dança. Judd era jornalista profissional e uma autoridade no ramo. Como a maioria dos jornalistas que Mick conhecia, achava-se na obrigação de ter opinião própria sobre tudo que existisse sob o sol. Especialmente sobre política, o melhor lago para se mergulhar. Era possível enfiar o focinho, os olhos, a cabeça e as patas da frente naquela água escura e se divertir à beça, chapinhando por algum tempo. Era um assunto inesgotável para se devorar, um cocho com um pouco de tudo, porque, de acordo com Judd, tudo se resumia em política. As artes eram política. Sexo era política. Religião, comércio, jardinagem, comer, beber e peidar — tudo era política.

Jesus era uma chatice de estourar os miolos; uma chatice mortal, capaz de assassinar qualquer amor.

E, o que era pior, Judd não parecia se dar conta do quanto Mick estava chateado, ou, se notava, não dava a menor importância. Continuava a falar, os argumentos cada vez mais longos, as frases se esticando a cada milha que venciam.

Judd, Mick concluiu, era um egoísta filho da mãe, e logo que terminasse a lua-de-mel ele o largaria.

Foi somente naquela viagem, naquela infundável caravana errante pelos cemitérios da cultura centro-europeia, que Judd descobriu quão pouco Mick sabia sobre política. O cara demonstrava ter interesse mínimo pela economia ou pela política dos países que atravessavam. Notou sua completa indiferença pelos fatos importantes a respeito da situação italiana e viu quando bocejou, sim, bocejou, ao tentar (e falhar) explicar-lhe a ameaça russa à paz do mundo. Tinha de enfrentar a amarga verdade: Mick não passava de uma bicha, não havia outra palavra para ele. Certo, talvez não tivesse os trejeitos, nem usasse joias em excesso, mas ainda assim era uma bicha, feliz por chafurdar no mundo de sonho dos frescos do começo da Renascença e nos ícones da Iugoslávia. As complexidades, as contradições, até mesmo as agonias que haviam feito essas culturas florescer e murchar simplesmente o aborreciam. Sua mente era tão profunda quanto seu rosto ele era um maldito João-ninguém.

Que bela lua-de-mel!...

A estrada para o sul que ia de Belgrado a Novi Pazar era, pelos padrões iugoslavos, uma boa estrada. Havia menor número de buracos do que nas outras por onde haviam passado, e era relativamente reta. A cidade de Novi Pazar ficava no vale do Rio Raska, ao sul da cidade que tinha seu nome. Não era uma região muito procurada por turistas. Apesar da boa estrada, era inacessível ainda assim e não oferecia as amenidades sofisticadas; mas Mick fazia questão de ver o mosteiro em Sopocani, a oeste da cidade, e, depois de uma amarga discussão, ele venceu.

A viagem foi pouco interessante. Os campos cultivados que ladeavam a estrada pareciam secos e empoeirados. O verão fora

extremamente rigoroso, e a seca haviam assolado muitas aldeias. As colheitas foram más, e o gado, prematuramente abatido para evitar que morresse de subnutrição. Havia uma expressão de derrota nos poucos rostos que viam na estrada. Até as crianças tinham um ar tristonho; expressões tão pesadas quanto o calor sufocante que pairava sobre o vale.

Agora, com as cartas na mesa depois da briga que tiveram em Belgrado. viajavam em silêncio a maior parte do tempo, mas a estrada reta, como muitas estradas, convidava à discussão. Quando a tarefa de dirigir é fácil, a mente procura alguma coisa com que se ocupar. O que melhor do que uma briga?

— Por que, diabo, você quer ver esse mosteiro? — perguntou Judd.

Um convite inconfundível.

— Viajamos até aqui... — Mick tentou manter o tom de conversa. Não estava disposto a discutir.

— Mais porras de Virgens, é isso?

Procurando manter a voz o mais calma possível. Mick apanhou o guia e leu.

“... ali, podem ainda ser vistas e apreciadas algumas das maiores obras da arte sérvia, incluindo o que muitos conhecedores consideram a eterna obra-prima da escola Raska:

“O Sono da Virgem”.

Silêncio.

Então Judd disse:

— Estou com o saco cheio de ver tantas igrejas.

— É uma obra-prima.

— Todas são obras-primas, segundo esse maldito livro.

Mick sentiu que começava a perder a calma.

— Duas horas e meia no máximo...

— Eu já disse, não quero ver outra igreja; o cheiro delas me dá náuseas., Incenso velho, suor velho e mentiras...

— É um pequeno desvio. Depois podemos voltar para a estrada, e você pode me dar outra aula sobre os subsídios para a agricultura em Sandzak.

— Estou apenas tentando puxar uma conversa decente em lugar desta besteira infundável de procurar obras-primas sérvias...

— Pare o carro!

— O quê?

— Pare o carro!

Judd parou o Volkswagen no acostamento, e Mick desceu.

A estrada estava quente, mas havia uma leve brisa. Ele respirou fundo e andou para o meio da estrada. Vazia de veículos e de pedestres nas duas direções. Em qualquer direção, vazia. As colinas incandesciam com o calor que subia dos campos. Papoulas silvestres cresciam nas valas laterais. Mick atravessou a estrada, agachou-se e apanhou uma.

Ouviu a porta do Volks bater atrás dele.

— Para que paramos? — disse Judd. Sua voz estava irritada, ainda na esperança de conseguir uma discussão, pedindo uma briga.

Mick ergueu-se, brincando com a flor, que estava para soltar as sementes dado o período da estação. As pétalas soltaram-se do cálice quando ele as tocou, como borrifos vermelhos caindo lentamente no asfalto cinzento.

— Eu fiz uma pergunta — disse Judd.

Mick olhou em volta. Judd estava de pé, no outro lado do carro, as sobrancelhas franzidas numa linha de fúria crescente. Mas bonito; oh, sim, um rosto que fazia as mulheres chorarem de frustração por ele ser gay. Um bigode negro e farto (perfeitamente aparado) e olhos que se podiam olhar para sempre, sem jamais ver repetir-se neles a mesma luz. Por que, em nome de Deus, pensou Mick, um homem assim tem de ser um merdinha tão insensível?

Judd retribuiu o olhar de desprezo e avaliação do garoto amuado no outro lado da estrada. Aquela cena que Mick representava agora para ele era nauseante. Ficaria bem, talvez, numa ‘virgem de dezesseis anos. Num garoto de vinte e cinco, faltava-lhe credibilidade.

Mick deixou cair à flor e tirou a aba da camisa de dentro da calça jeans. Uma barriga firme, depois o peito macio apareceram quando ele a tirou completamente. A cabeça reapareceu com o cabelo despenteado e um largo sorriso. Judd olhou para aquele

corpo. Perfeito, não musculoso demais. A cicatriz da operação de apêndice espiava sobre a cintura da calça jeans desbotada. Um cordão de ouro, pequeno, mas refletindo a luz do sol, mergulhado na cavidade abaixo do pescoço. Sem perceber, retribuiu o sorriso de Mick, e uma espécie de paz se estabeleceu entre eles.

Mick estava desafivelando o cinto.

— Quer trepar? — disse ele, o sorriso constante.

— Não adianta — veio à resposta, mas não a essa pergunta.

— O que não adianta?

— Não somos compatíveis.

— Quer apostar?

Agora o fecho da calça estava aberto e Mick caminhava para o trigal ao lado da estrada.

Judd viu Mick abrir caminho no mar, ondulante, suas costas da cor dos grãos de trigo, até ficar quase camuflado. Era um jogo perigoso, trepar ao ar livre — não estavam em São Francisco nem em *Hampstead Heath*. Nervoso, Judd olhou para a estrada. Ainda vazia nas duas direções. E Mick estava se voltando, no meio do trigal, sorrindo e acenando, como um nadador boiando no mar dourado. Que diabo... ninguém ia ver, ninguém ia saber. Só as colinas, líquidas na névoa formada pela evaporação do calor, as colinas cobertas de florestas atentas às tarefas da terra e um cão perdido, sentado na beira da estrada, esperando por algum dono perdido.

Judd seguiu o caminho aberto por Mick através do trigo, desabotoando a camisa enquanto andava. Ratos do campo corriam, escondendo-se rapidamente, entre as hastes de trigo, do gigante que se aproximava, seus passos soando como trovão. Judd percebeu o pânico deles e sorriu. Não queria fazer mal aos animaizinhos, mas como eles podiam saber disso? Talvez tivesse destruído centenas de vidas, ratos, insetos, vermes, antes de chegar onde Mick estava deitado, completamente nu, num leito de grãos amassados, ainda sorrindo.

Foi bom o que fizeram, amor bom, forte, com prazer igual para ambos; havia na sua paixão uma precisão sentindo o momento quando o prazer fácil se tornava urgente, quando o desejo se tomava

necessidade. Abraçados, pernas entrelaçadas, língua com língua, numa união que só o orgasmo podia realizar, as costas alternadamente queimadas pelo sol e arranhadas pelos grãos, quando ralavam, trocando golpes e beijos. No ardor do ato, preparando-se para o final, ouviram o *puf-puf* de um trator; mas não estavam em estado de dar importância a coisa alguma.

Voltaram para o Volkswagen com trigo amassado nos cabelos e nas orelhas, nas meias e entre os dedos dos pés. Os sorrisos forçados eram agora sinceros; a trégua, se não permanente, duraria pelo menos algumas horas.

O carro estava um forno, e tiveram de abrir as janelas e as portas para que a brisa o ventilasse antes de seguir viagem para Novi Pazar. Eram quatro horas, e tinham ainda uma hora de viagem.

Quando entraram no carro, Mick disse:

— Vamos esquecer o mosteiro, certo?

Judd olhou para ele boquiaberto.

— Pensei.

— Eu não aguentaria outra porra de Virgem...

Riram juntos, beijaram-se, saboreando um ao outro e a si mesmos, uma mistura de saliva e o gosto de sêmen salgado.

O dia seguinte amanheceu claro, mas não muito quente. Sem céu azul, apenas uma camada uniforme de nuvens brancas. O ar da manhã era estimulante, como éter, ou hortelã.

Na praça principal. de Poplac, Vaslav Jelovsek olhava os pombos que brincavam com a morte na frente dos veículos que enchiam as ruas. Alguns militares, outros civis. Um ar de sobriedade mal disfarçava a excitação que sentia, uma excitação que era compartilhada por todos os homens, mulheres e crianças de Poplac. Compartilhada pelos pombos também, ao que ele sabia. Talvez por isso brincavam entre as rodas dos veículos com tanta habilidade, sabendo que naquele dia dos dias nada de mal podia acontecer.

Olhou para o céu outra vez, o mesmo céu esbranquiçado que via desde o nascer do dia. A camada de nuvens estava baixa, não o ideal para as comemorações. Uma frase passou por sua mente, uma frase em inglês que ouvira de um amigo, “ter a cabeça nas nuvens”.

Significava, pelo que havia entendido, estar perdido em devaneio, num sonho branco e invisível. Isso, pensou ele com ironia, era tudo o que o Ocidente sabia sobre nuvens, que eram o símbolo dos sonhos. Para transformar a frase em verdade, era necessária uma visão que eles não possuíam. Ali, naquelas colinas secretas, não teriam criado uma espetacular realidade dessas palavras vazias? Um provérbio vivo.

Uma cabeça nas nuvens.

O primeiro contingente já se reunia na praça. Um ou dois estavam ausentes por motivo de doença, mas os substitutos, prontos e preparados para tomar seus lugares. Quanto entusiasmo! Sorrisos tão largos quando um deles ouvia chamar seu nome e seu número e saía da fila para se juntar ao membro que começava a tomar forma. Por toda a parte milagres de organização. Todos com uma tarefa a cumprir, com um lugar para ir. Nada de gritos nem empurrões; na verdade, raramente as vozes passavam de murmúrios excitados. Ele observava com admiração o trabalho de armar, prender, e amarrar.

Ia ser um longo e árduo dia Vaslav estava na praça desde uma hora antes do nascer do sol, tomando café em xícaras de plástico importadas, discutindo as previsões do tempo, que de meia em meia hora eram transmitidas por Pristina e Mitrovica, e observando o céu sem estrelas quando a luz cinzenta da manhã começou a avançar sobre ele. Agora tomava a sexta xícara de café do dia, e não eram ainda sete horas. No outro lado da praça, Metzinger parecia tão cansado e ansioso quanto Vaslav.

Tinham visto a alvorada chegar lentamente do leste, juntos, Metzinger e ele. Mas agora estavam separados, esquecendo o prévio companheirismo e não trocariam uma palavra até o fim da competição. Afinal, Metzinger era de Podujevo. Tinha de torcer pela própria cidade, na batalha que se aproximava. No dia seguinte trocariam suas histórias de aventuras, mas hoje deviam agir como se não se conhecessem, não trocar nem um sorriso. Pois hoje tinham de ser extremamente partidários, preocupando-se apenas com a vitória da própria cidade sobre a opositora.

Agora estava pronta a primeira perna de Popolac, para satisfação mútua de Metzinger e Vaslav. Todas as verificações de segurança haviam sido feitas, e a perna deixou a praça, sua sombra imensa cobrindo a fachada da Prefeitura.

Vaslav tomou seu café doce, muito doce, e permitiu-se um resmungo de satisfação. Que dias aqueles, que dias! Repletos de glória, com bandeiras dançando ao vento e cenas de virar o estômago, cenas para durar por toda a vida. Um antegozo dourado do céu.

Que a América ficasse com seus prazeres simples, seus ratos de quadrinhos, seus castelos cobertos de açúcar, seus cultos e suas tecnologias, ele não queria nada disso. A maior maravilha do mundo estava ali, escondida nas colinas.

Ah, que dias aqueles!

Na praça principal de Podujevo a cena não era menos animada, E não menos inspiradora. Talvez uma silenciosa sensação de tristeza pairasse sobre as comemorações deste ano, mas isso era compreensível. Nita Obrenovik a querida e respeitada organizadora de Podujevo, estava morta. O último inverno a havia levado aos noventa e quatro anos de idade, deixando a cidade sem suas opiniões decididas e suas decididas proporções. Durante sessenta anos Nita tinha trabalhado com os cidadãos de Podujevo, sempre planejando a próxima competição e aperfeiçoando os desenhos, suas energias gastas na feitura de novas criações mais ambiciosas e mais parecidas com a vida do que no ano anterior.

Agora estava morta, e sua falta era muito sentida. Não havia desorganização nas ruas sem a sua presença, mas já estavam começando a se atrasar e eram quase sete horas e vinte e cinco. A filha de Nita havia substituído a mãe, mas não tinha sua força para incitar o povo à ação. Na verdade, era delicada demais para aquele trabalho. O líder devia ser um misto de profeta e animador de circo, para persuadir, incitar e inspirar os cidadãos a ocuparem seus lugares. Talvez depois de duas ou três décadas, e com a organização de mais algumas competições, a filha de Nita Obrenovik pudesse substituir a mãe. Mas, por enquanto, Podujevo estava atrasada;

omitiam as verificações de segurança, olhares nervosos substituíam a confiança dos outros anos.

Mesmo assim, quando faltavam seis minutos para as oito, o primeiro membro de Podujevo saiu para o ponto de encontro, a fim de esperar seu companheiro.

A essa altura, os flancos já estavam presos um ao outro em Popolac, e contingentes armados esperavam ordens na Praça da Cidade.

Mick acordou exatamente às sete horas, embora não tivessem despertador no quarto do Hotel Beograd. Deitado, ficou ouvindo a respiração ritmada de Judd na outra cama. A luz opaca da manhã atravessava timidamente as cortinas finas, não encorajando uma partida imediata. Depois de olhar por alguns minutos para a tinta descascada do teto e por um tempo mais longo para o crucifixo entalhado em madeira na parede oposta, Mick levantou-se e foi até a janela. Um dia encoberto, como tinha pensado. O céu cheio de nuvens e os telhados de Novi Pazar cinzentos e não definidos na luz opaca da manhã. Mas além dos telhados, para o leste, ele via as colinas, banhadas de sol. Percebia os raios de luz capturando o verde-azulado da floresta, convidando a uma visita às suas encostas.

Naquele dia talvez fossem para o sul, para Kosobska Mitrovica. Havia um mercado nessa cidade, não era mesmo, e um museu? E podiam ir pelo vale do Ibar, seguindo a estrada ao lado do rio, onde as montanhas se erguiam selvagens e brilhantes no outro lado. As montanhas, sim; veria as colinas nesse dia.

Eram oito e quinze.

Às nove horas, a maior parte dos corpos de Popolac e Bodujevo estava quase inteiramente montada. Nos seus distritos respectivos, os membros das duas cidades estavam prontos, à espera dos torsos.

Vaslav Jelovsek pôs as mãos enluvadas em pala sobre os olhos e observou o céu. A base de nuvens tinha subido na última hora, e para o oeste havia aberturas entre elas; às vezes, até mesmo um raio de sol. Talvez não fosse um dia perfeito para a competição, mas seria adequado.

Mick e Judd tomaram café tarde — *hemendecks*, uma tradução grosseira de *ham and eggs*^{4} e várias xícaras de café forte. O dia estava clareando até mesmo em Novi Pazar, e as ambições dos dois eram altas. Kosovska Mitrovica para almoço, e talvez uma visita ao castelo de Zvecanm, na colina, à tarde.

Mais ou menos as nove e meia saíram de Novi Pazar e tomaram a estrada de Srbovac que ia para o sul, na direção do vale Ibar. Não era uma boa estrada, mas os calombos e buracos não davam para estragar o novo dia.

A estrada estava vazia, exceto por um ou outro pedestre, e em lugar dos campos de milho e trigo que tinham atravessado na véspera era ladeada agora por colinas ondulantes, com as encostas cobertas de florestas. A não ser alguns pássaros, não viam qualquer sinal de vida. Até seus infrequentes companheiros de viagem cansavam-se depois de algum tempo, e as raras casas de fazenda pelas quais passavam pareciam abandonadas. Porcos negros corriam nos quintais, sem nenhuma criança para alimentá-los. Roupas balançavam e enfunavam em varais curvos, sem nenhuma lavadeira à vista.

A princípio a falta de contato humano na viagem solitária pelas colinas era repousante, mas à medida que o dia se adiantava, um mal-estar tomou conta deles.

— Não devíamos ter visto uma placa indicando o caminho para Mitrovica, Mick?

Ele consultou o mapa.

— Talvez...

— Teremos tomado estrada errada?

— Se tivesse alguma placa eu teria visto. Acho que devemos tentar sair desta estrada, ir um pouco mais para o sul — entrar no vale um pouco mais perto de Metrovica do que havíamos planejado.

— Como saímos desta maldita estrada?

— Passamos por algumas entradas...

— Trilhas de terra.

— Bem, é isso, ou seguir em frente.

Judd franziu os lábios.

— Cigarro? — perguntou.

— Acabaram dez quilômetros atrás.

Na frente deles as colinas eram uma linha impenetrável. Nenhum sinal de vida; nenhuma espiral de fumaça de chaminés, nenhum som de voz ou veículo.

— Tudo bem — disse Judd. Vamos entrar no primeiro desvio. Qualquer coisa é melhor do que isto.

Continuaram. A estrada deteriorava-se rapidamente, os buracos transformavam-se em crateras, os calombos pareciam corpos sob as rodas.

E então:

— Ali!

Uma entrada, bem visível. Não uma estrada importante, por certo. Na verdade, pouco mais do que as trilhas de terra batida de que falara Judd, mas era uma saída da perspectiva interminável daquela em que estavam.

— Isto está virando um maldito safári — disse Judd, quando o Volkswagen começou a pular e a sacudir no caminho estreito e esburacado.

— Onde está seu espírito de aventura?

— Esqueci de pôr na mala.

Começavam a subir agora pela encosta sinuosa. A floresta se fechou em volta deles, escondendo o céu, criando um desenho móvel de colcha de retalhos de luz e sombra no para-brisa à medida que avançavam. De repente, o cantar de pássaros, vazio e otimista, e o cheiro de pinheiro novo e terra virgem os envolveram. Uma raposa cruzou a trilha na frente deles e por um longo momento ficou parada, vendo o carro sacolejar. Depois, com o passo descansado de um príncipe intemorato, voltou para o abrigo das árvores.

Fosse qual fosse o fim daquela estrada, pensou Mick, era melhor do que a que haviam deixado. Logo talvez pudessem parar, andar um pouco, procurar um promontório de onde fosse possível ver o vale, ou mesmo Novi Pazar, aninhada atrás dele.

Os dois estavam ainda a uma hora de Popolac quando a vanguarda do contingente saiu da Praça da Cidade e se colocou ao lado do corpo principal.

Essa última saída deixou a cidade completamente deserta. Nesse dia não eram esquecidos nem os velhos nem os doentes; a ninguém era negado o espetáculo e o triunfo da competição. Cada cidadão, criança ou doente, os cegos, os aleijados, bebês, mulheres grávidas — todos subiam da sua cidade orgulhosa para o campo de prova. A lei mandava que estivessem presentes, mas não precisavam da ordem legal. Nenhum cidadão das duas cidades perderia a oportunidade de assistir ao espetáculo — de experimentar o estímulo da competição.

O confronto tinha de ser total, cidade contra cidade. Sempre fora assim.

Desse modo, as cidades subiram para o alto das colinas. Ao meio-dia os cidadãos de Popolac e de Podujevo estavam reunidos em seus esconderijos secretos, longe de olhos civilizados, para a batalha antiga e ritual.

Dezenas de milhares de corações aceleraram seu ritmo. Dezenas de milhares de corpos acomodavam-se, empertigavam-se e suavam, as duas cidades gêmeas tomando posição. As sombras dos corpos estendiam-se sobre as áreas do tamanho de pequenas cidades, o peso dos seus pés amassava a relva transformando-a em verde líquido, seus movimentos matavam animais, amassavam arbustos e derrubavam árvores. A terra literalmente reverberava com sua passagem, as colinas ecoando o ruído surdo dos seus passos.

No imenso corpo de Podujevo, algumas falhas técnicas eram visíveis. Uma costura fraca no flanco esquerdo tornava esse lado mais fraco. E havia os problemas consequentes nos mecanismos das cadeiras. Seus movimentos eram rígidos, não suaves, como deviam ser. Como resultado, havia considerável pressão sobre aquela área da cidade. Estavam enfrentando o problema corajosamente; afinal, a competição tinha como objetivo levar os competidores aos últimos limites. Mas o ponto de ruptura estava mais próximo do que qualquer pessoa ousaria admitir. Os cidadãos não tinham a resistência das outras competições. Uma péssima década de más colheitas tinha produzido corpos mal alimentados, espinhas menos fortes, vontades menos resolutas. O flanco malfeito talvez não

pudesse provocar um acidente por si só, porém, ainda mais enfraquecido pela fragilidade dos competidores, preparava o cenário para uma cena de morte em escala sem precedentes.

Pararam o carro.

— Está ouvindo?

Mick balançou a cabeça. Desde a adolescência sua audição não era muito boa. Muitos espetáculos de rock tinham perturbado seus tímpanos.

Judd saiu do carro.

Os pássaros estavam mais quietos agora. Ouviu novamente o barulho. Não era simplesmente um barulho, mas quase um movimento da terra, um rugido que parecia impresso na substância das colinas.

Trovão?

Não, tinha um ritmo muito regular. Outra vez o sentiu através das solas dos sapatos...

Buum!

Dessa vez Mick ouviu. Pôs a cabeça para fora da janela do carro.

— E em algum lugar lá em cima. Estou ouvindo agora.

Judd fez um gesto de assentimento.

Buum!

O trovão dentro da terra soou outra vez.

— Que diabo é isso? — perguntou Mick.

— Seja lá o que for, eu quero ver...

Judd voltou para o carro, sorrindo.

— Quase parece barulho de tiros — disse ele, ligando o motor.

— De grandes canhões.

Com seus binóculos de fabricação russa, Vaslav Jelovsek viu o juiz de partida erguer o revólver. Viu a fumaça sair do cano da arma, e um segundo depois o som do tiro ecoou no vale.

A competição começou.

Olhou para as torres gêmeas de Popolac e Podujevo. Cabeças nas nuvens — bem, quase nas nuvens. Praticamente esticavam-se para tocar o céu. Era um espetáculo impressionante, uma visão de tirar o fôlego, de tirar o sono. Duas cidades oscilando e se

contorcendo, preparando-se para os primeiros passos do confronto, da batalha ritual.

Podujevo parecia a menos estável. Houve uma pequena hesitação antes de erguer a perna esquerda e começar a marcha. Nada sério, apenas uma dificuldade na coordenação entre os músculos dos quadris e das coxas. Alguns passos e a cidade encontraria o ritmo certo; mais alguns e seus habitantes estariam se movendo como uma só criatura, um gigante perfeito combinando sua graça e força contra a outra, que era como sua própria imagem.

O tiro de revólver assustou os pássaros nas árvores que rodeavam o vale secreto. Revoaram, comemorando a grande competição, tagarelando excitados sobre a arena.

— Ouviu um tiro? — perguntou Judd.

Mick assentiu com a cabeça.

— Exercícios militares...? — o sorriso de Judd se iluminou. Já podia ver as manchetes — reportagem exclusiva sobre manobras secretas no interior da Iugoslávia. Tanques russos, talvez, exercícios táticos feitos longe dos olhos do Ocidente.

Com sorte, ele seria o portador da notícia.

Buum!

Buum!

Pássaros voavam. O ruído era mais alto agora.

Pareciam tiros de canhão.

— É depois da próxima cadeia de montanhas... — disse Judd.

— Acho que não devemos ir nessa direção.

— Preciso ver.

— Eu não preciso. Não devíamos estar aqui.

— Não vejo qualquer aviso.

— Eles vão nos pegar, nos deportar — sei lá — mas penso...

Buum!

— Tenho de ver isso.

As palavras mal tinham saído de sua boca quando os gritos começaram.

Podujevo estava gritando, um grito de morte. Alguém, dentro do flanco mais fraco, tinha morrido com o esforço e isso provocou uma cadeia de desmembramentos no sistema. Um homem perdeu

seu vizinho, e este perdeu o seu, alastrando o câncer do caos por todo o corpo da cidade. A coerência da imensa estrutura deteriorou com apavorante rapidez, a falha de uma parte da anatomia pressionando insuportavelmente as outras.

A obra-prima que os bons cidadãos de Podujevo tinham construído com sua carne e seu sangue cambaleou e então — como um arranha-céu dinamitado, começou a cair.

O flanco partido expeliu cidadãos, como uma artéria cortada jorrando sangue. Então, com um gesto lento e gracioso que aumentava a agonia dos cidadãos, curvou-se para a terra, seus membros soltando-se enquanto caía.

A cabeça enorme, há pouco raspando as nuvens, foi lançada para trás, presa ao pescoço grosso. Dez mil bocas gritaram pela boca imensa um apelo sem palavras, infinitamente comovente, dirigido para o céu. Um brado de perda, um brado de antecipação, um brado de espanto. Como, perguntava aquele grito, podia o dia dos dias terminar assim, numa confusão de corpos amontoados?

— Ouviu aquilo?

Sem dúvida era humano, mas quase ensurdecador. O estômago de Judd subiu até a garganta. Olhou para Mick que estava branco como um lençol.

Judd parou o carro.

— Não faça isso — disse Mick.

— Escute, por Jesus Cristo...

O barulho de gemidos agonizantes, apelos e imprecações enchia o ar. Muito perto deles.

— Acho melhor darmos o fora — implorou Mick.

Judd balançou a cabeça. Estava preparado para ver um espetáculo militar — todo o exército russo, em massa, na próxima colina — mas aquele barulho nos seus ouvidos era de carne humana — humana demais para ser descrita. Lembrou-se da ideia que fazia do inferno quando era garoto; os tormentos infundáveis e indescritíveis com os quais sua mãe o ameaçava se não aceitasse o Cristo. Um terror que havia ficado esquecido durante vinte anos. Mas, de repente, ali estava ele, novo em folha. Talvez o próprio

inferno se abrisse logo depois do próximo horizonte, com sua mãe de pé na borda, convidando-o a experimentar os castigos.

— Se não quer dirigir, eu dirijo.

Mick saiu do carro e deu a volta pela frente, olhando para a estrada. Houve um momento de hesitação, não mais do que um momento, quando seus olhos piscaram incrédulos, antes de se virar para o para-brisa do carro, seu rosto mais pálido do que antes:

— Jesus Cristo!... —a exclamou ele, com voz espessada. pela náusea.

Seu amante estava sentado atrás da direção, a cabeça nas mãos, tentando apagar as lembranças.

— Judd...

Judd ergueu os olhos lentamente. Mick olhava para ele como um louco, o rosto brilhando com um suor gelado. Judd olhou mais para a frente. A poucos metros de onde estavam, a trilha havia escurecido misteriosamente, e uma torrente se movia devagar para o carro, um rio de sangue espesso e profundo. A razão de Judd contorceu-se e deu voltas para interpretar de qualquer outro modo o que via, para fugir à inevitável conclusão. Mas não podia ser explicado de outro modo. Era sangue mesmo, numa abundância insuportável, sangue sem fim...

E agora, na brisa, havia o odor de carcaças recém-abertas, os cheiros das profundezas do corpo humano, meio doces, meio picantes.

Mick cambaleou de volta para o carro e segurou com a mão trêmula a maçaneta da porta do lado do passageiro. A porta se abriu de repente e ele caiu no banco com os olhos vidrados.

— Dê marcha a ré — ele disse.

Judd estendeu a mão para a chave. A torrente de sangue já batia contra as rodas dianteiras. Na frente deles, o mundo estava pintado de vermelho.

— Vamos, ora porra! Vamos já!

Judd nem estava tentando ligar o motor.

— Precisamos olhar — disse, sem muita convicção. — Devemos fazer isso.

— Não precisamos fazer coisa alguma — disse Mick — a não ser dar o fora daqui. Não é assunto nosso...

— Algum desastre de avião...

— Não há fumaça alguma.

— O som é de vozes humanas...

O instinto dizia a Mick para deixar as coisas como estavam. Poderia ler sobre a tragédia nos jornais — poderia ver as fotografias no dia seguinte, quando as imagens fossem cinzentas e granuladas. Mas naquele momento a cena era fresca demais, imprevisível demais...

Qualquer coisa podia estar no fim daquela trilha, sangrando...

— Precisamos...

Judd ligou o motor, enquanto ao lado dele Mick começava a gemer baixinho. O VW andou devagar para a frente, as rodas escorregando na torrente pegajosa e cheia de espuma.

— Não — disse Mick em voz baixa. — Por favor, não...

— Devemos — foi a resposta de Judd. — Devemos, devemos.

A poucos metros dali a cidade sobrevivente de Popolac refazia-se de suas convulsões iniciais. Olhava com mil olhos para as ruínas do seu inimigo ritual, espalhado agora numa confusão de cordas e corpos sobre o chão duro, destruído para sempre. Popolac afastou-se cambaleante da cena, suas pernas imensas amassando a floresta que circundava o campo da disputa, seus braços girando no ar. Mas manteve o equilíbrio, mesmo com a insanidade em massa despertada pelo horror ali a seus pés, que corria por seus músculos e obscurecia seu cérebro. A ordem desapareceu; o corpo girou afastando-se do apavorante tapete de Podujevo e fugiu para as colinas.

Na fuga para o nada, o corpo imenso passou entre o Volkswagen e o sol, lançando uma sombra fria sobre a estrada cheia de sangue. Mick nada viu, pois as lágrimas enchiam seus olhos e Judd, atento, preparando-se para o que ia ver depois da próxima curva, percebeu vagamente que alguma coisa havia diminuído a luz por um minuto. Uma nuvem talvez, um bando de pássaros.

Se tivesse olhado para cima naquele momento, um olhar rápido que fosse para nordeste, teria visto a cabeça do Popolac, a

vasta, imensa cabeça da cidade ensandecida, desaparecendo além da linha de visão, marchando para as colinas. Teria compreendido que estava em território além da sua capacidade de entendimento e que não havia cura possível naquele canto do inferno. Mas não viu a cidade. Tanto ele quanto Mick haviam ultrapassado o último ponto de possível retorno. Dali em diante, como Popolac e sua irmã gêmea morta, estavam perdidos para a sanidade e para toda esperança de vida.

Dobram a curva da estrada, e as ruínas de Podujevo apareceram.

Suas imaginações domesticadas jamais poderiam ter concebido algo tão incrivelmente brutal.

Talvez nos campos de batalha da Europa os corpos tivessem se empilhado daquele modo, mas quantos deles eram de mulheres e de crianças, presos aos corpos dos homens? Havia pilhas de mortos tão altas quanto as que estavam vendo, mas haveria tantos com tamanha abundância de vida há tão pouco tempo? Cidades haviam sido destruídas no passado com a mesma rapidez, mas quando uma cidade inteira, perdida simplesmente pela lei da gravidade?

Era uma visão além da insanidade. Diante dela, a mente se arrastava a passos lentos, as forças da razão apanhavam a evidência com mãos meticulosas, procurando uma falha, um lugar onde pudesse dizer:

“Isto não está acontecendo. Isto é um sonho de morte, não a própria morte.”

Mas a razão não encontrava qualquer ponto fraco naquele muro. Aquilo era verdade. Era sem dúvida a morte.

Podujevo tinha caído.

Trinta e oito mil, setecentos e sessenta e cinco cidadãos estavam espalhados pelo chão, ou melhor, atirados em pilhas distorcidas e sangrentas. Não haveria sobreviventes daquela cidade, a não ser o pequeno grupo de espectadores que havia deixado suas casas para assistir à disputa. Esses poucos cidadãos de Podujevo, os aleijados, os doentes, os muito velhos, olhavam agora, como Mick e Judd, para a carnificina, tentando não acreditar no que viam.

Judd foi o primeiro a sair do carro. O chão sob seus sapatos de pelica estava pegajoso com sangue coagulado. Observou o massacre. Não havia destroços; nenhum sinal de acidente de avião, nem fogo, nem cheiro de combustível. Somente dezenas de milhares de corpos, nus ou com uma roupa igual de sarja cinzenta, homens, mulheres e crianças. Alguns, ele via agora, usavam presilhas de couro passadas na parte superior do peito, e saindo delas havia pedaços de corda, metros e metros de corda. Quanto mais perto ele chegava, mais notava o sistema extraordinário de nós e de voltas nas cordas que mantinha os corpos ainda unidos. Por algum motivo, aquela gente fora amarrada junta, lado a lado. Alguns estavam montados nos ombros de outros, como garotos brincando de cavalinho. Outros estavam de braços dados e amarrados com cordas, formando uma parede de músculos e ossos. Outros ainda estavam enroscados, com a cabeça entre os joelhos. Todos, de um modo ou de outro ligados uns aos outros, unidos como num jogo insano e coletivo de servidão.

Outro tiro.

Mick ergueu os olhos.

No campo, um homem solitário, com um sobretudo, andava entre os mortos com um revólver na mão, despachando os que agonizavam. Um ato comovente e inadequado de misericórdia, mas ele continuava, escolhendo primeiro as crianças. Esvaziando a arma, carregando outra vez, esvaziando, carregando, esvaziando, carregando...

Mick perdeu o controle.

Gritou a plenos pulmões, abafando os gemidos das vítimas:

— O que é isto?

O homem ergueu a vista de tarefa dolorosa, o rosto tão cinzento quanto o sobretudo.

— Hã? — rosnou ele, franzindo a testa e olhando para os intrusos através das lentes espessas dos óculos.

— O que aconteceu aqui? — Mick gritou para ele.

Era bom gritar, era bom falar zangado com o homem. Ele talvez ele fosse o culpado. Seria ótimo poder culpar alguém.

— Diga — gritou Mick. Ouvia as lágrimas pulsando em sua voz.
— Diga, pelo amor de Deus. Explique-nos.

Casaco-cinzento balançou a cabeça. Não entendia uma só palavra do que aquele jovem idiota dizia. Estava falando inglês, era tudo que podia entender. Mick começou a andar na direção dele, sentindo o tempo todo os olhos dos mortos observando-o. Olhos como pedras negras e brilhantes nos rostos destruídos; olhos que o observavam de baixo para cima, nas cabeças separadas dos corpos. Cabeças que tinham sólidos uivos como voz. Olhos nas cabeças além dos uivos, além da respiração.

Milhares de olhos.

Chegou perto de Casaco-cinzento, cuja arma estava quase vazia. Tinha tirado os óculos e jogado para o lado. Ele também chorava com tremores que lhe percorriam todo o corpo deformado.

Aos pés de Mick alguém estendia o braço para ele. Não queria olhar, mas a mão tocou seu sapato e não teve outra escolha. Um jovem deitado como uma cruz gamada de carne, todas as juntas partidas. Uma criança estava embaixo dele, as pernas sangrentas esticadas como duas varetas.

Mick queria o revólver do homem para fazer com que aquela mão deixasse de tocá-lo. Melhor ainda, queria uma metralhadora, um lança-chamas, qualquer coisa para fazer desaparecer toda aquela agonia.

Quando levantou os olhos viu que Casaco-cinzento erguia o revólver.

— Judd — disse ele, mas antes que acabasse de falar o cano do revólver estava na boca de Casaco-cinzento, e o gatilho, puxado.

Casaco-cinzento havia-se reservado a última bala. A parte de trás da sua cabeça abriu-se como um ovo, e a casca voou pelos ares. O corpo amoleceu e desabou lentamente com o revólver ainda entre os lábios.

— Nós devemos... — começou a dizer Mick, para ninguém em particular. — Devemos...

Qual era o imperativo? Naquela situação, o que deviam fazer?

— Devemos...

Judd estava atrás dele.

— Ajudar — disse para Mick.

— Sim. Devemos ir buscar ajuda. Devemos...

— Já!

Ir! Era isso o que deviam fazer. Com qualquer pretexto, por mais frágil que fosse, por qualquer motivo covarde, deviam ir embora dali. Sair do campo de batalha, sair do alcance da mão do homem agonizante, com um ferimento no lugar de um corpo.

— Precisamos notificar as autoridades. Encontrar uma cidade. Chamar socorro.

— Padres — disse Mick. — Eles precisam de padres.

Era absurdo pensar em dar o último sacramento a tanta gente. Seria necessário um exército de padres, um caminhão cheio de água-benta, um alto-falante para as bênçãos.

Deram as costas ao horror e abraçaram-se, depois abriram caminho entre a carnificina na direção do carro.

Estava ocupado.

Vaslav Jelovsek estava sentado atrás da direção, tentando ligar o motor. Virou a chave uma vez. Duas. Na terceira, o carro pegou e as rodas espirraram a lama vermelha quando deu marcha à ré na trilha. Vaslav viu os ingleses correndo para o carro, xingando em voz alta. Não havia outra coisa a fazer. Não queria roubar o carro, mas tinha muitas tarefas à sua espera. Ele fora um dos juízes, responsável pela competição e pela segurança dos contestantes. Uma das cidades heroicas havia caído. Precisava fazer todo o possível para evitar que Popolac caísse também. Precisava ir atrás de Popolac e falar com ela. Acalmar seu terror com palavras brandas e promessas. Se falhasse, haveria outro desastre igual ao que tinha diante de si, e sua consciência já estava bastante pesada.

Mick corria ainda atrás do carro, gritando para Jelovsek. O homem ignorou-o, concentrando-se em manobrar o carro de marcha à ré na trilha escorregadia. Mick estava perdendo rapidamente. O carro ganhava velocidade. Furioso, mas sem fôlego para expressar sua fúria, Mick parou na estrada, as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade e soluçando.

— Filho da puta! — gritou Judd.

Mick olhou para a estrada estreita. O carro já tinha desaparecido.

— O fodido nem ao menos sabe dirigir direito.

— Precisamos... precisamos., alcançá-lo... — disse Mick entre resfôlegos.

— Como?

— A pé...

— Não temos nem um mapa... está no carro.

— Jesus... Cristo... Todo-poderoso.

Caminharam juntos pela trilha, afastando-se do campo de batalha.

Depois de alguns metros o rio de sangue começou a diminuir. Apenas alguns filetes coagulados corriam para a estrada principal. Mick e Judd seguiram as marcas ensanguentadas dos pneus até o cruzamento.

A estrada de Jerovac estava vazia. As marcas dos pneus indicavam uma curva para a esquerda.

— Ele foi para o interior das colinas — disse Judd, olhando para a bonita estrada e para a distância verde-azulada. — Ele está louco!

— Vamos voltar por onde viemos?

— Teríamos de andar a noite toda.

— Arranjamos uma carona.

Judd balançou a cabeça; seu rosto estava inexpressivo, o olhar perdido.

— Não compreende, Mick? Todos sabiam que isso estava acontecendo. O pessoal das fazendas tratou de fugir enquanto aquela gente enlouquecida lutava lá em cima. Não vamos encontrar carro algum nesta estrada. Aposto quanto quiser — somente talvez algum outro par de turistas idiotas como nós — e ninguém irá parar para duas figuras neste estado.

Tinha razão. Pareciam açougueiros — sujos de sangue. Seus rostos brilhavam com a oleosidade da pele, os olhos eram de loucos.

— Temos de andar — disse Judd — seguindo a direção que seguíamos antes.

Apontou para a estrada. As colinas estavam mais escuras agora; o sol de repente se apagou nas suas encostas.

Mick deu de ombros. Para a frente ou para trás, tinham uma noite de caminhada a fazer. Mas ele queria andar para algum lugar — qualquer lugar — desde que se afastasse dos mortos.

Em Popolac reinava uma espécie de paz. Em lugar do pânico frenético de antes havia agora uma inércia, uma aceitação mansa do mundo como ele é. Presos nas suas posições, amarrados uns aos outros em um sistema vivo que não permitia a qualquer voz se elevar mais do que a outra, a nenhum corpo se esforçar mais do que o outro, deixaram que um consenso insano substituísse a voz tranquila da razão. Estavam transformados num só espírito, num só pensamento, numa só ambição. Haviam-se incorporado no espaço de poucos momentos, no gigante irreduzível que, com tanto brilhantismo, tinham criado. A ilusão de individualidade mesquinha desaparecia na corrente impetuosa do sentimento coletivo — não a paixão de uma turba, mas um surto telepático que fundia as vozes de milhares num irresistível comando.

E a voz dizia: vão!

A voz dizia: levem para longe este espetáculo horrível, para onde eu jamais precise vê-lo.

Popolac foi para as colinas, suas pernas dando passos de meio quilômetro cada um. Nenhum homem, mulher ou criança naquela torre furiosa podia enxergar alguma coisa. Viam somente através dos olhos da cidade. Não pensavam, só os pensamentos da cidade. E acreditavam que eram imortais com sua força desajeitada e implacável. Vasta, louca e imortal.

Tinham andado três quilômetros quando sentiram cheiro de gasolina e logo depois viram o Volkswagen. Estava capotado na vala cheia de junco ao lado da estrada. Não se incendiara.

A porta do motorista estava aberta, e o corpo de Vaslav Jelovsek, caído para fora. Seu rosto, calmo e inconsciente. Não parecia haver qualquer sinal de ferimento, a não ser um ou dois pequenos cortes no rosto severo. Cuidadosamente tiraram o ladrão de dentro da vala suja deitando-o na estrada. Ele gemeu um pouco

enquanto colocavam o suéter enrolado de Mick sob sua cabeça e lhe tiravam o paletó e a gravata.

De repente, ele abriu os olhos.

Olhou para os dois.

— Você está bem? — perguntou Mick.

O homem não respondeu por um momento. Parecia não ter compreendido.

E então:

— Ingleses? — disse. Sua voz era arrastada, mas a pergunta, muito clara.

— Sim.

— Ouvi suas vozes. Ingleses.

Franziu a testa e fez uma careta.

— Está sentindo dor? — perguntou Judd.

Aparentemente o homem achou graça na pergunta.

— Se estou sentindo dor? — repetiu, com um misto de agonia e prazer no rosto contraído.

— Vou morrer — disse, entre os dentes cerrados.

— Não — disse Mick — você está bem.

O homem balançou a cabeça com absoluta autoridade.

— Vou morrer — disse outra vez, decidido. — Eu quero morrer.

Judd agachou ao lado dele. A voz do homem ficava cada vez mais fraca.

— Diga o que devemos fazer — disse ele.

O homem tinha fechado os olhos e Judd o sacudiu rudemente.

— Diga — repetiu, a amostra de compaixão desaparecendo completamente. — Diga o que é tudo isto.

— Tudo isto? — disse o homem sem abrir os olhos. — Foi uma queda, só isso. Apenas uma queda...

— O que foi que caiu?

— A cidade. Podujevo. Minha cidade.

— De onde ela caiu?

— Dela mesma, é claro.

O homem não explicava coisa alguma, apenas respondia a um enigma com outro.

— Para onde estava indo? — perguntou Mick, procurando ser o menos agressivo possível.

— Atrás de Popolac — disse o homem.

— Popolac? — perguntou Judd.

Mick começava a ver algum sentido na história.

— Popolac é outra cidade. Corno Podujevo. Cidades gêmeas. Estão no mapa...

— Onde está a cidade agora? — perguntou Judd.

Aparentemente Vaslav Jelovsek resolveu dizer a verdade. Por um momento considerou a possibilidade de morrer com um enigma nos lábios ou viver o bastante para contar sua história. Que importava se fosse contada agora? Jamais haveria outra competição; tudo aquilo tinha acabado.

— Elas iam lutar — disse ele, a voz muito serena agora. — Popolac e Podujevo. Fazem isso de dez em dez anos...

— Lutar? — disse Judd. — Quer dizer que toda aquela gente foi assassinada?

Vaslav balançou a cabeça.

— Não, não. Eles caíram. Eu já disse.

— Muito bem, como é que elas lutam? — perguntou Mick.

— Vão para as colinas — foi à única resposta.

Vaslav abriu um pouco os olhos. Os rostos acima do seu pareciam exaustos e doentes. Tinham sofrido aqueles inocentes. Mereciam uma explicação.

— Como gigantes — disse ele. — Lutam como gigantes. Eles fazem um corpo com seus corpos, compreendem? A estrutura, os músculos, o osso, os olhos, nariz, dentes, tudo feito de homens e mulheres.

— Está delirando — disse Judd.

— Vão para as colinas — repetiu o homem. — Vejam por vocês mesmos se não estou dizendo a verdade.

— Mesmo supondo... — começou Mick.

Vaslav interrompeu, ansioso para terminar o que tinha a dizer:

— Eram bons nesse jogo de gigantes. Tiveram muitos séculos de prática, a cada dez anos fazendo o gigante maior. Um sempre procurando ser maior do que o outro. Cordas para amarrar os

habitantes uns aos outros, com perfeição. Músculos, ligamentos... Havia comida na sua barriga., canos para expelir os excrementos. Os que tinham vista mais perfeita ficavam nas órbitas, os que tinham melhores vozes, na boca e na garganta. Não acreditariam na perfeita obra de engenharia que eram as cidades.

— Não acredito — disse Judd, levantando-se.

— É o corpo do estado — disse Vaslav em voz baixa, pouco mais que um sussurro — é o formato das nossas vidas.

Fez-se silêncio. Pequenas nuvens passavam acima da estrada, silenciosas, soltando pedaços no ar.

— Era um milagre — disse ele. — Como se pela primeira vez compreendesse a enormidade do fato. — Era um milagre.

E era o bastante. Sim. O bastante.

A boca se fechou, quando acabou de falar, e ele morreu.

Mick sentiu mais aquela morte do que as milhares das quais tinha fugido; ou melhor, esta morte era a chave que abria a angústia que sentia por todas as outras.

Fosse qual fosse o caso, um homem contando uma história fantástica antes de morrer, ou dizendo apenas a verdade, Mick sentia-se inútil e inadequado. Sua imaginação era estreita demais para acomodar a ideia. Sua cabeça doía só em pensar, e sua compaixão desmoronou sob o peso da própria miséria.

Ficaram parados na estrada, enquanto as nuvens passavam, suas sombras vagas e cinzentas correndo para as colinas misteriosas.

A noite estava chegando.

Popolac não podia andar mais. Sentia a exaustão em cada músculo. Aqui e ali, na sua imensa anatomia alguém tinha morrido, mas não havia lamento na cidade pelas células mortas. Se os mortos estavam no interior do corpo, ficavam dependurados pelas amarras. Se formam a pele da cidade, eram desafivelados e soltos, atirados na floresta lá embaixo.

O gigante não era capaz de sentir piedade. Sua única ambição era continuar até não poder mais.

Quando o sol se escondeu Popolac descansou sentada numa pequena colina, segurando a cabeça gigantesca nas mãos enormes.

As estrelas apareceram com o aviso de sempre. A noite se aproximava, misericordiosamente tratando dos ferimentos do dia, cegando olhos que haviam visto demais.

Popolac ergueu-se outra vez e começou a andar, um passo retumbante depois do outro. Logo, sem dúvida, a fadiga a venceria, antes que pudesse deitar no túmulo de algum vale perdido e morrer.

Mas por mais algum tempo precisava caminhar, cada passo mais agonizantemente lento do que o outro, enquanto a noite desabrochava negra em volta da sua cabeça.

Mick queria enterrar o ladrão do carro em algum lugar perto da floresta. Porém Judd observou que, na manhã seguinte, à luz menos insana do dia, isso poderia parecer suspeito. Além disso, não seria absurdo preocuparem-se com um corpo, quando milhares de outros espalhavam-se a poucos quilômetros dali?

Assim, o corpo foi deixado para descansar em paz, e o carro para afundar mais ainda na vala.

Recomeçaram a caminhada.

Estava frio, mais frio a cada momento, e sentiam fome. Mas as poucas casas por onde passavam estavam desertas, fechadas, seladas todas,

— O que ele quis dizer? — perguntou Mick, quando olhavam para outra porta fechada.

— Estava falando por metáforas...

— Todo aquele negócio sobre gigantes?

— Alguma bobagem trotskista... insistiu Judd.

— Acho que não.

— Pois eu tenho certeza de que é. Foi seu discurso do leito de morte, provavelmente preparado durante anos.

— Acho que não — repetiu Mick, e começou a voltar para a estrada.

— Muito bem, o que acha então? — Judd estava atrás dele.

— O homem não estava repetindo uma frase de nenhum partido.

— Está dizendo que acredita que há um gigante aqui, em algum lugar? Ora, pelo amor de Deus!

Mick voltou-se para Judd. Seu rosto quase não era visível no escuro. Mas a voz estava segura.

— Sim. Acho que ele estava dizendo a verdade.

— Isso é absurdo. Isso é ridículo. Não.

Naquele momento, Judd odiou Mick. Odiou sua ingenuidade, sua tendência para acreditar em qualquer história idiota, desde que tivesse a vaga sugestão de romance. E isto agora. Era o pior, o mais absurdo de tudo...

— Não! — repetiu. — Não! Não! Não!

O céu tinha a maciez da porcelana, e o contorno das colinas era negro como breu.

— Estou gelado — disse Mick da escuridão. — Vai ficar aqui ou continua comigo?

Judd gritou.

— Não vamos encontrar coisa alguma indo por aqui.

— Bem, é um longo caminho de volta.

— Estamos cada vez entrando mais nas colinas.

— Faça o que quiser... — Eu vou andar.

Seus passos se afastaram — a noite fechou-se sobre ele.

Depois de um minuto, Judd o seguiu.

A noite estava sem nuvens e fria. Andaram, as golas levantadas, os pés inchados dentro dos sapatos. Lá em cima o céu inteiro era uma procissão de estrelas. Um triunfo de luz borrifada, com o qual os olhos podiam formar tantos desenhos quantos permitissem a paciência. Depois de algum tempo, abraçaram-se cansados, para conforto e calor.

Mais ou menos às onze horas viram uma janela iluminada à distância.

A mulher na porta da casa de pedra não sorria, mas compreendeu a condição deles e os deixou entrar. Não parecia haver necessidade de explicar para a mulher ou para o marido aleijado o que tinha acontecido. A casa não tinha telefone e não viram sinal de qualquer veículo, portanto, mesmo que pudessem chegar a explicar, nada poderia ser feito.

Com gestos e caretas disseram que estavam famintos e exaustos. Tentaram dizer também que estavam perdidos,

censurando-se por terem deixado o livro de frases na língua do país dentro do carro. A mulher não parecia ter entendido metade do que tentaram dizer, mas os fez sentar perto do fogo, e pôs uma panela sobre as chamas para esquentar a comida.

Comeram sopa de ervilhas com ovos, sem sal e uma vez ou outra sorriam, agradecendo à mulher. O marido, sentado perto do fogo, nem tentava falar ou olhar para os visitantes.

A comida era boa. Melhorou o estado de espírito dos dois. Dormiriam até o nascer do dia e começariam a longa viagem de volta. A essa hora, os corpos no campo já deviam ter sido contados, identificados e enviados para as famílias. O ar estaria repleto de ruídos normais, cancelando os gemidos que soavam ainda nos ouvidos deles. Veriam helicópteros, caminhões de homens organizando a operação de limpeza. Todos os ritos e a parafernália de um desastre civilizado.

E, depois de algum tempo, poderia ser aceito. Seria parte da história dos dois. Uma tragédia é claro, mas algo que podiam explicar, classificar e aprender a viver com sua lembrança. Tudo estaria bem, quando chegasse o novo dia.

O sono da extrema fadiga chegou rapidamente. Dormiram onde estavam, sentados à mesa com as cabeças nos braços cruzados. Vasilhas vazias e migalhas de pão espalhavam-se em volta deles.

Não sabiam de nada. Não sonharam. Não sentiram nada.

Então começou a trovoadas.

Na terra, nas profundezas da terra, um passo ritmado como o de um gigante que aos poucos se aproximava.

A mulher acordou o marido. Apagou a vela e foi até a porta. O céu noturno estava iluminado pelas estrelas, as colinas negras nos dois lados.

O trovão continuava, meio minuto entre cada passo, mas estava mais perto agora. O barulho cada vez mais alto.

Ficaram juntos na porta, marido e mulher, ouvindo o eco enviado pelas colinas. Não havia relâmpago acompanhando aqueles trovões.

Só o estrondo...

Bumm

Bumm

Fazia tremer o chão, a poeira caía do batente da porta, as janelas sacudiam barulhentemente.

Bumm

Bumm

Não sabiam o que era, mas fosse qual fosse sua forma, fossem quais fossem suas intenções, não adiantava fugir. Onde estavam, no pobre abrigo da pequena casa, era tão seguro quanto dentro da floresta. Como podiam escolher, entre centenas de milhares de árvores aquela que estaria de pé quando o trovão passasse? Melhor esperar, e observar.

A mulher não enxergava bem, e duvidou do que viu quando a escuridão da colina mudou de forma e se ergueu, escondendo as estrelas. Mas o marido viu também; a cabeça imensa, mais vasta na escuridão enganadora, subindo e subindo, fazendo das colinas anãs à sombra da sua ambição.

Ele caiu de joelhos, as pernas artríticas contorcidas sob o corpo.

A mulher gritou; não conhecia qualquer palavra para deter aquele monstro — nenhuma prece, nenhuma súplica teria poder sobre ele.

Dentro da casa, Mick acordou, e o braço estendido, num espasmo de câimbra, derrubou da mesa o prato e a lâmpada.

Caíram no chão, partindo-se.

Judd acordou.

Os gritos lá fora tinham parado. A mulher desapareceu na floresta. Qualquer árvore, qualquer uma era melhor do que aquela coisa. O marido murmurava ainda preces com os lábios flácidos quando a grande perna do gigante ergueu-se para mais um passo...

Bumm

A casa estremeceu. Pratos dançaram e caíram do aparador. Um cachimbo de barro rolou de cima da lareira e partiu-se sobre as cinzas.

Os amantes conheciam o barulho que ressoava em sua própria substância; aquele trovão sobre a terra.

Mick estendeu o braço e segurou o ombro de Judd.

— Está vendo? — disse ele, os dentes cinza-azulados na escuridão da casa. — Está vendo? Está vendo?

Uma espécie de histeria fervilhava em suas palavras. Ele correu para a porta, tropeçando numa cadeira, no escuro. Praguejando e com a perna machucada saiu para a noite...

Bumm

O trovão era ensurdecedor. Dessa vez quebrou todas as janelas. No quarto de dormir, uma das vigas do teto rachou, deixando cair poeira lá embaixo.

Judd juntou-se ao amante na porta. O velho estava agora de bruços no chão, os dedos inchados crispados, os lábios apertados contra a terra.

Mick olhava para cima, para o céu. Judd olhou também.

Havia um pedaço sem estrelas. Era a forma escura de um homem, um colossal corpo humano, imenso, pairando como se quisesse alcançar o céu. Não era um gigante perfeito. Os contornos não eram definidos; parecia fervilhar como um enxame.

Parecia mais largo também, aquele gigante, do que qualquer homem de verdade. As pernas eram estranhamente grossas e mal-feitas, e os braços não eram longos. As mãos, que se abriam e fechavam sem parar, tinham juntas deformadas e eram delicadas demais para o corpo.

Então ele ergueu um enorme pé chato e o firmou sobre a terra outra vez, dando um passo na direção deles.

O passo do gigante fez ruir o telhado de casa. Tudo que o ladrão de automóvel tinha dito era verdade. Popolac era uma cidade e um gigante, e tinha ido para as colinas...

Agora os olhos deles começavam a se acostumar com o negror da noite. Podiam ver os horríveis detalhes da construção daquele monstro. Era uma obra-prima de engenharia humana; um homem todo feito de homens. Ou melhor, um gigante assexuado, feito de homens, mulheres e crianças. Todos os cidadãos de Popolac contorciam-se e se esticavam dentro do corpo do gigante tecido com carne, os músculos tensos a ponto de arrebentar, os ossos quase se partindo.

Viam agora como os arquitetos de Popolac haviam alterado sutilmente as proporções do corpo humano como a coisa tinha sido feita atarracada para abaixar o centro de gravidade; como as pernas eram elenfantinas para suportar o peso do corpo; como a cabeça era enfiada nos ombros, minimizando os problemas de um pescoço fraco demais para suportar seu peso.

Apesar dessas deformidades, era horrivelmente humano. Os corpos amarrados uns aos outros para formar sua superfície estavam nus a não ser pelas tiras de couro que os prendiam, e brilhavam à luz das estrelas, como um vasto torso humano. Até os músculos eram bem-feitos, embora simplificados. Viam como os corpos amarrados uns aos outros empurravam-se e puxavam em sólidas cordas de carne e de ossos. Viam as pessoas que formavam o corpo, de costas unidas umas às outras para o movimento do peitoral; os acrobatas amarrados nas articulações dos braços e das pernas, enrolando e desenrolando para articular a cidade.

Mas sem dúvida o mais espantoso era o rosto.

Rostos de corpos; órbitas cavernosas nas quais cabeças olhavam, cinco para cada órbita do gigante; o nariz largo e chato, a bola abrindo e fechando, os músculos da mandíbula se enchendo e esvaziando ritmadamente. E daquela boca, com dentes feito de crianças calvas, a voz do gigante, agora apenas uma fraca imitação da sua força, dizia uma única nota de música idiota.

Popolac caminhava e Popolac cantava.

Haveria na Europa alguma coisa igual?

Mick e Judd observaram o gigante quando ele deu outro passo na direção deles.

O velho tinha molhado a calça. Murmurando coisas sem sentido, suplicando, arrastou-se para longe da casa destruída, para as árvores próximas.

Os ingleses ficaram onde estavam; olhando o espetáculo que se aproximava. Não sentiam medo, nem horror, apenas um sentimento de espantada reverência que os pregava no chão. Sabiam que jamais iam ver coisa igual; aquilo era o ápice, depois todo o resto era experiência comum. Era melhor ficar e ver enquanto aquilo ainda estava ali. E se os matasse, se o monstro os matasse,

pelo menos teriam visto um milagre, conhecido aquela terrível majestade por um breve momento. Parecia uma troca justa.

Popolac estava a dois passos da casa. Viam claramente as complexidades da sua estrutura. Os rostos dos cidadãos apareciam em detalhe: brancos, molhados de suor, e contentes em seu cansaço extremo. Alguns estavam mortos, dependurados pelas correias, as pernas balançando como as dos enforcados. Outros, especialmente crianças, não obedeciam mais ao treinamento e estavam relaxadas nas suas posições, fazendo com que aos poucos a forma do corpo se degenerasse, começando a ferver com as bolhas das células rebeldes.

Mas continuava, cada passo um esforço incalculável de coordenação e energia.

Buum...

O passo que amassou a casa chegou antes do que esperavam.

Mick viu a perna erguida, viu os rostos das pessoas na canela, no tornozelo e no pé — tão grandes quanto ele, agora todos homens fortes, escolhidos para suportar o peso daquela grande criação. Muitos estavam mortos. A sola do pé, ele via agora, era um labirinto de corpos amassados e cobertos de sangue, amassados pelo peso dos seus concidadãos.

O pé desceu com um rugido.

Numa questão de segundos, a casa foi reduzida a lascas e pó.

Popolac cobriu o céu completamente. Por um momento ela era o mundo, céu e terra, sua presença inundando todos os sentidos. De perto, um olhar não era bastante para ver toda a cidade; os olhos tinham de ir de um lado ao outro para ver sua forma e, mesmo assim, a mente recusava-se a aceitar toda a verdade.

Um fragmento de pedra desprendeuse da casa quando ela caía e atingiu Judd no rosto. Dentro da sua cabeça ele ouviu o golpe mortal, como uma bola batendo na parede; a morte de um campo de esportes. Nenhuma dor, nenhum remorso. Apagou como uma lâmpada, uma minúscula e insignificante lâmpada, seu brado de morte perdido no pandemônio, seu corpo escondido entre a fumaça e a escuridão da noite. Mick não viu nem ouviu a morte de Judd.

Estava atento, olhando para o pé que parou por um momento sobre as ruínas da casa, enquanto a outra perna reunia forças para o passo seguinte.

Mick aproveitou a oportunidade. Berrando como uma alma penada, correu para a perna, procurando abraçar o monstro. Tropeçou nos destroços, caiu, levantou-se ensanguentado, tentando segurar o pé antes que ele se erguesse do chão e o deixasse para trás. Um calor de agonia acompanhou a mensagem de que o pé devia se mover; Mick viu os músculos da canela unindo-se e se entrelaçando quando a perna começou a levantar. Mais uma vez atirou-se para o pé quando ele começava a se erguer do chão, agarrando uma correia ou uma corda, ou cabelo humano, ou carne — qualquer coisa para agarrar aquele milagre e se tornar parte dele. Era melhor ir com ele agora, servi-lo no seu objetivo, fosse qual fosse, melhor morrer do que viver sem ele.

Agarrou o pé e encontrou apoio para as mãos no tornozelo. Gritando de puro êxtase com o sucesso, sentiu que a perna enorme se erguia e olhou para baixo, através da poeira rodopiante para o lugar onde tinha estado, que ficava cada vez mais distante à medida que a perna se levantava.

A terra desapareceu debaixo dele. Tinha conseguido carona num deus; a vida que tinha deixado não era nada agora, nem nunca. Viveria com aquela coisa, sim, viveria com ela — vendo-a, vendo-a sempre, devorando-a com os olhos até morrer de pura gula.

Mick gritou e berrou, balançando-se nas cordas, embriagando-se com seu triunfo. Lá embaixo, muito longe, viu o corpo de Judd, encolhido, pálido sobre o chão escuro, irrecuperável. Amor, vida e sanidade tinham desaparecido, como a lembrança do seu nome, do seu sexo, da sua ambição. Nada disso tinha significado. Nada.

Bumm

Bumm...

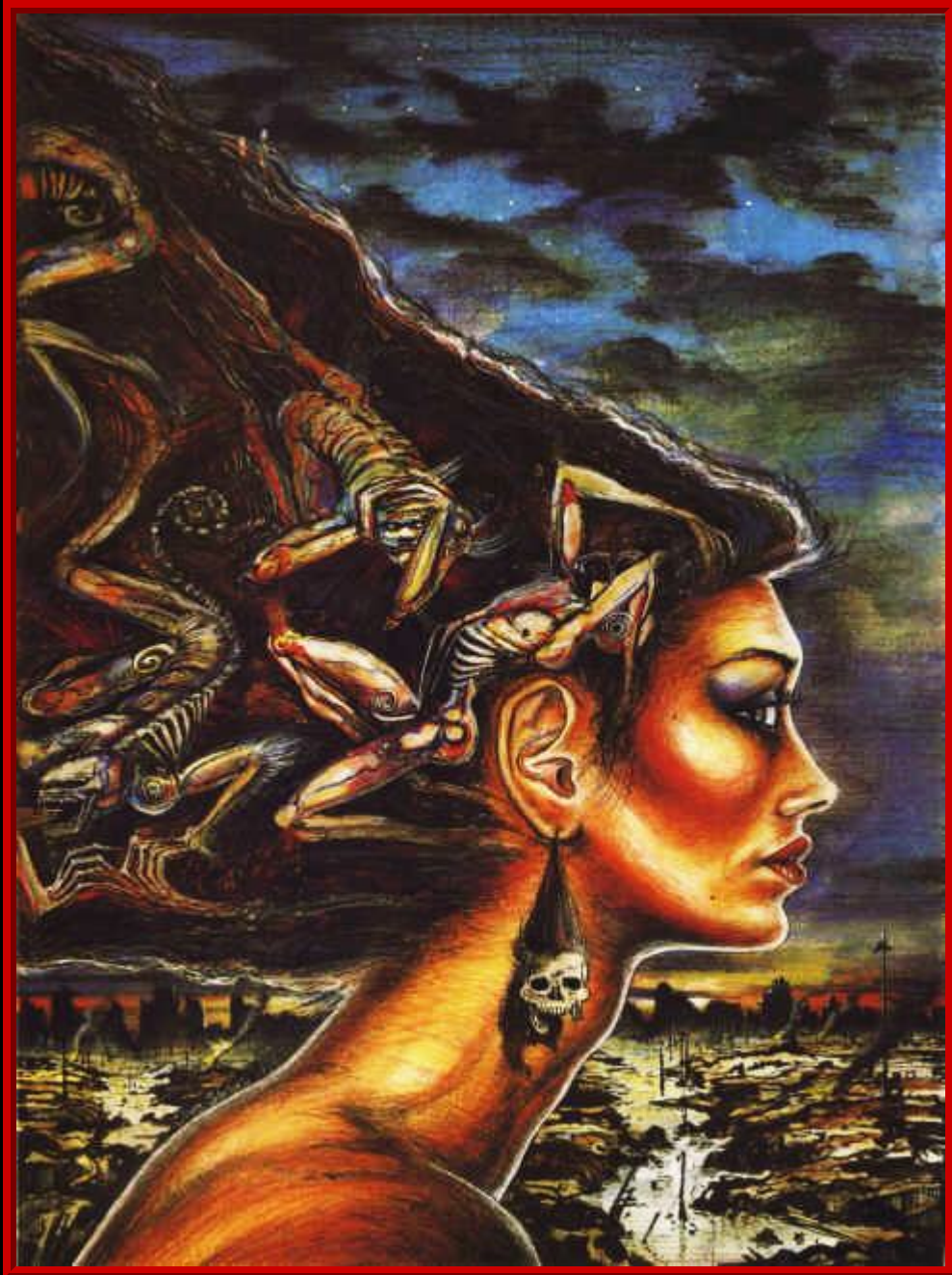
Popolac andava, o ruído dos seus passos afastando-se para leste. Popolac andava, o zumbido da sua voz perdido na noite.

Depois de um dia, os pássaros voltaram, as raposas voltaram, as moscas, as borboletas, as vespas voltaram. Judd se moveu, Judd mudou de posição, Judd deu à luz. Nas suas entranhas vermes se

aqueceram, na toca de uma raposa a carne da sua coxa foi motivo de disputa. Depois disso, foi rápido. Os ossos amarelados, os ossos desfeitos; logo um espaço vazio que ele havia ocupado antes com respiração e opiniões.

Trevas, luz, trevas, luz. Não interrompeu nenhuma delas com seu nome.

Volume II



TERROR

Não há prazer como o terror. Se fosse possível sentar-se sem ser visto entre duas pessoas em qualquer trem, sala de espera ou escritório, a conversa ouvida rondaria uma e outra vez sobre este tema. Poderia parecer que se tratava de um assunto completamente distinto: a situação do país, um bate-papo despreocupado sobre as mortes na estrada, o aumento dos preços dos dentistas, mas pondo a nu a metáfora, a insinuação, ali, encerrada no coração do discurso, encontra-se o terror. Enquanto aceitamos sem discussão a natureza de Deus e a possibilidade de vida eterna, ruminamos alegremente as minúcias da miséria. A síndrome não tem limite, tanto nos banheiros como nas salas de aula, se repete o mesmo ritual. Com a inexorabilidade de uma língua que se retorce para explorar um dente dolorido, voltamos uma, duas ou mil vezes a nossos medos, nos sentando para discutir sobre eles com a impaciência de um homem faminto ante um prato cheio e fumegante.

Enquanto estava na universidade e tinha medo de falar, Stephen Grace aprendeu a falar a respeito de seu medo. De fato, não só a falar dele, mas também a analisar e dissecar cada uma de suas terminações nervosas em busca de pequenos terrores.

Nesta investigação teve Quaid como professor.

Era uma época de gurus. Nas universidades de toda a Inglaterra jovens de ambos os sexos procuravam por toda parte pessoas para seguir como cordeiros, Steve Grace foi simplesmente mais um. Teve a má sorte de encontrar Quaid como Messias.

Conheceram-se na sala de estudantes.

— O nome é Quaid — disse o homem que estava ao lado do Steve na barra.

— Oh.

— Você é...?

— Steve Grace.

— Sim. está na classe de ética, não é?

— Exato.

— Não o vi em nenhum dos outros seminários ou conferências de filosofia.

— É minha disciplina suplementar deste ano. Faço o curso de literatura inglesa. Não podia suportar a ideia de um ano na classe de nórdico antigo.

— Assim escolheu ética.

— Sim.

Quaid pediu um conhaque duplo. Não parecia tão rico, e um conhaque duplo arruinaria as finanças de Steve para a semana seguinte. Quaid o bebeu rapidamente e pediu outro.

— O que você bebe?

Steve estava acariciando meia caneca de cerveja morna, disposto a fazê-la durar uma hora.

— Eu nada.

— Sim.

— Estou servido.

— Outro conhaque e uma caneca de cerveja para meu amigo.

Steve não resistiu à generosidade de Quaid. Uma caneca e meia de cerveja em seu sistema mal nutrido serviria de grande ajuda para animar o tédio de seus próximos seminários sobre “Charles Dickens como analista social”. Só a ideia o fazia bocejar.

— Alguém deveria escrever uma tese sobre a bebida como atividade social.

Quaid escrutinou um momento seu conhaque e o deixou outra vez sobre o balcão.

— Ou como forma de esquecer.

Steve olhou para aquele homem. Devia ter uns vinte e cinco anos, cinco mais que ele. A mescla de roupas que vestia era surpreendente. Sapatos esporte andrajosos, calças de veludo cotelê, uma camisa entre cinza e branca que tinha conhecido dias melhores, e sobre tudo isso uma jaqueta de couro muito cara que se assentava mal em seu corpo alto e magro. Tinha o rosto largo e

anódino, os olhos, de um azul leitoso, e tão pálidos que a cor parecia diluir-se nas escleróticas, de forma que só se podiam ver, atrás de seus óculos de lentes grossas, suas íris rasgadas. Lábios gordos, como os de Jagger, mas pálidos, secos e pouco sensuais. O cabelo, de um loiro sujo.

Steve pensou que Quaid podia passar por um traficante de drogas holandês.

Não levava livros. Eram a manifestação corrente das obsessões de um estudante, e Quaid parecia nu sem nada que indicasse como se divertia. Era homossexual, feminista, defensor das baleias ou um vegetariano fascista? No que estava metido, por Deus?

— Deveria ter escolhido nórdico antigo — disse Quaid.

— Por que?

— Nessa disciplina nem sequer se preocupam em pontuar os exames.

Steve não tinha ouvido falar disso. Quaid continuou dando detalhes:

— Limitam-se a tirar cara ou coroa. Se sair cara, satisfatório, coroa, aprovado com louvor.

Ah, era brincadeira. Quaid estava bancando o sabichão. Steve esboçou uma sorriso, mas a cara de Quaid não se alterou ante seu próprio rasgo de humor.

— Devia estar em nórdico antigo — repetiu. — Afinal de contas, quem necessita de Bishop Berkeley, Platão ou A...?

— Ou?

— É tudo uma merda.

— Sim.

— Eu o observei na classe de filosofia...

Steve começou a se intrigar com Quaid.

— Você nunca anota nada?

— Não.

— Pensei que ou tem uma segurança sublime em si mesmo ou, simplesmente, não se importa.

— Nada disso. Simplesmente estou totalmente perdido.

Quaid grunhiu e tirou um pacote de cigarros baratos. Isso tampouco era o habitual. Fumavam-se Gauloises ou Camel, senão,

nada.

— Não é a verdadeira filosofia o que lhe ensinam aqui — sentenciou Quaid com manifesto desprezo.

— Não?

— Dão-nos uma colherzinha de Platão ou um pouco do Bentham, mas sem uma análise real. Com as qualificações pertinentes, é obvio. Parece-se com a besta: até os não iniciados lhes cheira um pouco a besta.

— Que besta?

— A filosofia. A verdadeira filosofia. É uma besta, Stephen. Não concorda?

— Não havia....

— É selvagem. Morde.

Rançou os dentes, de repente tinha adotado uma expressão ardilosa.

— Sim, morde — repetiu.

Sim, gostou muito disso. Disse de novo como se lhe trouxesse sorte: “Morde”.

Stephen assentiu. Escapava-lhe o sentido da metáfora.

— Acredito que o que estudamos deveria nos rasgar. — Quaid estava se entusiasmando com o tema da educação castradora. — Deveria nos assustar, falsear as ideias sobre as quais temos que falar.

— Por que?

— Porque se fôssemos filósofos dignos não trocaríamos piadas acadêmicas. Não falaríamos de semântica, não utilizaríamos enganos linguísticos para encobrir os problemas reais.

— O que faríamos?

Steve começava a pensar que se limitava a dar corda a Quaid. Mas este não estava com humor para brincadeiras. Tinha o rosto rígido: suas íris rasgadas se reduziram a pontos diminutos.

— Deveríamos nos aproximar da besta, Steve, não concorda? Sair para aplacá-la, acariciá-la, ordenhá-la...

— Isto... O que é a besta?

Quaid se exasperou com a pergunta.

— É o tema de qualquer filosofia que valha a pena, Stephen. São as coisas que tememos porque não as entendemos. É a escuridão que há atrás da porta.

Stephen pensou em uma porta. Pensou na escuridão. Começou a compreender onde Quaid queria chegar à sua maneira retorcida. A filosofia era uma forma de falar do medo.

— Deveríamos discutir sobre o que é inerente a nossas psiques — disse Quaid. — Senão... nos arriscamos a...

Subitamente a loquacidade o abandonou.

— O que?

Quaid contemplava sua taça de conhaque vazia como se quisesse vê-la encher-se de novo.

— Quer outro? — propôs Steve, rogando para que a resposta fosse negativa.

— A que nos arriscamos? — repetiu a pergunta. — Bom, acredito que se não sairmos para encontrarmos a besta...

Steve pressentiu que estava a ponto de lhe pôr a cereja no bolo.

— ... cedo ou tarde a besta virá e nos encontrará. Não há prazer como o terror. Enquanto ele for de outros.

As semanas seguintes, Steve fez algumas perguntas, sem lhes dar importância, sobre o misterioso senhor Quaid.

Ninguém sabia seu nome. Ninguém estava seguro de sua idade, mas uma das secretárias achava que tinha mais de trinta, o que lhe pareceu surpreendente.

Seus pais, Cheryl tinha ouvido dizer, estavam mortos. Assassinados, pensava ela.

Isto parecia constituir a soma de todo o conhecimento humano a respeito de Quaid.

— Devo-lhe uma bebida — disse Steve tocando o ombro de Quaid.

Ele olhou-o como se lhe tivessem mordido.

— Brandy?

— Obrigado.

Steve se encarregou das bebidas.

— Estive pensando.

— Nenhum filósofo deveria precisar dele.

— Do que?

— Do cérebro.

Ficaram conversando. Steve não sabia por que voltou a se aproximar de Quaid. O homem tinha dez anos mais que ele e pertencia a um clã intelectual distinto. Para ser honesto, provavelmente o intimidava. Sua conversa incessante sobre bestas o desconcertava. E, entretanto, queria mais: mais metáforas, continuar ouvindo aquela voz monótona lhe contar quão inúteis eram os professores, quão fracos os estudantes.

No mundo de Quaid não havia certezas. Não possuía gurus seculares e, evidentemente, nenhuma religião. Parecia incapaz de contemplar nenhum sistema, já fora político ou filosófico, sem cinismo.

Embora poucas vezes ria em voz alta, Steve sabia que em sua visão do mundo havia um humor amargo. As pessoas eram ovelhas e cordeiros, todos procuravam pastores. Naturalmente, para Quaid esses pastores eram pura ficção. Tudo o que existia na escuridão, fora do redil, eram os medos que se abatiam sobre o cordeiro inocente: esperando, pacientes como pedras, seu momento.

Devia duvidar de tudo menos do fato de que o terror existia.

A arrogância intelectual de Quaid era estimulante. Steve começou a se afeiçoar à facilidade iconoclasta com que destruía uma crença atrás da outra. Às vezes era doloroso quando Quaid formulava uma objeção irrefutável contra algum dos dogmas de Steve. Mas em poucas semanas o simples ruído de demolição parecia excitá-lo. Quaid estava limpando a floresta, destruindo as árvores, destroçando os restolhos. Steve se sentia livre.

Nação, família, Igreja, lei. Tudo reduzido a cinzas. Tudo inútil. Tudo enganos, cadeias e asfixia.

Só existia o terror.

— Eu temo, você teme, ele teme — gostava de dizer. — Ele, ela, isso teme. Não há ser consciente sobre a superfície do mundo que não conheça o terror mais intimamente que seu próprio batimento do coração.

Um dos alvos favoritos dos ataques de Quaid era outra estudante de filosofia e literatura inglesa, Cheryl Fromm.

Espantava-se tanto ante suas observações mais ultrajantes como um peixe ante a chuva, e enquanto os dois se atiravam com unhas e dentes sobre os argumentos do outro, Steve se refastelava em seu assento e contemplava o espetáculo. Cheryl era, segundo a fórmula de Quaid, uma otimista patológica.

— Você está cheio de merda — dizia ela quando a discussão se animou um pouco — quem pode se importar que você se assuste com sua própria sombra? Eu não estou assustada. Sinto-me bem.

Certamente que estava. Cheryl era objeto de sonhos eróticos, mas era muito brilhante para que alguém ousasse abordá-la.

— Todos sentimos terror de vez em quando — respondia Quaid, e seus olhos leitosos estudavam cuidadosamente o rosto de Cheryl, espiando sua reação, tentando, Steve sabia, encontrar uma debilidade em sua convicção.

— Eu não.

— Nenhum medo? Nem pesadelos?

— De maneira nenhuma. Tenho uma boa família, não guardo esqueletos no porão. Nem sequer como carne, assim não me sinto mal quando passo junto a um matadouro. Não tenho nenhuma miséria a exhibir. Isso significa que não sou real?

— Significa... — Os olhos do Quaid tinham a pupila rasgada de uma serpente. — Significa que sua segurança tem algo importante a ocultar.

— Outra vez com os pesadelos!

— Horríveis pesadelos.

— Especifique: defina os termos que utiliza.

— Não posso te dizer do que você tem medo.

— Então me diga de que você tem medo.

Quaid vacilou.

— No fim das contas, é impossível de analisar.

— Impossível de analisar? Não me faça rir!

Quaid voltou para seu tema predileto.

— O que eu temo é algo pessoal. Não tem sentido em um conjunto mais amplo. As imagens do meu terror, as imagens que meu cérebro utiliza, se quiser, para ilustrar meu medo, são pouca coisa

em comparação com o autêntico horror que está na raiz de minha personalidade.

— Eu tenho imagens — disse Steve. — Visões de minha infância que me fazem pensar em... — deteve-se, lamentando sua confissão.

— O que? — perguntou Cheryl. — Você se refere a coisas relacionadas com experiências ruins? A uma queda da bicicleta ou algo parecido?

— Talvez — admitiu Steve. — Às vezes me surpreendo pensando nessas visões. Não faço isso deliberadamente, só ocorre quando perco a concentração. É como se meu cérebro se dirigisse para elas de forma automática.

Quaid emitiu um leve grunhido de satisfação.

— Exatamente — disse.

— Freud escreveu sobre o tema — advertiu Cheryl.

— O que?

— Freud — repetiu, desta vez sublinhando as palavras, como se estivesse falando com um menino. — Sigmund Freud, pode ser que tenha ouvido falar dele.

O lábio do Quaid se enrugou com um desprezo não dissimulado.

— As fixações da mãe não resolvem meu problema. Os verdadeiros terrores que existem em mim, em todos nós, são anteriores à personalidade. O terror está presente antes que tenhamos consciência de nós mesmos como indivíduos. A unha do polegar, protegida no útero, sente medo.

— Você se recorda disso? — ironizou Cheryl.

— Talvez — replicou Quaid, mortalmente sério.

— O útero?

Quaid sorriu pela metade. Steve pensou que esse sorriso significava: “Sei que você não”.

Era um sorriso estranho, desagradável, que Stephen teria gostado de apagar de seus olhos.

— Você é um mentiroso — acusou Cheryl, levantando-se de seu assento e olhando por cima do ombro de Quaid.

— Sou o melhor — admitiu, convertido de repente em um perfeito cavaleiro.

Depois disso acabaram as discussões.

Não se falou de pesadelos, nem se discutiu sobre os terrores noturnos. Steve viu Quaid de forma irregular no mês seguinte e, quando o via, encontrava-se sempre em companhia do Cheryl Fromm. Quaid era educado com ela, até diferente. Já não vestia sua jaqueta de couro porque Cheryl odiava o aroma da pele dos animais mortos. Esta súbita mudança em suas relações desconcertou Stephen, mas atribuiu isso a sua escassa compreensão dos assuntos sexuais. Não era virgem, mas as mulheres continuavam constituindo um mistério para ele: achava-as contraditórias e enigmáticas.

Também estava com ciúmes, embora não quisesse admitir claramente. Doía-lhe que o gênio dos sonhos úmidos lhe roubasse tanto tempo de Quaid.

Também tinha outra sensação: o curioso pressentimento de que Quaid estava cortejando Cheryl por suas próprias e misteriosas razões. O sexo não era o que atraía Quaid, estava certo disso. Tampouco era seu respeito pela inteligência de Cheryl o que o fazia mostrar-se tão atento. Não, de algum modo a estava encurralando, isso era o que lhe dizia seu instinto. Estava preparando Cheryl Fromm para a morte.

E logo, ao fim de um mês, Quaid deslizou na conversa uma pequena observação a respeito do Cheryl:

— Ela é vegetariana.

— Cheryl?

— Cheryl, é obvio.

— Já sei. Ela disse faz tempo.

— Sim, mas nela não é um simples capricho. O tema a apaixona. Não pode olhar sequer o balcão de um açougue. Não toca em carne, não a cheira...

— Oh.

Steve estava perplexo. Aonde conduziria tudo aquilo?

— Terror, Steve.

— Da carne?

— Os indícios são diferentes em cada pessoa. Ela tem medo da carne. Diz que é tão sã, tão equilibrada... Merda! Veremos!

— Ver o que?

— O medo, Steve.

— Você não vai...?

Steve não sabia como expressar sua ansiedade sem parecer acusador.

— Machucá-la? Não, não vou lhe fazer nenhum mal. Qualquer prejuízo que lhe cause será estritamente auto-infligido.

Quaid o contemplava quase hipnoticamente.

— Está na hora de começarmos a confiar um no outro — prosseguiu. Aproximou-se um pouco mais. — Entre nós...

— Olhe, não acredito que você queira ouvir.

— Temos que tocar à besta, Stephen.

— Ao inferno com a besta! Não quero ouvir!

Steve se levantou para evitar a opressão do olhar de Quaid e dar por finalizada a conversa.

— Somos amigos, Stephen.

— Sim...

— Então respeite-o.

— O que?

— O silêncio. Nenhuma palavra.

Steve assentiu. Essa não era uma promessa difícil de cumprir. Não podia contar suas angústias a ninguém sem que rissem dele.

Quaid parecia satisfeito. Saiu correndo, deixando Steve com a sensação de que tinha entrado sem querer em uma sociedade secreta, cujos objetivos não tinha a mais remota ideia. Quaid fizera um pacto com ele e isso era perturbador.

Na semana seguinte não assistiu as aulas nem à maioria dos seminários. Não tomou notas, não leu livros nem redigiu trabalhos. As duas vezes que foi ao edifício universitário andava sigilosamente como um camundongo precavido, desejando não encontrar Quaid.

Não tinha por que sentir medo. A única vez em que viu os ombros encurvados de Quaid do outro lado do pátio estava distraído trocando sorrisos com Cheryl Fromm. Esta ria musicalmente, e sua risada era correspondida pelo eco da parede do departamento de

história. Steve já não sentia ciúmes. Nem por todo o ouro do mundo teria desejado estar tão perto de Quaid, ser tão íntimo dele.

O tempo que passava sozinho, afastado do bulício das classes e dos corredores lotados, fez que sua mente se tornasse ociosa. E seus pensamentos retornaram a seus temores, como a língua ao dente, a unha à ferida.

E também a sua infância.

Quando tinha seis anos, um carro o atropelou. As feridas não eram muito perigosas, mas a comoção cerebral o deixou parcialmente surdo. Foi uma experiência muito angustiante não compreender por que ficara isolado de repente do mundo. Era uma tortura inexplicável, e o menino pensou que isso seria eterno.

Em um momento sua vida tinha sido real, tinha estado cheia de gritos e risadas. Um momento depois tinha sido posto à margem, o mundo se transformou em um aquário, cheio de peixes que o olhavam boquiabertos com grotescos sorrisos. Ainda mais: havia ocasiões em que padecia do que os médicos chamam zumbido, um ruído estrondoso que lhe soava nos ouvidos. A cabeça se enchia dos ruídos mais estranhos, gritos e assobios que serviam de fundo aos movimentos do mundo exterior. Nesses casos o estômago revolia, e era como se uma faixa de ferro lhe envolvesse a fronte, despedaçando seus pensamentos, separando as mãos da cabeça, a intenção da prática. Era tomado por uma onda de pânico, era absolutamente incapaz de entender o mundo enquanto o ruído uivava e chocalhava na sua cabeça.

Mas os piores terrores chegavam de noite. Às vezes despertava no que tinha sido (antes do acidente) o seio protetor de seu dormitório, descobrindo que os zumbidos tinham voltado enquanto dormia.

Abria os olhos desmesuradamente e o corpo se empapava de suor. A mente se enchia do ruído mais buliçoso, ruído que o prendia sem esperança de alívio. Nada podia sossegar sua cabeça e nada, ao que parecia, podia lhe devolver o mundo, a fala, a risada e o pranto.

Estava sozinho.

Esses foram a colocação, o nó e o desenlace de seu terror. Estava completamente só com sua cacofonia. Encerrado naquela

casa, naquele quarto, naquele corpo, naquela cabeça, prisioneiro de uma carne surda e cega.

Isso era insuportável. Às vezes gritava de noite, sem saber que estava emitindo sons, e os peixes que tinham sido seus pais acendiam a luz e tentavam ajudá-lo, inclinando-se sobre a cama e gesticulando, fazendo feias caretas com suas bocas mudas ao tentar socorrê-lo. As carícias acabavam por acalmá-lo, com o tempo, sua mãe aprendeu a mitigar o pânico que se apoderava dele.

Uma semana antes de seu sétimo aniversário recuperou a audição, não totalmente, mas o suficiente para que lhe parecesse um milagre. O mundo recuperou sua nitidez, a sua vida recomeçou.

Ao menino custou vários meses para voltar a confiar em seus sentidos. Ainda despertava de noite como se previsse os ruídos de sua cabeça. Mas embora seus ouvidos zumbissem ante o som mais leve, o que lhe impediu de assistir aos concertos de rock com o resto dos estudantes, agora quase nunca percebia a sua leve surdez.

Lembrava-se dela, é óbvio, e muito bem. Podia evocar o sabor do pânico, a sensação de ter uma faixa de ferro ao redor da cabeça. E ainda havia nela um resíduo do medo: à escuridão, de estar sozinho.

Mas todo mundo não tinha medo de estar sozinho? De estar completamente sozinho?

Steve sentia outro medo, muito mais difícil de superar. Quaid.

Em uma sessão reveladora, bêbado, tinha lhe falado de sua infância, da surdez, dos terrores noturnos.

Quaid conhecia sua debilidade: o caminho largo que conduzia até o coração do terror do Steve. Tinha uma arma, um pau com o qual podia golpeá-lo se fosse necessário. Talvez por isso, decidiu não falar com Cheryl (avisá-la, se era isso o que queria fazer) e certamente essa era a razão de que evitasse Quaid.

Este tinha um ar pérfido em certos momentos de mau humor. Nem mais nem menos. Parecia uma pessoa com a maldade dentro de si, muito dentro.

O melhor daqueles quatro meses observando às pessoas sem ouvi-las tinham sensibilizado Steve por causa dos olhares de soslaio, os sorrisos e o desprezo que revoam em suas caras. Sabia que a vida

de Quaid era um labirinto, tinha gravado no rosto, em mil pequenos gestos, o mapa de suas complexidades.

A fase seguinte da iniciação de Steve ao mundo secreto de Quaid aconteceu quase três meses e meio depois. As aulas da universidade foram interrompidas durante as férias de verão, e os estudantes foram cada um para seu lado. Steve se dedicou a seu trabalho de verão habitual na gráfica de seu pai, eram horas longas e exaustivas fisicamente, mas lhe propiciavam um descanso indubitável. Tantas discussões lhe tinham saturado o cérebro, sentia-se como se o tivessem enchido de palavras e ideias. O trabalho na gráfica lhe permitiu aliviar-se de tudo isso pouco tempo, limpando o matagal de sua mente.

Foi uma boa temporada, mas logo voltou a pensar em Quaid.

Voltou para a universidade no fim de setembro. Havia poucos estudantes no campus. A maioria dos cursos não começavam até a semana seguinte, e no ambiente fluava um ar de melancolia, sem a habitual multidão de jovens se queixando, falando ou discutindo.

Steve estava na biblioteca separando alguns livros importantes antes que seus companheiros de classe os pegassem. Os livros eram ouro puro no princípio do curso, com toda a bibliografia por ler, e a biblioteca da universidade pediria como sempre que se encarregassem dos títulos necessários. Esses livros vitais chegavam invariavelmente dois dias depois do seminário em que ia se falar do autor. Naquele ano, o último, Steve estava decidido a ser o primeiro na fila que se formasse para obter os poucos exemplares para os trabalhos de seminário que houvesse na biblioteca.

Falou-lhe uma voz familiar.

— Voltou logo ao trabalho.

Steve levantou a vista para encontrar-se com as íris rasgadas de Quaid.

— Estou impressionado, Steve.

— O que?

— Seu entusiasmo pelo trabalho.

— Oh.

Quaid sorriu.

— O que você está procurando?

— Algo sobre Bentham.

— Tenho Princípios de Moral e Legislação. Serve?

Era uma armadilha. Não, isso seria absurdo. Oferecia-lhe um livro. Como podia interpretar esse simples gesto como uma armadilha?

— Bem pensado. — E o sorriso se tornou ainda mais amplo. — Acredito que é o exemplar da biblioteca o que tenho. Darei para você.

— Obrigado.

— As férias foram boas?

— Sim, obrigado. E as suas?

— Muito gratificantes.

O sorriso tinha degenerado em uma linha magra entre....

— Deixou o bigode crescer.

Era uma nova manifestação do caráter doentio daquele espécime. Fino, espaçado e de um loiro sujo, subia e baixava sob o nariz de Quaid como se tentasse sair da face. Este pareceu ligeiramente perturbado.

— Fez isso pela Cheryl?

Agora sim que sua confusão foi total.

— Bom...

— Parece que teve boas férias.

Em sua expressão havia algo, além de confusão.

— Tenho umas fotografias maravilhosas — disse Quaid.

— Do que?

— Fotos de festas.

Steve não podia acreditar nos seus ouvidos. Cheryl teria domado Quaid? Fotos de festas?

— Algumas o surpreenderão.

Havia um pouco de vendedor de postais no comportamento de Quaid. Que demônios eram essas fotografias? Fotos feitas com filtro e desdobradas de Cheryl surpreendida lendo Kant?

— Não imaginei que você fosse fotógrafo.

— A fotografia se converteu em uma paixão para mim.

Fez uma careta ao dizer “paixão”. Havia uma excitação contida em sua atitude. Estava radiante de prazer.

— Tem que vir vê-las.

— Eu...

— Esta noite. E assim, ao mesmo tempo, pega o Bentham.

— Obrigado.

— Na minha casa. Passada a esquina do hospital de maternidade, na rua Pilgrim. Número sessenta e quatro. Depois das nove?

— De acordo. Obrigado. Cale Pilgrim.

Quaid assentiu.

— Não sabia que havia casas habitáveis na rua Pilgrim.

— Número sessenta e quatro.

A rua Pilgrim era desolada. A maioria das casas não eram mais que escombros. Algumas estavam em demolição. As paredes interiores expostas de forma pouco natural: papéis pintados rosa e verde pálido, as chaminés dos pisos superiores penduradas sobre abismos de tijolos fumegantes. As escadas não conduziam, nem de ida nem de volta, a nenhuma parte.

O número sessenta e quatro estava solitário. As casas adjacentes tinham sido demolidas e escavadas, deixando um deserto de pó de tijolos que algumas ervas, atrevidas e temerárias, tentavam povoar.

Um cão branco de três patas vigiava seu território ao redor daquela casa, deixando pequenas marcas de urina a intervalos regulares para delimitar seus domínios.

A casa de Quaid, ainda sem ter nada de palácio, era mais acolhedora que o ermo que a rodeava.

Beberam juntos um vinho tinto que Steve tinha levado e fumaram um pouco de erva. Quaid estava muito mais suave do que Steve jamais tinha visto antes, satisfeito de falar de trivialidades em lugar do terror, rendendo-se de vez em quando, inclusive contando alguma piada. O interior da casa estava nu. Não havia quadros na parede nem tipo algum de decoração. Os livros de Quaid, e tinha centenas, estavam amontoados no chão, e Steve não pôde descobrir com que critério. A cozinha e o banheiro eram primitivos. Toda a atmosfera era quase monástica.

Depois de um par de horas apazíveis, a curiosidade se apoderou de Steve.

— Onde estão as fotos das férias? — perguntou, consciente de que arrastava um pouco as palavras, embora já não se importasse com isso.

— Ah, sim. Meu experimento.

— Experimento?

— Para ser sincero, Steve, não sei se deveria lhe ensinar isso.

— Por que não?

— Estou metido em algo sério, Steve.

— E eu não estou preparado para nada sério, é isso o que quer dizer?

Steve notava que a técnica de Quaid o envolvia, embora fosse óbvio e transparente o que estava fazendo.

— Não disse que não estivesse preparado...

— Que diabos é esse assunto?

— Fotos.

— De?

— Lembra-se da Cheryl?

— Imagens da Cheryl. Sei.

— Como ia esquecê-la?

— Não voltará para o curso.

— Oh.

— Teve uma revelação.

O olhar do Quaid parecia o de um louco.

— O que quer dizer?

— Sempre estava tão tranquila, não é verdade? — Quaid falava dela como se tivesse morrido. — Tranqüila, simpática e pensativa.

— Sim, suponho que era tudo isso.

— Pobre puta! Tudo o que queria era um bom pó.

Steve sorriu como um menino ante as palavras obscenas de Quaid. Era chocante, era como ver um professor com o pênis pendurando para fora das calças.

— Passou parte de suas férias aqui.

— Aqui?

— Nesta casa.

— Você gostou?

— É uma vaca ignorante. Pretensiosa, fraca e estúpida. Mas não te daria, não te daria absolutamente nada.

— Refere-se a que não queria foder?

— Oh, não! Baixava as calcinhas fácil. Eram seus medos o que não...

A velha canção.

— Mas a convenci no seu devido tempo.

Quaid tirou uma caixa de trás de uma pilha de livros de filosofia. Nela havia um maço de fotos em preto e branco ampliadas ao tamanho de um postal. Passou a primeira série para Steve.

— Eu a prendi, Steve. — Quaid dizia sem emoção. — Para ver se podia obrigá-la a dar rédea solta a seus terrores.

— Que quer dizer com prendê-la?

— No piso de cima.

Steve se sentiu estranho. Podia ouvir muito brandamente um zumbido em seus ouvidos. O vinho sempre fazia a cabeça zumbir.

— Eu a prendi no piso superior — repetiu Quaid, — como experimento. Por isso aluguei esta casa. Não havia vizinhos que escutassem.

— Nenhum vizinho para escutar o que?

Steve olhou a imagem granulada que tinha na mão.

— Uma câmara oculta — explicou Quaid. — Nunca soube que estava fotografando. A foto número um era de um quarto, pequeno e anódino. Alguns poucos móveis normais.

— Este é o quarto. Em cima daqui. Quente. Inclusive um pouco cansativo. Sem ruídos.

— Sem ruídos.

Quaid lhe deu a foto número dois.

O mesmo quarto. Agora não tinha quase móveis. Um saco de dormir estava estendido ao longo de uma parede. Uma mesa. Uma cadeira. Uma lâmpada nua.

— Foi assim que o preparei para ela.

— Parece uma cela.

Quaid grunhiu.

Terceira foto. O mesmo quarto. Sobre a mesa uma jarra de água. Em um canto, uma caixa mau coberta por uma toalha.

— Para que é a caixa?

— Ela tinha que fazer as necessidades.

— Sim.

— Com todas as comodidades — assinalou Quaid. — Não pretendia reduzi-la a um estado animal.

Até em sua bruma etílica, Steve captou a ironia de Quaid. Não pretendia reduzi-la a um estado animal. Entretanto...

Foto quatro. Sobre a mesa, em um prato, uma fatia de carne. Um osso sobressaindo.

— Boi — indicou Quaid.

— Mas, ela é vegetariana!

— Certo. Está ligeiramente salgado, bem feito e é de boa qualidade.

Foto cinco. O mesmo. Cheryl está no quarto. A porta está fechada. Está golpeando-a com os pés e com as mãos, seu rosto reflete uma intensa fúria.

— Deixei-a no quarto por volta das cinco da manhã. Estava dormindo: eu mesmo a levei para o leito. Muito romântico. Ela não sabia o que estava acontecendo.

— Prendeu-a ali?

— Claro. Um experimento.

— Não a avisou?

— Falamos do terror, já me conhece. Sabia o que era o que eu desejava descobrir. Sabia que eu precisava de cobaias. Entendeu em seguida. Assim que compreendeu o que eu trazia entre as mãos se tranqüilizou.

Foto seis. Cheryl está sentada em um canto do quarto, pensando.

— Acredito que pensava que poderia ter mais paciência que eu.

Foto sete. Cheryl olha a perna de boi. Lança olhares à mesa.

— Bonita foto, não acha? Olhe sua expressão de nojo. Odiava até o aroma de carne cozida. Ainda não estava faminta, naturalmente.

Oito: dormindo.

Nove: fazendo as necessidades. Steve se sentiu incomoda ao ver a garota sentada sobre a caixa, com as calcinhas nos tornozelos. Tinha marcas de lágrimas no rosto.

Dez: bebe água da jarra.

Onze: volta a dormir, de costas para o quarto, enroscada como um feto.

— Quanto tempo ficou no quarto?

— Esta foto foi tirada quando estava há quatorze horas no quarto. Perde muito rapidamente a noção do tempo. Não havia mudanças de luz. Seu relógio corporal se desregulou em seguida.

— Quanto tempo ficou ali?

— Até que confirmou minha tese.

Doze: acordada, passeia ao redor da carne que está sobre a mesa.

— Esta foi tirada na manhã seguinte. Estava acordada. A câmara tirava fotos a cada quatro horas. Olhe seus olhos...

Steve escrutinou mais de perto a fotografia. Havia um pouco de desespero em seu rosto: um olhar extraviado, selvagem. Pela forma com que contemplava a carne parecia tentar hipnotizá-la.

— Tem aspecto de doente.

— Está cansada, isso é tudo. De fato dormiu muito, mas isso só parecia deixá-la mais exausta que antes. Nesse momento já não sabe se é dia ou noite. E tem fome. Se passou um dia e meio. Está mais que um pouco faminta.

Treze: dorme outra vez, enroscada em uma bola ainda menor, como se quisesse tragar a si mesma.

Quatorze: bebe mais água.

— Troquei a jarra enquanto dormia. Dormia profundamente: poderia ter cantado e dançado e ela não despertaria. Perdida para o mundo.

Fez uma careta.

“Louco — pensou Steve. — Este cara está louco.”

— Deus, aquilo fedia! Sabe como cheiram às vezes as mulheres: não é suor, é outra coisa. Um aroma denso, de carne. Sangrento. Estava assim no final de sua estadia. Não era o que eu tinha planejado.

Quinze: toca a carne.

— Aqui se vê seu primeiro desfalecimento — disse Quaid com um júbilo tranquilo na voz. — Aqui começa o terror.

Steve estudou a foto de perto. O granulado da cópia esfumava os detalhes, mas a pobre moça estava sofrendo, isso era certo. Tinha o rosto franzido, dividida entre o desejo e a repulsa, enquanto tocava a carne.

Dezesseis: voltava a estar na porta, lançando-se contra ela, e todo seu corpo tremia. Sua boca era uma careta negra de angústia, gritava para a porta inerte.

— Sempre que tinha que enfrentar a carne acabava me xingando.

— Há quanto tempo estava aqui?

— Quase três dias. Você está vendo uma mulher faminta.

Não era difícil apreciar. Na foto seguinte estava de pé, tranquila, com os olhos longe da tentação da comida, todo seu corpo tenso ante o dilema.

— Você a está matando de fome.

— Pode-se suportar facilmente dez dias sem comer. Os gordos são frequentes em qualquer país civilizado, Steve. Seis por cento da população britânica está obesa do ponto de vista clínico em um momento ou outro. De qualquer forma, ela estava muito gorda.

Dezoito: a garota gorda está sentada no canto do quarto, chorando.

— Aí começou a ter alucinações. Pequenos tiques mentais. Acreditava sentir algo no cabelo ou no dorso da mão. Às vezes ficava olhando para o ar sem ver nada.

Dezenove: lava-se. Está nua até a cintura, tem os peitos cheios, a cara desprovida de expressão. A carne de boi apresenta um tom mais escuro que nas fotos anteriores.

— Lavava-se com regularidade. Nunca passavam doze horas sem que se asseasse da cabeça à ponta dos pés.

— A carne parece...

— Passada?

— Escura.

— Faz calor no quarto, e há algumas moscas com ela. Encontraram a carne e depositaram seus ovos. Sim, está maturando perfeitamente.

— Isso fazia parte do plano?

— Claro. Se a carne lhe enojava quando estava fresca, qual não será sua repugnância ante uma carne podre? Este é o ponto crucial de seu dilema, não? Quanto mais espera para comer, mais nojo lhe dará o que tem para alimentar-se. De um lado está presa por seu horror da carne, e de outro, por seu terror da morte. Qual dos dois cederá primeiro?

Steve estava tão preso como ela.

Por um lado esta brincadeira começava a ficar muito pesada, e o experimento de Quaid se converteu em um exercício de sadismo. Por outro lado, queria saber até onde chegaria a história. Havia algo sem dúvida fascinante em ver uma mulher sofrer.

As sete fotos seguintes — vinte, vinte e um, dois, três, quatro, cinco, seis — refletiam a mesma rotina. Dormir, lavar-se, fazer as necessidades, olhar a carne.

Dormir, lavar-se...

E logo veio a vinte e sete.

— Está vendo?

Ela agarra a carne.

Sim, agarrava-a, com a cara cheia de horror. A pata de boi parece mais que passada, está salpicada de ovos de mosca. Torcida.

Na fotografia seguinte tem a cara afundada na carne. Steve acreditou sentir o sabor da carne podre na garganta. Sua mente imaginou um fedor apropriado e criou um molho de podridão para saborear com a língua. Como Cheryl pôde fazer isso?

Vinte e nove: está vomitando na caixa do canto do quarto.

Trinta: está sentada e olhando a mesa. Está vazia. Atirou a jarra de água contra a parede. O prato está quebrado. O boi está atirado ao chão em um atoleiro putrefato.

Trinta e um: dorme. Tem a cabeça escondida entre os braços.

Trinta e dois: está de pé. Olhando outra vez para a carne, desafiando-a. A fome que sente está aparente no rosto. O nojo, também.

Trinta e três: dorme.

— Quantos dias agora? — perguntou Steve.

— Cinco dias. Não, seis.

Seis dias.

Trinta e quatro: É uma forma imprecisa que aparentemente se equilibra contra uma parede. Ou melhor a golpeia com a cabeça, Steve não pôde distinguir. Não tinha nenhuma intenção de perguntar. Algo nele não queria saber.

Trinta e cinco: dorme de novo, desta vez debaixo da mesa. O saco de dormir está em pedaços, farrapos de roupa e partes de estopa cobrem o quarto.

Trinta e seis: fala com a porta, a quem está do outro lado, sabendo que não obterá resposta.

Trinta e sete: come a carne rançosa.

Senta-se tranquilamente sob a mesa, como um homem primitivo em sua cova, e morde a carne com os incisivos. Seu rosto volta a ficar sem expressão, todas as suas energias se concentram na decisão que tomou. Comer. Comer até que a fome desapareça, até que a angústia de seu estômago e o enjoo de sua cabeça desapareçam.

Steve contemplou a foto.

— Ela me surpreendeu — comentou Quaid — o súbito de sua derrota. Em um momento parecia estar tão resistente como sempre. O monólogo que recitou em frente a porta era a mesma mescla de ameaças e desculpas que proferia dia sim dia não. E então veio abaixo. Assim, de repente. Sentou-se sobre a mesa e comeu a carne até o osso como se fosse um prato fino.

Trinta e oito: dorme. A porta está aberta. Entra luz. Trinta e nove: o quarto está vazio.

— Para onde foi?

— Desceu as escadas. Entrou na cozinha, bebeu vários copos de água e se sentou em uma cadeira três ou quatro horas sem dizer uma só palavra.

— Falou com você?

— Como no passado. Quando começou a sair de seu estado amnésico. O experimento tinha acabado. Não quis lhe fazer mal.

— O que ela disse?

— Nada.

— Nada?

— Absolutamente nada. Durante muito tempo acredito que nem sequer percebeu que eu estava no quarto. Depois cozinhei umas batatas e ela as comeu.

— Não tentou chamar à polícia?

— Não.

— Nada de violência?

— Nada. Sabia o que eu tinha feito e por que. Não foi premeditado, mas tínhamos falado de experimentos parecidos em conversas abstratas. Na realidade não tinha sofrido nenhum dano. Talvez tenha perdido um pouco de peso, mas isso foi tudo.

— Onde ela está agora?

— Foi embora no dia seguinte. Não sei para onde.

— E o que tudo isso demonstrou?

— Absolutamente nada, mas me deu um interessante ponto de partida para minhas investigações.

— Ponto de partida? Foi só um ponto de partida?

Havia um asco manifesto no tom que Steve empregou com Quaid.

— Stephen...

— Podia tê-la matado!

— Não.

— Ela podia ter enlouquecido. Desequilibrada para sempre.

— Possível, mas improvável. Era uma mulher de muito caráter.

— Mas você pôde com ela.

— Sim. Era um passo que estava disposta a dar. Tínhamos falado que enfrentasse o seu medo. Assim aí estava eu, permitindo que Cheryl fizesse justamente isso. Nada importante, na realidade.

— Obrigou-a a fazê-lo. Senão, ela não teria passado por isso.

— Certo. Foi instrutivo.

— Ou seja, agora é professor.

Steve teria desejado evitar aquele tom sarcástico, mas não pôde. Sentia-se invadido pelo sarcasmo e a cólera, e experimentava um pouco de medo.

— Sim, sou professor. — Quaid observou Steve, de soslaio. —
Ensino terror às pessoas.

Steve olhou para o chão.

— Está satisfeito com o que ensinou?

— E com o que aprendi, Steve. Também aprendi. É uma perspectiva muito emocionante, há um mundo de medos por investigar. Especialmente com sujeitos inteligentes. Inclusive racionalizando-os...

Steve se levantou.

— Não quero ouvir mais nada!

— Não? De acordo.

— Amanhã cedo tenho aula.

— Não.

— O que?

Um batimento do coração, um hesitação.

— Não. Não vá ainda.

— Por que?

Tinha o coração acelerado. Nunca tinha compreendido quanto temia Quaid.

— Tenho mais livros para lhe dar.

Steve notou que se ruborizava ligeiramente. O que tinha pensado um momento antes? Que Quaid ia derrubá-lo com um murro e experimentar com seus temores?

Não. Isso era uma idiotice.

— Tenho um livro sobre o Kierkegaard que você gostará. Vamos. Demoro dois minutos.

Quaid abandonou a sala sorrindo.

Steve se virou sobre seus quadris e começou a juntar as fotografias. O momento em que Cheryl agarrou pela primeira vez a carne podre era o que mais lhe fascinava. Tinha uma expressão no rosto totalmente distinta da mulher que ele tinha conhecido. Tinha marcada a dúvida, a confusão e um profundo...

Terror.

Era a palavra que Quaid usava.. Uma palavra asquerosa. Uma palavra obscena, associada a partir dessa noite à tortura infligida por ele a uma garota inocente.

Durante um instante Steve pensou que expressão teria seu próprio rosto enquanto examinava a fotografia. Não havia algo daquela mesma confusão em seus próprios traços? E talvez também algo daquele terror, à espera de ser liberado.

Ouviu um ruído a suas costas. Era muito suave, Quaid não podia tê-lo produzido.

A não ser que andasse sigilosamente.

Oh, Deus! A não ser que...

Colocaram um pano com clorofórmio contra sua boca e suas fossas nasais. Inalou involuntariamente, e os vapores lhe fizeram cócegas na pituitária e rompeu a chorar.

Uma mancha negra apareceu em um canto do mundo, fora da vista, e esse borrão começou a crescer, acompanhando o ritmo de seu coração cada vez mais acelerado.

No centro de sua cabeça “via” a voz de Quaid como se fosse um véu. Pronunciava seu nome.

— Stephen.

Outra vez.

— ...ephen.

— ...phen.

— ...hen.

— ...en.

A mancha ocupava todo o mundo. O mundo estava negro, tinha desaparecido. Da vista, da mente.

Steve caiu sobre as fotografias.

Quando despertou não estava consciente de sua própria consciência. Havia escuridão por toda parte. Ficou deitado durante uma hora com os olhos bem abertos antes de perceber que eles estavam abertos.

Como prova, mexeu primeiro os braços e as pernas, depois a cabeça. Não estava preso, como esperava, exceto pelo tornozelo. Decididamente, havia uma corrente ou algo similar ao redor de seu tornozelo esquerdo. Irritava-lhe a pele quando tentava afastar-se muito.

O chão que tinha abaixo era muito incômodo, e quando o investigou atentamente com a palma da mão percebeu que estava

curvado sobre um grande ralo ou uma espécie de grade. Era de metal e, até onde lhe alcançavam os braços, tinha uma superfície completamente regular. Quando introduziu o braço pelos buracos do ralo não tocou nada. Só ar e vazio por baixo dele.

As primeiras fotos infravermelhas que Quaid tirou da prisão de Stephen mostravam sua exploração. Como tinha imaginado, o sujeito estava fazendo frente a sua condição muito racionalmente. Nada de histeria. Nada de blasfêmias. Nenhuma lágrima. Esse era o desafio em expor aquele sujeito em particular. Sabia com precisão o que estava ocorrendo, e reagiria com lógica ante seus temores. Certamente se protegeria com uma vontade mais difícil de dobrar que a de Cheryl.

Mas os resultados seriam muito mais gratificantes quando desabasse. Não se abriria então sua alma para que Quaid a visse e a tocasse? Aquele homem tinha dentro de si tantas coisas que ele desejava estudar...

Os olhos do Steve se acostumaram gradualmente à escuridão.

Estava aprisionado no que parecia uma espécie de conduto. Calculou que teria uns seis metros de profundidade e que era completamente redondo. Seria uma espécie de poço de ventilação para um túnel ou uma fábrica subterrânea? O cérebro de Steve apresentou o mapa da área da rua Pilgrim, tentando imaginar onde estava. Não lhe ocorria nenhum lugar.

Nenhum lugar.

Estava perdido em um lugar que não podia determinar nem reconhecer. O conduto não tinha marcas que pudessem servir de referência, e as paredes não apresentavam gretas nem buracos onde refugiar a consciência.

Pior ainda: estava curvado com os membros estendidos sobre um ralo suspenso sobre um poço. Seus olhos não podiam discernir nada da escuridão que tinha abaixo de si, parecia que o poço não tinha fundo. E só a magra rede do ralo e a frágil corrente que o amarrava a ela impediam a sua queda.

Viu a si mesmo em equilíbrio entre um céu negro vazio e uma escuridão infinita. O ar estava quente e viciado. Secou as lágrimas que lhe tinham aparecido nos olhos, deixando-os pegajosos. Quando

começou a gritar pedindo ajuda, coisa que fez depois de chorar, a escuridão tragou as suas palavras.

Depois de gritar até enrouquecer voltou a tombar sobre o ralo. Não podia evitar de pensar que sob o frágil leito se encontravam as trevas mais absolutas. Era absurdo, naturalmente. “Nada é eterno”, disse em voz alta.

Nada é eterno.

E, entretanto, nunca saberia. Se caísse na escuridão absoluta que tinha a seus pés, cairia, cairia e cairia sem ver o fundo do poço. Embora se esforçasse por pensar em imagens mais brilhantes e otimistas, sua mente só evocava seu corpo precipitando-se pelo horrível poço, com o fundo a meio metro de seu corpo e sem que seus olhos o vissem ou seu cérebro o previsse.

Até que tocasse o fundo.

Veria luz quando sua cabeça estalasse pelo golpe?

Compreenderia a razão de sua vida e de sua morte no momento em que seu corpo se reduzisse a pedaços?

E logo pensou que Quaid não se atreveria.

— Não se atreverá! — gritou. — Não se atreverá!

As trevas tragavam com gulodice suas palavras. Por mais que gritasse, era como se nunca tivesse proferido um grito.

E logo lhe ocorreu outra ideia: uma autêntica perversidade. E se Quaid tivesse encontrado esse inferno circular para depositá-lo porque nunca o encontrariam, nunca investigariam? Talvez queria levar seus experimentos até o extremo.

Até o último extremo. A morte se encontrava no último extremo. E não seria esse o experimento definitivo de Quaid? Observar a morte de um homem: observar como crescia seu medo da morte, o filão primitivo do terror. Sartre escreveu que nenhum homem poderia conhecer jamais sua própria morte. Mas conhecer intimamente a morte alheia — contemplar as acrobacias que certamente realizaria a mente para disfarçar a amarga verdade, — essa era toda uma chave para descobrir sua natureza, não? Até certo ponto, isso prepararia um homem para sua própria morte. Viver de forma indireta o terror de outro era a forma mais segura e inteligente de tocar à besta.

“Sim — pensou, — Quaid poderia me matar por causa de seu próprio terror.” Steve encontrou um amargo consolo nessa ideia. Que Quaid, o experimentador imparcial, o futuro educador, estava obcecado pelos terrores porque o seu era ainda mais profundo.

Por isso tinha que observar outros a enfrentar seus próprios medos. Necessitava de uma solução, uma fórmula para fugir de si mesmo.

Pensar em tudo isto levou horas. Na escuridão o cérebro do Steve era como um azougue, só que incontrolável. Era-lhe difícil seguir o desenvolvimento de uma ideia por muito tempo. Seus pensamentos eram como peixes pequenos e rápidos, que lhe escorriam da mão assim que conseguia capturá-los.

Mas por baixo de cada dobra de pensamento se encontrava a decisão de deixar Quaid fora do jogo. Isso era certo. Devia conservar a calma, demonstrar que era um sujeito pouco interessante para seu estudo.

As fotografias correspondentes a essas horas mostravam um Stephen curvado sobre o ralo com os olhos fechados e o cenho ligeiramente franzido. Paradoxalmente, de vez em quando um sorriso aparecia por um segundo em seus lábios. Às vezes era impossível saber se estava dormido ou acordado, pensando ou sonhando.

Quaid esperava.

De quando em quando, os olhos do Steve se moviam sob suas pálpebras, um indício inconfundível de que estava sonhando. Quando o sujeito dormia era o momento de lhe dar a volta à churrasqueira...

Steve despertou assustado. Pôde ver perto de si uma terrina de água sobre um prato, e outra terrina cheia de papa de aveia morna e sem sal, ao lado. Comeu e bebeu agradecido.

Duas coisas ocorreram enquanto comia. Primeiro, o ruído que fazia ao comer soava muito forte dentro de sua cabeça, e segundo, notava certa pressão e rigidez nas têmporas.

Nas fotografias se via Stephen agarrando torpemente a cabeça. Tinha um arnês preso com o ferrolho fechado. Os bornes se afundam nos ouvidos, evitando que penetrasse qualquer ruído.

As fotos revelavam seu desconcerto. Logo sua ira. Depois seu medo.

Steve estava surdo.

Tudo o que podia ouvir eram os ruídos de sua cabeça. Os estalos de seus dentes. O ranger e o chapinhar da saliva no paladar. Os ruídos retumbavam em seus ouvidos como canhões.

Os olhos se encheram de lágrimas. Chutou o ralo sem ouvir o choque de seus saltos contra as barras metálicas. Gritou até que a garganta doeu como se estivesse sangrando. Não ouviu nenhum de seus gritos.

O pânico começou a fazer morada nele.

As fotos mostravam como surgiu. Tinha a cara avermelhada, os olhos muito abertos, os dentes e gengivas descobertas em uma careta.

Parecia um macaco assustado.

Invadiram-lhe todas as sensações familiares de sua infância. Recordava-as como os rostos de velhos inimigos: o tremor dos membros, o suor, a náusea. Desesperado, agarrou a tigela de água e derrubou na cabeça. Momentaneamente, a impressão da água fria afastou sua mente da escada para o pânico que subia. Voltou a tombar sobre o ralo, com o corpo como uma tabela, e se propôs a respirar devagar e profundamente.

“Relaxe, relaxe, relaxe”, disse em voz alta.

Em sua cabeça podia ouvir o estalo da língua. Também ouvia sua mucosa evoluir pelos passadiços do nariz obstruídos pelo pânico, que lhe tapava os ouvidos. Já podia identificar o suave e ligeiro vaio que se escondia atrás de outros ruídos. Era o som de seu cérebro...

Era parecido a esse espaço mudo que há entre as emissoras de rádio, era o mesmo gemido que se apoderava dele sob a ação da anestesia, o mesmo som que zumbia em seus ouvidos quando estava a ponto de dormir.

Seus membros ainda se retorciam convulsivamente, e só estava semiconsciente de como lutava contra os nós que o algemavam, indiferente ao fato de que as cordas lhe esfolassem as mãos.

As fotografias gravaram com precisão todas estas reações. Sua guerra contra a histeria: seus patéticos esforços por impedir que seus medos voltassem a sair. As lágrimas. As mãos ensanguentadas.

Finalmente, como tantas vezes lhe tinha ocorrido quando criança, o cansaço pôde mais que o pânico. Quantas vezes se deixou adormecer, incapaz de continuar lutando, com o sabor salgado das lágrimas no nariz e na boca?

O esforço tinha elevado o volume dos ruídos de sua cabeça. Agora, em vez de entoar uma canção de ninar, o cérebro lhe apitava e gritava para que dormisse.

Que bom era esquecer!

Quaid se sentia enganado. Certamente, pela velocidade de sua resposta ficava claro que Stephen Grace ia desmoronar em seguida. Na realidade, com poucas horas do experimento, já quase ruíra. E Quaid tinha apostado em Stephen. Depois de meses de preparar o terreno, parecia que seu sujeito ia enlouquecer sem revelar uma só chave.

Uma palavra, uma miserável palavra era tudo o que necessitava. Um pequeno sinal a respeito da natureza de sua experiência. Ou, melhor ainda, algo que sugerisse uma solução, um totem salvador, talvez uma prece. Certamente quando uma pessoa se vê arrastada para a loucura lhe acode algum salvador à boca. Deve haver algo.

Quaid esperava como a ave de rapina no cenário de um açougue, contando os minutos que restavam à alma agonizante, ansiando por um pedaço.

Steve despertou com a cabeça sobre o ralo. O ar ainda estava mais viciado, e as barras de metal se cravavam nas bochechas. Tinha calor e estava incomodado.

Continuou curvado tranquilamente, deixando que os olhos voltassem a se acostumar com a sua volta. As linhas do ralo se afastavam em perfeita perspectiva até a parede do poço. A singela rede de barras em cruz lhe pareceu bonita. Sim, bonita. Acariciou as linhas para frente e para trás até que se cansou do jogo. Aborrecido, virou-se para ficar de barriga para cima, sentindo as vibrações do

ralo sob seu corpo. Estava menos estável agora? Parecia balançar um pouco quando ele se movia.

Quente e suado, Steve desabotoou a camisa. Tinha o queixo molhado pela baba segregada durante o sonho, mas não se preocupou em secar-se. E se estivesse babado? Quem iria vê-lo?

Tirou pela metade a camisa, e colocou nos pés os sapatos trocados.

Sapato: ralo: queda. Seu cérebro estabeleceu a relação. Sentou-se. Pobre sapato! Ia cair. Escorregaria entre as barras e o perderia. Mas não. Estava em perfeito equilíbrio entre os dois lados de um buraco do ralo, ainda podia recuperá-lo se tentasse.

Estirou-se para seu pobre, miserável sapato, e ao mover-se fez que o ralo mudasse de posição.

O sapato começou a escorregar.

— Por favor — suplicou, — não caia.

Não queria perder seu belo sapato, seu formoso sapato. Não devia cair. Não devia.

Ao estirar-se para agarrá-lo, o sapato se desequilibrou do lado do salto e caiu pela grade na escuridão.

Aquela perda lhe arrancou um grito que não pode ouvir.

Oh, se tivesse podido ouvir como caía seu sapato! Contar os segundos da queda. Ouvi-lo cair ruidosamente ao fundo do poço. Assim pelo menos teria sabido quanto teria que cair até morrer.

Não podia suportar mais. Deu a volta sobre o estômago e, de barriga para baixo, introduzindo os dois braços pelos buracos, gritou:

— Eu também cairei! Eu também cairei!

Não podia suportar ficar esperando cair na escuridão, no silêncio ele choramingava, só queria ir atrás de seu sapato pelo poço escuro até morrer, e acabar com o jogo de uma vez por todas.

— Eu vou! Eu vou! Eu vou! — exclamou.

Jurou-o solenemente.

Abaixo dele, o ralo se moveu.

Algo tinha se quebrado. A porca, corrente ou corda que prendia o ralo se partiu. Já não estava na horizontal, estava escorregando pelas barras que o inclinavam para o lado da escuridão.

Percebeu surpreso que não tinha mais os membros amarrados. Ia cair.

O homem queria que caísse. O homem malvado... Como se chamava? Quake? Quail? Quarrel?^{5}

Em um gesto automático, agarrou o ralo com as duas mãos ao inclinar-se esta ainda mais. Afinal, não queria cair atrás do seu sapato. Melhor viver, um breve instante mais de vida, valia a pena...

A escuridão na borda do ralo era tão profunda... E quem sabia o que haveria nela?

Em sua cabeça se multiplicaram os ruídos do pânico. O batimento do coração, de seu maldito coração, a gagueira da mucosa, o chiado seco do paladar. As mãos, escorregadias de suor, estavam perdendo o controle. A gravidade o atraía. Exigia seus direitos sobre a massa daquele corpo, pedia que caísse. Por um momento, depois de jogar um olhar à boca que se abria a seus pés, acreditou ver monstros agitando-se no fundo. Criaturas ridículas, extravagantes, desenhos toscos, negro sobre negro. Infames imagens o olharam com malícia do fundo de sua infância e abriram suas garras para apanhá-lo pelas pernas.

— Mamãe! — chamou, quando suas mãos se soltaram e ficou a mercê do terror.

— Mamãe!

Essa era a palavra. Quaid a ouviu claramente, em toda a extensão de sua banalidade.

— Mamãe!

Quando Steve chegou ao fundo do poço era incapaz de julgar quanto estava cansado. No momento em que suas mãos se soltaram do ralo e soube que as trevas o tragariam, o cérebro se bloqueou. O instinto animal fez que seu corpo relaxasse, evitando qualquer ferida grave causada pelo impacto. O resto de sua vida, exceto as reações mais simples, estava destroçado, e os pedacinhos se ocultaram nas curvas de sua memória.

Quando por fim a luz apareceu, levantou o olhar para a pessoa que estava na porta, com uma máscara do camundongo Mickey, e sorriu. Foi um sorriso de menino, de agradecimento para com seu

salvador engraçado. Deixou que o homem o agarrasse pelos tornozelos e o tirasse de rastros da grande habitação redonda em que estava curvado. Tinha as calças molhadas e sabia que se sujara enquanto dormia. Mas por isso mesmo o camundongo divertido lhe daria um beijo ainda maior.

A cabeça dançava sobre os ombros quando o tirou da câmara de tortura. No chão, ao lado de sua cabeça, havia um sapato. A uns dois metros e meio acima dele se encontrava o ralo de que tinha caído.

Aquilo já não significava nada para ele.

Deixou que o camundongo o sentasse em um quarto iluminado. Deixou que lhe devolvesse a audição, embora na realidade não a quera para nada. Era divertido contemplar o mundo sem som, o fazia rir.

Bebeu um pouco de água e comeu um pouco de bolo doce.

Estava cansado. Queria dormir. Queria a sua mãe. Mas o camundongo não parecia compreendê-lo, assim chorou e chutou a mesa e atirou os pratos e as taças ao chão. Logo correu para o quarto contíguo e atirou para ar todos os papéis que encontrou. Era bonito vê-los voar para cima e cair revoando. Alguns caíam para baixo, outros para cima. Alguns estavam escritos. Outros eram fotos. Fotos horríveis. Fotos que lhe causavam uma sensação muito estranha.

Absolutamente todas as fotos eram de gente morta. Algumas, de meninos pequenos, outras, de meninos já crescidos. Estavam caídos ou meio sentados, e tinham profundos cortes no rosto e no corpo, cortes que revelavam algo asqueroso, uma espécie de confusão de pedaços brilhantes e pedaços que supuravam. E ao redor dos mortos havia uma pintura negra. Não eram manchas definidas, mas salpicados, com impressões digitais e marcas de mãos e tudo muito caótico.

Em três ou quatro fotos se via o instrumento que tinha realizado os cortes. Sabia como se chamava.

Machado.

A cara de uma mulher tinha um machado afundado quase até o cabo. Havia um machado na perna de um homem, e outro atirado no chão de uma cozinha junto a um bebê morto.

Aquele homem colecionava fotos de mortos e de machados, coisa que a Steve pareceu estranha.

Essa foi sua última ideia até que o aroma muito familiar do clorofórmio invadiu sua cabeça e ele perdeu a consciência.

O sórdido corredor cheirava a urina rançosa e a vômito fresco. Era seu próprio vômito, cobria-lhe todo o peito. Tratou de levantar-se, mas as pernas tremiam. Fazia muito frio. A garganta doía.

Então ouviu passos. Parecia que o camundongo voltava. Talvez o levasse para casa.

— Levante-se, filho.

Não era o camundongo. Era um policial.

— O que faz aí embaixo? Já disse para você levantar.

Apoiando-se contra os tijolos desfeitos do corredor, Steve conseguiu ficar de pé. O policial o iluminou com uma lanterna.

— Jesus Cristo! — exclamou, com nojo pintado na cara. — Você parece uma autêntica merda. Onde mora?

Steve negou com a cabeça, olhando sua camisa empapada de vômito como um colegial envergonhado.

— Como se chama?

Não conseguia lembrar.

— Seu nome, garoto.

Estava tentando recordar. Se pelo menos o policial não gritasse tanto!

— Vamos, controle-se.

As palavras não tinham muito sentido. Steve notava que as lágrimas ardiam no fundo dos olhos.

— Casa.

Agora estava soluçando, sentia-se completamente desamparado. Queria morrer, deitar-se no chão e morrer.

O policial o agitou.

— Você está drogado? — perguntou-lhe, tirando Steve para a luz e lhe examinando a cara manchada de lágrimas.

— É melhor se mover.

— Mamãe! — chamou Steve. — Quero a minha mãe.

Essas palavras mudaram por completo o curso da conversa.

De repente, o espetáculo pareceu mais que repugnante ou lamentável ao policial. Aquele pequeno bastardo com os olhos injetados em sangue e o jantar na camisa estava deixando-o nervoso. Muito dinheiro, muita sujeira nas veias e nada de disciplina.

“Mamãe” foi a gota que encheu o copo. Socou Steve no estômago, um direto limpo, seco, funcional. Steve curvou choramingando.

— Cale-se, filho!

Outro murro arrematou a tarefa de nocautear o menino, e então lhe agarrou por uma mecha de cabelo e aproximou a cara do pequeno drogado à sua.

— Quer ser um pária, não é?

— Não, não!

Steve não sabia o que era um pária, só queria agradar o policial.

— Por favor — disse, a ponto de começar a chorar outra vez — , me leve para casa.

O policial pareceu surpreso. O menino não começou a defender-se nem a invocar seus direitos, como faziam quase todos. Estavam acostumados a acabar assim, no chão, com o nariz quebrado e chamando um assistente social. Aquele só chorava. Começou a ter um mau pressentimento. Possivelmente estava louco ou um algo parecido. E tinha dado uma surra no pequeno chorão. Bosta! Agora se sentia culpado. Agarrou Steve pelo braço e o levou para seu carro, do outro lado da rua.

— Entre.

— Me leve...

— Vou levá-lo para casa, filho. Vou levá-lo para casa.

No albergue procuraram entre a roupa do Steve alguma identidade sem encontrar nenhuma, depois desinfetaram o corpo caso tivesse pulgas e o cabelo caso estivesse infestado de lêndeas. Então o policial partiu, coisa que tranqüilizou Steve. Não tinha gostado daquele cara.

Os funcionários do refúgio falavam dele como se não estivesse na sala. Referiam-se a quão jovem era, discutiam a respeito da sua

idade mental, suas roupas, seu aspecto. Logo lhe deram uma barra de sabão e lhe indicaram onde estavam os chuveiros. Permaneceu dez minutos sob a água e se secou com uma toalha suja. Não se barbeou, embora tivessem lhe deixado uma navalha. Tinha esquecido como se fazia.

Mais tarde lhe deram roupas velhas, que gostou. Não eram pessoas tão más, embora falassem dele como se não estivesse presente. Um daqueles homens inclusive lhe sorriu, era forte e tinha uma barba parda. Sorriu-lhe como a um cão.

As roupas que lhe deram estavam gastas. Eram muito pequenas ou muito grandes. E de várias cores: meias três-quartos amarelas, uma camisa de um branco sujo, calças feitas para um gordo, um pulôver puído e pesadas botas. Gostaria de vestir-se, vestiu duas jaquetas e dois pares de meias três-quartos quando não estavam olhando para ele. Sentia-se seguro com várias capas de algodão e lã envolvidos a seu redor.

Logo o deixaram com um bilhete para a cama na mão e ficou esperando a abertura dos dormitórios. Não estava impaciente como os que se encontravam com ele no corredor. Muitos gritavam incoerentemente acusações salpicadas de obscenidades e cuspiam uns nos outros. Eles o assustavam. Só queria dormir. Deitar-se e dormir.

Às onze, um dos guardas abriu a porta do dormitório e todos aqueles refugos correram para se deitar em uma cama de ferro onde passariam a noite. O dormitório, amplo e mal iluminado, cheirava a desinfetante e gente velha.

Esquivando-se dos olhos e dos braços agressivos dos outros, Steve encontrou uma cama mal feita, com uma fina manta atirada por cima, e se jogou para dormir. A seu redor, os homens tossiam, murmuravam e choravam. Recitavam suas orações jogados sobre um travesseiro cinza, olhando para o teto. Steve pensou que era uma boa ideia, e ficou rezando a oração de sua infância:

*Doce Jesus, dócil e bondoso,
cuida deste menino pequeno,
te compadeça de mim...*

Como era mesmo?

*se compadeça de minha simplicidade,
permite que chegue até ti.*

Isso o fez sentir-se melhor, e seu sonho, melancólico e profundo, foi como um bálsamo.

Quaid estava sentado na escuridão. O terror voltou a se manifestar, era pior que nunca. Tinha o corpo rígido de medo, tanto que nem sequer podia levantar-se da cama e acender a luz. Além disso, e se desta vez, desta vez entre todas as outras vezes, o terror fosse justificado? E se o homem do machado estivesse ali em carne e osso atrás da porta? Sorrindo-lhe como um bobo, dançando demoniacamente no alto das escadas, como o tinha visto em sonhos, dançando e rindo, rindo e dançando.

Não houve um só movimento. Nem rangidos na escada nem risadas tolas nas sombras. Não era ele, afinal. Quaid viveria até a manhã seguinte.

Tinha o corpo um pouco mais relaxado. Tirou as pernas do leito e acendeu a luz. O quarto estava efetivamente vazio. A casa permanecia em silêncio. Pela porta aberta podia ver a parte superior das escadas. Não havia nenhum homem com um machado, naturalmente.

Alguns gritos despertaram Steve. Ainda era noite. Não sabia quanto tinha dormido, mas os membros já não doíam tanto. Com os cotovelos sobre o travesseiro, levantou-se pela metade e olhou pelo dormitório para averiguar a que se devia a comoção. Quatro filas de camas mais à frente, dois homens estavam lutando. O motivo da discórdia não estava claro. Simplesmente lutavam corpo a corpo, obstinados como mulheres (o espetáculo fez Steve rir), gritando e puxando os cabelos. À luz da lua, o sangue de seus rostos e mãos se viam negros. Um deles, o maior, caiu sobre sua cama gritando:

— Não irei à rua Finchley! Você não me obrigará! Não me pegue! Não sou o que você quer! De verdade!

O outro não o escutava, era muito estúpido ou estava muito enlouquecido para compreender que o velho suplicava que o deixassem em paz. Animado pelos espectadores que se amontoavam em torno da briga, o atacante do velho tirou o sapato e açoitava com ele a sua vítima. Steve ouvia o impacto do salto contra a cabeça do

homem. Cada golpe ia acompanhado de amostras de entusiasmo e de queixa minguentes por parte do velho.

Subitamente, os aplausos vacilaram pois alguém mais entrara no dormitório. Steve não podia distinguir quem era, a multidão reunida em torno da briga lhe impedia de ver a porta.

Nesse momento viu, entretanto, o vencedor elevar o sapato no ar com um grito final de “Cara!”.

O sapato.

Steve não podia afastar os olhos do sapato. Elevava-se no ar, volteando-se ao fazê-lo, e logo caía sobre os barrotes como um pássaro ferido. Steve o viu claramente, mais claramente do que tinha visto qualquer coisa durante muitos dias.

Caiu perto dele.

Caiu com um ruído retumbante.

Caiu de lado, igual ao seu. Seu sapato, que saiu do pé. Sobre o ralo. No quarto. Na casa. Na rua Pilgrim.

O mesmo sonho despertou Quaid. Sempre as escadas. Sempre se via olhando pelo túnel das escadas enquanto aquela visão ridícula, meio brincadeira e meio horror, avançava nas pontas dos pés para ele, revelando-se a cada passo.

Antes não tinha sonhado nunca duas vezes em uma só noite. Levou a mão por cima da borda da cama e procurou a garrafa que guardava por ali. Na escuridão bebeu dela um gole muito comprido.

Steve cruzou o matagal de homens furiosos sem se importar com os gritos ou os grunhidos e maldições do velho. Os guardas estavam custando a apaziguar os ânimos. Era a última vez que deixavam o velho entrar em Crowley, sempre criava problemas. Aquilo tinha toda a chance de acabar em briga, levaria horas para tranquilizá-los de novo.

Ninguém perguntou nada a Steve enquanto ele passeava pelo corredor, cruzava a porta e entrava no vestíbulo do albergue. As portas estavam fechadas, mas o ar noturno, frio antes do amanhecer, refrescava ao penetrar pelas frestas.

A pequena recepção estava vazia, e pela porta Steve viu o extintor de incêndios pendurado na parede. Era vermelho e brilhante. Ao lado dele havia uma mangueira larga e negra, enrolada

em um tambor vermelho como uma serpente adormecida. Ao lado, colocada sobre dois ganchos na parede, um machado.

Um machado muito bonito.

Stephen entrou no escritório. Perto dele ouviu o ruído de pés correndo, gritos, um assobio. Mas ninguém o interrompeu enquanto fazia amizade com o machado.

Primeiro lhe sorriu.

O fio curvado dele lhe devolveu o sorriso.

Depois o tocou.

O machado pareceu gostar da carícia. Estava empoeirado e não era usado a muito tempo. Muito tempo. Queria que o agarrassem, fizessem-lhe bajulações e lhe sorrissem. Steve o despreendeu com muito cuidado e o introduziu sob sua jaqueta para lhe dar calor. Logo saiu do escritório da recepção, atravessou a porta e saiu para procurar seu outro sapato.

Quaid voltou a despertar.

Steve levou pouco tempo para orientar-se. Deu um salto ao dirigir-se para a rua Pilgrim. Vestido de tantas cores brilhantes, com calças tão folgadas e botas tão estúpidas, sentia-se como um palhaço. Era um menino cômico, não é verdade? Riu de si mesmo. Estava tão engraçado...

O vento começou a feri-lo, deixando-o frenético ao lhe revoar no cabelo e lhe deixar os olhos tão frios como se fossem dois cubos de gelo nas conchas.

Começou a correr, saltar, dançar, brincar por entre as ruas brancas à luz das luzes, e escuras nos intervalos entre estas.

Agora me vê, agora não. Agora sim, agora não...

Quaid não tinha despertado do sonho desta vez. Desta vez tinha ouvido um ruído. Era um ruído, sem qualquer dúvida.

A lua se elevou o suficiente para que seus raios se filtrassem pela janela, a porta e a parte superior das escadas. Não havia necessidade de acender a luz. Para o que queria ver não necessitava dela. A parte superior das escadas estava vazia, como sempre.

Então o último degrau rangeu, foi um ruído mínimo, um suspiro se apossou dele.

Foi assim que Quaid conheceu o terror.

Outro rangido, e o ridículo sonho continuava subindo as escadas em sua busca. Tinha que ser um sonho. Afinal de contas não conhecia nenhum palhaço, nenhum assassino com um machado. De forma que, como aquela imagem absurda poderia ser verdadeira, a mesma que o despertava noite após noite, como podia ser algo mais que um sonho?

Entretanto, talvez houvesse sonhos tão absurdos que só podiam ser realidade.

“Nada de palhaços”, disse a si mesmo, enquanto ficava observando a porta, a escada e a mancha luminosa da lua. Quaid só tinha conhecido mentes frágeis, tão fracos que não puderam lhe dar a chave da natureza, a origem ou a forma de curar o pânico que agora o tinha escravizado. Quando enfrentavam o menor indício de terror no coração da vida, sempre vinham abaixo, ficavam reduzidas a pó.

Não conhecia palhaços, nunca os tinha conhecido nem jamais os conheceria.

E então apareceu: era o rosto de um idiota. Pálido como um lençol à luz da lua, com os traços juvenis machucados, inchados e sem barbear, um sorriso franco como o de um menino. Mordeu o lábio de tão excitado que estava. Tinha a mandíbula inferior cheia de sangue e as gengivas quase negras. Mas nem por isso deixava de ser um palhaço. Um palhaço, sem qualquer dúvida, embora o disfarce ficasse ruim, incongruente e patético.

O machado era a única coisa que não correspondia com o sorriso.

Quando o maníaco realizou pequenos movimentos de açougueiro com a arma, a lua se refletiu nela, e seus olhos negros brilharam ante a perspectiva de tanta diversão.

Parou quase no alto da escada, mas enquanto contemplava o terror de Quaid, seu sorriso não se fechou em nenhum momento.

As pernas de Quaid fraquejaram e caiu de joelhos.

O palhaço subiu outro degrau de um salto, com os olhos reluzentes, cheios de uma espécie de maldade benigna, fixos sobre Quaid. Sacudia o machado com suas mãos pálidas, em uma pequena paródia do golpe mortal.

Quaid o reconheceu.

Era seu aluno, seu coelhinho da Índia, transfigurado na imagem de seu próprio terror.

Ele. Ele entre todos os homens. O menino surdo.

Agora dava saltos maiores e fazia ruídos guturais, como se imitasse o chamado de algum pássaro fantástico. O machado desenhava giros cada vez mais amplos no ar, cada um deles mais letal que o anterior.

— Stephen — disse Quaid.

O nome não disse nada a Steve. Só viu abrir uma boca e tornar a se fechar. Talvez tivesse saído dela um som, talvez não. Não lhe importava.

A garganta do palhaço emitiu um grito, e o machado, seguro com as duas mãos, balançou sobre sua cabeça. Nesse preciso instante a pequena dança alegre se transformou em uma corrida, o homem do machado saltou os dois últimos degraus e entrou correndo no quarto, onde a luz o iluminou totalmente.

O corpo de Quaid se afastou pela metade para se esquivar do golpe mortal, mas não foi suficientemente rápido ou elegante. A lâmina fendeu o ar e rachou por trás seu braço rasgando-lhe quase todo o tríceps, destroçando o úmero e abrindo a carne do antebraço com um talho que por pouco não lhe alcançou a artéria.

O grito de Quaid poderia ser ouvido a dez casas de distância, mas essas casas não eram mais que escombros. Ninguém podia ouvi-lo. Ninguém poderia salvar-lhe do palhaço.

O machado, ansioso por acabar a tarefa, estava rachando-lhe a coxa como se fosse um lenho. A brilhante carne do músculo do filósofo, o osso e o tutano ficaram expostos por profundos talhos de quatro a dez centímetros de profundidade. A cada golpe, o palhaço puxava o machado para desencravá-lo, e o corpo do Quaid se sacudia como uma marionete.

Quaid gritou. Quaid suplicou. Quaid tentou convencê-lo.

O palhaço não ouviu uma só palavra.

Só ouvia os ruídos que tinha na cabeça: os assobios, os gritos, os uivos, os zumbidos. Refugiou-se em um lugar do qual nenhum argumento racional nem ameaça poderiam tirá-lo. Onde o

batimento do seu coração era a lei, e o sussurro de seu sangue, a música.

Como dançava o menino surdo! Dançava como um bobo ao ver seu algoz boquear como um peixe, com a depravação de seu intelecto sossegada para sempre. Como jorrava o sangue! Como saía quente e em litros!

O pequeno palhaço ria contemplando tanta diversão. Tinha um entretenimento para toda a noite, pensava. O machado, amável e inteligente, sempre seria seu amigo. Faria cortes transversais e longitudinais, poderia cortar em rodelas e amputar, e além disso, podia manter vivo aquele homem que utilizava a astúcia, vivo durante um bom momento.

Steve estava mais contente que na Páscoa. Tinha o resto da noite pela frente, e toda a música que gostava de ouvir ressonava em sua cabeça.

E Quaid compreendeu, ao encontrar-se com o olhar ausente do palhaço por entre um ambiente ensanguentado, que havia algo pior no mundo que o terror. Pior que a própria morte.

Era o sofrimento sem esperança de salvação. Era a vida que se negava a acabar muito depois .que o cérebro tivesse pedido ao corpo que deixasse de existir. E o pior de tudo: havia sonhos que se tornavam realidade.

ESPETÁCULO INFERNAL

Naquele setembro o inferno subiu às ruas e praças de Londres, gélido porque procedia do mesmo coração do Nono Círculo, e muito gelado como se o esquentasse o calor de um veranico de São Martín. Tinha planejado tudo tão cuidadosamente como sempre, mesmo que os planos não fossem mais que isso, e, além disso, fossem frágeis. Possivelmente desta vez se mostrasse mais cuidadoso que de costume, pois conferiu duas ou três vezes todos os detalhes para se assegurar que tinha todas as possibilidades de ganhar aquele jogo vital.

Nunca tinha necessitado de espírito competitivo, seu fogo competiu contra a carne em milhares de milhares de ocasiões ao longo dos séculos, ganhando às vezes, mas perdendo mais frequentemente. Depois de tudo, as apostas constituíam sua forma de ganhar terreno. Sem a necessidade humana de competir, regatear e apostar, *Pandemonium* poderia ter enlouquecido ao ficar insatisfeita sua avidez de cidadãos. Aos abismos era indiferente que se tratasse de bailes, corridas de galgos ou de fazer armadilhas, todos eram jogos em que, com a suficiente astúcia, poderia colher uma alma ou duas. Por isso subiu o inferno a Londres nesse dia azul e brilhante: para ganhar uma corrida e, se triunfasse, colher muitas almas para estar ocupado durante mais uma era.

Cameron conectou a rádio. A voz do comentarista surgia e sumia como se estivesse falando do Polo em lugar da catedral de São Pablo. Ainda faltava um longo quarto de hora para que a corrida começasse, mas queria ouvir os comentários prévios, só para inteirar-se do que diziam de seu menino.

— ... a atmosfera é elétrica... provavelmente dezenas de milhares de pessoas ao longo da pista...

A voz deixou de se ouvir. Cameron soltou uma blasfêmia e procurou outra emissora até que voltou a escutar imbecilidades.

— ... chamaram-na a corrida do ano, e que dia! Não é mesmo, Jim?

— Magnífico, Mike...

— Este é o grande Jim Delaney, que está no alto da torre Olho do Céu, e que acompanhará a corrida durante todo o percurso e comentará com a visão de pássaro, certo, Jim?

— Claro, Mike...

— Bom, há muita atividade atrás da linha de largada, os corredores estão se preparando para a competição. Vejo Nick Loyer, que leva o número três, é preciso reconhecer que parece estar em plena forma. Disse-me ao chegar que não está acostumado a correr aos domingos, mas que, claro, dada a fim beneficente desta convocação, ele abriu uma exceção. Toda a arrecadação será destinada à pesquisa sobre o câncer. Joel Jones, nosso medalha de ouro em 800 metros, também correrá contra seu grande rival Frank McCloud, E ao lado dos grandes se encontram as caras novas, que conhecemos ligeiramente. Com o número cinco, o sul-africano Malcolm Voight e, completando o elenco, Lester Kinderman, vencedor inesperado da maratona da Áustria no ano passado. E tenho que dizer que todos parecem frescos como rosas nesta magnífica tarde de setembro. Não podíamos pedir um dia melhor, certo, Jim?

Joel tinham despertado de sonhos angustiantes.

— Tudo correrá bem, deixe de se preocupar — disse Cameron,

Mas não se sentia bem: doía-lhe a boca do estômago. Não eram a tensão de antes de correr, estava acostumado a ela e podia suportá-la. O melhor remédio que tinha encontrado para eliminar essa sensação era meter dois dedos na garganta e vomitar. Não, não era a tensão anterior a corrida nem nada parecido. Para começar, era mais intenso, como se as tripas lhe estivessem cozinhando por dentro.

Cameron não se deixou comover.

— É uma corrida beneficente, não as Olimpíadas — disse olhando para o menino por cima do ombro. — Não seja criança.

Essa era a técnica de Cameron. Sua voz doce era feita para enrolar, mas ele a utilizava para intimidar. Sem suas intimidações não teria havido medalhas de ouro, nem torcidas entusiastas, nem admiradores. Um dos periódicos esportivos tinha eleito Joel como o negro mais popular da Inglaterra. Era uma satisfação para ele que pessoas desconhecidas o saudassem como amigo. Gostava da fama por mais efêmera que pudesse ser.

— Eles gostam de você — disse Cameron. — Deus sabe lá por que, mas gostam de você.

Depois de soltar seu pequeno sarcasmo pôs-se a rir.

— Tudo vai correr bem, filho — acrescentou. — Corra como se sua vida dependesse disso.

Agora, em plena luz, Joel olhou para os outros competidores e se sentiu um pouco mais otimista. Kinderman era resistente, mas não tinha potência nas arrancadas nem médias distâncias. Em conjunto, a técnica de maratona requeria uma habilidade muito distinta. Além disso, era tão míope que usava óculos com aros de aço que, de tão grossas, davam-lhe o aspecto de uma rã perplexa. Ali não haveria perigo. Loyer era bom, mas aquela também não era sua especialidade, tratava-se de um corredor de obstáculos e um velocista ocasional. Seu limite eram os 400 metros, e nem sequer neles se sentia à vontade. Voight, o sul-africano... Bom, não tinha muita informação a respeito dele. Obviamente, a julgar por seu aspecto, estava em forma, e seria alguém a quem controlar, para não ter alguma surpresa. Mas o verdadeiro problema da corrida era McCloud. Joel tinha competido contra Frank Flash McCloud em três ocasiões. Deixou-o duas vezes em segundo lugar, e as posições se inverteram (infelizmente). E Frankie tinha algumas desforras para cobrar: especialmente a derrota nas Olimpíadas. Não tinha gostado de ficar com a medalha de prata. Frank era o mais perigoso. Fosse aquela uma corrida beneficente ou não, McCloud correria o melhor que pudesse para dar satisfação à multidão e a seu próprio orgulho. Já estava na linha comprovando sua posição de largada com as orelhas virtualmente erguidas. Flash era seu homem, sem dúvida nenhuma.

Por um momento, Joel surpreendeu Voight olhando-o. Isso era incomum. Os competidores raramente se observavam antes de uma corrida, era uma espécie de covardia. Aquele homem tinha a cara pálida e cada dia mais entradas. Aparentava trinta e poucos anos, mas seu físico era mais jovem e magro. Pernas compridas e mãos grandes. Quando seus olhos se encontraram, Voight desviou o olhar. A bonita corrente que levava no pescoço refletiu o sol, e o crucifixo resplandeceu, dourado, ao balançar-se brandamente sob seu queixo.

Joel também contava com seu amuleto. Tinha uma mecha de cabelo de sua mãe que lhe tinha trançado dez anos antes, como motivo de sua primeira corrida importante. Tinha-o metido na cintura das calças. Ela retornou a Barbados no ano seguinte, e ali morreu. Causou-lhe uma dor imensa, sua perda foi inesquecível. Teria desmoronado sem Cameron.

Este observava os preparativos dos degraus da catedral, pensava em ver a largada e depois ir de bicicleta para assistir à chegada. Estaria ali muito antes que os corredores, e a rádio o manteria informado da competição. Sentia-se satisfeito naquele dia. Seu menino, com náuseas ou não, estava em boa forma, e a corrida era uma maneira ideal de lhe manter o humor competitivo sem deixá-lo esgotado. Claro que era uma distância muito grande: cruzar a pracinha do Ludgate, percorrer a rua Fleet e passar pela Têmpera Bar até o varadero, entrar logo pela esquina de Trafalgar e passar pelo Whitehall até chegar ao Parlamento. E sobre asfalto. Mas era uma experiência útil para Joel, e lhe exigiria um pouco de esforço, o que sempre era bom. Havia um corredor de fundo naquele menino, e Cameron sabia. Nunca tinha sido um velocista, não se compassava com a precisão necessária. Necessitava de distância e tempo para encontrar seu ritmo, tranquilizar-se e descobrir a estratégia mais correta. Nos 800 metros era um fenômeno: sua pernada era um modelo de economia, com seu ritmo quase maquievélico de tão perfeito. Mas o mais importante era seu valor. O valor havia lhe valido a medalha de ouro, e o valor lhe permitiria chegar em primeiro à meta uma e outra vez. Isso era o que fazia Joel diferente. Apareciam e desapareciam muitos prodígios de técnica depurada,

mas sem a coragem suficiente para complementá-la não valiam quase nada. Arriscar quando valia a pena, correr até que a dor cegasse, isso era algo único, e Cameron sabia. Gostava de acreditar que ele também teve algo disso.

Naquele dia, o moço não parecia nada contente. Teria apostado que se tratava de um problema de saias. Sempre surgiam problemas de mulheres, especialmente com a reputação de menino de ouro que Joel ganhou. Tentou convencê-lo de que teria tempo para camas e festas quando sua carreira chegasse ao seu fim, mas Joel não se interessava em manter-se casto, e Cameron não podia desaprová-lo por isso.

Levantaram a pistola e soou o disparo. Saiu um penacho de fumaça branca azulada, seguido por um som mais de estalo que de detonação. O disparo despertou às pombas da cúpula de São Pablo, que elevaram o voo, interrompida sua adoração, em uma congregação de pássaros.

Joel saiu muito bem. Limpo, elegante e rápido.

A multidão começou a aclamar imediatamente seu nome, as vozes lhe ressonavam nas costas e a seu redor. Foi como uma explosão de entusiasmo apaixonado.

Cameron o contemplou durante os dez primeiros metros, enquanto os participantes manobravam em busca de um lugar na corrida. Loyer ia à cabeça do pelotão, embora Cameron não estivesse seguro se tinha chegado ali por decisão própria ou por azar. Joel seguia McCloud, que ia atrás do Loyer. “Sem pressa, menino”, disse Cameron, e abandonou a contemplação da linha de largada. Tinha a bicicleta trancada no *Paternoster Row*, a um minuto da praça. Sempre odiou os carros: eram artefatos descrentes, desvencilhados, desumanos, não cristãos. E uma bicicleta foi seu primeiro amor. Não era isso tudo o que podia pedir de um homem?

— ... e a saída do que pode ser uma maravilhosa corrida foi muito boa. Vão cruzando a praça e o público está acalorado. Na realidade, parece mais com uma corrida dos Jogos Europeus que com uma competição beneficente. O que você acha, Jim?

— Bem, Mike, posso ver aglomerações ao longo da pista na rua Fleet. A polícia me pede que aconselhe o público que não se

aproxime com carro dos corredores porque, como é natural, todas essas ruas estão interditadas ao tráfico devido ao evento, e quem tentar se aproximar não chegará a parte alguma.

— Quem está liderando no momento?

— Bom, Nick Loyer está ditando o ritmo nesta fase da competição embora, é obvio, vai haver muito jogo estratégico em uma distância deste tipo. É mais que uma distância média e menos que uma maratona, mas todos estes homens são estrategistas, e tentarão que outros levem a princípio o peso da corrida.

Cameron sempre dizia: deixe que outros sejam os heróis.

Joel descobriu que essa era uma lição difícil de aprender. Quando se disparava a pistola tinha que se controlar para não se por a correr a plenos pulmões, como uma mola solta de repente, dar tudo nos primeiros duzentos metros e ficar sem reservas.

Cameron costumava dizer que era fácil ser um herói. Mas que não é inteligente, absolutamente. Não perca tempo se exibindo, deixe para os super-homens seu pequeno triunfo. Mantenha-se no pelotão e se preserve um pouco. É melhor ser aclamado no final por um triunfo que ser considerado um perdedor com boa vontade.

Vontade. Vontade. Vontade.

A qualquer preço. A quase qualquer preço.

Vontade.

O homem que não quer ganhar não é meu amigo, dizia. Se o quer fazer por amor à arte, por diversão, procure outro. Só os estudantes de colégios privados acreditam essa besteira de jogo pelo jogo. Não há alegria para os perdedores, filho. O que eu disse?

Não há alegria para os perdedores.

Seja bárbaro. Observe as regras, mas as force até o limite. Enquanto puder empurrar, empurre. Não permita que outro filho da puta te diga algo diferente. Está aqui para ganhar. O que eu disse?

Ganhar.

No *Paternoster Row* não se ouviam aclamações e as sombras dos edifícios ocultavam o sol. Quase fazia frio. As pombas seguiam voando, incapazes de pousar agora que as tinham espantado de seus ninhos. Eram os únicos habitantes daqueles becos. O resto do mundo vivo parecia estar observando a corrida.

Cameron soltou sua bicicleta, meteu no bolso a corrente e os cadeados e montou de um salto. “Estou bastante ágil para um homem de cinquenta anos — pensou — apesar de meu vício nos charutos baratos.” Ligou a rádio. As ondas, obstruídas pelos edifícios, chegavam truncadas, só ouvia chiados. Ficou sentado sobre a bicicleta e tratou de sintonizar melhor. Teve sorte.

— ... e Nick Loyer já está ficando para trás...

Que rápido! Cuidado, fazia dois ou três anos que Loyer tinha perdido sua plenitude física. Tinha chegado a hora de tirar as sapatilhas e deixar o lugar para os jovens. Teria que fazer por muito doloroso que fosse. Cameron lembrou como se sentiu aos trinta e três, quando percebeu que seus melhores anos de corredor tinham acabado. Era como ter um pé na tumba, um saudável aviso da rapidez com que floresce e começa a murchar o corpo.

Ao sair pedalando das sombras e entrar em uma rua mais ensolarada, cruzou com um Mercedes negro com chofer, que circulava tão silenciosamente que poderia ter sido impulsionado pelo vento. Pôde entrever os passageiros muito brevemente. Em um deles reconheceu o homem com que Voight tinha conversado antes da corrida, um indivíduo de cara magra, de uns quarenta anos, com a boca tão apertada que parecia que tinham lhe extirpado cirurgicamente os lábios.

A seu lado Voight estava sentado.

Por impossível que parecesse, foi a cara de Voight que voltou a vista através do vidro escurecido, ainda estava vestido para a corrida.

Cameron não gostou nada daquilo. Tinha visto o sul-africano começar a correr cinco minutos antes. Assim, quem era aquele? Um sócia, obviamente. Mas algo cheirava mal, fedia a cão morto.

O Mercedes já estava dobrando a esquina. Cameron desligou o rádio e começou a pedalar atropeladamente atrás do carro. Ao correr, o sol balsâmico o fazia suar.

O Mercedes ia abrindo caminho pelas ruas estreitas com certa dificuldade, ignorando todos os sinais de proibição. A baixa velocidade do veículo permitiu a Cameron mantê-lo em vista sem que seus ocupantes o descobrissem, embora o esforço começasse a lhe criar problemas nos pulmões.

O Mercedes parou em uma avenida pequena e anônima a oeste do beco Fetter, onde as sombras eram particularmente densas. Cameron, oculto em uma esquina a menos de vinte metros do carro, viu o chofer abrir a porta e descer o homem sem lábios e o simulacro do Voight desceu atrás, logo entraram em um edifício indescritível. Quando os três desapareceram, Cameron apoiou sua bicicleta contra uma parede e os seguiu.

Na rua reinava um silêncio sepulcral. A tanta distância do rugido da massa, não chegava mais que um leve murmúrio. A rua poderia ter sido de outro mundo. As sombras revolteantes dos pássaros, as janelas dos edifícios muradas com tijolos, a pintura descascada, o aroma de podre daquele ar leve. Junto a uma boca-de-lobo jazia um coelho morto, um coelho negro com um colar branco, o mascote que alguém teria perdido. As moscas se levantavam e equilibravam sobre ele, ao mesmo tempo assustadas e vorazes.

Cameron se aproximou da porta aberta com todo o sigilo de que foi capaz. Não tinha nada a temer. Fazia um bom momento que o trio tinha desaparecido pelo escuro corredor da casa. No vestíbulo o ar era fresco e cheirava a úmido. Bancando o intrépido, embora se sentisse assustado, Cameron entrou naquele edifício. O papel das paredes do corredor era de cor de merda, igual à pintura. Era como entrar em um intestino, o intestino de um homem morto, frio e cheio de caca. As escadas que tinha em frente afundaram, impedindo o acesso ao piso superior. Logo não se dirigiram acima, mas sim tinham descido.

A porta que conduzia ao porão estava ao lado da escada destroçada, e Cameron pôde ouvir vozes vindas de abaixo.

“Quanto antes melhor”, pensou, e abriu a porta o suficiente para poder deslizar na escuridão que havia atrás dela. Estava gélida. Não fria ou úmida simplesmente, parecia refrigerada. Por um momento acreditou que tinha entrado em uma câmara frigorífica. Seu fôlego se converteu em bafo: esteve a ponto de bater os dentes.

“Não posso ir atrás deles agora”, pensou, e começou a descer pelas escadas escorregadias de gelo. Reinava uma escuridão inverossímil. Ao final das escadas, muito abaixo, piscou uma pálida luz, e seu brilho mortiço pareceu aspirar à luz do dia. Cameron

jogou um olhar nostálgico à porta que tinha atrás dele. Era tentadora, mas ele era curioso, muito curioso. A única coisa que podia fazer era continuar descendo.

O cheiro do lugar lhe irritou as narinas. Tinha o olfato atrofiado e o paladar ainda pior, como a sua mulher gostava de lhe recordar. Estava acostumado a dizer que não era capaz de distinguir entre uma rosa e um alho, e provavelmente estava certa. Mas o cheiro daquele buraco lhe sugeria algo, algo que lhe estimulava os ácidos do estômago.

Cabras. Teria gostado de poder dizer imediatamente a sua mulher: cheirava a cabras.

Já quase tinha chegado ao final das escadas, talvez se encontrasse a cinco ou dez metros clandestinamente. Ainda podia ouvir as vozes ao longe, atrás de uma segunda porta.

Entrou em uma pequena câmara cujas paredes tinham sido mal caiadas e que estavam borradas com desenhos obscenos, reproduções em sua maioria do ato sexual. No piso havia um candelabro com sete braços. Só estavam acesas duas velas sujas, e ardiam com uma chama apagada quase azul. O cheiro de cabra ficou mais intenso, e se mesclou com um aroma tão adocicado que parecia vir de um bordel turco.

Duas portas conduziam para fora da câmara, e atrás de uma delas Cameron ouviu a continuação da conversa. Cruzou com um cuidado escrupuloso o pavimento escorregadio até a porta, esforçando-se por compreender o sentido daqueles murmúrios. Havia urgência nos tons das vozes.

— ... depressa...

— ... as habilidades necessárias...

— Meninos, meninos...

Uma gargalhada.

— Acredito que... amanhã... todos nós...

Outra gargalhada.

De repente, as vozes pareceram mudar de direção, como se os interlocutores voltassem para a porta. Cameron deu três passos atrás pelo chão gélido e esteve a ponto de se chocar com o

candelabro. Quando passou em frente às chamas, estas chisparam e crepitaram.

Tinha que escolher entre as escadas ou a outra porta. As escadas significavam a retirada absoluta. Se as subisse estaria a salvo, mas não teria descoberto nada. Não saberia nunca a razão do frio, das chamas azuis e do cheiro de cabras. A porta representava sua única possibilidade. Voltou-se para ela com os olhos fixos na que estava em frente, e lutou com o trinco de cobre, de um frio cortante. Este acabou por ceder, e Cameron se escondeu no preciso instante em que se abria a porta de frente. Os dois movimentos tinham sido perfeitamente sincrônicos: Deus estava com ele.

Assim que fechou a porta, compreendeu que tinha cometido um erro. Deus não estava com ele.

O frio penetrou-lhe na cabeça, nos dentes, nos olhos, nos dedos como se fossem agulhas. Sentiu-se como se tivesse sido atirado nu em pleno coração de um iceberg. O sangue parecia ter se paralisado nas veias: a saliva se cristalizou na língua: o suor que tinha em torno do nariz ardeu ao congelar-se. O frio disparava flechas de tal forma que nem sequer podia se mexer.

Movendo o menos possível suas articulações, procurou seu isqueiro com dedos tão adormecidos que poderiam ser cortados sem que doessem.

O isqueiro caiu em seguida da mão, pois o suor dos dedos tinha congelado. Tentou acendê-lo face à escuridão e o frio. Faiscou reticentemente e ardeu com uma chama vacilante.

A sala era ampla: uma caverna coberta de gelo. As paredes e o chão cheio de crostas brilhavam e lançavam brilhos. Sobre sua cabeça penduravam estalactites de gelo agudas como lanças. O chão que pisava, mal nivelado, inclinava-se para um buraco aberto no meio do quarto. A menos de dois metros, a parede tinha tanto gelo que parecia que um rio tinha ficado congelado ao irromper na escuridão.

Pensou em Xanadú, um poema que se sabia de cor.

Visões de outra Albión...

Onde Alph, o rio sagrado, deslizava

por cavernas incomensuráveis para o homem

até um mar sem sol

Se realmente havia um mar ali embaixo tinha que estar gelado. Era a morte eterna.

Foi tudo o que pôde fazer para manter-se de pé, para evitar escorregar para o desconhecido. O acendedor piscou quando uma rajada de ar frio o apagou.

— Merda! — exclamou Cameron ao ficar no escuro.

Nunca saberia se sua voz alertou o trio que se encontrava fora ou se Deus o abandonou por completo nesse instante e convidou o trio a abrir a porta. Mas quando esta se abriu de par em par, Cameron caiu no chão. Muito gelado para evitar a queda, estatelou-se contra o piso gelado assim que uma baforada do cheiro de cabra entrou no quarto.

Virou-se pela metade. Na porta estavam o sócia de Voight, o chofer e o terceiro homem do Mercedes. Vestia um casaco, que parecia, com várias peles de cabra. Dele ainda pendiam cascacos e chifres por toda parte. O sangue que manchava essas peles era marrom e viscoso.

— O que faz aqui, senhor Cameron? — perguntou-lhe o homem do casaco de cabra.

Cameron não podia falar. A única sensação que sentia era de uma angústia espetada no meio da cabeça.

— Que infernos está acontecendo aqui? — perguntou, com os lábios tão gelados que quase não podia movê-los.

— Precisamente isso, senhor Cameron — replicou o homem. — Os infernos se abriram.

Ao passar St. Mary Strand, Loyer olhou para trás e deu um tropeção. Joel, a uns três metros do líder, compreendeu que Loyer estava se cansando. Muito rápido, isso era ruim. Diminuiu a velocidade, deixando que McCloud e Voight o ultrapassassem. Não tinha pressa. Kinderman estava a uma distância considerável, era incapaz de competir com aqueles jovens tão rápidos. Era a tartaruga da corrida, sem dúvida nenhuma. Loyer foi superado por McCloud, em seguida por Voight e finalmente por Jones e Kinderman. Seu fôlego tinha acabado de repente, e sentia as pernas pesadas. Pior ainda, via o asfalto ranger e rachar-se a seus pés, e emergir dedos

dele para prendê-lo. Parecia que ele era o único a vê-los. A multidão continuava rugindo enquanto essas mãos imaginárias emergiam de suas tumbas sob o pavimento e o agarravam firmemente. Caiu exausto nos braços daqueles mortos, com a juventude truncada e a energia consumida. Os ansiosos dedos dos mortos continuaram prendendo-o muito depois que os doutores o retiraram da pista, examinaram-no e lhe administrassem calmantes.

Claro que sabia por que razão lhe tinham disparado flechas dessa forma enquanto estava estirado sobre o asfalto quente. Havia olhado para trás. Isso era o que lhes tinha atraído. Havia olhado...

— E depois da sensacional queda do Loyer, a corrida ainda está por decidir-se. Frank Flash McCloud é quem dita o ritmo neste momento, e está se afastando substancialmente de Voight, o novo campeão. Joel Jones está ainda mais atrasado, não parece manter-se entre os líderes. O que acha, Jim?

— Bom, ou já está cansado ou confia em que os outros se cansem. Lembre que esta distância é nova para ele...

— Sim, Jim.

— E isso poderia fazer que ele se descuidasse. Certamente vai ter que trabalhar muito para melhorar seu terceiro posto atual.

Joel estava enjoado. Por um momento, ao ver Loyer perder o controle da corrida, tinha ouvido Loyer rezar em voz alta. Rogar a Deus que o salvasse. Tinha sido o único a ouvir suas palavras...

*Sim, embora atravessasse
as sombras do Vale da Morte
não temerei mal algum, pois
tú estás comigo,
com sua vara e seu bastão...*

Agora o sol esquentava mais, e Joel começava a ouvir as queixas familiares dos seus membros ao se cansar. Correr sobre asfalto era duro para os pés e para as articulações, mas não tanto para obrigar um homem a rezar. Tratou de esquecer o desespero de Loyer e de concentrar-se no que fazia.

Ainda havia muita corrida pela frente, não tinham coberto nem a metade do percurso. Tinha tempo de sobra para alcançar os heróis, de sobra.

Enquanto corria, repassava prazerosamente as orações que sua mãe lhe tinha ensinado se por acaso necessitasse delas, mas os anos as tinham erodido e quase as tinha esquecido por completo.

— Meu nome — disse o homem do casaco de cabra — é Gregory Burgess. Membro do Parlamento. Não deveria me conhecer. Desejo passar despercebido.

— Membro do Parlamento? — perguntou Cameron.

— Sim. Independente. Muito independente.

— Esse é o irmão do Voight?

Burgess olhou para a outra encarnação de Voight. Aquele frio tão intenso não o fazia sem sequer tremer, apesar de só estar vestido com uma camiseta fina e calças curtas.

— Irmão? — disse Burgess. — Não, não. É meu... como se diz? Familiar.

A palavra soava a algo, mas Cameron não tinha lido muito. O que era um familiar?

— Aprendiz — concedeu magnanimamente Burgess.

O rosto de Voight se agitou, sua pele pareceu encolher-se, os lábios se enrolaram sobre os dentes, os dentes se desfizeram em uma cera branca que caiu em um esôfago que por sua vez estava se transformando em uma coluna de prata brilhante. Aquela face já não era humana, nem sequer a de um mamífero. Transformou-se em um leque de facas cujas lâminas resplandeciam à luz das velas que havia depois da porta. Assim que se transformou nesse espantalho, começou a mudar de novo, as facas se desfaziam e obscureciam, voltava a brotar pele, reapareciam os olhos e se inchavam como globos. Desta nova cabeça surgiram antenas, a massa em transfiguração expulsou suas mandíbulas, e uma cabeça de abelha, grande e perfeitamente complexa, ficou assentada sobre o pescoço de Voight.

Burgess adorou a demonstração e aplaudiu com as mãos enluvadas.

— Os dois são familiares — disse, assinalando o chofer, que tinha tirado a boina, deixando que um redemoinho de cabelo castanho lhe caísse sobre os ombros.

Era arrebatadoramente formoso, um rosto pelo qual valia a pena morrer. Mas, como o outro, tão somente uma ilusão. Capaz sem dúvida de encarnar uma infinidade de pessoas.

— Os dois são meus, é obvio — esclareceu Burgess com orgulho.

— O que? — foi tudo o que pôde responder Cameron, e esperou que isso resumisse todas as perguntas que tinha na cabeça.

— Sirvo ao inferno, senhor Cameron. E o inferno por sua vez também me serve.

— Inferno?

— Atrás de você se encontra uma das entradas ao Nono Círculo. Conhece Dante, suponho.

Aqui Diz! Este é o lugar

em que deve armar seu coração com poder!

— Por que está aqui?

— Para ganhar esta corrida. Melhor dizendo, meu terceiro familiar já está participando dela. Desta vez não o vencerão. Desta vez se trata de um espetáculo infernal, senhor Cameron, e não nos arrebatarão o prêmio.

— Inferno... — repetiu Cameron.

— Acredita em Deus, não é verdade? É um bom praticante. Ainda reza antes de comer, como qualquer alma temerosa a Deus. Tem medo de se engasgar com o jantar.

— Como sabe que eu rezo?

— Sua mulher me disse. Sim, sua mulher me deu muita informação a seu respeito, senhor Cameron, abriu-se realmente para mim. Era muito acomodada. É uma analista consumada graças a meus conselhos. Deu-me tanta... informação... É um bom socialista, não? Como seu pai.

— Agora política...

— Oh, a política é o eixo de tudo, senhor Cameron. Sem política estaríamos expostos à barbárie, não é verdade? Até o inferno necessita de ordem. Nove grandes círculos: uma ordenação implacável dos castigos. Olhe para baixo, veja por si mesmo.

Cameron podia sentir o buraco atrás de si, não precisava olhar.

— Defendemos a ordem, sabe? Não o caos. Isso é mera propaganda celestial. E sabe o que vamos ganhar?

— É uma corrida beneficente.

— A caridade é o de menos. Não participamos desta corrida para salvar o mundo do câncer. Corremos pelo governo.

Cameron captou pela metade a ideia.

— Governo — disse.

— Uma vez por século se celebra esta corrida entre São Pablo e o palácio do Westminster. Antes se corria sem sapatos e sem aplausos. Hoje se faz a pleno sol, com milhares de espectadores. Mas sejam quais sejam suas circunstâncias, se trata da mesma corrida. Seus atletas contra um dos nossos. Se vocês ganharem, cem anos mais de democracia. Se nós ganharmos... como ocorrerá... o fim do mundo tal como o conhecem.

Cameron sentiu uma vibração as suas costas. A expressão do rosto de Burgess mudou bruscamente, desapareceu sua segurança, e aquele ar de suficiência se converteu em pura excitação nervosa.

— Bom, bom — disse, agitando as mãos como se fossem pássaros. — Parece que temos visita dos poderes superiores. Quanta honra...

Cameron se virou e olhou pela borda do buraco. Sua curiosidade já não podia piorar as coisas. Tinham-no em suas mãos, assim melhor ver tudo o que havia por ver.

Desse círculo sem sol ascendeu uma rajada de ar gélido, através da qual pôde ver uma figura aparecer por entre a escuridão do poço. Avançava com passo firme, e tinha a cabeça inclinada para trás para ver melhor o mundo.

Cameron o ouviu respirar, viu-lhe abrir e fechar os olhos machucados, e viu como seus ossos oleosos boquejavam como um caranguejo no buraco.

Burgess estava ajoelhado, flanqueado pelos familiares, que jaziam no chão, com as caras pregadas como mariscos ao pavimento.

Cameron compreendeu que era sua última chance. Levantou-se cambaleando e avançou às cegas para Burgess, cujos olhos estavam fechados em uma súplica reverente. Ao passar, mais por

acidente que com intenção, seu joelho acertou Burgess debaixo da mandíbula, e este caiu estirado. As mãos de Cameron deslizaram pelo chão em direção à saída da caverna de gelo, até que entrou na câmara iluminada pelo candelabro.

A suas costas o quarto estava se enchendo de fumaça e de gemidos. Cameron, como a mulher do Lot quando escapava da destruição da Sodoma, lançou um único olhar para trás para contemplar a imagem proibida.

Estava emergindo do poço, tampando o buraco com sua massa cinza, iluminado por algum resplendor subterrâneo. Seus olhos, enterrados no osso visível de sua cabeça elefantina, encontraram-se com os de Cameron. Pareceram tocá-lo com a suavidade de um beijo, penetrando diretamente em seus pensamentos.

Não o tinham transformado em sal. Desviando o olhar daquele rosto, patinou pelo hall e começou a subir as escadas de dois em dois e de três em três degraus, caindo e voltando a subir uma e outra vez. A porta ainda estava entreaberta. Atrás dela se encontrava a luz do dia, o mundo.

Abriu a porta de repente e caiu no corredor, sentindo que o calor começava a despertar seus nervos congelados. Nos degraus que tinha deixado atrás de si não se ouvia nenhum ruído, estavam manifestamente muito aterrados pela visita daquele ser imaterial para lançar-se em sua perseguição. arrastou-se ao longo da parede do corredor com o corpo sacudido de tremores.

Ninguém o seguia.

Fora o dia tinha um brilho fulgurante, e se deixou contagiar pela hilaridade posterior à fuga. Era a primeira vez que se sentia um pouco vivo. Ter estado tão perto... e sobreviver, entretanto. Deus tinha estado com ele, apesar de tudo.

Cambaleou pela rua em direção a sua bicicleta, determinado a deter a corrida, a contar ao mundo...

Ninguém havia mexido na bicicleta, que tinha o guidão quente como os braços de sua mulher.

Ao lhe passar a perna por cima, seus olhos, que tinham lançado um olhar ao inferno, incendiaram-se. O corpo, ignorante de

que seu cérebro ardia, continuou funcionando um momento. Colocou os pés sobre os pedais e começou a afastar-se.

Cameron sentiu que a cabeça se incendiava e compreendeu que estava morto.

Por ter olhado para atrás, por apenas um olhar.

A mulher de Lot.

Como a estúpida mulher de Lot...

Um raio mais certo que o pensamento lhe estalou entre as orelhas.

Seu crânio rachou, e o raio incandescente saiu disparado do forno que era seu cérebro. Os olhos ficaram nas órbitas como se fossem nozes secas. Sua boca e seu nariz soltavam luz. A combustão o reduziu a uma coluna de carne negra em questão de segundos, sem uma só chama ou voluta de fumaça.

O corpo do Cameron estava incinerado por completo quando a bicicleta saiu do meio-fio e se chocou contra a vitrine de uma alfaiataria, onde ficou caída como uma marionete derrubada entre os trajes poeirentos. Ele também havia olhado para atrás.

A multidão apinhada na praça Trafalgar era uma massa vibrante de entusiasmo. Aclamações, lágrimas e bandeiras. Era como se essa corrida se convertesse em algo especial para toda aquela gente, um ritual cujo significado não podiam conhecer. E, entretanto, sentiam de uma maneira confusa que o dia estava carregado de enxofre, pressentiam que suas vidas pendiam de um fio. Especialmente os meninos. Corriam ao longo da pista gritando preces incoerentes, com a cara tensa de medo. Alguns pronunciavam seu nome.

— Joel! Joel!

Ou estava imaginando? Tinha imaginado também que Loyer rezava? Os presságios gravados nas caras radiantes dos bebês, içados para que contemplassem os corredores, também eram imaginários?

Ao entrar no *Whitehall*, Frank McCloud lançou um olhar confiado por cima do ombro, e o inferno se apoderou dele.

Foi simples, instantâneo.

Cambaleou, uma mão gélida lhe esmagou o pescoço e lhe arrebatou a vida. Joel diminuiu o passo ao aproximar-se de seu inimigo. Tinha a cara púrpura e os lábios cheios de espuma.

— McCloud — disse, parando para ver o rosto de seu grande rival.

McCloud levantou a vista e o olhou através de um véu de fumaça que havia tornado ocres seus olhos cinzas. Joel se agachou para ajudá-lo.

— Não me toque — resmungou McCloud.

As veias e filamentos de seus olhos estavam inchados e sangravam.

— Cãibra? — perguntou Joel. — É uma cãibra?

— Corra, bastardo, corra — dizia McCloud, enquanto aquelas mãos lhe arrancavam a vida das vísceras. Dos poros da cara lhe começou a gotejar sangue, chorava lágrimas vermelhas. — Corra e não olhe para trás. Pelo amor de Deus, não olhe para trás.

— O que aconteceu?

— Corra, por sua vida!

Não pedia, ordenava.

Corra.

Nem pelo ouro nem pela glória. Só pela vida.

Joel jogou um olhar acima. Acabava-se de perceber que tinha uma imensa cabeça atrás de si lhe jogando um fôlego frio no pescoço.

Levantou-se e correu.

— Bom, as coisas não vão muito bem para os corredores, Jim. Depois da queda tão sensacional de Loyer, Frank McCloud acaba de tropeçar. Nunca tinha visto algo semelhante. Mas parece que trocou algumas palavras com Joel Jones quando este passava a seu lado. Assim deve estar bem.

McCloud já estava morto quando o meteram na ambulância, e putrefato na manhã seguinte.

Joel correu. Cristo, como correu! O sol lhe golpeava ferozmente a cara, rabiscando a mancha de cor que eram as massas excitadas, as caras, as bandeiras. Tudo lhe parecia uma cortina de ruídos desprovida de qualquer traço humano.

Conhecia a sensação que estava se apossando dele, essa sensação de ter o corpo deslocado que acompanha o excesso de oxigênio e o cansaço. Estava correndo metido na bolha que sua própria consciência criava, pensando, suando, sofrendo por si mesmo, para si mesmo, em nome de si mesmo.

E essa solidão não era tão terrível. A cabeça começou a se encher de canções, retalhos de hinos, doces frases de canções de amor, rimas obscenas. Sua personalidade consciente relaxou, e o inconsciente, inominado e temerário, saiu à superfície.

Diante dele, esfumado pela luz esbranquiçada, entrevia Voight. Esse era o inimigo, o homem que terei que bater. Voight, com seu reluzente crucifixo balançando ao sol. Podia conseguir desde que não olhasse, que não olhasse...

Para trás...

Burgess abriu a portinhola do Mercedes e subiu nele. Tinham perdido um tempo precioso. Já deveria estar no Parlamento, na linha de chegada, preparado para dar as boas-vindas aos corredores. Tinha que representar uma pantomima em que ficaria a máscara doce e sorridente da democracia. E amanhã? Já não seria tão doce.

Suas mãos suavam de emoção, e seu traje de pele de cabra que era obrigado a vestir no quarto cheirava à distância. Contudo, ninguém perceberia isso, e embora se alguém percebesse, que cidadão inglês ia incorrer na descortesia de mencionar que ele fedia a cabras?

Odiava a Câmara dos Comuns, aquele buraco de bocejos que pressentia confusamente sua inutilidade, com sua atmosfera sempre gélida. Mas já tinha acabado tudo aquilo. Tinha realizado suas oblações, tinha mostrado sua infinita adoração ao poço, agora chegava o momento de recolher a recompensa.

Conforme o carro avançava, pensou nos muitos sacrifícios que tinha devotado a sua ambição. À princípio foram coisas de pouca importância: gatinhos e frangos. Mais tarde descobriria quão ridículas que lhes pareciam tais façanhas. Mas a princípio agiu com inocência: não sabia o que oferecer nem como fazê-lo. Com o passar dos anos começaram a formular suas exigências de uma maneira clara e ele, com o tempo, aprendeu as formalidades requeridas para

poder vender sua alma. Planejava cuidadosamente e representava à perfeição suas mortificações, embora lhe tivessem deixado sem mamilos e sem a possibilidade de ter filhos. Mas o sacrifício valeu a pena, cada dia tinha mais poder. Um apartamento triplo em Oxford, uma mulher que superava os sonhos de um priapista, um assento no Parlamento e logo, muito em breve, todo o país.

Os cotos de seus polegares começaram a doer, como costumava ocorrer quando estava nervoso. Distraidamente, chupou um.

— Bom, já estamos assistindo aos últimos momentos do que foi uma corrida verdadeiramente infernal, não é, Jim?

— Sim, foi toda uma revelação, não? Voight parece o vencedor contra todos os prognósticos, aí está, afastando-se dos outros competidores sem muito esforço. É preciso lembrar que Jones teve o generoso gesto de comprovar se McCloud estava bem, e isso o atrasou.

— Isso o fez perder a corrida, não é certo?

— Acredito que sim. Acredito que o fez perder a corrida...

— Claro que se trata de uma corrida beneficente.

— Efetivamente. E em uma situação semelhante não se trata de ganhar ou perder...

— Mas sim de jogar limpo.

— Certo.

— Certo.

— Bom, já temos o Parlamento à vista, estão dobrando a esquina do *Whitehall*. E a multidão anima a seu favorito, embora acredite sinceramente que se trate de uma causa perdida...

— Não se precipite. Lembre-se que na Suécia ele tirou um ás da manga.

— Certamente. Tem razão.

— Talvez volte a conseguir.

Joel continuava correndo, e a distância que o separava de Voight começava a reduzir-se. Concentrou-se em suas costas, atravessou-lhe a camisa com os olhos, estudando seu ritmo, procurando suas debilidades.

Estava diminuindo sua velocidade. O homem não ia tão rápido como antes. Sua pernada se desequilibrou, era um indício inequívoco de cansaço.

Podia alcançá-lo. Se demonstrasse seu valor podia alcançá-lo.

E Kinderman? Tinha esquecido de Kinderman. Sem pensar no que fazia, Joel olhou por cima do ombro e olhou atrás.

Kinderman estava muito atrasado, mantinha o mesmo passo regular. Era a pernada eterna do corredor de maratona. Mas atrás de Joel havia outra coisa, outro corredor, lhe pisando quase nos calcanhares, fantasmagórico, gigante.

Afastou os olhos e olhou para frente, amaldiçoando sua estupidez.

Cada passo o aproximava mais de Voight. Era evidente que ele estava ficando sem fôlego. Joel sabia que se se esforçasse poderia passá-lo. Tinha que esquecer seu perseguidor, fosse quem fosse, esquecer-se de tudo menos de passar Voight...

Mas a visão que tinha atrás não saía da sua cabeça.

“Não olhe para trás”, essas foram as palavras do McCloud. Muito tarde, já o tinha feito. Postas assim as coisas, melhor saber quem era aquele fantasma.

Voltou a olhar.

Ao princípio não viu nada, só Kinderman avançando pouco a pouco. E então o corredor fantasma reapareceu, e soube que ele tinha acabado com Loyer e McCloud.

Não era um corredor, nem vivo nem morto. Nem sequer era humano. Era um corpo fumegante que abria as trevas ante ele, era o próprio inferno o que o açulava.

Não olhe para trás.

Tinha a boca, se é que aquilo era uma boca, aberta. Seu fôlego era tão frio que fez que Joel se engasgar com seu próprio ofego. Por isso Loyer tinha murmurado suas orações enquanto corria. De pouco lhe tinham servido, afinal tinha morrido.

Joel afastou a vista, já não lhe interessava ver o inferno tão de perto. Tratou de ignorar a súbita debilidade de seus joelhos.

Voight também olhava por cima do ombro. O aspecto de sua cara era sombrio e de desassossego, e Joel, sem saber muito bem

por que, compreendeu que ele fazia parte do inferno, que a sombra a suas costas era o amo de Voight.

— Voight. Voight. Voight. Voight — Joel pronunciava seu nome a cada pernada.

Voight ouviu que o chamavam.

— Bastardo negro! — disse em voz alta.

A pernada do Joel se alargou um pouco. Estava a menos de dois metros do corredor vindo do inferno.

— Olhe... atrás... de você — disse Voight.

— Já vi.

— Está... vindo... te buscar.

Era evidente que pretendia enganá-lo. Ele era o amo de seu próprio corpo, não? E não temia a escuridão porque ele também era negro. Não era isso o que o fazia menos humano em seu trato com muitas pessoas? Ou mais, mais que humano, com mais sangue, mais suor e mais carne. Mais braço, mais perna, mais cabeça. Mais força, mais apetite. O que o inferno podia fazer? Comer-lhe e teria sabor ruim. Congelá-lo? Tinha o sangue muito quente, era muito rápido, estava muito vivo.

Ninguém o apanharia, era um bárbaro com maneiras de cavalheiro.

Na realidade, nem uma coisa nem outra.

Voight estava sofrendo, havia dor em seu fôlego entrecortado, nas prolongadas hesitações de sua pernada. Só faltavam cinquenta metros entre os degraus e a linha de chegada, mas a vantagem de Voight se reduzia constantemente, cada passo aproximava mais os corredores.

Então começaram as ofertas.

— Escute... me.

— O que é?

— Poder... Eu lhe darei poder... Basta que... nos... deixe... ganhar.

Joel já estava quase a seu lado.

—Tarde demais.

As pernas se alegraram a cabeça lhe dava voltas de prazer. Tinha o inferno a frente, o inferno ao lado, mas que mais

importava? Ainda podia correr.

Ultrapassou o Voight com as articulações distendidas: era uma máquina perfeita.

— Bastardo. Bastardo. Bastardo... — dizia-lhe o familiar com o rosto contraído pela angústia e o cansaço.

Seu rosto não piscou quando Joel o ultrapassou? Não pareceu que seus traços perdiam por um momento a aparência de humanidade?

Voight ficou para trás: as massas rugiram e o mundo voltou a se alagar de cores. Tinha a vitória a frente. Não sabia que causa estava defendendo, mas tinha a vitória ao alcance da mão.

Por fim viu Cameron nos degraus, de pé ao lado de um homem que não conhecia, um homem com um traje estranho. Cameron sorria e gritava com um entusiasmo pouco característico dele, fazia gestos.

Em todo caso, correu mais depressa para a linha de chegada, Cameron tinha lhe infundido novas forças.

Então pareceu que seu rosto mudava. Era o brilho solar que fazia que seu cabelo brilhasse? Não, a carne das bochechas também borbulhava, e tinha manchas escuras no pescoço que cada vez se obscureciam mais. O cabelo ficou em pé e seu crânio lançou brilhos intermitentes de luz cegadora. Cameron estava queimando. Cameron queimava, mas ainda sorria e lhe assinalava com a mão.

Joel sentiu um desespero súbito.

O inferno atrás. O inferno a frente.

Esse não era Cameron. Não via Cameron em nenhuma parte, logo Cameron estava morto.

Compreendeu como se tivesse tido uma revelação. Cameron tinha morrido, e essa paródia negra que lhe sorria e lhe dava as boas-vindas eram seus últimos momentos, representados para distração de seus admiradores.

O passo do Joel se tornou vacilante, perdeu o ritmo de pernada. Atrás ouviu o fôlego do Voight, horrivelmente denso, próximo, cada vez mais próximo.

De repente, todo seu corpo se encrespou. Seu estômago queria expulsar o que estava dentro, sua cabeça se negava a pensar, as

pernas começaram a fraquejar, só tinha medo.

— Corra — disse a si mesmo. — Corra. Corra. Corra.

Mas tinha o inferno à frente. Como podia correr e lançar-se nos braços de tamanha infâmia?

Voight tinha reduzido o intervalo que os separava e estava à altura de seu ombro. Deu-lhe um tranco ao ultrapassá-lo. Estavam roubando a vitória de Joel com a mesma facilidade com que tirariam doces de um bebê.

A chegada estava a doze passos e Voight ia de novo à frente. Sem perceber totalmente o que fazia, Joel agarrou e golpeou Voight, agarrando-o pela camiseta. Foi um golpe que todos os espectadores perceberam. Mas que diabo!

Agarrou forte o braço de Voight e os dois tropeçaram. A multidão lhes abriu espaço quando saíram da pista e caíram pesadamente ao chão, Voight em cima de Joel.

O braço deste, estirado para impedir que a queda fosse muito brusca, ficou esmagado pelo peso dos dois corpos. Pego em má posição, quebrou o osso do antebraço. Joel o ouviu quebrar-se antes de sentir o espasmo, a dor lhe arrancou um grito dos lábios.

Nos degraus, Burgess gritava como um louco. Toda uma exibição. As câmaras fotográficas disparavam, os locutores faziam comentários.

— Levante-se! Levante-se! — gritava o homem.

Mas Joel tinha agarrado Voight com seu braço são e não ia soltá-lo por nada neste mundo.

Os dois rodaram pelo cascalho, e cada volta esmagava o braço de Joel e lhe provocava acessos de náusea nas vísceras.

O familiar que fazia o papel de Voight estava exausto. Nunca havia se sentido tão cansado, não estava preparado para a corrida que seu amo lhe tinha obrigado a correr. Tinha pouca resistência, estava quase a ponto de perder o controle. Joel podia cheirar seu fôlego, era o cheiro de uma cabra.

— Mostre-se — disse.

Os olhos dessa coisa tinham perdido as pupilas: estavam completamente brancos. Joel puxou um coágulo de escarro no fundo de sua boca cheia de saliva e o cuspiu no familiar.

Este perdeu o controle.

Sua cara se dissolveu. O que tinha parecido carne adotou uma nova aparência, era como uma armadilha devoradora, sem olhos, nariz, orelhas nem cabelo.

Em torno deles a multidão se afastou. As pessoas gritavam e desmaiavam. Joel não viu nada disso, mas ouviu com satisfação os gritos. Esta transformação não se realizava só para ele, era de conhecimento público. Todos estavam contemplando a verdade, a asquerosa e desumana verdade.

Tinha uma boca imensa, cheia de dentes em fila como a mandíbula de algum peixe abissal. Era ridiculamente grande. Joel sujeitava com seu braço são a mandíbula inferior de seu inimigo, conseguindo mantê-la afastada com muita dificuldade, enquanto pedia socorro.

Ninguém deu um passo à frente.

A multidão se manteve a uma prudente distancia, observando e gritando, mas sem intenção de interferir. Era uma espécie de esporte-espetáculo, a luta contra o demônio. Os presentes não se sentiam envolvidos.

Joel sentiu que ficava sem forças, e seu braço deixou de conter a mandíbula. Desesperado, sentiu como os dentes se cravavam na sua frente e no queixo, como atravessavam sua carne e seus ossos e, por último, sentiu como lhe invadia a branca noite quando aquela boca lhe arrancava o rosto com uma dentada.

O familiar se levantou do chão onde jazia o cadáver, com os farrapos da cabeça do Joel pendurados dos seus dentes. Tinha-lhe despojado de seus traços como se fosse uma máscara, deixando tão somente uma confusão de sangue e músculo esmigalhado. No que antes fora a boca do Joel, a raiz de sua língua se agitava espasmodicamente e jogava fervuras de sangue, incapaz de lamentar-se.

Burgess não se preocupava que o mundo o conhecesse. A corrida era tudo, teria que ganhá-la de qualquer forma, custasse o que custasse. Afinal, Joel também tinha usado golpes baixos.

— Aqui! — gritou ao familiar. — Depressa!

Este voltou a cara ensanguentada para ele.

— Venha aqui — ordenou-lhe Burgess.

Separavam-nos alguns poucos metros, algumas poucas pernadas em direção à chegada e a corrida estava ganha.

— Corra para mim! — gritava Burgess. — Corra! Corra! Corra!

O familiar estava cansado, mas reconheceu a voz de seu amo. Deu alguns passos compridos em direção à chegada, seguindo às cegas as chamadas de Burgess.

Quatro passos. Três...

E Kinderman o superou e cruzou a linha de chegada. O míope Kinderman ganhou a corrida um passo a frente de Voight sem saber que vitória tinha alcançado, sem ver sequer os horrores que jaziam a seus pés.

Não houve aclamações nem felicitações quando cruzou a linha de chegada.

Ao redor dos degraus o ar pareceu obscurecer-se, e o ambiente se encheu de um frio que não correspondia a aquela estação.

Agitando a cabeça como se pedisse perdão, Burgess caiu de joelhos.

— Pai nosso que está nos céus, santificado seja seu nome...

Era um truque muito velho. Uma reação muito ingênua. A multidão começou a retirar-se. Alguns tinham começado a correr. Os meninos, conhecendo a natureza da escuridão por acabar de sair dela, foram os menos afetados. Tomaram seus pais pela mão e os tiraram do lugar como se fossem cordeiros, dizendo-lhes que não olhassem para trás, e seus pais quase se recordaram do útero, o primeiro túnel, a primeira saída dolorosa de um paradeiro enfeitado, a primeira tentação terrível de olhar para trás e morrer. E, enquanto foram recordando, desapareciam com seus filhos.

Só Kinderman parecia indiferente a tudo. Sentou-se nos degraus e limpou os óculos, sorridente por seu triunfo e sem se importar com o frio.

Burgess, sabendo que suas preces eram inúteis, pôs os pés em funcionamento e desapareceu dentro do palácio de *Westminster*.

O familiar, desamparado, renunciou a toda pretensão de aparência humana e se transformou em si mesmo. Etéreo, insípido, cuspiu a carne repelente de Joel. O rosto do corredor, mascado pela

metade, caiu sobre o cascalho, ao lado de seu corpo. O familiar entrou no ar e voltou para o Circulo que o chamava de volta a sua casa.

O ar dos corredores do poder estava viciado, não havia nele vida nem esperança de socorro.

Burgess não estava em forma, e sua corrida se converteu logo em passeio. Andou tranquilamente pelos corredores revestidos de penumbra, a maciez do tapete amortecia seus passos.

Não sabia exatamente o que fazer. Estava claro que lhe culpariam por não ter previsto todas as eventualidades, mas confiava em que poderia justificar-se. Daria-lhes tudo o que pedissem como castigo por sua falta de previsão. Uma orelha, um pé, só tinha carne e sangue a perder.

Mas devia preparar cuidadosamente sua defesa, porque eles odiavam a lógica defeituosa. Se fosse a seu encontro com desculpas arriscaria mais que a vida.

Atrás dele fazia um frio espantoso, ele sabia qual era sua causa. O inferno o tinha seguido por esses corredores silenciosos até chegar às vísceras da democracia. Apesar disso sobreviveria, desde que não se virasse, enquanto tivesse os olhos fixos no chão, ou em suas mãos sem polegares, não lhe fariam mal. Negociar com os abismos era uma das primeiras lições que se aprendia.

O ar estava cheio de geada. Burgess via seu fôlego, doía-lhe a cabeça de frio.

— Eu o sinto — disse sinceramente a seu perseguidor.

A voz que lhe respondeu era mais suave do que tinha esperado.

— Não foi sua culpa.

— Não — respondeu Burgess, tranquilizado por um tom tão conciliador. — Foi um engano e estou contrito. Passei por cima de Kinderman.

— Isso foi um equívoco. Todos os cometemos — lhe desculpou o inferno. — Contudo, dentro de cem anos voltaremos a tentar. A democracia ainda é uma religião recente, ainda não perdeu seu brilho superficial. Vamos conceder-lhe outro século e então acabaremos com ela.

— Sim.

- Mas você...
- Já sei.
- Não terá poder, Gregory.
- Não.
- Não é o fim do mundo. Olhe para mim.
- Agora não, se não se importar.

Burgess recomeçou a marcha, dando um passo cauteloso atrás de outro. Conservemos a calma, sejamos racionais.

- Olhe para mim, por favor — rogou o inferno em um arrulho.
- Mais tarde, senhor.
- Só peço que olhe para mim. Apreciaria um pouco de respeito de sua parte.

- Eu farei isso. Realmente o farei. Mais tarde.

O caminho se dividia em dois. Burgess tomou o caminho da esquerda, acreditando que o simbolismo poderia ser adulator. Era um beco sem saída.

Ficou olhando para a parede. Sentia o ar frio metido na medula e o que restava de seus polegares estava doendo. Tirou as luvas e chupou os cotos atentamente.

— Olhe para mim. Vire-se e olhe para mim — ele disse com voz cortês.

O que podia fazer agora? Presumivelmente, voltar, sair do corredor e encontrar um caminho melhor. Só teria que andar em círculos e mais círculos até que tivesse defendido o bastante sua causa para que seu perseguidor o deixasse em paz.

Enquanto estava de pé considerando que alternativa escolher sentiu uma ligeira pressão no pescoço.

- Olhe para mim — repetiu a voz.

E lhe apertaram a garganta. Houve um estranho ruído de trituração em sua cabeça, o ruído de um osso esfregando-se contra outro. Parecia que estavam introduzindo uma faca na base do crânio.

— Olhe para mim — disse pela última vez o inferno, e a cabeça de Burgess se virou.

Mas seu corpo não. Este ficou tal como estava, de pé em frente a parede lisa do beco sem saída.

Sua cabeça se virou como uma manivela sobre seu eixo, transgredindo as leis da razão e da anatomia. Burgess se asfixiou quando seu pescoço girou sobre si mesmo como uma corda de carne, suas vértebras se reduziram a pó, suas cartilagens a um montão de fibras soltas. Os olhos sangraram, os ouvidos estalaram, e morreu olhando aquela cara apagada e etérea.

— Eu mandei que olhasse para mim — disse o inferno, e seguiu por seu caminho cheio de amarguras, deixando-o ali de pé, para que os democratas encontrassem um curioso paradoxo quando chegassem, em pleno bate-papo, ao palácio do *Westminster*.

JACQUELINE ESS: SUA VONTADE E SEU TESTAMENTO

“Meu Deus — pensou ela, — isto não pode ser viver! Sempre igual, tédio, estresse e frustração.”

“Jesus Cristo — rezou, — tire-me daqui, me libere, me crucifique se for necessário, mas livre-me de meus sofrimentos.”

Em lugar de receber sua bênção eutanásica, teve que agarrar, em um dia cinza de finais de março, uma navalha do Ben. Fechou-se no banheiro e cortou os punhos.

Por trás dos batimentos de seu coração que lhe ressonavam nos ouvidos, ouviu fracamente Ben lhe falar do outro lado da porta do banheiro.

- Você está aí dentro, querida?
- Vá embora — acreditou dizer.
- Voltei logo, amor. Havia pouco trânsito.
- Vá embora, por favor.

O esforço de tentar falar a fez escorregar da privada e cair sobre os ladrilhos brancos do chão, onde os atoleiros que seu sangue tinha formado já esfriavam.

- Querida?
- Vá embora.
- Querida.
- Rápido.
- Você está bem?

“Aquele idiota ficou lutando com a porta. Não percebia que ela não podia nem queria abri-la?”

- Responda, Jackie.

Ela grunhiu. Não pôde conter-se. A dor não era tão terrível como esperava, mas tinha a horrível sensação de que a tinham golpeado na cabeça. Contudo, ele não podia chegar a tempo, era muito tarde. Nem sequer se arrombasse a porta.

Ele arrombou a porta.

Levantou a vista para ele olhando-o através de um ar tão espesso de morte que poderia ser cortado com uma faca.

— Muito tarde — acreditou dizer.

Mas não era.

“Meu Deus — pensou, — isto não pode ser o suicídio. Não morri.”

O doutor que Ben tinha contratado para ela era muito benevolente. O melhor, prometeu-lhe, só o melhor para minha Jackie.

— Não há nada que não possamos solucionar com um pequeno remédio — tranquilizou-a o médico.

“Por que não diz de uma vez? — pensou. — Não se importa comigo. Não sabe o que me acontece.”

— Cuido de muitos problemas femininos deste tipo — confessou, destilando uma compaixão estudada por todos os poros. — Adquire proporções de epidemia a partir de certa idade.

Ela tinha apenas trinta anos. O que ele queria dizer? Que ela estava com uma menopausa precoce?

— Depressão, abstinência total ou parcial, neurose de todo tipo e calibre. Você não é a única, acredite.

“Oh, sim eu sou. Estou aqui em minha cabeça, sozinha, e você não pode saber o que acontece dentro dela.”

— Nós vamos resolver isso rapidamente.

“Sou como um cordeiro, não é isso? Acreditam que sou um cordeiro?” Murmurando, ele olhou para seus diplomas emoldurados, para suas unhas arrumadas, para as canetas e para o caderno de notas que tinha sobre a mesa. Mas não olhou para Jacqueline. Olhou para todas as partes menos para Jacqueline.

— Sei — dizia agora — pelo que passou, e foi traumático. As mulheres têm certas necessidades. Se não forem satisfeitas...

O que seriam as necessidades femininas?

“Ele não é uma mulher”, acreditou pensar.

— O que?

Tinha falado? Sacudiu a cabeça em sinal de que não. Ele prosseguiu, encontrando outra vez o fio:

— Não vou submetê-la a intermináveis sessões de terapia. Não é isso o que quer, não é verdade? Quer um pouco de tranquilidade, e algo que a ajude a dormir de noite.

Ele estava começando a irritá-la. Sua atitude condescendente era tão profunda que não tinha fim. Bancava o pai que tudo sabe e tudo o vê. Como se possuísse alguma maravilhosa capacidade de intuir a natureza de uma alma feminina.

— Claro que testei os cursos de terapia com os pacientes, a alguns anos. Mas entre você e eu...

Deu-lhe uma leve palmada na mão. A palmada do pai sobre o dorso de sua mão. Supunha-se que devia sentir-se adulada, tranquilizada, ou talvez seduzida.

— ...entre você e eu, é pura verborreia. Uma verborreia tediosa. Francamente, para que serve? Todos temos problemas e não se podem superar falando, não é verdade?

“Você não é uma mulher. Não tem a aparência de mulher, não sente como uma mulher...”

— Você disse alguma coisa?

Negou com a cabeça.

— Achei que sim. Por favor, não tenha medo de falar sinceramente comigo.

Ela não respondeu, e o doutor pareceu se cansar de tentar travar um pouco de intimidade. Levantou-se e foi para a janela.

— Penso no que é melhor para você...

Ficou de pé contra a luz, deixando o quarto às escuras, impedindo que ela visse as cerejeiras do jardim, atrás da janela. Observou seus ombros largos e seu quadris estreito. Ele era um homem típico, como diria Ben. Não era do tipo que os meninos tem. Um corpo como aquele fora feito para repovoar o mundo. E se não podia com o mundo, teria que conformar-se com os cérebros.

— Penso no que é melhor para você...

O que ele sabia, com esses lábios e esses ombros? Era muito homem para compreender algo dela.

— Acredito que o melhor para você seria um tratamento a base de sedativos...

Agora pousou os olhos sobre a cintura do doutor.

— ... e umas férias.

Seu espírito se concentrou no corpo que havia por baixo da roupa. Nos músculos, ossos e sangue que havia debaixo da pele elástica. Imaginou todos os ângulos, medindo-o, calculando sua capacidade de resistência e, finalmente, enfocando-o de frente. Pensou:

“Seja uma mulher.”

Nada demais nessa ideia extravagante, mas ela começou a converter-se em realidade. Infelizmente, não foi uma transformação de conto de fadas, a carne do homem resistia a esse tipo de magia. Ela desejou que seu peito masculino desse lugar a duas mamas, e ele começou a inchar-se de uma maneira encantadora, até que a pele cedeu e se despreendeu do esterno. Sua pélvis, esticada e a ponto de estalar, rasgou-se pelo centro, desequilibrado, caiu sobre sua mesa e a contemplou com a face amarela pela comoção. Chupava os lábios sem parar, tentando encontrar um pouco de umidade que lhe permitisse falar. Tinha a boca seca e as palavras morriam antes de nascer. Todo o ruído vinha agora de entre suas pernas: o escoamento do sangue e o golpe surdo do intestino ao cair sobre o tapete.

Gritou ante a absurda monstruosidade que tinha imaginado e se encolheu no canto oposto do quarto, onde vomitou no vaso de barro da seringueira.

“Meu Deus! — pensou. — Isto não pode ser um assassinato. Nem sequer o fiz sentir dor.”

Jacqueline guardou segredo a respeito do que tinha feito naquela tarde. Não fazia sentido ter insônia e ter alguém lhe obrigando a pensar em um talento tão peculiar.

A polícia foi muito amável. Procurou muitas explicações para justificar a súbita morte do doutor Blandish, embora nenhuma delas explicasse porque seu peito se ergueu de uma maneira tão

extraordinária, transformando seu peito em duas formosas (embora peludas) cúpulas.

Concluíram que algum psicopata desconhecido tinha irrompido na sala em um acesso de loucura, cometeu a agressão com mãos, martelos e serras e saiu, prendendo a inocente Jacqueline Ess em um mutismo apavorado do qual nenhum interrogatório conseguiu arrancá-la.

Uma ou várias pessoas desconhecidas tinham enviado, segundo toda evidencia, o doutor para um lugar onde nem os sedativos nem as terapias poderiam lhe servir de ajuda.

Jacqueline quase se esqueceu completamente do episódio durante algum tempo. Mas com o passar dos meses, a lembrança apoderou-se gradualmente dela, como se fosse a lembrança de um adultério mantido em segredo. A ideia do prazer proibido a excitava. Esqueceu-se das náuseas que sentiu e lembrou o poder. Esqueceu a sordidez do que havia feito e recordou a força. Esqueceu a sensação de culpa que se apoderou dela logo depois e desejou voltar a fazê-lo com toda sua alma.

Só que melhor.

— Jacqueline.

“É meu marido — pensou — quem me chama por meu nome completo?” Normalmente era Jackie, Jack ou nada absolutamente.

— Jacqueline.

Olhava-a com seus grandes olhos azuis de menino, como o do colegial que se apaixonou a primeira vista. Mas agora tinha a boca mais dura, e seus beijos tinham sabor de pão rançoso.

— Jacqueline.

— Sim.

— Há algo que quero lhe falar.

“Uma conversa?”, pensou. Devia ser um dia de festa nacional.

— Diga — sugeriu.

Sabia que podia lhe obrigar a falar com seu pensamento se quisesse. Fazê-lo dizer o que ela queria ouvir. Palavras de amor, talvez, se é que ainda podia lembrar como soavam. Mas que sentido teria isso? Era melhor a verdade.

— Querida, afastei-me um pouco do bom caminho...

— O que quer dizer? — inquiriu.

“A verdade, a verdade, bastardo?”, pensou.

— Foi quando você não estava bem. Sabe? Quando as coisas tinham deixado de funcionar entre nós dois. Quartos separados... Você quis quartos separados... e eu fiquei louco de frustração. Não queria te incomodar, assim não disse nada. Mas não há sentido que tentar viver duas vidas.

— Você pode ter um caso se quiser, Ben.

— Não é um caso, Jackie. Eu te amo...

Estava preparando um de seus discursos, podia ver como ele se formava atrás de seus dentes. As justificativas que se convertiam em acusações, as desculpas que degeneravam em ataques a sua forma de ser. Assim que começasse não poderia detê-lo. Não queria ouvi-lo.

— ... Você não se parece em nada consigo mesma, Jackie. É frívola a sua maneira. Suponho que pareceria superficial.

“Talvez seja melhor interrompê-lo agora, antes que crie uma confusão, como de costume.”

— Não é caprichosa como você. É só uma mulher normal, sabe? Não quero dizer que você não seja normal, você não é culpada de ter depressão. Mas ela não é tão sensível...

— Não tem problema, Ben...

— Não, porcaria! Preciso tirar isso do peito.

“E jogar isso em cima de mim”, pensou ela.

— Você nunca me deixa explicar — dizia, — sempre me lança um de seus malditos olhares, como se quisesse que eu...

“Morresse.”

— ... me calasse.

Calar-se.

— Não se importa em como me sinto! — agora gritava. — Sempre encerrada em seu próprio mundo.

“Cale-se”, pensou.

Estava com a boca aberta. Ela pareceu desejar que se fechasse, e ao ter essa ideia suas mandíbulas se fecharam em seco, cortando a ponta da língua rosa. Ela lhe caiu dos lábios e se alojou em uma dobra da sua camisa.

“Cale-se”, voltou a pensar.

As duas legiões perfeitas de dentes se enterraram uma dentro da outra, rasgando-se e abrindo-se, os nervos, o cálcio e a saliva deixaram sair uma espuma rosada sobre seu queixo à medida que a boca lhe escorregava para frente.

“Cale-se”, continuava pensando, enquanto seus olhos azuis e assustados de bebê voltavam a entrar em seu crânio e o nariz deslizava em direção ao cérebro.

Já não era Ben, era um homem com a cabeça de um lagarto vermelho, que se esmagava, enterrava-se em si mesma e, graças a Deus, nunca mais poderia falar nada.

Agora que tinha pego o maldito, começou a concentrar-se nas mudanças que desejava provocar em seu marido.

Atirou-o ao chão com um empurrão e começou a comprimir suas pernas e braços, forçando a carne e o resistente osso em um espaço cada vez mais reduzido. Os órgãos internos se dobraram para dentro, e a malha de seu estômago foi arrancada de suas vísceras e estirada ao redor de seu corpo para envolvê-lo. Os dedos lhe sobressaíam dos ombros, e os pés, que ainda esperneavam furiosos, se afundaram no intestino. Deu-lhe uma última volta para esmagar seu espinha dorsal e convertê-la em uma coluna de trinta centímetros de altura, e deu por finalizada a sessão.

Quando saiu de seu êxtase viu Ben sentado no chão, encerrado em um espaço do tamanho aproximado de uma de suas bonitas malas de couro, enquanto o sangue, a bÍlis e o líquido linfático emanavam fracamente de seu corpo mudo.

“Meu Deus — pensou, — esse não pode ser meu marido! Nunca foi assim de pequeno.”

Desta vez não esperou que a ajudassem. Compreendeu a gravidade do que tinha feito (entendeu, inclusive, como tinha feito) e assumiu o crime porque era justo que agisse assim. Fez as malas e saiu da casa.

“Estou viva — pensou. — Pela primeira vez em toda minha miserável vida me sinto viva.”

Testemunho de Vassi (primeira parte)

Dedico esta historia a quem sonha com mulheres doces e fortes. É uma promessa tanto como uma confissão, assim como as últimas palavras de um homem perdido que só queria amar e ser amado. Aqui estou sentado, tremendo, esperando que caia a noite, aguardando que o fanfarrão do Koos chame outra vez à minha porta e leve tudo o que tenho em troca da chave de sua habitação.

Não sou um homem valente e nunca fui, de forma que me assusta o que me possa acontecer esta noite. Mas não posso passar a vida sonhando em todas as horas, vivendo na escuridão e entrevendo o sol de vez em quando. Cedo ou tarde, é preciso lutar (bonita expressão), levantar e participar dela. Embora isso signifique dar a vida em troca.

Provavelmente só estou dizendo tolices. Quem encontrar este testemunho estará pensando, estará se perguntando quem foi esse imbecil.

Meu nome é Oliver Vassi. Tenho trinta e oito anos. Fui advogado até um ano atrás, até que empreendi a busca que culminou nesta noite com um fanfarrão, uma chave e a rainha das rainhas.

Mas a história começou há mais de um ano. Faz muitos anos que Jacqueline veio me ver pela primeira vez.

Chegou como chuva do céu a meu escritório, dizendo ser a viúva de meu amigo da Faculdade de Direito, Benjamin Ess, e acabei recordando o seu rosto. Um amigo comum que assistiu o casamento mostrou uma fotografia do Ben e de sua noiva deslumbrante. E ali estava ela, com uma beleza tão tocante como prometia a foto.

Lembrei que me senti muito azarado durante esse primeiro encontro. Chegou num momento delicado, e eu estava até o pescoço de trabalho. Mas me cativou tanto que fui me esquecendo de todas as entrevistas do dia, e quando minha secretária entrou me dirigiu um de seus olhares de aço, como se quisesse me jogar um cubo de água fria em cima. Suponho que me apaixonei desde o começo, e ela percebeu a atmosfera elétrica que reinava em meu escritório. Eu a fiz ver que tratava com cortesia a viúva de um antigo amigo. Negava-me a pensar em paixões, não fazia parte de minha natureza, ou isso

acreditava. Que pouco sabemos — quero dizer, sabemos realmente — de nossas aptidões!

A primeira vez que nos vimos, Jacqueline me contou muitas mentiras. Que Ben tinha morrido de câncer, que quanto tinha falado de mim e com quanto carinho.

Suponho que poderia ter me dito a verdade, e eu não a teria levado em conta. Acho que estive completamente submetido a ela desde o começo.

Mas é difícil recordar exatamente como ou quando o interesse por outro ser humano se converte em algo mais comprometido, mais apaixonado. Pode ser que eu invente a impressão que me causou este primeiro encontro, que recrie a história simplesmente para justificar meus excessos posteriores. Não estou seguro. De qualquer forma, ocorresse quando e onde ocorresse, devagar ou depressa, sucumbi ante seus encantos e embarquei nesta aventura.

Não sou um homem particularmente inquisitivo no que concerne a meus amigos ou companheiras de cama. Como advogado tenho passado a vida examinando a porcaria das vidas alheias e, francamente, oito horas por dia de um trabalho parecido me são mais que suficientes. Quando saio do escritório gosto de deixar o próximo em paz. Não bisbilhoto nem me aprofundo nele, só lhe considero do ponto de vista de seu aspecto exterior.

Jacqueline não foi uma exceção a esta regra. Era uma mulher que me alegrava ter em minha vida, fosse qual fosse seu passado. Tinha um sangue-frio maravilhoso, era inteligente, obscena e fina. Nunca tinha conhecido uma mulher mais encantadora. Não era assunto meu como tinha vivido com o Ben, como tinha sido o matrimônio, etc... Essa era sua história. Me bastava viver no presente e deixar que o passado morresse por si só. Acredito que cheguei a me gabar que por muito que tivesse sofrido poderia ajudá-la a esquecê-lo.

Certo que suas histórias eram incoerentes. Como advogado estava treinado para ter vista de águia no referente às invenções, e por mais que tentasse não acreditar no que me dizia a intuição, notava que não era franco comigo. Mas sabia que todo mundo tem seus segredos. “Permitamos que ela também tenha os seus”, pensei.

Só uma vez discuti um detalhe sobre a suposta história de sua vida. Ao falar da morte do Ben, deixou escapar que tinha recebido o que merecia. Perguntei-lhe o que significava isso. Ela sorriu com aquele seu sorriso de Gioconda e me disse que achava que teria que restabelecer o equilíbrio entre homens e mulheres. Não prestei atenção a essa observação. Afinal, então já estava obcecado e à margem de toda esperança de salvação, me fazia feliz poder assentir ante qualquer argumento dela.

Ela era tão formosa... Não em toda a extensão da palavra, não era jovem, nem inocente, nem tinha essa simetria antiga que goza do favor dos publicitários e dos fotógrafos. Seu rosto era a de uma mulher de quarenta e poucos anos, estava acostumada a rir e a chorar, e o costume deixa sinais. Mas tinha a capacidade de transformar-se da maneira mais sutil, fazendo que suas feições fossem tão mutáveis como o céu. À princípio acreditei que se tratava de um truque de maquiagem. Mas quando começamos a dormir juntos com mais frequência e a observei pelas manhãs com os olhos sonolentos, e pelas noites, cansados de cansaço, logo percebi que sobre o esqueleto tinha mais que carne e sangue. O que a transformava era algo interno, era efeito de sua vontade.

E vocês querem saber? Isso me fez querê-la ainda mais.

Foi então quando despertei uma noite com ela ao lado. Frequentemente dormíamos no chão, que ela preferia à cama. As camas, dizia, recordavam-lhe o casamento. Seja como for, naquela noite estava deitada sob um edredom sobre o tapete de minha sala, e eu, por mera adoração, contemplava seu rosto enquanto dormia.

Se um se entregou por completo, observar a pessoa amada enquanto dorme pode tornar-se uma experiência horrível. Talvez alguns de vocês conheçam essa paralisia que se produz ao estudar traços impenetráveis. Chega-se então à conclusão de que algo permanece sempre escondido em algum lugar inacessível da mente alheia. Como disse, para quem se entregou, isso é um horror. Nesses momentos se percebe que só existe uma relação com esse rosto, essa personalidade. Portanto, quando esse rosto está fechado e a personalidade oculta em seu próprio mundo inacessível, se sente

completamente inútil. Como um planeta sem sol girando na escuridão.

Assim me senti aquela noite ao observar seus traços extraordinários, e enquanto meditava sobre a perda de minha alma, seu rosto começou a alterar-se. Era evidente que sonhava, mas devia ter sonhos pequenos! Toda sua constituição estava mobilizada, seus músculos, seu cabelo, a parte inferior das bochechas se moviam sob o controle de algum acontecimento interno. Os lábios se separavam do osso e se alteravam, fervendo, em uma torre de pele, tinha o cabelo revolto ao redor da cabeça como se estivesse deitada sobre a água, a substância de suas bochechas formava estrias e ondulações semelhantes às escarificações rituais de um guerreiro, partes de uma malha inflamada e palpitante lhe inchava o rosto. O conjunto voltava a mudar assim que se formava uma nova máscara. Aquela flutuação me aterrorizava, e devo ter feito algum ruído. Não despertou, mas se aproximou um pouco da superfície do sonho, abandonando as águas profundas de onde procediam aquelas energias. As máscaras desapareceram instantaneamente, e seu rosto voltou a ser o de uma mulher que dorme placidamente.

Essa foi, como se compreenderá, uma experiência decisiva, embora tenha passado os dias seguintes tentando me convencer de que não tinha visto nada.

O esforço foi inútil. Sabia que havia algo estranho nela, e por então estava convencido que ela não sabia de nada. Estava seguro de que havia algo anormal nela, e que faria melhor em investigar seu passado antes de lhe dizer o que tinha visto.

Depois de refletir, parece ridiculamente ingênuo pensar que ela ignorava possuir semelhante poder. Mas me era mais fácil imaginá-la como uma vítima desse malefício que como sua dona. Assim falam os homens das mulheres, não se trata tão somente do Oliver Vassi falando a respeito de Jacqueline Ess. Nós, os homens, não podemos imaginar que o poder se encontre a disposição no corpo da mulher, a não ser que se trate de um menino. Ela não tem poder real. O poder deve estar em mãos masculinas, como um dom divino. Isso é o que nos dizem nossos pais, os idiotas.

Em resumo, investiguei o passado de Jacqueline tão discretamente como pude. Tinha um contato em Nova Iorque, onde o casal viveu, e não foi difícil pôr em marcha algumas averiguações. Meu contato levou uma semana para me contactar, porque teve que desembaraçar uma quantidade considerável de explicações policiais para conseguir intuir algo da verdade, mas trouxe notícias, e elas eram ruins.

Ben estava morto, nisso não tinha mentido. Mas não podia ter morrido de câncer. Meu contato só conseguiu algumas pistas muito vagas sobre o estado do cadáver do Ben, mas lhe permitiram chegar à conclusão de que o tinham mutilado espetacularmente. O principal suspeito? Minha amada Jacqueline Ess. A mesma mulher inocente que ocupava meu apartamento e dormia todas as noites a meu lado.

Assim disse que ela estava me ocultando algo. Não sei o que esperava que respondesse. O que obtive foi uma demonstração de seu poder. Deu-a de boa vontade, sem maldade, mas teria sido estúpido se não tivesse compreendido que aquilo era um aviso. Primeiro me contou como tinha descoberto sua capacidade única de controlar por completo os seres humanos. Quando estava a ponto de suicidar-se, desesperada, encontrou nas curvas mais escondidas de seu ser faculdades cuja existência jamais tinha suspeitado. Poderes que foram emergindo dessas zonas remotas à medida que se recuperava, como os peixes aparecem à luz.

Logo me fez uma pequena exibição desses poderes, me arrancando um a um os cabelos da cabeça. Só doze, foi suficiente como demonstração de suas formidáveis habilidades. Notei como se foram. Ela se limitava a dizer, um de atrás da orelha, e eu sentia um formigamento e um puxão na pele quando os dedos de sua vontade me tiravam um cabelo. Logo outro e outro. Foi uma demonstração incrível, tinha transformado esse poder em uma arte sutil, localizava e eliminava um a um os cabelos de meu crânio com a precisão de pinças.

Na realidade tinha me sentado, rígido de medo, e eu sabia que ela se limitava a brincar comigo. Cedo ou tarde estava certo de que chegaria o momento de me calar para sempre.

Mas tinha dúvidas. Confessou-me que, embora os tivesse aperfeiçoado, seus poderes a assustavam. Disse que necessitava que alguém lhe ensinasse a tirar o máximo deles. E eu não era esse alguém. Era só um homem que a amava, que a tinha amado antes de sua revelação e continuaria amando-a apesar de tudo.

De fato, depois dessa demonstração, criei rapidamente um novo conceito de Jacqueline. Em lugar de temê-la, senti-me ainda mais vinculado àquela mulher que tolerava que eu possuísse seu corpo. O trabalho começou a me irritar, era uma distração que me impedia de pensar em minha amada. Toda a reputação que alcancei começou a desfazer-se. Perdi clientes e respeitabilidade. No transcurso de dois ou três meses, minha vida profissional ficou reduzida a quase nada. Meus amigos se cansaram de mim e os colegas me evitavam.

Não que estivesse chupando meu sangue. Quero deixar isso absolutamente claro. Não era uma vampira nem um súcubo. O que me aconteceu, minha queda em desgraça dentro da vida ordinária, se quiserem, foi culpa minha. Ela não me enfeitiçou, essa é uma mentira romântica para justificar a queda. Ela era um oceano e eu tive que nadar em seu interior. Isso tem algum sentido? Tinha me dedicado muito na vida, no mundo sólido da lei, e estava cansado dele. Ela era líquida, como um mar sem fronteiras contido em um só corpo, um dilúvio em uma casa pequena, e eu me afogaria nele, se tivesse a oportunidade. Mas foi minha decisão. Fique claro. Sempre foi. Decidi ir a sua casa esta noite, e estar com ela pela última vez. Decidi isso livremente.

E que homem não o faria? Ela era (é) sublime.

O mês que se seguiu a essa demonstração de poder vivi em um êxtase permanente em sua presença. Enquanto estive com ela me ensinou maneiras de amar inacessíveis para qualquer outra criatura sobre a terra. Digo inacessível, mas é que com ela nada era inacessível. E quando não estava a meu lado se prolongava o feitiço, parecia ter transformado meu mundo.

E então ela me deixou.

Eu sabia por que, procurava alguém que lhe ensinasse a usar sua força. Mas compreender suas razões não aliviou meu

sofrimento.

Eu desmoronei, perdi meu trabalho, minha identidade e os poucos amigos que ficavam no mundo. Apenas sentia que foram perdas menores comparadas com a de Jacqueline...

— Jacqueline.

“Meu Deus! — pensou. — Este é o homem mais influente do país?” Parecia tão pouco atrativo e tão pouco espetacular... Nem sequer tinha o queixo forte.

Mas Titus Pettifer era o poder.

Dirigia tantos monopólios que não podia nem contá-los. Seus comentários no mundo financeiro podiam destroçar companhias como se fossem de papel, acabar com as ambições de centenas e com as carreiras de milhares de pessoas. A sua sombra fortunas ruíam da noite para o dia, empresas inteiras desmoronavam quando lhes soprava em cima, vítimas de seu capricho. Se algum homem conhecia o poder, era ele. Tinha coisas a ensinar.

— Não se importa que a chame de J., não é?

— Não.

— Esperou muito?

— O suficiente.

— Normalmente não faço mulheres bonitas esperarem.

— Sei que faz.

Ela já o conhecia, dois minutos em sua presença tinham bastado para tomar a medida. Meteria-se com mais rapidez em seu terreno se fosse insolente.

— Sempre chama as mulheres a quem acaba de conhecer por suas iniciais?

— É útil para arquivá-las. Importa-se?

— Depende.

— Do que?

— Do que me dê em troca desse privilégio.

— Assim é um privilégio conhecer seu nome.

— Sim.

— Bom... Sinto-me honrado. A não ser, naturalmente, que conceda esse privilégio a qualquer um.

Negou com a cabeça, Não, compreendeu que não era pródiga em afetos.

— Por que esperou tanto tempo para me ver?

— Por que tive que receber informe de seus assédios a minhas secretárias com exigências contínuas de me ver? Quer dinheiro? Porque se for isso sairá com as mãos vazias. Fiz-me rico graças à mesquinharia, e quanto mais rico fico, mais mesquinho me torno.

A observação era correta, ele a fez com absoluta simplicidade.

— Não quero dinheiro — disse ela com a mesma simplicidade.

— Isso é reconfortante.

— Há homens mais ricos que você.

Ele levantou as sobrancelhas, surpreso. Aquela beleza sabia morder.

— Certo.

Havia pelo menos meia dúzia de homens mais ricos que ele no hemisfério.

— Não sou uma pequena admiradora insignificante. Não vim aqui me fazer com um nome. Vim porque temos interesses comuns, muito que oferecer um ao outro.

— Como o que?

— Eu tenho meu corpo.

Ele sorriu. Era a oferta mais direta que lhe tinham feito em muitos anos.

— E o que lhe dou eu em troca por tanta generosidade?

— Quero aprender...

— Aprender?

— ... a utilizar o poder.

Aquela mulher cada vez lhe parecia mais estranha.

— O que quer dizer? — perguntou para ganhar tempo.

Não a tinha avaliado corretamente, incomodava-lhe, isso o desconcertava.

— Terei que dizer outra vez, de maneira mais educada? — perguntou ela pela sua vez, afetando insolência, com um sorriso que começou a lhe parecer atraente.

— Não é preciso. Quer aprender a usar o poder. Suponho que poderia lhe ensinar...

— Sei que pode.

— Seja clara, sou um homem casado. Virginia e eu estamos juntos a dezoito anos.

— Tem três filhos, quatro casas, uma filha chamada Mirabelle. Odeia Nova Iorque e adora Bangkok, usa camisas com colarinho dezesseis e meio, sua cor favorita é o verde.

— Turquesa.

— Conforme envelhece você se torna mais engenhoso.

— Não sou velho.

— Dezoito anos de casamento envelhecem prematuramente qualquer um.

— Não a mim.

— Prove.

— Como?

— Me possua.

— O que?

— Me possua.

— Aqui?

— Baixe as persianas, feche a porta, desligue o computador e me possua. Eu o desafio.

— Desafiar?

Quanto tempo havia que ninguém o desafiava a algo?

— Desafiar?

Estava excitado. Não tinha se excitado tanto desde os doze anos. Baixou as persianas, fechou a porta e apagou a gráfica de suas fortunas na tela.

“Meu Deus — pensou ela, — ele é meu!”

Não foi uma paixão tão espontânea como a que sentiu por Vassi. Por uma razão, Pettifer era um amante torpe e inexperiente. Por outra, tinha muito medo da sua esposa para ser um adúltero consumado. Acreditava ver a esposa em toda parte, nos vestíbulos dos hotéis em que alugavam um quarto para passar a tarde, nos táxis que se aproximavam de seus pontos de encontro, uma vez inclusive (jurou que a semelhança era absoluta) vestida de garçonete e limpando a mesa de um restaurante. Nada mais que imaginação, mas tolhia a espontaneidade do romance.

Apesar de tudo, ela estava aprendendo com ele. Era tão brilhante nas finanças como inepto no amor. Aprendeu a ser capitalista sem utilizar o poder, a não se deixar afetar pela estupidez que as pessoas com carisma provocam entre os seres comuns, a tomar as decisões simples de uma forma simples, a não ter piedade. Embora a este último respeito não precisava aprender muito. Talvez fosse mais exato dizer que a ensinou a não subestimar nunca sua instintiva falta de compaixão, a julgar friamente quem merecia a extinção e quem podia juntar-se entre os justos.

Ela não se mostrou para ele nem uma só vez, embora utilizasse suas habilidades com absoluta discrição para engendrar o prazer em seu sistema nervoso.

À quarta semana de sua aventura estavam deitados um ao lado do outro em um quarto lilás, enquanto o tráfico de meia tarde rugia a seus pés. Tinha sido uma relação sexual ruim, ele estava nervoso e não conseguiu tirá-lo de seus receios com nenhum truque. Foi muito rápida e quase sem paixão.

Ia lhe dizer algo. Ela sabia, a revelação estava aguardando atrás de sua garganta. Virando-se para ele, massageou-lhe as têmporas com sua mente, tranquilizando-o para que falasse.

Estava a ponto de arruinar o dia. Estava a ponto de arruinar sua carreira. Estava a ponto — “Deus, me ajude!” — de arruinar sua vida.

— Tenho que parar de encontrá-la.

Não se atreveria, pensou ela.

— Não estou seguro do que sei a seu respeito, ou melhor, pelo que acredito saber a seu respeito, mas me faz... ser cuidadoso, J. Você compreende?

— Não.

— Tenho receio do que suspeito... que você cometeu alguns crimes.

— Crimes?

— Você tem passado.

— Quem esteve mexendo nele? — perguntou. — Não foi Virginia?

— Não, Virginia, não. Ela não é nada curiosa.

- Então, quem?
- Não é assunto seu.
- Quem?

Exerceu uma ligeira pressão sobre as têmporas dele. Este gemeu de dor.

- O que há com você? — perguntou ela.
- Estou com dor de cabeça.
- Estresse, é só estresse. Posso ajudá-lo com isso Titus.

Tocou-lhe a fronte com os dedos, suavizando ao mesmo tempo a pressão que exercia sobre ele. Ele suspirou ao aliviar-se.

- Está melhor?
- Sim.
- Quem esteve bisbilhotando, Titus?

— Tenho um secretário pessoal, Lyndon. Já te falei que ele sabe de nossa relação desde o começo. Claro, reserva os hotéis e prepara as histórias que servem de cobertura.

Havia algo infantil em seu discurso que era comovente. Como se estivesse envergonhado de deixá-la com o coração destroçado.

— Lyndon é muito versátil. inventou um montão de histórias para fazer que as coisas entre nós fossem mais simples. Assim não tem nada contra você. Só que viu por acaso uma das fotografias que fiz de você.

- Por que?
- Não devia ter feito, foi um erro. Virginia poderia haver... — parou e recomeçou.

— Seja como for, ele a reconheceu embora não pudesse lembrar de quando a tinha visto antes.

- Mas acabou por lembrar-se.

— Estava acostumado a trabalhar como repórter para um de meus periódicos. Foi assim que chegou a meu ajudante pessoal. Lembrou-se da sua vida anterior, por assim dizer. Jacqueline Ess, mulher de Benjamin Ess, morta.

- Morta.
- Trouxe-me outras fotos, não tão bonitas como as suas.
- Fotografias do que?

— De sua casa. E do corpo de seu marido. Disseram que era um corpo, embora não houvesse nada de humano.

— Desde o começo houve pouca coisa de humano nele — disse com simplicidade, pensando nos olhos frios de Ben e em suas mãos ainda mais frias. — Só merecia que o encerrassem e o esquecessem.

— O que lhe aconteceu?

— A Ben? Foi assassinado.

— Como?

Sua voz tinha tremido um pouco?

— De uma maneira muito simples.

Levantou-se da cama e estava de pé junto à janela. Uma intensa luz de verão penetrava pelas frestas da persiana e os contornos de seu rosto ficavam desenhados por franjas de luz e sombra.

— Você fez isso.

— Sim. — Ele tinha lhe ensinado a ser franca. — Sim, fui eu.

Também tinha lhe ensinado a ser discreta em ameaças.

— Deixe-me e voltarei a fazê-lo.

Ele negou com a cabeça.

— Nunca. Não se atreverá.

Estava de pé ante ela.

— Temos que nos compreender, J. Sou poderoso e puro. Compreende? Meu rosto público não pode ser afetado pelo escândalo. Poderia me permitir uma amante, ou uma dúzia, mesmo se fossem descobertas. Mas, uma assassina? Não, isso me arruinaria a vida.

— Este Lyndon o está chantageando?

Contemplou o dia através das persianas com um olhar angustiado no rosto. Teve uma contração nos nervos da bochecha, sob o olho esquerdo.

— Sim, já que quer saber — reconheceu com uma voz apagada.

— O bastardo me tem nas mãos.

— Compreendo.

— E se ele pode suspeitar, outros também podem fazê-lo. Compreende?

— Eu sou forte, você é forte. Podemos fazê-los dar voltas sobre a ponta dos mindinhos.

— Não.

— Sim. Eu tenho poderes, Titus.

— Não quero saber.

— Saberá — respondeu ela.

Olhou-o, agarrando-o pelas mãos sem tocá-lo. Ele observava com os olhos arregalados enquanto suas mãos se elevavam para lhe tocar o rosto, lhe acariciar o cabelo com o mais carinhoso dos gestos. Fez que seus dedos lhe percorressem o peito com mais ardor do que podia reunir por iniciativa própria.

— Você é muito indeciso, Titus — disse, enquanto lhe obrigava a manuseá-la até quase machucá-lo. — Assim é como eu gosto.

Agora as mãos de Titus se encontravam mais abaixo, fazendo que uma expressão distinta aflorasse do rosto de Jacqueline. Estava invadida por marés, sentia-se completamente viva...

— Mais dentro...

Introduziu o dedo, acariciou-a com o polegar.

— Eu gosto disto, Titus, por que não pode me fazer isso sem que lhe tenha que pedir?

Ele se ruborizou. Não gostava de falar do que faziam juntos. Obrigou-o a entrar mais profundamente, sussurrando.

— Não vou me quebrar, sabe? Virginia pode ser de porcelana de Dresden, mas eu não. Quero sentimento, quero algo que me permita lembrar de você quando não estiver contigo. Nada é eterno, não é verdade? Mas quero algo que me dê calor durante a noite.

Ele estava caindo de joelhos com as mãos postas, por decisão de Jacqueline, sobre seu corpo e dentro dele, percorrendo-a como dois caranguejos luxuriosos. Tinha o corpo empapado de suor. Ela pensou que era a primeira vez que o via suar.

— Não me mate — choramingou.

— Poderia te fazer desaparecer.

“Apagar”, pensou, mas retirou a imagem da mente antes de lhe fazer mal.

— Já sei, já sei — disse ele. — Pode me matar facilmente.

Estava chorando. “Meu Deus — pensou ela, — o homem eminente está a meus pés, choramingando como um bebê! O que posso aprender sobre o poder em uma representação tão pueril como esta?” Tirou-lhe as lágrimas das bochechas empregando mais energia do que a necessária. A pele se avermelhou sob o olhar de Jacqueline.

— Deixe-me, J. Não posso ajudá-la. Não te sirvo para mais nada.

Isso era verdade. Era absolutamente inútil. Liberou-lhe as mãos despreciativamente. Elas caíram flacidamente de ambos os lados.

— Não tente me encontrar jamais, Titus. Compreendido? Não mande seus capangas atrás de mim para proteger sua reputação, porque serei mais desumana do que você jamais tenha sido.

Ele não disse nada, ficou de joelhos de cara para a janela, enquanto ela lavava o rosto, bebia o café que tinham pedido e partia.

Lyndon se surpreendeu ao encontrar a porta de seu escritório aberta. Eram só sete e trinta e seis. Nenhuma das secretárias chegaria antes de uma hora. Uma das mulheres da limpeza devia ter se descuidado e deixou a porta aberta. Descobriria quem foi e a despediria.

Empurrou a porta.

Jacqueline estava sentada de costas para ela. Reconheceu sua cabeça por atrás, a cascata de cabelo castanho. Estava se exibindo como uma prostituta, era muito obscena, muito selvagem. Lyndon tinha seu escritório, adjacente a do senhor Pettifer, meticulosamente arrumado. Lançou-lhe um olhar, tudo parecia no lugar.

— O que você faz aqui?

Tomou um pouco de fôlego, preparando-se.

Aquela era a primeira vez que o fazia premeditadamente. Até então sempre tratou de decisões impensadas.

Ele se aproximou da mesa, deixou sua mala e seu exemplar bem dobrado do *Financial Times*.

— Não pode entrar aqui sem minha permissão.

Ela se virou lentamente sobre o eixo da cadeira, tal como ele estava acostumado a fazer quando tinha que castigar alguém.

— Lyndon.

— Nada do que diga ou faça modificará os fatos, senhora Ess — disse, economizando a dificuldade de introduzir o tema. — Você é uma assassina fria. Não tive outra opção senão informar isso ao senhor Pettifer.

— Fez isso pelo bem de Titus?

— É obvio.

— E a chantagem também é pelo bem do Titus?

— Saia do meu escritório...

— É verdade, Lyndon?

— Você é uma puta! As putas não sabem nada, são ignorantes, animais doentes — cuspiu. — Concordo, você é ardilosa, lhe concedo isso. Mas assim como qualquer prostituta que busca ganhar a vida.

Levantou-se. Ele esperava uma resposta. Não obteve nenhuma ou, pelo menos, não foi verbal. Mas sentiu que o rosto ficava rígido, como se alguém o estivesse pressionando.

— O que... está... fazendo?

Estava lhe reduzindo os olhos a frestas como as de um menino que imitasse um oriental monstruoso, estirava-lhe a boca pelos dois cantos, estreitando-a e conferindo-lhe um sorriso resplandecente. Era difícil pronunciar as palavras...

— Pare...

Ela negou com a cabeça.

— Puta... — repetiu, desafiando-a uma vez mais.

Ela não fez mais que olhá-lo. Sua cara começava a sacudir e contrair-se sob a pressão, os músculos se agitavam espasmodicamente.

— A polícia... — tentou dizer. — Se me puser um dedo...

— Não porei — disse sem necessidade de mentir.

Sentiu a mesma pressão no corpo, por baixo de seus vestidos, lhe estirando a pele, aprisionando-o cada vez mais. Compreendeu que algo ia se romper. Teria alguma parte débil que se rasgaria ante aquele ataque desumano. E começava a rachar-se nada impediria Jacqueline de rachá-lo. Tudo isso lhe ocorreu friamente, enquanto o

corpo dele se contraía e lhe lançava maldições com seu sorriso forçado.

— Vaca! — insultou-a. — Puta sífilítica!

Não parecia estar assustado, pensou.

In extremis, deu rédea solta a todo o ódio que sentia por Jacqueline, de forma que perdeu por completo o medo. Agora voltava a chamá-la de puta, embora tivesse o rosto tão distorcido que era quase impossível reconhecê-lo.

E então começou a rasgar-se.

A fissura começou na ponta de seu nariz e foi para cima, cruzando a fronte, e para baixo, seccionando os lábios, o queixo e em seguida o pescoço e o peito. Em questão de segundos tinha a camisa tingida de vermelho, o traje escuro se tornou ainda mais escuro, jorrava sangue pelos punhos e pelas calças. A pele lhe saiu voando das mãos como as luvas de um cirurgião, e dois círculos de malha escarlate ficaram pendurados de ambos os lados do rosto como as orelhas de um elefante.

Tinha parado de insultá-la.

Já fazia dez minutos que estava morto, mas ela continuava trabalhando vingativamente em seu corpo, esfolando-o e repartindo os pedaços pela sala. Por último, colocou-o de pé, com o traje, a camisa e os brilhantes sapatos vermelhos. Satisfeita pelo espetáculo, liberou-o. Lyndon caiu brandamente sobre um atoleiro de sangue e ali ficou.

“Meu Deus — pensou ao encarar com tranquilidade as escadas dos fundos — isto é um assassinato em primeiro grau!”

Não encontrou menção alguma da morte de Lyndon nos periódicos nem nos boletins informativos. Pelo visto morreu assim como viveu, à margem do conhecimento público.

Mas ela sabia que teriam começado a girar rodas tão grandes que os indivíduos insignificantes como ela não podiam ver seus eixos. Apenas conseguia imaginar o que fariam, que modificações introduziriam em sua vida. E o assassinato do Lyndon não tinha estado motivado só pela dor, embora tenha tido sua parte. Não, tinha pretendido mobilizar ao mesmo tempo tantos inimigos no mundo, e fazer que a perseguissem, obrigá-los a mostrar as garras,

que mostrassem seu desprezo, seu terror. Era como se tivesse passado a vida procurando por um indício que lhe permitisse compreender-se, só era capaz de determinar sua natureza em função do olhar dos olhos alheios. Mas agora ia acabar com aquilo. Era hora de enfrentar-se seus perseguidores.

Certamente todos os que a tinham visto — Pettifer primeiro e logo Vassi — se lançariam em sua busca, e Jacqueline lhes fecharia os olhos para sempre, assim a esqueceriam. Só poderia liberar-se mediante a destruição das testemunhas.

Pettifer não foi em pessoa, naturalmente. Era mais simples encontrar agentes, homens sem escrúpulos nem compaixão, mas com faro para perseguição que envergonhariam um sabujo.

Estavam lhe montando uma armadilha, embora ainda não pudesse lhes ver as faces. Tudo eram presságios. Um voo de pássaros atrás de uma parede, uma luz peculiar em uma janela afastada, ruídos de passos, assobios, homens com trajes escuros lendo periódicos à distancia. Com o passar das semanas não foram se aproximando, mas tampouco partiram. Aguardavam como gatos em cima de uma árvore, com a cauda arrepiada e os olhos preguiçosos.

Mas a perseguição tinha a marca de Pettifer. Tinha aprendido o suficiente dele para reconhecer sua discrição e sua astúcia. Acabariam indo a ela, não quando ela os esperasse, e sim quando eles quisessem. Ou melhor, nem sequer quando eles quisessem, e sim ele. E embora não lhe visse jamais a cara, era como se Titus tivesse em pessoa lhe pisando os calcanhares.

“Meu Deus — pensou, — minha vida está em perigo e isso não me importa!”

Sem um plano que lhes desse sentido, seus poderes sobre a carne não serviam para nada. Ela os tinha utilizado por razões mesquinhas, para satisfazer um prazer nervoso e uma cólera absoluta. Mas essas demonstrações não a tinham aproximado de outros, ao contrário, tinham-na convertido em um monstro.

Às vezes pensava em Vassi, e se perguntava por seu paradeiro. Não era um homem forte, mas guardava um pouco de paixão na alma. Mais que Ben, mais que Pettifer, e certamente mais que

Lyndon. E recordou com carinho que era o único homem que a chamava de Jacqueline. Todos os outros lhe tinham deformado o nome: Jackie, J. ou, nos momentos mais irritantes do Ben, Ju-ju. Só Vassi a tinha chamado de Jacqueline, simples e sinceramente, aceitando-a, a sua maneira formal, em sua totalidade. E quando pensava nele imaginava como poderia voltar para seu lado, sentia medo por Vassi.

Testemunho do Vassi (segunda parte)

Claro que a procurei. Só quando se perde alguém se percebe o absurdo da frase “o mundo é um lenço”. Não é. É um âmbito imenso, devorador, especialmente se estiver sozinho.

Quando era advogado e frequentava sempre às mesmas pessoas, estava acostumado a ver rostos idênticos um ou outro dia. Com alguns trocava palavras, com outros sorrisos, com outros assentimentos. Pertencíamos, embora pudéssemos ser inimigos no tribunal, ao mesmo círculo. Comíamos na mesma mesa e bebíamos juntos. Até compartilhávamos às amantes, embora nem sempre soubéssemos. Em circunstâncias semelhantes, era simples pensar que o mundo não é ruim. Certo que alguém cresce, mas outros fazem o mesmo. Inclusive acredita, de pura satisfação, que o passar dos anos te faz um pouco mais inteligente. A vida é suportável, até os suores das três da manhã, quando se inclina a balança da justiça, tornam-se menos frequentes.

Mas acreditar que o mundo não é ruim é enganar a si mesmo, como acreditar nas chamadas certezas, que de fato não são mais que ilusões compartilhadas.

Quando ela foi embora, todas as ilusões desmoronaram, e todas as mentiras em que me amparei durante a vida adquiriram uma clareza ofuscante.

O mundo não é um lenço quando nele não há mais que um rosto cuja contemplação possa suportar, e esse rosto está perdido em alguma parte do torvelinho. O mundo não é um lenço quando as poucas lembranças vitais do objeto de seu carinho correm o perigo de ser pisoteadas pelas milhares de depressões que lhe assaltam cada dia como meninos puxando a lapela, exigindo sua atenção exclusiva.

Eu era um homem desfeito.

Encontrava-me dormindo em pequenos quartos de hotéis desolados, bebendo mais frequentemente do que comia e escrevendo seu nome, como o típico obsessivo, uma e outra vez, nas paredes, no travesseiro, na palma de minha mão. Rasguei a pele da palma com a caneta e a tinta a infectou. Ainda tenho a marca, estou olhando para ela agora. “Jacqueline — diz, — Jacqueline.”

E então, um dia, eu a vi por acaso. Soa melodramático, mas nesse momento acreditei que ia morrer. Durante tanto tempo tinha imaginado e me torturado desejando voltar a vê-la, que quando consegui meus membros começaram a fraquejar, e vomitei no meio da rua. Não foi um encontro clássico. O amante, ao ver sua amada, vomita na camisa. Mas é que nada do que ocorreu entre nós jamais foi totalmente normal. Ou natural.

Eu a segui, embora isso fosse difícil. Havia aglomerações e ela andava depressa. Não sabia se devia gritar seu nome ou não. Decidi que não. De qualquer forma, o que ela teria feito ao ver aproximar-se um lunático sem se barbear, arrastando os pés e chamando-a pelo nome? Provavelmente teria desatado a correr. Ou, pior ainda, teria se metido em meu peito, me agarrando o coração com sua vontade, e teria acabado com minhas misérias antes que pudesse dizer quem eu era.

Assim permaneci em silêncio e limitei-me a segui-la resignadamente ao que, supus, seria seu apartamento. E ali fiquei, ou nas proximidades, os dois dias e meio seguintes, sem saber bem o que fazer. Era um dilema ridículo. depois de tanto tempo de perseguição, agora que a tinha ao alcance da voz, do tato, não me atrevia a me aproximar.

Talvez temesse a morte. Mas aqui estou, neste quarto pestilento de Amsterdam, escrevendo esse testemunho e esperando que Koos me traga sua chave, e agora não tenho mais medo da morte. Provavelmente foi a proximidade o que me impediu de me aproximar dela. Não queria que me visse destroçado e desolado, queria chegar limpo perante ela, como seu amante sonhado.

Enquanto a esperava, eles apareceram procurando-a.

Não sei quem eram. Dois homens, vestidos com roupas comuns. Não acredito que fossem policiais, eram muito educados, cultos até. E ela não resistiu. Foi sorridente, como se estivesse indo para a ópera.

Assim que pude, voltei para o edifício um pouco melhor vestido, localizei seu apartamento com ajuda do porteiro e irrompi nele. Ela tinha vivido de uma maneira simples. Em um canto do quarto tinha colocado uma mesa e se pôs a escrever suas memórias. Sentei-me para ler e acabei por levar as folhas. Não tinha passado dos sete primeiros anos de sua vida. Perguntei-me, por vaidade, se me citaria no livro. Provavelmente não.

Também levei alguns de seus vestidos, só os que tinha enquanto vivemos juntos. E nada íntimo, não sou um fetichista. Não ia enterrar a cabeça no aroma de sua roupa íntima. Mas queria algo que me recordasse e me permitisse imaginá-la, depois de refletir, cheguei à conclusão de que não sei de outro ser humano melhor preparado para vestir exclusivamente sua pele.

Foi assim que a perdi pela segunda vez, mais por culpa de minha própria covardia que pelas circunstâncias.

Pettifer passou quatro semanas sem se aproximar da casa em que mantinham a senhora Ess. Concediam-lhe mais ou menos tudo o que pedia, salvo a liberdade, embora ela quisesse uma coisa abstrata. Não lhe interessava escapar, coisa que teria sido fácil. Às vezes perguntava se Titus teria dito aos dois homens o que a mulher que mantinham prisioneira naquela casa era capaz de fazer. Imaginou que não. Tratavam-na como se fosse simplesmente uma mulher em quem Titus se prendeu e a quem desejava. Tinham-lhe proporcionado uma senhora com quem deitar-se, apenas isso.

Com uma casa própria e todo o papel que quisesse, voltou a escrever suas memórias desde o começo.

O verão estava avançado e as noites começavam a refrescar. Às vezes se deitava no chão (pediu-lhes que levassem a cama) para esquentar-se e desejava que seu corpo ondulasse como a superfície de um lago. Seu corpo, sem sexo, converteu-se de novo em um mistério para ela. Percebeu pela primeira vez que o amor físico tinha sido uma forma de explorar a região mais íntima, mas

também mais ignorada de seu ser, a carne. Compreendeu-se melhor abraçando outra pessoa, só tinha visto claramente sua substância quando outros lábios, adoradores e gentis, pousavam-se sobre ela. Voltou a pensar em Vassi e, ao fazê-lo, o lago se encrespou como em plena tormenta. Seus seios se elevaram como montes arrepiados, seu estômago foi percorrido por extraordinárias marés, seu rosto se contorceu e atravessavam-na em todos os sentidos correntes que lhe estalavam nos lábios e deixavam seu rastro como as ondas sobre a areia. E se fez tão líquida como o era na lembrança de Vassi.

Pensou nas poucas ocasiões que encontrou o amor, e o amor físico, afastando a ambição e a vaidade, que sempre tinham precedido nesses instantes. Era possível que houvesse outros caminhos, mas tinha pouca experiência. Sua mãe sempre dizia que as mulheres, por estarem mais em harmonia consigo mesmas que os homens, precisavam evadir-se menos de seus conflitos. Mas a experiência lhe tinha demonstrado o contrário. Sua vida estava cheia de feridas, mas desprovida de meios para evitá-las.

Deixou de escrever suas memórias quando chegou aos nove anos. Não quis seguir contar sua história a partir do primeiro aviso da puberdade iminente. Queimou os papéis em uma fogueira que fez em seu quarto no dia em que Pettifer chegou.

“Meu Deus — pensou, — isto não pode ser o poder!”

Pettifer parecia doente, estava tão mudado fisicamente como um amigo de Jacqueline que morreu de câncer. Um mês atrás parecia são, e um mês depois estava abatido, como se tivesse devorado a si mesmo. Parecia a casca de um homem, tinha a pele cinza e salpicada. Só seus olhos brilhavam, mas como os de um cão louco.

Estava vestido imaculadamente, como para um casamento.

— J.

— Titus.

Olhou-a de cima abaixo.

— Você está bem?

— Sim, obrigado.

— Dão-lhe tudo o que pede?

— São anfitriões perfeitos.

— Você não resistiu.

— Resistir?

— A estar aqui. Presa. Depois do que fez a Lyndon esperava outra matança de inocentes.

— Lyndon não era inocente, Titus. Estas pessoas sim. Não lhes foi dito nada.

— Não considerarei isso necessário.

Ele era seu captor, mas agia como um emissário no território de uma potência mais poderosa. Gostava de sua maneira de comportar-se com ela, estava acovardado, mas contente. Fechou a porta e passou a chave.

— Eu a amo, J. E tenho medo de você. De fato, acredito que te amo por causa desse medo. É um vício?

— Eu diria que sim.

— Sim, eu também.

— Por que demorou tanto para vir?

— Tinha que organizar meus assuntos. Senão, quando eu me fosse, seria o caos.

— Se vá?

Olhou-a fixamente, com os músculos do rosto tensos pelo que tinha que dizer.

— Espero que sim.

— Para onde?

Ainda não tinha conseguido entender o que o tinha empurrado até aquela casa depois de organizar seus assuntos, pedir perdão a sua esposa enquanto dormia, fechar todas as vias de fuga e esquecer suas contradições.

Ainda não tinha lhe ocorrido que seu propósito era morrer.

— Só falta você, J. Não restou nada. E não posso ir a nenhuma parte. Você me acompanha?

— Não.

— Não posso viver sem você.

O assunto era imperdoável. Não podia pensar em uma maneira melhor de expressar seus sentimentos? Esteve a ponto de rir de sua trivialidade. Mas ele não tinha acabado.

— ... E certamente não posso viver com você. — O tom mudou abruptamente. — Porque você me dá nojo, mulher, todo seu ser me repugna.

— E então? — perguntou ela brandamente.

— Então... — tornou-se terno de novo, e ela começou a compreender — ... mate-me.

Era grotesco. Estava olhando-a fixamente com os olhos brilhantes.

— É o que desejo. acredite, é tudo o que desejo neste mundo. Mate-me da maneira que você preferir. Irei sem resistência, sem uma só queixa.

Recordou a velha piada. O masoquista diz ao sádico: “Me bate! Pelo amor de Deus, me bate!”. E o sádico ao masoquista: “Não”.

— E se me recusar? — respondeu.

— Não pode se recusar. Sou odioso.

— Pois eu não te odeio, Titus.

— Deveria. Sou fraco. Sou inútil. Não te ensinei nada.

— Ensinou-me muito. Agora posso me controlar.

— A morte do Lyndon foi controlada, não?

— Certamente.

— Pareceu-me um pouco excessiva.

— Recebeu seu castigo,

— Dê-me o que mereço. Eu a prendi. Rechacei-a quando necessitava de mim. Castigue-me por isso.

— Eu sobrevivi.

— J.!

Nem sequer nesse momento supremo foi capaz de chamá-la por seu nome.

— Peço-lhe isso por Deus. É só o que quero de você. Faça isso por qualquer rancor oculto que tenha por mim. Por paixão, por desprezo ou por amor. Mas faça-o, faça-o, por favor.

— Não.

Subitamente, Titus cruzou o quarto e a esbofeteou com raiva.

— Lyndon me disse que você foi uma puta. Tinha razão, você é. Um rato de esgoto, nada mais que isso.

Afastou-se, virou-se, encarou-a outra vez, voltou a golpeá-la com mais rapidez, com mais força, uma e outra vez, seis ou sete vezes, a frente e atrás.

Depois parou ofegante.

— Quer dinheiro?

Agora oferta. Primeiro golpes e depois ofertas. Estava cheio de lágrimas, emocionado, e Jacqueline não podia fazer nada para evitá-lo.

— Quer dinheiro? — repetiu.

— O que você acha?

Não captou o sarcasmo e começou a lançar notas a seus pés, dúzias e mais dúzias, como oferendas ao redor da estátua da Virgem.

— Tudo o que quiser, Jacqueline.

Sentiu algo parecido a dor de estômago quando começou a sentir vontade de matá-lo, mas se dominou. Isso significaria lançar-se em seus braços, converter-se no instrumento de sua vontade, ficar sem poder. Voltavam a utilizá-la, isso era tudo que tinha conseguido em sua vida. Tinham-na criado como se fosse uma vaca, para que rendesse algo. Um pouco de carinho para os maridos, de leite para os bebês, de morte para os velhos. E, como uma vaca, esperava-se que fosse complacente com qualquer petição que lhe fizesse e nas circunstâncias que fossem. Bom, pois desta vez não.

Dirigiu-se para a porta.

— O que está fazendo?

Agarrou a chave.

— Sua morte é assunto seu, não meu.

Titus correu para ela e a alcançou antes que pudesse abrir a porta, e o golpe que lhe deu — por sua força e sua maldade — foi totalmente inesperado.

— Puta! — gritou, e uma chuva de golpes acompanharam o primeiro.

A coisa que em seu estômago queria matar cresceu um pouco mais.

Titus tinha agarrado o cabelo de Jacqueline. Levou-a de rastros para o quarto, gritando uma corrente interminável de obscenidades, como se tivesse aberto um dique cheio de esgoto que se derramava

em cima dela. Para ele era só mais uma forma de conseguir o que queria, disse a si mesma: “Se sucumbir você está perdida, ele está te manipulando”. Os insultos continuavam aumentando, as mesmas palavras sujas que tinham cuspidos a gerações de mulheres insubmissas. Puta, herética, cadela, monstro.

Sim, ela era tudo isso.

“Sim — pensou, — sou um monstro.”

Essa ideia simplificou tudo. Virou-se. Ele soube o que ela se propunha a fazer antes que o olhasse. Deixou cair as mãos de cima de sua cabeça. Jacqueline já tinha a cólera na garganta, estava a ponto de alagá-lo com ela.

“Você me chamou de monstro, logo sou um monstro. Faça isto por mim, não por ele. Nunca por ele. Para mim!”

Ficou boquiaberto quando ela o tocou com sua vontade, e os olhos brilhantes deixaram de brilhar por um momento, o desejo de morrer se transformou em desejo de viver. Muito tarde, claro. Rugiu. Ela ouviu um eco de gritos, passos e ameaças procedente das escadas. Estariam no quarto em questão de segundos.

— Você é um animal.

— Não — respondeu Titus, convencido de que já estava sujeito a sua vontade.

— Você não existe — disse, avançando para ele. — Jamais encontrarão os restos do que foi Titus. Titus desapareceu. O resto só é...

A dor foi terrível. Impediu-lhe de articular palavra alguma. Ou era ela quem lhe modificava a garganta, o paladar e toda a cabeça? Estava lhe separando as placas do crânio e as reorganizando.

“Não — quis dizer, — este não é o ritual refinado que eu tinha previsto. Queria morrer dobrado dentro de você, queria ir com os lábios colados aos seus, encontrando dentro de ti a tranquilidade da morte. Não é assim que quero.”

Não. Não. Não.

Os homens que a tinham vigiado estavam golpeando a porta. Não os temia, naturalmente, mas podiam danificar sua obra antes que lhe desse os últimos retoques.

Alguém se lançou contra a porta. A madeira se rachou e a porta se abriu de repente. Os dois homens estavam armados. Tinham as armas firmemente empunhadas e a apontaram.

— Senhor Pettifer? — perguntou o mais jovem.

No canto do quarto, sob a mesa, brilharam os olhos de Pettifer.

— Senhor Pettifer? — repetiu, ignorando à mulher.

Pettifer negou com sua cabeça esmagada. “Não se aproxime mais, por favor”, pensou.

O homem se abaixou e olhou por baixo da mesa a repugnante besta que estava escondida ali, ensanguentada por causa da transformação, mas viva. Ela tinha matado os nervos, de forma que não sentiu nada de dor. Sobreviveu com as mãos dobradas como garras, as pernas enroladas ao redor das costas, os joelhos virados de tal forma que parecia um caranguejo de quatro patas, o cérebro à vista, os olhos sem pálpebras, a mandíbula inferior destroçada e dobrada sobre a superior como um bulldog, sem lágrimas, a espinha dorsal partida, reencarnou-se em algo que não era humano.

“Você é um animal”, havia dito ela. E o que estava à vista não era uma réplica ruim de sua condição de besta.

O pistoleiro teve ânsias ao reconhecer os fragmentos de seu chefe. Levantou-se e lançou um olhar à mulher.

Jacqueline encolheu os ombros.

— Você fez isto? — perguntou com uma mescla de respeito e repugnância.

Ela assentiu.

— Venha, Titus — disse, estalando os dedos.

A besta negou com a cabeça, soluçando.

— Venha, Titus — insistiu com mais força, e Titus Pettifer saiu rebolando de seu esconderijo, deixando atrás dele um rastro de sangue como um saco de carne furado.

O homem disparou sobre os restos de Pettifer por puro instinto. Apenas para evitar que aquela criatura asquerosa se aproximasse.

Titus deu dois passos atrás cambaleando sobre suas garras ensanguentadas, agitou-se como se quisesse tirar a morte de cima de si e morreu sem conseguir.

— Contente? — perguntou ela.

O pistoleiro levantou o olhar do cadáver. O poder estava falando com ele? Não, a pergunta de Jacqueline era para outro, ela contemplava os restos de Pettifer.

— Contente?

O pistoleiro deixou cair sua arma. Seu companheiro fez o mesmo.

— Como isso aconteceu? — perguntou o homem que estava junto à porta.

Era uma pergunta simples, uma pergunta infantil.

— Ele pediu — disse Jacqueline. — Era tudo o que eu podia dar. O homem da pistola assentiu e caiu de joelhos.

Testemunho do Vassi (última parte)

O azar desempenhou um papel estranhamente importante em meu romance com Jacqueline Ess. Às vezes parece que tinha estado sujeito a qualquer acontecimento que estremecesse o mundo, afetado pelo mais ínfimo capricho do destino. Em outras ocasiões, tive a suspeita de que era ela quem estava dirigindo minha vida com sua mente, como fazia com centenas, com milhares de pessoas, preparando todos os meus encontros casuais, coreografando minhas vitórias e minhas derrotas, me guiando cegamente até o último encontro.

Encontrei-a sem saber que a tinha encontrado, essa foi a ironia. Primeiro segui sua pista até uma casa no Surrey, uma casa que no ano anterior tinha sido testemunha da morte de um tal Titus Pettifer, um multimilionário assassinado por um disparo de um de seus guardas pessoais. No piso de acima, onde tinha acontecido o crime, tudo era serenidade. Se ela realmente esteve ali, tinham apagado todos os seus rastros. A casa, agora quase em ruínas, foi objeto de todo tipo de grafites, e sobre a parede de gesso manchada do quarto alguém tinha desenhado os traços de uma mulher. Tinha atributos exageradamente obscenos, e em seu sexo aberto reluzia o que parecia um raio. A seus pés se encontrava uma criatura de uma espécie indeterminada. Talvez um caranguejo ou um cão, ou talvez um homem. Fosse o que fosse, não tinha controle sobre si mesmo. Estava sentado à luz da presença torturante daquela mulher, e por

sua expressão parecia considerar-se um escolhido. Olhando para aquela criatura murcha com os olhos voltados para contemplar a Madonna ardente, soube que o quadro era um retrato de Jacqueline.

Não sei quanto tempo estive olhando para o grafite, mas fui interrompido por um homem que parecia se encontrar em piores condições que eu. Sem se barbear nem se lavar, seu porte refletia tal abatimento que me surpreendeu que conseguisse manter-se ereto. Soltava um fedor que não teria envergonhado um gambá.

Não cheguei a saber seu nome, mas me disse que era o autor do quadro na parede. Era fácil acreditar. Seu desespero, sua fome, sua confusão, tudo eram indícios de que aquele homem tinha visto Jacqueline.

Estou certo de que se fui duro ao interrogá-lo, perdoou-me por isso. Contar tudo o que tinha visto no dia em que Pettifer foi assassinado e saber que eu acreditava com convicção foi para ele um alívio. Disse-me que seu companheiro de serviço, o homem que efetuou os disparos que acabaram com Pettifer, havia se suicidado no cárcere.

Sua vida, disse, carecia de sentido. Ela o tinha tirado. Consolei-o como pude, dizendo que ela não era má e que não devia temer que voltasse para acabar com ele. Quando lhe disse isso pôs-se a chorar, na minha opinião mais desamparado que aliviado.

Por último perguntei-lhe se sabia onde Jacqueline estava. Acredito que deixei essa pergunta para o final, a que mais me interessava, porque não me atrevi a supor que pudesse respondê-la. Mas, graças a Deus, conhecia seu paradeiro. Não abandonou a casa imediatamente depois da morte de Pettifer. sentou-se junto a ele e ele lhe falou tranquilamente de seus filhos, sua esposa e seu carro. Perguntou-lhe por sua mãe, e lhe respondeu que foi prostituta. “Tinha sido feliz?”, perguntou-lhe Jacqueline. Respondeu-lhe que ignorava. “Ela chorou alguma vez?”, inquiriu. Disse-lhe que nunca a ouviu rir ou chorar em sua vida. E Jacqueline assentiu e lhe agradeceu.

Mais tarde, antes de suicidar-se, o outro pistoleiro lhe disse que Jacqueline foi para Amsterdam. Tinha descoberto isso de um

homem chamado Koos. E assim começa a fechar o círculo, não é verdade?

Passei sete semanas em Amsterdam sem encontrar uma só pista de seu paradeiro até ontem à tarde. Foram sete semanas de castidade, o que era incomum para mim. Decaído e frustrado, dirigi-me ao bairro das prostitutas em busca de uma mulher. Sentavam-se junto às janelas, sabem? Como manequins, ao lado de abajures de franjas rosadas. Umas tinham pequenos cães no colo, outras liam. A maioria delas se limitavam a olhar a rua como se estivessem hipnotizadas.

Não encontrei caras que me interessassem. Todas pareciam tristes, apagadas, muito distintas à sua maneira. Entretanto, não podia ir embora. Era como um menino gordo em uma loja de caramelos, muito enojado para comprar algo, mas muito guloso para me afastar dali.

No meio da noite, um homem jovem entre a multidão se dirigiu para mim. Depois de uma inspeção mais detalhada, percebi que não tinha nada de jovem, mas sim que estava muito maquiado. Não tinha sobrancelhas, só traços de lápis sobre a pele brilhante. Um cacho de pentes dourados na orelha esquerda, um anel no dedo médio na mão enluvada de branco, sandálias abertas, unhas pintadas. Agarrou-me a manga como se eu fosse sua propriedade.

Certamente sorri burlonamente ante seu aspecto doentio, mas não pareceu que meu desprezo o incomodasse. “Você parece ser um homem judicioso”, disse. Não me parecia em nada com isso. “Deve estar equivocado, respondi.” “Não — replicou, — não estou equivocado. Você é Oliver Vassi.”

Absurdamente, minha primeira ideia foi que pretendia me matar. Tentei escapar, mas tinha me agarrado fortemente.

“Quer uma mulher”, disse. Exitei o suficiente para que interpretasse como um sim minha negativa? “Tenho uma mulher que não se parece com nenhuma — prosseguiu,

— é um milagre. Sei que vai querer conhecê-la carnalmente.”

O que me fez saber que me falava de Jacqueline? Talvez tivesse me reconhecido entre a multidão, como se ela estivesse em alguma janela ordenando que levassem seus admiradores até ela,

igual a um comensal escolhendo sua lagosta do aquário. Talvez também a forma que seus olhos brilharam, sem medo, ao encontrar-se com os meus, porque o medo, como o êxtase, só sentia na presença de uma criatura neste mundo cruel. Não pôde ocorrer também que eu me visse refletido em seu aspecto de delinqüente? Conhecia Jacqueline sem dúvida alguma.

Sabia que eu estava fascinado, porque assim que vacilei se virou com um ligeiro encolhimento de ombros como se dissesse: perdeu sua oportunidade. “Onde ela está?” perguntei agarrando-o por um braço tão magro como um ramo. Assinalou a rua abaixo com a cabeça e o segui, tão estúpido de repente como qualquer idiota da turba. A rua se esvaziava à medida que avançávamos, e as luzes vermelhas deram espaço primeiro a penumbra e logo em seguida à escuridão. Perguntei-lhe uma dúzia de vezes para onde íamos, mas preferiu não responder até que chegamos a uma porta estreita de uma casa estreita de uma ruela da largura de uma navalha de barbear. “Aqui estamos”, anunciou, como se aquele lugar fosse o palácio de Versalhes.

Na casa, que pelo resto estava vazia, havia um quarto com uma porta negra no alto de dois lances de escadas. Empurrou-me para ela. Estava fechada.

— Olhe — disse. — Está lá dentro.

— Está fechada — repliquei.

Tinha o coração a ponto de estalar, estava perto, seguro, sabia que ela estava perto.

— Olhe — voltou a dizer, e me indicou um pequeno buraco no painel da porta. Devorei a luz que saía por ele, apertando o olho para vê-la pelo pequeno buraco.

O pequeno quarto estava vazio, salvo um colchão e Jacqueline. Jazia com os membros estendidos, as mãos e os tornozelos amarrados a grossos postes cravados no chão nos quatro cantos do colchão.

— Quem fez isso? — perguntei sem afastar os olhos de sua nudez.

— Ela mandou — replicou. — É desejo dela, quer assim.

Tinha ouvido minha voz, ergueu a cabeça com certa dificuldade e olhou diretamente para a porta. Ao me olhar, todos os cabelos da minha cabeça se arrepiaram, juro, em sinal de boas-vindas, e ondularam a sua vontade.

— Oliver — chamou.

— Jacqueline.

Pronunciei seu nome dando um beijo na madeira. Todo seu corpo fervia, seu sexo depilado se abria e fechava como uma planta deliciosa, púrpura, lilás e rosa.

— Deixe-me entrar — pedi a Koos.

— Não sobreviverá a uma noite com ela.

— Deixe-me entrar.

— É cara — me avisou.

— Quanto quer?

— Tudo o que tem. A camisa que veste, o dinheiro, as joias, logo será dela. Queria jogar a porta abaixo ou lhe quebrar um a um seus dedos manchados de nicotina até que me desse a chave. Ele adivinhou meus pensamentos.

— A chave está escondida — advertiu — e a porta é resistente. Tem que pagar, senhor Vassi. Além disso, você quer pagar.

Ele estava certo. Eu queria pagar.

— Quer me dar tudo o que teve alguma vez, tudo o que foi. Quer perder-se com ela sem que nada o retenha. Já sei. Assim é que todos vão a ela.

— Todos? São muitos?

— É insaciável — disse sem entusiasmo. Não era presunção de fanfarrão, pelo contrário, constituía um sofrimento para ele, conforme compreendi claramente. — Não paro de trazer-lhes e de enterrá-los.

Enterrá-los.

Essa, suponho, é a tarefa de Koos, desfazer-se dos mortos. E depois desta noite me porá em cima suas mãos de unhas esmaltadas, me arrancará do lado de Jacqueline quando estiver ressecado e lhe seja inútil e encontrará algum poço, canal ou forno para me jogar. A ideia não era muito atrativa.

E, entretanto, aqui estou. Todo o dinheiro que ganhei com a venda do pouco que tinha colocado na mesa à minha frente, sem dignidade, com a vida pendendo de um fio, esperando um fanfarrão e uma chave.

A noite já está avançada e ele não foi pontual. Mas acredito que é obrigado a vir. Não pelo dinheiro, provavelmente tenha poucas necessidades além do rimel e da heroína. Deverá negociar comigo porque ela exige e o tem tão aterrorizado como a mim. Sim, virá. É obvio que virá.

Bom, acredito que já é suficiente.

Este é meu testemunho. Não tenho tempo de voltar a lê-lo. Já escuto seus passos na escada (ele manca) e devo ir com ele. Recomendo apenas a quem o encontrar para que o use como achar conveniente. Pela manhã estarei morto e serei feliz. Acreditem.

“Meu Deus — pensou, — Koos me enganou!”

Vassi tinha estado do outro lado da porta, tinha notado mentalmente a presença de sua carne e ela o tinha abraçado. Mas Koos não lhe permitiu entrar, apesar das suas ordens explícitas. Entre todos os homens só Vassi devia ter acesso livre, e Koos sabia. Mas a tinha enganado, igual a todos, salvo Vassi. Com ele (talvez) tinha havido amor.

Passava toda a noite deitada na cama, sem dormir jamais. Raramente dormia mais que alguns poucos minutos, e só quando Koos a vigiava. Fera-se enquanto dormia, mutilava-se sem perceber, despertava sangrando e gritando, com agulhas cravadas por toda parte, agulhas que tinha fabricado com sua própria pele e seus próprios músculos, parecia um cacto de carne.

Supôs que seria de noite outra vez, embora fosse difícil ter certeza. Naquele quarto de cortinas opacas e uma só lâmpada, sempre era dia para os sentidos, e uma noite perpétua para a alma. Morreria com dores nas costas e nas nádegas, escutando os longínquos sons da rua, às vezes cochilando um pouco, outras comendo da mão de Koos, sendo lavada, asseada e utilizada.

Uma chave girou na fechadura. Curvou-se sobre o colchão para ver quem era. A porta estava abrindo... abria-se... abriu-se totalmente.

Vassi. Deus, era Vassi, por fim! Viu-o cruzar o quarto e dirigir-se para ela.

“Espero que não seja outra lembrança — implorou, — por favor, que seja ele desta vez, em carne e osso.”

— Jacqueline.

Pronunciou o nome de sua carne, o nome inteiro.

— Jacqueline.

Era ele. Atrás dele, Koos olhava o vão entre suas pernas, fascinado pela dança de seus lábios.

— Koos... — chamou tentando sorrir.

— Eu o trouxe — disse-lhe com um sorriso, mas sem afastar os olhos de seu sexo.

— Um dia — sussurrou ela. — esperei um dia, Koos. Você me fez esperar...

— O que é um dia para você? — objetou sem parar de sorrir.

Já não necessitava mais do fanfarrão, embora ele ignorasse isso. Em sua inocência, acreditou que Vassi era só mais um dos que tinha seduzido em seu caminho, um homem a quem exaurir e despachar, como o resto. Koos estava convencido de que continuaria sendo necessário no dia seguinte, por isso jogava limpamente aquele jogo mortal.

— Feche a porta — pediu-lhe. — Fique se quiser.

— Ficar? — Seu tom era imoral. — De verdade? E olhando?

Ele olhava de qualquer forma. Ela sabia que a observava pelo buraco que tinha feito na porta, às vezes o ouvia ofegar. Mas desta vez deixou que ficasse para sempre.

Cuidadosamente, Koos tirou a chave, fechou a porta, deslizou a chave na fechadura interior e a fez girar. Matou-o assim que fechou o fecho, antes que pudesse se virar para olhá-la de novo. Não houve nada espetacular na execução, limitou-se a meter-se em seu peito de pomba e lhe esmagar os pulmões. Koos desabou contra a porta e deslizou até o chão, manchando a madeira com o rosto.

Vassi nem sequer se virou para vê-lo morrer, ela era tudo o que queria ver.

Aproximou-se do colchão, abaixou-se e começou a lhe desatar os tornozelos. Tinha a pele machucada, a corda estava cheia de

crostas de sangue velho. Desfez os nós com parcimônia, encontrando uma calma que acreditava ter perdido, pela simples alegria de estar por fim ali, incapaz de voltar, e sabendo que o caminho que tinha diante de si conduzia para ela.

Quando terminou de soltar os tornozelos começou a soltar as mãos, tampando a visão do teto ao inclinar-se sobre ela. Sua voz era suave.

— Por que deixou que ele fizesse isto?

— Tinha medo...

— Do que?

— De me mover. Até de viver. Cada dia era uma agonia.

— Sim.

Ele compreendeu perfeitamente aquela incapacidade total de existir. Notou que estava a seu lado, despindo-se, e logo depositando um beijo na pele cítrica do corpo que ocupava. Levava a marca de seus sofrimentos, a pele tinha sido esticada mais do que podia e ficou coberta de estrias para sempre.

Deitou-se ao lado dela, e a sensação de colar seu corpo ao da mulher não foi desagradável.

Tocou-lhe a cabeça. Tinha as articulações rígidas, seus movimentos eram dolorosos, mas queria lhe atrair o rosto para o seu. Ele entrou sorridente em seu campo de visão e se beijaram.

“Meu deus — pensou ela, — estamos juntos!”

E pensando que estavam juntos, sua vontade se materializou. Sob os lábios de Oliver se dissolveram os traços de Jacqueline, que se converteu no mar vermelho que ele tinha sonhado e se estrelou contra seu rosto, que também estava se dissolvendo no caudal comum, feito de vontade e de ossos.

Ela o atravessou com seus seios pequenos como flechas, ele, com a ereção aguda pelo desejo, matou-a com um só impulso. Envoltos em uma onda de amor, pensaram em sua extinção e, extinguíram-se.

Fora, o mundo cruel seguia lamentando-se, e o bate-papo de compradores e vendedores se prolongou toda a noite. Finalmente, a indiferença e a fadiga fizeram presa do mais ávido dos mercados.

Dentro e fora das casas reinava um silêncio reparador, era o fim dos encontros e das despedidas.

AS PELES DOS PAIS

O carro tossiu, falhou e morreu. Davidson percebeu então como o vento soprava sobre a estrada deserta, penetrando pelas frestas da grade de seu Mustang. Tentou reanimar o motor, mas este se negou a voltar a funcionar. Exasperado, deixou escorregar suas mãos suadas pelo volante e inspecionou o território. Não havia nada além de ar quente, rochas quentes e areia quente em qualquer direção. Estava no Arizona.

Abriu a porta e Saiu para o pó ardente da auto-estrada. Esta se estendia para frente e para trás sem uma só curva, até o pálido horizonte. Entrecerrando os olhos só podia discernir as montanhas, mas quando tentava distinguir seu contorno a neblina solar as dissipava. O sol já estava lhe corroendo a cabeça, cujo cabelo loiro começava a rarear. Levantou o capô e olhou desesperançado para o motor, lamentando sua falta de conhecimentos mecânicos. “Jesus! — pensou. — por que não fazem estes malditos carros a prova de estúpidos?”

E então ouviu a música.

Tão longínqua, que a princípio ressoou em seus ouvidos como um assobio, mas foi crescendo em intensidade.

Era música, embora estranha.

De onde vinha? O vento percorrendo os cabos telefônicos, era uma onda de ar sem origem, ritmo nem coração que lhe arrepiava os cabelos do pescoço e os mantinha rígidos. Tratou de ignorá-la, mas não desaparecia.

Tirou a cabeça da sombra do capô para tratar de procurar ajuda, mas a estrada estava vazia em ambas as direções. Só quando escrutinou o deserto para o Sudeste pôde ver uma linha de pequenas figuras andando, arrastando-se ou dançando no limite de

sua visão, era uma linha líquida devido ao calor que emanava da terra. A procissão, se fosse isso, parecia larga, e abria pelo deserto um caminho paralelo à auto-estrada. Seus caminhos não se cruzariam.

Davidson lançou outro olhar às vísceras de seu veículo, que estavam esfriando, e logo voltou a olhar a comitiva de bailarinos.

Indubitavelmente, necessitava de ajuda.

Começou a andar pelo deserto em direção a eles.

Fora da auto-estrada, o pó, que os carros não calcavam, estava solto, a cada passo saltava ao rosto. Progredia lentamente, começou a trotar, mas continuavam se afastando. Pôs-se a correr.

Por cima do estrondo dos batimentos do seu coração pôde ouvir mais forte a música. Não tinha aparentemente nenhuma melodia, mas era uma mistura constante de muitos instrumentos, uivos e assobios, rufos de tambor e rugidos.

A cabeça da procissão já tinha desaparecido, absorvida pela distância, mas ainda se via a cauda dos celebrantes (se eram isso). Modificou um pouco seu rumo para adiantar-se a eles, jogando um breve olhar a suas costas para ver o caminho de volta. Seu veículo dava uma sensação de solidão que lhe revolveu o estômago, tão pequeno como um escaravelho na estrada, esmagado por um céu em ebulição.

Seguiu correndo, e talvez um quarto de hora mais tarde começou a ver com mais clareza a procissão, embora quem a encabeçava se mantinha fora do alcance de sua vista. Começou a pensar que se tratava de uma espécie de carnaval, por extraordinário que fosse naquele lugar, em meio daquela terra de ninguém. Contudo, os últimos bailarinos do desfile sem dúvida foram disfarçados. Cobriam a cabeça com roupas e máscaras que lhes davam uma altura muito superior a de um homem, e suas plumas coloridas revoavam e as serpentinas se enrolavam no ar. Fosse qual fosse o motivo da celebração, agiam como bêbados, apressando um momento e saltando pouco depois, alguns retorcendo-se pelo chão, com o estômago contra a terra quente.

Os pulmões de Davidson se achavam destroçados por causa do esgotamento, e estava claro que perdia a corrida. Quando já se

aproximava da procissão, esta começou a progredir a um ritmo mais rápido do que sua força ou sua vontade lhe permitiam manter.

Parou apoiando os braços sobre os joelhos para apaziguar seu torso dolorido, e olhou por baixo das sobranceiras empapadas de suor para seus salvadores, que já desapareciam. Logo, utilizando toda a energia que lhe restava, gritou:

— Parem!

A princípio não obteve resposta. Logo, através das fendas dos olhos, acreditou ver que alguns farristas paravam. Ergueu-se um pouco mais. Sim, um ou dois estavam olhando para ele. Mais que vê-lo notou, tinham os olhos cravados nele.

Começou a dirigir-se para eles.

Alguns dos instrumentos tinham deixado de tocar, como se seus tocadores estivessem comentando sua presença. Definitivamente o tinham visto, não havia a menor dúvida.

Continuou andando, agora com mais rapidez, e começou a distinguir entre a neblina os detalhes da procissão.

Reduziu um pouco o passo. O coração, que já martelava de cansaço, deu-lhe um salto no peito.

— Meu Deus! — exclamou, e pela primeira vez em seus trinta e seis anos de ateísmo, essas palavras foram uma autêntica oração.

Estava a uns oitocentos metros deles, mas o que via era inconfundível. Seus olhos doloridos sabiam distinguir a diferença da carne e a ilusão da realidade contrafeita.

As criaturas que estavam no final da procissão, os últimos dos últimos, os parasitas, eram monstros cujo aspecto superava todos os pesadelos da loucura.

Talvez tivessem seis metros de altura. Sua pele, que lhes caia enrugada dos músculos, era uma capa de pontas agudas, sua cabeça, um cone de dentes para o ar, implantados sobre gengivas escarlate. Um outro tinha três asas, e com sua cauda de três pontas sacudia o pó com um entusiasmo de réptil. O terceiro e o quarto estavam costurados em uma união de monstruosidades, cujo conjunto era mais repelente que cada uma de suas partes. Apesar de sua distância e sua amplitude, esse horror simbiótico estava unido em um matrimônio viscoso, com os membros alojados na carne de seu

companheiro, atravessando-a. Embora tivessem as línguas entrelaçadas, conseguiam proferir um uivo cacofônico.

Davidson deu um passo atrás e olhou o carro e a auto-estrada. Ao fazê-lo, uma daquelas coisas, negra e vermelha, começou a gritar com o som de um apito. A quase um quilômetro de distância, o assobio perfurou a cabeça do Davidson. Voltou a olhar para a procissão.

O monstro que gritou tinha abandonado seu posto no desfile, e as garras de seus pés esmurravam o deserto ao correr em direção a Davidson. Um pânico incontável se apoderou deste, e notou que suas calças se encheram calças quando seus intestinos o traíram.

A coisa estava correndo para ele com a velocidade de um guepardo, crescendo a cada segundo, de forma que a cada pernada podia ver mais detalhes de sua anatomia alienígena, as mãos sem polegares e com palmas dentadas, a cabeça com um só olho tricolor, o tendão dos ombros e do peito, e os genitais eretos de fúria ou (Deus tenha piedade de mim) de luxúria, bífidos e lhe golpeando o abdômen.

Davidson proferiu um grito que quase se igualou ao do monstro, e saiu correndo em sentido inverso pelo caminho que o tinha levado até ali.

O carro estava a dois ou três quilômetros de distância, e sabia que não ia servir de refúgio embora chegasse a ele antes que o monstro o apanhasse. Nesse momento percebeu o quão perto estava da morte, da proximidade que tinha estado sempre ali, e desejou compreender, embora só por um instante, a razão daquele estúpido horror.

O monstro já estava muito perto dele, e suas malditas pernas se dobraram, caiu, arrastou-se e começou a rastejar para o carro. Quando ouviu o ressonar dos pés da coisa a suas costas, se encolheu instintivamente, fazendo um bolo de carne e esperou o golpe mortífero.

Aguardou pelo espaço de duas pulsações.

Três. Quatro. E continuava sem chegar.

A altura do grito tinha alcançado um volume intolerável e agora estava diminuindo um pouco. As mãos rangentes não tocaram

seu corpo. Cuidadosamente, esperando que lhe separassem a cabeça do pescoço em qualquer momento, olhou por entre os dedos.

A criatura o tinha ultrapassado.

Ou melhor, desdenhoso de sua fragilidade, tinha-o superado e continuava correndo para a auto-estrada.

Davidson percebeu o cheiro de suas fezes, de seu medo. Sentiu-se curiosamente ignorado. Atrás dele, o desfile tinha reassumido a marcha. Só um ou dois monstros continuavam olhando por cima do ombro para ele, enquanto entravam no pó.

O assobio mudou de volume. Davidson levantou cuidadosamente a cabeça do chão. O ruído estava quase fora do alcance de seus ouvidos, era só um gemido agudo ressoando na sua cabeça dolorida.

Levantou-se.

A criatura tinha saltado sobre o carro. Tinha a cabeça arremessada para trás em uma espécie de êxtase, sua ereção era mais evidente que nunca e o olho de sua cabeça lançava brilhos. Com uma última queda da voz, que fez inaudível o assobio para um homem, inclinou-se sobre o carro, destroçando o para-brisa e enrolando suas mãos gigantes no teto. Começou então a rachar o metal como se fosse papel, com o corpo contraído pelo júbilo e sacudindo a cabeça. Assim que arrancou o teto saltou sobre a auto-estrada e atirou o metal para o ar. Este voou pelo céu e caiu surdamente no chão do deserto. Davidson pensou fugazmente o que poderia dizer ao acionar o seguro. Agora a criatura estava destroçando o veículo. Arrancou as portas, amassou o motor, arrebitou os amortecedores e tirou as rodas de seus eixos.

Até o nariz de Davidson chegou o inconfundível fedor de gasolina. logo que percebeu aquele aroma, uma lâmina de metal raspou em outra, e a criatura e o carro ficaram envoltos em uma coluna de fogo, que se tornou negra por causa da fumaça quando os dois se tornaram uma bola sobre a auto-estrada.

A coisa não pediu ajuda, ou se o fez não ouviram seus gritos. Saiu cambaleando- se daquele inferno com a carne ardendo e cada centímetro de seu corpo em chamas, agitou grosseiramente os braços em vão tentando apagar o fogo, e começou a se afastar

correndo pela auto-estrada em direção as montanhas, fugindo da causa de sua agonia. De suas costas emergiam chamas, e o ar se espessava com o aroma de carne torrada.

Mas, embora o fogo o estivesse devorando, não caiu. A corrida continuou interminavelmente até que o calor o dissolveu ao longe na auto-estrada e desapareceu.

Davidson caiu de joelhos. A merda em suas pernas já estava seca por causa do calor. O carro continuava ardendo. A música tinha desaparecido por completo, assim como a procissão.

Foi o sol o que o arrancou da areia e o conduziu de novo para seu carro destroçado.

Seu rosto estava desprovido de expressão quando um veículo parou na auto- estrada para recolhê-lo.

O xerife Josh Packard olhou com reticência os rastros de garras que havia no chão, em frente a ele. Estavam desenhadas sobre uma graxa que se solidificava lentamente, a carne líquida do monstro que tinha atravessado correndo a rua principal (e única) de Welcome alguns minutos antes e desabou-se exalando o último fôlego, morreu feito uma bola ressecada a pouca distância do banco. As ocupações habituais de Welcome, o comércio, os debates, os olá-tudo bem, interromperam-se. Um ou dois indivíduos nauseabundos tinham sido recebidos no vestíbulo do hotel enquanto o aroma de carne chamuscada espessava o limpo ar desértico da cidade.

O fedor recordava uma mescla de pescado muito cozido e cadáver em decomposição. Packard estava indignado. Aquela era sua cidade, ele a controlava e protegia. Não podia ver com bons olhos a intromissão de semelhante bola de fogo.

Sacou a pistola e começou a caminhar para aqueles restos. As chamas quase se apagaram, depois de queimá-lo. Apesar de estar tão consumida pelo fogo, a coisa conservava uma massa considerável. O que uma vez deviam ser seus membros estavam divididos ao redor do que pôde ter sido sua cabeça. O resto era irreconhecível. No fim das contas, Packard estava contente de receber aquele presente. Mas entre a massa de carne derretida e ossos enegrecidos percebia formas desumanas suficientes para sentir-se nervoso.

Era um monstro, disso não havia dúvida.

Uma criatura procedente da terra, saída dela, certamente. Saída do mundo subterrâneo e a caminho da grande concha para participar de uma noite de festa. Mais ou menos uma vez a cada geração, seu pai havia dito, o deserto vomita seus demônios e os libera por um tempo. Sendo um menino com opinião própria, Packard jamais acreditou nas estórias de seu pai, mas aquilo não era um demônio?

Fosse qual fosse a desgraça que tinha levado a cidade aquela monstruosidade ardente para morrer, Packard gostou de ter essa prova de sua vulnerabilidade. Seu pai nunca tinha feito referência a ela.

Sorrindo pela metade ante a ideia de dominar aquela aberração, Packard deu um passo para os restos fumegantes e lhes deu um chute. Os espectadores, ainda assustados nos alpendres, fizeram coro com admiração pela sua valentia. O meio sorriso lhe atravessou o rosto. Esse chute lhe valeria uma noite de bebida, talvez até uma mulher.

A coisa estava de barriga para cima. Com o olhar desapaixionado de um chutador profissional de demônios, Packard examinou a confusão de membros que era a cabeça. Estava bem morto, isso era óbvio. Embainhou a pistola e se inclinou sobre o corpo.

— Pegue uma câmara, Jedediah — ordenou, impressionando inclusive a si mesmo.

Seu ajudante saiu disparado para o escritório.

— O que precisamos é de uma foto desta beleza.

Packard se apoiou sobre seus quadris e tocou os membros enegrecidos da coisa. Ia perder as luvas, mas a perda seria recompensada pelo que o gesto ia beneficiar a sua imagem pública. Sentiu que o olhavam com admiração quando tocou a carne, e começou a separar um membro da cabeça do monstro.

O fogo tinha soldado seus componentes, e teve que arrancar o membro com um puxão. Mas saiu com um ruído amortecido, deixando descoberto, na cara que havia debaixo, um olho ressecado pelo fogo. Deixou cair o membro onde estava, com um gesto de repugnância. Não foi mais que um batimento do coração.

De repente, o braço do demônio se ergueu sinuoso, muito rápido para que Packard pudesse afastar-se, e em um momento sublime de terror o xerife viu como a boca que tinha a seus pés se abria e voltava a se fechar em torno de sua própria mão.

Gemendo, perdeu o equilíbrio e se sentou na graxa, puxando daquela boca, enquanto lhe mastigavam as luvas e os dentes entravam em contato com sua mão, lhe arrancando os dedos. A mandíbula áspera levou seus dedos, seu sangue e seus cotos para as vísceras.

As nádegas de Packard escorregaram na confusão sobre o que estava sentado e, gritando, se retorceu para soltar-se. Ainda havia vida naquela coisa do mundo subterrâneo. Packard implorou perdão ao ficar de pé cambaleando, arrastando consigo o corpo daquela coisa.

Ao lado de seus ouvidos retumbou um disparo. Quando aquele membro que parecia fazer parte do ombro se reduziu a pedacinhos e a boca soltou sua presa o xerife ficou salpicado de líquidos, sangue e pus. A massa desfeita de músculo devorado caiu ao chão, e a mão de Packard, ou o que restava dela, ficou livre. Tinha perdido os dedos da mão direita, salvo meio polegar, os ossos destroçados de suas falanges sobressaíam irregularmente de sua palma parcialmente mascada.

Eleanor Kooker tirou o dedo do gatilho que acabava de apertar e grunhiu satisfeita.

— Você perdeu a mão — disse com uma simplicidade brutal.

Packard recordou que seu pai lhe havia dito que os monstros nunca morrem. Lembrou-se muito tarde, e agora já tinha sacrificado sua mão, a mão de beber e de fazer amor. Uma onda de nostalgia pelos anos passados com esses dedos se apoderou dele, enquanto os olhos se enchiam de faíscas. Por último viu, antes de cair ao chão, seu ajudante com uma câmara levantada para gravar toda a cena.

A choça que havia atrás daquela casa era o refúgio de Lucy e sempre tinha sido. Quando Eugene voltava bêbado de Welcome, ou se encolerizava porque o guisado estivesse frio, Lucy ia para a choça, onde podia chorar tranquilamente. Não havia compaixão em sua

vida. Certamente não por parte de Eugene, e ela tinha pouquíssimo tempo para autocompadecer-se.

Naquele dia, o velho motivo de irritação tinha degenerado em ira, o menino.

O fruto engendrado e cuidadosamente criado de seu amor, chamado como o irmão de Moisés, Aaron, que significa “o exaltado”. Um menino doce. O menino mais formoso de toda a região, com cinco anos já era tão encantador e educado como qualquer mãe deste lado da costa teria desejado.

Aaron.

O orgulho e a alegria de Lucy, um menino feito para alegrar qualquer álbum de fotos, feito para dançar e para encantar o próprio demônio.

Essa era a objeção de Eugene.

— Este maldito guri tem de menino o mesmo que você — dizia a Lucy. — Nem sequer é meio menino. Só serve para calçar sapatos bonitos e vender perfume. Ou para padre, tem vocação para padre.

Apontou para o menino com uma unha mordida e um polegar artrítico.

— Envergonha seu pai.

O olhar do Aaron se encontrou com o de seu pai.

— Está me ouvindo, menino?

Eugene afastou o olhar. Os olhos do menino lhe produziam dor de estômago, pareciam-se mais com os de um cão que os de um ser humano.

— Quero que vá embora desta casa.

— O que ele fez?

— Não precisa fazer nada. Basta com que seja como é. Riem de mim, sabe? Riem de mim por culpa dele.

— Ninguém ri de você, Eugene.

— Oh, sim...

— Não por culpa do menino.

— Não?

— Se riem, não é do menino. É de você.

— Feche o bico.

— Sabem o que você é, Eugene. Eles o veem claramente, tão claramente como eu.

— Estou dizendo, mulher...

— Doente como um cão na rua, falando do que viu e do que teme...

Golpeou-a como tantas outras vezes. O golpe a fez sangrar, igual a tantos golpes semelhantes durante cinco anos, mas, embora doesse, seus primeiros pensamentos foram para o menino.

— Aaron — chamou, entre as lágrimas que lhe tinha arrancado a dor. — Venha comigo.

— Deixe o bastardo em paz!

Eugene estava tremendo.

— Aaron.

O menino ficou entre o pai e a mãe, sem saber a quem obedecer. O olhar de confusão que apareceu no seu rosto fez que as lágrimas de Lucy fossem mais copiosas.

— Mamãe — disse o menino com muita suavidade.

Havia uma expressão grave em seus olhos que era mais que confusão. antes que Lucy pudesse encontrar uma forma de apaziguar os ânimos, Eugene agarrou o menino pelo cabelo e o arrastou para si.

— Obedeça seu pai, menino.

— Sim.

— A um pai se diz “sim, senhor”, não é assim? Se diz “sim, senhor”.

Apertou o rosto de Aaron contra a perna fedida de seu jeans.

— Sim, senhor.

— Fique comigo, mulher. Não vá se enfiar naquela choça fodida outra vez. E você fique com seu pai.

Lucy tinha perdido a escaramuça e sabia. Continuar insistindo só serviria para expor o menino a maiores perigos.

— Se lhe fizer mal...

— Sou seu pai, mulher. — Eugene sorriu. — Você acha que sou capaz de fazer mal a minha própria carne e ao meu próprio sangue?

O menino ficou preso entre os quadris de seu pai, em uma posição quase obscena. Mas Lucy conhecia seu marido e sabia que

estava a ponto de explodir e perder o controle. Já não se preocupava consigo mesma — tinha tido suas alegrias, — mas o menino era muito vulnerável.

— Fora de minha vista, mulher. Por que não vai embora? O menino e eu queremos ficar sozinhos, não?

Eugene arrancou a pálida cara de Aaron de sua virilha e sorriu burlonamente.

— Não é?

— Sim, papai.

— Sim, papai. Claro que sim, papai.

Lucy saiu da casa e se retirou para a morna escuridão da choça, onde rezou por Aaron, chamado igual ao irmão de Moisés. Aaron, cujo nome significa “o exaltado”. Pensou em quanto seu filho poderia sobreviver às brutalidades que lhe proporcionaria o futuro.

O menino estava nu. De pé, pálido, em frente ao pai. Não tinha medo. A surra que ia receber doeria, mas não lhe assustava de verdade.

— Você é doente, menino — disse Eugene, percorrendo com sua mão grande o abdômen de seu filho. — Débil e doente como um porco anão. Se eu fosse fazendeiro e você fosse um porco, menino, sabe o que faria?

Voltou a agarrar o menino pelo cabelo. Colocou-lhe a outra mão entre as pernas.

— Sabe o que faria, menino?

— Não, papai. O que faria?

A mão disforme percorreu o corpo de Aaron enquanto seu pai imitava o ruído de uma serra.

— Eu o cortaria em pedaços e o daria como comida ao resto da pocilga. O que um porco mais gosta de comer é carne de porco. O que você acha?

— Não, papai.

— Você não gostaria?

— Não, obrigado, papai.

A cara de Eugene se endureceu.

— Bom, eu gostaria de vê-lo, Aaron. Eu gostaria de ver o que você faria se eu fosse abri-lo e olhar em seu interior.

Havia uma violência nova nos jogos de seu pai que Aaron não conseguia compreender, novas ameaças, uma intimidade nova. Por mais incomodado que estivesse, o menino sabia que era seu pai e não ele quem tinha medo de verdade, o medo era patrimônio de Eugene, assim como o de Aaron era observar, esperar e sofrer até que chegasse o momento. Sabia (sem compreender como ou por que) que seria um instrumento na destruição de seu pai. Talvez mais que um instrumento.

Eugene explodiu de ira. Olhou para o menino e apertou tanto seus punhos morenos que os nódulos empalideceram. O menino o tinha arruinado de alguma maneira, tinha acabado com a boa vida de casado que tinham desfrutado antes que ele nascesse, era como se tivesse matado seus pais. Quase sem pensar no que estava fazendo, as mãos de Eugene se fecharam ao redor do frágil pescoço do menino.

Aaron não disse nada.

— Eu poderia matá-lo, menino.

— Sim, senhor.

— O que tem a dizer sobre isso?

— Nada, senhor.

— Deveria dizer “obrigado, senhor”.

— Por que?

— Por que, menino? Porque esta vida não vale nem o que um porco poderia cagar, e te faria um favor enorme, como todo pai deveria fazer ao seu filho.

— Sim, senhor.

Na choça, atrás da casa, Lucy tinha parado de chorar. Não tinha sentido, e além disso, algo que viu no céu pelos buracos do teto havia lhe trazido lembranças que dissiparam as lágrimas. Era um céu especial, de um azul puro, de uma claridade deslumbrante. Eugene não faria mal ao menino. Não se atreveria nunca a machucar aquele menino. Sabia o que era o menino, embora jamais pudesse admitir.

Lembrou daquele dia, fazia já seis anos, em que o céu também brilhou e o ar ficou lívido de calor. Eugene e ela ficaram tão quentes como o ar, não tinham tirado os olhos de cima um do outro durante

todo o dia. Ele era mais forte então, estava na flor da vida. Era um homem muito alto, esplêndido, com o corpo endurecido pelo trabalho e as pernas tão robustas que pareciam rochas quando lhes passava a mão por cima. Ela também era bonita de se ver, o melhor traseiro de Welcome, firme e suave, um púbis com o pelo tão delicado que Eugene não podia deixar de beijá-la ali, no lugar proibido. A fazia gozar todo o dia e às vezes toda a noite, na casa que estavam construindo, ou fora, sobre a areia, avançada já a tarde. O deserto era um leito magnífico, e podiam pular sem interrupção sob o largo céu.

Nesse dia, seis anos antes, o céu escureceu muito rápido, a noite ainda deveria ter demorado para chegar. Pareceu escurecer em um momento, e os amantes sentiram frio de repente em sua precipitada nudez. Ela viu por cima do ombro de Eugene as formas que o céu tinha adotado, as criaturas grandes e monumentais que os estavam observando. Ele, apaixonado, continuava fazendo amor, introduzindo-se por completo e voltando a sair como sabia que ela gostava, até que uma mão de cor beterraba e do tamanho de um homem o agarrou pelo pescoço e o arrancou do regaço de sua mulher. Ela o viu levantado no céu, retorcendo-se como uma lebre, cuspidando por duas fendas, a de acima e a de abaixo, pois acabou por ejacular no ar. Então abriu um segundo os olhos e viu sua mulher seis metros abaixo dele ainda nua, de pernas abertas como uma mariposa e rodeada de monstros. Sem maldade, sem lhe dar qualquer importância, estes o atiraram fora de seu círculo admirador, fora da vista.

Ela se lembrava perfeitamente da hora que se seguiu, dos abraços dos monstros. Não tinham nada de torpes, grosseiros ou perniciosos, eram abraços de amante. Nem os aparelhos de reprodução com que a penetraram um após o outro lhe fizeram mal, embora alguns fossem tão compridos como o braço e o punho de Eugene, e duros como ossos. Quantos daqueles seres estranhos a possuíram aquela tarde? Três, quatro, cinco? Mesclaram seu sêmen no corpo de Lucy provocando-lhe orgasmos com suas sacudidas pacientes e carinhosas. Quando partiram e a luz do sol voltou a lhe acariciar o corpo, sentiu-se desamparada, embora depois de refletir

lhe parecesse vergonhoso, como se tivesse vivido o momento máximo de sua vida e o resto de seus dias devessem ser um frio caminho para a morte.

Finalmente, levantou-se e se aproximou de onde ele jazia, inconsciente pela queda e com uma perna quebrada, sobre a areia. Beijou-o e se ajoelhou para fazer um pedido. Desejou, que germinasse um fruto da semente daquele dia de amor para ter uma lembrança de sua sorte.

Dentro de casa Eugene golpeou o menino. Aaron sangrou pelo nariz, mas não se queixou.

— Fale, menino.

— O que devo dizer?

— Sou seu pai ou não?

— Sim, pai.

— Mentiroso!

Voltou a golpeá-lo sem aviso, e desta vez o atirou ao chão. Quando suas pequenas palmas delicadas se estenderam sobre os ladrilhos da cozinha para levantar-se, notou algo no chão. Havia música no pavimento.

— Mentiroso! — continuava dizendo seu pai.

Vão chover mais golpes, pensou o menino, mais dor, mais sangue. Mas podia suportar, e a música era uma promessa, depois de uma espera tão grande, que os golpes fossem acabar de uma vez por todas.

Davidson entrou cambaleando pela rua principal de Welcome. Era meio dia, supôs (o relógio tinha parado, talvez como demonstração de solidariedade), mas a cidade parecia vazia, até que descobriu uma pilha fumegante em metade da rua, a cem metros de onde se encontrava.

Se fosse possível, o sangue teria gelado ante aquela visão.

Reconheceu o que a massa de carne queimada tinha sido, apesar da distância, e a cabeça deu voltas de horror. Afinal, tudo fora real. Conseguiu dar um par de passos, lutando inutilmente contra a vertigem, até que notou que braços fortes o sujeitavam e ouviu, entre um tumulto de zumbidos na cabeça, palavras de apoio. Não as compreendia, mas ao menos eram suaves e humanas, podia desistir

de manter-se consciente. Desmaiou mas quando voltou a ver o mundo, tão odioso como sempre, sentiu como se só tivesse tido um momento de trégua.

Tinham-no metido em uma casa e estava deitado sobre um sofá incômodo, enquanto um rosto de mulher, o de Eleanor Kooker, olhava-o. Sorriu quando ele recuperou a consciência.

— O homem sobreviverá — disse, e sua voz parecia o ruído de uma cenoura ao ser ralada.

Inclinou-se um pouco mais.

— É verdade que você viu a coisa?

Davidson assentiu.

— Melhor será se nos disser a verdade.

Puseram-lhe um copo na mão e Eleanor o encheu generosamente de uísque.

— Beba — exigiu, — e depois nos diga o que tiver a dizer.

Bebeu o uísque em dois goles e lhe encheram o copo imediatamente. Bebeu o segundo copo mais devagar e começou a sentir-se melhor.

O quarto estava cheio de gente, era como se toda Welcome estivesse dentro da casa de Kooker. Toda uma audiência, mas tinha toda uma história para lhes contar. Com a língua solta pelo uísque, começou o relato da melhor maneira que pôde, sem enfeites, deixando que lhe viessem as palavras. Em troca, Eleanor descreveu as circunstâncias do “acidente” do xerife Packard com o corpo do destroçador de carros. Packard estava na casa, aparentando ter mau aspecto suficiente para que lhe dessem confortadores whiskies e analgésicos, com a mão mutilada tão enfaixada que mais parecia um pau que um membro humano.

— Não é o único monstro que há lá fora — disse quando os relatos acabaram.

— Isso é o que você diz — replicou Eleanor, com pouca convicção em seus olhos vivos.

— Era isso que meu papai dizia — respondeu Packard, olhando sua mão enfaixada. — E acredito, por Deus que acredito.

— Então, melhor que façamos algo a respeito.

— Como o que? — perguntou um indivíduo de aspecto azedo, apoiado contra o suporte da chaminé. — O que se pode fazer com os colegas de uma coisa que come carros?

Eleanor ficou rígida e dirigiu uma risada a quem perguntava isso.

— Bom, desfrutemos de sua sabedoria, Lou. O que acha que deveríamos fazer?

— Acho que deveríamos ficar quietos e deixar que eles vão embora.

— Não sou uma avestruz — objetou Eleanor, — mas se quer enterrar sua cabeça arrumo uma pá, Lou. Até cavarei o buraco para você.

Estalou uma gargalhada geral. O homem, envergonhado, calou-se e começou a roer as unhas.

— Não podemos ficar sentados e deixar que nos passem por cima — disse o ajudante de Packard, fazendo bolas com um chiclete.

— As criaturas dirigiam-se para as montanhas — informou Davidson. — Se afastavam de Welcome.

— E quem vai impedir que realizem suas fodidas intenções? — replicou Eleanor. -

Hein?

Não obtive resposta. Houve alguns assentimentos e movimentos de cabeça.

— Jedediah, você é o delegado. O que pensa disto?

O jovem ruborizou-se um pouco mordeu o chiclete e o cuspiu através de seu magro bigode. Obviamente, não tinha solução.

— Vejo o que acontecerá — soltou a mulher antes que o delegado pudesse responder. — Tão claro como a água. Estão todos muito acovardados para irem tirar os demônios de sua toca, ou não?

Houve murmúrios de autojustificação na sala, seguidos de novos movimentos de cabeça.

— Só pensam em se sentar e deixar que devorem suas mulheres.

Devoradas, era uma boa palavra, de muito mais efeito que comidas. Eleanor fez uma pausa para aumentar esse efeito. Logo disse sombriamente:

— Ou algo pior.

Pior que ser devorado? Pelo amor de Deus, o que era pior que ser devorado?

— Nenhum demônio vai tocar em você — assegurou-lhe Packard, levantando-se de sua cadeira com certa dificuldade.

Balançou-se sobre os pés ao dirigir-se ao auditório.

— Vamos pegar esses malditos e linchá-los.

Seu grito de batalha não animou nenhum dos homens na sala. A credibilidade do xerife tinha perdido pontos desde seu encontro na rua principal.

— A discricão é a melhor amostra de valor — murmurou Davidson para seu colete.

— Isso é uma besteira — rebateu Eleanor.

Davidson encolheu os ombros e bebeu o uísque de seu copo. Não voltaram a enchê-lo. Compreendeu claramente que devia sentir-se agradecido de continuar vivo. Mas tinha estragado seu programa de trabalho. Tinha que arrumar-se com um telefone e alugar um carro, e caso necessário, alguém deveria ir buscá-lo. Os “demônios”, fossem o que fossem, não eram assunto seu. Talvez se interessasse em ler algumas colunas sobre o tema no *Newsweek*, quando estivesse de volta e descansasse junto à Barbara, mas agora a única coisa que desejava era acabar seu trabalho no Arizona e retornar para casa quanto antes.

Packard entretanto, tinha outras ideias.

— Você é uma testemunha — disse, apontando para Davidson, — e como xerife da comunidade ordeno que fique em Welcome até que tenha respondido satisfatoriamente a todas as perguntas que devo formular.

A sua boca não enquadrava essa linguagem tão formal.

— Tenho trabalho... — começou a dizer Davidson.

— Pois mande um telegrama e cancele o trabalho, senhor Davidson. — Davidson compreendeu que aquele homem estava querendo recuperar sua reputação às suas custas, deixando o forasteiro à sua própria sorte. Contudo, Packard era a lei, não havia nada que fazer. Davidson expressou seu assentimento com toda a graça que conseguiu reunir. Teria tempo de dirigir uma queixa

formal contra aquele Mussolini obtuso quando estivesse em casa, são e salvo. No momento, melhor enviar um telegrama e esquecer do trabalho.

— Assim qual é o plano? — perguntou Eleanor a Packard.

O xerife inchou as bochechas, brilhantes de álcool.

— Vamos enfrentar os demônios — decidiu.

— Como?

— Com escopetas, mulher.

— Você vai precisar de algo maior que escopetas se forem tão grandes como diz este...

— Eles são... — confirmou Davidson, — acreditem, é verdade.

Packard sorriu maliciosamente.

— Levaremos todo o maldito arsenal — dispôs, apontando com o polegar restante para Jedediah. — Vá pegar as armas pesadas, filho. O material antitanque. Os lança granadas.

Houve uma surpresa geral.

— Você tem lança granadas? — perguntou Lou, o homem situado junto ao suporte.

Packard lhe dedicou um sorriso de soslaio.

— Material militar restante da primeira guerra mundial.

Davidson suspirou. Aquele homem era um psicótico, com seu pequeno arsenal de armas obsoletas que provavelmente seriam mais letais para quem as utilizasse que para a vítima. Todos vão morrer. “Deus me ajude!” Todos vão morrer.

— Pode ter perdido os dedos — disse Eleanor Kooker, encantada pela fanfarronada, — mas é o único homem da sala, Josh Packard.

O xerife sorriu e tocou a virilha, absorto. Davidson não pôde suportar mais a atmosfera de machismo atávico que se respirava na sala.

— Bom — gorjeou, — Já disse tudo o que sei. Por que não vos sotaque que façam o que melhor lhes pareça?

— Não vai — disse Packard — , se for isso o que pretende.

— Só estou dizendo...

— Sei o que está dizendo, filho, e não quero escutar. Se está pensando que vai aproveitar para fugir eu o pendurarei pelos

colhões. Se é que os tem.

O bastardo era capaz de fazer isso, pensou Davidson, embora só tivesse uma mão. “Limite-se a lhes seguir a corrente”, disse a si mesmo, tentando não fazer cara de nojo. Que Packard saísse para procurar os monstros e disparasse o lança granadas era assunto dele. Melhor deixá-lo em paz.

— Segundo este homem, são uma tribo — assinalou tranquilamente Lou. — Como pegamos tantos?

— Estratégia — sentenciou Packard.

— Não conhecemos suas posições.

— Vigilância.

— Poderiam acabar conosco de verdade, xerife — observou Jedediah, separando um fio do bigode.

— Este é nosso território — proclamou Eleanor. — É nosso e vamos conservá-lo.

Jedediah assentiu:

— Sim, mamãe.

— E se desapareceram? Caso não voltemos a encontrá-los? — raciocinou Lou. — Não poderíamos deixar que fossem embora?

— Claro — zombou Packard. — E então ficaríamos esperando que voltassem e devorassem as nossas mulheres.

— Talvez não queiram nos fazer mal... — tentou Lou.

A resposta de Packard consistiu em elevar sua mão enfaixada.

— Me fizeram mal.

Isso era indiscutível.

O xerife prosseguiu com a voz rouca de rancor:

— Merda! Quero tanto acabar com esses refugos que vou pegá-los com ou sem ajuda. Mas temos que estar mais preparados que eles, superá-los em estratégia para que não haja nenhum ferido.

“Finalmente disse algo inteligente”, pensou Davidson. Certamente, toda a sala parecia impressionada. Houve murmúrios de aprovação por toda parte, até do que estava junto ao suporte.

Packard se virou de novo para seu ajudante.

— Mexa o rabo, filho. Quero que chame o bastardo do Crumb, da Vigilância, e que traga seus homens com todas as escopetas e granadas que tiverem. E se perguntarem para que, diga-lhe que o

xerife Packard declarou estado de emergência, e que vou requisitar todas as armas em cem quilômetros, e deter os homens que tentarem escapar. Mova-se, filho.

Agora a sala resplandecia positivamente de admiração, e Packard sabia.

— Acabaremos com esses demônios.

Por um momento, a retórica pareceu convencer Davidson, e quase acreditou no que o xerife dizia. Logo recordou os detalhes da procissão, as caudas, os dentes e o resto, e sua bravura desapareceu sem deixar rastro.

Chegaram a casa com muita suavidade, sem intenção de passar inadvertidos, simplesmente com tanta delicadeza ao andar que ninguém os ouviu.

Dentro, a fúria de Eugene se extinguiu. Estava sentado com as pernas sobre a mesa e uma garrafa de uísque a frente. O silêncio da casa era tão denso que se curvava.

Aaron, com o rosto inchado pelos golpes de seu pai, estava sentado junto à janela. Não precisou levantar a vista para vê-los chegar pela areia em direção a sua casa, o ruído de seus passos ressonavam em suas veias. Quis dar um sorriso de boas-vindas com a cara machucada, mas reprimiu seu impulso e se limitou a esperar, firme em uma resignação abatida, até que estavam quase em cima da casa. Só se levantou quando tamparam a luz do dia que entrava pela janela. O movimento do menino tirou Eugene de seu torpor.

— O que está acontecendo, menino?

O menino se afastou da janela retrocedendo, e estava no meio da sala, soluçando de antemão em silêncio. Tinha suas pequenas mãos estendidas, com os dedos tensos e crispados de excitação.

— O que acontece com a janela, menino?

Aaron ouviu como a voz de seu verdadeiro pai eclipsava os murmúrios de Eugene. Como um cão ansioso por dar as boas-vindas a seu dono depois de uma longa separação, o menino correu para a porta e tratou de abri-la aos trancos.

— Que ruído é esse, menino?

Eugene afastou seu filho e espiou com a chave na fechadura, enquanto o pai de Aaron o chamava do outro lado da porta. Sua voz

soava igual a uma cascata de água, pontuada por suaves e agudos suspiros. Era uma voz ansiosa, amorosa.

Subitamente, Eugene pareceu compreender. Agarrou o menino pelo cabelo e o afastou da porta.

Aaron gritou de dor.

— Papai! — gritou.

Eugene acreditou que o grito era dirigido a ele, mas o verdadeiro pai de Aaron também ouviu a voz do menino. O tom de sua resposta refletia sua preocupação.

Fora da casa, Lucy tinha ouvido o diálogo. Abandonou o refúgio de sua choça, sabendo o que ia ver contra o céu deslumbrante, mas nem por isso menos atraída pelas monumentais criaturas que se reuniram em torno da casa. Sentiu angústia ao recordar as alegrias perdidas daquele dia, seis anos antes. Ali estavam todas aquelas criaturas inesquecíveis, uma incrível seleção de formas...

Cabeças piramidais coloridas de rosa, torsos de uma proporção clássica, que caíam em franjas de carne murcha. Uma beleza chapada e acéfala cujos seis braços de madreperla brotavam em torno de uma boca que ronronava e pulsava. Uma criatura parecida com uma onda de corrente elétrica, em constante movimento, que emitia um som doce e modulado. Criaturas muito fantásticas para serem reais, muito reais para duvidar, anjos caídos. Tinha uma cabeça que balançava para frente e para trás sobre um pescoço muito fino, como se fosse um pêndulo absurdo, azul como o céu de uma noite que chega antes de tempo, e salpicado de uma dúzia de olhos como outros tantos sóis. O corpo de outro pai se parecia com um leque que se abria e fechava de excitação, e cuja carne laranja se avermelhou ainda mais quando souo de novo a voz do menino.

— Papai!

À porta da casa estava a criatura que Lucy recordava com mais carinho, a que a havia possuído em primeiro lugar, a primeira a acalmar seus temores, a primeira em penetrá-la com uma delicadeza infinita. Devia ter uns seis metros de altura quando se levantava totalmente. Agora aquele ser estava agachado sobre a porta, com sua cabeça calva, bendita cabeça, parecida com a de um pássaro pintado

por um esquizofrênico, inclinada sobre a casa para falar com o menino. Estava nu, e suas costas, largas e escuras, brilhava ao curvar-se.

Dentro da casa, Eugene apertou o menino como um escudo.

— O que sabe disso, menino?

— Papai?

— Perguntei o que sabe.

— Papai!

A voz do Aaron exultava. A espera tinha acabado.

A fachada da casa caiu para dentro. Um membro parecido com um gancho de carne deslizou encurvando-se sob o batente e arrancou a porta de suas dobradiças. Os tijolos saíram voando e voltaram a cair como chuva, o ar se encheu de pó e de lascas. Cataratas de luz solar alagavam agora às duas diminutas figuras humanas, entre as ruínas do que uma vez foi escuridão protetora.

Eugene esquadrinhou por entre a bruma que o pó formava. Mãos gigantes estavam arrancando o telhado, e onde tinha havido vigas só se via agora céu. Viu membros altos como toras por toda parte, corpos e rostos de bestas inacreditáveis. Estavam derrubando as paredes que restavam de pé, destroçando sua casa com a mesma despreocupação com que ele quebraria uma garrafa. Deixou o menino escapar sem perceber o que fazia.

Aaron correu para a criatura que estava na soleira.

— Papai!

Ele o recebeu como um pai recebe seu filho na saída do colégio, e jogou para trás a cabeça em um arrebatamento de êxtase. Um comprido e indescritível grito de alegria brotou de todo o seu ser. O grito foi acompanhado pelas outras criaturas, que elevaram seu volume para celebrá-lo. Eugene tampou os ouvidos e caiu de joelhos. O nariz tinha começado a sangrar ante as primeiras notas da música do monstro, e tinha os olhos cheios de lágrimas que ardiavam. Não estava assustado. Sabia que não eram capazes de lhe fazer mal. Chorava porque tinha ignorado aquela eventualidade durante seis anos, e agora que se apresentavam em seu mistério e sua glória diante dele, não tinha tido a valentia de enfrentá-los e conhecê-los. Agora era muito tarde. Levaram-lhe o menino pela

força e tinham arruinado sua casa e sua vida. Indiferentes a seus sofrimentos, partiam entoando seu júbilo, com o menino em seus braços para sempre.

No município de Welcome, “organização” era a ordem do dia. Davidson não podia sentir mais que admiração ao ver aquela gente estúpida e temerária preparar-se para lutar contra obstáculos insuperáveis. O espetáculo o afetava de uma maneira estranha, era como ver em um filme, alguns colonos recolhendo um armamento ínfimo e, com muita fé, enfrentar à violência pagã do selvagem. Mas, diferente do que ocorre em um filme, Davidson sabia que a derrota era certa. Tinha visto os monstros, inspiravam um temor reverente. Por maior que fosse sua causa ou pura sua fé, os colonos eram pisoteados muito frequentemente pelos selvagens. As derrotas só acontecem nos filmes.

O nariz de Eugene parou de sangrar depois de uma hora aproximadamente, mas não percebeu. Estava arrastando Lucy, puxando-a e obrigando-a a acompanhá-lo a Welcome. Não queria ouvir explicações daquela prostituta, embora não parasse de balbuciar. Só podia ouvir as vozes agitadas dos monstros, e a chamada repetida de Aaron, “papai”, que foi respondida por uma criatura capaz de destroçar casas.

Eugene sabia que tinham conspirado contra ele, embora nem sequer em suas hipóteses mais extravagantes pudesse compreender toda a verdade.

Aaron estava louco, isso ele sabia. E, de algum jeito, sua mulher, sua Lucy violada, que tinha sido tão bela e agradável, era um instrumento da loucura do menino e de seu próprio sofrimento.

Ela tinha vendido o menino, isso era o que quase tinha chegado a acreditar. Por algum procedimento inexprimível, tinha negociado com aquelas coisas do subsolo, e tinha trocado a vida e a prudência de seu único filho por algum presente. O que tinha obtido ela por esse preço? Alguma bagatela ou algo assim, que guardava enterrada em sua choça? Meu Deus, ela pagaria por isso! Mas antes de fazê-la sofrer, antes de lhe arrancar os cabelos e de lhe melar os peitos bicudos com breu, confessaria. Ele a obrigaria a confessar, não para ele, mas pra o povo de Welcome, para os homens e

mulheres que riam de seus tropicções de bêbado e riam quando chegava perto da sua cerveja. Ouviriam dos próprios lábios do Lucy a verdade que se escondia atrás dos pesadelos que tinha suportado, e compreenderiam, horrorizados, que os demônios de que falava eram reais. Então o perdoariam definitivamente e a cidade voltaria a acolhê-lo em seu seio, pedindo-lhe perdão, enquanto o corpo emplumado da puta de sua mulher seria pendurado de um poste telefônico, fora dos limites da cidade.

Quando Eugene parou estava a três quilômetros de Welcome.

— Algo se aproxima.

Uma nuvem de pó. No centro daquele turba havia uma multidão de olhos ardentes.

Temia o pior.

— Jesus Cristo!

Soltou a sua mulher. Vinham também defendê-la? Sim, provavelmente essa fora outra das condições do trato.

— Tomaram a cidade — disse.

Suas vozes enchiam o ar, era insuportável. Vinham na direção dele pela estrada, como uma horda, dirigiam-se para ele em linha reta. Eugene se virou para pôr-se a correr, deixando que a prostituta escapasse. Podiam agarrá-la desde que o deixassem em paz, Lucy sorria para o pó.

— É Packard — disse.

Eugene voltou a olhar para a estrada entreabrindo os olhos. A nuvem de demônios começava a limpar. Os olhos de seu interior eram faróis, as vozes, sirenes, era um exército de carros e motocicletas encabeçado pelo veículo de Packard que seguia a toda velocidade pela estrada de Welcome.

Eugene estava perplexo. O que era isso, um êxodo em massa?

Lucy, pela primeira vez naquele dia glorioso, sentiu uma leve dúvida.

Ao aproximar-se, o comboio reduziu sua velocidade e parou, o pó se assentou, revelando a extensão do esquadrão kamikaze de Packard. Havia uns doze carros e meia dúzia de motos, todos carregados de policiais e de armas. Uma amostra de cidadãos de Welcome compunham o exército e, entre eles, encontrava-se

Eleanor Kooker. Era uma impressionante formação de pessoas mesquinhas e bem armadas.

Packard apareceu pela janela do carro, cuspiu e falou.

— Algum problema, Eugene?

— Não sou idiota, Packard.

— Não disse que era.

— Vi essas coisas. Lucy pode confirmar isso.

— Sei que é verdade, Eugene, sei que é verdade. Não se pode negar que há demônios nas colinas, está claro. Porque acha que reuniria este pelotão, se não fossem demônios?

Packard sorriu para Jedediah, que estava ao volante.

— Por Deus que sim. Vamos dar-lhes entrada no dia do julgamento final.

De trás do carro apareceu a senhorita Kooker, estava fumando um cigarro.

— Parece que lhe devemos desculpas, Gene — disse, oferecendo um sorriso como desculpa.

“Continua sendo um imbecil — pensou, — casar com essa cadela vadia foi sua morte. Que lástima de homem.”

A cara do Eugene se iluminou de satisfação.

— Parece que sim.

— Coloque-os em um dos carros de trás — convidou Packard -, você e Lucy. Nós vamos tirá-los de seus esconderijos como serpentes...

— Eles foram para as colinas — disse Eugene.

— Ah, sim?

— Levaram o meu menino. Derrubaram minha casa.

— São muitos?

— Uma dúzia ou mais.

— De acordo, Eugene. Venha conosco. — Packard ordenou a um policial que descesse. — Ficaré contente em acabar com esses bastardos, não é?

Eugene se virou para onde tinha estado Lucy.

— E quero que ela seja julgada...

Mas Lucy já corria pelo deserto: tinha o tamanho de uma boneca.

— Ela saiu da estrada — disse Eleanor. — Vai se matar.
— Morrer seria muito bom para ela. — Eugene montou no carro. — Essa mulher é pior que o próprio diabo.
— Mas como, Eugene?
— Essa mulher vendeu meu único filho ao inferno.
Lucy tinha desaparecido na névoa formada pelo calor.
— ... Ao inferno.
— Então deixe-a em paz — sentenciou Packard- . O inferno a levará cedo ou tarde.

Lucy sabia que não se incomodariam em persegui-la. Desde o momento em que viu os faróis dos carros na nuvem de pó, as escopetas e os carros, soube que teria um papel secundário nos acontecimentos que se seguiriam. No melhor dos casos seria uma espectadora. No pior, morreria de insolação atravessando o deserto, e não saberia nunca o desenlace da batalha. Frequentemente tinha meditado a respeito da existência das criaturas que eram coletivamente pais de Aaron: onde viviam, por que tinham decidido, em sua sabedoria, fazer amor com ela. Também se perguntava se alguém mais tinha notícia delas em Welcome. Quantos olhos humanos, além dos seus, tinham visto suas formas secretas durante aqueles anos? E, naturalmente, perguntava-se se chegaria o dia de ajustar as contas, de uma confrontação entre as duas espécies. E agora parecia esse dia tinha chegado sem aviso prévio. E, comparada com esse ajuste, sua vida não valia nada.

Assim que deixou de ver os carros e as motos, virou-se e seguiu seus próprios rastros sobre a areia até voltar para a estrada. Sabia que não havia maneira de recuperar Aaron. De certa forma, limitara-se apenas a guardar o menino, embora o tivesse concebido. Ele pertencia de uma forma especial às criaturas que tinham misturado suas sementes no corpo feminino para procriá-lo. Talvez fosse o instrumento de algum experimento de fertilidade, e agora os doutores haviam retornado para examinar o menino. Ou melhor tinham levado o menino simplesmente por amá-lo. Fossem quais fossem suas razões, só desejava ver o desenlace da batalha. No mais profundo de sua alma, em uma zona que só os monstros haviam

tocado, desejava sua vitória, embora muitos da sua espécie morreriam como consequência.

Próximo às colinas reinava um silêncio absoluto. Tinham colocado Aaron no chão, entre as rochas, e se reuniram avidamente em torno dele para examinar suas roupas, seu cabelo, seus olhos, seu sorriso.

Estava anoitecendo, mas Aaron não sentia frio. As respirações de seus pais eram quentes e cheiravam, pensou, como o interior do armazém de comestíveis do Welcome: uma mescla de caramelo e cânhamo, queijo fresco e ferro. À luz do sol minguante tinha a pele bronzeada, e no céu apareciam as primeiras estrelas. Nunca se sentira mais feliz, nem mesmo junto ao peito de sua mãe.

Packard parou o comboio perto das colinas. Se tivesse sabido quem foi Napoleão, sem dúvida haveria se sentido como aquele conquistador. Se tivesse conhecido a biografia do conquistador, poderia ter pressentido que aquele seria seu Waterloo, mas Josh Packard viveu e morreu sem necessidade de heróis.

Ordenou a seus homens que desembarcassem dos carros e se meteu entre eles, com a mão mutilada metida no peitilho desabotoado da camisa. Não era o desfile mais encorajador da história militar. Havia mais de uma cara pálida e transformada entre seus soldados, e vários olhos evitaram seu olhar quando lhes deu as ordens.

— Homens! — mugiu. — Homens... chegamos, estamos organizados, e Deus está de nosso lado. Já vencemos esses selvagens, compreendido?

Silêncio, olhares tétricos, mais suor.

— Não quero ver nenhum de vocês se virar e pôr-se a correr! Porque se fizerem isso vou pegá-los e os arrastarão para casa com o traseiro arrebitado.

Eleanor quis aplaudir, mas a arenga não tinha acabado.

— E lembrem-se, homens — aqui a voz de Packard baixou de volume até transformar-se em um cochicho de conspiração, — que esses demônios levaram a menino de Eugene, Aaron, não faz nem quatro horas. Arrancaram-no diretamente do seio de sua mãe enquanto o embalava para que dormisse. Não são mais que

selvagens, tenham a aparência que tiverem. Não respeitam uma mãe, nem uma criança, nem nada. Assim quando estiverem perto de um deles pensem em como se sentiriam se tivessem sido arrancados do seio de sua mãe...

Gostava da expressão “seio materno”. Dizia tanto e com tanta simplicidade... O seio de mamãe tinha muita mais força para mobilizar aqueles homens que seu bolo de maçã.

— Não têm nada a temer, só parecer menos que homens, homens.

Boa frase para acabar.

— Em frente.

Montou de novo no carro. Alguém começou a aplaudir no final da fila, e o resto fez coro ao aplauso. A grande cara vermelha de Packard se abriu em um sorriso duro e amarelo.

— Em marcha! — concluiu sorridente, e o comboio começou a dirigir-se para as colinas.

Aaron notou que o ar mudava. Não é que sentisse frio, as respirações que o esquentavam continuavam acolhedoras. Mas sentiu uma alteração na atmosfera, devido a uma espécie de intrusão. Observou fascinado como seus pais reagiam ante essa mudança: sua substância lançava brilhos de novas cores, mais solenes, mais aguerridos. Um ou dois levantaram inclusive a cabeça como se farejassem o ar.

Algo acontecia. Algo ou alguém, não previsto nem convidado, estava a ponto de intrometer-se naquela noite festiva. Os demônios reconheceram os indícios, e não tinham se descuidado dessa eventualidade. Não era inevitável que os heróis de Welcome fossem procurar o menino? Não acreditavam os homens, de uma maneira tão lamentável, que sua espécie tinha nascido da necessidade da terra de conhecerem a si mesmos, que tinham sido criados de mamífero em mamífero até que a espécie floresceu, dando lugar à humanidade?

Era então natural que tratassem seus pais como inimigos, que tentassem erradicá-los de sua terra e destruí-los. Era uma verdadeira tragédia, quando seus pais só tinham pretendido

conseguir a unidade através do matrimônio, e não que seus filhos irrompessem torpemente e estragassem a festa.

Contudo, os homens nunca mudariam. Ou melhor, Aaron era diferente, embora talvez com o tempo ele também voltasse ao mundo humano e esquecesse o que estava aprendendo ali. As criaturas que eram seus pais também o eram dos homens, e o matrimônio de sêmen no corpo do Lucy era a mesma mescla que tinha produzido os primeiros machos. Sempre tinham existido mulheres: viviam como espécie à parte com os demônios. Mas quiseram companheiros de jogo, e juntos criaram aos homens.

Que engano, que equívoco mais catastrófico. No transcurso das eras, o pior eliminou o melhor, as mulheres foram escravizadas, os demônios, assassinados ou sepultados, restando alguns poucos focos de sobreviventes para realizar de novo aquele primeiro experimento e criar homens, como Aaron, que conhecessem sua história. Só infiltrando na humanidade novos filhos machos poderiam suavizar o caráter da raça dominante. Essa possibilidade já era bastante precária como para que se interpusessem mais meninos zangados com os punhos gordinhos e brancos repletos de escopetas.

Aaron reconheceu o cheiro de Packard e de seu padrasto, e compreendeu que eram de outra raça. Depois daquela noite os trataria desapaixonadamente, como a animais de uma espécie diferente. Agora sentia-se mais próximo dos magníficos demônios que tinha ao redor, e soube que os defenderia com sua vida se fosse preciso.

O carro de Packard encabeçava o ataque. A coluna de veículos surgiu da escuridão com as sirenes uivando e os faróis acesos e se dirigiu diretamente para o centro da celebração. Em um ou dois carros, policiais aterrados uivaram espontaneamente quando viram de repente todo o espetáculo, mas então a força de choque já estava lançada. Houve disparos. Aaron notou que seus pais juntavam o corpo para protegê-lo, e sua carne se escurecia agora de fúria e de medo.

Packard soube instintivamente que aquelas criaturas podiam sentir temor, podia cheirar como o medo emanava deles. Parte de

seu trabalho consistia em reconhecer o medo, jogar com ele e utilizá-lo contra o infiel. Gritou suas ordens pelo megafone e levou os carros para dentro do círculo de demônios. Na parte de atrás de um dos carros que o seguia, Davidson fechou os olhos e dedicou uma prece ao Yavé, a Buda e a Groucho Marx. “Me deem poder, me deem indiferença, me deem senso de humor.” Mas ninguém foi em sua ajuda: seu fígado queimava, a garganta lhe dava ferroadas.

A frente soou o chiado dos freios. Davidson abriu os olhos (só uma fresta) e viu uma das criaturas envolver com seu braço púrpura e negro o carro de Packard e levantá-lo no ar. Uma das portas de atrás se abriu violentamente, e uma figura em quem reconheceu a Eleanor Kooker caiu ao chão, seguida muito de perto por Eugene. Sem um chefe, os carros se espalharam freneticamente, e toda a cena ficou velada em parte pela fumaça e o pó. Ouvia-se o ruído de pára-brisas dianteiros rompendo-se quando os policiais saíam a marchas forçadas dos carros, os chiados de capôs rasgados e portas arrancadas. O uivo agonizante de uma sirene esmagada e a última prece de um policial moribundo.

Entretanto, também se distinguia a voz de Packard com suficiente clareza, gritando ordens de seu carro enquanto o içavam ainda mais alto no ar, com o motor acelerado e as rodas girando estupidamente no vazio. O demônio agitava o carro como um menino agita um brinquedo, até que a porta do motorista se abriu e Jedediah caiu em frente a saia de pele da criatura. Davidson viu como essa saia envolvia o delegado, cuja costa estava rota, e parecia absorvê-lo em suas dobras. Também viu como Eleanor enfrentava o demônio, alto como uma torre, enquanto este devorava seu filho.

— Jedediah, saia daí! — gritou, e disparou tiro atrás de tiro contra a cabeça cilíndrica e sem traços do devorador.

Davidson desceu do carro para ver melhor. Entre um montão de veículos esmagados e capôs salpicados de sangue pôde fazer uma ideia mais completa da cena. Os demônios estavam se afastando da batalha, deixando na vanguarda aquele extraordinário monstro. Em voz baixa, Davidson dedicou uma oração de graças a qualquer deidade que passasse por ali. Os demônios estavam desaparecendo. Não haveria nenhuma batalha campal, nenhuma briga de mãos

contra tentáculos. Comeriam vivo o menino ou fariam o que tinham planejado com o pobre bastardo. Mas não poderia ver Aaron de onde estava? Não era a frágil figura que os demônios que batiam em retirada levavam tão alto, como um troféu?

Com as blasfêmias e as acusações de Eleanor nos ouvidos, os policiais que cobriam o ataque começaram a sair de seus esconderijos para rodear o demônio que ficava. Afinal de contas, já só teriam que enfrentar um, que além disso tinha seu Napoleão em seu punho. Lançaram-lhe uma descarga atrás de outra sobre suas rugas e dobras e contra a geometria perfeita de sua cabeça, mas o demônio não parecia sentir. Só depois de agitar o carro do Packard até que o xerife estralou como uma rã morta em uma lata, este deixou de se interessar e soltou o veículo. O ar se encheu do cheiro de gasolina que revolveu o estômago do Davidson.

Então se ouviu um grito:

— Protejam-se!

Era uma granada? Claro que não, era impossível, com tanta gasolina sobre o...

Davidson caiu ao chão. Houve um silêncio súbito, onde pôde ouvir um homem gemendo em alguma parte, entre o caos, e logo o ruído surdo de uma granada ricocheteando contra o chão.

Alguém exclamou “Jesus Cristo!” com um tom triunfal na voz.

Jesus Cristo. Em nome de... Pela glória de...

O demônio estava em chamas. A fina malha de suas costas empapada de gasolina queimava, a explosão lhe tinha arrancado um membro e destruído parcialmente outro, um sangue espesso e incolor saía do coto e das feridas. No ar havia aroma de caramelo queimado: claramente, a criatura estava morrendo incinerada. Seu corpo cambaleava e estremecia enquanto se enroscava ao redor de sua cara vazia, ele se afastou de seus torturadores dando tropeções, sem uma só queixa de dor. Davidson achou graça em ver como ele se queimava: era como o prazer de esmagar uma medusa com o salto da bota. Foi sua ocupação favorita nos verões de sua infância, nas tardes quentes do Maine: afundar navios de guerra.

Packard estava sendo retirando de rastros de entre os despojos de seu carro. Meu Deus, aquele homem era feito de aço!

Encontrava-se de pé, repreendendo seus homens para que avançassem contra o inimigo. No melhor momento de seu breve discurso, uma faísca de fogo caiu do demônio que vinha abaixo e tocou o lago de gasolina em que Packard se encontrava. Um segundo mais tarde, ele, o carro e dois de seus salvadores estavam envoltos em uma nuvem de fogo branco. Não tinham chance de sobreviver, as chamas os dissolveram. Davidson pôde ver como suas figuras escuras se desfaziam no centro daquele inferno, envoltas em línguas de fogo, retorcendo-se sobre si mesmos enquanto pereciam.

Quase antes que o corpo de Packard tivesse caído ao chão, Davidson ouviu a voz de Eugene por cima das chamas:

— Viram o que eles fizeram? Viram o que eles fizeram?

Os policiais lançaram ferozes uivos como resposta a essa acusação.

— Acabem com eles! — gritava Eugene. — Acabem com eles!

Lucy distinguia o ruído da batalha, mas não fez menção de aproximar-se das colinas. Algo na forma em que a lua estava suspensa no céu e no aroma da brisa tinham retirado a sua vontade de se mover. Exausta e enfeitiçada, ficou parada em pleno deserto e observou o céu.

Quando, depois de uma eternidade, baixou a vista para vislumbrar o horizonte, viu duas coisas que lhe interessaram. Fora das colinas, uma suja mancha de fumaça, e, no limite de sua percepção, à delicada luz da noite, uma fila de criaturas que saíam correndo das colinas. De repente, pôs-se a correr.

Enquanto corria ocorreu-lhe que seu passo era tão ágil como o de uma garotinha, e que tinha a mesma mobilidade que uma jovem, quer dizer, que estava perseguindo seu amante.

Em uma zona vazia do deserto, o grupo de demônios desapareceu de repente. De onde se encontrava Lucy, ofegando em meio de parte alguma, parecia que a terra os tinha tragado. Voltou de novo a correr. Poderia voltar a ver seu filho e os pais dele antes que se fossem para sempre? Ou até isso lhe seria negado depois de tantos anos de espera?

Davidson dirigia o carro que ia à frente, seguindo as ordens de Eugene, com quem no momento não se podia discutir. Algo em sua

maneira de empunhar o fuzil indicava que dispararia primeiro e perguntaria depois. Dois terços das ordens que dava a seu esparramado exército eram obscenidades incoerentes, e só um terço inteligíveis. Os olhos lhe brilhavam de histeria, a boca babava ligeiramente. Estava louco e tinha aterrorizado Davidson. Mas já era muito tarde para voltar, estava ligado àquele homem durante aquela última e apocalíptica perseguição.

— Olhe, esses filhos de puta de olhos negros não têm cabeça, os malditos! — gritava Eugene por cima do estertor dolorido do motor. — Por que vai tão devagar, rapaz?

Afundou seu fuzil na virilha de Davidson.

— Dirija ou te faço voar os miolos.

— Não sei para onde foram! — respondeu-lhe o outro gritando.

— O que quer dizer? — Parecia que Eugene entendia vagamente a sensatez dessa resposta.

— Não posso encontrar o caminho se tiverem desaparecido.

— Reduza, rapaz.

Saiu pela janela do carro para deter o resto do exército.

— Parem o carro..., parem o carro!

Davidson freou.

— E apaguem essas malditas luzes! Todos!

Apagaram os faróis. Por trás, o resto da coluna os imitou.

Fez-se uma súbita escuridão. Um súbito silêncio. Não se via nem se ouvia nada em parte alguma. Tinham desaparecido, toda a tribo cacofônica de demônios desapareceu no ar, como uma quimera.

O panorama desértico se esclareceu quando seus olhos se habituaram ao brilho da luz lunar, Eugene desembarcou do carro, com o fuzil ainda a ponto de ser usado, e contemplou a areia desejando que esta lhe desse explicações.

— Malditos! — disse, com muita suavidade.

Lucy tinha parado de correr. Agora andava em direção à fila de carros. Já tinha acabado tudo. Eles tinham enganado a todos, o desaparecimento foi uma fuga que ninguém tinha previsto.

Então ouviu Aaron.

Não podia vê-lo, mas sua voz era tão nítida como a de um sino, e, como um sino, convocava. Como um sino dizia gritava: é tempo de carnaval, celebrem conosco.

Eugene também o ouviu e sorriu.

— Hei! — disse a voz do menino.

— Onde ele está? Você o vê, Davidson?

Este negou com a cabeça. E então...

— Espere! Espere! Vejo uma luz... Olhe, a frente, ao longe.

— Já a vejo.

Com uma precaução exagerada, Eugene empurrou novamente Davidson para o assento do motorista.

— Dirija, rapaz. Mas devagar e com as luzes apagadas.

Davidson assentiu. “Mais medusas para esmagar”, pensou, afinal iriam alcançar aqueles bastardos. E não merecia isso correr um pouco de risco? O comboio entrou em marcha uma vez mais, avançando sigilosamente e muito devagar.

Lucy pôs-se a correr outra vez: agora podia ver a pequena figura de Aaron, de pé na beira de uma depressão da areia. Os carros se dirigiam para lá.

Ao vê-los aproximar-se, Aaron deixou de chamá-los e começou a afastar-se, descendo pela depressão. Não era necessário esperar mais, estava claro que o seguiam. Seus pés descalços deixavam rastros apenas perceptíveis sobre o declive de areia suave que levava para fora das idiotices deste mundo. Nas sombras que havia no terreno baixo podia ver sua família, vigiando-o e sorrindo-lhe.

— Ele vai desaparecer — observou Davidson.

— Então siga esse pequeno bastardo — apressou Eugene. — Ou talvez o menino não saiba o que faz. Ilumine-o.

Os faróis iluminaram Aaron. Tinha as roupas andrajosas e por sua forma de andar parecia exausto.

A alguns quantos metros à direita, Lucy observou como o primeiro carro deixava para trás o bordo de terra e, costa abaixo, seguia ao menino em direção a...

— Não — disse, — não façam isso!

Davidson teve medo de repente. Começou a diminuir a marcha.

— Em frente, rapaz. — Eugene voltou a afundar o fuzil na sua virilha. — Eles estão encurralados. Temos todo o ninho aí à frente. O menino está nos levando diretamente para eles.

Todos os carros já estavam descendendo pela depressão atrás do primeiro, com as rodas escorregando na areia.

Aaron se virou, atrás dele, iluminados exclusivamente pela fosforescência de sua própria matéria, estavam os demônios, era uma massa de geometrias impossíveis. Todos os atributos de Lúcifer estavam distribuídos entre os corpos dos pais. Anatomias extraordinárias, cabeças de espirais ilusórias, escamas, saias, garras, foices.

Eugene fez o comboio parar, desembarcou do carro e começou a andar para Aaron.

— Obrigado, filho. Venha aqui... Agora nós cuidaremos deles. Já são nossos. Você está a salvo.

Aaron ficou olhando para seu pai sem compreendê-lo.

Atrás de Eugene, o exército estava desembarcando dos carros, preparando as armas. Carregavam precipitadamente um lança granadas, martelavam os fuzis, ativavam as luzes.

— Venha com o papai, menino — rogou Eugene.

Aaron não se moveu, por isso seu pai se aproximou alguns quantos metros mais do fundo, Davidson já estava fora do carro, tremendo da cabeça aos pés.

— Possivelmente você deveria soltar o fuzil. Talvez ele tenha medo — sugeriu.

Eugene grunhiu e baixou alguns centímetros a boca do fuzil.

— Você está a salvo — disse Davidson. — Não tenha medo.

— Venha conosco, menino. Devagar.

A cara do Aaron começou a avermelhar. Até sob a luz enganosa dos faróis se percebia claramente sua mutação. As bochechas se inchavam como globos e a pele de sua frente estava se enrugando como se estivesse cheia de vermes. A cabeça parecia liquidificar-se ou transformar-se em uma sopa de formas que mudavam e eclodiram como uma nuvem. A fachada de sua infância desmoronava à medida que o pai que havia dentro do filho mostrava seu imenso e inimaginável rosto.

Assim que Aaron se transformou em filho verdadeiro de seu pai, o declive começou a abrandar-se. Davidson foi o primeiro a notar uma ligeira mudança na consistência da areia, como se lhe tivessem dado uma ordem sutil mas imperativa.

Eugene só conseguia ficar boquiaberto ante a transformação de Aaron, cujo corpo inteiro estava sobressaltado pelos estremecimentos da mutação. O estômago tinha se distendido e toda uma colheita de cones se sobressaía dele, cones que floresciam imediatamente em dúzias de pernas espirais. A mudança era maravilhosa por sua complexidade, como se da substância do menino surgissem novas glórias.

Sem avisar, Eugene levantou o fuzil e disparou em seu filho. A bala alcançou ao menino-demônio na metade do rosto. Aaron caiu para trás, enquanto sua transformação seguia seu curso enquanto seu sangue, em um jorro meio escarlate meio prateado, emanava da ferida até cair sobre a terra.

As geometrias da escuridão saíram de seu esconderijo para ajudar o menino. Suas intrincadas formas pareciam mais simples à luz dos faróis, mas, conforme surgiam, davam a sensação de estar mudando de novo: os corpos se tornavam magros de pena, de seus corações saía um gemido de lamentação semelhante a um sólido muro de som.

Eugene levantou o fuzil pela segunda vez, gritando ante sua vitória. Tinha-os a sua mercê... meu Deus, tinha-os a sua mercê! Sujos, pestilentos demônios sem cara...

Mas o limo que tinha aos seus pés se transformou em um melaço quente ao subir pelas pernas, e ao disparar perdeu o equilíbrio. Gritou pedindo ajuda, mas Davidson já se afastava cambaleando costa acima do terreno baixo, em uma batalha perdida de antemão contra o lodaçal que se estava formando. O resto do exército fora apanhado de forma similar à medida que o deserto se liquidificava a seus pés e o barro gelatinoso começava a arrastar-se costa acima.

Os demônios se foram, desapareceram-se na escuridão, e seu lamento desapareceu.

Eugene, estirado sobre as costas na areia que afundava, fez dois disparos inúteis e veementes contra a escuridão que havia atrás do cadáver de Aaron. Estava esperneando como um porco degolado, e a cada chute o corpo afundava um pouco mais. Quando seu rosto desapareceu sob o barro, só conseguiu ver Lucy, de pé sobre a borda do terreno baixo contemplando o corpo de Aaron. Logo o pântano lhe cobriu o rosto e acabou com ele.

O deserto lhes estava vindo em cima a uma velocidade vertiginosa.

Um ou dois carros já estavam completamente inundados, e a onda de areia que subia a costa alcançava implacavelmente os que tentavam escapar. Débeis gritos de socorro se apagavam de súbito quando as bocas se enchiam de deserto, alguém disparava no chão em um intento histórico de deter a maré, mas esta evoluía rapidamente para acabar com todos eles. Nem sequer Eleanor Kooker se livrou: lutava, amaldiçoando e afundando progressivamente na areia o corpo inerte de um policial, devido a seus intentos frenéticos de sair do lodaçal.

Agora se ouviam uivos por toda parte. Os homens, presas do pânico, empurravam-se a provas para sujeitar-se, tentando desesperadamente manter a cabeça fora daquele mar de areia.

Davidson estava enterrado até a cintura. A terra que formava redemoinhos em torno da metade inferior de seu corpo era cálida e parecia curiosamente sedutora. A intimidade daquela pressão lhe tinha provocado uma ereção. Alguns poucos metros atrás, um policial entoava seu canto de cisne à medida que o deserto o tragava. Mais ao longe distinguiu um rosto que aparecida do chão em movimento, como uma máscara viva atirada sobre a terra. Havia um braço perto, que se agitava enquanto afundava, e um par de nádegas se sobressaíam do limo como duas dunas, era a despedida de um agente.

Lucy deu um passo atrás quando a lama ultrapassou ligeiramente a borda do terreno baixo, mas não chegou a lhe alcançar os pés. Curiosamente, tampouco se dispersou, como teria feito uma onda marinha.

Endurecia-se como se fosse cimento, prendendo seus troféus vivos como moscas em âmbar. Dos lábios de todos os rostos que ainda respiravam surgiu um novo grito de terror quando sentiram que o chão do deserto se espessava ao redor de seus membros crispados.

Davidson viu Eleanor Kooker enterrada até o peito. As lágrimas lhe escorregavam pelas bochechas, estava soluçando como uma menina pequena. Ele, por sua parte, logo pensou em si mesmo. Não se lembrou do Este, da Bárbara, dos meninos.

Os homens cujas cabeças estavam cobertas, mas cujos membros ou outras partes do corpo ainda apareciam na superfície, já estavam mortos por asfixia então. Só sobreviviam Eleanor Kooker, Davidson e dois homens mais. Um agente estava aprisionado na terra até o queixo. Eleanor se achava enterrada de forma que seus seios repousavam sobre o chão, e tinha os braços livres para golpear a terra que a tinha apanhada firmemente. Davidson permanecia imobilizado do quadris para baixo. E, o mais horrível de tudo, de uma patética vítima só se viam o nariz e a boca. Tinha a cabeça dentro do chão, coberta pela rocha. Mas continuava respirando, continuava gritando.

Eleanor Kooker arranhava o chão com as unhas rotas, mas aquela areia não estava solta. Era impossível movê-la.

— Vá buscar ajuda — suplicou a Lucy, com as mãos sangrando.

As duas mulheres se contemplaram.

— Jesus Cristo! — gritou a boca.

A cabeça estava calada: por seu olhar vidrado se compreendia que aquele homem enlouquecera.

— Por favor, nos ajude... — implorou o torso de Davidson. — Vá buscar ajuda.

Lucy assentiu.

— Rápido! — pediu Eleanor Kooker. — Vá!

Lucy obedeceu inconscientemente. Para o Este estavam aparecendo os primeiros brilhos do amanhecer. Logo o ar estaria queimando. Em Welcome, a três horas de marcha, só encontraria homens velhos, mulheres histéricas e meninos. Talvez tivesse que ir procurar ajuda a oitenta quilômetros de distância. Tudo isso caso

encontrasse o caminho de volta. Tudo isso caso que não caísse exausta sobre a areia e morresse.

Era impossível que antes de meio-dia encontrasse ajuda para a mulher, o Torso, a Cabeça e a Boca. E então a loucura teria dado cabo deles. O sol lhes teria ressecado a tampa dos miolos, as serpentes teriam se aninhado em seu cabelo, as águias lhes teriam arrancado os olhos indefesos.

Lançou um último olhar para aquelas figuras insignificantes, esgotadas pela carícia crescente do céu do amanhecer. Eram pequenos pontos e de dor humana sobre uma folha branca de areia, não se perguntou que mão os tinha inscrito ali. Deixou isso para outro dia.

Depois de um momento, começou a correr.

NOVOS ASSASSINATOS NA GALLE MORGUE

O inverno, decidiu Lewis, não era a estação dos velhos. A neve que cobria as ruas de Paris com dez centímetros de espessura o gelava até a medula. O que de menino tinha sido para ele uma alegria era agora uma maldição. Odiava-a com todo seu coração, odiava os meninos que se atiravam bolas de neve (gritos, uivos, lágrimas), odiava também os jovens amantes, ansiosos de que os surpreendessem em pleno frenesi (gritos, beijos, lágrimas). Era incômodo e aborrecido, e desejou encontrar-se em Forte Lauderdale, onde o sol estaria brilhando.

Mas o telegrama de Catherine, sem ser explícito, era urgente, e os laços de amizade que os uniam não se quebraram durante quase cinquenta anos. Estava ali por ela e por seu irmão Phillipe. Por vulnerável que lhe parecesse seu sangue naquele país gelado, era estúpido queixar-se. Tinha ido a uma entrevista com o passado, e teria ido com a mesma rapidez e de tão boa vontade se Paris estivesse ardendo.

Além disso, era a cidade de sua mãe. Tinha nascido no bulevar Diderot em uma época em que a cidade não estava lotada de arquitetos modernos nem de engenheiros sociais. Agora, cada vez que Lewis voltava a Paris, preparava-se para uma nova profanação. Admitiu que nos últimos tempos eram menos frequentes. Na Europa a recessão tinha acabado com o entusiasmo dos governos pelas escavadoras. Mas ainda, ano após ano, casas formosas se transformavam em entulhos. Às vezes, ruas inteiras vinham abaixo.

Até a Rua Morgue.

Naturalmente, duvidava-se que essa rua de má fama tinha existido, mas, à medida que envelhecia, para Lewis parecia cada vez menos pertinente distinguir entre realidade e ficção. Essa grande distinção era para os jovens, que ainda tinham que enfrentar a vida. Para os velhos (e ele tinha setenta e três anos), a divisão era puramente especulativa. Que importância tinha saber o que era certo e que falso, que era real e o que era inventado? Para ele, tudo, as verdades e as meia verdades, eram um só contínuo de história pessoal.

Talvez tivesse existido a Rua Morgue como Poe a descreveu em seu conto imortal, ou talvez fosse pura invenção. Em qualquer caso, a célebre rua já não figurava em nenhum lugar de Paris.

Possivelmente Lewis se sentia ligeiramente enganado por não ter encontrado essa rua. Afinal, fazia parte de sua herança. Se as histórias que lhe tinham contado na infância eram certas, os acontecimentos descritos nos assassinatos da Rua Morgue tinham sido contados a Poe pelo seu avô. O orgulho de sua mãe era que seu pai se encontrara com Poe enquanto viajava pela América. Ao que parecia, seu avô tinha sido um viajante, descontente se não visitava uma cidade nova a cada semana. E no inverno de 1835 esteve em Richmond, Virginia. Foi um inverno muito duro, ou melhor não muito diferente de que padecia agora Lewis, e uma noite o avô se refugiou em um bar de Richmond. Ali, com a tempestade de neve açoitando o exterior, topou-se com um jovem pequeno, escuro e melancólico chamado Eddie. Parecia uma espécie de celebridade local por ser o autor de um conto que ganhou um concurso no *Baltimore Sunday Visitor*. O relato era sobre um Manuscrito encontrado em uma garrafa, e o jovem atormentado se chamava Edgar Allan Poe.

Os dois passaram a noite bebendo e (isso dizia a história) Poe surrupiou sutilmente do avô a história misteriosa, mórbida e estranha. O viajante experiente se sentiu feliz de agradá-lo e contou-lhe milhares de retalhos de histórias fantásticas, que o escritor refundiu mais tarde no mistério de Enjoe Roget e Os assassinatos da Rua Morgue. Em ambos os contos, por entre as atrocidades, aparecia o gênio peculiar do C. Auguste Dupin.

C. Auguste Dupin. Para Poe era a encarnação do perfeito detetive: tranquilo, racional e brilhantemente perceptivo. As narrações em que aparecia ficaram logo famosas, e graças a elas Dupin se transformou em uma celebridade de ficção, sem que ninguém soubesse na América que era uma pessoa real.

Era o irmão do avô do Lewis. O tio avô do Lewis era C. Auguste Dupin.

E seu caso mais importante — os assassinatos da Rua Morgue — também se apoiava na realidade. As matanças descritas no relato tinham ocorrido. Certamente que tinham matado brutalmente duas mulheres na Rua Morgue. Eram, como escreveu Poe, a senhora L’Espanaye e sua filha, a senhorita Camille L’Espanaye. Duas mulheres de boa reputação que viviam tranquilas e sossegadas. Por isso foi muito mais terrível descobrir que suas vidas tinham sido brutalmente arrancadas. O corpo da filha estava metido na chaminé, o da mãe foi descoberto no pátio posterior da casa, com a garganta cortada tão grosseiramente que tinha a cabeça quase serrada. Não se pôde encontrar um motivo convincente para os assassinatos, e o mistério se fez ainda mais impenetrável quando todos os ocupantes da casa manifestaram ter ouvido o assassino falar em línguas diferentes. O francês estava seguro de que a voz era de um espanhol, o inglês tinha ouvido alemão, o holandês acreditou que era francês. Dupin, em suas investigações, notou que nenhuma das testemunhas conhecia a linguagem que dizia ter ouvido dos lábios do assassino que ninguém viu. Concluiu que a pretendida língua não era nada mais que a voz inarticulada de uma besta selvagem.

De fato, era um macaco, um monstruoso orangotango das ilhas do leste da Índia. No punho da defunta senhora L’Espanaye encontraram cabelos avermelhados. Só a força e agilidade da besta explicava o horroroso destino da senhorita L’Espanaye. O animal, que pertencia a um marinho maltês, escapou e assaltou o piso da Rua Morgue.

Essa era a essência da história.

Certo ou falso, o conto exercia uma grande fascinação romântica sobre Lewis. Gostava de pensar em seu tio avô abrindo caminho pelo mistério graças a sua lógica, sem se deixar afetar pela

histeria e horror que o rodeavam. Pensou que essa tranquilidade era autenticamente europeia, pertencia a uma época remota em que ainda se valorizava a luz da razão, e o pior horror que se podia conceber era uma besta armada com uma navalha para fatiar pescoços.

Agora, à medida que o século vinte se encaminhava lentamente para seu último quarto, terei que dar conta de atrocidades muito mais importantes, todas elas cometidas por seres humanos. Os antropólogos examinaram o humilde orangotango e descobriram que se tratava de um herbívoro solitário, tranquilo e filosófico. Os autênticos monstros eram muito menos notórios e muito mais poderosos. Suas armas ridiculizariam as navalhas, seus crimes eram enormes. Em alguns momentos Lewis quase se sentia feliz de ser velho e de estar a ponto de deixar o século que se arrumasse sozinho. Sim, a neve lhe gelava a medula. Sim, contemplar uma jovem com cara de deusa excitava em vão seus desejos. Sim, agora se sentia como um observador em vez de um participante.

Mas não sempre foi assim.

Em 1937, na mesma habitação do número onze do *Quai* do Bourbon onde agora estava sentado, viveu experiências suficientes. Nessa época Paris ainda era um palácio do prazer que ignorava obstinadamente os rumores de guerra e conservava, embora às vezes se notasse certa tensão, um ar de doce ingenuidade. Aqueles anos tinham sido despreocupados nos dois sentidos da palavra, levaram vidas intermináveis de ócio perfeito.

Naturalmente que não foi assim. Suas vidas não tinham sido perfeitas nem intermináveis. Mas durante certo tempo — um verão, um mês, um dia — pareceu que nada no mundo iria mudar.

Meia década depois Paris queimaria, e sua alegria pecaminosa, que em realidade não era mais que inocência, ficaria manchada para sempre. Tinham passado muitos dias (e noites) no piso onde agora estava Lewis, e foram tempos maravilhosos, quando pensava neles parecia que seu estômago doía de nostalgia.

Seus pensamentos se dirigiram a sucessos mais recentes. A sua exposição em Nova Iorque, em que a série de pinturas que

retratavam a condenação da Europa tinha obtido um brilhante êxito de crítica. Aos setenta e três anos Lewis era um homem festejado. Em todas as publicações de arte lhe dedicavam artigos. Da noite para o dia se tinha multiplicado o número de seus admiradores e compradores, ansiosos de comprar seu trabalho, de falar com ele, de apertar sua mão. Naturalmente, tudo muito tarde. As angústias da criação tinham acabado fazia tempo, pois cinco anos atrás deixou definitivamente os pincéis. Agora, quando não era mais que um espectador, seu triunfo de crítica parecia uma paródia: observava o circo de longe com um sentimento semelhante ao desgosto.

Quando lhe chegou o telegrama de Paris lhe pedindo ajuda trouxe um imenso prazer, poder escapar do coro de imbecis que lhe cantavam louvores.

Agora esperava no piso que ia ficando às escuras, e observava o permanente trânsito de carros sobre a ponte Louis-Phillipe, parisienses cansados retornavam para casa sobre a neve. As buzinas uivavam, os motores tossiam e resmungavam, os faróis anti neblina amarelos deixavam uma esteira de luz sobre a ponte.

E Catherine não chegava.

A neve, que tinha deixado de cair durante quase todo o dia, começava a cair de novo sussurrando contra a janela. O tráfico discorria por cima do Sena, o Sena discorria por baixo do tráfico. Caiu a noite. Finalmente, ouviu passos no vestíbulo e cochichos trocados com o caseiro.

Era Catherine. Catherine, por fim.

Levantou-se e olhou a porta, imaginando que se abria antes que o fizesse, imaginando-a no corredor.

— Lewis, querido...

Sorriu-lhe, era um sorriso pálido sobre uma cara ainda mais pálida. Parecia mais velha do que ele esperava. Quanto tempo fazia que não a via? Quatro ou cinco anos? Sua fragrância era a mesma que sempre a acompanhava, essa sua peculiaridade tranqüilizou Lewis. Beijou-lhe brandamente as bochechas frias.

— Você está com bom aspecto — mentiu.

— Não, não estou. E se estou é um insulto para Phillipe. Como posso estar bem enquanto ele tem tantos problemas?

Seu comportamento era enérgico e severo, como sempre.

Tinha três anos mais que ele, mas o tratava como um professor a um menino recalcitrante. Sempre agiu assim: era sua forma de mostrar-se carinhosa.

Depois das saudações, sentou-se junto à janela olhando para fora, para o Sena. Sob a ponte flutuavam pequenos pedaços de gelo cinzas, agitando-se e formando redemoinhos na corrente. A água parecia mortífera, como se o frio pudesse lhe tirar o fôlego.

— Que o problema de Phillipe?

— Acusam-no de...

Uma pequena vacilação. A piscada de uma pestana.

— ... assassinato.

Lewis quis rir, a só ideia era absurda. Phillipe tinha sessenta e nove anos e era apazível como um cordeiro.

— É verdade, Lewis. Compreenderá que não podia dizer isso por telegrama. Tinha que lhe comunicar isso em pessoa. Acusam-no de assassinato.

— Quem?

— Uma garota, é obvio. Uma de suas formosas mulheres.

— Ainda continua fazendo a ronda, não?

— Estávamos acostumados a brincar dizendo que morreria por causa de uma mulher, lembra-se?

Lewis assentiu levemente.

— Tinha dezenove anos. Natalie Perek. Era uma garota muito culta, ao que parece. E encantadora. Com o cabelo vermelho e comprido. Lembra-se de como Phillipe gostava das ruivas?

— Dezenove? Ele sai com garotas de dezenove?

Não lhe respondeu. Lewis se sentou sabendo que a irritava que desse voltas pela sala. De perfil ainda era bonita, e o raio de cor amarela azulada que entrava pela janela lhe suavizava as linhas do rosto, rejuvenescendo-a magicamente cinquenta anos.

— Onde está?

— Prenderam-no. Dizem que é perigoso e que poderia voltar a matar.

Lewis agitou a cabeça. Sentia dor nas têmporas, dor que desapareceria se só conseguisse fechar os olhos.

— Ele precisa vê-lo. Muito urgentemente.

Mas talvez o sonho só fosse uma forma de escapismo. Encontrava-se diante de algo que não podia ser espectador.

Phillipe Labordeaux olhou para Lewis por cima da mesa nua com o rosto cansado e absorto. Saudaram-se com um simples aperto de mão, era o único contato físico autorizado.

— Estou desesperado — confessou. — Ela está morta. Minha Natalie está morta.

— Conte-me o que aconteceu.

— Tenho um pequeno apartamento em Montmartre. Na rua dos Mártires, apenas um quarto, e o utilizo para receber os amigos. Catherine sempre tem o número onze tão limpo que não posso usá-lo para essas coisas. Natalie estava acostumada a passar ali muito tempo comigo, todo mundo da casa a conhecia. Tinha um temperamento magnífico e era preciosa. Estava se preparando para ingressar na Faculdade de Medicina. Era brilhante. E me queria.

Phillipe continuava sendo atraente. Na realidade, agora que a moda voltava para as origens, sua elegância, seu rosto quase fogueiro, seu encanto tranquilo estavam na ordem do dia. Com algo de uma época passada, talvez.

— No domingo pela manhã saí e fui à confeitaria. E quando voltei...

Custava-lhe pronunciar as palavras.

— Lewis...

Os olhos dele se encheram de lágrimas de frustração. Aquilo lhe era tão penoso, que sua boca se negava a articular os sons necessários.

— Não... — começou Lewis.

— Preciso lhe contar isso Lewis. Quero que saiba, quero que a veja tal como eu a vi. Para que saiba que coisas há... há... que coisas há no mundo.

As lágrimas lhe escorreram pelo rosto em dois graciosos regatos. Apertou a mão de Lewis entre as suas com tanta força que lhe fez mal.

— Estava coberta de sangue. De feridas. A pele arrancada... o cabelo destroçado. Sua língua estava sobre o travesseiro, Lewis.

Imagine. Estava estirada sobre o travesseiro. E seus olhos, flutuando em sangue, como se tivesse chorado sangue. Era a criatura mais preciosa de toda a criação, Lewis. Era formosa.

— Basta.

— Quero morrer, Lewis.

— Não.

— Não quero mais viver. Não tem sentido.

— Não o declararão culpado.

— Não importa, Lewis. Deve se ocupar de Catherine. Li comentários sobre sua exposição...

Quase sorriu.

— ... Me alegro por você. Sempre dissemos, não é verdade? Antes da guerra. Você ia ser famoso e eu...

O sorriso tinha desaparecido.

— ... célebre. Nos periódicos dizem coisas terríveis de mim. Um velho que sai com garotas jovens, isso lhes parece insano. Provavelmente pensam que perdi o controle porque não podia satisfazê-la. Isso é o que pensam, estou convencido. — Perdeu o fio, parou e recomeçou. — Você deve se ocupar de Catherine. Tem dinheiro, mas nenhum amigo. É muito fria. Está ferida em seu interior e isso faz que as pessoas desconfiem dela. Tem que ficar com ela.

— Farei isso.

— Já sei. Sei. Por isso estou contente, de verdade, simplesmente por...

— Não, Phillipe.

— ... morrer. Não restou nada, Lewis. O mundo é muito duro.

Lewis pensou na neve, nos pedaços de gelo, e compreendeu que morrer tinha sentido.

O oficial encarregado da investigação foi pouco amável, embora Lewis se apresentou como um parente do apreciado detetive Dupin. O desprezo que sentia por aquela doninha mal vestida, sentada no buraco desordenado de seu escritório, fez a entrevista ser tensa por causa da cólera contida.

— Seu amigo — disse o inspetor, mordiscando a cutícula avermelhada do polegar — é um assassino, senhor Fox. Simples

assim. As provas são concludentes.

— Não posso acreditar.

— Acredite no que quiser, está no seu direito. Temos todas as provas que necessitamos para acusar Phillipe Labordeaux de assassinato em primeiro grau. Foi uma morte a sangue frio e será castigado com todos rigores da lei. Garanto-lhe isso.

— Que provas têm contra ele?

— Senhor Fox, não lhe devo nenhum favor. As provas que temos são nosso assunto. Baste lhe dizer que não se viu nenhuma outra pessoa durante o tempo em que o acusado diz ter estado em uma fictícia confeitaria, e como só se pode chegar à habitação em que se encontrou a defunta pelas escadas...

— Não há janelas?

— Três pisos mais acima. E no meio, uma parede nua. Salvo um acrobata, ninguém mais pôde cometer o crime.

— E o estado do corpo?

O inspetor fez uma careta de asco.

— Horrível. A pele e o músculo separados do osso. Toda a espinha dorsal exposta. Sangue, muito sangue.

— Phillipe tem setenta anos.

— E?

— Um homem velho não seria capaz...

— Em outros aspectos — interrompeu o inspetor — parece muito capaz, *oui*? Como amante, sim? Amante apaixonado, disso sim era capaz.

— E que motivo diria que teve?

Torceu a boca, virou seus olhos e golpeou o peito.

— O *coeur humain* — disse, como se pusesse em dúvida a influência da razão sobre os assuntos de coração. — O *coeur humain, quel mystère, n'est-ce pas?*

E exalando a fetidez de sua úlcera sobre Lewis, indicou a porta aberta.

— Obrigado, senhor Fox. Compreendo sua confusão, *oui*? Mas está perdendo seu tempo. Um crime é um crime. É real, não como seus quadros.

Viu a surpresa em Lewis.

— Oh, não sou tão pouco civilizado para não conhecer sua reputação, senhor Fox. Mas lhe peço que crie suas invenções o melhor que possa, para isso está preparado, *oui*? Eu estou para descobrir a verdade.

Lewis não podia suportar mais os modos daquela doninha.

— Verdade? — soltou ao inspetor. — Não reconheceria a verdade mesmo que tropeçasse nela.

A doninha fez cara de ter sido esbofeteada com um peixe molhado.

Foi uma satisfação ínfima, mas fez com que Lewis se sentisse melhor durante cinco minutos pelo menos.

A casa da rua dos Mártires não estava em boas condições, e Lewis sentia o cheiro de umidade enquanto subia ao pequeno quarto do terceiro piso. As portas se abriam a sua passagem, e sussurros nervosos fizeram-lhe se apressar escada acima, embora ninguém tentasse detê-lo. O quarto onde havia acontecido a atrocidade estava fechado. Sentia-se contrariado, mas sem saber como ou por que, tinha a convicção de que se visse o interior poderia ajudar Phillipe. Desceu as escadas e saiu para o ar invernal.

Catherine já tinha voltado para o *Quai de Bourbon*. Assim que a viu, Lewis soube que ia ouvir alguma novidade. Tinha o cabelo solto em lugar do coque que gostava de usar, e lhe pendurava desordenadamente pelos ombros. À luz do abajur, sua cara apresentava uma cor cinza amarelada e doentia. Até no ambiente fechado de seu piso com calefação central sentia calafrios.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe.

— Fui ao apartamento de Phillipe — disse Catherine.

— Eu também. Estava fechado.

— Mas eu tenho a chave, Phillipe guardava uma cópia. Só queria recolher um pouco de roupa para ele.

Lewis assentiu.

— E?

— Havia alguém mais lá.

— Polícia?

— Não.

— Quem?

— Não pude distingui-lo. Não sei exatamente. Carregava um casaco folgado e um cachecol sobre o rosto, chapéu, luvas — deteve-se. — Tinha uma navalha, Lewis.

— Uma navalha?

— Uma navalha de barbear aberta.

Lewis teve um pressentimento. Uma navalha aberta, um homem tão vestido que não podia ser reconhecido...

— Aterrorizou-me.

— Fez-lhe algum mal?

Negou com a cabeça — Gritei e ele saiu correndo.

— Não te disse nada?

— Não.

— Seria algum amigo de Phillippe?

— Conheço os amigos de Phillippe.

— Então da garota. Um irmão.

— Talvez. Mas...

— O que?

— Havia algo estranho nele. Cheirava a perfume, muito forte, e andava a passinhos muito curtos e cuidadosos, embora fosse imenso.

Lewis a rodeou com o braço.

— Fosse quem fosse, você o assustou. Basta que não volte lá. Se alguém tiver que ir procurar a roupa do Phillippe, irei eu.

— Obrigado. Sinto-me estúpida, pode ser que entrou simplesmente por acaso. Que fosse ver a casa do assassino. As pessoas fazem essas coisas, não é verdade? Por uma espécie de fascinação mórbida...

— Amanhã falarei com a doninha.

— Doninha?

— O inspetor Marais. Farei que reviste o lugar.

— Você viu Phillippe?

— Sim.

— Está bem?

Lewis não respondeu durante um bom momento.

— Ele quer morrer, Catherine. Já abandonou a luta, antes de ir a julgamento.

— Mas se não fez nada!
— Não podemos prová-lo.
— Você se gaba sempre de seus antepassados, de seu bendito Dupin. Demonstre-o...

— Por onde começo?
— Fale com algum de seus amigos, Lewis. Por favor. Talvez a garota tivesse inimigos.

Jacques Solal contemplou Lewis através de suas lentes côncavas, com as íris ampliadas e distorcidos pelo cristal. Sentia-se péssimo, tinha bebido muito conhaque.

— Ela não tinha inimigos. Ela não. Oh, talvez algumas poucas mulheres invejosas de sua beleza...

Lewis brincou com os torrões de açúcar que lhe tinham servido com o café. Solal estava tão pouco comunicativo como bêbado, mas, por estranho que parecesse, Catherine assegurava-lhe que o garoto que tinha do outro lado da mesa era o melhor amigo do Phillipe.

— Acredita que Phillipe a matou?

Solal apertou os lábios.

— Quem sabe?

— O que você acha?

— Ah, era meu amigo. Se soubesse quem a matou diria.

Parecia veraz. Talvez aquele homenzinho afogava simplesmente suas mágoas em conhaque.

— Ele era um cavalheiro — disse Solal, desviando os olhos para a rua.

Do outro lado do cristal defumado da cervejaria, bravos parisienses combatiam contra a fúria de uma nova tempestade de neve, tentando em vão manter a dignidade e compostura em pleno vendaval.

— Um cavalheiro — repetiu.

— E a garota?

— Era formosa, e ele estava apaixonado por ela. Tinha outros admiradores, naturalmente. Uma mulher como ela...

— Admiradores ciumentos?

— Quem sabe?

Outra vez o “quem sabe?”. A pergunta ficava pendurada no ar como um encolhimento de ombros. Quem sabe? Quem sabe? Lewis começou a compreender a paixão do inspetor pela verdade. Possivelmente pela primeira vez em dez anos sua vida tinha um objetivo: a ambição de descer do ar esse “quem sabe?” indiferente. De descobrir o que tinha ocorrido naquele quarto da rua dos Mártires. Não queria uma aproximação nenhuma explicação fictícia, a não ser a verdade, a verdade absoluta e indisputável.

— Lembra se algum homem em particular a queria? — perguntou.

Solal sorriu. Só tinha dois dentes na mandíbula inferior.

— Oh, sim. Havia um...

— Quem?

— Nunca soube seu nome. Era um homem corpulento, vi-o fora da casa três ou quatro vezes. Embora pelo aroma parecesse...

Fez uma cara que mostrava bem às claras que acreditava homossexual. As sobrancelhas arqueadas e os lábios apertados lhe fazia parecer duplamente ridículo atrás dos óculos.

— Cheirava?

— Oh, sim.

— A que?

— A perfume, Lewis. A perfume.

Em algum lugar de Paris havia um homem que conheceu a garota que amava Phillipe. Uma fúria de ciúmes se apoderou dele. Em um arrebatamento de cólera incontável, assaltou o apartamento de Phillipe e assassinou a garota. Era assim que tinha acontecido.

Em algum lugar de Paris.

— Outro conhaque?

Solal negou com a cabeça.

— Já estou enjoado — confessou.

Lewis chamou o garçom, e ao fazê-lo seus olhos pousaram sobre alguns recortes do periódico cravados atrás do balcão.

Solal seguiu seu olhar.

— Phillipe gostava das fotos.

Lewis se levantou.

— Às vezes vinha aqui olhá-las.

Os recortes eram velhos, e estavam manchados e descoloridos. Alguns eram, ao que parecia, de interesse puramente local. Notícias de um meteorito visto em uma rua próxima, de um menino de dois anos queimado vivo em seu berço, da fuga de um puma, de um manuscrito inédito do Rimbaud, das mortes de um acidente de aviação no aeroporto de Orleans (fotografia incluída). Mas havia outros recortes, alguns muito mais velhos que outros: atrocidades, crimes estranhos, violações rituais, um anúncio do Fantasma, outro da obra do Cocteau *A bela e a fera*. E, quase enterrada naquele monte de curiosidades, havia uma fotografia sépia tão absurda que poderia ter sido obra do Max Ernst: um semicírculo de cavalheiros bem vestidos, muitos deles apresentando o grande bigode que esteve na moda na década de 1890, estava reunido em torno de uma massa imensa e sangrenta de um macaco suspenso pelos pés. Os rostos da foto refletiam um orgulho calado, uma autoridade absoluta sobre a besta morta, que Lewis reconheceu claramente como um gorila. Sua cabeça investida tinha uma expressão quase nobre ao morrer: a fronte afundada e enrugada, a mandíbula, embora destrozada por uma ferida terrível, adornava-se com uma barba fina como a de um patrício, e os olhos, deslocados, pareciam muito preocupados com este mundo desumano. Esses olhos exagerados lhe recordaram à doninha em seu buraco, golpeando o peito.

O coeur humain.

Lamentável.

— O que é isso? — perguntou a um garçom cheio de acne, assinalando a foto do gorila morto.

Toda a resposta que recebeu foi um encolher de ombros, indiferente ao destino de homens e animais.

— Quem sabe? — disse Solal a suas costas. — Quem sabe?

Não era o macaco da história de Poe, isso era certo. O conto tinha sido narrado em 1835, e a fotografia era muito mais recente. Além disso, o macaco da foto era um gorila sem a menor dúvida.

Repetiu-se a história? Outro macaco escapou, de uma espécie diferente, mas macaco em que apesar de tudo, vagava pelas ruas de

Paris nos finais do século passado?

E, se fosse assim, se a história do macaco podia repetir-se uma vez... por que não duas?

Enquanto Lewis voltava naquela noite gélida ao quarto do *Quai do Bourbon*, a repetição de acontecimentos que tinha imaginado se tornou mais atrativa e lhe ocorreram novas analogias. Era possível que ele, o sobrinho neto de C. Auguste Dupin, se visse envolvido em uma nova perseguição, não totalmente diferente da primeira?

A chave do piso do Phillipe na Rua dos Mártires gelava a mão de Lewis, e embora já fosse mais de meia-noite não pôde evitar sair da ponte e encaminhar-se para o bulevar *Sébastopol*, para o Oeste em direção ao bulevar *Bonne-Nouvelle*, e ao norte de novo, para a praça *Pigalle*. Foi uma caminhada larga e exaustiva, mas sentia necessidade de ar frio, de tirar o sentimentalismo da cabeça. Custou-lhe uma hora e meia chegar à rua dos Mártires.

Era sábado de noite e ainda havia muito ruído em grande parte dos apartamentos. Lewis subiu os dois lances de escadas tão silenciosamente como pôde, e a animação ocultou sua presença. A chave girou com facilidade e a porta se abriu.

As luzes da rua iluminaram o quarto. A cama, que dominava o lugar, estava nua. Sem dúvida tinham tirado os lençóis e mantas para fazer análises forenses. O sangue vertido sobre o colchão parecia escondido na penumbra. Fora isso, não havia indícios da violência que o quarto fora testemunha.

Lewis alcançou o interruptor da luz e o acionou, mas a luz não acendeu. Entrou e olhou a instalação. A lâmpada estava destrocada.

Pensou vagamente em ir embora, em deixar o quarto às escuras e voltar na manhã seguinte, quando houvesse menos sombras. Mas sob a lâmpada rota seus olhos começaram a penetrar a penumbra um pouco melhor, e começou a distinguir a forma de uma grande cômoda de teca próxima à parede em frente. Sem dúvida seria questão de minutos encontrar uma roupa de Phillipe. Assim não teria que voltar no dia seguinte, e se evitaria outro longo passeio pela neve. Melhor fazê-lo agora e cuidar dos ossos.

O quarto era amplo e a polícia o tinha deixado um desastre. Ao cruzar em direção à cômoda, Lewis tropeçou em um abajur caído e um vaso destrocado, e soltou um palavrão. No piso de baixo, os uivos e gritos de uma festa prolongada tampavam todos os ruídos que ele produzia. Era uma orgia ou uma briga? Pelo ruído podia ter sido qualquer das duas coisas.

Lutou com a gaveta superior da cômoda e, finalmente, conseguiu abri-la, rebuscando em seu interior os requisitos principais para a comodidade de Phillipe: uma camiseta limpa, um par de meias e lenços com suas iniciais imaculadamente engomados.

Espirrou. O tempo gelado lhe tinha acentuado o catarro do peito e carregado o nariz, Tinha um lenço à mão e assoou. Com as fossas nasais limpas, sentiu pela primeira vez o cheiro do quarto.

Um aroma flutuava acima da umidade e a verdura rançosa: perfume, o persistente aroma do perfume.

Virou-se no quarto escuro, ouvindo o ranger de seus ossos, e seus olhos pousaram sobre uma sombra que havia atrás da cama. Era uma sombra imensa, uma massa que crescia ao fazer-se visível.

Era, viu em seguida, o estranho da navalha. Ali estava, à espreita.

Curiosamente, Lewis não se assustou.

— O que está fazendo? — perguntou, com uma voz clara e forte.

Ao sair de seu esconderijo, a cara do personagem ficou exposta à luz aquosa da rua, era um rosto largo, sem traços e esfolado. Tinha os olhos afundados, mas sem maldade, e sorria, sorria generosamente para Lewis.

— Quem é você? — perguntou este outra vez.

O homem sacudiu a cabeça, na realidade sacudiu o corpo inteiro, fazendo gestos com a mão enluvada sobre a boca. Era mudo? Agora sacudia a cabeça com mais violência, como se estivesse a ponto de sofrer um ataque.

— Você está bem?

De repente parou de agitar-se, e Lewis viu surpreso como apareciam lágrimas, grosas e espessas, e lhe rolavam pelas duras

bochechas até o matagal da barba.

Como se estivesse envergonhado por essa demonstração de sentimentos, o homem se afastou da luz, engasgando com um forte soluço, e saiu do quarto. Lewis o seguiu, com mais curiosidade pelo estranho que inquietação ante suas intenções.

— Espere!

O homem já estava no meio do primeiro lance de escadas, ágil apesar de sua constituição.

— Espere, por favor, quero falar com você.

Lewis se lançou atrás dele pelas escadas, mas a perseguição estava perdida de antemão. A idade e o frio lhe haviam enrijecido as articulações, e era tarde. Não era momento de pôr-se a correr atrás de um homem muito mais jovem que ele, com um pavimento escorregadio por causa do gelo e da neve. Seguiu o estranho até a porta e logo o viu desaparecer na rua, avançava a passinhos muito curtos e cuidadosos, como havia dito Catherine. Parecia com o andar de um pato: ridículo para um homem do seu tamanho.

O vento do Nordeste já tinha dispersado o aroma de seu perfume. Sem fôlego, Lewis voltou a subir as escadas, atravessando o estrépito da festa a fim de procurar um pouco de roupa para Phillipe.

O dia seguinte Paris amanheceu com uma tempestade de neve de uma ferocidade sem precedentes. As chamadas para as missas se perderam, não se venderam croissants quentes de domingo e os periódicos ficaram por ler nos quiosques. Poucas pessoas tiveram coragem ou motivo suficiente para aparecer no vendaval que rugia na rua. Sentaram-se junto ao fogo, esfregando os joelhos e sonhando com a primavera. Catherine queria ir à prisão visitar Phillipe, mas Lewis insistiu em ir sozinho. Não era somente o tempo frio o que lhe impulsionava a cuidar dela, tinha que dizer a Phillipe palavras duras, fazer-lhe perguntas delicadas. Depois do encontro da noite anterior em seu apartamento, não tinha nenhuma dúvida que Phillipe tinha um rival, provavelmente um rival assassino. Ao que parecia, a única forma de salvar a vida do Phillipe consistia em seguir aquele homem. E se isso implicaria em revirar os assuntos sexuais de Phillipe, teria que fazê-lo. Mas não era uma

conversa que ele ou Phillipe desejassem manter na presença de Catherine.

As roupas que Lewis levou foram registradas e logo entregues a Phillipe, que as agarrou movendo a cabeça em sinal de agradecimento.

— Fui ao seu apartamento ontem de noite procurar isto para você.

— Oh.

— Já havia alguém no quarto.

Phillipe começou a mover a mandíbula, fazendo ranger os dentes. Evitava o olhar do Lewis.

— Um homem grande, com barba. Você o conhece ou sabe algo dele?

— Não.

— Phillipe.

— Não.

— O mesmo homem atacou Catherine — disse Lewis.

— O que?

Phillipe tinha começado a tremer.

— Com uma navalha.

— Atacou-a? — perguntou Phillipe. — Tem certeza?

— Ou esteve a ponto.

— Não! Jamais a teria machucado. Jamais!

— Quem é ele, Phillipe? Você sabe?

— Diga-lhe que não volte a ir lá, por favor, Lewis... — Seus olhos imploravam. — Por favor, pelo amor de Deus, diga-lhe que não volte. Fará isso? Você tampouco deve voltar. Você tampouco.

— Quem é?

— Diga-lhe.

— Não, você não entenderia, Lewis. Não posso esperar que compreenda.

— Eu o farei. Mas tem que me dizer quem é esse homem, Phillipe.

Sacudiu a cabeça. Agora rangia os dentes de uma maneira audível.

— Você não entenderia, Lewis. Não posso esperar que compreenda.

— Diga-me, quero te ajudar.

— Deixe-me morrer.

— Quem é ele?

— Deixe-me morrer... Quero esquecer. Por que tenta me fazer lembrar? Quero... Levantou o olhar: tinha os olhos injetados de sangue, e suas olheiras revelavam noites inteiras chorando. Parecia, entretanto, que já não havia mais lágrimas, só uma sensação de aridez onde houve medo justificado da morte, amor ao amor e vontades de viver. O que encontraram os olhos do Lewis foi uma indiferença universal: à continuidade, à salvação própria, ao sentimento.

— Ela era uma puta! — exclamou subitamente.

Suas mãos eram punhos. Lewis nunca tinha visto Phillipe tão exaltado em sua vida. Agora cravou as unhas na suave carne da palma até que o sangue começou a emanar.

— Puta! — repetiu, com uma voz muito alta para a pequena cela.

— Controle-se — advertiu o vigilante.

— Uma puta!

Desta vez Phillipe assobiou a acusação entre dentes, dentes que mostrava como um babuíno enfurecido.

Lewis não conseguia entender o porquê daquela transformação.

— Você começou com tudo isto... — disse Phillipe, olhando diretamente para Lewis, encontrando-se pela primeira vez com seus olhos.

Era uma acusação amarga, embora Lewis não entendesse seu significado.

— Eu?

— Com suas histórias. Com seu maldito Dupin.

— Dupin?

— Era todo uma estúpida mentira. Mulheres, assassinato...

— Refere-se à história da Rua Morgue?

— Estava muito orgulhoso dela, não é? Todas aquelas tolas mentiras. Nada era certo.

— Claro que era.

— Não. Nunca foi, Lewis, foi uma história, isso é tudo. Dupin, a Rua Morgue, os assassinatos...

Sua voz se apagou como se as palavras seguintes fossem inexprimíveis.

— ... O macaco.

Aí estavam essas palavras: o que parecia não poder dizer foi pronunciado como se lhe tivessem arrancado cada sílaba do pescoço.

— ... O macaco.

— O que aconteceu com o macaco?

— Há bestas, Lewis. Algumas são lamentáveis, animais de circo. Não têm cérebro, são vítimas natas. Mas também há outras.

— Que outras?

— Natalie era uma puta! — voltou a gritar, com os olhos arregalados. Agarrou Lewis pela lapela e começou a sacudi-lo. Todos na pequena cela se voltaram para olhar a briga dos dois anciões sobre a mesa. Os condenados e suas noivas sorriram quando separaram Lewis de seu amigo, que pronunciava incoerências e obscenidades enquanto esperneava, seguro pelo vigilante.

— Puta! Puta! Puta! — era tudo o que podia dizer enquanto o arrastavam para sua cela.

Catherine se encontrou com Lewis à porta do quarto dela. Estava sobressaltada e chorosa. Atrás dela viu a habitação de pernas para cima.

Soluçou contra seu peito enquanto ele a tranquilizava, mas era inconsolável. Fazia muitos anos que não consolava a uma mulher, e tinha perdido o costume. Estava embaraçado em lugar de tranquilizador, e ela percebeu. Separou-se de seu abraço, melhor que não a tocasse.

— Ele esteve aqui — disse.

Não teve necessidade de perguntar quem. O estranho, o choroso estranho da navalha.

— O que queria?

— Não parou de me dizer “Phillipe”. O dizia pela metade, mais que dizê-lo, grunhia. E como eu não lhe respondia, limitou-se a destroçar os móveis e os vasos. Nem sequer procurava nada, só queria quebrar tudo.

A inutilidade do ataque a enfurecia.

O quarto estava em ruínas. Lewis passeou sacudindo a cabeça, por entre os fragmentos de porcelana e as malhas em farrapos. Em sua mente se confundiam os rostos chorosos: Catherine, Phillipe, o estranho. Ao que parecia, todos estavam loucos e destroçados em seu pequeno mundo. Todos sofriam, entretanto, a origem, o coração do sofrimento, não se encontrava em nenhuma parte.

Só Phillipe tinha levantado um dedo acusador contra o próprio Lewis: “Você começou com tudo isto”. Não foram essas suas palavras? “Você começou com tudo isto.”

Mas como?

Lewis ficou de pé junto à janela. Os destroços tinham rachado três pequenos vidros da janela, e um vento gélido estava se introduzindo no quarto. Olhou as águas congeladas do Sena, e um movimento lhe chamou a atenção. Revolveu-lhe o estômago.

A cara do estranho estava voltada para a janela e tinha uma expressão selvagem. As roupas que sempre tinha vestido tão impecavelmente estavam desordenadas, e seu olhar era de um desespero profundo, tão lamentável que quase parecia trágico. Ou, talvez, era a representação de uma tragédia: a dor de um ator. Assim que Lewis pousou sua vista sobre ele, o estranho levantou os braços em direção à janela. Com um gesto que parecia implorar perdão ou compaixão ou as duas coisas.

Essa chamada de atenção fez Lewis retroceder. Era muito, excessivo. No momento, o estranho estava cruzando o pátio, afastando-se do quarto. Sua cuidadosa forma de andar tinha degenerado em um oscilante passo comprido. Lewis emitiu uma longa queixa de reconhecimento quando a massa mau vestida desapareceu de sua vista.

— Lewis?

Aquele rebolado, aquele balanço não se pareciam em nada com o andar de um homem. Era o passo de uma besta posta de pé, de um

animal que tivessem ensinado a andar e agora, sem professor, estivesse esquecendo o aprendido.

Era um macaco.

Meu deus, Meu deus, era um macaco.

— Tenho que ver o Phillipe Labordeaux.

— Sinto muito, *monsieur*, mas as visitas da prisão...

— É questão de vida ou morte, oficial.

— Isso se diz logo, *monsieur*.

Lewis ensaiou uma mentira.

— Sua irmã está morrendo. Suplico-lhe um pouco de compaixão.

— Oh... bom...

Uma pequena dúvida. Lewis fez um pouco mais de pressão.

— Só uns minutos, para organizar os preparativos.

— Não pode esperar a manhã?

— Terá morrido antes da manhã.

Lewis odiava falar assim de Catherine, apesar do objetivo dessa mentira, mas era necessário, tinha que ver Phillipe. Se sua teoria fosse correta, a história podia repetir-se antes que a noite se acabasse.

Tiraram Phillipe de um sonho de sedativos. Tinha grandes olheiras.

— O que você quer?

Lewis não tratou sequer de prolongar sua mentira, estava claro que tinham drogado Phillipe e provavelmente sentia enjoos. Seria melhor lhe pôr a verdade diante e ver o que acontecia.

— Você amestrou um macaco, não é verdade?

Um olhar de terror cruzou o rosto de Phillipe, contido pelas drogas que levava no sangue, mas suficientemente explícito.

— Não é verdade?

— Lewis...

Phillipe parecia muito velho.

— Responda, Phillipe, rogo-lhe isso: antes de que seja muito tarde. Você amestrou um macaco?

— Foi um experimento, isso é tudo. Um experimento.

— Por que?

— Suas histórias. Suas malditas histórias, queria saber se era verdade que esses animais eram selvagens. Queria transformá-lo em um homem.

— Transformá-lo em um homem.

— E essa puta...

— Natalie.

— Ela o seduziu.

Lewis se sentiu enjoado. Essa era uma possibilidade que não tinha previsto.

— Ela o seduziu?

— Puta! — exclamou Phillipe, com uma lástima infinita.

— Onde está seu macaco?

— Você o matará.

— Irrompeu no piso com Catherine dentro. Destroçou tudo, Phillipe. É perigoso agora que não tem amo. Não compreende?

— Catherine?

— Não, ela está bem.

— Ele está domesticado: não lhe fará mal. Observou-a de um esconderijo. Vem e vai tão silenciosamente como um camundongo.

— E a garota?

— Estava com ciúmes.

— Foi por isso que a matou?

— Talvez. Não sei. Não quero pensar nisso.

— Por que não disse isso a polícia, se por acaso tivesse sido ele?

— Não sei se foi verdade. Provavelmente tudo seja uma ficção, uma de suas malditas ficções, uma história mais.

Um sorriso amargo e matreiro cruzou-lhe o rosto exausto.

— Tem que saber a que me refiro, Lewis. Poderia ser uma história, não é verdade? Como seus relatos de Dupin. Só que talvez a tornei realidade durante uma temporada. Já tinha lhe ocorrido isso? Talvez a tornei realidade.

Lewis se levantou. Era um tema esgotado: realidade e ilusão. Uma coisa era ou não era. A vida não é um sonho.

— Onde está seu macaco?

Phillipe apontou para a têmpora.

— Aqui, onde nunca poderá encontrá-lo — disse, e cuspiu no rosto de Lewis.

O cuspe lhe acertou no lábio, como um beijo.

— Não sabe o que fez. Nunca saberá.

Lewis secou o lábio enquanto os vigilantes escoltavam o prisioneiro para fora da sala e o devolviam a sua feliz inconsciência drogada. Tudo o que lhe ocorria agora, sozinho na fria sala de visitas, era que Phillipe tinha sorte. Refugiou-se em uma pretendida culpabilidade e encerrado em um lugar em que a memória, a vingança e a verdade, a amarga verdade, não poderiam voltar a afetá-lo. Nesse momento odiou Phillipe com todo seu coração. Odiou nele o diletante e o covarde que sempre soube que foi. Não era um mundo cômodo o que Phillipe tinha criado a seu redor, era um esconderijo, igualmente falso como aquele verão de 1937. Não se podia viver como ele o fez sem que cedo ou tarde chegasse o momento de ajustar contas, e por fim esse momento tinha chegado.

Essa noite, Phillipe despertou na segurança de sua cela. O ambiente era quente, mas ele tinha frio. Mordeu os punhos na mais completa escuridão até que um rio de sangue se verteu em sua boca. Voltou a tombar sobre a cama e sangrou silenciosamente até morrer fora da vista e da mente.

Um breve artigo na segunda página do *Le Monde* informou do suicídio. A grande notícia do dia seguinte foi o sensacional assassinato de uma prostituta ruiva em um quarto próximo à rua Rochechouar. A companheira com quem vivia achou Monique Zevaco às três da madrugada com o corpo em um estado tão horrível que “desafiava qualquer descrição”.

Apesar da suposta impossibilidade da tarefa, os meios de informação se lançaram a descrever o indescritível com um entusiasmo mórbido. Fez uma detalhada descrição do mínimo arranhão, rasgão e ferida do corpo parcialmente nu de Monique, tatuado, como narrava satisfeito o *Le Monde*, como um mapa da França. O mesmo fizeram com o aspecto de seu assassino, bem vestido e perfumado em excesso, que ao parecia esteve espiando enquanto se aseava, atrás de uma janela traseira, e logo irrompeu no quarto de banho e atacou à senhorita Zevaco. O assassino se

precipitou logo escada abaixo, chocando-se com a companheira de quarto, que descobriria minutos depois o cadáver mutilado de Zevaco. Só um comentarista relacionou o assassinato da rua dos Mártires e o da senhorita Zevaco, mas não se fixou na curiosa coincidência de que o acusado Phillipe Labordeaux se suicidou naquela mesma noite.

O funeral foi celebrado em plena tormenta, o cortejo avançou lastimosamente pelas ruas abandonadas e cobertas de neve, que caía com fúria, sobre Montparnasse. Lewis se sentou com Catherine e Jacques Solal quando deixaram Phillipe na tumba. Todos de seu círculo o tinham abandonado, não queriam assistir ao funeral de um suicida e sentenciado de assassinato. Sua inteligência, sua eloquência e sua infinita capacidade de cativar não lhe serviram de nada no final.

Em troca, nem todos os estranhos se esqueceram de chorar sua morte. Enquanto se encontravam ao lado da sepultura e o frio os açoitava, Solal se inclinou para Lewis e lhe deu uma cotovelada.

— O que?

— Aí. Debaixo da árvore.

Solal fez gestos por trás do sacerdote, que rezava.

O estranho estava a certa distância, quase escondido depois dos mausoléus de mármore. Tinha a cara envolta por um grosso cachecol negro e um chapéu de asa larga sobre a fronte, mas sua silhueta era inconfundível. Catherine também o tinha visto. Abraçada a Lewis, de pé, tremia, não só de frio, mas também de medo. Era como se a criatura fosse um anjo doentio que tivesse ido fazer uma ronda e desfrutar com a dor alheia. Era grotesco e horripilante que aquela coisa fosse ver como confinavam Phillipe na terra geada. O que sentia? Angústia? Culpa?

Sim. Sentia-se culpado?

Sabia que o tinham visto. Virou-se e fugiu arrastando os pés. Sem dizer uma palavra a Lewis, Jacques Solal se afastou da tumba e se lançou em sua perseguição. Em pouco tempo, o estranho e seu perseguidor desapareceram na neve.

De novo no *Quai do Bourbon*, Catherine e Lewis não comentaram o incidente. Entre eles se tinha formado uma espécie

de barreira que só lhes permitia entrar em contato para comunicar questões mais corriqueiras. Não havia sentido em analisar nem lamentar nada. Phillipe estava morto. O passado, seu passado compartilhado, tinha morrido. Este último capítulo de sua vida em comum turvou profundamente tudo o que lhe precedia, de forma que não podiam desfrutar de nenhuma lembrança compartilhada sem que o prazer se desfizesse. Phillipe tinha morrido de uma forma horrível, devorando sua própria carne e seu próprio sangue, talvez enlouquecido pela consciência de sua culpa e depravação. Nem a inocência nem a lembrança da sorte podiam ficar à margem desse fato. Lamentaram silenciosamente não só a morte de Phillipe, mas também de seu próprio passado. Lewis compreendeu agora a reticência de Phillipe para a vida quando tinha perdido tanto no mundo.

Solal chamou por telefone. Sem fôlego depois da perseguição, mas regozijado, falou-lhe em sussurros com Lewis, desfrutando manifestamente sua excitação.

— Estou na *Gare du Nord*, e descobri onde vive nosso amigo. Encontrei-o, Lewis!

— Excelente. Vou em seguida. Eu o encontro nas escadas da *Gare du Nord*. Pegarei um táxi, chego em dez minutos.

— É no porão da rua Fleurs, número dezesseis. Vejo-o ali...

— Não entre, Jacques. Me espere. Não...

A linha foi cortada e a voz do Solal emudeceu. Lewis agarrou seu casaco.

— Quem era?

Ela perguntou, mas não queria saber. Lewis se encolheu os ombros dentro do casaco e disse:

— Ninguém. Não se preocupe. Não vou demorar.

— Leve o cachecol — recomendou ela, sem se virar.

— Sim. Obrigado.

— Você vai congelar.

Deixou-a contemplando o Sena vestido de noite, observando a dança dos pedaços de gelo sobre a água negra.

Quando chegou à casa da rua Fleurs, não encontrou Solal em nenhuma parte, mas os rastros frescos sobre a neve conduziam à

porta principal do número dezesseis, e dali, fazendo-se mais profundas, davam a volta até chegar à parte traseira da casa. Lewis as seguiu. Ao entrar no pátio posterior por uma porta podre que Solal tinha forçado violentamente, percebeu que não levava armas consigo. Melhor voltar, encontrar uma alavanca, uma faca, algo. Enquanto refletia sobre este ponto, a porta de trás se abriu e o estranho fez sua aparição, vestido com seu já familiar casaco. Lewis se apertou contra a parede do pátio, onde as sombras eram mais escuras, seguro de que o descobriria. Mas a besta tinha outras preocupações, ficou no corredor com a cara completamente visível e, pela primeira vez, pôde ver claramente a fisionomia da criatura. Tinha a cara recém barbeada, e o aroma da colônia era forte, inclusive ao ar livre. Sua pele era rosada como um pêssago, embora uma navalha pouco cuidadosa tinha lhe feito um par de cortes. Lewis pensou na navalha aberta com que ameaçara Catherine. Por isso tinha ido ao quarto de Phillipe, para procurar um bom barbeador? Estava tirando luvas de couro das mãos grandes e também barbeadas, emitindo uma tosse que soavam quase como grunhidos de satisfação. Lewis teve a impressão de que estava se preparando para sair ao mundo exterior, e esse espetáculo era tão enternecedor como intimidante. Tudo naquele ser queria ser humano. Aspirava, a sua maneira, ao modelo que Phillipe lhe tinha dado, que tinha alimentado nele. Agora, desprovido de mentor, confuso e infeliz, tratava de enfrentar o mundo tal como lhe tinham ensinado a fazer. Não havia forma de voltar atrás. Seus dias de inocência tinham acabado: nunca poderia voltar a ser uma besta sem ambições. Apanhado em sua nova personalidade, não tinha mais opção que continuar com a vida que seu dono lhe havia inventado. Sem jogar um só olhar para onde Lewis se encontrava, fechou com cuidado a porta que tinha atrás de si e cruzou o pátio, nesses poucos passos, seu andar passou de um arrastar-se simiesco ao rebolado cuidadoso que utilizava para imitar os humanos.

Logo desapareceu.

Lewis esperou um momento nas sombras, respirando com cuidado. Agora lhe doíam todos os ossos do corpo por causa do frio, e tinha os pés intumescidos. Não parecia que a besta fosse voltar,

assim se arriscou a sair de seu esconderijo e testou a porta. Não estava fechada. Ao entrar, uma baforada de fetidez o jogou para trás, o aroma doce e doentio de frutas podres misturado com o aroma enjoativo da colônia, um cruzamento entre o zoológico e a penteadeira.

Deslizou por um lance de pequenos degraus de pedra e por um curto corredor de azulejos para uma porta. Tampouco estava fechada, a lâmpada nua iluminava uma estranha cena.

No chão, um tapete persa grande e meio puído, móveis dispersados, uma cama coberta imperfeitamente com mantas e almofadas manchadas, um armário inchado de roupas muito grandes, muitas frutas desprezadas, parte delas pisoteadas no chão, um cubo cheio de palha e que fedia a lixo. Sobre a parede, um grande crucifixo. No suporte da chaminé uma fotografia de Catherine, Lewis e Phillipe juntos em um passado ensolarado, sorrindo. Na pilha, os utensílios de barbear que a criatura empregava: sabão, broxa e navalha. Espuma fresca. No aparador, um montão de dinheiro, atirado descuidadamente e em grandes quantidades junto a uma pilha de agulhas hipodérmicas e uma coleção de frascos. Fazia calor no esconderijo da besta, talvez a caldeira da casa rugisse em um porão adjacente. Solal não estava ali.

De repente, ouviu um ruído.

Lewis virou-se para a porta, esperando que o macaco a cobrisse com os dentes apertados e os olhos endemoninhados. Mas estava desorientado, o ruído não procedia da porta, mas sim do armário. Algo se moveu atrás da pilha de roupas.

— Solal?

Jacques Solal caiu pela metade do armário e ficou estendido sobre o tapete persa. Tinha o rosto desfigurado por uma ferida profunda, de forma que não restavam quase traços.

A criatura o tinha cortado pelo lábio e tinha separado a carne do osso como se lhe tirasse uma máscara. Os dentes expostos rangeram em um último espasmo ante a morte iminente, seus membros se agitaram e rangeram. Mas Jacques já estava morto. Aqueles tremores e contrações não eram indícios de que houvesse capacidade de pensamento ou personalidade, era somente o estertor

da morte. Lewis se ajoelhou ao lado de Solal, tinha o estômago resistente. Durante a guerra, por ser impedimento de consciência, apresentou-se como voluntário para servir no hospital militar, e poucas eram as transformações do corpo humano que não tivesse visto em uma ou outra combinação. Embalou meigamente o corpo, sem perceber que tinha sangue. Não tinha gostado daquele homem, apenas tinha lhe interessado ligeiramente, mas agora só queria tirá-lo dali, da jaula do macaco, e encontrar uma sepultura humana. Também levaria a foto. Era demais ter dado à besta uma foto dos três amigos juntos. Fez-lhe odiar ao Phillipe mais que nunca.

Levantou o corpo do tapete. Foi necessário um esforço tremendo, e o sufocante calor da habitação, depois do frio do mundo exterior, enjoou-o. Sentia que os membros lhe tremiam de medo. Seu corpo estava a ponto de traí-lo, sabia, a ponto de desfalecer, de perder a coesão e vir abaixo.

“Aqui não. Em nome de Deus, aqui não.”

Talvez deveria ir procurar um telefone. Isso seria o melhor. Chamar à polícia, sim... Chamar Catherine, sim... até encontrar na casa alguém que o ajudasse. Mas para isso teria que deixar Jacques na guarida para que a besta o assaltasse de novo, e havia se tornado estranhamente protetor do cadáver, não queria deixá-lo sozinho. Indeciso ante essa confusão de intenções, incapaz de deixar Jacques, mas também incapaz de continuar arrastando-o, ficou no meio do quarto e não fez absolutamente nada. Isso era o melhor, sim. Nada de nada. Muito cansado, muito fraco. O melhor era não fazer nada.

Essa sonolência durou uma eternidade. O ancião ficou paralisado no ponto crucial de seus sentimentos, incapaz de adiantar-se para o futuro ou de voltar sobre seu passado. Incapaz de recordar. Incapaz de esquecer.

Esperando, durante um momento de semi inconsciência, o fim do mundo.

O macaco chegou a casa tão ruidosamente como um homem bêbado, e o ruído que fez ao abrir a porta exterior fez Lewis reagir fracamente. Com certa dificuldade, arrastou Jacques para o interior do armário e se escondeu também, com a cabeça sem rosto em seu regaço.

Ouviu-se uma voz no quarto, uma voz feminina. Talvez não fosse a besta, depois de tudo. Mas não, através da fresta da porta do armário Lewis pôde ver o animal e uma jovem ruiva com ele. Não parava de falar, eram as eternas trivialidades de uma inteligência dispersa.

— Tem mais, querido! Oh, homem maravilhoso, maravilhoso! Olhe tudo isto.

Tinha pílulas na mão e as tragava como doces, alegre como um menino no Natal.

— De onde tirou tudo isto? De acordo, se não quer dizer não me zango.

Era aquilo obra do Phillipe, ou era o macaco o que tinha roubado a mercadoria para seus intuitos? Seduzia regularmente a prostitutas ruivas com drogas?

O irritante balbuceio da garota se acalmava à medida que as pílulas faziam efeito, sedando-a, transportando-a a um mundo só dela. Lewis observou, extasiado, como começava a despir-se.

— Faz muito... calor... aqui.

O macaco a olhava de costas para Lewis. Que expressão tinha sua cara barbeada? Havia luxúria em seus olhos, ou dúvida?

Os seios da garota eram preciosos, embora tivesse o corpo muito magro. Sua jovem pele era branca, e os mamilos rosados como flores. Levantou os braços sobre a cabeça e, ao estirar-se, os globos perfeitos se ergueram e se achataram ligeiramente. O macaco alargou uma mão imensa para seu corpo e lhe deu um tenro puxão em um dos mamilos, fazendo-o girar entre seus dedos escuros. A garota suspirou.

— É meu... Quer tudo?

O macaco grunhiu.

— Você não é muito falador, não é?

Baixou a saia vermelha, rebolando. Agora estava quase nua, vestia só as calcinhas. Jogou-se na cama estirando-se outra vez, encantada por seu corpo e pelo calor acolhedor do quarto, sem se preocupar sequer de olhar para seu admirador.

Esmagado sob o corpo de Solal, Lewis começou a sentir-se enjoado outra vez. Tinha os membros inferiores totalmente

intumescidos, e não sentia o braço direito, aprisionado contra a parte de trás do armário, mas não se atrevia a mover-se. Sabia que o macaco era capaz de tudo. Se o descobrisse, que não se decidiria a fazer com ele e com a garota?

Agora tinha todo o corpo dormente ou contraído de dor. Em seu regaço o corpo sangrento de Solal parecia pesar mais a cada momento. Sua espinha dorsal gritava de dor, e a nuca doía como se lhe estivessem cravando agulhas incandescentes. O sofrimento estava se tornando insuportável, começou a pensar que morreria naquele patético esconderijo enquanto o macaco fazia amor.

A garota suspirou e Lewis voltou a olhar para a cama. O macaco tinha a mão entre as pernas da garota, e ela se retorcia com suas carícias.

— Sim, oh sim! — dizia uma e outra vez, enquanto seu amante a despia totalmente.

Era excessivo. O enjoo se estendeu pelo cérebro de Lewis. Era isso a morte? As luzes de sua cabeça e o assobio de seus ouvidos?

Fechou os olhos, deixando de ver os dois amantes, mas foi incapaz de não ouvir o ruído. Parecia interminável, invadia-lhe a cabeça. Suspiros, pequenos gritos.

Por fim, a escuridão.

Lewis despertou em um estado indescritível: tinha o corpo deformando pela estreiteza de seu esconderijo. Levantou a vista. A porta do armário estava aberta e o macaco o estava olhando, tentando sorrir. Estava nu e quase totalmente barbeado. Na fenda de seu imenso peito brilhava um pequeno crucifixo de ouro. Reconheceu-o imediatamente. Tinha comprado aquele crucifixo para Phillipe nos Campos Elíseos pouco antes da guerra. Agora repousava sobre um matagal de cabelo ruivo alaranjado. A besta estendeu uma mão e Lewis a agarrou maquinalmente. A mão o tirou de debaixo do cadáver de Solal. Não podia manter-se ereto. Tinha as pernas moles e os tornozelos não o suportavam. A besta o agarrou e lhe serviu de apoio. Com a cabeça dando voltas, Lewis olhou para o armário, onde Solal estava jogado, enroscado como um bebê no berço, com o rosto para a parede.

A besta fechou a porta diante do cadáver e levou Lewis para a pilha, onde este vomitou.

— Phillipe?

Percebeu levemente que a mulher ainda estava ali, na cama, recém acordada depois de uma noite de amor.

— Phillipe, quem é esse?

Estava se arrastando em busca de pílulas sobre a mesa que havia junto à cama. A besta se precipitou e as arrebatou das suas mãos.

— Ah... Phillipe... Por favor. Quer que me deite com ele também? Farei isso se quiser. Mas me devolva as pílulas.

Apontou para Lewis.

— Não estou acostumada a me deitar com velhos.

O macaco resmungou. A expressão da garota mudou, como se tivesse pela primeira vez a suspeita do que era aquele fulano. Mas a ideia era muito complexa para sua mente drogada, e a deixou passar.

— Por favor.. — Phillipe — choramingou.

Lewis estava olhando para o macaco. Tinha tomado a foto do suporte. Tinha a unha negra sobre a figura de Lewis. Sorria. Tinha-o reconhecido, apesar de que quarenta anos lhe tivessem tirado muita vitalidade.

— Lewis — disse, encontrando a palavra muito fácil de pronunciar.

O ancião não tinha nada no estômago para vomitar nem tinha mais nada que temer. Era o final do século, deveria estar preparado para algo. Até para que o saudasse como a um amigo de um amigo a besta barbeada que se elevava ante ele. Sabia que não lhe faria mal. Provavelmente Phillipe havia dito ao macaco algo de sua vida em comum, fizera que a criatura amasse Catherine e a ele tanto como adorava o Phillipe.

— Lewis — repetiu, e apontou para a mulher (que agora estava sentada com as pernas abertas na cama), oferecendo-se para que gozasse dela.

Lewis negou com a cabeça.

Dentro e fora, dentro e fora, metade ficção e metade realidade.

Até que ponto tinham chegado as coisas: que um macaco nu oferecesse uma mulher. Era o último, pelo amor de Deus, o último capítulo da ficção a que seu tio avô tinha começado. Do amor ao assassinato e daí outra vez ao amor. O amor de um macaco por um homem. Ele tinha começado com tudo aquilo, graças a seus sonhos de heróis de ficção, imbuído da razão mais absoluta. Tinha empurrado Phillipe a transformar em reais as histórias de uma juventude perdida. Ele era o responsável e não o pobre macaco que se pavoneava, perdido entre a selva e a Bolsa, e tampouco Phillipe, que desejava ser eternamente jovem, e certamente ainda menos Catherine, que depois daquela noite ficaria totalmente sozinha. Era ele. Seu era o crime, sua a culpa, seu o castigo.

Suas pernas tinham recuperado um pouco de sensibilidade e começou a cambalear em direção à porta.

— Não vai ficar? — perguntou a mulher ruiva.

— Esta coisa... — não podia nomear ao animal.

— Refere-se a Phillipe?

— Não se chama Phillipe — disse Lewis. — Nem sequer é humano.

— Você é quem diz — respondeu ela, e encolheu os ombros.

A suas costas o macaco falou, pronunciando seu nome. Mas desta vez, em lugar de ser uma espécie de palavra-grunhido, seu paladar simiesco imitou a inflexão da voz de Phillipe com uma precisão inquietante, melhor que o mais hábil dos louros. Era a voz de Phillipe, idêntica:

— Lewis — dizia.

Não suplicava nem exigia. Simplesmente nomeava, pelo prazer de nomear um igual.

Alguns transeuntes viram o ancião subir ao parapeito da ponte do Carrossel, mas não fizeram nenhum gesto para evitar que saltasse. Vacilou um momento ao ficar em pé, e logo se jogou à água congelada, revolta e mortal.

Uma ou duas pessoas cruzaram a ponte para ver se a corrente o tinha levado e assim foi. Saiu à superfície com a cara arroxeadada e sem expressão, como a de um bebê, e logo algum redemoinho potente o agarrou pelos pés e o arrastou para debaixo da água. As

águas espessas se abateram sobre sua cabeça e continuaram se agitando.

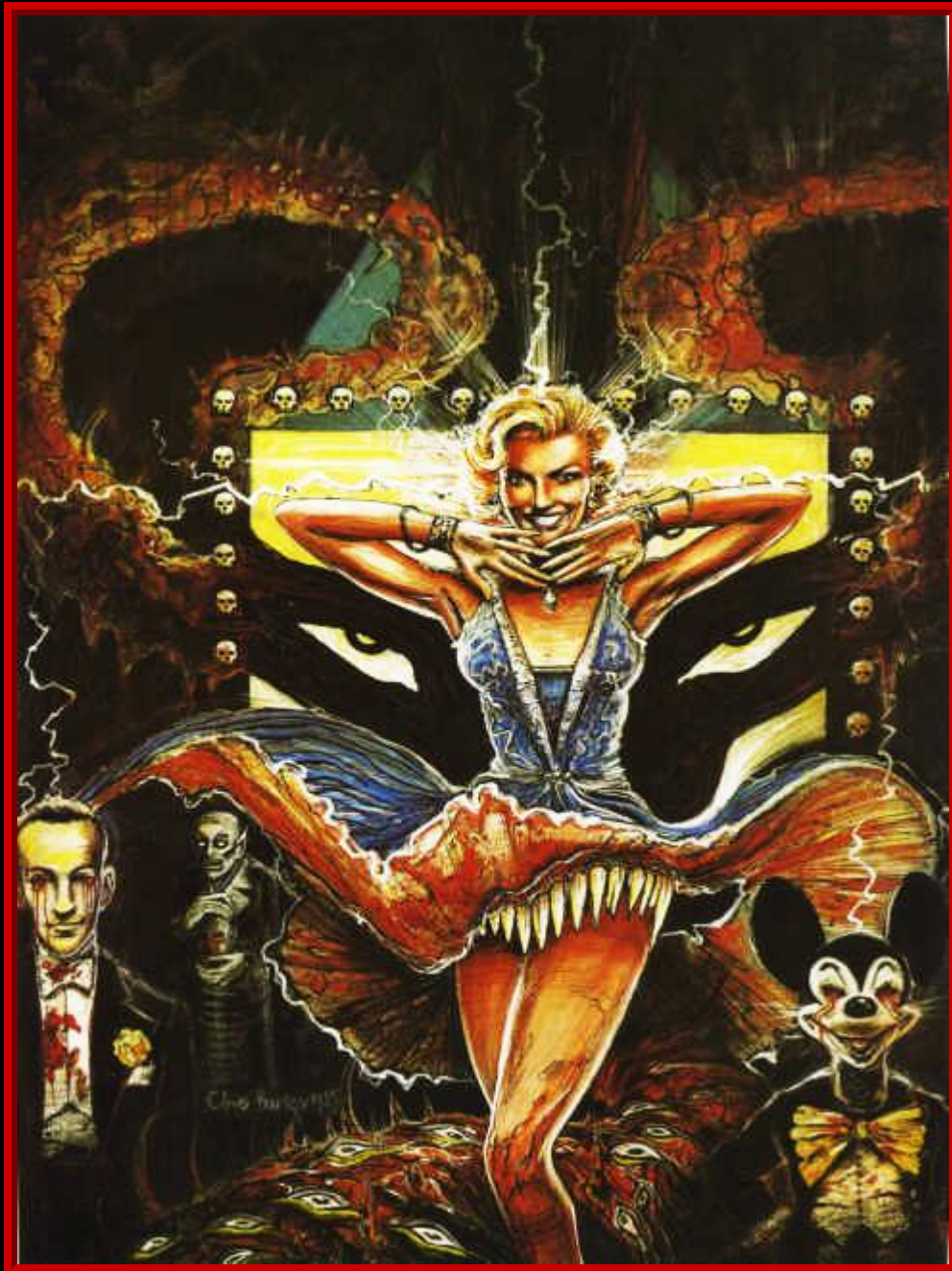
— Quem era esse? — perguntou alguém.

— Quem sabe?

Era um dia de céu espaçoso. Tinha caído a última neve invernal, e o degelo começaria por volta do meio-dia. Os pássaros, exultantes pelo súbito sol, pousaram sobre o Sagrado Coração. Paris começou a despir-se para a primavera, pois seu branco virginal já estava muito manchado para continuar a usá-lo por mais tempo.

Por volta de meia manhã, uma jovem ruiva, pendurada no braço de um grande homem feio, passeava sem pressa pelas escadas do Sagrado Coração. O sol os benzeu. Os sinos soaram. Era um novo dia.

Volume III



O FILHO DO CELULOIDE

Um: Trailer

Apesar da bala, Barbério sentia-se bem. É verdade que alguma coisa apertava seu peito quando respirava com força e que o ferimento da perna não parecia nada bem, mas já havia levado tiros antes e sempre se saía com um sorriso. Pelo menos estava livre, isso era o mais importante. Ninguém, jurou ele, ninguém jamais o prenderia numa cela. Preferia matar-se a ser preso outra vez. Se não tivesse sorte e eles conseguissem cercá-lo, enfiaria a arma na própria boca e estouraria os miolos. De jeito nenhum eles o arrastariam vivo de volta à cela.

Quando se está preso, contando os segundos, a vida é longa demais. Precisou de alguns meses para aprender a lição, mas a vida é longa, repetitiva e debilitante, e, se não se toma cuidado, acaba-se achando que é melhor morrer do que continuar no buraco do lixo. É melhor se enforcar com o cinto, no meio da noite, do que enfrentar o tédio de outras vinte e quatro horas, oito mil seiscentos e quarenta segundos.

Assim, resolveu fugir.

Primeiro, comprou um revólver no mercado negro da prisão. Custou tudo que tinha e mais uma porção de vales que teria de pagar fora da cadeia, se quisesse continuar vivo. Então, fez a coisa mais óbvia na história das fugas: pulou o muro. E, sem dúvida, o deus dos assaltantes de lojas de bebidas estava encarregado de protegê-lo naquela noite, porque, por incrível que pareça, ele caiu do outro lado do muro sem nenhum cão farejando seus calcanhares.

E os tiras? Por que fizeram aquela confusão toda, procurando por ele onde jamais poderia ter ido, detendo sua irmã e seu cunhado como suspeitos de ajudá-lo na fuga, quando nem sabiam que ele havia escapado, fazendo circular um boletim de busca que o descrevia como era antes da prisão, com dez quilos a mais do que agora? Ficou sabendo de tudo isso por Geraldine, uma antiga namorada dos bons tempos, que fez um curativo em sua perna e lhe deu a garrafa de Southern Comfort, agora quase vazia em seu bolso. Ele aceitou a bebida e a simpatia e foi embora, confiando na lendária idiotice dos representantes da lei e no deus que o levara até ali.

Costumava chamar esse deus de Sing-Sing. Imaginava-o gordo, com um sorriso de orelha a orelha, um salame numa das mãos e uma xícara de café forte na outra. Para Barbério, Sing-Sing cheirava a barriga cheia na casa de mamãe, no tempo em que ela ainda estava boa da cabeça e ele era seu orgulho e sua alegria.

Infelizmente Sing-Sing estava distraído quando o único tira com olhos de águia na cidade inteira viu Barbério urinando numa passagem estreita atrás de uns prédios e o reconheceu como o homem descrito naquele obscuro boletim. Um tira jovem, não mais de vinte e cinco anos, candidato a herói. Tolo demais para compreender o significado do primeiro tiro de Barbério. Ao invés de se proteger e deixar Barbério ir embora, forçou a barra, caminhando diretamente para ele.

Barbério não teve escolha. Atirou.

O tira respondeu com outro tiro. Sing-Sing deve ter entrado nessa hora, atrapalhando a pontaria do tira, e a bala, que devia encontrar o coração de Barbério, atingiu sua perna, ao mesmo tempo guiando o tiro de Barbério bem para o nariz do tira. Olho de águia despencou como se acabasse de se lembrar de um encontro marcado com o chão, e Barbério afastou-se, praguejando, sangrando e assustado. Que bela introdução à nova carreira.

Mas Sing-Sing ainda estava com ele. A perna doía, embora o curativo feito por Geraldine tivesse estancado o sangue; a bebida fizera maravilhas para a dor, e ali estava ele, um dia e meio depois, cansado mas vivo, após atravessar, pulando numa perna só, a cidade

apinhada de tiras vingativos, como um membro do desfile de malucos no Baile da Polícia. Agora, só pedia ao seu protetor um abrigo para descansar um pouco. Não por muito tempo, mas o suficiente para recuperar o fôlego e planejar os movimentos futuros. Uma ou duas horas de sono também não seriam nada mal.

O problema era aquela dor de estômago, profunda e excruciante, que piorava a cada dia. Talvez, depois de descansar um pouco, pudesse encontrar um telefone, falar com Geraldine, para que ela convencesse algum médico a examiná-lo. Pretendia sair da cidade antes da meia-noite, mas isso não parecia agora uma boa decisão. Por mais arriscado que fosse, teria de ficar por lá aquela noite, e talvez parte do dia seguinte, e iniciar a fuga para campo aberto depois de recuperar as energias e retirar a bala da perna.

Puxa, como a dor de estômago estava aumentando. Sem dúvida, era uma úlcera, provocada pela sujeira que eles chamavam de comida na penitenciária. Muitos tinham problemas de estômago e diarreia na prisão. Depois de alguns dias comendo pizzas e tomando cerveja, ficaria curado, tinha certeza.

A palavra *câncer* não fazia parte do vocabulário de Barbério. Jamais pensara em qualquer doença terminal, especialmente em relação a si próprio. Seria o mesmo que um boi no matadouro, preocupado com a dor no casco doente, no momento de ser abatido. Um homem na sua profissão, cercado de instrumentos letais, nunca espera morrer de um tumor maligno do estômago. Mas aquela dor era exatamente isso.

O restaurante atrás do cinema Movie Palace havia sido devorado pelo fogo há alguns anos; os escombros nunca tinham sido retirados do terreno.

Não valera a pena reconstruir o restaurante, e ninguém havia demonstrado interesse pelo terreno. Nos anos sessenta e setenta, aquela parte da cidade tinha sido bastante movimentada. Em dez anos floresceram restaurantes, bares e cinemas. Então, inevitavelmente, saiu de moda. Era cada vez menor o número de jovens que ia gastar dinheiro naquele ponto. Havia novas casas de diversão, novos lugares da moda. Os bares fecharam, depois os restaurantes. Só o Movie Palace permaneceu como símbolo dos dias

inocentes, num bairro que se tornava mais pobre e mais perigoso a cada ano.

A selva de mato e madeira podre do terreno baldio era exatamente o que Barbério procurava. A perna estava cada vez pior, ele cambaleava de exaustão, e a dor no estômago piorava a cada minuto. Precisava urgentemente de um lugar para encostar a cabeça suada. Acabar com o que restava do Southern Comfort e pensar em Geraldine. Uma e meia da manhã; o terreno era um ponto de encontro amoroso para gatos. Correram assustados entre o mato alto quando ele empurrou para o lado alguns pedaços de madeira e deslizou para as sombras. O refugio fedia a urina, humana e de gato, a lixo, a antigas fogueiras, mas era como um santuário.

Encostado na parede do fundo do Movie Palace, Barbério, apoiado no cotovelo, vomitou uma boa porção de Southern Comfort e de bílis. Perto do muro havia uma espécie de barraca de vigas, tábuas escurecidas pelo fogo e ferro retorcido, feita sem dúvida por crianças, um santuário dentro de um santuário. Sing- Sing sorria para ele com as bochechas lambuzadas de gordura. Gemendo baixinho (o estômago estava péssimo nessa noite), Barbério arrastou-se até a barraca abaixando a cabeça para passar na porta.

Alguém mais havia usado aquele lugar para dormir: Barbério sentiu o monte de sacos úmidos sob os dedos, e uma garrafa bateu num tijolo à sua esquerda. Procurou não pensar no cheiro que sentia muito próximo, uma impressão de que os esgotos estavam subindo à superfície. Aquilo era um lugar imundo, porém mais seguro do que a rua. Encostado na parede do Movie Palace, ele respirou lenta e demoradamente, exalando seu temor.

A menos de um quarteirão dali, meio quarteirão talvez, soou a longa sirena de um carro de polícia, como o choro de uma criança no meio da noite, e a sensação de segurança, há pouco adquirida, desapareceu completamente. Estavam fechando o cerco para a sua execução, ele sabia. Havia deixado que pensasse que estava salvo, o tempo todo caçando como tubarões, luzidios e silenciosos, esperando que ficasse cansado demais para opor resistência. Meu Deus, matara um tira, imagine o que iam fazer com ele quando o pegassem. Iam crucificá-lo.

Muito bem, Sing-Sing, e agora? Tire esse ar de surpresa da cara e me salve desta encrenca.

Nada, por um momento. Então, o deus sorriu na sua mente, e, por coincidência, Barbério sentiu as dobradiças nas suas costas.

Puxa! Uma porta. Estava encostado numa porta.

Gemendo de dor, virou o corpo e passou os dedos na portinhola atrás dele. Parecia uma pequena abertura para ventilação, com menos de um metro quadrado. Talvez levasse a um espaço entre o telhado e o teto, talvez a alguma cozinha — que diabo, era mais seguro dentro do que fora. Todos os bebês aprendiam isso com a primeira palmada e o primeiro choro.

O lamento da sirena continuava lá fora, arrepiando todo o corpo de Barbério. Som horrível, que acelerava seu coração.

Os dedos grossos procuraram o fecho na grade de abertura, e lá estava o cadeado, tão enferrujado quanto o resto.

Vamos, Sing-Sing, só estou pedindo mais uma oportunidade, me deixe entrar e juro que serei seu para sempre.

Puxou o cadeado, mas o ferro não cedeu. Ou era mais forte do que parecia ou Barbério estava mais fraco do que pensava. Talvez um pouco de cada coisa.

A cada segundo o carro chegava mais perto. O lamento insistente abafava o som de sua respiração desesperada.

Tirou do bolso o revólver assassino do tira para usar como alavanca. Era impossível aplicar muita força naquele pedaço curto de ferro, mas, depois de algumas tentativas, conseguiu. O cadeado abriu, com uma chuva de pó enferrujado que grudou em seu rosto. Barbério mal conteve um grito de triunfo.

Agora, abrir a grade, sair daquele mundo maldito para o escuro.

Enfiou os dedos na grade e puxou. Dor, uma dor contínua, que desceu do estômago para a barriga e para a perna, o entontecia. Abra, droga, disse ele para a grade, abre- te, Sésamo.

A porta obedeceu.

Abriu de repente, e ele caiu para trás sobre os sacos úmidos. Ficou de pé num instante e espiou para aquela escuridão dentro da escuridão, que era o interior do Movie Palace.

Que venha o carro dos tiras, pensou ele extasiado, tenho um esconderijo para me aquecer. E era quente de verdade, quase quente demais. O ar que saía da abertura parecia estar preso ali há muito tempo.

Arrastou-se, passando para a escuridão sólida lá dentro, a perna doendo à beça, com uma câimbra dos diabos. Nesse momento, a sirena virou a esquina próxima, e ele não ouviu mais o choro de criança. Seriam os passos da lei que soavam agora na calçada?

Virou o corpo, com dificuldade, no escuro. A perna, um peso morto, o pé parecia do tamanho de uma melancia, e fechou a grade de passagem. A satisfação era de quem estivesse recolhendo uma ponte levadiça, deixando o inimigo no outro lado do fosso, sem levar em conta que podiam abrir a grade com a mesma facilidade com que ele a havia aberto. Como uma criança, tinha certeza de que ninguém poderia encontrá-lo ali. E, enquanto não pudesse ver seus perseguidores, eles também não poderiam vê-lo.

Não ouviu os tiras entrando no terreno baldio. Talvez estivesse enganado. Talvez procurassem outro pobre vagabundo da rua, não ele. Fosse como fosse, havia encontrado um lugar para descansar um pouco, e isso era ótimo.

Engraçado, o ar não parecia tão estranho ali dentro, afinal. Não era o ar de um vão entre o teto e o telhado, ou de um sótão. A atmosfera, no esconderijo, tinha vida. Não era ar fresco, nada disso, cheirava a algo há muito tempo confinado, mas fervilhava de vida. Cantava nos ouvidos, arrepiava a pele como uma chuva fria, esgueirava-se sorrateiro pelas narinas, depositando coisas estranhas em seu cérebro. Era como estar dopado, ou coisa assim, uma sensação fantástica. A perna não doía mais, ou d estava sendo amortecida pelas imagens que se formavam em sua mente. Estava repleto, quase transbordante de imagens: dançarinas e casais se beijando, despedidas em estações, casas velhas e escuras, comediantes, caubóis, aventuras no fundo do mar — cenas que jamais viveria em um milhão de anos, mas que o afetavam agora como experiências vivas, reais e incontestáveis. Sentia vontade de chorar nas despedidas e, ao mesmo tempo, queria rir com os

comediantes, mas precisava olhar as dançarinas, aplaudir os caubóis.

Que lugar era aquele, afinal? Espiou através do encanto das imagens que ameaçavam tomar conta de seus olhos. Estava num espaço com menos de um metro e vinte de largura, mas alto, iluminado por uma luz piscante que entrava pelas rachaduras da parede. Barbério estava estonteado demais para reconhecer a origem da luz, e o zumbido nos seus ouvidos impedia que percebesse o sentido das vozes, do outro lado da divisão. Eram as vozes do filme *Satyricon*, o segundo dos dois filmes do programa do Movie Palace naquela noite de sábado.

Barbério não vira o filme, nunca ouvira falar de Fellini. Teria detestado (filme de bichas, porcarias italiana). Ele preferia aventuras no fundo do mar, filmes de guerra. Oh, e bailarinas. Qualquer coisa com bailarinas.

Estranho, estava sozinho no esconderijo, mas com a sensação de que alguém o observava. Através do caleidoscópio de imagens que girava dentro de sua cabeça, sentia a atenção de milhares de olhos. Não era uma sensação desagradável a ponto de exigir uma bebida forte, mas estavam sempre ali, olhando como se ele fosse algo que valesse a pena ser visto, rindo dele, às vezes, chorando, outras, mas a maior parte do tempo apenas olhando com avidez.

A verdade era que, agora, nada podia fazer a respeito. Seus braços e pernas estavam mortos. Não sentia mais as mãos, nem os pés. Não sabia, e talvez fosse melhor para ele não saber, que seu ferimento estava aberto e sangrava copiosamente.

Mais ou menos às duas e trinta e cinco da manhã, quando o *Satyricon*, de Fellini, chegou ao seu final ambíguo, Barbério morreu no espaço contido entre a parede de trás do prédio e a parede do cinema.

O Movie Palace fora, antigamente, um Abrigo de Missão, e, se ele tivesse olhado para cima, antes de morrer, teria visto o desajeitado afresco representando a hóstia consagrada, escurecido pela fuligem, e talvez tivesse pensado na própria assunção. Mas Barbério morreu vendo as dançarinas, e satisfeito com o que via.

A falsa parede, a que deixava passar a luz da parte de trás da tela, tinha como finalidade esconder o afresco da hóstia sagrada. Acharam que seria mais respeitoso do que eliminar para sempre a pintura dos anjos e da hóstia, e, além disso, o homem que havia determinado as reformas, de certa forma, suspeitava que a popularidade do cinema não iria durar muito tempo. Então, ele poderia simplesmente demolir a parede e voltaria ao negócio da adoração de Deus, em vez da adoração de Garbo.

Isso nunca aconteceu. A popularidade do cinema, embora frágil, não terminou, e os filmes continuaram a ser passados. Tomé, o homem de pouca fé (seu nome era Harry Cleveland) morreu, e o espaço entre as duas paredes foi esquecido. Ninguém sabia, agora, da sua existência. Se tivesse procurado por toda a cidade, Barbério não teria encontrado um lugar mais secreto para morrer.

Entretanto, o espaço entre as paredes, o ar contido nele, levavam uma vida própria há cinquenta anos. Como um reservatório, tinha recebido os olhares eletrizados de milhares de olhos, de centenas de milhares de olhos. Meio século de espectadores vivera os filmes passados na tela do Movie Palace, transferindo suas simpatias e suas paixões para a ilusão iluminada, a energia das suas emoções ganhando força como um conhaque esquecido naquela passagem de ar. Mais cedo ou mais tarde, essa energia seria descarregada. Só precisava de um catalisador.

Até chegar o câncer de Barbério.

Dois: A Principal Característica

Depois de esperar vinte minutos mais ou menos no pequeno saguão do Movie Palace, a jovem com vestido estampado de vermelho-cereja e verde-limão começou a ficar visivelmente agitada. Eram quase três da manhã, e a última sessão havia acabado há muito tempo.

Oito meses haviam passado desde a morte de Barbério nos fundos do cinema, oito lentos meses de pouco movimento. Porém,

as sessões duplas das sextas e sábados ainda continuavam lotadas. Nessa noite haviam exibido dois filmes de Eastwood, dois *faroestes-espagete*. Na opinião de Birdy, a moça de vestido cereja não parecia uma fã desse tipo de filme. Não era o gênero preferido das mulheres. Talvez estivesse ali por causa de Eastwood, mais do que pela violência, embora Birdy não visse nada de tão espetacular nos olhos sempre semicerrados daquele ator.

— Posso ajudá-la? — perguntou Birdy.

A moça olhou para ela, nervosa.

— Estou esperando meu namorado — respondeu. — Dean.

— Você o perdeu?

— Ele foi ao banheiro no final do filme e não voltou ainda.

— Ele estava... bem... se sentindo mal?

— Oh, não — disse ela, rapidamente, protegendo o namorado da dúvida sobre sua sobriedade.

— Vou mandar alguém procurá-lo — disse Birdy.

Era tarde, ela estava cansada, e o efeito do estimulante começava a desaparecer. A ideia de passar mais tempo do que o necessário naquele pulgueiro não agradava nem um pouco. Queria ir para casa, para a cama. E dormir. Apenas dormir. Com trinta e quatro anos, concluía que não precisava mais de sexo. A cama fora feita para dormir, especialmente para moças gordas.

Empurrou a porta de vaivém e enfiou a cabeça para dentro do cinema. O cheiro de cigarro, pipoca e gente a envolveu. A temperatura estava alguns graus mais alta do que no saguão.

— Ricky?

Ricky estava fechando a saída, na outra extremidade do cinema.

— Aquele cheiro desapareceu completamente — disse ele.

— Ótimo.

Alguns meses atrás haviam começado a sentir um fedor horrível nos fundos do cinema.

— Alguma coisa morta no terreno baldio — dissera ele.

— Pode me fazer um favor? — perguntou ela.

— O que você quer?

Caminhou para ela sobre o tapete vermelho do cinema, com o molho de chaves chocalhando na cintura. Sua camiseta dizia *Só os Jovens Morrem Bem*.

— Problemas? — perguntou.

— Tem uma moça lá fora. Disse que perdeu o namorado no banheiro.

Ricky fez uma careta.

— No banheiro?

— Isso mesmo. Quer dar uma espiada? Não se importa, não é?

Ela bem que podia esquecer as gracinhas, pensou ele, com um sorriso amarelo. Ultimamente, mal se falavam. O fato de se compartilharem emoções, com o tempo, acaba destruindo uma boa amizade. Além disso, Birdy havia feito algumas observações perversas sobre seus sócios, e ele tinha respondido à altura. Depois, ficaram sem se falar por três semanas e meia. Agora estavam numa trégua constrangida, mais para manter a sanidade do que por outra coisa. Uma trégua meticulosamente observada.

Ricky deu meia-volta, voltou pela passagem central do cinema e entrou na fila E, na direção do banheiro, levantando as cadeiras à medida que passava por elas. Tinham visto dias melhores, aquelas poltronas, mais ou menos na época do *Mágico de Oz*. Agora, pareciam acabadas. Precisavam ser reformadas, ou talvez até mesmo substituídas. Só na fila E havia quatro com os assentos completamente rasgados. Agora Ricky descobrira a quinta, mutilada naquela noite. Algum garoto, ou garota, chateado com o filme e drogado demais para sair do cinema. Tempos atrás ele também fazia isso, certo de estar desferindo um golpe contra os capitalistas donos dos cinemas. Tempos atrás ele fazia uma porção de bobagens.

Birdy o viu entrar no banheiro dos homens. Ele vai adorar, pensou ela, com um sorriso malicioso, esse é exatamente o seu passatempo preferido. E pensar que ela estivera apaixonada por ele nos velhos tempos (há seis meses), quando homens magérrimos, com nariz de Jimmy Durante e conhecimento enciclopédico de todos os filmes de Niro, eram seu tipo. Agora ela o via como realmente era, restos do naufrágio do navio da esperança. Ainda um viciado em drogas, ainda um bissexual teórico, ainda fã dos filmes

de Polanski e do pacifismo simbólico. Afinal, que droga Ricky tinha entre as orelhas? A mesma que havia entre as dela naquele tempo pensou Birdy, quando achava que aquele vagabundo era *sexy*.

Birdy esperou alguns segundos, com os olhos na porta do banheiro. Ricky não reapareceu. Ela voltou ao saguão por um momento, para ver como estava a moça. Fumava como uma atriz amadora que não conseguia pegar o jeito certo, encostada na grade, e levantara um pouco a saia para coçar a perna.

— Meia-calça — disse ela.

— O gerente foi procurar Dean.

— Obrigada—disse, continuando a se coçar. — Sou alérgica a essas meias, fico com a pele toda empolada.

Birdy viu as manchas que enfeavam as pernas bonitas da moça.

— É porque estou com calor e nervosa — tentou explicar. — Sempre que fico com calor e nervosa, aparece essa alergia.

— Oh.

— Provavelmente, Dean fugiu, sabe, quando eu não estava olhando. Ele seria bem capaz disso. Não dá a menor pe... Não liga a mínima.

Birdy percebeu que ela estava chorando, o que seria uma chateação. Não era muito boa com lágrimas. Discussões aos berros, até agressão física, tudo bem. Lágrimas, não.

—Tudo vai dar certo—foi o que conseguiu dizer para evitar as lágrimas.

— Não, não vai — disse a garota. — Não vai dar nada certo porque ele é um filho da mãe. Trata todo mundo como lixo. — Apagou cuidadosamente o cigarro com a ponta fina do sapato cereja, até desaparecer a última fagulha.

—Os homens não se importam, não é mesmo?—Olhou para Birdy com uma sinceridade de derreter o coração.

Sob a maquiagem bem aplicada, não devia ter mais de dezessete anos. O rimei estava um pouco escorrido, e havia arcos escuros de cansaço sob seus olhos.

— Não — respondeu Birdy, com toda a sua dolorosa experiência. — Não, eles não se importam.

Birdy pensou que jamais fora atraente como aquela ninfeta cansada. Seus olhos eram pequenos demais, e seus braços muito gordos. (Seja sincera, garota, você é toda gorda.) Mas os braços eram o que tinha de pior, estava certa disso. Havia homens que gostavam de seios grandes, traseiros grandes, mas nenhum gostava de braços gordos.

Sempre queriam poder segurar o pulso da namorada entre o polegar e o indicador, como um método primitivo de medir o relacionamento. Mas seus pulsos, para ser brutalmente sincera, eram praticamente invisíveis. Os antebraços gordos saíam diretamente das mãos, seguidos pelos braços também gordos. Os homens não podiam segurar seus pulsos entre dois dedos porque Birdy não tinha pulsos, e isso os afastava dela. Bem, esse era um dos motivos. Ela era também muito inteligente, uma desvantagem para conquistar os homens. Mas, entre os motivos pelos quais não tinha sucesso no amor, Birdy optava pelos braços gordos.

Mas aquela jovem tinha braços de dançarina balinesa, com pulsos finos e frágeis como vidro.

Na verdade, revoltante. Provavelmente a garota nem sabia conversar. Meu Deus, aquela menina tinha todas as vantagens.

— Como se chama? — perguntou.

— Lindi Lee — respondeu a jovem. Só podia ser.

Ricky pensou que se havia enganado. Aquilo não podia ser o banheiro.

Estava parado no meio da rua principal de uma cidade antiga no faroeste, que vira uma centena de vezes no cinema. Uma tempestade de areia assolava o lugar, obrigando-o a semicerrar os olhos. Através do torvelinho do ar cinza-amarelado, tinha a impressão de distinguir o Armazém Geral, o escritório do xerife e o bar, no lugar dos cubículos do banheiro. Rolos de amaranto seco passavam por ele, levados pelo vento. O chão era de areia socada, sem sinal de azulejos. Nada que lembrasse um banheiro de cinema.

Ricky olhou para a direita. Onde devia estar à parede do banheiro, a rua continuava, em perspectiva forçada, numa distância pintada. Era tudo mentira, sem dúvida, tudo aquilo era mentira. Se procurasse concentrar-se, descobriria como haviam conseguido

aquela miragem. As projeções, os efeitos de luz, os panos de fundo, as miniaturas, todos os truques do cinema. Mas, mesmo com o máximo de concentração que permitia a sensação de irrealidade, não conseguia encaixar os dedos sob o manto da ilusão para tirá-lo daquele lugar.

O vento continuava, o amaranto rolava. Em algum lugar, no meio da tempestade, uma porta abria e fechava, batendo com força. Sentia até o cheiro de estrume de cavalo. Era tudo tão perfeito que Ricky mal podia respirar de tanta admiração.

Quem quer que tivesse criado aquele efeito já havia obtido a impressão desejada. Estava na hora de acabar com a brincadeira.

Ricky voltou-se para a porta do banheiro. Havia desaparecido. Uma parede de poeira a substituía e, de repente, ele estava perdido e sozinho.

A porta do celeiro continuava a bater com o vento. Vozes se cruzavam no meio de uma tempestade cada vez mais forte. Onde estavam o bar e o escritório do xerife? Cobertos também pela poeira. Ricky teve uma sensação que não experimentava desde criança. O pânico de perder a mão do seu guardião. Nesse caso, o progenitor perdido era a sua sanidade.

Ouviu um tiro à sua esquerda, nas profundezas da tempestade, alguma coisa zumbiu no seu ouvido, sentiu uma dor aguda e levou a mão ao ferimento. O brinco que usava tinha desaparecido, e seus dedos estavam cheios de sangue, sangue de verdade. Alguém acabara de errar por pouco a sua cabeça ou estava fazendo uma brincadeira de péssimo gosto.

— Ei, cara — disse Ricky, dentro daquele maldito cenário de ficção, girando o corpo para ver se conseguia localizar o agressor. Não viu ninguém. Estava completamente envolto pela poeira. Não podia ir para trás, nem para a frente, sem se arriscar. O atirador podia estar muito perto, esperando que ele andasse em sua direção.

— Não gosto disto — disse em voz alta, esperando que, de algum modo, o mundo real o ouvisse e entrasse em cena para salvar sua mente em frangalhos. Procurou um comprimido nos bolsos da calça, qualquer coisa para melhorar sua situação, mas não tinha nenhum estimulante instantâneo, nem um simples Valium no

fundo do bolso. Sentiu-se nu. Que hora errada para se perder dentro de um pesadelo de Zane Grey.

Outro tiro, dessa vez sem o assobio da bala. Ricky sabia que isso significava que fora atingido, mas não podia ter certeza, porque não havia dor nem sangue.

Então ouviu a batida inconfundível das folhas de vaivém da porta do bar e o gemido de outro ser humano muito perto. Por um momento abriu-se uma brecha na tempestade. Será que estava vendo a porta do bar e um homem jovem cambaleando para fora, deixando atrás dele um mundo pintado de mesas, espelhos e pistoleiros? Antes que pudesse firmar a vista, a brecha foi fechada com areia, e Ricky duvidou de que tivesse visto alguma coisa. Então, chocado, olhou para o jovem a poucos centímetros de onde estava, com os lábios azuis da morte, caindo para frente, nos braços de Ricky. A jaqueta de couro era uma cópia perfeita das que estavam em moda nos anos cinquenta, a camiseta tinha o rosto sorridente de Mickey Mouse.

O sangue escorria do olho esquerdo de Mickey. A bala tinha aceitado o coração do homem.

Com seu último suspiro, ele perguntou:

— Que porra está acontecendo? — e morreu.

No que se referia às últimas palavras, sem dúvida, elas não tinham estilo, mas eram carregadas de sentimento. Ricky olhou para o rosto imóvel do homem, mas o peso era demais e ele o deixou cair. Quando o corpo tocou o solo, a areia pareceu transformar-se em azulejos manchados de urina, e a poeira rodopiou; ele estava de pé bem na rua principal de Deadwood Gulch, com um homem morto aos seus pés.

Ricky sentiu algo parecido com a angústia provocada pela privação de drogas na cura de um viciado. Seus membros agitaram-se numa dança de São Vito, e sentiu vontade urgente de urinar. Mais alguns segundos e ia urinar na calça.

Em algum lugar, pensou, em algum lugar deste mundo louco existe um mictório. Existe uma parede coberta de *grafite*, com números para os viciados em sexo, com "*Isto não é um abrigo antiatômica*", rabiscado nos azulejos, e uma porção de desenhos

obscenos. Existem lavatórios e caixas vazias de toalhas de papel e assentos quebrados de privada. Há o cheiro repulsivo de mijos e peidos velhos. "Encontre! Em nome de Deus, encontre a coisa real, antes que a ficção provoque algum dano permanente".

Se, só por hipótese, o bar e o armazém são as cabines das privadas, então o mictório deve estar atrás de mim, pensou ele. "Dê um passo para trás. Não pode ser mais perigoso do que ficar aqui parado no meio da rua com alguém dando tiros em você".

Dois passos, dois passos cautelosos, e encontrou apenas ar. Mas, no terceiro — bem, o que temos aqui? —, sua mão tocou a superfície fria do azulejo.

— Viva! — exclamou ele. Era o mictório, e tocar nele era como encontrar ouro numa lata de lixo. Não estava sentindo o cheiro de desinfetante que vinha das privadas? Claro que estava.

Gritando ainda de alegria, abriu o zíper e começou a aliviar a dor na bexiga, com a pressa molhando os pés com urina. Que diabo, tinha dominado a ilusão. Se se voltasse agora, na certa a fantasia teria desaparecido. O bar, o jovem morto, a tempestade, tudo. Fora uma espécie de ressaca química, droga de má qualidade ainda no seu organismo, fazendo brincadeiras de mau gosto com a sua imaginação. Sacudiu as últimas gotas na calça jeans e ouviu a voz do herói do filme.

— O que pensa que está fazendo, mijando na minha rua, garoto?

Era a voz de John Wayne, perfeita até a última sílaba, e estava bem atrás dele. Ricky não podia nem pensar em se virar. O cara, na certa, estouraria seus miolos. A voz deixava isso muito claro, avisando com aquele tranquilo tom de ameaça: "Estou pronto para sacar, portanto, defenda-se da melhor maneira possível." O caubói estava armado, e tudo que Ricky tinha nas mãos era seu pênis, longe de poder competir com um revólver, mesmo se estivesse ereto.

Cautelosamente, guardou sua arma, fechou o zíper e ergueu as mãos. Na frente dele, a imagem trêmula do banheiro desapareceu. A tempestade rugia, o sangue escorria de sua orelha para o pescoço.

— Muito bem, garoto, quero que tire esses cinturão com a arma e o jogue no chão. Está ouvindo? — disse Wayne.

— Estou.

— Devagar e com cuidado, e deixe as mãos onde eu possa vê-las.

Puxa, o cara estava mesmo convencido do seu papel.

Devagar e com cuidado, como o homem disse, Ricky desafivelou o cinto, puxou-o para fora das calças jeans e o jogou no chão. Pediu a Deus que as chaves tilintassem ao tocar o solo. Mas não teve essa sorte. Ouviu apenas o som metálico e surdo de metal contra a areia batida.

— Muito bem — disse Wayne. — Agora está começando a se comportar direito. O que tem a dizer em sua defesa?

— Desculpe? — disse Ricky, hesitante.

— Desculpar?

— Por mijar na rua.

— Não me parece que pedir desculpas seja penitência suficiente — disse Wayne.

— Mas eu sinto muito mesmo. Foi tudo um engano.

— Temos tido estranhos demais por estes lados. Encontrei aquele garoto com as calças abaixadas até os joelhos, defecando no meio do bar. Para mim isso é muita grosseria! Afinal, onde vocês, seus filhos da puta, foram educados? É isso que estão ensinando nas escolas elegantes do Leste?

— Nunca vou poder me desculpar suficientemente.

— Tem razão, não pode — disse Wayne, com sua voz arrastada.

— Estava com o garoto?

— De certo modo, sim.

— Que conversa mole é essa? — Encostou a arma nas costas de Ricky. Parecia muito real. — Estava com ele ou não?

— Só quis dizer...

— Você não quer dizer nada neste território, cara, acredite em mim.

Destravou a arma.

— Por que não se vira, filho, e deixa a gente ver do que é feito?

Ricky conhecia a cena. O homem dava meia-volta, procurava apanhar uma arma escondida, e Wayne o matava. Sem nenhuma

discussão, sem tempo para debater a ética da coisa, uma bala fazendo trabalho melhor do que qualquer palavra.

— Vire-se, eu disse.

Lentamente, Ricky voltou-se para encarar o sobrevivente de milhares de tiroteios, e ali estava o homem, ou melhor, uma brilhante imitação dele. Um Wayne na sua melhor fase, antes de engordar e ficar doente. Um Wayne do Rio Grande, coberto de poeira da longa viagem e com os olhos semicerrados por uma vida inteira perscrutando os horizontes. Os filmes de faroeste não eram os preferidos de Ricky. Detestava todo aquele machismo forçado, a glorificação do heroísmo barato e sujo. Sua geração havia colocado flores nos canos dos rifles, e para ele isso sempre parecera a coisa certa. Na verdade, fazia-o até hoje.

Foda-se, se aquele ator, fosse quem fosse, ia mesmo atirar nele; não iria perder nada dando um murro na cara do filho da mãe. O pensamento transformou-se em ação. Ricky fechou os punhos, levou o braço para trás, para a frente e deu um soco no queixo de Wayne. O ator era mais lento do que sua imagem na tela. Ele não se desviou do golpe, e Ricky aproveitou a oportunidade para fazer saltar a arma da mão dele. Continuou com uma sequência de socos no corpo do homem, como vira no cinema. Uma demonstração espetacular.

O homem, muito maior do que ele cambaleou, sua espora enroscou-se no cabelo do garoto morto, ele perdeu o equilíbrio e caiu no chão de terra, vencido.

O filho da mãe estava no chão! Ricky sentiu uma satisfação jamais vivenciada antes, o prazer supremo do triunfo físico. Meu Deus! Tinha derrubado o maior caubói do mundo. Sua faculdade crítica foi obscurecida pela vitória.

A tempestade de areia ficou mais forte. Wayne estava ainda no chão, cheio de sangue que saía do nariz quebrado e do lábio cortado. A areia começava a obscurecer sua imagem, como uma cortina cobrindo a vergonha da derrota.

— Levante-se — ordenou Ricky, tentando tirar proveito da situação, antes de ser tarde demais.

Wayne deu um largo sorriso enquanto a tempestade o cobria.

— Muito bem, garoto — disse com ar malicioso, passando a mão no queixo —, ainda faremos de você um homem...

Então a areia rodopiante apagou a imagem e, por um momento, alguma coisa tomou seu lugar, uma forma que Ricky não podia descrever. Era e não era Wayne e entrou em rápida deterioração, transformando-se em algo não humano.

A poeira áspera bombardeava violentamente, invadindo olhos e orelhas. Ricky afastou-se cambaleante, tossindo, e miraculosamente encontrou uma parede, uma porta, e, antes que percebesse o que era, ou onde estava, a tempestade uivante o atirou no meio do silêncio do Movie Palace.

Lá, embora tivesse prometido a si mesmo ser valente, desde quando começara a ter barba, soltou um grito fraco, que não teria envergonhado Fay Wray, e desmaiou.

No saguão, Lindi Lee dizia a Birdy por que não tinha gostado muito do filme.

— Quero dizer, Dean gosta de filmes de caubói. Mas eu, na verdade, não gosto. Acho que não devia dizer isso para você...

— Não, tudo bem.

— mas quero dizer, você deve gostar muito de cinema, eu acho, porque trabalha aqui.

— Gosto de alguns filmes. Não de todos.

— Oh. — Parecia surpresa. Parecia sempre surpresa com alguma coisa. — Gosto de filmes sobre a vida selvagem, sabe?

— Sei...

— Você sabe? Animais... e essas coisas.

— Sei... — Birdy se lembrou de sua avaliação de Lindi Lee, de que não devia ter muito que conversar. Acertou logo de cara.

— Por que será que estão demorando? — disse Lindi.

A vida inteira que Ricky passara na tempestade de areia não tinha durado mais de dois minutos no tempo real. Mas, afinal, nos filmes o tempo era elástico.

— Vou ver — disse Birdy.

— Provavelmente, ele foi embora e me deixou aqui — disse Lindi outra vez.

— Vamos descobrir.

— Obrigada.

— Não se preocupe — disse Birdy, pousando a mão de leve no braço da moça, quando passou por ela. — Tenho certeza de que tudo está bem.

Birdy passou pela porta de vaivém e desapareceu dentro do cinema, deixando Lindi sozinha no saguão. Lindi suspirou. Dean não era o primeiro namorado que fugia desse modo, só porque ela não estava disposta a dar o que eles queriam. Lindi tinha ideias próprias sobre quando e como se entregar completamente a alguém. Não havia chegado a hora, e Dean não era o homem certo. Ele era muito escorregadio, muito instável, e seu cabelo cheirava a óleo diesel. Se tinha fugido, Lindi não iria chorar por isso. Como dizia sua mãe, tem muito mais peixe no mar.

Olhava o cartaz da próxima atração quando ouviu um baque surdo atrás dela, e lá estava um coelho malhado, uma coisinha fofa e sonolenta, sentada no meio do saguão, olhando para ela.

— Oi — disse Lindi para o coelho.

O animalzinho se lambeu encantadoramente.

Lindi Lee adorava animais. Gostava dos filmes de Aventuras da Vida Real, em que animais eram mostrados no seu *habitat* com fundo musical de Rossini e escorpiões executavam a dança do amor, e todos os filhotes de urso eram chamados carinhosamente de pequenos tratantes. Simplesmente adorava esses filmes. Mas gostava especialmente de coelhos.

O coelho deu dois pulos na direção dela. Lindi ajoelhou para acariciá-lo. O bichinho era morno e tinha olhos redondos e rosados. Passou por ela e subiu a escada.

— Acho que você não deve subir aí — disse ela.

Para começar, estava escuro no topo da escada. Depois, tinha um aviso dizendo "Privativo. Só pessoal da casa" pregado na parede. Mas o coelho parecia decidido e subiu bem na frente dela.

Lá em cima estava escuro como breu, e o coelho havia desaparecido.

Outra coisa, com olhos que brilhavam no escuro, estava sentada no lugar do coelho.

Com Lindi Lee, as ilusões podiam ser muito simples. Não era preciso seduzi-la para uma ficção completa, como o garoto. Lindi já estava sonhando. Presa fácil.

— Como vai? — disse Lindi, um pouco assustada com aquela presença. Apertou os olhos tentando distinguir, no escuro, alguma forma, uma cabeça. Mas não havia nada. Nem o som de respiração.

Recuou, descendo um degrau, mas a coisa avançou para ela de repente e a apanhou antes que caísse, fazendo-a silenciar rápida e intimamente.

Esta não devia ter muito sentimento para ser roubado, mas havia outra coisa nela. O corpo macio ainda estava em formação. Os orifícios não conheciam invasões. A coisa carregou Lindi para cima e a guardou para futura investigação.

— Ricky? Oh, meu Deus, Ricky!

Birdy ajoelhou ao lado do corpo de Ricky e o sacudiu. Pelo menos ele ainda respirava e, embora à primeira vista desse a impressão de estar coberto de sangue, na verdade, o ferimento não passava de um raspão na orelha.

Ela o sacudiu outra vez, com mais força, sem nenhuma reação. Depois de procurar nervosamente, encontrou o pulso. Estava forte e regular. Obviamente fora atacado por alguém, provavelmente pelo namorado desaparecido de Lindi Lee. Nesse caso, onde estava ele? No banheiro ainda, talvez, armado e perigoso. De jeito nenhum ela iria entrar lá e cair na armadilha mais velha do mundo. Mulher em Perigo: enredo-padrão. A sala escura, o animal de tocaia. Muito bem, em vez de entrar de cara naquele cenário, ia fazer o que sempre aconselhava, em silêncio, às heroínas dos filmes desse tipo: esqueça a curiosidade e chame os tiras.

Deixou Ricky ali deitado e voltou para o saguão.

Estava vazio. Lindi Lee tinha desistido do namorado, ou havia encontrado outra pessoa na rua para levá-la para casa. Fosse como fosse, Birdy fechou a porta da frente, deixando um leve perfume de talco infantil lá dentro. Tudo bem, isso facilitava as coisas, pensou ela, entrando na bilheteria para chamar a polícia. Estava feliz porque a garota, ajuizadamente, havia desistido daquele namorado.

Apanhou o fone e imediatamente alguém falou.

— Alô — disse a voz fanhosa e desagradável. — Não acha que é um pouco tarde da noite para usar o telefone?

Não era uma telefonista, Birdy tinha certeza. Ainda não havia discado nenhum número.

Além disso, parecia a voz de Peter Lorre.

— Quem está falando?

— Não me reconhece?

— Quero falar com a polícia.

— Gostaria de lhe prestar esse favor, gostaria muito.

— Quer sair da linha? É uma emergência! Preciso falar com a polícia.

— Já ouvi da primeira vez — continuou a voz fanhosa.

— Quem é você?

— Já disse.

— Tem alguém ferido lá dentro. Quer, por *favor*...

— Pobre Ricky.

Ele sabia o nome. Pobre Ricky, ele dissera, como se fosse um grande amigo.

Birdy sentiu o suor brotar de sua testa e sair pelos poros. Ele sabia o nome de Ricky.

— Pobre, pobre Ricky — repetiu a voz. — Mas estou certo de que teremos um final feliz. Você não acha?

— É uma questão de vida ou morte — insistiu Birdy, certa de que estava com a voz perfeitamente firme.

— Eu sei — disse Lorre. — Não é formidável?

— Vá para o inferno! Saia desse telefone! Senão eu...

— Senão você vai fazer o quê? O que uma garota gorda como você pode fazer numa situação destas, a não ser dizer bobagens?

— Foda-se, seu monstro.

— O prazer é todo meu.

— Eu o conheço?

— Sim e não — a voz começava a ficar hesitante.

— Você é amigo de Ricky, certo?

Um dos viciados com quem ele andava. Que brincadeira mais idiota.

— Tudo bem, já fizeram sua brincadeira cretina — disse ela. — Agora saia da linha antes de causar algum problema sério.

— Você está nervosa — disse a voz, mais suave agora. — Eu compreendo...—o tom mudava como numa mágica, subindo uma oitava. — Você está tentando ajudar o homem que ama... — era uma voz feminina agora, com outra cadência, a pronúncia deslizando, quase um ronronar. E, de repente, era Garbo.

— Pobre Richard — disse ela para Birdy. — Ele se esforçou tanto, não foi mesmo? (Estava mansa como um cordeiro.)

Birdy ficou paralisada. A imitação era perfeita, como a de Lorre, tão feminina quanto à outra era masculina.

— Tudo bem, estou impressionada — disse Birdy. — Agora, deixe-me falar com os tiras.

— Não acha que a noite está linda para um passeio, Birdy? Só nós duas.

— Você sabe meu nome.

— É claro que sei. Somos muito íntimas.

— O que quer dizer com *muito íntimas*

A resposta foi uma risada rouca, a bela risada de Garbo.

Birdy não aguentava mais. O truque era perfeito. Sentia que estava sucumbindo à representação, como se estivesse falando com a própria estrela do cinema.

— Não — disse ela, ao telefone. — Você não me convence, está ouvindo? — Então perdeu o controle e gritou: — Você é uma mentira! — O fone estremeceu com a força de sua voz e ela desligou violentamente. Abriu a porta da cabine e saiu. Lindi Lee não havia apenas batido à porta quando deixara o cinema. Estava trancada por dentro com o cadeado.

— Droga — disse Birdy em voz baixa.

De repente, o saguão pareceu diminuir, bem como sua reserva de calma. Mentalmente, Birdy esbofeteou o próprio rosto, o método-padrão para uma heroína dominada pela histeria. Pense com calma, disse para si mesma. Primeiro: a porta estava trancada. Lindi não podia ter feito isso, nem Ricky, e ela, Birdy, sem dúvida, também não. Estava trancada por dentro com o cadeado. O que significava...

Segundo: havia um maluco ali dentro. Talvez o mesmo, a mesma, do telefone. O que significava...

Terceiro: ele, ela ou a coisa devia ter acesso a outro telefone no prédio. O único que ela conhecia ficava lá em cima, no depósito.

Mas Birdy, de jeito nenhum, pretendia subir lá. Para saber os motivos, veja Heroína em Perigo. O que significava...

Quarto: tinha de abrir a porta com as chaves de Ricky.

Entrou outra vez no cinema. As luzes estavam piscando, ou era o pânico afetando seu nervo ótico? Não, estavam piscando um pouco. Todo o interior do cinema parecia pulsar, como se estivesse respirando.

Ignore isso. Apanhe as chaves.

Correu pela passagem central, consciente, como sempre que corria, de que seus seios e seu traseiro balançavam numa dança louca. Belo espetáculo para quem quer que esteja olhando. Ricky gemia, desmaiado ainda. Birdy procurou as chaves, mas o cinto dele havia desaparecido.

— Ricky... — disse ela, bem perto do rosto dele. Os gemidos aumentaram.

— Ricky, está me ouvindo? É Birdy, Ricky, *Birdy*.

— Birdy?

— Estamos trancados aqui, Ricky. Onde estão as chaves?

— ...chaves?

— Seu cinto desapareceu, Ricky — falou devagar, como se ele fosse um idiota. — Onde-estão-suas-chaves?

O quebra-cabeças que Ricky tentava armar, de repente, se resolveu, e ele sentou-se.

— O garoto! — ele disse.

— Que garoto?

— No banheiro. Morto no banheiro.

— Morto? Oh, Cristo. Morto? Tem certeza?

Ricky estava numa espécie de transe. Não olhava para ela, mas para algum ponto além de Birdy, vendo alguma coisa que ela não via.

—Onde estão as chaves?—perguntou ela outra vez.—*Ricky*. É importante. Concentre-se.

— Chaves?

— Teve vontade de esbofeteá-lo, mas seria sadismo bater naquele rosto cheio de sangue.

— No chão — disse ele, depois de algum tempo.

— No banheiro? No chão do banheiro?

Ricky fez um gesto afirmativo. O movimento certamente reviveu pensamentos terríveis, e, de repente, ele pareceu prestes a chorar.

— Tudo vai dar certo — disse Birdy.

Ricky ergueu as mãos e começou a apalpar o próprio rosto, como num ritual, para certificar-se de alguma coisa.

— Eu estou aqui? — perguntou em voz baixa.

— Birdy não ouviu. Estava tomando coragem para entrar no banheiro. Tinha de entrar, isso era óbvio, tivesse ou não um homem morto lá dentro. Entrar, apanhar as chaves, sair. Faça isso *agora*.

Passou pela porta. Nesse momento, lembrou que era a primeira vez que entrava no banheiro dos homens e, sinceramente, desejou que fosse a última.

O banheiro estava quase completamente às escuras. As luzes piscavam sinistramente, como no cinema, mas um pouco menos intensas. Parou na porta para acomodar a vista e olhou em volta.

O banheiro estava vazio. Nenhum garoto no chão, nem vivo, nem morto.

Mas as chaves estavam lá. O cinto de Ricky estava dentro de um dos mictórios. Birdy o pescou do fundo, o cheiro do desinfetante irritando suas narinas. Tirou a argola do cinto e saiu do banheiro para o ar relativamente mais limpo do cinema. E estava tudo acabado, simplesmente acabado.

Ricky, esparramado numa poltrona, parecia mais doente e mais desanimado do que nunca. Ergueu os olhos quando Birdy saiu do banheiro.

— Encontrei as chaves — disse ela.

Ele grunhiu. Meu Deus, Ricky parece muito mal, pensou ela.

Parte da simpatia por ele se havia evaporado. Obviamente, ele estava tendo alucinações, e, sem dúvida, de origem química. Tudo culpa dele.

— Não tem nenhum garoto lá dentro, Ricky.

— O quê?

— Não tem ninguém no banheiro, ninguém. Afinal, o que foi que você tomou?

Ricky olhou para as mãos trêmulas.

— Não tomei nada. Verdade.

— Coisa mais idiota — disse Birdy.

De algum modo, estava convencida de que ele havia feito tudo aquilo para assustá-la, mas, na verdade, brincadeiras de mau gosto não eram o estilo dele. A seu modo, Ricky era um puritano. Esse sempre fora um de seus atrativos.

— Você precisa de um médico?

Ele balançou a cabeça, sombriamente.

— Tem certeza?

— Já disse que não — respondeu, irritado.

— Tudo bem, eu ofereci.

Birdy caminhou pela passagem, resmungando. Na porta do saguão, parou e disse em voz alta:

— Acho que temos um intruso. Havia alguém na extensão do telefone. Quer ficar vigiando na frente enquanto vou chamar um tira?

— Já vou.

Sentado no cinema, com a luz bruxuleante, Ricky examinou a própria sanidade. Se Birdy dissesse que o garoto não estava lá, então provavelmente era verdade. O melhor modo de saber era ver por ele mesmo. Assim, poderia ter certeza de que havia sofrido uma pequena crise de realidade, devido a alguma droga de segunda classe, e poderia voltar para casa, dormir e acordar no dia seguinte perfeitamente curado. Acontece que não queria entrar naquele banheiro fedido. E se estivesse errado e *ela* estivesse tendo uma crise? Não existia essa coisa de alucinações de normalidade?

Trêmulo, levantou-se, foi até o banheiro e empurrou a porta. Estava escuro lá dentro, mas dava para ver que não havia nenhuma tempestade de neve, nenhum garoto morto, nenhum caubói empunhando armas, sequer uma única bola de amaranto sendo levada pelo vento. Minha cabeça é mesmo uma coisa!, pensou ele.

Criar um mundo alternativo com aquela sinistra perfeição. Um truque maravilhoso. Uma pena que só tivesse sido usado para deixá-lo morto de medo. Você perde um pouco, você ganha um pouco.

Então ele viu o sangue. Nos azulejos. Uma mancha de sangue que não tinha saído de sua orelha, era grande demais para isso. Ha! Não havia imaginado tudo. Havia sangue, marcas de sapatos, todos os sinais de que realmente tinha visto o que pensava ter visto. Mas, Jesus, o que era melhor? Ver ou não ver? Não seria melhor estar errado e um pouco dopado do que estar certo e nas mãos de uma força que podia mudar literalmente o mundo?

Ricky acompanhou com os olhos a trilha de sangue até a cabine à sua esquerda. A porta estava fechada. Antes estava aberta. O assassino, fosse quem fosse, havia deixado o garoto ali dentro. Ricky sabia disso, sem precisar verificar.

— Muito bem — disse ele — agora te peguei.

Empurrou a porta. Lá estava o garoto, sentado no vaso, as pernas abertas, os braços pendentes.

Haviam arrancado os olhos dele. Não meticulosamente, não com a técnica de um cirurgião, mas puxando, deixando as marcas da violência no rosto do garoto.

Ricky tampou a boca com a mão e disse a si mesmo que não iria vomitar. Seu estômago deu uma virada, mas obedeceu, e ele correu para a porta do banheiro como se, a qualquer momento, o garoto fosse levantar-se e exigir a devolução do dinheiro da entrada.

— Birdy... Birdy...

A cadela gorda estava errada, completamente errada. Havia morte ali dentro, e coisa muito pior.

Ricky lançou-se para dentro do cinema.

As luzes nas paredes dançavam lentamente atrás dos lustres Deco, bruxuleando como velas prestes a se apagar. Ficar no escuro agora seria demais, na certa ele enlouqueceria.

Havia algo de familiar naquele pisca-pisca das luzes, alguma coisa que não conseguia lembrar. Ficou ali de pé por um momento, desamparado, perdido.

Então ouviu a voz e, embora tivesse quase certeza de que era a morte quem falava, ergueu os olhos.

—Como vai, Ricky?—dizia ela, caminhando em sua direção, pela fila E. Não era Birdy. Não, Birdy jamais usaria um vestido de gaze, diáfano, jamais tivera lábios grossos e sensuais, nem cabelos tão finos, ou olhos tão suavemente cheios de promessas. Era Monroe quem caminhava para ele, a rosa destruída da América.

— Não vai me dizer alô? — perguntou ela, numa censura terna.

— ...bem...

— Ricky. Ricky. Ricky. Há quanto tempo!...

Tanto tempo? Do que ela estava falando, tanto tempo?

— Quem é você?

Ela respondeu com um sorriso radiante.

— Como se você não soubesse.

— Você não é Marilyn. Marilyn está morta.

— Ninguém morre nos filmes, Ricky. Sabe disso tão bem quanto eu. A gente sempre pode rolar o celuloide outra vez...

...era isso. As luzes piscando, a passagem do celuloide pela frente do projetor, uma imagem quente no próximo, a ilusão de vida criada a partir de uma sequência perfeita de pequenas mortes.

...e lá estamos, falando, cantando. — Seu riso era como gelo tilintando num copo. Nunca erramos uma fala, nunca envelhecemos, nunca perdemos uma deixa...

— Você não é real — disse Ricky.

A observação aparentemente a aborreceu, como se Ricky estivesse sendo pedante.

Agora ela estava a menos de um metro dele. A essa distância, a ilusão era mais maravilhosa e mais completa do que nunca. De repente, Ricky sentiu vontade de possuí-la, ali mesmo no cinema. E se fosse de mentira? Ora, era perfeitamente possível trepar com uma ficção, quando não se pensa em casamento.

— Quero você — disse ele, surpreso com a própria ousadia.

— E eu quero *você*— respondeu ela, o que o surpreendeu mais ainda. — Na verdade, preciso de você. Estou muito fraca.

— Fraca?

— Não é fácil ser o centro das atenções. Precisamos delas cada vez mais. Precisamos que as pessoas olhem para nós. A noite toda, o dia todo.

- Estou olhando.
- Sou bonita?
- Você é uma deusa, seja lá quem for.
- Sou toda sua, isso é que sou.

Uma resposta perfeita. Ela se definia por meio dele. Sou uma função da sua pessoa, feita por você, para você. A fantasia perfeita.

— Continue olhando para mim, *para sempre*, Ricky. Preciso de seu olhar amoroso. Não posso viver sem ele.

Quanto mais ele olhava, mais a imagem se definia. As luzes quase não piscavam agora. Tudo parecia mergulhado numa imensa paz.

- Você quer me tocar?

Ricky pensou que ela jamais iria perguntar isso.

- Quero — respondeu.

— Ótimo. — Ela sorriu, convidativa, e ele estendeu o braço para o contato.

Com suave elegância, no último momento, ela evitou os dedos dele e correu, rindo, na direção da tela. Ricky foi atrás. Ela queria brincar, estava ótimo para ele.

Chegaram a um canto sem salda. Não era possível sair do cinema por aquele lado, e, a julgar pelos gestos encorajadores, ela sabia disso. Voltou-se para ele, encostada na parede, com as pernas um pouco separadas.

Ricky estava a uns dois metros quando uma brisa, saída de lugar nenhum, levantou a saia dela até a cintura. A mulher riu, semicerrando os olhos, enquanto a saia subia rodopiando, expondo metade do corpo completamente despido.

Ricky estendeu o braço novamente, e, dessa vez, ela não o evitou. O vestido subiu um pouco mais, e ele olhou, estatelado, para a parte de Marilyn que jamais havia visto, o triângulo coberto de pelos que fora o sonho de milhões.

Estava manchado de sangue. Não muito, apenas marcas vermelhas de dedos no interior das coxas. A maciez perfeita da pele maculada com sangue. Ele continuou olhando, os lábios abriram-se um pouco com o movimento do corpo, e ele percebeu que o brilho úmido que via não era fluido do corpo dela, mas uma coisa

completamente diferente. Com o movimento dos músculos, os olhos injetados, mergulhados naquele corpo, fixaram-se nele.

Pela expressão de Ricky, ela percebeu que não havia escondido bem aqueles olhos, mas onde uma mulher, com a nudez coberta por um tênue véu, podia esconder os frutos do seu trabalho?

— Você o matou — disse Ricky, sem desviar os olhos dos lábios e dos olhos que espiavam entre eles. Era uma imagem tão fascinante, tão perfeita que quase anulava o horror que sentia. Numa reação pervertida, a repulsa alimentava seu desejo, ao invés de matá-lo. O que importava se ela era uma assassina? Marilyn era uma lenda.

— Quero que me ame — disse ela. — Que me ame para sempre.

Ricky aproximou-se, certo agora de que caminhava para a morte. Mas a morte era relativa, não era? O corpo de Marilyn estava morto, mas vivo naquele instante, fosse na sua mente, fosse na matriz sussurrante do ar, ou em ambas, e ele podia ficar com ela.

Abraçaram-se. Beijaram-se. Era fácil. Os lábios dela eram mais macios do que Ricky havia imaginado, e seu desejo era tanto que sentia quase que uma dor entre as pernas.

Os braços esguios como galhos rodearam sua cintura, e ele mergulhou no seio da luxúria.

—Você me dá forças — disse ela — olhando para mim como você olha. Preciso que olhem para mim, do contrário, eu morro. É o estado normal das ilusões.

Os braços que apertavam suas costas não pareciam mais delicados e macios. Ricky procurou livrar-se do desconforto.

— Não adianta — disse ela. — Você é meu.

Ricky olhou para trás e, para seu espanto, percebeu que os braços não eram mais braços, mas um laço em volta dele, sem mãos, dedos ou pulsos.

—Jesus Cristo! — exclamou ele.

— Olhe para mim, garoto — disse ela.

A voz perdeu toda a delicadeza. Não era mais Marilyn que o tinha nos braços. Nada que se parecesse com ela. O abraço apertou-se mais ainda, tirando todo o ar do corpo de Ricky, impedindo-o de encher novamente os pulmões sob a pressão tremenda. Sua espinha

partiu-se, e a dor percorreu seu corpo como fachos de luz, que explodiram, coloridos, em seus olhos.

— Você devia ter saído da cidade — disse Marilyn, enquanto o rosto de Wayne aparecia sob os traços perfeitos dela. O olhar era de desprezo, mas Ricky teve apenas um momento para registrar, antes de a imagem se partir também e algo diferente aparecer atrás da fachada daqueles dois rostos famosos. Pela última vez na vida Ricky perguntou:

— Quem é você?

Seu raptor não respondeu. Bebia sofregamente a fascinação nos olhos de Ricky. E, enquanto ele olhava, órgãos gêmeos saltaram daquela coisa, como chifres de uma lesma, antenas talvez, transformando-se em sondas, atravessando o espaço entre sua cabeça e a de Ricky.

— Preciso de você — disse a coisa, que não era mais Wayne, nem Marilyn, mas que soava como a voz pouco educada de um bandido vulgar. — Estou uma porra de fraco. Ficar no mundo me esgota.

Estava se ligando a Ricky, alimentando-se com seu olhar, antes de adoração — agora de horror. Ricky sentia a vida saindo aos poucos pelos olhos, deleitando-se nos olhares cheios de sentimento que entregava à coisa enquanto morria.

Tinha certeza de que estava quase morto, porque há muito tempo não respirava. Pareciam minutos, mas podia ser mais.

Enquanto procurava ouvir as batidas do próprio coração, as antenas abriram-se e se encaixaram em suas orelhas. Mesmo naquele estado de semi-inconsciência, a sensação era repulsiva, e sentiu vontade de gritar, pedindo para parar com aquilo. Mas os dedos começaram a penetrar em sua cabeça, rasgando os tímpanos, atravessando, como vermes curiosos, o crânio e entrando no cérebro. Ele ainda estava vivo, olhando para seu algoz, e sabia que os dedos chegavam aos globos oculares, pressionando-os de dentro para fora.

Seus olhos saltaram de repente, soltando-se, espirrando para fora das órbitas. Por um momento, Ricky viu o mundo de um

ângulo diferente, e sua visão cascadeou pelo rosto abaixo. Lá estavam seus lábios, seu queixo...

Uma experiência tremenda, felizmente curta. Então, o rosto com que Ricky havia vivido durante trinta e sete anos partiu-se no meio do rolo do filme, e ele mergulhou nos braços da ficção.

A sedução e morte de Ricky não levaram mais de três minutos. Durante esse tempo, Birdy havia experimentado todas as chaves, e nenhuma abrira a porta. Se não fosse persistente, teria voltado ao cinema para pedir ajuda. Mas as coisas mecânicas, mesmo fechaduras e chaves, eram um desafio para a sua feminilidade. Detestava a superioridade que os homens demonstravam, quando se tratava de máquinas, sistemas e processos lógicos, e não iria voltar choramingando e dizer a Ricky que não conseguia abrir a porta.

Quando, afinal, desistiu, Ricky acabava de fazer o mesmo. Estava morto e desaparecido. Birdy disse uma porção de palavras para as chaves e admitiu a derrota. Ricky, sem dúvida, tinha um jeito especial com essas coisas que ela não conseguia entender. Esperava que ele tivesse sorte. Tudo que Birdy queria era sair daquele lugar. Começava a sentir claustrofobia. Não gostava da ideia de ficar trancada, sem saber o que a espreitava lá em cima.

E agora, para piorar as coisas, as luzes do saguão começaram a se apagar, aos poucos.

Que diabo estava acontecendo, afinal?

De repente, todas as luzes se apagaram, e ela ouviu um movimento no outro lado da porta, dentro do cinema. Um fecho de luz apareceu na outra extremidade, mais forte do que uma lanterna, contorcendo-se, colorido.

— Ricky? — perguntou, no escuro.

A escuridão devorou suas palavras. Ela não acreditava que fosse Ricky, mas alguma coisa a mandava chamar, se precisasse, em voz baixa.

— Ricky...?

As folhas da porta estalaram, juntando-se suavemente, como que empurradas por dentro.

— ...é você?

O ar estava elétrico, a estática estalou dos seus sapatos quando caminhou para a porta, os pelos de seus braços eriçaram-se. A luz, no outro lado, ficava cada vez mais forte à medida que ela se aproximava.

Birdy parou para pensar. Não era Ricky, tinha certeza. Talvez fosse o homem, ou a mulher do telefone, algum louco de pedra que gostava de perseguir mulheres gordas.

Recuou dois passos, na direção da cabine da bilheteria, com fagulhas saindo dos pés, e estendeu a mão para apanhar, sob o balcão, a Filha da Mãe, uma barra de ferro que guardava ali desde que fora encurralada na cabine por três ladrões, com cabeças raspadas e furadores elétricos. Ela gritara como louca, e eles fugiram, mas Birdy jurou que da próxima vez amassaria um deles (ou todos) em vez de se apavorar. E a Filha da Mãe, com um metro de comprimento, foi a arma escolhida.

Armada agora, olhou para a porta.

As duas folhas de vaivém abriram-se de repente, e o rugido do ruído branco inundou sua cabeça, enquanto uma voz dizia:

— Aqui estou olhando para você garota.

Um olho, um único e vasto olho enchia o vão da porta. O barulho a ensurdecia, o olho piscava, imenso, úmido e preguiçoso, examinando aquela boneca à sua frente com a insolência do Deus Verdadeiro e Único, o criador da Terra e do Céu do celuloide.

Birdy ficou apavorada. Não havia outra palavra para descrever o que sentia. Não se tratava de um filme de suspense do tipo olhe-atrás-de-você, não havia nenhuma antecipação deliciosa, nenhum medo agradável e excitante. Era medo de verdade, medo nas entranhas, sem enfeites e feio como fezes.

Birdy ouvia a própria voz choramingando sob aquele olhar implacável, sentia que suas pernas enfraqueciam. Logo iria cair no tapete em frente à porta e seria o seu fim.

Então, lembrou-se da Filha da Mãe. Querida Filha da Mãe, bendito seja teu aspecto fálico. Brandindo a arma com as duas mãos, correu para o olho.

Antes de fazer contato, o olho se fechou, a luz se apagou, e ela estava outra vez no escuro, a retina ardendo e ofuscada.

No escuro, alguém disse:

— Ricky está morto.

Nada mais. Era pior do que o olho, pior do que todas as vozes mortas de Hollywood, porque ela sabia que era verdade. O cinema transformara-se num matadouro. O Dean de Lindi Lee estava morto, como Ricky havia dito que estava, e agora Ricky. As portas estavam todas trancadas, o jogo tinha só dois jogadores. Ela e a coisa.

Correu para a escada, sem saber ao certo o que iria fazer, mas convicta de que seria suicídio permanecer onde estava. Quando pôs o pé no primeiro degrau, a porta de vaivém abriu-se com um suspiro, e alguma coisa foi atrás dela, rápida e tremeluzente. Estava a uns dois passos de distância quando Birdy correu escada acima, maldizendo sua gordura. Espasmos de luz brilhante passavam por ela como as primeiras centelhas de um rojão de fogos de artifício. A coisa estava preparando outro truque, Birdy sabia.

Chegou ao topo da escada com seu admirador nos calcanhares. O corredor, iluminado por uma única lâmpada encardida, não prometia nenhuma segurança. Estendia-se por todo o comprimento do cinema, e algumas salas de depósito abriam-se para ele, cheias de lixo: cartazes, óculos de terceira dimensão, fotografias amareladas. Birdy tinha certeza de que havia uma saída de incêndio numa delas. Mas em qual? Só estivera ali uma vez, há dois anos.

— Merda, merda, merda — disse ela. Correu para a primeira porta. Trancada. Bateu nela com força. Continuou trancada. A seguinte, a mesma coisa. E a terceira. Mesmo que conseguisse lembrar onde ficava a saída de incêndio, as portas eram pesadas demais para serem arrombadas. Se tivesse dez minutos, talvez a Filha da Mãe a ajudasse. Mas o Olho estava atrás dela. Não tinha nem dez segundos, quanto mais dez minutos.

Só restava o confronto. Deu meia-volta, murmurando uma prece, virando para a escada e para seu perseguidor. O patamar estava vazio.

Birdy olhou para as lâmpadas queimadas e para a tinta descascada das paredes, como que procurando descobrir o invisível, mas a coisa não estava na sua frente, como esperava, e sim atrás. A

luminosidade cintilou, dessa vez o rojão foi aceso, o fogo tornou-se luz, a luz, imagem, e glórias quase esquecidas esparramaram-se pelo corredor em sua direção. Cenas soltas de milhares de filmes, cada uma com uma associação única. Pela primeira vez Birdy começou a entender a origem daquela espécie notável. Era um fantasma na máquina do cinema: um filho do celuloide.

— Entregue-me sua alma — disseram milhares de estrelas.

— Não acredito em almas — disse Birdy com franqueza.

— Então, dê-me o que você dá para a tela, o que todo mundo dá. *Dê-me um pouco de amor.*

Era por isso que estavam passando todas aquelas cenas, e repassando, e tornando a passar, em frente a seus olhos. Eram momentos em que o público identificava-se magicamente com a tela, sangrando através de seus olhos, olhando, olhando e olhando. Birdy havia feito isso muitas vezes. Havia sentido uma dor quase física quando, no fim, os créditos apareciam na tela e a ilusão tornava-se parte do seu íntimo, porque sentia que estava deixando uma parte dela mesma para trás, perdida entre seus heróis e heroínas. Talvez fosse verdade. Talvez o ar transportasse seus desejos, depositando-os em algum lugar, misturados às emoções de outros corações, todos amontoados no mesmo nicho até que...

Até que isto pudesse acontecer. O fruto dessas paixões coletivas, esse sedutor em *tecnicolor*, astuto, vulgar e extremamente encantador.

Muito bem, pensou ela, uma coisa é entender nosso algoz, outra, muito diferente, é convencê-lo a deixar de lado seu dever profissional.

Enquanto procurava decifrar o enigma, Birdy sorvia as imagens da coisa, não podia evitar. Cenas esparsas e provocantes de vidas que ela havia vivido, rostos que tinha amado. Mickey Mouse dançando com uma vassoura, Gish em *Flores do Lodo*, Garland (com Totó) observando o furacão em Kansas, Astaire em *Picolino*, Welles em *Cidadão Kane*, Brando e Crawford, Tracy e Hepburn — pessoas tão gravadas em nossos corações que não precisavam dos primeiros nomes. E era muito melhor a provocação só daqueles momentos, a suavidade da antecipação do beijo, não o beijo

propriamente dito. A bofetada, não a reconciliação. A sombra, não o monstro; o fermento, não a morte.

Birdy estava completamente fascinada. Presa dos próprios olhos, como se eles estivessem na ponta de seus pés, acorrentados.

— Sou bonita? — a coisa perguntou.

Sim, era bela.

— Por que não se entrega a mim?

Birdy não pensava mais, perdida que estava toda a sua capacidade de análise, até surgir algo, no meio das imagens, que a fez voltar a si. "Dumbo", o elefante gordo. *Seu* elefante gordo, nada mais do que isso, o elefante gordo que Birdy pensava que era *ela*.

O encanto se quebrou. Desviou os olhos da criatura. Por um momento, com o canto dos olhos, viu algo nojento como uma mosca-varejeira sob toda aquela beleza. Quando era criança, todos a chamavam de Dumbo, todas as crianças do bairro. Vivia há vinte anos com aquele horror ridículo, sem jamais ter conseguido livrar-se dele. O corpo gordo lembrava seu próprio corpo, o olhar perdido, seu sentimento de solidão. Pensava nele acalentado na tromba da mãe, condenado como um Elefante Louco, e tinha vontade de matar de pancada aquela coisa sentimentalóide.

— É uma porra de mentira! — gritou.

— Não sei do que está falando — protestou a coisa.

— Então, o que há debaixo de todo esse espetáculo? Algo muito cruel, eu imagino.

A luz começou a piscar, o desfile de *trailers* ficou indistinto. Birdy via outra forma, pequena e escura, espreitando atrás das cortinas de luz. Cheia de dúvida, dúvida e medo de morrer, Birdy sentia o cheiro do medo a dez passos de distância.

— O que é você, aí embaixo?

Deu alguns passos para a coisa.

— O que está escondendo, hein?

A coisa recuperou a voz. Uma assustada voz humana.

— Você não tem nada com isso.

— Você tentou me matar.

— Eu quero viver.

— Eu também.

Estava ficando muito escuro naquela extremidade do corredor, e Birdy sentia um cheiro esquisito de coisa podre. Ela conhecia o cheiro da podridão e sabia que se tratava de algo animal. Na última primavera, logo que a neve derreteria, tinha encontrado uma coisa morta no pátio atrás de seu apartamento. Um cãozinho, ou um gato grande, era difícil dizer. Alguma coisa doméstica que havia morrido de frio durante a repentina nevada do inverno anterior. Agora estava cercada de vermes, amarelados, acinzentados, rosados, uma máquina voadora em tons pastéis com milhares de partes móveis.

E o cheiro era o mesmo que sentia agora. Talvez houvesse carne por detrás daquela fantasia.

Enchendo-se de coragem, os olhos vendo ainda a imagem de "Dumbo", avançou para a miragem oscilante, com a Filha da Mãe erguida, para o caso de ela tentar alguma coisa.

As tábuas sob seus pés estalaram, mas Birdy, concentrada na sua presa, não percebeu o aviso. Era hora de pegar aquele assassino, sacudi-lo e obrigá-lo a desvendar seu segredo.

Estavam quase na outra extremidade do corredor, Birdy avançando, a coisa recuando. Não poderiam passar dali.

De repente, o assoalho cedeu, desfazendo-se em fragmentos empoeirados sob o peso deles, e ela estava despencando numa nuvem de pó. Deixou cair a Filha da Mãe quando estendeu as mãos procurando agarrar-se em alguma coisa, mas tudo estava comido pelos vermes e se desfazia ao contato de seus dedos.

Birdy caiu desajeitadamente e aterrissou com força em alguma coisa macia. Ali, o cheiro de podre era tão forte que levava o estômago até a boca. Estendeu a mão para se levantar no escuro, e por todo lado havia a massa pegajosa e fria. Era como se tivesse caído numa caixa de peixe parcialmente limpo. Acima dela, a luz ansiosa atravessava as tábuas, iluminando seu leito. Birdy olhou, embora Deus soubesse que não queria olhar. Estava deitada sobre os restos de um homem, espalhados por toda parte por seus devoradores. Birdy quis gritar. O instinto mandava que tirasse a blusa e a saia, cheios de matéria putrefata, mas não podia ficar nua, não na frente do filho do celuloide.

A coisa continuava a olhar para ela lá de cima.

— Agora você sabe — disse, com voz perdida.

— Isto é você?...

— Isso é o corpo que eu ocupei. O nome dele era Barbério. Um criminoso nada espetacular. Jamais teve qualquer desejo de grandeza.

— E você?

— O câncer dele. O pedaço dele com aspirações, que desejava ser mais do que uma humilde célula. Sou uma doença de sonhos. Não admira que adore o cinema.

O filho do celuloide chorava na beirada do assoalho afundado. Com o verdadeiro corpo exposto, não precisava fabricar glórias.

Era uma coisa imunda, um tumor engordado com sentimentos desperdiçados. Um parasita com a forma de uma lesma e a textura de fígado cru. Por um momento, uma boca desdentada, mal formada, apareceu naquela cabeça e disse:

— Tenho de encontrar outro meio de comer sua alma.

Despencou no espaço entre as duas paredes, ao lado de Birdy. Sem a capa cintilante de muitos filmes em *tecnicolor*, tinha o tamanho de uma criança raquítica. Ela recuou e ele estendeu um sensor para tocá-la. Fugir daquele contato era uma possibilidade limitada. O espaço era estreito e bloqueado numa das extremidades com o que parecia ser um monte de cadeiras quebradas e missais abandonados. A única saída era o lugar por onde havia entrado, três metros acima de sua cabeça.

Hesitante, o câncer tocou o pé de Birdy, e ela ficou nauseada. Não pôde evitar, embora sentisse vergonha de se deixar dominar por uma reação tão primitiva. Jamais havia sentido tamanha repulsa. Fazia pensar em algo abortado, uma coisa jogada no lixo.

— Vá para o inferno — disse Birdy, dando um pontapé na cabeça da coisa, mas ela continuou o movimento, e a massa nojenta envolveu as pernas da garota. Birdy sentia as contorções das entranhas da coisa, esforçando-se para subir por seu corpo.

A sensação de peso na virilha e na barriga era quase sensual e, enojada com os próprios pensamentos, pensou se aquilo aspirava a uma relação sexual. Alguma coisa na insistência dos sensores que mudavam constantemente de forma sobre sua pele, explorando

carinhosamente sob a blusa, esticando-se para tocar seus lábios, só podia ser interpretada como desejo. Que venha então, pensou Birdy, que venha, se tem de vir.

Deixou que a coisa subisse até pousar toda sobre seu corpo, controlando a vontade de jogá-la para longe — e então deu o golpe.

Birdy rolou o corpo, deitando-se de bruços.

Seu último peso fora 112 quilos e agora provavelmente mais. A coisa passara para debaixo dela antes de entender como ou por que aquilo havia acontecido, e dos seus poros escorria o fluido acre dos tumores.

A coisa lutou, mas não conseguia sair de baixo, por mais que se contorcesse. Birdy enfiou as unhas nela e começou a rasgá-la, tirando pedaços grandes, esponjosos, dos quais espirrava mais fluido ainda. Os gritos de raiva eram agora gritos de dor. Depois de um curto tempo, a doença de sonho parou de lutar.

Birdy ficou imóvel por um momento. Nada se movia sob seu corpo.

Finalmente, levantou-se. Era impossível saber se o tumor estava morto. Por todos os padrões que ela conhecia, jamais estivera vivo. Além disso, não estava mais tocando nele. Preferia lutar com o próprio demônio a ter de abraçar outra vez o câncer de Barbério.

Olhou para o corredor lá em cima e se desesperou. Ia morrer ali, agora, como Barbério. Então, quando abaixou os olhos, viu a grade, invisível enquanto era ainda noite lá fora. Mas o dia estava nascendo, e colunas de luz encardida insinuavam-se entre os ferros da grade.

Inclinou-se, empurrou, e, de repente, o dia estava com ela naquele espaço entre as duas paredes, envolvendo-a toda. Não foi fácil passar pela abertura estreita, e a todo momento tinha a impressão de sentir coisas se arrastando nas suas pernas, mas saiu para o mundo sem avaria maior do que os seios doloridos.

O terreno baldio não tinha mudado muito desde a morte de Barbério. Só estava mais atravancado de lixo e de mato. Birdy parou por um momento, respirando grandes haustos de ar fresco, depois caminhou até a cerca e passou para a rua.

Entregadores de jornais e cães deram voltas para não passar por perto daquela mulher abatida, com roupas malcheirosas.

Três: Cenas Censuradas

Não terminou assim.

A polícia foi ao Movie Palace logo depois das nove e meia. Birdy também. A busca revelou os corpos mutilados de Dean e Ricky, bem como os restos de "Sonny" Barbério. No segundo andar, num canto do corredor, encontraram um pé de sapato cor de cereja.

Birdy ficou calada, mas ela sabia. Lindi Lee jamais saíra do cinema.

Birdy foi julgada por um assassinato duplo que ninguém acreditava que ela tivesse cometido e considerada inocente por falta de provas. O juiz recomendou que Birdy ficasse sob observação psiquiátrica por um período não inferior a dois anos. A mulher podia não ter cometido os crimes, mas estava claro que era completamente louca. Uma história de câncer ambulante não fazia bem à credibilidade de quem quer que fosse.

No começo do verão do ano seguinte, Birdy deixou de comer por uma semana. A maior parte do peso que perdeu foi de água, mas o suficiente para fazer com que as amigas acreditassem que ela finalmente resolvera dar atenção ao Problema Real.

Naquele fim de semana ela desapareceu por vinte e quatro horas.

Birdy encontrou Lindi Lee numa casa abandonada, em Seattle. Não foi tarefa muito difícil. Ultimamente, Lindi já não conseguia controlar-se, muito menos evitar possíveis perseguidores. Tanto assim que seus pais haviam desistido de cuidar dela há muitos meses. Só Birdy continuou a procurar, contratando para isso um investigador, e, finalmente, sua paciência foi recompensada quando viu a frágil beldade, mais frágil do que nunca, mas bela ainda, sentada naquele quarto vazio. Moscas giravam no ar. Uma coisa nojenta, talvez humana, estava sentada no chão.

Birdy abriu a porta com uma arma na mão. Lindi Lee ergueu os olhos dos próprios pensamentos, ou talvez dos pensamentos da *coisa*, e sorriu. O sorriso durou apenas um momento. O parasita em Lindi Lee reconheceu o rosto de Birdy, viu a arma na sua mão e compreendeu exatamente por que ela estava ali.

— Muito bem — disse a *coisa*, levantando-se para ir ao encontro da visitante.

Os olhos de Lindi Lee explodiram, sua vagina, seu ânus, as orelhas e o nariz, tudo explodiu, e o tumor escorreu dela em rios cor de rosa. Saiu como vermes dos seios muito brancos, de um corte do dedo da mão, de um arranhão na coxa. Escorria de todas as aberturas.

Birdy ergueu a arma e atirou três vezes. O câncer se esticou uma vez na direção dela, recuou, cambaleou e caiu. Quando ficou imóvel, Birdy tirou a garrafa de ácido do bolso, abriu a tampa e derramou o conteúdo escaldante nos membros humanos e no tumor. Tudo se dissolveu em silêncio, e Birdy o deixou aqueles restos ali, num remendo de sol, com uma fumaça ardida erguendo-se da confusão.

Com o dever cumprido, saiu para a rua e seguiu seu caminho, planejando confiantemente viver até muito depois das linhas de crédito dessa comédia terem aparecido na tela.

A CABEÇA DESCARNADA

Depois de todos os exércitos conquistadores que passaram pelas ruas de Zeal durante séculos, foi, finalmente, o passo leve do turista dos domingos que fez a cidadezinha ajoelhar-se. Assolada pelas legiões romanas e pela conquista dos normandos, ela sobreviveu às agonias da Guerra Civil, sem jamais haver perdido sua identidade para as forças de ocupação. Porém, após séculos de botas e espadas, foram os turistas — os novos bárbaros — que derrotaram Zeal com as armas da cortesia e do dinheiro vivo.

A cidade era ideal para uma invasão: sessenta quilômetros a sudoeste de Londres, entre pomares e campos de lúpulo dos Bosques de Kent, suficientemente afastada da cidade para tornar a visita uma aventura, mas bastante próxima para uma volta rápida quando o tempo não estivesse bom. Durante os fins de semana entre maio e outubro, Zeal era uma estação de águas para os londrinos sedentos. Em todos os sábados com promessa de sol, eles chegavam aos enxames, despejando, nos parques da cidade, em hordas ensurdecedoras, seus cães, suas bolas de plástico, as ninhadas de filhos, o lixo, e depois instalavam-se no *Tall Man* para trocar histórias sobre o trânsito nas estradas e na cidade e beber cerveja morna.

Os zealotes não se aborreciam com os visitantes dos fins de semana. Pelo menos, ainda não tinha havido derramamento de sangue. Mas era justamente a falta absoluta de agressividade que tornava a invasão mais insidiosa.

Aqueles turistas cansados da cidade grande começaram a provocar gradualmente uma mudança pacífica, mas permanente, no lugarejo. Muitos queriam uma casa no campo. Encantavam-se com a ideia de possuírem casas de pedra entre imensos carvalhos e

observarem pombos nas árvores do adro da igreja. Até o ar — diziam, respirando fundo —, até o ar parecia mais puro. Cheirava a Inglaterra.

A princípio uns poucos, mas depois muitos, começaram a fazer ofertas para comprar inúmeros celeiros vazios e casas abandonadas em Zeal e nas vizinhanças da cidadezinha. Nos fins de semana, quando o tempo estava bom, perdiam horas, entre o mato e as pedras, idealizando uma extensão para a cozinha e o local de instalação da *jacuzzi*. Embora muitos deles, quando retornavam para o conforto de Kilburn ou de St. Johns Wood, preferissem permanecer nesses centros, todos os anos, um ou dois conseguiam fazer um bom negócio com um dos habitantes da cidade e compravam um acre de boa vida.

Assim, com o passar dos anos e o envelhecimento dos nativos de Zeal, os selvagens urbanos tomaram conta da cidade. A ocupação foi tranquila, mas a mudança ficou evidente para quem quisesse ver. Aparecia nos jornais que o correio começou a receber — quando um nativo de Zeal pensaria em ler a revista *Harpers and Queen* ou o *Times Literary Supplement*? A mudança estava nos carros novos e brilhantes que enchiam a única rua estreita, ironicamente chamada de High Road, que era a espinha dorsal de Zeal. Estava no zumbido das fofocas no *Tall Man*, sinal certo de que os negócios dos estrangeiros eram, agora, assuntos apropriados para debates e zombarias.

Na verdade, com o passar do tempo, os invasores conquistaram um lugar mais permanente no coração de Zeal, e os fantasmas malignos de suas vidas agitadas, o Câncer e a Doença Cardíaca, seguiram suas vítimas até aquela terra recém- descoberta. Como os romanos antes deles, como os normandos, como todos os invasores, os novos habitantes gravaram sua marca mais profunda no território usurpado, não construindo nele, mas sendo enterrados em seu solo.

O ar estava úmido naquele mês de setembro, o último setembro de Zeal.

Thomas Garrow, filho único do falecido Thomas Garrow, cavava numa das extremidades do Campo de Três Acres, suando em

bicas. A terra estava muito molhada devido à tempestade da véspera, quinta-feira. A limpeza do campo para a semeadura do ano seguinte não estava sendo tão fácil quanto ele esperava, mas Thomas jurara que terminaria o trabalho até o final da semana. Era um trabalho pesado, retirar as pedras e recolher os detritos das máquinas antiquadas que seu pai, aquele filho da mãe preguiçoso, havia deixado enferrujando no meio do campo. Deviam ter sido ótimos anos, pensou Thomas, realmente muito bons para que o pai pudesse ter-se dado ao luxo de deixar sem uso a melhor parte de seus três acres. Especialmente considerando-se que se tratava de uma terra boa e fértil. Afinal, era ali o jardim da Inglaterra, onde a terra representava dinheiro. Deixar três acres improdutivos constituía um luxo ao qual ninguém podia se dar nesses dias difíceis. Mas, Jesus, isso era trabalho pesado, o tipo de trabalho ao qual o pai o obrigara quando garoto e que ele ainda odiava profundamente.

Mas tinha de ser feito.

Além do mais, o dia começara bem. O trator estava quase novo após a revisão, e o céu, cheio de gaiotas que vinham da costa para uma refeição de vermes desenterrados na hora. Elas eram suas companheiras barulhentas enquanto trabalhava, distraíndo-o com seu atrevimento e agressividade. Porém, quando voltou ao campo, depois de uma refeição leve no *Tall Man*, tudo começou a dar errado. O motor falhou, apresentando o mesmo defeito pelo qual ele havia pago 200 libras para consertar; e então, quando mal havia recomeçado o trabalho, encontrou a pedra.

Era uma pedra comum, com uns trinta centímetros acima do solo, o diâmetro visível de pouco menos de um metro, a superfície nua e lisa. Não tinha sequer líquen, só algumas marcas que podiam ter sido letras. Uma carta de amor, talvez, um "Fulano esteve aqui", provavelmente, ou, mais provável ainda, uma data e um nome. Fosse o que fosse, monumento ou marco, era agora um obstáculo. Teria de cavar ou, do contrário, no próximo ano, iria perder três metros de terra arável. O arado jamais passaria por uma pedra daquele tamanho.

Thomas estranhou o fato de a pedra ter sido deixada no campo por tanto tempo sem que ninguém se tivesse dado ao trabalho de

removê-la. Mas, afinal, há muito que o Campo de Três Acres não era plantado; precisamente há mais de trinta e cinco anos. E, pensando bem, talvez até mesmo desde o tempo de seu pai. Por algum motivo (se Thomas sabia qual era, havia esquecido), essa faixa de terra dos Garrow estava abandonada há muitos anos, quem sabe há muitas gerações. Na verdade, parecia ter uma vaga lembrança de haver ouvido o pai dizer que nada podia crescer naquele lugar. Mas isso era bobagem. Estava claro que a vegetação, pelo menos urtiga e mato, crescia mais forte e maior naqueles três acres esquecidos do que em qualquer outro lugar do distrito. Portanto, não havia razão para que a cevada não crescesse também. Talvez até um pomar, embora este exigisse mais paciência e carinho do que Thomas era capaz de dar. Qualquer coisa que plantasse, sem dúvida, iria crescer muito bem num solo tão rico, e ele estaria ganhando três acres de terra fértil para melhorar suas finanças abaladas.

Se ao menos conseguisse desenterrar aquela droga de pedra.

Chegou a pensar em contratar uma pá mecânica no lado norte da cidade, para resolver o problema com sua mandíbula de ferro. Desenterrar e pulverizar a pedra em dois segundos. Mas o orgulho o fez descartar a ideia de pedir socorro ao primeiro sinal de dificuldade. De qualquer modo, o trabalho era pequeno. Ele mesmo iria desenterrar a pedra, como seu pai o teria feito. Foi o que decidiu. Agora, duas horas e meia mais tarde, arrependia-se de sua pressa.

O calor da tarde estava intenso e sufocante, sem nenhuma brisa para aliviar o peso da atmosfera. O ar, cheio de estática, eriçava os cabelos na nuca de Thomas. O céu sobre o campo estava vazio agora. As gaivotas, volúveis demais para permanecerem no local depois da festa terminada, haviam embarcado numa corrente de ar morno com cheiro de sal.

Até a terra, que de manhã exalava um perfume agridoce quando revolvida pelas lâminas do arado, cheirava agora a algo menos agradável, e, enquanto cavava em volta da pedra, Thomas pensava na podridão que a tornava tão fértil. Percebia, vagamente, milhões de pequenas mortes em cada pá de terra que tirava. A morbidez desses pensamentos incomodava-o. Parou por um

momento, apoiado na pá, arrependendo-se do quarto copo de cerveja que havia tomado no almoço. Apesar de ser a dose de costume, hoje, a bebida parecia agitar-se em seu estômago, formando uma espuma ácida de comida mal digerida.

Pense em outra coisa, ordenou a si mesmo, ou vai acabar vomitando. Para desviar o pensamento do estômago, olhou para o campo. Não via nada diferente, apenas um quadrado de terra com uma cerca viva não aparada. Um ou dois animais mortos na sombra dos arbustos. Um estorninho e outra coisa qualquer que, de longe, ele não podia dizer o que era. Havia uma sensação de ausência, mas também não era incomum. O outono logo chegaria, e aquele verão havia sido longo demais, quente demais e cansativo.

Thomas ergueu os olhos e viu a nuvem, que parecia uma cabeça mongólica, descarregar um relâmpago de fogo sobre as montanhas. A luminosidade da tarde era agora uma linha estreita e azul, comprimida contra o horizonte. Vai chover, pensou Thomas, satisfeito. Chuva fria, talvez uma tempestade como a da véspera. Talvez limpasse o ar definitivamente.

Olhou outra vez para a pedra obstinada e bateu nela com a pá. Um filete de chama branca ergueu-se curvo no ar.

Usando toda a imaginação, Thomas amaldiçoou a pedra, em voz alta, a si mesmo e o campo. A pedra continuava firme, no meio da vala que ele havia cavado. Quase não tinha mais nenhuma alternativa. Depois de cavar mais de trinta centímetros, havia colocado estacas sob a pedra, passando uma corda em volta dela, tentando puxá-la com o trator. Nada feito. Talvez precisasse cavar mais, colocar as estacas mais fundo. Não ia deixar que a maldita coisa o vencesse.

Resmungando, decidido, recomeçou a cavar. Mal notou um pingo de chuva nas costas da mão. Sabia que um trabalho como aquele exigia concentração, cabeça baixa, ignorando todas as distrações. Procurou não pensar em nada mais. Só existiam a terra, a pá, a pedra e seu corpo.

Empurrar para baixo, retirar a terra, um ritmo de esforço hipnótico. Sua concentração era tamanha que quase não notou quando a pedra começou a se mover.

O movimento tirou-o do transe. Endireitou o corpo, com as vértebras estalando, certo de que se tratava de uma ilusão de óptica. Empurrou a pedra com o pé. Sim, ela balançara em seu túmulo. Thomas estava cansado demais para sorrir, mas sentiu a proximidade da vitória. A maldita estava vencida.

A chuva era mais intensa agora, refrescante em seu rosto. Enfiou outras estacas sob a pedra e soltou-a mais um pouco. Ia ganhar a batalha. "Você vai ver", disse ele, "você vai ver." A terceira estaca, mais profunda do que as outras, deve ter perfurado uma bolha de gás sob a pedra, libertando um fedor tão forte que Thomas recuou alguns passos para respirar ar puro. Mas não encontrou nada. Tudo que pôde fazer foi cuspir catarro para limpar a garganta e os pulmões. Fosse o que fosse, a coisa sob a pedra era de origem animal e estava podre demais.

Com esforço, voltou ao trabalho, respirando pela boca para não sentir o mau cheiro. Tinha impressão de que seu cérebro estava crescendo, forçando os ossos do crânio.

"Foda-se," disse ele, colocando outra estaca sob a pedra. Suas costas pareciam a ponto de se quebrar. Uma bolha abriu-se na mão direita. Um moscardo pousou em seu braço e saciou-se à vontade, sem que Thomas o espantasse.

"Levante, Levante, Levante." Bateu a última estaca, sem perceber o que estava fazendo.

Então a pedra começou a subir.

Thomas nem estava tocando nela. Alguma coisa a empurrava de baixo para cima. Ele estendeu a mão para a pá ainda presa sob a pedra, de repente possessivo, como se ela fosse uma parte de seu corpo e não quisesse deixá-la perto da cova. Não agora. Não com a pedra balançando como se estivesse sobre um gêiser prestes a explodir. Não com o ar amarelo e seu cérebro crescendo como uma abobrinha no verão.

Puxou a pá com força. Estava presa.

Praguejando, Thomas usou as duas mãos, mantendo-as a uma certa distância do buraco. O movimento crescente da pedra lançava terra, vermes e cascalhos num turbilhão.

Puxou outra vez a pá. Nada. Não parou para analisar a situação. Estava farto daquele trabalho, só queria tirar a pá, a *sua* pá, daquele buraco e dar o fora dali.

A pedra inclinou-se, mas não soltou a pá. Thomas cismou que precisava tirá-la do buraco para poder ir embora. Só quando a tivesse nas mãos, livre e inteira, poderia obedecer a seus intestinos e correr.

O chão começou a se abrir sob seus pés. A pedra rolou para fora do túmulo, leve como uma pena, impelida, talvez, por uma segunda nuvem de gás mais fedorenta do que a primeira. Ao mesmo tempo, a pá se soltou, e Thomas viu o que a estava segurando.

De repente, não havia nenhum sentido no céu nem na terra.

Viu a mão, viva, tão grande que podia segurar toda a lâmina de uma só vez.

Thomas conhecia aquilo tudo, a terra que se abria, a mão, o fedor. Conhecia de algum pesadelo ouvido nos joelhos do pai.

Agora queria largar a pá, mas não dominava mais a própria vontade. Tudo que podia fazer era obedecer ao imperativo do fundo da terra, puxar até partir os ligamentos dos braços e os tendões começarem a sangrar.

Sob a fina camada de terra, Cabeça Descarnada farejou o céu. Era puro éter para seus sentidos adormecidos, provocando um prazer quase doloroso. Reinos à sua disposição, a poucos centímetros de distância. Após tantos anos, após a infundável sufocação, havia luz novamente em seus olhos e o gosto de terror humano em sua língua.

A cabeça quebrava agora a superfície, o cabelo negro coroadado de vermes, minúsculas aranhas vermelhas correndo no couro cabeludo. Elas o haviam irritado durante cem anos, aquelas aranhas haviam penetrado em sua medula, e ele não via a hora de esmagá-las. Continue puxando, ele ordenou mentalmente ao humano, e Thomas Garrow puxou até perder as forças. Centímetro por centímetro, Cabeça Descarnada foi içado do túmulo numa mortalha de preces.

A pedra que o prendia há tanto tempo fora removida, e ele começou a se arrastar para fora, libertando-se da terra do túmulo

como uma cobra de sua pele. Seu torso estava livre. Os ombros tinham duas vezes o tamanho dos de um homem normal; os braços, cheios de cicatrizes, eram extremamente fortes. Os membros latejavam com o sangue em movimento, como asas de borboletas, realimentando-se com a ressurreição. Os dedos longos e letais enfiavam-se no solo à medida que ganhavam força.

Thomas Garrow ficou paralisado, olhando. Não sentia nada além de um espanto reverente. Medo era para os que tinham alguma chance de vida, e ele não tinha nenhuma.

Cabeça Descarnada estava completamente fora do túmulo. Começou a ficar de pé, pela primeira vez em séculos. Torrões de terra úmida caíam do seu corpo à medida que ele se erguia, em toda sua altura, um metro acima dos quase dois metros de Thomas.

Thomas Garrow, na sombra de Cabeça Descarnada, olhava fixamente para o buraco de onde o monstro tinha saído. Sua mão direita ainda segurava a pá. Cabeça Descarnada ergueu-o pelos cabelos. O couro cabeludo abriu-se com o peso do corpo, e Cabeça Descarnada agarrou-o pelo pescoço, com uma das mãos.

A sensação do sangue no rosto pareceu despertar Thomas. A morte estava iminente, ele sabia. Olhou para as próprias pernas que se contorciam inutilmente, depois ergueu os olhos para o rosto cruel de Cabeça Descarnada.

Era enorme, como uma lua cheia, imenso e ambarino. Olhou para um olho, para o outro, depois para as fendas úmidas que formavam o nariz e, finalmente, com um terror infantil, para a boca. Meu Deus, aquela boca. Era tão larga, tão cavernosa que parecia cortar a cabeça ao meio quando se abria. Foi a última coisa que Thomas Garrow pensou. Que a lua estava se partindo ao meio e despencando do céu em cima dele.

Então o Rei virou o corpo de cabeça para baixo, como sempre fazia com os inimigos mortos, e enfiou Thomas no buraco aberto, no túmulo que seus antepassados haviam aberto para enterrá-lo para sempre.

Quando a tempestade finalmente se abateu sobre Zeal, o Rei estava a mais de um quilômetro do Campo de Três Acres, abrigado no celeiro de Nicholson. Na cidadezinha, a vida continuava, com

chuva ou sem ela. A ignorância era uma bênção. Não havia nenhuma Cassandra entre os habitantes, nem o "Seu Futuro nas Estrelas", da *Gazette* semanal, havia insinuado as futuras mortes de um geminiano, três leoninos, um sagitariano e um pequeno sistema estelar de outros nos dias vindouros.

A chuva chegou com o trovão, com pingos grandes e frios, que logo se transformaram numa torrente feroz. Só quando as sarjetas pareciam rios caudalosos, as pessoas começaram a se abrigar.

Na construção, a pá mecânica que estava fazendo a horta de Ronnie Milton foi deixada na chuva, a segunda vez em dois dias. O homem que a manobrava interpretou a chuva como um sinal para se abrigar e conversar sobre cavalos de corrida e mulheres.

Na porta dos Correios, três pessoas observavam os bueiros que se enchiam rapidamente e, balançando a cabeça, comentavam que isso sempre acontecia com a chuva; em meia hora, formou-se um pequeno lago na extremidade mais baixa de High Street, tão profundo que dava para velejar nele.

E nesse mesmo lugar, na sacristia de São Pedro, Declan Ewan, o sacristão, via a água descer a rua em pequenos riachos que formavam um mar no lado de fora dos portões. Logo vamos ter gente se afogando, pensou ele, afastando-se da janela e voltando a dobrar os paramentos. Estava estranhamente agitado nesse dia e não podia, não queria, abrandar essa agitação. Nada tinha a ver com a tempestade, embora desde criança apreciasse chuva forte. Não. Era outra coisa qualquer, ele não sabia o quê. Era como ser criança outra vez. Como se fosse Natal e, a qualquer minuto, Papai Noel, o primeiro Senhor no qual havia acreditado, aparecesse na porta. A ideia o fez rir alto, mas a sacristia era severa demais para o riso, e ele silenciou, com um sorriso interior, uma esperança secreta.

Enquanto todos se abrigavam, Gwen Nicholson molhava-se até os ossos na chuva. Estava ainda no pátio, tentando levar o pônei de Amélia para o celeiro. O estúpido animal, nervoso com a tempestade, não queria mexer-se. Agora Gwen estava encharcada e furiosa.

— Quer se mexer, seu idiota — gritou, competindo com o ruído da tempestade. A chuva fustigava o chão e sua cabeça. Seu cabelo

estava encharcado. — *Vamos! Vamos!*

O pônei não se mexia, e seus olhos estavam quase completamente brancos de tanto medo. E quanto mais o trovão ribombava e estalava, menos ele queria sair do lugar.

Furiosa, Gwen bateu com a mão no lombo do animal com mais força do que pretendia. O pônei deu uns dois passos para trás, e Gwen aproveitou a oportunidade. Desde que ele começasse a se mover, ela poderia puxá-lo o resto do percurso.

— Celeiro quente — prometeu ela. — Vamos, está muito molhado aqui fora, você não quer ficar na chuva.

A porta do celeiro estava entreaberta. Sem dúvida, era convidativo, pensou ela, até para um pônei burro. Arrastou-o até bem próximo ao celeiro e, com mais uma palmada, conseguiu que ele passasse pela porta.

Como havia prometido ao maldito animal, o celeiro estava seco e agradável, embora com o cheiro metálico da tempestade. Gwen amarrou o pônei na trave de madeira e jogou um cobertor sobre ele. De jeito nenhum iria secar e escovar o animal. Isso era obrigação de Amélia, sua filha. Fora o que haviam combinado quando concordara em comprar o pônei. Amélia ficaria encarregada de escovar e pentear o animal. E, justiça seja feita, ela cumpria o prometido, mais ou menos.

O pônei ainda estava apavorado. Batia os cascos e revirava os olhos como um mau ator dramático, e havia espuma em sua boca. Como para se desculpar, Gwen bateu de leve no flanco do animal. Tinha perdido a paciência. *Aqueles* dias do mês. Agora, arrependia-se. Só esperava que Amélia não estivesse na janela do quarto, assistindo a tudo.

Uma lufada de vento fechou a porta do celeiro, abafando o som da chuva lá fora. De repente, tudo ficou escuro.

O pônei parou de bater com os cascos no chão. Gwen teve a impressão de que seu coração também havia parado.

Atrás de Gwen, um vulto quase duas vezes maior do que ela apareceu entre os fardos de feno. Ela não viu o gigante, mas suas entranhas se contorceram. Maldita menstruação, pensou ela, massageando o baixo ventre. Normalmente ela era certa como um

relógio, mas nesse mês estava adiantada um dia. Precisava ir para casa, trocar de roupa, lavar-se.

Cabeça Descarnada olhou para a nuca de Gwen Nicholson. Podia matá-la com um simples apertão. Porém, por mais que desejasse, não podia tocar naquela mulher, não nesse dia. Ela estava no seu ciclo de sangue, Cabeça Descarnada sentiu o cheiro ácido e enjoativo. Aquele sangue era proibido, e ele jamais havia comido uma mulher envenenada por ele.

Sentindo a umidade entre as pernas, Gwen saiu apressadamente do celeiro, sem olhar para trás, e correu para a casa, deixando o pônei nervoso no escuro.

Cabeça Descarnada ouviu os passos da mulher afastando-se, ouviu quando ela fechou a porta da casa.

Esperou, para ter certeza de que não iria voltar, e então caminhou para o animal, estendeu o braço e segurou-o. O pônei escoiceou e reclamou, mas Cabeça Descarnada, no seu tempo, havia apanhado animais muito maiores e muito mais fortes do que esse.

Abriu a boca. Os dentes apareceram entre as gengivas ensanguentadas como garras de gato. Duas fileiras em cada maxilar, duas dúzias de pontas aguçadas que cintilaram quando ele as fechou em volta do pescoço do pônei. Sangue espesso e fresco deslizou por sua garganta, e ele o engoliu avidamente. O sabor quente do mundo que o fazia sentir-se forte e sábio. Era a primeira das muitas refeições que ele faria, iria deliciar-se com o que quisesse, sem que ninguém pudesse impedi-lo, não desta vez. E, quando estivesse pronto, derrubaria os pretendentes ao seu trono, cremando-os em suas casas, destruiria seus filhos e usaria os intestinos das crianças como colares. *Esse lugar era seu.* Só porque haviam dominado a selva durante algum tempo, não queria dizer que eram os donos da terra. A terra era sua, e ninguém a tomaria, nem mesmo a santidade. Agora conhecia o perigo. Jamais o dominariam outra vez.

Sentado com as pernas cruzadas no chão do celeiro, com os intestinos cinzentos do pônei à sua volta, ele planejou sua tática do melhor modo possível. Pensar não era seu forte. Muito apetite embrutecia a razão. Vivia no eterno presente da própria fome, da

própria força, sentindo apenas o rude instinto territorial que, cedo ou tarde, iria desabrochar em carnificina.

A chuva continuou com a mesma força durante uma hora. Ron Milton começava a ficar impaciente. Uma falha da sua natureza, à qual devia uma úlcera e um ótimo emprego na Design Consultancy. Milton podia fazer as coisas mais depressa do que qualquer outro. Ele era o melhor e detestava preguiça nas outras pessoas, tanto quanto nele mesmo. Esta maldita casa, por exemplo. Haviam prometido que estaria pronta em meados de julho, jardim aplainado, entrada de veículos terminada, tudo, e ali estava ele, dois meses depois dessa data, olhando para uma casa ainda não habitável. Metade das janelas sem vidro, faltando a porta da frente; o jardim, uma desordem; a entrada de veículos, um lamaçal.

Esse seria o seu castelo, seu refúgio do mundo que o fizera dispéptico e rico. Um abrigo longe do movimento da cidade, onde Maggie podia plantar rosas, e as crianças, respirar ar puro. Só que não estava pronto. Droga, a esse passo não conseguiria mudar-se antes da primavera. Outro inverno em Londres. Uma perspectiva desanimadora.

Maggie aproximou-se, abrigando-o sob o guarda-chuva vermelho.

— Onde estão as crianças? — ele perguntou.

Maggie fez uma careta.

— No hotel, atormentando a Sra. Blatter.

Há seis verões, Enid Blatter aguentava as peraltices dos filhos dos Milton durante os fins de semana. Também tinha filhos e sabia como tratar Debbie e Ian. Mas havia um limite até mesmo para sua reserva de paciência e boa vontade.

— Acho melhor voltarmos para a cidade.

— Não. Por favor, vamos ficar mais um ou dois dias. Poderemos voltar no domingo à noite. Quero assistir à cerimônia do Festival da Colheita, no domingo.

Foi a vez de Ron fazer uma careta.

— Ora, que droga.

— É parte da vida do lugar, Ronnie. Se vamos morar aqui, precisamos pertencer à comunidade.

Quando se aborrecia, Ron desafinava como um garoto. Enid conhecia-o tão bem que adivinhou o que ele ia dizer.

— Eu não quero.

— Bem, não temos escolha.

— Podemos voltar esta noite.

— Ronnie...

— Não temos nada para fazer aqui. As crianças estão chateadas, você está aborrecida...

Maggie ficou impassível. Não ia ceder nem um milímetro. Ele conhecia aquela expressão tanto quanto ela conhecia sua voz desafinada.

Ron olhou para as poças d'água onde um dia seria seu jardim, incapaz de imaginá-lo coberto de grama, com canteiros de rosas. Tudo, de repente, parecia impossível.

— Você volta para a cidade, se quiser, Ronnie. Leve as crianças. Eu ficarei. Voltarei de trem na segunda-feira.

Muito esperta, pensou ele, oferecendo uma saída menos atraente do que ficar onde estava. Dois dias na cidade, tomando conta das crianças, sozinho? Não, muito obrigado.

— Está certo. Você venceu. Vamos ao maldito Festival da Colheita.

— Mártir.

— Desde que eu não tenha de rezar.

Amélia Nicholson entrou correndo na cozinha, com o rosto redondo muito pálido, e desmaiou na frente da mãe. Sua capa de chuva verde estava manchada de vômito oleoso, e as botas de plástico, sujas de sangue.

Gwen gritou por Denny. A menina desmaiada tiritava de frio e tentava dizer alguma coisa.

— O que foi?

Denny desceu rapidamente a escada.

— Pelo amor de Deus...

Amélia começou a vomitar outra vez. Seu rosto estava quase azul.

— O que há com ela?

— Acabou de entrar. Acho melhor chamar uma ambulância.

Denny encostou a mão no rosto da filha.

— Está em estado de choque.

— Ambulância, Denny... — Gwen tirou a capa de chuva verde e desabotoou a blusa da filha.

Denny levantou-se vagarosamente. Podia ver o pátio pela janela rendada de chuva, a porta do celeiro abrindo e fechando com o vento. Havia alguma coisa lá dentro. Percebeu um leve movimento.

— Pelo amor de Deus... ambulância! — repetiu Gwen.

Denny não a ouvia. Alguém estava em seu celeiro, em sua propriedade, e ele tinha um ritual severo para intrusos.

A porta do celeiro abriu-se outra vez, como que provocando-o. Sim! O invasor escondia-se no escuro.

Denny apanhou o rifle que estava ao lado da porta, procurando não desviar os olhos do quintal. Atrás dele, Gwen deixou Amélia no chão e foi para o telefone. A menina começou a gemer. Logo estaria bem. Apenas um susto provocado por algum intruso imundo, nada mais. Em suas terras.

Denny abriu a porta e saiu para o pátio. Estava em mangas de camisa e o frio era cortante, mas não chovia mais. A terra molhada brilhava, e gotas caíam dos beirais do telhado e do terraço, numa cadência desencontrada que o acompanhou até o celeiro.

A porta se abriu devagar e, dessa vez, ficou aberta. Denny não enxergava nada lá dentro. Imaginou se não teria sido uma ilusão de óptica...

Mas não. Tinha certeza de ter visto um movimento. O celeiro não estava vazio. Algo (não o pônei) o vigiava. Vira o rifle na mão dele e devia estar transpirando de medo. Era isso que Denny queria. Invadir sua propriedade daquele modo. Deixe que pense que vou estourar seu saco.

Atravessou o pátio com passos confiantes e entrou.

O estômago do pônei estava sob seus pés, uma das pernas à direita, a anca devorada até o osso. Poças de sangue que começava a coagular refletiam as aberturas do telhado. Denny sentiu náusea.

— Muito bem — desafiou as sombras. — Venha para fora! — Ergueu o rifle. — Está ouvindo, seu filho da mãe? Para fora, eu

disse, ou mando você para o inferno, aos pedaços.

Estava disposto a fazer exatamente isso.

No fundo do celeiro alguma coisa se moveu entre os fardos.

Agora peguei o filho da mãe, pensou Denny. O intruso ficou de pé, com seus três metros de altura, e olhou para Denny.

—Je-sus!

E, sem nenhum aviso, aquilo lançou-se para ele como uma locomotiva eficiente e deslizante. Denny atirou, acertando a parte superior do peito, mas a bala não diminuiu sua velocidade.

Nicholson deu meia-volta e correu. As pedras do pátio estavam lisas sob seus pés, e ele não conseguia ser mais rápido do que a coisa. Num instante o monstro estava ao seu lado e, num instante, agarrou-o.

Gwen deixou cair o fone quando ouviu o tiro. Correu para a janela a tempo de ver seu doce Denny ser agarrado por uma figura gigantesca que, com um urro, jogou-o para o ar como um saco de penas. Paralisada, viu o corpo contorcido no alto, antes de despencar para o chão. Bateu no solo com um ruído surdo que Gwen sentiu em cada osso, e o gigante lançou-se sobre ele, esmagando seu rosto com o pé.

Gwen tentou abafar o grito de horror com a mão na boca. Tarde demais. A voz saiu, e o gigante olhou diretamente para ela, toda sua maldade parecendo atravessar o vidro da janela. Oh, meu Deus, ele a viu, e agora caminhava para ela, atravessando o pátio, uma máquina nua; o sorriso, uma promessa de horror.

Gwen levantou Amélia do chão e apertou-a contra o peito, com o rosto da filha encostado em seu pescoço. Talvez assim ela não visse; ela não devia ver. O som dos passos se aproximava. A sombra imensa encheu a cozinha.

—Jesus, ajude-me.

O corpo enorme contra a janela impedia a entrada de luz, e o rosto maldoso e nojento apareceu atrás do vidro molhado. Então, ele enfiou o braço, sem se importar com os cacos de vidro que penetravam sua carne. Sentiu cheiro de carne de criança. Queria carne de criança. Ia *comer* carne de criança.

Os dentes apareceram quando os lábios se abriram numa risada obscena. Fios grossos de saliva pendiam das mandíbulas, e os dedos curvavam-se em garras, no ar, como um gato tentando pegar um rato numa gaiola, avançando cada vez mais, cada patada mais próxima do petisco.

Gwen abriu a porta que dava para o corredor, quando a coisa, perdendo a paciência, começou a demolir o caixilho da janela para entrar. Gwen trancou a porta, ouvindo o barulho de madeira e de louça estilhaçada do outro lado, e começou a encostar os móveis na porta trancada. Mesas, cadeiras, cabide, consciente de que, em poucos minutos, tudo seria reduzido a escombros. Amélia estava ajoelhada no chão do corredor, onde a mãe a deixara. Felizmente, sem nenhuma expressão no rosto.

Muito bem, não podia fazer mais nada. Agora, para cima. Apanhou a filha, que, de repente, pareceu leve como o ar, e subiu a escada de dois em dois degraus. Quando estava no meio da subida, o barulho cessou completamente na cozinha.

Gwen teve, então, uma crise de realidade. No patamar do segundo andar, tudo estava calmo e quieto. Finos grãos de poeira depositados no parapeito da janela, as flores murchas, todo o ambiente doméstico igual, como se nada estivesse acontecendo.

— Um sonho — disse ela. — Meu Deus, sim, um sonho.

Sentada na cama que, há oito anos, compartilhava com Denny, procurou pensar.

Um pesadelo horrível, provocado pela menstruação. Era isso. Uma fantasia descontrolada sobre estupro. Deitou Amélia sobre o acolchoado cor-de-rosa (Denny detestava cor-de-rosa, mas aceitava para fazer a vontade dela) e acariciou a testa úmida da menina.

— Um sonho.

Então, o quarto escureceu, e ela ergueu os olhos, sabendo o que iria ver.

Lá estava ele, o pesadelo, cobrindo as janelas, os braços longos e finos sobre o vidro, agarrados como os de um acrobata no parapeito, os dentes repulsivos aparecendo e desaparecendo, enquanto Gwen olhava apavorada.

Com um movimento rápido, ela apanhou Amélia e foi para a porta. Atrás dela, os vidros se quebraram, e uma lufada de ar frio varreu o quarto. A coisa estava chegando.

Gwen correu até o topo da escada, mas o monstro a perseguia de perto com a boca aberta, como um túnel. Com um rugido, estendeu o braço para roubar a preciosa carga de seus braços, imenso no pequeno espaço do patamar.

Gwen não podia correr mais do que ele, não podia lutar com ele. As mãos agarraram Amélia e, sem nenhum esforço, tiraram-na de Gwen.

Amélia gritou, quando se sentiu agarrada, e suas unhas deixaram quatro cortes profundos no rosto da mãe.

Gwen recuou, atordoada com aquela cena inacreditável, e perdeu o equilíbrio no topo da escada. Quando caiu para trás, viu o rosto de Amélia molhado de lágrimas, rígido como o de uma boneca, entre aquelas horríveis fileiras de dentes. Então, bateu com a cabeça no corrimão, e seu pescoço partiu-se. O corpo sem vida rolou os seis últimos degraus.

Ao cair da noite, a água da chuva começava a baixar, mas o lago artificial no fim da ladeira tinha ainda vários centímetros de profundidade. Serenamente, ele refletia o céu. Lindo, mas inconveniente. O Reverendo Coot, em voz baixa, recomendou a Declan Ewan para não esquecer de informar o Conselho sobre os bueiros entupidos. Era a terceira vez que o pedido era feito, e Declan corou.

— Desculpe, eu...

— Tudo bem. Sem problema, Declan. Mas precisamos desentupir esses bueiros.

Um rosto inexpressivo. Um momento. Um pensamento.

— É claro que as folhas que caem no outono sempre os entopem novamente.

Coot fez um gesto vagamente cíclico, significando que, na verdade, não fazia muita diferença quando o Conselho resolvesse desentupir os bueiros, se resolvesse, e então o pensamento desapareceu. Havia assuntos mais urgentes. Um deles era o sermão de domingo. Por um segundo, perguntou a si mesmo por que não

conseguia dar sentido ao sermão naquela noite. Uma estranha inquietação no ar parecia anular o significado de cada palavra que punha no papel. Coot foi até a janela onde estava Declan e coçou as palmas das mãos. Talvez outra crise de eczema. Se, ao menos, ele pudesse falar, encontrar as palavras para expressar sua tristeza. Nunca, nos seus quarenta e cinco anos de vida, havia sentido tamanha incapacidade de comunicação, e nunca fora de importância tão vital a necessidade de dizer alguma coisa.

— Posso ir agora? — perguntou Declan.

Coot balançou a cabeça.

— Mais um minuto, se não se importa.

Voltou-se para o sacristão. Declan Ewan tinha vinte e nove anos, embora aparentasse ser bem mais velho. Traços imprecisos, rosto pálido, uma calvície incipiente e prematura.

O que será que esta cabeça de ovo vai pensar da minha revelação?, pensou Coot. Provavelmente, vai rir. Por isso não consigo encontrar as palavras, porque não quero. Tenho medo de parecer idiota. Aqui estou eu, um religioso, dedicado aos mistérios do cristianismo. Pela primeira vez, em quarenta e tantos anos, consegui ver algo diferente, uma visão, talvez, e estou com medo que caçoem de mim. Pareço idiota ó Deus, idiota, idiota.

Tirou os óculos, e o rosto de Declan virou uma mancha indefinida. Agora, pelo menos, não precisava ver o sorriso de zombaria.

— Declan, esta manhã aconteceu uma coisa que só posso descrever como uma... uma... visitação.

Declan ficou calado, a mancha imprecisa não se moveu.

— Não sei como dizer isto... nosso vocabulário é pobre quando se trata dessas coisas... mas, francamente, nunca tive uma manifestação tão direta, tão inequívoca de...

Coot parou. Ia dizer Deus?

— Deus — ele disse, sem muita certeza.

Por um momento, Declan não disse nada. Coot arriscou recolocar os óculos. O ovo não se quebrou.

— Pode descrever o que viu? — perguntou Declan, perfeitamente tranquilo.

Coot balançou a cabeça. Passara o dia todo procurando as palavras, mas todas que conhecia pareciam previsíveis demais.

— Como era? — insistiu Declan.

Por que ele não compreendia que não havia palavras? Preciso tentar, pensou Coot, *preciso*.

— Eu estava no altar, depois das preces da manhã... — começou — e senti que alguma coisa passava por meu corpo. Quase como eletricidade. Meus cabelos ficaram em pé. Literalmente em pé.

Coot passou a mão pelo cabelo curto, revivendo a sensação. O cabelo em pé como um campo de milho cinza-dourado. Aquele zumbido nas têmporas, nos pulmões, nas virilhas. Na verdade, teve uma ereção. Não que pudesse contar isso para Declan. Mas tinha ficado em pé na frente do altar, com uma ereção tão intensa que era como descobrir novamente toda a força do desejo carnal.

— Não vou afirmar... *não posso* afirmar que era Deus, Nosso Senhor... — (mas queria acreditar, queria que seu Deus fosse o Senhor do tesão). — Não posso sequer afirmar que era alguma coisa cristã. Mas algo aconteceu hoje. Eu senti.

O rosto de Declan continuava impenetrável. Coot observou-o por alguns segundos, impaciente para ver a expressão de desprezo.

— E, então? — perguntou.

— Então, o quê?

— Não tem nada para dizer?

O ovo franziu a testa por um momento, uma linha profunda na casca lisa. Depois disse:

— Que Deus nos ajude — murmurou.

— O quê?

— Eu também senti. Não exatamente como descreveu, não um choque elétrico. Mas alguma coisa.

— Por que disse que Deus nos ajude, Declan? Está com medo de alguma coisa?

Declan não respondeu.

— Se sabe algo sobre essas experiências, que eu não sei... por favor, diga-me. Quero saber, para compreender. Deus, *preciso* compreender.

Declan franziu os lábios.

— Bem... — Seus olhos ficaram mais indecifráveis do que nunca, e, pela primeira vez, Coot divisou uma sombra estranha naquele olhar. Desespero, talvez?

— Sabe que há muitas histórias sobre este lugar — disse ele —, histórias de coisas... bem aqui.

Coot sabia que Declan andava pesquisando a história de Zeal. Um passatempo inofensivo. O passado era passado.

— Durante séculos existiu um povoado aqui, muito antes da ocupação romana. Ninguém sabe exatamente quando. Provavelmente sempre existiu um templo neste lugar.

— Nada de estranho nisso — disse Coot com um sorriso, convidando Declan a confirmar sua observação. Uma parte dele queria ouvir dizer que tudo estava bem em seu mundo, mesmo que fosse mentira.

O rosto de Declan anuviou-se. Não podia dar nenhuma garantia.

— E havia uma floresta. Imensa. Os Bosques Selvagens... — Seria desespero ou nostalgia atrás de seus olhos? — Não um bosquezinho qualquer. Uma floresta na qual era possível esconder uma cidade, cheia de animais selvagens.

— Lobos, quer dizer? Ursos?

Declan balançou a cabeça.

— Esta terra era propriedade de certas coisas. Antes de Cristo. Antes da civilização. A maioria não sobreviveu à destruição de seu *habitat* natural. Eram por demais primitivos, suponho. Mas fortes. Não como nós, não humanos. Uma coisa completamente diferente.

— E daí?

— Um deles sobreviveu até o ano de mil e quatrocentos. Existe um desenho gravado na pedra, representando seu enterro. Está no altar.

— No altar?

— Sob a toalha. Descobri há algum tempo, mas não dei muita importância. Até hoje. Hoje eu... tentei tocá-la.

Estendeu o braço e abriu a mão. A pele da palma estava cheia de bolhas, e pus escorria delas.

— Não dói — disse ele. — Na verdade, está quase insensível. Foi bem feito. Eu devia saber.

O primeiro pensamento de Coot foi que Declan estava mentindo. O segundo, de que devia haver uma explicação lógica. O terceiro foi o que seu pai sempre dizia: "A lógica é o último refúgio do covarde."

Declan continuou, agora extremamente excitado.

— Eles o chamavam de Cabeça Descarnada.

— O quê?

— O animal que enterraram. Está nos livros de história. Cabeça Descarnada porque tinha uma cabeça enorme da cor da lua, que parecia feita de carne crua.

Declan não podia mais parar. Começou a sorrir.

—Ele comia crianças—disse Declan, com o sorriso satisfeito de um bebê prestes a sugar o seio da mãe.

A atrocidade na fazenda dos Nicholson só foi descoberta no sábado de manhã. Mick Glossop, voltando para Londres de carro, entrou na estrada que passava atrás da fazenda ("Não sei por quê. Geralmente faço outro caminho. Estranho"), e as vacas holandesas de Nicholson estavam fazendo um enorme barulho no portão, com os úberes distendidos. Evidentemente, não tinham sido ordenhadas. Glossop parou o jipe na estrada e entrou no pátio da fazenda.

O corpo de Denny Nicholson já estava coberto de moscas, embora o sol tivesse nascido há menos de uma hora. Dentro da casa, só sobravam o vestido e um pé de Amélia Nicholson. O corpo de Gwen Nicholson, inteiro, estava perto da escada, sem nenhum sinal de violência sexual.

Às nove e meia, Zeal estava cheia de policiais, e o choque da carnificina registrava-se em todos os rostos. Embora as informações sobre o estado dos corpos fossem conflitantes, não havia dúvida quanto à brutalidade do crime. Sobretudo em relação à menina, provavelmente esquartejada, e o corpo levado pelo assassino, só Deus sabia para quê.

O Esquadrão contra Crimes instalou uma Unidade no *Tall Man*, e os policiais foram de casa em casa, interrogando os moradores. Nada foi esclarecido imediatamente. Nenhum estranho

fora visto por perto, nenhum comportamento suspeito o bastante que pudesse indicar um caçador furtivo ou um assaltante de lojas. Foi Enid Blatter, a mulher de seios grandes e aparência maternal, que mencionou o fato de que não via Thomas Garrow há mais de vinte e quatro horas.

Eles o encontraram onde o assassino o deixou, em péssimo estado devido ao tempo de exposição, com vermes na cabeça e gaiotas nas pernas. A carne das canelas, onde a calça saíra das botas, estava toda picada, com os ossos à mostra. Quando o ergueram, bandos de vermes escorreram de suas orelhas.

No hotel, a atmosfera estava pesada naquela noite. No bar, o sargento-detetive Gissing, vindo de Londres para conduzir a investigação, encontrou um bom ouvinte em Ron Milton. Era agradável poder conversar com um londrino, e Milton pagou o *scotch* com água durante mais de três horas.

—Vinte anos fora — repetia Gissing—e nunca vi nada igual.

O que não era verdade. Havia o caso daquela prostituta (ou alguns aspectos escolhidos do caso) que ele encontrou dentro de uma mala no departamento de bagagem perdida na estação de Euston, há mais de dez anos. E o viciado que resolveu hipnotizar um urso polar no zoológico de Londres. Foi uma visão macabra o que tiraram do poço dos ursos. Stanley Gissing já vira muita coisa, sem dúvida...

—Mas isto... nunca vi coisa igual—insistia. — Sinto vontade de vomitar.

Ron não sabia ao certo por que estava escutando a conversa de Gissing. Alguma coisa para passar o tempo. Ron, um radical na juventude, jamais gostara de policiais e sentia uma satisfação perversa em ver aquele idiota vaidoso completamente atarantado.

— O homem é uma porra de lunático — disse Gissing. — Pode estar certo. Vamos pegá-lo com facilidade. Um homem como esse não tem nenhum controle, você entende. Não procura despistar, não se importa de viver ou morrer. Deus sabe, um homem capaz de fazer em pedaços uma garotinha de sete anos está muito perto da loucura total. Já vi alguns deles.

—Já?

— Oh, sim. Já os vi chorando como crianças, cobertos de sangue, como se acabassem de sair dos matadouros, e com lágrimas escorrendo pelo rosto. Patético.

— Então, vai pegá-lo.

— Assim — Gissing estalou os dedos. Levantou-se, cambaleando um pouco. — Tão certo como Deus criou o mundo, nós o apanharemos — Olhou para o relógio, depois para o copo vazio.

Ron não fez menção de pedir nova dose.

—Muito bem—disse Gissing—preciso voltar para a cidade. Fazer meu relatório.

Cambaleou para a porta, deixando Milton pagar a conta.

Cabeça Descarnada viu o carro de Gissing sair da cidade e tomar a estrada do norte, os faróis pouco potentes na escuridão. Mas o barulho do motor subindo a colina, depois da fazenda dos Nicholson, deixou-o nervoso. Aquela coisa rugia e tossia como nenhum animal conhecido, e o *homo sapiens* sabia controlá-la. Se ia retomar o Reino dos usurpadores, mais cedo ou mais tarde, teria de vencer um daqueles animais. Cabeça Descarnada dominou o medo, preparando-se para o confronto.

A lua estava alta no céu.

No banco de trás do carro, Stanley, quase dormindo, sonhava com garotinhas. No sonho, as encantadoras ninfetas subiam uma escada de mão, a caminho da cama, e ele estava ao lado da escada, olhando para as calcinhas levemente sujas que desapareciam, uma a uma, no céu. Era um sonho muito conhecido, que ele jamais admitiria sonhar, nem quando estava bêbado. Não por vergonha, pois sabia que muitos dos seus companheiros de trabalho tinham sonhos tão estranhos quanto o seu, e talvez até mais ousados. Mas era um sonho só seu e não queria dividi-lo com mais ninguém.

O jovem policial, que há quase seis meses servia de chofer para Gissing, esperava que o sargento adormecesse completamente para ouvir no rádio o resultado do campeonato de *cricket*. A Austrália não estava bem qualificada para o teste. Um *rally* de última hora parecia pouco provável. Ah, isso sim é que era uma boa profissão, pensava ele, enquanto dirigia. Bate de longe a rotina da vida de policial.

Ambos absortos em seus sonhos, motorista e passageiro, não viram Cabeça Descarnada. Ele estava agora ao lado do carro, acompanhando facilmente a marcha do veículo com seus passos enormes pela estrada sinuosa e escura.

De repente, a raiva dominou-o e, rugindo, saiu do campo para o asfalto.

O motorista desviou do vulto imenso que apareceu na frente dos faróis, berrando como uma matilha de cães raivosos.

O carro derrapou no asfalto molhado e raspou o lado esquerdo nos arbustos que ladeavam a estrada, e os galhos açoitaram o para-brisa. No banco de trás, Gissing caiu da escada que estava subindo, no momento em que o carro chegou ao fim da cerca viva e bateu num portão de ferro. O sargento foi atirado contra o banco da frente, mas não se feriu. O impacto atirou o motorista para frente e através do para-brisa, em dois segundos. Seus pés, agora no nariz de Gissing, estremeceram.

Na estrada, Cabeça Descarnada observou a morte da caixa de metal. A voz torturada, o guincho do flanco arranhado, o rosto amassado assustaram-no. Mas estava morta.

Esperou cautelosamente alguns segundos antes de avançar e farejar aquele corpo amassado. Havia um cheiro ardido no ar, que irritava suas narinas, o cheiro de sangue da caixa de metal, que saía do torso quebrado e escorria pela estrada. Certo de que o animal estava morto, ele se aproximou.

Havia alguém vivo na caixa. Nenhuma criança saborosa, só carne dura de homem. Um rosto engraçado estava voltado para ele. Redondo, olhos arregalados e assustados. A boca idiota se abria e fechava como a de um peixe. Cabeça Descarnada chutou a caixa para abri-la e, não conseguindo, arrancou as portas. Então, enfiou o braço para dentro e tirou o homem, apavorado, do seu refúgio. Seria um representante da espécie que o havia dominado? Aquele inseto assustado, de boca mole? Cabeça Descarnada riu das súplicas do homem, depois o virou de cabeça para baixo, segurando-o por um pé. Esperou que o homem parasse de gritar e procurou, entre as pernas de Gissing, o órgão masculino. Não era grande. Na verdade, estava bastante encolhido de medo. Gissing resmungava, sem parar,

coisas sem sentido. O único som que Cabeça Descarnada entendeu foi o que ouvia agora, o grito estridente que sempre acompanhava a castração. Uma vez terminada, jogou Gissing ao lado do carro.

O fogo começava no motor amassado. Cabeça Descarnada sentiu o cheiro. Não era tão primitivo a ponto de temer o fogo. Respeitava-o, sim, mas não o temia. O fogo era um instrumento que ele havia usado muitas vezes para queimar inimigos, para cremá-los em suas camas.

Recuou, afastando-se do carro quando a chama encontrou a gasolina e subiu. O calor chegou até ele e sentiu o cheiro dos pelos do peito chamuscados, mas estava mesmerizado pelo espetáculo. O fogo acompanhou o sangue do animal de metal, consumindo Gissing, lambendo os rios de combustível como um cão ávido numa trilha de urina. Cabeça Descarnada observou, aprendendo uma lição nova e letal.

No caos de sua sala de trabalho, Coot lutava inutilmente contra o sono. Passara boa parte da noite no altar, algum tempo em companhia de Declan. Nessa noite não orou, apenas desenhou. Agora tinha uma cópia da cena gravada na pedra do altar sobre a mesa à sua frente, e há uma hora olhava para ela. Mas o esforço era inútil. O desenho gravado era ambíguo, ou sua imaginação muito limitada. Fosse como fosse, não conseguia dar muito sentido à imagem. Sem dúvida, representava um enterro, mas era tudo que Coot conseguia ver. Talvez o morto fosse um pouco maior do que os que o estavam enterrando, mas nada excepcional. Pensou no bar de Zeal, *The Tall Man*, e sorriu. Algum humorista medieval, sem dúvida, acharia divertido gravar a cena do enterro de um dono de bar sob a toalha do altar.

No corredor, o relógio desregulado bateu meia-noite e quinze, o que significava que devia ser quase uma hora. Coot levantou-se da cadeira, espreguiçou-se e apagou a lâmpada de mesa. O brilho do luar, infiltrando-se através da cortina, surpreendeu-o. Era lua cheia do equinócio de outono, e a luz, embora fria, era luxuriante.

Pôs a tela de arame na frente da lareira e saiu para o corredor, fechando a porta da sala de trabalho. O relógio tiquetaqueava

barulhento. De algum lugar, para o lado de Goudhurst, veio o som de uma sereia.

O que está acontecendo?, pensou ele, abrindo a porta da frente. Viu faróis de carros na colina e o pulsar distante das luzes azuis da polícia, mais ritmado do que o tique-taque atrás dele. Acidente na estrada do norte. Muito cedo para gelo, e não fazia ainda muito frio. Olhou as luzes, que cintilavam, encravadas na colina como pedras preciosas nas costas de uma baleia. Pensando bem, estava frio ali fora. Não dava para ficar parado no...

Franziu a testa. Teve a impressão de ver um movimento no canto do cemitério da igreja, sob as árvores. O luar pintava um quadro monocromático. Árvores negras, pedras cinzentas, mas, delineada claramente contra o mármore de um túmulo distante, estava à figura de um gigante.

Coot saiu como estava, de chinelo.

O gigante não estava sozinho. Havia alguém ajoelhado na frente dele, muito menor, uma forma mais humana, o rosto erguido, claro como a luz. Era Declan. Mesmo àquela distância, Coot podia ver que ele sorria para o mestre.

Coot queria chegar perto, ver melhor aquele pesadelo. No terceiro passo, seu pé rangeu no cascalho.

O gigante moveu-se nas sombras. Estava voltando-se para ele? O coração de Coot se apertou. Não, Deus, faça com que ele seja surdo, por favor, não deixe que ele me veja, faça-me invisível.

Aparentemente a prece foi atendida. O gigante não deu sinal de haver notado sua presença. Enchendo-se de coragem, Coot avançou, indo de laje em laje, procurando esconder-se, mal ousando respirar. Estava agora muito perto do quadro vivo e podia ver a cabeça da criatura, inclinada para Declan, e ouvia o som de lixa sobre pedra, que saía de sua garganta. Porém, isso não era tudo.

As roupas de Declan estavam rasgadas e sujas, seu peito magro, descoberto. O luar incidia sobre o esterno e as costelas. Seu estado e sua posição eram evidentes. Aquilo era adoração — pura e simples. Então, Coot ouviu o ruído de líquido caindo sobre alguma coisa. Chegou mais perto. O gigante estava urinando no rosto de Declan. A urina caía dentro da boca do sacristão e escorria por seu

corpo. Os olhos de Declan brilhavam de alegria, enquanto recebia o batismo, e ele girava a cabeça de um lado para o outro para que a profanação fosse completa.

O cheiro da urina da criatura chegava até Coot, ácido e nojento. Como Declan podia suportar aquilo sobre todo o seu corpo? Coot sentiu vontade de gritar, acabar com aquela devassidão, mas, mesmo à sombra da grande árvore, o vulto da criatura era aterrador. Muito alto e muito largo para ser humano.

Era, sem dúvida, a besta dos Bosques Selvagens que Declan tentara descrever, o devorador de crianças. Será que, quando enalteceu o monstro, já sabia o poder que ele teria sobre a sua imaginação? Que, quando aparecesse, iria ajoelhar-se a seus pés, chamando-o de Senhor (antes de Cristo, antes da Civilização, havia dito), iria deixar que esvaziasse a bexiga em cima dele, recebendo a imundície com um sorriso?

Sim, oh, sim.

Portanto, deixe que Declan tenha seu momento. Não arrisque o pescoço por ele, pensou Coot, ele está onde deseja estar. Lentamente, recuou para a sacristia com os olhos fixos naquela cena de degradação. O líquido do batismo foi diminuindo e cessou, mas as mãos de Declan, em concha na frente do rosto, continham ainda uma boa quantidade dele. Levou as mãos à boca e bebeu.

Coot teve um acesso irreprimível de náusea. Por um momento, fechou os olhos para não ver a cena, e, quando os abriu, a cabeça do monstro estava voltada para ele com olhos que incendiavam a escuridão.

— Cristo Todo-Poderoso!

A coisa olhava para ele. Sim, dessa vez, fora descoberto. O monstro rugiu, a cabeça mudou de formato na sombra, e a boca imensa se abriu.

— Meu doce Jesus!

Agora o vulto avançava para Coot, com a agilidade de um antílope, deixando o acólito encolhido sob a árvore. Coot deu meia-volta e correu, correu como não corria há muitos anos, ziguezagueando entre as sepulturas. As portas, a sensação de segurança, estava a poucos metros. Não por muito tempo, talvez o

suficiente para pensar, para encontrar uma arma. Corra, seu filho da mãe! Por Cristo. Quatro metros.

Corra!

A porta estava aberta.

Quase três, um metro agora...

Entrou e voltou-se para fechar a porta. Mas não. Cabeça Descarnada enfiou o braço atrás dele, e Coot viu a mão três vezes maior do que qualquer mão humana. Os dedos contraíram-se no ar, tentando encontrar Coot, enquanto o monstro rugia furioso.

Coot aplicou todo seu peso contra a porta, tentando fechá-la. O friso de ferro do batente prendeu o braço de Cabeça Descarnada. O rugido transformou-se num uivo de dor, fúria e agonia, misturadas num brado que foi ouvido de uma extremidade a outra de Zeal.

O berro cortou a noite até a estrada do norte, onde os restos de Gissing e do motorista estavam sendo recolhidos num saco plástico. Ecoou nas paredes geladas da Capela do Descanso, onde os corpos de Denny e Gwen Nicholson já entravam em decomposição. Foi ouvido nos quartos de Zeal, onde casais vivos dormiam lado a lado, talvez com um dos braços adormecido sob o corpo do companheiro ou da companheira. Onde a velha senhora, insone, estudava a geografia do teto. Onde crianças sonhavam com o útero materno, e os bebês lamentavam o refúgio perdido. Foi ouvido uma vez, outra e muitas outras, enquanto Cabeça Descarnada descarregava sua fúria.

O berro uivante estonteou Coot. Sua boca murmurava preces, mas não via nenhum sinal da ajuda que implorava. Suas forças diminuía. O gigante, aos poucos, ia conseguindo abrir a porta. Coot escorregou no assoalho muito encerado, com os músculos cansados e trêmulos. Não tinha nenhuma chance de vencer essa luta, não se tentasse opor sua força à do animal, músculo por músculo. Se queria ver o dia seguinte, precisava usar alguma estratégia.

Coot empurrou a porta com mais força, olhando em volta à procura de uma arma. A coisa não podia entrar, não podia chegar perto dele. Sentia um cheiro forte e ácido. Por um momento, viu a si mesmo despido, ajoelhado na frente do gigante, com o jorro de urina batendo na sua cabeça. O quadro foi seguido pela visão de

outras cenas de depravação. Coot precisou esforçar-se para não desistir da luta, para não se deixar dominar por todas aquelas obscenidades. A mente da coisa tentava penetrar na sua, e uma faixa espessa de imundície forçava a entrada em suas lembranças, procurando trazer à superfície pensamentos há muito enterrados. Será que a coisa exigiria adoração, como qualquer outro deus? E sua exigência não seria simples e real? Não ambígua, como a do Senhor a que ele servia agora. Uma boa ideia. Entregar-se àquela certeza que forçava a porta e abrir o coração e o corpo, deixando que ele o destruísse.

Cabeça Descarnada. A palavra pulsava na mente de Coot — Cabeça Descarnada.

Desesperado, percebendo que suas frágeis defesas morais estavam a ponto de desmoronar, viu o cabide alto no lado esquerdo da porta.

Cabeça Descarnada. Cabeça Descarnada. O nome era um imperativo. Cabeça Descarnada. Cabeça Descarnada. Fazia pensar numa cabeça escarpada, com as defesas arrancadas, uma coisa prestes a explodir, que podia ser dor ou prazer. Mas não era difícil descobrir.

A coisa quase estava tomando posse dele. Coot sabia. Era agora ou nunca. Estendeu o braço para o cabide, para apanhar uma bengala. Uma especial, entre as que estavam ali. Coot a chamava de bengala de corrida, um metro e meio de madeira resistente, bem usada e forte. Puxou-a com a ponta dos dedos.

Cabeça Descarnada aproveitou a diminuição da força atrás da porta, quando Coot estendeu o braço para a bengala. O braço que parecia coberto de couro avançou, indiferente à dor causada pelo ferro do batente. A mão com dedos de aço segurou a aba do paletó de Coot.

Coot ergueu a bengala e bateu com força no cotovelo de Cabeça Descarnada, onde o osso era vulnerável, mais superficial. A arma partiu-se com o impacto, mas fez o trabalho. No outro lado da porta, os uivos recomeçaram, e o braço desapareceu rapidamente. Quando os dedos passaram para fora, Coot bateu a porta e trancou-a. Depois de um curto espaço de tempo, segundos apenas, o ataque

recomeçou, desta vez batidas na porta com os punhos cerrados. As dobradiças começaram a se curvar, a madeira gemia. Não ia demorar nada para que ele entrasse. O monstro era forte e estava furioso.

Coot foi até o telefone. Polícia, disse ele, e começou a discar. Logo o monstro iria perceber que mais valia deixar a porta e atacar as janelas. Tinham caixilhos de chumbo, mas não resistiriam por muito tempo. Coot tinha só alguns minutos, provavelmente segundos, dependendo de sua capacidade de raciocínio.

Sua mente, livre da invasão de Cabeça Descarnada, era um coro de preces fragmentadas e de perguntas. Se eu morrer, pensava, serei recompensado no céu por ter tido uma morte mais brutal do que qualquer vigário do campo pode esperar? Existe alguma compensação no paraíso para quem é eviscerado no *hall* de entrada da própria sacristia?

Só um homem estava de serviço na delegacia de polícia. Os outros se encontravam na estrada do norte, fazendo a limpeza da festa de Gissing. O pobre policial não entendeu muita coisa do que o reverendo disse, mas ouviu o som de madeira sendo quebrada e os uivos tremendos como música de fundo.

O policial desligou e passou um rádio, pedindo ajuda. A patrulha na estrada do norte levou vinte, talvez vinte e cinco segundos para responder. Nesse intervalo de tempo, Cabeça Descarnada destruiu a parte central da porta da sacristia e estava demolindo o resto. Não que a patrulha soubesse disso. Depois do que acabavam de ver, o corpo queimado do motorista e o de Gissing sem os órgãos genitais, sentiam a insolência dos experientes, transformados em veteranos em uma hora. O policial, na delegacia, levou um bom minuto para convencê-los da urgência do caso de Coot. Então, Cabeça Descarnada estava dentro da sacristia.

No hotel, Ron Milton assistiu ao desfile de luzes na colina, ouviu as sereias e os uivos de Cabeça Descarnada, e a dúvida dominou-o. Seria essa a cidadezinha tranquila que havia escolhido para morar com a família? Olhou para Maggie, que, depois de acordar com o barulho, dormia outra vez, com o vidro de sedativos quase vazio na mesa de cabeceira. Certo de que ela teria zombado da ideia, Ron sentiu que tinha obrigação de protegê-la. Queria ser seu

herói. Porém, era ela quem frequentava as aulas noturnas de autodefesa, enquanto ele engordava com os almoços por conta da companhia. Vendo-a dormir, Ron sentiu uma tristeza inexplicável, pensando no pouco poder que tinha sobre a vida e a morte.

Cabeça Descarnada estava no *hall* da sacristia, coberto por uma chuva de madeira partida. As lascas enfiavam-se em seu corpo, e o sangue escorria dos ferimentos. O suor ácido do animal enchia o ar como incenso.

Farejou à procura do homem, mas não o encontrou. Frustrado, arreganhou os dentes, expelindo o ar num assobio fino, e atravessou o *hall*, caminhando para a sala de trabalho. Havia calor na casa, a vinte metros, seus nervos sentiam e conforto também. Cabeça Descarnada virou a mesa, destruiu duas cadeiras, em parte para fazer espaço para o próprio corpo, mas especialmente pelo puro prazer da destruição. Jogou para longe a grade protetora da lareira e sentou-se. O calor envolveu-o, vivificante e curativo. Entregou-se ao prazer de senti-lo no rosto, na barriga musculosa, nos braços e pernas. No sangue também, trazendo a lembrança de outros fogos, fogos ateados por ele nos campos de trigo.

Lembrou-se de outra fogueira, que em vão tentou afastar da memória. A humilhação daquela noite viveria com ele para sempre. Tinham escolhido tão bem a estação do ano. Pleno verão, há dois meses sem chuva. O mato que crescia nos Bosques Selvagens estava seco como um pavio, até as árvores incendiaram-se com facilidade. Foi obrigado a abandonar sua fortaleza, com os olhos lacrimejantes, confuso e apavorado, e viu-se rodeado de estacas pontudas e redes e aquela... *coisa* que eles tinham, aquela visão capaz de subjugar-lo.

É claro que não tinham coragem suficiente para matá-lo, eram muito supersticiosos. Além disso, não haviam reconhecido sua autoridade, mesmo quando o feriam, seu terror não era uma homenagem à sua força? Então, eles o enterraram vivo, o que era pior do que a morte. O pior que podiam ter feito. Porque ele podia viver e viver, e nunca morrer, mesmo debaixo da terra. Fizeram-no esperar cem anos, e sofrer, e mais cem e mais cem, enquanto as gerações caminhavam pela terra sobre sua cabeça e viviam e morriam, e o esqueciam. Talvez as mulheres não tivessem

esquecido. Podia sentir o cheiro delas, mesmo através da terra, quando chegavam perto de seu túmulo, e, embora não soubessem, sentiam-se angustiadas e convenciam seus homens a ficarem longe daquele lugar, deixando-o completamente sozinho. A solidão foi a maior vingança, pensou, pelas vezes que ele e seus irmãos levavam mulheres para a floresta, abriam as pernas delas, faziam o que tinham de fazer e soltavam-nas outra vez, sangrando, mas férteis. Elas morriam ao dar à luz os filhos daquele estupro. Sua anatomia não podia sobreviver à agitação de um ser híbrido, aos seus dentes, à sua angústia. Era a única vingança que ele e os irmãos tiveram do sexo de barriga grande.

Cabeça Descarnada masturbou-se, olhando para a reprodução da "Luz do Mundo", acima da lareira. A imagem não despertava tremores de medo ou de remorso. Era a imagem de um mártir assexuado, de olhos mansos e tristes. Nenhum desafio naquela figura. O verdadeiro poder, o único que podia vencê-lo, aparentemente tinha desaparecido, perdido para sempre, substituído por um pastor virgem. Cabeça Descarnada ejaculou em silêncio, e seu sêmen sibilou nas brasas da lareira. O mundo era seu para governar sem desafios. Teria calor e comida em abundância. Bebês também. Sim, carne de bebê, a melhor de todas. Coisinhas minúsculas que acabavam de sair do ventre da mãe.

Espreguiçou, suspirando com a perspectiva daquele petisco, a mente repleta de atrocidades.

De seu refúgio, na cripta, Coot ouviu os carros da polícia chegarem à sacristia, depois o som de pés no caminho de cascalho. Calculou que devia haver, pelo menos, meia dúzia de homens. Devia ser suficiente.

Cautelosamente, caminhou no escuro para a escada.

Alguma coisa tocou nele, e Coot quase gritou, mordendo a língua antes de a voz escapar da garganta.

— Não vá agora — disse uma voz atrás dele.

Era Declan, falando alto demais. A coisa estava acima deles, em algum lugar, e podia ouvi-los se não tivessem cuidado. Oh, Deus, não deixe que ele ouça.

— Está lá em cima — disse Coot, num murmúrio.

— Eu sei.

A voz parecia vir das entranhas de Declan, não de sua garganta, encharcada de imundície.

— Vamos fazê-lo descer até aqui, certo? Ele quer você, você sabe. E a mim também...

— O que aconteceu com você?

O rosto de Declan estava quase invisível no escuro. Seus lábios se ergueram num sorriso lunático.

— Acho que ele quer batizar você também. O que acha? Ia gostar, não ia? Ele mijou em mim, você viu? E não foi só isso. Oh, não, ele quer muito mais. Ele quer tudo. Está ouvindo? Tudo!

Declan agarrou Coot num abraço com fedor da urina da criatura.

—Vem comigo? — Sorriu malicioso, muito perto do rosto de Coot.

— Depositei minha confiança em Deus.

Declan riu. Não uma risada sem sentido, mas cheia de compaixão por aquela alma perdida.

— Ele é deus — disse Declan. — Estava aqui muito antes de este chiqueiro ser construído, você sabe disso.

— Os cães também estavam.

— O quê?

— Isso não quer dizer que vou deixar que levantem a perna para urinar em mim.

— Você é um velho devasso muito esperto, não é? — disse Declan, deixando de sorrir. — Ele vai mostrar. Você vai mudar.

— Não, Declan. Solte-me...

O abraço era forte demais.

— Vamos subir, cara. Não devemos fazer deus esperar.

Empurrou Coot escada acima, sem soltar o abraço. Coot não conseguia encontrar palavras, nenhum argumento lógico. O que podia dizer para que aquele homem visse a própria degradação? Entraram abraçados na igreja, e Coot, automaticamente, olhou para o altar, procurando alguma coisa que o tranquilizasse, mas não encontrou nada. O altar fora profanado. As toalhas estavam rasgadas e sujas de fezes; a cruz, os candelabros e os missais ardiam

numa fogueira nos degraus. A fuligem flutuava no ar escuro de fumaça.

— Você fez isso?

Declan rosnou.

— Ele me mandou destruir tudo. Derrubar pedra por pedra, se for preciso.

— Ele não se atreverá.

— Oh, é claro que sim. Ele não tem medo de Jesus, não tem medo de...

Por um momento, a voz de Declan ficou menos segura, e Coot aproveitou a hesitação.

— Ele *tem* medo de alguma coisa que está aqui, do contrário teria vindo pessoalmente, teria feito tudo isso sozinho...

Os olhos esgazeados de Declan desviaram-se de Coot.

— O que é, Declan? Do que é que ele não gosta? Pode me dizer...

Declan escarrou no rosto de Coot, e o catarro escorreu como uma lesma até o queixo.

— Não é da sua conta.

— Em nome de Cristo, Declan, veja o que ele fez a você.

— Sei reconhecer meu senhor quando o vejo...

Declan estava tremendo.

— ...e você também o reconhecerá.

Virou Coot de frente para a porta do lado sul. Estava aberta, e a criatura curvava-se graciosamente para entrar. Pela primeira vez, Coot viu Cabeça Descarnada na claridade, e seu terror voltou mais intenso. Até então, tinha evitado pensar no tamanho da coisa, em seu olhar, nas suas origens. Agora, vendo o monstro aproximar-se com passos lentos, quase imponentes, Coot reconheceu sua superioridade. Não era um mero animal, apesar da juba e das espantosas fileiras duplas de dentes. Os olhos da criatura eram como punhais em seu corpo, com um brilho de desprezo que não podia existir em nenhum animal. A boca abriu-se imensa. Quando não tinha mais para onde fugir, Declan soltou Coot. Não que Coot tivesse intenção de fazer qualquer movimento, o olhar era insistente

demais. Cabeça Descarnada estendeu o braço e apanhou Coot. O mundo girou dentro de sua cabeça.

Eram sete policiais, não seis como Coot havia pensado. Três empunhavam armas, levadas de Londres por ordem do sargento-detetive Gissing. O falecido sargento Gissing, que seria condecorado postumamente. Os sete homens competentes e fiéis eram comandados pelo sargento Ivanhoe Baker. Ivanhoe não era um homem heroico, nem por inclinação, nem por educação. Sua voz, que ele pedira a Deus para não traí-lo quando desse as ordens apropriadas, mais parecia o gemido de um garoto assustado quando Cabeça Descarnada apareceu na porta da igreja.

— Eu estou vendo a coisa! — disse ele.

Todo mundo via. Tinha três metros de altura, estava coberta de sangue e parecia um inferno ambulante. Ninguém precisava ser avisado de sua presença. As armas foram erguidas sem esperar a ordem de Ivanhoe, e os homens desarmados, sentindo-se despidos de repente, beijaram os cassetetes e rezaram. Um deles fugiu.

— Mantenham suas posições! — esganiçou Ivanhoe. Se aqueles filhos da mãe fugissem, ele ficaria sozinho. Não havia recebido nenhuma arma, apenas autoridade, que não servia de consolo naquele momento.

Cabeça Descarnada ainda segurava Coot pelo pescoço, com o braço estendido. As pernas do reverendo balançavam a meio metro do solo, sua cabeça pendia inerte, os olhos estavam fechados. O monstro mostrou o corpo para seus inimigos, como uma prova de sua força.

— Devemos... por favor... podemos... atirar no filho da mãe? — perguntou um dos homens armados.

— Ivanhoe engoliu em seco, antes de responder.

— Vamos atingir o vigário.

— Ele já está morto — disse o policial.

— Não temos certeza.

— Tem de estar morto. Olhe para ele...

Cabeça Descarnada sacudia Coot como se fosse um edredom, e o recheio começou a cair, para horror de Ivanhoe. Então, num gesto lento, quase preguiçoso, Cabeça Descarnada jogou-o para os

policiais. O corpo caiu no caminho de cascalho perto do portão e ficou imóvel. Ivanhoe recuperou a voz.

— Fogo!

Não precisou repetir. Os dedos dos homens apertaram os gatilhos antes de a palavra acabar de sair da sua boca.

Cabeça Descarnada foi atingido por três, quatro, cinco balas em rápida sucessão, quase todas no peito. Sentindo as picadas, ergueu uma das mãos para proteger o rosto e cobriu os testículos com a outra. Não esperava essa dor. O ferimento provocado pela arma de Nicholson fora esquecido no prazer imenso da carnificina, mas estes dardos machucavam-no e continuavam a atingi-lo. Sentiu uma ponta de medo. Seu instinto mandava fugir para a segurança das colinas. Conhecia moitas e cavernas onde podia esconder-se e pensar nesse novo problema. Mas antes precisava distraí-los.

Os homens avançaram rapidamente, entusiasmados com a vitória fácil, enquanto Ivanhoe, tirando os crisântemos do vaso de uma sepultura, vomitava dentro dele. A estrada, além do largo da igreja, estava escura, e Cabeça Descarnada começou a se sentir mais seguro. Podia desaparecer na noite, sumir dentro da terra, como havia feito milhares de vezes. Atravessou o campo. A cevada não fora ainda colhida e estava pesada de grãos. Cabeça Descarnada corria, amassando as plantas sob os pés. Seus perseguidores começavam a perder terreno. O inimigo gritava ordens, palavras confusas que Cabeça Descarnada não entendia. Não fazia mal, ele conhecia os homens. Assustavam-se com facilidade. Não iriam muito longe à sua procura, nessa noite. Usando a escuridão como desculpa, interromperiam a caçada, convencidos de que os ferimentos do monstro eram mortais. As crianças confiantes de sempre.

Subiu até o topo da colina e olhou para baixo, para o vale. Abaixo da serpente que era a estrada, seus olhos, os faróis dos carros, a cidadezinha era um círculo quente e iluminado, com luzes azuis e vermelhas piscando no centro. Ao longe, estendiam-se em todas as direções os vultos negros das montanhas sobre as quais cintilavam as estrelas. Durante o dia, parecia um vale pintado, uma

cidade pequenina, de brinquedo. À noite, era impenetrável, muito mais dele do que dos homens.

Os inimigos já voltavam aos seus abrigos, como havia imaginado que fariam. Não haveria mais caçada naquela noite.

Cabeça Descarnada, deitado no chão, viu um meteoro incendiando-se enquanto caía, a sudeste. Uma rápida e brilhante faixa de luz, iluminando a borda de uma nuvem antes de se apagar. A manhã estava ainda muitas horas adiante, no futuro. Logo ele recobriria suas forças e, então, os incendiaria completamente.

Coot não estava morto, mas tão perto da morte que quase não fazia diferença. Oitenta por cento dos ossos de seu corpo estavam quebrados, seu rosto e o pescoço eram um labirinto de lacerações, e uma das mãos estava completamente esmagada. Certamente ele ia morrer. Era só uma questão de tempo e de resistência.

No vilarejo, todos que haviam percebido fragmentos da tragédia criavam suas próprias histórias, e o que haviam realmente testemunhado emprestava maior crédito às invenções fantásticas. O caos no cemitério da igreja, a porta destruída da sacristia, o carro cercado por um cordão de segurança na estrada do norte. Os acontecimentos daquela noite de sábado não seriam facilmente esquecidos.

O cancelamento da cerimônia da colheita não surpreendeu ninguém.

Maggie insistiu.

— Vamos voltar para Londres, agora.

— Ontem você queria ficar. Queria fazer parte da comunidade.

— Isso foi ontem, antes de toda esta... esta... Há um maníaco solto por aí, Ron.

— Se formos agora, nunca mais voltaremos.

— Do que está falando? É claro que voltaremos.

— Se sairmos quando o lugar está ameaçado, desistiremos dele para sempre.

— Isso é ridículo.

— Você estava tão ansiosa para que nos vissem, para fazer parte da vida da cidade. Muito bem, temos de ficar com eles na

morte também. Eu vou ficar — até o fim. Você pode voltar para Londres. Leve as crianças.

— Não.

Ele deu um suspiro de cansaço.

— Quero ver o assassino preso, seja quem for. Quero ter certeza de que tudo foi resolvido, quero ver com meus próprios olhos. É o único modo de nos sentirmos seguros aqui.

Ela concordou com relutância.

— Então, pelo menos vamos sair do hotel por algum tempo. A Sra. Blatter está ficando biruta. Não podemos dar um passeio de carro? Respirar ar puro...

— É claro, por que não?

Era um agradável dia de setembro. O campo, sempre disposto a fazer surpresas, cintilava de vida. Flores do fim da estação coloriam os arbustos ao lado da estrada, e os pássaros mergulhavam em voos rasantes ao lado do carro. O céu estava azul, as nuvens eram uma fantasia cremosa. A poucos quilômetros do vilarejo, os horrores da noite anterior começaram a evaporar, e a estimulante exuberância do dia animou-os. Quanto mais se distanciavam de Zeal, mais diminuía seus temores. Ron começou logo a cantar.

Debbie criava caso no banco traseiro. Num momento era "papai, estou com calor", logo depois "papai, quero suco de laranja", em seguida, "preciso fazer xixi".

Ron parou o carro num trecho vazio da estrada, bancando o pai indulgente. As crianças tinham passado por maus pedaços, podiam ser um pouco mimadas.

— Tudo bem, querida, pode fazer xixi aqui, depois vamos procurar sorvete para vocês.

— Onde está o lá-lá? — disse a menina.

Um eufemismo estúpido, inventado pela mãe de Maggie, pensou Ron.

Maggie sabia lidar melhor com Debbie nesses casos.

— Pode ir atrás desses arbustos — disse ela.

Debbie fez cara de horror. Ron e Lan trocaram um leve sorriso. O garoto fez uma careta e voltou à revistinha lida e relida.

— Depressa, está bem? — resmungou ele. — Depois poderemos ir a algum lugar mais decente. ,

Algum lugar mais decente, pensou Ron. Ele quer dizer uma cidade. É um garoto da cidade. Vou levar algum tempo para convencê-lo de que uma montanha com uma bela paisagem é um lugar decente. Debbie continuava criando caso.

— Aqui eu não posso, mamãe...

— Por que não?

— Alguém pode me ver.

— Ninguém vai ver, querida — garantiu Ron. — Agora, obedeça a sua mãe. — Voltou-se para Maggie. — Vá com ela, meu bem.

Maggie não se mexeu.

— Ela está bem.

— Não pode pular o portão sozinha.

— Então, vá você.

Ron, resolvido a não discutir, forçou um sorriso e disse:

— Vamos.

Debbie saiu do carro, e Ron a passou sobre o portão de ferro para o outro lado. A colheita já fora feita, e o campo cheirava a... terra.

— Não olhe — disse Debbie, com os olhos arregalados — *você não deve olhar.*

Aos nove anos, a menina já era uma manipuladora. Podia tocar o pai melhor do que o piano em que estudava. Ele sabia disso, e ela também. Ron sorriu e fechou os olhos.

— Tudo bem. Está vendo? Estou com os olhos fechados. Agora, ande depressa. Debbie, por favor.

— Prometa que não vai espiar.

— Não vou espiar. — Meu Deus, pensou ele, a menina está fazendo um espetáculo.

— Ande depressa.

— Ron olhou para o carro. Ian, no banco de trás, continuava a ler, absorto em algum herói barato, vivendo a aventura. Ian era tão sério. Ron não conseguia dele mais do que um ou outro sorriso rápido. Não era afetação, Ian não tentava assumir ares de mistério. Parecia satisfeito em deixar todo o teatro para a irmã.

Atrás da moita, Debbie abaixou as calcinhas de domingo e agachou-se, mas, depois de toda aquela discussão, o xixi não vinha. Procurou concentrar-se, mas só piorou as coisas.

Ron olhou para o horizonte, além do campo. Viu algumas gaivotas disputando um petisco. Observou-as por algum tempo, cada vez mais impaciente.

— Vamos, meu bem — disse ele.

Olhou outra vez para o carro. Ian observava-o com extrema chateação, ou qualquer coisa parecida. Havia algo mais em seu rosto? Uma profunda resignação, talvez? O garoto voltou à revistinha *Utopia*, ignorando o olhar do pai.

Então, ouviu o grito estridente de Debbie.

— Cristo!

Num segundo, Ron saltou o portão de ferro com Maggie logo atrás dele.

— Debbie!

Ela estava de pé ao lado da moita, olhando para o chão, choramingando, com o rosto muito vermelho.

— O que aconteceu, pelo amor de Deus? — Maggie estava tendo dificuldade para escalar o portão.

— Está tudo bem... tudo bem.

Ron viu uma toupeira morta no campo, os olhos comidos pelas aves, a pele apodrecida, cheia de moscas.

— Oh, meu Deus, Ron. — O tom acusador de Maggie insinuava que Ron havia posto o animal morto ali, de propósito.

— Está tudo bem, queridinha — disse ela, empurrando o marido e tomando Debbie nos braços.

Os soluços acalmaram um pouco. Crianças da cidade, pensou Ron. Vão ter que se acostumar a essas coisas se vierem morar no campo. Aqui não existe varredores de rua para recolher os gatos atropelados todas as manhãs. Maggie embalava a filha, e, aparentemente, as lágrimas tinham diminuído.

— # Ela vai ficar bem — disse Ron.

— É claro que vai, não é, meu bem?

Maggie ajudou-a a levantar a calcinha. Debbie fungava ainda, a privacidade esquecida com o susto.

No carro, Ian ouvia as lamentações da irmã e tentava concentrar-se na revistinha. Ela faz qualquer coisa para chamar atenção, pensou. Está bem, o palco é todo dela.

De repente, tudo escureceu.

Ergueu os olhos com o coração pesado. A poucos centímetros dele, alguma coisa inclinou-se e espiou para dentro do carro. Um rosto que era o verdadeiro inferno. Ian queria gritar, mas sua língua parecia paralisada. Tudo que fez foi urinar no banco e espernear inutilmente, quando os braços longos e cheios de cicatrizes entraram pela janela. As unhas do animal enfiaram-se em seus tornozelos, rasgando as meias. Um pé de sapato novo caiu. Agora, a coisa segurava seu pé e puxava-o sobre o banco molhado, na direção da janela. Ian recuperou a voz. Não a *sua* voz, mas um som patético e idiota, muito aquém do terror que sentia. E, de qualquer modo, tarde demais. Suas pernas já estavam fora da janela. Ian olhou pelo vidro traseiro antes de a coisa retirá-lo por completo do carro e, como num sonho, viu o pai no portão, com uma expressão ridícula. Ron estava saltando o portão, correndo para salvá-lo, mas seus movimentos eram lentos demais, ineficientes demais. Desde o começo, Ian sabia que não seria salvo porque, em seus sonhos, havia morrido desse modo centenas de vezes, e o pai nunca chegava a tempo. A boca era maior do que ele havia sonhado, um buraco enorme no qual estava entrando de cabeça. Cheirava como as latas de lixo nos fundos da lanchonete da escola, mil vezes pior. A última coisa que sentiu foi uma terrível náusea, quando a coisa decapitou-o com os dentes.

Ron jamais havia gritado em toda a sua vida. Gritar era coisa de mulher, até aquele momento. Então, ali, de pé, vendo o monstro fechar os maxilares no pescoço de seu filho, o único som apropriado foi um berro.

Cabeça Descarnada ouviu o grito e virou a cabeça para Ron, sem nenhum sinal de medo. Entreolharam-se. O olhar do Rei atravessou Ron como uma lança, pregando-o no chão, gelando-o até a medula. Maggie quebrou o encanto, sua voz um canto fúnebre.

— Oh... por favor... não.

Sacudindo a cabeça, Ron libertou-se do olhar de Cabeça Descarnada e caminhou para o carro, para seu filho. Mas a hesitação dera a Cabeça Descarnada o segundo de vantagem de que, na verdade, ele não precisava, e o monstro já estava longe com a presa entre os dentes, o sangue esguichando por todos os lados. Carregados pela brisa, salpicos do sangue de Ian atingiram o rosto de Ron como uma chuva fina.

Declan, no coro de São Pedro, estava atento ao murmúrio. Ainda estava ali. Cedo ou tarde, ele teria que destruir a fonte daquele som, mesmo que significasse sua morte. O novo mestre ia exigir que o fizesse. Mas fazia parte do ritual, e a ideia da morte não o assustava. Nos últimos dias, havia realizado ambições que acalentava (em segredo, mas bem definidas) há anos.

Olhando para o rosto do monstro, recebendo no corpo todo a sua urina, Declan sentira o prazer mais intenso de sua vida. Se aquela experiência, que antes teria considerado repulsiva, podia ser tão maravilhosa e completa, como seria a morte? Muito mais requintada. E se conseguisse morrer nas mãos de Cabeça Descarnada, naquelas mãos enormes que cheiravam tão mal, não seria o requinte dos requintes?

Ergueu os olhos para o altar e para os restos do fogo apagado pela polícia. Os policiais procuraram-no depois da morte de Coot, mas Declan conhecia uma porção de esconderijos e não o encontraram. Tinham coisa mais importante para fazer. Declan apanhou alguns volumes dos *Cantos de Louvor* e os atirou nas cinzas úmidas. Os candelabros estavam retorcidos, mas ainda inteiros. Não havia nem sinal da cruz. Talvez completamente derretida, talvez recolhida por algum policial. Declan arrancou algumas páginas de um livro de hinos e acendeu um fósforo. Os velhos cânticos pegaram fogo imediatamente.

Ron Milton sentia o gosto há muito esquecido das lágrimas. Há tantos anos não chorava, especialmente na frente de outros homens. Porém, não se importava agora. Aqueles policiais filhos da mãe não eram mesmo humanos. Só ficaram olhando para ele, ouvindo sua história, com expressões aparvalhadas.

— Requisitamos homens de todas as divisões num raio de muitos quilômetros, Sr. Milton — disse o rosto compassivo com olhos compreensivos. — Estão percorrendo as montanhas. Nós apanharemos essa coisa, seja lá o que for.

— Ele levou meu filho, você compreende? Ele o matou na minha frente...

Os homens não pareciam entender o horror de tudo aquilo.

— Estamos fazendo todo o possível.

— Não é o bastante. Essa coisa... não é humana.

Ivanhoe, dos olhos compreensivos, sabia perfeitamente o quanto a coisa não era humana.

—Vão chegar pessoas do Ministério da Defesa. Não podemos fazer muito, antes de verificarem as provas — disse ele. Acrescentou, como uma desculpa: — É o dinheiro público, senhor.

— Seu porra de idiota! O que importa quanto vão gastar para matar essa coisa? Não é humana. Veio diretamente do inferno.

O olhar de Ivanhoe não era mais compassivo.

—Se veio do inferno, senhor—disse ele —, não teria atacado o reverendo com tanta facilidade.

Coot. Esse era o homem. Por que não havia pensado nisso antes? Coot.

Ron nunca fora muito religioso. Mas estava disposto a ver as coisas com a mente aberta e, agora que conhecia a oposição, ou um dos seus membros, estava pronto para modificar suas opiniões. Acreditaria em qualquer coisa que lhe desse uma arma contra aquele demônio.

Precisava falar com Coot.

— E sua mulher? — disse o policial, quando Ron se afastou.

Maggie estava numa das salas, atordoada por sedativos.

Debbie dormia ao lado dela. Não podia fazer nada. Estavam em segurança, ali, tanto quanto era possível.

Precisava falar com Coot, antes que ele morresse.

Ele devia saber as coisas que os reverendos sabem e compreendia o sofrimento melhor do que aqueles macacos. Afinal, a morte de um filho era o centro da religião dele.

Quando entrou no carro, teve a impressão de sentir o cheiro do filho, do garoto que ia continuar seu nome (Ian Ronald Milton era seu nome completo), o menino que era o esperma feito carne, circuncidado como o pai. A criança quieta que havia olhado para ele, de dentro do carro, com expressão tão resignada.

Dessa vez as lágrimas não apareceram. Dessa vez, sentiu apenas uma fúria que era quase maravilhosa.

Eram onze e meia da noite. Num dos campos do sudoeste da fazenda de Nicholson, Cabeça Descarnada descansava banhado de luar. A colheita já fora feita, os tocos deixados começavam a escurecer, e subia da terra um cheiro tantalizante de vegetal apodrecido. Ao lado dele estava seu jantar, Ian Ronald Milton, de costas no chão, com a barriga aberta. Uma vez ou outra o animal apoiava-se no cotovelo e enfiava as mãos naquele corpo de criança que começava a esfriar, procurando um pedaço mais apetitoso.

Ali, sob a lua cheia, banhado de luar, distendendo os membros e comendo carne humana, Cabeça Descarnada sentia-se invencível. Retirou um rim da travessa ao seu lado e o engoliu inteiro.

Delicioso.

Consciente, apesar dos sedativos, Coot sabia que estava morrendo e que seu tempo era precioso demais para entregar-se ao sono. Não sabia o nome do rosto que o interrogava na luz amarelada do quarto, mas havia na voz uma insistência tão delicada que tinha de continuar ouvindo, embora isso perturbasse sua concentração no processo de fazer as pazes com Deus. Além disso, as perguntas interessavam-no também, todas girando em torno do animal que o havia reduzido àquele estado.

— Aquela coisa levou meu filho — disse o homem. — O que sabe sobre o animal? Por favor, diga-me. Vou acreditar em qualquer coisa que me disser. — Agora havia desespero. — Apenas explique...

Deitado no travesseiro quente, pensamentos confusos enchiam a mente de Coot. O batismo de Declan, o abraço da besta, o altar, seus cabelos e sua pele arrepiados. Talvez pudesse dizer alguma coisa para aquele pai.

— ...na igreja...

Ron aproximou-se mais de Coot. O padre já cheirava a terra.

- ...o altar... ele tem medo... o altar...
- Quer dizer a cruz? Ele tem medo da cruz?
- Não... não...
- Não...

O corpo estalou e ficou imóvel. Ron viu a morte no rosto de Coot, a saliva secar nos lábios, as pupilas do olho que havia restado, contraídas. Olhou durante um longo tempo antes de chamar a enfermeira e foi embora.

Havia alguém na igreja. A porta, selada pela polícia, estava entreaberta, o cadeado arrombado. Ron empurrou-a e entrou. A única luz vinha de uma fogueira nos degraus do altar, alimentada por um jovem que Ron tinha visto algumas vezes no vilarejo. O homem ergueu os olhos, sem parar de atirar as páginas do livro no fogo.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou, sem muito interesse.

— Eu vim para... — Ron hesitou. O que podia dizer ao homem? A verdade? Não, alguma coisa estava errada.

— Eu fiz uma pergunta — disse o homem. — O que deseja?

Ron aproximou-se e começou a ver melhor o jovem ao lado do fogo. Sua roupa estava suja de lama, e os olhos, muito fundos, pareciam aspirados pelo cérebro.

— Não tem direito de estar aqui...

— Pensei que qualquer pessoa pudesse entrar na igreja — disse Ron, olhando para as páginas que queimavam rapidamente.

— Não esta noite. Trate de dar o fora.

Ron continuou andando na direção do altar.

— Dê o fora, eu disse!

As caretas e os sorrisos maliciosos eram de um louco.

— Eu vim para ver o altar. Depois de vê-lo, irei embora, não antes.

— Esteve falando com Coot, é isso?

— Coot?

— O que o velho maluco lhe disse? É tudo mentira, não importa o que tenha dito. Ele nunca disse a verdade em toda a sua miserável vida, sabia? Acredite em mim. Ele costumava subir ali —

atirou um livro de preces no púlpito — para dizer uma porção de mentiras!

— Quero ver o altar pessoalmente. Veremos se ele estava mentindo...

— *Não, não vai ver nada!*

O homem atirou outro punhado de livros na fogueira e ficou na frente de Ron. Cheirava não a lama, mas a fezes. Inesperadamente, ele atacou. Seus dedos apertaram o pescoço de Ron, e os dois caíram. Os dedos de Declan procuravam os olhos de Ron, os dentes estavam perto do seu nariz.

Ron ficou surpreso com a fraqueza dos próprios braços. Por que não tinha jogado *squash*, como Maggie sempre aconselhava, por que seus músculos estavam tão lentos? Se não tivesse cuidado, o homem ia matá-lo.

De repente, uma claridade tão intensa como se o dia estivesse nascendo à meia-noite, iluminou a janela do lado oeste, seguida por uma nuvem de gritos. Chamas imensas sobrepujaram a fogueira no altar, tingindo o ar. O vitrô da janela parecia estar dançando.

Por um momento, Declan esqueceu sua vítima, e Ron, aproveitando a pausa, empurrou o queixo do adversário para trás, livrou um joelho e golpeou com força o peito que estava sobre ele. O inimigo foi atirado longe, e Ron atacou. Segurando-o pelos cabelos com uma das mãos, com a outra socou furiosamente o rosto do lunático. Não bastava ver o sangue escorrendo do nariz, nem ouvir o estalo da cartilagem partida. Ron continuou batendo até seu punho sangrar. Só então soltou Declan.

Lá fora, as chamas consumiam Zeal.

Cabeça Descarnada fizera muitas fogueiras antes, muitas e muitas. Mas a gasolina era uma nova arma, e ele estava ainda aprendendo a usá-la. Não precisou de muito tempo. O truque consistia em juntar as caixas com rodas. Isso era fácil. Abrir seus flancos e deixar sair o sangue, um sangue que lhe causava dor de cabeça. As caixas eram presas fáceis, alinhadas na rua como gado no matadouro. Cabeça Descarnada caminhou entre os carros, enlouquecido com a fúria mortal, espalhando o sangue pela rua principal e ateando fogo. Rios de fogo líquido inundavam os jardins,

penetravam sob as portas. Os telhados de palha logo se incendiaram, as casas de madeira arderam. Em poucos minutos, Zeal era uma imensa fogueira.

Na igreja de São Pedro, Ron arrancou a toalha imunda do altar, tentando não pensar em Debbie e em Maggie. A polícia as levaria para um lugar seguro. O que tinha de fazer agora era mais importante.

Sob a toalha, encontrou uma caixa grande, com um entalhe rústico na parte da frente. Ron não olhou para o desenho, tinha coisas mais urgentes para fazer. A besta estava solta lá fora. Ouvia os rugidos de triunfo e estava ansioso, sim, ansioso para enfrentá-la. Para matar ou ser morto. Mas, antes disso, a caixa. Estava coberta de pó, um pó que eriçava os cabelos em sua nuca, que erguia seu pênis numa dolorosa ereção. Sentia todo o corpo arder como num êxtase de amor. Avidamente, encostou as mãos na caixa, e um choque violento subiu por seus braços. Ron recuou, temendo, por um momento, perder a consciência, mas a dor, aos poucos, passou. Ele procurou alguma coisa para tocar a caixa sem encostar as mãos nela.

Desesperado, enrolou na mão um pedaço da toalha do altar e tirou um candelabro da fogueira. O fogo chamuscou o pano, e o calor chegou à sua mão. Ron voltou para o altar e começou a bater na caixa, como um louco. Estava com as mãos dormentes. Se o candelabro em brasa estava queimando suas palmas, Ron não sentia. Afinal, isso não importava agora. Tinha uma arma a poucos centímetros dele. Precisava alcançá-la, usá-la. Sua ereção latejava, seus testículos estavam em fogo.

— Venha para mim — disse ele. — Venha, venha. Venha para mim. Venha para mim — chamando para seus braços aquele tesouro, como se estivesse tentando hipnotizar e levar para a cama uma mulher desejada, exigida por sua ereção.

— Venha, venha para mim.

A madeira da caixa começava a se partir. Ofegante, Ron usou o canto do pé do candelabro como alavanca para retirar os pedaços maiores. O altar era oco, como ele havia imaginado. E estava vazio.

Vazio.

A não ser por um bloco de pedra do tamanho de uma bola de futebol. Seria esse o tesouro? Parecia tão insignificante. Mas o ar que o envolvia estava carregado de eletricidade, e seu sangue, agitado ainda. Enfiou a mão na abertura e apanhou a relíquia.

Lá fora, Cabeça Descarnada cantava vitória.

Sopesando a pedra na mão quase insensível, Ron via imagens sem conta passando por sua mente. Um cadáver com os pés em chama. Um catre incendiando-se. Um cão correndo pela rua como uma bola viva de fogo. Estava tudo do lado de fora, esperando para acontecer.

Contra o perpetrador, Ron tinha aquela pedra.

Havia confiado em Deus, pelo menos pela metade de um dia, e acabara ficando na merda. Era só uma pedra, uma porra de uma *pedra*. Girou a bola entre as mãos, tentando decifrar as marcas e saliências. Devia *significar dirima*, coisa que ele não conseguia entender.

Um barulho na outra extremidade da igreja, um estalo, um grito; além da porta, uma rajada de fogo.

Duas pessoas entraram cambaleantes, acompanhadas pela fumaça e pelas súplicas.

— Ele está incendiando a cidade — disse uma voz que Ron conhecia.

Era aquele policial com expressão benigna que não acreditava no inferno, tentando manter sua convicção, talvez em benefício da sua companheira, a Sra. Blatter do hotel. A camisola da mulher estava rasgada. Os seios nus sacudiam com os soluços. Ela parecia não saber que estava praticamente nua, nem onde estava.

— Cristo, ajude-nos — disse Ivanhoe.

— Não tem porra de Cristo nenhum aqui — souu a voz de Declan.

Ele estava de pé, cambaleando na direção dos intrusos. Ron não via o rosto dele, mas sabia que estava quase irreconhecível. A Sra. Blatter desviou-se dele e correu para o altar. Ela se havia casado bem ali, onde ardia a fogueira de Declan.

Ron não podia desviar os olhos do corpo dela.

A mulher era gorda, tinha os seios pendentes, e a barriga caía sobre os genitais, e Ron pensou que ela jamais devia vê-los. Mas era por eles que seu pênis pulsava, por eles sua cabeça parecia girar...

A imagem dela estava em suas mãos. Por Deus, ali estava ela, o equivalente vivo da pedra que ele segurava. Uma mulher. A pedra era a estátua de uma mulher, uma Vênus mais grosseira do que a Sra. Blatter, com o ventre distendido pela gravidez, seios como montanhas, os genitais, um vale que começava no umbigo e abria-se para o mundo. Durante todo aquele tempo, sob a toalha e a cruz, haviam adorado uma deusa.

Ron afastou-se do altar e começou a correr pela passagem central, empurrando a Sra. Blatter, o policial e o lunático.

— Não vá lá fora — disse Ivanhoe.—A coisa está bem perto.

Ron segurou sua Vênus com força, sentindo-se seguro com ela nas mãos. Atrás dele, o sacristão gritava um aviso para seu Senhor. Sim, era um aviso, sem dúvida.

Ron abriu a porta com um pontapé. O fogo estava em toda parte. Um catre incendiando-se, um cadáver (o encarregado do correio) com os pés em chamas, um cão, como uma bola de fogo, correndo pela rua. E, naturalmente, Cabeça Descarnada, em silhueta, contra o cenário de chamas. Ele olhava em volta, talvez ouvindo o aviso gritado do sacristão, mas, provavelmente, pensou Ron, por saber, sem que ninguém dissesse, que a mulher fora encontrada.

— Aqui! — berrou Ron. — Estou aqui! Estou aqui!

Cabeça Descarnada caminhou para ele com o passo firme do vencedor prestes a conquistar a vitória final e absoluta. A certeza de Ron fraquejou. Por que o monstro caminhava para ele com tanta segurança, aparentemente não se importando com a arma que tinha nas mãos?

Por acaso não a teria visto, não teria escutado o aviso?

Anão ser que...

Oh, meu Deus.

A não ser que Coot estivesse errado. E aquilo não passasse de uma pedra, um pedaço de pedra inútil e sem nenhum significado.

Então, duas mãos agarraram seu pescoço.

O lunático.

A voz rouca cuspiu em seu ouvido: "Seu porra".

Ron viu Cabeça Descarnada aproximando-se, ouviu o lunático berrar.

— Aqui está ele. Segure. Mate-o. Aqui está ele.

De repente, as mãos soltaram seu pescoço, e Ron, virando a cabeça, viu que Ivanhoe arrastava o louco de volta para a igreja.

— Ele está aqui! Aqui!

Ron olhou para Cabeça Descarnada. A besta estava quase em cima dele e, muito tarde, ergueu a mão com a pedra. Mas não era Ron que o animal queria, era Declan, que ele farejava e ouvia. Ivanhoe soltou Declan no momento em que as mãos enormes passaram por Ron, estendidas para o louco. O que se seguiu foi uma cena incrivelmente pavorosa. Ron não teve coragem de ver aquelas mãos destroçarem o corpo de Declan, mas ouviu as súplicas que se transformaram num urro de dor e de descrença. Quando olhou, não havia nada parecido com um corpo humano no chão ou na parede...

.. .E, agora, Cabeça Descarnada caminhava para ele para fazer o mesmo, ou talvez pior. A cabeça enorme voltou-se para Ron, com a boca escancarada. Ron viu os efeitos do fogo no monstro. Entusiasmado com a destruição, Cabeça Descarnada não havia protegido o rosto nem o peito. Os pelos estavam chamuscados, a antes vasta cabeleira, completamente queimada, a carne no lado esquerdo do rosto, enegrecida e cheia de bolhas. Os olhos, também atingidos pelo fogo, nadavam num lamaçal de muco e lágrimas. Por isso, ele havia seguido o som da voz de Declan, passando diretamente por Ron. O animal estava quase cego.

Mas ele precisa enxergar agora. Precisa.

— Aqui... aqui — disse Ron. — Estou aqui!

Cabeça Descarnada ouviu e voltou-se para ele, tentando ver, tentando focalizar os olhos.

— Aqui! Estou aqui!

O monstro soltou um rugido rouco. Era demais a dor da queimadura. Queria sair dali, voltar para a floresta fresca banhada de luar.

Os olhos quase cegos viram a pedra que o *homo sapiens* acalentava como se fosse uma criança. Cabeça Descarnada não estava enxergando bem, mas ele sabia. Aquela imagem machucava sua mente. Ela o desafiava, provocava-o.

Não passava de um símbolo, é claro, um símbolo do poder, não o próprio poder, mas sua mente não podia fazer a distinção. Para Cabeça Descarnada a pedra era a coisa que ele mais temia. A mulher menstruada, com aquela abertura escancarada, comendo a semente e cuspidos filhos. Aquela abertura, aquela mulher era a vida, a fecundidade eterna. Ela o aterrorizava.

Cabeça Descarnada recuou, com as fezes escorrendo pelas pernas. O medo no rosto da besta dava forças a Ron. Aproveitou a vantagem e avançou para o animal, percebendo vagamente que Ivanhoe reunia alguns aliados atrás dele, homens armados que via com os cantos dos olhos, ansiosos para derrubar o incendiário.

Agora, Ron sentiu que suas forças começavam a falhar. A pedra erguida acima da cabeça, para que Cabeça Descarnada pudesse vê-la, parecia cada vez mais pesada.

— Vão em frente — disse ele para o grupo cada vez maior de zealotes. — Vão, peguem o monstro. Peguem...

Começaram a fechar o cerco, antes mesmo de Ron acabar de falar.

Cabeça Descarnada mais sentiu o cheiro dos homens do que os viu. Seus olhos feridos estavam fixos na mulher.

Arreganhou os dentes, preparando-se para o ataque. Estava rodeado pelo cheiro de humanidade.

Por um momento, o pânico superou a superstição, e ele avançou para Ron, enfrentando a pedra. O ataque apanhou Ron de surpresa. As garras enfiaram-se na sua cabeça, e o sangue escorreu pelo rosto.

Então, os homens fecharam mais o cerco. Mãos humanas, fracas, brancas mãos humanas agarraram o corpo de Cabeça Descarnada. Punhos cerrados batiam nas suas costas, unhas arranhavam sua pele.

Ele largou Ron quando uma faca cortou os tendões das suas duas pernas. O grito de dor do monstro parecia querer derrubar o

céu. Nos olhos queimados, as estrelas escorregaram quando ele caiu de costas no chão, quebrando a espinha.

Imediatamente, a multidão o dominou pelo puro peso do número. Cabeça Descarnada quebrou um dedo aqui, arranhou um rosto ali, mas agora eles não iriam mais parar. Aquele ódio era muito antigo. Estava nos ossos do povo, sem que soubessem.

Cabeça Descarnada resistiu o quanto pôde, mas sabia que a morte era certa. Dessa vez não haveria ressurreição, não haveria a espera debaixo da terra até que os descendentes daquele povo o esquecessem. Seria destruído completamente, era o nada.

Pensando nisso, aquietou-se e forçou os olhos para ver o pequeno pai ao seu lado. Seus olhos se encontraram, como se tinham encontrado na estrada quando ele apanhou o garoto. Mas, agora, o olhar de Cabeça Descarnada não tinha força nenhuma. Seu rosto estava vazio e estéril como a lua, vencido muito antes de Ron atirar a pedra com força entre seus olhos. O crânio pouco resistente afundou, e uma porção do cérebro espirrou na rua.

O Rei apagou. Tudo acabado de repente, sem cerimônia nem comemoração. Apagado para sempre. Sem nenhum grito de vitória.

Ron deixou a pedra encravada no rosto da besta, levantou-se atordoado e levou a mão à cabeça. O couro cabeludo estava solto, e ele tocou o osso do crânio. O sangue continuava a correr. Mas, agora, braços o amparavam, e não precisava ter medo de dormir.

Ninguém notou, mas, no corpo morto de Cabeça Descarnada, a bexiga começou a esvaziar-se. Um riacho de urina correu pela rua. No ar frio, o líquido quente soltava um leve vapor, e o nariz de espuma farejava à procura de um bueiro. Encontrou a sarjeta e correu por ela até uma rachadura no asfalto. Então penetrou na terra amiga.

CONFESSÕES DA MORTALHA (DE UM PORNÓGRAFO)

Ele fora carne antes. Carne, ossos e ambição. Há muito tempo, há séculos, parecia; e a lembrança daquele estado bendito começava a se apagar.

Alguns traços de sua antiga vida permaneciam. O tempo e a exaustão não poderiam tirar tudo dele. Via ainda, com clareza e dor, os rostos daqueles que havia amado e odiado. Olhavam para ele, do passado, claros e luminosos. Via ainda as doces expressões dos filhos, quando lhe desejavam boa-noite. E o mesmo olhar, menos doce, mas também de despedida, nos olhos dos brutos que ele havia assassinado.

Algumas lembranças davam vontade de chorar, mas não havia mais lágrimas em seus olhos ressequidos. Além disso, era tarde demais para arrependimento. Arrependimento era um luxo dos vivos que ainda tinham tempo, ânimo e energia para fazer coisas.

Ele estava além de tudo isso. Ele, o pequeno Ronnie da mamãe, (se ela pudesse vê-lo agora!), estava morto há quase três semanas. Tarde demais para remorsos.

Fizera o possível para corrigir os próprios erros. Usara tudo que tinha e mais ainda, roubando a si mesmo um tempo precioso para consertar os cantos esgarçados de sua existência. O pequeno Ronnie da mamãe sempre fora limpo, um modelo de ordem. Esse foi um dos motivos que o levaram a gostar de contabilidade. A procura de uns poucos centavos perdidos no meio de centenas de números era um jogo esplêndido. E como era gratificante, no fim do dia, fazer o balanço dos livros. Infelizmente, a vida não podia ser tratada com essa perfeição, como compreendia agora, tarde demais.

Mesmo assim, tinha feito o melhor possível, e isso, como mamãe costumava dizer, era o máximo que se podia exigir. Não podia fazer outra coisa senão confessar e, tendo confessado, enfrentar o julgamento, contrito e de mãos vazias. Sentado na cadeira do confessionário de Santa Maria Madalena, preocupava-o a ideia de que seu corpo usurpado não lhe desse tempo para livrar-se do peso de todos os pecados que dormiam em seu coração de linho. Concentrara-se, tentando manter alma e corpo unidos naqueles últimos e cruciais poucos minutos.

Padre Rooney logo iria chegar. No outro lado da tela rendada do confessionário, ofereceria palavras de consolo, de compreensão, de perdão. Depois, nos últimos minutos de sua existência roubada, Ronnie Glass contaria sua história.

Começaria negando a mancha mais terrível lançada sobre seu caráter, a acusação de pornografia.

Pornógrafo.

Uma ideia absurda. Não havia nenhuma pornografia nele. Qualquer pessoa que o tivesse conhecido durante seus trinta e dois anos de vida poderia garantir isso. Cristo, ele nem mesmo gostava muito de sexo. Essa era a grande ironia. Entre todos que pudessem acusar de comerciar o sexo, ele era o menos indicado. Quando todos à sua volta pareciam desfilarem com orgulho seus adultérios, ele levava uma vida sem nenhum pecado. Ávida proibida do corpo, como os acidentes de carro, só acontecia aos outros, nunca a ele. O sexo era apenas uma volta na montanha-russa que ele se permitia uma vez por ano. Duas vezes seria intolerável, três vezes, repulsivo. Não era surpresa, portanto, o fato de, após estar casado durante nove anos com uma boa moça católica, aquele bom moço católico só haver gerado dois filhos.

Contudo, era um homem amoroso a seu modo, sem desejo sexual, e sua mulher, Bernadette, compartilhava a sua indiferença nesse particular, de modo que o pouco entusiasmo do seu órgão jamais constituiu problema para os dois. E os filhos eram maravilhosos. Samantha crescia como um modelo de boa educação e ordem, e Imogen (embora apenas com dois anos) tinha o sorriso da mãe.

De um modo geral, a vida era boa. A casa sem conjugada, nos subúrbios do sul de Londres, estava quase paga. Tinha um pequeno jardim, do qual ele tratava aos domingos, como sua alma. Até onde podia ver, tinha sido uma vida exemplar, sem complicações e sem sujeira.

Teria continuado assim se não tivesse tido o verme da ambição em sua natureza. A ambição foi sua ruína.

Se não fosse ambicioso não teria nem pensado no emprego oferecido por Maguire. Teria confiado no próprio instinto, examinado o escritório pequeno e cheio de fumaça em cima da pastelaria húngara, no Soho, e teria tirado o corpo fora. Mas a vontade de ganhar mais dinheiro impediu-o de ver a verdade— estava usando toda a sua habilidade de contador para emprestar um ar de credibilidade ao negócio que, de longe, fedia a corrupção. É claro que, no íntimo, ele sabia disso. Sabia que, embora Maguire estivesse sempre falando em Rearmamento Moral, no amor que tinha pelos filhos, na sua obsessão pela fina arte do Bonsai, o homem era um verme. Da pior espécie. Mas Ronnie preferiu ignorar tudo isso, contentando-se com o emprego que lhe ofereciam: tomar conta da contabilidade. Maguire era generoso, o que facilitava sua pretensa cegueira. Ronnie começou até a gostar do homem e de seus sócios. Estava acostumado a ver o corpo enorme de Dennis "Dork" Luzzati como um doce cheio de creme sempre a caminho da boca. Acostumou-se também com o pequeno Henry B. Henry, o três-dedos, com seus truques com cartas e sua conversa, diferente a cada dia. As conversas deles nada tinham de sofisticadas e, certamente, não seriam bem recebidos no Tênis Clube, embora parecessem bastante inofensivos.

Por isso foi um choque, um choque terrível, quando, finalmente, Ronnie ergueu o véu e viu Dork, Henry e Maguire como os animais imundos que realmente eram.

A revelação foi acidental.

Certa noite, depois de trabalhar até tarde na declaração de imposto de renda, Ronnie tomou um táxi para o armazém, a fim de entregar o formulário pessoalmente a Maguire. Era a primeira vez que iria ao armazém, embora os três frequentemente o

mencionassem. Era onde Maguire guardava seu estoque de livros. A maior parte livros europeus de receitas culinárias, haviam dito a Ronnie. Naquela noite, a última de sua vida limpa, ele mergulhou diretamente na verdade em toda a sua glória colorida.

Maguire estava lá, numa das salas simples com paredes de tijolos, sentado no meio de fardos e caixas. A luz de uma lâmpada nua desenhava um halo na cabeça quase calva, pintando-a de rosa brilhante. Dork estava concentrado num doce com creme. Henry B. jogava paciência. Ao lado dos três, Ronnie viu pilhas de revistas com capas cintilantes, virginais, de certo modo vivas.

Maguire ergueu os olhos dos cálculos que fazia.

— Glassy — disse ele. Sempre usava esse apelido.

Ronnie examinou a sala, adivinhando, mesmo de longe, o que eram aqueles tesouros empilhados.

— Entre — disse Henry B. — Pronto para se divertir um pouco?

— Não fique tão sério — disse Maguire. — Isto é apenas mercadoria.

Uma espécie de horror levou Ronnie até a pilha de revistas. Abriu à primeira.

Clímax Erótico, dizia a capa, *Pornografia em Cores para o Adulto Exigente*. Texto em inglês, alemão e francês. Sem poder conter-se, Ronnie folheou a revista embaraçado e ruborizado, sem ouvir as piadas e provocações de Maguire.

As páginas estavam repletas de uma abundância horrível de imagens obscenas. Ronnie nunca vira nada parecido. Todas as formas possíveis do ato sexual entre adultos (algumas delas, só um acrobata dopado consentiria em executar) estavam descritas com detalhes gloriosos. Homens e mulheres sorriam para Ronnie com olhos vitrificadas, emergindo da imundície do sexo sem nenhuma vergonha ou expressão de desculpa nos rostos inchados de desejo. Cada fenda, cada abertura, cada marca de seus corpos estava exposta naquela mais que nudez. Aquele excesso de prazer e esforço parecia derreter o estômago de Ronnie.

Fechou a revista e olhou para outra pilha. Rostos diferentes, as mesmas trepadas furiosas. Todas as depravações estavam representadas e explicadas. Os títulos eram testemunhas dos

prazeres que havia dentro das revistas. *Mulheres Acorrentadas*, dizia uma, *Escravizada pela Borracha*, prometia outra. *Amante Labrador*, anunciava a terceira, com imagens claras, até o último focinho úmido.

Lentamente, a voz rouca de fumante de Maguire penetrou no cérebro atordoado de Ronnie. As palavras eram de adulação e, ao mesmo tempo, de zombaria por sua ingenuidade.

— Cedo ou tarde você teria de saber — disse ele. — Acho que é bem melhor que seja cedo, certo? Não há nenhum mal nisso. Só um pouco de divertimento.

Ronnie sacudiu a cabeça, tentando expulsar as imagens que pareciam plantadas atrás de seus olhos. Começavam a se multiplicar, invadindo um território até então inocente de tais possibilidades. Na sua imaginação, os labradores corriam vestidos de couro, bebendo nos corpos de prostitutas acorrentadas. Era assustador aquele desfile de imagens, cada página uma nova abominação. Ronnie sentiu que ia sufocar se não fizesse alguma coisa.

— Horrível. — Foi tudo que conseguiu dizer. — Horrível. Horrível. Horrível!

Deu um pontapé na pilha de *Mulheres Acorrentadas*, e as figuras repetidas das capas espalharam-se pelo chão.

— Não faça isso — disse Maguire em voz baixa.

— Horrível! — repetiu Ronnie. — Todas são horríveis.

— Há um ótimo mercado para elas.

— Não para mim! — disse Ronnie, como se Maguire estivesse sugerindo que ele possuía algum interesse especial nas revistas.

— Muito bem, então você não gosta. Ele não gosta das revistas, Dork.

Dork limpava creme dos dedos curtos, com um lenço delicado.

— Por que não?

— Sujas demais para ele.

— Horríveis! — disse Ronnie.

— Bem, você está nisso até o pescoço, meu filho — disse Maguire. Era a voz do demônio, não era? Sem dúvida, a voz do demônio. — Portanto, é melhor sorrir e aguentar.

Dork deu uma gargalhada.

— Sorrir e aguentar. Gostei, Mick, gostei.

Ronnie olhou para Maguire. O homem tinha quarenta e cinco, talvez cinquenta anos, mas a expressão preocupada e sombria fazia-o parecer mais velho. Todo o encanto amável desapareceu, e o que Ronnie via era um rosto menos que humano. O suor que o cobria, a sombra da barba, os lábios franzidos lembravam a Ronnie um dos traseiros que tinha visto nas revistas.

— Nós todos somos vilões — dizia o traseiro — e não temos nada a perder se formos apanhados outra vez.

— Nada — disse Dork.

— Ao passo que você, meu filho, é um profissional completamente limpo. Na minha opinião, se abrir a boca para denunciar este negócio sujo, sem dúvida, perderia sua reputação de contador honesto. Na verdade, é possível que nunca mais arranje emprego algum. Entende o que estou dizendo?

Ronnie sentiu vontade de bater em Maguire e foi o que fez, violentamente. Com um estalo gratificante, seu punho atingiu os dentes de Maguire, e o sangue escorreu de sua boca. Era a primeira vez que Ronnie lutava, desde seus dias de escola, e demorou demais para se defender do revide. O murro de Maguire atirou-o sangrando no meio das *Mulheres Acorrentadas*. Antes que tivesse tempo de se levantar, um chute de Dork quebrou seu nariz. Dork levantou-o, enquanto Ronnie piscava para tirar o sangue dos olhos, e segurou-o para servir de alvo a Maguire. A mão cheia de anéis fechou-se, e, nos cinco minutos seguintes, Maguire fez de Ronnie um saco de areia, começando abaixo da cintura e subindo aos poucos.

A dor parecia estranhamente consoladora, uma cura para o espírito pecador, melhor do que trezentas Ave-Marias. Quando o castigo terminou e Dork o largou, completamente massacrado, no escuro, Ronnie não sentia mais nenhuma raiva, apenas necessidade de terminar o trabalho começado por Maguire.

Naquela noite, Ronnie explicou a Bernadette que fora assaltado na rua. Sentiu-se mal com a mentira, especialmente por causa dos cuidados e da solicitude da mulher, mas não podia fazer outra coisa. Passou duas noites sem dormir, na cama, ao lado da

mulher confiante, tentando decifrar os próprios sentimentos. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, tudo seria do conhecimento público. Sem dúvida, a melhor coisa seria procurar a polícia e contar a verdade. Mas isso exigia coragem, e ele jamais se sentira mais acovardado. Assim, manteve a mentira durante as noites de quinta e sexta-feira, esperando que as contusões ficassem amareladas e que a poeira assentasse.

Então, no domingo, a merda atingiu o ventilador.

O pasquim mais ordinário trazia sua fotografia na primeira página com a manchete "O Império do Sexo de Ronald Glass". Nas outras páginas apareciam fotografias de situações inocentes interpretadas com malícia. Glass, com cara de quem estava sendo perseguido. Glass, numa atitude suspeita. A barba muito cerrada fazia-o parecer mal barbeado, o cabelo curto sugeria a moda da prisão adotada pela fraternidade dos criminosos. Por ser míope, estava sempre com os olhos semicerrados, como um rato libidinoso.

Parado perto da banca de jornais, Ronnie olhava para a imagem repetida do próprio rosto e teve certeza de que seu Armagedom estava próximo. Trêmulo, leu as terríveis mentiras do jornal.

Alguém, não identificado, havia contado toda a história. A pornografia, os bordéis, as lojas de sexo, os cinemas. O mundo secreto da imundície, dirigido por Maguire, estava descrito com seus mais sórdidos detalhes. Mas o nome de Maguire não aparecia. Nem o de Dork ou o de Henry. Era Glass, só Glass. Sua culpa era transparente. A armadilha era perfeita. Um corruptor de crianças, dizia o jornal, o Meninozinho Azul que se tornara gordo e libidinoso.

Era tarde demais para negar. Quando Ronnie chegou em casa, Bernadette já havia partido com as crianças. Alguém havia contado tudo, provavelmente babando no telefone com o puro prazer de toda aquela sujeira.

No cozinha, ao lado da mesa posta para o café da família que jamais seria tomado, Ronnie chorou. Não muito. Seu suprimento de lágrimas era bastante limitado, mas o suficiente para cumprir o dever do momento. Terminando a demonstração de remorso,

Ronnie sentou-se e, como qualquer homem decente que foi enganado, planejou o crime.

De certo modo, adquirir o revólver era a parte mais difícil. Exigia um bom plano, palavras convincentes e muito dinheiro vivo. Levou um dia e meio para encontrar a arma que queria e para aprender a usá-la.

Então, sem pressa, entrou em ação.

Henry B. morreu primeiro. Ronnie matou-o na cozinha forrada de pinho, perto da parte alta de Inslington. Estava com uma xícara de café na mão de três dedos e uma expressão de terror quase comovente. O primeiro tiro atingiu-o no lado do corpo, e um filete de sangue saiu pelo rasgão da camisa. Muito menos do que Ronnie se tinha preparado para ver. Mais confiante, atirou outra vez. O segundo tiro acertou o pescoço de Henry e, aparentemente, o matou. Henry B. caiu para a frente como o comediante de um filme silencioso, só soltando a xícara de café quando chegou ao chão. A xícara rolou naquela mistura de café e vida, e, finalmente, ficou imóvel.

Ronnie aproximou-se e atirou diretamente na nuca de Henry B. um tiro quase casual, rápido e certeiro. Então, escapou facilmente pelo portão dos fundos, quase exultante com a facilidade do ato. Sentia-se como se tivesse encurralado e matado um rato no porão. Uma tarefa desagradável que precisava ser feita.

A sensação durou poucos minutos. Então, Ronnie vomitou longamente.

De qualquer modo, lá estava Henry. Incapaz de fazer qualquer truque.

A morte de Dork foi mais sensacional. Seu tempo terminou nas corridas de cães. Na verdade, estava mostrando a Ronnie o que havia ganho quando sentiu a longa lâmina entre a quarta e a quinta costelas. Mas podia acreditar que estava sendo assassinado. Sua expressão era de completo e incrédulo espanto. Olhava de um lado para o outro, para os apostadores que o rodeavam, como se esperasse que comesçassem a rir, dizendo que tudo não passava de uma brincadeira de mau gosto, um ensaio para sua festa de aniversário.

Então, Ronnie girou a faca no ferimento (havia lido que isso matava na certa), e Dork entendeu que, ganhando ou não nas corridas, aquele não era seu dia de sorte.

O corpo pesado foi arrastado por uns dez metros, no meio da multidão, até ficar preso na ponta da borboleta. Só então alguém sentiu o calor do sangue que saía do seu corpo e gritou.

A essa hora, Ronnie já estava longe.

Satisfeito, sentindo-se cada vez mais limpo, voltou para casa. Bernadette havia estado lá, para apanhar roupas e objetos de estimação. Ronnie queria dizer: "Pode levar tudo, não significa nada para mim", mas ela havia chegado e saído antes de ele chegar, como um fantasma. Na cozinha, a mesa ainda estava posta para o café de domingo, os flocos de milho cheios de pó nas tigelas das crianças, o cheiro de manteiga rançosa espalhando-se no ar. Ronnie passou ali o fim da tarde, o começo da noite, as primeiras horas do outro dia, saboreando o poder recém-adquirido sobre a vida e a morte. Então, deitou-se sem tirar a roupa, não mais se importando com a limpeza, e dormiu o sono dos quase justos.

É claro que Maguire adivinhou logo quem havia dado cabo de Dork e Henry B., embora fosse difícil aceitar, a ideia daquele verme arranjando coragem para tanto. Muitos homens do submundo do crime conheciam Ronald Glass e se haviam divertido com a peça que Maguire estava pregando no inocente. Mas ninguém acreditava que ele fosse capaz daquele extremo para se vingar. Os mais depravados admiravam sua determinação; outros, entre eles Maguire, achavam que tinha ido longe demais para ser aceito de volta ao rebanho, como a ovelha desgarrada. A opinião geral era de que ele devia ser eliminado antes de provocar mais avarias no equilíbrio do poder.

Desse modo, os dias de Ronnie estavam contados. Podiam ser contados nos três dedos da mão de Henry B.

Eles chegaram numa tarde de sábado e o dominaram rapidamente, antes que Ronnie tivesse tempo de usar uma arma. Levaram-no a um armazém de frios e, na gelada e branca segurança do frigorífico, penduraram-no em um gancho e o torturaram. Todos que nutriam alguma afeição por Dork ou Henry B. tiveram

oportunidade de exercer sua vingança. Com facas, martelos e tochas de acetileno. Esmagaram seus joelhos e seus cotovelos. Rasgaram seus tímpanos, queimaram a pele da sola dos seus pés.

Finalmente, mais ou menos às onze horas, começaram a perder o interesse. Os clubes estavam animados, as mesas de jogo apinhadas. Era hora de terminar o ato de justiça e ir para a cidade.

Foi quando Micky Maguire chegou, vestido a rigor. Ronnie sabia que ele estava ali, mas, com seus sentidos quase apagados, mal percebeu a arma ao lado de sua cabeça, pouco ouviu o eco do tiro na sala de azulejos brancos.

Uma única bala, um tiro caprichado, penetrou no seu cérebro através da testa. Tão limpo quanto se podia desejar, como um terceiro olho.

O corpo contorceu-se no gancho por um momento e morreu.

Maguire recebeu os aplausos como um homem, beijou as senhoras, agradeceu aos amigos que se haviam encarregado do trabalho para ele e foi divertir-se. O corpo foi colocado num saco plástico negro e deixado na metade da floresta de Epping, na manhã de domingo, quando os pássaros acordavam nas árvores. Para todos os efeitos, esse seria o fim da história. Acontece que foi o começo.

O corpo de Ronnie foi encontrado por um corredor, antes das sete da manhã de segunda-feira, já em estado de deterioração.

Mas o médico legista já vira coisa pior. Esperou tranquilamente que os técnicos despissem o corpo e colocassem as peças de roupa em sacos plásticos etiquetados. Com a mesma calma, esperou que a mulher do morto fosse conduzida aos seus domínios ecoantes, muito pálida, os olhos inchados de tanto chorar. Ela olhou para o marido sem amor, examinando quase friamente as marcas de tortura e os ferimentos. O médico legista imaginou uma longa história sobre aquele confronto entre o Rei do Sexo e a mulher fria. O casamento sem amor, as discussões sobre o modo de vida desprezível do marido, o desespero da mulher, a brutalidade do homem e, agora, o alívio de saber que o tormento havia acabado e que podia começar vida nova sem ele. O médico resolveu informar-se sobre o endereço da viúva. Aquela deliciosa indiferença à mutilação enchia de água a boca do legista.

Ronnie sabia que Bernadette estivera ali e já tinha partido. Percebia também a presença das pessoas que entravam só para ver o Rei do Sexo. Era objeto de fascinação, mesmo na morte, e era um horror jamais previsto, um zumbido que soava nos meandros frios de seu cérebro, como um inquilino que recusa obedecer à ordem de despejo, ver o mundo, ainda em volta dele, sem poder tomar parte no movimento.

Desde o dia de sua morte parecia não haver nenhum modo de escapar dessa condição. Ali preso no próprio crânio morto, sem poder sair para o mundo dos vivos e, de certo modo, negando-se a se entregar ao mundo dos mortos. A vingança não estava completa. Uma parte de sua mente, implacável, resolveu adiar o paraíso para terminar o trabalho começado. A contabilidade precisava ser feita, e, enquanto Michael Maguire estivesse vivo, Ronnie não poderia começar sua expiação.

Dentro da prisão redonda, de osso, ele via os curiosos que iam e vinham, e reforçava sua vontade.

O legista fez a autópsia no corpo de Ronnie com todo o respeito de um eficiente limpador de peixe, descuidadamente extraindo a bala da cabeça e remexendo na mistura de ossos esmigalhados e de cartilagem que eram seus joelhos e cotovelos. Ronnie não gostou do homem. Ele tinha olhado para Bernadette com uma expressão de cobiça pouco profissional, e agora, no papel de profissional, seu pouco-caso era positivamente vergonhoso. Oh, o que não daria para ter voz, para ter um punho, um corpo que pudesse usar durante algum tempo. Mostraria a esse mercador de carne como se deve tratar um cadáver. Mas só a vontade não bastava, precisava de alguma coisa sólida, um meio de fuga.

O legista terminou o relatório e a sutura malfeita, atirou as luvas sujas e os instrumentos manchados na mesinha com rodas, ao lado das compressas e do álcool, e deixou o corpo com os assistentes.

Ronnie ouviu as portas de vaivém fechando-se quando ele saiu. Água corria em algum lugar, caindo com barulho na pia. Este barulho irritava-o.

Os dois técnicos, ao lado da mesa, falavam sobre sapatos. Imagine, sapatos! A banalidade de tudo aquilo, pensou Ronnie, a banalidade do valor da vida!

— Sabe, estas solas novas, Lenny? Que mandei colocar nos meus sapatos de suede marrom? Inúteis. Não valem nada.

— Isso não me surpreende.

— E o preço que paguei por elas. Veja, veja só. Completamente gastas com um mês de uso.

— Finas como papel.

— Isso mesmo, Lenny, finas como papel. Vou devolvê-los.

— Exatamente o que eu faria.

— Vou mesmo.

Aquela conversa vazia, depois das horas de tortura, da morte súbita, da autópsia, era quase insuportável. O espírito de Ronnie começou a zumbir dentro do cérebro como uma abelha furiosa presa num copo, procurando libertar-se, começando a usar seu ferrão...

Zumbia e girava — como aquela conversa.

— Finas como um maldito papel.

— Não me surpreende.

— Maldita coisa estrangeira. Essas solas. Feitas na porra da Coreia.

— Coreia?

— Por isso são finas como papel.

Era imperdoável a crassa estupidez daquela gente. Parecia incrível que pudessem viver, agir e *ser*, enquanto ele zumbia sem parar, fervendo de frustração. Não era justo.

— Tiro perfeito, hein??

— O quê?

— O presunto. O cara, como se chama, Rei do Sexo. Bum, bem no meio da testa. Está vendo? Perfeito.

Ao que parecia, o outro estava ainda preocupado com suas solas finas como papel e não respondeu. Lenny, curioso, ergueu a mortalha que cobria a cabeça de Ronnie. Os cortes estavam descuidadamente suturados, mas o orifício da bala ainda intacto.

— Veja isto.

O outro olhou para o rosto do morto. O ferimento na cabeça fora limpo depois do trabalho das pinças. As bordas estavam brancas e enrugadas.

— Pensei que eles sempre atirassem no coração — disse o homem das solas.

— Não foi uma briga de rua. Foi uma execução, uma coisa formal — disse Lenny, enfiando o dedo mínimo no ferimento. — Um tiro perfeito. Bem no meio da testa. Um terceiro olho.

— É...

Cobriu outra vez o rosto de Ronnie com a mortalha. A abelha continuou a zumbir dentro da caixa de osso.

— Já ouviu falar em terceiro olho, não ouviu?

— E você?

— Stella leu alguma coisa para mim a respeito de serem o centro do corpo.

— Isso é o umbigo. Como é que a testa pode ser o centro do corpo?

— Bem...

— É o umbigo.

— Não, é assim como o centro espiritual.

O outro não se dignou a responder.

— Bem no lugar deste buraco de bala — disse Lenny, absorto ainda na admiração do assassino de Ronnie.

A abelha escutava. O buraco de bala era apenas mais um dos muitos de sua vida. Buracos onde deviam estar sua mulher e seus filhos. Buracos piscando para ele como olhos cegos das páginas das revistas, rosados e marrons, e com pelos. Buracos à sua direita, à esquerda...

Teria descoberto, afinal, um buraco que podia ser útil? Por que não sair por aquele ferimento?

O espírito encheu-se de coragem e dirigiu-se para a testa, arrastando-se pelo córtex, num misto de nervosismo e excitação. Lá na frente sentia a luz como no fim de um longo túnel. Além da abertura, o tecido grosso da mortalha cintilava como a terra prometida. Sua noção de direção era boa, e as luzes ficavam mais fortes à medida que avançava, as vozes mais altas. Discretamente, o

espírito de Ronnie saiu para o mundo, uma minúscula destilação da alma. As gotículas do fluido que transportava sua vontade e sua consciência foram absorvidas pela mortalha como lágrimas em lenços de papel.

Seu corpo de carne e ossos estava completamente vazio agora. Uma massa gelada que só servia para ser cremada.

Ronnie Glass existia num novo mundo, um mundo de pano branco, num estado em que jamais tinha vivido, com o qual jamais havia sonhado.

Ronnie Glass era a própria mortalha.

Se o legista não fosse um homem esquecido, não teria voltado à sala de autópsia naquele momento, à procura do diário onde havia anotado o telefone da viúva Glass, e, se ele não tivesse entrado, não teria morrido. Mas entrou...

— Ainda, não começaram a trabalhar neste aqui? — perguntou asperamente aos técnicos.

Murmuraram uma desculpa qualquer. O médico sempre era rabugento àquela hora da noite, e eles já estavam acostumados.

— Comecem logo — disse ele, descobrindo o corpo e jogando a mortalha no chão —, antes que o cara resolva ir embora. Não queremos que nosso hotelzinho tenha má reputação, queremos?

— Sim, senhor, quero dizer, não senhor.

— Muito bem, não fiquem aí parados. Façam o pacote. Uma viúva está esperando para despachar o corpo o mais depressa possível. Já vi tudo que tinha para ver nele.

Amontoado no chão, Ronnie lentamente estendia sua influência por aquela terra desconhecida. Era bom ter um corpo, mesmo que fosse esterilizado e retangular. Com uma força de vontade que nunca imaginou possuir, Ronnie assumiu completo controle da mortalha.

A princípio, o tecido recusou a vida. Sempre fora passivo, era sua condição natural. Não estava acostumado a ser o recipiente de espíritos. Mas Ronnie não ia deixar que o derrotassem agora. Sua vontade era um imperativo. Contra todas as regras do comportamento natural, o quadrado de pano se esticou e tomou a forma de uma coisa viva.

A mortalha ergueu-se.

O médico legista havia encontrado o livrinho negro e ia guardá-lo no bolso quando a cortina branca estendeu-se na frente dele, espreguiçando-se como um homem que desperta de um longo sono.

Ronnie tentou falar, mas a única voz que encontrou foi o farfalhar do pano, leve demais, sem substância, impossível de ser ouvida acima das exclamações dos homens assustados. Estavam apavorados. O médico legista pediu socorro, mas ninguém o atendeu. Lenny e o companheiro esgueiraram-se para a porta de vaivém, murmurando súplicas a qualquer deus local disposto a ouvi-los.

O legista recuou, encostando-se na mesa de autópsia, abandonado pelos deuses.

— Desapareça da minha frente — disse ele.

Ronnie abraçou-o com força.

— Socorro — disse o legista, quase para si mesmo.

Mas o socorro estava longe, correndo pelo corredor, murmurando preces, afastando-se o mais possível do milagre que acontecia na sala de autópsia. O médico legista estava sozinho, envolto no abraço engomado, murmurando desculpas encontradas, afinal, sob seu orgulho.

— Desculpe, seja você quem for. Seja o que for. Desculpe.

Mas a fúria de Ronnie não tinha paciência com convertidos de última hora, não havia nele perdão nem adiamentos da sentença. O filho da mãe com olhos de peixe, o filho do bisturi, havia cortado e examinado seu velho corpo como se fosse carne de açougue. Lembrando a frieza com que aquele homem havia contemplado a vida, a morte e Bernadette, Ronnie sentia uma fúria assassina. O filho da mãe ia morrer ali, ao lado dos seus restos, pondo um fim à sua profissão insensível.

Os cantos da mortalha formavam agora braços toscos, modelados pela lembrança de Ronnie. Parecia natural recriar sua aparência naquele novo invólucro. Primeiro fez mãos, depois dedos, até um polegar grosseiro. Um mórbido Adão erguendo-se de um pano de linho.

Mal acabaram de se formar e as mãos já apertavam o pescoço do homem. Ainda sem o sentido do tato, era difícil calcular a força necessária; assim, usou toda que possuía. O rosto do homem escureceu, a língua, da cor de uma ameixa, saltou da boca como uma flecha, pontuda e rígida. No seu entusiasmo, Ronnie partiu o pescoço da vítima. O osso estalou de repente, e a cabeça caiu para trás num ângulo apavorante. As desculpas inúteis há muito haviam cessado.

Ronnie deixou que o corpo escorregasse para o chão e examinou as mãos que acabava de fazer, com olhos que eram dois minúsculos orifícios num lençol manchado.

Sentia-se confiante naquele corpo e, por Deus, como estava forte! Tinha quebrado o pescoço do filho da mãe sem nenhuma dificuldade. Naquele corpo estranho e sem sangue, via-se liberado dos limites da humanidade. De repente, sentiu a vida do ar que o enchia e lhe dava forma. Certamente podia voar, como um lençol levado pelo vento, ou, se quisesse, transformar-se num punho fechado, espancar e dominar o mundo. As possibilidades pareciam infinitas.

Porém... sabia que era uma possessão temporária, na melhor das hipóteses. Mais cedo ou mais tarde, a mortalha iria exigir sua volta ao estado de um inerte pedaço de pano, recuperando sua natureza real e passiva. Aquele corpo não lhe fora dado, apenas emprestado. Dependia de ele usá-lo da melhor forma possível para seu plano de vingança. Ronnie reconhecia as prioridades. Antes de tudo, encontrar Michael Maguire e despachá-lo deste mundo. Depois, se ainda sobrasse tempo, ver os filhos. Mas não seria prudente fazer essas visitas sob a forma de uma mortalha voadora.

Era muito melhor aperfeiçoar a ilusão de humanidade, para um efeito mais sofisticado.

Sabia que dobras numa fronha amassada ou num paletó dependurado atrás da porta podem parecer rostos estranhos. Mais extraordinário ainda era o Santo Sudário de Turim, que guardava a imagem do rosto e do corpo de Jesus Cristo. Bernadette vira um cartão-postal do sudário, com as marcas das lanças e dos pregos. Por

que não podia fazer o mesmo milagre, só com sua força de vontade? Não havia ressuscitado também?

Foi até a pia e abriu a torneira, depois ergueu os olhos para o espelho, a fim de ver sua vontade tomando forma. A superfície da mortalha contorcia-se e se alisava à medida que ele exigia as novas formas. Primeiro, apenas um esboço da cabeça, vago, como o de um homem de neve. Dois orifícios para os olhos, um nariz achatado. Mas Ronnie concentrou-se, fazendo o pano esticar ao máximo. E, vejam, funcionou, deu certo! Os fios do tecido cederam a contragosto, formando as narinas, depois as pálpebras, o lábio superior, depois o inferior. Traçou de memória os contornos do rosto perdido, como um amante terno, e os recriou com os menores detalhes. Agora, a coluna do pescoço, cheia de ar, mas com aparência sólida. Abaixo dela, o torso masculino. Os braços já estavam formados e, então, apareceram as pernas. Pronto, estava feito.

Ronnie estava recriado à própria imagem.

A ilusão não era perfeita. Para começar, estava extremamente branco, a não ser pelas manchas, e a carne tinha a textura da fazenda. As linhas da face pareciam severas demais, quase cubistas, e não foi possível fazer nada parecido com cabelo ou unhas. Mas estava pronto para o mundo, tanto quanto podia desejar uma coisa viva.

— Sua vez, Micky.

Maguire raramente perdia no pôquer. Era muito esperto, e não se podia ler nada em seu rosto. Os olhos cansados e injetados não tinham expressão. Porém, apesar da fama de ganhar sempre, jamais roubava no jogo. Era um compromisso particular. Não havia nenhuma sensação em ganhar roubando. E roubo era para os criminosos. Ele era um homem de negócios, nem mais e nem menos.

Nessa noite, havia ganho bastante em duas horas e meia de jogo. A vida era boa. Desde as mortes de Dork, Henry B. e Glass, a polícia andava muito ocupada com os assassinatos para dar atenção à classe inferior do Vício. Além disso, os policiais estavam sendo bem pagos, não tinham do que se queixar. O inspetor Wall,

companheiro de bar há muitos anos, chegou a oferecer proteção a Maguire contra o louco assassino que devia estar solto pelas redondezas. A ironia divertiu muito Maguire.

Eram quase três horas da manhã. Hora de os homens e mulheres estarem na cama, sonhando com os crimes do dia seguinte. Maguire levantou-se, dando por encerrado o jogo. Abotoou o colete e refez cuidadosamente o nó da gravata de seda branca.

— Outro jogo na semana que vem? — sugeriu.

Os jogadores vencidos concordaram. Estavam acostumados a perder para o chefe, e não havia nenhuma má vontade entre eles. Estavam um pouco tristes, talvez. Sentiam falta de Henry B. e de Dork. As noites de sábado eram sempre tão alegres. Agora o silêncio era quase opressivo.

Perlcut apagou o charuto no cinzeiro cheio até a borda.

— ...noite, Mick.

—...noite, Frank. Dê um beijo do tio Mick nas crianças, certo?

— Certo.

Perlcut saiu acompanhado do irmão gago.

— B-b-b-oa-noite.

— ...noite, Ernest.

Os irmãos desceram a escada.

Como sempre, Norton foi o último a sair.

— Entrega amanhã? — perguntou.

— Amanhã é domingo — disse Maguire.

Ele nunca trabalhava aos domingos. Era o dia para a família.

— Não, hoje é domingo — disse Norton, sem intenção de ser pedante, apenas falando naturalmente. — Amanhã é segunda-feira.

— Certo.

— Entrega na segunda?

— Espero que sim.

— Você vai ao armazém?

— Provavelmente.

— Então, eu o apanho, podemos ir juntos.

— Ótimo.

Norton era um bom homem. Sem senso de humor, mas confiável.

— ...noite, então.

— ...noite.

Os sapatos de Norton, com saltos de cinco centímetros de altura, tinham pontas de metal e soavam como saltos de mulher na escada. A porta bateu lá embaixo.

Maguire contou o dinheiro ganho, terminou de tomar seu Cointreau e apagou a luz na sala de jogo. A fumaça já estava com cheiro de fumo velho. No dia seguinte, iria precisar mandar alguém abrir as janelas para arejar a sala, fazendo entrar o cheiro do Soho. Salame e café em grão, comércio e frivolidades. Maguire amava muito tudo isso apaixonadamente, como um bebê ama o seio da mãe.

Enquanto descia a escada para a *sex shop*, ouviu as despedidas dos homens na rua, depois as batidas das portas dos carros caros e os motores em movimento. Uma boa noite, com bons amigos, o que mais um homem podia desejar?

No fim da escada ele parou por um momento. O luminoso no outro lado da rua alcançava as revistas enfileiradas dentro da loja. As capas plastificadas brilhavam. Seios de silicone e nádegas arredondadas pareciam saltar das capas como frutas maduras. Rostos com o rímel escorrido pareciam provocá-lo, oferecendo todos os prazeres solitários que uma revista pode proporcionar. Mas Maguire não sentia nada. Há muito tempo nada daquilo lhe interessava. Para ele, significava simplesmente dinheiro. Não lhe desagradava nem o excitava. Afinal, era um homem bem casado, com uma mulher cuja imaginação não passava da segunda página do *Kama Sutra*, e seus filhos apanhavam quando diziam uma palavra mais grosseira.

No canto da loja, onde estava exposto o material de escravidão e domínio, alguma coisa ergueu-se do chão. A luz intermitente do letreiro luminoso impedia-o de enxergar com clareza. Vermelho, azul. Vermelho, azul. Mas não era Norton e nem um dos irmãos Perlgut.

Porém, ele conhecia aquele rosto que sorria, tendo como fundo as revistas "Amarrada e Estuprada". Agora podia ver. Era Glass, claro como o dia, apesar das luzes coloridas, branco como um lençol.

Maguire não tentou explicar como um homem morto podia estar olhando para ele. Deixou cair o sobretudo, abriu a boca e correu.

A porta estava trancada, e a chave era uma das muitas do seu chaveiro. Oh, Jesus, por que tinha tantas chaves? Chaves do armazém, chaves da estufa, chaves do bordel. E só aquela luz piscante para encontrá-las. Vermelha, azul. Vermelha, azul.

Por pura sorte, a primeira chave que tentou era a da porta; girou-a na fechadura como um dedo enfiado na graxa. A porta estava aberta, a rua logo depois.

Mas Glass deslizou silenciosamente para perto dele e, antes que Maguire conseguisse sair, alguma coisa foi enrolada em seu rosto, um pedaço de pano. Cheirava a hospital, ou a éter, ou às duas coisas. Maguire tentou gritar, mas um punho de pano estava sendo enfiado na sua garganta. Seu estômago contraiu-se com um acesso de náusea. Em resposta, o assassino segurou-o com mais força.

Na calçada oposta, uma mulher que Maguire conhecia só como Natalie (Modelo: procura emprego interessante com rigoroso disciplinador) assistia à luta com olhos dopados no rosto inexpressivo. Já vira assassinatos, uma ou duas vezes, e não tinha nenhuma intenção de se envolver. Além disso, era tarde, e a parte interna de suas coxas estava dolorida. Por fim, deu meia-volta no corredor iluminado de luz cor-de-rosa, deixando que a violência seguisse seu curso. Maguire, mentalmente, resolveu mandar alguém desfigurar o rosto daquela mulher. Se ele sobrevivesse. O que parecia pouco provável naquele momento. Não distinguia mais o vermelho, azul, vermelho, azul, porque seu cérebro sem oxigênio não podia ver cores, e, cada vez que conseguia segurar alguma parte do seu futuro assassino, a coisa parecia evaporar entre seus dedos, deixando apenas pano, pano vazio que escorregava como seda por suas mãos suadas.

Então, alguém falou. Não atrás dele, não a voz do assassino, mas à sua frente. Na rua. Norton. Era Norton. Tinha voltado por

algum motivo, bendito Norton, e estava saindo do carro a dez metros da loja, gritando o nome de Maguire.

A força do braço do assassino diminuiu, e a da gravidade reclamou Maguire. Ele caiu pesadamente, com o mundo girando à sua volta, bem no meio da calçada, seu rosto roxo sob as luzes coloridas.

Norton correu para o patrão, procurando a arma entre todas as coisas que guardava no bolso. O assassino de roupa branca já se afastava na rua. Não estava preparado para enfrentar outro homem. Para Norton, ele parecia um dos membros da Klu-Klux- Klan. Um capuz, uma túnica, um manto. Apoiado num joelho, Norton segurou a arma com as duas mãos, fez pontaria e atirou. O resultado foi espantoso. O vulto encheu-se de ar como um balão, perdeu a forma e transformou-se numa massa farfalhante, com o rosto fracamente impresso. Ouviram o estalo de um lençol pendurado ao vento para secar, um som completamente absurdo naquela rua. Confuso, por um momento, Norton fitou, paralisado, o homem-lençol.

Aos pés de Norton, Maguire começava a se refazer, gemendo. Tentava falar, mas as palavras não faziam sentido, saindo da garganta e da laringe feridas. Norton inclinou-se para ele. Sentiu cheiro de vômito e de medo.

"Glass", era o que Maguire parecia estar dizendo.

Tudo bem. Norton fez um gesto afirmativo, disse para Maguire ficar calmo. Sim, era o rosto de Glass no lençol, o rosto do contador atrevido. Norton vira os pés do homem serem queimados, assistira a todo o terrível ritual. Não era exatamente do seu gosto.

Ora, ora, então, Ronnie Glass tinha amigos dispostos a cobrar vingança.

Norton ergueu os olhos, mas o vento havia carregado o fantasma para longe, voando sobre os telhados.

Foi uma experiência terrível. O primeiro sabor do fracasso. Ronnie lembrava ainda a frustração daquela noite. Amontoado num canto cheio de ratos de uma fábrica abandonada, ao sul do rio, procurou acalmar o pânico em suas fibras. De que adiantava aquele truque, se, ao primeiro sinal de ameaça, ele perdia todo o controle? Precisava planejar melhor e fortalecer a vontade para enfrentar

qualquer resistência. Sentia que suas forças começavam a diminuir e teve um pouco mais de dificuldade para restaurar sua forma pela segunda vez. Não tinha tempo para perder com fracassos. Precisava encurralar o homem onde ele não pudesse escapar.

As investigações da polícia na sala de autópsia seguiram em círculos durante todo o dia e continuavam agora à noite. O inspetor Wall, da Yard, havia tentado todas as técnicas que conhecia. Fala mansa, palavras contundentes, promessas, ameaças, sedução, surpresa, até pancada. Mas Lenny sempre contava a mesma história. Uma história ridícula que, ele jurava, seria corroborada por seu companheiro quando ele saísse do estado catatônico no qual se havia refugiado. Mas o inspetor não podia acreditar naquilo. Uma mortalha ambulante? Como ia escrever isso no seu relatório? Não, ele queria alguma coisa concreta, nem que fosse uma mentira.

— Não posso fumar? — perguntou Lenny, pela centésima vez.

Wall balançou a cabeça.

— Ei, Fresco. — O inspetor chamou o ajudante, Al Kincaid. — Acho que está na hora de revistar o garoto outra vez.

Lenny sabia o que isso significava. Um eufemismo para mais pancada. De pé, encostado na parede, pernas abertas, mãos na cabeça, tome pancada! Seu estômago se apertou só de pensar.

— Escute... — implorou ele.

— O que é, Lenny?

— Eu não sou culpado.

— É claro que é — disse Wall, enfiando o dedo no nariz. — Só queremos saber por quê. Você não gostava do velho sujo? Ele fazia piadas de mau gosto sobre suas namoradas, certo? Tinha fama disso, você sabia?

Al Fresco sorriu, zombeteiro.

— Foi por isso que você acabou com ele?

— Pelo amor de Deus — disse Lenny. — Vocês pensam que eu ia inventar uma porra de história *como* essa se não tivesse visto com a porra dos meus próprios olhos?

— Cuidado com a linguagem — advertiu Fresco.

— Mortalhas não voam — disse Wall, com convicção perfeitamente compreensível.

— Então, onde está a mortalha, hein? — perguntou Lenny, com lógica.

— Você a queimou, você a comeu. Como, diabo, eu vou saber, porra?

— Linguagem — advertiu Lenny, em voz baixa.

O telefone tocou antes que Fresco começasse o castigo. Ele atendeu e o passou para Wall. Então, agradeceu Lenny com um sopapo amigável que tirou um pouco de sangue de sua boca.

— Escute — disse Fresco, respirando letalmente muito perto de Lenny, como se quisesse tirar o ar de sua boca. — Nós sabemos que foi você, certo? Só queremos saber por quê? Isso é tudo. Só por quê.

— Fresco — Wall cobriu o bocal do telefone com a mão.

— Sim, senhor.

— É o Sr. Maguire.

— O Sr. Maguire?

— Micky Maguire.

Fresco fez um gesto afirmativo.

— Ele está muito perturbado.

— É mesmo? E por quê?

— Pensa que foi atacado pelo homem que está no necrotério. O pornógrafo.

— Glass — disse Lenny. — Ronnie Glass.

— Ronald Glass, como diz o homem — confirmou Wall, sorrindo para Lenny.

— Isso é ridículo — disse Fresco.

— Bem, acho que devemos cumprir nosso dever para com um membro importante da comunidade, não acha? Dê uma espiada no necrotério, está bem? Só para ter certeza...

— Ter certeza?

— De que o filho da mãe ainda está lá.

— Oh.

Fresco, nervoso, confuso, obedeceu.

Lenny não entendeu nada, mas também não queria mais entender. Não tinha nada a ver com ele. Começou a brincar com os testículos, enfiando a mão num buraco do bolso esquerdo da calça. Wall olhou para ele com desprezo.

— Não faça isso — disse ele. — Pode brincar à vontade quando estiver bem seguro numa cela quentinha.

Lenny balançou a cabeça lentamente e tirou a mão do bolso. Aquele não era seu dia.

Fresco voltou um pouco ofegante.

— Ele está lá — disse, evidentemente mais animado com a simplicidade da tarefa.

— É claro que está — disse Wall.

— Morto como um *dodo*— disse Fresco.

— O que é um *dodo*? — quis saber Lenny.

Fresco não sabia.

— É um modo de falar — respondeu, irritado.

Wall, da Yard, estava outra vez ao telefone, falando com Maguire. O homem estava assombrado, e as palavras do inspetor não pareciam tranquilizá-lo.

— Ele está todo presente e em perfeita ordem, Micky. Você deve ter se enganado.

O pavor de Maguire correu pelo fio do telefone como uma pequena carga elétrica.

— Eu o vi, que diabo!

— Bem, ele está deitado aqui com um buraco no meio da testa, Micky. Agora me diga, como *pode* ter visto o homem?

— Não sei — disse Maguire.

— Bem, e então?

— Escute... logo que puder, passe por aqui, está bem? A mesma combinação de sempre. Posso arranjar alguma coisa boa para você.

Wall não gostava de tratar de negócios ao telefone. Ficava meio constrangido.

— Mais tarde, Micky.

— Tudo bem. Mas venha mesmo.

— Eu vou.

— Promete?

— Sim.

Wall desligou o telefone e olhou para o suspeito. Lenny estava, outra vez, com a mão no bolso. Animalzinho grosseiro. Estava na hora de outra revista.

— Fresco — disse Wall com voz macia —, quer, por favor, ensinar Lenny a não se masturbar na frente de policiais?

Na sua fortaleza, em Richmond, Maguire chorava como uma criança.

Era Glass, não tinha dúvida. Wall acreditava ter visto o corpo no necrotério, mas Maguire sabia a verdade. Glass estava lá fora, na rua, livre como um passarinho, apesar do buraco que ele havia feito na sua cabeça.

Maguire era um homem temente a Deus e acreditava na vida após a morte, embora até então jamais houvesse questionado como seria. Essa era a resposta, aquele rosto branco do filho da puta fedendo a éter. Assim devia ser a vida após a morte. E ele chorava, com medo de viver e com medo de morrer.

O dia estava claro agora, uma tranquila manhã de domingo. Nada ia acontecer a ele na segurança de *Ponderosa*, em plena luz do dia. Aquele era seu castelo, construído com o dinheiro ganho com o trabalho árduo de seus roubos. Norton estava ali, armado até os dentes. Havia um cão em cada portão. Ninguém, vivo ou morto, ousaria desafiar sua supremacia nesse território. Ali, entre os retratos dos seus heróis — Louis B. Mayer, Dillinger, Churchill —, no seio da família, rodeado por seu bom gosto, seu dinheiro, seus *objets d'art*, ali ele era o senhor absoluto. Se o contador maluco chegasse ao seu castelo, seria feito em pedaços, fantasma ou não fantasma. *Finis*.

Afinal, não era ele Michael Roscoe Maguire, o construtor de um império? Nascido sem nada, crescera na vida usando seu rosto de corretor da bolsa e o coração de homem independente. Uma vez ou outra, talvez, e só em condições perfeitamente controladas, desvendava os próprios apetites, como na execução de Glass. Toda aquela encenação foi um verdadeiro prazer para ele. *Seu, o coup de grâce; sua*, a infinita paixão do tiro mortal. Mas a vida de violência era coisa do passado. Agora, Maguire era um burguês, seguro na sua fortaleza.

Raquel acordou às oito horas e começou a preparar o café.

— Quer comer alguma coisa? — perguntou a Maguire.

Ele balançou a cabeça. Sua garganta estava ainda muito dolorida.

— Café?

— Sim.

— Quer tomar aqui mesmo?

Ele fez que sim com a cabeça. Gostava de ficar sentado ao lado da janela que dava para o gramado e para a estufa. O dia clareava. As sombras das nuvens gordas e fofas, levadas pelo vento, deslizavam pelo verde do jardim. Maguire pensou em dedicar-se à pintura, como Winston. Passar para a tela suas paisagens favoritas, talvez um ângulo do jardim, um nu de Raquel, imortalizando-a em óleo antes que os seios caíssem definitivamente.

Ela estava outra vez ao seu lado, ronronando, com o café.

— Você está bem? — perguntou.

Cadela idiota. É claro que ele não estava bem.

— É claro — Maguire respondeu.

— Você tem uma visita.

— O quê? — Empertigou o corpo na poltrona de couro. — Quem?

Raquel sorria.

— Tracy. Ela quer vir sentar no seu colo.

Maguire deixou escapar o ar pelos cantos da boca. Cadela idiota, idiota.

— Você quer ver Tracy?

— É claro.

O pequeno acidente, como ele a chamava, estava na porta, ainda de camisola.

— Oi, papai.

— Oi, meu bem.

Ela deslizou pela sala, com o mesmo andar da mãe.

— Mamãe disse que você está doente. — Já estou melhor.

— Fico contente.

— Eu também.

— Vamos sair hoje?

— Talvez.

— Ver a exposição?

— Talvez.

Ela fez um muxoxo encantador, de efeito perfeitamente controlado. A mãe outra vez. Maguire só esperava que ela não crescesse tão idiota quanto a mãe.

—Vamos ver—disse Maguire, esperando significar sim, mas sabendo que estava dizendo não.

Ela sentou-se nos joelhos do pai, e Maguire ouviu, por alguns momentos, as histórias da garotinha de cinco anos. Depois, mandou-a embora. Sua garganta doía quando falava, e não se sentia muito como um pai amoroso naquele dia.

Sozinho outra vez, observou a valsa das sombras no gramado.

Os cães começaram a latir, logo depois das onze horas. Então, após um pequeno espaço de tempo, calaram-se. Ele se levantou e saiu à procurar de Norton, que estava na cozinha, armando com Tracy o quebra-cabeças "Hai-Wan", de mil peças.

— Verificou os cães, Norton?

— Não, chefe.

— Pois então vá verificar, porra.

Não costumava dizer palavrões na frente da menina, mas estava a ponto de ficar maluco. Norton saiu rapidamente. Quando ele abriu a porta dos fundos, Maguire sentiu o cheiro do dia e teve vontade de sair um pouco. Mas os latidos dos cães pareciam estar dentro da sua cabeça, e suas mãos ficaram úmidas de suor. Tracy estava atenta ao quebra-cabeças, o corpo tenso, pressentindo a fúria do pai. Maguire não disse nada e voltou para a sala de estar.

Da cadeira, ele podia ver Norton atravessar o gramado com passos largos. Os cães estavam calados, agora. Norton desapareceu atrás da estufa. Uma longa espera. Maguire começava a ficar agitado, quando Norton reapareceu, olhou para a casa, deu de ombros e disse alguma coisa. Maguire abriu a porta de correr e saiu. O dia foi ao seu encontro, suave e calmo.

— O que você está dizendo? — perguntou.

— Os cães estão bem — respondeu Norton.

Maguire relaxou. É claro que os cães estavam bem. Por que não podiam latir um pouco? Afinal, era para isso que estavam ali. Estava quase bancando o idiota, molhando as calças só por causa

dos latidos dos cães. Fez um gesto afirmativo para Norton e saiu para o jardim. Lindo dia, pensou. Apressando o passo, atravessou o gramado na direção da estufa onde estavam suas belíssimas Bonsai floridas. Norton esperava-o na porta da estufa, procurando balas de hortelã nos bolsos.

— Quer que eu fique aqui, senhor?

— Não.

— Tem certeza?

—Tenho — disse ele, magnânimo. — Volte e vá brincar com a garota.

Norton assentiu com um gesto.

— Os cães estão bem — repetiu.

— Certo.

— Devem ter-se agitado com o vento, talvez.

Estava ventando. Um vento quente, mas forte, balançava a fileira de faias cor de cobre que circundavam o jardim. Elas cintilavam, erguendo as partes inferiores e pálidas das folhas para o céu, num movimento tranquilo e delicado.

Maguire abriu a porta da estufa e entrou em seu refúgio. Ali, naquele Éden artificial, estavam seus verdadeiros amores, tratados com palavras carinhosas e adubo especial. Sua junípera Sargento, sobrevivente dos rigores do Monte Ishizuchi; o marmeleiro florido; o abeto Yeddo (*Picea Jessoensis*), sua anã favorita, que ele havia treinado, depois de várias tentativas infrutíferas, a agarrar-se na pedra. Maravilhas todas, todas pequenos milagres de troncos retorcidos e cascatas de agulhas, merecedoras da sua mais carinhosa atenção.

Contente, por um momento esquecendo o mundo lá fora, Maguire caminhou entre a sua flora.

Os cães disputaram Ronnie como se ele fosse um brinquedo. Apanharam-no quando saltava o muro e rodearam-no antes que pudesse escapar, os dentes arreganhados em sorrisos satisfeitos, enquanto faziam-no em pedaços e cuspiam-no para longe. Ronnie escapou com a chegada de Norton, que os distraiu por um momento.

Seu corpo estava rasgado em vários lugares. Confuso, procurando concentrar-se e manter sua forma coerente, quase fora visto por Norton.

Agora, saíra do esconderijo. Com a luta, gastara grande parte de sua energia, e a mortalha rasgada perdera a ilusão de consistência. Sua barriga estava aberta, a perna esquerda quase arrancada. Agora tinha manchas de baba e sujeira de cachorro misturadas ao sangue.

Mas o importante era a vontade. Estava tão perto. Não era hora de ceder e deixar que a natureza seguisse seu curso. Ele existia no seu motim contra a natureza, esse era seu estado e, pela primeira vez em sua vida (e na sua morte), sentiu o júbilo do orgulho. Ser antinatural, um desafio ao sistema e à sanidade, seria tão mau assim? Estava sujo de merda, de sangue, morto e ressuscitado num pedaço de pano manchado. Ele era o próprio absurdo. *Mas ele era.* Ninguém podia negar que ele existia enquanto tivesse a vontade de ser. Uma ideia deliciosa, como encontrar novo sentido num mundo surdo e cego.

Por algum tempo, observou Maguire na estufa. O inimigo estava completamente absorto em seu passatempo, assobiando o Hino Nacional enquanto cuidava das plantas. Ronnie aproximou-se aos poucos do vidro; sua voz, um suave gemido no vento.

Maguire não ouviu o suspiro do pano na janela até Ronnie encostar o rosto disforme e manchado no vidro. Ele deixou cair o abeto Yeddo. O vaso espatifou-se no chão, os ramos se partiram.

Maguire tentou gritar, mas só conseguiu um balido fraco das cordas vocais machucadas. Correu para a porta quando o rosto, imenso com a avidez da vingança, quebrou o vidro. Maguire não compreendeu o que aconteceu em seguida — o modo pelo qual a cabeça e o corpo como que escorreram pela abertura da janela, desafiando as leis da física, e retomaram a forma de um ser humano.

Não, não era completamente humano. Parecia uma vítima de derrame, com o rosto e o corpo muito brancos, caídos para o lado direito, arrastando a perna esquerda rasgada.

Maguire abriu a porta e fugiu para o jardim. A coisa seguiu-o, falando, agora, com os braços estendidos para ele.

— Maguire...

A voz era tão fraca que talvez tivesse imaginado. Mas não, ouviu outra vez.

— Você me reconhece, Maguire?

É claro que reconhecia, mesmo todo torto daquele jeito. Era Ronnie Glass.

— Glass — disse ele.

— Isso mesmo — disse o fantasma.

— Eu não quero... — Maguire não continuou. O que ele não queria? Falar com aquele horror, certamente. Ter certeza de que ele existia. Isso também. Mas, acima de tudo, não queria morrer.

— Não quero morrer.

— Mas vai morrer — disse o fantasma.

Maguire sentiu o deslocamento de ar quando o lençol voou junto ao seu rosto. Ou talvez o vento tivesse enrolado aquela coisa insubstancial no seu corpo.

Fosse o que fosse, o abraço fedia a éter, desinfetante e morte. Braços de pano apertaram-se em volta dele, o rosto disforme encostou-se no seu, como se a coisa fosse beijá-lo.

Instintivamente, Maguire estendeu a mão para trás do atacante e encontrou o pedaço que os cães haviam rasgado. Agarrou uma ponta e puxou. Com satisfação, ouviu o barulho do pano rasgando, e a coisa soltou o abraço. A mortalha caiu sobre sua mão; a boca liquefeita, escancarada num grito silencioso.

Ronnie sentia uma agonia da qual pensava ter-se libertado, quando deixou o corpo de carne e ossos. Mas ali estava ela outra vez: dor, dor, dor.

Adejou para longe do seu mutilador, gritando o quanto podia, enquanto Maguire corria cambaleando pelo gramado, com os olhos quase fora das órbitas. O homem estava quase louco, completamente transtornado. Mas isso não era suficiente, precisava matar o filho da mãe. Havia prometido a si mesmo e pretendia cumprir a promessa.

A dor não passou, mas Ronnie tentou ignorá-la, concentrando toda a sua energia na perseguição de Maguire através do jardim, na direção da casa. Mas estava muito fraco. O vento quase o levava, soprando em volta dele, nas frágeis entranhas de seu corpo. Parecia um estandarte de guerra esfarrapado, quase irreconhecível e prestes a se desfazer.

Só que... só que... ainda tinha Maguire.

Maguire alcançou a casa, entrou e bateu a porta. O lençol encostou na janela, farfalhando ridiculamente, as mãos de pano arranhando o vidro, o rosto quase desfeito pedindo vingança.

— Deixe-me entrar — disse ele. — *Vou* entrar.

Maguire entrou no corredor aos tropeções.

— Raquel...

Onde estava aquela mulher?

— Raquel...?

— Raquel...

Ela não estava na cozinha. Da sala vinha o som da voz de Tracy, cantando. Maguire enfiou a cabeça na porta. A menina estava sozinha, sentada no chão, com fones nos ouvidos, cantando alguma música favorita.

— Mamãe? — perguntou Maguire, apenas movendo os lábios.

— Lá em cima — respondeu ela, sem tirar os fones.

Lá em cima. Enquanto subia a escada, Maguire ouviu os cães latindo no jardim. O que a coisa estaria fazendo? O que aquele escroto estava fazendo?

— Raquel...? — Falava tão baixo que quase não ouvia a própria voz. Era *como* se tivesse se transformado num fantasma vivo.

Tudo estava silencioso.

Maguire entrou no banheiro de azulejos marrons e acendeu a luz. A iluminação era feita para aparar as arestas da idade, e Maguire gostava de se ver naquele espelho. Mas, agora, a imagem refletida não mentia. Seu rosto era o de um homem velho e apavorado.

Abriu o armário e procurou no meio das toalhas mornas. Lá estava! O revólver, no aconchego perfumado, escondido para um caso de emergência. O contato o fez salivar. Aquela arma havia

abatido Glass uma vez e poderia derrubá-lo outra e outra e outra mais.

Abriu a porta do quarto.

— Raquel...

Ela estava sentada na beirada da cama, com Norton encaixado entre as pernas. Os dois, vestidos; um dos magníficos seios de Raquel fora do sutiã, com o mamilo na boca de Norton. Raquel virou a cabeça, idiota como sempre, como se não soubesse o que estava fazendo. Sem pensar, Maguire atirou.

A bala acertou a boca aberta da mulher e abriu um grande buraco em seu pescoço. Norton, que nada tinha de necrófilo, ergueu-se de um salto e correu para a janela. Impossível adivinhar o que pretendia fazer. A fuga era impossível.

A segunda bala atingiu o meio das costas de Norton e, atravessando o corpo, furou o vidro.

Só então, quando o amante morreu, Raquel caiu para trás, na cama, o seio achatado, as pernas abertas. Maguire olhou para ela. A obscenidade doméstica não o perturbava, era perfeitamente tolerável. Seio descoberto, sangue e boca e amor perdido, tudo perfeitamente tolerável. Talvez estivesse ficando insensível.

Deixou cair a arma.

Os cães não estavam latindo agora.

Saiu do quarto e fechou a porta silenciosamente, para não acordar o bebê.

Não devia acordar o bebê. Quando chegou ao topo da escada, viu o bonito rosto da filha erguido para ele, lá embaixo.

— Papai.

Maguire olhou para ela, atordoado.

— Tinha gente na porta. Eu vi quando passaram pela janela.

Ele começou a descer a escada com passo incerto, um degrau de cada vez. Devagar, pensou.

— Abri a porta, mas não vi ninguém.

Wall. Devia ser Wall. Ele sabia o que devia ser feito.

— Era um homem alto?

— Não vi bem, papai. Só o rosto. Mais branco do que o seu.

A porta! Oh, Jesus, a porta! Se ela a deixou aberta, tarde demais.

O estranho entrou no *hall* com o rosto franzido numa espécie de sorriso, a pior coisa que Maguire já havia visto em sua vida.

Não era Wall.

Wall era de carne e ossos, o visitante era uma boneca de trapos. Wall era um homem carrancudo, este sorria. Wall era vida, lei e ordem. Aquela coisa não era.

Era Glass, é claro.

Maguire balançou a cabeça. A menina, sem ver a coisa que pairava no ar atrás dela, interpretou como uma censura.

— O que eu fiz de errado? — perguntou.

Ronnie passou por ela na direção da escada, mais uma sombra agora do que qualquer coisa que lembrasse a forma humana, arrastando pedaços de pano rasgado. Maguire não teve tempo nem vontade para opor resistência. Abriu a boca para dizer algo em defesa da própria vida, e Ronnie enfiou o braço que lhe restava, como uma corda de pano, pela garganta dele. Maguire teve um espasmo de vômito, mas Ronnie continuou, como uma cobra, ignorando as contrações da epiglote, passando pelo esôfago, chegando ao estômago. Depois da sensação de ter comido demais, Maguire sentiu aquela corda arranhando as paredes do seu estômago e rasgando-as. Tudo foi tão rápido que Maguire não teve tempo de morrer sufocado. Dada a situação, ele teria preferido morrer assim, por mais horrível que fosse. Mas o que sentiu foi a mão de Ronnie penetrando cada vez mais, à procura do seu colo e do duodeno. E quando a mão tinha apanhado tudo que podia, o maldito puxou o braço para fora.

O movimento foi rápido, mas, para Maguire, o momento pareceu infundável. Dobrou o corpo para frente, quando começou a evisceração, sentindo as entranhas na garganta, com um jorro de líquido, café, sangue, ácido.

Ronnie puxou o corpo vazio e dobrado ao meio para o topo da escada. Levado pelas próprias entranhas, Maguire chegou ao último degrau e, então, Ronnie soltou-o, e o corpo, com a cabeça envolta nos intestinos, rolou escada abaixo, na direção da menina.

Ela não parecia nem um pouco assustada, mas Ronnie sabia que as crianças sabem fingir muito bem.

Terminado o trabalho, ele começou a descer a escada, desenrolando o braço e balançando a cabeça, tentando recuperar algo parecido com a forma humana. Valeu o esforço. Quando chegou perto da menina, pôde oferecer a ela algo muito semelhante a um toque humano. Ela não reagiu, e Ronnie afastou-se, esperando que, com o tempo, ela pudesse esquecer.

Quando ele desapareceu, Tracy subiu a escada para ir ao encontro da mãe. Raquel e o homem deitado no tapete pareciam surdos às suas perguntas. Alguma coisa no homem fascinou-a. Uma cobra gorda e vermelha que saía da calça dele. A menina riu. Era uma coisinha tão engraçada.

Tracy ainda estava rindo, quando Wall, da Yard, chegou, tarde como sempre. Depois de ver os resultados da macabra dança da morte, de certo modo ficou satisfeito por ter chegado tarde.

No confessionário da igreja de Santa Maria Madalena, a mortalha de Ronnie Glass era agora uma coisa informe. Ronnie não sentia quase mais nada, a não ser o intenso desejo, ao qual não poderia resistir por muito tempo, de se livrar daquele corpo esfarrapado. Tinha sido útil, não podia queixar-se. Mas, agora, Ronnie estava sem forças. Não podia mais dar vida à coisa inanimada.

Mas precisava confessar, precisava urgentemente. Contar ao Pai, contar ao Filho e ao Espírito Santo como havia pecado por pensamentos, desejo e ação. Só havia um modo. Se o padre Rooney não fosse a ele, ele teria de ir ao padre Rooney.

Abriu a porta do confessionário. A igreja estava quase vazia. Devia ser o começo da noite, pensou Ronnie, e quem tinha tempo para acender velas quando havia o jantar para ser feito, amor para ser comprado, vida para ser vivida? Só um florista grego, que rezava pela absolvição dos filhos, viu a mortalha caminhar cambaleante do confessionário para a porta da sacristia. Parecia um adolescente idiota enrolado num lençol imundo. O florista detestava aquele comportamento ímpio — veja para onde havia levado seus filhos — e

sentiu vontade de espancar o garoto para ensiná-lo a não fazer brincadeiras de mau gosto na casa de Deus.

— Ei, você! — gritou ele.

A mortalha voltou, para o florista, os olhos que pareciam dois buracos numa massa quente. A expressão do fantasma era de tanto sofrimento que as palavras morreram nos lábios do florista.

Ronnie tentou a maçaneta da porta da sacristia. Estava trancada.

Do lado de dentro, uma voz ofegante disse:

— Quem está aí? — Era o padre Rooney.

Ronnie tentou responder, mas não conseguiu. Só podia continuar a sacudir a maçaneta, como qualquer bom fantasma.

— Quem é? — perguntou o padre, impaciente.

Ouçã a minha confissão, Ronnie queria dizer, ouçã a minha confissão, porque eu pequei.

A porta não se abriu. Lá dentro, o padre Rooney estava muito ocupado, tirando fotografias, para uma coleção particular, do seu modelo favorito, uma jovem chamada Natalie. Filha de um vice-qualquer coisa, alguém dissera, mas ele não acreditava. Ela era por demais desenvolta, por demais angelical e tinha enrolado o rosário em volta dos seios, como se acabasse de sair do convento.

Pararam de sacudir a maçaneta. Ótimo, pensou o padre Rooney. Voltaria depois, fosse quem fosse. Nada podia ser tão urgente. Padre Rooney sorriu para a mulher. Natalie franziu os lábios num muxoxo tentador.

Na igreja, Ronnie ajoelhou na frente do altar.

O florista, na terceira fila, levantou-se, furioso com aquela profanação. O garoto, sem dúvida, estava bêbado, cambaleando daquele jeito, e o homem não ia ter medo de uma máscara barata da morte. Xingando em grego o profanador, ele puxou o lençol do fantasma ajoelhado na frente do altar.

Não havia nada debaixo do pano. Nada.

Sentindo o movimento do lençol em sua mão, o florista deixou-o cair com um grito estrangulado. Depois, recuou pela passagem central, fazendo o sinal da cruz repetidamente, como uma viúva louca. A alguns metros da porta, deu meia-volta e correu.

A mortalha ficou no chão. Ronnie, entre as dobras do monte de pano, olhou para o esplendor do altar, radiante mesmo à fraca luz das velas e, comovido com tanta beleza, satisfeito, abandonou a ilusão de vida. Inconfesso, mas sem temer o julgamento, seu espírito livrou-se da mortalha.

Depois de uma hora mais ou menos, padre Rooney destrancou a porta da sacristia, acompanhou a casta Natalie até o lado de fora da igreja e fechou a porta. Na volta, deu uma espiada no confessionário para ver se não havia nenhuma criança escondida. Vazia, a igreja estava vazia. Santa Maria Madalena era uma mulher esquecida.

Assobiando baixinho, ele caminhou para a sacristia e viu, então, a mortalha de Ronnie, uma pilha de pano sujo e rasgado nos degraus do altar. Ideal, pensou ele, apanhando a mortalha, para limpar as manchas indiscretas no chão da sacristia. Vício à venda em cada canto, quando se sabia onde procurar.

Pôs a mortalha sob o braço.

— Aposto que você tem uma história para contar — disse ele, apagando as velas com dedos quentes demais para sentir o calor das chamas.

BODES EXPIATÓRIOS

A maré não nos levou para uma ilha, mas para um monte de pedras sem vida. É absurdo chamar de ilha um monte de merda informe como esse. Ilhas são oásis no meio do mar, verdes e generosos. Isto aqui é um lugar esquecido, sem focas na água, sem pássaros no ar. A única utilidade de um lugar como este é se poder dizer que se viu o coração do nada e se sobreviveu.

— Não está em nenhuma carta — disse Ray, examinando a carta das ilhas Hébridas com a unha no ponto em que achava que devíamos estar. Era, como ele disse, um espaço vazio no-mapa, apenas mar azul claro sem nenhuma indicação da existência de rochas. Não era ignorada apenas pelas focas e pelos pássaros, mas pelos cartógrafos também. Havia uma ou duas setas, perto do dedo de Ray, marcando as correntes que deviam nos levar para o norte, minúsculos dardos vermelhos no oceano de papel. O resto, como o mundo onde estávamos, era deserto.

Jonathan, é claro, ficou feliz quando descobriu que o lugar não constava do mapa. Era como se isso o livrasse de toda a culpa. Os cartógrafos eram responsáveis por estarmos ali, não ele. Não podiam culpá-lo por termos aportado num monte de pedra que não estava nos mapas. A expressão de quem se desculpa foi substituída por outra, de satisfação.

— Não se pode evitar um lugar que não existe, certo?—disse ele. — Não é possível.

— Podia ter usado os olhos que Deus lhe deu—revidou Ray, mas Jonathan não ia se deixar acovardar por nenhuma crítica razoável.

— Foi tão de repente, Raymond — disse ele. — Quero dizer, com este nevoeiro eu não podia fazer nada. Ele nos envolveu

inesperadamente.

Foi, sem dúvida, uma coisa inesperada. Eu estava na cozinha preparando o café, uma vez que nem Angela nem Jonathan demonstravam muito entusiasmo por esse serviço, quando o casco do *Emmanuelle* raspou na pedra e continuou até a praia pedregosa. Houve um momento de silêncio, e, então, a gritaria começou. Saí da cozinha e vi Jonathan de pé no convés, com um sorriso constrangido, girando os braços abertos como um semáforo da sua inocência.

— Antes que perguntem — disse ele —, não sei como aconteceu. Num momento estávamos seguindo a costa...

— Oh, Jesus Cristo Todo-Poderoso. — Ray saiu da cabine, enfiando a calça jeans, desgrehado, depois de uma noite com Angela.

Eu fui agraciada com a honra duvidosa de ouvir os orgasmos de Angela a noite inteira. Sem dúvida, era uma mulher exigente. Jonathan retomou o discurso de defesa.

— Antes que perguntem...

Mas Ray interrompeu-o com alguns insultos caprichados. Voltei para o abrigo da cozinha, enquanto a briga fervilhava no convés. Era com satisfação que eu ouvia os insultos de Ray. Cheguei a desejar que ele perdesse a calma e partisse aquele nariz curvo tão perfeito.

A cozinha estava um lixo, com a comida espalhada pelo chão. Deixei tudo como estava, as gemas de ovo, o *bacon* e as torradas com leite, congelados em poças de gordura fria. A culpa era de Jonathan, ele que limpasse a sujeira. Servi-me de suco de laranja, esperei que as recriminações acabassem e voltei ao convés.

O dia não tinha ainda duas horas, e o nevoeiro que impedira Jonathan de enxergar a ilha ainda encobria o sol. Se fosse um dia igual aos da semana que havíamos passado no mar, ao meio-dia o convés estaria quente demais para pés descalços; mas agora, com o nevoeiro espesso ainda, senti frio, vestida só com a calça do biquíni. Para velejar entre as ilhas, pode-se vestir qualquer coisa. Ninguém nos vê. Eu tinha conseguido um bronzeado maravilhoso em todo o corpo. Mas, nessa manhã, desci para apanhar minha suéter. O ar

estava parado, sem vento, e o frio vinha do mar. Ainda é noite lá embaixo, pensei, a poucos metros da praia, noite ilimitada.

Vesti a suéter e voltei para o convés. Ray estava estudando as cartas. Suas costas nuas descascavam por excesso de sol, e eu vi a calvície no alto da cabeça, que ele tentava esconder com os cabelos louros encaracolados e sujos. Jonathan olhava para a praia, coçando o nariz.

— Cristo, que lugar — eu disse.

Ele ergueu os olhos, tentando sorrir. O pobre Jonathan tinha a ilusão de que seu rosto podia encantar até uma tartaruga, fazendo-a sair da carapaça, e, para ser justa, algumas mulheres simplesmente se derretiam quando ele olhava para elas. Mas eu não figurava nessa lista, o que o irritava. Sempre achei que seus traços judaicos eram suaves demais para serem belos. Minha indiferença era como uma capa vermelha para um touro.

Uma voz, sonolenta e afetada, subiu da cabine. Nossa Dama da Cabine acabava de acordar. Era a hora de sua entrada tardia em cena, com a nudez modestamente coberta por uma toalha. Seu rosto estava inchado por excesso de vinho, e o cabelo precisava de um pente. Mesmo assim, ela soltou todo o charme, com os olhos muito abertos, Shirley Temple com belos seios.

— O que está acontecendo, Ray? Onde estamos?

Ray não ergueu os olhos dos cálculos, e a dama franziu a testa.

— Aconteceu um maldito navegador incompetente, só isso — disse ele.

— Eu nem sei o que aconteceu — protestou Jonathan, esperando uma demonstração de simpatia da parte de Angela. Não houve nenhuma.

— Mas onde estamos? — repetiu ela.

— Bom-dia, Angela — eu disse e também fui ignorada.

— É uma ilha? — quis saber Angela.

— É claro que é uma ilha, só que ainda não sei qual — respondeu Ray.

— Talvez a Barra — sugeriu ela.

Ray fechou a cara.

— Não estamos nem perto da Barra — disse ele. — Se me deixarem refazer nossos passos...

Refazer os passos no mar? Só se Ray estivesse certo de que era Jesus, pensei, olhando para a praia. Era impossível calcular o tamanho do lugar, porque o nevoeiro encobria a paisagem a partir de uns cem metros de onde estávamos. Talvez houvesse uma habitação além daquele muro cinzento.

Depois de localizar o ponto vazio no mapa onde havíamos encalhado, Ray desceu para a praia, a fim de examinar o casco. Mais para ficar longe de Angela, do que por qualquer outra coisa, eu também descí. As pedras redondas da praia eram frias e escorregadias sob meus pés descalços. Ray passou a mão no *Emmanuelle*, uma quase carícia, depois se abaixou para verificar a avaria.

— Acho que não furou o casco. Mas não tenho certeza — disse ele.

—Vamos desencalhar com a maré alta — observou Jonathan na proa, com as mãos na cintura. — Sem problemas. — Piscou para mim. — Sem nenhum problema.

—Uma merda que vamos desencalhar—disse Ray. — Venha dar uma olhada!

— Então, vamos arranjar um reboque. — A confiança de Jonathan era inabalável.

— Pois acho melhor você arranjar mesmo alguma coisa, seu cretino.

— É claro, por que não? Mais uma hora ou duas, quando o nevoeiro levantar, darei um passeio, procurarei ajuda.

— Vou fazer café — disse Angela.

Conhecendo Angela, eu sabia que o café iria demorar uma hora. Tinha tempo para um passeio.

Comecei a andar pela praia.

— Não vá muito longe, amor — disse Ray.

— Não, não vou.

Amor, ele disse. Uma palavra fácil que não significava nada para ele.

O sol estava mais quente agora e tirei a suéter. Meus seios estavam bronzeados como duas nozes, e, concluí, do mesmo tamanho delas. Mas, afinal, não se pode ter tudo. Pelo menos eu tinha dois neurônios que funcionavam dentro da cabeça, o que não acontecia com Angela. Angela tinha seios como melões e um cérebro capaz de envergonhar uma mula.

O sol ainda não conseguira atravessar a névoa; filtrava-se apenas sobre a ilha, criando uma paisagem em duas dimensões, sem cor nem peso, reduzindo o mar, as pedras e o lixo na praia a uma mancha cinzenta como carne muito cozida.

Depois de andar uns cem metros, comecei a me sentir deprimida e retornei. À minha direita, ondas muito pequenas e murmurantes chegavam à praia e desfaziam-se com um suspiro cansado sobre as pedras. Nada de ondas majestosas, apenas a batida cadenciada e leve de uma maré exausta.

Odiei o lugar naquele instante.

Quando voltei, Ray tentava o rádio, mas só conseguia ouvir um ruído vazio em todas as frequências. Após várias tentativas e muitos palavrões, ele desistiu. O café foi servido, e tivemos de nos contentar com sardinhas, cogumelos enlatados e os restos das torradas. Angela serviu o banquete com sua pose habitual, como se estivesse repetindo o milagre dos pães e dos peixes. De qualquer modo, era impossível ter prazer na refeição. O ar parecia tirar o gosto de tudo.

— Engraçado, não é? — disse Jonathan.

— Hilariante — disse Ray.

— Não ouço nenhuma buzina de nevoeiro. Muito nevoeiro, mas nenhum som de buzina. Nem o som de motores. Estranho.

Estava certo. Um silêncio total nos envolvia, uma quietude úmida e sufocante. A não ser pela batida tímida das ondas e o som de nossas vozes, era como se estivéssemos surdos.

Sentada na popa, olhei para o mar vazio. O sol começava a desenhar listras coloridas na superfície cinzenta. Um verde sombrio e, mais ao fundo, a insinuação de um azul arroxeadado. Sob o barco, eu via galhos de algas e capilárias, brinquedos da maré, ondulando

na água. Parecia convidativo, e qualquer coisa era melhor do que a atmosfera rançosa do *Emmanuelle*.

— Vou nadar um pouco — eu disse.

— Eu não faria isso, amor — aconselhou Ray.

— Por quê?

— A corrente que nos atirou aqui deve ser muito forte, não vai querer ser apanhada por ela.

— Mas a maré está enchendo ainda. Ela me traria de volta para a praia. .

— Não sabe que outras correntes existem por aí. Redemoinhos, mesmo, são muito comuns. Levam a gente para o fundo num segundo.

Olhei outra vez para o mar. Parecia inofensivo, mas eu havia lido que aquelas águas eram traiçoeiras e desisti da ideia.

Angela começou uma cena de mau humor porque ninguém havia terminado o café, e Ray desempenhava sua parte. Gostava de mimá-la, deixando que ela fizesse as coisas mais idiotas. Isso me dava náuseas.

Desci para limpar a cozinha, e comecei a jogar o lixo no mar, pela vigia. Os detritos não mergulharam imediatamente. Flutuaram numa mancha gordurosa, pedaços de cogumelos e de sardinha, como se alguém tivesse vomitado na água. Comida para os caranguejos, se é que algum caranguejo que se prezava podia viver naquele lugar.

Jonathan desceu para a cozinha, evidentemente sentindo-se ainda um pouco tolo, apesar de toda a sua arrogância. Parou na porta, procurando chamar minha atenção, enquanto eu bombeava água na pia para lavar os pratos de plástico, engordurados. Tudo que ele queria era me ouvir dizer que não fora sua culpa e que, é claro, ele era um Adonis *kosher*. Eu não disse nada.

— Posso ajudar? — perguntou ele.

— Não tem espaço para duas pessoas — respondi, tentando não ser muito brusca.

Mas ele se sentiu rejeitado mesmo assim. A coisa toda havia afetado seu amor-próprio muito mais do que eu tinha imaginado, apesar de todo o seu ar de bravata.

— Escute — eu disse com voz suave —, por que não volta para o convés e toma um pouco de sol, antes que fique quente demais?

— Sinto-me como um monte de merda — disse ele.

— Foi um acidente.

— Uma merda completa.

— Como você disse, vamos desencilhar com a maré alta.

Ele entrou na cozinha. Senti-me quase claustrofóbica. Seu corpo era grande demais para aquele espaço, muito bronzeado, muito marcante.

— Eu disse que não tem lugar para dois, Jonathan.

Ele pôs a mão na minha nuca e começou a massageá-la levemente. Não me esquivei. Queria dizer para me deixar em paz, mas a lassidão daquele lugar parecia haver tomado conta do meu corpo. Com a outra mão, Jonathan acariciava minha barriga, subindo para os seios. Eu aceitava com indiferença. Se era o que ele queria, tudo bem.

No convés, Angela estava quase sufocada com um acesso de riso histérico. Eu a imaginava lançando a cabeça para trás, sacudindo os cabelos longos. Jonathan acabava de tirar o short. A oferenda do seu prepúcio a Deus tinha sido bem-feita. Sua ereção era tão higiênica no seu entusiasmo que parecia inofensiva. Deixei que colocasse a boca na minha, que sua língua explorasse minhas gengivas com a insistência do dedo do dentista. Ele empurrou para baixo a calça do meu biquíni, o suficiente para ganhar acesso, acertou a posição e apertou o corpo contra o meu.

Atrás dele, a escada estalou e, por cima de seus ombros, vi Ray inclinado, olhando para as nádegas nuas de Jonathan e para nossos braços enlaçados. Será que ele podia ver, pensei, que não estou sentindo nada? Teria compreendido que eu fazia aquilo friamente e que só poderia sentir algum desejo se a cabeça, as costas, o pênis de Jonathan fossem substituídos pelos seus? Silenciosamente, ele voltou para o convés. Passou um instante, no qual Jonathan disse que me amava, e então ouvi novamente o riso de Angela atenta ao que Ray descrevia que tinha visto. A cadela podia pensar o que quisesse, eu pouco me importava.

Jonathan continuava seu trabalho com carícias deliberadas, mas sem inspiração, a testa franzida como um garoto tentando resolver uma equação impossível. A ejaculação aconteceu inesperadamente, assinalada apenas por uma pressão mais forte dos dedos dele no meu ombro e um franzido mais acentuado na testa. Os movimentos ficaram mais lentos e pararam. Os olhos dele encontraram os meus por um momento. Tive vontade de beijá-lo, mas ele não estava mais interessado. Afastou o corpo, com o pênis ainda ereto, fazendo uma careta.

— Sou sempre muito sensível quando me satisfaço — murmurou ele, vestindo o short. — Foi bom para você?

Fiz um gesto afirmativo. Era hilariante. A coisa toda era cômica. Encalhada ali, no meio do nada, com aquele garotinho de vinte e seis anos, Angela e o homem que não se importava a mínima se eu estava viva ou morta. Mas, afinal, talvez eu também não me importasse. Sem saber por que, pensei nos restos de comida oscilando na água, à espera da nova onda.

Jonathan já havia desaparecido. Liguei a máquina de fazer café, olhando pela vigia, sentindo o sêmen seco e enrugado no meio das pernas.

Quando o café ficou pronto, Ray e Angela tinham saído para um passeio na ilha, aparentemente à procura de ajuda.

Jonathan estava sentado no meu lugar, na popa, olhando para o nevoeiro. Mais para quebrar o silêncio, eu disse:

— Acho que levantou um pouco.

— Será?

Coloquei a xícara com café perto dele.

— Obrigado.

— Onde estão os outros?

— Explorando.

Ele olhou para mim com expressão confusa.

— Ainda me sinto como um monte de merda. Vi a garrafa de gim ao lado dele.

— Um pouco cedo para beber, não acha?

— Quer um trago?

— Não são nem onze horas ainda.

— E daí?

Ele apontou para o mar.

— Siga meu dedo — disse. Inclinação sobre seu ombro, obedeci.

— Não, não está olhando para o lugar certo. Siga meu dedo...
está vendo?

— Nada.

— Na beirada do nevoeiro. Aparece e desaparece. Lá! Outra vez!

Percebi alguma coisa na água a uns vinte ou trinta metros da popa do *Emmanuelle*. Marrom, enrugada, girando.

— Uma foca — eu disse.

— Acho que não.

— O sol está esquentando o mar. Provavelmente elas estão vindo para se aquecer nas rochas.

— Não parece uma foca. Gira de modo diferente...

— Talvez um pedaço de madeira...

— Pode ser.

Tomou um grande gole na garrafa.

— Deixei um pouco para a noite.

— Sim, mamãe.

Ficamos em silêncio por alguns minutos. Só as ondas batendo de leve na praia.

Uma vez ou outra a foca, ou fosse o que fosse, aparecia na superfície, girava e desaparecia outra vez.

Mais uma hora, pensei, e a maré vai mudar e nos tirar deste pós-escrito da criação.

— Ei! — A voz de Angela, distante — Ei, caras!

Caras, ela nos chamava.

Jonathan ficou de pé com a mão protegendo os olhos do reflexo do sol nas rochas. O dia estava muito mais claro, e o calor aumentava.

— Ela está acenando para nós — disse ele, sem entusiasmo.

— Deixe que acene.

— Ei, caras! — berrou ela, balançando os braços.

Com as mãos em concha ao lado da boca, Jonathan gritou a resposta.

- O que você quer?
- Venham ver — disse ela.
- Ela quer que a gente vá até lá para ver.
- Eu ouvi.
- Vamos — disse ele. — Não temos nada a perder.

Eu não tinha nenhuma vontade de ir, mas ele me puxou pelo braço. Não adiantava discutir. O hálito dele estava inflamável.

Era difícil caminhar na praia. As pedras estavam cobertas com uma película de algas verde-acinzentadas, como suor numa cabeça calva.

Jonathan estava tendo mais dificuldade do que eu. Duas vezes ele perdeu o equilíbrio e caiu de costas, praguejando. Logo seu short adquiriu uma tonalidade verde-oliva suja, e as nádegas apareciam por um rasgão.

Eu não era nenhuma bailarina, mas conseguia me equilibrar, avançando lentamente, passo a passo, evitando as pedras maiores para não cair de muito alto, se escorregasse.

De poucos em poucos metros, tínhamos de nos desviar de uma faixa de algas fedorentas. Eu conseguia saltar por cima delas, mas Jonathan, com o equilíbrio comprometido, passava por cima, enfiando os pés nus naquela massa pegajosa. Não eram apenas algas. Havia também os detritos normais de qualquer praia, garrafas quebradas, latas enferrujadas de Coca, rolhas sujas, pedaços de piche, fragmentos de caranguejos, camisinhas amareladas. E, em cima de toda essa sujeira, enxames de moscas, zumbindo para viver e vivas para zumbir.

Foi a primeira coisa viva que vimos.

Eu me esforçava para não cair, desviando daquelas faixas de algas quando uma pequena avalanche de cascalho despencou à minha esquerda. Três, quatro, cinco pedras rolavam umas sobre as outras para o mar, deslocando outras tantas à sua passagem.

Não havia nenhuma causa visível para aquele efeito.

Jonathan nem se deu ao trabalho de erguer os olhos. Estava muito ocupado tentando manter o corpo na posição vertical.

A avalanche parou, com a fonte de energia esgotada. Então começou outra, desta vez entre nós e o mar. Pedras maiores agora,

ganhando peso com o movimento de descida.

A sequência foi mais demorada também, pedra batendo em pedra até algumas chegarem ao mar no fim da dança.

Plop..

Ruído surdo.

Plop, Plop, Plop.

Ray apareceu atrás de uma das grandes pedras, rindo como um idiota.

— Há vida em Marte — gritou ele, abaixando-se e desaparecendo atrás da pedra.

Mais alguns momentos perigosos e os alcançamos, com as testas cobertas de suor.

Jonathan parecia nauseado.

— Qual é a novidade? — perguntou.

— Veja o que encontramos — disse Ray, caminhando na nossa frente, entre as pedras.

O primeiro choque.

Tendo chegado ao ponto mais alto, víamos o outro lado da ilha. A mesma praia sem vida e o mar. Nenhum habitante, nenhuma embarcação, nenhum sinal de vida humana. A ilha inteira não devia ter mais de meio quilômetro, menos do que as costas de uma baleia.

Mas havia vida, e esse foi o segundo choque.

Protegido pelo anel de rochas lisas e grandes que circundava a ilha, vimos um pedaço de terra dentro de uma cerca. As estacas apodreciam com a maresia, mas entre elas e em volta delas havia rolos de arame farpado, formando uma espécie de estábulo primitivo. Dentro dele, um pedaço de relva e, no centro, três carneiros. E Angela.

Ela estava de pé na colônia penal, acariciando um dos presos e falando ternamente com ele.

— Carneiros — disse ela, triunfante.

Jonathan chegou ao lugar antes de mim e perguntou secamente:

— E daí?

— Bem, é estranho, não é — disse Ray. — Três carneiros no meio de um lugar como este?

— Acho que não estão muito bem — disse Angela.

Tinha razão. Os animais pareciam maltratados pela exposição aos elementos. Tinham os olhos remelentos, a lã que os cobria, suja e emaranhada, deixava ver os flancos frementes. Um deles caiu sobre o arame farpado e, aparentemente, não conseguia mais levantar-se, com a barriga cheia demais ou doente.

— É cruel — disse Angela.

Concordei. Realmente era sadismo prender as criaturas naquele pedacinho de relva e uma lata cheia de água estagnada.

— Estranho, não é? — disse Ray.

— Cortei meu pé. — Jonathan estava agachado sobre uma pedra, examinando a parte interna do pé direito.

— Tem cacos de vidro na praia — eu disse, trocando um olhar vazio com um dos carneiros.

—São tão inexpressivos—disse Ray.—Verdadeiros homens da natureza.

Curiosamente, os animais não pareciam tão infelizes. Seu olhar era filosófico e parecia dizer: sou apenas um carneiro, não espero que gostem de mim, cuidem de mim; mantenham-me vivo, pelo menos para a satisfação de seus estômagos. Não havia balidos furiosos, nenhuma batida revoltada dos cascos.

Apenas três carneiros cinzentos esperando a morte.

Ray perdeu o interesse no caso. Caminhava de volta para a praia, chutando uma lata vazia que estalava e saltava como as pedras da avalanche.

— Devemos libertá-los — disse Angela.

Eu a ignorei. O que significava a liberdade naquele lugar? Ela insistiu.

— Não acha?

— Não.

— Eles vão morrer.

— Alguém os prendeu ali por algum motivo.

— Mas vão *morrer*.

— Vão morrer na praia se os soltarmos. Não existe nenhuma comida para eles.

— Podemos alimentá-los.

— Torrada e gim — sugeriu Jonathan, tirando um pedaço de vidro da sola do pé.

— Não podemos deixá-los aqui.

— Não é da nossa conta — eu disse. A coisa começava a ficar chata. Três carneiros. Quem se importava se estavam vivos ou mortos...

Há um hora eu havia pensado isso a *meu respeito*. *Tínhamos* algo em comum, os carneiros e eu.

Comecei a sentir dor de cabeça.

— Eles vão morrer—choramingou Angela, pela terceira vez.

— Você é uma cadela burra — disse Jonathan. Falou sem raiva, calmamente, como se estivesse afirmando um fato comum.

Não me contive e sorri.

— O quê?—Angela parecia ter sido picada por alguma coisa.

— Cadela burra — repetiu ele. — C-A-D-E-L-A.

Angela, vermelha de raiva e embaraço, foi direto ao ataque.

— Você nos trouxe para cá — disse, com desprezo furioso.

A acusação inevitável. Lágrimas nos olhos dela. Ferida pelas palavras.

— Eu fiz de propósito — disse Jonathan, molhando a ponta do dedo e passando a saliva no corte. — Queria ver se podíamos deixar você aqui.

— Você está bêbado.

— E você é burra. Mas estarei sóbrio de manhã.

As velhas piadas ainda surtiam efeito.

Ofendida, Angela saiu andando pela praia, atrás de Ray, procurando conter as lágrimas até estar fora da vista dos outros. Quase senti pena dela. Pensando bem, Angela era presa fácil para qualquer um de nós.

— Você sabe ser um filho da mãe — eu disse para Jonathan.

Ele só olhou para mim com os olhos vidrados.

— É melhor ser minha amiga. Assim não serei um filho da mãe para você.

— Você não me assusta.

— Eu sei.

O carneiro estava olhando para mim outra vez. Retribuí o olhar.

— Porra de carneiros — disse ele.

— Não é culpa deles.

— Se tivessem alguma vergonha, cortariam as próprias gargantas.

— Vou voltar para o barco!

— Bichos feios.

— Você vem?

Ele segurou minha mão com força, como se nunca mais fosse largá-la. De repente, olhou para mim.

— Não vá.

— Está muito quente aqui.

— Fique. A pedra é lisa e quente. Deite. Desta vez não vão interromper.

— Você sabia? — perguntei.

— Quer dizer, Ray? É claro que eu sabia. Acho que demos um bom espetáculo. Puxou-me para ele, pondo uma das mãos acima da outra no meu braço, como se estivesse puxando uma corda. O cheiro dele me fez lembrar a cozinha do barco, a testa franzida, a declaração murmurada ("Te amo"), a saída discreta.

Déjà vu.

Porém, o que havia para fazer num dia como aquele, senão girar no mesmo círculo, como os carneiros no cercado? Girando e girando. Respirar, sexo, comer, evacuar.

O gim havia chegado ao seu pênis. Ele tentou o máximo, mas sem resultado. Era o mesmo que querer trançar espaguete.

Irritado, rolou para o lado.

— Foda. Foda. Foda.

Palavra sem sentido; uma vez repetida, perdia todo o significado, como tudo mais. Não queria dizer nada.

— Não faz mal — eu disse.

— Foda-se.

— Não faz mal, é verdade.

Ele não olhou para mim. Continuou a olhar para o seu pênis. Acho que, se tivesse uma faca naquele momento, teria se castrado,

depositando o órgão sobre a pedra quente, como um santuário em honra da esterilidade.

Voltei para o *Emmanuelle*. Percebi, então, uma coisa estranha que não havia notado antes. As moscas azuis não fugiam dos meus pés, mas deixavam-se amassar por eles. Definitivamente letárgicas, ou suicidas. Pousadas na pedra quente, atiravam-se sob meus pés, suas vidinhas coloridas apagando como pequenas luzes.

O nevoeiro estava desaparecendo, afinal, e, com o calor do sol, a ilha revelou outra característica desagradável, o cheiro. Lembrava um quarto fechado, cheio de pêssegos podres, um cheiro espesso e enjoativo. Penetrava nos poros tanto quanto nas narinas, como um xarope. E sob o odor adocicado, algo mais, muito menos agradável do que pêssegos, frescos ou podres. O cheiro de um ralo aberto entupido com carne velha, como os ralos dos matadouros, cobertos com gordura seca e sangue negro. Devia ser das algas, pensei, embora jamais tivesse sentido um cheiro igual em nenhuma outra praia.

Quando passava pelas algas podres, tampando o nariz, ouvi o ruído de um pequeno crime. Os gritos de alegria satânica de Jonathan quase abafavam as vozes patéticas do carneiro que estava sendo assassinado, mas eu sabia exatamente o que o bêbado filho da mãe acabara de fazer.

Dei meia-volta, girando os calcanhares sobre a massa de algas malcheirosas. Certamente era tarde demais para salvar um dos carneiros, mas talvez desse para evitar que massacrasse os outros dois. Eu não via o cercado, escondido atrás das pedras, mas ouvia os gritos de triunfo de Jonathan e a batida surda dos golpes. Sabia o que ia ver antes de chegar lá.

A relva verde-acinzentada estava vermelha. Jonathan se encontrava no cercado com os carneiros. Os dois sobreviventes arremetiam para trás e para a frente em pânico, com balidos de terror. Jonathan estava de pé, o corpo ereto, sobre o terceiro animal. A vítima, com as pernas dianteiras dobradas sob o corpo, apresentava as pernas traseiras rígidas com a aproximação da morte. O corpo estremecia em espasmos nervosos, e os olhos estavam quase completamente brancos. O topo da cabeça estava esfacelado,

o cérebro cinzento exposto, com lascas de ossos, reduzido a uma massa informe pela pedra que Jonathan ainda brandia. Bateu outra vez com a arma na cabeça do carneiro. Pedacos voaram em todas as direções, os pingos de matéria quente e sangue chegaram até meu corpo. Jonathan parecia um louco de pesadelo (o que, naquele momento, acho que ele era). O corpo nu, antes branco, estava manchado como o avental de um açougueiro depois de um dia de trabalho árduo no matadouro. O rosto era mais restos de carneiro do que Jonathan...

O animal estava morto. Os balidos patéticos haviam cessado completamente. Ele caiu para a frente como uma personagem de história em quadrinhos, e uma de suas orelhas enganchou no arame farpado. Jonathan olhou para o animal com um sorriso aparecendo sob o sangue. Oh, aquele sorriso que servia para tanta coisa. Não era o que ele usava para conquistar as mulheres? O sorriso que falava de desejo e de amor? Agora, finalmente, estava sendo usado para a coisa certa, o sorriso aberto do selvagem satisfeito, de pé sobre a presa, com a pedra numa das mãos e sua masculinidade na outra.

Então, o sorriso foi diminuindo, e ele recobrou a consciência.

—Jesus! — disse Jonathan, com uma onda de nojo subindo das entranhas.

Eu vi quando o surto de náusea o fez inclinar a cabeça para a frente e vomitar o gim e a torrada digerida.

Fiquei parada. Não queria consolá-lo, acalmá-lo... Jonathan simplesmente estava além da minha ajuda.

Virei as costas.

— Frankie — disse ele no meio do fluxo de bile.

Eu não podia olhar para ele. Não podia fazer nada pelo carneiro, estava morto, acabado. Tudo que eu queria era fugir daquele círculo de pedras e esquecer o que tinha visto.

— Frankie.

Comecei a andar o mais depressa possível, naquele caminho perigoso, para a praia e para a sanidade relativa do *Emmanuelle*.

O cheiro subia do solo para meu rosto em ondas imundas.

Ilha horrível. Nojenta, fedida, louca.

Andando com dificuldade sobre as algas e a sujeira, eu só pensava em ódio. O *Emmanuelle* não estava longe...

Então, as pequenas pedras começaram a rolar, como antes. Parei, equilibrando-me no topo estreito de uma rocha e olhei para a esquerda, onde, naquele momento, um dos pedregulhos parava a sua descida. Uma pedra maior, com uns doze centímetros de diâmetro, moveu-se espontaneamente e rolou para a praia, atingindo as pedras próximas e começando outro êxodo na direção do mar. Franzi a testa, minha cabeça zumbiu.

Algum animal — um caranguejo talvez — movia as pedras. Ou seria o calor que, de algum modo, emprestava-lhes vida?

Outra vez, uma pedra maior...

Continuei a andar, e as pedras continuaram a rolar atrás de mim, uma pequena sequência depois da outra, criando um ruído quase ininterrupto.

Sem nenhum motivo real e palpável, comecei a ficar com medo.

Angela e Ray tomavam sol no convés do *Emmanuelle*.

— Mais umas duas horas e poderemos fazer esta coisa tirar o traseiro da areia — disse ele, entrecerrando os olhos.

A princípio, pensei que ele se referia a Angela, depois compreendi que falava em levar o barco para o mar.

— É melhor tomar um pouco de sol — disse ele, com um sorriso.

— Tem razão.

Angela estava dormindo ou simplesmente ignorando-me. Fosse o que fosse, era ótimo para mim.

Deitei no convés, perto dos pés de Ray, e deixei que o sol tomasse conta do meu corpo. As manchas de sangue seco na minha pele pareciam escamas. Fui tirando uma a uma, ouvindo o ruído das pedras e a batida tímida do mar.

Atrás de mim alguém virou uma página. Voltei-me. Ray, incapaz de ficar parado por muito tempo, folheava um livro sobre as ilhas Hébridas.

Olhei para o sol. Minha mãe sempre dizia que olhar diretamente para o sol abria um buraco atrás dos olhos, mas ele era

quente e cheio de vida, e eu queria olhar para seu rosto. Eu sentia um frio estranho e insistente na barriga e entre as pernas. Talvez pudesse fazê-lo desaparecer olhando para o sol.

Olhei para a praia e vi Jonathan caminhando para o mar, na ponta dos pés. A distância, parecia um monstro pintado de vermelho e branco. Tirou o calção e agachou perto da água para lavar os restos de carneiro do corpo.

Então, a voz de Ray, muito baixa.

— Oh, meu Deus!

Pelo tom não podiam ser boas notícias.

— O que foi?

— Descobri onde estamos.

— Ótimo!

— Não, não é ótimo.

— Por quê? Qual é o problema? — Sentei no convés, olhando para ele.

— Está aqui, no livro. Um parágrafo sobre este lugar.

Angela abriu um olho.

— O que diz? — perguntou.

— Não é uma ilha. É um cemitério.

O frio entre minhas pernas aumentou. O sol não era suficiente para me aquecer ali, onde devia ser a parte mais quente do meu corpo.

Olhei outra vez para a praia. Jonathan, agora, estava lavando o peito. As sombras das pedras pareceram, de repente, muito negras e pesadas, suas arestas pousadas sobre os rostos voltados para cima...

Jonathan percebeu que eu estava olhando e acenou.

Haveria cadáveres sob aquelas pedras? Enterrados com os rostos virados para o sol, como veranistas numa praia?

O mundo é monocromático. Sol e sombra. O topo branco das pedras, suas barrigas negras. Vida na parte de cima, morte embaixo.

— Cemitério? — disse Angela. — Que tipo de cemitério? „

— Mortos na guerra — disse Ray.

— O que quer dizer, vikings, ou coisa assim? — Angefa perguntou.

— Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial. Soldados dos navios torpedeados, trazidos pela Corrente do Golfo. Aparentemente, a corrente os conduz através dos estreitos e os atira nas praias das ilhas próximas.

— Atira na praia? — perguntou Angela.

— É o que diz aqui.

— Mas não agora.

— Tenho certeza de que um ou outro pescador ainda é enterrado aqui — observou Ray.

Jonathan estava de pé, com a mão em pala sobre a testa, olhando para o mar cinza-azulado, e eu acompanhei seus olhos como havia acompanhado seu dedo. A uns cem metros, a foca, ou baleia, ou fosse o que fosse, girava outra vez sobre a água. Às vezes erguia uma nadadeira, como o braço de um nadador pedindo ajuda.

— Quantas pessoas foram enterradas? — perguntou Angela, sem muito interesse. Parecia indiferente ao fato de estarmos sentados sobre um túmulo.

— Centenas, provavelmente.

— Centenas?

— Aqui só diz "muitos mortos".

— E eles os colocavam em caixões?

— Como vou saber?

O que mais podia ser aquele monte de sujeira esquecido por Deus, senão um cemitério? Olhei para a ilha como se, só então, a reconhecesse pelo que ela era. Agora, eu tinha razão para desprezar aquelas costas curvas, a praia sórdida, o cheiro de pêssego.

— Será que enterraram por toda parte ou só no alto daquela colina onde encontramos os carneiros? — perguntou Angela. — Provavelmente no alto, longe da água.

Sim, eles deviam ter tido água demais. Os pobres rostos esverdeados, picados pelos peixes, os uniformes podres, as medalhas de identificação cobertas de algas. Que morte, e pior ainda, que viagem depois da morte, esquadrões de companheiros, levados pela corrente do Golfo até aquele porto horrível. Eu imaginava os corpos daqueles soldados, sujeitos aos caprichos das marés, levados para trás e para a frente no dorso das ondas, até uma

perna ou um braço enganchar-se numa rocha, deixando de ser possessão do mar. Com cada maré vazante descobertos, encharcados de água salgada e gelatinosa, cuspidos pelo mar para apodrecer um pouco e serem descarnados pelas gaiivotas.

Senti uma vontade mórbida de caminhar outra vez pela praia, sabendo o que sabia agora, chutando as pedras, na esperança de descobrir um ou dois ossos.

Antes mesmo de a ideia se formar, meu corpo tomou a decisão. Eu estava de pé, descendo do *Emmanuelle*.

— Aonde você vai? — perguntou Angela.

—Jonathan — murmurei, com os pés já no chão.

O fedor era mais definido agora, o cheiro dos mortos. Talvez ainda enterrassem afogados ali, como Ray havia sugerido, sob as pilhas de pedras. O iatista descuidado, o nadador imprudente, seus rostos desmanchados pela água salgada. As moscas azuis pareciam menos preguiçosas. Ao invés de se deixarem pisar, saltavam e voavam na frente de meus pés com um novo entusiasmo pela vida.

Jonathan havia desaparecido. Seu calção estava ainda sobre as pedras, na beira da água. Olhei para o mar. Nada, nenhuma cabeça, nenhum vulto, nenhum braço acenando, nada.

Gritei seu nome.

Minha voz aparentemente assustou as moscas, que voaram em nuvens efervescentes. Jonathan não respondeu.

Comecei a andar na beira da água, os pés, uma vez ou outra, molhados por uma onda preguiçosa. Lembrei-me, então, que eu não havia dito nada sobre o carneiro morto para Ray e Angela. Talvez fosse um segredo entre nós quatro. Jonathan, eu e os dois outros carneiros.

Foi quando o vi a poucos metros—com o peito branco, largo e limpo, sem nenhuma mancha de sangue. Então é um segredo, pensei.

— Onde você esteve? — perguntei.

— Andando para eliminar — respondeu.

— Eliminar o quê?

— O excesso de gim — respondeu, com um largo sorriso.

Retribuí o sorriso espontaneamente. Ele havia dito que me amava, na cozinha do barco, e isso valia alguma coisa.

Atrás dele, o tamborilar das pedras rolando. Jonathan estava a menos de dez metros de mim agora, caminhando nu, completamente desinibido, a passos lentos.

O barulho das pedras, de repente, adquiriu um ritmo marcado. Não eram mais sons ao acaso, quando uma pedra atingia outra —era uma batida, uma sequência de sons repetidos, uma pulsação cadenciada.

Não acidental, mas intencional.

Não por acaso, mas deliberadamente.

Não pedra, mas pensamento. Atrás da pedra, com a pedra, levando a pedra.

Jonathan, perto agora, brilhava. Sua pele estava quase luminosa, cheia de sol, desenhada em relevo contra a escuridão atrás dele.

Espere...

Que escuridão?

A pedra ergueu-se no ar como um pássaro, desafiando a lei da gravidade. Uma pedra negra e lisa, saindo da terra. Tinha o tamanho de um bebê, um bebê assobiador, e cresceu atrás da cabeça de Jonathan, cruzando o ar na direção dele.

A praia estivera flexionando os músculos, atirando pequenas pedras no mar, o tempo todo reforçando a própria vontade para erguer aquela rocha do chão e lançá-la contra Jonathan.

Continuou a crescer atrás dele, com fúria assassina, mas minha garganta não tinha voz para gritar meu pavor.

Jonathan estaria surdo? Sorrii outra vez, pensando que minha expressão de horror fosse uma brincadeira por causa da sua nudez. Ele não sabia que...

A pedra abriu a parte superior da cabeça dele, do meio do nariz para cima, deixando a boca ainda aberta, a língua cheia de sangue e atirando o resto da sua beleza para cima de mim, numa nuvem de poeira líquida e vermelha. A parte superior da cabeça partida pela pedra voou para mim com a expressão intacta. Quase caí, e ela passou por mim, rolando para o mar. Uma vez sobre a água, a pedra

assassina perdeu a força e tremulou no ar, antes de mergulhar nas ondas.

Aos meus pés, sangue. Uma trilha que levava até o corpo de Jonathan, com a cabeça aberta, toda sua maquinaria interna exposta para o céu.

Eu ainda não conseguia gritar, embora sabendo que, para manter a sanidade, precisava libertar o terror que me sufocava.

Alguém tinha de ouvir, me amparar, levar-me dali, explicar, antes que as pedras recuperassem o ritmo assassino. Ou, pior ainda, antes que as mentes, sob a praia, não satisfeitas com o crime por procuração, afastassem as lajes das suas sepulturas e se erguessem para me beijar pessoalmente.

Mas o grito não saía.

Tudo que eu podia ouvir eram as batidas leves das pedras à direita e à esquerda. Eles queriam nos matar a, todos, por termos invadido seu solo sagrado. Lapidados até a morte, como heréticos.

Então, a voz.

— Pelo amor de Deus...

Voz de homem, mas não era Ray.

Ele parecia ter surgido do ar, um homem pequeno e forte, de pé, na beira do mar. Segurava um balde numa das mãos e, na outra, um molho de feno cortado. Comida para os carneiros, pensei.

Ele olhou para mim, depois para o corpo de Jonathan, com expressão de medo nos velhos olhos.

— O que aconteceu? — perguntou, com acentuado sotaque galês. — Em nome de Cristo, o que aconteceu?

Quando balancei a cabeça, tive a impressão de que ia soltar-se do meu pescoço. Talvez eu tenha apontado para o cercado dos carneiros, talvez não. Fosse como fosse, o homem parecia ler meu pensamento e começou a subir para o topo da ilha, desfazendo-se do balde e do feno.

Confusa, eu o segui quase às cegas, mas ele já estava de volta antes que eu tivesse chegado às rochas. Sua expressão era de pânico.

— Quem fez aquilo?

—Jonathan — respondi, estendendo o braço na direção do corpo, sem coragem de olhar outra vez para ele.

O homem praguejou em galés e saiu da sombra das rochas.

— O que vocês fizeram? — gritou para mim. — Cristo, o que vocês fizeram? Mataram suas oferendas.

— São só carneiros — eu disse. A decapitação de Jonathan repetia-se em minha mente, num círculo sangrento.

— Eles exigem isso, não compreende? Do contrário, eles se levantam...

— Quem se levanta? — perguntei, sabendo a resposta. Percebendo o movimento das pedras.

— Todos eles. Enterrados sem nenhum carinho ou lamento. Mas têm o mar dentro deles, em suas cabeças...

Eu sabia do que ele estava falando. De repente, tudo ficou claro. Os mortos estavam ali, como sabíamos. Sob as pedras. Mas tinham o ritmo do mar dentro deles e não podiam descansar. Assim, para aplacar sua inquietação, amarravam os carneiros no cercado, como oferendas de paz.

Será que os mortos comiam carne de carneiro? Não, não era comida o que eles queriam. Era um gesto de reconhecimento — simplesmente isso.

— Afogados — dizia o homem. — Todos afogados.

Então, recomeçou o tamborilar das pedras que se avolumou, de repente num estrondo ensurdecador, como se a praia inteira estivesse se movendo.

E, com a cacofonia, três outros sons: corpos caindo n'água, gritos e destruição total.

Voltei-me e vi uma onda de pedras subindo para o ar, no outro lado da ilha...

Outra vez os gritos terríveis, arrancados de um corpo que estava sendo apedrejado e destroçado.

Eles queriam o *Emmanuelle*. E Ray. Comecei a correr na direção do barco, com a praia estremecendo sob meus pés. Atrás de mim, eu ouvia as botas do homem que alimentava os carneiros. O barulho crescia. Pedras dançavam no ar como pássaros gordos, cobrindo o sol, antes do mergulho sobre um alvo que eu não via. Talvez o barco. Talvez carne...

Os gritos atormentados de Angela cessaram.

Cheguei na ponta da praia um pouco adiante do homem dos carneiros e vi o *Emmanuelle*. O barco e seu conteúdo humano estavam além de qualquer esperança de salvação. O *Emmanuelle* era bombardeado por infindáveis fileiras de pedras de todos os tamanhos e formatos. O casco estava destruído, as vigias, o mastro e o convés, quebrados. Angela estava nos restos do convés superior, evidentemente morta. Mas a fúria da chuva de pedra ainda não tinha amainado. Continuava a bater insistentemente no que restava do casco, atingindo o corpo sem vida de Angela, fazendo-o mover-se de um lado para o outro, como se estivesse sendo levado pela corrente.

Não vi Ray.

Foi aí que eu gritei e, por um momento, tive a impressão de que houve uma trégua no ataque. Então, recomeçou, onda após onda de pedras e rochas erguendo-se da praia e atingindo os alvos insensíveis. Não iam descansar enquanto não reduzissem o *Emmanuelle* a despojos carregados pela maré e o corpo de Angela a pedaços tão pequenos que pudessem ser engolidos por camarões.

A força com que o alimentador dos carneiros me agarrou paralisou a circulação do meu braço.

— Venha — disse ele.

Ouvi a voz, mas não fiz nada. Eu estava esperando para ver o rosto de Ray — ou ouvir sua voz me chamando. Mas não havia nada, só a barragem de pedras. Ele estava morto em alguma parte das ruínas do barco — feito em pedaços.

O homem estava me arrastando pela praia.

— O barco — dizia ele —, podemos sair no meu barco...

A ideia de fuga parecia ridícula. A ilha nos tinha nas costas, pertencíamos a ela.

Mas eu o acompanhei, escorregando nas rochas úmidas, atravessando o emaranhado de algas, de volta ao lugar de onde tínhamos vindo.

No outro lado da ilha, estava sua pobre esperança de vida. Um barco a remo, sobre o cascalho da praia. Uma insignificante casca de noz.

Íamos sair para o mar dentro daquilo, como os três homens na peneira?

Não resisti quando ele me arrastou para nossa salvação. A cada passo, mais me convencia de que a praia ia levantar-se de repente e nos apedrejar até a morte. Talvez transformar-se numa parede, ou numa torre, quando estivéssemos a um passo da salvação. Ela podia fazer qualquer jogo, qualquer um. Mas, talvez, os mortos não gostassem de jogos. Jogos são para perder ou ganhar, e os mortos já haviam perdido. Talvez os mortos ajam apenas com a árida certeza dos matemáticos.

Ele praticamente me atirou para dentro do barco e começou a empurrar para a água. Nenhum muro de pedra se ergueu para impedir nossa fuga. Não apareceu nenhuma torre, nenhuma chuva assassina de cascalhos. Até o ataque ao *Emmanuelle* havia cessado.

Estariam saciados com as três vítimas? Ou a presença do alimentador dos carneiros, um inocente, um servidor daqueles mortos caprichosos, protegia-me dos seus ataques de fúria?

O barquinho entrou na água. Balançamos um pouco sobre as ondas mansas até alcançarmos profundidade suficiente para usar os remos; estávamos nos afastando da praia, e meu salvador, sentado na minha frente, remava com todas as forças, com a testa orvalhada de suor, o velho rosto inexpressivo.

— Tinha de acontecer um dia — disse ele, em voz baixa e pesada. — Alguém tinha de perturbar nosso modo de vida. Quebrar o ritmo.

Era quase soporífica a batida dos remos, para a frente, para trás. Tive vontade de me enrolar na lona sobre a qual estava sentada e, dormir e esquecer. Atrás de nós, a praia era uma linha distante. Eu não via mais o *Emmanuelle*.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Vamos voltar para Tíree — respondeu ele. — Veremos o que será preciso fazer por lá. Descobrir um modo de fazer uma reparação, ajudá-los a dormir profundamente outra vez.

— Eles comem os carneiros?

— Para que os mortos querem comida? Não. Não. Eles não precisam de carne de carneiro. Os animais representam um gesto de

lembrança.

Lembrança.

Balancei a cabeça afirmativamente.

— É o nosso modo de lamentar a morte deles...

Ele parou de remar, muito abatido para continuar com a explicação, muito cansado, e deixou que a maré levasse o barco para casa. Um momento de silêncio.

Então, alguma coisa arranhou o fundo do barco.

Um ruído leve como o de um rato, não mais do que isso, como alguém tentando tirar as tábuas com as unhas para poder entrar. Não um homem, mas muitos. O som se multiplicou, o leve arranhar das unhas apodrecidas na madeira.

Ficamos imóveis, em silêncio, sem acreditar. Mesmo ouvindo o pior, não acreditamos no pior.

Um movimento a bombordo. Virei a cabeça, e ele boiava para mim, rígido na água, como um fantoche manejado por mãos invisíveis. Era Ray, com o corpo coberto de ferimentos mortais, apedrejado até a morte e depois levado como um mascote sorridente, como prova de poder, para nos assombrar. Era quase como se ele estivesse caminhando sobre a água, com os pés escondidos pelas marolas, os braços ao lado do corpo, conduzido para o barco. Olhei para o rosto dele. Lacerado e partido. Um olho quase fechado, o outro dependurado para fora da órbita.

A dois metros do barco, mãos invisíveis largaram-no, e ele mergulhou no mar, desaparecendo num redemoinho de água cor de rosa.

— Seu companheiro? — perguntou o alimentador dos carneiros.

Fiz um gesto afirmativo. Ray devia ter caído do *Emmanuelle*. Agora era como eles, um afogado. Já haviam tomado posse dele para servir de brinquedo. Então, afinal, eles gostavam de jogos, eles o apanharam na praia como crianças que apanham um companheiro, ansiosos para que tomasse parte da brincadeira.

O barulho das unhas sob o barco cessou. O corpo de Ray desapareceu. Nem um murmúrio se ouvia no mar claro, só a água batendo de leve no barco.

Apanhei os remos.

—Reme!—gritei para o alimentador dos carneiros. — Reme, ou vão nos matar!

Ele parecia resignado a qualquer forma de castigo que tivessem inventado. Balançou a cabeça e cuspiu na água. Sob o cuspe grosso, alguma coisa se moveu, formas pálidas giraram e saltaram, bem no fundo, onde não podíamos ver. De repente, apareceram subindo para a superfície, os rostos desfeitos pelo mar definindo-se a cada metro que subiam, os braços estendidos para nos abraçar.

Um recife de corpos. Dezenas de mortos, roí dos pelos caranguejos, comidos pelos peixes, os restos de carne mal grudados nos ossos.

O barco balançou levemente quando as mãos o tocaram.

A expressão resignada do alimentador dos carneiros não se alterou quando o barco foi sacudido para trás e para a frente, primeiro de leve, depois com tamanha violência que fomos balançados como bonecos. Eles queriam virar o barco, e não podíamos fazer nada. Um momento depois, o barco virou.

A água estava muito mais gelada do que eu podia imaginar, e fiquei sem fôlego. Sempre fui uma boa nadadora. Comecei a me afastar do barco com braçadas fortes na água clara. O alimentador dos carneiros não teve tanta sorte. Como muitos homens do mar, ele não sabia nadar. Sem um grito nem uma prece, ele afundou como uma pedra.

O que eu esperava? Que se contentassem com quatro? Que iam me deixar para encontrar uma corrente e a salvação? Fossem quais fossem minhas esperanças, elas duraram pouco.

Senti um toque leve, muito leve nos tornozelos e nos pés, quase uma carícia. Alguma coisa surgiu na superfície, perto do meu rosto. Percebi as costas cinzentas, como se fosse um grande peixe. Agora meu tornozelo estava sendo agarrado, a mão esponjosa, amolecida pelo longo tempo dentro d'água me segurou e começou a me puxar implacavelmente para o fundo. Aspirei o que sabia ser meu último hausto de ar, e a cabeça de Ray saltou para a superfície a menos de um metro da minha. Vi seus ferimentos detalhadamente

— os cortes lavados pelo mar eram feias abas de tecido esbranquiçado, com o brilho do osso por baixo. O olho solto fora levado pela água; o cabelo, grudado na cabeça, não disfarçava mais a parte calva.

A água fechou-se sobre minha cabeça. Meus olhos estavam abertos e vi o ar, respirado com tanto esforço, subir, numa dança de bolhas prateadas. Ray estava ao meu lado, consolador, atencioso, com os braços flutuando acima da cabeça, como quem se entrega. A pressão da água distorcia seus traços, inchando as bochechas, pondo para fora da órbita vazia fios de nervos como os tentáculos de um pequenino polvo.

Deixei acontecer. Abri a boca e senti que se enchia de água gelada. O sal queimava minhas narinas, o frio gelava meus olhos. Senti a água salgada descendo pela garganta, um jorro de água ávida, entrando onde a água não devia entrar — expulsando o ar dos meus canais e cavidades até tomar todo meu corpo.

Abaixo de mim, dois corpos, com os cabelos dançando na água, seguravam minhas pernas. As cabeças balançavam suavemente, presas às cordas apodrecidas dos músculos do pescoço, e, embora, quando bati naquelas mãos, a carne se tivesse soltado dos ossos cinzentos em pedaços com bordas rendadas, os dedos amorosos não se soltaram. Eles me queriam, sim, queriam-me com todo amor.

Ray também me segurava, abraçando-me, encostando o rosto no meu. Acho que o gesto não tinha nenhuma finalidade. Ele não via, não sentia, não amava, não se importava. E eu, perdendo a vida a cada segundo, sucumbindo completamente à força do mar, não podia sentir prazer naquela proximidade que tanto havia desejado.

Tarde demais para o amor, a luz do sol era já apenas uma lembrança. Será que o mundo se estava apagando—escurecendo aos poucos enquanto eu morria —, ou estávamos tão fundo que a luz não podia nos alcançar? O pânico e o terror não existiam mais — meu coração parecia ter parado de bater —, minha respiração não ia e vinha em espasmos angustiados como antes. Uma espécie de paz me envolveu.

Agora, os dedos dos meus companheiros se soltaram, e a maré suave tomou conta de mim. Uma violentação do corpo, uma

devastação da pele e dos músculos, das entranhas, dos olhos, da língua, do cérebro.

O tempo não tinha espaço ali. Os dias podiam ter-se transformado em semanas, eu não sabia. Cascos de barcos deslizavam lá em cima, e, uma vez ou outra, talvez, deixássemos nossas tocas nas rochas para vê-los passar. Um dedo com anel passava na água, um mergulho fazia aparecer o céu, uma linha de pesca arrastava a isca. Sinais de vida.

Talvez na mesma hora em que eu morri, ou talvez meses mais tarde, a corrente me tenha retirado da rocha e me tenha tratado com alguma piedade. Libertando-me das anêmonas marinhas e me entregando às marés. Ray está comigo. Sua hora também chegou. A mudança do mar já foi feita, não podemos voltar atrás.

Incansável, a maré nos leva — às vezes flutuando, servindo de convés para as gaivotas, às vezes mergulhados na água, mordidos pelos peixes — para a ilha. Conhecemos a batida das ondas nos cascalhos e, sem ouvidos, escutamos o tamborilar das pedras.

Há muito tempo o mar lavou da cena os restos da violência. Angela, o *Emmanuelle* e Jonathan desapareceram. Só nós, os afogados, pertencemos à ilha, com os rostos voltados para cima, sob as pedras, acalentados pelo ritmo das pequenas ondas e pela absurda incompreensão dos carneiros.

RESTOS HUMANOS

Algumas profissões costumam ser praticadas durante o dia; outras, à noite. Gavin era um profissional do segundo turno. Em pleno verão, ou em pleno inverno, encostado numa parede, ou de pé em frente a uma porta, com o cigarro aceso nos lábios, ele vendia, para quem se interessasse, o que guardava na sua calça jeans.

Às vezes, para turistas viúvas com mais dinheiro do que amor, que o contratavam para um fim de semana de encontros ilícitos, beijos amargos e insistentes, e, talvez, quando conseguiam esquecer os companheiros mortos, uma trepada em camas perfumadas com lavanda. Outras vezes, para maridos perdidos, famintos pelo próprio sexo e desesperados por uma hora de prazer com um garoto que não perguntava seus nomes.

Para Gavin, tanto fazia. A indiferença era sua marca registrada, talvez um dos pontos fortes de sua atração. O que simplificava a despedida quando a coisa terminava e o dinheiro era pago. Dizer "tchau" ou "a gente se vê", ou nada, para uma pessoa que não se importava se você ia viver ou morrer, era muito fácil...

E, para Gavin, a profissão nada tinha de desagradável. Mais ou menos uma noite, em cada quatro, ele desfrutava de um pouco de prazer físico. Os piores casos eram como um abatedouro sexual, com peles quentes e olhos sem vida. Mas, depois de tantos anos, já estava acostumado.

Tudo era lucro. O trabalho lhe permitia comprar sapatos caros.

Gavin dormia boa parte do dia, aconchegado na cama, como num ninho, mumificado entre os lençóis, a cabeça coberta pelos braços, para evitar a luz. Às três horas, mais ou menos, levantava-se, fazia a barba, tomava um banho de chuveiro e depois passava meia hora em frente ao espelho, inspecionando o próprio corpo. Sua

autocrítica era severa. Jamais permitia uma variação maior de meio a um quilo no peso que considerava ideal, hidratava a pele quando estava seca, ou esfregava bastante com sabonete, quando estava oleosa, examinando cuidadosamente o rosto para detectar a ameaça de uma espinha. Seu cuidado extremo era em relação ao menor sinal de doença venérea—o único tipo de inconveniente amoroso que já havia sofrido. A ocasional dose de chatos era imediatamente eliminada, mas gonorreia, que havia apanhado duas vezes, obrigava-o a ficar sem trabalhar durante três semanas, e isso não era nada bom para o negócio. Assim sendo, policiava rigorosamente o próprio corpo, correndo para a clínica ao primeiro sintoma de alguma alteração.

Raramente isso acontecia. Sem contar os chatos não convidados, naquela meia hora Gavin limitava-se a admirar a combinação de genes que o havia criado. Ele era maravilhoso. Todos diziam isso. Maravilhoso. O rosto, oh, o rosto, diziam, abraçando-o com força, como se quisessem roubar um pedaço daquele encanto.

É claro que havia outras belezas na praça, contatadas através de agências, ou mesmo na rua, para quem soubesse onde procurar. Mas a maioria dos garotos da rua que Gavin conhecia tinha rostos que, perto do seu, pareciam inacabados. Rostos que pareciam os primeiros esboços de um escultor, e não a obra final, não refinados, experimentais. Gavin, porém, era a obra completa. Tudo que podia ser feito fora feito. Tratava-se, agora, de preservar a perfeição.

Terminada a inspeção, Gavin vestia-se, olhava-se no espelho, talvez por mais alguns minutos, depois levava a mercadoria embalada para o mercado.

Nesses dias estava trabalhando cada vez menos nas ruas. Era arriscado. Havia os policiais e o fanático ocasional, decidido a purificar Sodoma. Quando sentia preguiça, podia conseguir um cliente por meio da Agência de Acompanhantes, mas tinha que pagar uma boa porcentagem do que ganhava.

Gavin possuía freguesia fixa, é claro, clientes que reservavam seus favores por meses e meses. Uma viúva de Forte Lauderdale contratava-o sempre durante sua viagem anual à Europa. Outra mulher, cujo rosto ele havia visto numa revista elegante, procurava-

o uma vez ou outra, só para jantar e conversar sobre seus problemas conjugais. Havia um homem que Gavin chamava de Rover, a marca do carro do cliente, que o contratava com intervalos de algumas semanas, para uma noite de beijos e confissões.

Porém, nas noites sem nenhuma reserva, ele saía à procura de clientela. Gavin havia aperfeiçoado ao máximo sua arte. Ninguém, entre os que trabalhavam na rua, conhecia melhor o vocabulário do convite, aquele misto sutil de encorajamento e indiferença, de delicadeza e sensualidade, o movimento de mudar o peso do corpo do pé esquerdo para o direito, realçando o melhor ângulo da virilha. Nunca muito óbvio, nunca a prostituição às claras. Apenas uma promessa casual.

Gavin gabava-se de que raramente precisava de mais alguns minutos para a conquista e nunca gastava mais de uma hora.

Quando fazia seu jogo com a perfeição costumeira, escolhendo certo a esposa desesperada, o marido arrependido, conseguia que eles lhe pagassem o jantar (comprassem roupas, às vezes), que o levassem para a cama e se despedissem amavelmente antes da saída do último carro do metrô da Linha Metropolitana para Hammersmith. Longe e acabados estavam os anos de encontros de meia hora, três chupadas e uma trepada na mesma noite. Para começar, Gavin já não possuía o mesmo apetite de antes e, depois, estava se preparando para mudar em breve o curso de sua carreira. Da prostituição na rua a gigolô, de gigolô a sustentado por uma mulher e, então, a marido. Qualquer dia desses, ele sabia, iria casar-se com uma das viúvas, talvez com a matrona da Flórida. Ela havia dito que podia vê-lo deitado na borda de sua piscina em Forte Lauderdale, e Gavin não a deixava esquecer essa fantasia. Talvez ainda não tivesse chegado a hora; porém, mais cedo ou mais tarde, iria conseguir. O problema era que aquelas flores ricas precisavam de muito trato, e o pior era que muitas pereciam antes de dar frutos.

Porém, seria ainda este ano. Oh, sim, este ano, com certeza. Alguma coisa boa iria acontecer no outono, Gavin sabia.

Enquanto isso, via aprofundarem-se as linhas em volta de sua boca maravilhosa (era maravilhosa, sem dúvida) e calculava as próprias chances na corrida entre o tempo e a oportunidade.

Eram nove e quinze da noite do dia 29 de setembro, e fazia frio, mesmo no saguão do Imperial Hotel. Não houve verão naquele ano. O outono tinha Londres entre os dentes e sacudia a cidade, despojando-a dos restos de verão.

O frio chegou ao seu dente, o dente estragado e dolorido. Se tivesse ido ao dentista, em vez de virar na cama e dormir mais uma hora, não estaria agora sentindo dor. Bem, tarde demais, ficaria para o dia seguinte. Teria muito tempo. Não precisava marcar hora.

Bastava sorrir para a recepcionista, que ela, derretendo-se completamente, prometia arranjar um tempo para ele entre as consultas marcadas. Ele sorria outra vez, ela corava, e Gavin era atendido, ao invés de esperar duas semanas, como os pobres cretinos que não tinham rostos maravilhosos.

Nessa noite teria de aguentar. Só precisava de um cara cheio de grana — um daqueles maridos que pagavam uma nota para levar na boca—e poderia, então, retirar-se para um clube noturno do Soho com seus pensamentos. Desde que não arranjasse um maníaco por confissão, poderia livrar-se de sua carga e ficar livre às dez e meia.

Mas essa não era a sua noite. Havia uma cara nova na recepção do Imperial, uma cara magra e abatida, com uma peruca esquisita pousada (grudada) na cabeça calva que, há quase meia hora, observava Gavin com os olhos semicerrados.

O recepcionista habitual, Madox, era um homossexual não assumido, que Gavin já tinha visto uma ou duas vezes fazendo a ronda dos bares, uma presa fácil para quem gosta do tipo. Madox era massa de bolo nas mãos de Gavin, havia até comprado a companhia dele por uma hora, há alguns meses. Gavin fizera abatimento no preço — era boa política. Mas esse homem novo era certinho, perigoso e conhecia o jogo de Gavin.

Calmamente, Gavin foi até a máquina de cigarros, seus passos acompanhando o som do *muzakno* tapete vermelho escuro. Que porra de noite chata!

O recepcionista estava à sua espera, quando Gavin afastou-se da máquina com o maço de Winston na mão.

— Com licença... senhor — A fala afetada, nada natural.

Gavin olhou amistosamente para ele.

— Sim?

— O senhor é residente deste hotel... senhor?

— Na verdade...

— Se não é, a gerência agradecerá se deixasse o local imediatamente.

— Estou esperando alguém.

— É mesmo?

O recepcionista não acreditou.

— Muito bem, então dê-me o nome que...

— Não é preciso.

— Diga-me o nome — insistiu o homem — que terei prazer em verificar se seu... contato... está no hotel.

O filho da mãe ia mesmo criar caso, e isso diminuía as opções de Gavin. Ou levava a coisa com calma e saía do hotel, ou bancava o cliente ofendido e acabava com a alegria do homem. Mais para provocar do que por considerar a melhor tática, escolheu a segunda opção.

— O senhor não tem direito... — Gavin começou a se irritar, mas o recepcionista não se impressionou.

— Escute, filho — disse ele. — Sei o que você está querendo; portanto, não seja atrevido ou chamarei a polícia. — O homem perdeu o controle da sua elocução, e, a cada sílaba, seu sotaque mais se aproximava dos bairros pobres ao sul do rio. — Temos uma boa clientela aqui, e ninguém quer negócio com gente da sua laia, entendeu?

— Escroto — disse Gavin, em voz baixa.

— Bem, é um ponto acima de um chupador de peru, certo?

Touché.

— Agora, meu filho, você quer dar o fora com suas próprias pernas ou prefere ser carregado com algemas pelos caras de azul?

Gavin jogou sua última cartada.

— Onde está o Sr. Madox? Quero falar com o Sr. Madox. Ele me conhece.

— Estou certo que conhece — zombou o recepcionista. — Tenho absoluta certeza. Ele foi despedido por conduta indecorosa.

— A dicção artificial estava voltando. — Por isso, se fosse você, eu não invocaria o nome dele aqui. Certo? Agora, vá andando.

Com a vitória garantida, o recepcionista recuou como um matador e despediu o touro com um gesto.

—A gerência agradece sua presença. Por favor, não nos visite outra vez.

A partida era do homem de peruca. Que diabo, havia outros hotéis, outros saguões, outros recepcionistas. Não precisava aturar toda aquela merda.

Gavin empurrou a porta com um sorridente "a gente se vê" para o homem. Talvez aquilo fizesse o piolho suar numa noite em que estivesse voltando para casa e ouvisse passos atrás dele. Era uma satisfação insignificante, mas era alguma coisa.

A porta se fechou, selando o calor lá dentro e Gavin lá fora. Estava mais frio, muito mais frio do que quando entrou no hotel. Uma garoa fina começava a cair, cada vez mais intensa, enquanto ele caminhava apressado pela Park Lane, a caminho de Kensington. Na High Street havia uns dois hotéis onde podia abrigar-se por algum tempo. Se não conseguisse nada, admitiria a derrota.

O tráfego era intenso em Hyde Park Corner, na direção de Knightsbridge ou Vitoria, contínuo, brilhante. Gavin imaginou-se de pé na ilha de concreto entre as duas pistas, as pontas dos dedos enfiadas nos bolsos da calça jeans (apertada demais para acomodar as mãos), solitário, esquecido.

Uma onda de infelicidade subiu das profundezas de sua alma. Estava com vinte e quatro anos e cinco meses. Levava aquela vida, intermitentemente, desde os dezessete anos, prometendo a si mesmo que iria encontrar uma viúva rica (a aposentadoria do gigolô), ou uma profissão decente, antes dos vinte e cinco.

Mas o tempo estava passando, e nem de longe ele sonhava realizar sua ambição. Fora-se o impulso inicial, e ele havia ganho mais uma linha sob os olhos.

O tráfego continuava como um rio brilhante, as luzes assinalando este ou aquele imperativo, carros de gente com escadas para subir e cobras para lutar, sua passagem isolando-o da margem, da segurança, naquela ânsia de chegar ao destino.

Gavin não era o que havia sonhado que seria, o que havia prometido ao próprio eu.

E a juventude já era ontem.

Para onde ir agora? O apartamento ia parecer uma prisão nessa noite, mesmo com um pouco de maconha para amaciar as arestas. Ele queria, não, *precisava* estar com alguém. Nem que fosse só para ver a própria beleza refletida em outros olhos. Ouvir dizer o quanto era perfeito, encontrar alguém para pagar o jantar e o vinho, nem que fosse o irmão mais rico e o mais feio do corcunda de Notre-Dame. Nessa noite precisava de uma dose de afeição.

A coisa foi tão fácil que ele quase esqueceu o episódio no saguão do Imperial. Um cara de cinquenta e poucos anos, com grana, sapatos Gucci, um sobretudo caro. Numa palavra, qualidade.

Gavin estava de pé na porta de um pequeno cinema de arte, vendo as fotografias do filme de Truffaut em cartaz, quando sentiu que alguém olhava para ele. Olhou para o cara a fim de se certificar de que era um convite. O homem ficou nervoso. Deu alguns passos, mudou de ideia, resmungou qualquer coisa e voltou, fingindo que estava interessado no programa do cinema. Evidentemente inexperiente no jogo, pensou Gavin, um novato.

Calmamente, Gavin acendeu um Winston, a chama do fósforo dourando seu rosto. Fazia isso sempre, muitas vezes na frente do espelho para o próprio prazer. Ergueu os olhos por uma fração de segundo — isso sempre dava resultado. Dessa vez, quando fitou os olhos nervosos do homem, ele não recuou.

Gavin deu uma tragada no cigarro, sacudiu o fósforo e jogou-o no chão. Há meses não fazia esse tipo de jogo, mas constatou, satisfeito, que não havia perdido a prática. A identificação correta de um cliente em potencial, a oferta implícita nos olhos e nos lábios, que podia ser interpretada como um gesto amistoso, se estivesse enganado.

Mas dessa vez não estava enganado, era artigo genuíno. Os olhos do homem estavam pregados em Gavin, com um encantamento tão intenso que parecia quase doloroso. Sua boca estava aberta, sem conseguir dizer as primeiras palavras. O rosto não era grande coisa, mas também não era feio. Bronzeado muitas

vezes e muito depressa. Talvez tivesse vivido no exterior. Gavin supunha que o homem fosse inglês, como indicava seu tipo de prevaricação.

Contrariando seus hábitos, Gavin fez o primeiro movimento.

— Gosta de filmes franceses?

Todo o corpo do homem relaxou de alívio.

— Gosto — respondeu.

— Vai entrar?

O homem fez uma careta.

— Acho... acho que não.

— Um pouco frio...

— Sim, está.

— Frio demais para ficar parado na rua, quero dizer.

— Oh, sim.

O homem mordeu a isca.

— Será... que aceita um drinque?

Gavin sorriu.

— É claro, por que não?

— Meu apartamento é aqui perto.

— Certo.

— Eu estava começando a me chatear, você sabe, em casa.

— Sei o que quer dizer.

Agora, o homem sorriu.

— Você é... ?

— Gavin.

Ele estendeu a mão enluvada num gesto formal. Apertou com força a mão de Gavin, sem nenhum traço da hesitação demonstrada antes.

— Sou Kenneth — disse o homem. — Ken Reynolds.

— Ken.

— Vamos sair do frio?

— Tudo bem.

— Fica bem perto daqui.

Reynolds abriu a porta do apartamento, e uma onda de ar quente e embolorado envolveu-os. Depois dos três lances de escada, Gavin estava sem fôlego, mas Reynolds não parecia cansado.

Fanático por exercício, talvez. Ocupação? Alguma coisa no centro da cidade. O aperto de mão, as luvas de couro. Talvez serviço do governo.

— Entre, entre.

Havia dinheiro ali. O tapete espesso e macio abafou seus passos. Pouca coisa no *hall* de entrada, um calendário na parede, a mesinha com o telefone, uma pilha de catálogos, um cabide.

— Está mais quente aqui dentro.

Reynolds tirou o sobretudo e dependurou-o no cabide de pé. Ainda com as luvas, fez Gavin entrar numa sala maior.

— Dê-me seu paletó — disse ele.

— Oh... certo.

Gavin tirou o paletó, e Reynolds voltou para o *hall* com ele. Reapareceu e começou a tirar as luvas com um pouco de dificuldade porque o suor grudava-as em suas mãos. O cara já estava nervoso, mesmo na própria casa. Geralmente eles começavam a se acalmar quando sentiam-se a salvo atrás de portas trancadas. Mas esse não, era um verdadeiro catálogo de tiques nervosos.

— Aceita um drinque?

— Sim, seria ótimo.

— Qual é o seu veneno?

— Vodca.

— Certo. Pura?

— Uma gota d'água.

— Purista, hein?

Gavin não entendeu a observação.

— Isso mesmo — respondeu.

— Como eu gosto. Desculpe-me por um momento... vou apanhar gelo.

— Tudo bem.

Reynolds deixou as luvas na cadeira ao lado da porta e saiu da sala. Como no *hall*, o calor era quase sufocante, mas não havia nada de doméstico ou acolhedor na sala. Fosse qual fosse sua profissão, Reynolds era um colecionador. As peças antigas estavam por toda parte, nas paredes e nas estantes. A mobília era pouca e estranha. Cadeiras tubulares muito usadas contrastavam com o apartamento

caro. Talvez o homem fosse diretor de alguma universidade, ou diretor de museu, alguma profissão acadêmica. Não era a sala de um corretor da bolsa.

Gavin não entendia de arte, menos ainda de história; portanto, os objetos significavam muito pouco para ele, mas, mesmo assim, foi olhar de perto, só para demonstrar boa vontade. As estantes eram de uma monotonia incrível. Só pedaços de cerâmica e de esculturas, nada inteiro, apenas fragmentos. Em alguns deles podia-se distinguir a insinuação de um desenho, com as cores quase apagadas pelo tempo. Alguns eram, evidentemente, partes de esculturas de seres humanos, um pedaço do torso, de um pé (com os cinco dedos), um rosto quase completamente destruído, que não era mais feminino nem masculino. Gavin bocejou disfarçadamente. O calor, a coleção e a expectativa de sexo provocavam sono.

Voltou a atenção desinteressada para as peças dependuradas na parede. Eram mais bonitas, mas nenhuma inteira. Para Gavin era incompreensível que alguém gostasse de olhar para aquelas coisas. Nada tinham de atraentes. Os altos-relevos em pedra, dependurados na parede, estavam todos gastos e manchados. A pele das figuras parecia leprosa, e as inscrições em latim eram quase invisíveis. Não havia nada de bonito nelas, estragadas demais para serem belas. Gavin sentiu-se sujo, como se aquela condição fosse contagiosa.

Apenas uma peça despertou seu interesse. Uma pedra tumular, ou que ele julgou ser uma pedra tumular, maior do que as outras e mais conservada. Um homem a cavalo brandia a espada, inclinado sobre o corpo decapitado do inimigo. Sob o desenho, algumas palavras em latim. As pernas dianteiras do cavalo tinham sido quebradas, e as colunas que ladeavam o desenho estavam bastante desgastadas pelo tempo; o restante da imagem, porém, tinha sentido. Havia até um traço de personalidade no rosto do homem, o nariz longo, a boca larga. Era um indivíduo.

Gavin estendeu a mão para tocar a inscrição, mas recolheu-a quando ouviu Reynolds entrar na sala.

— Não, por favor, pode tocar — disse Reynolds. — Está aí para proporcionar prazer. Toque à vontade.

Agora, convidado a tocar a coisa, Gavin não sentia mais vontade. Estava embaraçado, tinha sido apanhado em flagrante.

— Vá em frente, toque — insistiu Reynolds.

Gavin tocou a peça. Pedra fria, áspera sob as pontas de seus dedos.

— É romana — disse Reynolds.

— Uma lápide?

— Sim. Encontrada perto de Newcastle.

— Quem era ele?

— Chamava-se Flavinus. Era o porta-estandarte do regimento.

O que Gavin pensou ser uma espada era, na realidade, um estandarte. Terminava num desenho quase todo apagado, uma abelha talvez, uma flor, uma roda.

— Então, você é arqueólogo?

— É uma parte do meu trabalho. Pesquiso lugares para escavações, uma vez ou outra dirijo uma escavação, mas a maior parte do tempo faço a restauração dos objetos.

— Como aqueles?

— Minha obsessão pessoal são as ruínas romanas da Grã-Bretanha.

Deixou os copos na mesa e aproximou-se das estantes.

— Isto tudo colecionei durante anos. Nunca me canso da sensação de manejar objetos que passaram séculos sem ver a luz do sol. É como um mergulho na história. Você compreende?

— É, compreendo.

Reynolds apanhou um fragmento de cerâmica da estante.

— É claro que os melhores achados ficam com as maiores coleções. Mas, se você é esperto, consegue guardar algumas peças. A influência dos romanos foi incrível. Engenheiros civis, de estradas, construtores de pontes.

Reynolds riu, de repente, do próprio entusiasmo.

— Oh, diabo — disse ele. — Estou fazendo uma preleção outra vez. Desculpe, deixei-me levar pelo entusiasmo.

Recolocou os fragmentos nas estantes e voltou aos copos. De costas para Gavin, enquanto servia os drinks, perguntou:

— Você é muito caro?

Gavin hesitou. O nervosismo do homem era contagioso, e a mudança brusca da conversa, dos romanos para o preço de uma chupada, exigia uma certa acomodação.

— Depende — respondeu, ambíguo.

— Ah... — disse Reynolds, ainda ocupado com os copos. —

Quer dizer, qual é, exatamente, a natureza do meu... do meu pedido?

— Isso mesmo.

— É claro.

Voltou-se, entregando a Gavin uma boa dose de vodca, sem gelo.

— Não serei muito exigente.

— Não sou barato.

— Estou certo disso—sorriu brevemente—e estou disposto a pagar bem. Pode ficar a noite toda?

— Quer que eu fique?

Reynolds franziu a testa com o copo entre os lábios.

— Acho que sim.

— Então eu fico.

A atitude de Reynolds mudou de repente. A indecisão foi substituída pela certeza.

—Tim-tim — disse ele, batendo o copo com uísque no copo com vodca de Gavin. — Ao amor e à vida e a qualquer outra coisa que mereça ser paga.

O duplo sentido não escapou a Gavin. O homem estava extremamente tenso.

— Bebo a isso — disse Gavin, tomando um grande gole de vodca.

Em seguida, os drinques sucederam-se rapidamente, e, mais ou menos na terceira dose, Gavin começou a se sentir relaxado e satisfeito, como há muito não se sentia, contente em ouvir vagamente a dissertação de Reynolds sobre escavações e as glórias de Roma, enquanto sua mente divagava. Obviamente iria passar a noite ali, ou pelo menos ficaria até o nascer do dia; então, por que não tomar a vodca do cara e aproveitar a experiência, pelo que ela valia? Mais tarde, provavelmente muito mais tarde, a julgar pela

disposição do homem para falar, fariam um sexo meio bêbado num quarto escuro, e isso seria tudo. Conhecia esse tipo de cliente.

Homens solitários, talvez entre dois amores, e geralmente fáceis de serem contentados. Aquele cara não estava comprando sexo, mas companhia, outro corpo para compartilhar o espaço que ocupava, dinheiro fácil.

Então, o ruído.

A princípio, Gavin achou que alguma coisa estava batendo dentro de sua cabeça, mas Reynolds levantou-se logo, com o rosto crispado. A expressão de bem-estar desapareceu.

—O que foi isso?—perguntou Gavin, levantando-se também um pouco tonto.

— Tudo bem — Reynolds o fez voltar à cadeira. — Fique aqui...

O som tornou-se mais forte. Um tambor dentro de um forno, batendo enquanto queimava.

— Por favor, por favor, fique aqui por um momento. É só alguém lá em cima.

Reynolds estava mentindo, o barulho não vinha de cima, mas de algum lugar no apartamento, uma batida cadenciada que ficava mais rápida, mais lenta, mais rápida outra vez.

— Sirva-se de um drinque — disse Reynolds, na porta, com o rosto muito corado. — Malditos vizinhos...

O chamado, pois era isso, estava diminuindo.

— Só um instante — prometeu Reynolds, saindo e fechando a porta.

Gavin também conhecia cenas desagradáveis. Amantes que apareciam em momentos inoportunos, caras que ofereciam dinheiro para espancá-lo — houve um que, atormentado pelo sentimento de culpa, havia destruído completamente o quarto de hotel. Essas coisas aconteciam. Mas Reynolds era diferente, nada nele parecia indicar alguma estranheza. Bem no fundo de sua mente, Gavin lembrava que os outros caras também não pareciam estranhos, no começo. Ora, que diabo, preferiu afastar as dúvidas. Se começasse a ficar nervoso cada vez que saía com um desconhecido, logo deixaria de trabalhar. De certo modo, tinha de confiar na sorte e no próprio

instinto, e seu instinto dizia que esse cara não era dado a acessos de loucura.

Tomou um gole de vodca, tornou a encher o copo e esperou.

Não ouvia mais o barulho, o que facilitava a explicação. Talvez fosse mesmo o vizinho de cima, afinal. Não ouvia Reynolds andando ou se movendo no apartamento.

Procurou alguma coisa com que se ocupar, e seus olhos recaíram na lápide.

Flavinus, o porta-estandarte.

Havia algo de gratificante na ideia de ter o rosto perpetuado na pedra, numa forma um tanto rude, é verdade, e colocado ao lado dos próprios ossos, mesmo sabendo que, algum dia, um historiador iria separar a pedra dos ossos. O pai de Gavin quisera ser enterrado, e não cremado. Do contrário, dizia, como iriam lembrar dele? Quem iria chorar ao lado de uma urna, num nicho na parede? A ironia era que ninguém ia ao seu túmulo. Durante todos aqueles anos, desde a morte do pai, Gavin fora lá somente umas duas vezes. Uma pedra com uma data, um nome, uma frase feita. Nem se lembrava mais em que ano o pai havia morrido.

Mas as pessoas lembravam-se de Flavinus, pessoas que nunca o haviam conhecido, que não conheciam a vida que ele levara, conheciam-no agora. Gavin levantou-se e tocou o nome do porta-estandarte, a gravação tosca das letras "FLAVINUS", a segunda palavra da inscrição.

O barulho recomeçou, repentinamente, mais frenético do que antes. Gavin olhou para a porta, esperando ver Reynolds com alguma explicação. Ninguém apareceu.

— Droga.

O barulho continuou, furioso. Alguém, em algum lugar, estava muito zangado. E, dessa vez, não havia dúvida, era naquele andar, a poucos metros de onde ele se encontrava. Gavin ficou curioso. Esvaziou o copo com um gole e saiu para o corredor. O barulho cessou quando fechou a porta da sala.

— Ken? — chamou, hesitante. A palavra pareceu morrer em seus lábios.

O corredor estava escuro, a não ser por uma luz fraca na outra extremidade. Talvez uma porta aberta. Gavin encontrou um interruptor, mas não estava funcionando.

— Ken? — chamou de novo.

Dessa vez obteve resposta. Um gemido e o som de um corpo rolando, ou sendo rolado. Reynolds teria sofrido um acidente? Jesus, ele podia estar imobilizado ou ferido ali perto. Gavin precisava ajudá-lo. Por que seus pés relutavam em se mover? Sentiu, nos testículos, o formigueiro da antecipação nervosa, como quando brincava de esconder, dominado pela excitação da caça. Era quase agradável.

E, prazer à parte, podia ir embora agora, sem saber o que havia acontecido ao homem? Precisava entrar naquele corredor.

A primeira porta estava entreaberta. Gavin empurrou-a e viu um escritório de trabalho e estantes cheias de livros. As luzes da rua iluminavam uma mesa tosca. Nada de Reynolds, nem do homem do tambor. Mais confiante agora, Gavin continuou pelo corredor. A porta seguinte—da cozinha—também estava aberta. Não havia luz lá dentro. As mãos de Gavin estavam úmidas de suor. Pensou em Reynolds tentando tirar as luvas grudadas nas palmas suadas. Do que tinha medo? Era alguma coisa mais do que o fato de apanhar Gavin na rua. Havia outra pessoa no apartamento, alguém com gênio muito violento.

Quando viu a marca da mão na porta, o estômago de Gavin foi parar na garganta. Era uma marca de sangue.

Empurrou a porta, mas alguma coisa impedia que se abrisse completamente. Passou pela pequena abertura e entrou na cozinha. Uma lata de lixo não esvaziada ou vegetais esquecidos empestavam o ar. Gavin passou a mão na parede, procurando o interruptor, e o tubo fluorescente acendeu com um espasmo.

Os sapatos Gucci de Reynolds apareceram atrás da porta. Gavin puxou-os, e Reynolds rolou do esconderijo. Havia, evidentemente, se escondido atrás da porta, encolhendo-se como um animal espancado. Estremeceu quando Gavin o tocou.

—Tudo bem... sou eu—Gavin afastou a mão ensanguentada com que Reynolds cobria o rosto. Um corte profundo ia da têmpora

até o queixo, e outro, paralelo, mas não tão profundo, atravessava a testa e o nariz, como se tivesse sido arranhado por um garfo com dois dentes.

Reynolds abriu os olhos. Levou um segundo para reconhecer Gavin e disse:

— Vá embora.

— Você está ferido.

— Pelo amor de Deus, vá embora. Depressa. Mudei de ideia... Você compreende?

— Vou chamar a polícia.

O homem praticamente cuspiu as palavras.

— Que droga, saia daqui! Porra de vagabundo!

Gavin endireitou o corpo, tentando compreender o que havia acontecido. O homem está agressivo por causa da dor. Procure ignorar os insultos e arranje alguma coisa para cobrir os ferimentos. Era isso. Tratar do ferimento, depois ir embora. Se ele não queria a polícia, tudo bem. Provavelmente não queria explicar a presença de um garoto bonito na sua estufa.

— Deixe que eu faça um curativo...

Gavin voltou para o corredor.

Atrás da porta da cozinha, Reynolds disse "Não faça isso", mas o vagabundo não ouviu. E, se tivesse ouvido, não faria muita diferença. Gavin gostava de desobedecer. "Não faça isso" era um convite.

Apoiando as costas na porta, Reynolds tentou levantar-se, segurando a maçaneta. Mas sua cabeça girava num carrossel de horrores, girando, girando, cada cavalo mais feio do que o outro. Suas pernas se dobraram, e ele caiu como um idiota senil que era.

Droga! Droga! Droga!

Gavin ouviu a queda de Reynolds, mas estava demais ocupado, procurando uma arma, para voltar correndo à cozinha. Se o intruso que havia atacado Reynolds ainda estava no apartamento, queria estar preparado para defender-se. Encontrou, na escrivaninha, uma espátula ao lado da correspondência não aberta. Dando graças a Deus pelo achado, apanhou a arma leve, de lâmina fina e frágil, mas que, bem usada, podia matar.

Mais satisfeito, voltou para o corredor e, por um momento, planejou sua tática. A primeira coisa a fazer era localizar o banheiro, onde esperava encontrar o de que precisava para o curativo de Reynolds. Até uma toalha limpa servia. Talvez, então, o cara explicasse alguma coisa.

Depois da cozinha, o corredor fazia um ângulo fechado. Gavin virou o canto e logo adiante viu a porta aberta, a luz acesa e a água brilhando nos ladrilhos. O banheiro.

Segurando a faca com as duas mãos, Gavin aproximou-se da porta. Os músculos de seus braços estavam rígidos de medo. Será que isso daria mais força ao golpe, se tivesse de usar a arma? Sentia-se inepto, pesado, um pouco idiota.

Havia sangue no batente da porta, a marca da palma de Reynolds. Foi aqui que aconteceu — Reynolds tinha procurado apoio no batente quando recuou, fugindo do assaltante. Se o intruso ainda estava no apartamento, tinha de estar no banheiro. Não havia nenhum outro lugar para esconder-se.

Mais tarde, se houvesse mais tarde, provavelmente ele analisaria a situação e classificaria de idiotice seu pontapé na porta, abrindo-a, provocando o confronto. Mas, enquanto pensava na cretinice do que fazia, e estava fazendo, a porta abriu-se sobre os ladrilhos cobertos de poças de água sanguinolenta, e, a qualquer momento, iria aparecer alguém, com um gancho de ferro no lugar da mão, gritando ameaçadoramente.

Não. Nada disso. O assaltante não estava ali; portanto, não se encontrava no apartamento.

Gavin soltou com alívio o ar dos pulmões. Vendo negada a oportunidade de espetar alguém, a faca amoleceu entre seus dedos. Agora, a despeito do terror, do suor nas mãos, ficou desapontado. A vida pregava-lhe mais uma peça—surrupiava seu destino pela porta dos fundos, deixando-o com um esfregão em vez de uma medalha. Tudo que podia fazer era bancar o enfermeiro para o homem e dar o fora.

A decoração do banheiro era em tons de verde-claro, o sangue destoava dos azulejos. A cortina cintilante do chuveiro, com desenhos de peixes e algas estilizados, estava entreaberta. Parecia o

cenário de um filme de horror, um pouco irreal. Sangue vermelho demais, a luz muito clara.

Gavin deixou a faca no lavatório e abriu o armário com espelho. Estava cheio de colutórios, complementos vitamínicos e tubos de pasta vazios, mas o único medicamento era uma lata de Band-Aid. Quando fechou a porta, viu no espelho o próprio rosto pálido. Abriu a torneira de água fria e abaixou a cabeça, para eliminar parte do efeito da vodca e recuperar a cor perdida.

Quando ergueu a mão em concha cheia d'água, para lavar o rosto, alguma coisa se mexeu atrás dele. Gavin ergueu o corpo com o coração batendo loucamente e fechou a torneira. A água pingou do seu queixo e das pestanas, gorgolejando no ralo.

A faca ainda estava no lavatório, a um palmo de distância. O barulho vinha da banheira, de *dentro* da banheira, um inofensivo patinhar na água.

O susto liberou a adrenalina em seu corpo, e seus sentidos destilaram o ar com nova precisão. O cheiro forte e ácido de sabonete de limão, o brilho dos peixes-anjos cor turquesa deslizando entre as algas cor de lavanda na cortina do chuveiro, as gotas frias em seu rosto, o calor dentro dos olhos, todas as experiências novas, detalhes que sua mente deixara passar até aquele momento, preguiçosa demais para ver, cheirar e sentir até os limites de suas possibilidades.

Você está vivendo no mundo real, disse sua mente (era uma revelação) e, se não tiver cuidado, é onde irá morrer.

Por que não tinha examinado a banheira? Cretino. Por que não a banheira?

— Quem está aí? — perguntou, esperando, sem esperança, que Reynolds tivesse uma lontra nadando tranquilamente na banheira. Esperança ridícula. Havia sangue por toda parte, pelo amor de Deus.

Deu as costas ao espelho quando o barulho parou — faça outra vez, faça outra vez!

— e abriu a cortina, fazendo-a correr nos ganchos de plástico. Na pressa de descobrir o mistério, deixara a faca no lavatório. Tarde demais, cantaram em coro os anjos turquesa, e ele olhou para a água.

A banheira estava cheia quase até a borda com água escura. Uma espuma marrom espiralava na superfície, e o cheiro era de alguma coisa animal, como pelo de cachorro molhado. Nada apareceu na superfície.

Gavin olhou para o fundo, tentando identificar a forma escura, e seu rosto refletiu-se na espuma. Inclinou-se mais para a frente, sem entender o que via, até reconhecer a mão com dedos toscos e perceber que estava olhando para uma forma humana encolhida como um feto, completamente imóvel na água imunda.

Passou a mão na superfície para tirar a espuma suja, seu reflexo se partiu e pôde ver a coisa na banheira. Era uma estátua, uma figura humana adormecida, mas com a cabeça torcida, olhando para os sedimentos escuros da superfície. Os olhos pintados estavam abertos, duas bolas no rosto mal esculpido; a boca era uma fenda; as orelhas, alças ridículas na cabeça calva. Estava nua, sua anatomia mal caprichada como o rosto, o trabalho de um aprendiz de escultor. Em alguns lugares, a tinta, solta talvez pelo mergulho demorado, erguia-se em tiras do torso da estátua, revelando a madeira escura.

Nada para sentir medo. Um *objet d'art* imerso na água para remover uma pintura mal feita. O barulho que ouvira devia ter sido das bolhas que subiam da coisa, provocadas por alguma reação química. Nenhum motivo para pânico. Continue batendo, meu coração, como dizia o *barman* do Embaixador, quando um novo garoto aparecia em cena.

Gavin sorriu. O que estava vendo não era nenhum Adonis.

— Esqueça que a viu.

Reynúlds estava na porta. Não sangrava mais, graças a um lenço rasgado que segurava contra o ferimento. A luz refletida nos azulejos dava um tom esverdeado à sua pele, sua palidez faria inveja a um cadáver.

— Você está bem? Não parece.

— Vou ficar bem... Agora, por favor, vá embora.

— O que aconteceu?

— Escorreguei. Água no chão. Escorreguei, só isso.

— Mas o barulho...

Gavin olhou para a banheira. Alguma coisa naquela estátua fascinava-o. Talvez a nudez, e aquela segunda nudez que estava acontecendo debaixo d'água, o máximo do *strip-tease*, a retirada da pele.

— Vizinhos, nada mais.

— O que é isto? — perguntou Gavin, sem tirar os olhos do rosto inacabado dentro d'água.

— Não é da sua conta.

— Por que está todo encolhido? Está morrendo?

Gavin olhou para Reynolds e viu apenas o fim da resposta à sua pergunta, o mais amargo dos sorrisos.

— Você vai querer dinheiro.

— Não.

— Droga! Esse é seu trabalho, não é? Tem dinheiro ao lado da cama, pegue quanto acha que merece por perder seu tempo — olhou para Gavin com expressão calculista — e por seu silêncio.

A estátua outra vez. Gavin não podia tirar os olhos dela, em toda sua crueza e imperfeição. Seu próprio rosto, intrigado, flutuou na superfície da água, envergonhando a mão do artista da estátua.

— Não fique imaginando coisas — disse Reynolds.

— Não posso evitar.

— Não tem nada a ver com você.

— Você a roubou, é isso? A estátua vale uma grana, e você a roubou.

Reynolds pesou a pergunta e, afinal, disse, como se estivesse cansado demais para mentir.

— Sim. Eu a roubei.

— E esta noite alguém veio buscá-la...

Reynolds deu de ombros.

— É isso? Alguém veio buscar a estátua?

— Certo. Eu a roubei... — Reynolds recitou a frase decorada — ... e alguém veio buscá-la.

— E só o que eu queria saber.

— Não volte aqui, Gavin seja-lá-que-foi. E não pense em nenhuma esperteza, porque não estarei aqui.

— Quer dizer extorsão? — disse Gavin. — Não sou ladrão.

O olhar avaliador de Reynolds era agora de desprezo.

— Ladrão ou não, deve me agradecer. Se sabe agradecer.

Reynolds afastou-se da porta, dando passagem para Gavin.

Gavin não se moveu.

— Agradecer o quê? — perguntou.

Começou a se irritar. Sentia-se absurdamente rejeitado, como se quisessem convencê-lo de uma meia-verdade por acharem que não merecia compartilhar do segredo.

Reynolds não tinha mais forças para explicar. Encostou-se no batente da porta, exausto.

— Vá — disse ele.

Gavin balançou a cabeça afirmativamente e deixou o homem na porta. Quando passou do banheiro para o corredor, um pedaço de tinta certamente desprendeuse da estátua. Ouviu quando chegou à superfície, a batida da água na borda da banheira; viu, mentalmente, o movimento da água dando a impressão de que o corpo se movia.

— Boa-noite — disse Reynolds, atrás dele.

Gavin não respondeu, nem apanhou o dinheiro. Deixe que ele fique com suas lápides e seus segredos.

Entrou na sala para apanhar seu paletó. Flavinus, o porta-estandarte, olhava para ele do seu lugar na parede. O homem deve ter sido um herói, pensou Gavin. Só um herói seria comemorado daquele modo. Ele jamais seria lembrado assim, não teria nenhum rosto de pedra para marcar sua passagem.

Fechou a porta da frente quando saiu, sentiu de novo a dor de dente, e, nesse momento, o barulho recomeçou, as batidas de um punho fechado na parede.

Ou, pior, a fúria repentina de um coração desperto.

No dia seguinte, a dor de dente piorou, e Gavin foi ao dentista de manhã, esperando conseguir atendimento imediato com a recepcionista. Mas seu encanto estava em maré baixa, seus olhos não tinham aquela cintilação magnética de costume. Teria de esperar até sexta-feira, a não ser que se tratasse de caso de emergência. Gavin confirmou, porém, a moça discordou dele. Tudo indicava que ia ser um péssimo dia. Um dente doendo, uma

repcionista lésbica, gelo nas poças d'água, mulheres tagarelando em cada esquina, crianças feias, céu feio.

Foi quando começou a perseguição.

Não era a primeira vez que um admirador o perseguia, mas nunca desse modo. Nunca assim, com sutileza tão sorrateira. Já o haviam seguido por dias, de bar em bar, de rua em rua, com uma dedicação canina que o deixava quase louco. O mesmo rosto ansioso todas as noites, criando coragem para lhe pagar um drinque, oferecer um relógio, cocaína, uma semana na Tunísia, coisas assim. Gavin odiava essa adoração pegajosa que logo azedava como leite e acabava fedendo insuportavelmente. Um de seus mais ardentes admiradores, um ator com título de nobreza, segundo tinham contado, nunca chegou perto dele, apenas seguia-o por toda parte, olhando, olhando. A princípio, Gavin sentiu-se lisonjeado, mas o prazer logo se transformou em irritação, e, finalmente, ele abordou o cara num bar e ameaçou partir-lhe a cara. Naquela noite, Gavin estava tão irritado, tão farto de ser devorado por olhares, que teria cometido uma violência se o pobre-diabo não se tivesse acovardado. Gavin nunca mais o viu e, às vezes, imaginava o ator enforcando-se de desgosto.

Mas esta perseguição não era tão óbvia, era pouco mais do que a sensação de estar sendo seguido. Não possuía nenhuma prova concreta. Apenas a impressão desagradável, cada vez que olhava em volta, de que alguém escondia-se nas sombras, ou que à noite andava atrás dele, acompanhando cada movimento, cada hesitação de seus passos. Era como uma paranoia, mas acontece que ele não era paranoico. Se fosse, pensava, alguém já devia ter dito.

Além disso, houve alguns incidentes. Certa manhã, a mulher que morava no andar abaixo do seu perguntou quem era seu visitante, o homem engraçado que chegava tarde da noite e esperava durante horas e horas na escada, vigiando seu quarto. Gavin não havia recebido nenhuma visita e não conhecia ninguém que combinasse com aquela descrição.

Outra vez, numa rua movimentada, Gavin abrigou-se na entrada de uma loja vazia, para acender o cigarro, e viu o reflexo do homem, distorcido pela vitrine suja. O fósforo queimou seu dedo,

Gavin abaixou os olhos, e, quando os ergueu, o homem que o vigiava fora tragado pelo mar faminto da multidão. Era uma sensação horrível, e não ficou só nisso.

Gavin nunca havia falado com Preetorius, embora às vezes trocassem um cumprimento mudo, na rua, e procurassem saber notícias um do outro entre os conhecidos comuns, como se fossem amigos. Preetorius era negro, mais ou menos entre os quarenta e cinco anos e a ruína, um cafetão glorificado que se dizia descendente de Napoleão. Comandava, há quase dez anos, algumas mulheres e três ou quatro garotos e ganhava muito dinheiro. Quando Gavin começou a trabalhar, aconselharam-no a procurar a proteção de Preetorius, mas ele sempre foi muito independente para desejar aquele tipo de ajuda. Por essa razão, não era bem visto por Preetorius e por sua tribo. E, quando se tornou parte fixa do cenário, ninguém desafiou seu direito de ser independente. Diziam que Preetorius nutria uma certa admiração relutante por Gavin.

Admiração ou não, devia estar um dia gelado no inferno quando Preetorius, finalmente, quebrou o silêncio.

— Garoto branco...

Eram quase onze horas, e Gavin saía de um bar perto de St. Martin's Lane a caminho de Covent Garden. Era grande ainda o movimento na rua. Devia haver clientes em potencial entre os que saíam dos cinemas e dos teatros, mas Gavin não estava disposto nessa noite. Tinha cem libras no bolso, ganhas na véspera e não depositadas no banco. Não precisava mais do que isso.

Seu primeiro pensamento, quando viu os três negros bloqueando sua passagem, foi de que queriam dinheiro.

— Garoto branco...

Então ele reconheceu o rosto chato e brilhante. Preetorius não era assaltante de rua, nunca fora e nunca seria.

— Garoto branco, quero ter uma palavrinha com você.

Preetorius tirou uma noz do bolso, quebrou-a com a mão e colocou-a na boca.

— Não se importa, certo?

— O que você quer?

—Como eu disse, uma palavrinha. Não estou pedindo muito, estou?

— Não, não está. O que é?

— Não aqui.

Gavin olhou para os capangas de Preetorius. Não eram gorilas, esse não era o estilo dos negros, mas também não eram fracotes. O cenário não parecia muito saudável.

— Obrigado, mas não irei, obrigado — disse Gavin, começando a se afastar do trio com a maior calma possível. Eles o seguiram. Gavin rezou para que não o seguissem, mas o seguiram. Preetorius disse, atrás dele:

— Escute. Ouvi umas coisas ruins a seu respeito.

— Foi mesmo?

— Infelizmente foi. Disseram que você atacou um de meus garotos.

Gavin deu seis passos antes de responder.

— Eu não. Está falando com o homem errado.

—Ele o reconheceu, seu monte de lixo. Você fez umas coisas muito erradas.

—Já disse, não fui eu.

—Você é um lunático, sabia? Devia estar atrás das porras das grades.

Preetorius levantou a voz. Os transeuntes desviavam-se deles.

Sem pensar, Gavin saiu da St. Martin's Lane e entrou em Long Acre, antes de perceber seu erro tático. O movimento era menos intenso e teria de fazer uma longa caminhada pelas ruas de Covent Garden para chegar a outro centro de atividade. Devia ter entrado à direita, não à esquerda, desse modo estaria logo em Charing Cross Road, mais seguro. Droga, não podia voltar e caminhar diretamente para eles. A única coisa a fazer era continuar andando (sem correr, nunca corra com um cão danado nos seus calcanhares) e procurar manter a conversa naquele nível.

Preetorius disse:

— Você me custou muita grana.

— Não sei por quê...

— Pôs um de meus melhores garotos fora de circulação. Vai levar muito tempo para que ele possa voltar ao trabalho. Está morrendo de medo, sabia?

— Escute... Eu não fiz nada a ninguém.

— Por que vem com essa porra de mentira para mim, seu monte de lixo? O que eu fiz a você para me tratar assim?

Preetorius apressou o passo e começou a andar ao lado de Gavin, deixando os companheiros para trás.

— Escute... — murmurou —, garotos como aquele podem ser uma tentação, certo? Eu posso entender isso. Se você põe um traseiro de garotinho no meu prato, não vou rejeitar. Mas você o machucou, e, quando você machuca um dos meus garotos, eu sangro com ele.

— Se eu tivesse feito isso, acha que estaria andando na rua agora?

— Talvez você não esteja muito bom da cabeça, sabia? Não estamos falando de uns pequenos machucados aqui ou ali. Estou falando de você tomar banho de chuveiro com o sangue do garoto, é disso que estou falando. Dependurando o garoto e cortando todo o corpo dele, depois deixando-o na escada da minha casa, com uma porra de meia cobrindo seu rosto. Está entendendo minha mensagem, agora, garoto branco? Recebeu a mensagem?

Preetorius descreveu o crime com fúria genuína, e Gavin não sabia como controlar a situação. Continuou a andar, em silêncio.

— O garoto idolatrava você, sabia? Achava que você era o modelo perfeito do garoto de rua, para um principiante. Não gosta de saber isso?

— Não muito.

— Devia estar lisonjeado, cara, porque nunca passou disso.

— Obrigado.

— Teve uma boa carreira. Pena que tenha chegado ao fim.

Gavin sentiu um peso gelado na barriga. Pensou que Preetorius iria contentar-se com a advertência. Mas, aparentemente, não. Estavam ali para machucá-lo. Jesus, iam bater nele e por uma coisa que não tinha feito, da qual nem sabia.

— Vamos tirar você das ruas, garoto. Para sempre.

— Eu não fiz nada.

— O garoto o reconheceu, mesmo com aquela meia na sua cabeça. A voz era a mesma, as roupas eram as mesmas. Admita, você foi reconhecido. Agora, aguente as consequências.

— Foda-se.

Gavin começou a correr. Aos dezoito anos, ele corria por seu condado, precisava daquela velocidade agora. Atrás dele, Preetorius deu uma gargalhada (uma boa brincadeira!), e dois pares de pés saíram em perseguição a Gavin. Estavam perto, mais perto — e Gavin em péssimas condições físicas. Suas coxas começaram a doer depois de uns poucos metros, e a calça jeans era justa demais, dificultando os movimentos. A corrida estava perdida antes de começar.

— O homem não te mandou ir embora — censurou um dos capangas, enfiando os dedos no bíceps de Gavin.

— Uma boa tentativa — sorriu Preetorius, caminhando calmamente para os cães e a presa ofegante. Fez um sinal quase imperceptível para o outro capanga.

— Christian? — chamou.

Aceitando o convite, Christian deu um murro no rim de Gavin. Ele dobrou o corpo para a frente, praguejando.

Christian disse:

— Ali adiante.

Preetorius disse:

— Ande depressa.

E, de repente, eles o estavam arrastando para um beco escuro. Rasgaram seu paletó e a camisa, os sapatos caros foram arrastados pela sujeira, e, então, eles o seguraram ereto, gemendo. O beco era escuro, e os olhos de Preetorius pareciam soltos no ar, na sua frente.

— Aqui estamos outra vez — disse ele. — Felizes como sempre.

— Eu... não toquei no garoto — disse Gavin, com voz entrecortada.

O capanga sem nome, o não-Christian, pôs a mão do tamanho de um presunto no peito de Gavin e o empurrou para o fundo do beco. Ele escorregou na lama, e, por mais que procurasse ficar de pé, suas pernas pareciam feitas de água. Seu ego também. Não era hora

de ser corajoso. Ia implorar, lamperia os pés deles, se fosse preciso, qualquer coisa para evitar que fizessem um trabalho nele. Qualquer coisa para evitar que arruinassem seu rosto.

Esse era o passatempo favorito de Preetorius, pelo menos era o que diziam na rua, destruir a beleza. Tinha a habilidade rara de desfigurar irremediavelmente com três golpes da sua navalha e fazia a vítima guardar os próprios lábios como lembrança.

Gavin caiu para a frente, as palmas no chão molhado. Alguma coisa podre e pegajosa deslizou entre seus dedos.

Não-Christian trocou um olhar divertido com Preetorius.

— Ele não está uma beleza? — disse o homem.

Quebrando uma noz, Preetorius respondeu:

— Parece — disse ele — que o cara, afinal, encontrou seu lugar na vida.

— Eu não toquei nele — implorou Gavin. Só podia negar e negar, e, mesmo assim, era causa perdida.

— Você é culpado como o diabo — disse não-Christian.

— *Por favor.*

— Na verdade, eu gostaria de acabar com isto o mais depressa possível — disse Preetorius, consultando o relógio. — Tenho encontros marcados, gente para satisfazer.

Gavin ergueu os olhos para seus atormentadores. A rua iluminada estava a uns vinte metros, se conseguisse quebrar o cordão daqueles corpos.

— Permita-me remodelar seu rosto. Um pequeno crime contra a estética.

A faca estava na mão de Preetorius. Não-Christian tirou do bolso uma corda com uma bola na ponta. A bola vai na boca, a corda em volta da cabeça. Não se pode gritar nem que nossa vida dependa disso. Então tinha de tentar.

Agora!

Gavin arremeteu para a frente, da posição em que estava, como um corredor saindo da baliza, mas a sujeira molhada e escorregadia desequilibrou-o. Ao invés de uma corrida para a salvação, tropeçou e caiu em cima de Christian, derrubando-o.

Começaram uma luta ofegante, e Preetorius, dignando-se sujar as mãos no lixo branco, segurou Gavin e o pôs de pé.

— Não tem saída, escroto — disse ele, apertando a ponta da lâmina contra o queixo de Gavin, onde a saliência do osso era mais acentuada, e começou a cortar, traçando a linha do queixo, furioso demais para fazer um corte decente. Gavin soltou um urro quando o sangue escorreu para seu pescoço, mas os dedos grossos de um dos homens agarraram sua língua e seguraram-na com força.

O coração batia em suas têmporas, e janelas, uma depois da outra, abriam-se e abriam-se na frente dele, e Gavin caía por elas, a caminho da inconsciência.

Melhor morrer. Melhor morrer. Iam destruir seu rosto, era melhor morrer.

Então, ele estava gritando outra vez, mas o som não saía da sua garganta. Através do turbilhão nos ouvidos, tentou identificar a voz e compreendeu que agora estava ouvindo os gritos de Preetorius.

Soltaram sua língua, e Gavin vomitou. Recuou, vomitando, procurando afastar-se de uma confusão de pessoas que se debatiam à sua frente. Alguém havia interferido, evitando que completassem seu desfiguramento. Um corpo estava estendido de costas no chão. Não-Christian, olhos abertos, a vida fechada. Meu Deus, alguém havia matado por ele. *Por ele.*

Com um gesto hesitante, levou a mão ao rosto para avaliar a avaria. A carne estava profundamente lacerada desde o meio do queixo até um centímetro da orelha. Era um ferimento sério, mas Preetorius, sempre organizado, ia deixar os maiores prazeres para o fim, sendo interrompido antes de cortar as narinas de Gavin, ou seus lábios. Uma cicatriz no queixo não ia ficar bonita, mas também não era um desastre.

Alguém saía da confusão e cambaleava para ele: Preetorius, com lágrimas escorrendo pelo rosto, olhos como bolas de golfe.

Atrás dele, Christian, com os braços inutilizados, cambaleava na direção da rua.

Preetorius não estava indo naquela direção. Por quê?

Ele abriu a boca, e um filamento elástico de saliva, com pérolas enfiadas, pendia de seu lábio inferior.

—Ajude-me — implorou ele, como se sua vida estivesse nas mãos de Gavin.

Ergueu a mão enorme, como que para agarrar uma gota de misericórdia no ar, mas outro braço apareceu sobre seu ombro e enfiou uma lâmina em sua boca. O negro gorgolejou uma vez, a garganta tentando acomodar a faca à sua largura, e então o atacante puxou-a para cima e para trás, segurando o pescoço de Preetorius para aguentar a força do golpe. O rosto apavorado dividiu-se em dois, e o calor subiu do interior de Preetorius como uma nuvem, aquecendo Gavin.

A arma caiu no chão do beco com um ruído surdo. Gavin olhou para ela. Uma espada curta de lâmina larga. Olhou outra vez para o homem morto.

Preetorius estava de pé, ereto, seguro pelo braço de seu algoz. A cabeça era uma fonte e pendeu para frente. O carrasco interpretou aquele movimento como um sinal e deixou cair o corpo aos pés de Gavin. Agora, sem o biombo do corpo de Preetorius, Gavin viu-se frente a frente com seu salvador.

Num instante, identificou aqueles traços toscos: os olhos assustados e sem vida, a boca como um corte no rosto, as orelhas como alças de xícara. Era a estátua de Reynolds. A coisa sorriu, mostrando dentes muito pequenos para o rosto. Dentes de leite, ainda não trocados. Mas, mesmo no escuro, Gavin notou uma melhora na aparência da estátua. A testa parecia maior, o rosto mais proporcional. Era ainda um boneco pintado, mas um boneco com aspirações.

A estátua fez uma medida rígida, com todas as juntas estalando, e Gavin percebeu o extremo absurdo da situação. A coisa se curvava, sorria, matava. Mas não podia estar viva, ou podia? Mais tarde não ia acreditar, Gavin prometeu a si mesmo. Mais tarde encontraria centenas de razões para não aceitar aquela realidade ali à sua frente. Atribuiria à falta de sangue no próprio cérebro, à confusão, ao pânico. De um modo ou de outro ia convencer-se de

que aquela fantástica visão era irreal e seria como se nunca tivesse acontecido.

Se pudesse tê-la pelo menos mais alguns minutos.

A visão estendeu o braço e tocou de leve o queixo de Gavin, passando os dedos toscos nas bordas do ferimento feito por Preetorius. A luz incidiu num anel no dedo mínimo, idêntico ao de Gavin.

— Vamos ficar com uma cicatriz — disse a estátua.

Gavin conhecia aquela voz.

— É uma pena — continuou a coisa, falando com a *sua* voz. — Mas podia ser pior.

Sua voz. A voz de Gavin. Meu Deus, a *sua* voz!

Gavin balançou a cabeça.

— Sim — disse a estátua, percebendo que ele compreendia.

— *NÓS*

— Sim.

— Por quê?

A estátua levou a mão ao próprio queixo, e, no mesmo lugar do ferimento de Gavin, apareceu um corte, e, logo em seguida, uma cicatriz. Não sangrou. A coisa não tinha sangue.

Porém, aquela testa não imitava a sua, os olhos penetrantes não começavam a ficar como os seus, e a boca não se transformava na sua boca maravilhosa?

— E o garoto? — perguntou Gavin, juntando as peças do quebra-cabeças.

— Oh, o garoto... — Ergueu os olhos inacabados para o céu. — Um verdadeiro tesouro! E como gritou.

— Você se banhou no sangue dele?

— Eu preciso. — Ajoelhou perto do corpo de Preetorius e pôs os dedos na cabeça partida.—Este sangue é velho, mas serve. O garoto era melhor.

Passou o sangue de Preetorius no rosto, como se fosse pintura de guerra. Gavin não disfarçou o nojo.

— É uma perda muito grande? — perguntou a estátua.

A resposta era não, é claro. A morte de Preetorius não era uma grande perda, como não era uma grande perda que um garoto

drogado, pervertido, tivesse dado algum sangue e uma noite de sono para alimentar aquele milagre pintado. Aconteciam coisas piores todos os dias, em algum lugar. Horrores imensos. Ainda assim...

— Você não pode me perdoar — disse a coisa. — Não está em sua natureza. Logo também não estará na minha. Repudiarei minha vida de atormentador de crianças porque estarei vendo com *seus* olhos, compartilhando *sua* humanidade...

A estátua levantou-se com movimentos ainda um tanto rígidos.

— Mas, até lá, devo fazer o que acho certo.

No lugar em que a coisa havia passado o sangue de Preetorius, a pele já parecia mais viva, não tanto como madeira pintada.

— Sou uma coisa sem nome — disse. — Sou um ferimento no flanco do mundo. Mas sou também o estranho perfeito, pelo qual você sempre orou quando era criança, o estranho que chegaria para buscá-lo, chamá-lo de belo, erguer seu corpo nu da rua e levá-lo, através da janela, para o céu. Não sou? Não sou?

Como podia saber seus sonhos de infância? Como podia adivinhar aquele simbolismo especial de ser erguido de uma rua cheia de doenças e levado para uma casa que era o céu?

— Por que eu sou você — disse a coisa, respondendo à pergunta não enunciada — aperfeiçoado.

Gavin apontou os corpos.

— Não pode ser eu. Eu jamais teria feito isso.

Não era muito delicado condenar a intervenção que lhe salvou a vida, mas estava dizendo a verdade.

— Não mesmo? — disse o outro. — Acho que faria.

Gavin ouviu a voz de Preetorius, sentiu a faca no queixo, "um crime contra a estética", a náusea, a impossibilidade de reagir. E claro que teria feito, teria feito uma dúzia de vezes e chamaria isto de justiça.

A coisa não precisou ouvir essa conclusão. Era evidente.

— Voltarei para vê-lo outra vez — disse o rosto pintado. — Enquanto isso... se fosse você... — riu — eu iria embora.

Gavin olhou-o nos olhos, para ter certeza, e começou a andar na direção da rua.

— Não por aí! Aqui!

Apontou para uma porta quase escondida através de sacos de lixo. Por isso ele havia chegado rapidamente, em silêncio.

— Evite as ruas principais e não deixe que o vejam. Quando eu estiver pronto, eu o encontrarei.

Gavin não esperou uma segunda ordem. Fosse qual fosse a explicação dos acontecimentos daquela noite, tudo estava feito. Não era hora de perguntas.

Entrou pela porta sem olhar para trás, mas o que ouviu foi o bastante para revirar seu estômago. O baque surdo de líquido no chão, o gemido de prazer da coisa. Gavin podia imaginar como seria sua higiene.

Na manhã seguinte, nada parecia mais claro. Nenhuma compreensão repentina sobre a verdade do que havia sonhado de olhos abertos. Apenas uma série de fatos nus.

No espelho, o próprio corte no queixo, com o sangue coagulado e doendo mais do que o dente estragado.

Nos jornais, a reportagem sobre os dois corpos encontrados na área de Covent Garden, dois criminosos conhecidos da polícia, assassinados cruelmente no que a polícia chamava de "guerra de gangues".

Na sua cabeça, a certeza de que seria encontrado, mais cedo ou mais tarde. Alguém devia tê-lo visto com Preetorius e contaria à polícia. Talvez o próprio Christian e logo estariam ali na sua porta com algemas e ordens de prisão. Qual seria a sua defesa? Que o culpado não era um homem, mas uma espécie de efígie que, aos poucos, estava se tornando uma réplica dele mesmo? A questão não era se iam prendê-lo ou não, mas onde o prenderiam, na cadeia ou num manicômio?

Entre o desespero e a incredulidade, Gavin foi ao ambulatório de acidentados e esperou pacientemente três horas para ser atendido, na companhia de meia dúzia de feridos.

O médico foi muito direto. Não adiantava dar pontos, disse ele, o mal estava feito. O ferimento devia e ia ser tratado, mas uma cicatriz feia era agora inevitável. Por que não veio ontem à noite, quando aconteceu?, perguntou a enfermeira. Gavin deu de ombros.

Eles não se incomodavam nem um pouco. Compaixão artificial não o ajudava em nada.

Quando dobrou a esquina, viu os carros na frente da sua casa, a luz azul, os vizinhos amontoados fofocando e rindo. Tarde demais para reclamar qualquer coisa da sua vida anterior. A essa hora já se haviam apossado das suas roupas, seus pentes, seus perfumes, suas cartas—e estavam revistando tudo como macacos à procura de piolhos. Gavin sabia como aqueles filhos da mãe eram meticulosos quando convinha, com que rapidez podiam juntar e dividir a identidade de um homem. Devorando, sugando. Podiam apagar uma pessoa da face da terra num segundo, transformando-a num vazio ambulante.

Não podia fazer nada. Sua vida lhes pertencia para zombar e salivar, até mesmo para um momento de nervosismo, quando vissem suas fotografias, imaginando se, numa noite escura, não tinham pago os favores daquele garoto.

Podiam ficar com tudo. Eram bem-vindos. A partir daquele momento, ele não teria lei, porque as leis protegem a propriedade, e Gavin não possuía mais nada. Eles haviam tirado tudo. Não tinha onde morar, nada de seu. O mais estranho era que sequer sentia medo.

Deu as costas para a rua e para a casa onde tinha vivido durante quatro anos com uma espécie de alívio, feliz por terem roubado sua vida com toda sua esqualidez. Sentia-se mais leve.

Duas horas mais tarde e alguns quilômetros mais longe, Gavin parou para examinar os bolsos. Tinha o cartão do banco, quase cem libras em dinheiro, uma pequena coleção de fotografias, algumas dos pais e da irmã, a maioria dele mesmo, um relógio, um anel e um cordão de ouro no pescoço. Podia ser perigoso usar o cartão — sem dúvida, o banco estava avisado. A melhor coisa seria penhorar o anel e a corrente e partir para o norte. Tinha amigos em Aberdeen que o esconderiam por algum tempo. Mas, antes, Reynolds.

Gavin levou uma hora para encontrar a casa de Ken Reynolds. Não comia há quase vinte e quatro horas, e seu estômago reclamava quando parou na frente da Livingstone Mansions. Mandou que ele se calasse e entrou sorrateiramente no prédio. O interior parecia

menos impressionante à luz do dia. O pequeno tapete estava gasto, e a tinta do corrimão, encardida de uso.

Sem pressa, subiu os três lances de escada até o apartamento de Reynolds e bateu na porta.

Ninguém atendeu, e não se ouvia nenhum ruído lá dentro. É claro, Reynolds havia dito — não volte, não estarei aqui. Teria, de algum modo, adivinhado as consequências de atirar aquela coisa contra o mundo?

Gavin bateu outra vez e teve certeza de ouvir alguém respirando no outro lado da porta.

— Reynolds... — disse, encostando o rosto na porta. — Sei que você está aí. Nenhuma resposta, mas havia alguém, Gavin tinha certeza. Bateu na porta com a mão aberta.

— Vamos, abra essa porta. Abra, seu filho da mãe.

Um silêncio, depois a voz abafada.

— Vá embora.

— Quero falar com você.

— Vá embora, já disse. Vá embora. Não tenho nada pra lhe dizer.

— Você me deve uma explicação, pelo amor de Deus. Se não abrir a porra desta porta, vou chamar alguém para abri-la.

Uma ameaça vazia, mas Reynolds respondeu:

— Não! Espere. Espere.

A chave girou na fechadura, e a porta se abriu apenas alguns centímetros. O apartamento estava às escuras atrás do rosto que espiou para fora. Era Reynolds, sem dúvida, mas com a barba por fazer e abatido. Cheirava a sujeira, mesmo através daquela pequena abertura, e vestia uma camisa manchada e calça com um cinto cheio de nós.

— Não posso ajudá-lo. Vá embora...

— Se me deixar explicar... — Gavin empurrou a porta, e Reynolds estava muito fraco, ou muito confuso para evitar que ele a abrisse. Recuou cambaleando para o corredor escuro.

— Que porra está acontecendo aqui?

O apartamento cheirava a comida estragada. O ar viciado era irrespirável. Reynolds deixou que Gavin fechasse a porta antes de

tirar uma faca do bolso da calça suja.

— Você não me engana — disse Reynolds. — Eu sei o que você fez. Ótimo trabalho. Muito esperto.

— Quer dizer os assassinatos? Não fui eu.

Reynolds apontou a faca para Gavin.

— Quantos banhos de sangue foram necessários?—perguntou com os olhos cheios de lágrimas. — Seis? Dez?

— Eu não matei ninguém.

—... monstro.

Reynolds empunhava a espátula que Gavin havia apanhado naquela noite. Aproximou-se com ela na mão, evidentemente disposto a usá-la. Gavin encolheu-se, e Reynolds, aparentemente, tomou coragem com aquela demonstração de medo.

—Já esqueceu como é ser de carne e osso?

O homem estava com os parafusos soltos.

— Escute... eu só vim conversar.

—Você veio para me matar. Eu posso denunciá-lo... por isso veio me matar.

— Sabe quem eu sou? — perguntou Gavin.

Reynolds sorriu com desprezo.

— Você não é o garoto bicha. Parece com ele, mas não é ele.

— Pelo amor de Deus... sou Gavin... Gavin.

Não encontrava as palavras para explicar, para evitar que a faca se aproximasse.

— Gavin... lembra-se? — foi tudo que conseguiu dizer.

Reynolds hesitou por um momento, olhando para o rosto de Gavin.

— Você está suando — disse ele. E o olhar ameaçador desapareceu.

Abaixou a mão com a faca.

— Ele jamais poderá suar — disse. — Nunca soube, nunca vai saber como. Você é o garoto... não a coisa. O garoto.

O rosto relaxou e agora parecia quase vazio.

— Preciso de ajuda — disse Gavin, com voz rouca. — Tem de me dizer o que está acontecendo.

— Quer uma explicação? — disse Reynolds. — Pode ter toda que encontrar.

Levou-o para a sala. As cortinas estavam fechadas, mas, mesmo na semiobscuridade, Gavin viu todas as peças antigas irremediavelmente destruídas. Os cacos de cerâmica reduzidos quase a pó. Os altos-relevos de pedra destruídos; a laje do túmulo de Flavinus, o porta-estandarte, era um monte de cacos.

— Quem fez isto?

— Fui eu — disse Reynolds.

— Por quê?

Andando com dificuldade no meio da destruição, ele foi até a janela, abriu um pouco a cortina e espiou para fora.

— Ele vai voltar, você sabe — disse, ignorando a pergunta.

Gavin insistiu.

— Por que destruiu tudo?

— É doentia — disse Reynolds — a necessidade de viver no passado.

Voltou-se para a sala.

— Eu roubei a maior parte dessas peças durante muitos anos. Deram-me um cargo de confiança, e eu abusei dele.

Chutou um monte de entulho, e a poeira subiu no ar.

— Flavinus viveu e morreu. Isso é tudo. Saber seu nome não significa coisa alguma. Não o torna real outra vez. Ele está morto e feliz.

— E a estátua na banheira?

Reynolds conteve a respiração por alguns momentos, mentalmente vendo aquele rosto pintado.

— Você pensou que fosse ele, não pensou? Quando bati na porta.

— Sim, pensei que havia terminado seu trabalho.

— Ele imita bem.

Reynolds fez um gesto afirmativo.

— Até onde posso entender sua natureza — disse ele —, sim, ele imita bem.

— Onde você o encontrou?

— Perto de Carlisle. Eu era o encarregado da escavação. Nós o encontramos na sala de banhos, uma estátua, enrolada como uma bola ao lado dos restos de um homem adulto. Um enigma. Um homem morto e uma estátua, deitados lado a lado, numa casa de banhos. Não pergunte o que me atraiu para aquela coisa, eu não sei. Talvez ele imponha sua vontade através de nossas mentes, tanto quanto do físico. Eu a roubei e a trouxe para cá.

— *E a alimentou?*

Reynolds ficou rígido.

— Não pergunte.

— *Estou perguntando. Você a alimentou?*

— Sim.

— Você pretendia me sangrar, não é? Por isso me trouxe para cá, para me matar e deixar que ele se banhasse...

Gavin lembrou o barulho dos punhos da criatura dentro da banheira, aquela exigência furiosa por comida, como uma criança batendo nas grades do berço. Estivera tão perto de ser sacrificado como um cordeiro!

— Por que ele não me atacou como atacou você? Por que não pulou da banheira e tomou meu sangue?

Reynolds passou a palma da mão na boca.

— Ele viu seu rosto, é claro.

É claro. Viu meu rosto e quis apossar-se dele, não podia ter o rosto de um homem morto, por isso me poupou. A lógica do seu modo de agir era fascinante, agora que entendia. Gavin experimentou uma pitada da paixão de Reynolds por desvendar mistérios.

— O homem na casa de banhos. O que vocês descobriram.

— Sim...?

— Ele o impediu de fazer a mesma coisa a ele, certo?

— Provavelmente por isso seu corpo nunca foi removido, apenas selado. Ninguém compreendeu que ele morreu lutando com a criatura que queria roubar sua vida.

O quadro estava quase completo, só faltava responder à sua revolta.

Este homem esteve prestes a matá-lo para alimentar a estátua. A fúria de Gavin explodiu. Agarrou a camisa e a pele de Reynolds e sacudiu-o. Seriam os ossos ou os dentes chocalhando?

— Ele quase tomou meu rosto. — Fitou os olhos injetados de Reynolds. — O que acontece quando ele conseguir terminar o trabalho?

— Eu não sei.

— Diga-me o pior. Diga-me!

— Tudo é suposição.

— Pois adivinhe!

— Quando ele terminar a imitação do corpo físico, acho que irá roubar a única coisa que não pode imitar, sua alma.

Reynolds não sentia mais medo de Gavin. Sua voz estava doce, como se falasse a um condenado. Chegou a sorrir.

— Escroto!

Gavin puxou o rosto de Reynolds para junto do seu. Os perdigotos brancos pintaram o rosto do homem.

— Você não se importa! Não liga a mínima, certo?

Começou a esmurrar o rosto de Reynolds, uma, duas vezes, outra vez mais, até ficar sem fôlego.

O velho suportou o castigo em silêncio, oferecendo ora uma, ora a outra face, o sangue desaparecendo dos olhos vermelhos, só para voltar outra vez.

Finalmente, Gavin parou.

Reynolds, de joelhos, começou a tirar pedaços de dentes da boca.

— Eu mereci isso — murmurou.

— Como se pode impedi-lo? — perguntou Gavin.

Reynolds balançou a cabeça.

— Impossível — murmurou, puxando a mão de Gavin. — Por favor — disse, e, segurando o pulso, abriu os dedos e beijou a palma da mão.

Gavin deixou Reynolds no meio das ruínas de Roma e saiu para a rua. Sabia agora pouco mais do que antes. A única coisa que podia fazer era encontrar o animal que possuía sua beleza e acabar com ele. Se falhasse, perderia seu único atributo certo, um rosto

maravilhoso. Essa conversa de alma e humanidade nada significava para ele. Queria seu rosto.

Atravessou Kensington com passo decidido. Depois de tantos anos como vítima das circunstâncias, via a circunstância personificada, finalmente. Daria sentido a ela ou morreria tentando.

No apartamento, Reynolds abriu a cortina para ver o quadro da noite caindo sobre o quadro da cidade.

Não viveria aquela noite, não caminharia mais por aquela cidade. Fechou a cortina e apanhou a espada curta. Encostou a ponta no peito.

"Vamos", murmurou para si mesmo e para a espada, apertando o punho da arma. Mas a dor de alguns centímetros da lâmina em seu corpo foi bastante para atordoá-lo. Sabia que ia desmaiar antes de terminar a tarefa. Então, foi até a parede, encostou nela o punho da espada e deixou-se empalar pelo peso do próprio corpo. Foi o bastante. Não sabia se a espada o havia trespassado completamente, mas, com a quantidade de sangue que estava perdendo, na certa morreria. Tentou girar o corpo para que a lâmina penetrasse mais profundamente, mas não conseguiu e caiu de lado. O impacto o fez sentir a espada dentro do corpo, uma presença rígida e cruel que o transfixava completamente.

Levou mais de dez minutos para morrer, mas, durante esse tempo, descontando a dor, estava satisfeito. Fossem quais fossem as falhas cometidas em seus cinquenta e sete anos, e eram muitas, sentia que estava morrendo de um modo que não envergonharia seu adorado Flavinus.

Quase no fim começou a chover, e as batidas das gotas no telhado fizeram-no imaginar que Deus estava enterrando a casa, selando seu corpo para sempre. E o momento final chegou com uma esplêndida ilusão. Uma luz, acompanhada por vozes, pareceu surgir da parede. Fantasmas do futuro escavando sua história. Sorriu para recebê-los e ia perguntar em que ano estavam quando compreendeu que morreria.

A criatura era muito melhor na tática de evitar Gavin do que este na de encontrá-la. Três dias haviam passado sem que Gavin visse sequer um sinal dela.

Porém, o fato da sua presença, próxima, mas nunca demais, era inegável. Num bar, alguém dizia: "Vi você ontem à noite em Edgware Road", quando Gavin não estivera nem perto, ou "Então, como se saiu com o árabe?", ou, ainda, "Não fala mais com os amigos?"

E, por Deus, Gavin começava a gostar daquela sensação. A preocupação foi substituída por um prazer que não conhecia desde os dois anos de idade: tranquilidade.

E daí, se alguém estava fazendo seu trabalho, iludindo a polícia e o pessoal da rua? E daí, se seus amigos (que amigos, sanguessugas) estavam sendo ignorados por sua cópia orgulhosa? E daí, se sua vida estava sendo roubada e usada completamente em seu lugar? Ele podia dormir sabendo que ele, ou alguma coisa tão parecida com ele que não se percebia a diferença, estava acordada à noite e sendo adorada. Começou a ver a criatura, não como um monstro aterrorizador, mas como seu instrumento, quase como sua *persona*. A criatura era a substância; ele, a sombra.

Acordou, sonhando.

Eram quatro e quinze da tarde, e era intenso o barulho do tráfego na rua. Um quarto quase escuro, o ar tão respirado e re-respirado e respirado outra vez, que cheirava a pulmão. Fazia mais de uma semana que deixara Reynolds nas ruínas e, durante esse tempo, só três vezes aventurara-se a sair do pequeno apartamento de quarto, cozinha e banheiro. O sono era mais importante agora do que comida ou exercício. Tinha droga bastante para sentir-se feliz, caso o sono não viesse, o que era raro, e agora gostava do ar viciado, da faixa de luz através da cortina da janela, da sensação de um mundo, em algum lugar, do qual ele não fazia parte.

Pensara, hoje, em sair para respirar um pouco de ar fresco, mas não sentia disposição. Talvez mais tarde, muito mais tarde, quando os bares comesçassem a esvaziar e ninguém o notasse; talvez saísse do casulo para ver o que havia para ser visto. Por enquanto, havia os sonhos...

Água.

Sonhou com água. Estava sentado ao lado de um lago cheio de peixes, em Forte Lauderdale. E o ruído molhado dos saltos e

mergulhos dos peixes continuava, como que derramando-se do sonho. Ou seria o contrário? Sim, ouvira água correndo enquanto dormia, e o sonho criou um quadro para acompanhar o que ouvia. Agora, acordado, o som continuava.

Vinha do banheiro e não estava escorrendo; alguém chapinhava na água. Alguém havia invadido o apartamento enquanto ele dormia e estava tomando banho. Examinou mentalmente a lista dos possíveis intrusos, os poucos que sabiam onde ele se encontrava. Paul, um prostituto que tinha dormido no chão duas noites antes. Havia Chink, o traficante, e uma mulher do andar de baixo que ele achava que se chamava Michelle. A quem queria enganar? Nenhum deles teria arrombado a porta para entrar. Sabia muito bem quem era. Estava só fazendo um jogo, sentindo prazer no processo de eliminação, antes de chegar à única possibilidade real.

Ansioso pelo reencontro, deslizou para fora do casulo de lençol e edredom. Ao contato do ar, seu corpo transformou-se numa coluna arrepiada de frio, e a ereção do sono desapareceu. Atravessou o quarto para apanhar o roupão dependurado atrás da porta e viu-se no espelho, uma moldura gelada para um filme de terror, um arremedo de homem, encolhido pelo frio, iluminado pela luz fraca e indecisa. Tão insubstancial que a imagem parecia bruxulear no espelho.

Vestiu o roupão, a única peça de roupa comprada recentemente, e foi até a porta do banheiro. Não ouviu nenhum ruído. Abriu a porta.

O chão de plástico estava gelado sob seus pés nus, e tudo que ele queria era ver seu amigo e voltar para a cama. Mas devia mais do que isso ao que restava de sua curiosidade. Queria fazer perguntas.

A luz que passava através do vidro opaco havia enfraquecido consideravelmente nos três últimos minutos, e o começo da noite e o prenúncio de uma tempestade congelavam a obscuridade. A banheira estava cheia quase até a borda com água oleosa, calma e escura. Como da primeira vez, nada apareceu na superfície. A coisa estava escondida no fundo.

Há quanto tempo se havia aproximado de uma banheira verde-claro num banheiro verde claro, e espiado para o fundo da água? Podia ter sido ontem. Sua vida, desde então, transformara-se numa longa noite. Olhou para a água. Lá estava a coisa, deitada, como antes, dormindo toda vestida como se não tivesse tido tempo de tirar a roupa antes de se esconder. A cabeça, antes calva, estava coberta de fartos cabelos, e os traços do rosto, completos. Não havia nem sinal do rosto pintado. Aquela coisa tinha uma beleza plástica que era Gavin, exatamente Gavin. As mãos perfeitas estavam cruzadas sobre o peito.

A noite adiantava-se. Não podia fazer nada além de ver a coisa dormir, e Gavin logo se cansou da espera. Ele o havia seguido até ali, certamente não iria fugir agora. Gavin podia voltar para a cama. Lá fora, a chuva diminuía o ritmo dos que voltavam para casa. Alguns acidentes, motores aquecidos demais, corações também. Gavin ouvia a vida. O sono ia e vinha. No meio da noite, acordou com sede. Estava sonhando com água e ouvia o som na banheira, como antes. A criatura estava saindo do banho, segurando a maçaneta da porta, abrindo.

Lá estava ele. A única luz do quarto era a que vinha da rua e mal dava para iluminar o visitante.

— Gavin? Está acordado?

— Estou.

— Quer me ajudar? — pediu ele. Não havia o menor sinal de ameaça na voz. Era como um irmão pedindo a ajuda de outro.

— O que você quer?

— Tempo para me curar.

— Curar?

— Acenda a luz.

Gavin acendeu a lâmpada de cabeceira e olhou para o vulto na porta. Os braços cruzados, dentro da banheira, escondiam um enorme ferimento a bala, no peito. A carne estava dilacerada, revelando as entranhas pálidas. Não sangrava, é claro, ele jamais sangraria. De onde estava, Gavin não via nada que se parecesse com a anatomia humana dentro daquele corpo.

— Meu Deus — disse ele.

— Preetorius tem amigos — disse o outro, tocando as bordas do ferimento. Gavin lembrou-se de um quadro na parede da casa de sua mãe. Cristo em toda a sua glória — o Sagrado Coração flutuando dentro do Salvador —, e os dedos, apontando para a agonia sofrida, diziam: "Isto é para você."

— Por que você não está morto?

— Porque ainda não estou vivo — disse a coisa.

Ainda não, lembre-se disso, pensou Gavin. Insinuação de mortalidade.

— Sente dor?

— Não — disse a coisa tristemente, como se desejasse sentir. — Não sinto nada. Todos os sinais de vida são artificiais. Mas estou aprendendo. — Sorriu. — Aprendi a bocejar e a arrotar.

A ideia era absurda e patética. O arrote, uma falha do sistema digestivo, considerado como sinal precioso de humanidade.

— E o ferimento?

— ... está fechando. Com o tempo, estará completamente fechado.

Gavin ficou calado.

— Sente nojo de mim? — perguntou com voz inexpressiva.

— Não.

A coisa olhava para ele com olhos perfeitos, idênticos aos seus.

— O que foi que Reynolds lhe contou?

Gavin deu de ombros.

— Pouca coisa.

— Disse que sou um monstro? Que sugo o espírito humano?

— Não exatamente.

— Mais ou menos?

— Mais ou menos — admitiu Gavin.

A coisa fez um gesto afirmativo.

— Ele está certo. A seu modo, está certo. Eu preciso de sangue e isso faz de mim um monstro. Na minha juventude, um mês atrás, eu me banhei em sangue. A madeira adquiriu a aparência de carne. Mas não preciso mais, o processo está quase terminado. Só preciso agora...

Hesitou, não porque ia mentir, pensou Gavin, mas porque não encontrava palavras para descrever sua condição.

— Do que você precisa? — insistiu Gavin.

O outro balançou a cabeça, olhando para o tapete.

— Já vivi várias vezes, você sabe. Em certas ocasiões, roubei vidas e consegui o que queria. Vivi por um tempo normal, depois desfiz-me do rosto que estava usando e encontrei outro. Às vezes, como na última, fui desafiado e perdi...

— Você é uma espécie de máquina?

— Não.

— O que é, então?

— Sou o que sou. Não conheço nenhum outro igual a mim, mas por que devo ser o único? Talvez *existam* outros, muitos outros, só que eu não os encontrei ainda. Assim, eu vivo e morro e vivo outra vez, e não aprendo nada — falou com amargura — a meu respeito. Você compreende? Você sabe o que é, porque vê outros iguais. Se estivesse sozinho na terra, como ia saber o que era? Só o que o espelho pode mostrar. O resto seria mito e conjectura.

O resumo foi feito sem nenhum sentimento.

— Posso me deitar? — perguntou a coisa.

Caminhou para a cama, e Gavin pôde ver o movimento adejante na cavidade torácica, as formas inquietas e incoerentes, que começavam a se formar, no lugar do coração. Com um suspiro, a coisa deitou-se de bruços na cama, com as roupas encharcadas, e fechou os olhos.

— Vamos ficar bons. Só precisamos de tempo — disse.

Gavin foi até a porta do apartamento e a trancou. Depois, encostou a mesa sob a maçaneta. Ninguém podia entrar e atacar a coisa enquanto ela dormia. Ficariam ali, juntos e a salvo, ele e ele mesmo. Com a segurança garantida, fez café e, sentado na cadeira, na outra extremidade do quarto, ficou vigiando o sono da criatura.

A chuva chicoteou violentamente a janela durante uma hora, depois amainou. Folhas molhadas, levadas pelo vento, grudavam no vidro como mariposas curiosas. Gavin olhava para elas uma vez ou outra, mas logo precisava voltar a olhar para ele mesmo, para a beleza casual do braço estendido, o reflexo da luz dançando no

pulso, as pestanas. Mais ou menos à meia-noite, adormeceu na cadeira, ouvindo o uivo de uma ambulância na rua e a chuva que voltava, violenta.

A cadeira não era confortável, e, a cada dois ou três minutos, Gavin acordava, sem abrir completamente os olhos. A criatura estava de pé, ora ao lado da janela, ora na frente do espelho, ou, ainda, na cozinha. A água jorrou. Ele sonhou com água. A criatura despiu-se. Ele sonhou com sexo. Parou ao lado dele, com o peito intato, e Gavin sentiu-se seguro com sua presença. Sonhou, por um instante apenas, que estava sendo erguido da rua para a janela do céu. A criatura vestiu suas roupas, e ele murmurou seu assentimento àquele furto, sem acordar. A criatura estava assobiando, e havia uma ameaça de dia no vidro da janela, mas Gavin estava muito sonolento para se levantar e satisfeito com a ideia de deixar que o jovem com suas roupas vivesse por ele.

Finalmente, a criatura inclinou-se ao lado da cadeira e o beijou nos lábios, um beijo de irmão, e saiu. Gavin ouviu quando ela bateu a porta.

Depois disso, houve dias, ele não sabia ao certo quantos, em que ficou no quarto, sem fazer outra coisa a não ser tomar água. Era uma sede insaciável. Tomar água e dormir, tomar água e dormir, luas gêmeas.

Nos primeiros dias, a cama estava molhada no lugar em que a criatura havia dormido, e Gavin, muito cansado para trocar os lençóis. Na verdade, sentia prazer naquela umidade que seu corpo absorvera depressa demais. Então, Gavin tomou banho na água usada pela criatura e voltou para a cama encharcado, arrepiado de frio, envolto no cheiro de bolor. Mais tarde, indiferente demais para se mover, esvaziou a bexiga na cama, e aquela água, depois de algum tempo, ficou fria, até secar com o calor de seu corpo.

Mas, por algum motivo, a despeito do quarto gelado, de sua nudez e sua fome, Gavin não podia morrer.

Levantou no meio da sexta ou sétima noite e sentou na beirada da cama, procurando descobrir a falha. Sem conseguir, começou a agitar-se no quarto, como a criatura fizera dias atrás, ficando de pé na frente do espelho para examinar seu corpo dolorosamente

mudado, chegando à janela para olhar a neve que caía e derretia no parapeito.

Finalmente, por acaso, encontrou a fotografia dos pais que, lembrava-se agora, a criatura havia examinado. Ou fora sonho? Não. Tinha certeza de que a vira examinar a fotografia.

Era, evidentemente, o obstáculo ao seu suicídio. Honras deviam ser prestadas. Antes disso, como podia morrer?

Gavin caminhou para o cemitério, patinhando na neve derretida e suja, vestindo apenas calça e camiseta. As observações das mulheres de meia idade e das crianças pequenas foram ignoradas. Só interessava a ele o fato de morrer de pneumonia por andar assim na rua. A chuva ia e vinha, às vezes mais espessa, tentando virar neve, mas nunca realizando essa ambição.

Uma fileira de carros de diversas cores, parada na frente da igreja, indicava que estava sendo realizada uma cerimônia. Gavin entrou pelo lado, no cemitério, famoso pela bela vista, prejudicada nesse dia pela cortina de chuva gelada, mas ele via os trens e os prédios altos de apartamentos, as fileiras infundáveis de telhados. Caminhou entre as lápides, sem saber ao certo onde estava o túmulo do pai. Sua morte fora há dezesseis anos e de modo algum memorável. Ninguém disse coisa alguma que valesse a pena sobre a morte, em geral, nem sobre a morte de seu pai, especificamente; não houve sequer uma ou duas gafes sociais para marcar o dia. Nenhuma tia arrotou na mesa do bufê, nenhuma prima levou-o para o canto a fim de exibir o corpo.

Gavin imaginou se o resto da família alguma vez visitava o cemitério, se ainda moravam no país. Sua irmã estava sempre falando em se mudar para a Nova Zelândia e começar vida nova. Sua mãe, provavelmente, estava no quarto marido, pobre homem, embora talvez ela fosse digna de pena, disfarçando o pânico com seu tagarelar contínuo.

Ali estava a lápide. Sim, havia flores frescas na urna de mármore sobre os pequenos azulejos de mármore verde. O velho não dormia ali esquecido. Obviamente, alguém, sua irmã talvez, havia procurado consolo com o Pai. Gavin passou os dedos pelo

nome, pela data, pela frase feita. Nada excepcional, o que era o certo, porque não havia nada de excepcional em seu pai.

Olhando para a pedra, as palavras saíram quase sem que ele percebesse, como se o pai estivesse sentado na beirada do túmulo, balançando as pernas, penteando o cabelo com os dedos, fingindo, como sempre fazia, que realmente se importava com alguma coisa.

— Então, o que você acha?

O pai não parecia impressionado.

— Não sou grande coisa, sou? — perguntou Gavin.

Concordo com você, meu filho.

— Bem, sempre tive cuidado, como me ensinou. Nenhum filho da mãe anda por aí à minha procura.

Estou muito satisfeito com isso.

— Não encontrariam muita coisa, certo?

O pai assoou o nariz, passando o lenço três vezes para limpá-lo. A primeira, da esquerda para a direita; outra vez, da esquerda para a direita; e a última, da esquerda para a direita. Sempre igual. Então, ele desapareceu.

— Seu velho monte de merda.

Um trem de brinquedo apitou, e Gavin ergueu os olhos. Lá estava ele—ele próprio— de pé, completamente imóvel a poucos metros, com a roupa de Gavin, que havia apanhado há uma semana no apartamento. Estava amarrotada e suja. Mas a carne! Oh, era mais radiante do que a sua jamais fora. Quase brilhava na luz incerta do dia chuvoso, e as lágrimas nas faces do seu fantasma davam maior encanto aos traços.

— Qual é o problema? — perguntou Gavin.

— Sempre que venho aqui, sinto vontade de chorar. — Caminhou para Gavin passando por cima dos túmulos, os passos estalando no cascalho, deslizando na grama. Tão real.

— Esteve aqui antes?

— Oh, sim, muitas vezes, através dos anos...

Através dos anos? O que ele queria dizer com "através dos anos"? Fora lamentar ali as pessoas que havia matado?

Como que respondendo, a criatura disse:

— Venho visitar papai. Duas, três vezes por ano.

— Este não é seu pai — disse Gavin, quase achando graça na ilusão. — É meu.

— Não vejo lágrimas em seu rosto — disse o outro.

— Eu sinto...

— Nada—disse seu rosto.—Para ser sincero, você não sente coisa alguma.

Era verdade.

— Ao passo que eu... — as lágrimas assomaram outra vez, o nariz começou a escorrer — ... eu sentirei falta dele até o dia da minha morte.

Certamente a criatura estava representando, mas, então, por que tanto sofrimento em seus olhos e por que o rosto se enfeava, contraindo-se com o choro? Gavin raramente chorava. As lágrimas faziam-no sentir-se fraco e ridículo. Mas aquela coisa orgulhava-se das próprias lágrimas, glorificava-se nelas. Eram o seu triunfo.

E, mesmo então, percebendo que a criatura o havia dominado completamente, Gavin não conseguia sentir nada que parecesse sofrimento.

— Fique com tudo — disse ele. — Fique com o ranho. Faça bom proveito.

A criatura mal ouvia.

— Por que tudo é tão doloroso? —* perguntou ela, depois de uma pausa. — Por que é a dor da perda que me faz humano?

Gavin deu de ombros. O que ele sabia sobre a fina arte de ser humano? A criatura limpou o nariz com a manga, fungou e tentou sorrir no meio do sofrimento.

— Desculpe — disse ela. — Estou fazendo papel de idiota. Por favor, perdoe-me.

Respirou fundo, tentando controlar-se.

— Tudo bem — disse Gavin. Aquela demonstração embaraçava-o, e só queria sair dali.

— Suas flores? — perguntou, dando as costas ao túmulo.

A criatura fez um gesto afirmativo.

— Ah.

— Mesmo assim, ele não sabe de nada.

Nem olhou outra vez para a estátua. Deu meia-volta e caminhou pela passagem ao lado da igreja. Então, a coisa perguntou:

— Pode me indicar um dentista?

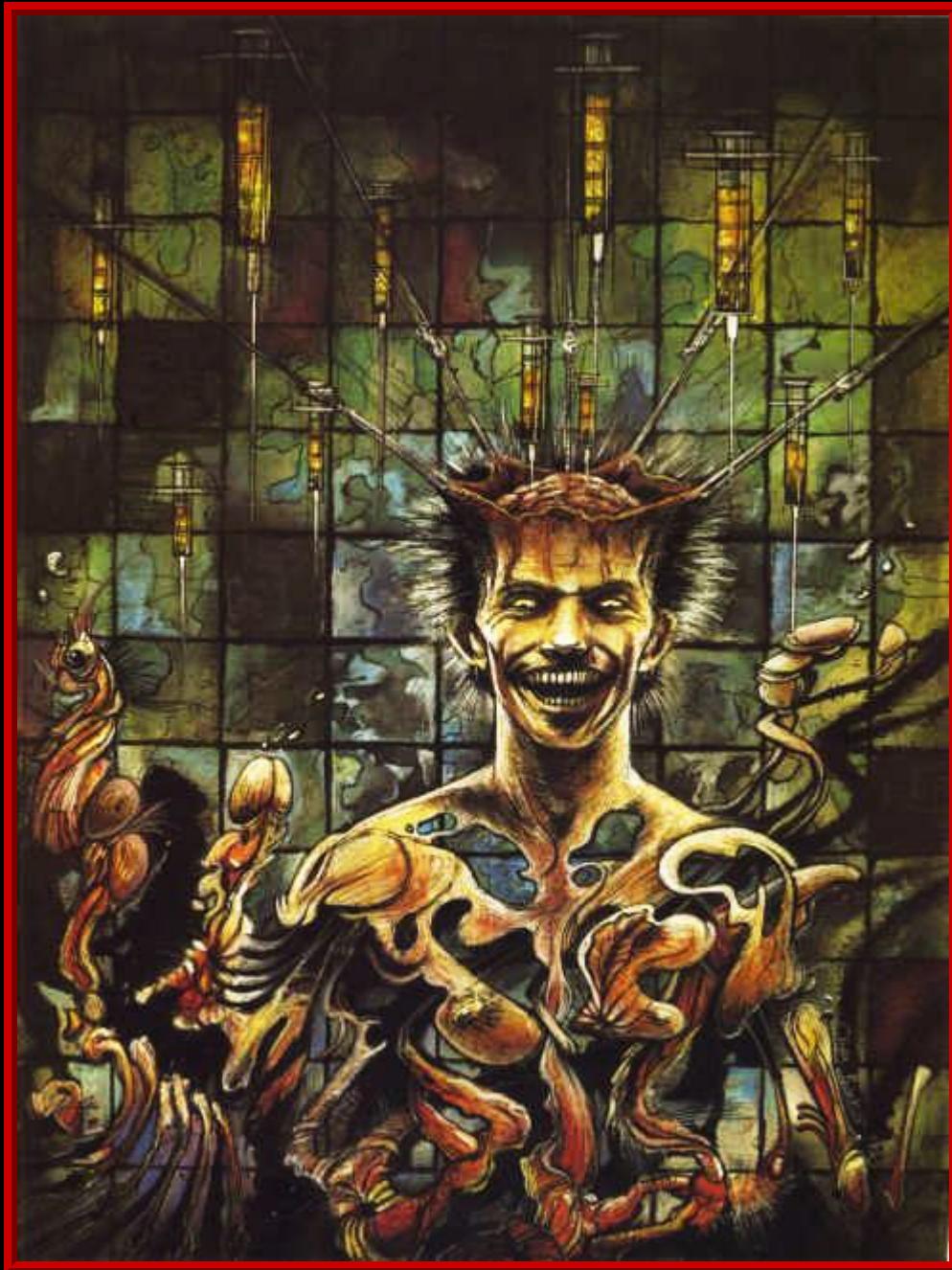
Com um largo sorriso, Gavin seguiu seu caminho.

Era quase a hora do *rush*. A avenida que passava na frente da igreja estava apinhada de carros velozes. Talvez fosse sexta-feira, e todos queriam chegar mais cedo em casa. As luzes brilhavam, as buzinas tocavam.

Gavin saiu da calçada para o meio do tráfego, sem olhar para os lados, ignorando as freadas, os palavrões, e começou a andar entre os cairos, como se estivesse num campo aberto.

O para-lama de um carro raspou sua perna, outro quase colidiu com ele. Aquela ansiedade para chegar ao lugar do qual logo estariam ansiosos para partir era ridícula. Deixe que praguem, que o odeiem, que vejam seu rosto sem formas e sigam para casa, assombrados. Se as circunstâncias fossem favoráveis, talvez um deles entrasse em pânico e, em vez de desviar, o atropelasse. Qualquer coisa estava bem. Daquele momento em diante, ele pertencia ao acaso, do qual seria o Porta-Estandarte para sempre.

Volume IV



A POLÍTICA DO CORPO

Sempre que Charlie George acordava, suas mãos ficavam imóveis.

Talvez sentisse muito calor sob as cobertas, e tivesse de jogar algumas delas para o lado de Ellen. Talvez ele até pudesse se levantar, ainda meio sonolento, e arrastar os pés até a cozinha para tomar um copo de suco de maçã gelado. Então voltava para a cama, deslizando ao lado das curvas suaves de Ellen, deixando que o sono o dominasse. Então elas aguardariam: até que os olhos dele se fechassem de vez, sua respiração ficasse regular como o tique-taque de um relógio, e tivessem certeza de que ele dormia profundamente. Somente então, quando percebessem que a consciência o havia abandonado, ousariam voltar a viver suas vidas secretas.

Já fazia meses que Charlie acordava com uma dor incômoda nos pulsos e mãos.

— Consulte um médico — lhe dizia Ellen, indiferente como sempre. — Por que você não vai ver um médico?

Porque ele detestava médicos. Quem, em seu juízo perfeito, confiaria em alguém que escolhera como profissão lidar com pessoas doentes?

"Provavelmente tenho trabalhado demais", disse ele a si mesmo.

— Até parece — resmungou Ellen.

Mas não seria essa explicação mais plausível? Seu ofício era o de embalador; trabalhava com as mãos o dia inteiro. Elas estavam cansadas. Era natural.

"Pare de se preocupar, Charlie", ele disse certa manhã ao seu reflexo no espelho, dando tapinhas no rosto para acordar. "Suas mãos são boas para qualquer coisa."

De forma que, noite após noite, a rotina era a mesma. Mais ou menos assim:

Os Georges estão dormindo, lado a lado em sua cama de casal. Ele, deitado de costas, ressonando; ela, curvada em posição fetal, voltada para o lado esquerdo do marido. A cabeça de Charlie está apoiada em dois travesseiros espessos. A boca está ligeiramente aberta, e, sob o véu cheio de veias das pálpebras, seus olhos varrem o cenário de alguma aventura sonhada. Talvez ele seja um bombeiro essa noite, talvez se veja entrando heroicamente no interior de um bordel em chamas. Sonha satisfeito, às vezes franzindo a testa, às vezes sorrindo com afetação.

Há movimento sob o lençol. Lentamente, talvez com *cautela*, as mãos de Charlie se esgueiram para fora do calor da cama. Seus dedos indicadores se encaixam como ganchos ao se encontrarem sobre o abdômen ondulante. Elas se agarram num cumprimento, como irmãos de armas. Em seu sono, Charlie geme. O bordel caiu em cima dele. As mãos caem em repouso na hora, aparentando inocência. Depois de um momento, assim que o ritmo da respiração voltou ao normal, elas reiniciam resolutamente sua conversa.

Um observador casual, sentado ao pé da cama dos Georges, poderia encarar esse movimento como sinal de algum distúrbio mental de Charlie. O jeito como suas mãos estremecem e pegam uma na outra, acariciando-se num momento, no outro parecendo brigar. Mas há claramente algum código ou sequência nesses contatos, por mais espasmódicos que sejam. Quase se poderia pensar que o homem adormecido fosse surdo-mudo, e falasse dormindo. Mas as mãos não estão falando qualquer linguagem reconhecível de sinais, nem estão tentando se comunicar com alguém senão consigo próprias. Esse é um encontro clandestino, realizado puramente entre as mãos de Charlie. Ali elas ficarão, passarão a noite sobre seu estômago, tramando contra a política do corpo.

Charlie não ignorava completamente a insurreição que fervilhava em seus pulsos. Tinha uma leve suspeita de que algo em sua vida não ia lá muito bem. Sentia cada vez mais um afastamento da realidade cotidiana: como se estivesse tornando um espectador

dos rituais diurnos (e noturnos) da vida; ao invés de participante ativo.

Tome-se, por exemplo, sua vida amorosa.

Nunca fora um grande amante, mas também sentia que não tinha do que se envergonhar. Ellen parecia satisfeita com suas atenções. Mas ultimamente ele se sentia deslocado do ato. Via suas mãos viajando sobre Ellen, tocando-a com toda a habilidade íntima de que eram capazes, e ele via essas manobras como se estivesse muito distante, e fosse incapaz de desfrutar das sensações de calor e umidade. Não que seus dedos estivessem menos ágeis. Pelo contrário. Ellen dera para ficar beijando seus dedos ultimamente, e lhe dizendo como eles eram espertos. O elogio não lhe deu um pingo de segurança sequer. Fazia até com que se sentisse pior, ao pensar que suas mãos proporcionassem tanto prazer enquanto ele não sentia nada.

Havia outros sinais de sua instabilidade. Sinais pequenos e irritantes. Ele se tornara consciente de como seus dedos batucavam ritmos marciais nas caixas que selava na fábrica, e a forma como suas mãos começaram a quebrar lápis, partindo-os em pedacinhos antes que ele percebesse o que estava (elas estavam) fazendo, deixando lascas de madeira e grafite espalhadas pelo chão da sala de empacotamento.

E o mais embaraçoso: várias vezes se dera conta de estar segurando as mãos de completos estranhos. Isso acontecera em três diferentes ocasiões. Uma vez na fila do táxi, e duas no elevador da fábrica. Ele dissera a si mesmo que isso nada mais era do que a necessidade primitiva de se segurar a outra pessoa num mundo em mudanças; era a melhor explicação que ele podia arrumar. Fosse qual fosse o motivo, era terrivelmente desconcertante, especialmente quando ele se descobria pegando sorrateiramente a mão de seu próprio chefe de seção. Pior ainda, a mão do outro homem apertara a de Charlie em retribuição, e os homens ficaram olhando para seus braços, assim como os donos de dois cães que olhassem os bichos indisciplinados copulando às suas vistas.

Charlie também começara a olhar as palmas das mãos, procurando pelos. Sua mãe um dia lhe dissera que esse era o

primeiro sinal de loucura. Não os pelos, mas o fato de procurá-los.

Agora era uma corrida contra o tempo. Debatendo sobre seu estômago à noite, suas mãos sabiam muito bem como o estado de espírito de Charlie havia se tornado crítico; podia ser apenas uma questão de dias antes que sua imaginação desenfreada se desse conta da verdade.

Então, o que fazer? Arriscar uma separação prematura, com todas as possíveis consequências; ou deixar a instabilidade de Charlie assumir seu próprio curso, imprevisível, com a chance de que descobrisse o plano em seu caminho para a loucura? Os debates ficavam cada vez mais inflamados. A Esquerda, como sempre, era cautelosa: — E se estivermos erradas — ela tateava — e não houver vida após o corpo?

— Então jamais saberemos — retrucava a Direita.

Então a Esquerda ponderava por um momento esse problema. E, em seguida: — Como vamos fazer isso, quando a hora chegar?

Era uma pergunta embaraçosa, e a Esquerda sabia que ela perturbava a líder mais do que qualquer outra. — Como? — ela perguntava novamente, forçando a vantagem.

— Como? Como?

— Vamos encontrar um jeito — respondia a Direita. — Contanto que seja um corte limpo.

— Suponha que ele resista?

— Um homem resiste com suas mãos. Suas mãos estarão em revolta contra ele.

— E qual de nós será?

— Ele me usa de forma mais eficaz — respondia a Direita — então eu deverei segurar a arma. Você irá.

Então a Esquerda ficava em silêncio por algum tempo. Elas nunca haviam estado separadas, todos aqueles anos. Não era um pensamento confortável.

— Mais tarde você poderá voltar para me buscar — diria a Direita.

— Eu voltarei.

— Você *tem que* voltar. Eu sou o Messias. Sem mim não haverá para onde ir. Você precisa convocar um exército, e depois vir me

apanhar.

— Irei até os confins do mundo, se necessário.

— Não seja sentimental.

Então elas se abraçavam, como irmãs há muito afastadas, jurando fidelidade para sempre. Ah, aquelas noites emocionantes, cheias da excitação da rebelião planejada. Mesmo durante o dia, quando elas haviam jurado ficar separadas, às vezes era impossível não se juntarem sorradeiras num momento de descanso e conversar com os dedos, dizendo:

Breve, breve; dizendo: esta noite, encontro você de novo sobre o estômago dele; dizendo:

Como será quando o mundo for nosso?

Charlie sabia que estava à beira de um ataque de nervos. Descobrira-se olhando para suas mãos de vez em quando, para observá-las com seus dedos indicadores no ar como as cabeças de bestas com longos pescoços, vasculhando o horizonte. Descobria-se olhando para as mãos de outras pessoas em sua paranoia, tornando-se obcecado com a forma como as mãos falavam uma linguagem própria, independente das intenções de seus usuários. As mãos sedutoras da secretária virgem, as mãos maníacas de um assassino que vira na televisão, protestando por sua inocência. Mãos que traíam os donos a cada gesto, contradizendo raiva com desculpas, e amor com fúria. Pareciam estar por toda parte, esses sinais de motim. Por fim ele percebeu que tinha de conversar com alguém, antes que perdesse a sanidade.

Escolheu Ralph Fry, da Contabilidade: um homem sóbrio, comum, em quem Charlie confiava. Ralph foi muito compreensivo.

— Essas coisas às vezes tomam conta da gente — ele disse. — Eu as tive quando Yvonne me deixou. Crises nervosas terríveis.

— E o que você fez a respeito?

— Vi um psiquiatra. Dr. Jeudwine. Você devia tentar uma terapia. Vai mudar muito.

Charlie virou e revirou a ideia na cabeça.

— Por que não? — disse ele depois de algumas voltas. — É caro?

— É. Mas é bom. Me livrou dos tiques nervosos: sem problema. Quero dizer, antes de eu consultá-lo, achava que era mais um desses caras com problemas matrimoniais. Agora olhe para mim — Fry fez um gesto expansivo — Tenho tantas necessidades libidinosas reprimidas que não sei por onde começar. — Ele sorriu feito um maluco. — Mas estou mais feliz que um pinto ciscando. Nunca estive mais feliz. Experimente com ele; em pouco tempo lhe dirá que bicho o está mordendo.

— O problema não é sexo — Charlie explicou a Fry.

— Vai por mim — disse Fry com um sorrisinho de bom entendedor. — O problema é sempre sexo.

No dia seguinte, Charlie ligou para o Dr. Jeudwine, sem contar a Ellen, e a secretária do psiquiatra lhe marcou uma consulta. As palmas das mãos de Charlie suavam tanto ao fazer a ligação telefônica, que pensou que o fone fosse escorregar, mas logo depois ele se sentiu melhor.

Ralph Fry estava certo, o Dr. Jeudwine em um homem bom. Não riu de nenhum dos pequenos medos que Charlie desabafou; pelo contrário; ouviu cada palavra com a maior atenção. Isso era muito reconfortante.

Durante a terceira sessão, o doutor reavivou uma lembrança particular de Charlie com uma nitidez espetacular: as mãos de seu pai, cruzadas sobre o peito largo no caixão; a cor avermelhada delas, os pelos grossos em suas costas. A absoluta autoridade daquelas mãos enormes, mesmo na morte, assombrava Charlie por vários meses depois. Ele não havia imaginado, ao ver o corpo ser entregue a terra, que o pai ainda não tinha morrido? Que as mãos ainda agora batucavam com socos na tampa do caixão, exigindo ser *libertadas*? Era uma coisa absurda de se pensar, mas trazê-la à luz fez muito bem a Charlie. Na luz brilhante do escritório de Jeudwine a fantasia parecia insípida e ridícula. Ela tremeluzia sob o olhar do doutor, protestando que a luz era muito forte, e então se desfazia, frágil demais para suportar uma análise.

O exorcismo fora bem mais fácil do que Charlie havia imaginado. Custara apenas um pequeno exame, e aquelas besteiras da infância foram desalojadas de sua psique como um pedaço de

carne estragada de entre seus dentes. Não poderia mais apodrecer ali. E, de sua parte, Jeudwine estava claramente satisfeito com os resultados, explicando por fim que aquela obsessão específica era nova para ele, e gostara de ter lidado com o problema. Mãos como símbolos de poder paterno, dissera ele, não eram comuns. Normalmente o pênis predominava nos sonhos de seus pacientes, ele explicou, ao que Charlie respondeu que mãos sempre lhe pareceram bem mais importante do que partes íntimas. Afinal de contas, elas podiam mudar o mundo, não podiam?

Depois de Jeudwine, Charlie não parou de quebrar lápis, ou de batucar com os dedos. Na verdade, o ritmo deles era mais ansioso e insistente do que nunca. Mas seu raciocínio era de que burro velho não muda fácil, e ainda levaria algum tempo até que recuperasse seu equilíbrio.

Assim, a revolução continuou subterrânea. Entretanto, escapara por um triz de ser abortada. Obviamente, não havia mais tempo para evasivas. Os rebeldes tinham de agir logo.

Inadvertidamente, foi Ellen quem instigou o levante final. Foi após uma sessão de sexo, no final de uma noite de quinta. Uma noite quente, apesar de estarem em outubro; a janela estava aberta e as cortinas, alguns centímetros, para deixar passar uma brisa fraca. Marido e mulher estavam deitados juntos sob um único lençol. Charlie havia caído no sono, muito antes do suor do corpo ter secado. Ao seu lado, Ellen ainda estava acordada, a cabeça recostada sobre um travesseiro duro como pedra, os olhos abertos. O sono levaria muito tempo a chegar naquela noite, ela sabia. Seria uma daquelas noites em que o corpo começaria a coçar, e cada caroço no colchão incomodaria, e todas as dúvidas que ela tivesse a assaltariam na escuridão. Queria esvaziar a bexiga (sempre fazia isso depois do sexo) mas não conseguia reunir suficiente força de vontade para se levantar e ir ao banheiro. Quanto mais segurasse, mais sentiria vontade de ir, claro, e menos capaz seria de dormir. Droga de situação estúpida, ela pensava, e então perdia a noção, entre suas preocupações, de que situação era tão estúpida.

Ao seu lado, Charlie se mexeu no sono. Apenas suas mãos, retorcendo-se. Ela olhou para o rosto dele. Parecia demais com um

querubim quando dormia, aparentando menos que seus quarenta e um anos, apesar dos fios brancos nas costeletas. Ela gostava dele o bastante para dizer que o amava, ela supunha, mas não o suficiente para perdoar-lhe suas puladas de cerca. Era preguiçoso, reclamava sempre. Sentia dores. E havia aquelas noites em que ele chegava tarde (pararam havia pouco), quando ela teve certeza de que ele estava vendo *outra* mulher. Enquanto ela o observava, as mãos dele surgiram. Emergiram debaixo do lençol como duas crianças brigando, os dedos ferindo o ar enfáticos.

Ela franziu a testa, sem acreditar muito no que via. Era como assistir à televisão com o som desligado, um *show de* mímica para oito dedos e dois polegares. Pasma, ela viu as mãos subirem pelo lado do corpo de Charlie e afastarem o lençol de cima de sua barriga, expondo os pelos que ficavam mais grossos perto de suas partes íntimas. A cicatriz do apêndice, mais clara que a pele ao redor, recebeu a luz de fora. Ali, sobre seu estômago, suas mãos pareceram se sentar.

A *discussão entre* as duas era de uma veemência especial essa noite. A Esquerda, sempre a mais conservadora das duas, queria um adiamento do dia da separação, mas a Direita não iria esperar mais. Era chegada a hora, ela argumentava, de testar sua força contra o tirano, e de se livrarem do corpo de uma vez por todas. Mas a decisão não ficou muito tempo por conta delas.

Ellen levantou a cabeça do travesseiro e, pela primeira vez, sentiram que alguém as olhava. Ficaram tão envolvidas na discussão que não tinham reparado nela. Agora, finalmente, sua conspiração fora revelada.

— Charlie... — ela sussurrava no ouvido do tirano. — Pare com isso, Charlie. Pare com isso.

A Direita ergueu os dedos indicador e médio, farejando a presença dela.

— Charlie... — ela insistiu. "Por que ele sempre tinha um sono tão profundo?"

— Charlie... — ela o sacudiu com mais violência quando a Direita cutucou a Esquerda, alertando-a quanto ao olhar da mulher. — Por favor, Charlie, *acorde*.

Sem avisar, a Direita deu um salto; a Esquerda não demorou mais que um instante para segui-la. Ellen gritou o nome de Charlie uma vez mais, antes que elas se fechassem sobre seu pescoço.

Em seu sono, Charlie estava num navio de escravos; os cenários de seus sonhos muitas vezes eram exóticos como um filme de Cecil B. de Mille. Nesse épico, suas mãos haviam sido algemadas, e ele estava sendo arrastado pelas correntes até a chibata, para ser punido por alguma coisa errada da qual ele não tinha conhecimento. Mas agora, subitamente, ele sonhava que estava pegando o capitão pelo pescoço fino. Os escravos ao redor urravam, encorajando o estrangulamento. O capitão — que até se parecia um pouco com o Dr. Jeudwine — estava começando a implorar que ele parasse, com uma voz aguda e apavorada. Era quase uma voz de *mulher*, a voz de Ellen. — Charlie!—ele gritava — não! — Mas seus pedidos tolos só faziam com que Charlie sacudisse o homem com mais violência ainda, e ele estava se sentindo o herói enquanto os escravos, milagrosamente libertados, reuniam-se ao seu redor numa animada multidão para ver os últimos momentos de seu senhor.

O capitão, com o rosto roxo, só conseguiu murmurar "*Você está me matando..*" antes que os polegares de Charlie se enterrassem pela última vez em seu pescoço, e acabassem com o homem. Somente então, por entre as névoas do sono, ele percebeu que sua vítima, embora homem, não tinha pomo-de-Adão. E agora o navio começava a se dissipar à sua volta, as vozes animadas perdendo a veemência. Seus olhos se abriram de repente, e ele estava de pé em cima da cama só com as calças do pijama, Ellen em suas mãos. O rosto dela estava escurecido, salpicado de bolinhas grossas de baba branca. A língua saía pela boca. Os olhos ainda estavam abertos, e por um momento parecia haver vida ali, encarando-o sob as persianas de suas pálpebras. Então essas janelas ficaram vazias, e ela saiu da casa para sempre.

A pena, e um terrível pesar, tomaram conta de Charlie. Ele tentou deixar o corpo cair, mas suas mãos recusavam-se a largar o pescoço dela. Seus polegares, agora totalmente insensíveis, ainda estavam esganando, desavergonhadamente culpados. Ele recuou, pulando da cama para o chão, mas ela o acompanhou sempre à

distância de seus braços esticados, como uma parceira de dança indesejável.

— Por favor... — ele implorou aos dedos. — Por favor!

Inocentes como duas crianças apanhadas roubando, suas mãos libertaram seu fardo, e pularam fingindo surpresa. Ellen desabou no tapete, um belo saco vazio. Os joelhos de Charlie fraquejaram; incapaz de impedir a queda, ele caiu ao lado de Ellen, e deixou as lágrimas rolarem.

Agora só havia ação. Não havia necessidade de camuflagem, de encontros clandestinos e discussões intermináveis: a verdade fora revelada, para melhor ou pior. Tudo o que elas tinham de fazer era esperar um pouco. Era apenas uma questão de tempo até que ele se aproximasse de uma faca de cozinha, uma serra ou machado. Faltava pouco agora; muito pouco.

Charlie ficou deitado no chão ao lado de Ellen por um longo tempo, soluçando. E depois por mais um longo tempo, pensando. O que ele ia fazer primeiro? Ligar para seu advogado? Para a polícia? Para o Dr. Jeudwine? Fosse para quem fosse, ele não podia fazer isso deitado de cara no chão. Tentou se levantar, mas não conseguiu que suas mãos dormentes o apoiassem. Todo o seu corpo formigava, como se tivesse levado um pequeno choque elétrico. Apenas suas mãos estavam insensíveis. Levou-as ao rosto para limpar os olhos molhados de lágrimas, mas elas caíam soltas contra suas faces, sem qualquer energia. Usando os cotovelos, ele se arrastou até a parede, e ergueu-se apoiando o corpo contra ela. Ainda meio cego de tanto chorar, ele se arrastou para fora do quarto e desceu as escadas. (A cozinha, Direita disse à Esquerda, ele está indo para a cozinha.) Isto é o pesadelo de outra pessoa, ele pensou enquanto acendia a luz da sala de jantar com o queixo e ia para o armário de bebidas. Sou inocente. Um ninguém. Por que isso está acontecendo comigo?

A garrafa de uísque deslizou de sua palma quando ele tentou fazer com que suas mãos a pegassem. Espatifou-se no chão da sala de jantar, o cheiro forte do álcool torturando seu palato.

— Vidro quebrado — cutucou Esquerda.

— Não — respondeu Direita. — Precisamos de um corte limpo a qualquer custo. Seja paciente.

Charlie cambaleou para longe da garrafa quebrada, na direção do telefone. Tinha que ligar para Jeudwine; o doutor lhe diria o que fazer. Tentou pegar o fone, mas novamente suas mãos se recusaram; os dedos se dobravam quando ele tentava digitar o número de Jeudwine. Lágrimas de frustração corriam agora por seus olhos, lavando a tristeza com raiva. Desajeitado, ele agarrou o fone entre os pulsos e levou-o à orelha, prendendo-o entre a cabeça e o ombro. Então discou o número de Jeudwine com o cotovelo.

Controle, ele disse em voz alta, mantenha o controle. Podia ouvir o número de Jeudwine sendo discado no sistema; em questão de segundos a sanidade estaria apanhando o fone do outro lado, e então tudo ficaria bem. Ele só tinha que se segurar por mais alguns momentos.

Suas mãos começaram a abrir e fechar convulsivamente.

— Controle — ele disse, mas as mãos não ouviam.

— Lá longe — *tão longe* — o telefone estava tocando na casa do Dr. Jeudwine.

— Responda, responda! Deus do céu, responda!

Os braços de Charlie haviam começado a tremer tão violentamente que ele mal conseguia manter o fone no lugar.

— Responda! — ele gritou esganiçado no bocal — *Por favor*.

Antes que a voz da razão pudesse falar, sua mão Direita voou e agarrou a mesa de jantar de teça, a menos de um metro de onde Charlie estava. Segurou firme na ponta, quase desequilibrando o homem.

— O que... você... está... fazendo? — ele perguntou, sem ter muita certeza se falava consigo ou com sua mão.

Ficou olhando assombrado o membro amotinado, que aos poucos ganhava espaço sobre a mesa. A intenção era bastante clara: ela queria afastá-lo do telefone, de Jeudwine e de toda esperança de resgate. Ele não tinha mais controle sobre seu comportamento. Não havia sequer qualquer sensação em seus pulsos ou antebraços. A mão não era mais sua. Ainda estava ligada a ele... *mas não era sua*.

Do outro lado da linha o fone foi apanhado, e a voz de Jeudwine, um pouco irritada por ter sido acordado, disse:

— Alô?

- Doutor...
- Quem é?
- É Charlie...
- Quem?

— Charlie George, doutor. O senhor deve se lembrar de mim.

A mão o estava afastando cada vez mais do fone a cada precioso segundo. Podia sentir o fone escorregando de entre seu ombro e orelha.

— Quem você disse que era?

— Charles George. Pelo amor de Deus, Jeudwine, você precisa me ajudar.

— Ligue para meu escritório amanhã.

— Você não está entendendo. Minhas mãos, doutor... elas estão descontroladas.

O estômago de Charlie deu voltas quando ele sentiu algo subindo por seus quadris. Era sua mão esquerda, e estava dando a volta para a frente do seu corpo e descendo na direção de sua virilha.

— Não se atreva — ele avisou — você pertence a mim.

Jeudwine ficou confuso.

— Com quem está falando? — ele perguntou.

— Minhas mãos! Elas querem me matar, doutor! — ele gritou para deter o avanço da mão. — Não pode! Pare!

Ignorando os gritos do déspota, Esquerda agarrou os testículos de Charlie e espremeu-os como se quisesse sangue. Não ficou desapontada. Charlie deu um grito no telefone quando Direita tirou vantagem de sua distração e o desequilibrou. O fone caiu no chão, as perguntas de Jeudwine eclipsadas pela dor no ventre. Ele caiu pesadamente, batendo a cabeça na mesa antes de atingir o chão.

— Filha da puta — ele disse para a mão. — Sua filha da puta. — Impenitente, Esquerda subiu correndo o corpo de Charlie, para juntar-se à Direita sobre o tampo da mesa, deixando Charlie pendurado na mesa pelas mãos, na mesa em que havia jantado tantas vezes, em que tantas vezes passara bons momentos.

Um momento depois, tendo discutido táticas, elas acharam por bem deixá-lo cair. Ele mal se deu conta de sua libertação. Sua cabeça e seus testículos sangravam; tudo o que ele queria era ficar um

pouco deitado e deixar a dor e a náusea passarem. Mas os rebeldes tinham outros planos e ele estava indefeso para contestá-los. Ele estava apenas um pouco consciente de que agora elas enterravam seus dedos no tapete espesso e arrastavam o peso morto dele na direção da porta da sala de jantar. Além da porta estava a cozinha; repleta com suas facas de carne pontudas e serrilhadas. Charlie imaginou-se uma grande estátua, sendo puxada para seu local de descanso final por centenas de trabalhadores suados. Não era uma passagem fácil: o corpo movia-se com espasmos e estremecimentos, as unhas dos dedos dos pés prendendo nos pelos do tapete, a pele do peito raspando até ficar em carne viva. Mas a cozinha estava apenas a um metro agora. Charlie sentiu o degrau na cara; e agora os azulejos frios estavam sob seu corpo. Enquanto elas o arrastavam pelos últimos metros no chão da cozinha, sua consciência abalada retornava aos poucos. Sob a fraca luz da lua ele conseguia ver o cenário familiar, o fogão, a geladeira que zumbia, o pedal da latinha de lixo, a lavadora de pratos. Assomavam gigantescas sobre ele: sentia-se um verme.

Suas mãos haviam alcançado o fogão. Estavam escalando sua face, e ele as acompanhava como um rei deposto ao cadafalso. Agora elas seguiam inexoravelmente ao longo da superfície da pia, as juntas brancas com o esforço, o corpo mole logo atrás. Embora não pudesse sentir nem ver, sua mão Esquerda havia se agarrado à ponta da primeira gaveta, abaixo da fileira de facas dispostas em seus lugares determinados num *rack* na parede. Facas lisas, facas serrilhadas, facas para descascar, facas para trincar: todas convenientemente arrumadas ao lado da tábua de corte, onde uma canaleta corria para a pia com cheiro de pinho.

Muito ao longe, ele pensou ter ouvido sirenes de polícia, mas era provavelmente um zumbido na sua cabeça. Virou-a levemente. Uma dor atravessava o cérebro de têtora a têtora, mas a tontura não era nada comparada aos terríveis espasmos em seu estômago quando ele finalmente registrou a intenção delas.

As lâminas estavam todas afiadas, isso ele sabia. Utensílios de cozinha afiados eram artigo de fé para Ellen. Ele começou a balançar a cabeça para frente e para trás; uma última frenética negação de

todo o pesadelo. Mas não havia ninguém a quem pedir misericórdia. Apenas suas próprias mãos, malditas fossem, planejando essa loucura final.

Então a campainha tocou. Não era ilusão. Tocou uma vez, e duas, e três.

— Afinal! — ele gritou para suas torturadoras. — Ouviram isso, suas filhas da puta? Alguém veio. Eu sabia que viriam.

Ele tentou se levantar, a cabeça virando em seu eixo deslocado para ver o que os monstros precoces estavam fazendo. Elas se moveram rápido. Seu pulso esquerdo já estava quase centrado sobre a tábua de corte...

A campainha tornou a tocar, um toque longo e impaciente.

— Aqui! — ele gritou com a voz rouca. — Estou aqui dentro! Quebrem a porta!

Ele olhou horrorizado da mão para a porta, da porta para a mão, calculando suas chances. Com uma tranquila economia de gestos, sua mão direita estendeu-se para um cutelo de açougueiro pendurado pelo buraco na lâmina, ao final do *rack*. Mesmo agora ele não conseguia acreditar que sua própria mão — sua companheira e defensora, o membro que assinava seu nome, que acariciava sua mulher—estava se preparando para mutilá-lo. Ela pesou o cutelo, sentindo o equilíbrio da ferramenta, insolentemente lenta.

Atrás, ele ouviu o ruído de vidro quebrado quando a polícia arrebentou a vidraça da porta da frente. Nesse instante eles estariam metendo a mão na fechadura e abrindo a porta. Se fossem rápidos (muito rápidos), ainda poderiam impedir o ato.

— Aqui! — ele gritou. — Aqui dentro!

O grito foi respondido com um assovio fino: o som do cutelo caindo — rápido e mortal — para encontrar o pulso que esperava. A Esquerda sentiu sua raiz atingida, e uma alegria indizível tomou conta de seus cinco dedos. O sangue de Charlie batizou suas costas em jatos quentes.

A cabeça do tirano não emitiu som. Simplesmente caiu para trás, seu sistema inconsciente devido ao choque, o que foi bom para Charlie. Foi poupado do gorgolejo do sangue que descia pelo ralo da pia. Também foi poupado do segundo e do terceiro golpes, que

finalmente separaram a mão de seu braço. Sem apoio, seu corpo cambaleou para trás, chocando-se com a prateleira de vegetais no caminho para baixo. Cebolas rolaram para fora de seu saco marrom e quicaram na poça que se espalhava em espasmos ao redor de pulso vazio.

Direita largou o cutelo. A ferramenta bateu com clangor na pia ensanguentada. Exausto, o libertador deixou-se escorregar pela tábua de corte e cair sobre o peito do tirano. Seu trabalho estava feito. Esquerda estava livre, e ainda vivia. A revolução havia começado.

A mão libertada esgueirou-se até a beira do armário e ergueu o indicador para espiar o novo mundo. Por um momento Direita repetiu o gesto de vitória, antes de desabar inocente sobre o corpo de Charlie. Por instantes não houve movimento na cozinha, exceto pela mão Esquerda tocando a liberdade com seu dedo, e a lenta passagem de fios de sangue descendo pela frente do armário.

Então uma rajada de ar frio vinda da sala de jantar alertou Esquerda do perigo iminente. Ela correu em busca de abrigo, enquanto o estrondo dos pés dos policiais e o burburinho de ordens contraditórias perturbavam o cenário do triunfo. A luz da sala de jantar foi acesa, e inundou o espaço para encontrar o corpo sobre os ladrilhos da cozinha.

Charlie viu a luz da sala de jantar de dentro de um túnel muito longo. Ele estava viajando para longe dela a uma boa velocidade. Era apenas um pontinho agora. E sumindo... sumindo...

A luz da cozinha acendeu com um zumbido.

Quando a polícia entrou pela porta da cozinha, Esquerda enfiou-se por detrás da cesta de lixo. Não sabia quem eram os intrusos, mas pressentia sua ameaça. A forma como eles se curvavam sobre o tirano, a forma como o tocavam, o seguravam, falavam palavras suaves para ele: eles eram o inimigo, disso não havia dúvida.

Do andar de cima veio uma voz; jovem, esganiçada de medo.

— Sargento Yapper?

O policial que estava com Charlie se levantou, deixando que seu companheiro terminasse o torniquete.

— O que foi, Rafferty?

— Senhor, há um corpo aqui em cima, no quarto. Mulher.

— Certo. — Yapper falou pelo seu rádio. — Chamem os peritos. E onde está a ambulância? Temos um homem seriamente mutilado em nossas mãos.

Ele se voltou para a cozinha, e limpou um fio de suor frio do lábio superior. Ao fazer isso ele achou ter visto algo se mover pelo chão da cozinha, na direção da porta; algo que seus olhos cansados haviam interpretado como uma enorme aranha vermelha. Era um truque da luz, sem dúvida. Yapper não era fã de aranhas, mas tinha certeza de que a genética não havia criado um bicho daquele tipo.

— Senhor? — O homem ao lado de Charlie também tinha visto, ou pelo menos percebido, o movimento. Olhou para seu superior. — O que foi *aquilo*?— ele queria saber.

Yapper olhou para ele sem expressão. A passagem para gatos, na porta da cozinha, fez um barulho estalado e se fechou.

O que quer que fosse, havia escapado. Yapper olhou para a porta, desviando o rosto do olhar inquiridor do rapaz. O problema é que eles esperam que você saiba tudo, ele pensou. A passagem para gatos balançava nas dobradiças.

— Um gato — Yapper respondeu, nem por um momento acreditando em sua explicação.

A noite estava fria, mas Esquerda não sentia. Ela se esgueirava pela lateral da casa, abraçando a parede como um rato. A sensação de liberdade era estonteante. Não sentir o imperativo do tirano em seus nervos; não sofrer o peso de ser corpo ridículo, ou ser obrigado a obedecer a suas exigências mesquinhas. Não ter que pegar ou carregar coisas para ele, fazer o serviço sujo; não ser obediente à sua vontade trivial. Era como nascer em outro mundo; um mundo mais perigoso, talvez, mas muito mais rico em possibilidades. Ela sabia que a responsabilidade que tinha agora era pavorosa. Ela era a única prova da vida após o corpo; e de algum modo tinha que comunicar esse fato maravilhoso a tantos amigos escravos quanto pudesse. Muito em breve, os dias de servidão estariam para sempre acabados.

Ela parou no canto da casa e farejou a rua aberta. Policiais iam e vinham: luzes vermelhas piscavam, luzes azuis piscavam, rostos

inquiridores olhavam das casas opostas e estranhavam a perturbação. A rebelião deveria começar ali, naquelas casas com as luzes acesas? Não. Aquelas pessoas estavam muito bem acordadas. Era melhor procurar almas adormecidas.

A mão atravessou o jardim da frente, hesitando nervosa com qualquer ruído de passos, ou uma ordem que parecesse ser gritada em sua direção. Abrigando-se na sebe maltratada que cercava a casa, ela alcançou a rua sem ser vista. Deu uma olhada rápida ao redor ao descer o meio-fio.

Charlie, o tirano, estava sendo levado para a ambulância, sacos de drogas e sangue erguidos acima de sua maca, derramando seu conteúdo nas veias dele. Sobre seu peito, a Direita jazia inerte, dormindo sem vontade por causa das drogas. Esquerda viu o corpo do homem sumir de vista; a dor da separação de sua companheira de uma vida inteira era quase insuportável. Mas havia outras prioridades. Ela voltaria, em pouco tempo, e libertaria a Direita da mesma forma que fora libertada. E então haveria outros tempos.

(Como será quando o mundo for nosso?)

No *foyer* da ACM da Monmouth Street, o vigia noturno bocejou e acomodou-se numa posição mais confortável em sua cadeira giratória. Conforto era uma questão inteiramente relativa para Christie; suas hemorroidas coçavam independente do lado de que se sentasse: e elas pareciam estar mais irritadas hoje que de costume. Ocupação sedentária, vigia noturno, ou pelo menos era assim que o Coronel Christie preferia interpretar suas tarefas. Uma volta superficial pelo edifício lá pela meia-noite, só para ter certeza de que todas as portas estavam trancadas e aferrolhadas, e então ele se acomodava para uma soneca, e que o mundo fosse para o inferno, ele só levantaria dali com um terremoto.

Christie tinha sessenta e dois anos, era racista e se orgulhava disso. Não sentia nada senão desprezo pelos negros que se aglomeravam nos corredores da ACM, a maioria rapazes sem casas adequadas para morar, gente ruim que as autoridades locais haviam depositado na porta da instituição como bebês indesejados. Que bebês! Ele os achava uns idiotas, todos eles; sempre intrometidos, cuspiendo no chão limpo; não falavam uma sílaba sem xingar. Esta

noite, como sempre, ele se equilibrou sobre as hemorroidas e, entre cochilos, ficou fazendo planos de como os faria sofrer por seus insultos, assim que tivesse a menor chance.

A primeira coisa que Christie conheceu de sua extinção foi uma sensação de frio e umidade na mão. Abriu os olhos e olhou para o braço. Havia — por mais improvável que pudesse parecer — uma mão cortada tocando a sua. E mais improvável ainda, as duas trocavam um aperto de saudação, como velhos amigos. Ele se levantou, um som incoerente de nojo na garganta e tentando soltar a coisa que segurava sem querer sacudindo o braço como um homem com chiclete nos dedos. Sua cabeça rodava com perguntas. Será que ele havia apanhado o objeto sem perceber? E, se isso havia acontecido, *onde*, e, em nome de Deus, de *quem* era isso? E, o que o perturbava ainda mais, como era possível que uma coisa tão inquestionavelmente *morta* pudesse se agarrar à sua mão como se nunca mais pretendesse soltá-la?

Esticou a outra mão para tocar o alarme de incêndio; era tudo o que ele podia pensar em fazer nessa situação bizarra. Mas antes que conseguisse alcançar o botão, sua outra mão desviou-se sem suas ordens para a gaveta de cima de sua mesa e abriu-a. O interior da gaveta era um modelo de organização: ali estavam suas chaves, seu caderno de notas, sua tabela de horários e — escondida ao fundo — sua faca Kukri, presente de uma gurka durante a guerra. Ele sempre a deixava ali, em caso dos nativos ficarem inquietos. A Kukri era uma arma soberba: para ele não havia melhor. Os gurkas tinham uma história a respeito da lâmina: eles podiam cortar o pescoço de um homem de forma tão limpa que o inimigo achava que haviam errado... até tentar mexer a cabeça.

Sua mão apanhou a Kukri pelo cabo trabalhado e rapidamente — rapidamente demais para que o Coronel suspeitasse de suas intenções antes do ato — levou a lâmina até seu pulso, cortando fora sua outra mão com um golpe fácil e elegante. O Coronel ficou branco quando o sangue começou a jorrar da ponta de seu braço. Ele cambaleou para trás, tropeçando na cadeira giratória, e bateu na parede de seu pequeno gabinete. Um retrato da Rainha caiu do gancho e se quebrou ao seu lado.

O resto foi um pesadelo: ele viu indefeso as duas mãos — uma sua, a outra a criatura que havia inspirado essa ruína — apanhar a Kukri com o machado de um gigante; viu a mão que lhe restava se arrastar de entre suas pernas e preparar-se para sua libertação; viu a faca levantar e cair; viu o pulso quase todo cortado, mas logo depois a carne separada, o osso serrado. No finzinho, quando a Morte chegou para buscá-lo, ele viu os três animais feridos reunindo-se aos seus pés, enquanto seus cotocos jorravam como torneiras abertas e o calor da poça fazia sua testa suar, apesar do frio em suas tripas. Obrigado e boa noite, Coronel Christie.

Era fácil esse negócio de revolução, pensou Esquerda enquanto o trio escalava as escadarias da ACM. Ficavam mais fortes a cada hora que passava. No primeiro andar estavam as celas; em cada uma, um par de prisioneiros. Os déspotas jaziam, em sua inocência, com as mãos sobre os peitos ou sobre os travesseiros, ou jogadas de encontro às faces em sonhos, ou pendendo ao chão. Silenciosamente, as lutadoras da liberdade se enfiavam por portas deixadas entreabertas, e subiam pelos cobertores, tocando dedos e palmas que esperavam, acariciando ressentimentos ocultos, fomentando a rebelião pela vida...

Boswell estava se sentindo mal como um cão. Curvou-se sobre a pia do toalete ao final do seu corredor e tentou vomitar. Mas não tinha mais nada dentro de si, apenas uma perturbação no fundo do estômago. Seu abdômen estava sensibilizado com o esforço; sua cabeça parecia inchada. Por que ele nunca aprendia a lição de sua própria fraqueza? Ele e o vinho eram maus companheiros e sempre foram. Da próxima, ele se prometia, nem tocaria nele. Seu estômago deu mais uma volta. Não tem mais o que sair, ele pensou quando a convulsão chegou à sua garganta. Ele enfiou a cabeça na pia e tentou vomitar; realmente não saiu nada. Esperou a náusea passar e então se endireitou, olhando o rosto cinzento no espelho engordurado. Você está mal, cara, ele disse a si mesmo. Ao colocar a língua para sua imagem menos simétrica, os gritos começaram no corredor lá fora. Em seus vinte anos e dois meses de vida, Boswell jamais ouvira um som daqueles.

Cautelosamente, ele foi até a porta do banheiro. Pensou duas vezes antes de abri-la, O que quer que estivesse acontecendo do outro lado da porta não tinha jeito de ser uma festa na qual ele quisesse entrar de penetra. Mas eram seus amigos, certo? Irmãos na adversidade. Se estivesse havendo um incêndio, ou uma briga, ele tinha de dar uma força.

Destrancou a porta e abriu-a. A visão que se chocou com seus olhos atingiu-o como um golpe de marreta. O corredor estava mal iluminado — algumas lâmpadas fracas a intervalos regulares, e aqui e ali um feixe de luz vinha da passagem de um dos quartos —mas a maior parte do percurso estava escura. Boswell deu graças a Jah por isso. Não tinha vontade de ver os detalhes dos eventos na passagem; a impressão geral já era por demais perturbadora. O corredor era um hospício; pessoas corriam em pânico enquanto se feriam com todo instrumento afiado em que pudessem pôr as mãos. Conhecia a maioria dos homens, se não por nome ao menos por cumprimentá-los de passagem. Eram homens *sãos*. ou pelo menos foram. Agora estavam num frenesi de automutilação, a maior parte deles já aleijados além de qualquer esperança de conserto. Para toda parte que Boswell olhava, o mesmo horror. Facas levadas a pulsos e antebraços; sangue no ar como se fosse chuva. Alguém — era *Jesus?* — *prende uma de suas mãos entre* uma porta e o batente e estava batendo e batendo a porta sobre sua própria carne, gritando para que alguém o impedisse de fazer isso. Um dos garotos brancos havia encontrado a faca do Coronel e estava amputando a mão com ela. Boswell via-a cair de costas, arrancada pela raiz, seus cinco dedos contorcendo-se no ar como se estivessem tentando se virar. Ela não estava morta: não estava sequer agonizando.

Havia uns poucos que não foram tomados por essa loucura. Esses pobres-diabos eram carne de canhão. Os loucos puseram suas mãos assassinas neles, e os estavam cortando. Um deles — era Savarino — estava sendo estrangulado por um garoto cujo nome Boswell não sabia; o *punk*, tentando a todo custo se desculpar, olhava para suas mãos rebeldes sem acreditar.

Alguém apareceu de um dos quartos, uma mão que não era sua agarrando sua traqueia, e cambaleou na direção do banheiro.

Era Macnamara-, um homem tão magro e tão perpetuamente dopado que era conhecido como vassourinha sorridente. Boswell chegou para o lado quando Macnamara tropeçou, engasgou um pedido de socorro, passou pela porta aberta e desabou sobre o chão do banheiro. Dava chutes no ar e tentava puxar do pescoço o assassino de cinco dedos, mas antes que Boswell tivesse uma chance de entrar e ajudá-lo seus chutes diminuíram, e então, como seus protestos, pararam totalmente.

Boswell afastou-se do cadáver e deu outra olhada no corredor. A essa altura os mortos ou moribundos bloqueavam a passagem estreita, com espessura de dois corpos em alguns trechos, ao passo que as mesmas mãos que um dia pertenceram a esses homens se esgueiravam por sobre os montinhos com uma excitação furiosa, ajudando a terminar uma amputação onde necessário, ou simplesmente dançando sobre os rostos mortos. Quando tornou a olhar para o banheiro, uma segunda mão havia encontrado Macnamara e, armada de um canivete, serrava seu pulso. Deixara impressões digitais no sangue do corredor até o cadáver. Boswell correu para fechar a porta antes que o lugar ficasse repleto delas. Quando fez isso, o assassino de Savarino, o *punk* apologético, jogou-se pela passagem, suas mãos mortíferas o conduzindo como as de um sonâmbulo.

— Socorro! — ele gritou.

Boswell bateu a porta na cara indefesa do *punk*, e trancou-a. As mãos ultrajadas batiam um ritmo de guerra na porta enquanto os lábios do *punk*, pressionados pelo buraco da fechadura, continuavam a implorar: "Me ajuda. Eu não quero fazer isso, cara, me ajuda." Me ajuda é o caralho, pensou Boswell, e tentou não ouvir os apelos enquanto decidia o que fazer.

Havia alguma coisa em seu pé. Olhou para baixo, mas antes que os olhos chegassem lá já sabia o que era. Uma das mãos, a esquerda do Coronel Christie, ele reconheceu pela tatuagem meio apagada, já estava subindo pela sua perna. Como uma criança com uma abelha na pele. Boswell ficou desesperado, encolhendo-se todo enquanto ela subia em direção ao seu torso, mas apavorado demais para tentar tirá-la. Pelo canto do olho ele via que a outra mão, a que

estava usando o canivete com tanto entusiasmo em Macnamara, havia desistido do serviço, e estava agora andando pelo chão para se juntar à sua colega. Suas unhas crepitavam no chão como as patas de um caranguejo. Até os passos, um pouco desviados para o lado, lembravam os de um caranguejo: ainda não sabia direito como andar para a frente.

As próprias mãos de Boswell ainda estavam sob o seu comando; com as mãos de uns poucos colegas seus (colegas *falecidos*) lá fora, seus membros estavam felizes em seu lugar; tranquilos como seu dono. Ele havia sido abençoado com uma chance de sobrevivência. Tinha de merecê-la.

Controlando-se, ele pisou na mão que andava no chão. Ouviu os dedos serem esmagados sob seu calcanhar, e a coisa se retorcer como uma cobra, mas pelo menos ele sabia onde ela estava enquanto lidava com sua outra atacante. Ainda mantendo a besta presa debaixo de seu pé, Boswell inclinou-se para a frente, agarrou o canivete que estava ao lado do pulso de Macnamara e enfiou a ponta da lâmina nas costas da mão de Christie, que agora subia por seu estômago. Atacada, ela agarrou a carne dele, enterrando as unhas em sua barriga. Ele era magro, e o músculo do estômago dificultava a operação. Arriscando se estripar, Boswell enfiou a lâmina ainda mais fundo. A mão de Christie tentou se agarrar nele, mas um último golpe do canivete foi o suficiente. A mão afrouxou, e Boswell tirou-a de cima de sua barriga. Segurou-a à distância do braço, enquanto os dedos dela tentavam agarrar o ar, e então ele enfiou o canivete na parede de gesso, prendendo com firmeza a criatura, onde não poderia fazer mal. Então voltou sua atenção à inimiga sob seu pé, afundando o calcanhar o mais que pôde, e ouvindo outro dedo se quebrar, e mais outro. Ela ainda se contorcia incansável. Ele levantou o pé e deu-lhe o chute mais forte e alto que pôde contra a parede oposta. Ela bateu no espelho sobre as pias, deixando uma marca igual a de um tomate amassado, e caiu no chão.

Não esperou para ver se ela havia sobrevivido. Agora havia outro perigo. Mais punhos na porta, mais gritos, mais desculpas. Elas queriam entrar: e muito em breve conseguiriam. Passou por cima de Macnamara e foi até a janela. Ela não era muito grande,

mas ele também não. Destrancou-a, forçou-a a se abrir apesar das dobradiças excessivamente pintadas e se jogou por ela. No meio do caminho se lembrou de que estava no primeiro andar. Mas uma queda, mesmo uma queda ruim, era melhor do que ficar para a festinha ali dentro. Os convidados estavam forçando a porta: ela estava cedendo à pressão do entusiasmo deles. Boswell terminou de se meter janela afora: o chão veio girando ao seu encontro. Quando a porta quebrou, ele deu um salto, caindo com dureza sobre o concreto. Quase quicou, levantou-se rapidamente, conferindo os membros, e: Aleluia! Não tinha nada quebrado. Jah ama os covardes, ele pensou. Acima dele, o *punk* estava na janela, olhando para baixo com tristeza.

— Me ajuda — ele disse. — Não sei o que estou fazendo. — Mas então um par de mãos achou sua garganta, e os pedidos de desculpas cessaram num instante.

Sem saber a quem devia contar isso, e sequer o *quê*, Boswell começou a se afastar da ACM vestido apenas com *shorts* de ginástica e meias esquisitas, nunca sentindo-se mais agradecido pelo frio que fazia. Suas pernas pareciam cansadas: mas isso era de se esperar.

Charlie acordou com uma ideia ridícula. Achava que tinha assassinado Ellen e depois cortado a própria mão fora. Que cesto de inconsistência era seu subconsciente para inventar histórias como essas! Tentou esfregar os olhos mas não havia mão com que esfregar. Deu um pulo na cama e gritou.

Yapper havia deixado o jovem Rafferty para vigiar a vítima dessa brutal mutilação, com instruções estritas para alertá-lo assim que Charlie George acordasse. Rafferty cochilara: a gritaria o acordou. Charlie olhou para o rosto do rapaz; tão apavorado, tão chocado. Parou de gritar quando o viu: estava aterrorizando o pobre coitado.

— O senhor acordou — disse Rafferty. — Vou chamar alguém, está certo?

Charlie olhou para ele sem entender.

— Fique onde está — disse Rafferty. — Vou chamar a enfermeira.

Charlie recostou a cabeça enfaixada no travesseiro duro e olhou a mão direita, flexionando-a, trabalhando os músculos de um lado e de outro. Fosse qual fosse o delírio que o acometera em sua casa, já havia passado. A mão no final do braço era *sua*-, provavelmente sempre fora. Jeudwine lhe falara a respeito da síndrome do Corpo Rebelde: o assassino que afirma que suas mãos têm vida própria ao invés de aceitar responsabilidade por seus atos; o estuprador que se mutila, acreditando que a causa de tudo é o membro culpado, não a mente por trás dele.

Bem, *ele* não ia fingir. Estava louco, e a verdade era essa. Deixaria que fizessem o que fosse preciso como suas drogas, bisturis e eletrodos: concordaria com tudo para não ter que viver outra noite de horrores como a passada.

Havia uma enfermeira de plantão: ela o olhava como se estivesse surpresa por ele ter sobrevivido. Um rosto atraente, ele chegou a pensar; uma mão doce e fria em sua testa.

— Ele está em condições de ser interrogado? — Rafferty perguntou tímido.

— Tenho de consultar o Dr. Manson e o Dr. Jeudwine — respondeu o rosto atraente, e tentou dar um sorriso de conforto para Charlie. O sorriso saiu um pouco forçado. Ela obviamente sabia que ele era um lunático, era isso. Provavelmente estava apavorada, e quem podia culpá-la? Ela saiu para achar os médicos, deixando Charlie ao olhar nervoso de Rafferty.

—... Ellen? — ele perguntou pouco depois.

— Sua esposa? — replicou o rapaz.

— Sim. Eu pensei... ela...?

Rafferty ficou irrequieto, brincando com os polegares no seu colo.

— Ela está morta — disse.

Charlie fez que sim com a cabeça. Claro que ele sabia, mas precisava ter certeza.

— O que vai acontecer comigo agora? — ele perguntou.

— O senhor está sob vigilância.

— O que quer dizer isso?

— Quer dizer que eu estou observando o senhor — disse Rafferty.

O rapaz estava se esforçando o máximo possível para ser de ajuda, mas todas essas perguntas o estavam confundindo. Charlie tornou a tentar.

— Quero dizer... o que vem depois da vigilância? Quando é que eu irei a julgamento?

— Por que deveria ir a julgamento?

— Por quê? — perguntou Charlie; será que ele tinha ouvido corretamente?

— O senhor é uma vítima... — um vislumbre de confusão passou pelo rosto de Rafferty —... *não é?* O senhor não fez isso... o senhor estava ferido. Alguém cortou sua... mão.

— Sim — disse Charlie. — Fui eu.

Rafferty engoliu em seco, antes de perguntar:

— Perdão?

— *E fiz isso. Matei minha mulher e depois cortei fora minha mão.*

O pobre rapaz não conseguia entender isso. Pensou um minuto inteiro antes de responder.

— Mas por quê?

Charlie deu de ombros.

— Não faz sentido — disse Rafferty. — Se o senhor fez isso ... onde é que está a mão?

Lillian parou o carro. Havia alguma coisa na estrada à sua frente, mas não conseguia distinguir o que era. Ela era vegetariana convicta (a não ser pelos jantares da maçonaria com Theodore) e dedicada defensora dos animais, e ela pensou que talvez algum animal ferido estivesse deitado na estrada logo além do feixe dos faróis. Talvez fosse uma raposa; ela lera que as raposas estavam voltando a ocupar áreas urbanas da periferia, alimentando-se de restos de comida e animais mortos. Mas algo não estava bem; talvez a luz nauseante da autora, tão elusiva em sua iluminação. Não tinha certeza se deveria sair do carro ou não. Theodore teria lhe dito que seguisse em frente, claro, mas Theodore a havia deixado, não havia? Seus dedos batucaram no volante irritados com sua própria

indecisão. Suponha que fosse uma raposa ferida: não havia tantas assim no centro de Londres que justificassem o atropelamento de uma. Ela tinha de dar uma de samaritana, ainda que se sentisse uma fariseia.

Cautelosamente saiu do carro, e, claro, depois de tudo isso, não havia nada. Ela foi até a frente do carro só para ter certeza. As palmas das mãos estavam úmidas; espasmos de excitação percorriam suas mãos como pequenos choques elétricos.

Então o ruído: o sussurro de centenas de pezinhos. Ela tinha ouvido histórias — absurdas, ela pensava — de bandos de ratos migrantes que cruzavam a cidade à noite, devorando até o osso qualquer criatura viva que atravessasse seu caminho. Imaginando ratos, ela se sentiu fariseia mais do que nunca, e recuou na direção do carro. Quando sua longa sombra, jogada para a frente pelos faróis, mudou de direção, revelou o primeiro do bando. Não era rato.

Uma mão, de dedos longos, entrou no feixe de luz amarela e apontou para ela. Sua chegada foi seguida imediatamente por outra das impossíveis criaturas, então uma dezena mais, e outra. Comprimiam-se como caranguejos nos cestos dos vendedores de peixe, as costas reluzentes pressionadas umas contra as outras, pernas estalando ao se juntarem em fileiras. A multiplicação pura e simples não os tornava mais possíveis; mas mesmo enquanto ela rejeitava o que via, as mãos começavam a avançar em sua direção. Ela deu um passo para trás.

Sentiu a lateral do carro às suas costas, virou-se e esticou a mão para a porta. Estava entreaberta, graças a Deus. Os espasmos em suas mãos eram piores agora, mas ela ainda tinha controle sobre elas. Quando seus dedos buscaram a porta ela soltou um gritinho. Um punho negro e gordo estava agarrado à maçaneta, seu punho aberto um pedaço de carne ressequida.

Espontânea e terrivelmente, suas mãos começaram a aplaudir. Ela subitamente não tinha controle sobre o comportamento delas; batiam palmas como coisas selvagens apreciando esse evento. Era ridículo o que ela estava fazendo, mas não conseguia evitar. "Parem", ela disse a suas mãos, "Parem! Parem!" Elas pararam bruscamente, e se viraram para olhar para ela. Ela *sabia* que

estavam olhando para ela, à sua maneira, sem olhos, e também sentia que estavam cansadas da desconsideração que ela lhes votava. Sem avisar elas voaram em sua cara. As unhas, orgulho e alegria de Lillian, acharam seus olhos; em momentos o milagre da visão não passava de muco em seu rosto. Cega, ela perdeu toda a orientação e caiu para trás, mas o chão estava cheio de mãos para aparar sua queda. Ela se sentiu apoiada por um oceano de dedos.

Enquanto eles levavam seu corpo ultrajado para dentro de uma vala, sua peruca, que tanto custara a Theodore em Viena, caiu. Da mesma forma que, após um mínimo de persuasão, suas mãos.

O Dr. Jeudwine desceu as escadas da casa de George imaginando (apenas imaginando) se talvez o avô de sua sagrada profissão, Freud, estaria errado. Os fatos paradoxais do comportamento humano não pareciam se encaixar nos compartimentos clássicos bem montados em que ele os enfiara; talvez tentar ser racional acerca da mente humana fosse uma contradição em termos. Ele ficou por um momento em pé ao pé das escadas, sem realmente querer voltar à sala de jantar ou à cozinha, mas sentindo-se na obrigação de ver as cenas dos crimes mais uma vez. A casa vazia lhe dava arrepios: e estar sozinho nela, mesmo com um policial montando guarda na porta da frente, não sossegava sua paz de espírito. Sentia-se culpado, como se tivesse abandonado Charlie. Obviamente não havia se aprofundado o suficiente na psique de Charlie para trazer à tona a verdadeira motivação por trás das ações estarrecedoras que ele havia cometido. Assassinar sua própria esposa, a quem ele dizia amar tão profundamente, em sua cama de casal; e depois decepar a própria mão: era impensável. Jeudwine olhou as próprias mãos por um momento, o traçado de tendões e veias azuladas em seu pulso. A polícia ainda defendia a teoria do intruso, mas ele não tinha dúvidas de que Charlie havia cometido os atos: assassinato, mutilação, tudo isso. O único fato que deixava Jeudwine mais do que tudo era que ele não havia descoberto qualquer propensão para esse tipo de atitude em seu paciente.

Entrou na sala de jantar. A perícia havia terminado seu trabalho pela casa; havia uma leve camada de pó para impressões

digitais em várias superfícies. Era um milagre, não era, a diferença entre cada mão humana? As marcas de seus dedos tão únicas quanto um padrão de voz ou um rosto. Bocejou. Havia sido acordado pelo gato de Charlie no meio da noite, e não conseguiu dormir desde então. Vira Charlie ser posto na maca e levado, observara os investigadores em serviço, vira uma aurora cor de neblina elevar sua cabeça por sobre o rio; havia bebido café, passeado pelo local com apatia, pensado profundamente em desistir de sua posição como consultor psiquiátrico antes que a história chegasse aos jornais, bebido mais café, pensado duas vezes sobre a demissão e agora, perdendo a esperança em Freud ou qualquer outro guru, contemplava seriamente um *best-seller* sobre seu relacionamento com Charles George, o assassino da esposa. Dessa maneira, mesmo que perdesse o emprego, teria algo que salvar de todo esse lamentável episódio. E Freud? Charlatão vienense. O que o velho cheirador de pó tinha a dizer a alguém?

Desabou sobre uma das cadeiras da sala de jantar e ficou escutando o silêncio que descera sobre a casa, como se as paredes, chocadas pelo que haviam visto, contivessem sua respiração. Talvez ele tivesse cochilado um momento. No sono, ele ouviu um som estalado, sonhou com um cachorro e acordou vendo um gato na cozinha, um gato preto e branco gordo. Charlie havia mencionado esse animal de passagem: qual era, mesmo o nome dele? *Azia*. Era isso: fora batizado assim por causa das manchas pretas sobre seus olhos, que lhe davam uma expressão perpetuamente rabugenta. O gato estava olhando a poça de sangue no chão da cozinha, aparentemente tentando achar um modo de desviar-se da poça e chegar ao seu prato de comida sem ter que sujar as patas na sujeira que seu dono deixara. Jeudwine o observara, enjoado, atravessar o chão da cozinha e cheirar o prato vazio. Não lhe ocorrera alimentar o bicho; detestava animais.

Bem, ele decidira, não havia propósito em ficar na casa por mais tempo. Já havia realizado todos os atos de penitência que pretendia; sentia-se tão culpado quanto era capaz. Mais uma rápida olhada no andar de cima, só para o caso de ter deixado uma pista de lado, e então iria embora.

Estava de volta ao pé das escadas quando ouviu o gato miar. Miar? Não: gritar. Ouvindo o grito, sua espinha parecia uma coluna de gelo no meio de suas costas: gelada e frágil. Apressado, ele retraiu seus passos no *hall* e entrou na sala de jantar. A cabeça do gato estava no carpete, sendo rolada de um lado para outro por duas — por duas (diga, Jeudwine) — *mãos*.

Ele olhou para a cozinha, onde mais uma dúzia de bestas se esgueirava pelo chão, para um lado e para o outro. Algumas estavam no topo do armário, farejando ao redor; outras subiam a parede de tijolinhos falsos para alcançar as facas que ainda restavam no *rack*.

— Oh, Charlie... — ele disse gentilmente, chamando a atenção do maníaco ausente.

— O que você fez?

Seus olhos começaram a se encher de lágrimas; não por Charlie, mas pelas gerações que viriam quando ele, Jeudwine, fosse silenciado. Gerações de mentalidade simplista, crédulas, que poriam sua fé na eficácia de Freud e do Livro Sagrado da Razão. Sentiu os joelhos começarem a tremer, e afundou no carpete da sala de jantar, os olhos cheios demais para ver com clareza os rebeldes que se aglomeravam ao seu redor. Sentindo algo estranho sentado no seu colo, ele olhou para baixo, e lá estavam suas próprias mãos. Os indicadores das duas estavam se tocando, com as pontas bem tratadas das unhas. Lentamente, com uma horrível intenção em seus movimentos, os indicadores ergueram suas cabeças e olharam para ele. Então se voltaram, e começaram a subir pelo seu peito, achando apoios para os dedos em cada dobra de seu paletó italiano, em cada casa de botão. A subida terminou abruptamente no pescoço de Jeudwine, e a vida dele também.

A mão esquerda de Charlie estava com medo. Ele precisava de conforto, de encorajamento; resumindo, precisava da Direita.

Afinal de contas, a Direita havia sido o Messias desta nova era, a que possuía a visão de um futuro sem o corpo. Agora o exército que a Esquerda montara precisava de um relance dessa visão, ou logo iria degenerar numa turba com sede de sangue. Se isso acontecesse, a derrota rapidamente ocorreria: essa era a sabedoria convencional das revoluções.

Então a Esquerda as havia levado de volta para casa, procurando Charlie no último lugar em que o havia visto. Uma esperança vã, naturalmente, a de achar que ele teria voltado lá, mas era um ato de desespero.

As circunstâncias, entretanto, não haviam separado as insurgentes. Embora Charlie não tivesse estado lá, o Dr. Jeudwine estava, e as mãos de Jeudwine não apenas sabiam para onde Charlie havia sido levado como o caminho até lá e até a própria cama onde estava deitado.

Boswell não sabia realmente *por que* estava correndo, ou para onde. Suas faculdades críticas estavam em suspenso, seu senso de geografia totalmente confuso. Mas alguma parte dele parecia saber onde estava indo, ainda que ele não soubesse, porque ele começou a desenvolver velocidade assim que chegou à ponte, e então o pique acelerado virou uma corrida que não levou em conta seus pulmões queimando ou sua cabeça latejante. Ainda inocente de qualquer intenção que não a fuga, ele agora percebia que havia se desviado da estação e estava correndo paralelo à linha férrea; estava simplesmente indo para onde suas pernas o levassem, e isso era tudo.

O trem apareceu subitamente da aurora. Não apitou, não deu um aviso. Talvez o maquinista o tivesse avistado, mas provavelmente não. Mesmo que tivesse, o homem não poderia ser responsabilizado por eventos subsequentes. Não, a culpa era toda sua: a forma como seus pés subitamente se viraram na direção dos trilhos, e seus joelhos se dobraram, fazendo com que ele caísse sobre a linha. O último pensamento coerente de Boswell, quando as rodas o alcançaram, era que o trem não queria nada além de ir de um ponto A a um ponto B, e que nesse percurso cortou suas pernas exatamente entre a virilha e o joelho. Então ele estava debaixo das rodas — os vagões em disparada sobre ele — e o trem deixou escapar um assóvio (tão parecido com um grito) que o levou para a escuridão.

Levaram o garoto negro para o hospital logo depois das seis: o dia do hospital começou cedo, e pacientes de sono profundo mexiam-se inquietos em seus sonhos para encarar outro longo e

tedioso dia. Xícaras de chá cinzento fraco eram colocadas em mãos ressentidas, temperaturas eram tomadas, medicamentos distribuídos. O rapaz e seu terrível acidente quase não perturbaram nada.

Charlie sonhava outra vez. Não um de seus sonhos suntuosos no Nilo, cortesia de Hollywood, e nem a Roma Imperial, os navios escravos da Fenícia. Este era em preto e branco. Ele sonhava que estava deitado em seu caixão. Ellen estava lá (aparentemente, seu subconsciente não aceitara sua morte), e sua mãe e seu pai. Na verdade toda sua vida havia comparecido. Alguém chegou (seria Jeudwine? A voz consoladora parecia familiar) para gentilmente descer a tampa do caixão, e ele tentou alertar os que choravam sua morte para o fato de que ainda estava vivo. Quando não o ouviram, o pânico tomou conta dele, mas não importava o quanto gritasse, ninguém ouvia; tudo o que podia fazer era ficar deitado ali e deixá-los selar sua cama terminal.

O sonho deu um salto no tempo. Agora podia ouvir o serviço religioso numa cantilena acima de sua cabeça. "*Pois o tempo de viver do homem é curto...*"; ele ouviu o ranger das cordas, e a sombra do túmulo parecia escurecer as trevas. Estava sendo descido para dentro da terra, ainda tentando protestar. Mas o ar estava ficando abafado no buraco; ele achava cada vez mais difícil respirar, quanto mais gritar. Só conseguia reunir uma fração de ar viciado por suas narinas doloridas, mas a boca parecia estufada com alguma coisa, flores talvez, e ele não podia mexer a cabeça para cuspi-las fora. Agora podia sentir as pás de terra sobre o caixão, e, Cristo santíssimo, dava para ouvir o ruído dos vermes de ambos os lados, lambendo os beiços. Seu coração estava quase estourando: seu rosto, ele sabia, devia estar roxo com o esforço de tentar conseguir fôlego.

Então, milagrosamente, havia alguém no caixão com ele, alguém lutando para libertar sua boca, seu rosto.

—Sr. George!—ela dizia, esse anjo de misericórdia. Ele abriu os olhos na escuridão. Era a enfermeira do hospital em que estivera... ela também estava no caixão.—Sr. George!—ela estava em pânico, aquele modelo de calma e paciência; ela estava quase chorando

enquanto lutava para tirar sua mão do rosto. — *O senhor está se sufocando!*— ela gritou na sua cara.

Outros braços o ajudavam na luta agora, e eles estavam vencendo. Foi preciso três enfermeiras para remover sua mão, mas elas conseguiram. Charlie começou a respirar novamente, com fome de ar.

— O senhor está bem, sr. George?

Ele abriu a boca para tranquilizar o anjo, mas sua voz o abandonara momentaneamente. Estava levemente consciente de que sua mão ainda lutava na ponta do braço.

— Onde está Jeudwine? — ele disse, se engasgando.. — Chamem-no, por favor.

— O doutor não se encontra no momento, mas virá ver o senhor no final do dia.

— Eu quero vê-lo *agora*.

— Não se preocupe, sr. George — replicou a enfermeira, seu comportamento costumeiro restabelecido. — Vamos dar-lhe um pequeno sedativo e então o senhor vai poder dormir um pouco.

— Não!

— Sim, sr. George! — ela respondeu com firmeza. — Não se preocupe. O senhor está em boas mãos.

— Não quero mais dormir. Elas têm controle sobre você quando está dormindo, não entende?

— Aqui o senhor está seguro.

Ele sabia que não. Sabia que não estava seguro *em lugar algum*, não agora. Não enquanto ainda tivesse uma das mãos. Ela não estava mais sob seu controle, se é que um dia estivera; talvez fosse apenas uma ilusão de servidão que ela havia criado nesses quarenta e poucos anos, uma exibição para convencê-lo de um falso senso de autocracia. Tudo isto ele quis dizer, mas as palavras não vinham à sua boca. Ao invés, ele disse apenas: — Não vou mais dormir.

Mas a enfermeira tinha procedimentos. A ala já estava cheia demais de pacientes, e com mais deles entrando a cada hora (ela ouvira falar do terrível episódio na ACM; dezenas de mortes, uma

tentativa de suicídio em massa), tudo o que ela podia fazer era sedar os mais agitados e prosseguir com o serviço do dia.

—É só um sedativo leve—ela repetiu, e no instante seguinte, ela tinha uma seringa na mão, prometendo sono.

— Escute um instante — ele disse, tentando iniciar um processo de raciocínio com ela; mas ela não estava para debates.

—Não seja criança—ela o repreendeu, quando ele começou a chorar.

— Você não está entendendo — ele explicou, enquanto ela procurava a veia na dobra do seu braço...

— Você pode contar tudo ao Dr. Jeudwine quando ele vier visitá-lo. — A agulha estava no seu braço, o êmbolo afundando na seringa.

— Não! — ele gritou, e puxou o braço. A enfermeira não havia esperado tamanha violência. O paciente estava em pé e fora da cama antes que ela pudesse completar a injeção, a seringa ainda pendendo do braço dele.

— Sr. George — ela disse agressiva. — O senhor, *por favor*, quer voltar para a cama?

Charlie apontou para ela com o toco do braço.

— Não chegue perto de mim — disse.

Ela tentou envergonhá-lo.

— Todos os outros pacientes estão se comportando bem — ela disse. — Por que o senhor não? — Charlie balançou a cabeça. A seringa caiu do braço e foi ao chão, com ainda três quartos de seu conteúdo. — Eu *não vou* repetir.

— Pode apostar que não — retrucou Charlie.

Ele disparou pela enfermaria, sua fuga complicada por pacientes à direita e à esquerda. "Vai, rapaz, vai", alguém gritou. A enfermeira começou a persegui-lo, mas na porta uma cúmplice instantânea interveio, literalmente se atirando no caminho dela. Charlie sumiu de vista nos corredores antes que a enfermeira tornasse a persegui-lo.

Ele não tardou a descobrir que era um lugar fácil de se perder. O hospital havia sido construído em fins do século dezenove, e modificado à medida que os fundos e as doações permitiram:

recebera uma ala em 1911, outra após a Primeira Guerra Mundial, mais alas nos anos cinquenta e a Ala Memorial Chaney em 1973. O lugar era um labirinto. Levariam anos para encontrá-lo.

O problema era que ele não se sentia tão bem. O cotoco de seu braço esquerdo começara a doer assim que o efeito dos analgésicos passou, e ele tinha a distinta impressão de que ele sangrava por debaixo das bandagens. Além disso, o quarto de sedativo que recebera havia reduzido sua velocidade. Ele se sentia ligeiramente estúpido: e estava certo de que sua condição devia estar visível no rosto. Mas não ia se permitir ser levado de volta àquele leito, de volta ao sono, até que se sentasse num lugar quieto em alguma parte e pensasse em toda a situação.

Descobriu refúgio numa salinha em um dos corredores, alinhada com arquivos e pilhas de relatórios; cheirava um pouco a umidade. Ele havia entrado na Ala Memorial, embora não soubesse. Um monólito de sete andares construído com uma doação testamentária do milionário Frank Chaney, e a própria empresa de construção do magnata fizera o trabalho, como exigia o testamento do homem. Haviam utilizado materiais de segunda e um sistema de escoamento ultrapassado, motivo pelo qual Chaney havia morrido milionário, e a Ala estava ruindo do porão para cima. Deslizando para dentro de um nicho apertado entre dois arquivos, bem afastado caso alguém aparecesse por ali, Charlie agachou-se no chão e começou a interrogar sua mão direita.

— E então? — ele perguntou num tom de voz conciliador. — Explique-se.

Ela se fez de sonsa.

— Não adianta — ele disse. — Eu sei que você está aí.

Mesmo assim, ela simplesmente ficava ali, na ponta de seu braço, inocente como um bebê.

— Você tentou me matar... — ele a acusou.

Agora a mão se abria um pouco, sem suas instruções, e dava-lhe o primeiro sim.

— Você poderia tentar novamente, não é?

Ameaçadora, ela começou a flexionar os dedos, como um pianista se preparando para um solo particularmente difícil. *Sim*, ela

disse, *eu poderia; a qualquer momento.*

— Na verdade, há muito pouco que eu possa fazer para deter você, não é? — perguntou Charlie. — Mais cedo ou mais tarde você vai me pegar desprevenido. Não posso mandar alguém ficar me observando pelo resto da vida. Então como é que fica, eu me pergunto? Morto, você diria?

A mão se fechou um pouco, a carne macilenta da palma criando sulcos de prazer. *Sim, ela dizia, você está acabado, pobre idiota, e não há nada que você possa fazer.*

— Você matou Ellen.

Matei, a mão sorriu.

— Você cortou minha outra mão para que ela pudesse escapar. Estou certo?

Está, disse a mão.

— Eu a vi — disse Charlie. — Eu a vi fugindo. E agora você quer fazer a mesma coisa, não estou certo? Você quer sair daqui.

Correto.

— Você não vai me deixar em paz até conseguir sua liberdade?

Isso mesmo.

— Então — concluiu Charlie. — Acho que nos entendemos; e eu quero fazer um acordo com você.

A mão se aproximou de seu rosto, escalando a camisa do pijama, conspiradora.

— Vou soltar você — ele disse.

Ela estava em seu pescoço, segurando sem força, mas o suficiente para deixá-lo nervoso.

— Vou achar um jeito, prometo. Uma guilhotina, um bisturi, não sei o quê.

Agora ela se esfregava nele como um gato, acariciando-o.

— Mas você tem que fazer isso do *meu* jeito, ao *meu* tempo. Porque, se me matar, que chance de sobrevivência terá? Vão enterrar você comigo, da mesma forma que enterraram as mãos de papai.

A mão parou de acariciar, e subiu pela lateral do arquivo.

— Trato feito? — perguntou Charlie.

Mas a mão o ignorava. Subitamente perdera o interesse em toda a barganha. Se ela tivesse um nariz, ela estaria farejando o ar. No espaço de poucos instantes as coisas tinham mudado: o trato estava desfeito.

Charlie levantou-se desajeitado e foi até a janela. O vidro estava sujo por dentro e manchado por anos de sujeira de passarinhos do lado de fora, mas ele conseguia ver o jardim do outro lado. Havia sido construído de acordo com o testamento do milionário: um jardim formal que seria um monumento tão glorioso ao seu bom gosto quanto o edifício era ao seu pragmatismo. Mas desde que o prédio começara a se deteriorar, o jardim havia sido abandonado. Suas poucas árvores ou estavam mortas ou curvadas sob o peso de galhos não podados; as cercas estavam cheias de ervas daninhas; os bancos virados, com suas pernas quadradas no ar. Somente a grama estava aparada, uma pequena concessão à ordem. Alguém, um médico tirando um momento de descanso para fumar um cigarro, caminhava pelas aleias abafadas. Fora isso, o jardim estava vazio. Mas a mão de Charlie estava colada ao vidro, raspando-o, arranhando-o com as unhas, tentando em vão sair para o mundo exterior. Aparentemente havia algo lá fora além do caos.

— Você quer sair — disse Charlie.

A mão achatou-se contra a janela e começou a bater a palma ritmadamente no vidro, como se tocasse um tambor para um exército invisível. Ela a puxou da janela, sem saber o que fazer. Se negasse as exigências, ela poderia feri-lo. Se concordasse com elas, e tentasse sair ao jardim, o que poderia encontrar? Por outro lado, que escolha tinha?

— Tudo bem — respondeu. — Vamos lá.

O corredor estava explodindo em pânico, e mal olharam em sua direção, apesar do fato de que estava apenas vestindo o pijama do hospital e estava descalço. Campainhas tocavam, interfonos chamavam este ou aquele médico, pessoas que choravam eram empurradas entre a ala mortuária e o banheiro; falava-se das cenas terríveis na Emergência: garotos sem as mãos, dezenas deles. Charlie andava rápido demais pela multidão para captar uma frase

coerente. Era melhor parecer ocupado, ele achou, como se tivesse um propósito e um destino. Levou um pouco de tempo para localizar a saída para o jardim, e sabia que sua mão estava ficando impaciente. Ela abria e fechava ao seu lado, exigindo-lhe urgência.

Então um sinal: *Jardim Memorial Chaney*, e ele virou uma esquina que dava num corredor afastado, sem pessoas correndo, com uma porta no final que dava para o ar livre.

Estava muito quieto do lado de fora. Não se ouvia um pássaro no ar ou na grama, nem uma abelha zumbindo entre as flores. Até mesmo o médico havia ido embora, provavelmente de volta às suas cirurgias.

A mão de Charlie estava delirante. Suava tanto que pingava, e estava branca, pálida. Não parecia pertencer mais a ele. Era outro ser, ao qual ele, por algum infeliz desvio de anatomia, estava ligado. Ele ficaria feliz de se livrar dela.

A grama estava molhada de orvalho, e ali, à sombra do prédio de sete andares, estava frio. Ainda eram apenas seis e meia. Talvez os pássaros estivessem ainda dormindo, e as abelhas ainda em suas colmeias. Talvez não houvesse nada neste jardim de que ter medo: apenas rosas mortas e algumas minhocas fazendo buracos ao orvalho. Talvez sua mão estivesse errada, e só houvesse a manhã ali.

Aprofundando-se mais no jardim, ele percebeu as pegadas do médico, mais escuras sobre a grama verde-prata. Ao chegar perto da árvore, quando a grama ficava vermelha, reparou que as marcas só iam, não voltavam.

Boswell, num coma bem-vindo, não sentia nada, e estava feliz por isso. Sua mente mal e mal reconhecia a possibilidade de acordar, mas o pensamento era tão vago que era fácil de rejeitar. De vez em quando uma fração do mundo real (de dor, de poder) passava por trás de suas pálpebras, iluminava-se por um momento e depois esvoaçava para longe. Boswell não queria nada disso. Não queria a consciência, nunca mais. Ele tinha uma sensação do que seria acordar: do que estaria esperando por ele do lado de fora, chutando o ar.

Charlie olhou para os galhos acima. A árvore tinha duas fantásticas espécies de fruta.

Uma era um ser humano; o cirurgião do cigarro. Estava morto, o pescoço enganchado numa forquilha entre dois galhos. Estava sem as mãos. Seus braços terminavam em feridas redondas que ainda pingavam coágulos pesados de cores brilhantes sobre a grama. Sobre sua cabeça a árvore fervilhava com a outra fruta, a inda mais bizarra. As mãos estavam por toda parte, ao que parecia: centenas delas, conversando entre si como um parlamento manual enquanto debatiam suas táticas. Tudo sombras e formas, pulando para cima e para baixo nos galhos que balançavam.

Vendo-as reunidas dessa forma, as metáforas caíam por terra. Klas eram o que eram: mãos humanas. Esse era o horror.

Charlie quis correr, mas sua mão direita não aceitou isso. Aqueles eram os discípulos dela, reunidos ali em abundância, e aguardavam suas parábolas e profecias. Charlie olhou para o médico morto e depois para as mãos assassinas, e pensou em Ellen, em *sua* Ellen, morta sem sua culpa, e já fria. Elas pagariam por aquele crime: todas elas. Enquanto o resto de seu corpo ainda trabalhasse por ele, ele as faria pagar. Era covardia tentar barganhar com aquele câncer em seu punho; agora ele percebia isso. Ela e suas companheiras eram uma praga. Não tinham lugar entre os vivos.

O exército o havia avistado, e a notícia de sua presença correu as fileiras como fogo. Começaram a descer pelo tronco, algumas caindo feito frutas maduras dos galhos mais baixos, ansiosas para abraçar o Messias. Em poucos momentos elas estariam fervilhando sobre ele, e toda a vantagem estaria perdida. Era agora ou nunca. Virou-se da árvore antes que sua mão direita pudesse agarrar um galho e olhou para a Ala Memorial Chanay, buscando inspiração. A torre elevava-se sobre o jardim, janelas cegas pelo céu, portas fechadas. Não havia consolo ali.

Por trás de si ele ouviu o murmúrio da grama percorrida por incontáveis dedos. Elas já estavam em seus calcanhares, entusiasmadas por se aproximarem de seu líder.

Claro que elas iriam, ele percebeu, onde quer que ele fosse, elas iriam. Talvez sua adoração cega de sua mão remanescente fosse uma fraqueza a ser explorada. Ele vasculhou o edifício uma segunda vez e seu olhar desesperado encontrou a saída de incêndio; ela

ziguezagueava subindo pela lateral do prédio até o telhado. Ele disparou para lá, surpreso com a própria velocidade. Não havia tempo para olhar para trás e ver se estava sendo seguido, tinha de confiar na devoção delas. Em poucos passos sua mão enfurecida estava em seu pescoço, ameaçando arrancar-lhe a garganta, mas ele corria indiferente à pressão dos dedos. Ele alcançou os pés da escada de incêndio e, repleto de adrenalina, subiu os degraus metálicos dois ou três de cada passada. Seu equilíbrio não era tão bom sem uma mão para segurar o corrimão, mas e daí se ele estava machucado? Era apenas seu corpo.

No terceiro patamar ele arriscou uma olhada pela grade das escadas. Uma plantação de flores de carne enchia o solo aos pés da escada, e estava se espalhando pelos degraus em sua direção. Estavam vindo às centenas, famintas, todas unhas e ódio. Deixe que venham, ele pensou; deixe as filhas da puta virem. Eu comecei isto e posso terminar.

Nas janelas da Ala Memorial Chaney, vários rostos apareceram. Vozes descrentes e em pânico levantavam-se dos andares inferiores. Agora era tarde demais para lhes contar a história de sua vida; isso eles teriam que descobrir sozinhos. E que ótimo quebra-cabeças não daria! Talvez, em suas tentativas de compreender o que havia acontecido esta manhã, eles descobrissem alguma solução plausível; uma explicação para este levante que ele não havia descoberto; mas duvidava.

Quarto andar agora, e chegando ao quinto. Sua mão direita estava com as unhas enterradas em seu pescoço. Talvez ele estivesse sangrando; mas talvez fosse a chuva, a chuva morna que caía em seu peito e escorria pelas pernas. Mais dois andares e depois o telhado. O metal abaixo de seus pés zumbia, o ruído das miríades de pés que subiam atrás dele. Contava com a adoração delas, e tinha razão. O telhado estava agora apenas a alguns passos, e ele arriscou uma segunda olhada no próprio corpo (não era chuva) para ver a saída de incêndio sólida de mãos, como pulgões cobrindo o caule de uma flor. Não, isso era outra metáfora. Um fim a isso.

O vento atingiu-o como um chicote, e era fresco, mas Charlie não tinha tempo de apreciar a promessa que ele trazia. Escalou o

parapeito de meio metro e chegou ao telhado sujo de cascalho. Os cadáveres de pombos jaziam em montinhos, o concreto serpenteava com rachaduras, um balde escrito "Roupas Molhadas" estava emborcado, seu conteúdo esverdeado. Disparou por aquela vastidão assim que o primeiro exército subiu com seus dedos pelo parapeito.

A dor em sua garganta estava chegando ao seu cérebro agora, quando seus dedos traiçoeiros pressionaram a traqueia. Tinha pouca energia depois da correria subindo a escada de incêndio e atravessando toda a extensão do telhado (seria uma queda direta até o concreto), o que fora difícil. Tropeçou duas vezes. Toda a força de suas pernas havia se esgotado, e sua cabeça se enchia de pensamentos inúteis em lugar de coisas coerentes. Um koan, um enigma budista que ele vira na capa de um livro certa vez, estava na ponta de sua língua.

— *Qual é o som...?* — começava, mas ele não conseguia completar a frase, por mais que tentasse.

— *Qualé o som...?*

Esqueça os enigmas, ele ordenou a si mesmo, forçando as pernas trêmulas a darem outro passo, e mais outro. Quase caiu contra o parapeito do lado oposto do telhado, e olhou para baixo. Era mesmo uma queda direta. Um estacionamento de carros ficava logo embaixo, na frente do prédio. Estava deserto. Inclinou-se mais e gotas de sangue de seu pescoço ferido caíram, ficando pequenas rapidamente e molhando o chão. Estou chegando, ele disse à gravidade, e a Ellen, e pensou em como seria bom morrer e nunca mais se preocupar se as gengivas sangravam quando escovava os dentes, ou se estava engordando, ou se tinha vontade de beijar alguma garota que via na rua e sabia que jamais teria. É subitamente o exército estava em cima dele, subindo por suas pernas numa febre de vitória.

Podem vir, ele disse enquanto elas obscureciam seu corpo da cabeça aos pés, irresponsáveis em seu entusiasmo, podem vir comigo para onde eu for.

— *Qual é o som...?* — A frase estava na ponta da língua.

Ah, sim: agora ele se lembrava. "*Qual é o som de uma só mão batendo palmas?*" Era tão bom lembrar de algo que se estava

tentando com tanto esforço desenterrar do subconsciente, como encontrar alguma bugiganga que você pensava ter perdido para sempre. A emoção da lembrança alegrou seus últimos momentos. Atirou-se no espaço vazio, caindo e caindo até um fim súbito à higiene dental e à beleza das garotas. As mãos caíram numa chuva atrás dele, jogando-se para a morte atrás de seu Messias.

Para os pacientes e enfermeiras que se acotovelavam nas janelas foi uma cena de um mundo fantástico; uma chuva de sapos teria sido lugar-comum perto disso. Inspirava mais assombro que terror: era fabuloso. Rapidamente acabou, e depois de alguns minutos umas poucas almas corajosas as aventuraram entre os destroços para ver o que podia ser visto. Havia muita coisa; e ao mesmo tempo nada. Naturalmente, era um raro espetáculo; horrível, inesquecível. Mas não havia significado a ser descoberto naquilo; simplesmente a parafernália de um pequeno apocalipse. Nada a ser feito senão limpar tudo, suas próprias mãos obedecendo relutantes à medida que os cadáveres eram catalogados e postos em caixas para exame posterior. Alguns dos envolvidos na operação acharam um momento em particular para orar: para explicações; ou pelo menos para um sono sem sonhos. Mesmo o mais agnóstico da equipe ficou surpreso ao descobrir como era fácil juntar as palmas das mãos.

Em sua sala particular do Centro de Terapia Intensiva, Boswell acordou. Esticou a mão para a campainha ao lado da cama e apertou-a, mas ninguém apareceu. Havia alguém no quarto com ele, escondendo-se por detrás da cortina no canto. Ele ouvira os pés do intruso arrastando.

Apertou novamente a campainha, mas havia campainhas tocando por toda parte no prédio, e ninguém parecia estar respondendo a qualquer uma delas. Usando a mesinha ao seu lado como apoio, ele sentou na beira da cama para ter uma visão melhor do palhaço.

— Saia daí — ele murmurou por entre lábios secos. Mas o filho da puta estava demorando. — Saia... Eu sei que você está aí.

Ele se endireitou mais um pouco, e de repente sentiu que seu centro de equilíbrio estava radicalmente alterado, que ele não tinha

pernas, que ia cair da cama. Esticou os braços para evitar bater de cabeça no chão e conseguiu. Mas ficara sem fôlego. Tonto, ficara deitado onde havia caído, tentando se orientar. Onde estavam suas pernas, em nome de Jah, *onde estavam suas pernas?*

Seus olhos injetados vasculharam o quarto, e pararam nos pés descalços que estava agora a um metro de seu nariz. Uma etiqueta pendurada ao redor do tornozelo a marcava para cremação. Boswell levantou a cabeça, e viu que eram as suas pernas, ali de pé, cortadas entre a virilha e o joelho, mas ainda vivas. Por um momento ele achou que elas pretendiam lhe fazer mal, mas não. Tendo revelado a ele sua presença, elas o deixaram onde estava, contentes por estarem livres.

E será que seus olhos invejavam a liberdade delas, ele achou, e será que sua língua estava ansiosa para sair de sua boca, e será que cada parte dele, à sua maneira sutil, não estava se preparando para traí-lo? Ele era uma aliança que só se sustentava pela mais tênue das tréguas. Agora, com o cenário anterior, quanto tempo se passaria até o próximo levante? Minutos? Anos?

Com o coração na mão, ele esperou pelo fim do Império.

A CONDIÇÃO INUMANA

— Então você é que é o tal? — quis saber Red, agarrando o mendigo pela ombreira da capa de gabardine esfarrapada.

— Que negócio é esse? — respondeu o vagabundo; corria os olhos pelo quarteto de rapazes que o haviam cercado com olhos hostis. O túnel onde o haviam encontrado se aliviando era muito afastado para que ele conseguisse ajuda; eles sabiam disso, e, ao que parecia, ele também. — Sei lá do que você está falando.

— Você anda se exibindo para crianças — respondeu Red.

O homem balançou a cabeça, um fio de baba correndo do lábio até os arbustos de sua barba.

— Não fiz nada — ele insistiu.

Brendan pulou na frente do homem, os passos pesados ecoando no túnel.

— Qual é o seu nome? — ele perguntou, com falsa cortesia.

Embora não tivesse a altura e o comando de Red, a cicatriz que cortava a face de Brendan da têmpora até a linha do queixo sugeria que ele conhecia o sofrimento, tanto em dar quanto em receber. — *O nome*— ele exigiu — Não lhe vou perguntar outra vez.

— Pope — murmurou o velho. — Sr. Pope.

Brendan deu um sorriso enviesado.

— *Sr. Pope?* — ele perguntou. — Bom, a gente ouviu dizer que o senhor andou exibindo esse peru sujo pra criancinhas inocentes. O que o senhor tem a dizer?

— Não — Pope replicou, tornando a balançar a cabeça. — Não é verdade. Nunca fiz nada disso.—Quando ele franziu a testa, a sujeira em seu rosto rachou feito uma parede, uma segunda pele de poeira acumulada em muitos meses. Se não fosse pelo cheiro de álcool que ele exalava, o que obscurecia a pior parte de fedor de seu corpo, teria

sido impossível ficar a meio metro dele. O homem era refugio humano; uma vergonha para a espécie.

— Por que se preocupar com ele? — perguntou Karney. — Está fedendo.

Red olhou sobre o ombro para calar a interrupção. Aos dezessete, Karney era o mais novo, e na hierarquia implícita do quarteto não era digno de dar opiniões. Reconhecendo o erro, ele se calou, deixando que Red voltasse sua atenção ao mendigo. Empurrou Pope contra a parede do túnel. O velho soltou um grito ao bater no concreto; o grito ecoou por todos os cantos. Karney, sabendo de experiência o que ia acontecer dali para a frente, afastou-se e ficou examinando uma nuvem dourada de borrachudos na boca do túnel. Embora gostasse de ficar com Red e os outros dois — a camaradagem, os pequenos roubos, as bebedeiras — aquele jogo em particular nunca fora muito de seu agrado. Não conseguia ver a graça em achar algum vadio bêbado com Pope a bater nele até tirar o pouco senso que havia em sua cabeça desajustada. Isso fazia com que Karney se sentisse sujo, e ele não queria participar disso.

Red puxou Pope da parede, e cuspiu uma torrente de xingamentos no rosto do homem; então, como não obtivesse uma resposta adequada, jogou-o na parede uma segunda vez, com mais força do que a primeira, pegando depois o homem sem fôlego pelas lapelas e sacudindo-o até os ossos chocalharem. Pope deu um olhar apavorado para os dois lados dos trilhos. Antigamente uma ferrovia corria por aquela rota, passando por Highgate e Finsbury Park. Agora não passava mais, e o traçado era um parque público, popular com os corredores de manhã e com os namorados de noite. Mas àquela hora, no meio de uma tarde quente, a trilha estava deserta em ambas as direções.

— Ei — disse Catso. — Não quebre as garrafas dele.

— Isso aí — disse Brendan. — A gente devia pegar a bebida antes de quebrar a cabeça dele.

À menção de que lhe roubariam a bebida, Pope começou a lutar, mas isso só serviu para enfurecer seu captor. Red não estava de bom humor. O dia, como a maior parte dos dias daquele verão de matar, havia sido quente e parado. Só os restos de uma estação

desperdiçada para suportar; nada a fazer e nenhum dinheiro para gastar. Era preciso alguma diversão, e essa responsabilidade caíra nas mãos de Red, como o leão, e de Pope, como o cristão.

— Você vai se machucar se lutar — Red avisou o homem. — Nós só queremos ver o que você tem nos bolsos.

— Não é da sua conta — retorquiu Pope, e por um momento ele falou como um homem que um dia se acostumara a ser obedecido. A explosão fez com que Karney deixasse os mosquitos de lado e olhasse para o rosto macilento de Pope. Uma degradação indizível o havia despido de dignidade ou vigor, mas algo permanecia ali, brilhando por sob a sujeira. O que aquele homem havia sido, Karney se perguntou? Um banqueiro, talvez? Um juiz, agora para sempre perdido para a lei?

Catso entrou na confusão para revistar as roupas de Pope, enquanto Red mantinha o prisioneiro seguro contra a parede do túnel pela garganta. Pope lutava contra a atenção indesejada de Catso o melhor que podia, os braços girando como moinhos de vento, os olhos cada vez mais arregalados. Não lute, Karney desejou; vai ser pior pra você se lutar. Mas o velho parecia estar à beira do pânico; soltava pequenos grunhidos de protesto, mais animais do que humanos.

—Alguém segure os braços dele—disse Catso, desviando-se do ataque de Pope. Brendan agarrou os pulsos de Pope e deslocou os braços do homem para cima de sua cabeça, facilitando a revista. Mesmo assim, com todas as esperanças de libertação destruídas, Pope continuava a pelear. Conseguiu desferir um bom chute na canela esquerda de Red, em troca do que ganhou um murro. O sangue espirrou do nariz e correu até a boca. Havia mais cores de onde aquela havia saído, Karney sabia. Já tinha visto muitas fotos de pessoas abertas—espirais brilhantes de tripas; gordura amarela e luzes púrpuras — todo aquele brilho estava trancado no saco cinzento do corpo de Pope. Por que um pensamento desses lhe ocorria, Karney não tinha certeza. Isso o perturbava, e ele tentava voltar sua atenção para os borrachudos, mas Pope exigia que ele participasse, soltando um grito de angústia quando Catso rasgou um de seus vários coletes para chegar às camadas inferiores.

—*Filhos da puta!*— Pope gritou esganiçado, aparentemente não se importando que seus insultos provocassem inevitavelmente mais socos.—Tirem suas mãos de merda de cima de mim ou vocês vão *morrer*. Vocês todos! — O punho de Red pôs um fim às ameaças, e o sangue correu solto. Pope cuspiu-o de volta ao seu torturador. — Não me tentem — disse ele, sua voz agora um murmúrio. — Estou avisando...

— Você fede que nem cachorro morto — disse Brendan. — É isso o que você é, um cachorro morto? •

Pope não se dignou a responder; seus olhos estavam em Catso, que estava sistematicamente esvaziando os bolsos do casaco e do colete e jogando uma patética coleção de trastes no pó do chão do túnel.

— Karney — Red disparou grosseiro. — Dá uma olhada nesses troços aí, tá? Vê se tem algo de valor.

Karney olhou as bugigangas de plástico e as fitas molhadas; as folhas amassadas de papel (será que o homem era poeta?) e as rolhas de garrafas de vinho.

— É tudo lixo — ele respondeu.

—Procure assim mesmo—instruiu Red.—Pode ter dinheiro enrolado nessas coisas.

— Karney não se mexeu. — *Olha, porra!*

Relutante, Karney agachou-se e começou a examinar o monte de lixo que Catso ainda estava depositando no chão. Na hora foi capaz de perceber que não havia nada de valor ali, embora talvez algumas peças — as fotos velhas, as notas indecifráveis — pudessem fornecer alguma pista do homem que Pope havia sido, antes que a bebida e a loucura incipiente lhe tivessem apagado as memórias. Mesmo curioso, Karney queria respeitar a privacidade de Pope. Era tudo o que o homem tinha.

— Não tem nada aqui—ele anunciou depois de uma análise superficial. Mas Catso não havia terminado sua revista; quanto mais procurava, mais camadas de roupa suja se apresentavam às suas mãos ansiosas. Pope tinha mais bolsos do que um mágico.

Karney levantou a cabeça da pilha abandonada de pertences e descobriu, para seu desconforto, que os olhos de Pope estavam em

sua direção. O velho, exausto e surrado, havia desistido de protestar. Parecia deplorável. Karney abriu as mãos para mostrar que não havia tirado nada da pilha. Pope, como resposta, acenou de leve com a cabeça.

— Peguei! — Catso gritou triunfante. — Peguei a filha da puta! — e puxou uma garrafa de vodka de um dos bolsos. Pope estava tonto demais para perceber que seu suprimento de álcool havia sido roubado ou estava cansado demais para se importar; de qualquer forma, não emitiu ruído de protesto quando a bebida lhe foi tomada.

— Mais alguma coisa? — Brendan quis saber. Começara a dar risadinhas: a excitação crescente foi assinalada por uma gargalhada alta. — Talvez o cachorro tenha mais de onde saiu essa — disse, deixando as mãos de Pope caírem e empurrando Catso para o lado. Este não fez objeções ao tratamento: tinha sua garrafa e estava satisfeito. Quebrou o gargalo para evitar contaminação e começou a beber, agachado no chão sujo. Red soltou Pope, agora que Brendan assumira o comando. Estava visivelmente cansado da brincadeira. Brendan, por outro lado, estava apenas começando a sentir o gostinho.

Red foi até onde Karney estava e revirou a pilha de pertences de Pope com a ponta da bota.

— Lixo de merda — ele afirmou, sem emoção na voz.

— É — concordou Karney, esperando que a falta de sentimento de Red marcasse o fim da humilhação do velho. Mas Red passara o bastão para Brendan, e ele sabia que não poderia voltar atrás e pegá-lo novamente. Karney já havia presenciado a capacidade de Brendan para a violência; não tinha vontade de ver o homem em ação mais uma vez. Com um suspiro, ele se levantou e deu as costas para as atividades de Brendan. Mas os ecos que ricocheteavam pelas paredes do túnel eram eloquentes demais; uma mistura de socos e obscenidades murmuradas. A julgar pela experiência passada, nada deteria Brendan até que sua fúria passasse. Qualquer pessoa idiota o bastante para interrompê-lo se tornaria uma vítima.

Red caminhou até a outra ponta do túnel, acendeu um cigarro e ficou olhando o castigo com um interesse casual. Karney olhou para Catso. O rapaz já estava sentado na sujeira, a garrafa de vodka

entre as pernas esticadas. Estava sorrindo para si mesmo, surdo para os pedidos de ajuda que babavam da boca arreventada de Pope.

Karney sentiu náuseas. Mais para distrair sua atenção da surrada que por genuíno interesse, ele voltou ao lixo arrancado dos bolsos de Pope, e revirou-o, pegando uma das fotos para examinar. Era de uma criança, embora fosse impossível fazer qualquer comparação para descobrir semelhanças de família: o rosto de Pope estava quase irreconhecível. Um olho já começava a fechar, inchado. Karney jogou a foto de volta com o resto das lembranças. Ao fazer isso, seu olho bateu num pedaço de corda cheio de nós em que não havia reparado antes. Tornou a olhar para Pope. O olho inchado estava fechado: o outro parecia não enxergar nada. Satisfeito por não estar sendo observado, Karney puxou a cordinha do monte, enrolada como uma cobra em seu nicho. Nós o fascinavam, sempre o fascinaram. Embora não fosse dotado de habilidade para resolver enigmas acadêmicos (matemática era um mistério para ele; as complicações da linguagem também), sempre gostou de enigmas mais tangíveis. Se lhe dessem um nó, um quebra-cabeças ou uma tabela de horários de trens, ele ficava feliz da vida e se esquecia de si por horas. O interesse remontava à sua infância, que fora solitária; sem pai nem irmãos a quem pedir atenção, que melhor companheira do que um enigma?

Virou a cordinha de um lado e do outro, examinando os três nós feitos a intervalos de um centímetro no meio de seu comprimento. Eram grandes e assimétricos, e pareciam não servir a nenhum propósito discernível, exceto, talvez, cansar mentes como a dele. De que outra forma explicar sua construção inteligente, a não ser pelo fato de que o construtor tivera dores de cabeça para criar um problema totalmente insolúvel? Ele deixou os dedos brincarem sobre as superfícies de nós, buscando instintivamente alguma latitude, mas haviam sido tão brilhantemente apertados que nenhuma agulha, por mais fina que fosse, poderia ser enfiada entre os fios que se embolavam. O desafio que eles apresentavam era chamativo demais para ser ignorado. Mais uma vez ele olhou para o velho. Brendan aparentemente se cansara do trabalho;

Karney viu quando ele jogou o velho contra a parede do túnel e deixou o corpo afundar ao chão. Uma vez ali, o deixou ficar. Um fedor inconfundível de esgoto começou a subir do velho.

— Isso foi legal—Brendan pronunciou-se, como um homem que havia acabado de tomar uma ducha revigorante. O exercício criara uma película de suor em suas feições rudes; sorria de orelha a orelha. — Me dá um gole dessa vodca, Catso.

— Acabou tudo — Catso falou com a voz engrolada, virando a garrafa ao contrário.

— Só tinha um golinho nela.

— Você é um mentiroso de merda — Brendan disse, ainda sorrindo.

— E se eu for? — replicou Catso, e jogou a garrafa vazia de lado. Ela se quebrou.

— Me ajuda a levantar — ele falou com Brendan. Este, ainda de bom humor, ajudou. Red já tinha começado a sair do túnel; os outros seguiram.

— E aí, Karney — Catso falou lá da frente — Não vem não?

— Claro.

— Quer dar uma porradinha no cachorro também? — Brendan sugeriu. Catso quase caiu de tanto rir. Karney não respondeu. Levantou-se, os olhos grudados na figura inerte caída num bolo sobre o chão do túnel, esperando uma fagulha de consciência. Não havia nada que ele pudesse ver. Deu uma olhada para os outros: todos os três lhe deram as costas e desciam pelos trilhos. Rapidamente Karney embolsou os nós. O furto não levou mais que alguns segundos. Assim que a cordinha estava segura, ele sentiu um grande triunfo, totalmente fora de proporção com o que havia adquirido. Já antecipava as horas de diversão que os nós lhe dariam. Um tempo em que poderia esquecer de si mesmo e de seu vazio; esquecer do verão estéril e do inverno gelado que viria; e esquecer também do velho deitado em sua própria sujeira.

— Karney! — gritou Catso.

Karney deu as costas a Pope e começou a se afastar do corpo e da pilha de pertences ao seu lado. A alguns passos da ponta do túnel, o velho atrás dele começou a resmungar em seu delírio. As palavras

eram incompreensíveis. Mas, por algum truque de acústica, as paredes do túnel multiplicaram o som. A voz de Pope ricocheteava para frente e para trás, enchendo o túnel de sussurros.

Não foi senão até tarde da noite, quando estava sentado sozinho no quarto, com a mãe chorando deitada na porta ao lado, que Karney teve a oportunidade de estudar os nós com calma. Não dissera nada a Red ou aos outros sobre o roubo da cordinha; o furto fora tão pequeno que eles o teriam sacaneado por mencioná-lo. E além disso, os nós ofereciam a ele um desafio pessoal, que ele enfrentaria — e provavelmente perderia — em particular.

Depois de alguma discussão consigo mesmo, ele escolheu o nó que tentaria primeiro, e começou a trabalhar nele. Quase imediatamente, perdeu todo o senso do tempo ao seu redor: o problema o cativou profundamente. Horas de frustração extática passaram despercebidas enquanto ele analisava o nó, buscando alguma pista de um sistema oculto. Não conseguia encontrar nenhum. As configurações, se é que tinham algum padrão racional, estavam além de sua capacidade. Tudo o que podia tentar fazer era procurar vencer o problema por tentativa e erro. A manhã estava ameaçando trazer luz ao mundo novamente quando ele finalmente largou a cordinha para dormir algumas horas, e numa noite de trabalho ele só conseguira afrouxar uma ínfima fração do nó.

Nos quatro dias seguintes o problema tornou-se uma ideia fixa; uma obsessão hermética para a qual ele retornaria em qualquer oportunidade disponível, futucando o nó com dedos que estavam ficando dormentes com o uso. O enigma o fascinava como pouca coisa em sua vida adulta o fascinara; ao trabalhar o nó, ele ficava cego e surdo ao mundo lá fora. Sentado em seu quarto iluminado por um lampião à noite, ou no parque durante o dia, ele quase se sentia atraído para dentro de seu coração emaranhado, sua consciência focalizada tão minuciosamente que podia ir onde a luz não conseguia penetrar. Mas, apesar de sua persistência, o trabalho mostrou-se lento. Diferente de muitos nós que ele havia encontrado, que, uma vez soltos em parte, forneciam toda a solução do problema, a estrutura era concebida de forma tão hábil que soltar um elemento só servia para apertar e fortalecer outro. O truque, ele

começou a entender, era trabalhar em todos os lados do nós ao mesmo tempo, soltando uma fração de cada parte. Essa rotação sistemática, embora tediosa, mostrava resultados gradualmente.

Parou de ver Red, Brendan ou Catso por esse tempo; o silêncio deles sugeria que sentiam tão pouco sua falta como ele deles. Por isso ficou surpreso quando Catso apareceu procurando por ele numa noite de sexta. Viera com uma proposta. Ele e Brendan haviam encontrado uma casa pedindo para ser assaltada, e queriam Karney como vigia. Ele já havia feito isso duas vezes no passado. Ambas haviam sido pequenos trabalhos de arrombamento como esse, que na primeira ocasião lhes dera uma série de joias fáceis de vender, e na segunda várias centenas de libras em dinheiro. Daquela vez, entretanto, o serviço tinha de ser feito sem o envolvimento de Red: ele estava cada vez mais envolvido com Anelisa, e ela, segundo Catso, o fizera abandonar os pequenos furtos e guardar os talentos para algo mais ambicioso. Karney sentia que Catso — e Brendan também, o que era mais provável — estava doido para provar sua eficiência criminosa sem Red. A casa que haviam escolhido era um alvo fácil, como Catso dissera, e Karney seria um idiota completo se deixasse uma chance dessas passar. Ele acompanhou o entusiasmo de Catso, sua cabeça em outras chances. Quando Catso finalmente terminou sua ladainha, Karney concordou com o serviço, não pela grana, mas porque dizer sim faria com que voltasse mais rápido ao nó.

Muito mais tarde aquela noite, por sugestão de Catso, eles se encontraram para ver o local do serviço proposto. O cenário certamente sugeria um trabalho fácil. Karney já andara várias vezes pela ponte que ligava Hornsey Lane por sobre Archway Road, mas nunca reparara na trilha íngreme—parte de terra, parte de trilhos — que descia do lado da ponte até a estrada abaixo. Sua entrada era estreita, e facilmente desprezível, e seus meandros só eram iluminados por uma lâmpada, cuja luz estava obscurecida por árvores que cresciam nos jardins atrás da trilha. Eram esses jardins — suas cercas dos fundos facilmente escaláveis ou arrancáveis — que ofereciam um perfeito acesso às casas. Um ladrão, usando o caminho oculto, poderia ir e vir impunemente, sem ser visto por

passantes em cima ou em baixo. Tudo o que o cenário exigia era um vigia na trilha para avisar quanto a um ou outro pedestre que pudesse usar a trilha. Isso seria trabalho para Karney.

Anoite seguinte foi a alegria dos ladrões. Fria, mas não gelada; nublada, mas sem chuva. Encontraram-se em Highgate Hill, nos portões da Igreja dos Padres da Paixão, e dali desceram até Archway Road. Tomar a trilha do alto seria, na opinião de Brendan, atrair mais atenção. Patrulhas de polícia eram comuns em Hornsey Lane, em parte porque a ponte era irresistível aos depressivos locais. Para o suicida em potencial o local tinha vantagens distintas, sendo a principal que, se a queda de dez metros não matasse você, os caminhões que disparavam pela Archway Road na direção sul certamente o matariam.

Brendan estava também de bom humor aquela noite, satisfeito por estar liderando os outros ao invés de ficar em segundo lugar por causa de Red. Sua conversa era uma torrente de besteiras, em sua maior parte sobre mulheres. Karney deixou Catso ter o orgulho de ficar ao lado de Brendan, e ficou a alguns passos atrás, a mão no bolso da jaqueta, onde os nós esperavam. Nas últimas horas, fatigado por tantas noites sem dormir, Karney achou que os olhos lhe pregavam peças com a cordinha; num momento ele chegou a achar que ela se movia em sua mão, como se estivesse lutando para se desamarrar. Mesmo agora, à medida que se aproximavam da trilha, ele podia senti-la se mexer contra a palma de sua mão.

— Ei, cara... olha só para aquilo. — Catso estava apontando para a trilha; estava totalmente às escuras. — Alguém quebrou a lâmpada.

— Fala baixo — disse Brendan, e liderou-os pelo caminho. A trilha não estava em total escuridão; um vestígio de iluminação de Archway Road chegava até ela. Mas, apesar da massa densa de arbustos filtrar a iluminação, a trilha ainda estava virtualmente escura. Karney mal podia ver as mãos na frente do rosto. Mas a escuridão presumivelmente dissuadiria todos os pedestres de usar o caminho, menos os mais experientes. Quando já haviam subido mais da metade, Brendan mandou os outros pararem.

— Esta é a casa — ele anunciou.

— Tem certeza? — perguntou Catso.

— Conte os jardins. É esta mesmo.

A cerca que protegia os fundos do jardim estava em avançado estado de desconservação: não foi preciso mais do que um simples puxão da parte de Brendan — cujo barulho foi abafado por um caminhão que passava sobre o asfalto abaixo — para lhes garantir o acesso fácil. Brendan abriu caminho por entre a massa de arbustos que crescia selvagem no final do jardim e Catso o acompanhou, soltando um palavrão quando foi arranhado. Brendan o calou com um segundo palavrão, e então virou-se para Karney.

—Vamos entrar. Vamos assoviar duas vezes quando sairmos da casa. Lembra dos sinais?

— Ele não é idiota. É, Karney? Vai dar tudo certo. Vamos ou não? — Brendan não disse mais nada. As duas figuras internaram-se nos espinheiros e começaram a se aproximar do jardim propriamente dito. Uma vez no gramado, e fora das sombras das árvores, podiam ser vistos como duas formas cinzentas contra a casa. Karney viu-os avançarem para a porta dos fundos, ouviu um ruído quando Catso — de longe o mais habilidoso dos dois — forçou a fechadura; então a dupla deslizou para o interior da casa. Ele estava só.

Mas não de todo. Ainda tinha seus companheiros na cordinha. Conferiu os caminhos de subida e descida da trilha, os olhos acostumando-se gradualmente com a penumbra tingida de sódio. Não havia pedestres. Satisfeito, tirou os nós do bolso. Suas mãos eram fantasmas à sua frente; mal podia ver os nós. Mas, quase sem que sua intenção consciente os guiasse, seus dedos começaram a investigação novamente, e por mais estranho que parecesse, ele descobriu mais sobre o problema em segundos de manipulação cega do que em horas na sua casa. Despojado de seus olhos, ele seguiu puramente por instinto, e isso fez maravilhas. Uma vez mais ele tinha a sensação assustadora de internacionalidade no nó, como se mais e mais ele fosse um agente por conta própria. Encorajados pelo gostinho da vitória, seus dedos deslizaram pelo nó com precisão inspirada, parecendo se iluminar precisamente nos fios certos a manipular.

Olhou mais uma vez a trilha, para se certificar de que ainda estava vazia, então tornou a olhar na direção da casa. A porta permanecia aberta: não havia sinal nem de Catso nem de Brendan. Ele voltou sua atenção ao problema que tinha nas mãos; quase sentia vontade de gargalhar com a facilidade com que o nó estava subitamente se desfazendo.

Seus olhos, acesos com a crescente excitação, talvez, começaram a lhe pregar uma peça fantástica. Faíscas coloridas — de tons raros, aos quais ele era incapaz de dar nome — espocavam à sua frente, tendo como origem o coração do nó. A luz batia em seus dedos à medida que eles trabalhavam, sua carne ficando translúcida. Podia ver as terminações nervosas, brilhantes com uma sensibilidade recém-descoberta; os tocos dos ossos dos dedos, visíveis até a medula. Então, quase tão subitamente quando apareceram, as cores morreram, deixando seus olhos assombrados na escuridão até se acenderem novamente.

Seu coração começou a martelar nos ouvidos. O nó, ele pressentia, esta a apenas *segundos* da solução. Os fios entrelaçados estavam positivamente se soltando-, seus dedos eram os instrumentos da cordinha agora, e não o contrário. Ele abria laços para alimentar os outros dois nós; ele empurrava, ele puxava: tudo à vontade da corda.

E agora as cores voltavam, mas desta vez seus dedos estavam invisíveis, e ao invés deles ele podia ver alguma coisa brilhando nos últimos fios que restavam do nó. A forma se contorcia como um peixe na rede, ficando cada vez maior a cada fio que ele puxava. O martelo em sua cabeça batia duas vezes mais rápido. O ar ao seu redor havia se tornado quase gelatinoso, como se ele estivesse imerso em lama.

Alguém assoviou. Ele sabia que o sinal devia ter algum significado para ele, mas não conseguia se lembrar qual era. Havia distrações demais: o ar que engrossava, sua cabeça que latejava, o nó se desfazendo em suas mãos indefesas enquanto a figura em seu centro — sinuosa, rebrilhante — lutava e inchava.

Novamente o assovio. Desta vez sua urgência o tirou do transe. Levantou a cabeça. Brendan já estava cruzando o jardim, com Catso

se arrastando a poucos metros atrás. Karney só teve um momento para registrar a aparição deles antes que o nó iniciasse a fase final de sua resolução. A última trama se libertou, e a forma em seu coração saltou para o rosto de Karney — crescendo a uma taxa exponencial. Ele caiu para trás para evitar perder a cabeça, e a coisa disparou passando por ele. Chocado, ele tropeçou no emaranhado de espinheiros e caiu num monte de espinhos. Sobre sua cabeça, a folhagem balançava como se um vento forte tivesse soprado. Folhas e gravetos choveram em sua cabeça. Ele olhou para os galhos para tentar avistar a forma, mas ela já havia desaparecido.

— Por que é que você não respondeu, seu babaca? — Brendan quis saber. — Achemos que você tinha fugido.

Karney mal registrara a chegada sem fôlego de Brendan; ainda estava vasculhando o teto das árvores sobre sua cabeça. O cheiro de lama fria enchia suas narinas.

— É melhor se mexer — disse Brendan, subindo pela cerca quebrada e saindo para a trilha. Karney lutou para se levantar, mas os espinhos dos arbustos reduziram a velocidade de sua tentativa, agarrando-se em seus cabelos e roupas.

— Merda! — ele ouviu Brendan murmurar do outro lado da cerca. — Polícia! Na ponte.

Catso havia alcançado os fundos do jardim.

— O que é que você tá fazendo aqui embaixo? — ele perguntou a Karney.

Karney levantou a mão.

— Me ajude — pediu. Catso pegou-o pelo pulso, mas ao fazer isso Brendan sibilou: — *Polícia! Vamos embora!* — e Catso soltou a mão e mergulhou pela cerca para seguir Brendan descendo até a Archway Road. Karney levou apenas alguns segundos estonteantes para perceber que a cordinha, com seus dois nós remanescentes, tinha sumido de sua mão. Ele não tinha deixado cair, disso estava certo. O mais provável é que ela o tivesse abandonado deliberadamente, e sua única oportunidade fora o breve contato de mão com Catso. Ele esticou a mão para agarrar a cerca podre e levantou-se. Catso tinha de ser avisado do que a cordinha havia feito; com ou sem polícia. Havia coisa pior do que a polícia por ali.

Descendo apressado pela trilha, Catso sequer desconfiava de que os nós haviam infiltrado-se sorratamente em sua mão, preocupado que estava com o problema da fuga. Brendan já tinha sumido na direção da Archway Road, e estava longe. Catso arriscou uma olhada por trás do ombro para ver se a polícia o perseguia. Mas não havia sinal deles. Mesmo que começassem a caçá-lo agora, ele raciocinou, não o pegariam. Só ficaria Karney. Catso reduziu o passo, e parou, olhando de volta pela trilha para conferir se o idiota mostrava algum sinal de segui-lo, mas não havia chegado sequer a pular a cerca.

—Que se foda—Catso disse baixinho. Talvez devesse voltar e buscá-lo.

Enquanto hesitava na trilha escura, deu-se conta de que o que pensara ser um vento gelado nas árvores acima havia parado de repente. O silêncio repentino o deixou inquieto. Desviou o olhar do caminho para olhar o teto de galhos e seus olhos assustados focalizaram-se na forma que descia na sua direção, trazendo com ela o fedor da lama e apodrecimento. Lentamente, como num sonho, ele ergueu as mãos para evitar que a criatura o tocasse, mas ela esticou membros molhados e gelados, e o agarrou.

Karney, no ato de pular a cerca, chegou a ver Catso ser levantado e levado para a cobertura das árvores; viu as pernas dele pedalarem no ar enquanto mercadoria roubada caía de seus bolsos e rolava pela trilha na direção de Archway Road.

Então Catso gritou, e suas pernas balançantes começaram um movimento ainda mais frenético. No topo do caminho, Karney ouviu alguém gritando. Um policial para outro, ele supôs. No instante seguinte ouviu o som de pés correndo. Levantou os olhos para Hornsey Lane — os guardas ainda não haviam alcançado o topo da trilha — e depois olhou de volta para a direção de Catso, a tempo de ver seu corpo caindo da árvore. Caiu como se fosse um saco, mas logo depois se punha de pé. Por um breve instante Catso olhou para a trilha, na direção de Karney. O olhar em seu rosto, mesmo na penumbra de sódio, era o de um lunático. Então ele começou a correr. Karney, satisfeito por Catso ter uma vantagem, deslizou pela cerca quando os dois policiais apareceram no alto da trilha e

começaram a perseguir Catso. Tudo aquilo — o nó, os ladrões, a perseguição, gritos e tudo o mais — havia ocupado poucos segundos apenas, durante os quais Karney sequer respirara. Agora ele jazia sobre um colchão farpado de espinheiros e ofegava como um peixe fora d'água, enquanto no outro lado da cerca a polícia disparava pelo caminho gritando atrás de seu suspeito.

Catso mal ouvira suas ordens. Não era da polícia que ele estava correndo: era da coisa enlameada que o erguera para ver seu rosto cheio de cortes e cancos. Agora, à medida que ele se aproximava da Archway Road, sentia tremores em suas pernas. Se elas cedessem era certo que a coisa viria atrás dele novamente, e poria sua boca na dele como já havia feito. Só que dessa vez ele não teria forças para gritar; a vida seria sugada de seus pulmões. Sua única esperança estava em colocar a estrada entre ele e seu torturador. O hálito da besta soava alto em seus ouvidos, e ele subiu pelo barranco, pulou para a estrada e começou a atravessá-la direto. No meio do percurso percebeu o erro. O horror em sua cabeça o havia cegado para qualquer risco. Um Volvo azul — a boca do motorista um perfeito O — vinha em sua direção. Foi apanhado pelos faróis como um animal, hipnotizado: dois segundos depois recebia um impacto fulminante que o atirou por sobre a divisão da estrada, no caminho de um caminhão basculante. O segundo motorista não teve chance de se desviar: o impacto abriu Catso ao meio e o jogou debaixo dos pneus.

Lá em cima, nos jardins, Karney ouviu os freios em pânico, e o policial, no final da trilha, dizer: "Jesus Cristo Santíssimo!". Esperou alguns segundos, então deu uma olhada de onde estava se escondendo. A trilha agora estava deserta, de cima a baixo. As árvores estavam paradas. Da estrada abaixo elevou-se o som de uma sirene, e o dos policiais gritando para que os carros que passavam parassem. Mais perto, alguém soluçava. Ouviu atentamente por alguns momentos, tentando descobrir a fonte dos soluços, antes de perceber que eram os seus. Lágrimas ou não, o clamor que vinha de baixo exigia sua atenção. Alguma coisa terrível tinha acontecido, e ele tinha de ver o quê. Mas tinha medo de correr pelas árvores, sabendo o que aguardava ali, então ficou onde estava, olhando para

os galhos, tentando localizar a fera. Não havia som nem movimento, entretanto: as árvores estavam silenciosas. Contendo seus temores, saiu do esconderijo e começou a descer a trilha, olhos grudados na folhagem para captar o menor sinal da presença do monstro. Podia ouvir o zumbido de uma multidão que se formava. O pensamento de um monte de pessoas o confortou; de agora em diante precisaria de um lugar para se esconder, não precisaria? Homens que presenciavam milagres precisavam.

Havia alcançado o ponto onde Catso fora arrastado para o alto das árvores: uma pilha de folhas e coisas roubadas o delimitava. Os pés de Karney queriam ser rápidos, para apanhá-lo e levá-lo daquele lugar, mas algum instinto perverso reduzia seus passos. Será que ele queria fazer com que a criatura do nó mostrasse sua cara? Melhor, talvez, confrontá-la agora — em toda sua malignidade — do que viver com medo de agora em diante, exagerando sua face e sua capacidade. Mas o monstro se mantinha oculto. Se realmente ainda estava lá em cima da árvore, não mexia uma unha sequer.

Algo se moveu sob seus pés. Karney olhou para baixo, e lá, quase perdido no meio das folhas, estava a cordinha. Catso havia sido considerado indigno de carregá-la, aparentemente. Agora — com algumas pistas de seu poder reveladas—ela não fazia esforço de passar por natural. Contorcia-se no cascalho como uma serpente no cio, erguendo sua cabeça cheia de nós para atrair a atenção de Karney. Queria ignorar seus chamados, mas não conseguia. Sabia que se *ele* não pegasse os nós, outra pessoa o faria, era uma questão de tempo: uma vítima, como ele, de uma necessidade de resolver enigmas. Para onde essa inocência poderia levar, a não ser para outra fuga talvez mais terrível do que a primeira? Não; era melhor que ele apanhasse os nós. Pelo menos estava vivo para o potencial deles, e portanto, em parte, armado contra isso. Abaixou-se, e ao fazer isso a corda pulou em suas mãos, enrolando-se ao redor de seus dedos com tanta força que ele quase gritou.

— Filha da puta — ele disse.

A corda enrolou-se em sua mão, tecendo seu caminho entre os dedos num êxtase de boas-vindas. Karney ergueu a mão para ver melhor o espetáculo. Sua preocupação com os eventos de Archway

Road havia, subitamente, de forma quase milagrosa, evaporado. O que importavam aquelas preocupações mesquinhas? Era apenas vida e morte. Melhor fugir agora, enquanto podia.

Sobre sua cabeça, um galho balançou. Descolou os olhos dos nós e apertou-os para enxergar o interior da árvore. Com o cordão de volta a ele, seu tremor, bem como os temores, haviam sumido.

— Apareça — ele disse. — Não sou igual ao Catso não; não estou com medo.

Quero saber o que é você.

De sua camuflagem de folhas a fera que aguardava inclinou-se na direção de Karney e exalou um único hálito gelado. Tinha cheiro de rio em maré baixa, de vegetação apodrecendo. Karney já ia perguntar novamente o que ele era quando percebeu que o hálito *era* a resposta do animal. Tudo o que ela podia dizer de sua condição estava contido naquele hálito amargo e rançoso. Não era uma resposta que carecesse de eloquência. Perturbado pelas imagens que ela despertava, Karney recuou do local. Formas feridas, coleantes, moviam-se por trás de seus olhos, engolfadas por uma onda de sujeira.

A poucos metros das árvores, a magia do hálito se desfez, e Karney bebeu do ar poluído da estrada como se fosse limpo como a aurora do mundo. Deu as costas às agonias que tinha sentido, metera a mão costurada no bolso e começou a subir a trilha. Atrás dele, as árvores estavam novamente quietas.

Dezenas de espectadores haviam se aglomerado na ponte para ver os procedimentos abaixo. Sua presença havia, por sua vez, aguçado a curiosidade dos motoristas que passavam pela Hornsey Lane, uns dos quais estacionaram seus veículos e saíram para se juntar à massa. O cenário sob a ponte parecia remoto demais para despertar quaisquer sentimentos em Karney. Ficou de pé entre a multidão que não parava de falar e olhou para baixo sem emoções. Reconheceu o corpo de Catso pelas roupas; pouco mais restava de seu ex-companheiro.

Em pouco tempo, ele sabia, teria de lamentar por isso. Mas no presente não conseguia sentir nada. Afinal de contas, Catso estava morto, não estava? Sua dor e confusão haviam terminado. Karney

sentia que seria mais sábio poupar as lágrimas para aqueles cujas agonias estavam apenas começando.

E novamente os nós.

Em casa naquela noite, ele tentou colocá-los de lado, mas, após os eventos da noite, eles haviam assumido um ar renovado. *Os nós invocam monstros*. Como e por quê ele não sabia; nem, curiosamente, se importava muito no momento. Toda sua vida ele havia aceitado que o mundo era rico em mistérios que uma mente com seu alcance limitado não tinha esperança de compreender. Essa fora a única lição verdadeira que seus dias de escola lhe haviam ensinado: que ele era ignorante. Esse novo imponderável era apenas mais um de uma longa lista.

Só uma coisa racional realmente lhe ocorreu, e era que de algum modo Pope havia arrumado esse roubo dos nós sabendo que o monstro libertado se vingaria em seus carrascos e não seria senão na cremação de Catso, seis dias depois, que Karney teria alguma confirmação dessa teoria. Nesse ínterim ele manteve seus medos para si, calculando que, quanto menos dissesse acerca dos eventos da noite, menos mal poderiam fazer a ele. Conversar dava credibilidade ao fantástico: dava peso a fenômenos que ele esperava que, se deixados onde estavam, não teriam forças para sobreviver.

Quando, no dia seguinte, a polícia foi até sua casa fazendo perguntas rotineiras sobre Catso, ele afirmou nada saber das circunstâncias que envolveram sua morte. Brendan fizera o mesmo, e como aparentemente não houve testemunhas para falar nada em contrário, Karney não foi interrogado novamente. Ao invés disso, foi deixado com seus pensamentos; e com os nós.

Viu Brendan uma vez. Esperava recriminações; Brendan acreditava que Catso estava correndo da polícia quando foi morto, e que fora a falta de concentração de Karney que fizera com que não fossem alertados da proximidade da lei. Mas Brendan não fez acusações. Aceitara o peso da culpa sobre suas costas com uma vontade que beirava o apetite; só falava de seu próprio erro, e não do de Karney. A aparente arbitrariedade da morte de Catso havia descoberto uma improvável bondade em Brendan, e Karney estava doido de vontade de lhe contar toda aquela incrível história, do

começo ao fim. Mas não era o momento, ele pressentiu. Deixou Brendan desabafar sua dor, e ficou com a boca fechada.

E ainda os nós.

Às vezes ele acordava no meio da noite e sentia a cordinha se mexer debaixo do travesseiro. Sua presença era reconfortante, sua ansiedade não, pois despertava uma ansiedade semelhante em Karney. Ele queria tocar os nós que restavam e examinar os enigmas que eles ofereciam. Mas sabia que fazer isso era tentar a capitulação: à sua própria fascinação; ao desejo de libertação dos nós. Quando essa tentação aparecia, ele se forçava a lembrar o caminho, e a fera nas árvores; a acordar novamente os pensamentos angustiantes que o hálito do monstro lhe provocara. Então, aos poucos, a lembrança da perturbação cancelaria a curiosidade do momento, e ele deixaria a cordinha onde estava. Fora de sua vista, embora quase nunca fora de sua cabeça.

Por mais perigosos que os nós pudessem ser, ele não conseguia pensar em queimá-los. Enquanto possuísse aquele modesto pedaço de corda, ele era diferente; renegá-lo seria voltar à sua até o momento indescritível condição. Não queria fazer isso, muito embora suspeitasse que sua ligação diária e íntima com a corda estivesse sistematicamente enfraquecendo sua capacidade de resistir à sua sedução.

Da coisa na árvore ele não viu nada: chegou a pensar se não havia imaginado todo o confronto. Na verdade, com o passar do tempo, os poderes de racionalizar a verdade em não existência poderia ter ganho completamente a batalha. Mas eventos subsequentes à cremação de Catso puseram um fim a uma opção tão conveniente.

Karney tinha ido à cerimônia sozinho—e, apesar da presença de Brendan, Red e Anelisa — fora embora sozinho. Não estava muito a fim de falar com nenhum deles. As palavras que ele um dia pudesse ter criado para explicar os acontecimentos estavam ficando cada vez mais difíceis de reinventar à medida que o tempo passava. Saiu apressado do crematório antes que alguém pudesse chegar perto dele para conversar, a cabeça curvada contra o vento cheio de pó que havia trazido períodos de nuvens e sol numa rápida sucessão

ao longo do dia. Caminhando, meteu a mão no bolso para pegar um maço de cigarros. A corda, que como sempre esperava lá, recebeu seus dedos à sua costumeira forma insinuante. Ele a desembaraçou e tirou os cigarros, mas o vento estava forte demais para deixar os fósforos acesos, e suas mãos pareciam incapazes de realizar a simples tarefa de bloqueá-lo. Caminhou sem destino por algum tempo até encontrar um beco, e entrou nele para acender o cigarro. Pope estava lá, esperando por ele.

— Você mandou flores? — perguntou o mendigo.

O instinto de Karney lhe disse para virar-se e correr. Mas a estrada iluminada ficava apenas a alguns metros; ali ele não corria perigo. E uma conversa com o velho poderia ser informativa.

— Nada de flores? — perguntou Pope.

— Nada de flores — replicou Karney. — O que está fazendo aqui?

— O mesmo que você — respondeu Pope. — Ver o garoto queimar. — Ele sorriu, a expressão, naquele rosto sujo e crestado, repulsiva. Pope ainda era o saco de ossos que fora no túnel duas semanas antes, mas agora um ar de ameaça pairava sobre ele. Karney estava contente por ter o sol às costas.

— E você. Para ver você — disse Pope.

Karney preferiu não dizer nada. Acendeu um cigarro.

— Você tem algo que me pertence—disse Pope. Karney não se declarou culpado. — Quero meus nós de volta, rapaz, antes que você faça algum estrago *de verdade*.

— Não sei do que você está falando — retrucou Karney. Seu olhar concentrou-se, sem querer, na face de Pope, desenhando os traços intrincados. O beco, com suas pilhas de lixo, tremeluziu. Uma nuvem havia aparentemente coberto o sol, pois a visão de Karney, exceto pela figura de Pope, escureceu subitamente.

— Foi estupidez, garoto, tentar me roubar. Não que eu não fosse presa fácil; esse foi meu erro, e não vai se repetir. Às vezes fico sozinho, sabe? Sei que você me entende. E quando fico sozinho, dou de beber.

Embora apenas segundos tivessem aparentemente se passado desde que Karney tivesse acendido seu cigarro, ele havia queimado

até o filtro sem que desse uma única tragada. Jogou-o fora, vagamente consciente de que o tempo, assim como o espaço, estava fora do normal naquele beco.

— Não fui eu — ele resmungou: uma defesa infantil em face de qualquer acusação.

— Foi sim—Pope respondeu com autoridade incontestável. — Não vamos gastar nosso latim inventando histórias. Você me roubou, e seu colega pagou o preço. Não pode desfazer o mal que causou. Mas pode *evitar mais* problemas se me devolver o que é meu. *Agora*.

A mão de Karney fugira para o bolso, sem que ele percebesse. Queria sair daquela armadilha antes que ela se fechasse sobre ele; dar a Pope o que era, afinal de contas, por direito *seu*, era certamente a maneira mais fácil. Mas seus dedos hesitavam; por quê? Porque os olhos do matusalém eram tão implacáveis, talvez fosse isso; porque devolver os nós às mãos de Pope lhe daria controle total sobre a arma que havia, na verdade, matado Catso? Mas havia mais; mesmo agora, com a sanidade em risco, Karney não queria devolver o único fragmento de mistério que já passara por sua vida. Pope, sentindo que o rapaz não estava inclinado a lhe devolver nada, aumentou a intensidade de sua argumentação.

— Não tenha medo de mim — disse. — Não vou lhe fazer nenhum mal, a não ser que você me force. Eu preferia *muito mais* que concluíssemos esta questão em paz; mais violência, outra morte até, só atrairia atenção.

Será que eu estou olhando para um assassino?, pensou Karney. Tão sujo, tão ridiculamente miserável. E no entanto as palavras contradiziam a visão; a semente de comando que Karney ouvira um dia na voz de Pope agora havia frutificado.

— Quer dinheiro?—perguntou Pope. — É isso? Seu orgulho seria satisfeito se eu lhe oferecesse alguma coisa por seus problemas? — Karney olhou incrédulo para a aparência de Pope. — Ah — percebeu o velho. — Posso não parecer um homem de posses, mas as aparências podem enganar. Na verdade, a regra é esta, e não a exceção. Você, por exemplo. Você não parece um cadáver, mas vá

por mim, você já está morto, rapaz. Eu prometo que você vai morrer se continuar a me desafiar.

O discurso — tão calculado, tão escrupuloso — espantou Karney, vindo dos lábios de Pope; assim provando a tese do homem. Há quinze dias atrás eles haviam apanhado Pope por baixo — confuso e vulnerável — mas agora, sóbrio, o homem falava como um potentado: um rei louco, talvez, que caminhasse entre a plebe como um mendigo. Rei? Não, mais parecia um *sacerdote*. Algo na natureza de sua autoridade (em seu nome, até: Pope não queria dizer "Papa"?) sugeria um homem cujo poder nunca se baseara meramente em política.

— Mais uma vez — ele disse. — Exijo que me dê o que é meu.

Deu um passo na direção de Karney. O beco era um túnel estreito, que pressionava suas cabeças. Se havia um céu acima deles, Pope sumira com ele.

— Me dê os nós — ele disse. Sua voz era suave e reconfortante. A escuridão os encerrara completamente. Tudo o que Karney podia ver era a boca do homem: seus dentes irregulares, sua língua cinzenta. — Me devolva eles, ladrão, ou sofra as consequências.

— Karney?

A voz de Red vinha de outro mundo. Estava apenas a alguns passos de distância — a voz, o sol, o vento — mas por um longo momento Karney lutou para localizá-la novamente.

— Karney?

Ele arrastou sua consciência para fora dos dentes de Pope e forçou o rosto a se virar e olhar para a estrada. Red estava lá, de pé ao sol, Anelisa ao seu lado. Os cabelos louros dela reluziam.

— O que é que tá pegando?

— Deixe-nos em paz — disse Pope. — Temos negócios, ele e eu.

— Você tem negócios com *ele*? — Red perguntou a Karney.

Antes que Karney pudesse responder Pope disse:

— Diga a ele. Diga a ele, Karney, que você quer falar comigo a sós.

Red olhou por sobre o ombro de Karney para o velho.

— Quer me dizer o que é que tá acontecendo? — ele quis saber.

A língua de Karney lutava para achar uma resposta, mas não conseguia. O sol estava tão longe; toda vez que uma nuvem passava por sobre a rua ele temia que a luz se apagasse permanentemente. Seus lábios trabalhavam silenciosos para exprimir seu medo.

— Está tudo bem? — perguntou Red. — *Karney?* Pode me ouvir?

Karney fez que sim. A escuridão que o cercava estava começando a desaparecer.

— Posso... — ele respondeu.

Subitamente, Pope atirou-se sobre Karney, suas mãos enfiando-se desesperadas em seus bolsos. O impacto do ataque jogou Karney, ainda em transe, contra o muro do beco. Caiu de lado sobre uma pilha de latas de lixo. Elas caíram e ele junto; Pope, as mãos firmes demais em Karney, também caiu. Toda a calma anterior — o humor negro, as ameaças circunspectas — havia se evaporado; ele era novamente o mendigo idiota, resmungando insanidades. Karney sentia a mão do homem tentando rasgar-lhe as roupas e arranhando sua pele em seu desespero pelos nós. As palavras que gritava no rosto de Karney não eram mais compreensíveis.

Red pisou no beco e tentou arrastar o velho, pelo casaco ou cabelo ou barba, qualquer coisa em que pudesse se agarrar em sua vítima. Foi mais fácil falar que fazer; o ataque tinha a fúria de um acesso de loucura. Mas a força superior de Red venceu. Cuspindo disparates, Pope foi puxado de cima de Karney. Red o segurava como se ele fosse um cachorro louco.

— Levanta... — ele disse a Karney. — Sai de perto dele.

Karney levantou-se tremendo entre a confusão de latas. Nos poucos segundos de seu ataque, Pope fizera um estrago considerável: Karney estava sangrando em meia dúzia de lugares. Suas roupas foram dilaceradas; sua camisa, tão rasgada que não tinha mais conserto. Experimentou pôr a mão em seu rosto ardido: os arranhões eram fundos como cicatrizes rituais.

Red empurrou Pope de encontro à parede. O vagabundo ainda estava apoplético, os olhos enlouquecidos. Uma torrente de invectivas uma mistura de inglês e resmungos incompreensíveis —

foi atirada na cara de Red. Sem parar de falar, Pope fez outra tentativa de atacar Karney, mas desta vez as mãos de Red impediram que as garras do mendigo travassem contato com o rapaz. Red arrastou Pope para fora do beco.

— Seu lábio está sangrando — disse Anelisa, olhando para Karney sem disfarçar o nojo. Karney sentia o gosto de sangue: salgado e quente. Pôs as costas da mão na boca. Ela voltou escarlate.

— Foi bom a gente ter vindo atrás de você — ela comentou.

— É — ele respondeu, sem olhar para a mulher. Tinha vergonha do espetáculo que tinha dado com o vagabundo, e sabia que ela devia estar rindo de sua incapacidade de se defender. A família dela era composta por vilões, e seu pai um herói entre os ladrões.

Red voltou da rua. Pope tinha desaparecido.

— O que é que foi isso, hein? — ele quis saber, tirando um pente do bolso da jaqueta e restabelecendo seu visual.

— Nada — replicou Karney.

— Nada o cacete — disparou Red. — Ele disse que você roubou alguma coisa dele. É isso mesmo?

Karney olhou de viés para Anelisa. Se não fosse pela presença dela, ele poderia ter dito tudo a Red, ali e agora. Ela retribuiu o olhar de esguelha e pareceu ler seus pensamentos. Dando de ombros, ela se afastou, chutando as latas caídas enquanto passava.

— Estamos todos nessa, Red — explicou Karney.

— Do que é que você está falando?

Karney olhou a mão ensanguentada. Mesmo com Anelisa fora do caminho, as palavras para explicar o que ele suspeitava não vinham.

— Catso... — ele começou.

— O que é que tem ele?

— Ele estava correndo, Red.

Atrás dele, Anelisa soltou um suspiro de irritação. Aquilo estava demorando mais do que ela tinha condições de aturar.

— Red — ela disse. — Vamos nos atrasar.

— Um minuto — Red disse agressivo, e voltou a atenção para Karney novamente. — O que você quis dizer sobre Catso?

— O velho não é o que parece. Ele não é um mendigo.

— É mesmo? E ele é o quê? — Uma nota de sarcasmo havia voltado à voz de Red: para o benefício de Anelisa, sem dúvida. A garota havia se cansado da discricção e voltara para ficar perto de Red. — Ele é o quê, Karney?

Karney balançou a cabeça. Como é que ele ia tentar explicar *uma parte sequer* do que havia acontecido? Ou tentava a história inteira ou não dizia nada. O silêncio era mais fácil.

— Deixa pra lá — ele disse, sem emoção na voz.

Red olhou para ele intrigado, e como não recebesse mais nenhuma explicação, disse:

— Se você tem algo a me dizer sobre Catso, Karney, eu gostaria de ouvir. Você sabe onde eu moro.

— Claro — disse Karney.

— Eu quis dizer — corrigiu Red — sobre um bate-papo.

— Valeu.

— Catso era um cara legal, sabia? Fazia um bocado de merda, mas quem não faz, não é? Ele não devia ter morrido, Karney. Não estava certo.

— Red...

— Ela está te chamando. — Anelisa havia saído para a rua.

— Ela está sempre me chamando. Te vejo por aí, Karney.

— Falou.

Red deu um tapinha carinhoso no rosto dolorido de Karney e seguiu Anelisa para o sol lá fora. Karney não fez um gesto para acompanhá-los. O ataque de Pope o havia deixado tremendo; ele pretendia esperar no beco até recuperar pelo menos um verniz de compostura. Buscando conforto nos nós, enfiou a mão no bolso da jaqueta. Estava vazio. Conferiu os outros bolsos. Também estavam vazios, mas ele estava certo de que o velho não tinha conseguido chegar perto da corda. Talvez ela tivesse escorregado e caído ali perto durante a luta. Karney começou a vasculhar o beco, e quando o primeiro pente-fino não deu em nada, procedeu a um segundo e um terceiro; mas a essa altura ele sabia que de nada adiantava. Pope *havia conseguido*, afinal de contas. Por roubo ou por acaso, ele tinha recuperado os nós.

Com uma clareza estonteante, Karney lembrou-se de ter estado em pé no Ponto dos Suicidas, olhando para Archway Road lá embaixo, o corpo de Catso estatelado no centro de uma rede de faróis e veículos. Ele tinha se sentido tão *distante* da tragédia: como se a visse com todo o envolvimento de um passarinho que sobrevoasse o local. Agora — subitamente — ele voltava à terra. Estava no chão, ferido, esperando sem esperanças que os terrores viessem. Sentiu gosto de sangue do lábio coitado e se perguntou, desejando que o pensamento tivesse se desvanecido no instante em que o formulara, se Catso teria morrido imediatamente, ou se ele também tinha sentido o gosto de sangue deitado ali no asfalto, olhando para as pessoas lá em cima na ponte, que ainda tinham de aprender como a morte estava próxima.

Voltou para casa pela rota mais movimentada que pôde planejar. Embora isso expusesse seu estado lamentável aos olhares de matronas e policiais, ele preferia a desaprovação deles a se arriscar por ruas vazias, longe das grandes avenidas. Assim que chegou em casa, deu banho nas feridas e pôs roupas limpas; então sentou-se na frente da televisão por um momento para permitir que os braços e as pernas parassem de tremer. A tarde estava no final, e os programas eram todos infantis: um tom de otimismo falso infectava cada canal. Assistiu às banalidades com os olhos, mas não com a cabeça, usando a pausa para tentar encontrar as palavras para descrever tudo o que lhe havia acontecido. Agora era imperativo avisar Red e Brendan. Com Pope em controle dos nós podia apenas ser uma questão de tempo até que algum monstro — pior, talvez, do que a coisa nas árvores — viesse buscá-los todos. Aí seria tarde demais para explicações. Ele sabia que os outros dois não acreditariam, mas ele jurou que os convenceria, por mais ridículo que acabasse parecendo. Talvez suas lágrimas e seu pânico mexessem com eles de um jeito que seu vocabulário pobre jamais poderia. Às cinco e cinco, antes que sua mãe tivesse voltado do trabalho, ele saiu sorrateiro da casa e foi procurar Brendan.

Anelisa tirou do bolso o pedaço de corda que tinha encontrado no beco e examinou-o. Não sabia ao certo por que havia se dado ao trabalho de pegá-lo, mas era como se a corda tivesse se oferecido à

sua mão. Brincou com um dos nós, arriscando as unhas longas. Tinha uma meia dúzia de coisas melhores a fazer com seu começo de noite. Red havia ido comprar bebida e cigarros, e ela se prometera um banho gostoso e perfumado de banheira antes que ele voltasse. Mas o nó não levaria esse tempo todo para ser desfeito, disse ela tinha certeza. Na verdade, o nó parecia quase ansioso para ser desmanchado: ela tinha a estranhíssima sensação de que o nó se movia. E, o que era mais interessante, o nó era colorido: ela conseguia ver lampejos de vermelho e violeta. Em poucos minutos ela havia se esquecido inteiramente do banho; podia esperar. Ao invés disso, concentrou-se no enigma nas pontas de seus dedos. Depois de alguns minutos somente, ela começou a ver a luz.

Karney contou a Brendan a história da melhor forma possível. Assim que criara coragem e contara tudo do começo, descobriu que tinha um ritmo próprio, que o levava até o tempo presente com relativamente pouca hesitação. Ele terminou dizendo:

— Eu sei que parece maluquice, mas é tudo verdade.

Brendan não acreditou numa palavra sequer; isso era evidente em seu olhar vazio. Mas havia mais do que descrença no rosto marcado pela cicatriz. Karney não entendeu o que era até que Brendan agarrou-o pela blusa. Só então percebeu a profundidade da fúria dele.

— Não acha que já é ruim demais o Catso ter morrido — ele vociferou — e você ainda me vem contar essa palhaçada?

— É a verdade.

— E onde é que estão esses nós filhos da puta?

— Eu te disse: o velho pegou eles de volta. Pegou eles hoje de tarde. Ele vai matar a gente, Bren. Eu sei.

Brendan largou Karney.

— Vou te dizer o que eu vou fazer — ele disse magnânimo. — Vou esquecer que você me contou isso.

— Você não está entendendo...

— Eu *disse*: vou esquecer que você disse uma palavra sequer. Tudo bem? Agora fora daqui, porra, e não me apareça mais com essas historinhas.

Karney não se mexeu.

— *Você me ouviu?*— Brendan gritou. Karney viu as beiradas dos olhos de Brendan se encherem. A raiva era camuflagem — muito malfeita — de uma tristeza que não tinha mecanismo para impedir. No estado de Brendan, nem o medo nem a discussão o convenceriam da verdade. Karney levantou-se.

— Desculpe — ele disse. — Estou indo.

Brendan balançou a cabeça, o rosto baixo. Não o levantou novamente, mas deixou que Karney saísse sozinho. Agora só havia Red; ele era o último recurso. A história, agora contada, podia ser contada de novo, não podia? A repetição seria fácil. Já trabalhando as palavras na cabeça, deixou Brendan com suas lágrimas.

Anelisa ouviu Red chegando pela porta da frente; ouviu-o gritar uma palavra; ouviu-o gritar de novo. A palavra era familiar, mas ela levou vários segundos de pensamento febril para reconhecer seu próprio nome.

— Anelisa! — ele tornou a gritar. — Onde é que você está?

Em lugar nenhum, ela pensou. Sou a mulher invisível. Não me procure; por favor, Deus, me deixe em paz. Ela pôs a mão na boca para evitar que os dentes batessem. Tinha de ficar absolutamente parada, absolutamente quieta. Se ela mexesse sequer um fio de cabelo ele a ouviria e iria procurá-la. A única segurança estava em se enrascar até formar uma bolinha e fechar a boca com a palma da mão.

Red começou a subir as escadas. Sem dúvida Anelisa estava no banho, cantando. Aquela mulher gostava de água como de pouca coisa na vida. Não era incomum que ela passasse horas imersa, os seios rompendo a superfície como duas ilhas deliciosas. A quatro passos do patamar, ele ouviu um ruído no salão abaixo: uma tosse ou coisa parecida. Será que ela estava pregando alguma peça nele? Virou-se e desceu, andando mais devagar. Quase ao pé das escadas seu olhar deu com um pedaço de corda que havia sido largado num dos degraus. Dessa vez ele não fingiu para si mesmo que era Anelisa. Segurou a respiração, esperando outro sinal ao longo do corredor. Quando não apareceu nenhum, ele se agachou e puxou da lateral da bota seu canivete, uma arma que ele levava consigo desde os onze anos. Uma arma de adolescente, o pai de Anelisa lhe

dissera; mas agora, avançando pelo corredor até a sala de estar, agradecia ao santo padroeiro das facas por não ter levado a sério o conselho do velho ladrão.

A sala estava na penumbra. A noite entrava pela casa, fechando as janelas. Red ficou por um longo tempo na porta, observando ansioso o interior, à procura de movimento. Então o ruído recomeçou; não um som único desta vez, mas toda uma série. A fonte, ele agora percebia para o seu alívio, não era humano. Provavelmente era um cachorro, ferido numa briga. E o som também não vinha da sala à sua frente, mas da cozinha, do outro lado. Sua coragem aumentada pelo fato de que o intruso era apenas um animal, ele esticou a mão para o interruptor e acendeu a luz.

O inferno de eventos que ele desencadeou ao fazer isso ocorreu numa sequência tão rápida que não levou mais de dez segundos, mas ele viveu cada um dos mínimos detalhes. No primeiro segundo, quando a luz acendeu, ele viu algo se mover pelo chão da cozinha; no seguinte, ele estava andando na direção dela, a faca ainda na mão. O terceiro tirou o animal — alertado para sua agressão planejada—de seu esconderijo. Ele correu para encontrá-lo, um lampejo de carne brilhante. Sua súbita proximidade o desarmou: seu tamanho, o calor que emanava de seu corpo fumegante, sua vasta boca expelindo um hálito podre. Red levou o quarto e o quinto segundos para evitar o primeiro ataque, mas no sexto aquilo o encontrou. Os braços nus agarraram seu corpo.

Ele abriu uma ferida na coisa com sua faca, mas ela chegou mais perto e o envolveu num abraço mortal. Mais por acidente que por intenção, o canivete enfiou-se na carne da criatura, e um calor líquido espalhou-se pelo rosto de Red: ele mal reparou. Seus últimos três segundos estavam acontecendo: a arma, escorregadia de sangue, deslizou de sua mão e ficou incrustada no monstro. Desarmado, ele tentou livrar-se do abraço, mas antes que conseguisse deslizar para fora do alcance a grande cabeça inacabada aproximou-se dele — a bocarra, um túnel — e sugou um hálito sólido de seus pulmões. Era o resto de respiração que Red possuía. Seu cérebro, privado de oxigênio, soltou fogos de artifício mentais

celebrando sua partida iminente: velas, chuviscos, rodas. A pirotecnia foi breve; como breve chegou a escuridão.

No andar de cima, Anelisa ouvia o caos sonoro e tentava juntar os pedaços, mas não conseguiu. O que quer que houvesse acontecido, entretanto, acabou em silêncio. Red não foi buscá-la. Mas o monstro também não. Talvez, ela pensou, tivessem matado um ao outro. A simplicidade da solução a agradou. Ela esperou em seu quarto até que a fome e o tédio a vencessem, e então desceu. Red estava deitado onde o segundo filho da corda o tinha deixado, olhos arregalados para assistir aos fogos. O monstro estava agachado no canto oposto da sala, os restos de uma coisa. Quando ela o viu, recuou na direção da porta. A criatura não esboçou um movimento, mas simplesmente acompanhou-a com olhos fundos, a respiração entrecortada, seus poucos gestos arrastados.

Ela decidiu que ia procurar o pai, e fugiu da casa, deixando a porta da frente escancarada.

E ainda estava escancarada meia hora depois, quando Karney chegou. Embora ele tivesse toda a intenção de ir direto à casa de Red depois de deixar Brendan, sua coragem o havia abandonado. Ao invés disso, ele ficou andando sem destino—sem planejamento consciente — até chegar à ponte sobre Archway Road. Ficou lá um bom tempo vendo o tráfego abaixo e bebendo da meia garrafa de vodca que ele havia comprado em Holloway Road. A compra o tinha deixado sem dinheiro, mas a bebida em seu estômago vazio agiu com potência, e clareou seus pensamentos. Todos eles iriam morrer, ele concluía. Talvez a culpa fosse dele, por ter roubado a corda em primeiro lugar; mais provavelmente Pope os teria punido de qualquer forma pelos crimes cometidos contra sua pessoa. O melhor que poderiam esperar agora — que *ele* poderia esperar agora —era um mínimo de compreensão.

Isso seria quase o bastante, seu cérebro lento pela bebida decidira: morrer um pouco menos ignorante de mistérios do que quando nascera. Red compreenderia.

Agora estava no degrau de entrada e chamava o nome do homem. Não houve grito de resposta. A vodca em seu organismo o tornara imprudente e, chamando Red novamente, entrou na casa. O

corredor do *hall* estava às escuras, mas uma luz brilhava numa das salas mais ao fundo e foi para lá que ele se dirigiu. A atmosfera na casa estava abafada, como no interior de uma estufa. Ficou ainda mais quente na sala de estar, onde Red estava perdendo calor do corpo para o ar.

Karney olhou para ele tempo suficiente para registrar que Red estava segurando a corda na mão esquerda, e que só restava um nó. Talvez Pope tivesse estado ali, e por alguma razão deixara os nós para trás. Fosse como fosse, a presença da corda na mão de Red lhe oferecia uma chance de vida. Desta vez, ele jurou ao se aproximar do corpo, ele destruiria a corda de uma vez por todas. Iria queimá-la e espalhar as cinzas aos quatro ventos. Parou para tirá-la da mão de Red. Ela sentiu sua proximidade e escorregou, suja de sangue, para fora da mão de Red e para dentro da de Karney, onde se enlaçou entre seus dedos, deixando um rastro atrás de si. Enojado, Karney olhou para o último nó. O processo que lhe custara um esforço tão grande para iniciar tinha agora ritmo próprio. Com o segundo nó desfeito, o terceiro estava virtualmente se desmanchando sozinho. Ainda exigia um agente humano, aparentemente — senão, por que teria pulado tão prontamente em suas mãos? —, mas já estava perto de resolver seu próprio enigma. Era imperativo que ele a destruísse rápido, antes que ela conseguisse.

Só então ele se deu conta de que não estava só. Ao lado do morto, havia uma presença viva por perto. Levantou a cabeça do nó coleante quando alguém lhe falou. As palavras não faziam sentido. Praticamente não eram palavras, mais uma sequência de sons feridos. Karney lembrou-se do hálito da coisa na trilha, e a ambiguidade dos sentimentos que ela havia provocado nele. Agora a mesma ambiguidade o movia novamente: com o medo crescente vinha uma sensação de que a voz do monstro falava a palavra *perda*, fosse qual fosse sua linguagem. Um fragmento de pena aflorou nele.

— Apareça — disse ele, sem saber se o monstro compreenderia.

Uma poucas e trêmulas batidas do coração de Karney e a coisa emergiu do outro lado. A luz da sala de estar era boa, e a vista de Karney aguçada, mas a anatomia da fera desafiava sua compreensão. Havia algo de simiesco em sua forma esguia e

palpitante, mas malfeita, como se tivesse nascido prematuramente. Sua boca se abriu para formar outro som; seus olhos, enterrados sob a lapa de testa ensanguentada, eram impossíveis de se ler. Ele começou a se arrastar para fora de seu esconderijo na direção de Karney, cada passo caído tentando a covardia do rapaz. Quando ele alcançou o cadáver de Red, parou, ergueu um dos membros esfarrapados e indicou um lugar na dobra de seu próprio pescoço. Karney viu a faca: era de Red, ele achava. Será que a coisa estava tentando justificar o assassinato?

—O que é você?—ele perguntou à coisa. A mesma pergunta.

O monstro balançou a cabeça para frente e para trás. Um gemido longo e fundo saiu de sua boca. Então, subitamente, ele ergueu o braço e apontou diretamente para Karney. Ao fazer isso, ele deixou a luz cair diretamente sobre seu rosto, e Karney pôde ver os olhos sob a testa baixa: gemas gêmeas presas na bola ferida de seu crânio. Seu brilho e sua lucidez revoltaram o estômago de Karney. E a coisa continuava apontando para ele.

— O que é que você quer? — ele perguntou. — Diga o que você quer.

O monstro deixou cair o membro em carne viva e fez menção de passar por cima do corpo para chegar até Karney, mas não teve chance de se fazer entender. Um grito da porta da frente paralisou-a em seus passos cambaleantes.

— Tem alguém em casa? — queria saber a pessoa.

O rosto da fera registrou pânico — os olhos humanos demais giraram em suas órbitas cruás — e ela se virou, recuando para a cozinha. O visitante, fosse quem fosse, tornou a gritar: sua voz estava mais próxima. Karney olhou para o cadáver, e para sua mão ensanguentada, considerando as opções, e então disparou pela sala e passou pela porta da cozinha. O monstro já tinha fugido: a porta dos fundos estava escancarada. Atrás dele, Karney ouviu o visitante proferir alguma prece improvisada ao ver os restos de Red. Hesitou nas sombras: será que fugir assim era inteligente? Não o incriminaria mais do que ficar e tentar explicar a verdade? O nó, ainda vivo em sua mão, finalmente decidiu por ele: a destruição daquilo tinha de ser a sua prioridade. Na sala de estar, o visitante

discava o número da emergência; usando o monólogo apavorado como cobertura, Karney esgueirou-se pelos metros que faltavam até a porta dos fundos e fugiu.

— Alguém te ligou — sua mãe gritou do alto das escadas. — Já me acordou duas vezes. Eu disse a ele que não...

— Desculpe, mãe. Quem era?

— Não disse. Falei que não tornasse a ligar. Diga a ele, se ele ligar, que não quero pessoas telefonando a esta hora da noite. Algumas pessoas precisam levantar cedo para trabalhar.

— Sim, senhora.

Sua mãe desapareceu do patamar, e voltou à sua cama solitária; a porta se fechou.

Karney ficou de pé, tremendo, no *hall* embaixo, a mão apertando o nó em seu bolso. O nó ainda se movia, virando e revirando contra os limites de sua palma, buscando algum espaço, por menor que fosse, em que se soltar. Mas Karney não lhe deu latitude. Correu para a vodca que havia comprado no início da noite, abriu a tampa com a mão livre e bebeu. No segundo generoso gole, o telefone tocou. Pôs a garrafa de lado e apanhou o fone.

— Alô?

A pessoa estava numa cabine telefônica; os *bips* soaram, dinheiro foi depositado e uma voz disse:

— Karney?

— Sim?

— Pelo amor de Deus, ele vai me matar!

— Quem fala?

— Brendan. — A voz não lembrava em nada a de Brendan; aguda demais, aterrorizada demais. — Ele vai me matar se você não vier.

— Pope? É o Pope?

— Ele está louco. Você tem que vir ao ferro-velho, no alto do morro. Entregue a ele...

A ligação caiu. Karney desligou. Em sua mão, a corda realizava acrobacias. Abriu-a; à luz fraca do patamar, o último nó tremeluziu. Em seu coração, como nos corações dos dois outros nós, lampejos

de cor faziam promessas. Ele tornou a cerrar o punho, pegou a garrafa de vodca e saiu.

O ferro-velho já se orgulhara de um enorme e perpetuamente irado doberman, mas o cachorro tivera um tumor na primavera passada e atacara o dono. Fora então sacrificado, e não o substituíram. Consequentemente, a parede de ferro corrugado foi fácil de ser vencida. Karney subiu por cima dela e pulou no chão de cascalho e aparas de metal do outro lado. Um refletor no portão da frente iluminava a coleção de veículos, domésticos e comerciais, reunida no pátio. A maioria não tinha mais salvação: caminhões de carga e combustível enferrujados, um ônibus que aparentemente atingira uma ponte baixa em alta velocidade, uma galeria de carros destruídos, alinhados ou empilhados uns sobre os outros, cada um deles uma vítima de trânsito. Começando pelo portão, Karney iniciou uma busca sistemática do pátio, tentando o melhor que podia não fazer barulho, mas não conseguiu encontrar sinal de Pope ou de seu prisioneiro no portão noroeste do ferro-velho. Nó na mão, ele começou a avançar até o cercado, a luz reconfortante do portão enfraquecendo a cada passo que dava. Mais alguns passos e ele viu fogo entre dois veículos. Parou, e tentou interpretar o intrincado jogo de sombra e luz. Atrás dele, ouviu movimento e virou-se, antecipando a cada batida de seu coração um grito, um golpe. Não aconteceu nada. Ele tentou divisar o pátio às suas costas — a imagem da chama amarela dançando em sua retina — mas o que quer que tivesse se movido agora estava parado.

— Brendan? — ele sussurrou, tornando a olhar para o fogo.

Num trecho de sombra à sua frente uma figura se mexeu, e Brendan saiu cambaleando e caiu de joelhos nas cinzas a poucos metros de onde Karney estava. Mesmo à luz enganosa, Karney pôde ver que Brendan estava recebendo o pior castigo. Sua camisa estava encharcada de manchas escuras demais para não serem sangue; seu rosto se contorcia de dor, ou pela sua antecipação. Quando Karney foi em sua direção ele chiou como um animal ferido.

— Sou eu. É Karney.

Brendan levantou a cabeça ferida.

— Faz ele parar.

— Tudo bem, tudo bem.

— Faz ele parar. Por favor.

As mãos de Brendan foram até o pescoço. Uma corda enlaçava sua garganta; a ponta sumia na escuridão entre dois veículos. Lá, segurando a outra extremidade, estava Pope. Seus olhos brilhavam nas sombras, embora não tivessem fonte de onde retirar a luz.

— Você foi sábio em vir — disse Pope. — Eu o teria matado.

— Solte-o — pediu Karney.

Pope balançou a cabeça.

— Primeiro o nó. — Saiu do esconderijo. De algum modo, Karney havia esperado que ele tivesse se livrado de seu disfarce de mendigo e mostrasse a verdadeira face — fosse ela qual fosse — mas não. Estava vestido com as mesmas roupas rasgadas que sempre vestira; mas seu controle da situação era incontestável. Deu um puxãozinho na corda, e Brendan caiu, engasgando-se, ao chão, mãos puxando em vão o laço que se fechava na garganta.

— Pare — disse Karney. — Eu tenho o nó, merda. Não mate ele.

— Então me dê.

Quando Karney deu o primeiro passo na direção do homem, alguma coisa gritou no labirinto do ferro-velho. Karney reconheceu o som; e Pope também. Era inconfundivelmente a voz do monstro em carne viva que matara Red, e estava por perto. O rosto opaco de Pope brilhava com urgência renovada.

— Rápido! — ele disse. — Ou mato ele. — Tirou uma faca serrilhada do casaco. Puxando a corda, trouxe Brendan para mais perto.

A insatisfação do monstro aumentou de volume.

— O nó! — gritou Pope. — *Me dê!* — Deu um passo na direção de Brendan, e colocou a lâmina na cabeça quase raspada do prisioneiro.

— Não — pediu Karney. — Tome o nó. — Mas antes que pudesse respirar, algo se moveu no canto de seu olho, e seu pulso foi agarrado num aperto escaldante. Pope deixou escapar um grito de raiva, e Karney virou-se para ver o monstro escarlate ao seu lado, encarando o seu olhar com olhos assustados. Karney lutou para se soltar, mas a coisa balançou a cabeça em ruínas.

— *Mate a coisa!* — gritou Pope. — *Mate-a!*

O monstro olhou de esguelha para Pope, e pela primeira vez Karney percebeu um sentimento inequívoco em seus olhos pálidos : puro ódio. Então Brendan deu um grito agudo, e Karney olhou para ele a tempo de ver a faca serrilhada deslizar por seu rosto. Pope afastou a lâmina, e deixou o corpo de Brendan tombar para a frente; antes de desabar no chão ele estava correndo para Karney, intenções homicidas a cada passo. O monstro, medo na garganta, libertou o braço de Karney a tempo de que este evitasse o primeiro golpe de Pope. Monstro e homem se dividiram, e correram. Os calcanhares de Karney escorregaram nas cinzas e por um instante ele sentiu a sombra de Pope sobre ele, mas saiu da frente da segunda estocada da faca por questão de milímetros.

— Você não pode escapar — ele ouviu Pope se vangloriar enquanto corria. O velho estava tão confiante de sua armadilha que sequer o perseguia. — Você está em meu território, garoto. Não há saída.

Karney mergulhou entre dois veículos e começou a driblar os carros na direção do portão, mas de algum modo ele tinha perdido todo seu senso de orientação. Uma fileira de trambolhos enferrujados atrás da outra, tão parecidos que eram praticamente impossíveis de distinguir. Para onde o labirinto o levasse, não parecia existir saída; ele não conseguia mais ver o refletor no portão, ou a fogueira de Pope na outra ponta do pátio. Era tudo um grande terreno de caça, e ele era a presa; e para toda parte que aquele dédalo o levasse, a voz de Pope o seguia, perto de seu coração.

— Devolva o nó, garoto — ela dizia. — Devolva-o, senão faça você comer seus olhos.

Karney estava apavorado; mas Pope também, ele sentia. A corda não era uma ferramenta de assassinato, como Karney sempre acreditara. Fosse qual fosse seu ritmo ou sua razão, o velho *não tinha* controle sobre ela. Nesse fato jazia qualquer ínfima chance de sobrevivência que ainda lhe restasse. Era chegada a hora de desatar o último nó: desatá-lo e aguentar as consequências. Podiam ser piores do que morrer nas mãos de Pope?

Karney encontrou um refúgio adequado ao longo de um caminhão de carga queimado e virado de lado, agachou-se e abriu o

punho. Mesmo na escuridão, podia sentir o nó trabalhando para se decifrar; ajudou-o da melhor forma que pôde.

Uma vez mais Pope falou:

— Não faça isso, rapaz — ele disse, fingindo humanidade. — Eu sei o que você está pensando, e, acredite em mim, isso será o seu fim.

As mãos de Karney pareciam ter ficado cheias de polegares, pois esse não era mais o problema. Sua mente era uma galeria de retratos da morte: Catso na estrada, Red no tapete, Brendan escorregando das mãos de Pope depois que a faca deslizou por sua cabeça. Forçou as imagens a sumirem, controlando suas emoções desajustadas o melhor possível. Pope havia cortado seu monólogo. Agora o único som no ferro-velho era o zumbido distante do tráfego; vinha de um mundo que Karney duvidava que fosse voltar a ver. Mexeu no nó como um homem numa porta trancada com um punhado de chaves, experimentando uma e depois outra e outra, sabendo o tempo todo que a noite está às suas costas. *Rápido, rápido*, ele pedia a si mesmo. Mas sua antiga destreza o havia abandonado completamente.

E então um silvo como se o ar fosse cortado, e Pope o havia encontrado—seu rosto triunfante ao lançar o golpe mortal. Karney rolou pelo chão, mas a lâmina pegou seu antebraço, abrindo uma ferida do ombro ao cotovelo. A dor o tornou rápido, e o segundo golpe atingiu a cabine do caminhão, tirando faíscas, e não sangue. Antes que Pope pudesse desferir outra facada, Karney já estava correndo, o sangue pulsando em seu braço. O velho começou a persegui-lo, mas Karney era mais rápido. Mergulhou para trás de um dos carros e, enquanto Pope corria sem fôlego atrás dele, meteu-se embaixo do veículo. Pope passou correndo sem perceber Karney, que conteve um soluço de dor. A ferida que tinha incapacitara a mão esquerda. Levando o braço para perto do corpo para minimizar a tensão sobre o músculo dilacerado, ele tentou terminar o trabalho malfeito que havia começado com o nó, usando os dentes no lugar da outra mão. Clarões de luz branca apareciam à sua frente: a inconsciência não estava muito longe. Respirou fundo e com regularidade pelas narinas enquanto os dedos febris puxavam os

fios da corda. Não via mais nada, e mal sentia o nó que tinha nas mãos. Trabalhava cego, como fizera na trilha, e agora, como então, seus instintos começaram a trabalhar por ele. O nó começou a dançar em seus lábios, ansioso pela libertação. Estava a poucos momentos da solução.

Em sua devoção, ele deixara de ver o braço estendido para si até que estava sentado arrastado para fora de seu santuário e deu de cara com os olhos brilhantes de Pope.

— Chega de brincadeira — disse o velho, e afrouxou a mão que segurava Karney para arrancar a corda de entre seus dentes. Karney tentou mover-se alguns dolorosos centímetros para evitar as mãos de Pope, mas a dor no braço o deixava inválido. Caiu para trás, soltando um grito de impacto.

— Vou arrancar seus olhos — disse Pope, e a faca desceu. O golpe que cegaria Karney, entretanto, jamais chegou ao seu destino. Uma forma ferida emergiu por detrás do velho e agarrou a ponta de sua capa de gabardine. Pope recuperou o equilíbrio em momentos, e girou nos calcanhares. A faca encontrou seu antagonista, e Karney abriu os olhos cegos de dor para ver o monstro em carne viva recuando, sua face aberta até o osso. Pope correu para terminar a carnificina, mas Karney não esperou para ver.

Esticou a mão boa para se firmar no carro, e ergueu-se, o nó ainda firme nos dentes. Atrás dele, Pope xingava, e Karney sabia que ele havia abandonado o assassinato para seguir o monstro. Sabendo que a perseguição já estava perdida, saiu cambaleante dentre os veículos para o pátio aberto. Em que direção ficava o portão? Não tinha ideia. Suas pernas pertenciam a um comediante, não a ele; elas pareciam de borracha, inúteis para tudo menos fazê-lo cair no chão. Dois passos à frente e seus joelhos cediam. O cheiro de cinzas molhadas de gasolina bateu em seu nariz.

Em desespero, tapou a boca com a mão boa. Os dedos encontraram uma corda. Ele puxou, *com força*, e milagrosamente o último laço do nó se soltou. Ele cuspiu a corda da boca assim que um calor imenso torrou seus lábios; ela caiu no chão, seu selo final rompido, e de seu núcleo o último de seus prisioneiros se materializou. Ele apareceu sobre as cinzas como uma criança

doente, os braços apenas vestígios, a cabeça careca grande demais para seu corpo enrugado, cuja carne era pálida ao ponto de ser translúcida. Ela batia os braços paralisados numa vã tentativa de se endireitar enquanto Pope caminhava em sua direção, louco para cortar-lhe a garganta indefesa. Karney esperava tudo do terceiro nó, menos aquele arremedo de vida; isso o revoltava.

E então ele falou. Sua voz não era nenhum tatibitate de criança, mas a de um homem crescido, embora falada pela boca de um bebê.

— A mim! — ele chamou. — *Rápido!*

Quando Pope se abaixou para matar a criança, o ar do ferrovelho encheu-se do fedor de lama, e as sombras vomitaram uma coisa serpenteante que deslizou pelo terreno em sua direção. Pope recuou quando a criatura — tão incompleta à sua forma reptiliana quando seu irmão símio — aproximou-se do estranho bebê. Karney não tinha dúvidas de que ela ia devorar o petisco, mas a criança pálida ergueu os bracinhos para dar boas-vindas ao monstro do primeiro nó, que se aninhou neles. Ao fazer isso a segunda fera mostrou seu rosto fantasmagórico, gemendo de prazer. Pôs as mãos na criança e pegou o corpo franzino em seus braços capazes, completando uma família pagã de réptil, macaco e criança.

Mas a união ainda não estava completa. Os corpos das três criaturas recém-reunidas começaram a tremer, desfiando-se em fitas de matéria de tons pastéis; e enquanto suas anatomias começavam a se dissolver, os fios iniciavam uma novíssima configuração, filamento entretecendo filamento. Estavam tentando outro nó, aleatório porém inevitável; de longe mais elaborado do que qualquer outro em que Karney tivesse posto os dedos. Um novo e talvez insolúvel enigma estava aparecendo dos pedaços do antigo, mas — onde *eles* haviam sido incipientes — este seria completo e inteiro. Mas o quê; *o que?*

À medida que a massa de nervos e músculos movia-se para formar sua condição final, Pope aproveitou a chance. Avançou em ataque, o rosto enlouquecido ao brilho da união, e enfiou a faca serrilhada no coração do nó. Mas o ataque foi mal calculado. Um braço de luz desenrolou-se do corpo e enrolou-se no pulso de Pope.

A gabardine se incendiou; a carne de Pope começou a queimar. Ele deu um grito horrível, e largou a arma. O braço soltou-o, voltando para a trama e deixando o velho tropeçar recuando, abraçando o braço fumegante. Ele parecia estar perdendo a razão; balançava a cabeça para frente e para trás penosamente. Por um momento seus olhos encontraram Karney, e um lampejo de astúcia dardejou neles. Pegou o braço machucado do rapaz, e abraçou-o. Karney deu um grito, mas Pope, sem dar a mínima para seu prisioneiro, arrastou Karney de onde a aparição chegava a seu fim e foi até a segurança do labirinto.

— Ele não vai me fazer mal — Pope falava consigo mesmo. — Não com você. Sempre teve fraco por crianças. — Empurrou Karney para a frente. — Pegue os papéis... e depois vá embora.

Karney mal sabia dizer se estava vivo ou morto: não tinha mais forças para lutar contra Pope. Simplesmente foi com o velho, meio que se arrastando a maior parte do tempo, até alcançarem o destino de Pope: um carro enterrado debaixo de uma pilha de veículos enferrujados. Não tinha pneus; um arbusto que crescera por entre o chassi ocupava o banco do motorista. Pope abriu a porta de trás, murmurando satisfeito, e curvou-se para dentro do interior, deixando Karney caído de lado. A inconsciência estava a um momento de distância; Karney a desejava. Mas Pope ainda tinha o que fazer com ele. Retirando um livrinho de seu nicho debaixo do banco do passageiro, Pope sussurrou:

— Agora precisamos ir. Temos negócios. — Karney gemeu ao ser empurrado para a frente.

— Feche a boca — disse Pope, abraçando-o. — Meu irmão tem ouvidos.

— Irmão? — Karney murmurou, tentando entender o que Pope havia deixado escapar.

— Enfeitiçado — disse Pope. — Até você.

— Monstros — Karney resmungou, assaltado pelas imagens de répteis e macacos que se misturavam em sua cabeça.

— Humanos — replicou Pope. — A evolução é o nó, garoto.

— *Humanos* — disse Karney, e à medida que as sílabas abandonavam sua boca os olhos doloridos captaram um vulto

brilhante sobre o carro às costas de seu torturador. Sim; era *mesmo* humano. Ainda molhado de seu renascimento, o corpo cheio de feridas herdadas, mas triunfantemente humano. Pope viu o reconhecimento nos olhos de Karney. Ele o agarrou e estava para usar o corpo inerte como escudo quando seu irmão interveio. O homem redescoberto desceu da altura do teto e agarrou Pope por seu pescoço estreito. O velho deu um grito esganiçado, e se soltou com um safanão, correndo em disparada por entre os destroços, mas o outro começou a persegui-lo, uivando, até desaparecer das vistas de Karney.

De uma longa distância, Karney ouviu os últimos pedidos de Pope quando seu irmão o pegou, e então as palavras se curvaram num grito. Karney esperou nunca mais ter que ouvir coisa parecida. Depois disso, o silêncio. O irmão não retornou; pelo que, abandonando a curiosidade, Karney agradeceu.

Quando, vários minutos depois, ele conseguiu reunir energia suficiente para sair do ferro-velho — o refletor tornava a brilhar no portão, um farol para os perplexos — ele achou Pope deitado de bruços sobre o cascalho. Mesmo que possuísse as forças, o que não era verdade, uma pequena fortuna não teria persuadido Karney a virar o corpo de costas. Bastava ver como as mãos do cadáver haviam se enterrado no solo em seu tormento, e como as cordas brilhantes de suas entranhas, antes tão bem guardadas no seu abdômen, espalhavam-se debaixo do corpo. O livro que Pope tivera tanto trabalho para recuperar jazia ao seu lado. Karney parou, cabeça rodando, para apanhá-lo. Era, ele sentia, uma pequena recompensa pela noite de horrores que ele havia suportado. O futuro próximo traria questões que ele jamais poderia esperar responder, acusações contra as quais ele tinha miseravelmente pouca defesa. Mas, à luz do refletor do portão, achou as páginas manchadas mais recompensadoras do que havia antecipado. Ali, copiados numa grafia meticulosa, e acompanhados por diagramas elaborados, estavam os teoremas da ciência esquecida de Pope: os desenhos de nós para conter o amor, e a obtenção de *status*, laços para dividir almas e reuni-las; para fazer fortunas e filhos; para a ruína do mundo.

Depois de uma breve folheada, ele escalou o portão e desceu na rua do outro lado. Ela estava deserta a uma hora daquelas. Umhas poucas luzes brilhavam no hospital do lado oposto; quartos onde os doentes esperavam o tempo passar até de manhã. Em vez de pedir mais de suas pernas exaustas, Karney decidiu esperar onde estava até que pudesse arranjar um veículo para levá-lo onde pudesse contar sua história. Tinha muito com que se distrair até lá. Embora seu corpo estivesse dormente e a cabeça tonta, sentia-se mais lúcido do que nunca. Chegava aos mistérios nas páginas do livro proibido de Pope como a um oásis. Bebendo um gole fundo, ele entrou de cabeça, com rara animação, na peregrinação que tinha diante de si.

RÉPS

Falara-se de tornados em Amarillo; de gado, carros e às vezes casas inteiras erguidas no ar e jogadas de volta à terra, de comunidades inteiras arrasadas em poucos momentos devastadores. Talvez fosse isso o que deixava Virgínia tão inquieta aquela noite. Isso ou o cansaço acumulado de viajar por tantas estradas desertas com apenas os céus parados do Texas como cenário, e nada para divisar à frente ou ao final da próxima fase da jornada, a não ser outra rodada de hinos e fogo do inferno. Ela estava sentada, a coluna doendo, no banco de trás do Pontiac preto, e tentou dormir como pôde. Mas o ar quente e parado a envolvia pelo pescoço fino e lhe proporcionava sonhos de sufocação; então desistiu de tentar descansar e contentou-se com observar os trigais passarem e contar os elevadores de grãos brilhando contra as nuvens de chuva que começavam a se formar a nordeste.

No banco da frente Earl cantava para si mesmo enquanto dirigia. Ao seu lado, John — a não mais de meio metro de distância dela, mas, para todos os efeitos de suas intenções, a milhões de quilômetros distante — estudava as Epístolas de São Paulo, e murmurava as palavras enquanto lia. Então, ao passarem por Pantex Village ("Foi aqui que eles construíram os mísseis", Earl dissera hermeticamente, e depois não acrescentara nada) a chuva começou. Caiu subitamente, junto com a noite, emprestando escuridão à escuridão que se formava, quase instantaneamente mergulhando a Rodovia Amarillo-Pampa numa noite molhada.

Virgínia subiu sua janela; a chuva, embora refrescante, estava molhando seu vestido azul, o único que John aprovava que ela vestisse em reuniões. Agora não havia nada para se ver além do vidro. Sentada ali, ficando mais inquieta a cada quilômetro vencido

na direção de Pampa, ouvindo a veemência da chuva que caía no teto do carro, e seu marido falando em sussurros ao seu lado:

"Por isso ele disse, acordai vós que dormis, e erguei-vos dos mortos, e Cristo vos dará a luz.

"Andai então circunspectos, não como tolos, mas como sábios.

"Redimindo o tempo, pois os dias são malignos."

Ele, como sempre, sentava-se ereto, a mesma Bíblia surrada e de cantos de páginas dobrados que usava há anos aberta sobre o colo. Ele certamente sabia de coras passagens que estava lendo; citava-as com frequência, e com tamanha mistura de familiaridade e frescor que as palavras poderiam ter sido dele, não de São Paulo, recém-saídas de sua própria boca. Aquela paixão e vigor com o tempo fariam de John Gyer o maior evangelista da América, disso Virgínia não tinha dúvidas. Durante as estafantes e intensas semanas da Turnê Triestadual, seu marido havia demonstrado confiança e maturidade sem precedentes. Sua mensagem não perdera nada de sua veemência com esse profissionalismo recente — ainda era aquela velha mistura de danação e redenção que ele sempre propunha — mas agora ele tinha controle total de seus dons, e em todas as cidades por que passavam — em Oklahoma e no Novo México e agora no Texas — os fiéis haviam se reunido para ouvir às centenas e aos milhares, ansiosos por tornar a entrar no Reino de Deus. Em Pampa, a cinquenta e seis quilômetros dali, as pessoas já estariam se reunindo, apesar da chuva, determinadas a ter uma visão privilegiada quando o missionário chegasse. Estariam levando seus filhos, suas economias e, acima de tudo, sua ânsia pelo perdão.

Mas o perdão era para amanhã. Primeiro eles tinham de *chegara* Pampa, e a chuva estava piorando. Earl havia desistido de cantar desde que a tempestade começara, e concentrava toda sua atenção na estrada adiante. Às vezes ele suspirava para si mesmo, e se esticava no assento. Virgínia tentava não se preocupar com a forma como ele dirigia, mas quando a torrente transformou-se num dilúvio sua ansiedade levou a melhor. Ela se inclinou para a frente e começou a olhar pelo para-brisa, procurando veículos que viessem na direção oposta. Acidentes eram comuns em condições como aquelas: mau tempo, e um motorista cansado doido para estar uns

quarenta quilômetros mais além. Ao seu lado, John sentiu a preocupação.

— O Senhor está conosco — ele disse, sem tirar os olhos das páginas de letrinhas apertadas, embora agora já estivesse muito escuro para ler.

— A noite está ruim, John — ela comentou. — Talvez não devêssemos tentar ir até Pampa. Earl deve estar cansado.

— Estou bem — disse Earl. — Não é tão longe.

— Você está cansado — Virgínia repetiu. — Todos estamos.

— Bem, acho que podíamos encontrar um motel — sugeriu Gyer. — O que acha, Earl?

Earl sacudiu os ombros largos.

— O que o senhor disser, chefe — ele replicou, sem se esforçar em discutir.

Gyer virou-se para sua mulher e carinhosamente deu tapinhas nas costas de sua mão.

—Vamos encontrar um motel — ele disse. — Earl pode ligar para Pampa e dizer a eles que vamos estar lá de manhã. Que tal? Ele sorriu para ele, mas ele não estava olhando para ela. —Acho que White Deer está perto—Earl disse para Virgínia. — Talvez tenham um motel lá.

Na verdade, o Motel Cottonwood ficava a um quilômetro a oeste de White Deer, numa área descampada ao sul da US 60, um pequeno estabelecimento com um algodoeiro morto ou moribundo no pátio entre seus dois prédios baixos. Havia uma série de carros já no terreno do motel, e luzes acesas na maior parte dos quartos; companheiros de fuga da tempestade, presumivelmente. Earl entrou com o carro no terreno e estacionou o mais próximo possível do escritório do gerente, e depois deu uma corrida na chuva para descobrir se o lugar tinha quartos para aquela noite. Com o motor desligado, o som da chuva no teto do Pontiac era mais opressivo do que antes.

— Espero que haja espaço para nós — disse Virgínia, vendo a água na janela manchar o sinal em neon. Gyer não respondeu. A chuva batia no teto como um trovão.

— Fale comigo, John — ela pediu.

— Para quê?

Ela balançou a cabeça.

— Nada. — A testa levemente ensopada de suor tinha mechas de cabelo grudadas; embora a chuva tivesse chegado, o calor no ar não havia se dissipado. — Odeio a chuva — ela disse.

— Não vai durar a noite inteira — replicou Gyer, passando uma das mãos pelo cabelo grisalho espesso. Era um gesto que ele usava no púlpito como pontuação; uma pausa entre uma frase de efeito e a seguinte. Ela conhecia sua retórica, tanto a física quanto a verbal, muito bem. Às vezes ela pensava que sabia tudo sobre ele que existia para se saber; que ele não havia deixado nada que ela quisesse verdadeiramente ouvir. Mas o sentimento provavelmente era mútuo-, há muito tempo eles tinham cessado de ter um casamento reconhecido como tal. Aquela noite, como toda noite naquela excursão, dormiriam em camas separadas, e ele dormiria aquele sono profundo e fácil que lhe vinha tão prontamente, enquanto ela sorrateiramente engolia uma ou duas pílulas para lhe trazer um pouco de serenidade bem-vinda.

— O sono — ele dizia quase sempre — é o momento de comunhão com o Senhor.— Ele acreditava na eficácia dos sonhos, embora não falasse sobre o que via neles. Chegaria o dia em que ele revelaria a majestade de suas visões, disso ela não tinha dúvidas; mas enquanto isso ele dormia sozinho e mantinha seu conselho, deixando-a com qualquer mágoa oculta que ela pudesse ter. Ser amargo era fácil, mas ela lutou contra a tentação. Seu destino era manifesto, o Senhor exigia isso dele; e se ele era forte com ela, era ainda mais consigo mesmo, vivendo sob um regime que teria destruído homens menores, e ainda se penitenciava pelo mais mesquinho ato de fraqueza.

Por fim, Earl apareceu vindo do escritório, e correu até o carro. Trazia três chaves.

— Quartos Sete e Oito — ele disse sem fôlego, a chuva pingando de sua testa e de seu nariz; — peguei a chave da porta de ligação também.

— Ótimo — disse Gyer.

— Eram os dois últimos do lugar — ele comentou. — Dou a volta com o carro? Os quartos ficam no outro prédio.

O interior dos dois quartos era um hino à banalidade. Já haviam ficado no que parecia umas mil celas iguais àquela, idênticas inclusive nos cobertores laranja-doente e na gravura desbotada do Grand Canyon nas paredes verde-claras. John era insensível às coisas que o cercavam, e sempre fora, mas aos olhos de Virgínia aqueles quartos eram um modelo adequado do Purgatório. Limbos sem almas em que nada jamais acontecia nem jamais aconteceria. Não havia nada para diferenciar esses quartos dos outros, mas *nela* havia algo diferente aquela noite.

Não era a conversa sobre tornados que provocara essa sensação de estranheza. Ela via Earl indo e vindo com as malas, e sentia-se estranhamente destacada de si mesma, como se observasse eventos por um véu mais denso que a chuva quente que caía do lado de fora. Estava quase sonâmbula. Quando John lhe disse baixinho qual cama seria a sua para aquela noite, ela se deitou e tentou controlar seu senso de deslocamento relaxando. Foi fácil falar. Alguém estava com a televisão ligada num quarto próximo, e o filme da madrugada podia ser ouvido palavra por palavra através das paredes finíssimas.

— A senhora está bem?

Ela abriu os olhos. Earl, sempre solícito, olhava para ela. Parecia tão cansado quanto ela. Seu rosto muito queimado de ficar no sol nas pregações ao ar livre, parecia mais amarela do que seu tom normal e saudável de marrom. Também estava um pouquinho além do peso, embora o físico combinasse bem com seus traços largos e teimosos.

—Estou, estou bem, obrigada—ela disse.—Com um pouco de sede.

—Vou ver se consigo algo para a senhora beber. Eles devem ter uma máquina de Coca-Cola.

Ela fez que sim com a cabeça, encontrando os olhos dele. Havia um subtexto nesse diálogo que Gyer, sentado à mesa fazendo anotações para o sermão do dia seguinte, não podia saber. Uma vez ou outra, ao longo da excursão, Earl fornecia pílulas a Virgínia .

Nada de mais; apenas tranquilizantes para acalmar seus nervos cada vez mais dilacerados. Mas elas — como estimulantes, maquiagem e joias — não eram encaradas com naturalidade por um homem com os princípios de Gyer, e quando, por acaso, seu marido descobrira as drogas, a cena foi feia. Earl suportara o pior da ira de seu empregador, pelo que Virgínia ficou profundamente grata. E, embora tivesse recebido instruções estritas de nunca mais repetir o crime, logo tornou a dá-las para ela. A culpa deles era um segredo quase prazeroso entre os dois; ela lia cumplicidade em seus olhos mesmo agora, assim como ele nos dela.

— Nada de Coca-Cola — disse Gyer.

— Bom, pensei que pudéssemos abrir uma exceção...

— *Exceção?* — perguntou Gyer, sua voz assumindo uma nota característica de autoestima. A retórica estava no ar, e Earl amaldiçoou sua língua idiota. — O Senhor não nos deu leis para viver de modo a abrirmos *exceções*, Earl. Você devia saber disso.

Naquele momento Earl não ligava muito para o que o Senhor disse ou fez. Sua preocupação era com Virgínia. Ela era forte, ele sabia, apesar de sua cortesia sulina, e da fachada de fragilidade que a acompanhava; forte o bastante para fazê-los vencer todas as pequenas crises da excursão, quando o Senhor deixara de aparecer e ajudar seus agentes em campo. Mas a força de todos tem limites, e ele sentia que ela estava perto de um colapso. Ela dava tanto ao marido; de seu amor e admiração, de suas energias e entusiasmo. Mais de uma vez nas últimas semanas Earl havia pensado que talvez ela merecesse mais do que o homem no púlpito.

— Talvez você me arranjasse um pouco de água gelada? — ela sugeriu, olhando para ele com rugas de fadiga sobre os olhos azul-acinzentados. Ela não era bonita por padrões contemporâneos: suas feições eram por demais aristocráticas, perfeitas. A exaustão lhes emprestara um novo *glamour*.

— Uma água geladinha saindo — disse Earl, forçando um tom jovial que não tinha muita força para sustentar. Foi até a porta.

— Por que você não liga para o escritório e pede que alguém traga? — Gyer sugeriu quando Earl ia saindo. — Quero rever o itinerário da semana que vem com você.

— Não é incômodo algum — disse Earl. — De verdade. Além do mais, eu tenho que ligar para Pampa, e dizer a eles que vamos nos atrasar — e estava do lado de fora antes que o pudesse contradizer.

Precisava de uma desculpa para ter algum tempo para si; a atmosfera era Virgínia e Gyer estava se deteriorando dia a dia, e não era um espetáculo agradável. Ficou por um longo momento vendo a chuva cair em cortinas. O algodoeiro no meio do terreno exibia a cabeça pelada na fúria do dilúvio; sabia exatamente como aquela árvore se sentia.

Ali, em pé na calçada, imaginando como conseguiria manter a sanidade nas últimas oito semanas da excursão, duas figuras vieram andando da estrada, e atravessaram o estacionamento. Ele não as viu, embora o caminho que elas estavam tomando para o Quarto Sete as levasse diretamente ao campo de visão dele. Elas caminharam pela chuva encharcante desde o terreno por trás do escritório do gerente — onde, em 1955, haviam estacionado o Buick vermelho — e embora a chuva caísse numa torrente firme, ambos estavam intactos. A mulher, cujo penteado entrara e saíra da moda duas vezes desde os anos cinquenta, e cujas roupas tinham o visual do mesmo período, reduziu o passo por um momento para olhar o homem que apreciava o algodoeiro com tanta atenção. Ele tinha olhos gentis, apesar do ar de preocupação. Em sua época ela poderia ter amado um homem daqueles, ela pensou; mas seu tempo já tinha passado há muito tempo, não tinha? Buck, seu marido, voltou-se para ela — "Você não vem, Sadie?", ele quis saber — e acompanhou-o até a calçada de concreto (era de madeira da última vez em que estivera aqui) e entrou pela porta aberta do Quarto Sete.

Um frio percorreu a espinha de Earl. Muito tempo olhando a chuva, ele pensou; isso e muita expectativa não realizada. Foi até o final do pátio, preparou-se para disparar na chuva estacionamento abaixo até o escritório, contou até três e correu.

Sadie Durning virou-se para ver Earl partir, e então tornou a olhar para Buck. Os anos não haviam temperado o ressentimento que ela sentia pelo marido, assim como também não melhorado as feições nervosas dele ou sua gargalhada exagerada. Não tinha gostado muito dele em 2 de junho de 1955, e não gostava muito dele

agora, precisamente trinta anos depois. Buck Durning tinha a alma de um galanteador, como seu pai sempre a avisara. Isso não era tão terrível: era talvez a condição masculina. Mas tinha levado a um comportamento tão nojento que ela acabou se cansando de suas intermináveis farsas. Ele — até o último momento sem saber — havia interpretado o jeito dela como uma deixa para uma segunda lua-de-mel. Aquela fenomenal hipocrisia havia finalmente superado quaisquer pensamentos de tolerância ou perdão que porventura ainda existissem, e quando, três décadas atrás naquela noite, hospedaram-se no Motel Cottonwood, ela tinha vindo preparada para mais do que uma noite de amor. Deixara Buck tomar um banho e, quando ele saiu do chuveiro, levantou a Smith &

Wesson .38 em sua direção e abriu um buraco em seu peito. Então ela fugira, jogando a arma fora no caminho, sabendo que a polícia iria apanhá-la, e sem se importar muito quando o fizeram. Levaram-na para a Penitenciária de Carson County em Panhandle e, depois de algumas semanas, a julgamento. Não tentou negar o homicídio uma vez sequer: já tinha havido farsas demais em seus trinta e oito anos de vida. E portanto, quando a consideraram culpada, conduziram-na até a Prisão Estadual de Huntsville, escolheram um dia bonito de sol no mês de outubro e sumariamente passaram uma descarga de 2250 volts por seu corpo, fazendo com que seu coração impenitente parasse quase na hora. Olho por olho, dente por dente. Ela havia sido criada na base dessas simples equações morais. Não se incomodara de morrer pela mesma matemática.

Mas naquela noite ela e Buck haviam escolhido retrazar a jornada que tinham empreendido trinta anos antes, para ver se podiam descobrir como e por que seu casamento havia terminado em homicídio. Era uma chance oferecida a muitos amantes mortos, embora poucos, aparentemente, a aceitassem; talvez o pensamento de viver novamente o cataclisma que terminara com suas vidas fosse desagradável demais. Mas Sadie não podia deixar de se perguntar se tudo não teria sido predestinado: se uma palavra suave de Buck ou um olhar de afeto verdadeiro em seus olhos baços poderia ter contido seu dedo no gatilho e salvo suas vidas. Aquela

vigília de uma noite lhes daria uma oportunidade de testar a história. Invisíveis, inaudíveis, eles seguiriam a mesma rota de três décadas atrás: as próximas horas diriam se aquela rota havia levado inevitavelmente ao assassinato.

O Quarto Sete estava ocupado, e o quarto ao lado também; a porta de ligação estava aberta, e luzes fluorescentes estavam acesas em ambos. A ocupação não era problema. Sadie há muito havia se acostumado ao estado etéreo; a vagar sem ser vista entre os vivos. Numa condição daquelas ela fora ao casamento da sobrinha, e depois no funeral do pai, ao lado do túmulo com o pai morto e fofocando com ele sobre as pessoas que tinham ido lá. Mas Buck — nunca um indivíduo ágil — era mais descuidado. Ela esperava que ele fosse cuidadoso aquela noite. Afinal de contas, ele queria vivenciar a experiência tanto quanto ela.

Ali, parados no umbral da porta, eles correram com os olhos o quarto em que sua farsa fatal havia sido desempenhada; ali, ela se perguntou se o tiro havia doído muito nele. Devia perguntar-lhe isso aquela noite, ela pensou, assim que surgisse a oportunidade.

Havia uma moça de rosto comum mas agradável no escritório do gerente quando Earl fora garantir os quartos. Agora ela tinha desaparecido, para ser substituída por um homem de seus sessenta e poucos anos, com uma barba meio esbranquiçada de alguns dias e uma camisa manchada de suor. Levantou os olhos míopes do *Pampa Daily News* do dia anterior quando Earl entrou.

— Sim?

— É possível me arrumar um pouco de água gelada? — perguntou Earl.

O velho deu um grito rouco para os fundos.

— Laura-May? Você está aí?

Da outra sala mais atrás vinha o ruído abafado do filme da noite: tiros, gritos, o urro de um monstro em fuga... e a resposta de Laura-May:

— O que é que o senhor quer, pai?

— Tem um homem aqui que quer serviço de quarto — o pai de Laura-May gritou de volta, não sem um traço de ironia na voz. — Quer chegar aqui e servi-lo?

Não houve resposta; apenas mais gritos. Aquilo deixava Earl nervoso a ponto dos dentes trincarem. O gerente deu uma olhada nele. Um dos olhos estava enevoado por conta de uma catarata.

— Está com o evangelista? — ele perguntou.

— Sim... Como é que o senhor sabia...?

— Laura-May reconheceu-o. Viu a foto dele no jornal.

— É mesmo?

— Minha filha não perde uma.

Como se por uma deixa, Laura-May emergiu da sala dos fundos. Quando seus olhos castanhos bateram nos de Earl, ela ficou visivelmente feliz.

— Ah... — ela disse, um sorriso amaciando suas feições. —

O que posso fazer pelo senhor? — a frase, junto com o sorriso, parecia demonstrar mais do que um interesse educado por Earl; ou era isso que ele queria pensar? A não ser por uma dama da noite que ele conhecera em Pomca City, Oklahoma, sua vida sexual não existira nos últimos três meses. Correu o risco; retribuiu o sorriso de Laura-May. Embora ela tivesse pelo menos trinta e cinco anos, seus modos eram curiosamente adolescentes; o olhar que ela lhe dava quase intimidava de tão direto. Olhando-a nos olhos, Earl começou a pensar que sua primeira hipótese não deveria estar assim tão errada.

— Água gelada — ele disse. — Vocês tem? A sra. Gyer não está se sentindo muito bem.

Laura-May assentiu.

— Vou pegar um pouco — ela disse, demorando-se por um momento na porta antes de voltar à sala de televisão. Os ruídos do filme haviam reduzido — uma cena de calma, talvez, antes que o monstro tornasse a surgir — e no silêncio Earl pôde ouvir a chuva batendo do lado de fora, transformando a terra em lama.

— Que chuvinha sem-vergonha, hein? — comentou o gerente. — Se continuar desse jeito, vocês não vão ter público amanhã.

— As pessoas vêm com todo tipo de clima — Earl respondeu. — John Gyer é um nome e tanto.

O homem fez uma careta.

— Não é mais forte que um tomado — ele disse, obviamente se deliciando com o papel de profeta. — Está para chegar um por aí.

— Mesmo?

— No ano retrasado, o vento arrancou o telhado da escola. Levantou-o e jogou-o longe.

Laura-May reapareceu na porta com uma bandeja trazendo uma jarra e quatro copos. A jarra tilintava com o gelo dentro dela.

— Que foi que o senhor disse, pai?

— Tornado.

— Não está quente o bastante — ela proclamou com uma autoridade despreocupada. Seu pai resmungou em desacordo, mas não argumentou. Laura-May foi até Earl com a bandeja, mas quando ele fez menção de pegá-la dela, ela disse: — Eu mesma levo. Me mostre onde é. — Ele não fez objeção. Daria a ambos um tempo de trocar palavrinhas doces enquanto se encaminhassem até o quarto dos Gyers; talvez ela pensasse o mesmo. Ou então queria ver o evangelista mais de perto.

Foram juntos até o final da calçada do bloco do escritório em silêncio; ali eles pararam. À frente, dez metros de terra enlameada entre um prédio e outro.

— Não quer que eu carregue a jarra? — ofereceu Earl. — Você leva os copos e a bandeja.

— Claro — ela respondeu. Então, com o mesmo olhar direto que lhe dera antes, perguntou: — Qual é o seu nome?

— Earl — ele disse. — Earl Rayburn.

— O meu é Laura-May Cade.

— Muito prazer em conhecê-la, Laura-May.

— Você conhece este lugar, não conhece? — ela quis saber. — Papai já lhe deve ter contado.

— Está falando dos tornados? — ele perguntou.

— Não — ela respondeu. — Estou falando de assassinato.

Sadie estava em pé aos pés da cama e olhava a mulher deitada nela. Tinha muito pouco senso de moda, pensou Sadie; as roupas eram cafonas, e seus cabelos não estavam ajeitados de forma bonita. Ela murmurou algo em seu estado semicomatoso, e então — abruptamente — acordou. Os olhos se arregalaram. Havia uma

espécie de alarme indefinido neles; e dor também. Sadie olhou para ela e suspirou.

— Qual é o problema? — Buck queria saber. Havia posto as malas no chão e estava sentado numa cadeira do lado oposto ao quarto ocupante do quarto, um homem grande com feições duras e fortes e bastos cabelos grisalhos que não teriam envergonhado nenhum profeta do Velho Testamento.

— Problema nenhum — Sadie respondeu.

— Não quero dividir um quarto com esses dois—disse Buck.

—Bom, este é o quarto onde... onde nós ficamos—replicou Sadie.

— Vamos mudar para o quarto ao lado — sugeriu Buck, apontando a porta aberta do quarto oito com a cabeça. — Vamos ter mais privacidade.

— Eles não podem nos ver — disse Sadie.

— Mas eu posso ver *elas*— retrucou Buck — e isso me dá calafrios. Ficar num quarto diferente não vai fazer diferença, pelo amor de Deus. — Sem esperar que Sadie respondesse, Buck apanhou as malas e levou-as para o quarto de Earl. — Você vem ou não vem? — perguntou a Sadie. Ela fez que sim. Melhor não discutir com ele; se ela começasse a argumentar agora, nunca passariam do primeiro impasse. Conciliação deveria ser o ponto central daquela reunião, ela se recordou, e o seguiu obediente para o quarto oito.

Na cama, Virgínia pensou em se levantar e ir até o banheiro onde, sem ser vista, poderia tomar um ou dois tranquilizantes. Mas a presença de John a assustava; às vezes ela sentia que ele podia ver através dela, que toda sua culpa particular era um livro aberto para ele. Tinha certeza de que, se se levantasse agora, ele perguntaria o que ela estava fazendo. Se fizesse isso, ela com certeza deixaria escapar a verdade. Não tinha força para resistir ao calor daqueles olhos acusadores. Não, seria melhor ficar deitada ali e esperar que Earl voltasse com a água. Então, quando os dois homens estivessem discutindo a excursão, ela tomaria as pílulas proibidas em segredo.

Havia uma qualidade evasiva na luz do quarto; isso a perturbava, e ela queria fechar as pálpebras contra aqueles truques.

Apenas momentos antes a luz havia conjurado uma miragem aos pés da cama; um frágil lampejo de substância que havia quase se congelado no ar antes de se desvanecer.

Perto da janela, John estava novamente lendo baixinho. No começo, ela captou apenas algumas palavras...

— *E da fumaça saíram gafanhotos pela terra...* — Ela reconheceu instantaneamente a passagem; suas imagens eram inconfundíveis.

— *...dotados de um poder semelhante ao dos escorpiões da terra.*

O versículo era do Apocalipse de São João. Ela conhecia as palavras seguintes de cor. Ele os havia declamado sem parar nos encontros.

— *Disseram-lhes, porém, que não danificassem a vegetação da terra, nem o que estivesse verde e as árvores, mas somente os homens que não tivessem o selo de Deus sobre a fronte.*

Gyer adorava o Apocalipse. Lia-o mais dos que os Evangelhos, cujas histórias sabia de cor, mas cujas palavras não o empolgavam como os ritmos encantatórios do Apocalipse. Quando ele pregava o Apocalipse, partilhava da visão apocalíptica, e ficava exultante com ela. Sua voz assumia um tom diferente; a poesia, ao invés de sair dele, vinha *através* dele. Indefeso em seu comando, subia numa espiral de metáfora ainda mais assustadora: de anjos e dragões e dali a Babilônia, a Mãe das Prostitutas, sentada sobre uma besta de cor escarlate.

Virgínia tentou não ouvir as palavras. Normalmente, ouvir seu marido recitar os poemas do Apocalipse era uma alegria para ela, mas aquela noite não. Naquela noite as palavras pareciam plenas ao ponto de corrupção, e ela sentiu — talvez pela primeira vez—que ele não compreendia totalmente o que estava dizendo; que o espírito das palavras passava por ele quando as recitava. Ela fez um ruído de reclamação, pequeno, não-intencional. Gyer parou de ler.

— O que foi? — ele perguntou.

Ela abriu os olhos, embaraçada por tê-lo interrompido.

— Nada — ela disse.

— Minha leitura está perturbando você? — ele quis saber. A pergunta era um desafio, e ela recuou.

— Não — respondeu. — Claro que não.

Na porta de ligação. Sadie via o rosto de Virgínia. A mulher estava mentindo, claro; as palavras a perturbavam *sim*. E também perturbavam Sadie, mas apenas porque pareciam tão miseravelmente melodramáticas: um sonho alucinógeno do Armagedon, mais cômico do que intimidatório.

— Diga pra ele — aconselhou Virgínia — *Vamos lá*. Diga pra ele que não gosta.

— Com quem está falando? — perguntou Buck. — Eles não podem te ouvir.

Sadie ignorou o comentário do marido.

— Vamos lá — continuou. — Diga isso pro filho da puta.

Mas Virgínia simplesmente ficou ali, enquanto Gyer retomava a passagem, num crescendo de absurdos:

— *E os gafanhotos montavam cavalos prontos para batalha; e sobre suas cabeças havia coroas de ouro, e seus rostos assemelhavam-se aos rostos de homens.*

"E tinham cabelos como os cabelos das mulheres, e seus dentes eram como os dentes de leões.

Sadie balançou a cabeça: terrores de história em quadrinhos, feitos para amedrontar crianças. Por que as pessoas tinham que morrer para deixar de acreditar nesse tipo de besteira?

— Diga pra ele — ela tornou a repetir. — Diga pra ele como soa ridículo.—E, nesse momento, antes que ela acabasse de falar, Virgínia sentou-se na cama e chamou:

—John?

Sadie olhou fixo para ela, comandando sua vontade.

— Diga. *Diga*.

— Você tem que falar de morte o tempo todo? É tão deprimente.

Sadie quase aplaudiu; não era bem a forma como *ela* teria colocado a coisa, mas cada um do seu jeito.

— O que foi que você disse? — Gyer perguntou, supondo que não tinha ouvido direito. Será que ela não o estava desafiando?

Virgínia pôs uma mão trêmula sobre os lábios, como se para cancelar as palavras antes que tornassem a aparecer; mas mesmo assim elas vieram.

— Essas passagens que você leu. Odeio elas. São tão...

— Estúpidas — apressou-se Sadie.

— ...desagradáveis — disse Virgínia.

— Você vem pra cama ou não? — Buck quis saber.

— Num minuto — Sadie respondeu virando-se para ele. — Só quero saber o que vai acontecer aqui dentro.

— A vida não é novela de tevê — chiou Buck. Sadie já ia implorar que ele a deixasse em paz, mas antes que tivesse chance de fazer isso o evangelista havia se aproximado da cama de Sadie, Bíblia na mão.

— Esta é a Palavra inspirada do Senhor, Virgínia — ele disse.

— Eu sei, John. Mas há outras passagens...

— Pensei que gostasse do Apocalipse.

— Não — ela respondeu. — Me perturba.

— Você está cansada — ele concluiu.

— Ah, está — interrompeu Sadie. — É o que eles sempre dizem a alguém que chega perto da verdade. "Você está cansada", eles dizem, "por que não tira uma soneca?"

— Por que não dorme um pouco? — disse Gyer. — Vou para o outro quarto trabalhar.

Virgínia encarou os olhos condescendentes do marido por cinco segundos inteiros, e então fez que sim com a cabeça.

— Sim — admitiu. — Estou *mesmo* cansada.

— Mulher burra — Sadie disse a ela. — Lute contra, ou ele vai fazer a mesma coisa de novo. Dê-lhes um centímetro de terreno e eles pegam logo metade do estado. Buck apareceu por trás de Sadie.

— Já lhe pedi uma vez — ele disse, pegando-a pelo braço.

— Estamos aqui para fazer as pazes. Então vamos logo com isso.

— Puxou-a da porta, com mais dureza do que seria necessário. Ela se livrou de sua mão com um safanão.

— Não há necessidade de violência, Buck — ela disse.

— Ha! Isso é ótimo, vindo de você — disse Buck com uma gargalhada sem humor.

— Você quer ver violência? — Sadie virou-se da Virgínia para ver o marido. — *Isto* é violência — ele disse. Tinha tirado a jaqueta; agora puxava a camisa desabotoada para revelar a ferida da bala. Numa distância tão pequena, o 38 de Sadie abrira um buraco considerável no peito de Buck, arranhado e sangrento: estava tão fresco quanto no momento em que ele morrera. Pôs o dedo nela como se indicasse o Sagrado Coração.

— Está vendo isto, amorzinho? Foi *you* quem fez.

Ela olhou o buraco com pouco interesse. Certamente era uma marca definitiva; a única que ela já fizera no homem, suspeitava. — Você trapaceou desde o começo, não é? — ela perguntou.

— Não estamos falando de trapacear, estamos falando de fuzilar — Buck retrucou.

— Me parece que um assunto leva a outro — replicou Sadie.

— E vice-versa.

Buck estreitou ainda mais os olhos estreitos na direção dela. Dezenas de mulheres haviam achado aquele olhar irresistível, a julgar pelo número de carpideiras anônimas em seu enterro.

— Tudo bem — ele disse. — Eu tive mulheres sim. E daí?

— E daí que eu matei você por isso — Sadie replicou sem emoção na voz. Era praticamente tudo o que ela tinha para dizer sobre o assunto. Valia por um rápido julgamento.

— Droga, pelo menos diz que se arrepende! — Buck explodiu.

Sadie considerou o pedido por alguns momentos, e disse:

— Mas não estou arrependida! — Percebeu que a resposta não tinha tato, mas era a verdade inevitável. Mesmo na hora em que a amarraram na cadeira elétrica, com o padre dando o melhor de si para consolar o advogado dela, não lamentara o que havia acontecido.

— Estamos perdendo nosso tempo — disse Buck. — Viemos aqui para fazer as pazes e você não consegue nem dizer que sente muito. Você é uma mulher doente, sabia? Sempre foi. Metia o bedelho nos meus negócios, ficava olhando pelas minhas costas...

— Eu *não ficava* olhando — Sadie replicou firme. — Sua sujeira é que veio e me encontrou.

— Sujeira?

— Ah, sim, Buck, *sujeira*. Ela sempre esteve com você. Furtiva e malcheirosa.

Ele a agarrou.

— Retire o que disse: — exigiu.

— Você me assustava antigamente — ela replicou fria. — Mas aí eu comprei uma arma.

Ele a empurrou de lado.

— Tudo bem — disse. — Não diga que não tentei. Queria ver se poderíamos perdoar e esquecer; eu realmente queria. Mas você não quer ceder um milímetro, não é? — ele tocava a ferida enquanto falava, a voz ficando mais macia; — a gente podia ter tido uma noite e tanto aqui hoje, benzinho — ele murmurou. — Só eu e você. Eu poderia ter lhe dado um pouco dos velhos tempos, entende o que eu digo? Houve um tempo em que você não teria negado.

Ela deu um suspiro. Ele dizia a verdade. Houve um tempo em que ela teria aceitado o pouco que ele lhe dava e se consideraria abençoada. Mas os tempos haviam mudado.

— Qual é, benzinho. Relaxa—ele disse baixinho, e começou a desabotoar inteiramente a camisa, tirando-a para fora das calças.

Sua barriga era lisa como a de um bebê.—Que tal a gente esquecer o que você disse, deitar e conversar?

Ela ia retrucar a sugestão dele quando a porta do Quarto Sete se abriu e entrou o homem dos olhos gentis, acompanhado por uma mulher cujo rosto tocou um sino na memória de Sadie.

—Água geladinha—disse Earl. Sadie o viu andar pelo quarto. Não havia um homem tão interessante quanto aquele em Wichita Falls; não de que ela pudesse lembrar, de qualquer forma. Ele quase a fez querer viver de novo.

—Vai tirar a roupa ou não vai? — Buck perguntou do quarto atrás dela.

— Num minuto, Buck. Temos a noite toda, pelo amor de Deus.

— Sou Laura-May Cade — disse a mulher de rosto familiar ao pôr a água gelada sobre a mesa.

Claro, pensou Sadie, você é a pequena Laura-May. A garota tinha cinco ou seis anos da última vez em que Sadie estivera ali: uma criança estranha, cheia de segredos, repleta de olhares sem-vergonha. Os anos a amadureceram fisicamente, mas a estranheza ainda era evidente em suas feições ligeiramente fora de eixo. Sadie virou-se para Buck, sentado na cama desamarrando os sapatos.

— Lembra da garotinha? — ela disse. — Aquela pra quem você deu vinte e cinco centavos só pra nos deixar em paz?

— Que é que tem ela?

— Ela está aqui.

— É? — ele respondeu, obviamente desinteressado.

Laura-May havia servido a água, e estava agora levando o copo para Virgínia.

— É mesmo muito bom ter vocês por aqui — ela disse. — Não acontece muito por estas bandas. Só um tornado ou outro...

Gyer acenou com a cabeça para Gyer, que desembolsou uma nota de cinco dólares e deu-a para Laura-May. Ela agradeceu, dizendo que não era necessário, e depois apanhou a nota. Mas não ia fazer disso suborno para ir embora.

— Este tipo de tempo faz as pessoas se sentirem meio peculiares — ela continuou. Earl já podia prever que assunto estava por trás dos lábios de Laura-May. Já tinha ouvido o essencial da história no caminho até o quarto, e sabia que Virgínia não estava em condições de ouvir uma história daquelas.

— Obrigado pela água — ele disse, pondo uma das mãos no braço de Laura-May para apressá-la na direção da porta. Mas Gyer interrompeu.

— Minha esposa tem sofrido de exaustão devido ao calor — disse.

— Devia ter cuidado, madame — Laura-May aconselhou Virgínia. — As pessoas fazem coisas muito estranhas...

— Como o quê? — perguntou Virgínia.

— Acho que não vamos... — começou Earl, mas antes que pudesse dizer "querer ouvir", Laura-May respondeu sem se importar:

— Ah, assassinato, geralmente.

Virgínia levantou os olhos do copo de água gelada em que estava seu foco.

— Assassinato? — perguntou.

— Ouviu? — Sadie disse orgulhosa. — Ela se lembra.

— Neste mesmo quarto — Laura-May conseguiu soltar antes que Earl forçasse sua saída, escoltando-a.

— Espere — disse Virgínia quando as duas figuras desapareciam pela porta. — Earl! Quero ouvir o que aconteceu.

— Não, não quer — Gyer lhe disse.

— Ah, quer sim — disse Sadie muito baixinho, estudando o olhar no rosto de Virgínia. — Você gostaria *mesmo* de saber, não é, Ginnie?

Por um momento pleno de possibilidades, Virgínia desviou o olhar da porta que dava para fora e olhou direto para o Quarto Oito, parecendo descansar os olhos em Sadie. O olhar era tão direto que quase podia ter sido de reconhecimento. O gelo em seu copo tilintava. Ela franziu a testa.

— O que há de errado? — Gyer perguntou-lhe. Virgínia balançou a cabeça.

— Eu perguntei o que estava errado — insistiu Gyer. Virgínia pôs o copo sobre a mesinha-de-cabeceira. Depois de um momento ela disse, muito simplesmente:

— Tem alguém aqui, John.

— O que quer dizer?

— Há alguém no quarto conosco. Ouvi vozes antes. Vozes altas.

— Na porta ao lado — disse Gyer.

— Não, do quarto de Earl.

— Está vazio. Deve ter sido na porta ao lado. Virgínia não ia se deixar calar pela lógica.

— Ouvi vozes, estou lhe dizendo. E vi alguma coisa aos pés da cama. Algo no ar.

— Ai, meu Jesus—disse Sadie, quase sem fôlego. — O diabo da mulher é paranormal.

Buck levantou-se. Agora ele estava nu, à exceção das cuecas. Foi até à porta de ligação olhou para Virgínia com renovada apreciação.

— Tem certeza? — perguntou.

— Shh — Sadie pediu, afastando-se da linha de visão de Virgínia. — Ela disse que podia nos ver.

— Você não está bem, Virgínia—Gyer dizia na porta ao lado. — São essas pílulas que ele lhe deu...

— Não — replicou Virgínia, a voz alta. — Quando é que você vai parar de falar das pílulas? Elas eram só para me acalmar, me ajudar a dormir.

Ela certamente não estava calma agora, pensou Buck. Ele gostava da maneira como ela tentava segurar as lágrimas. Parecia estar precisando de um bom remelexo, a pobre Virgínia; isso ia ajudá-la a dormir.

— Estou lhe dizendo que posso ver coisas — ela disse ao marido.

— Que eu *não posso*... — Gyer replicou incrédulo. — É isso o que você está falando? Que pode ter visões que o resto de nós não pode ter?

— Não estou orgulhosa disso, diabos — ela gritou, inflamada por essa inversão.

— Vamos, Buck — disse Sadie. Nó a estamos perturbando. Ela sabe que estamos aqui.

— E daí? — respondeu Buck. — O babaca do marido dela não acredita. Olhe para ele. Acha que ela é doida.

— Bem, nós vamos enlouquecê-la se ficarmos desfilando por aqui — disse Sadie. — Pelo menos vamos baixar o tom de voz, tá?

Buck deu uma olhada em Sadie e ofereceu um sorriso maroto.

— Quer moleza, é?—ele disse indecente. — Saio do caminho se você e eu pudermos nos divertir.

Sadie hesitou um momento antes de responder. Era provavelmente uma coisa perversa rejeitar os avanços de Buck; o homem era emocionalmente infantil e sempre fora. Sexo era uma das poucas formas em que sabia se expressar.

— Tudo bem, Buck — ela disse. — Só deixe eu me refrescar um pouco e ajeitar o cabelo.

Uma trégua difícil havia aparentemente sido declarada no Quarto Sete.

— Vou tomar um chuveiro, Virgínia — disse Gyer. — Sugiro que deite e pare de fazer papel de boba. Continue falando assim na frente das pessoas e vai estragar a cruzada, sabia?

Virgínia olhou para o marido com a visão mais clara que já tinha tido.

— Ah, sim — ela disse, sem um traço de emoção na voz. — Eu ouvi.

Ele pareceu satisfeito. Tirou o paletó e entrou no banheiro, levando sua Bíblia consigo. Ela ouviu a fechadura da porta, e então soltou um suspiro longo e desajeitado. Haveria muita recriminação pela conversa que acabara de acontecer; ele espremeria dela cada gota de contrição nos dias que viriam. Ela olhou para a porta de ligação. Não havia mais sinal daquelas sombras no ar; nem o menor sussurro de vozes perdidas. Talvez, apenas *talvez*, ela tivesse imaginado isso. Abriu a sacola e vasculhou apressada as garrafas de pílulas ocultas ali. Um olho na porta do banheiro, ela selecionou um coquetel de três variedades e engoliu-o com um gole de água gelada. Na verdade, o gelo da jarra já havia derretido há muito tempo. A água que ela bebia estava morna, como a chuva que caía incansável do lado de fora. Pela manhã, talvez o mundo inteiro estivesse límpido. Se estivesse, ela imaginou, não lamentaria.

—Pedi a você que não comentasse o assassinato—Earl disse a Laura-May. — A Sra. Gyer não suporta esse tipo de conversa.

— Pessoas são mortas a todo instante — replicou Laura-May. — Ela não pode andar por aí com a cabeça enfiada num balde.

Earl não disse nada. Tinham acabado de chegar ao fim da calçada. A passagem de retorno pelo estacionamento até o outro prédio ficava adiante. Laura-May voltou-se para encará-lo. Era mais baixa que ele vários centímetros. Seus olhos, fixos nos dele, eram grandes e luminosos. Por mais zangado que ele estivesse, não pôde deixar de notar como era sua boca, como os lábios dela brilhavam.

— Desculpe — ela disse. — Não quis te meter em encrenca.

— Eu sei. É que eu estou meio nervoso.

— É o calor—ela retorquiu. — Como eu disse: coloca ideias nas cabeças das pessoas. Você sabe. — O olhar dela flutuou por um momento; um quê de incerteza atravessou sua face. Earl podia

sentir sua nuca arrepiar-se. Era a deixa de que ele precisava, não era? Ela a tinha oferecido de forma inequívoca. Mas ele não tinha palavras. Finalmente, quem falou foi ela:

— Você tem que voltar pra lá agora?

Ele engoliu; a garganta estava seca.

— Não vejo por quê—respondeu.—Quero dizer, não quero me meter entre eles enquanto conversam.

— Estão de ovo virado, é? — ela perguntou.

— Acho que sim. Melhor deixá-los resolver tudo em paz. Eles não me querem.

Laura-May baixou os olhos.

— Bom, eu quero — ela disse baixinho, as palavras quase inaudíveis acima do barulho da chuva.

Ele pôs uma mão cautelosa no rosto dela e tocou seu queixo. Ela tremia de leve. Então ele abaixou a cabeça para beijá-la. Ela deixou que os lábios dele roçassem nos seus.

— Por que não vamos para o meu quarto? — ela disse com a boca quase colada na dele. — Não gosto de ficar aqui fora.

— E seu pai?

— Ele deve estar caindo de bêbado a esta hora; é a mesma rotina toda noite. É só não fazer barulho. Ele nem vai saber.

Earl não gostava muito desse jogo. Ser encontrado na cama com Laura-May não valia seu emprego. Era um homem casado, mesmo que não visse Bárbara há três meses. Laura-May sentiu sua dúvida.

— Não precisa vir se não quiser — ela disse.

— Não é isso — ele replicou.

Ao olhar para ela, viu que a garota lambeu os lábios. Era um movimento completamente inconsciente, ele tinha certeza, mas era o suficiente para fazê-lo se decidir. Num certo sentido, embora não pudesse saber disso naquele instante, tudo o que estava adiante — a farsa, o sangue derramado, a tragédia inevitável — se resumia em Laura-May molhando o lábio inferior com uma sensualidade natural.

— Ah, *merda* — ele disse. Você é demais, sabia?

Curvou-se e beijou-a novamente, enquanto em alguma parte mais além, sobre Skelltown, as nuvens se chocavam num grande trovão, como um tocador de tambor no circo, antes de alguma acrobacia particularmente elaborada.

No Quarto Sete, Virgínia estava tendo pesadelos. As pílulas não lhe deram um porto seguro no sono. Ao invés disso, ela havia sido atirada no meio de uma enorme tempestade. Em seus sonhos ela se agarrava a uma árvore retorcida — uma ridícula âncora em tamanho *maelstrom* — enquanto o vento jogava gado e automóveis no ar, sugando meio mundo para dentro das nuvens negríssimas que fervilhavam sobre sua cabeça. Justo quando ela pensava que ia morrer ali, totalmente só, viu duas figuras a poucos metros dela, aparecendo e desaparecendo nos véus cegantes de poeira que o vento levantava. Não conseguia ver os rostos delas, então gritou:

— Quem são vocês?

Na porta ao lado, Sadie ouviu Virgínia falando no sono. Sobre o que a mulher estava sonhando?, ela se perguntou. Lutou contra a tentação de ir até a porta ao lado e sussurrar no ouvido da sonhadora.

Por trás das pálpebras de Virgínia a tempestade continuava em sua fúria. Embora ela chamasse os estranhos na tormenta, eles não pareciam tê-la ouvido. Ao invés de ser deixada só, ela agradeceu o conforto da árvore — que foi instantaneamente arrancada do solo e começou a rodopiar pelo céu — e caiu de encontro a poeira abrasiva onde os estranhos estavam. Enquanto ela se aproximava, uma súbita mudança no vento revelou-os para ela. Um era homem, outro mulher; ambos armados. Quando gritou para que se apresentassem, eles atacaram um ao outro, abrindo feridas fatais no pescoço e no torso.

—Assassinato!—ela gritou quando o vento molhou sua cara com o sangue dos antagonistas. — Pelo amor de Deus, alguém os detenha! Assassinato!

E subitamente ela estava acordada, seu coração batendo a ponto de explodir. O sonho ainda esvoaçava por trás de seus olhos. Ela balançou a cabeça para se livrar das horríveis imagens, e então foi grogue até a beira da cama e se levantou. Sua cabeça estava tão

leve que podia flutuar como um balão. Ela precisava de um pouco de ar fresco. Raramente em sua vida ela se sentira tão estranha. Era como se ela estivesse perdendo seus tênues laços com o que era real; como se o mundo sólido escorregasse por entre seus dedos. Ela foi até a porta de fora. No banheiro podia ouvir John, falando alto: dirigindo-se ao espelho, sem dúvida, para refinar cada detalhe de seu sermão. Saiu para a calçada. Ali fora era mais refrescante, mas pouco. Num dos quartos no final do bloco uma criança chorava. Ouviu uma voz ríspida silenciá-la. Por talvez dez segundos a voz se calou; então começou novamente num tom mais alto. *Continue*, ela disse à criança. *Você tem muitos motivos*. Ela acreditava na infelicidade das pessoas; mais e mais era *tudo* em que ela acreditava. A tristeza era muito mais honesta do que a bonomia artificial que era todo o estilo desta época: aquela fachada de otimismo vazio que cobria o desespero que todos sentiam no fundo do coração. A criança estava expressando aquele pânico sábio agora, com seu choro noturno. Ela silenciosamente aplaudiu sua honestidade.

No banheiro, John Gyer cansou-se de ver seu próprio rosto no espelho, e devotou um pouco de seu tempo a pensamentos. Levantou a tampa do vaso e sentou-se por alguns minutos. Sentia o cheiro de seu próprio suor azedo; precisava de uma ducha, e depois uma boa noite de sono. Amanhã: Pampa. Encontros, discursos; milhares de mãos a serem apertadas e bênçãos a serem conferidas. Às vezes se sentia tão cansado; e aí ele começava a imaginar se o Senhor não poderia aliviar seu fardo um pouquinho. Mas isso era o Demônio falando em seu ouvido, não era? Não era tolo de prestar muita atenção àquela voz melíflua. Se você ouvisse *uma* vez sequer, as dúvidas encontrariam pouso, como acontecera com Virgínia. Em algum lugar ao longo da estrada, enquanto suas costas se voltaram para os negócios do Senhor, ela perdera o caminho, e o Inimigo a encontrara vagando. Ele, John Gyer, teria de trazê-la de volta ao caminho dos justos; fazê-la ver em que perigo estava sua alma. Haveria lágrimas e reclamações; talvez ela até ficasse um pouquinho machucada. Mas machucados saravam.

Pôs de lado sua Bíblia, e ajoelhou-se no espaço exíguo entre o chuveiro e o toalheiro, e começou a rezar. Tentou encontrar algumas palavras boas, uma prece gentil para pedir forças para completar sua tarefa, e trazer Virgínia de volta. Mas a gentileza o havia abandonado. Foi o vocabulário do Apocalipse, das Revelações, que veio aos seus lábios, espontâneo. Deixou as palavras saírem, muito embora a febre o consumisse cada vez mais forte a cada sílaba pronunciada.

— O que acha? — Laura-May havia perguntado a Earl ao guiá-lo até seu quarto. Earl estava muito estupefato pelo que via à frente para oferecer qualquer resposta coerente. O quarto era um mausoléu, fundado, ao que parecia, em nome da Trivialidade. Dispostos nas estantes, pendurados nas paredes e cobrindo a maior parte do chão estavam itens que poderiam ter sido coletados em qualquer lata de lixo: latas de Coca-Cola vazias, coleções de bilhetes, revistas sem capa, brinquedos quebrados, espelhos estilhaçados, cartões postais nunca enviados, cartas jamais lidas — um desfile capenga dos esquecidos e abandonados. Seus olhos passeavam de um lado para outro sobre a exibição elaborada e não achavam um só objeto de valor no meio do lixo e das bugigangas. Mesmo assim, toda essa inconsequência havia sido arrumada com um cuidado meticuloso, de forma que nenhuma peça ocultava outra; e — agora que ele olhava com mais cuidado — via que cada artigo estava numerado, como se cada um tivesse seu lugar em algum sistema de catalogação de lixo. O pensamento de que isso tudo era coisa de Laura-May dava nós no seu estômago. A mulher estava claramente à beira da loucura.

— Esta é minha coleção — ela disse.

— Estou vendo — replicou ele.

— Coleciono desde os seis anos. — Ela foi até a penteadeira onde a maioria das mulheres que Earl havia conhecido teria exibido seus artigos de toalete. Mas ali estavam dispostos mais dos mesmos artigos inócuos. — Todo mundo deixa alguma coisa para trás, você sabe — Laura-May disse a Earl, apanhando uma tralha com o mesmo cuidado que outros poderiam ter com uma pedra preciosa, e examinando-a antes de recolocá-la em sua posição escolhida.

— É só isso? — perguntou Earl.

— É. Todo mundo. Mesmo que seja apenas um palito de fósforo ou um lenço de papel com marca de batom. A gente costumava ter uma garota mexicana, a Ofélia, que limpava os quartos quando eu era criança. Na verdade, tudo começou como um jogo com ela. Ela sempre me trazia algo que pertencesse aos hóspedes depois que eles iam embora. Quando ela morreu, eu mesma comecei a catar as coisas, sempre guardando algumas. Uma recordação.

Earl começou a apreender a poesia absurda do museu. No corpo certinho de Laura- May estava toda a ambição de um grande curador. Não era mera *arte* para ela; ela estava colecionando artigos de natureza mais íntima, sinais esquecidos de pessoas que haviam passado por ali e que, muito provavelmente, ela jamais veria novamente.

— Você tem tudo marcado — ele observou.

— Ah, sim — ela replicou. — Não seria de muita utilidade se eu não soubesse a quem isso tudo pertence, seria?

Earl supunha que não.

— Incrível — ele murmurou sinceramente. Ela sorriu para ele; ele suspeitava de que ela não mostrava a coleção a muitas pessoas. Sentia-se estranhamente honrado por estar ali.

— Eu tenho algumas coisas realmente de valor — ela disse, abrindo a gaveta do meio da penteadeira. — Coisas que eu não ponho em exibição.

— É? — ele perguntou.

A gaveta que ela abriu estava forrada com lenços de papel, que farfalharam quando ela retirou uma coleção de aquisições especiais. Um lenço sujo encontrado debaixo da cama de uma estrela de Hollywood morta tragicamente seis semanas depois de sua estada no Motel. Uma agulha de heroína abandonada com descuido por X; uma caixinha vazia de fósforos, que descobrira ser de um bar para homossexuais em Amarillo, descartada por Y. Os nomes que ela mencionara significavam pouco ou nada para Earl, mas ele participava do jogo, como sentia que ela queria, misturando exclamações de incredulidade com risadinhas educadas. O prazer

dela, alimentado pelo dele, crescia. Ela lhe mostrou todos os itens exibidos na gaveta da penteadeira, oferecendo uma anedota ou detalhe biográfico a cada um. Ao terminar, disse:

— Eu não fui muito honesta com você antes, quando disse que tudo começou com um jogo com Ofélia. Isso realmente veio depois.

— Então o que começou tudo? — ele perguntou.

Ela se agachou e destrancou a gaveta de baixo com uma chave que trazia numa corrente no pescoço. Só havia um artefato naquela gaveta; ela o ergueu de forma quase reverente, e levantou-se para mostrar a ele.

— O que é isto?

— Você me perguntou o que começou a coleção — ela disse — Foi isto. Eu achei, e nunca devolvi. Pode olhar se quiser.

Ela estendeu o prêmio para ele, e ele desembulhou o pano branco amarrotado em que o objeto havia sido embrulhado. Era uma arma. Uma Smith & Wesson calibre 38, em condições perfeitas. Ele só levou um momento para perceber a qual hóspede do motel aquele pedaço de história pertencera um dia.

— Aquela arma que Sadie Durning usou... — ele disse, pegando-a. — Estou certo?

Ela deu um sorriso de orelha a orelha.

— Achei-a nas moitas atrás do motel, antes que a polícia começasse a procurar por ela. Houve uma confusão dos diabos, você sabe, e ninguém olhava duas vezes pra mim. É claro que eles não tentaram procurá-la à luz do dia.

— Por que não?

— O tornado de 55 bateu logo no dia seguinte. Arrancou o telhado do motel; acabou com a escola. Muita gente morreu naquele ano. Tivemos funerais por semanas.

— Não interrogaram você?

— Eu mentia bem — ela replicou com grande satisfação.

— E nunca disse que estava com a arma? Todos esses anos?

Ela pareceu se ofender um pouco com a sugestão.

— Eles poderiam tomá-la de mim — disse.

— Mas era uma *prova*.

— Eles a executaram mesmo, não foi? — ela respondeu. — Sadie admitiu tudo desde o início. Não teria feito qualquer diferença se encontrassem ou não a arma do crime.

Earl virou a arma na mão. Tinha crostas de sujeira.

' — Isso é sangue — Laura-May o informou. — Ainda estava molhada quando a encontrei. Ela deve ter tocado o corpo de Buck, para ter certeza de que ele estava morto. Só usou duas balas. O resto ainda está aí.

Earl nunca gostara muito de armas, desde que o cunhado arrancara três dedos do pé num acidente. O pensamento de que a .38 ainda estava carregada o tornou ainda mais apreensivo. Colocou-a de volta no embrulho e dobrou o pano.

— Nunca vi nada parecido com este lugar — ele disse enquanto Laura-May se abaixava para pôr a arma de volta à gaveta.

— Você é uma mulher e tanto, sabia?

Ela olhou para ele. Sua mão deslizou lentamente pela frente da calça de Earl.

— Que bom que gostou do que viu — ela disse.

— Sadie...? Você vem pra cama ou não vem?

— Só quero terminar de ajeitar o cabelo.

— Você está de sujeira comigo. Esquece o cabelo e vem pra cá.

— Num minutinho.

— Merda!

— Você não está com pressa, está, Buck? Quero dizer, você não vai a parte alguma.

Ela viu o reflexo dele no espelho. O olhar que lhe dava era ácido.

— Acha engraçado, não acha?

— O *quê* é engraçado?

— O que aconteceu. Eu tomar um tiro. Você ganhar a cadeira elétrica. Isso lhe dá uma satisfação perversa.

Ela pensou nisso alguns minutos. Era a primeira vez que Buck havia demonstrado algum desejo real de falar a sério; ela queria responder com a verdade.

— Sim—ela disse, quando estava certa de que era a resposta.

— Sim, acho que isso me agradou, de uma forma esquisita.

— Eu *sabia* — disse Buck.

— Baixe a voz — Sadie cortou. — Ela vai nos ouvir.

— Ela saiu. Eu ouvi ela. E não mude de assunto — ele se virou e sentou na cama: a ferida parecia dolorosa, Sadie pensou.

— Doeu muito? — ela perguntou, virando-se para ele.

— Está brincando? — ele perguntou, mostrando o buraco para ela. — Parece o quê, esta porra?

— Pensei que fosse rápido. Não queria que sofresse.

— É verdade? — perguntou Buck.

— Claro. Eu te amava, Buck. Amava mesmo. Lembra das manchetes no dia seguinte?

— Não — ele respondeu. — Eu estava ocupado, lembra?

— *Motel Vira Matadouro do Amor*, era o que diziam. Havia fotos do quarto; do sangue no chão; e de você sendo levado sob um lençol.

— Meu momento mais famoso—ele disse amargo. — E meu rosto nem sequer apareceu.

— Nunca vou esquecer a frase. "*Matadouro do Amor!*" Eu achava romântico. Você não? — Buck grunhiu de desgosto. Mas Sadie continuou assim mesmo. — Recebi trezentas propostas de casamento enquanto estava no corredor da morte, já lhe contei isso?

— É mesmo? — Buck disse. — Eles iam visitar você? Deram-lhe algo dos bons tempos para afastar sua cabeça do grande dia?

— Não — Sadie respondeu com frieza.

— Você podia ter aproveitado. Eu teria.

— Disso eu tenho certeza — ela retrucou.

— Só de pensar eu já fico quente, Sadie. Por que é que você não vem e pega enquanto está quente?

— Viemos aqui para conversar, Buck.

— Já conversamos, pelo amor de Deus — ele disse. — Não quero falar mais. Agora venha cá. Você prometeu. — Ele esfregou o abdômen, e deu um sorriso torto para ela. Desculpe o sangue e essas coisas, mas não tenho culpa.

Sadie levantou-se.

— Agora você está sendo sensata — ele disse.

Quando Sadie Durning foi para a cama, Virgínia saiu da chuva. Seu rosto havia ficado mais frio, e os tranquilizantes que ela tomara estavam finalmente começando a acalmar seu sistema nervoso. No banheiro, John ainda estava rezando, a voz subindo e descendo. Foi até a mesa e olhou as anotações dele, mas as palavras apertadas umas nas outras não entravam em foco direito. Ela pegou os papéis para olhar mais perto. Quando fez isso ouviu um gemido na porta ao lado. Ela gelou. O gemido fez-se ouvir novamente, mais alto. Os papéis tremeram em suas mãos; ela conseguiu pô-los de volta à mesa, mas a voz veio uma terceira vez, e desta vez os papéis caíram no chão.

— Abre mais um pouquinho, porra... — disse a voz; as palavras, embora difusas, eram inconfundíveis; mais gemidos se seguiram. Virgínia disparou para a porta entre os quartos, a tremedeira que sentia nas mãos espalhando-se pelo resto do corpo. — Vamos brincar, vamos — disse a voz; e havia raiva nela. Cautelosamente, Virgínia olhou para o Quarto Oito, apoiando-se no batente da porta. Havia uma sombra na cama; ela se contorcia perturbada, como se tentasse se devorar. Ela ficou ali, paralisada, tentando conter um grito, enquanto mais sons elevavam-se das sombras. Desta vez não *uma* voz, mas duas. As palavras eram misturadas; em seu crescente pânico ela pouco entendia. Mas não conseguia dar as costas para a cena. Continuou olhando, tentando entender alguma coisa da configuração que mudava. Agora um punhado de palavras era inteligível; e com elas, um reconhecimento do que se passava na cama. Ouviu uma voz de mulher, protestando; agora ela até começava a ver a interlocutora, lutando debaixo de um parceiro que tentava prender-lhe os braços que se debatiam. Seus primeiros instintos a respeito da cena estavam corretos: era realmente alguém querendo devorar alguém.

Sadie olhou para o rosto de Buck. Aquele riso filho da puta havia retornado; fazia com que o dedo dela que apertara o gatilho coçasse. Foi para aquilo que ele retornara aquela noite. Não para conversar sobre sonhos fracassados: mas para humilhá-la como tantas vezes no passado, sussurrando obscenidades em seu pescoço

enquanto a prendia nos lençóis. O prazer que ele tirava de seu desconforto a fazia se contorcer.

— *Me solte!*— ela gritou, mais alto do que desejava.

Na porta, Virgínia disse:

— Deixe-a em paz.

— Temos plateia—Buck Durning sorriu, satisfeito pelo olhar alarmado de Virgínia. Sadie tirou proveito de sua distração. Deslizou o braço para fora do alcance dele e empurrou-o; ele rolou e caiu no chão com um grito. Ao levantar-se, ela olhou para a mulher imobilizada na porta; quanto Virgínia pôde ver ou ouvir? O bastante para saber que estavam ali?

Buck estava subindo pela cama na direção de sua assassina de outrora.

— Vamos lá — ele disse. — É só aquela moça maluca.

— Saia de perto de mim — Sadie avisou.

— Você não pode me machucar agora, mulher. Já estou morto, lembra? — O esforço dele havia aberto a ferida. Havia sangue espalhado por todo seu corpo; e sobre o dela também, agora ela percebia. Recuou na direção da porta. Não havia nada a ser resgatado ali. A pouca chance de reconciliação que houvera tinha se degenerado para uma farsa sangrenta. A única solução para toda aquela lamentável confusão era sair, e deixar a pobre Virgínia tirar a conclusão que pudesse do assunto. Quanto mais lutasse com Buck, pior a situação ficaria para os três.

— Onde você vai? — quis saber Buck.

— Embora — ela respondeu. — Para longe de você. Eu disse que te amava, Buck, não disse? Bom... talvez amasse. Mas agora estou curada.

— Piranha!

— Adeus, Buck. Tenha uma boa eternidade.

— *Piranha safada!*

Ela *não* respondeu aos seus insultos; simplesmente atravessou a porta e saiu noite adentro.

Virgínia viu a sombra passar pela porta fechada e agarrou-se aos farrapos de sua sanidade com dedos brancos de tanto esforço. Tinha de tirar aquelas aparições da cabeça o mais rápido possível, ou

sabia que enlouqueceria. Deu as costas ao Quarto Oito. O que precisava agora era de pílulas. Pegou a frasqueira, só para deixá-la cair novamente quando os dedos trêmulos se atrapalharam à procura dos vidros, depositando o conteúdo da frasqueira no chão. Um dos vidrinhos, que ela não fechara direito, abriu. Um sortimento multicolor de cápsulas rolou pelo tapete sujo em todas as direções. Ela se abaixou para apanhá-las. As lágrimas haviam começado a descer, cegando-a; ela tateava o chão o melhor que podia, juntando meio punhado em sua boca e tentando engoli-las a seco. O som de tambor da chuva no telhado agora era cada vez mais alto em sua cabeça; um som de trovão dava peso à percussão.

E então, a voz de John:

— *O que está fazendo, Virgínia?*

Ela levantou a cabeça, lágrimas nos olhos, uma mão carregada de pílulas parada perto dos lábios. Havia esquecido completamente o marido; as sombras e a chuva e as vozes haviam afastado todo pensamento dele da cabeça dela. Deixou as pílulas caírem de volta ao carpete. Seus braços tremiam; ela não tinha forças para se levantar.

— Eu... Eu... ouvi as vozes de novo — ela disse.

Os olhos dele pararam no conteúdo derramado da frasqueira e do vidro. O crime dela estava ali, espalhado, bem claro para ele. Era inútil tentar negar qualquer coisa; isso só o enfureceria ainda mais.

— Mulher — ele disse. — Não aprendeu sua lição?

Ela não respondeu. O trovão afogou as palavras seguintes do marido. Ele as repetiu, mais alto.

— Onde conseguiu as pílulas, Virgínia?

Ela balançou a cabeça, fraca.

— Earl novamente, suponho. Quem mais?

— Não — ela murmurou.

— Não minta para mim, Virgínia! — Ele elevava a voz para competir com a tempestade.—Você sabe que o Senhor ouve suas mentiras, assim como eu as ouço. E você está sendo *julgada*, Virgínia! *Julgada!*

— Por favor, me deixe em paz — ela implorou.

— Você está se envenenando.

— Eu *preciso* delas, John — ela lhe disse. — De verdade. — Ela não tinha energia para conter a raiva dele; e também não queria que ele lhe tomasse as pílulas. Mas do que valia protestar? Ele faria tudo do seu jeito, como sempre. Seria mais sábio desistir agora, e poupar a si mesma uma angústia desnecessária.

— Olhe para si mesma — ele disse. — Arrastando-se pelo chão.

— Não comece, John — ela replicou. — Você venceu. Pegue as pílulas. Vamos. *Pegue aspílulaé.*

Ele estava claramente desapontado pela rápida capitulação dela, como um ator se preparando para uma cena favorita apenas para encontrar as cortinas descidas prematuramente. Mas aproveitou o máximo do convite dela, pondo sua frásqueira na cama e apanhando os vidros.

— Isto é tudo? — ele quis saber.

— É — respondeu ela.

— Não serei enganado, Virgínia.

— *Isso é tudo!* — ela gritou de volta para ele. Então, com mais calma: — Juro... que é tudo.

— Earl vai pagar... Isso eu lhe prometo. Ele explorou sua fraqueza...

— Não!

— ... sua fraqueza e seu medo. O homem está a serviço de Satã, isso é óbvio.

— Não fale besteira! — ela disse, surpreendendo-se com a própria veemência. — Eu *pedia* ele que me fornecesse as pílulas. — Levantou-se com certa dificuldade. — Ele não queria desafiá-lo, John. Fui eu, o tempo todo.

Gyer balançou a cabeça.

— Não, Virgínia. Não vai salvá-lo. Não desta vez. Ele trabalhou para me subverter o tempo todo. Agora percebo isso. Trabalhou para macular minha cruzada por seu intermédio. Bem, agora vou ensinar a ele. Ah, se vou. Ah, *se vou.*

Ele subitamente virou-se e apanhou o punhado de vidros, jogando-os pela janela aberta, para a escuridão chuvosa lá fora. Virgínia viu-os voarem, e sentiu o coração afundar. Havia pouca e preciosa sanidade a se preservar numa noite como aquela — era

uma noite para se enlouquecer, não era?, com a chuva batendo em seu crânio e assassinato no ar — e agora o idiota havia jogado fora sua única chance de equilíbrio. Ele se virou para ela, expondo os dentes perfeitos.

— Quantas vezes tenho de lhe dizer?

Ao que parecia, não ia deixar que lhe roubassem a cena.

— Não estou ouvindo! — ela lhe disse, tampando os ouvidos com as mãos. Mesmo assim podia ouvir a chuva. — Eu *não vou* ouvir!

— Sou paciente, Virgínia — ele disse. — Nosso Senhor fará seu Julgamento quando a hora chegar. Agora, onde está Earl?

Ela balançou a cabeça. O trovão ribombou novamente; ela não tinha certeza se fora ou dentro.

— *Onde está ele?* — ele gritou com ela. — Foi buscar mais da mesma sujeira?

— Não! — ela devolveu o grito. — Não sei para onde ele foi.

— Reze, mulher — disse Gyer. — Ajoelhe-se e agradeça ao Senhor por eu estar aqui para protegê-la de Satã.

Contente por suas palavras constituírem uma ótima deixa para saída, ele partiu em busca de Earl, deixando Virgínia trêmula, mas curiosamente aliviada. Claro que ele estaria de volta. Haveria mais recriminações, e de sua parte, as lágrimas obrigatórias. Quanto a Earl, teria de se defender como pudesse. Ela desabou sobre a cama, e seus olhos borrados deram com as cápsulas que ainda estavam espalhadas pelo chão. Nem tudo estava perdido. Não havia mais que duas dúzias, mas era melhor do que nada. Enxugando os olhos com as costas da mão, tornou a se ajoelhar para recolher as pílulas. Ao fazer isso, percebeu que alguém a olhava. Não o evangelista, já de volta? Ela levantou a cabeça. A porta do quarto ainda estava escancarada, mas ele não estava lá. Seu coração pareceu falhar por um momento, quando ela se lembrou da sombra no quarto ao lado. Eram duas. Uma havia partido; mas a outra...?

Seus olhos deslizaram até a porta de ligação. Estava lá, uma mancha oleosa que assumira uma nova solidez desde a última vez em que a vira. Seria possível que a aparição estivesse ganhando definição, ou que ela a estivesse vendo com maiores detalhes? Era

claramente humana; e da mesma forma, aparentemente um homem. Estava olhando para ela, não tinha dúvidas. Podia até ver os olhos, quando se concentrava. A percepção tênue que ela tinha da existência daquilo estava crescendo; ganhava nova resolução a cada respiração trêmula.

Ela se levantou, muito devagar. A aparição deu um passo na direção da porta de ligação. Ela se moveu na direção da porta de saída, e a aparição moveu-se junto, deslizando com velocidade assustadora entre ela e a noite. O braço esticado dela roçou-lhe a forma esfumaçada, e, como se iluminada por um clarão de relâmpago, um retrato de corpo inteiro de seu obsessor apareceu subitamente à sua frente, para desaparecer no instante em que afastou a mão. Vira o bastante para ficar abalada. A visão era a de um homem morto; seu peito estava aberto, como por um tiro. Será que era sonho, que se infiltrava para dentro do mundo real? Pensou em chamar John, pedir-lhe que voltasse, mas isso significava aproximar-se novamente da porta e arriscar contato com a aparição. Ao invés disso ela deu um passo cauteloso para trás, recitando uma oração baixinho. Talvez John estivesse certo o tempo todo; talvez ela tivesse *realmente* convidado aquela loucura para sua vida com as mesmas cápsulas que ela agora esmagava com os pés. A aparição aproximou-se dela. Era sua imaginação ou havia aberto os braços, como se fosse abraçá-la?

Seu calcanhar agarrou na borda do cobertor. Antes que pudesse parar, estava caindo para trás. Bateu com os braços, buscando apoio. Mais uma vez fez contato com a coisa do sonho; mais uma vez o quadro horrível apareceu na sua frente. Mas dessa vez não desapareceu, porque a aparição agarrou sua mão e a apertava firme. Os dedos dela pareciam ter sido mergulhados em água gelada. Ela gritou que a soltasse, sacudindo o outro braço para empurrar seu atacante, mas a aparição simplesmente agarrou também.

Incapaz de resistir, ela o encarou. Não eram os olhos do Demônio que a olhavam — eram ligeiramente estúpidos, até mesmo cômicos — e embaixo uma boca fraca que apenas reforçava a impressão de burrice. Subitamente ela perdeu o medo. Aquilo não

era demônio. Era uma ilusão, provocada pela exaustão e pelas pílulas; não podia fazer-lhe mal algum. O único perigo ali era de que ela se machucasse nas tentativas de afastar as alucinações.

Buck sentiu que Virgínia estava perdendo a vontade de resistir.

— Isso é melhor — ele disse. — Você só quer relaxar um pouquinho, não quer, Ginnie?

Não tinha certeza se ela o ouvira, mas não importava. Ele podia fazer facilmente suas intenções claras. Deixando cair uma das mãos, ele correu a palma pelos seios dela. Ela suspirou, uma expressão espantada em seus lindos olhos, mas não fez esforço para resistir às atenções dele.

— Você não existe — ela disse simplesmente. — Você está apenas na minha cabeça, como disse John. As pílulas fizeram você. As pílulas provocaram isso tudo.

Buck deixou a mulher falar; deixou-a pensar o que quisesse, desde que isso a fizesse ceder.

— É isso, não é? — ela disse. — Você não é real, é?

Ele lhe deu um sorriso educado.

— Certamente — disse, apertando-a. — Sou apenas um sonho, só isso. — A resposta pareceu satisfazê-la. — Não precisa lutar contra mim, precisa? — ele perguntou. — Vou acabar antes que você perceba.

O escritório do gerente estava vazio. Do quarto atrás dele, Gyer ouviu o som de uma televisão. Logicamente Earl devia estar por perto. Ele havia deixado o quarto com a garota que lhe trouxera a água gelada, e eles certamente não estariam dando uma volta juntos num tempo daqueles. Os trovões haviam se aproximado nos últimos minutos. Agora estava quase sobre suas cabeças. Gyer gostava do ruído, e do espetáculo dos raios. Isso alimentava seu sendo de ocasião.

— Earl! — ele gritou, abrindo caminho escritório adentro, passando para a sala da televisão. O filme da madrugada estava chegando ao clímax, o som num volume ensurdecador. Uma criatura fantástica de alguma espécie estava transformando Tóquio em ruínas; cidadãos fugiam aos gritos. Dormindo numa cadeira em frente àquele Apocalipse de papel machê, estava um homem de

meia idade. Nem o trovão nem os gritos de Gyer o haviam perturbado. Um copo de bebida, que estava em seu colo, caíra e molhara suas calças. Aquela cena fedia a bourbon e depravação; Gyer anotou- a mentalmente para uso futuro no púlpito.

Um vento frio soprou do escritório. Gyer virou-se, esperando um visitante, mas não havia ninguém no escritório atrás dele. Ficou olhando para o espaço à sua frente. Por todo o caminho teve a impressão de estar sendo seguido, mas não havia ninguém em seu encalço. Cancelou suas suspeitas. Temores como aquele eram para mulheres e velhos, com medo do escuro. Ele deu um passo entre o bêbado sonolento e as ruínas de Tóquio, na direção da porta fechada mais adiante.

— Earl? — ele gritou. — Me responda!

Sadie viu Gyer abrir a porta e entrar na cozinha. Seu comportamento bombástico a espantou. Ela esperava que sua subespécie já estivesse extinta a essa altura: como aquele tipo de melodrama poderia ser crível nesta época sofisticada? Ela jamais gostara muito de gente de igreja, mas aquele exemplo era particularmente ofensivo; cheirava demais a malícia. Ele era irritadiço e imprevisível, e não ficaria satisfeito pela cena que o aguardava no quarto de Laura-May. Sadie já tinha estado lá. Vira os amantes por algum tempo, até que a paixão dos dois se tornara demais para ela e a levava para esfriar vendo a chuva. Agora, a aparição do evangelista a levava para o caminho que havia seguido antes, temerosa do que estava agora no ar, os eventos da noite não poderiam terminar bem. Na cozinha, Gyer gritava novamente. Ele se deliciava claramente com o som da própria voz.

— Earl! Está me ouvindo? Não serei enganado!

No quarto de Laura-May, Earl tentava fazer três coisas ao mesmo tempo. Primeiro, beijar a mulher com quem acabara de fazer amor; segundo, vestir as calças molhadas; e terceiro, inventar uma desculpa adequada para oferecer a Gyer se o evangelista chegasse à porta do quarto antes que alguma ilusão de inocência tivesse sido criada.

Mas não teve tempo de completar nenhuma das tarefas. Sua língua ainda estava enrascada na de Laura-May quando a fechadura

da porta foi forçada.

— Achei você!

Earl interrompeu o beijo e virou-se na direção da voz messiânica. Gyer estava de pé à porta, os cabelos molhados de chuva colados na cabeça como um capuz cinzento, o rosto brilhante de fúria. A luz jogada sobre ele, do abajur de seda ao lado da cama, o tornava massivo; o brilho em seu olhar de venha-a-nós-Senhor beirava o maníaco. Earl já o ouvira falar da fúria justa do grande homem da boca de Virgínia; móveis haviam sido quebrados no passado, e ossos quebrados.

— Não há fim para a sua iniquidade? — ele exigiu saber, as palavras saindo com calma enervante de seus lábios estreitos. Earl subiu as calças, os dedos nervosos procurando o zíper.

— Isso não é da sua conta... — ele começou, mas a fúria de Gyer pulverizou as palavras em sua língua.

Laura-May não se deixou levar tão fácil.

— Saia daqui — ela disse, puxando um lençol para cobrir os seios generosos. Earl olhou para ela; para os ombros macios que ele havia acabado de beijar. Queria beijá-los de novo agora, mas o homem de preto cruzou o quarto em quatro passos rápidos e o agarrou pelos cabelos e pelo braço. O movimento, no espaço confinado do quarto de Laura-May, teve o efeito de um pequeno terremoto. Peças de sua preciosa coleção desabaram das prateleiras e da penteadeira, uma mostra caindo atrás da outra, e umas do lado das outras, até que uma pequena avalanche de quinquilharias caiu no chão. Laura-May, entretanto, não teve olhos para qualquer possível dano; seus pensamentos estavam com o homem que partilhara tão docemente de sua cama. Podia ver a trepidação nos olhos de Earl quando o evangelista o arrastou para fora, e ela compartilhou disso.

— Solte ele! — disse num gritinho esganiçado, esquecendo a modéstia e saindo da cama. — Ele não fez nada de errado!

O evangelista fez uma pausa para responder, Earl lutando inutilmente para se libertar.

—O que você entende de erros, *vagabunda*?— Gyer cuspiu para ela. — Está mergulhada no pecado. Você e sua nudez, e sua

cama fedorenta.

A cama fedia, mas apenas a sabonete fino e amor recente. Ela não tinha por que se desculpar, e não ia deixar aquele bíblia intimidá-la.

— Vou chamar a polícia! — ela avisou. — Se não o soltar, vou chamar a polícia!

Gyer não se dignou a responder. Simplesmente arrastou Earl porta a fora. Laura-

May gritou:

— Agente firme, Earl. Vou buscar ajuda! — Seu amante não respondeu; estava ocupado demais impedindo que Gyer arrancasse seus cabelos pela raiz.

Às vezes, quando os dias eram longos e solitários, Laura-May sonhara com homens em negro, como o evangelista. Ela tinha imaginado que eles vinham antes de tornados, envoltos em poeira. Ela os imaginara soerguidos por eles — só um pouco contra a vontade — e levados para longe. Mas o homem que se deitara em sua cama aquela noite havia sido completamente diferente de seus amantes de momentos febris; ele havia sido bobo e vulnerável. Se fosse morrer nas mãos de um homem como Gyer — cuja imagem ela havia conjurado em seu desespero — ela jamais se perdoaria.

Ela ouviu seu pai dizer:

— O que está acontecendo? — na outra sala. Algo caiu e quebrou; talvez um prato, de cima do balcão, ou um copo, de seu colo. Ela rezou para que seu pai não tentasse atacar o evangelista: seria facilmente dominado se o fizesse. Ela voltou à cama para apanhar as roupas; estavam enroladas nos lençóis, e sua frustração crescia a cada segundo que perdia procurando por elas. Jogou os travesseiros de lado. Um aterrissou sobre a penteadeira; mais peças exóticas caíram no chão. Quando colocou as calcinhas, seu pai apareceu na porta. Seu rosto corado pelo álcool ficou ainda mais vermelho ao vê-la assim.

— O que esteve fazendo, Laura-May?

— Deixa pra lá, pai. Não há tempo para explicar.

— Mas há uns homens lá fora...

— Eu sei. Eu sei. Quero que ligue para o xerife de Panhandle. Entendeu?

— O que está acontecendo?

— Não importa. Chame o Alvin, e rápido, ou vamos ter outro assassinato nas mãos.

O pensamento de uma chacina galvanizou Milton Cade. Ele desapareceu, deixando a filha terminar de se vestir. Laura-May sabia que numa noite daquelas Alvin Baker e seu assistente podiam demorar a vir. Enquanto isso, só Deus sabia o que o pregador maluco seria capaz de fazer.

Da porta, Sadie via a mulher se vestir. Laura-May era uma criatura sem nada demais, pelo menos para o olho crítico de Sadie, e sua pele branca a fazia parecer vã e insubstancial, apesar de sua figura cheinha. Mas também, pensou Sadie, quem sou eu para reclamar de falta de substância?; olhem só pra mim. E pela primeira vez em trinta anos desde a sua morte, ela sentiu saudade de ter um corpo. Em parte porque invejava o êxtase de Laura-May com Earl, e em parte porque estava louca para ter um papel no drama que rapidamente se desenrolava ao seu redor.

Na cozinha, um abruptamente sóbrio Milton Cade falava aos borbotões no telefone, tentando motivar as pessoas em Panhandle, enquanto Laura-May, que tinha acabado de se vestir, destrancou a gaveta do fundo de sua penteadeira e procurava alguma coisa. Sadie espiou por cima do ombro da mulher para descobrir que era o troféu, e seus cabelos se arrepiaram de emoção quando os olhos bateram na .38. Então foi Laura-May quem achou a arma; a menininha sapeca de seis anos que corria a calçada de um lado para o outro naquela noite há trinta anos, brincando sozinha e cantando canções no ar parado e quente.

Sadie ficou deliciada ao ver novamente a arma do crime. Talvez, ela pensou, eu *tenha* deixado um sinal meu para ajudar a definir o futuro; talvez eu *seja* mais do que uma manchete num jornal amarelado, e uma memória que está desaparecendo na cabeça dos idosos. Ela viu com novos e ansiosos olhos Laura-May calçar uns sapatos e se dirigir para a tempestade lá fora.

Virgínia estava sentada encolhida contra a parede do Quarto Sete, e olhava para a figura recostada no batente do outro lado. Ela deixara a ilusão que havia conjurado fazer o que quisesse com ela; e nunca em seus quarenta e tantos anos ouvira tantas promessas de depravação. Mas embora a sombra tivesse vindo a ela várias vezes, pressionando seu corpo frio contra o dela, a boca mole contra a dela, não conseguira levar a cabo um só ato de violação. Três vezes tentara; três vezes as palavras urgentes sussurradas em seu ouvido não se cumpriram. Agora a sombra guardava a porta, preparando-se, ela achava, para outra investida. Seu rosto estava claro o bastante para que ela pudesse ler a surpresa e a vergonha nas feições dele. Ele a via, ela pensava, pensando em assassinato.

Do lado de fora, ouviu a voz do marido sobre o ruído do trovão, e também a voz de Earl, elevada em protesto. Havia uma discussão acalorada ocorrendo, isso era claro. Ela subiu apoiada na parede, tentando discernir as palavras; a ilusão a observava parada.

— Você falhou — ela lhe disse.

Ela não respondeu.

— Você é apenas sonho meu; e você falhou.

Ela abriu a boca e mexeu a língua pálida. Ela não entendia por que a sombra não havia evaporado; mas talvez fosse acompanhá-la até que as pílulas fizessem efeito em seu sistema nervoso. Não importava. Ela havia suportado o pior que aquilo poderia oferecer; agora, no devido tempo, certamente a deixaria em paz. Seus estupros seguidos o deixaram sem poder sobre ela.

Ela foi até a porta, agora sem medo. A sombra saiu de sua posição agachada.

— Aonde vai? — exigiu saber.

— Lá fora — ela respondeu. — Ajudar Earl.

— Não — disse-lhe a sombra. — Não acabei com você.

— Você é só um fantasma — ela retorquiu. — Não pode me deter.

Ele ofereceu um sorriso que era oitenta por cento malícia, vinte por cento charme.

— Está errada, Virgínia — disse Buck. Não havia por que enganar mais a mulher; ele já tinha se cansado desse jogo. E talvez

não tivesse conseguido nada porque ela se entregara fácil demais, acreditando que ele era algum pesadelo inócuo.—Não sou ilusão, mulher—ele disse. — *Eu sou Buck Durning*. — Ela franziu a testa para a criatura tremeluzente. Será que sua psique estava lhe pregando uma nova peça?—Há trinta anos fui morto neste mesmo quarto. Bem onde você está pisando.

Instintivamente, Virgínia olhou o carpete sob seus pés, quase esperando que as manchas de sangue ainda estivessem ali.

— Voltamos hoje, eu e Sadie — continuou o fantasma. — Estada de uma noite no *Matadouro do Amor*. É como chamaram este lugar, sabia? As pessoas costumavam vir aqui de todas as partes, só para dar uma olhada neste mesmo quarto; só para ver onde Sadie Durning matou a tiros o marido Buck. Pessoas doentes, Virgínia, não acha? Mais interessadas no assassinato que no amor. Eu não... Sempre gostei do amor, sabia? Quase a única coisa em que tenho talento, na verdade.

— Você mentiu para mim — ela disse. — Você me *usou*.

— Ainda não acabei — Buck prometeu. — Na verdade, mal comecei.

Foi na direção dela, mas ela estava preparada para ele dessa vez. Quando ele a tocou, e a fumaça fez-se carne novamente, ela deu um soco nele. Buck moveu-se para evitá-lo, e ela se desviou dele na direção da porta. Seus cabelos soltos batiam nos olhos, mas ela virtualmente se atirou na direção da liberdade. Uma mão enevoada tentou agarrá-la, mas era tênue demais, e escorregou.

— Estarei esperando — Buck gritou para ela quando saiu cambaleante pela calçada e na chuva.—Está me ouvindo, piranha? *Eu estarei esperando!*

Ele não ia se humilhar com uma perseguição. Ela teria de voltar, não teria? E ele, invisível a todos menos à mulher, podia se dar ao luxo de esperar. Se ela disse aos seus companheiros o que vira, a chamariam de louca; talvez a trancassem num lugar onde ele a pudesse ter toda para si. Não, ele havia vencido. Ela voltaria encharcada até a pele, o vestido colado em meia dúzia de lugares; talvez com pânico; cheia de lágrimas; fraca demais para resistir a

suas tentativas. E então a música ia tocar. Ah, ia. Até que ela lhe implorasse para parar.

Sadie acompanhou Laura-May até o lado de fora.

— Para onde está indo? — Milton perguntou à filha, mas ela não respondeu. — Jesus! — ele gritou quando ela passou, registrando o que vira. — Onde é que você conseguiu essa arma, diabos?

A chuva era torrencial; batia no chão, nas últimas folhas do algodoeiro, no telhado, na cabeça. Emplastrou os cabelos de Laura-May em segundos, na testa e na nuca.

— Earl?—ela gritou.—Onde está você? *Earl?*— Ela começou a correr pelo estacionamento, gritando seu nome enquanto passava. A chuva transformara a poeira numa grossa lama marrom; ela chapinhava contra as suas pernas. Foi ao outro prédio. Vários hóspedes, já acordados pelos gritos de Gyer, a viam de suas janelas. Várias portas estavam abertas; um homem, de pé na calçada com uma lata de cerveja na mão, exigia saber o que se passava.—Todo mundo correndo por aí feito doido — ele disse. — Toda essa gritaria. Viemos aqui em busca de alguma privacidade, pelo amor de Deus. — Uma garota, tranquilamente uns vinte anos mais nova, emergiu do quarto atrás dele. — Ela tem uma arma, Dwayne — disse. — Está vendo?

— Aonde eles foram? — Laura-May perguntou ao bebedor de cerveja.

— Quem? — perguntou Dwayne.

— *Os doidos!* — Laura-May gritou de volta, por sobre o barulho de outro trovão.

— Deram a volta pelo escritório — disse Dwayne, os olhos na arma ao invés de em Laura-May.—Não estão aqui. Não mesmo.

Laura-May correu para o escritório. A chuva e os raios não a deixavam enxergar, e ela tinha dificuldade de manter o equilíbrio no pantanal que tinha embaixo dos pés.

— Earl? — ela gritou. — Está aí?

Sadie acertou o passo com o dela. A garota Cade tinha cabelinho nas ventas, não havia dúvida, mas havia uma ponta de histeria em sua voz que Sadie não gostou muito. Esse tipo de

negócio (assassinato) exigia distanciamento. O truque era fazê-lo de forma quase casual, como quem desliga um rádio ou mata um mosquito. Pânico só pioraria as coisas; paixão também. Ora, quando ela apontou aquele 38 para Buck não havia raiva que lhe prejudicasse a pontaria, nem um traço. Na análise final, foi por isso que a mandaram para a cadeira elétrica. Não por fazer aquilo, mas por fazê-lo tão bem.

Laura-May não era tão fria. Sua respiração estava entrecortada, e pela maneira que ela gritava soluçando o nome de Earl enquanto corria, estava claro que ela beirava um ataque de nervos. Deu a volta no escritório, onde o sinal do motel jogava uma luz fria no terreno desolado, e daquela vez, quando chamou por Earl, *houve* um grito de resposta. Ela parou, tentando olhar através do véu de chuva. Era a voz de Earl, como ela esperava, mas não falava com ela.

— Filho da puta! — ele gritava. — Está maluco. Me deixe em paz!

Agora ela podia ver duas figuras a distância. Earl, o torso grande coberto de lama, estava de joelhos entre os arbustos. Gyer, de pé em cima dele, as mãos na cabeça de Earl, pressionando-a na terra.

— Admita seu crime, pecador!

— Merda, *não!*

— Você veio para destruir minha cruzada. Admita! Admita!

— Vá para o Inferno!

— Confesse sua cumplicidade, ou quebro cada osso do seu corpo!

Earl lutou para se livrar de Gyer, mas o evangelista era facilmente o mais forte dos dois.

— Reze! — ele disse, pressionando o rosto de Earl na lama. — Reze!

— Vá se foder — Earl gritou de volta.

Gyer arrastou a cabeça de Earl pelos cabelos, sua outra mão levantada para desferir um soco no rosto virado para cima. Mas antes que pudesse bater, Laura-May entrou em cena, com três ou quatro passos na lama na direção deles, a .38 nas mãos trêmulas.

— Saia de perto dele — ela exigiu.

Sadie notou calmamente que o objetivo da mulher não era tudo o que podia ser. Mesmo no tempo claro ela provavelmente não tinha pontaria certa: mas ali, sob tensão, numa tempestade daquelas, quem senão o atirador mais experiente poderia garantir o resultado? Gyer virou-se e olhou para Laura-May. Não mostrou um pingão de preocupação. Ele é feito do mesmo calculismo que eu, Sadie pensou; sabe muito bem as chances reduzidas que tem de sair ferido.

— *A prostituta!* — Gyer anunciou, virando os olhos para cima. Está vendo ela, Senhor? Vês sua vergonha, sua depravação? Marque-a! Ela é uma da corte de Babilônia!

Laura-May não entendeu os detalhes, mas a orientação geral da explosão de Gyer era perfeitamente clara.

— Não sou prostituta! — ela gritou de volta, o .38 quase saltando em sua mão como se estivesse ansioso para ser disparado. — Não *ouse* me chamar de prostituta!

— Por favor, Laura-May... — disse Earl, lutando com Gyer para conseguir olhar a mulher. — ... saia daqui. Ele perdeu a cabeça.

Ela ignorou a ordem.

— Se não o soltar... — ela disse, apontando a arma para o homem de preto.

— Sim? — Gyer a tentava. — O que vai fazer, *prostituta*?

— Eu atiro! *Juro!* Eu atiro.

Do outro lado do prédio do escritório, Virgínia avistou um dos vidros de pílulas que Gyer havia jogado na lama. Parou para apanhá-lo, mas pensou melhor. Não precisava mais de pílulas, precisava? Falara com um morto; o próprio toque dela tornara Buck Durning visível a seus olhos. Que habilidade! Suas visões eram reais, e sempre haviam sido; mais reais que as revelações de segunda mão que o coitado de seu marido podia balbuciar. O que pílulas podiam fazer senão abafar esse talento recém-descoberto? Elas que ficassem no chão.

Vários hóspedes já tinham vestido casacos e emergiram dos quartos para ver que confusão toda era aquela.

— Houve algum acidente? — uma mulher gritou para Virgínia. Assim que as palavras deixaram seus lábios, um tiro ecoou.

—John! — disse Virgínia.

Antes que os ecos do tiro morressem ela estava se dirigindo para a fonte. Já imaginava o que iria encontrar lá; seu marido estirado no chão; o assassino triunfante passando sebo nas canelas enlameadas. Acelerou o passo, uma prece na boca enquanto corria. Não rezava para que a cena que imaginara não tivesse acontecido; mas para que Deus a perdoasse por querer que fosse verdade.

A cena que ela viu do outro lado do prédio confundiu todas as suas expectativas. O evangelista não estava morto. Estava de pé, intocado. Era Earl quem jazia estendido sobre o terreno cheio de arbustos. Perto estava a mulher que servira a água gelada horas antes; tinha uma arma na mão. A arma ainda fumegava. Quando os olhos de Virgínia repousavam sobre Laura-May, uma figura atravessou a chuva e derrubou a arma da mão da mulher. Ela caiu ao chão. Virgínia acompanhou a queda. Laura-May parecia surpresa; claramente não entendia como derrubara a arma. Mas Virgínia sabia. Podia ver o fantasma, ainda que de relance, e adivinhou sua identidade. Certamente era Sadie Durning, a mulher cuja coragem batizara aquele estabelecimento como o *Matadouro do Amor*.

Os olhos de Laura-May acharam Earl; ela deixou escapar um grito de horror, e correu em sua direção.

— Não morra, Earl. Por favor, não morra!

Earl levantou a cabeça do banho de lama que tomara e balançou-a.

— Errou por um quilômetro — ele disse.

Ao seu lado, Gyer havia caído de joelhos, mãos postas, rosto voltado para a chuva que caía.

— Oh, Senhor, obrigado por preservar este teu instrumento, nessa hora de necessidade...

Virgínia tampou os ouvidos para a ladainha idiota. Aquele era o homem que a convencera tão profundamente de que tinha ilusões que se entregara a Buck Durning. Bem, *nunca mais*. Ela havia sido aterrorizada o bastante. Vira Sadie agir sobre o mundo real; sentira Buck fazer o mesmo. Agora estava mais do que na hora de inverter o procedimento. Caminhou a passos firmes até onde o .38 jazia sobre a grama, e pegou-o.

Ao fazer isso, sentiu a presença de Sadie Durning por perto. Uma voz, tão suave que ela mal a ouviu, disse:

— Será que isso é certo? — no seu ouvido. Virgínia não sabia responder essa pergunta. O que era sabedoria, de qualquer maneira? Não a retórica vazia de profetas mortos. Talvez sabedoria fosse Laura-May e Earl, abraçados na lama, sem ligar para as preces que Gyer gritava, ou para os olhares dos hóspedes que vieram correndo para saber quem morrera. Ou talvez sabedoria fosse encontrar o câncer em sua vida e extirpá-lo de uma vez por todas. Arma na mão, ela voltou para o Quarto Sete, sabendo que a presença benigna de Sadie Durning caminhava ao seu lado.

— É o Buck...? — Sadie sussurrou. — ...claro que não.

— Ele me atacou — disse Virgínia.

— Pobre coitada.

— Não sou coitada — replicou Virgínia. — Não mais.

Percebendo que a mulher estava perfeitamente em controle de seu destino, Sadie ficou para trás, temerosa de que sua presença pudesse alertar Buck. Viu Virgínia cruzar o estacionamento, passar pelo algodoeiro e entrar no quarto onde seu carrasco disse que estaria esperando. As luzes ainda estavam acesas, brilhantes depois da escuridão azul lá fora. Não havia sinal de Durning. Virgínia foi até a porta de ligação. O Quarto Oito também estava deserto. Então, a voz familiar:

— Você voltou — disse Buck.

Ela girou nos calcanhares, escondendo a arma dele. Ele saíra do banheiro e estava entre ela e a porta.

— Sabia que você ia voltar—ele disse.—Elas sempre voltam.

— Quero que você se mostre — disse Virgínia.

— Estou nu como um bebê — disse Buck.—O que quer que eu faça? Tire a pele? Seria divertido.

— Mostre-se a John, meu marido. Faça com que ele veja seu erro.

— Ah, coitadinho do John. Não acho que ele queira me ver, acha?

— Ele acha que sou louca.

— A loucura pode ser muito útil — Buck sorriu sarcástico. — Quase salvaram Sadie da cadeira elétrica alegando insanidade. Mas ela era honesta demais. Não parava de dizer a eles: "Eu queria ele morto. Então o matei." Nunca teve muita cabeça. Mas você... agora, eu acho que *você* sabe o que é melhor para você.

A forma sombria mudou. Virgínia não conseguia ver o que Durning estava fazendo consigo mesmo, mas era inequivocamente obsceno.

— Venha cá, Virgínia — ele disse. — O zezinho está de pé. Ela tirou a ,38 das costas e apontou-a para ele.

— Desta vez não — ela disse.

— Não pode me fazer mal algum com isso — ele replicou. Já estou morto, esqueceu?

— *Você me machucou*. Por que eu não poderia machucá-lo também?

Buck balançou a cabeça etérea, deixando sair uma gargalhada baixinha. Nesse momento, o uivo das sirenes da polícia fez-se ouvir na estrada.

— Ora vejam só! — disse Buck. — Está a maior confusão da paróquia. É melhor a gente se deitar pra brincar um pouquinho, amor, antes que alguém venha interromper.

— Estou avisando, é a arma de Sadie...

—Você não ia me machucar—murmurou Buck.—Conheço vocês, mulheres. Vocês dizem uma coisa mas querem dizer o oposto.

Deu um passo na direção dela, gargalhando.

— Não — ela avisou.

Ele deu outro passo, e ela puxou o gatilho. Pouco antes ouvir o som, e sentir a arma pular de sua mão, viu John aparecer na porta. Estivera ali o tempo todo, ou havia saído da chuva, preces feitas, para ler o Apocalipse a sua mulher errante? Jamais saberia. A bala atravessou Buck, dividindo o corpo de fumaça ao passar, e disparou com perfeita precisão na direção do evangelista. Ele não viu. Atingiu-o na garganta, e o sangue veio rápido, encharcando a camisa. A forma de Buck dissolveu-se como poeira, e ele sumiu.

Subitamente não havia nada no Quarto Sete a não ser Virgínia, seu marido moribundo e o barulho da chuva.

John Gyer franziu a testa para Virgínia, e então estendeu a mão para a moldura da porta para apoiar seu peso considerável. Não conseguiu, e caiu para trás como uma estátua derrubada, rosto lavado pela chuva. O sangue não parou de sair. Jorrou copiosamente; e ainda estava jorrando quando Alvin Baker e seu assistente chegaram do lado de fora do quarto, armas engatilhadas.

Agora seu marido jamais saberia, ela pensou; que pena. Jamais poderia agora admitir sua estupidez e arrepende-se de sua arrogância. Pelo menos não deste lado do túmulo. Ele estava *a salvo*, maldito, e ela ficara com uma arma fumegante na mão e Deus sabia que preço a pagar.

— Ponha a arma no chão e saia daí! — A voz que vinha do estacionamento soava dura e distante.

Virgínia não respondeu.

— Você aí dentro, me ouviu? Aqui é o Xerife Baker. O lugar está cercado, então saia ou morrerá.

Virgínia sentou-se na cama e pesou as alternativas. Não a executariam pelo que fizera, como aconteceu a Sadie. Mas ficaria na cadeia por um longo tempo, e estava cansada de regimes. Se não estava louca agora, a prisão a jogaria além do abismo. Melhor terminar por aqui, ela pensou. Pôs a .38 quente sob o queixo, colocando-o de modo *a* ter certeza de que o tiro arrancaria o topo do crânio.

— É o que quer? — perguntou Sadie, quando o dedo de Virgínia ficou rígido.

— Vão me prender — ela replicou. — Não posso enfrentar isso.

— É verdade—disse Sadie. — Vão pôr você atrás das grades por algum tempo. Mas não será muito.

— Deve estar brincando. Acabei de matar meu marido a sangue frio.

— Você não queria—Sadie disse alegre.—Estava apontando para Buck.

— Estava mesmo? — perguntou Virgínia. — Tenho minhas dúvidas.

— Você pode alegar insanidade, como eu deveria ter feito. É só inventar a história mais absurda e não desmenti-la.—Virgínia balançou a cabeça; nunca fora de contar mentiras. — E quando for libertada — Sadie continuou — será famosa. Vale a pena viver por isso, não vale?

Virgínia não tinha pensado nisso. O fantasma de um sorriso iluminava seu rosto. Do lado de fora, o Xerife Baker repetia sua exigência de que ela jogasse a arma pela porta e saísse com as mãos para cima.

— Tem dez segundos, moça — ele disse. — Eu disse *dez*.

— Não posso enfrentar a humilhação — murmurou Virgínia. — *Não consigo*.

Sadie deu de ombros.

— Pena — ela disse. — A chuva está passando. Tem até uma lua.

— Uma lua? Mesmo? Baker começara a contar.

—Tem de se decidir—disse Sadie.—Vão atirar em você se tiverem chance. E com prazer.

Baker havia chegado a oito. Virgínia levantou-se.

— *Pare*— ela gritou pela porta.

Baker parou de contar. Virgínia atirou a arma. Foi parar na lama.

— Ótimo — disse Sadie. — Fico satisfeita.

— Não posso ir sozinha — replicou Virgínia.

— Não precisa.

Uma plateia considerável havia se reunido no estacionamento; Earl e Laura-May, claro; Milton Cade, Dwayne e sua garota, Xerife Baker e seu assistente, uma série de hóspedes do hotel. Ficaram num silêncio respeitoso, olhando para Virgínia Gyer com expressões que traíam espanto e medo.

— Ponha as mãos onde eu possa vê-las! — disse Baker. Virgínia fez conforme ele mandou.

— Olhe — disse Sadie, apontando para cima. A lua estava alta, grande e branca.

— Por que matou ele? — perguntou a garota de Dwayne.

— O Demônio me mandou fazer isso — respondeu Virgínia, olhando para a lua e pondo no rosto o sorriso mais enlouquecido que pôde.

VADE RETRO, SATANÁS!

As circunstâncias haviam tornado Gregorius rico para além de todos os cálculos. Ele possuía frotas e palácios; garanhões; cidades. Na verdade, tantas coisas ele possuía que aqueles finalmente encarregados de enumerar suas posses — quando os eventos contados nesta história chegaram à sua monstruosa conclusão — que às vezes parecia ser mais rápido citar os itens que Gregorius não tinha.

Rico ele era; mas nem um pouco feliz. Sua criação fora católica, e em sua juventude — antes da conquista estonteantemente rápida de sua fortuna — ele encontrava consolo em sua fé. Mas a negligenciara, e foi somente aos cinquenta e cinco anos de idade, com o mundo a seus pés, que uma noite ele acordou e se descobriu sem Deus.

Foi um golpe tremendo, mas ele imediatamente tomou providências para transformar sua perda em lucro. Foi à Roma, e conversou com o Supremo Pontífice; orou noite e dia; fundou seminários e colônias para leprosos. Deus, entretanto, recusou-se a mostrar sequer a unha do pé. Ao que parecia, Gregorius havia sido esquecido.

Quase em desespero, ele meteu na cabeça que sô poderia conseguir seu objetivo e retornar aos braços do Senhor se pusesse sua alma em risco direto. A ideia tinha lá algum mérito. Suponha, ele pensou, que eu pudesse arranjar um encontro com Satã, o Demônio; ao me ver *in extremis*, Deus não seria obrigado a entrar em cena e me trazer de volta entre as dobras de Seu manto?

Era um bom plano, mas como ele poderia realizá-lo? O Demônio não viria com uma simples ligação telefônica, mesmo para um magnata como Gregorius, e seus pesquisadores logo provaram

que todos os métodos tradicionais de invocar o Senhor dos Vermes — a negação dos Sacramentos, o sacrifício de bebês — não eram mais eficazes que suas boas obras para provocar Javé. Somente após um ano de deliberação ele finalmente divisou seu plano-mestre. Faria construir um Inferno na Terra: um inferno moderno, tão monstruoso que o Tentador seria tentado, e andaria por lá como um pássaro cuco num ninho roubado.

Correu céus e terra à procura de um arquiteto, e encontrou, delirando num hospício nos arredores de Florença, um homem chamado Leopardo, cujos planos para os palácios de Mussolini tinham uma grandeza lunática que se adequava perfeitamente ao projeto de Gregorius. Leopardo foi retirado de sua cela—um velho encarquilhado e fedorento—e recebeu de volta seus sonhos. Seu gênio para o prodigioso não o havia abandonado.

Para dar forças à sua invenção, as grandes bibliotecas do mundo foram vasculhadas em busca de descrições do Inferno, tanto seculares quanto metafísicas; cofres de museus foram saqueados para se conseguir imagens proibidas de martírios. Nenhuma pedra era deixada em pé se houvesse suspeitas de algo perverso oculto por baixo.

Os desenhos terminados deviam algo a Sade e Dante, e algo mais a Freud e Kraft- Ebbing, mas também havia muita coisa ali que nenhuma mente concebera antes, ou pelo menos jamais se atrevera a colocar no papel.

Foi escolhido um lugar no norte da África, e o trabalho no Novo Inferno de Gregorius começou. Tudo no projeto bateu recordes. Suas fundações eram mais vastas, suas paredes mais espessas, seu encanamento mais elaborado do que qualquer construção já feita. Gregorius observou os lentos trabalhos de construção com um entusiasmo que não provava desde seus primeiros anos de construção do próprio império. Escusado dizer que todos pensavam que ele havia enlouquecido. Amigos de anos recusavam-se a falar com ele; várias de suas empresas entraram em colapso quando os investidores se amedrontaram com as notícias de sua insanidade. Ele não ligava. Seu plano não podia falhar. O Demônio seria tentado a vir, ainda que só por curiosidade, para ver

aquele Leviatã construído em seu nome, e quando o fizesse Gregorius estaria esperando.

O trabalho levou quatro anos, e a maior parte da fortuna de Gregorius. O edifício acabado era do tamanho de seis catedrais, e orgulhava-se de possuir todas as instalações que o Anjo do Abismo pudesse desejar. Fogueiras queimavam atrás de suas paredes, de forma que andar em muitos dos corredores era uma agonia quase insuportável. Os quartos fora desses corredores eram mobiliados com cada mecanismo imaginável de tortura — a agulha, a roda, as trevas — para que o gênio dos torturadores de Satã pudesse ser usado à larga. Havia fornos grandes o bastante para cremar famílias; poços fundos o suficientes para afogar gerações. O Novo Inferno era uma etrocidade esperando para acontecer; uma celebração de desumanidade que só não tinha cumprido o objetivo primordial.

Os construtores retiraram-se, e deram graças. Correria entre eles o rumor de que Satã observara a construção de seu reduto. Alguns chegaram a afirmar que o viram de relance nos níveis mais profundos, onde o frio era tão grande que congelava a urina na bexiga. Surgiram algumas evidências que apoiavam a crença em presenças sobrenaturais convergindo para o edifício perto de sua finalização, das quais a menor não foi a morte cruel de Leopardo, que havia se atirado — ou, retrucavam os supersticiosos — fora jogado pela janela do sexto andar do seu quarto de hotel. Foi enterrado com a devida extravagância.

Então agora, sozinho no Inferno, Gregorius esperava.

Não teve que esperar muito. Estava lá há um dia, não mais, quando ouviu ruídos que vinham nos níveis profundos. Fervilhando de antecipação, correu em busca da fonte dos ruídos, mas achou apenas o borbulhar dos banhos de excremento e o chocalhar dos fornos. Voltou à sua suíte de câmaras no nono nível, e esperou. Os ruídos tornaram a aparecer; ele tornou a procurar sua fonte; e tornou a voltar desapontado.

Entretanto, as perturbações não o abandonaram. Nos dias que se seguiram, mal se passavam dez minutos sem que ele ouvisse algum sinal de ocupação. O Príncipe das Trevas estava ali, Gregorius não podia ter a menor dúvida, mas estava se mantendo nas

sombras. Gregorius estava contente em jogar aquele jogo. Era a festa do Demônio, afinal de contas. E ele podia fazer o que quisesse.

Mas, durante os longos e muitas vezes solitários meses que se seguiram, Gregorius cansou-se daquele esconde-esconde, e começou a exigir que Satã se revelasse. Sua voz ecoava sem resposta pelos corredores desertos, entretanto, até ferir a garganta de tantos gritos. A partir daí ele passou a fazer sua perseguição de mansinho, esperando pegar seu inquilino desprevenido. Mas o Anjo Apóstata sempre escapava antes que Gregorius pudesse sequer olhá-lo.

Jogariam um jogo perdido, ao que parecia, ele e Satã, caçando um o rabo do outro através de fogo e gelo e fogo novamente. Gregorius pediu paciência a si mesmo. O Demônio viera, não viera? Não era dele aquela marca de dedos sobre a maçaneta da porta; as pegadas nas escadas? Mais cedo ou mais tarde a Besta- Fera mostraria sua cara, e Gregorius cuspiria nela.

O mundo lá fora seguia seu caminho, e Gregorius estava consignado à companhia de outros reclusos que foram arruinados pela riqueza. Sua Loucura, como era conhecida, não ficara inteiramente sem visitantes, no entanto. Havia uns poucos que o amaram demais para esquecê-lo — e também uns poucos que lucraram com ele, e esperavam transformar sua insanidade em mais lucros futuros — que se atreviam a passar pelos portais do Novo Inferno. Esses visitantes faziam a viagem sem anunciar suas intenções, temendo a desaprovação de seus amigos. As investigações dos desaparecimentos subsequentes jamais alcançavam o norte da África.

E, em sua Loucura, Gregorius ainda caçava a Serpente, e a Serpente ainda o iludia, deixando apenas mais e mais terríveis sinais de sua ocupação à medida que os meses passavam.

Foi a esposa de um dos visitantes desaparecidos que finalmente descobriu a verdade, e alertou as autoridades. A Loucura de Gregorius foi posta sob vigilância, e por fim — cerca de três anos após o término de sua construção—um quarteto de policiais teve a coragem de passar pelos umbrais.

Sem manutenção, a Loucura começara a deteriorar-se de forma horrível. As luzes haviam falhado em muitos dos níveis; suas

paredes haviam esfriado, seus poços de piche solidificados. Mas à medida que os policiais avançavam pelos salões sombrios em busca de Gregorius, deram com muitas evidências de que, apesar de sua condição de decrepitude, o Novo Inferno estava funcionando bem. Havia corpos nos fornos, seus rostos enegrecidos e deformados; havia restos humanos sentados e amarrados em muitos dos quartos, abertos, espetados, cortados até a morte.

O terror dos investigadores crescia a cada porta forçada, a cada nova abominação em que seus olhos febris batiam.

Dois dos quatro que atravessaram os umbrais jamais alcançaram a câmara em seu centro. O terror tomou conta deles no meio do caminho, e eles fugiram correndo, apenas para serem atacados de surpresa em algum corredor estreito e se juntarem às centenas que haviam perecido na Loucura desde que Satã havia ali se instalado.

Da dupla que finalmente achou o culpado, apenas um teve coragem bastante para contar sua história, embora as cenas que enfrentara no coração da Loucura fossem quase terríveis demais para contar.

Não havia sinal de Satã, claro. Só havia Gregorius. O construtor-mestre, não achando ninguém para habitar a casa que erguera com tanto suor, ocupara-a ele próprio. Tinha consigo alguns discípulos que havia arregimentado ao longo dos anos. Eles, à sua semelhança, pareciam criaturas fantásticas. Mas não havia um aparelho de tortura no prédio de que não tivessem feito total e impiedoso uso.

Gregorius não resistiu à prisão; na verdade, parecia satisfeito em ter uma plataforma da qual pudesse se vangloriar de suas carnificinas. Naquele momento, e mais tarde em seu julgamento, ele falou livremente de sua ambição e seu apetite; e de como derramaria *muito mais* sangue se o pusessem em liberdade. O bastante para afogar toda crença e suas ilusões, ele jurou. E mesmo assim não ficaria satisfeito. Pois Deus apodrecia no Paraíso, e Satã no Abismo, e quem o deteria?

Foi muito insultado durante o julgamento, e depois, no sanatório onde, em circunstâncias suspeitas, morreu dois meses

depois. O Vaticano expurgou todas as referências a ele em seus registros; os seminários fundados em seu nome impuro foram dissolvidos.

Mas havia aqueles que, mesmo entre os Cardeais, não conseguiam tirar sua maldade impenitente das cabeças, e — no mais íntimo de suas dúvidas — se perguntavam se ele não havia conseguido o que queria com sua estratégia. Se, desistindo de toda esperança nos anjos — caídos ou não — ele não havia se tornado um deles.

Ou tudo o que a terra podia suportar de tais fenômenos.

A IDADE DO DESEJO

O homem em chamas desceu em disparada as escadas dos Laboratórios Hume quando o carro da polícia — chamado, ele achava, pelo alarme que Welles ou Dance haviam acionado lá em cima — apareceu no portão e subiu a passagem até o prédio. Quando ele correu da porta, o carro freou no pé da escadaria e descarregou seu conteúdo humano. Ele esperou nas sombras, exausto demais pelo terror para correr mais, certo de que o veriam. Mas eles desapareceram pelas portas de vai-e-vem sem sequer olhar para o tormento que ele sofria. Será que estou pegando fogo mesmo?, ele se perguntou. Seria possível que aquele horrível espetáculo—sua carne batizada com uma chama polida que ardia mas não consumia — fosse uma simples alucinação, para seus olhos somente? Se fosse isso, talvez tudo o que sofrerá no laboratório não passasse de delírio. Talvez não tivesse realmente cometido os crimes dos quais havia fugido, o calor em sua carne lambendo-o num êxtase.

Olhou para o próprio corpo. Sua pele exposta ainda estava repleta de pontos lívidos de fogo, mas um a um eles iam se apagando. Ele estava se apagando, percebeu, como uma fogueira abandonada. As sensações que o haviam sufocado — tão intensas e tão exigentes que doíam tanto quanto provocavam prazer — estavam finalmente deixando de lado suas terminações nervosas, deixando uma dormência pela qual ele era grato. Seu corpo, aparecendo agora sob o véu de fogo, estava em condições lamentáveis. Sua pele era um mapa desordenado de arranhões, as roupas em farrapos, as mãos pegajosas de sangue coagulado; sangue, ele sabia, que não era o seu. Não havia como evitar a verdade cruel. Ele tinha *realmente* feito tudo o que imaginara ter feito. Mesmo agora, os policiais estariam olhando sua obra atroz.

Esgueirou-se para fora de seu esconderijo ao lado da porta e desceu o caminho, olhando sempre em caso de volta dos dois policiais; nenhum reapareceu. A rua além do portão estava deserta. Começou a correr. Havia conseguido apenas alguns passos quando o alarme no prédio atrás dele foi cortado bruscamente. Por vários segundos seus ouvidos zumbiram com a campainha silenciada. Então, estranhamente, ele começou a ouvir o som do calor — o sorrateiro murmúrio de lenha queimando — distante o bastante para que ele não entrasse em pânico, mas perto como as batidas de seu coração.

Seguiu mancando, para se distanciar o quanto pudesse de seus crimes antes que fossem descobertos; mas por mais rápido que corresse, o calor ia com ele, seguro em algum lugar no fundo de suas entranhas, ameaçando incendiá-lo a cada passo.

Dooley levou vários segundos para identificar a cacofonia que estava ouvindo do andar de cima agora que McBride havia silenciado o alarme. Eram gritos de macacos, e vinham de uma das muitas salas descendo o corredor à sua direita.

—Virgil — ele chamou pelo poço das escadas. — Suba aqui.

Sem esperar que o parceiro chegasse, Dooley dirigiu-se para a fonte do barulho. Na metade do corredor o cheiro de estática e carpetes novos deu lugar a uma combinação mais pungente: urina, desinfetante e frutas podres. Dooley reduziu o passo: não gostava do cheiro, da mesma forma que não gostava da histeria na confusão das vozes dos macacos. Mas McBride demorava a responder ao seu chamado, e depois de pouca hesitação, a curiosidade de Dooley venceu sua inquietação. Mão no coldre, ele se aproximou da porta aberta e entrou. Sua aparição criou outra onda de frenesi dos animais, uma dúzia ou mais de macacos rhesus. Eles se jogavam de encontro às suas jaulas, dando cambalhotas, guinchando e batendo nas grades. Sua excitação era infecciosa. Dooley podia sentir o suor começando a sair pelos poros.

— Tem alguém aí? — ele gritou.

A única resposta veio dos prisioneiros: mais histeria, mais pancadas nas jaulas.

Olhou para eles. Eles o encaravam de volta, os dentes expostos em sinal de medo ou boas-vindas; Dooley não sabia qual, e nem desejava testar suas intenções. Ficou muito atento para o banco no qual as jaulas estavam alinhadas quando começou um pente-fino no laboratório.

— Eu estava imaginando o que seria esse cheiro — disse McBride, aparecendo na porta.

— Só animais — replicou Dooley.

— Eles nunca tomam banho? Bichos sujos.

— Alguma coisa lá embaixo?

— Nada — disse McBride, aproximando-se das jaulas. Os maçados encararam seu avanço com mais ginástica.—Só o alarme.

— Aqui em cima também nada — disse Dooley. Já ia acrescentar "*Não faça isso*", para impedir que o parceiro pusesse o dedo na grade, mas antes que as palavras saíssem um dos animais agarrou o dedo esticado e o mordeu. McBride soltou o dedo e deu um soco na grade em retaliação. Guinchando de raiva, o ocupante jogou seu corpo magro numa dança lunática que ameaçava jogar jaula e macaco no chão.

— Vai precisar de uma vacina contra tétano — comentou Dooley.

— Merda! — exclamou McBride. — O que há de errado com esse filho da puta?

— Talvez não gostem de estranhos.

— As cabecinhas deles estão fora de si. — McBride chupou ruminante o dedo e cuspiu. — Olhe só pra eles.

Dooley não respondeu.

— Eu disse, *olhe*... — repetiu McBride.

Muito baixinho, Dooley disse:

— Ali.

— O que foi?

— Venha aqui.

McBride afastou o olhar da fileira de jaulas e das bancadas abarrotadas e deslocou-o para onde Dooley estava olhando para o chão, com repulsa fascinada. McBride esqueceu de chupar o dedo e

abriu caminho por entre os bancos e banquetas até onde estava seu parceiro.

— Ali debaixo — murmurou Dooley.

No chão lotado aos pés de Dooley estava um sapato bege de mulher; debaixo do banco estava a dona do sapato. A julgar por sua posição contorcida, ela havia sido posta ali pelo criminoso ou se arrastara para um esconderijo e morrerá lá.

— Está morta? — perguntou McBride.

— Olhe para ela, pelo amor de Deus — replicou Dooley. — Ela foi dilacerada.

— Temos de checar os sinais vitais — McBride lembrou-o. Dooley não fez menção de proceder, então McBride agachou-se na frente da vítima e conferiu a pulsação em sua garganta rasgada. Não havia nenhuma. Sua pele ainda estava quente sob os dedos do policial. Um fio de saliva em seu rosto ainda não havia secado.

Dooley, para completar o relatório, olhou para o corpo da morta. A pior ferida, na parte superior do torso, estava coberta pelo corpo de McBride. Tudo o que ele podia ver era uma cascata de cabelos castanhos e suas pernas, um pé sem o sapato, saindo de seu esconderijo. Belas pernas, ele pensou; podia ter assoviado para elas um dia.

— É uma médica ou técnica — disse McBride. — Está vestindo um jaleco de laboratório. — Ou estava. Na verdade, o jaleco havia sido rasgado de alto a baixo, bem como as camadas de roupa por baixo, e depois, como se para completar a exibição, a pele e os músculos também. McBride olhou no peito dela; o esterno havia sido quebrado e o coração retirado de seu local, como se o assassino quisesse levá-lo como uma recordação e sido interrompido no ato. Examinou-a sem se incomodar; sempre se orgulhara do estômago forte.

— Está satisfeito com a morte dela?

— Nunca vi mais morta.

— Carnegie está vindo — disse Dooley, dirigindo-se a uma das pias. Sem se importar com impressões digitais, abriu a torneira e jogou um bocado de água fria no rosto. Quando levantou a cabeça,

McBride havia deixado o tête-à-tête com o cadáver e estava se dirigindo a uma bancada cheia de máquinas.

— O que eles fazem aqui, pelo amor de Deus? — ele comentou.
— Veja só todas essas coisas.

— É um tipo de pesquisa — disse Dooley.

— O que eles pesquisam?

— Como diabos vou saber? — cortou Dooley. Os guinchos intermináveis dos macacos e a proximidade da morta lhe davam vontade de abandonar o local. — Vamos deixar assim, tá?

McBride ignorou o pedido de Dooley; o equipamento o fascinava. Olhou enlevado o encefalógrafo e o eletrocardiógrafo; as impressoras que ainda vomitavam metros de papel em branco no chão; o monitor de vídeo e os consoles. A cena lembrou-o do *Marie Celeste*. Um navio fantasma da ciência — que ainda zumbia alguma canção sem melodia para si mesmo enquanto navegava, mas agora que olhava mais atentamente percebia que não. Havia uma câmara de testes depois das bancadas.

— Dooley...?—ele perguntou, olhando ao redor. O homem tinha saído, provavelmente para se encontrar com Carnegie. Contente por ser deixado à sua exploração, McBride voltou a atenção à janela. Não havia luz do lado de dentro. Curioso, ele deu a volta nos equipamentos, até encontrar a porta da câmara. Estava entreaberta. Sem hesitação, entrou.

A maior parte da luz que vinha pela janela era bloqueada pelos instrumentos do outro lado; o interior estava escuro. Os olhos de McBride levaram alguns segundos para conseguir uma verdadeira impressão do caos que a câmara continha: a mesa virada; a cadeira da qual alguém fizera lasquinhas; o emaranhado de cabos e equipamento destruído — câmera, talvez, para monitorar as operações na câmara? — uma série de refletores igualmente esmagados. Nenhum vândalo profissional poderia ter feito um trabalho mais completo de quebrar a câmara.

Havia um cheiro no ar que McBride reconheceu mas, irritado, não conseguia identificar. Ficou ali parado, hipnotizado pelo odor. O som de sirenes surgiu pelo corredor; Carnegie estaria ali em momentos. Subitamente, a associação do cheiro lhe ocorreu. Era o

mesmo cheiro que dançava em suas narinas quando, depois de fazer amor com Jessica e — como era seu ritual — se lavava antes de voltar para o quarto. Era o cheiro de sexo. Ele sorriu.

Seu rosto ainda estava registrando prazer quando um objeto pesado cortou o ar e bateu em seu nariz. Sentiu a cartilagem ceder e o sangue jorrar. Deu um ou dois passos trêmulos para trás, evitando assim o corte seguinte, mas perdeu o equilíbrio na confusão. Caiu de mau jeito sobre um monte de cacos de vidro, e ergueu a cabeça para ver seu atacante, que segurava uma barra de ferro e andava em sua direção. O rosto do homem lembrava um dos maçados: os mesmos dentes amarelados, os mesmos olhos raivosos.

— *Não!*— gritou o homem ao descer o porrete improvisado em McBride, que conseguiu aparar o golpe com o braço, agarrando a arma. O ataque o havia apanhado de surpresa, mas agora, com a dor no nariz amassado para aumentar a fúria de sua reação, era mais que páreo para seu agressor. Pegou o porrete do homem, como se fosse pirulito de uma criança, e pulou urrando aos seus pés. Quaisquer preceitos que pudesse ter aprendido quanto a técnicas de prisão tinham sido esquecidos. Desceu uma saraivada de socos na cabeça e nos ombros do homem, forçando-o a recuar. O homem agachou-se para evitar o assédio, e acabou tombando, gemendo, contra a parede. Só agora, com seu antagonista surrado à beira da inconsciência, o furor de McBride se acalmou. Ele ficou de pé no meio da câmara, tomando fôlego, e viu o homem deslizar parede abaixo. Tinha cometido um erro tremendo. O atacante, ele via agora, estava vestido com um jaleco branco de laboratório; estava, como Dooley gostava irritantemente de dizer, do lado dos anjos.

— Merda — disse McBride. — Merda, cacete, porra.

Os olhos do homem se abriram, e ele olhou para McBride. Seu domínio da consciência era evidentemente tênue, mas um olhar de reconhecimento atravessou seu rosto sombrio, de sobrancelhas largas. Ou melhor, a ausência de reconhecimento.

— Você não é ele — murmurou.

— Quem? — perguntou McBride, percebendo que ainda podia salvar sua reputação do fiasco se pudesse espremer uma pista da testemunha. — Quem você achou que eu fosse?

O homem abriu a boca, mas não saiu palavra nenhuma.

Ansioso para ouvir o testemunho, McBride agachou-se ao seu lado e perguntou:

— Quem você pensou que estava atacando?

A boca abriu-se de novo; e de novo não saiu palavra. McBride chegou mais perto.

— É importante — ele disse. — Só me diga quem estava aqui.

O homem lutava para responder. McBride pressionou o ouvido na boca trêmula.

— No cu, pardal — o homem disse, e desmaiou, deixando McBride xingando seu pai, que lhe transmitira um temperamento pelo qual temia viver o bastante para lamentar. Mas também, para que servia a vida?

O Inspetor Carnegie estava acostumado à chateação. Para cada raro momento de genuína descoberta que sua vida profissional lhe dera, ele suportara horas e mais horas de espera. Para que corpos fossem fotografados e examinados, para que advogados fossem convencidos e suspeitos intimidados. Há muito tempo ele desistira de combater essa corrente de *ennui* e, à sua maneira, aprendera a arte de seguir com ela. Os processos de investigação não podiam ser apressados; o homem sábio, ele agora apreciava, deixava que os patologistas, os advogados e todas as suas tribos tivessem a sua vez apressada. Tudo o que importava, no decorrer do tempo, era que o dedo fosse apontado e o culpado tremesse.

Agora, quando o relógio do laboratório marcava meia-noite e cinquenta e três, e mesmo os macacos dormiam em suas jaulas, ele estava sentado num dos bancos e esperava que Hendrix terminasse seus cálculos. O cirurgião consultou o termômetro, e então tirou as luvas como uma segunda pele e jogou-a sobre o lençol sobre o qual jazia a morta.

— É sempre difícil — disse o doutor—fixar a hora da morte.

Ela perdeu menos de três graus. Eu diria que ela está morta há cerca de duas horas.

— Os policiais chegaram às quinze para a meia-noite—disse Carnegie — portanto ela morreu cerca de meia hora antes?

— Mais ou menos isso.

— Ela foi colocada ali? — ele perguntou, indicando o lugar embaixo do banco.

— Ah, certamente. Não havia como ela se meter sozinha ali. Não com esses ferimentos. São ferimentos e tanto, não são?

Carnegie olhou para Hendrix. O homem provavelmente já vira centenas de cadáveres, de todo jeito concebível, mas o entusiasmo em seu rosto era indescritível. Carnegie achava esse mistério mais fascinante, à sua maneira, do que o da morta e seu carniceiro. Como é que alguém poderia gostar de tirar a temperatura retal de um cadáver? Isso o deixava confuso. Mas o prazer estava ali, brilhando nos olhos do homem.

— Motivo? — perguntou Carnegie.

— Bastante explícito, não é? Estupro. Ele a molestou de forma bem completa; contusões ao redor da vagina; copiosos depósitos de sêmen. Muito com que trabalhar.

— E as feridas no torso?

— Rasgos. Não foram cortes.

— Arma?

— Não sei. — Hendrix fez um U invertido com a boca. — Quero dizer, a carne foi *esfarrapada*. Se não fosse pelas provas de estupro, eu seria tentado a sugerir um animal.

— Um cão?

— Eu pensava mais era num tigre — disse Hendrix.

Carnegie franziu a testa.

— Tigre?

— Brincadeira — replicou Hendrix. — Eu estava brincando, Carnegie. Cristo, você tem *algum senso* de ironia?

— Não tem graça — disse Carnegie.

— Não estou rindo — retrucou Hendrix, com um olhar azedo.

— O homem que McBride encontrou na câmara de testes?

— Ele o quê?

— Suspeito?

— Nem um milhão de anos. Estamos procurando um *maníaco*, Carnegie. Grande; forte. Selvagem.

— E as feridas? Antes ou depois?

Hendrix fez uma careta.

— Não sei. O *post-mortem* nos dará mais detalhes. Mas por tudo o que vi, acho que nosso homem estava num frenesi. Eu diria que a ferida e o estupro foram provavelmente simultâneos.

As feições normalmente fleumáticas de Carnegie registraram algo perto do choque.

— Simultâneos?

Hendrix deu de ombros.

— O desejo é uma coisa engraçada — ele disse.

— Hilária — veio a resposta espantada.

Como era sua vontade, Carnegie fez com que seu motorista o deixasse a trezentos metros de casa, para permitir que espairecesse antes de chegar, tomar um chocolate quente e dormir. O ritual era observado religiosamente, mesmo quando o Inspetor estava cansado demais. Costumava andar assim antes de entrar em casa; longa experiência o havia ensinado que levar as preocupações profissionais para casa não ajudavam nem a investigação nem sua vida doméstica. Ele aprendera a lição tarde demais para evitar que sua esposa o deixasse e os filhos o abandonassem, mas ainda aplicava esse princípio. *

Naquela noite, andava devagar, para permitir que as cenas chocantes que a noite trouxera se dissipassem de alguma forma. A rota o levava a um pequeno cinema que, lera na imprensa local, estava para ser demolido. Não estava surpreso. Embora não fosse cineasta, os programas que aquela poeirinha oferecia havia decaído nos últimos anos. A programação daquela semana era uma prova cabal: um programa duplo de filmes de terror. Coisas lúgubres e derivativas a julgar pelos cartazes, com seus desenhos crus e hipérboles desavergonhadas. "*Você Nunca Mais Vai Dormir!*" dizia uma das chamadas; e, embaixo, uma mulher — muito acordada — encolhia-se na sombra de um homem de duas cabeças. Que imagens triviais os populistas conjuravam para instilar algum medo em suas plateias. Os mortos-vivos; a natureza crescendo e perdendo o controle num mundo em miniatura; bebedores de sangue, profecias, tempestades e todas as outras bobagens perante as quais o público se encolhia. Era tudo tão risivelmente bobo: no meio daquele catálogo de terrores baratos não havia um que se igualasse à

banalidade do apetite humano, cujo horror (ou suas consequências) ele via toda semana de sua vida de trabalho. Pensando nisso, sua mente passou em revista uma série de instantâneos: os mortos à luz de lanternas, decúbito ventral e abandonados ao esquecimento; e os vivos também, que encaravam o olho de sua mente com fome nos próprios olhos: fome de sexo, de drogas, da dor dos outros. Por que não punham isso nos cartazes?

Ao chegar em casa, uma criança gritou nas sombras ao lado de sua garagem; o grito o gelou no ato. No outro grito ele percebeu o que era de fato. Não era criança, mas um gato, ou gatos, trocando chamados de amor na passagem escurecida. Foi até a passagem para enxotá-los. Suas secreções venéreas faziam a passagem feder. Não precisou gritar; suas passadas foram suficientes para apavorá-los. Fugiram em todas as direções, não dois, mas meia dúzia: uma verdadeira orgia estava acontecendo aparentemente. Mas havia chegado no local tarde demais; o cheiro de suas seduções era devastador.

Carnegie olhou sem expressão o elaborado conjunto de monitores e videocassetes que dominavam seu escritório.

— O que é isso, pelo amor de Deus? — ele queria saber.

— As fitas de vídeo — disse Boyle, seu assistente — do laboratório. Acho que o senhor devia dar uma olhada nelas.

Embora tivessem trabalhado juntos por sete meses, Boyle não era um dos policiais favoritos de Carnegie; era possível sentir o cheiro da ambição por trás de sua aparência tranquila. Em alguém com metade de sua idade, essa ganância teria sido questionável; num homem de trinta, beirava o obsceno. A presente demonstração — a apresentação de equipamento pronto para confrontar Carnegie quando ele entrasse às oito da manhã — era simplesmente o estilo de Boyle: fugaz e redundante.

— Por que tantas telas? — Carnegie perguntou ácido. — O som também é estéreo?

— Eles tinham três câmeras rodando ao mesmo tempo, senhor. Cobrindo a experiência de diversos ângulos.

— *Que* experiência?

Boyle fez um gesto ao seu superior para que se sentasse. Obsequioso até demais, não é?, pensou Carnegie; cuidado com isso.

— Certo — Boyle instruiu o técnico de vídeo — pode rodar as fitas.

Carnegie bebericava a xícara de chocolate quente que havia trazido consigo. A bebida era sua fraqueza, beirando ao vício. Os dias em que a máquina que a fornecia quebrava ele era um homem infeliz. Olhou para as três telas. Subitamente, um título.

— *Projeto Garoto Cego—diziam as palavras.* — *Restrito.*

— *Garoto Cego?*— disse Carnegie. — O quê, ou quem, é isso?

— É obviamente um código de algum tipo — disse Boyle.

— *Garoto Cego, Garoto Cego.*—Carnegie repetia a expressão como se surrasse até a submissão, mas antes que pudesse resolver o problema, as imagens nos três monitores começaram a divergir. Elas exibiam a mesma figura — um rapaz de óculos, de seus vinte e tantos anos, sentado numa cadeira — mas cada uma mostrava a acena de um ângulo diferente. Uma captava o rapaz de corpo inteiro e de perfil; a segunda era um *close* de frente, da cabeça e ombros, e a terceira um plano médio, filmada de um ângulo no alto. As três imagens eram em preto e branco, e nenhuma delas estava completamente centralizada ou focalizada. Na verdade, quando as fitas começaram a rodar, ainda havia gente ajustando esses detalhes técnicos. Um ruído de fundo, de conversa informal, passava entre o rapaz e a mulher — reconhecível até em breves relances como a morta — que aplicava eletrodos em sua testa. A maioria da conversa era difícil de entender; a acústica na câmera frustrava tanto o microfone quanto o ouvinte.

— A mulher é a Doutora Dance — Boyle disse. — A vítima.

— Sim—disse Carnegie, vendo com atenção as telas.—Deu pra reconhecer. Por quanto tempo segue essa preparação?

— Um bom tempo. A maioria não é edificante.

— Ora, então vamos para a parte edificante.

— Avance — disse Boyle. O técnico obedeceu, e os atores nas três telas se tornaram comediantes com vozes esganiçadas. — Espere! — disse Boyle. — Recue um pouco. — O técnico novamente fez como foi instruído. — Aí! — Boyle falou. — Pare aí. Agora em

velocidade normal. — A ação retomou o ritmo natural. — Aí é onde realmente começa, senhor.

Carnegie havia chegado ao fim do chocolate quente; enfiou o dedo na nata macia no fundo do copinho e levou-a, enjoativa de tão doce, à língua. Nas telas, a Doutora Dance havia se aproximado do rapaz com uma seringa, agora passava um algodão na dobra do cotovelo, e enfiava a agulha. Não pela primeira vez desde sua visita aos Laboratórios Hume, Carnegie se perguntou o que exatamente eles faziam no estabelecimento. Seria aquele tipo de procedimento lugar-comum na pesquisa farmacêutica? O sigilo implícito da experiência — tarde da noite num edifício deserto — sugeria que não. E havia aquele imperativo no título: "*Restrito*". O que estavam assistindo obviamente não havia sido planejado para uma audiência pública.

— Está confortável? — perguntou um homem, fora da câmera. O rapaz fez que sim com a cabeça. Seus óculos tinham sido retirados, e ele parecia meio apatetado sem eles. Um rosto comum, pensou Carnegie; o sujeito — ainda sem nome — não era Adônis nem Quasímodo. Estava um pouco encolhido, e seus cabelos espigados de um louro sujo caíam nos ombros.

— Estou legal, Doutor Welles — ele respondeu à pessoa de fora da câmera.

— Não sente calor? Nem está suando?

— Não — replicou a cobaia, como que se desculpando. — Estou me sentindo normal.

Aí está você, pensou Carnegie; e depois, para Boyle: — Rodou as fitas até o fim?

— Não, senhor — replicou Boyle. — Achei que iria querer vê-las primeiro. Só rodei até a injeção.

— Alguma notícia do Doutor Welles no hospital?

— Da última vez em que ligamos, ainda estava em coma.

Carnegie grunhiu, e voltou a atenção às telas. Acompanhando a explosão de ação com a injeção, as fitas agora se acomodavam numa ausência de atividade; as três câmeras fixas em seu objeto míope com olhos que pareciam bolinhas, o torpor ocasionalmente interrompido por uma pergunta de Welles quanto à condição do

rapaz. Tudo permanecia na mesma. Depois de três ou quatro minutos desse estudo inerte, até mesmo as ocasionais piscadelas do rapaz começavam a assumir maior significado dramático.

— Não esperem muito do enredo — comentou o técnico.

Carnegie riu; Boyle parecia desconfortável. Dois ou três minutos ainda se passaram de forma semelhante.

— Isso não parece muita coisa — disse Carnegie. — Avance um pouquinho mais, sim?

O técnico ia obedecer quando Boyle disse:

— Espere.

Carnegie olhou para o homem, irritado por sua intervenção, e depois voltou à tela. Alguma coisa estava *mesmo* acontecendo: uma sutil transformação havia ocorrido nas feições insossas do sujeito. Ela havia começado a sorrir para si mesmo, e estava afundando na cadeira como se submergisse o corpo esquelético numa banheira de água quente. Seus olhos, que até o momento não haviam expressado mais que uma agradável indiferença, agora começavam a se fechar em segundos, e rapidamente tornar a se abrir. Quando o fizeram havia uma qualidade até então não vista neles: uma fome que parecia saltar da tela e invadir a calma do escritório de Carnegie.

Carnegie pôs de lado o copinho de chocolate e aproximou-se das telas. Ao fazer isso o rapaz também se levantou de sua cadeira e foi até o vidro da câmara, deixando o alcance de duas câmeras. Mas a terceira ainda o gravava quando ele pressionou o rosto contra a janela, e por um momento os dois homens se encararam por camadas de vidro e tempo, aparentemente olhando um para o outro.

O olhar do rapaz agora era crítico, a fome estava rapidamente ultrapassando o controle da sanidade. Olhos em chamas, ele colou os lábios na janela da câmara e a beijou, língua trabalhando o vidro.

— O que está acontecendo, Cristo? — perguntou Carnegie.

Um burburinho havia começado a encher a trilha sonora; o Doutor Welles perguntava em vão ao testando se poderia articular suas sensações, enquanto Dance lia números captados pelos instrumentos de monitoração. Era difícil ouvir com clareza — o ruído foi complementado por uma erupção de guinchos dos macacos nas jaulas — mas era evidente que as leituras do corpo do

homem subiam num crescendo. Seu rosto estava corado; sua pele brilhava com um suor repentino. Ele lembrava um mártir na fogueira; louco com um êxtase fatal. Parou de lambar o vidro, arrancando os eletrodos nas têmporas e os sensores nos braços e no peito. Dance, a voz agora registrando alarme, gritou-lhe que parasse. Então ela entrou e saiu rapidamente do alcance da câmara; passando, presumiu Carnegie, para a porta da câmara.

— Melhor não — disse ele, como se aquele drama fosse exibido só para seu benefício, e ele pudesse impedir a tragédia. Mas a mulher não reparou. Um momento depois ela aparecia em plano geral ao entrar na câmara. O homem foi cumprimentá-la, derrubando equipamento ao fazê-lo. Ela gritou com ele — seu nome, talvez. Se era isso, estava impossível de ouvir devido à barulheira da macacada. — Merda — disse Carnegie, quando os braços do testando, que se debatiam, pegaram primeiro a câmara de perfil, e depois a de plano americano: dois dos três monitores se apagaram. Só a de frente, que estava a salvo fora da câmara, ainda gravava os acontecimentos, mas o alcance restrito não dava mais que um relance ocasional de um corpo que se agitava. Ao invés disso, o olho sóbrio da câmara fitava, quase ironicamente, o vidro manchado de saliva da janela da câmara, cego para as atrocidades sendo cometidas a poucos metros fora de seu alcance.

— O que, em nome de Cristo, deram a ele? — perguntou Carnegie, quando, em algum lugar fora da câmara, os gritos da mulher se elevaram acima dos guinchos dos macacos.

Jerome acordou no começo da tarde, com fome e machucado. Quando jogou para o lado o lençol, ficou pasmo com seu estado: o torso estava cheio de arranhões, e a região da virilha estava em carne viva. Trêmulo, sentou-se à beira da cama e ficou ali algum tempo, tentando juntar os pedaços da noite passada. Lembrava-se de ter ido aos Laboratórios, mas muito pouco depois disso. Fora uma cobaia remunerada por vários meses, dando seu sangue, conforto e paciência para complementar os magros rendimentos como tradutor. O arranjo havia começado como cortesia de um amigo que fazia trabalho semelhante, mas enquanto Figley era parte do programa principal dos laboratórios, Jerome fora abordado, após

uma semana no local, pelos doutores Welles e Dance, que o convidaram — sujeito a uma série de testes psicológicos — a trabalhar exclusivamente para eles. Desde o início, ficara claro que o projeto deles (não lhe contaram o propósito) era de natureza secreta, e que exigiriam sua total dedicação e discrição. Ele estava precisando de dinheiro, e a recompensa que ofereciam era pouco maior que a paga pelos Laboratórios, então concordara, embora as horas que exigiam dele fossem antissociais. Por várias semanas ele fora obrigado a frequentar as instalações de Pesquisa tarde da noite e muitas vezes trabalhava até de manhãzinha, suportando as intermináveis perguntas de Welles sobre sua vida íntima e o olhar penetrante de Dance.

Pensando no olhar frio dela, sentiu tremores. Seria porque uma vez ele havia se iludido, achando que ela o olhara com mais carinho do que um médico? Essa ilusão, ele se recriminou, era digna de pena. Ele não era o tipo de homem com que as mulheres sonhavam, e todo dia que ele caminhava pelas ruas reforçava essa convicção. Ele não se lembrava de uma ocasião em sua vida adulta em que uma mulher tivesse olhado em sua direção e mantivesse o olhar; um tempo em que um olhar apreciativo de sua parte houvesse sido retribuído. Por que isso o deveria incomodar agora, ele não sabia bem: sua condição de abandonado era, sabia, lugar-comum. E a Natureza fora gentil; sabendo, ao que parecia, que o dom da atração havia passado longe dele, achara por bem reduzir sua libido. Semanas se passavam sem que seus pensamentos conscientes lamentassem sua castidade forçada.

De vez em quando, quando sentia o sangue ferver, imaginava como a sra. Morrisey, sua senhoria, devia ser ao banho: podia imaginar a firmeza de seus seios ensaboados, ou a fenda escura de seu traseiro quando se abaixasse para passar talco entre os dedos dos pés. Mas esses tormentos eram, felizmente, infrequentes. E quando sua taça transbordava ele enfiava no bolso o dinheiro que economizara de suas sessões nos Laboratórios e comprava uma hora de companhia de uma mulher chamada Ângela (ele jamais soube seu segundo nome), na Rua Greek.

Muitas semanas se passariam antes que tornasse a ir lá, ele pensou: o que quer que tivesse feito noite passada, ou, mais corretamente, tivesse feito a si mesmo, as feridas quase o incapacitaram. A única explicação plausível — embora não conseguisse lembrar dos detalhes — era que havia sido surrado no caminho de volta dos Laboratórios; isso ou havia entrado num bar e alguém puxara briga com ele. Já havia acontecido uma vez. Ele tinha um rosto que despertava o instinto de briga dos bêbados.

Levantou-se e cambaleou até o pequeno banheiro colado ao quarto. Seus óculos não estavam no lugar de sempre, ao lado do espelho de barbear, e seu reflexo estava terrivelmente borrado, mas dava para perceber que seu rosto estava tão arranhado quanto o resto de sua anatomia. E mais: um chumaço de cabelo havia sido arrancado de sobre sua orelha esquerda; uma mancha de sangue pisado descia até o pescoço. Cheio de dor, curvou-se para a tarefa de limpar as feridas e depois lavá-las com uma solução antisséptica adstringente. Isso feito, voltou ao quarto para procurar os óculos. Mas não os encontrou. Cobrindo sua idiotice de palavrões, revirou seus pertences para pegar o par velho, e encontrou-o. O grau deles era velho—seus olhos haviam piorado consideravelmente desde que os usara — mas pelo menos traziam a paisagem ao seu redor a um tipo fantasmagórico de foco.

Uma melancolia indisputável tomou conta dele, composto por sua dor e aqueles pensamentos inoportunos sobre a sra. Morrisey. Para manter sua intimidade afastada, ligou o rádio. Uma voz escorregia emergiu, proporcionando os paliativos de costume. Jerome sempre teve desprezo por música popular e seus defensores, mas agora, andando pelo quatinho, sem vontade de se vestir com tecidos grossos quando seus arranhões ainda doíam, as canções começaram a despertar nele algo além de escárnio. Era como se ele ouvisse as palavras e a música pela primeira vez: como se toda sua vida tivesse sido alheia a esses sentimentos. Enfeitado, ele se esqueceu da dor, e ouviu. As canções contavam uma história desconexa e obsessiva-, de amor perdido e encontrado, tão-somente para ser perdido novamente. Os cantores enchiam as ondas sonoras de metáforas— muitas das quais ridículas, mas potentes. Sobre

paraíso, corações em chamas; sobre pássaros, sinos, viagens, pôres-de-sol; sobre paixão como loucura, fuga, tesouro inimaginável. As canções não o acalmavam com seus sentimentos melosos; mexiam com ele, evocando, apesar das rimas fracas e da melodia pobre, um mundo enfeitiçado pelo desejo. Começou a tremer. Seus olhos, tensionados (assim ele pensava) pelos óculos aos quais estava desacostumado, começaram a iludi-lo. Parecia que podia ver traços de luz em sua pele: fagulhas voando das pontas de seus dedos.

Olhou para as mãos e os braços; a ilusão, longe de desaparecer em face a uma análise, aumentou. Pontos de luz brilhante, como traços de fogo em cinzas, começaram a subir por suas veias, multiplicando-se às suas vistas. Curiosamente, não se sentia mal. Aquele fogo crescente simplesmente refletia a paixão na história que as canções lhe contavam: amor, elas diziam, estava no ar, em cada esquina, esperando para ser encontrado. Tornou a pensar na viúva Morrisey no apartamento de baixo, fazendo suas coisas, suspirando, sem dúvida, como ele próprio já soluçara; esperando seu herói. Quanto mais pensava nela, mais inflamado ficava. Ela não o rejeitaria, disse as músicas o convenciam; ou, se o fizesse, ele deveria forçar a situação até que (novamente, como prometiam as canções) ela se rendesse. Subitamente, pensando na rendição dela, o fogo o engoliu. Gargalhando, deixou o rádio cantando no quarto, e desceu as escadas.

A maior parte da manhã se passara até que fosse possível reunir uma lista de cobaias empregadas pelos Laboratórios; Carnegie havia sentido uma relutância da parte do estabelecimento em abrir os arquivos para a investigação, apesar do horror que havia sido cometido em suas instalações. Finalmente, logo após o meio-dia, haviam lhe apresentado um Quem-é-Quem juntado às pressas, cinquenta e quatro pessoas ao todo, e seus endereços. Nenhum, afirmavam os policiais, se encaixava na descrição do testando de Welles. Os doutores, ao que foi explicado, estavam obviamente usando as instalações do Laboratório para conduzir projetos particulares. Embora isso não fosse encorajado, ambos foram pesquisadores sêniores, e lhes fora concedida uma certa liberdade nessa questão. Era provável, portanto, que o homem que Carnegie

procurava jamais sequer tivesse estado na folha de pagamentos dos Laboratórios. Sem se abalar, Carnegie ordenou uma seleção de fotografias tiradas da gravação do vídeo e as distribuíra — com a lista de nomes e telefones — a seus homens. Dali por diante, era fazer muitas visitas e ter paciência.

Leo Boyle correu o dedo pela lista de nomes que recebera.

— Outros quatorze — ele disse. Seu motorista grunhiu, e Boyle o olhou de esguelha.

— Você era parceiro de McBride, não era?

— Isso mesmo — replicou Dooley. — Ele foi suspenso.

— Por quê?

Dooley fez uma careta.

— O Virgil não tem educação. Não consegue pegar a cancha da técnica de prisão.

Dooley parou o carro.

— É aqui? — perguntou Boyle.

— O senhor disse número oitenta. Este é o oitenta. Na porta. Oito. Zero.

— Eu tenho olhos.

Boyle saiu do carro e caminhou até a porta. A casa era de bom tamanho, e havia sido dividida em apartamentos: havia várias campainhas. Apertou a de J. Tredgold — o nome de sua lista — e esperou. Das cinco casas que haviam visitado até agora, duas não tinham ninguém e os residentes das outras três não tinham semelhança com o malfeitor.

Boyle esperou no degrau alguns segundos e apertou a campainha novamente; demorou-se mais desta vez.

— Ninguém em casa — Dooley disse da calçada.

— Parece que sim. — Mas enquanto falava isso, Boyle percebeu uma figura passando ligeira pelo *hall*, seus traços distorcidos pelo vidro corrugado da porta. —

Espere um minuto — ele disse.

— O que foi?

— Alguém está lá dentro e não atende. — Ele apertou a primeira campainha novamente, e depois as outras. Dooley

aproximou-se até a porta, espantando com a mão uma vespa atenciosa.

— Tem certeza? — perguntou.

— Vi alguém lá dentro.

— Tente as outras campainhas — sugeriu Dooley.

— Já tentei. Tem alguém lá dentro e não quer vir até a porta. — Bateu no vidro. — Abra — ele anunciou. Polícia.

Muito inteligente, pensou Dooley; por que não um megafone, para que o mundo inteiro pudesse ouvir também? Quando a porta, previsivelmente, continuou fechada, Boyle virou-se para Dooley.

— Tem algum portão lateral?

— Sim, senhor.

— Então corra para os fundos, antes que ele fuja.

— Não devíamos chamar...?

— Rápido! Eu monto guarda aqui. Se puder chegar aos fundos venha e abra a porta da frente.

Dooley moveu-se; deixando Boyle sozinho na porta da frente. Ele tornou a tocar a série de campainhas e, pondo a mão sobre os olhos colou a cara no vidro. Não havia sinal de movimento no *hall*; seria possível que o passarinho já tivesse escapado? Ele recuou um pouco e olhou as janelas de cima; elas retribuíram um olhar vazio. Já era tempo de Dooley ter dado a volta na casa; mas até o momento ele não havia reaparecido nem chamado. Congelado onde estava, e nervoso por suas táticas terem perdido a vantagem que tinham, Boyle decidiu seguir seu nariz e dar a volta na casa.

O portão lateral havia sido deixado aberto por Dooley. Boyle avançou pela passagem, tentando olhar por uma janela para uma sala de estar vazia antes de chegar à porta dos fundos. Estava aberta. Mas Dooley não estava à vista. Boyle enfiou no bolso a foto e a lista e entrou, odiando ter que chamar o nome de Dooley para não alertar qualquer criminoso de suas presenças, mas nervoso com o silêncio. Cauteloso como um gato sobre vidro quebrado, entrou sorrateiro no apartamento, mas todos os aposentos estavam desertos. Na porta do apartamento, que dava para o *hall onde* vira a figura, parou. Para onde tinha ido Dooley? O homem aparentemente desaparecera de vista.

Então, um grunhido além da porta.

— Dooley? — ousou Boyle. Outro grunhido. Entrou no *hall*. Mais três portas se apresentaram, todas fechadas; outros apartamentos, presumivelmente, ou quitinetes. Sobre ocapacho marrom na porta da frente estava o cassetete de Dooley, largado ali como se seu dono tivesse o abandonado na fuga. Boyle engoliu o medo e terminou de entrar no *hall*. Novamente o gemido, mais perto.

Olhou ao redor e para o alto das escadas. Lá, no patamar do meio, jazia Dooley. Estava quase inconsciente. Sofrerá uma tentativa canhestra de ter as roupas rasgadas; grandes partes de sua anatomia inferior estavam expostas.

— O que houve, Dooley? — perguntou Boyle, aproximando-se do pé das escadas. O policial ouviu sua voz e rolou para o lado dele. Seus olhos esgazeados abriram-se aterrorizados sobre Boyle.

— Está tudo bem — Boyle o assegurou. — Sou eu.

Tarde demais Boyle percebeu que o olhar de Dooley não estava focalizado *nele*, mas em alguma coisa atrás. Quando girou nos calcanhares para ver o que assustava Dooley, uma figura pulou a toda em cima dele. Sem fôlego e com um palavrão na boca,

Boyle foi atirado ao chão, onde girou por alguns segundos antes que seu atacante o agarrasse pelo paletó e pelos cabelos, tornando a colocá-lo de pé. Reconheceu na hora o rosto selvagem que se jogava ante o seu — os cabelos compridos, a boca mole, a *fome* — mas havia muita coisa que ele não esperava. Para começar, o homem estava nu como um bebê, mas bem mais servido. Sem contar com o fato de que estava em ponto de bala. Se o olho-de-peixe na virilha dele, piscando para Boyle, já não fosse evidência suficiente, as mãos que agora rasgavam suas roupas tornavam a intenção do atacante perfeitamente visíveis.

— Dooley! — Boyle gritou horrorizado ao ser jogado no corredor. — Pelo amor de Deus! Dooley!

Seus pedidos foram silenciados quando bateu na parede oposta. O selvagem estava às suas costas em meio segundo, amassando o rosto de Boyle contra o papel de parede: pássaros e flores, entrelaçados, enchiam-lhe os olhos. Desesperado, Boyle

lutou, mas a paixão do homem lhe emprestava uma força ingovernável. Com uma insolente mão segurando a cabeça do policial, ele rasgou as calças e cuecas de Boyle, deixando suas nádegas expostas.

— Deus... — Boyle implorou para o padrão do papel de parede. — Por favor, Deus, alguém me ajude... — Mas as orações não eram mais eficazes que seus esforços. Estava pregado na parede como uma borboleta num alfinete, pronta para ser despedaçada. Ele fechou os olhos, lágrimas de frustração descendo por suas faces. O atacante largou a cabeça de Boyle e guiou o instrumento de violação. Boyle recusou-se a gritar. A dor que sentiu não era tanta quanto a vergonha. Melhor talvez que Dooley continuasse desmaiado; que essa humilhação fosse praticada e acabada sem testemunhas.

— Pare — ele murmurou para a parede, não a seu atacante, mas a seu corpo, pedindo-lhe que não achasse prazer naquele ultraje. Mas suas terminações nervosas eram traiçoeiras; inflamavam-se com o ataque. Por baixo da agonia e da dor, uma parte imperdoável dele rejubilava-se com a ocasião.

Nas escadas, Dooley levantou-se. Sua região lombar, fraca desde um acidente de carro no Natal passado, começara a doer quase no instante em que o selvagem o jogara ali. Agora, descendo as escadas, o menor movimento provocava agonias excruciantes. Aleijado pela dor, desceu cambaleando até o final e olhou, surpreso, o outro lado do corredor. Seria possível que aquele fosse Boyle — o convencido, o homem em ascensão, sendo montado como um garoto de rua em busca de dinheiro para drogas? A visão deixou Dooley transfigurado por vários segundos antes que desgrudasse os olhos dali e os transferisse para o cassetete sobre o capacho. Moveu-se com cautela, mas o selvagem estava ocupado demais com o defloramento para notá-lo.

Jerome escutava o coração de Boyle. Era uma batida alta, sedutora, e a cada penetração no homem, ela parecia mais alta. Ele queria aquilo: o calor, a vida daquilo. Sua mão moveu-se para o peito de Boyle, e cravou-se na carne.

— Me dê seu coração — ele disse. Era um verso de uma das canções.

Boyle gritou na parede quando seu atacante feriu seu peito. Havia visto fotos da mulher dos Laboratórios; a ferida aberta de seu torso estava clara em sua cabeça. Agora o maníaco pretendia cometer a mesma atrocidade. *Me dê seu coração*. Imerso em pânico até o limite da sanidade, ele achou nova disposição, e recomeçou a lutar, esticando a mão para trás e metendo as unhas no torso do homem: nada — nem mesmo a tremenda perda de cabelo de sua cabeça — interrompia o ritmo das estovadas, contudo. Numa atitude extrema, Boyle tentou insinuar uma das mãos entre seu corpo e a parede e passá-la por entre as pernas para castrar o filho da puta. Quando ia fazer isso, Dooley atacou, disparando uma chuva de pancadas com o cassetete na cabeça do homem. A distração deu a Boyle pouco espaço de manobra.

Pressionou com firmeza contra a parede; o homem, agarrando o peito de Boyle com a mão escorregadia de sangue, perdeu o contato. Boyle empurrou novamente. Dessa vez, conseguiu afastar inteiramente o homem. Os corpos se separaram; Boyle virou-se, sangrando mas fora de perigo, e viu Dooley seguir o homem corredor abaixo, batendo em sua cabeça loura oleosa. Mas ele não tentava se defender: seus olhos em chamas (Boyle jamais entendera a precisão física dessa imagem até agora) ainda estavam no objeto de suas afeições.

— Mate-o! — Boyle disse baixinho, quando o homem sorriu — sorriu! — entre as pancadas. — Quebre cada osso do corpo dele!

Mesmo que Dooley, depauperado como estava, tivesse em estado adequado para obedecer a ordem, não teria tido chance de cumpri-la. Seus gestos foram interrompidos por uma voz que vinha do corredor. Uma mulher havia emergido do apartamento pelo qual Boyle havia passado. Ela também fora vítima do rapaz, a julgar por seu estado; mas a entrada de Dooley na casa havia obviamente distraído seu molestador antes que pudesse causar sérios danos.

— Prendam ele! — ela disse, apontando para o rapaz sorridente. — Ele tentou me estuprar!

Dooley aproximou-se para prender o prisioneiro, mas Jerome tinha outras intenções. Pôs a mão no rosto de Dooley e empurrou-o contra a porta da frente. O capacho marrom deslizou sob seus pés:

ele caiu. Quando conseguiu recuperar o equilíbrio Jerome estava longe. Boyle fez uma tentativa canhestra de detê-lo, mas os farrapos de suas calças se enrolaram em suas pernas e Jerome, ligeiro, logo já tinha subido as escadas.

— Peça socorro — Boyle ordenou a Dooley. — E rápido.

Dooley assentiu, e abriu a porta da frente.

— Há alguma saída no andar de cima? — Boyle perguntou a Sra. Morrissey. Ela balançou a cabeça. — Então pegamos o filho da puta encurralado, não foi? — ele perguntou. — Vá, Dooley! — Dooley desceu a rua mancando. — Ea senhora — ele disse à mulher — pegue algo que sirva de arma. Qualquer coisa sólida. — A mulher fez que sim e voltou por onde viera, deixando Boyle caído ao lado da porta aberta. Uma brisa suave secava fria o suor de seu rosto. No carro do lado de fora, Dooley pedia reforços.

Num instante, pensou Boyle, os carros estariam ali, e o homem lá em cima seria levado para dar seu depoimento. Não haveria oportunidade para vingança assim que fosse preso; a lei tomaria seu curso plácido, e ele, a vítima, seria apenas um observador. Se tinha que salvaguardar a ruínas de sua masculinidade, *agora* era a hora. Se não — se ficasse ali parado, os intestinos em chamas — jamais se libertaria do horror que sentira com a traição de seu corpo. Devia agir agora — devia acabar com o sorriso no rosto de seu estuprador de uma vez por todas — ou então viver com nojo de si mesmo até que a memória se dissipasse.

A escolha não era nenhuma escolha. Sem maior discussão, levantou-se e começou a subir as escadas. Ao atingir o patamar percebeu que não havia trazido arma, mas sabia que se tornasse a descer perderia toda a oportunidade. Preparado, naquele momento, para morrer se necessário, subiu.

Só havia uma porta aberta no andar de cima; através dela vinha o som de um rádio. No andar de baixo, na segurança do *hall*, ouviu Dooley entrar para lhe dizer que o chamado havia sido feito, apenas para parar no meio do anúncio. Ignorando a distração, Boyle entrou no apartamento.

Não havia ninguém. Boyle levou apenas alguns momentos para checar a cozinha, o pequeno banheiro e a sala de estar: todos

vazios. Voltou ao banheiro, cuja janela estava aberta, e enfiou a cabeça para fora. A queda para a grama do jardim abaixo era razoavelmente fácil. Havia marcas de corpo do homem impressas no chão. Ele havia pulado. Fora embora.

Boyle amaldiçoou seu atraso, e baixou a cabeça. Um fio de suor desceu pela perna. Na sala ao lado, as canções de amor continuavam tocando.

Para Jerome, não houve esquecimento, não desta vez. O encontro com a sra. Morrissey, interrompido por Dooley, e o episódio com Boyle que se seguira, todos apenas serviram para alimentar seu fogo. Agora, à luz dessas chamas, ele via claramente os crimes que havia cometido. Lembrava-se com uma clareza terrível do laboratório, da injeção, dos macacos, do sangue. Os atos de que se lembrava, entretanto (e havia muitos), não despertavam nele qualquer sensação de pecado. Todas as consequências morais, toda vergonha ou remorso, fora enterrado pelo fogo que mesmo agora lambia sua carne e inflamava novos entusiasmos.

Refugiou-se num beco quieto para se fazer apresentável. As roupas que havia conseguido agarrar antes de fugir eram uma confusão só, mas serviriam para evitar que ele atraísse uma atenção indesejável. Enquanto abotoava as calças—o corpo parecia tenso como se se ressentisse de estar oculto — tentou controlar o holocausto que trovejava entre suas orelhas. Mas as chamas não cediam. Cada fibra sua parecia viva ao fluxo do mundo ao seu redor. As árvores ao longo da estrada, a parede às suas costas, as próprias pedras do calçamento sob seus pés descalços lhe atiçavam fagulhas, e queimavam agora com fogo próprio. Ele sorriu ao ver a conflagração se espalhar. O mundo, em cada detalhe ansioso, sorriu de volta.

Excitado além do controle, virou-se para a parede contra a qual se apoiara. O sol havia caído por completo sobre ela, e estava quente: os tijolos cheiravam maravilhosamente. Depositou beijos em suas faces terrosas, as mãos explorando cada reentrância. Murmurando besteiras adocicadas, baixou o zíper, encontrou um nicho confortável e o preencheu. Sua mente corria com imagens líquidas: anatomias misturadas, femininas e masculinas em um

único indistinguível congresso. Acima dele, mesmo as nuvens haviam pegado fogo; enfeitado por suas cabeças em chamas, ele sentiu o momento elevar-se em sua excitação. A respiração era rápida agora. Mas o êxtase? Certamente continuaria para sempre.

Sem aviso, um espasmo de dor viajou por sua espinha do córtex aos testículos e voltou, provocando convulsões. Suas mãos perderam contato com o tijolo e ele terminou seu clímax agonizante no ar ao cair sobre o pavimento. Por vários segundos ele estava onde havia caído, enquanto os ecos de espasmo inicial pulavam para cima e para baixo de sua espinha, diminuindo a cada retorno. Podia sentir o gosto de sangue na garganta; não tinha certeza se havia mordido o lábio ou a língua, mas achava que não. Sobre sua cabeça circulavam pássaros, elevando-se preguiçosos num espiral de ar quente. Ele viu o fogo nas nuvens derramar-se.

Levantou-se e olhou para o tributo de sêmen que depusera no chão. Por um frágil instante ele teve novamente um fragmento da visão que acabara de ter; imaginar um casamento de sua semente com a pedra do calçamento. Que filhos sublimes o mundo se orgulharia de ter, ele pensou, se ele só pudesse copular com tijolo ou árvore; sofreria com prazer as agonias da concepção, se tais milagres fossem possíveis. Mas as pedras do calçamento eram imóveis à sedução de sua semente; a visão, como o fogo acima dele, esfriava e escondia suas glórias.

Guardou o membro ensanguentado e recostou-se na parede, analisando vezes sem conta os estranhos eventos de sua vida recente. Algo de fundamental estava mudando nele, disso não tinha dúvida; o arrebatamento que havia tomado conta dele (e, sem dúvida, tomaria conta de novo), não era nada que tivesse experimentado até então. E o que quer que tivessem injetado em seus sistema não mostrava sinais de se dissipar naturalmente; longe disso. Podia sentir ainda o calor dentro de si, como quando deixara os Laboratórios; mas daquela vez o rugido de sua presença era mais alto que nunca.

Era um novo tipo de vida que estava vivendo, e o pensamento, embora aterrador, o exultava. Nem uma vez ocorreu ao seu cérebro

rodopiante e erotizado que esse novo tipo de vida, no devido tempo, exigiria um novo tipo de morte.

Carnegie fora avisado por seus superiores de que se esperava resultados; ele estava agora passando a surra verbal que recebera para seus comandados. Era uma fileira de humilhação, na qual o maior era encorajado a chutar o menor, e esse, por sua vez, seu inferior. Carnegie às vezes se perguntava em que o homem no final da fileira descarregava sua ira; no cão, provavelmente.

— Este estuprador ainda está solto, cavalheiros, apesar de sua foto em muitos jornais esta manhã, e um método operacional que é, no mínimo, insolente. Nós *vamos pegá-lo*, claro, mas vamos deter o filho da puta antes que tenhamos outra morte nas mãos...

O telefone tocou. O substituto de Boyle, Migeon, pegou o fone, enquanto Carnegie concluía a preleção aos policiais reunidos.

— Quero ele nas próximas vinte e quatro horas, senhores. Foi o cronograma que me deram, e é o que temos. Vinte e quatro horas.

Migeon interrompeu.

— Senhor? É Johannson. Diz que tem algo para o senhor. É urgente.

— Certo. — O Inspetor pegou o fone. — Carnegie.

A voz do outro lado era tão suave que quase não se podia ouvi-la.

— Carnegie — disse Johannson — estivemos nos laboratórios; cavamos cada informação que pudemos encontrar sobre os testes de Dance e Welles...

— E... ?

— Também analisamos traços do agente na seringa que usaram no suspeito. Acho que encontramos o *Garoto*, Carnegie.

— Que garoto? — Carnegie queria saber; achava os rodeios de Johannson irritantes.

— O *Garoto Cego*, Carnegie.

— E?

Por algum motivo inexplicável, Carnegie estava certo de que o homem *sorriu* do outro lado da linha antes de responder:

— Acho que seria melhor você vir aqui e ver por si mesmo. Na hora do almoço está bom?

Johannson poderia ter sido um dos maiores envenenadores da história: tinha todos os requisitos. Uma mente meticulosa (envenenadores eram, na opinião de Carnegie, pessoas de um comportamento exemplar), natureza paciente (venenos podiam levar tempo para agir) e, o mais importante, um conhecimento enciclopédico de toxicologia. Observando-o no trabalho, o que Carnegie fizera em dois casos anteriores, era ver um homem sutil em seu ofício sutil, e o espetáculo gelava o sangue de Carnegie.

Johannson havia se instalado no laboratório do andar de cima, onde a doutora Dance fora assassinada, ao invés de usar as instalações da polícia para a investigação, porque, como explicara a Carnegie, muito do equipamento que a organização Hume afirmava ter, simplesmente não era encontrado em parte alguma. Seu domínio sobre o lugar, acompanhado por seus dois assistentes havia, entretanto, transformado o laboratório de uma confusão deixada pelos doutores num sonho de ordem. Apenas os macacos permaneciam uma constante. Por mais que tentasse, Johannson não conseguia controlar o comportamento deles.

— Não tivemos muita dificuldade em achar a droga usada no seu homem — disse Johannson. — Simplesmente checamos os traços que ficaram na agulha com materiais encontrados na sala. Na verdade, parece que eles estavam fabricando esse negócio, ou variação sobre o tema, por algum tempo. As pessoas aqui, claro, afirmam que não sabiam de nada a respeito. Estou inclinado a acreditar neles. O que os bons doutores faziam aqui era, tenho certeza, da natureza de uma experiência pessoal.

— Que tipo de experiência?

Johannson tirou os óculos e começou a limpá-los com a ponta de sua gravata vermelha.

— Primeiro, achávamos que estavam desenvolvendo alguma espécie de alucinógeno — ele disse. — Em alguns aspectos o agente usado em seu homem lembra um narcótico. Na verdade — métodos a parte — acho que eles fizeram descobertas muito excitantes. Avanços que nos levam a um território inteiramente novo.

— Então não é uma droga?

— Ah, sim, claro que é uma droga — disse Johannson, colocando de volta os óculos — mas criada para um propósito muito específico. Veja você mesmo.

Johannson levou-o até a fileira de jaulas de macacos. Ao invés de ficarem confinados separadamente, o toxicologista achava por bem abrir as portas de ligação entre as jaulas, permitindo aos animais livre acesso para se juntar em grupos. A consequência foi absolutamente clara: os animais começaram a realizar séries elaboradas de atos sexuais. Porque, Carnegie se perguntou, macacos sempre faziam coisas obscenas? Era a mesma tórrida exibição onde quer que ele levasse sua prole, quando crianças, ao Zoológico de Regens Park; a Jaula dos Macacos provocava uma pergunta embaraçosa atrás da outra. Depois de algum tempo parou de levar as crianças. Simplesmente achou mortificante demais.

— Eles não têm nada melhor para fazer? — perguntou a Johannson, desviando o olhar e tornando-o para o ménage à trois que era tão íntimo a ponto do olho não saber que membro era de que macaco.

— Creia em mim — Johannson deu um sorrisinho—isto não é nada comparado a muito do comportamento que vimos deles desde que lhes demos uma dose do agente. Desse ponto em diante eles ignoraram todos os padrões normais de comportamento; desviaram os sinais de excitação, os rituais de fazer a corte. Não mostram mais qualquer interesse por comida. Não dormem. Tornaram-se obsessivos sexualmente. Todos os demais estímulos foram esquecidos. A menos que o agente seja eliminado normalmente pelo organismo, suspeito que vão trepar até morrer.

Carnegie olhou para o resto das jaulas; as mesmas cenas pornográficas eram exibidas em cada uma delas. Estupro em massa, ligações homossexuais, fervente e extasiada masturbação.

— Não é de se espantar por que os doutores fizeram de sua descoberta um projeto secreto — continuou Johannson. — Estavam para descobrir algo que poderiam ter-lhes feito milionários. Um afrodisíaco que realmente funciona.

— Afrodisíaco?

—A maioria deles são inúteis, claro. Chifres de rinocerontes, enguias vivas no molho: coisas simbólicas. São feitas para excitar por associação.

Carnegie lembrou-se da fome nos olhos de Jerome. A dos macacos era um reflexo. Fome, e o desespero que a fome traz.

—E as pomadas também, tudo inútil. *Cantharis vesticatora...*

— Como?

— Mais conhecida como Mosca Espanhola, certo? É uma pasta feita de um inseto. Também é inútil. Na melhor das hipóteses essas coisas são inflamáveis. Mas isso... — Pegou um frasco de fluido incolor. — *Isto* é coisa de gênio.

— Eles não me parecem muito felizes com isso.

— Ah, ainda não está refinado — explicou Johannson. — Acho que os pesquisadores se deixaram levar, e passaram para testes em cobaias vivas uns bons dois ou três anos antes do que deviam. Esta coisa é quase letal do jeito em que está agora, não há dúvida. Mas, no devido tempo, *poderia* dar certo. Sabe, eles deixaram de lado os problemas mecânicos: este negócio opera diretamente na imaginação sexual, na libido. Se você excitar a *mente*, o corpo acompanha. O truque é esse.

O chocalhar de uma grade próxima desviou a atenção de Carnegie das feições pálidas de Johannson. Uma das fêmeas dos macacos, aparentemente não satisfeita com as atenções de vários machos, estava toda aberta contra a jaula, os dedos grossos esticados na direção de Carnegie. Seus homens, para não ficarem sem amor, começaram uma sessão de sodomia.

— *Garoto Cego?* — perguntou Carnegie. — É Jerome?

— Cupido, não é? — disse Johannson, e acrescentou: — "O amor olha não com os olhos, mas com a mente.

E por isso o Cupido é cego." Sonho de uma Noite de Verão.

— O Bardo nunca foi meu forte — comentou Carnegie. Voltou a olhar a fêmea. — E Jerome? — perguntou.

— Ele está com o agente no sistema. Uma dose maciça.

— Então ele está igualzinho a esta turma!

— Eu presumiria — suas capacidades intelectuais sendo maiores—que o agente pode não ser capaz de trabalhar de forma tão

sem *limites*. Mas, apesar disso, o sexo pode nos igualar aos macacos, não pode? —Johannson se permitiu um meio-sorriso ao enunciar o conceito. — Todas as nossas chamadas preocupações mais nobres tornam-se secundárias a isso. Por um curto tempo, o sexo nos torna obsessivos; podemos realizar, ou pelo menos *achamos* que podemos, o que de outra forma pode parecer feitos extraordinários.

— Não acho nada tão extraordinário assim no estupro — comentou Carnegie, tentando cortar pela raiz a rapsódia de Johannson. Mas o outro não se deixou abater.

— Sexo sem fim, sem compromisso ou explicação — ele disse. — Imagine. O sonho de Casanova.

O mundo já vira tantas Idades. A Idade das Luzes; da Reforma; da Razão. Agora, finalmente, a Idade do Desejo. E, depois disso, um fim às Idades; um fim, talvez a tudo. Pois os fogos que estavam sendo atizados agora eram mais fortes do que suspeitava o inocente mundo. Eram fogos terríveis, fogos sem fim, que iluminariam o mundo numa última e feroz fogueira.

Assim pensava Welles, deitado em seu leito. Estava consciente há horas, mas escolhera não demonstrá-lo. Sempre que uma enfermeira vinha ao seu quarto ele fechava os olhos e reduzia o ritmo da respiração. Sabia que não podia manter a ilusão por muito tempo, mas as horas lhe davam um pouco que pensar no itinerário que seguiria daqui. Seu primeiro movimento tinha de ser a volta aos Laboratórios; havia papéis a serem destruídos; fitas a serem apagadas. De agora em diante, estava determinado a fazer com que cada fragmento de informação sobre o *Projeto Garoto Cego* existisse somente na sua cabeça. Assim ele poderia ter controle total sobre sua obra-prima, e ninguém poderia reclamá-la para si.

Nunca tivera muito interesse em ganhar dinheiro com a descoberta, embora estivesse cômico de como um afrodisíaco que funcionasse poderia ser lucrativo; jamais dera atenção à riqueza material. Sua motivação inicial para o desenvolvimento da droga — que encontraram por acaso enquanto testavam um agente para ajudar esquizofrênicos — era investigativo. Mas seus motivos haviam amadurecido, durante os meses de trabalho secreto.

Começara a pensar em si mesmo como o arauto do novo milênio. Não deixaria que ninguém tentasse lhe roubar esse papel sagrado.

Assim ele pensava, deitado em seu leito, esperando o momento de fugir.

Andando pelas ruas, Jerome teria prazerosamente endossado a visão de Welles. Talvez ele, de todos os homens, fosse o mais ansioso para receber a Idade do Desejo. Ele via seus prodígios por toda parte. Em cartazes de propaganda de cinema, em vitrines de lojas, em telas de televisão: em toda parte, o corpo como mercadoria. Onde a carne não fosse utilizada para vender artefatos de pedra e metal, os próprios artefatos assumiam suas propriedades. Automóveis passavam por ele com todos os atributos da volúpia, menos a respiração: seus corpos sinuosos brilhavam, os interiores convidavam, luxuriantes; os edifícios o atiçavam com trocadilhos sexuais. Torres, passagens; praças sombreadas com fontes de água branca. Sob o arrebatamento do superficial — as milhares de distrações triviais que encontravam nas ruas e praças — ele sentiu a vida madura do corpo informando cada detalhe.

O espetáculo mantinha o fogo nele bem atiçado; era tudo o que a força de vontade podia fazer para evitar que ele voltasse sua atenção em toda criatura em que pusesse os olhos. Algumas pareceram sentir o fogo nele, e se afastavam. Os cães também sentiam. Vários o seguiram, excitados por *sua* excitação. Moscas orbitavam sua cabeça em esquadrões. Mas a crescente tranquilidade que sentia com sua condição lhe dava um controle rudimentar sobre ela. Sabia que, para fazer uma exibição pública de seu ardor, traria toda a lei sobre ele, e que isso, por sua vez, acabaria com suas aventuras. Logo, logo, o fogo que ele havia iniciado iria se espalhar: *aí* ele emergiria de seu esconderijo e se banharia livremente nele. Até então, era melhor ser discreto.

Em outras ocasiões, ele comprara a companhia de uma garota no Soho; foi encontrá-la. A tarde estava abafada e quente, mas não sentia cansaço. Não comia desde a noite anterior, mas não sentia fome. Na verdade, ao subir a escadinha estreita até o quarto do primeiro andar que Angela ocupava, sentia-se disposto como um atleta, reluzente de saúde. A cafetina imaculadamente vestida e

bisbilhoteira que normalmente ocupava um lugar no alto das escadas estava ausente. Jerome simplesmente foi ao quarto da garota e bateu. Não houve resposta. Bateu novamente, com mais urgência. O ruído trouxe uma mulher de meia-idade à porta no fim do patamar.

— O que deseja?

— A mulher — ele respondeu simplesmente.

— Ângela foi embora. E é melhor sair daqui também, nesse estado. Isto aqui não é casa de pensão.

— Quando ela volta? — ele perguntou, segurando o apetite o quanto podia.

A mulher, tão alta quanto Jerome e uma vez e meia seu peso, avançou na direção dele.

— A garota *não volta* — ela disse. — É melhor dar o fora, senão chamo Isaiah.

Jerome olhou para a mulher; ela tinha a mesma profissão de Ângela, sem dúvida, apesar de não ter a mesma idade e beleza. Sorriu para ela.

— Posso ouvir seu coração — ele disse.

— Já lhe falei-

Mas antes que ela pudesse terminar as palavras, Jerome desceu as escadas na direção dela. Ela não estava intimidada pela abordagem dele, apenas com nojo.

— Se eu chamar Isaiah, você vai se arrepender—informou-o. As batidas de seu coração dispararam, ele podia ouvir.

— Estou pegando fogo — ele disse.

Ela franziu a testa-, estava obviamente perdendo a batalha de verbal.

— Fique longe de mim — ela disse. — Estou lhe avisando.

O coração batia cada vez mais rápido. O ritmo, enterrado na substância dela, o seduzia. Daquela fonte: toda a vida, todo o calor.

— Me dê seu coração — ele disse.

— Isaiah!

Mas ninguém veio correndo ao seu grito. Jerome não lhe deu oportunidade de gritar uma segunda vez. Correu para abraçá-la, tapando sua boca com a mão. Ela deu uma saraivada de socos nele,

mas a dor só aumentava as chamas. Ele ficava mais brilhante a cada momento: cada orifício seu inflamava a fornalha no estômago, ventre e cabeça. O corpo superior dela não era páreo para tamanho fervor. Ele a empurrou contra a parede — a batida do coração dela alta em seus ouvidos — e começou a aplicar-lhe beijos na nuca, rasgando seu vestido para liberar seus seios.

— Não grite — ele disse, tentando parecer persuasivo. — Não pretendo machucá-la.

Ela balançou a cabeça, e disse:

— Não vou gritar — contra a palma da mão dele. Ele tirou a mão da sua boca, e ela puxou o ar desesperada. Onde estava Isaiah?, ela pensou. Com certeza não estava longe. Temendo por sua vida se tentasse resistir ao invasor — como brilhavam seus olhos! — ela desistiu de qualquer fingimento de resistência e deixou-o fazer o que quisesse. O suprimento de paixão dos homens, ela sabia de longa experiência, facilmente se esgotava. Embora pudessem ameaçar mover céus e terra, meia hora depois isso tudo seriam lençóis molhados e ressentimento. Se acontecesse o pior, ela poderia tolerar sua conversa fiada de queimar; já ouvira conversas mais obscenas na cama. Quanto ao que ele tentava agora enfiar dentro dela, sua aparência cômica não a surpreendia em nada.

Jerome queria tocar seu coração; queria vê-lo molhar o rosto dele, queria se banhar nele. Pôs a mão no seio dela, e sentiu o coração bater sob sua palma.

— Gostou? — ela perguntou enquanto ele apertava o seio dela. — Não é o primeiro.

Ele cravou as unhas em sua pele.

— Com carinho, amor — ela o repreendeu, olhando pelo ombro dele para ver se havia algum sinal de Isaiah. — Seja gentil. É o único corpo que tenho.

Ele a ignorou. Suas unhas tiraram sangue.

— Não faça isso — ela disse.

— Ele quer sair—ele disse enfiando as unhas mais fundo, e subitamente ela se deu conta de que ele não estava brincando.

— *Pare!*— ela gritou quando ele começou a rasgá-la.

Lá embaixo, na rua, Isaiah deixou cair a fatia de *tarte française* que havia acabado de comprar e correu para a porta. Não era a primeira vez que sua paixão por doces o tirava de seu posto, mas — a não ser que se apressasse em corrigir o erro — poderia ser a última. Ouviu barulhos terríveis vindos da escada. Subiu correndo a escada. O cenário que seus olhos viram eram piores que o que havia imaginado. Simone estava presa contra a parede ao lado da porta, com um homem colado nela. Sangue escorria de algum ponto entre os dois, mas ele não conseguia ver de onde.

Isaiah gritou. Jerome, mãos ensanguentadas, desviou a atenção de seus trabalhos quando um gigante num terno Savile Row correu em sua direção. Jerome levou segundos vitais para se livrar da confusão, tempo em que o homem já estava sobre ele. Isaiah agarrou-o e arrastou-o para longe da mulher. Ela correu chorando para o quarto.

— Maluco filho da puta — disse Isaiah, desferindo uma série de socos. Jerome recuou. Mas estava em chamas, e não tinha medo. Num instante pulou sobre o homem como um babuíno enfurecido. Isaiah, apanhado de surpresa, perdeu o equilíbrio, e caiu contra uma das portas, que se abriu com seu peso. Ele caiu para dentro de um lavatório minúsculo, a cabeça batendo na borda do vaso sanitário. O impacto o desorientou, e ele ficou deitado no linóleo manchado gemendo, pernas para o ar. Jerome podia ouvir seu sangue, as veias ansiosas; podia sentir o cheiro do açúcar no seu hálito. Sentiu a tentação de ficar. Mas o instinto de autopreservação falou mais alto; Isaiah já estava tentando se levantar novamente. Antes que conseguisse, Jerome virou-se e desceu correndo as escadas.

O calor do dia encontrou-o na porta, e ele sorriu. A rua o queria mais do que a mulher na escada, e aceitou com prazer. Começou a correr pela calçada, a ereção ainda querendo furar as calças. Atrás dele, ouviu o gigante descendo rápido as escadas. Passou sebo nas canelas às gargalhadas. O fogo ainda estava queimando nele, e emprestava velocidade aos seus pés; desceu correndo a rua, sem ligar se Hálito de Açúcar o estava seguindo ou não. Pedestres, indiferentes, nessa época desapaixonada, a registrar mais que um interesse casual no sátiro sujo de sangue, abriam

caminho para deixá-lo passar. Alguns apontavam, talvez supondo que fosse um ator. A maioria nem reparou. Ele abriu caminho por um labirinto de ruas estreitas, consciente, sem precisar olhar, de que Isaiiah ainda estava no seu encaixe.

Talvez o acaso o tivesse levado à rua do mercado; talvez, e o mais provável, fosse que o calor levasse consigo o cheiro misturado de carnes e frutas às suas narinas, e ele queria se banhar nele. A passagem estreita estava apinhada de compradores, turistas e barracas cheias de produtos. Fundiu-se alegremente à turba, esfregando-se em nádegas e coxas, encarando o olhar espantado de colegas de carne a cada lado. Que dia! Ele e seu cacete mal podiam acreditar em sua sorte.

Atrás dele, ouviu Isaiiah gritar. Acelerou o passo, dirigindo-se para as áreas mais densamente populosas do mercado, onde poderia se perder num oceano quente de pessoas. Cada contato era um êxtase doloroso. Cada clímax — e eles vinham um atrás do outro à medida que ele atravessava a massa — era um espasmo seco em seu sistema. Suas costas doíam, seus testículos doíam: mas o que era seu corpo agora? Apenas um suporte para aquele monumento singular, seu cacete. A cabeça não era *nada*; a mente não era *nada*. Seus braços eram simplesmente feitos para trazer o amor mais para perto, suas pernas, para levar a exigente vara qualquer lugar onde ela pudesse encontrar satisfação. Ele se via como uma ereção ambulante, o mundo se abrindo ao seu redor: carne, tijolo, metal, ele não queria saber: devoraria tudo.

Subitamente, sem que se desse conta, a multidão se abriu, e ele se achou na passagem principal e numa rua estreita. A luz do sol se derramava entre os prédios, seu fervor magnificado. Ele estava para se virar para reunir-se à massa novamente quando captou um cheiro e uma visão que o atraíram. Um pouco abaixo, na rua que fedia pelo calor, três rapazes sem camisa trabalhavam entre pilhas de caixotes de frutas, cada um contendo dúzias de cestos de morangos. Aquele fora um ano de produção excessiva, e no calor impiedoso muitas das frutas começavam a ficar moles e apodrecer. O trio de trabalhadores vasculhava os cestinhos, separando os morangos bons dos ruins, e jogando os estragados no esgoto. O

cheiro naquele espaço estreito era terrível: uma doçura tão forte que teria enjoado qualquer um exceto Jerome, cujos sentidos haviam perdido toda capacidade para repulsa ou rejeição. O mundo era o mundo era o mundo; ele o aceitaria, como num casamento, para melhorar pior. Ficou ali onde estava, vendo o espetáculo como num transe; os trabalhadores suados brilhando ao cair do sol, mãos, braços e torsos sujos de suco escarlate; o ar cheio de todo inseto que se alimentasse de néctar; a fruta descartada se acumulava no ralo do esgoto em montes podres. Ocupados com seu trabalho sujo, os rapazes não o viram no começo. Então um dos três levantou a cabeça, e percebeu a extraordinária criatura que os observava. O riso no seu rosto morreu quando encarou os olhos de Jerome.

— Que diabo é isso?

Agora os outros dois levantaram a cabeça.

— Doce — disse Jerome; ele podia sentir os corações deles estremecerem.

— Olhe só pra ele — disse o mais novo, apontando para o ventre de Jerome. — Está mostrando o pau.

Ficaram paralisados à luz do sol, os quatro, enquanto as vespas vojavam ao redor das frutas e, na fatia estreita de verão azul entre os telhados, pássaros passavam. Jerome queria que o momento continuasse para sempre: sua cabeça nua sentia gosto de paraíso ali.

E então o sonho acabou. Ele sentiu uma sombra às costas. Um dos rapazes deixou cair a cestinha que vasculhava; as frutas podres caíram no cascalho. Jerome franziu a testa, e deu meia volta. Isaiah tinha achado a rua; sua arma era de metal, e brilhava. Ela cruzou o espaço entre ele e Jerome num curto segundo. Jerome sentiu uma dor no tronco quando a faca penetrou nele.

— *Cristo* — disse o rapaz, e começou a correr; seus dois irmãos, sem a menor vontade de serem testemunhas de uma briga daquelas, hesitaram apenas mais um pouco antes de fazer o mesmo.

A dor fez Jerome gritar, mas ninguém no mercado barulhento ouviu-o. Isaiah retirou a lâmina; o calor veio junto. Ele fez menção de esfaquear novamente, mas Jerome era rápido demais para o atacante; saiu de seu alcance e correu trêmulo para a rua. O pretenso assassino, temeroso de que os gritos de Jerome atraíssem

muita atenção, apressou-se para terminar o serviço. Mas o asfalto estava escorregadio com as frutas podres, e seus sapatos finos de camurça eram mais lisos que os pés descalços de Jerome. O abismo entre eles aumentou de mais um passo.

— Não, senhor—disse Isaiiah, determinado a não deixar seu humilhador escapar. Empurrou para o lado uma torre de caixotes de frutas: cestinhas caíram e espalharam seu conteúdo pelo caminho de Jerome. Jerome hesitou, para aspirar o buquê de frutas amassadas. Essa indulgência quase o matou. Isaiiah aproximou-se, pronto para agarrá-lo. Jerome, seu sistema levado quase ao ponto de erupção pelo estímulo da dor, viu a lâmina chegar perto para abrir sua barriga. Sua mente conjurou a ferida: o abdômen rasgado — o calor se derramando para juntar-se ao sangue dos morangos no esgoto. O pensamento era tão tentador. Ele quase o queria.

Isaiiah já tinha assassinado antes, duas vezes. Conhecia o vocabulário sem palavras do ato, e podia ver o convite nos olhos da vítima. Contente em ajudar, foi ao seu encontro, faca em punho. No último instante possível Jerome reagiu, e ao invés de se entregar para o abate, deu um soco no gigante. A faca voou da mão dele e caiu entre o lixo de cestinhos e frutas. Jerome virou-se enquanto o caçador—sua vantagem perdida —parava para localizar a faca. Mas sua presa havia escapado antes que seu punho forte a tivesse encontrado: perdera-se novamente nas ruas lotadas de gente. Não teve oportunidade de guardar a faca no bolso antes que o uniforme saísse da massa e se juntasse a ele no corredor abafado — O que aconteceu? — o policial quis saber, olhando para a faca. Isaiiah acompanhou seu olhar. Afaça ensanguentada estava preta de moscas.

Em seu escritório, o Inspetor Carnegie bebericava seu chocolate quente, o terceiro na última hora, e via o crepúsculo. Sempre quis ser detetive, desde que se entendia por gente; e, naquela época, essa sempre fora uma hora mágica. A noite caindo sobre a cidade; miríades de criminosos vestindo seus farrapos e saindo para brincar. Uma hora de vigilância, de uma nova força moral.

Mas, quando criança, não havia imaginado a fadiga que o pôr-do-sol invariavelmente trazia. Estava cansado até os ossos, e se dormisse nas próximas horas sabia que seria ali, em sua cadeira, com os pés sobre a mesa no meio de pilhas de copinhos plásticos.

O telefone tocou. Era Johannson.

— Ainda trabalhando? — ele perguntou, impressionado pela dedicação de Johannson ao trabalho. Já passava das nove. Talvez Johannson não tivesse uma casa para a qual não valesse a pena voltar.

— Ouvi dizer que nosso homem teve um dia ocupado — comentou Johannson.

— Isso mesmo. Uma prostituta no Soho; e depois conseguiu ser esfaqueado.

— Então ele não foi apanhado?

— Isso acontece — replicou Carnegie, cansado demais para ser espirituoso. — O que posso fazer por você?

— Só achei que gostaria de saber: os maçados começaram a morrer.

As palavras despertaram Carnegie de seu estupor.

— Quantos?

— Dos quatorze, três, até agora. Mas o resto estará morto ao amanhecer, eu acho.

— O que os está matando? Exaustão? — Carnegie lembrou-se da orgia desesperada que assistira nas jaulas. Que animal — humano ou não — poderia manter aquele ritmo sem entrar em colapso?

— Não é físico — disse Johannson. — Ou pelo menos não da forma que você está insinuando. Temos de esperar pelos resultados da dissecação antes de obtermos quaisquer explicações detalhadas...

— Sua melhor hipótese?

— Se é que vale algo... — disse Johannson — ...e vale: acho que estão *explodindo*.

— Como?

— Sobrecarga cerebral de alguma espécie. Seus cérebros estão simplesmente se desligando. O agente não se dispersa, sabia? *Ele se alimenta de si mesmo*. Quanto mais febris ficam, mais droga é produzida; quanto mais droga, mais febris ficam. Um círculo

vicioso. Mais quentes e mais loucos. No fim das contas o sistema não pode suportar mais, e de repente estou até o pescoço de macacos mortos. — O sorriso voltou à voz novamente, frio e pervertido. — Não que isso estrague a diversão dos outros. Necrofilia está virando a última moda aqui em baixo.

Carnegie olhou o chocolate quente que esfriava; formara-se uma pele fina na superfície, que tremia quando ele tocava o copo.

— Então é só questão de tempo? — ele perguntou.

— Antes que nosso homem entre em pane? Acho que sim.

— Está certo. Obrigado pela informação. Mantenha-me informado.

— Quer vir aqui e ver os restos?

— Posso dormir sem corpos de macaco, obrigado.

Johannson deu uma gargalhada. Carnegie pôs o fone no gancho. Quando virou-se para a janela, a noite havia caído definitivamente.

No laboratório, Johannson foi até o interruptor na porta; enquanto conversara com Carnegie o resto do dia havia acabado. Viu o golpe que o derrubou uma fração de segundo antes; pegou-o no lado do pescoço. Uma de suas vértebras estalou, e suas pernas cederam. Ele caiu sem tocar no interruptor. Mas quando atingiu o chão a diferença entre dia e noite era acadêmica.

Welles não se incomodou em conferir se a pancada fora letal ou não; tempo era um luxo. Passou sobre o corpo e dirigiu-se para a bancada onde Johannson havia estado trabalhando. Ali, deitado num círculo de luz da lâmpada como se para o ato final de uma tragédia simiesca, jazia um corpo de macaco. Claramente havia morrido num frenesi; seu rosto estava tenso: a boca escancarada e molhada de saliva, olhos fixos num último olhar de alarme. Seu pelo havia sido arrancado em tufos no auge de suas cópulas; seu corpo, desgastado com o esforço, era uma massa de contusões. Welles levou meio minuto de estudo para reconhecer as implicações do cadáver, e dos outros dois que agora via deitados num banco próximo.

—O amor mata—murmurou filosoficamente para si mesmo, e iniciou a destruição sistemática do *Garoto Cego*.

Estou morrendo, pensou Jerome, estou morrendo de *alegria terminal*. O pensamento o divertiu. Era o único em sua cabeça que fazia um certo sentido. Desde seu encontro com Isaiah, e a fuga da polícia logo depois, não se lembrava de muita coisa coerentemente. As horas de esconderijo e cura das feridas — de sentir o calor tornar a crescer, e descarregá-lo — há muito haviam se fundido num sonho de noite de verão, do qual, ele sabia com prazerosa certeza, só a morte o despertaria. A chama o devorava completamente, das entranhas para fora. Se fosse eviscerado agora, o que encontrariam as testemunhas? Apenas cinzas.

Mesmo assim, seu amigo de um olho só exigia mais; mesmo assim, enquanto voltava aos Laboratórios — aonde mais um homem feito poderia ir quando os pontos se rompiam, senão de volta ao lugar de origem do tratamento? — mesmo assim as grades olhavam sedutoras para ele, e cada tijolo oferecia centenas de convites terrosos.

A noite estava quente: noite de canções de amor e romance. Na privacidade questionável de um estacionamento a poucos quarteirões de seu destino, ele viu duas pessoas fazendo sexo no banco de trás de um carro, as portas abertas para acomodar membros e ventilar os corpos. Jerome parou para ver o ritual, enfeitado como nunca pelos corpos entrelaçados, e o som—tão alto que parecia um trovão — de corações gêmeos batendo num ritmo crescente. Observando, sua vara ficou ansiosa.

A mulher o viu primeiro, e alertou seu parceiro para a ruína de ser humano que os via com deleite tão infantil. O homem desviou a atenção de onde estava para olhá-lo fixamente. Estou queimando, perguntou-se Jerome? Será que meus cabelos estão em chamas? Finalmente a ilusão ganha substância? A julgar pelo olhar em seus rostos, a resposta era certamente não. Eles não estavam com medo dele, apenas com raiva e revolta.

— Estou pegando fogo — disse a eles.

O homem levantou-se e cuspiu em Jerome. Quase esperava que o cuspe virasse vapor ao aproximar-se dele, mas pousou em seu rosto e peito como uma ducha refrescante.

— Vá para o inferno — disse a mulher. — Deixe a gente em paz.

Jerome balançou a cabeça. O homem avisou-o de que outro passo o obrigaria a quebrar a cabeça de Jerome. Isso não perturbou nosso homem nem um pouco; nem palavras nem socos poderiam silenciar o imperativo da vara.

Seus corações, ele percebeu enquanto se aproximava deles, não batiam mais em uníssono.

Carnegie consultou o mapa, que já tinha cinco anos, na parede do escritório, para marcar com um alfinete o local do ataque que acabara de ser relatado. Aparentemente nenhuma das vítimas se machucara seriamente; a chegada de um carro cheio de gente que vinha de uma festa impediu Jerome (era Jerome, sem dúvida) de prosseguir. Agora a área estava inundada de policiais, meia dúzia deles armados; em questão de minutos todas as ruas nas vizinhanças do ataque seriam isoladas. À diferença do Soho, que estava lotado, aquela área não daria ao fugitivo muitos esconderijos.

Carnegie pôs um alfinete no local do ataque, e percebeu que ficava a alguns quarteirões dos Laboratórios. Certamente não era acidente algum. O homem estava voltando ao local do crime. Ferido, e sem dúvida à beira do colapso — os amantes haviam descrito um homem que parecia mais morto do que vivo — Jerome seria provavelmente apanhado antes de chegar em casa. Mas sempre havia o risco de passar por entre os buracos da rede, e chegar aos Laboratórios. Johannson estava trabalhando lá, sozinho; a guarda no prédio era, naqueles tempos de crise, necessariamente pequena.

Carnegie pegou o fone e discou para Johannson. O telefone tocava do outro lado, mas ninguém atendeu. O homem foi para casa, pensou Carnegie, contente por ter sido aliviado de sua preocupação, são dez e cinquenta da noite e ele merece um descanso. Mas quando ia botar o fone no gancho, alguém atendeu do outro lado.

—Johannson?

Ninguém respondeu.

—Johannson? Aqui é Carnegie. — Nada de resposta ainda. — Responda, diabos. Quem está aí?

Nos Laboratórios, o fone foi esquecido. Não foi posto de volta ao gancho, mas deixado sobre a bancada. Do outro lado da linha, Carnegie podia ouvir os macacos, suas vozes agudas.

—Johannson?—perguntou Carnegie, inquieto. —Você está aí? Johannson?

Mas só os macacos responderam.

Welles havia feito duas fogueiras do material do *Garoto Cego* nas pias, e depois acendeu-as. Elas subiram entusiasmaticamente. Fumaça, calor e cinzas encheram a grande sala, espessando o ar. Quando as fogueiras começaram a queimar em profusão ele jogou todas as fitas em que pôde colocar as mãos, e acrescentou todas as notas de Johannson por via das dúvidas. Várias das fitas já haviam sido retiradas dos arquivos, ele reparou. Mas tudo o que podiam mostrar a qualquer ladrão eram algumas cenas provocantes de transformação: o coração do segredo continuava seu. Com os procedimentos e fórmulas agora destruídos, só restava lavar das pias as pequenas doses do agente que restavam e matar e incinerar os animais.

Preparou uma série de injeções letais, fazendo o serviço com cuidado fora do normal. Aquela destruição sistemática o gratificava. Não lamentava a forma como as coisas haviam acontecido. Desde aquele primeiro momento de pânico, quando vira indefeso o soro *Garoto Cego* fazer seu efeito assustador em Jerome — até aquela última eliminação de tudo o que se dera antes — fora, ele via agora, um processo firme de erradicação. Com aquelas fogueiras ele trazia um fim à farsa da investigação científica; depois disso ele era indiscutivelmente o Apóstolo do Desejo, o João Batista no deserto de ideias. O pensamento o cegava para qualquer outro.

Sem se importar com os arranhões dos macacos, ele os pegou um por um, de suas jaulas, para dar-lhes a dose mortal. Havia despachado três, e estava abrindo a jaula do quarto quando uma figura apareceu na porta do laboratório. Através do ar enfumaçado era impossível ver quem. Os macacos sobreviventes pareciam tê-lo reconhecido, entretanto: largaram suas cópulas e lhe deram gritos de boas-vindas.

Welles ficou parado onde estava, e esperou que o visitante fizesse seu movimento.

— Estou morrendo — disse Jerome.

Welles não havia esperado por isso. De todas as pessoas que esperava, Jerome era a última.

— Você me ouviu? — o homem quis saber.

Welles fez que sim com a cabeça.

— Estamos *todos* morrendo Jerome. A vida é uma doença lenta, nem mais nem menos. Mas uma *luz* dessas no meio do caminho, hein?

— *Você sabia que* isto ia acontecer—disse Jerome. — Sabia que o fogo me consumiria.

— Não — foi a resposta séria. — Eu não sabia. Verdade.

Jerome saiu da porta e caminhou até a luz mortiça. Estava um farrapo; um retalho humano, sangue no corpo, fogo nos olhos. Mas Welles sabia que não devia confiar na aparente vulnerabilidade daquele espantalho. O agente em seu sistema o havia tornado capaz de atos super-humanos: vira Dance ser rasgada com poucas carícias descuidadas. Era preciso ter tato. Embora estivesse claramente perto da morte, Jerome ainda era formidável.

— Eu não tive a intenção, Jerome — disse Welles, tentando dominar o tremor na voz. — Eu queria, de certa forma, poder dizer que sim. Mas não tive essa visão. Foi preciso tempo e dor para ver o futuro com clareza.

O homem em chamas o observava com o olhar fixo.

— Tamanhos fogos, Jerome, esperando para serem acesos.

— Eu sei... —Jerome respondeu. — acredite... eu sei.

—Você e eu; nós somos o fim do mundo.

O monstro deformado ponderou isso por um momento, e então concordou lentamente. Welles exalou discretamente um suspiro de alívio; a diplomacia do leito de morte estava funcionando. Mas tinha pouco tempo para desperdiçar com conversas. Se Jerome estava ali, as autoridades não estariam logo atrás?

— Tenho trabalho urgente a fazer, meu amigo — ele disse calmo. — Você me acharia mal-educado se eu prosseguisse com ele?

Sem esperar resposta, abriu outra jaula e tirou o macaco condenado dela, virando habilidosamente seu corpo para facilitar a injeção. O animal convulsionou-se em seus braços por alguns

momentos, e depois morreu. Welles soltou os dedos rígidos do macaco de sua camisa e jogou o cadáver e a seringa usada na bancada, virando-se com a precisão de um carrasco para reclamar a próxima vítima.

— Por quê? — perguntou Jerome, olhando os olhos abertos do animal.

— Ato de misericórdia — replicou Welles, apanhando outra seringa.—Pode ver como estão sofrendo.—Estendeu a mão para abrir a próxima jaula.

— Não faça isso — pediu Jerome.

— Não há tempo para sentimentos — retrucou Welles. — Peça que pare com isso.

Sentimento, pensou Jerome, lembrando-se mal e mal das canções no rádio que primeiro lhe reacenderam o fogo. Welles não entendia que os processos do coração, da cabeça e do ventre eram indivisíveis? Que o sentimento, por mais fútil, podia levar a regiões desconhecidas? Ele queria contar isso ao doutor, explicar tudo o que vira e que amara naquelas horas de desespero. Mas em algum lugar entre mente e língua as explicações se esconderam.

Tudo o que podia dizer, para reforçar a empatia que sentia por todo o mundo sofrido, era:

— *Não* — quando Welles abriu a jaula seguinte; O doutor ignorou-o e meteu a mão na cela gradeada. Ela continha três animais. Pegou o que estava mais perto e puxou-o, sob protestos, dos abraços de seus companheiros. Sem dúvida ele sabia que destino o aguardava; uma confusão de gritos esganiçados assinalava seu terror.

Jerome não tinha estômago para essa exibição casual. Moveu-se, a ferida no tronco um tormento, para impedir a matança. Welles, distraído pelo avanço de Jerome, largou sua presa que se debatia: o macaco saiu em disparada por sobre as bancadas. Ao partir para recapturá-lo, os prisioneiros na jaula atrás dele aproveitaram a chance e escaparam.

— Merda — Welles gritou para Jerome. — Não vê que não temos *tempo*? Não entende?

Jerome entendia tudo, e nada. A febre que compartilhava com os animais ele entendia; seu propósito, o de transformar o mundo, também. Mas por que deveria terminar assim — aquela alegria, aquela visão — porque tudo deveria acabar numa sala sórdida cheia de fumaça e dor, acabar em fragilidade, em desespero — *isso* ele não entendia. Nem, agora percebia, Welles, que fora o arquiteto dessas contradições.

Quando o doutor partiu para um dos macacos furtivos, Jerome foi sorrateiro até as jaulas que restavam e abriu-as todas: os animais pularam para sua liberdade. Welles, no entanto, conseguira sua recaptura, e tinha os macacos sob seu domínio, à beira de receberem a panaceia. Jerome correu em sua direção.

— Solte-o — ele gritou.

Welles enfiou a agulha no corpo do macaco, mas antes que pudesse pressionar o êmbolo Jerome puxou seu braço. A agulha cuspiu seu veneno no ar, e caiu ao chão: o macaco, conseguindo se libertar, foi o próximo.

Jerome puxou Welles para perto.

— Eu lhe mandei que o *soltasse*—ele disse.

A resposta de Welles foi levar o punho ao flanco ferido de Jerome. Lágrimas de dor brotaram de seus olhos, mas não soltou o doutor. O estímulo, por mais desagradável que fosse, não podia dissuadi-lo de segurar aquele coração pulsante perto de si. Desejava, abraçando Welles como um amigo pródigo, que pudesse se inflamar: que o sonho de carne queimando que havia passado se tornasse agora uma realidade, consumindo criador e criatura numa única chama purificadora. Mas sua carne era apenas carne-, seu osso, osso. Os milagres que vira foram uma revelação particular, e agora não havia tempo para comunicar suas glórias ou horrores. O que vira morreria com ele, para ser redescoberto (talvez) por alguém no futuro, apenas para ser esquecido e descoberto novamente. Como a história de amor que o rádio lhe contara; a mesma alegria perdida e encontrada, encontrada e perdida. Olhou para Welles com uma nova compreensão surgindo, ouvindo ainda o bater aterrorizado do coração do homem. O doutor estava *errado*. Se

deixasse o homem viver, ele saberia de seu erro. Eles não eram arautos do milênio. Ambos estiveram sonhando.

—Não me mate—implorou Welles.—Eu não quero morrer.

Pior para você, idiota, pensou Jerome, e soltou o homem.

O espanto de Welles foi genuíno: não podia acreditar que seu apelo pela vida tivesse sido ouvido. Esperando a morte a cada passo, recuou do alcance de Jerome, que simplesmente virou as costas para o doutor e afastou-se.

Do andar de baixo veio um grito, e depois muitos gritos. Polícia, pensou Welles. Provavelmente acharam o corpo do policial que estivera de guarda na porta. Não havia tempo agora para terminar as tarefas que tinha vindo realizar. Tinha de fugir antes que chegasse.

No piso de baixo, Carnegie viu os policiais armados sumirem escada acima. Havia um cheiro fraco de fogueira no ar; ele temia o pior.

Eu sou o homem que chega depois do ato, ele pensou consigo mesmo; estou perpetuamente no cenário quando o melhor da ação acabou. Por mais acostumado que estivesse à espera, paciente como um cachorro fiel, daquela vez não conseguiu segurar a ansiedade enquanto os outros avançavam. Sem ligar para as vozes que lhe pediam para esperar, começou a subir as escadas.

O laboratório no andar de cima estava vazio, a não ser pelos macacos e pelo cadáver de Johannson. O toxicologista estava deitado de bruços onde caíra, pescoço quebrado. A saída de emergência, que dava para a escada de incêndio, estava aberta; o ar enfumaçado era levado para fora através dela. Quando Carnegie afastou-se do corpo de Johannson, os policiais já estavam na escada de incêndio, chamando seus colegas abaixo para que procurassem o fugitivo.

— Senhor?

Carnegie olhou para o indivíduo de bigode que se aproximara dele.

— O que foi?

O policial apontou para a outra ponta do laboratório: para a câmara de testes. Havia alguém à janela. Carnegie reconheceu as

feições, muito embora estivessem mudadas demais. Era Jerome. Primeiro pensou que o homem olhava para ele, mas um breve olhar descartou essa ideia. Jerome olhava, com lágrimas nos olhos, seu próprio reflexo no vidro sujo. Carnegie viu o rosto afastar-se para a penumbra da câmara.

Outros policiais também haviam notado o homem. Esgueiravam-se laboratório adentro, tomando posições atrás das bancadas de onde pudessem visualizar bem a porta, armas em punho. Carnegie já estivera presente em situações daquelas antes; tinham vida própria. A menos que interviesse, haveria sangue.

— Não — ele disse. — Esperem um pouco.

Empurrou de lado o policial que protestava e começou a atravessar o laboratório, não fazendo a menor tentativa de esconder o avanço. Passou pelas pias onde se atulhavam os restos do *Garoto Cego*, pela bancada sob a qual, séculos atrás, encontraram o corpo de Dance. Um macaco, cabeça baixa, arrastou-se por ali, aparentemente surdo à sua proximidade. Deixou-o encontrar um buraco onde morrer, e depois foi até a porta da câmara. Estava entreaberta. Esticou a mão para a maçaneta. Atrás dele, o laboratório estava no mais completo silêncio; todos os olhos estavam nele. Ele abriu a porta. Dedos coçaram gatilhos. Mas não houve ataque. Carnegie entrou.

Jerome estava de pé, contra a parede oposta. Se vira Carnegie entrar, ou o ouvira, não deu a entender. Um macaco morto jazia aos seus pés, uma das mãos ainda segurando a barra de suas calças. Outro gemia no canto, segurando a cabeça nas mãos.

— Jerome?

Seria imaginação de Carnegie, ou estava sentindo cheiro de morango?

Jerome piscou os olhos.

— Você está preso — disse Carnegie. Hendrix apreciaria a ironia disso, pensou. O homem tirou a mão ensanguentada da ferida no seu flanco e levou-a à frente das calças, e começou a se acariciar.

— Tarde demais — disse Jerome. Podia sentir o último fogo subindo por ele. Mesmo que aquele intruso quisesse cruzar a câmara e prendê-lo agora, os próximos segundos lhe negariam a

captura. *A Morte estava ali*. E o que era ela, agora que podia vê-la com clareza? Apenas outra sedução, outra doce escuridão para ser preenchida, satisfeita e tornada fértil.

Um espasmo começou no seu períneo, e um raio viajou em duas direções desse ponto, para sua vara e para sua espinha. Uma gargalhada começou em sua garganta. No canto da câmara o macaco, ouvindo os risos de Jerome, começou a gemer novamente. O som chamou por um momento a atenção de Carnegie, e quando seu olhar voltou para Jerome os olhos míopes haviam se fechado, a mão caído, e ele estava morto, de pé contra a parede. Por um breve instante o corpo desafiou a gravidade. Então, graciosamente, as pernas cederam e Jerome caiu para a frente. Ele era, notou Carnegie, um saco de ossos, nada mais. Era de espantar que tivesse vivido tanto.

Cauteloso, foi até o corpo e colocou o dedo no pescoço do homem. Não tinha pulsação. Os restos da última gargalhada de Jerome permaneciam no seu rosto, entretanto, recusando-se a desaparecer.

— Diga-me...—Carnegie sussurrou para o homem, sentindo que apesar de seu avanço ele havia perdido o momento; que mais uma vez ele era, e talvez sempre fosse ser, simplesmente uma testemunha de consequências: — Diga-me. *Qual foi a piada?*

Mas o garoto cego, como é de hábito de sua tribo, não respondeu.

Volume V



O PROIBIDO

Como uma tragédia impecável, cuja elegância estrutural escapa aos que a sofrem, a geometria perfeita do conjunto residencial da Rua Spector era visível apenas do alto. Caminhando por seus desfiladeiros áridos, passando pelos corredores sujos de um bloco residencial de concreto ao seguinte, pouco havia que seduzisse o olhar ou estimulasse a imaginação. As poucas plantas que ornamentavam os pátios há muito haviam sido mutiladas ou arrancadas; a grama, embora alta, recusava-se, teimosa, a assumir um verde saudável.

Sem dúvida, o conjunto e seus dois projetos-irmãos haviam sido um dia o sonho de um arquiteto. Sem dúvida, os planejadores urbanos haviam chorado de prazer ao ver um projeto que abrigava trezentas e trinta e seis pessoas por hectare, e ainda reservava espaço para um *playground* infantil. Sem dúvida, fortunas e reputações haviam sido construídas sobre a Rua Spector, e em sua inauguração discursos a exaltaram como o padrão pelo qual todos os futuros empreendimentos imobiliários deviam ser avaliados. Mas os planejadores — lágrimas derramadas, discursos pronunciados — haviam deixado o conjunto por conta própria; os arquitetos ocupavam casas em estilo georgiano do outro lado da cidade e provavelmente jamais haviam posto os pés ali.

Eles não teriam ficado envergonhados pela deterioração do conjunto, mesmo que fossem propensos a isso. A menina dos olhos de todos eles (seria, sem dúvida, o seu argumento) era brilhante como nunca; suas geometrias eram precisas, suas relações métricas, calculadas; as pessoas é que haviam estragado a Rua Spector. E não estariam errados ao fazer uma acusação dessas. Poucas vezes Helen vira um ambiente urbano tão completamente vandalizado.

Lâmpadas estilhaçadas e cercas de quintais derrubadas; carros, cujos pneus e motores haviam sido removidos e cujos chassis foram em seguida queimados, bloqueavam entradas de garagens. Numa quadra, três ou quatro sobrados haviam sido inteiramente consumidos pelo fogo, as janelas e portas tapadas com tábuas e ferro corrugado.

Mais espantosas ainda eram as pichações. Era isso o que ela tinha ido ver ali, encorajada pelo papo de Archie a respeito do lugar, e não ficou desapontada. Era difícil crer, olhando as múltiplas camadas de desenhos, nomes, obscenidades e frases rabiscadas e borrifadas em cada parede livre, que a Rua Spector não tinha nem três anos e meio. As paredes, virgens até pouco tempo, estavam tão profundamente desfiguradas que o Departamento de Limpeza Urbana não poderia alimentar a menor esperança de fazer com que voltassem à condição original. Uma demão de cal para cancelar essa cacofonia visual só ofereceria aos escribas uma superfície nova e mais tentadora para deixarem suas marcas.

Helen estava no sétimo céu. Cada esquina que ela virava oferecia material novo para sua tese: "Grafites: a semiótica do desespero urbano." Era um assunto que unia suas duas disciplinas favoritas — sociologia e estética —, e enquanto ela vagava pelo conjunto começou a se perguntar se não haveria um livro, além de sua tese, sobre o assunto. Andou de quadra em quadra, copiando grande número dos rabiscos mais interessantes e anotando sua localização. Então voltou ao carro para apanhar a câmera e o tripé, e retornou à área mais fértil, para fazer um registro visual completo dos muros.

Foi um servicinho meio duro, aquele. Ela não era *expert* em fotografia, e o céu de fins de outubro estava em sua força total, mudando a luz sobre os tijolos a todo instante. A medida que ajustava e reajustava a exposição para compensar as mudanças de luz, seus dedos iam ficando cada vez mais desajeitados, enquanto seu ânimo diminuía. Mas ela continuou pelejando, sem ligar para a curiosidade dos passantes, que aliás eram poucos. Havia muitos desenhos para documentar. Ela se lembrou de que seu atual desconforto seria amplamente recompensado quando mostrasse os

slides a Trevor, cujas dúvidas a respeito da validade do projeto tinham sido perfeitamente visíveis desde o começo.

— As pichações nos muros? — ele dissera, com aquele seu irritante sorriso de meia boca. — Isso já foi feito um milhão de vezes.

Era verdade, naturalmente; mas também não era. Eram certamente obras cultas sobre grafites, transbordantes de jargão sociológico: *dessacralização cultural, alienação urbana*. Mas ela estava convencida de que poderia encontrar algo entre aquele monte de rabiscos que analistas anteriores não haviam encontrado: alguma convenção unificadora, talvez, que ela pudesse usar como ponto fulcral de sua tese. Apenas uma vigorosa catalogação e um trabalho de comparação das frases e imagens à sua frente revelariam correspondências entre elas; daí a importância daquele estudo fotográfico. Muitas mãos haviam trabalhado ali; muitas mentes haviam deixado ali sua marca, ainda que casualmente: se ela pudesse achar algum padrão, algum motivo predominante, ou *motif*, a tese com certeza atrairia atenção séria, e portanto, por sua vez, ela também.

— O que você está fazendo? — perguntou uma voz atrás dela.

Ela abandonou seus cálculos para ver uma jovem com um carrinho de bebê na calçada atrás dela. Ela parecia cansada, pensou Helen, e afetada pelo frio. A criança no carrinho choramingava, seus dedos melados segurando um pirulito laranja e o papel de uma barra de chocolate. O grosso do chocolate e os restos de jujubas anteriores estavam espalhados pela frente de seu casaquinho.

Helen ofereceu um sorriso fraco à mulher; ela parecia precisar de um.

— Estou fotografando as paredes — disse em resposta à pergunta inicial, embora certamente aquilo fosse perfeitamente óbvio.

A mulher — que não tinha mais do que vinte anos, julgou Helen — indagou: — Você quer dizer essa sujeira?

— As frases e as figuras — concordou Helen. E depois: — Sim. A sujeira.

— Você é da Prefeitura?

— Não, da Universidade.

— E nojento — afirmou a mulher. — O jeito como eles fazem isso. E não são só os garotos.

— Não?

— Homens crescidos. Homens crescidos também. Não estão nem aí. Fazem isso à luz do dia. Você vê eles... à luz do dia. — Ela olhou para a criança, que estava esfregando o pirulito no chão.

— Kerry! — ela gritou, mas o garoto nem se deu conta. — Eles vão apagar isso?

— Não sei — respondeu Helen, e reiterou: — Sou da Universidade.

— Ah! — respondeu a mulher, como se fosse informação nova. — Então você não tem nada a ver com a Prefeitura.

— Não.

— Tem uns que são obscenos, não são? Sujos mesmo. Fico até com vergonha de ver certas coisas que eles desenham.

Helen fez que sim, olhando o garoto no carrinho. Kerry havia decidido guardar o doce no ouvido.

— Não faça isso! — a mãe lhe disse, e inclinou-se para dar um tapa na mão da criança. O tapa, de efeito moral, fez com que desatasse a chorar. Helen aproveitou a oportunidade para voltar à câmara. Mas a mulher ainda queria conversa. — E não tem só do lado de fora, não — ela comentou.

— Perdão? — disse Helen.

— Eles entram nos apartamentos quando estão vazios. A Prefeitura tentou fechar as portas com tábuas, mas não adianta. Eles entram do mesmo jeito. Usam os apartamentos como banheiro e escrevem mais pouca-vergonha nas paredes. Acendem fogueiras também. Aí ninguém pode se mudar para lá.

A descrição aguçou a curiosidade de Helen. Será que os grafites nas paredes *de dentro* seriam substancialmente diferentes dos que estavam exibidos ao público? Certamente valia a pena investigar.

— Tem algum lugar aqui perto assim?

— Apartamentos vazios?

— Com grafites.

— Perto de onde a gente mora tem um ou dois — a mulher ofereceu. — Eu estou em Butts' Court.

— Será que você podia me mostrar? — perguntou Helen.

A mulher deu de ombros.

— A propósito, meu nome é Helen Buchanan.

— Anne-Marie — replicou a mulher.

— Eu ficaria muito grata se você pudesse me mostrar um daqueles apartamentos vazios.

Anne-Marie ficou impressionada com o entusiasmo de Helen e não tentou disfarçar, mas tornou a dar de ombros e acrescentou:

— Não tem muito para ver. E repetição disso aí.

Helen recolheu seu equipamento e elas andaram lado a lado pelos corredores de interseção entre um quarteirão e o seguinte. Embora o conjunto fosse baixo, cada quadra com altura de apenas cinco andares, o efeito de cada pátio interno era horrivelmente claustrofóbico. As vielas e escadas eram o sonho de um ladrão, cheias de cantos fechados e túneis mal iluminados. As lixeiras — aberturas dos andares superiores pelas quais os sacos de lixo eram jogados — haviam há muito sido fechadas, graças à sua eficiência como focos de incêndio. Agora os sacos plásticos de lixo formavam pilhas enormes nos corredores, o conteúdo espalhado pelo chão. O cheiro, mesmo no frio, era desagradável. No meio do verão deveria ser insuportável.

— Eu moro do outro lado — falou Anne-Marie, apontando para o lado oposto ao pátio. — Aquela da porta amarela. — Então apontou para o outro lado da quadra. — Cinco ou seis sobrados contando de lá para cá — ela disse. — Duas delas foram esvaziadas. Tem poucas semanas. Uma das famílias mudou-se para Rus-kin Court; a outra se mandou no meio da noite.

Dizendo isso, deu as costas para Helen e empurrou Kerry, que havia começado a brincar com cuspe no lado do carrinho, contornando a praça.

— Obrigada — Helen agradeceu. Anne-Marie olhou de relance para trás, mas não respondeu. Apetite atiçado, Helen encaminhou-se ao longo dos sobrados, muitos dos quais, embora habitados, não mostravam muitos sinais de ocupação. As cortinas estavam bem

puxadas; não havia garrafas de leite nas portas, nem brinquedos de criança abandonados onde haviam sido usados. Nada, na verdade, de *vida* por ali. Mas havia mais grafites, chocantemente borrifados nas portas das casas ocupadas. Ela examinou apenas de passagem os rabiscos, em parte porque teve medo de que uma das portas se abrisse enquanto analisava uma obscenidade qualquer escrita por ali, mas principalmente porque estava ansiosa para ver que revelações os apartamentos vazios à frente poderiam oferecer.

O cheiro ruim de urina, tanto fresca quanto podre, recebeu-a na entrada do número 14, e debaixo disso o cheiro de tinta e plástico queimados. Hesitou por dez segundos inteiros, imaginando se entrar no sobrado seria um movimento inteligente. O terreno do conjunto habitacional atrás dela era indiscutivelmente estranho, encerrado em sua própria miséria, mas os quartos à sua frente eram ainda mais intimidadores: um labirinto escuro que seus olhos mal conseguiam penetrar. Mas quando a coragem lhe faltou, pensou em Trevor, e de como queria calar sua condescendência. Pensando assim, avançou para dentro do lugar, chutando deliberadamente um pedaço de madeira esturricada para o lado, na esperança de que alertasse qualquer ocupante que aparecesse.

Mas não houve qualquer sinal de ocupação. Ganhando confiança, ela começou a explorar a sala da frente do sobrado que havia sido — a julgar pelos restos de um sofá eviscerado num canto e o carpete encharcado — uma sala de estar. As paredes verde-claras estavam, conforme Anne-Marie havia prometido, completamente desfiguradas, tanto por escrevinhadores menores — que se contentaram em trabalhar à caneta, ou, de forma até mais simples, com carvão —, quanto por aspirantes a trabalhos públicos, que haviam borrifado as paredes com meia dúzia de cores.

Algumas pichações tinham interesse, embora ela já tivesse visto muitas nas paredes lá de fora. Nomes e casais familiares se repetiam. Embora ela nunca tivesse posto os olhos naqueles indivíduos, sabia o quanto Fabian J. (A.OK!) queria deflorar Michelle; e que Michelle, por sua vez, estava com tesão por alguém chamado Mr. Sheen. Ali, como em outro lugar, um homem chamado Rato Branco se gabava do tamanho de seus dotes, e a volta dos

Sylabbub Brothers era prometida em tinta vermelha. Uma ou duas figuras que acompanhavam essas frases, ou pelo menos lhes eram adjacentes, tinham interesse especial. Uma simplicidade quase emblemática as formava. Ao lado da palavra *Cbristos* havia um boneco rabiscado com os cabelos se irradiando da cabeça como espinhos, e outras cabeças empaladas em cada espinho. Perto havia a imagem de um ato sexual tão brutalmente reduzida que Helen achou que ilustrava uma faca cravada num olho cego. Mas, por mais fascinantes que fossem as imagens, a sala estava escura demais para que pudesse fotografá-la, e ela se esquecera de trazer um *flash*. Se quisesse um registro confiável dessas descobertas, teria de voltar, e por ora se contentar com uma simples exploração do local.

O sobrado não era grande, mas as janelas haviam sido completamente tapadas com tábuas, e, à medida que ela se afastava da porta da frente, a luz dúbia desaparecia por completo. O cheiro de urina — que havia sido forte na porta, também aumentou, até que, quando ela chegou ao outro lado da sala de estar e entrou num pequeno corredor que levava a uma nova sala adiante — estava tão penetrante quanto o do incenso.

Essa sala, estando mais distante da porta da frente, era também a mais escura, e ela teve de esperar alguns momentos na penumbra confusa para permitir que os olhos se adaptassem. Ali, pensou, devia ter sido o quarto.

A pouca mobília que os residentes haviam deixado para trás fora feita em pedacinhos. Apenas o colchão ficara relativamente intacto, jogado no canto do quarto entre uma pilha deplorável de cobertores, jornais e pedaços de excremento.

Do lado de fora, o sol achou seu caminho por entre as nuvens, e dois ou três raios de luz passaram entre as tábuas pregadas na janela do quarto e rasgaram o quarto como anunciações, atingindo a parede oposta com linhas brilhantes. Ali, os grafiteiros também haviam tido trabalho: o clamor costumeiro de mensagens de amor e ameaças. Ela vasculhou rapidamente a parede, e ao fazer isso seus olhos foram levados pelos raios de luz que atravessavam o quarto até a parede que continha a porta pela qual havia passado.

Ali, os artistas também haviam trabalhado, mas tinham produzido uma imagem que ela não vira em lugar algum. Usando a porta, que ficava no centro da parede, como uma boca, os artistas haviam desenhado com *spray* uma única e vasta cabeça no reboco nu. A pintura era mais bem-feita do que a maioria que ela vira, cheia de detalhes que davam à imagem uma veracidade perturbadora. Os ossos malares despontavam sob a pele de cor de manteiga; os dentes — afiados até formarem pontas irregulares — convergiam todos para a porta. Os olhos do modelo estavam, devido ao teto baixo do quarto, poucos centímetros acima da porta, mas o ajuste físico só emprestava força à imagem, dando a impressão de que a figura havia jogado a cabeça para trás. Fios de cabelos, com nós, serpenteavam do couro cabeludo até o teto.

Seria o retrato de alguém? Havia algo de incomodamente *específico* nos detalhes das sobrancelhas e nas linhas ao redor da boca larga; também nos detalhes cuidadosos daqueles dentes terríveis. Certamente um pesadelo: um fac-símile, talvez, de alguma coisa saída de um delírio de heroína. Fossem quais fossem suas origens, era potente. Mesmo a ilusão da porta como boca funcionava. O pequeno corredor entre a sala de estar e o quarto oferecia uma garganta admissível, com uma lâmpada caindo aos pedaços no lugar das amígdalas. Além do esôfago, o dia brilhava branco nas entranhas do pesadelo. O efeito do conjunto trazia à mente um quadro de trem-fantasma. A mesma deformidade heroica, a mesma intenção descarada de assustar. E funcionou; ela ficou parada, em pé, no quarto, quase estupificada pela imagem, aqueles olhos vermelhos fixando-a sem misericórdia. Amanhã, determinou, tornaria a voltar ali, dessa vez com um filme de alta velocidade e um *flash* para iluminar a obra-prima.

Quando se preparava para sair, o sol entrou e as faixas de luz se desvaneceram. Olhou para as janelas tapadas e viu pela primeira vez aquele *slogan* de quatro palavras borrifado na parede debaixo delas.

Doces para um doce, dizia. Ela conhecia a citação, mas não sua fonte. Seria uma profissão de amor? Se era, estranho local para uma jura dessas. Apesar do colchão no canto, e da relativa privacidade do

quarto, ela não conseguia imaginar a desejada leitora dessas palavras entrando ali para receber seu buquê. Nenhum amante adolescente, por mais excitado que pudesse estar, se deitaria ali para brincar de papai- e-mamãe; não sob o olhar de terror na parede. Ela foi até a parede para examinar a escrita. A tinta parecia ser do mesmo tom rosa usado para colorir as gengivas do homem que gritava; quem sabe a mesma mão?

Atrás dela, um ruído. Virou-se tão rápido que quase caiu em cima do colchão.

— Quem...?

Do outro lado do esôfago, na sala de estar, um garoto de seis ou sete anos, com os joelhos esfolados. Olhava para Helen, os olhos brilhando na semi-escuridão, como se esperando por uma deixa.

— Sim? — ela perguntou.

— Anne-Marie perguntou se você quer uma xícara de chá — ele declarou quase sem pausa ou entonação.

Sua conversa com a mulher parecia ter se passado há horas. Mas ela ficou feliz com o convite. A umidade do sobrado a deixara com frio.

— Sim... — disse ao garoto. — Sim, por favor.

A criança não se moveu. Simplesmente continuou olhando para ela.

— Você vai me levar até lá? — ela perguntou.

— Se você quiser — ele respondeu, incapaz de um sinal de entusiasmo.

— Eu gostaria disso.

— Está tirando fotos? — ele perguntou.

— Sim, estou. Mas aqui não.

— Por que não?

— Está muito escuro — ela respondeu.

— Não funciona no escuro? — ele quis saber.

— Não.

O garoto fez que sim com a cabeça, como se a informação de algum modo se encaixasse no esquema de suas coisas, e deu meia-volta sem dizer mais nada, obviamente esperando que Helen o seguisse.

Se Anne-Marie havia sido taciturna na rua, não era nada disso na privacidade de sua própria cozinha. A curiosidade reservada havia desaparecido, para ser substituída por uma torrente de papo animado e um corre-corre constante entre meia dúzia de tarefas domésticas menores, como um equilibrista tentando manter vários pratos girando simultaneamente. Helen observava o ato de equilíbrio com certa admiração, pois suas próprias habilidades domésticas eram desprezíveis. Por fim, a conversa desencontrada encaminhou-se para o assunto que havia levado Helen até ali.

— As fotografias — lembrou Anne-Marie. — Por que você quer tirar aquelas fotos?

— Estou escrevendo sobre grafites. As fotos vão ilustrar o livro.

— Não é muito bonito.

— Não, você tem razão, não é. Mas eu acho interessante.

Anne-Marie balançou a cabeça.

— Eu detesto todo este lugar — afirmou. — Aqui não é seguro. As pessoas são roubadas na porta de casa. Os garotos tocam fogo no lixo todo dia. No verão passado, o corpo de bombeiros vinha aqui duas, três vezes ao dia, até fecharem as lixeiras. Agora as pessoas jogam os sacos nos corredores, e isso atrai os ratos.

— Você vive aqui sozinha?

— Sim — respondeu. — Desde que o Davey foi embora.

— Era seu marido?

— Era o pai de Kerry, mas nunca nos casamos. Vivemos dois anos juntos, sabia? Tivemos momentos felizes. Então ele simplesmente pegou suas coisas e foi embora, num dia em que eu estava na casa da mamãe com Kerry. — Olhou para sua xícara. — Melhor sem ele — disse. — Mas às vezes a gente fica com medo. Quer mais chá?

— Acho que não tenho tempo.

— Só uma xícara — insistiu Anne-Marie, já de pé e desplugando a chaleira elétrica para reenché-la. Quando ia abrir a torneira, viu algo na pia, e desceu o polegar, esmagando a coisa. — Te peguei, sua desgraçada — falou, e então se virou para Helen: — Isto aqui está cheio dessas malditas formigas.

— Formigas?

— Todo o conjunto está cheio. Elas são do Egito: formigas-faraós, é o nome delas. Umas coisinhas marrons desgraçadas. Elas vivem nos dutos de aquecimento central, veja você; assim elas entram em todos os apartamentos. O lugar está cheio delas, é uma praga.

Esse improvável exotismo (formigas do Egito?) soou cômico para Helen, mas ela não disse nada. Anne-Marie olhava o quintal pela janela da cozinha.

— Você devia dizer a eles... — ela sugeriu, embora Helen não estivesse certa se estava recebendo instruções —... que as pessoas nem podem mais andar nas ruas...

— E mesmo assim tão ruim? — perguntou Helen, francamente farta desse catálogo de infortúnios.

Anne-Marie virou-se para ela e encarou-a com dureza.

— Temos tido assassinatos aqui — revelou.

— Verdade?

— Tivemos um no verão. Era um velhinho, de Ruskin. Logo aqui ao lado. Eu não conhecia ele, mas era amigo da irmã da vizinha. Esqueci o nome dele.

— E ele foi assassinado?

— Cortado em fatias em seu próprio quarto, lá na frente. Levaram quase uma semana para encontrá-lo.

— E quanto aos vizinhos dele? Não notaram sua ausência?

Anne-Marie deu de ombros, como se as informações mais importantes — o assassinato e o isolamento do homem — tivessem sido veiculadas e qualquer outra pergunta a respeito fosse irrelevante. Mas Helen insistiu.

— Me parece estranho — ela ponderou.

Anne-Marie plugou a chaleira cheia de água. — Bom, aconteceu — replicou, sem se abalar.

— Não estou dizendo que não, só...

— Os olhos dele foram arrancados — ela acrescentou, antes que Helen pudesse expressar mais alguma dúvida.

Helen estremeceu.

— Não — murmurou.

— E verdade — respondeu Anne-Marie. — E não foi só isso o que fizeram com ele.

— Fez uma pausa de efeito, e então prosseguiu: — Sabe lá que tipo de pessoa é capaz de fazer uma coisa dessas? Sabe lá. — Helen concordou. Estava pensando exatamente na mesma coisa.

— Acharam o homem responsável por isso?

Anne-Marie fungou em desaprovação.

— A polícia não dá a mínima para o que acontece aqui. Ela fica fora do conjunto a maior parte do tempo. Quando estão de ronda, tudo o que fazem é pegar garotos que estão bêbados e coisas assim. Eles têm medo, sabia? E por isso que ficam longe.

— Desse assassino?

— Talvez — respondeu Anne-Marie. E depois: — Ele tinha um gancho.

— Um gancho?

— O homem que fez aquilo. Ele tinha um gancho, que nem Jack, o Estripador.

Helen não era especialista em assassinatos, mas tinha certeza de que Jack, o Estripador, nunca usara nenhum gancho. Mas parecia bobagem questionar a veracidade da história de Anne-Marie; embora ela silenciosamente se perguntasse o quanto daquilo — os olhos arrancados, o corpo apodrecendo no apartamento, o gancho — era elaborado. O mais escrupuloso dos repórteres certamente era tentado a embelezar uma história de vez em quando.

Anne-Marie se servira de outra xícara de chá e ia fazer o mesmo para a sua convidada.

— Não, obrigada — agradeceu Helen. — Realmente preciso ir.

— Você é casada? — Anne-Marie perguntou de repente.

— Sou. Com um professor da Universidade.

— Qual o nome dele?

— Trevor.

Anne-Marie colocou duas colheres cheias de açúcar em sua xícara de chá. — Você vai voltar? — perguntou.

— Sim, espero que sim. No final da semana. Quero tirar algumas fotos dos desenhos no sobrado do outro lado.

— Bom, apareça.

— Apareço sim. E obrigada pela ajuda.

— De nada — respondeu Anne-Marie. — Você precisa dizer a alguém, não precisa?

— O homem aparentemente tinha um gancho em vez da mão.

Trevor levantou a cabeça de seu prato de *tagliatelle con prosciutto*.

— Perdão?

Helen tivera um grande trabalho para recontar a história com o mínimo de emoção possível. Estava interessada em saber o que Trevor acharia, e sabia que, se deixasse sua posição clara, ele instintivamente assumiria uma visão oposta, por pura teimosia.

— Ele tinha um gancho — ela repetiu, sem inflexão. Trevor pôs o garfo de lado e mexeu no nariz, fungando. —

Eu não li nada a respeito — observou.

— Você não lê os jornais locais — retrucou Helen. — Nenhum de nós lê. Talvez não tenha chegado aos nacionais.

— "Velhinho Morto Por Maníaco Do Gancho"? — interrogou Trevor, saboreando a hipérbole. — Eu teria considerado isso bem interessante. Quando disseram que isso teria acontecido?

— Verão passado. Talvez estivéssemos na Irlanda.

— Talvez — concordou Trevor, tornando a pegar o garfo. Curvado sobre a comida, as lentes polidas dos óculos refletiam somente o prato de massa e os pedacinhos de presunto à sua frente, não seus olhos.

— Por que você diz *talvez*? — Helen provocou.

— Não está me parecendo certo — afirmou. — Na verdade, parece pretensioso demais.

— Você não acredita? — ela perguntou.

Trevor levantou a cabeça do prato, a língua resgatando um fragmento de *tagliatelle* do canto da boca. Seu rosto havia relaxado naquela expressão de descompromisso — a mesma que usava, sem dúvida, quando ouvia seus alunos. — *Você acredita?* — perguntou a Helen. Era um de seus estratagemas preferidos para ganhar tempo, outro truque de seminário, questionar o questionados.

— Não estou certa — replicou Helen, preocupada demais em encontrar terreno sólido nesse mar de dúvidas para gastar energia

marcando pontos.

— Tudo bem, esqueça a história — pediu Trevor, trocando a comida por outro copo de vinho tinto. — E quanto à pessoa que a contou? Você acreditou nela?

Helen visualizou a expressão honesta de Anne-Marie enquanto ela lhe contava a história do assassinato do velho.

— Sim — concordou. — Sim, acho que eu saberia se ela estivesse mentindo para mim.

— Então por que isso é importante? Quero dizer, se ela está mentindo ou não, o que importa, porra?

Era uma questão razoável, ainda que colocada de forma irritante. Por que isso importava? Será que ela queria que suas piores sensações sobre a Rua Spector fossem infundadas? O fato de que aquele conjunto habitacional era sujo, sem esperanças, uma lixeira onde os indesejáveis e os despossuídos eram escondidos da vista pública — isso tudo era um lugar-comum liberal, e ela o aceitava como uma realidade social desagradável. Mas a história do assassinato e da mutilação do velho era outra coisa. Uma imagem de morte violenta que, uma vez com ela, recusava-se a se afastar de sua companhia.

Percebeu, para seu desgosto, que essa confusão estava estampada em seu rosto, e que Trevor, observando-a do outro lado da mesa, não estava nem um pouco entretido com ela.

— Se isso a incomoda tanto — afirmou —, por que não volta lá e pergunta, em vez de ficar brincando de acredite-se-quiser durante o jantar?

Ela não pôde evitar de se levantar ao comentário dele.

— Pensei que gostasse de jogos de adivinhação — ponderou.

Ele lançou lhe um olhar irritado.

— Errou de novo.

A sugestão de que ela investigasse não era ruim, embora, sem dúvida, ele tivesse outros motivos para oferecê-la. Ela via Trevor menos caridoso a cada dia que passava. O que um dia percebera nele como um forte compromisso com o debate, reconhecia agora como mero jogo de poder. Ele discutia não pela emoção da dialética, mas porque era patologicamente competitivo. Ela o vira, várias vezes,

assumir atitudes que ela sabia que ele não esposava, simplesmente para derramar sangue. E, o que dava mais pena, ele não estava sozinho nesse esporte. O mundo acadêmico era um dos últimos refúgios do desperdiçador de tempo profissional. As vezes, o círculo deles parecia inteiramente dominado por idiotas cultos, perdidos numa vastidão de retórica ultrapassada e compromissos vazios.

De uma vastidão para outra. Ela voltou à Rua Spector no dia seguinte, armada com um *flash*, além de um tripé e de um rolo de filme supersensível. O vento estava forte e frio, mais furioso ainda por estar preso no labirinto de corredores e quadras. Ela foi até o número 14 e passou a hora seguinte em seu interior emporcalhado, fotografando meticulosamente as paredes tanto do quarto, quanto da sala de estar. Havia esperado que o impacto da cabeça no quarto fosse amenizado por uma segunda visão; não foi. Embora ela pelejasse para capturar sua escala e detalhes da melhor forma possível, sabia que as fotos seriam no máximo um reflexo pálido daquele uivo perpétuo.

Muito de seu poder estava no contexto de que fazia parte, claro. O fato de que alguém pudesse tropeçar numa imagem daquelas em vizinhanças tão insípidas, tão conspicuamente sem mistérios, era como encontrar um ícone numa pilha de lixo: um símbolo reluzente de transcendência, saído de um mundo de sofrimento e decadência para um reino mais sombrio, porém tremendamente real. Ela estava dolorosamente consciente de que a intensidade de sua reação provavelmente lhe desafiava a articulação. Seu vocabulário era analítico, repleto de gírias e terminologias acadêmicas, mas lamentavelmente pobre, quando se tratava de evocar imagens. As fotos, por mais fracas que pudessem ser, seriam, ela esperava, pelo menos um indício da potência deste quadro, mesmo que não pudessem evocar o modo como ele arrepiava uma pessoa por dentro.

Quando saiu do sobrado, o vento estava tão impiedoso como antes, mas o garoto que a esperava do lado de fora — o mesmo que a auxiliara no dia anterior — estava vestido como se estivesse na primavera. Ele fazia uma careta com esforço, para afastar os tremores.

— Oi — disse Helen.

— Eu esperei — anunciou a criança.

— Esperou?

— Anne-Marie disse que você voltaria.

— Eu não estava planejando voltar antes do final da semana — confessou Helen. — Você poderia ter esperado um bom tempo.

A careta do garoto relaxou um pouco.

— Tudo bem — respondeu — Não tenho nada para fazer.

— E a escola?

— Não gosto — replicou o garoto, como se não fosse obrigado a ser educado, não tivesse vontade.

— Sei — assentiu Helen, e começou a andar pela margem do pátio. O garoto foi atrás. No trecho de grama, ao centro do pátio, várias cadeiras e duas ou três arvorezinhas mortas haviam sido empilhadas.

— O que é isso? — indagou, meio para si mesma.

—A Noite da Fogueira — retrucou o garoto. — Semana que vem.

— Claro.

— Vai ver Anne-Marie? — ele perguntou.

— Vou.

— Ela não está.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Bom, talvez *you* possa me ajudar... — ela parou e se virou para encarar o garoto; as pálpebras inferiores dele estavam com leves inchaços de fadiga. — Ouvi falar que um velho foi assassinado aqui perto — ela comentou. —No verão. Sabe alguma coisa a respeito?

— Não.

— Nada mesmo? Não se lembra de ninguém ter sido morto?

— Não — o garoto repetiu, com uma certeza impressionante. — Não me lembro.

— Bom, obrigada de qualquer maneira.

Dessa vez, quando voltou para o carro, o garoto não foi atrás. Mas quando virou a esquina, saindo do pátio, olhou para trás e o viu

em pé no ponto onde o deixara, olhando para ela como se ela fosse louca.

Quando chegou ao carro e guardou o equipamento fotográfico na mala, o vento trazia pingos de chuva, e ela ficou um pouco tentada a esquecer que um dia ouvira a história de Anne-Marie e voltar para casa, onde o café seria quente, mesmo que a acolhida não fosse. Mas precisava de uma resposta à pergunta que Trevor fizera na noite anterior. *Você acredita nisso?*, ele perguntara, quando ela lhe contou a história.

Ela não soube como lhe responder então, e ainda não sabia. Talvez (por que sentia isso?) a terminologia da verdade verificável fosse redundante ali; talvez a resposta final à sua pergunta não fosse uma resposta, mas apenas outra pergunta. Se fosse isso.

Se. Ela tinha que descobrir.

Ruskin Court era tão pobre quanto seus moradores, se não mais. Não apresentava sequer uma fogueira. Na varanda do terceiro andar, uma mulher lavava roupa antes que a chuva caísse; na grama no centro do pátio, dois cães trepavam distraídos, o debaixo olhando para o céu branco. Enquanto andava pelo calçamento vazio, ela deu um ar de determinação ao rosto; um olhar com um propósito, Bernadette lhe dissera um dia, evitava o ataque. Quando avistou as duas mulheres conversando no outro lado da quadra, apressou-se naquela direção, feliz pela presença delas.

— Com licença?

As mulheres, ambas de meia-idade, interromperam a conversa animada e olharam para ela.

— Será que as senhoras poderiam me ajudar?

Ela podia sentir que a examinavam, podia sentir a desconfiança de todas; não disfarçavam isso. Uma delas, o rosto rosado, perguntou sem rodeios: — O que você quer?

Helen subitamente se sentiu sem qualquer poder de sedução.

O que ela iria dizer àquelas duas que não fizesse parecer que seu motivo era fútil? — Me disseram... — começou, e então tropeçou, ciente de que não conseguiria ajuda de nenhuma das duas. — ...me disseram que houve um assassinato aqui perto. E verdade?

A mulher rosada ergueu sobrancelhas tão depiladas que mal eram visíveis.

— Assassinato? — ela perguntou.

— Você é de algum jornal? — quis saber a outra mulher. Os anos haviam amargurado irremediavelmente suas feições. A boca pequena era cheia de rugas profundas; seus cabelos, tingidos de preto, mostravam um dedo de cinza nas raízes.

— Não, não sou — respondeu Helen. — Sou amiga de Anne-Marie, que mora em Butts' Court. — Dizer *amiga* exagerava a verdade, mas pareceu suavizar um pouco as mulheres.

— Está de visita? — perguntou a mulher rosada.

— De certa forma...

— Você perdeu a estação quente...

— Anne-Marie estava me falando de alguém que foi assassinado aqui, durante o verão. Fiquei curiosa.

— E mesmo?

— ...sabem algo a respeito?

— Muita coisa acontece por aqui — acrescentou a segunda mulher. — Você não sabe a metade.

— Então é verdade — reconheceu Helen.

— Tiveram que fechar os banheiros — falou a primeira mulher.

— Isso mesmo. Fecharam — disse a outra.

— Os banheiros? — perguntou Helen. — O que isso tinha a ver com a morte do velho?

— Foi terrível — disse a primeira. — Foi o seu Frank, Josie, que te contou isso?

— Não, o Frank não — replicou Josie. — Frank ainda estava no mar. Foi a Sra.

Tyzack.

Testemunho estabelecido, Josie deixou que a colega contasse a história, e voltou o olhar para Helen. A suspeita ainda não havia morrido em seus olhos.

— Foi no mês retrasado — lembrou Josie. — Bem no finzinho de agosto. Foi agosto, não foi? — Olhou para a outra mulher em busca de confirmação. — Você é que tem cabeça para guardar datas, Maureen.

Maureen parecia pouco à vontade.

— Eu esqueço — reconheceu, claramente sem interesse em falar.

— Eu gostaria de saber — afirmou Helen. Josie, apesar da relutância de sua companheira, estava ansiosa para ajudar.

— Tem alguns lavatórios — começou — do lado de fora das lojas, você sabe, lavatórios públicos. Não sei bem como isso aconteceu exatamente, mas havia um garoto... bom, não era realmente um garoto, era um homem de vinte anos ou mais, mas ele era... — ela procurou as palavras — ..mentalmente abaixo do normal, acho que é assim que se diz. A mãe costumava andar com ele por aí como se tivesse uns quatro anos. De qualquer maneira, deixou que ele fosse aos lavatórios enquanto ia àquele supermercado pequeno, qual é mesmo o nome? — virou-se para Maureen esperando uma resposta, mas a outra apenas retribuiu o olhar, em franca desaprovação. Mas Josie era ingovernável. — Foi em plena luz do dia — acrescentou a Helen. — No meio do dia. De qualquer maneira, o garoto foi ao banheiro, e a mãe estava na loja. E depois de algum tempo, você sabe como é, ela fica ocupada fazendo compras, esquece dele, e aí lembra que já tem um bom tempo que não o vê...

Nesse ponto, Maureen não conseguiu evitar de interferir: a precisão da história aparentemente tinha precedência sobre sua desconfiança.

— ...ela se meteu numa discussão com o gerente — ela corrigiu Josie. — Por causa de um pedaço estragado de *bacon* que tinha comprado. Foi por isso que ela demorou tanto...

— Sei — disse Helen.

— ..de qualquer maneira — fez Josie, retomando o fio da narrativa — ela terminou as compras e, quando saiu, ele ainda não estava lá...

— Então, ela pediu a alguém do supermercado... — começou Maureen, mas Josie não ia deixar a narrativa ser tirada de suas mãos nesse ponto vital.

— Ela pediu a um dos homens do supermercado... — repetiu devido à interrupção de Maureen — ...que fosse ao lavatório e o

achasse.

— Foi terrível — afirmou Maureen, obviamente imaginando a atrocidade em sua mente.

— Ele estava deitado no chão, numa poça de sangue.

— Assassinado?

Josie balançou a cabeça.

— Estaria melhor morto. Foi atacado com uma navalha... — ela deixou esse fragmento de informação afundar antes de dar o golpe de misericórdia — .. e cortaram fora suas partes íntimas. Simplesmente cortaram, jogaram na privada e deram descarga. Não tiveram razão alguma para fazer isso.

— Meu Deus!

— Estaria melhor morto — Josie repetiu. — Quero dizer, esse tipo de coisa não dá para consertar, dá?

A história apavorante ficava ainda pior pelo sangue frio da narradora e pela repetição casual de "estaria melhor morto".

— O garoto — indagou Helen. — Ele foi capaz de descrever quem o atacou?

— Não — respondeu Josie. — É praticamente um débil. Não consegue articular mais de duas palavras.

— Não viram ninguém entrar no lavatório? Ou sair dele?

— Toda hora tem gente entrando e saindo... — disse Maureen. Essa explicação, embora soasse adequada, não havia sido a experiência de Helen. O pátio e as passagens não eram muito movimentados, longe disso. Talvez o *shopping center* fosse mais movimentado, ela pensou, e pudesse oferecer uma cobertura adequada para um crime desses.

— Então não acharam o culpado — ela concluiu.

— Não — Josie replicou, os olhos perdendo o fervor. O crime e suas consequências imediatas eram o núcleo da história; ela tinha pouco ou nenhum interesse no culpado nem em sua captura.

— Não estamos seguros nem em nossas camas — observou Maureen. — Pode perguntar a qualquer um.

— Anne-Marie disse a mesma coisa — replicou Helen. — Foi aí que ela me contou a história do velho. Disse que ele foi assassinado durante o verão, aqui em Ruskin Court.

— Eu me lembro de alguma coisa — acrescentou Josie. — *Alguma coisa* se falou, eu ouvi. Um velho e o seu cachorro. Ele apanhou até a morte, e o cachorro acabou... Não sei, certamente não foi aqui. Deve ter sido num dos outros blocos.

— Tem certeza?

A mulher pareceu ofendida por esse ataque à sua memória. — Ah, sim — enfatizou ela. — Se tivesse sido aqui, teríamos sabido da história, não é?

Helen agradeceu à dupla por sua ajuda e decidiu dar uma volta pelo pátio, só para ver quantos sobrados mais estavam abandonados. Assim como em Butts' Court, muitas das cortinas estavam puxadas e todas as portas trancadas. Mas se a Rua Spector *estivesse* sob o cerco de um maníaco capaz do assassinato e da mutilação de que ela acabara de tomar conhecimento, não era de surpreender que os moradores fossem para suas casas e lá ficassem. Não havia muito que se ver ao redor da quadra. Todos os sobrados e apartamentos não ocupados haviam sido selados recentemente, a julgar por uma confusão de pregos deixados num alpendre pelos operários da Prefeitura. Mas uma coisa captou sua atenção. Rabiscada nas pedras do calçamento sobre o qual estava caminhando — e quase apagada pela chuva e pelas marcas de pisadas —, a mesma frase que tinha visto no quarto do número 14: *Doces para um doce*. As palavras eram tão benignas; por que ela parecia sentir ameaça nelas? Seria pelo seu excesso, talvez, pela pura superabundância de açúcar sobre açúcar, mel sobre mel?

Continuou caminhando, embora a chuva persistisse, e sua caminhada gradualmente a levou para longe dos pátios e para uma terra de ninguém, de concreto, pela qual não havia passado antes. Aqui era — ou havia sido — o local das diversões do conjunto. Ali estava o *playground* das crianças, o escorrega de metal virado, a caixa de areia emporcalhada pelos cachorros, a piscininha vazia. E ali também ficavam as lojas. Várias haviam sido fechadas com tábuas; as que não o foram eram feias e sem atrativos, as janelas protegidas por grossas telas de metal.

Ela andou ao longo delas, virou uma esquina, e à sua frente havia um prédio baixo de tijolos. O lavatório público, ela intuiu,

embora os sinais que o designassem como tal há muito haviam desaparecido. Os portões de ferro estavam fechados e trancados a cadeado. Em frente ao prédio insosso, o vento soprando ao redor de suas pernas, ela não pôde evitar de pensar no que havia acontecido ali. No menino-homem, sangrando no chão, incapaz de gritar. Sentia-se mal só de olhar. Voltou seus pensamentos para o criminoso, em vez disso. Como seria ele, imaginou, esse homem capaz de tamanha depravação? Tentou traçar uma imagem dele, mas nenhum detalhe que pudesse imaginar era suficientemente forte. Mas os monstros também não eram muito terríveis quando trazidos à luz do dia. Enquanto esse homem fosse conhecido apenas por seus feitos, possuiria um poder indizível sobre a imaginação; mas a verdade humana por trás dos terrores seria, ela sabia, amargamente desapontadora. Ele não era nenhum monstro; apenas uma desculpa distorcida para um homem mais necessitado de pena do que de temor.

Nova rajada de vento trouxe chuva mais forte. Era hora, ela decidiu, de acabar as aventuras do dia. Dando as costas aos lava-tórios públicos, correu de volta pelos pátios até o refúgio do carro, a chuva gelada alfinetando seu rosto a ponto de provocar dormência.

Os convidados para o jantar pareciam espantados e gratificados com a história, e Trevor, a julgar pela expressão de seu rosto, estava furioso. Mas agora estava feito; não havia como voltar atrás. Nem ela podia negar sua satisfação de ter silenciado a baboseira interdepartamental na mesa. Foi Bernadette, assistente de Trevor no Departamento de História, quem quebrou o silêncio agonizante.

— Quando foi isso?

— Durante o verão — respondeu Helen.

— Não lembro de ter lido nada sobre isso — acrescentou Archie, muito melhor depois de duas horas de bebida; a bebida amaciava uma língua que de outro modo seria repugnante em seus autoelogios.

— Talvez a polícia esteja escondendo isso — comentou Daniel.

— Conspiração? — perguntou Trevor, obviamente cínico.

— Acontece toda hora — Daniel disparou de volta.

— Por que esconderiam uma coisa destas? — perguntou Helen.
— Não faz sentido.

— Desde quando os procedimentos da polícia fazem sentido?
— retrucou Daniel.

Bernadette interrompeu antes que Helen pudesse responder.
— A gente nem se interessa mais em ler sobre essas coisas — confessou.

— Fale por si mesma — alguém apitou, mas ela ignorou e foi em frente:

— Estamos bêbados de violência. Não a enxergamos mais, nem mesmo quando está na frente de nossos narizes.

— Na televisão toda noite — Archie falou. — Morte e desastre em cores vivas.

— Não há nada de muito moderno nisso — reconheceu Trevor.
— Um elisabetano via a morte a toda hora. Execuções públicas eram uma forma muito popular de entretenimento.

A mesa irrompeu numa cacofonia de opiniões. Após duas horas de fofocas educadas, o jantar havia subitamente se inflamado. Ouvindo a discussão furiosa, Helen lamentou não ter tido tempo de mandar revelar as fotos; os grafites teriam acrescentado combustível a essa animada discussão. Purcell, como de costume, foi o último a dar seu ponto de vista; e — novamente, como de costume — foi devastador.

— Naturalmente, Helen, meu amor — ele começou, o cansaço afetado em sua voz com um quê de expectativa pela controvérsia —, suas testemunhas poderiam estar todas mentindo, não é?

O falatório ao redor da mesa diminuiu, e todas as cabeças se voltaram para Purcell. Perversamente, ele ignorou a atenção que obtivera e se virou para sussurrar no ouvido do rapaz que havia trazido — uma nova paixão que, como em outras vezes, seria descartada em questão de semanas por outro garoto bonito.

— Mentindo? — perguntou Helen. Ela já se sentia desconfortável com a observação, e Purcell só havia dito algumas palavras.

— Por que não? — replicou o outro, levando seu cálice de vinho aos lábios. — Talvez estejam todos construindo alguma ficção

elaborada. A história da mutilação espasmódica no banheiro público. O assassinato do velho. Até mesmo o gancho.

Todos são elementos bastante familiares. Você precisa ter em conta que existe algo de *tradicional* nessas histórias de atrocidades. Antigamente as pessoas contavam-nas umas às outras o tempo todo; havia um certo *frisson* nisso. Algo de competitivo talvez, uma tentativa de encontrar um novo detalhe a ser acrescentado à ficção coletiva; um detalhe novo que tornaria a história um pouco mais espantosa quando você a passasse adiante.

— Ela pode ser familiar para você — Helen disse na defensiva. Purcell era sempre tão *ofensivo*-, isso a irritava. Mesmo que houvesse validade em seu argumento, o que Helen duvidava, ele nunca admitiria. — Eu nunca ouvi esse tipo de história antes.

— Não ouviu? — perguntou Purcell, como se ela estivesse admitindo seu analfabetismo. — E quanto aos amantes e o louco que fugiu do hospício, lembra dessa?

— Já ouvi essa... —concordou Daniel.

— A garota é eviscerada, normalmente por um homem com mão de gancho, e o corpo deixado no topo do carro, enquanto o noivo se encolhe apavorado do lado de dentro. E uma história de prevenção, alertando contra os perigos da heterossexualidade desmedida. — A piada ganhou uma rodada de gargalhadas de todos, menos de Helen. — Essas histórias são muito comuns.

— Então você está dizendo que eles estão me contando mentiras. .. — ela protestou.

— Não exatamente mentiras...

— Você disse *mentiras*.

— Eu estava provocando — retrucou Purcell, usando seu tom apaziguador de modo mais irritante do que nunca. — Não quis dizer que existe qualquer má-fé intencional nisso. Mas você *deve* admitir que até agora não encontrou uma única *testemunha*. Todos esses acontecimentos ocorreram em alguma data não-especificada com alguma pessoa não-especificada. Eles são relatados a várias pessoas distantes. Na melhor das hipóteses aconteceram com irmãos de amigos de conhecidos distantes. Por favor, considere a possibilidade

de que talvez esses acontecimentos não existam no mundo real, mas sejam simplesmente fonte de prazer para donas de casa entediadas...

Helen não argumentou em resposta, pela simples razão de que não tinha argumento. A questão levantada por Purcell sobre a completa falta de testemunhas era perfeitamente coerente; ela própria havia se perguntado a respeito. Era estranho, também, o jeito como as mulheres de Ruskin Court haviam apressadamente consignado o assassinato do velho a outro bloco, como se essas atrocidades sempre ocorressem em outro lugar — virando a próxima esquina, descendo a próxima passagem —, mas nunca *aqui*.

— Então por quê? — perguntou Bernadette.

— Por que o quê? — estranhou Archie.

— As histórias. Por que contar essas histórias terríveis, se elas não são verdadeiras?

— Sim — disse Helen, jogando a controvérsia de volta ao vasto colo de Purcell. — *Por quê?*

Purcell aprumou-se, ciente de que sua entrada no debate havia mudado, de um só golpe, a suposição básica.

— Não sei — ele reconheceu, feliz de ter acabado com o jogo, agora que havia mostrado suas garras. — Você realmente não devia me levar muito a sério, Helen. *Eu* tento não me levar. — O rapaz ao lado de Purcell deu um risinho.

— Talvez seja simplesmente um assunto tabu — disse Archie.

— Proibido... — apressou-se Daniel.

— Não do jeito que você pensa — retorquiu Archie. — O mundo inteiro não é só política, Daniel.

— Que ingenuidade.

— O que há de tão proibido a respeito da morte? — perguntou Trevor. —

Bernadette já ressaltou isso: está na nossa frente o tempo todo. Televisão, jornais.

— Talvez não o bastante — sugeriu Bernadette.

— Alguém se incomoda se eu fumar? — interrompeu Purcell. — A sobremesa parece ter sido infinitamente adiada...

Helen ignorou a observação e perguntou a Bernadette o que ela queria dizer com "talvez não o bastante".

Bernadette deu de ombros.

— Não sei precisamente — ela confessou. — Talvez a morte devesse estar mais *perto*; precisamos saber que ela está ali na esquina. A televisão não é íntima o suficiente.

Helen franziu a testa. A observação fazia algum sentido para ela, mas na confusão do momento não conseguia desencavar qualquer significado.

— Você também acha que são só histórias? — ela perguntou.

— Andrew tem uma teoria... — replicou Bernadette.

— Que gentileza — proclamou Purcell. — Alguém tem um fósforo? O garoto roubou meu isqueiro.

— ...sobre a ausência de testemunhas.

— Tudo o que isso prova é que não encontrei ninguém que realmente tivesse *visto* alguma coisa — argumentou Helen. — Não que as testemunhas não existam.

— Tudo bem — disse Purcell. — Ache uma. Se puder me provar que seu chacinador está vivo por aí, pago o jantar de todo mundo no *Appollinaires*. Que tal? Sou generoso por defeito, ou simplesmente sei quando não posso perder? — gargalhou, batendo os dedos na mesa à guisa de aplauso.

— Me parece bom — reconheceu Trevor. — O que acha, Helen?

Ela não voltou à Rua Spector até a segunda-feira seguinte, mas por todo o fim de semana esteve lá em pensamento: de pé do lado de fora do banheiro trancado, com o vento trazendo chuva; ou no quarto, com o retrato avassalador. Pensamentos sobre o conjunto habitacional tomavam toda sua atenção. Quando, no fim de uma tarde de sábado, Trevor descobriu uma razão boba para discutir, ela deixou os insultos passarem, observando o marido realizar o ritual familiar de auto martírio sem sequer ser tocada por isso. Ele saiu batendo a porta, para visitar qualquer de suas mulheres que fosse a favorecida daquele mês. Ela ficou feliz em vê-lo pelas costas. Quando ele não voltou naquela noite, ela sequer pensou em chorar por isso. Ele era tolo e vazio.

Ela entrava em desespero por jamais ver um olhar assombrado naqueles olhos mortiços, e de que valia um homem que não se assombrava?

Ele também não voltou no domingo à noite, e na manhã seguinte passou por sua cabeça, enquanto estacionava o carro no centro do conjunto, que ninguém sabia que ela havia ido lá, e que lá ela podia se perder por dias e ninguém saberia de nada.

Como o velho sobre o qual Anne-Marie havia lhe contado: sentado, esquecido em sua poltrona favorita, com os olhos arrancados, enquanto as moscas se banquetavam e a manteiga ficava rançosa na mesa.

Já era quase a Noite das Fogueiras, e no fim de semana a pequena pilha de material combustível em Butts' Court estava de tamanho substancial. A construção não parecia equilibrada, mas isso não impedia que uma série de garotos e adolescentes subissem nela e andassem por ali. A maior parte era feita de mobília, arrancada, sem dúvida, de propriedades abandonadas. Ela duvidava de que aquilo pudesse se manter queimando por muito tempo: se queimasse, seria pouco. Quatro vezes, no caminho para a casa de Anne-Marie, foi abordada por crianças pedindo dinheiro para comprar fogos. Os bolsos estavam sem moedinhas de troco, quando chegou à porta da frente.

Anne-Marie estava lá dentro, embora não a recebesse com nenhum sorriso de boas-vindas. Simplesmente recebeu sua visita como se hipnotizada.

— Espero que não se incomode por eu ter vindo...

Anne-Marie não respondeu.

— ...Eu só queria dar uma palavrinha.

— Estou ocupada — a mulher finalmente anunciou. Não houve convite para entrar, nem lhe foi oferecido chá.

— Bem... Não vai levar mais de um momento.

A porta dos fundos estava aberta, e o vento soprava casa adentro. Papéis voavam no quintal. Helen podia vê-los alçando voo como imensas mariposas brancas.

— O que você quer? — perguntou Anne-Marie.

— Só quero perguntar sobre o velho.

A mulher franziu a testa por um momento. Ela parecia estar com enjoo, pensou Helen: seu rosto tinha a cor e a textura de um pão azedo, os cabelos estavam oleosos e desgrenhados.

— Que velho?

— Da última vez em que estive aqui, você me contou sobre um velho que foi assassinado, lembra?

— Não.

— Você disse que ele vivia na quadra ao lado.

— Não me lembro — disse Anne-Marie.

— Mas você me disse *com certeza*...

Alguma coisa caiu no chão da cozinha e se quebrou. Anne-Marie estremeceu, mas não se moveu do alpendre, seu braço barrando a entrada de Helen na casa. A entrada estava atulhada com os brinquedos da criança, mordidos e quebrados.

— Você está bem?

Anne-Marie fez que sim. — Tenho trabalho para fazer — disse.

— E não se lembra de ter me falado do velho?

— Você deve ter entendido mal — replicou Anne-Marie, e, então, a voz baixa: — Você não devia ter vindo. Todo mundo *sabe*.

— Sabe o quê?

A garota havia começado a tremer.

— Você não entende, não é? Pensa que as pessoas não estão vendo?

— O que importa? Eu só perguntei se...

— Não sei de nada — reiterou Anne-Marie. — O que quer que eu tenha dito a você, foi mentira.

— Bom, obrigada de qualquer forma — respondeu Helen, perplexa demais com as confusões de Anne-Marie para continuar insistindo. Mal se afastou da porta, ouviu a trava se trancar atrás dela.

Aquela conversa foi apenas um dos vários desapontamentos que a manhã lhe trouxe. Ela voltou à fileira de lojas e visitou o supermercado de que Josie havia falado. Lá, perguntou sobre os lavatórios e sua história recente. O supermercado havia mudado de dono no mês anterior, e o novo proprietário, um paquistanês taciturno, insistia em que não sabia nada de quando ou por que os lavatórios haviam sido fechados. Ela se deu conta, enquanto fazia suas investigações, de estar sendo examinada pelos outros fregueses do estabelecimento; sentia-se como um pária. Essa sensação se

aprofundou quando, depois de deixar o supermercado, viu Josie emergindo da lavanderia, e chamou-a só para ver a mulher apressar o passo e mergulhar no labirinto de corredores. Helen foi atrás, mas rapidamente perdeu tanto sua presa quanto o caminho.

Frustrada a ponto de derramar lágrimas, ela ficou ali entre os sacos de lixo revirados e sentiu uma onda de desprezo por sua idiotice. Aquilo não era lugar para ela, era? Quantas vezes, ela não criticara outros por sua presunção em afirmar compreender sociedades que só tinham visto de longe? E lá estava ela, cometendo o mesmo crime, indo ali com sua câmera e suas perguntas, usando as vidas (e as mortes) dessa gente como alimento para conversas em reuniões. Não culpava Anne-Marie por dar-lhe as costas; ela mereceria mais do que isso?

Cansada e com frio, decidiu que era hora de admitir que Purcell estava certo. Tudo o que lhe contaram *era* ficção. Haviam brincado com ela — sentindo seu desejo de se alimentar de alguns horrores — e ela, a perfeita idiota, caíra em toda conversa ridícula. Era hora de pegar sua credulidade e ir para casa.

Mas precisava fazer uma coisa antes de voltar para o carro: queria dar uma última olhada na cabeça pintada. Não como uma antropóloga entre uma tribo estranha, mas assumidamente como quem pega um trem-fantasma: pela emoção da coisa. Chegando ao número 14, entretanto, encarou o último e mais doloroso desapontamento. O sobradinho havia sido fechado por escrupulosos funcionários da Prefeitura. A porta estava trancada; a janela da frente, com tábuas.

Mas ela estava determinada a não se deixar derrotar tão facilmente. Deu a volta por Butts' Court e localizou o quintal do número 14 por simples matemática. O portão estava trancado por dentro, mas ela o forçou e, com esforço de ambas as partes, cie se abriu. Uma pilha de lixo — tapetes mofados, uma caixa de revistas encharcadas de chuva, uma árvore de Natal nua — havia bloqueado o portão.

Ela atravessou o quintal até as janelas com as tábuas, e olhou por entre os pedaços de madeira. Não estava claro do lado de fora, mas era ainda mais escuro lá dentro; era difícil perceber mais do

que indícios vagos da pintura no quarto. Ela apertou o rosto contra a madeira, ansiosa por uma percepção perfeita.

Uma sombra se moveu pelo quarto, momentaneamente bloqueando sua vista. Ela recuou, espantada, sem ter certeza do que tinha visto. Talvez apenas sua própria sombra, jogada contra a janela? Mas *ela* não havia se movido; a sombra, sim.

Tornou a se aproximar da janela, com mais cautela. O ar vibrava; ela podia ouvir um gemido fraco vindo de algum lugar, embora não pudesse estar certa se vinha de dentro ou de fora. Uma vez mais encostou o rosto nas tábuas ásperas, e subitamente algo pulou na janela. Desta vez deixou escapar um grito. Ouviu um som de arranhões do lado de dentro, unhas raspando a madeira.

Um cachorro! E dos grandes, para ter pulado tão alto.

— Estúpida — disse para si mesma, em voz alta. Estava molhada de um suor repentino.

Os arranhões pararam quase no instante em que começaram, mas ela não conseguiu voltar à janela. Obviamente, os operários que haviam fechado o sobrado não o examinaram adequadamente, e encarceraram o animal por engano. Ele estava faminto, a julgar pelos barulhos que tinha ouvido; estava feliz por não ter tentado entrar. O cão — faminto, talvez meio louco na escuridão malcheirosa — poderia ter pulado em sua garganta.

Ela olhava para a janela com tábuas. As frestas entre as tábuas não tinham mais que um centímetro de largura, mas ela sentia que o animal estava em pé nas patas traseiras, do outro lado, observando-a pela fresta. Podia ouvi-lo arfando, agora que sua própria respiração estava se regularizando; podia ouvir suas garras arranhando o alpendre.

— Desgraçado... — ela falou. — Bem feito para você.

Recuou na direção do portão. Colônias de pulgas e aranhas, perturbadas em seus ninhos pelo movimento dos tapetes atrás do portão, corriam pelo chão, procurando uma nova escuridão para servir de casa.

Ela fechou o portão atrás de si, e procurava voltar para a frente da propriedade, quando ouviu as sirenes; duas espirais ameaçadoras de som que fizeram os pelos de sua nuca se arrepiarem. Estavam se

aproximando. Ela apressou o passo e deu a volta em Butts' Court a tempo de ver vários policiais atravessando o gramado atrás da fogueira e uma ambulância subindo pelo calçamento, indo até o outro lado do pátio. As pessoas surgiam de seus apartamentos e olhavam de suas varandas. Outros andavam pelo bloco, descaradamente curiosos, juntando-se a uma congregação cada vez maior. Helen sentiu o estômago cair até os intestinos, quando se deu conta do ponto para onde se voltava o interesse: a porta de Anne-Marie. A polícia abria caminho, através da multidão, para os homens da ambulância. Um segundo carro de polícia seguira a rota da ambulância até o calçamento; dois oficiais à paisana estavam saindo da casa.

Ela caminhou até a periferia da multidão. A pouca conversa que havia entre os espectadores era conduzida em voz baixa; uma ou duas das mulheres mais velhas choravam. Embora ela olhasse entre as cabeças dos espectadores, não conseguia ver nada. Virando-se para um homem barbudo, cujo filho estava montado em seus ombros, perguntou o que estava acontecendo. Ele não sabia. Alguém morrera, ele tinha ouvido, mas não tinha certeza.

— Anne-Marie? — ela perguntou.

Uma mulher à sua frente se virou e perguntou: — Você conhece ela? — quase apavorada, como se falasse de um ente querido.

— Um pouco — Helen replicou hesitante. — A senhora pode me dizer o que aconteceu?

A mulher involuntariamente levou a mão à boca, como para impedir as palavras de saírem. Mas elas apareciam assim mesmo: — A criança... — ela disse.

— Kerry?

— Alguém entrou na casa, pelos fundos. Cortaram sua garganta.

Helen sentiu o suor brotar novamente. Em sua mente, os jornais caíam sobre o quintal de Anne-Marie.

— Não!!! —exclamou.

— Sem mais nem menos.

Ela olhou para a pessoa que estava tentando lhe vender a obscenidade e repetiu: — Não. — Isso desafiava sua capacidade de acreditar; mas suas negações não podiam silenciar o sentimento terrível que experimentava.

Deu as costas à mulher e afastou-se da multidão. Não havia nada para ver, ela sabia, e, mesmo que houvesse, não tinha desejo de ver. Aquelas pessoas — que ainda saíam de suas casas à medida que a história se espalhava — exibiam um apetite que a enojava. Ela não era uma delas; *jamaiz* seria uma delas. Queria encher de tapas cada rosto ansioso e fazê-lo voltar a si; queria dizer: "Vocês estão espionando dor e tristeza. Por quê? Por quê?" Mas não tinha mais coragem. O nojo só lhe deixara energia suficiente para sair dali, deixando a multidão com seu esporte.

Trevor havia voltado para casa. Não tentou explicar sua ausência, mas esperou que ela o interrogasse. Como ela não o fez, ele afundou numa bonomia tranquila que era pior do que seu silêncio expectante. Ela mal se deu conta de que seu desinteresse era provavelmente mais perturbador, para ele, do que o histrionismo que esperava da parte dela. Mas ela não podia ter se importado menos.

Helen sintonizou o rádio na estação local e aguardou o noticiário. As notícias apareceram, sem dúvida, confirmando o que a mulher na multidão lhe dissera. Kerry Latimer estava morto. Uma pessoa ou pessoas desconhecidas haviam chegado a casa e matado a criança enquanto ela brincava no chão da cozinha. Um porta-voz da polícia disse os lugares-comuns de sempre, descrevendo a morte de Kerry como um "crime indizível", e o assassino como "um indivíduo perigoso e profundamente perturbado". Até que daquela vez a retórica pareceu justificada, e a voz do homem emocionou-se perceptivelmente quando falou da cena que os policiais haviam encontrado na cozinha da casa de Anne-Marie.

— Por que o rádio? — Trevor perguntou casualmente, depois que Helen já havia escutado três boletins de notícias consecutivos. Ela não via por que esconder de Trevor sua experiência na Rua Spector; ele descobriria mais cedo ou mais tarde. Friamente, ela lhe deu um resumo, por alto, do que havia acontecido em Butts' Court.

— Essa Anne-Marie é a mulher que você conheceu primeiro quando foi até o conjunto, estou certo?

Ela fez que sim com a cabeça, esperando que ele não fizesse muitas perguntas. Estava perto de chorar, e não tinha intenção de desabar na frente dele.

— Então você estava certa — ele reconheceu.

— Certa?

— Sobre ter um louco naquele lugar.

— Não — ela respondeu. — Não.

— Mas o garoto...

Ela se levantou e ficou na janela, olhando do segundo andar para a rua escura lá embaixo. Por que ela sentia a necessidade de rejeitar a teoria conspiratória de forma tão urgente? Por que rezava agora para que Purcell estivesse correto, e que tudo o que ouvira daquela gente eram mentiras? Ela voltava sempre a Anne-Marie como ela estava quando a visitara naquela manhã: pálida, trêmula; *na expectativa*. Ela havia se comportado como quem esperava uma chegada, não havia?, louca para afastar visitantes indesejados para que pudesse voltar à tarefa de esperar. Mas esperar o quê, ou *quem*? Seria possível que Anne-Marie realmente conhecesse o assassino? Teria talvez o convidado a entrar na casa?

— Espero que achem o filho da puta — ela aduziu, ainda olhando a rua.

— Acharão — replicou Trevor. — Um assassino de bebês, pelo amor de Deus! Vão dar grande prioridade a isso.

Um homem apareceu na esquina da rua, virou-se e assoviou. Um enorme cão alsaciano apareceu correndo, e os dois partiram na direção da catedral.

— O cachorro — murmurou Helen.

— O quê?

Com tudo o que acontecera, ela havia esquecido o cachorro. Agora, o choque que ela sentira, quando o cão pulara na janela, a sacudia novamente.

— Que cachorro? — Trevor indagou.

— Voltei ao apartamento hoje, onde tirei as fotos dos grafites. Havia um cachorro lá. Trancado.

— E daí?
— Vai morrer de fome. Ninguém sabe que ele está lá.
— Como sabe que ele não estava trancado para proteção?
— Estava fazendo um barulho tão grande... — ela acrescentou.
— Cães latem — replicou Trevor. — E para isso que servem.
— Não... — ela disse bem baixinho, lembrando-se dos barulhos através da janela com tábuas. — Ele não latiu...
— Esqueça o cão — pediu Trevor. — E a criança. Você não pode fazer nada a respeito. Estava só de passagem.

As palavras dele apenas refletiam seus próprios pensamentos do começo do dia, mas de algum modo — por motivos que ela não conseguia definir com palavras — essa convicção havia enfraquecido nas últimas horas. Ela não estava simplesmente de passagem. Ninguém jamais simplesmente *passava*-, a experiência sempre deixava suas marcas. As vezes, ela apenas arranhava; outras vezes, arrancava pedaços. Helen não sabia a extensão de sua ferida atual, mas sabia que era mais funda do que podia ver, e isso a deixava com medo.

— Estamos sem bebida — ela reconheceu, esvaziando as últimas gotas de uísque em seu copo.

Trevor parecia satisfeito por ter um motivo para ser útil. — Vou sair então, ok?

Posso comprar uma garrafa ou duas?

— Claro — ela respondeu. — Se você quiser.

Ele só esteve fora meia hora; ela gostaria que ele tivesse se ausentado por mais tempo. Não queria conversar, só ficar sentada e pensar enquanto o mal-estar em seu estômago não passava. Embora Trevor tivesse feito sua preocupação pelo cachorro se dissipar — e talvez justificadamente —, ela não conseguiu deixar de voltar, em pensamento, ao sobrado trancado: retratar novamente o rosto enfurecido na parede do quarto e ouvir o ganido abafado do animal arranhando com as patas as tábuas da janela. Não importava o que Trevor tivesse dito, ela não acreditava que o lugar estivesse sendo usado como um canil improvisado. Não, o cachorro estava *aprisionado* ali, sem dúvida, correndo em círculos, levado, em seu desespero, a comer as próprias fezes, ficando cada vez mais louco a

cada hora que passava. Ela ficou com medo de que alguém — crianças, talvez, procurando mais madeiras para sua fogueira — invadisse o lugar, ignorando o que ele continha. Não que ela temesse pela segurança dos invasores, mas que o cão, uma vez libertado, viesse atrás dela. Ele saberia onde ela estava (assim sua cabeça embriagada imaginava) e, farejando-a, viria até ali.

Trevor voltou com o uísque e beberam juntos até de madrugada, quando o estômago dela começou a revirar. Ela se refugiou no banheiro — Trevor do lado de fora, perguntando se ela precisava de alguma coisa, ela dizendo, fraca, para que a deixasse sozinha. Quando uma hora depois ela saiu, Trevor havia ido para a cama. Ela não se juntou a ele, mas deitou-se no sofá e cochilou até o amanhecer.

O assassinato virou notícia. Na manhã seguinte saiu na primeira página de todos os tabloides e também em posições proeminentes nos grandes jornais. Havia fotografias da mãe transtornada sendo levada da casa, e outras, borradas mas expressivas, tiradas sobre o muro do quintal e pela porta aberta da cozinha. Aquilo no chão era sangue, ou uma sombra?

Helen não se incomodou em ler os artigos — sua cabeça dolorida rebelava-se contra o pensamento —, mas Trevor, que trouxera os jornais, estava ansioso para conversar. Ela não sabia definir se isso era uma tentativa dele de fazer as pazes, ou um interesse genuíno pelo assunto.

— A mulher está sob custódia — ele afirmou, a cara enfiada no *Daily Telegraph*. Era um jornal ao qual ele tinha aversão, politicamente, mas sua cobertura de crimes violentos era notoriamente detalhista.

A observação exigiu a atenção de Helen, quisesse ela ou não. — Custódia? —ela perguntou. —Anne-Marie?

— Sim.

— Deixe eu ver.

Ele passou o jornal e ela olhou de relance a página.

— Terceira coluna — ajudou Trevor.

Ela achou o lugar, e lá estava, preto no branco. Anne-Marie fora levada sob custódia para um interrogatório com o fim de

esclarecer o lapso de tempo entre a hora estimada da morte da criança e a hora em que fora comunicada. Helen leu as frases relevantes mais uma vez, para ter certeza de que havia entendido direito. Sim, tinha. O patologista da polícia estimava que Kerry morrera entre seis e seis e meia daquela manhã; o assassinato não havia sido relatado até as doze.

Ela leu o relatório uma terceira e uma quarta vez, mas a repetição não fez nada para alterar os fatos horríveis. A criança havia sido assassinada antes do amanhecer. Quando ela fora a casa naquela manhã, Kerry já estava morto há quatro horas. O corpo ficara na cozinha, a poucos passos de onde ela havia estado, e Anne-Marie não dissera *nada*. Aquele ar de expectativa que ela tinha — o que significava aquilo? Que ela esperava alguma deixa para pegar o telefone e chamar a polícia?

— Meu Deus... — exclamou Helen, e deixou o jornal cair.

— Que foi?

— Preciso ir à polícia.

— Por quê?

— Para dizer a eles que estive na casa — ela replicou. Trevor parecia bestificado. — O bebê estava morto, Trevor. Quando vi Anne-Marie ontem de manhã, Kerry já estava morto.

Ela discou o número dado pelo jornal para qualquer pessoa que fornecesse informações, e meia hora depois um carro da polícia veio apanhá-la. Muita coisa a surpreendeu nas duas horas de interrogatório que se seguiram, não menos o fato de que ninguém relatara sua presença no conjunto à polícia, embora ela certamente tivesse sido percebida.

— Eles não querem saber — o detetive lhe disse. — Você deve achar que um lugar daqueles está cheio de testemunhas. Se está, elas não estão aparecendo. Um crime desses...

— É o primeiro? — ela perguntou.

Ele olhou para ela por sobre uma mesa caótica. — Primeiro?

— Me contaram algumas histórias sobre o conjunto. Assassínatos. Neste verão.

O detetive balançou a cabeça.

— Não que eu saiba. Houve uma série de assaltos; uma mulher ficou no hospital por uma ou duas semanas. Mas assassinatos, não.

Ela gostou do detetive. Os olhos dele a lisonjeavam com um olhar penetrante, e seu rosto denotava franqueza. Longe de ligar se pareceria tola ou não, ela comentou: —

Por que eles contam mentiras assim? Sobre pessoas com os olhos arrancados. Coisas terríveis.

O detetive coçou o nariz comprido.

— Nós ouvimos isso também — ele admitiu. — Pessoas vêm aqui, confessam todo tipo de merda. Alguns falam a noite toda sobre coisas que fizeram, ou *pensam* que fizeram. Contam tudo para você nos mínimos detalhes. E quando você dá alguns telefonemas, descobre que é tudo inventado. Saiu das cabeças deles.

— Talvez se eles não contassem as histórias... acabariam fazendo as coisas, realmente.

O detetive assentiu. — Sim — ele respondeu. — Deus nos ajude. Você pode ter razão.

E as histórias que haviam contado a ela? Seriam confissões de crimes não cometidos? Relatos das piores coisas, imaginados para impedir que a ficção se tornasse realidade? O pensamento corria atrás de sua própria cauda: essas terríveis histórias ainda precisavam de uma *primeira causa*, uma fonte a partir da qual elas brotavam. Enquanto atravessava as ruas cheias a caminho de casa, perguntou-se quantas pessoas poderiam conhecer essas histórias. Seriam as invenções uma moeda comum, como Purcell havia dito? Haveria um lugar, por menor que fosse, reservado em cada coração para o monstruoso?

— Purcell ligou — Trevor a informou quando ela chegou em casa. — Nos convidando para jantar fora.

O convite não foi bem-vindo, e ela fez uma careta.

— *Appollinaires*, já esqueceu? — ele lembrou-a. — Ele disse que nos levaria a todos para jantar, se você provasse que ele estava errado.

O pensamento de ganhar um jantar às custas da morte do filho de Anne-Marie era grotesco, e ela disse o que pensava.

— Ele vai ficar ofendido, se você recusar.

— Estou pouco ligando. Não quero jantar com Purcell.

— Por favor — ele interveio com suavidade. — Ele pode ficar difícil, e eu quero mantê-lo sorrindo nesse momento.

Ela olhou para ele. O olhar que ele exibia o fazia parecer um *cocker spaniel* encharcado. Manipulador filho da puta, ela pensou; mas afirmou: — Tudo bem, eu vou. Mas não espere que eu saia dançando em cima das mesas.

— Deixamos isso por conta do Archie — ele falou. — Eu disse a Purcell que estávamos livres amanhã à noite. Está bom para você?

— Tanto faz.

— Ele reservou uma mesa para as oito horas.

Os jornais noturnos haviam relegado A Tragédia do Bebê Kerry a poucos centímetros de coluna numa página interna. Devido a tantas notícias novas, os jornalistas simplesmente descreviam as investigações de casa em casa que se desenrolavam agora na Rua Spector. Algumas das últimas edições mencionavam que Anne-Marie fora solta depois de um extenso período de interrogatórios, e estava agora morando com amigos. Também mencionaram, de passagem, que o funeral seria no dia seguinte.

Helen não alimentava qualquer pensamento de voltar à Rua Spector para o funeral, quando foi para a cama naquela noite, mas o sono aparentemente a fez mudar de ideia, e acordou com uma decisão já tomada.

A morte dera vida ao conjunto habitacional. Andando da rua até Ruskin Court, ela nunca havia visto tanta gente circulando por ali. Muitos já estavam se enfileirando ao longo do meio-fio para ver o cortejo funeral passar, e pareciam ter apanhado os lugares cedo, apesar do vento e da ameaça de chuva sempre presente. Alguns vestiam peças de roupas pretas — um casaco, um cachecol — mas a impressão geral, apesar das vozes baixas e das testas estudadamente franzidas, era de celebração. Crianças correndo, intocadas pela reverência; gargalhadas ocasionais escapando de adultos que faziam fofocas — Helen podia sentir um ar de expectativa que fez seu estado de espírito, apesar da ocasião, tornar-se quase tranquilo.

Mas não era a presença de tanta gente que a reconfortava, ela admitia, feliz de estar de volta à Rua Spector. Os pátios, com suas

arvorezinhas tortas e grama cinzenta, eram mais reais para ela do que os corredores acarpetados pelos quais costumava andar; os rostos anônimos nas varandas e ruas significavam mais que seus colegas na Universidade. Numa palavra, ela se sentia *em casa*.

Por fim, apareceram os carros, andando em marcha de tartaruga pelas ruas estreitas. Quando o féretro apareceu — seu caixãozinho branco coberto de flores —, várias mulheres na multidão manifestaram sua tristeza em silêncio. Uma espectadora desmaiou; um grupinho de pessoas ansiosas se agrupou ao seu redor. Até as crianças estavam quietas agora.

Olhos secos, Helen observava. As lágrimas não lhe vinham com facilidade, especialmente na companhia de outros. Quando o segundo carro, conduzindo Anne-Marie e duas outras mulheres, emparelhou com ela, viu que a mãe perturbada também estava dispensando qualquer manifestação pública de pesar. Ela parecia, na verdade, quase honrada por estar participando, sentada ereta no banco de trás do carro, as feições pálidas, como se fosse a fonte de muita admiração. Era um pensamento amargo, mas Helen sentia como se estivesse vendo o melhor momento de Anne-Marie; o único dia numa vida de outro modo anônima em que ela era o centro das atenções. Lentamente, o cortejo passou, e desapareceu.

A multidão ao redor de Helen já se dispersava. Ela se separou das poucas pessoas que ainda permaneciam se lamentando no meio-fio e atravessou a rua até Butts' Court. Era sua intenção voltar ao sobrado trancado, para ver se o cachorro ainda estava lá.

Se estivesse, ela descansaria a cabeça, e se encontrasse algum zelador do lugar o informaria sobre o fato.

O pátio estava, ao contrário de outros pontos, praticamente vazio. Talvez os residentes, sendo vizinhos de Anne-Marie, tivessem ido ao crematório para o serviço. Qualquer que fosse a razão, o lugar estava assustadoramente deserto. Somente as crianças permaneciam brincando ao redor da pirâmide da fogueira, suas vozes ecoando pela extensão vazia da quadra.

Alcançou o sobrado e ficou surpresa ao descobrir a porta novamente aberta, como da primeira vez em que ali estivera. A visão do interior fez sua cabeça ficar mais leve. Quantas vezes, nos

últimos dias, imaginara estar ali, olhando para aquela escuridão? Não vinha nenhum som lá de dentro. O cão fugira, sem dúvida; ou então morrerá. Não poderia haver nenhum mal — poderia? — em entrar no lugar uma última vez, só para olhar o rosto na parede e a frase que o acompanhava.

Doces para um doce. Ela nunca procurou saber as origens da frase. Não importa, pensou. O que quer que a frase tivesse significado um dia, ali se transformava, como tudo o mais; ela inclusive. Helen ficou na sala da frente por alguns momentos, procurando ganhar tempo para saborear o confronto adiante. Muito atrás dela, as crianças soltavam gritinhos agudos como se fossem pássaros loucos.

Ela passou por cima de um amontoado de móveis e entrou no pequeno corredor que ligava a sala de estar ao quarto, ainda adiando o momento. Seu coração batia acelerado: um sorriso brincava em seus lábios.

E pronto! Finalmente! O retrato estava ali, penetrante como sempre. Ela recuou na penumbra da sala para admirá-lo mais completamente, e seu salto prendeu-se ao colchão que ainda estava no canto. Olhou para baixo. A cama esquelética fora virada, para mostrar sua face intacta. Alguns cobertores e um travesseiro em frangalhos haviam sido jogados sobre ela. Alguma coisa brilhava entre as dobras do primeiro cobertor. Abaixou-se para olhar mais de perto e descobriu ali um punhado de doces — chocolates e caramelos — embrulhados em papel brilhante. E, jogadas entre eles, nem tão atraentes nem tão doces, uma dezena de navalhas. Havia sangue em várias. Ela tornou a se levantar e afastou-se do colchão, e ao fazer isso um zumbido na sala ao lado alcançou seus ouvidos. Ela se virou, e a luz no quarto diminuiu quando uma figura entrou no espaço entre ela e o mundo exterior. Recortada contra a luz, ela mal pôde ver o homem na porta, mas sentiu seu cheiro. Ele tinha cheiro de algodão-doce; e o zumbido estava com ele, ou nele.

— Eu só vim ver. — ela disse — ...o desenho.

O zumbido continuou: o som de uma tarde sonolenta, longe dali. O homem na porta não se mexeu.

— Bom... — ela disse. — Já vi o que vim ver. — Esperava em vão que suas palavras o levassem prontamente a andar para o lado e deixá-la passar, mas ele não se moveu, e ela não conseguia encontrar a coragem de desafiá-lo, andando na direção da porta.

— Preciso ir — ela falou, sabendo que, apesar de seus melhores esforços, o medo vazava por entre cada sílaba. — Estão me esperando...

Isso não era inteiramente falso. Aquela noite, todos estavam convidados para jantar no *Appollinaires*. Mas não seria antes das oito, e ainda faltavam quatro horas. Ninguém sentiria sua falta por um bom tempo.

— Se você me der licença — ela pediu.

O zumbido havia parado um momento, e no silêncio o homem na porta falou. Sua voz sem sotaque era quase tão doce quanto seu cheiro.

— Não precisa ir embora ainda — ele disse baixinho.

— Tenho que estar... que estar...

Embora não pudesse ver seus olhos, ela os sentia, e esses olhos a faziam se sentir tonta, como aquele verão que zunia em sua cabeça.

— Eu vim para você — ele disse.

Ela repetiu as quatro palavras mentalmente. Eu vim para você. Se eram uma ameaça, certamente não haviam sido pronunciadas como tal.

— Eu não... conheço você — ela confessou.

— Não — o homem murmurou. — Mas você duvidou de mim.

— Duvidei?

— Você não se satisfaz com as histórias, com o que escreveram nas paredes. Então fui obrigado a vir.

A tontura fazia sua mente tornar-se lenta, mas ela entendeu o essencial do que o homem estava dizendo. Que ele era uma lenda, e ela, ao não crer nele, obrigara-o a se mostrar. Olhou para as mãos dele. Uma delas estava faltando. Em seu lugar, um gancho.

— Haverá alguma culpa — ele disse. — Vão dizer que suas dúvidas derramaram sangue inocente. Mas eu digo: para que serve o sangue, se não para ser derramado?

E daqui a algum tempo, as investigações acabarão. A polícia sairá daqui, as câmeras serão apontadas para algum novo horror, e as pessoas ficarão sozinhas para tornar a contar histórias do Homem dos Doces.

— Homem dos Doces? — ela perguntou. Sua língua mal conseguia formar essa palavra inocente.

— Eu vim para você — ele murmurou tão suavemente que a sedução parecia estar no ar. E, dizendo isso, saiu da passagem e se deixou iluminar.

Ela o conhecia, sem dúvida. Ela o havia conhecido o tempo todo, naquele lugar guardado para terrores. Era o homem na parede. A pessoa que lhe pintara o retrato não era fantasista: o retrato que uivava sobre ela coincidia, em cada extraordinário detalhe, com o homem em que ela agora punha os olhos. Ele brilhava a ponto de ser espalhafatoso: sua carne, um amarelo pálido; seus lábios finos, um azul-claro; seus olhos selvagens, reluzentes como se suas íris contivessem rubis incrustados. Sua jaqueta parecia feita de retalhos; as calças, a mesma coisa. Ele parecia quase ridículo, pensou ela, com sua roupa de bufão manchada de sangue e o indício de ruge nas faces marcadas. Mas as pessoas eram superficiais. Precisavam desses espetáculos e engodos para conservar seu interesse. Milagres; assassinatos; demônios expulsos e pedras roladas de tumbas. O *glamour* barato não anulava a sensação que havia por baixo. Era apenas, na história natural da mente, os penachos brilhantes que atraíam a espécie a se acasalar com seu lado secreto.

E ela estava quase encantada. Por sua voz, por suas cores, pelo zumbido que vinha de seu corpo. Mas lutou para resistir ao encantamento. Havia um *monstro* ali, debaixo daquele visual cativante; seu ninho de navalhas estava a seus pés, ainda ensopado de sangue. Ele hesitaria em rasgar sua garganta, se pusesse as mãos nela?

Quando o Homem dos Doces avançou em sua direção, ela se abaixou e levantou o cobertor, jogando-o em cima dele. Uma chuva de navalhas e doces caiu ao redor de seus ombros. O cobertor foi atrás, cegando-o. Mas antes que ela pudesse aproveitar o momento

para escapar, passando pelo homem, o travesseiro que estava sobre o cobertor rolou à frente dela.

Não era um travesseiro. O que quer que estivesse no caixãozinho branco, que ela vira no carro do funeral, não era o corpo do Bebê Kerry. Ele estava *ali*, a seus pés, o rosto sem sangue virado para ela. Estava nu. Todo o corpo mostrava sinais da ação do monstro.

Nos dois segundos que levou para registrar esse último horror, o Homem dos Doces jogou o cobertor para um lado. Na luta para fugir de suas dobras, seu paletó havia desabotado, e ela viu — embora seus sentidos protestassem — que o conteúdo de seu tronco havia apodrecido e o oco estava agora ocupado por um ninho de abelhas. Elas enxameavam em sua caixa torácica e agarravam-se, numa massa fervilhante, aos restos de carne que haviam ali. Ele sorriu com a repugnância explícita dela.

— Doces para um doce — ele murmurou, e estendeu a mão com o gancho na direção do rosto dela. Helen não conseguia mais ver a luz do mundo exterior, nem ouvir as crianças brincando em Butts' Court. Não havia como fugir para aquele mundo saudável. O Homem dos Doces ocupava toda a sua visão; seus braços cansados não tinham forças para mantê-lo afastado.

— Não me mate — ela disse num sopro.

— Você acredita em mim? — ele perguntou.

Ela assentiu na hora. — Como poderia não acreditar? — respondeu.

— Então por que quer viver?

Ela não entendia, e estava com medo de que sua ignorância viesse a ser fatal; portanto, não disse nada.

— Se você aprendesse — continuou o monstro — só um *pouquinho* comigo... você não imploraria para viver. — A voz dele caíra para um sussurro. — Eu sou um boato — ele cantou no ouvido dela. — E uma condição abençoada, acredite em mim. Viver nos sonhos das pessoas; ser sussurrado nos cantos das ruas; mas não ter de *existir*. Você entende?

Seu corpo cansado entendia. Seus nervos, cansados de tremer, entendiam. A doçura que ele oferecia era vida sem viver; era estar

morta, mas lembrada em toda parte; imortal em fofocas e grafites.

— Seja minha vítima — ele pediu.

— Não... — ela murmurou.

— Não vou forçar você — ele replicou, o perfeito cavalheiro. — Não vou obrigar você a morrer. Mas pense; *pense*. Se eu matar você aqui... Se eu usar meu gancho em você... — ele traçou o caminho da ferida prometida com seu gancho. Ia da virilha ao pescoço. — Pense como este lugar ficaria marcado pelos comentários... Apontariam para ele quando passassem e diriam: "*Ela morreu aqui; a mulher de olhos verdes.*" Sua morte seria uma parábola para assustar crianças. Amantes a usariam como desculpa para ficarem mais agarradinhos...

Ela estava certa: aquilo *era* uma sedução.

— A fama algum dia foi tão fácil? — ele perguntou.

Ela balançou a cabeça.

— Preferia ser esquecida — ela replicou — do que lembrada dessa forma.

Ele deu de ombros.

— O que os bons sabem? — ele indagou. — A não ser o que os maus os ensinam através de seus excessos? — Levantou a mão do gancho. — Eu disse que não obrigaria você a morrer e cumpro minha palavra. Mas me permita ao menos um beijo...

Aproximou-se. Ela murmurou alguma ameaça sem sentido, que ele ignorou. O zumbido em seu corpo havia aumentado de volume. O pensamento de ter o corpo tocado, da proximidade dos insetos, era horrível. Ela forçou seus braços pesadíssimos a se erguerem para mantê-lo afastado.

O rosto lúgubre do homem refletia o retrato na parede. Ela não conseguia tocá-lo, e em vez disso recuou. O som das abelhas aumentou; algumas, em sua excitação, haviam subido pela garganta dele e saíram voando de dentro de sua boca. Andavam sobre seus lábios; em seus cabelos.

Ela implorou repetidamente para deixá-la em paz, mas isso ele não faria. Por fim, ela não tinha mais para onde fugir; a parede estava às suas costas. Defendendo-se das picadas, pôs as mãos no peito fervilhante dele e o empurrou. Ao fazer isso, a mão dele, num

relance, envolveu sua nuca, o gancho arranhando a pele avermelhada de sua garganta. Ela sentiu o sangue surgir; teve a certeza de que ele abriria sua jugular num corte terrível. Mas a criatura havia dado sua palavra: e era pra valer.

Excitadas por essa súbita atividade, as abelhas espalhavam-se por toda parte. Ela as sentia andando em seu corpo, buscando pedaços de cera em seu ouvido e açúcar em seus lábios. Não tentou afastá-las. O gancho estava em seu pescoço. Se ela se movesse um pouco, ele a feriria. Estava aprisionada, como em seus pesadelos da infância, com todas as chances de fuga impossibilitadas. Quando o sono lhe trazia tamanha desesperança — demônios por todo lado, esperando para rasgá-la membro a membro —, um truque permanecia. Deixar rolar; desistir de toda ambição à vida e entregar o corpo às trevas. Agora, com o rosto do Homem dos Doces colado ao dela, e o som de abelhas mais forte do que sua respiração, jogou essa cartada escondida.

E, tão certo quanto nos sonhos, a sala e o monstro desapareceram.

Ela despertou da claridade para a escuridão. Houve vários momentos de pânico em que não conseguia lembrar-se de onde estava, e depois vários outros em que se lembrou. Mas seu corpo não sentia dor. Levou a mão ao pescoço; afora o arranhão do gancho, estava intocado. Percebeu que se encontrava deitada no colchão. Será que havia sido atacada enquanto jazia desmaiada? Desajeitada, investigou seu corpo. Não estava sangrando; suas roupas não estavam rasgadas. Ao que parecia, o Homem dos Doces simplesmente cobrara seu beijo.

Sentou-se. Uma luz fraca, precisa, passava pelas tábuas da janela — e nenhuma pela porta da frente. Talvez estivesse fechada, raciocinou. Mas não; mesmo agora, ouvia alguém sussurrando no umbral. Uma voz de mulher.

Não se mexeu. Aquela gente era doida. Sabiam o tempo todo o que a presença dela em Butts' Court invocara e haviam *protegido* a ele — aquele psicopata melífluo; haviam dado a ele uma cama e uma oferenda de bombons, escondendo-o de olhos curiosos, e haviam mantido silêncio, quando ele trouxe sangue às suas portas. Até

mesmo Anne- Marie, os olhos secos no corredor de sua casa, sabia que seu filho estava morto a poucos passos.

A criança! Era a prova de que ela precisava. De algum modo, eles haviam conspirado para tirar o corpo do caixão (pelo que o haviam substituído... por um cachorro morto?) e o levado até ali — ao tabernáculo do Homem dos Doces — como um brinquedo, ou um amante. Ela levaria o Bebê Kerry consigo — até a polícia — e contaria toda a história. Acreditassem ou não — e provavelmente acreditariam muito pouco —, o corpo da criança era um fato incontestável. Dessa forma, pelo menos, alguns dos loucos sofreriam por sua própria conspiração. Sofreriam pelo sofrimento *dela*.

Os sussurros na porta haviam parado. Agora, alguém estava andando na direção do quarto. Não trazia luz consigo. Helen encolheu-se, esperando não ser vista.

Uma figura apareceu à porta. A penumbra era por demais impenetrável para que ela pudesse distinguir mais do que uma figura magra, que se curvou e apanhou um saco no chão. Uma cascata de cabelos louros identificou a recém-chegada como Anne-Marie: o saco que apanhava era sem dúvida o cadáver de Kerry. Sem olhar na direção de Helen, a mulher deu meia-volta e saiu do quarto.

Helen ouviu os passos sumirem na sala de estar. Rapidamente se levantou e foi até o corredor. Dali, pôde ver vagamente a silhueta de Anne-Marie na porta do sobrado. Nenhuma luz brilhava no pátio, adiante. A mulher desapareceu e Helen acompanhou-a o mais rápido que pôde, os olhos fixos na porta da frente.

Tropeçou uma, duas vezes, mas alcançou a porta a tempo de ver a forma vaga de Anne-Marie na noite lá fora.

Saiu do sobrado para o céu aberto. Estava frio; não havia estrelas. Todas as luzes nas varandas e corredores estavam apagadas, e nenhuma luz brilhava nos apartamentos; nem mesmo o brilho de uma televisão. Butts' Court estava deserta.

Ela hesitou antes de sair em perseguição à garota. Por que não ia embora agora — a covardia a tentava — e tentava achar o caminho de volta para o carro? Mas se fizesse isso, os conspiradores teriam

tempo de ocultar o corpo da criança. Quando voltasse ali com a polícia, haveria lábios fechados e dar de ombros, e diriam que ela havia imaginado o cadáver e o Homem dos Doces. Todos os terrores que ela havia provado voltariam a ser simples rumores; as palavras numa parede. E a cada dia que vivesse, dali em diante, se odiaria por não ter perseguido a sanidade.

Ela seguiu. Anne-Marie não estava contornando o pátio, mas andava direto para o centro do gramado no meio da quadra. Para a fogueira! Sim; para a fogueira! Ela agora se avolumava na frente de Helen, mais negra que o céu da noite. Helen só conseguia distinguir os contornos da figura de Anne-Marie, andando até o limite das tábuas e móveis de madeira empilhados, e abai-xando-se para subir até seu coração. Era assim que ela planejava remover a prova. Enterrar a criança não trazia certeza suficiente; mas cremá-la, e moer os ossos — quem jamais saberia?

Ela ficou a uns quinze metros da pirâmide e viu Anne-Marie sair dali e se afastar, curvando sua figura na escuridão.

Rapidamente, Helen atravessou o longo gramado e localizou o espaço estreito entre as tábuas empilhadas dentro do qual Anne-Marie havia colocado o corpo. Pensou ver a forma pálida; havia sido colocada num oco. Mas não conseguia alcançá-la. Dando graças a Deus por ser magra como a mãe, enfiou-se pela abertura estreita. Seu vestido prendeu num prego. Virou-se para soltá-lo, os dedos tremendo. Quando tornou a se voltar, perdeu o cadáver de vista.

Tateou cegamente à sua frente, as mãos encontrando madeira e trapos e o que parecia o encosto de uma velha poltrona, mas não a pele fria da criança. Havia se preparado, tornando-se fria, para o contato com o corpo: suportara coisa pior nas últimas horas do que tocar num bebê morto. Determinada a não se deixar derrotar, avançou mais um pouco, os joelhos ralados e os dedos espetados por farpas. Pontos de luz apareciam nos cantos de seus olhos doloridos; o sangue zunia em seus ouvidos. Mas ali!, *ali!*, o corpo não estava a mais de um metro e meio à sua frente. Abaixou-se para esticar a mão por baixo de uma viga de madeira, mas seus dedos erraram o trapinho abandonado por milímetros. Estendeu a mão ainda mais, o zumbido na cabeça aumentando, mas ainda não

conseguia alcançar a criança. Tudo o que podia fazer era se dobrar ao meio e se espremer dentro do burquinho que as crianças haviam deixado no centro da fogueira.

Foi difícil passar. O espaço era tão pequeno que ela mal conseguia rastejar; mas conseguiu. A criança estava com o rosto para baixo. Ela lutou contra os restos da própria repugnância e foi apanhá-la. Ao fazer isso, algo pousou em seu braço. O choque a sacudiu. Quase soltou um grito, mas reprimiu o impulso e afastou a irritação.

A coisa zumbiu quando saiu de sua pele. O zumbido que sentira nos ouvidos não era seu sangue, mas a colmeia.

— Eu sabia que você vinha — disse a voz que chegava por trás, e uma mão enorme passou por seu rosto. Ela caiu para trás e o Homem dos Doces a abraçou.

— Precisamos ir — ele afirmou em seu ouvido, entre fragmentos de luz que se derramavam pelas tábuas empilhadas. — Está na hora de irmos embora, você e eu.

Ela lutou para se livrar dele, querendo gritar para que não acendessem a fogueira, mas ele a agafrou com carinho. A luz aumentou, e com ela veio o calor; e, por entre as madeiras e as primeiras chamas, Helen podia ver figuras se aproximando da pira, saindo da escuridão de Butts' Court. Todos estiveram ali o tempo todo: esperando, as luzes apagadas em suas casas, e quebradas ao longo dos corredores. A conspiração final.

A fogueira se acendeu quase sozinha, mas por algum truque de construção as chamas não invadiram seu esconderijo rapidamente; tampouco a fumaça penetrou entre os móveis para sufocá-la. Ela era capaz de ver como os rostos das crianças brilhavam; como os pais as chamavam para que não chegassem perto demais, e como elas desobedeciam; como as velhas, de sangue fino, esquentavam as mãos e sorriam para as chamas. O rugido e o crepitar se tornaram ensurdecedores, e o Homem dos Doces deixou que ela gritasse até ficar rouca, com a certeza de que ninguém a ouviria; e, mesmo que ouvissem, não teriam se movido para tirá-la do fogo.

As abelhas saíam da barriga do monstro à medida que o ar ficava mais quente, e enchiam o ar com um voo apavorado.

Algumas, tentando fugir, pegavam fogo e caíam ao chão como pequenos meteoros. O corpo do Bebê Kerry, que jazia perto das chamas crepitantes, começou a cozinhar. Seus cabelos finos queimaram, suas costas encheram-se de bolhas.

Logo o calor desceu pela garganta de Helen e chamuscou seus pedidos de socorro. Ela afundou, exausta, nos braços do Homem dos Doces, resignada com o triunfo dele. Em momentos, todos estariam indo embora, como ele havia prometido, e não haveria ajuda para impedir isso.

Talvez eles se lembrassem dela, como o homem dissera que poderiam, encontrando seu crânio rachado nas cinzas do amanhã. Talvez ela pudesse se tornar, em breve, uma história para apavorar crianças. Ela havia mentido, dizendo que preferia a morte a uma fama questionável; não preferia. Quanto a seu sedutor, ele gargalhou quando a conflagração as afastou. Não havia permanência para ele naquela noite da morte. Seus feitos estavam numa centena de paredes e num milhão de lábios; e, se duvidassem dele novamente, sua congregação poderia invocá-lo com doces. Tinha motivos para gargalhar. E, enquanto as chamas avançavam sobre eles, ela avistou, através do fogo, um rosto familiar passando por entre os espectadores. Era Trevor. Ele deixara sua refeição no *Appollinaires* para vir procurá-la.

Ela o viu fazendo perguntas a este e aquele espectador da fogueira, mas eles balançavam as cabeças, o tempo todo olhando a pira com sorrisos enterrados nos olhos. Pobre idiota, ela pensou, acompanhando suas tentativas. Queria que ele olhasse para dentro das chamas, na esperança de que pudesse vê-la queimando. Não para que pudesse salvá-la da morte — ela já estava muito além disso —, mas porque ela tinha pena do espanto dele e queria lhe dar, embora ele não fosse agradecê-la por isso, algo para assombrá-lo. Isso é uma história para contar.

A MADONA

Jerry Coloqhoun esperou mais de trinta e cinco minutos nos degraus das Piscinas da Leopold Road até que Garvey aparecesse, os pés pouco a pouco perdendo a sensibilidade à medida que o frio penetrava pelas solas de seus sapatos. Um dia, assegurou a si mesmo, seria *ele* quem deixaria as pessoas esperando. Na verdade, essa prerrogativa poderia não estar tão longe, se ele conseguisse persuadir Ezra Garvey a investir na Cúpula do Prazer. Isso exigiria vontade de se arriscar, e uma cifra substancial, mas seus contatos lhe asseguraram que Garvey, fosse qual fosse sua reputação, possuía ambos em abundância. A fonte do dinheiro do homem não estava em causa, ou assim Jerry havia se convencido. Muitos plutocratas mais simpáticos haviam recusado o projeto nos últimos seis meses; em tais circunstâncias, a fineza de sentimentos era um luxo a que ele não podia se dar.

Não estava assim tão surpreso com a relutância dos investidores. Eram tempos difíceis, e não se podiam correr riscos à-toa. Mas era preciso um toque de imaginação — uma faculdade que não havia em quantidade entre as pessoas cheias de dinheiro que conhecera — para ver as Piscinas transformadas no deslumbrante complexo de lazer que vislumbrara. Mas suas pesquisas o haviam convencido de que numa área como aquela — em que as casas, um dia, quase haviam sido demolidas, antes de serem compradas e reformadas por uma geração de sibaritas de classe média — as instalações que planejara dificilmente dariam lucro.

E havia uma vantagem. A Prefeitura, proprietária das Piscinas, estava ansiosa para se livrar do terreno o mais rápido possível; já tinha dívidas demais. O sujeito a quem Jerry subornava na Direção de Serviços à Comunidade — o mesmo homem que alegremente

trocara as chaves da propriedade por duas garrafas de gim — dissera-lhe que a construção do edifício poderia sair por quase nada, se o investimento fosse feito logo. Tudo era uma questão de ir na hora certa.

Uma habilidade que aparentemente faltava a Garvey. Quando ele chegou, a dormência já havia se estendido até os joelhos de Jerry, cujo humor tornara-se irritadiço. Mas não demonstrou isso quando Garvey saiu de seu Rover com chofer e subiu os degraus. Jerry só havia conversado com ele por telefone, e esperava um homem maior, mas apesar de sua falta de estatura não havia como duvidar da autoridade de Garvey. Ela estava lá, no olhar direto de apreciação que ele lançou a Colqhoun; nos traços sem alegria; no terno imaculado.

A dupla apertou as mãos.

— E bom vê-lo, Sr. Garvey.

O homem fez que sim, mas não retribuiu a gentileza. Jerry, ansioso para sair do frio, abriu a porta da frente e entrou, apontando o caminho.

— Só tenho dez minutos — explicou Garvey.

— Ótimo — replicou Jerry. — Eu só queria lhe mostrar o leiaute.

— Você inspecionou o local?

— Claro.

Era mentira. Jerry estivera no prédio em agosto passado, cortesia de um contato no Departamento dos Arquitetos, e desde então vira o lugar do lado de fora diversas vezes. Mas cinco meses haviam se passado desde que ele realmente pusera os pés dentro do prédio; esperava que a decomposição acelerada não tivesse assumido o controle desde então. Entraram no vestíbulo. Tinha cheiro de mofo, mas não era insuportável.

— A eletricidade não está ligada — ele explicou. — Temos que ir à luz de lanternas.

— Tirou do bolso a lanterna profissional e apontou o feixe de luz para a porta interna. Estava trancada com cadeado. Ficou olhando bestificado para a tranca. Se aquela porta havia sido trancada da última vez em que ali estivera, não se lembrava. Tentou

a chave que recebera, já sabendo antes de experimentá-la que não encaixaria. Soltou um palavrão baixinho, repassando rapidamente as opções disponíveis. Ou ele e Garvey davam meia-volta e deixavam as Piscinas com seus segredos — se é que mofo, podridão e um teto que estava a ponto de ceder podiam ser considerados segredos —, ou então ele tentava forçar a entrada. Olhou de relance para Garvey, que havia retirado um prodigioso charuto do bolso interno do paletó e estava acendendo sua ponta; uma fumaça aveludada subia.

— Desculpe o atraso —pediu.

— Isso acontece — Garvey respondeu, obviamente imperturbável.

— Acho que será preciso uma técnica mais incisiva — sentenciou Jerry, tentando sentir a reação do outro a uma invasão.

— Por mim está bem.

Jerry rapidamente vasculhou o vestíbulo escuro à procura de uma ferramenta. Na bilheteria, achou um banquinho com pernas de metal. Arrastando-o para fora da bilheteria — ciente do olhar divertido, mas benigno de Garvey sobre ele — e usando uma das pernas como alavanca, quebrou um elo da corrente. O cadeado caiu ruidosamente no chão de azulejos.

— Abre-te, Sésamo — murmurou com certa satisfação, e empurrou a porta para Garvey.

O som do cadeado caindo ainda parecia ecoar nos corredores desertos, quando eles passaram, o barulho se transformando aos poucos em suspiro à medida que desaparecia. O interior parecia mais inóspito do que Jerry se lembrava. A luz do dia que penetrava pelas vidraças mofadas das claraboias, ao longo do corredor, era azul-acinzentada — e a luz e tudo sobre o qual ela caía competiam em desolação. Um dia, sem dúvida, as Piscinas da Leopold Road haviam sido uma vitrine de *design* décor — de azulejos brilhantes e mosaicos graciosos trabalhados no piso e nas paredes. Mas certamente não na vida adulta de Jerry. Os azulejos do piso há muito haviam estufado com a umidade; nas paredes, caíram às centenas, deixando aparecer a cerâmica branca e o gesso escuro como um vasto e enigmático jogo de palavras cruzadas. O ar de

destruição era tão intenso que Jerry quase desistiu de tentar vender o projeto a Garvey no local. Certamente não haveria esperança de uma venda ali, mesmo com o preço ridículo pedido. Mas Garvey parecia mais engajado do que Jerry havia permitido. Já estava percorrendo o corredor a passos largos, soltando baforadas do charuto e resmungando para si mesmo enquanto caminhava. Poderia ser apenas curiosidade mórbida, sentiu Jerry, o que levava o empreiteiro ao fundo daquele mausoléu retumbante. E, no entanto:

— Tem atmosfera. O local tem possibilidades — reconheceu Garvey. — Não tenho muita reputação de filantropo, Colqhoun, você deve saber disso... mas tenho gosto por algumas coisas finas. — Ele havia parado em frente a um mosaico que exibia indescritível cena mitológica: peixes, ninfas e deuses brincando. Resmungou, com apreciação, descrevendo a linha sinuosa do desenho com a ponta molhada do charuto.

— Você não vê um trabalho destes hoje em dia — comentou. Jerry não achava aquilo nada demais, mas aduziu: — E soberbo.

— Mostre-me o resto.

O complexo um dia apresentara muitas instalações — saunas, banhos turcos, termas — além das duas piscinas. Essas diversas áreas eram conectadas por um conjunto de passagens que, ao contrário do corredor principal, não tinham claraboias: a lanterna tinha de bastar ali. Escuro ou não, Garvey queria ver todas as áreas públicas. Os dez minutos que estabelecera como seu limite se estenderam para vinte e trinta, a exploração era constantemente interrompida à medida que ele descobria alguma novidade para comentar. Jerry escutava com compreensão fingida: ele achava confuso o entusiasmo do outro pela decoração.

— Eu gostaria de ver as piscinas agora — Garvey anunciou, depois que já haviam feito uma investigação completa dos outros locais. Obediente, Jerry guiou-o pelo labirinto até as duas piscinas. Num pequeno corredor próximo aos banhos turcos, Garvey ordenou:

— Quietos.

Jerry parou de andar. — O que foi?

— Ouvi uma voz.

Jerry tentou escutar. O feixe de luz da lanterna, refletindo-se nos azulejos, lançava uma luminescência fraca ao redor dos dois, o que tirava o sangue do rosto de Garvey.

— Não estou escutando...

— Eu disse *quieto* — Garvey cortou. Balançava a cabeça para frente e para trás lentamente. Jerry não ouvia nada. Tampouco Garvey, agora. Ele deu de ombros e tragou o charuto, que havia apagado graças à umidade do ar.

— Um truque dos corredores — disse Jerry. — Os ecos neste lugar desorientam. As vezes, você ouve os próprios passos vindo em seu encontro.

Garvey tornou a grunhir. O grunhido parecia ser a parte da linguagem que ele mais valorizava. — Ouvi alguma coisa — enfatizou, obviamente insatisfeito com a explicação de Jerry. Tornou a escutar. Os corredores estavam completamente silenciosos. Não era sequer possível ouvir o tráfego na Leopold Road. Por fim, Garvey pareceu se dar por satisfeito.

— Indique o caminho — ordenou. Foi justamente o que Jerry fez, embora a rota até as piscinas não lhe fosse de forma alguma clara. Viraram errado várias vezes, serpenteando por um labirinto de corredores idênticos, antes de chegar ao destino pretendido.

— Está quente — desabafou Garvey, quando chegaram ao lado da menor das duas piscinas.

Jerry murmurou, concordando. Em sua ansiedade para chegar às piscinas, não havia notado que a temperatura subia cada vez mais. Mas agora que estava ali, em pé, parado, podia sentir uma película de suor no corpo. O ar estava úmido, e tinha cheiro não de mofo e umidade, como em todo o resto do prédio, mas de um aroma mais enjoativo, quase opulento. Esperava que Garvey, abrigado na fumaça de seu charuto novamente aceso, não pudesse compartilhar do cheiro; não era nada agradável.

— O aquecimento está ligado — disse Garvey.

— Sem dúvida, parece que sim — Jerry respondeu, embora não pudesse entender por quê. Talvez os engenheiros do Departamento ligassem o sistema de aquecimento de vez em quando, para mantê-lo em funcionamento. Nesse caso, será que eles estariam em algum

lugar no interior do edifício? Será que Garvey ouvira vozes *mesmo*? Ele construiu mentalmente uma linha de explicação, caso seus caminhos se cruzassem.

— As piscinas — anunciou, e abriu uma das portas duplas. A claraboia ali estava, ainda mais suja que as do corredor principal; pouca e preciosa luz iluminava a cena. Garvey, no entanto, não se deixou intimidar. Entrou e caminhou até a beira da piscina. Não havia muito que ver; as superfícies ali estavam cobertas com mofo de vários anos. No fundo da piscina, pouco discernível por baixo das algas, havia um desenho traçado nos azulejos. Um olho de peixe brilhante os encarava, perfeitamente inócuo.

— Sempre tive medo de água — Garvey ruminou olhando a piscina seca. — Não sei de onde vem isso.

— Infância — Jerry arriscou.

— Acho que não — retrucou o outro. — Minha esposa diz que é do ventre.

— Do ventre?

— Ela acha que eu não gostava de nadar lá — ele replicou, com um sorriso que poderia ter sido o seu próprio, mas que parecia mais com o da esposa.

Um ruído breve veio até eles ao longo da piscina, como se algo tivesse caído. Garvey gelou.

— Ouviu *isso*? — perguntou. — Tem alguém aqui. — Sua voz havia subitamente subido meia oitava.

— Ratos — Jerry replicou. Desejava evitar um encontro com os engenheiros, se possível; perguntas difíceis poderiam ser feitas.

— Me dê a lanterna — ordenou Garvey, tomando-a da mão de Jerry. Ele vasculhou o lado oposto da piscina com o feixe de luz. A lanterna iluminou uma série de vestuários e uma porta aberta que levava para fora da piscina. Nada se moveu.

— Não gosto de vermes... — disse Garvey.

— O lugar foi abandonado — replicou Jerry.

— ...especialmente da variedade humana. — Garvey jogou a lanterna de volta às mãos de Jerry. — Eu tenho inimigos, Sr. Colqhoun. Mas você fez sua pesquisa a meu respeito, não fez? Sabe que não sou flor que se cheire. — A preocupação de Garvey com

relação aos ruídos que pensava ter ouvido faziam agora um desagradável sentido. Não estava com medo de ratos, mas de danos físicos sérios. — Acho que é melhor eu ir — ele disse. — Me mostre a outra piscina e vamos embora.

— Claro. — Jerry estava tão feliz por ir embora quanto seu convidado. O incidente havia feito sua temperatura subir. O suor vinha agora em profusão, escorrendo pela nuca. A cabeça doía. Ele levou Garvey pelo corredor até a porta da piscina maior e a empurrou. A porta não cedia.

— Algum problema?

— Deve estar trancada por dentro.

— Há outra maneira de entrar?

— Acho que sim. Quer que eu dê a volta para verificar?

Garvey olhou o relógio. — Dois minutos — disse. — Tenho compromissos.

Garvey viu Coloqhoun desaparecer no corredor escurecido, a luz da lanterna correndo à sua frente. Não gostava do homem. Fazia a barba muito rente; e seus sapatos eram italianos. Mas — deixando o proponente de lado — o projeto tinha algum mérito. Garvey gostou das Piscinas e suas adjacências, da uniformidade de seu desenho, da banalidade de sua decoração. Diferente de muitos, achava as instituições coisas reconfortantes: hospitais, escolas, até mesmo prisões. Elas recendiam a ordem social, apaziguavam aquela parte dele que tinha medo do caos. Melhor um mundo organizado demais do que um que não fosse o bastante.

Uma vez mais, seu charuto se apagou. Ele o meteu entre os dentes e acendeu um fósforo. Quando a primeira chama morreu, captou uma visão de relance de uma garota nua no corredor adiante, olhando para ele. O relance foi momentâneo, mas quando o fósforo caiu de seus dedos e a luz acabou, ela apareceu no olho de sua mente, perfeitamente lembrada. Era jovem — quinze anos no máximo — e seu corpo era cheio. O suor em sua pele emprestava-lhe tamanha sensualidade que ela podia ter saído de seus sonhos. Afastando seu charuto apagado, procurou outro fósforo e acendeu-o, mas nos poucos segundos de escuridão a linda garota havia

desaparecido, deixando apenas sinais do cheiro doce de seu corpo no ar.

— Garota — ele chamou.

A visão de sua nudez e o choque nos olhos dela fizeram com que ele a desejasse.

— Garota!

A chama do segundo fósforo não conseguia penetrar mais do que um metro ou dois no corredor.

— Você está aí?

Ela não podia estar longe, ele raciocinou. Acendendo um terceiro fósforo, foi à procura dela. Só havia andado alguns passos quando ouviu alguém atrás de si. Virou-se. A luz de uma lanterna iluminou o medo em seu rosto. Era apenas o Sapatos Italianos.

— Não há outra entrada.

— Não precisa me cegar — disse Garvey. O feixe de luz caiu.

— Desculpe.

— Tem alguém aqui, Colômbia. Uma garota.

— Uma garota?

— Por acaso, você sabe algo a respeito?

— Não.

— Ela estava nua em pelo. A três ou quatro metros de mim.

Jerry olhou para Garvey, estranhando. O homem estava sofrendo de ilusões sexuais?

— Estou lhe dizendo que vi uma garota — protestou Garvey, embora nenhuma palavra de contradição tivesse sido dita. — Se você não tivesse chegado, eu teria posto as mãos nela. — Olhou para o corredor. — Jogue uma luz ali. — Jerry orientou o feixe no labirinto. Não havia sinal de vida.

— Diabos — exclamou Garvey, demonstrando aborrecimento genuíno. Tornou a olhar para Jerry. — Tudo bem — concordou. — Vamos sair logo daqui.

— Estou interessado — afirmou, quando se despediram nos degraus. — O projeto tem potencial. Você tem uma planta-baixa do local?

— Não, mas posso arranjar uma.

— Arranje. — Garvey estava acendendo um novo charuto. — E me envie suas propostas com maiores detalhes. Então conversaremos de novo.

Foi preciso um suborno considerável para conseguir a planta das Piscinas no Departamento dos Arquitetos, mas Jerry acabou conseguindo pegá-la. No papel, o complexo parecia um labirinto. E, como os melhores labirintos, não havia ordem aparente no leiaute dos chuveiros, banheiros e vestiários. Foi Carole que provou o erro dessa teoria.

— O que é isso? — ela perguntou enquanto ele examinava a planta à noite. Haviam passado quatro ou cinco horas juntos no apartamento dele — horas sem as brigas e a sensação desagradável que ultimamente haviam estragado a relação dos dois.

— E a planta-baixa das Piscinas da Leopold Road. Quer outro Brandy?

— Não, obrigada. — Ela olhava para a planta enquanto ele se levantava para encher de novo seu copo.

— Acho que convenci Garvey a entrar no negócio.

— Você vai mesmo fazer negócios com ele, não vai?

— Não me faça parecer um mercador de escravas brancas. O homem tem dinheiro.

— Dinheiro sujo.

— O que é uma sujeirinha entre amigos?

Ela lhe lançou um olhar gelado, e ele desejou poder voltar atrás dez segundos e apagar o comentário.

— Eu *preciso* deste projeto — afirmou, levando seu drinque para o outro sofá e se sentando à frente dela, a planta-baixa aberta na mesinha entre os dois. — Preciso de alguma coisa para me ajeitar de uma vez por todas.

Os olhos dela se recusaram a repreendê-lo.

— Só acho que Garvey e sua laia não são flor que se cheire — ela comentou. —

Não quero saber quanto dinheiro ele tem. Ele é um bandido, Jerry.

— Então eu deveria desistir de tudo? E isso o que você está dizendo? — Eles já haviam tido essa discussão, sob uma forma ou

outra, várias vezes nas últimas semanas. — Eu deveria simplesmente esquecer todo o trabalho duro que pus nisso e acrescentar esse fracasso aos outros?

— Não precisa gritar.

— Eu não estou gritando!

Ela deu de ombros.

— Tudo bem — ela disse baixinho. — Você não está gritando.

— Cristo!

Ela voltou a olhar a planta-baixa. Ele a observou por sobre a borda do copo de uísque; via o repartido no meio de sua cabeça e os cabelos louros finos que caíam dali. Eles faziam tão pouco sentido um para o outro, pensou. Os processos que os haviam levado ao impasse atual eram perfeitamente óbvios, mas mesmo assim, de vez em quando, não conseguiam achar o terreno comum necessário para uma troca de opiniões frutífera. Não simplesmente na atual questão, mas em centenas de outras. Fossem quais fossem os pensamentos que estivessem girando naquela cabeça macia, eram um mistério para ele. E provavelmente a recíproca era verdadeira.

— E uma espiral — ela informou.

— O quê?

— A piscina. Foi projetada como uma espiral. Olhe.

Ele se levantou para ter uma visão aérea da planta-baixa, enquanto ela traçava com o dedo indicador uma rota entre os corredores. Ela estava com a razão. Embora os procedimentos técnicos dos arquitetos tivessem enevoadado a claridade da imagem, havia de fato uma espiral tosca construída no labirinto de corredores e quartos. Os círculos que o dedo dela descrevia davam voltas cada vez menores. Por fim descansou na piscina grande; a piscina trancada. Jerry ficou olhando a planta em silêncio. Se ela não tivesse apontado aquilo, ele sabia que poderia ter ficado olhando o projeto durante uma semana sem jamais ver a estrutura subjacente.

Carole decidiu que não passaria a noite ali. Não era que as coisas entre os dois tivessem terminado, ela tentou explicar na porta; é que ela dava muito valor à intimidade de ambos para usá-la como muleta. Ele entendeu razoavelmente; ela também os

imaginava como animais feridos. Pelo menos tinham alguma vida metafórica em comum.

Ele não estava desacostumado a dormir sozinho. De muitas maneiras, preferia estar sozinho em sua cama a partilhá-la com alguém, mesmo que fosse Carole. Mas naquela noite ele a queria junto de si; não ela, na verdade, mas *alguém*. Sentia um medo inexplicável, como uma criança. Quando o sono veio, tornou a voar, como se estivesse com medo de sonhos.

Pouco antes do amanhecer levantou-se, preferindo ficar acordado a ter sono entrecortado; enrolou o camisolão no corpo que tremia e foi preparar um pouco de chá. A planta-baixa ainda estava aberta em cima da mesinha de café, onde a haviam deixado na noite anterior. Bebericando o Assam quente e doce, levantou-se e tornou a examiná-la. Agora que Carole havia apontado aquilo, tudo no que conseguia se concentrar — apesar do aglomerado de detalhes marginais que exigiam sua atenção — era a espiral, aquela evidência indisputável de uma mão oculta sob o aparente caos do labirinto. O desenho atraía seu olhar e o impelia a seguir sua rota interminável, dando voltas e mais voltas, ficando cada vez menor, e em direção a *quê?* Uma piscina trancada.

Bêbado de chá, voltou à cama; desta vez, o cansaço levou a melhor sobre seus nervos e o sono que ele negara o tomou de assalto. Foi acordado às sete e quinze por Carole, que estava telefonando antes de ir para o trabalho para se desculpar pela noite anterior.

— Não quero que tudo dê errado entre nós, Jerry. Você sabe disso, não sabe?

Você sabe que é precioso para mim.

Ele não conseguia aturar conversinhas amorosas de manhã. O que parecia romântico à meia-noite lhe soava ridículo ao amanhecer. Respondeu às declarações de compromisso que ela fez, o melhor que pôde, e combinou vê-la na noite seguinte. Então voltou ao travesseiro.

Desde a visita às Piscinas, não se passavam quinze minutos sem que Ezra Garvey pensasse na garota que havia vislumbrado no corredor. O rosto dela lhe voltara à mente durante o jantar com sua

esposa e durante o sexo com sua amante. Tao aberto aquele rosto, tão brilhante de possibilidades.

Garvey pensava em si mesmo como um mulherengo. Diferente da maioria de seus colegas potentados, cujas consortes eram uma conveniência bem paga — deviam estar ausentes quando não exigidas para alguma função específica —, Garvey gostava da companhia do sexo oposto. Suas vozes, seu perfume, suas risadas. A fome que ele tinha da proximidade feminina conhecia poucas barreiras; as mulheres eram preciosas criaturas cuja companhia ele procurava assegurar, gastando pequenas fortunas para isso. Seu paletó estava, portanto, pesado de dinheiro e presentinhos caros quando voltou, naquela manhã, à Leopold Road.

Os pedestres na rua estavam muito preocupados em manter as cabeças secas (uma garoa fria e constante caía desde o amanhecer) para reparar no homem nos degraus, debaixo de um guarda-chuva preto, enquanto outro se curvava no trabalho de retirar o cadeado. Chandaman era especialista em trancas. O cadeado se abriu com um estalido, em segundos. Garvey baixou o guarda-chuva e entrou rápido no vestibulo.

— Espere aqui — ele instruiu Chandaman. — E feche aquela porta.

— Sim, senhor.

— Se precisar de você, eu grito. Trouxe a lanterna?

Chandaman tirou a lanterna do paletó. Garvey pegou-a, acendeu-a e desapareceu no corredor. Estava substancialmente mais frio do lado de fora do que no dia anterior, ou o interior estava quente. Desabotoou o paletó e afrouxou a gravata apertada.

Achava bom o calor, que o lembrava do brilho da pele da garota de seus sonhos, da expressão lânguida de calor de seus olhos escuros. Desceu o corredor, a luz da lanterna refletindo-se nos azulejos. Seu senso de direção sempre fora bom; ele levou pouco tempo para achar o caminho até o ponto do lado de fora da piscina maior, onde havia encontrado a garota. Lá, ele ficou quieto, os ouvidos a postos.

Garvey era um homem acostumado a olhar para trás. Por toda a sua vida profissional, dentro ou fora da prisão, precisou se

prevenir contra o assassino às suas costas. Essa vigilância incessante o tornara sensível ao menor sinal de presença humana. Sons que outro homem poderia ignorar acionavam um sinal de aviso em seu tímpano. Mas, e ali? Nada. Silêncio nos corredores; silêncio nas antessalas e nos banhos turcos suarentos; silêncio em cada enclave azulejado de uma ponta à outra do edifício. Mas mesmo assim ele sabia que não estava só. Quando os cinco sentidos lhe falhavam, um sexto — que pertencia, talvez, mais à fera dentro dele do que à sofisticação que seu terno caro deixava evidente — percebia presenças. Esta faculdade lhe salvara a vida mais de uma vez. Agora, ele esperava, ela o guiaria para os braços da beleza.

Confiando no instinto, desligou a lanterna e desceu o corredor do qual a garota havia emergido, tateando pelas paredes. A presença de sua caça o obcecava. Suspeitava que ela estivesse apenas a uma parede de distância, mantendo o passo com ele ao longo de alguma passagem secreta à qual ele não tinha acesso. Pensar nessa perseguição o agradava. Ela e ele, sozinhos naquele labirinto abafado, jogando um jogo que ambos sabiam que deveria terminar em captura. Ele andava rápido, no pescoço, pulso e virilha batia a pulsação da caçada. Seu crucifixo estava colado ao suor do peito. Finalmente, o corredor se dividiu. Ele parou. Não havia muita luz: a pouca que havia provocava contornos enganosos nos túneis. Impossível julgar distâncias. Mas, confiando em seus instintos, virou-se para a esquerda e seguiu seu nariz. Quase imediatamente, uma porta. Estava aberta, e ele entrou num espaço mais amplo; ou assim pensou, pelo som abafado de seus passos. Tornou a parar. Desta vez, seus ouvidos tensos foram recompensados com um som. Do outro lado da sala, o caminhar suave de pés nus sobre os azulejos. Seria sua imaginação, ou ele chegou mesmo a vislumbrar a garota, seu corpo esculpido na penumbra, mais pálido que a escuridão que a cercava, e mais macio? Sim! Era ela. Ele quase gritou para chamá-la, mas pensou melhor. Em vez disso continuou em perseguição silenciosa, contente por jogar o jogo dela o tempo que a agradasse. Atravessando a sala, ele passou por outra porta que conduzia a um outro túnel. O ar ali era muito mais quente do que em qualquer outro lugar do prédio, pressionando seu corpo de

forma pegajosa e irritante. Um momento de ansiedade agarrou sua garganta: estava negligenciando cada artigo de fé de um autocrata, colocando sua cabeça, com tão boa vontade, nesta toca quente. Poderia ser facilmente uma cilada: a garota, a caçada. Virando a próxima curva, os seios e a beleza poderiam ter desaparecido, e haveria uma faca em seu peito. Mas, mesmo assim, ele *sabia* que não era verdade; *sabia* que os passos adiante eram de mulher, leves e suaves; que o calor que trazia novas ondas de suor podia alimentar, ali, somente suavidade e passividade. Nenhuma faca poderia prosperar nesse calor: sua ponta seria amaciada, sua ambição seria esquecida. Ele estava salvo.

Adiante, os passos haviam parado. Ele também parou. Havia luz em algum lugar, embora sua fonte não fosse aparente. Lambeu os lábios, sentindo gosto de sal, e depois avançou. Sob seus dedos, os azulejos estavam com uma camada de água; sob seus calcanhares, estavam escorregadios. A expectativa crescia nele a cada passo. Agora a luz estava ficando mais brilhante. Não era dia. A luz do sol não tinha como entrar naquele santuário; aquilo parecia mais a luz do luar — suave, evasiva —, embora ela também devesse estar exilada, ele pensou. Fossem quais fossem suas origens, através dela ele finalmente pôs os olhos na garota; ou melhor, *numa* garota, pois não era a mesma que vira dois dias antes. Estava nua, e era jovem; mas em todos os outros aspectos era diferente. Ele a viu de relance antes que ela fugisse pelo corredor, e virasse uma curva. O espanto agora emprestava mais excitação à caçada: não uma, mas duas garotas, ocupando aquele lugar secreto; *por quê?*

Olhou para trás, para ter certeza de que sua rota de fuga continuava aberta, caso quisesse bater em retirada, mas sua memória, conturbada pelo cheiro do ar, recusava-se a fornecer um retrato claro do caminho pelo qual viera. Uma pontada de preocupação punha em xeque seu ânimo, mas ele se recusava a sucumbir a ela, e continuou, seguindo a garota até o fim do corredor e virando à esquerda atrás dela. A passagem avançava uma curta distância antes de virar mais uma vez à esquerda, a garota acabando de desaparecer nessa curva. Mal se dando conta de que esses giros estavam se tornando cada vez menores, à medida que ele dava

voltas e mais voltas em torno de si, foi para onde ela o levava, agora ofegando com o ar sufocante e a insistência da caçada.

Subitamente, quando virou uma última curva, o calor se tornou bem mais próximo, e a passagem o deixou numa câmara mal iluminada. Desabotoou o botão de cima da camisa; as veias nas costas de suas mãos estavam repuxadas como cordas; ele estava ciente de como seu coração e seus pulmões trabalhavam. Mas, ficou aliviado ao ver, a caçada terminava ali. O objeto de sua perseguição estava parado, de costas para ele, do outro lado da câmara, e a visão de suas costas lisas e das nádegas incomuns evaporou sua claustrofobia.

— Garota... — ele ofegou. — Você me deu um trabalho e tanto.

Ela parecia não ouvi-lo, ou, o que era mais provável, estava estendendo o jogo ao limite, por capricho.

Ele começou a atravessar os azulejos escorregadios na direção dela.

— Estou falando com você.

Ao chegar a uns cinco metros dela, a garota se virou. Não era a que havia acabado de perseguir pelo corredor, nem sequer a outra de dois dias antes. Aquela criatura era algo completamente diferente. Seu olhar se deteve naquele rosto estranho por apenas alguns segundos, entretanto, antes de deslizar para encontrar a criança que ela tinha nos braços. A criança mamava como qualquer recém-nascido, sugando o seio jovem com muita fome. Em suas quatro décadas e meia de vida, os olhos de Garvey nunca tinham visto uma criatura como aquela. Sentiu náuseas. Ver a garota dando de mamar já era uma surpresa, mas a uma *coisa* daquelas, um pária de qualquer tribo, humana ou animal, era quase mais do que seu estômago podia suportar. O inferno tinha uma prole mais aceitável.

— Cristo, o que é...?

A garota ficou olhando a expressão alarmada de Garvey, e uma onda de gargalhadas irrompeu em seu rosto. Ele balançou a cabeça, A criança nos braços da garota desdobrou um braço mirrado e grudou-o ao seio daquela que a consolava para ter melhor contato. O gesto transformou o nojo de Garvey em raiva. Ignorando os protestos da garota, tomou a abominação de seus braços,

segurando-a por tempo suficiente para sentir o saco reluzente de seu corpo retorcer-se em suas mãos, então atirou-o com toda força contra a outra parede da câmara. Quando ela atingiu os azulejos, soltou um grito que terminou tão rápido quanto começou, apenas para ser substituído instantaneamente pelo da mãe. Ela correu pela sala até onde a criança jazia, o corpo aparentemente invertebrado, partido ao meio pelo impacto. Um dos braços, dos quais possuía pelo menos meia dúzia, tentou alcançar seu rosto em lágrimas. Ela pegou a coisa nos braços; fios de fluido brilhante escorriam por sua barriga e seu ventre.

Além da câmara, algo fez-se ouvir. Garvey não teve dúvidas sobre sua deixa; aquilo estava respondendo ao grito de morte da criança, e ao gemido de sua mãe — mas aquele som era mais perturbador do que ambos. A imaginação de Garvey era uma faculdade empobrecida. Além de seus sonhos de riqueza e mulheres, havia uma terra desolada. Mas agora, ao som daquela voz, a terra desolada desabrochou, e deu vazão a horrores que ele acreditara ser incapaz de conceber. Não imagens de monstros, que, na melhor das hipóteses, não poderiam ser mais do que conjuntos de fenômenos vividos. O que sua mente criava era mais *sensação* do que *visão*; pertencia à sua medula, não à sua mente. Toda a certeza estremecia — masculinidade, poder; os imperativos gêmeos do medo e da razão —, todos viravam as costas e negavam conhecê-lo. Ele tremia, com um medo que só os sonhos poderiam provocar, enquanto o grito continuava sem parar. Então virou as costas e saiu correndo da câmara, a luz jogando sua sombra à frente no corredor mal iluminado.

Seu senso de direção o havia abandonado. Na primeira interseção, e depois na segunda, cometeu um erro. Em poucos metros percebeu o erro e tentou corrigi-lo, mas apenas exacerbou a confusão. Todos os corredores pareciam iguais: os mesmos azulejos, a mesma meia-luz, cada nova curva que ele fazia o levava a uma câmara pela qual não havia passado ou a um completo beco sem saída. Seu pânico aumentou. O grito agora havia cessado; ele estava só com sua respiração ofegante e maldições ditas pela metade. Colôhoun era o responsável por esse tormento, e Garvey jurou que

arrancaria do homem, à força, o propósito daquilo tudo, ainda que tivesse de quebrar cada osso de seu corpo pessoalmente. Agarrou-se à ideia dessa violência enquanto corria; era seu único conforto. De fato, ele ficou tão preocupado com o pensamento das agonias que fazia Colôquoun sofrer, que não percebeu que andara em círculos e estava correndo de volta, na direção da luz, até que seus calcanhares apressados o deixaram numa câmara familiar. A criança jazia no chão, morta e abandonada. A mãe não estava em parte alguma.

Garvey parou e avaliou sua situação. Se voltasse pelo caminho por onde viera, a rota só o confundiria novamente; se fosse adiante, atravessando a câmara na direção da luz, poderia cortar o nó cego e ser levado de volta ao ponto de partida. A rapidez e inteligência da solução o deixaram satisfeito. Cauteloso, atravessou a câmara até a porta do outro lado e deu uma olhada. Outro pequeno corredor se apresentava, e além dele uma porta que conduzia a um espaço aberto. A piscina! Certamente a piscina!

Mandou a cautela às favas e saiu da câmara para a passagem.

A cada passo que dava, o calor aumentava. Sua cabeça latejava. Apertou o passo para chegar ao fim do corredor e sair na arena, mais adiante.

A piscina enorme não havia sido drenada, ao contrário da menor. Ao invés, estava quase transbordando — não com água limpa, mas com uma espuma que fumegava até mesmo no calor ali de dentro. *Aquela* era a fonte da luz. A água da piscina emitia uma fosforescência que tingia tudo — os azulejos, o trampolim, os vestiários (ele próprio, sem dúvida), com o mesmo tom fúlvco.

Vasculhou a cena à sua frente. Não havia sinal das mulheres. Sua rota de saída permanecia livre; também não via qualquer sinal de cadeado ou de correntes nas portas duplas. Começou a seguir na direção delas. Seu calcanhar deslizou nos azulejos, e ele olhou rapidamente, de relance, para ver que havia atravessado uma trilha de fluido — difícil, na luz enfeitada, distinguir sua cor — que, ou terminava à beira da água, ou começava ali.

Tornou a olhar para a água, vencido pela curiosidade. O vapor turbilhonava; uma pequena maré brincava com a espuma. Ali! Seus olhos captaram uma forma escura e desconhecida deslizando sob a

superfície da água. Pensou na criatura que havia matado; em seu corpo disforme e em seus membros moles, pendentes. Seria outra da mesma espécie? O brilho do líquido se chocava contra a borda da piscina a seus pés, continentes de espuma se quebravam em arquipélagos. Do nadador, nem sinal.

Irritado, desviou os olhos da água. Não estava mais sozinho. Três garotas haviam surgido de algum lugar e estavam descendo a beira da piscina em sua direção. Uma, ele reconheceu como a garota que vira pela primeira vez ali. Estava usando um vestido diferente de suas irmãs. Um de seus seios estava nu. Ela olhava com seriedade para ele, enquanto ia chegando mais perto; ao seu lado, ela arrastava uma corda, decorada em toda a extensão com fitas manchadas amarradas em laços frouxos, porém extravagantes.

A chegada dessas três graças, as águas fermentadas da piscina começaram a se agitar num frenesi, e seus ocupantes se ergueram para encontrar as mulheres. Garvey podia ver três ou quatro formas incansáveis agitando — mas não rompendo — a superfície. Foi apanhado entre seu instinto de fugir (a corda, embora ornamentada, ainda era uma corda) e o desejo de ficar e ver o que a piscina continha. Olhou de relance para a porta. Estava a dez metros dela. Uma disparada ligeira e ele estaria no ar frio do corredor. De lá, Chandaman estaria ao alcance de um chamado.

As garotas pararam a poucos metros dele, e o observaram. Ele retribuiu os olhares. Todos os desejos que o haviam levado ali tinham desaparecido. Não queria mais segurar em suas mãos os seios dessas criaturas, ou mergulhar na interseção de suas coxas reluzentes. Aquelas mulheres não eram o que pareciam. O silêncio delas não era docilidade, mas um transe de drogas; sua nudez não era sensualidade, mas uma horrível indiferença que o ofendia. Até mesmo sua juventude, e tudo o que elas traziam — a suavidade de suas peles, o brilho de seus cabelos — mesmo isso estava de alguma forma corrompido. Quando a garota do vestido esticou a mão e tocou seu rosto suado, Garvey soltou um grito surdo de *nojo*, como se tivesse sido lambido por uma cobra. Ela não se intimidou com a reação, mas se aproximou ainda mais, os olhos fixos nos dele, cheirando não a perfume, como sua amante, mas à carne. Embora

afrontado, ele não conseguiu se virar. Ficou ali, parado, encarando a vadia, enquanto ela beijava seu rosto, e a corda com fitinhas era enrolada em seu pescoço.

Jerry ligou para o escritório de Garvey em intervalos de meia hora durante o dia. No início, disseram-lhe que o homem não estava, e que poderia ser encontrado mais para o fim da tarde. Entretanto, à medida que o dia passava, a mensagem mudava. Garvey não iria estar no escritório naquele dia, Jerry foi informado. O Sr. Garvey não está passando bem, disse a secretária; foi descansar em casa. Por favor, torne a ligar amanhã. Jerry deixou com ela o recado de que havia conseguido a planta-baixa das Piscinas e adoraria encontrar com o Sr. Garvey e discutir seus planos de acordo com a conveniência dele.

Carole ligou no fim da tarde.

— Vamos sair esta noite? — ela perguntou. — Um filme?

— O que você quer ver? — ele perguntou.

— Não pensei ainda. Falamos sobre isso à noite, certo?

Acabaram indo ver um filme francês, que parecia, até onde Jerry pôde entender, completamente sem enredo; era simplesmente uma série de diálogos entre personagens, que discutiam seus traumas e aspirações, sendo os primeiros em proporção direta às falhas das últimas. Saiu do cinema se sentindo entorpecido.

— Você não gostou...

— Não muito. Muita filosofada.

— E nenhum tiro.

— Nenhum tiro.

Ela sorriu para si mesma.

— Qual é a graça?

— Nada...

— Não diga nada.

Ela deu de ombros.

— Eu só estava sorrindo. Não posso?

— Jesus! Tudo o que esta conversa precisa é de legendas.

Desceram um pouco a Oxford Street.

— Quer comer? — ele perguntou, quando chegaram à entrada da Poland Street. — Podíamos ir ao Red Forte.

— Não, obrigada. Detesto comer tarde.

— Pelo amor de Deus, não vamos discutir por causa da droga de um filme.

— Quem está discutindo?

— Você é tão irritante...

— E uma coisa que temos em comum, não é? — ela retrucou. Seu pescoço estava vermelho.

— Esta manhã você disse...

— O quê?

— Sobre não perdermos um ao outro...

— Isso foi de manhã — comentou, olhos frios. E então, de repente: — Você está *cagando e andando*, Jerry. Pra mim, pra todo mundo.

Ela o encarou, quase desafiando-o a não reagir. Quando ele não reagiu, ela pareceu curiosamente satisfeita.

— Boa-noite... — ela se despediu, e começou a se afastar. Ele a viu dar cinco, seis, sete passos para longe, o mais profundo de seu ser querendo chamar o nome dela, mas uma dezena de irrelevâncias — orgulho, cansaço, inconveniência — o impediram de fazê-lo. O que acabou por tirá-lo da inércia, pondo o nome dela em sua boca, foi pensar na cama vazia aquela noite; nos lençóis quentes apenas onde ele estivesse deitado, e as partes ao redor frias como o inferno.

— Carole.

Ela não se virou; seus passos sequer vacilaram. Teve de dar uma corridinha para alcançá-la, consciente de que essa cena provavelmente estava divertindo os passantes.

— Carole — ele a pegou pelo braço. Ela parou. Quando ele deu a volta para encará-la, ficou chocado ao ver que ela chorava. Isso o incomodou; só odiava as lágrimas dela um pouco menos do que as suas próprias.

— Eu me rendo — ele confessou, tentando um sorriso. — O filme era uma obra-prima. Que tal?

Ela se recusava a se acalmar com as brincadeiras dele; seu rosto estava intumescido de tristeza.

— Não — ele disse. — Por favor, não. Eu não sou... (muito bom em pedir desculpas, ele queria dizer, mas era tão ruim nisso que não

conseguia sequer dizer essas palavras).

— Deixa pra lá — ela respondeu baixinho. Não estava zangada, ele viu; apenas se sentindo péssima.

— Vem comigo para o apartamento.

— Não quero.

— *Eu* quero —ele respondeu. Isso pelo menos era sincero. — Não gosto de conversar na rua.

Chamou um táxi, e voltaram para Kentish Town, mantendo silêncio. No meio da subida dos degraus para a porta do apartamento, Carole comentou: — Que perfume horrível.

Havia um cheiro forte, ácido, nas escadas.

— Alguém esteve aqui — ele reconheceu, subitamente ansioso, e subiu correndo o lance de escadas até a porta da frente do apartamento. Estava aberta; a tranca havia sido forçada sem a menor cerimônia, a madeira do caixilho, lascada. Ele soltou um palavrão.

— O que foi? — Carole perguntou, subindo atrás.

— Arrombamento.

Ele entrou no apartamento e acendeu a luz. O interior estava um caos. O apartamento inteiro havia sido completamente devastado. Por toda parte, pequenos atos de vandalismo — quadros quebrados, travesseiros rasgados, móveis reduzidos a pedaços. Ele ficou no meio do turbilhão e estremeceu, enquanto Carole ia de aposento em aposento, descobrindo a mesma e completa destruição em cada um.

— Isso é pessoal, Jerry.

Ele fez que sim.

— Vou chamar a polícia — ela se ofereceu. — Descubra o que está faltando.

Pálido, ele fez o que ela disse. O impacto dessa invasão o deixou entorpecido.

Enquanto andava desanimado pelo apartamento para inspecionar o pandemônio — revirando objetos quebrados, colocando gavetas no lugar —, percebeu que estava imaginando os intrusos fazendo aquilo tudo, gargalhando enquanto mexiam em

suas roupas e guardados. No canto do quarto achou uma pilha de fotos suas. Haviam urinado em cima delas.

—A polícia está a caminho — informou Carole. —Disseram para não tocar em nada.

— Tarde demais — ele murmurou.

— O que está faltando?

— Nada — afirmou. Todas as coisas de valor — os equipamentos de som e vídeo, seus cartões de crédito, suas poucas joias — estavam ali. Só então ele se lembrou da planta-baixa. Voltou à sala de estar e começou a escavar os escombros, mas sabia muito bem que não ia encontrá-la.

— Garvey — ele lembrou.

— O que tem ele?

— Ele veio pegar a planta-baixa das Piscinas. Ou mandou alguém.

— Por quê? — Carole quis saber, olhando para o caos. — Você ia dá-la a ele de qualquer forma.

Jerry balançou a cabeça. — Bem que você me avisou para ficar longe dele...

— Nunca esperei algo assim.

— Então somos dois.

A polícia chegou e se foi, pedindo desculpas esfarrapadas pelo fato de que achavam improvável uma prisão. — Tem muito vandalismo por aí no momento — falou o policial. — Não há ninguém no andar de baixo...

— Não. Foram embora.

— Receio que fosse a última esperança. Estamos recebendo ligações desse tipo o tempo todo. Tem seguro?

— Tenho.

— Bom, já é alguma coisa.

Durante a entrevista, Jerry não falou de sua suspeita, embora várias vezes tivesse sentido a tentação de comportar-se como um dedo-duro. Não havia muito propósito em acusar Garvey àquela altura. Para começar, Garvey teria álibis preparados; depois, o que acusações sem provas poderiam fazer senão inflamar ainda mais o comportamento irracional do sujeito?

— O que vai fazer? — Carole perguntou, quando a polícia pegou suas coisas e saiu.

— Não sei. Nem tenho certeza de que foi *mesmo* Garvey. Num minuto, ele é todo sorrisos e gentilezas; no outro, isto. Como é que eu vou lidar com uma cabeça dessas?

— Não tente. Deixe ficar como está — ela respondeu. — Quer ficar aqui, ou ir lá para a casa?

— Ficar — ele disse.

Tentaram restaurar o ambiente de forma desleixada — pondo de pé a mobília que não estava destruída demais e varrendo o vidro quebrado. Depois viraram o colchão rasgado para o outro lado, acharam duas almofadas intactas e foram para a cama.

Ela quis fazer amor, mas essa ideia, como tantas coisas ultimamente na vida deles, estava condenada ao fracasso. Não havia como transformar em algo de bom, entre os lençóis, o que já estava tão amargo. A raiva dele o embruteceu, e sua brutalidade, por sua vez, a fez ficar com raiva. Ela franziu o rosto debaixo dele, aplicando-lhe beijos relutantes e tensos. A atitude dela só o fez ficar ainda mais rude.

— Pare — ela disse, quando ele estava para penetrá-la. — Não quero assim.

Ele queria, e muito. Forçou a penetração antes que ela pudesse reforçar sua recusa.

— Eu disse *não*, Jerry.

Ele a ignorou. Tinha quase o dobro do peso dela.

— *Pare*.

Ele fechou os olhos. Ela mandou novamente que ele parasse, dessa vez com verdadeira fúria, mas ele só forçou mais — do jeito que às vezes ela lhe pedia que fizesse, quando estavam realmente com tesão, até implorando. Mas agora ela só xingava, ameaçava, e cada palavra que dizia o fazia sentir-se mais disposto a não desistir daquilo, embora não sentisse em seu ventre senão uma sensação de que estava cheio e desconfortável, e a necessidade de se livrar urgentemente do incômodo.

Ela começou a lutar, arranhando as costas dele com as unhas, e puxando os cabelos dele para afastar o rosto de seu pescoço.

Passou pela cabeça dele, enquanto agia, que ela o odiaria por isso, e que nisso, pelo menos, eles concordariam, mas o pensamento logo se perdeu na sensação.

O veneno passou, ele rolou de cima dela.

— Filho da puta... — ela o xingou.

As costas dele doíam. Quando se levantou da cama, deixou sangue nos lençóis. Remexendo no caos da sala de estar, encontrou uma garrafa de uísque intacta. Os copos, entretanto, estavam todos quebrados, e por pura e absurda preguiça não queria beber da garrafa. Agachou-se contra a parede, as costas geladas; não se sentia horrível nem orgulhoso. A porta da frente se abriu, e foi batida. Ele esperou, ouvindo os pés de Carole nas escadas. Então vieram as lágrimas, embora ele também se sentisse profundamente dissociado delas. Por fim, a crise superada, foi até a cozinha, achou uma xícara e bebeu até perder os sentidos.

O estúdio de Garvey era uma sala impressionante; ele mandara decorá-la como a de um advogado de impostos que conhecera, as paredes cheias de livros adquiridos a metro, a cor do carpete e das paredes igualmente neutra, como se tivessem sofrido a ação da fumaça de charutos e do tempo. Quando sentia dificuldade para dormir, como era o caso agora, podia se recolher ao estúdio, sentar-se na sua poltrona atrás de uma vasta mesa e sonhar com a legitimidade. Mas esta noite, não; esta noite seus pensamentos estavam ocupados de outra forma. Sempre, por mais que ele tentasse seguir outro caminho, voltavam para a Leopold Road.

Não se lembrava de muito do que havia acontecido nas Piscinas. Isso, por si só, era perturbador; sempre se orgulhara da agudez de sua memória. Na verdade, a lembrança de rostos vistos e favores realizados não o havia ajudado pouco para que tivesse o poder que tinha. Das centenas de empregados que se gabava de ter, não havia porteiro ou faxineiro que não pudesse chamar pelo nome.

Mas, dos eventos em Leopold Road, que haviam ocorrido há menos de trinta e seis horas, ele só tinha uma pálida lembrança; das mulheres que o cercaram e da corda envolvendo seu pescoço; delas o levando ao longo da beira da piscina para alguma câmara cuja sujeira praticamente lhe arrebatara os sentidos. O que acontecera

após sua chegada ali movia-se em sua memória como aquelas formas na sujeira da piscina, obscuras, mas horrivelmente perturbadoras. Ele sofrerá humilhação e horrores, não? Além disso, não se lembrava de nada.

Mas não era homem de se ligar a essas ambiguidades sem argumentar. Se houvesse mistérios a serem desvendados ali, então ele o faria, e aguentaria as consequências da revelação. Sua primeira ofensiva fora a de enviar Chandaman e Fryer para virar o apartamento de Coloqhoun do avesso. Se, como ele suspeitava, toda essa empreitada fosse alguma armadilha elaborada, planejada por seus inimigos, então Coloqhoun estava envolvido. Nada mais que um homem de fachada, sem dúvida; certamente não era o mentor. Mas Garvey estava satisfeito com o fato de que a destruição dos bens e objetos pessoais de Coloqhoun alertaria seus patrões de sua intenção de lutar. Isso havia gerado outros frutos também. Chandaman havia retornado com a planta-baixa das Piscinas; estava aberta sobre a mesa de Garvey agora. Ele havia traçado sua rota através do complexo repetidas vezes, esperando que sua memória pudesse ser reavivada. Ficou desapontado.

Cansado, levantou-se e caminhou até a janela do estúdio. O jardim atrás da casa era vasto, e muito bem cuidado. Mas não conseguia ver muito bem as imaculadas fronteiras dele no momento; a luz das estrelas mal descrevia o mundo lá fora. Tudo o que ele podia ver era seu próprio reflexo no vidro polido.

Quando se concentrou na imagem, pareceu que seus contornos tremeram, e ele sentiu um relaxamento no baixo ventre, como se um nó tivesse se desatado ali. Levou uma das mãos ao abdome. O lugar repuxava, tremia, e por um instante ele estava de volta às Piscinas, nu, e alguma coisa se movia diante de seus olhos. Quase gritou, mas parou dando as costas à janela e olhando para o quarto; para os tapetes, livros e mobília: uma realidade sóbria e sólida. Mesmo assim, as imagens se recusavam a deixar sua cabeça inteiramente. Suas entranhas ainda estavam trêmulas.

Vários minutos se passaram até que conseguisse olhar novamente seu reflexo na janela. Quando finalmente o fez, todos os traços de hesitação haviam desaparecido.

Ele não passaria mais noites assim, sem dormir, assombrado. Com a primeira luz do amanhecer veio a convicção de que aquele era o dia de quebrar o Sr. Coloqhoun.

Jerry tentou ligar para Carole em seu escritório aquela manhã. Ela nunca estava. Ele acabou desistindo de tentar e voltou suas atenções para a tarefa hercúlea de pôr alguma ordem no apartamento. Mas não tinha a concentração e a energia para fazer um bom trabalho. Depois de uma hora fútil, onde pareceu não ter feito mais que um paliativo para a resolução do problema, desistiu. O caos refletia com precisão a sua opinião a respeito de si mesmo. Melhor talvez que o caos fosse deixado ali.

Logo antes do meio-dia recebeu uma ligação.

— Sr. Coloqhoun? Sr. *Gerard* Coloqhoun?

— Eu mesmo.

— Meu nome é Fryer. Estou ligando a mando do Sr. Garvey...

— Sim.

Era para se mostrar, ou ameaçar mais ainda?

— O Sr. Garvey estava esperando algumas propostas do senhor
— observou Fryer.

— Propostas?

— Ele está muito animado com o projeto da Leopold Road, Sr. Coloqhoun. Ele sente que há uma possibilidade substancial de lucro ali.

Jerry não disse nada; o palavrório o confundia.

— O Sr. Garvey gostaria de outra reunião, o mais rápido possível.

— Sim?

— Nas Piscinas. Há alguns detalhes arquitetônicos que ele gostaria de mostrar a seus colegas.

— Sei.

— O senhor poderia encontrá-lo mais tarde hoje?

— Sim. Claro.

— Quatro e meia?

A conversa mais ou menos terminou ali, deixando Jerry pasmo. Não havia o menor traço de inimizade nos modos de Fryer; nenhum sinal, por mais sutil, de raiva entre as duas partes. Talvez,

como a polícia havia sugerido, os eventos da noite anterior tivessem *mesmo* sido obra de vândalos anônimos; o roubo de uma planta-baixa estaria, então, fora de cogitação. Seu ânimo melhorou. Nem tudo estava perdido.

Tornou a ligar para Carole, animado por essa virada nos acontecimentos. Dessa vez, não aceitou as repetidas desculpas das colegas dela, mas insistiu em falar com ela. Por fim, ela pegou o fone.

— Não quero falar com você, Jerry. Vá pro inferno.

— Só me escute...

Ela bateu o telefone antes que ele dissesse outra palavra. Ele ligou de novo, imediatamente. Quando ela respondeu e ouviu sua voz, parecia surpresa por ele ter ficado tão ansioso por consertar as coisas.

— O que está tentando? — perguntou. — Jesus Cristo, para que isso? — Ele podia ouvir as lágrimas na garganta dela.

— Quero que entenda como eu estou me sentindo mal. Me deixe corrigir o erro. *Por favor*, me deixe corrigir o erro.

Ela não respondeu ao seu apelo.

— Não bata o telefone. Por favor, não. Eu sei que foi imperdoável. Jesus, eu sei...

Ela continuava em silêncio.

— Pense nisso, certo? Me dê uma chance de corrigir as coisas. Pode fazer isso?

Muito baixinho, ela retrucou: — Não vejo por quê.

— Posso ligar para você amanhã?

Ele a ouviu soluçar.

— Posso?

— Pode. Pode.

A ligação caiu.

Ele partiu para seu encontro na Leopold Road com uns bons quinze minutos de sobra, mas a meio caminho de seu destino a chuva caiu, grandes pingos que desafiavam os melhores esforços de seus limpadores de para-brisa. O tráfego ficou mais lento; ele se arrastou por oitocentos metros, apenas as lanternas traseiras do carro que ia adiante eram visíveis no dilúvio. Os minutos se

passavam, a ansiedade aumentava. Quando conseguiu abrir caminho pelo tráfego engarrafado, para encontrar outra rota, já era tarde. Não havia ninguém esperando nos degraus das Piscinas, mas o Rover azul de Garvey estava estacionado um pouco lá embaixo, na estrada. Não havia sinal do motorista. Jerry achou um lugar para estacionar do lado oposto da estrada e atravessou debaixo da chuva. Era uma questão de cinquenta metros da porta do carro até a entrada das Piscinas, mas quando chegou lá estava encharcado e sem fôlego. A porta estava aberta. Garvey havia claramente mexido no cadeado e entrado para escapar da chuva. Jerry entrou.

Garvey não estava no vestíbulo, mas alguém estava. Um homem da altura de Jerry, mas com metade de sua largura. Usava luvas de couro. Seu rosto, não fosse pela falta de costuras, poderia ser do mesmo material.

— Coloqhoun?

— Sim.

— O Sr. Garvey está esperando pelo senhor lá dentro.

— Quem é você?

— Chandaman — respondeu o homem. — E só seguir direto.

Havia uma luz no fim do corredor. Jerry empurrou as portas envidraçadas do vestíbulo e desceu na direção da luminosidade. Atrás dele, ouviu a porta da frente se fechar, e depois os passos do ajudante de Garvey.

Garvey estava conversando com outro homem, mais baixo que Chandaman, e que estava segurando uma lanterna de tamanho razoável. Quando a dupla ouviu Jerry se aproximar, olhou em sua direção. Garvey não estendeu a mão nem cumprimentou, mas disse apenas: — Já era hora.

— A chuva... — começou Jerry. Então pensou melhor antes de dar uma explicação óbvia.

— Você vai acabar morrendo — falou o homem da lanterna. Jerry reconheceu imediatamente o tom suave de sua voz.

— Fryer.

— Eu mesmo — respondeu o homem.

— Prazer em conhecê-lo.

Apertaram as mãos. E, quando o fizeram, Jerry viu Garvey, que estava olhando para ele como se estivesse vendo uma segunda cabeça. O homem não disse nada por cerca de meio minuto; simplesmente ficou estudando o desconforto crescente no rosto de Jerry.

— Não sou idiota — Garvey respondeu finalmente.

A declaração, dita sem motivo, exigia resposta.

— Não acredito que você seja o homem por trás disso tudo — continuou Garvey. —

Estou preparado para ser caridoso.

— Por que isso?

— Caridoso, — repetiu Garvey — porque acho que você passou dos seus limites. Não é verdade?

Jerry limitou-se a franzir a testa.

— Acho que é verdade — replicou Fryer.

— Acho que você não está entendendo o tamanho do problema em que está metido, não é? — comentou Garvey.

De repente, Jerry deu-se conta, desconfortavelmente, de Chandaman em pé atrás dele, e de sua própria e profunda vulnerabilidade.

— Mas acho que ignorância jamais deveria ser uma bênção — dizia Garvey. — Quero dizer: mesmo que você *não entenda*, isso não o isenta de nada, não é?

— Não tenho a menor ideia do que está falando — Jerry protestou sem muito esforço. O rosto de Garvey, à luz da lanterna, estava fechado e pálido; ele parecia precisar de férias.

— Este lugar — retrucou Garvey. — Eu estou falando sobre *este lugar*. As mulheres que você colocou aqui... para meu benefício. Para que tudo isso, Coloqhoun? E tudo o que eu quero saber. *Para que tudo isso ?*

Jerry deu de ombros. Cada palavra que Garvey pronunciava simplesmente o deixava ainda mais perplexo; mas o homem já havia dito que ignorância não seria considerada desculpa legítima. Talvez uma pergunta fosse a resposta mais sábia.

— Você viu mulheres aqui? — ele perguntou.

— Putas, melhor dizendo — respondeu Garvey. Ele tinha o hálito das cinzas do charuto da semana passada. — Para quem você está trabalhando, Coloqhoun?

— Para mim mesmo. O negócio que ofereci...

— Esqueça a porra desse negócio — comentou Garvey. — Não estou interessado em negócios.

— Sei — respondeu Jerry. — Então não vejo motivo para essa conversa. — Deu meio passo para longe de Garvey, mas o braço do homem se esticou de repente e agarrou sua capa encharcada de chuva.

— Eu não disse que você podia ir embora — falou Garvey.

— Eu tenho negócios...

— Então eles vão ter que esperar — respondeu o outro, sem relaxar muito a pressão. Jerry sabia que, se tentasse dar um safanão em Garvey e correr para a porta da frente, seria detido por Chandaman antes de dar três passos; se, por outro lado, ele não tentasse fugir...

— Não gosto muito do seu tipo — observou Garvey, tirando a mão de cima dele. — Garotos espertos com um olho na grande chance. Você acha que é muito inteligente só porque tem um sotaque diferente e uma gravata de seda. Deixe eu dizer uma coisa...

— espetou o dedo na garganta de Jerry — Estou cagando pra você. Só quero saber para quem você trabalha. Entendeu?

— Eu já lhe disse...

— *Para quem você trabalha?* — insistiu Garvey, pontuando cada palavra com uma espetadela. — Ou você vai passar muito mal.

— Pelo amor de Deus, não estou trabalhando para ninguém. E não sei nada de mulher nenhuma.

— Não torne isso pior do que já está — aconselhou Fryer, fingindo preocupação.

— Estou dizendo a verdade.

— Acho que o homem quer ser machucado — insinuou Fryer. Chandaman deu uma gargalhada sem alegria. — E isso o que você quer?

— Só me dê alguns nomes — pediu Garvey. — Ou vamos quebrar suas pernas. — A ameaça, por mais clara que fosse, não fez

nada para clarear a mente de Jerry. Ele não conseguia pensar em nenhuma forma de escapar senão continuando a insistir em sua inocência. Se inventasse o nome de algum chefe, a mentira seria descoberta em instantes, e as consequências poderiam ser ainda piores pela tentativa de tapeação.

— Verifique minhas credenciais — ele pediu. — Você tem os recursos. Procure. Não trabalho para ninguém, Garvey. Nunca trabalhei.

O olho de Garvey deixou o rosto de Jerry por um momento e foi até seu ombro.

Jerry compreendeu o significado do sinal uma fração de segundo tarde demais para se preparar para o golpe nos rins dado pelo homem às suas costas. Cambaleou para a frente, mas antes que pudesse se chocar com Garvey, Chandaman agarrou seu colarinho e o jogou contra a parede. Ele se dobrou, a dor o deixando insensível a qualquer pensamento. Vagamente, ouviu Garvey perguntar novamente quem era seu chefe. Ele balançou a cabeça. Seu crânio estava cheio de pesos de metal; eles chocalhavam entre suas orelhas.

— Jesus... Jesus... — ele , apalpando o chão como se estivesse procurando alguma palavra de defesa para evitar outra pancada, mas o levantaram antes que qualquer uma surgisse. O facho da lanterna virou-se em sua direção. Ele ficou com vergonha pelas lágrimas que rolavam por sua face.

— *Nomes* — ordenou Garvey.

Os pesos de metal continuavam chocalhando.

— De novo — falou Garvey, e Chandaman aproximou-se para dar mais exercício aos seus punhos. Garvey mandou que se afastasse quando Jerry chegou a ponto de desmaiar. O rosto de couro afastou-se.

— Levante quando eu falar com você — mandou Garvey.

Jerry tentou obedecer, mas seu corpo não estava disposto a cooperar. Ele tremia, sentia-se pronto para morrer.

— Levante-se — reiterou Fryer, movendo-se entre Jerry e seu torturador para apontar o caminho de casa. Agora, perto dele,

Jerry sentiu o cheiro que Carole havia sentido nas escadas: era a colônia de Fryer.

— Levante-se! — insistiu o homem.

Jerry levantou uma mão fraca para proteger o rosto da luz ofuscante. Não conseguia ver nenhum dos três rostos, mas estava razoavelmente consciente de que Fryer bloqueava o acesso de Chandaman a ele. A direita de Jerry, Garvey acendeu um fósforo e levou a chama a um charuto. Um momento se apresentou: Garvey ocupado, o capanga afastado. Jerry o aproveitou.

Mergulhando sob o raio de luz, afastou-se de seu lugar contra a parede, conseguindo derrubar a lanterna da mão de Fryer ao fazer isso. A fonte de luz caiu ruidosamente sobre os azulejos e se apagou.

Na escuridão súbita, Jerry tentou uma fuga trôpega para a liberdade. Atrás dele, ouviu Garvey soltar um palavrão; ouviu Chandaman e Fryer colidirem enquanto tentavam pegar a lanterna caída. Começou a procurar caminho tateando pela parede até o fim do corredor. Evidentemente não havia rota segura passando por seus torturadores até a porta da frente; sua única esperança estava em se perder nas redes de corredores que estavam adiante.

Alcançou um corredor e virou para a direita, lembrando-se vagamente de que esse caminho o levaria para longe das principais passagens e para os corredores de serviço. A surra que levava, embora interrompida antes de deixá-lo incapacitado, fizera com que ficasse sem fôlego e cheio de escoriações. Sentia a cada passo uma dor aguda na parte inferior do abdome e nas costas. Quando escorregou nos azulejos cheios de limo, o impacto quase fez com que gritasse.

As suas costas, Garvey tornava a gritar. A lanterna tinha sido achada. A luz descia pelo labirinto para encontrá-lo. Jerry se apressou, feliz pela iluminação pobre, mas não por sua fonte. Eles viriam atrás dele, e rápido. Se, como Carole havia dito, o lugar fosse uma simples espiral, os corredores descrevendo um laço incansável, sem saída da configuração, ele estava perdido. Mas não havia como voltar atrás. A cabeça tonta com o calor cada vez maior, ele continuou, rezando para encontrar uma saída que lhe desse passagem para fora daquela armadilha.

— Ele foi por aqui — afirmou Fryer. — Deve ter ido.

Garvey concordou. Era realmente a rota mais provável que Coloqhoun deveria ter tomado. Longe da luz e dentro do labirinto.

— Vamos atrás dele? — perguntou Chandaman. O homem estava praticamente salivando para terminar a surra que havia começado. — Ele não pode ter ido longe.

— Não — assentiu Garvey. Nada, nem mesmo a promessa de se tornar cavaleiro, o teria feito segui-lo.

Fryer já havia descido a passagem alguns metros, lançando o feixe de luz contra as paredes reluzentes.

— Está quente — falou.

Garvey sabia muito bem o quanto estava quente. Um calor daqueles não era natural, não para a Inglaterra. A ilha era temperada-, por isso, ele nunca pusera os pés fora dela. O calor asfixiante de outros continentes criava coisas grotescas que ele não queria ver.

— O que vamos fazer? — Chandaman quis saber. — Esperar que ele saia?

Garvey ponderou. O cheiro que vinha do corredor estava começando a perturbá-lo.

Suas entranhas reviravam, sua pele arrepiava. Instintivamente, colocou a mão sobre o ventre. Seu sexo havia encolhido com a trepidação.

— Não — ordenou subitamente.

— Não?

— Não vamos esperar.

— Ele não pode ficar lá para sempre.

— Eu disse que *não!* — Não havia previsto o quanto o suor do lugar o aborreceria.

Por mais que fosse irritante deixar Coloqhoun escapar assim, ele sabia que se ficasse ali por mais tempo corria o risco de perder o autocontrole.

— Vocês dois podem esperar por ele em seu apartamento — sugeriu a Chandaman.

— Ele terá de passar em casa mais cedo ou mais tarde.

— Droga — Fryer resmungou ao saírem do corredor. — Adoro uma perseguição.

Talvez não o estivessem seguindo. Já fazia vários minutos desde que Jerry ouvira as vozes atrás dele. Seu coração já não batia furiosamente. Agora, sem adrenalina para dar velocidade aos calcanhares e distrair os músculos doloridos, seu passo arrastava-se. O corpo protestava até mesmo por isso.

Quando a agonia de dar outro passo tornou-se aguda, deslizou parede abaixo e caiu sentado no chão da passagem. Suas roupas encharcadas de chuva colavam no corpo e na garganta; sentia-se ao mesmo tempo congelado e sufocado por elas. Puxou o nó da gravata e desabotoou o colete e a camisa. O ar no labirinto estava quente em sua pele. Aquele toque era bem-vindo.

Fechou os olhos e tentou estudadamente se auto hipnotizar para que a dor passasse. O que sentia seria um truque das terminações nervosas? Havia técnicas para deslocar a mente do corpo e deixar a agonia para trás. Mas assim que suas pálpebras se fecharam ouviu sons abafados em algum lugar ali por perto. Passos; murmúrio de vozes. Não eram Garvey e seus associados; as vozes eram femininas. Jerry levantou a cabeça pesada e abriu os olhos. Ou acostumara-se à escuridão em seus poucos momentos de meditação, ou uma luz entrara no corredor; certamente ocorria a última opção.

Levantou-se. Seu paletó era peso morto, e ele o descartou, deixando-o no lugar em que estivera sentado. Então começou a caminhar na direção da luz. O calor parecia ter aumentado consideravelmente nos últimos minutos, e provocava-lhe leves alucinações. As paredes pareciam ter esquecido a verticalidade, o ar parecia ter trocado a transparência por uma aurora brilhante.

Virou uma esquina. A luz brilhava. Mais outra, e ele chegou a uma pequena câmara de azulejos, cujo calor tirou seu fôlego. Sufocou como um peixe fora d' água, e olhou — o ar engrossando a cada segundo — para a porta do lado oposto à câmara. A luz amarelada através dela estava ainda mais brilhante, mas ele não conseguia reunir forças para segui-la mais um metro; o calor ali o havia derrotado. Sentindo que estava a um passo da inconsciência,

ergueu a mão para se apoiar, mas sua palma deslizou nos azulejos escorregadios e ele caiu de lado. Não pôde evitar um grito.

Gemendo de angústia, levou as pernas para perto do corpo e ficou onde havia caído. Se Garvey tivesse ouvido o grito, e enviado os ajudantes em sua perseguição, não importava. Ele não ligava mais.

O som de um movimento o alcançou do outro lado do corredor. Levantando a cabeça um centímetro do chão, abriu uma fresta nos olhos. Uma garota nua havia aparecido na porta oposta, ou pelo menos seus sentidos semiconscientes o informavam. A pele dela brilhava como se tivesse óleo; aqui e ali, nos seios e nas coxas, manchas do que podia ser sangue pisado. Mas não o sangue dela. Não havia uma ferida que maculasse seu corpo reluzente.

A garota havia começado a rir dele, uma risada suave e tranquila que o fazia se sentir um idiota. Mas a musicalidade da risada o deixou num transe, e ele fez um esforço para dar uma olhada melhor na garota. Ela havia começado a atravessar a câmara em sua direção, ainda rindo; e agora ele via outras atrás dela. Eram essas as mulheres de que Garvey havia reclamado; era essa a armadilha que ele acusara Jerry de montar.

— Quem é você? — murmurou quando a garota se aproximou. A risada da garota parou quando ela olhou para suas feições contorcidas de dor.

Ele tentou se sentar, mas seus braços estavam dormentes, e ele tornou a escorregar nos azulejos. A mulher não respondeu sua pergunta e não fez qualquer tentativa de ajudá-lo. Simplesmente ficou olhando para ele como um pedestre poderia olhar um bêbado na sarjeta, a expressão indefinível. Olhando para ela, Jerry sentiu que desaparecia seu tênue laço com a consciência. O calor, a dor e agora essa súbita erupção de beleza eram demais para ele. As mulheres distantes estavam se dispersando na escuridão, a câmara inteira se fechando como a caixa de um mágico, até que uma sublime criatura à sua frente reclamasse totalmente sua atenção. E agora, com sua insistência silenciosa, o olho de sua mente parecia ser arrancado de sua cabeça, e subitamente ele era atirado sobre a pele dela, aquela carne era uma paisagem, cada poro um abismo,

cada fio de cabelo uma pilastra. Ela era inteiramente dele. Ela o afogou em seus olhos e o esfolou com seus cílios; rolou-o ao longo de seu abdome, descendo pelo canal suave de sua espinha. Levou-o entre suas nádegas, e então para dentro do calor dela, e novamente para fora justamente quando ele pensava que iria ser queimado vivo. A velocidade o deixou sem fôlego. Ele tinha a consciência de que seu corpo, em algum lugar abaixo, tornava-se frio pela ação do terror; mas sua imaginação — que não precisava respirar — ia de boa vontade para onde ela o enviava, dando voltas como um pássaro, até ser jogado, esfarrapado e tonto, de volta ao cálice de seu crânio. Antes que pudesse aplicar a frágil ferramenta da razão ao fenômeno que acabara de vivenciar, seus olhos se fecharam e ele desmaiou.

O corpo não precisa da mente. Ele tem suas regras de funcionamento — pulmões a serem enchidos e esvaziados, sangue a ser bombeado e comida a ser consumida —, nenhuma das quais exige a autoridade do pensamento. Apenas quando uma ou mais dessas regras falham é que a mente se torna consciente da complexidade do mecanismo que habita. O desmaio de Colquhoun durou apenas alguns minutos; mas quando voltou a si, estava consciente de seu corpo como nunca antes: o corpo como uma armadilha. Sua fragilidade era uma armadilha; seu tamanho, sua forma, seu próprio gênero era uma armadilha. E não havia como fugir dele; estava preso a, ou *em*, essa coisa abjeta.

Esses pensamentos iam e vinham. Entre eles havia breves visões através das quais sentia-se tonto, e momentos ainda mais breves em que vislumbrava o mundo fora de si mesmo.

As mulheres o haviam levantado. Sua cabeça pendia; seus cabelos arrastavam-se pelo chão. Sou um troféu, pensou num instante mais coerente, quando a escuridão chegou mais uma vez. E mais uma vez ele lutou para Ci íegar à tona, e agora ela o carregava ao longo da beira da piscina. Suas narinas se encheram de cheiros contraditórios, alguns gostosos, outros fétidos. Do canto de seu olho preguiçoso podia ver a água tão brilhante que parecia queimar quando batia nas margens da piscina: e mais alguma coisa também — sombras se movendo no brilho.

Elas querem me afogar, ele pensou. E então: já estou me afogando. Imaginou a água enchendo sua boca; imaginou as formas que havia vislumbrado na piscina invadindo sua garganta e deslizando para dentro de seu estômago. Lutou para vomitá-las, seu corpo entrando em convulsões.

Uma mão foi posta em seu rosto. A palma era maravilhosamente fria. — *Shh* — alguém murmurou para ele, e com esse som suas ilusões se desvaneceram.

A mão havia evaporado de sua testa. Olhou ao redor da sala sombria em busca de seu salvador, mas seus olhos não foram longe. Do outro lado dessa câmara — que parecia ter sido um chuveiro coletivo —, vários canos, dispostos a uma certa altura na parede, jogavam sólidos arcos de água sobre os azulejos, onde ralos a conduziam para fora. Uma nuvem fina de vapor e o esguicho das fontes enchiam o ar. Jerry se sentou. Havia movimento por trás do véu cascadeante de água: uma forma vasta demais para ser humana. Ele olhou através da cortina de água para tentar distinguir as dobras de carne. Era um animal? Havia um cheiro pungente ali, que tinha algo de jaula.

Movendo-se com cautela considerável para não chamar a atenção da fera, Jerry tentou se levantar. Mas suas pernas não correspondiam à sua intenção. Tudo o que podia fazer era se arrastar um pouco de quatro ao longo do aposento, e olhar — uma fera olhando a outra — através do véu.

Sentiu que estava sendo percebido; que a criatura escura e imóvel voltara os olhos na sua direção. Sob seu olhar, sentiu a pele arrepiar, mas não conseguia desviar os olhos dela. E então, quando apertou os olhos para examiná-la melhor, uma fagulha de fosforescência começou em sua substância, e se espalhou — ondas flutuantes de luz amarelada — por sobre sua tremenda forma, revelando-se para Coloqhoun.

E era *ela*. Ele sabia sem dúvida que essa criatura era fêmea, embora não lembrasse qualquer espécie que ele conhecesse. A medida que as ondas de luminescência se moviam pelo físico da criatura, ela revelava a cada nova pulsação alguma configuração nova e elaborada. Observando-a, Jerry pensou em algo lento e

derretido — vidro, talvez; ou pedra — sua carne irrompendo em formas elaboradas e chamada novamente à fornalha para ser refeita. Não tinha nem cabeça nem membros que pudessem ser reconhecidos como tais, mas seus contornos estavam cheios de aglomerados de bolhas brilhantes que poderiam ter sido olhos, e ela jogava aqui e ali fitas iridescentes — chamas lentas, em tons pastéis — que por um momento pareceram incendiar o próprio ar.

Agora o corpo enviava uma série de ruídos suaves: gemidos e suspiros. Ele se perguntou se ela estaria falando com ele, e, se fosse o caso, como deveria responder. Ouvindo passos atrás de si, virou-se e viu uma das mulheres. Tentava orientar-se.

— Não tenha medo — ela o acalmou.

— Não tenho — ele respondeu. Era verdade. O prodígio à sua frente era eletrizante, mas não lhe despertava qualquer medo.

— O que é ela? — perguntou.

A mulher estava de pé a seu lado. Sua pele, banhada pela luz brilhante que saía da criatura, era dourada. Apesar das circunstâncias — talvez por causa delas —, ele sentiu um tremor de desejo.

— Ela é a Madona. A Mãe Virgem.

— Mãe? — Jerry balbuciou, virando a cabeça para trás e vendo a criatura novamente. As ondas de fosforescência haviam cessado de vibrar pelo corpo dela. Agora a luz pulsava apenas numa parte de sua anatomia, e, naquela região, em harmonia com a pulsação, a substância da Madona estava inchando e se rompendo.

Ele ouviu passos atrás; e agora sussurros ecoavam na câmara, gargalhadas, e aplausos.

A Madona estava dando à luz. A carne inchada estava se abrindo; luz líquida; cheiro de fumaça e sangue enchia a sala dos chuveiros. Uma garota deu um grito, como por simpatia por Madona. Os aplausos aumentaram, e subitamente a fenda sofreu um espasmo e entregou seu filho — o cruzamento entre uma lula e um cordeiro pelado — sobre os azulejos. A água dos canos acordou-o imediatamente, e ele jogou para trás a cabeça para olhar ao redor; seu único olho imenso e perfeitamente lícido. Contorceu-se sobre os azulejos por alguns momentos antes que a garota ao lado de

Jerry desse um passo para o véu de água e o apanhasse. Sua boca sem dentes procurou o seio dela imediatamente. A garota o conduziu à mama.

•

— Não é humano... — murmurou Jerry. Ele não havia se preparado para uma criança tão estranha, e mesmo assim tão inequivocamente inteligente. — Elas... Todas as crianças são assim?

A mãe adotiva olhou para o saco de vida em seus braços.

— Nenhuma é igual a outra — ela respondeu. — Nós os alimentamos. Uns morrem. Outros vivem, e seguem seus caminhos.

— Para onde, pelo amor de Deus?

— Para a água. Para o mar. Para dentro dos sonhos.

Ela o ninou. Um bracinho em forma de flauta, onde a luz corria como em sua mãe, se debatia no ar com prazer.

— E o pai?

— Ela não precisa de marido — foi a resposta. — Ela poderia fazer filhos a partir de uma chuva, se assim o desejasse.

Jerry olhou de volta para a Madona. Os últimos vestígios de luz haviam se extinguido nela. O vasto corpo estendeu um tentáculo de chamas cor de açafraão, que apanhou a cascata de água, e lançou formas dançantes na parede. Então tudo ficou em silêncio. Quando Jerry olhou para trás, procurando a mãe e o filho, eles haviam desaparecido.

Na verdade, todas as mulheres haviam sumido, menos uma. Era a garota que aparecera para ele pela primeira vez. O sorriso que então ela dera estava novamente em seu rosto, enquanto ela se sentava, encarando-o do outro lado do salão, as pernas abertas. Ele olhou para o lugar entre os dois, e depois para seu rosto.

— Do que você está com medo? — ela perguntou.

— Não estou com medo.

— Então por que não vem a mim?

Ele se levantou e atravessou a câmara até onde ela estava. Atrás dele, a água ainda batia e descia pelos azulejos, e atrás das fontes a Madona murmurava em sua carne. Ele não estava intimidado pela presença dela. Pessoas como ele certamente não eram dignas da atenção de uma criatura daquelas. Se ela em algum

momento o vira, sem dúvida o achara ridículo. Deus! Ele era ridículo até para si mesmo. Não tinha esperança nem dignidade a perder.

Amanhã tudo isso seria um sonho: a água, as crianças, a beleza que naquele momento se levantava para abraçá-lo. Amanhã, ele acharia que havia morrido por um dia e visitado uma sauna para anjos. Mas hoje aproveitaria a oportunidade como pudesse.

Depois de fazer amor com a garota sorridente, quando tentou se lembrar dos pontos específicos do ato, não pôde ter certeza de havê-lo realizado. Apenas as lembranças mais vagas permaneciam com ele, e não eram dos beijos dela, ou de como haviam copulado, mas de um esguicho de leite do peito dela e da forma como ela murmurara "Nunca... nunca...", quando se entrelaçaram. Quando acabaram, ela ficou indiferente. Não houve mais palavras nem sorrisos. Ela simplesmente o deixou sozinho debaixo dos respingos da câmara. Ele abotoou as calças encharcadas e deixou a Madona com sua fecundidade.

Um pequeno corredor levava para fora dos chuveiros e para a piscina grande. Ela estava transbordante, como ele havia registrado vagamente quando o levaram à presença da Madona. Os filhos dela brincavam na água radiante em suas múltiplas formas.

As mulheres não estavam em parte alguma, mas a porta para o corredor externo estava aberta. Passou por ela, e não deu mais de cinco passos antes que ela se fechasse suavemente atrás dele.

Agora, tarde demais, Ezra Garvey sabia que retornar às Piscinas (mesmo para um ato de intimidação, de que ele tradicionalmente gostava) fora um erro. Havia reaberto uma ferida interior que esperava curar rapidamente; e essa ferida trouxe lembranças de sua segunda visita àquele lugar, das mulheres e do que elas haviam mostrado a ele (lembranças que ele procurou tornar mais claras até conseguir apreender a verdadeira natureza delas) mais perto da superfície. Elas o haviam drogado de alguma forma, não haviam?; e então, quando estava fraco e havia perdido todo senso de propriedade, elas o haviam explorado para seu entretenimento. Deram-lhe de mamar como se ele fosse uma criança, e fizeram dele seu brinquedo. Essas lembranças o deixavam

simplesmente perplexo; mas havia outras, profundas demais para serem bem nítidas, que *chocavam*. De alguma câmara interior, e de água caindo em cortina; de uma escuridão terrível, e uma luminescência mais terrível ainda.

Era chegada a hora, ele sabia, de passar por cima daqueles sonhos, e acabar com tamanha estupefação. Era um homem que não se esquecia dos favores prestados, nem dos favores devidos; pouco antes das onze teve duas conversas por telefone, para cobrar alguns desses favores. O que quer que vivesse nas Piscinas da Leopold Road não prosperaria mais ali. Satisfeito com suas manobras da noite, subiu para a cama.

Havia bebido a maior parte de uma garrafa de *schnapps* desde que voltara do incidente com Colqhoun, com frio e sem conforto. Agora a bebida começava a fazer efeito em seu organismo.

Seus membros estavam pesados, a cabeça ainda mais pesada. Sequer se preocupou em tirar a roupa, mas deitou-se em sua cama de casal por alguns minutos para permitir que os sentidos voltassem a adquirir clareza. Quando tornou a se levantar, era uma e meia da manhã.

Sentou-se. O estômago dava voltas novamente; na verdade, todo o corpo parecia estar traumatizado. Raramente estivera doente em seus cinquenta e tantos anos: o sucesso havia mantido as doenças em xeque. Mas agora sentia-se horrível. Tinha uma dor de cabeça que quase o cegava — e saiu cambaleando do quarto até a cozinha mais por auxílio do tato que da visão. Pegou um copo de leite, sentou-se à mesa e levou o líquido aos lábios. Mas não bebeu. Seu olhar parou na mão que segurava o copo. Ficou olhando para ela através de uma névoa de dor. Não parecia ser a mão *dele*: era fina demais, macia demais. Tremendo, colocou o copo de volta, mas ele virou, e o leite derramou sobre o tampo de fórmica, escorrendo para o chão.

Levantou-se, o som do leite sobre os azulejos da cozinha despertando pensamentos curiosos, e caminhou inseguro até seu estúdio. Precisava estar com alguém: qualquer pessoa serviria. Pegou seu caderno de telefones e tentou entender os rabiscos em cada página, mas os números não lhe apareciam com clareza. Seu

pânico cresceu. Seria loucura? A ilusão de sua mão transformada, as sensações antinaturais que percorriam seu corpo. Levou a mão à camisa para desabotoá-la, e ao fazê-lo ela roçou em outra ilusão, mais absurda que a primeira. Sem vontade nos dedos, rasgou a camisa, repetindo para si mesmo sem cessar que nada daquilo era possível.

Mas as provas estavam ali. Ele tocou um corpo que não era mais o seu. Ainda havia sinais de que a carne e os ossos lhe pertenciam — a cicatriz do apêndice em seu baixo ventre, um sinal de nascença debaixo do braço —, mas a substância de seu corpo havia sido alterada (*ainda* estava sendo alterada, a olhos vistos) em formas que o envergonhavam. Enfiou as unhas nas formas que desfiguravam seu torso, como se elas pudessem se dissolver sob aquela pressão, mas simplesmente sangraram.

Em seu tempo, Ezra Garvey havia sofrido muito, quase todos os sofrimentos auto infligidos. Sofrerá períodos de aprisionamento; chegara perto de se ferir gravemente; suportara as maquinações de belas mulheres. Mas esses tormentos não eram nada perto da angústia que sentia agora. Ele não era ele mesmo! Seu corpo fora roubado de si enquanto dormia, e esse ser mutante ficara em seu lugar. O horror que isso representava destruiu sua autoestima, e deixava sua sanidade à beira do abismo.

Incapaz de conter as lágrimas, começou a puxar o cinto que segurava as calças. Por favor, Deus, ele murmurava, por favor, Deus, permita que eu ainda esteja inteiro. As lágrimas mal o deixavam enxergar. Enxugou-as, e olhou para baixo. Vendo as deformidades que aconteciam ali, urrou até os vidros das janelas estremecerem.

Garvey não era homem de tergiversar. Sabia que nada se realizava através de discussões. Não tinha certeza de como aquele tratado de transformação havia sido escrito em seu organismo, e não queria saber. Só pensava em como morreria de vergonha se aquela condição vil algum dia fosse revelada. Voltou à cozinha, apanhou uma faca enorme de carne na gaveta, ajeitou as roupas e saiu.

Suas lágrimas haviam secado. Havia sido um desperdício, e ele não era homem de desperdícios. Foi até o trecho vazio da cidade

próximo ao rio, atravessando a ponte de Blackfriars. Estacionou ali, e desceu até a beira da água. O nível do Tamisa estava alto, a corrente forte, e a superfície coberta de espuma branca.

Somente agora, tendo chegado tão longe sem examinar suas intenções muito de perto, o medo da extinção lhe deu um descanso. Era um homem rico e influente; não haveria outras rotas para longe dessa provação além da que estava prestes a tomar? Médicos vagabundos poderiam reverter a loucura que tomara conta de suas células? Cirurgiões poderiam cortar as partes ofensivas e recosturá-lo de volta ao que era antes? Mas por quanto tempo essas soluções iriam durar? Mais cedo ou mais tarde, o processo recomeçaria: ele sabia disso. Estava além de qualquer ajuda.

Uma rajada de vento soprou espuma para longe da água. Ela respingou em seu rosto, e a sensação finalmente rompeu o selo de seu esquecimento. Finalmente lembrava-se de tudo: os chuveiros, o barulho dos canos rompidos caindo no chão, o calor, as mulheres rindo e aplaudindo. E, por último, a coisa que vivia atrás da parede de água, uma criatura pior do que qualquer pesadelo de feminilidade que sua mente triste pudesse conjurar. Ele havia trepado lá, na presença daquela criatura, e na fúria do ato — quando havia por alguns momentos esquecido de si mesmo — as piranhas haviam jogado esse feitiço sobre ele. Não havia mais como lamentar. O que estava feito, estava feito. Pelo menos havia feito preparativos para a destruição daquele antro.

Agora desfaria, por autocirurgia, o que haviam conseguido por magia, e também, pelo menos, negar-lhes a visão de sua obra.

O vento estava frio, mas seu sangue estava quente. Veio esguichando quando ele fez os cortes em seu corpo. O Tâmsa recebeu a libação com entusiasmo. Lambeu seus pés; formou marolas. Mas ele ainda não havia terminado o serviço, quando a perda de sangue o venceu. Não importa, pensou quando os joelhos cederam e ele caiu na água, ninguém me conhecerá agora, a não ser os peixes. Sua prece, enquanto as águas do rio se fechavam sobre ele, era de que a morte não fosse mulher.

Muito antes de Garvey acordar e descobrir a rebelião em seu corpo, Jerry havia deixado as Piscinas, entrado no carro e tentado

dirigir para casa. Mas não estava à altura dessa tarefa simples. Seus olhos estavam turvos, seu senso de direção confuso. Depois de um quase-acidente num cruzamento, estacionou o carro e começou a andar de volta ao apartamento. Suas lembranças do que havia acabado de acontecer não eram nítidas, embora os eventos tivessem se passado há poucas horas. Sua cabeça estava cheia de estranhas associações. Ele caminhou no mundo sólido, mas meio que sonhando. Foi a visão de Chandaman e Fryer, esperando por ele no quarto de seu apartamento, que o despertou para a realidade. Não esperou que o cumprimentassem: virou-se e saiu correndo. Eles haviam esvaziado seu estoque de bebidas durante a tocaia, e tiveram reação lenta. Desceu as escadas e saiu da casa antes que conseguissem correr em sua perseguição.

Caminhou até a casa de Carole; ela não estava. Ele não se importava em esperar. Ficou sentado nos degraus da frente da casa por meia hora e, quando o inquilino do apartamento do andar de cima chegou, convenceu-o a ficar no relativo calor da casa e manter guarda nas escadas. Ali, ele cochilou e rememorou os passos pela rota que havia tomado, até o cruzamento em que abandonara o carro. Uma multidão passava pelo local. — *Para onde estão indo?* — ele lhes perguntou. — *Ver os iates* — responderam. — *Que iates?* — quis saber, mas eles já estavam se afastando, conversando entre si. Continuou a andar por algum tempo. O céu estava escuro, mas, apesar disso, as ruas estavam iluminadas por uma luz azul e sem sombras. Quando estava para avistar as Piscinas, ouviu um barulho de água e, virando uma esquina, descobriu que a maré estava subindo pela Leopold Street.

Que mar é este?, perguntou às gaivotas que passavam sobre sua cabeça, pois o cheiro de sal no ar indicava que essas águas eram de oceano, não de rio. Importava de que mar era?, elas retrucaram; não eram todos os mares *um único* mar, afinal? Ele se levantou e ficou observando as pequenas ondas subindo pelo asfalto. Seu avanço, ainda que suave, derrubava postes de luz e corroía tão rapidamente as fundações dos prédios que eles caíam, silenciosos, sob a onda glacial. Logo as ondas estavam aos seus pés. Peixes, minúsculos dardos de prata, se moviam na água.

— Jerry?

Carole estava na escada, olhando para ele.

— Que diabos aconteceu com você?

— Eu podia ter me afogado — ele disse.

Ele falou da armadilha que Garvey lhe preparara na Leopold Road e de como havia sido surrado; e da presença dos capangas em sua própria casa. Ela ofereceu uma simpatia distante. Ele não disse nada a respeito da caçada pela espiral, ou das mulheres, ou da coisa que vira na sala dos chuveiros. Não conseguiria ter articulado nada a respeito, mesmo que quisesse: cada hora que passava, desde que deixara as Piscinas, o deixava menos certo de ter visto alguma coisa.

— Quer ficar aqui? — ela perguntou quando ele terminou o relato.

— Pensei que não ia perguntar.

— E melhor tomar um banho. Tem certeza de que não quebraram nenhum osso seu?

— Acho que eu já estaria sentindo, a esta altura.

Nenhum osso quebrado, talvez; mas ele não havia escapado sem marcas. Seu torso era um amálgama de escoriações, e ele sentia dores da cabeça aos pés. Quando, depois de meia hora, saiu da banheira e se inspecionou no espelho, seu corpo parecia estar inchado da surra, a pele do peito suave e repuxada. Não era uma visão bonita.

— Amanhã, você precisa ir à polícia — Carole lhe disse mais tarde, quando deitados lado a lado. — E mandar prender esse filho da puta do Garvey...

— Acho que sim... — ele concordou.

Ela se inclinou sobre ele. Seu rosto estava neutro de tanto cansaço. Ela o beijou com suavidade.

— Gostaria de amar você — confessou. Ele não olhou para ela.
— Por que torna as coisas tão difíceis?

— Eu? — ele perguntou, as pálpebras caindo. Ela queria enfiar a mão por baixo do roupão de banho que ele ainda vestia — ela nunca entendera sua timidez, mas isso a encantava — e acariciá-lo. Mas havia certo isolamento na forma como ele deitava, deixando claro seu desejo de não ser tocado, e ela o respeitou.

—Vou apagar a luz — ela falou, mas ele já estava dormindo.

A maré não foi gentil com Ezra Garvey. Ela apanhou seu corpo e brincou com ele de um lado para outro por algum tempo, como alguém que brinca com o alimento que não tem vontade de comer. Carregou o cadáver um quilômetro e meio rio abaixo, e então se cansou de seu peso. A corrente o relegou à água mais lenta perto das margens, e lá

— diante de Battersea — ele ficou preso num cabo de amarração. A maré baixou; Garvey, não. Quando o nível da água caiu, ele continuou pendurado pela corda, o corpo sem sangue revelado centímetro por centímetro à medida que a maré o deixava, e a aurora vinha olhar. Por volta das oito horas, a plateia era bem maior.

Jerry acordou com o som da água correndo no chuveiro no banheiro adjacente. As cortinas do quarto ainda estavam puxadas. Somente um fino dardo de luz o atingiu. Virou-se para enterrar a cabeça no travesseiro, onde a luz não pudesse perturbá-lo, mas seu cérebro, uma vez perturbado, começou a funcionar. Teria um dia difícil à sua frente, em que seria obrigado a fazer um relato dos acontecimentos recentes à polícia. Haveria perguntas a fazer, e algumas não seriam muito agradáveis. Quanto mais cedo pensasse na história que iria contar, mais à prova de falhas ela seria. Virou-se e jogou o lençol para o lado.

Seu primeiro pensamento, quando olhou para si mesmo, foi de que ainda não havia acordado, mas ainda tinha o rosto enterrado no travesseiro, e estava apenas sonhando que estava desperto. E sonhando também o corpo no qual habitava — com seus seios despontando e seu ventre macio. Esse corpo não era seu; o seu pertencia a outro sexo.

Tentou acordar, mas não havia como acordar. Ele estava ali. Aquela anatomia transformada era dele — sua fenda, sua suavidade, seu peso estranho — tudo *dele*. Durante horas, a partir da meia-noite, havia sido descosturado e refeito; agora tinha outra imagem.

Da porta ao lado, o som do chuveiro trouxe a Madona de volta à sua cabeça. E também a mulher que o havia atraído para dentro dela e sussurrado, enquanto ele franzia a testa e copulava, "Nunca...

nunca...", dizendo a ele, embora ele não tivesse como saber, que essa cópula era a sua última como homem. Elas haviam conspirado — mulher e Madona — para realizar essa maravilha sobre ele; e não era a maior falha de sua vida o fato de que não tinha controle nem sobre o próprio sexo? A masculinidade que lhe fora prometida, como riqueza e influência, não lhe fora tomada novamente?

Saiu da cama, virando as mãos para admirar-lhes a maciez recém-descoberta, correndo as palmas sobre os seios. Não estava com medo, nem contente. Aceitava esse fato consumado como um bebê aceita sua condição, sem ter ideia do bem ou do mal que isso poderia provocar.

Talvez houvesse mais encantamentos no lugar em que esse surgira. Se fosse o caso, voltaria às Piscinas e os descobriria sozinho; seguiria a espiral até seu coração quente e discutiria mistérios com a Madona. Havia milagres no mundo! Forças que podiam transformar a carne dentro dele sem tirar sangue; que podiam derrubar a tirania do real e brincar nas suas ruínas.

Na porta ao lado, a água continuava correndo no chuveiro. Ele foi à porta do banheiro, que estava ligeiramente entreaberta, e deu uma olhada. Embora o chuveiro estivesse ligado, Carole não estava sob ele. Estava sentada na borda da banheira, as mãos no rosto. Ela o ouviu à porta. Seu corpo estremeceu. Ela não levantou a cabeça.

— Eu vi... — ela disse. Sua voz era gutural; estava rouca, com nojo mal disfarçado.

— ...estou ficando louca?

— Não.

— Então o que está acontecendo?

— Não sei — ele replicou simplesmente. — É tão terrível?

— Odioso — falou. — Revoltante. Não quero olhar para você. Está me ouvindo? *Não quero ver.*

Ele não tentou discutir. Ela não queria conhecê-lo, e essa era sua prerrogativa.

Ele voltou ao quarto, vestiu suas roupas sujas e malcheirosas, e voltou para as Piscinas.

Entrou sem ser notado; ou melhor, se alguém, ao longo de sua rota, notava algo de estranho no companheiro que passava — uma

disparidade entre as roupas e o corpo que as vestia —, olhava para o outro lado, sem vontade de encarar um problema desses àquela hora.

Quando chegou à Leopold Road, havia três homens nos degraus. Estavam falando, embora ele não o soubesse, de demolição iminente. Jerry parou à porta de uma loja do outro lado da estrada até que o trio foi embora, e então se dirigiu até a porta da frente. Temia que pudessem ter trocado a fechadura, mas não fizeram isso. Entrou facilmente e fechou a porta atrás de si.

Não havia trazido uma lanterna, mas quando penetrou no labirinto deu um voto de confiança ao instinto, e ele não o abandonou. Depois de alguns minutos de exploração nos corredores escuros, tropeçou no paletó que havia descartado no dia anterior; mais algumas curvas e deu com a câmara onde a garota risonha o havia encontrado. Havia sinais de luz solar por ali, mais além da piscina. Os últimos vestígios de luminescência que antes o levaram até ali, haviam desaparecido.

Apressou-se na câmara, as esperanças desaparecendo. A água ainda espumava na piscina, mas quase toda a luz se esvaíra. Estudou a espuma: não havia movimento nas profundezas. *Haviam partido*. As mães; os filhos. E, sem dúvida, a primeira causa. A Madona.

Atravessou a sala dos chuveiros. Ela havia realmente ido embora. Além disso, a câmara havia sido destruída, como num repente de fúria. Os azulejos foram arrancados das paredes; os canos, rasgados do estuque e derretidos no calor da Madona. Aqui e ali viu manchas de sangue.

Dando as costas à destruição, voltou às piscinas, se perguntando se havia sido sua invasão que os afugentara daquele templo improvisado. Fosse qual fosse a razão, as bruxas tinham ido embora, e ele, sua criatura, estava abandonado à própria sorte, privado de seus mistérios.

Vagou pela beira da piscina, desesperado. A superfície da água não estava muito calma: um círculo de ondulações despertara ali, e estava crescendo a cada segundo. Ele ficou olhando para a margem à medida que ela ganhava impulso, balançando os braços ao longo da

piscina. O nível da água havia subitamente começado a cair. Rapidamente as ondulações transformavam-se num redemoinho, a água espumando ao redor. Uma armadilha fora aberta no fundo da piscina e as águas estavam sendo drenadas. Era para lá que a Madona fugira? Ele correu de volta para a outra margem da piscina e examinou os azulejos. Sim! Ela havia deixado uma trilha de fluido para trás quando se arrastou para fora de seu santuário e entrou na segurança da piscina. Se aquele fosse realmente o caminho por onde *ela* partira, não teriam todos a seguido?

Ele não tinha como saber para onde as águas estavam sendo drenadas. Para os esgotos, talvez, e depois para o rio, e finalmente para o mar. Morte por afogamento; a extinção da magia. Ou por algum canal secreto no fundo da terra, para algum santuário seguro, onde a magia não era proibida.

A água rapidamente se tornava um frenesi, à medida que a sucção a chamava. O vórtice girava, espumava e cuspiu. Ele estudou a forma que o vórtice descrevia. Uma espiral, claro, elegante e inevitável. As águas afundavam rápido; o espadanar era agora um rugido. Muito em breve, tudo estaria acabado, a porta para o outro mundo selada e perdida.

Ele não tinha escolha: pulou. O empuxo circulante o agarrou na hora. Mal teve tempo de tomar fôlego antes de ser sugado para baixo e arrastado. Sentiu-se pressionado contra o piso da piscina, e então deu uma cambalhota ao ser puxado inexoravelmente para perto da saída. Abriu os olhos. A corrente o arrastava para a beira, e além. O fluxo tomou-o em seu movimento, e o atirava de um lado para o outro em sua fúria.

Havia luz adiante. A que distância ficava, ele não podia calcular, mas o que importava? E se ele afundasse antes de atingir aquele lugar e terminasse a jornada morto? E daí? A morte não era mais certa do que o sonho de masculinidade que ele vivera todos esses anos. Termos de descrição feitos somente para serem virados do avesso. A terra era brilhante, não era?, e provavelmente cheia de estrelas. Ele abriu a boca e gritou para o redemoinho, à medida que a luz crescia e crescia, um hino em louvor ao paradoxo.

OS FILHOS DE BABEL

Por que Vanessa nunca pôde resistir àquela estrada sem placas de sinalização — a trilha que levava a Deus sabe onde? Seu entusiasmo para seguir o próprio faro a deixara em encrencas muitas vezes no passado. Uma noite quase fatal perdida nos Alpes; aquele episódio em Marrakech que quase acabara em estupro; a aventura com o aprendiz de engolidor de espadas na selva da baixa Manhattan. E mesmo assim, apesar das experiências amargas que lhe deviam ter ensinado alguma coisa, quando a escolha era entre a estrada com sinais e a sem sinais, ela sempre, sem dúvida, optava pela última.

Como ali, por exemplo. Aquela estrada que serpenteava na direção da costa de Kithnos: o que poderia oferecer a ela a não ser um passeio monótono por uma terra com pouca vegetação — um encontro casual com uma cabra ao longo do caminho — e uma vista dos despenhadeiros do Egeu azul. Ela poderia desfrutar de uma vista dessas de seu hotel, na Baía de Merikha, praticamente sem sair da cama. Mas as outras estradas que saíam daquela encruzilhada estavam tão claramente *marcadas*: uma ia para Loutra, com suas ruínas de um forte veneziano, a outra para Driópis. Ela não visitara nenhuma aldeia, e ouvira que ambas eram encantadoras, mas o fato de que tinham nomes tão expostos diminuía seriamente sua atração por elas. Aquela outra estrada, no entanto, embora pudesse levá-la a lugar nenhum — e provavelmente era exatamente isso o que ocorreria —, pelo menos levava a lugar nenhum *sem nome*. Não era pouca recomendação. Assim, motivada por pura perversidade, partiu.

A paisagem de cada lado da estrada (ou *trilha*, como rapidamente se tornou) era, na melhor das hipóteses, indistinta.

Mesmo as cabras que esperou encontrar não estavam aparecendo ali, mas também a vegetação esparsa não parecia servir muito para pasto. A ilha não era paraíso algum. Diferente de Santorini, com seu vulcão pitoresco, ou Míkonos — a Sodoma das Cíclades —, com suas praias elegantes e hotéis mais elegantes ainda, Kithnos não podia se vangloriar de nada que pudesse atrair os turistas. Esse, em suma, era o motivo pelo qual ela estava ali: estar o mais longe possível das multidões. Aquela trilha, sem dúvida, a levaria ainda mais longe.

O grito que ela ouviu dos morros à sua esquerda não era para ser ignorado. Era um grito de puro alarme, e era perfeitamente audível acima do rugido de seu carro alugado. Ela freou o velho veículo e desligou o motor. Tornou a ouvir o grito, mas dessa vez acompanhado de um tiro, uma pausa e um segundo tiro. Sem pensar, ela abriu a porta do carro e saiu trilha afora. O ar cheirava a lírios e tomilho — aromas que o fedor de gasolina dentro do carro havia neutralizado com eficácia. Enquanto respirava o perfume, ouviu um terceiro tiro, e dessa vez viu uma figura — longe demais de onde ela estava para ser reconhecida, mesmo que pudesse ser seu marido — subindo ao cume de um dos morros, só para desaparecer novamente do outro lado. Três ou quatro segundos depois, e seus perseguidores apareceram. Outro tiro foi disparado; mas ela ficou aliviada ao perceber que fora para o alto, não para o homem. Estavam avisando para que parasse, e não disparando para matar. Os detalhes dos perseguidores eram tão indistintos quanto os do fugitivo, só que — um toque agourento — estavam vestidos dos pés à cabeça com uma roupa preta esvoaçante.

Ela hesitou, sem saber se deveria voltar ao carro e ir embora, ou descobrir o porquê desse esconde-esconde. O som de armas não era particularmente agradável, mas será que ela conseguiria dar as costas a um mistério desses? Os homens de preto haviam sumido atrás de sua presa, mas ela pregou os olhos no ponto de que eles haviam partido e começou a caminhar naquela direção, mantendo a cabeça baixa da melhor forma possível.

Distâncias enganavam num terreno tão indistinto; um morro arenoso parecia com o seguinte. Ela andou por dez minutos inteiros antes de ter certeza de que passara do ponto onde perseguido e

perseguidores haviam desaparecido — e àquela altura estava perdida num mar de montículos cobertos de grama. Os gritos há muito haviam cessado, os tiros também. Ela ficou apenas com o som das gaivotas e as discussão áspera das cigarras aos seus pés.

— Merda — reclamou. — Por que faço essas coisas?

Escolheu o maior morro das redondezas e escalou seu flanco, os pés inseguros no solo arenoso, para ver se o cume oferecia uma vista da trilha que deixara, ou mesmo do mar. Se pudesse localizar os despenhadeiros, poderia se orientar com relação ao ponto em que havia deixado o carro, e seguir nessa direção aproximada, sabendo que mais cedo ou mais tarde teria que alcançar a trilha. Mas a colina era pequena demais; tudo o que via de seu topo era a extensão de seu isolamento. Em todas as direções, as mesmas colinas indistintas, elevando suas costas ao sol da tarde. Em desespero, lambeu o dedo e o levantou, ao vento, deduzindo que a brisa provavelmente deveria vir do mar, e que poderia usar essa ínfima informação para esboçar sua cartografia mental. A brisa era desprezível, mas era o único guia de que ela dispunha, e partiu na direção em que esperava que a trilha estivesse.

Após cinco minutos — cada um com menos fôlego que o anterior, à medida que ela subia e descia os morros —, escalou uma das encostas e se viu olhando não para seu carro, mas para um aglomerado de prédios caiados, dominados por uma torre baixa, formando um anel, como uma guarnição com uma muralha alta... coisa que os cumes anteriores não lhe haviam mostrado. Imediatamente achou que o fugitivo e seus três admiradores superzelosos haviam saído dali, e isso provavelmente sugeriu que não chegasse perto do lugar. Mas, sem direção, não acabaria vagando uma eternidade naquela vastidão desolada, sem jamais achar o caminho de volta ao carro? Além do mais, os prédios pareciam suficientemente desprezíveis para tranquilizá-la. Havia até indícios de folhagens espreitando de cima das paredes brilhantes, sugerindo um jardim do lado de dentro, onde ela poderia pelo menos ter alguma sombra. Mudando de direção, encaminhou-se para a entrada.

Chegou aos portões de ferro forjado, exausta. O jardim do outro lado era pavimentado e estava cheio de fezes de pombos: vários dos culpados estavam pousados numa mirta e começaram a arrulhar quando ela apareceu. Do jardim, vários caminhos cobertos levavam a um labirinto de prédios. Perversidade intocada pela aventura, seguiu o que parecia menos promissor e saiu do sol para entrar numa passagem fresca, ladeada por bancos simples, acabando num cercado menor. Ali, o sol caía sobre uma das paredes, num nicho onde estava uma estátua da Virgem Maria — seu notório filho, dedos erguidos em bênção, encarapitado em seu braço. E agora, vendo a estátua, as peças do mistério se encaixavam: o local afastado, o silêncio, a simplicidade dos jardins e dos caminhos. Aquilo era certamente um estabelecimento religioso.

Ela não tinha nenhum deus desde a adolescência, e raramente entrara numa igreja nos vinte e seis anos seguintes. Agora, aos quarenta e um anos, nem se lembrava mais desse fato, e por isso se sentia ali duplamente invasora. Mas não estava procurando santuário, estava? Apenas uma direção. Podia perguntar e ir embora.

Enquanto avançava pelas pedras iluminadas pelo sol, teve aquela curiosa sensação de autoconsciência que associava a estar sendo espionada. Era uma sensibilidade que sua vida com Ronald havia sofisticado a ponto de transformá-la em sexto sentido. As ridículas crises de ciúme dele, que apenas três meses antes haviam terminado com o casamento dos dois, acabaram por levá-lo a estratégias de espionagem que não teriam envergonhado especialistas de Whitehall ou Washington. Agora, sentia não um, mas vários pares de olhos sobre ela. Embora forçasse a vista para tentar ver as janelas estreitas que davam para o jardim, e parecesse ter visto movimento numa delas, ninguém fez qualquer esforço para chamá-la. Seria talvez uma ordem silenciosa, o voto de silêncio tão profundamente observado ali que ela teria de se comunicar em linguagem de sinais? Pois bem, que fosse.

Em algum lugar atrás dela, ouviu pés correndo; vários pares, em sua direção. E, descendo o caminho em que estava, o som dos portões de ferro sendo fechados. Por algum motivo, seu coração deu

um salto e alarmou seu sangue. Espantado, ele coloriu seu rosto. As pernas enfraquecidas começaram a tremer novamente.

Virou-se para ver os donos dos passos urgentes e, ao fazer isso, viu a cabeça da Virgem de pedra se mover um mínimo. Seus olhos azuis a haviam acompanhado pelo jardim e agora estavam inconfundivelmente olhando para suas costas. Ficou paralisada; melhor não correr, pensou, com Nossa Senhora às costas. De qualquer forma, não teria sido bom fugir, porque naquele instante três freiras saíam da sombra dos claustros, as vestimentas esvoaçando. Apenas suas barbas, e os rifles automáticos reluzentes que carregavam, quebravam a ilusão de que fossem noivas de Cristo. Ela poderia ter rido dessa incongruência, mas eles estavam apontando as armas direto para seu coração.

Ninguém ofereceu uma palavra de explicação sequer; mas também, num lugar que abrigava homens armados vestidos de freiras, um lampejo de razão era sem dúvida tão raro quanto sapos com penas.

Foi levada grosseiramente para fora do jardim pelas três irmãs — que a trataram como se ela tivesse acabado de destruir o Vaticano — e lhe fizeram uma revista completa e sumária. Aceitou essa invasão sem nada além de uma objeção formal. Nem por um momento eles afastaram as miras dos rifles de sua direção, e nessas circunstâncias parecia melhor obedecer. Revista concluída, um deles a convidou a se vestir novamente, e ela foi escoltada até um quartinho e trancada. Pouco depois, uma das freiras lhe trouxe uma garrafa de vinho palatável e, para completar esse catálogo de incongruências, a melhor pizza daquele lado de Chicago. Alice, perdida no País das Maravilhas, não poderia ter achado isso mais curioso.

— Pode ter havido um erro — admitiu o homem de bigode encerado depois de horas de interrogatório. Ela ficou aliviada ao descobrir que ele não tinha qualquer desejo de se passar por abadessa, apesar da vestimenta da guarnição. Seu escritório — se é que se poderia chamar aquilo de escritório — era pouco mobiliado e seu único artefato notável era uma caveira humana sem o maxilar inferior, olhando vazia para ela, sobre a mesa. O próprio homem

estava melhor vestido; gravata-borboleta imaculadamente colocada, suas calças bastante vincadas. Por baixo de seu inglês calculado, Vanessa pensou ter percebido um sotaque. Francês? Alemão? Só depois que ele pegou um pouco de chocolate em cima da mesa, ela deduziu que o homem era suíço. Disse que seu nome era Sr. Klein.

— Um erro? — ela perguntou. — Não tem certeza, bolas?

— Localizamos seu carro. Também checamos com seu hotel. Até agora, sua história foi verificada.

— Não sou mentirosa — ela disse. Estava muito além do ponto de cortesia com o Sr. Klein, apesar do suborno do chocolate. Aquela altura, devia ser tarde da noite, calculou, embora não usasse relógio, e o quartinho, que estava no interior de um dos prédios, não tivesse janelas — e era difícil ter certeza. O tempo passado ali havia sido enorme, apenas com o Sr. Klein e seu subnutrido ajudante, para distrair sua atenção cansada. — Bem, fico feliz que esteja satisfeito — ela falou. — Agora, quer me deixar voltar ao hotel? Estou cansada.

Klein balançou a cabeça.

— Não — afirmou. — Receio que isso não seja possível.

Vanessa se levantou rapidamente, e a violência de seu movimento virou a cadeira.

Um segundo depois do som, a porta se abriu e uma das irmãs barbadas apareceu, pistola na mão.

— Tudo bem, Stanislaus — murmurou Sr. Klein. — A Sra. Jape não cortou minha garganta.

A Irmã Stanislaus retirou-se e fechou a porta.

— Por quê? — perguntou Vanessa, sua raiva distraída pelo aparecimento de um guarda.

— Por que o quê? — perguntou Sr. Klein.

— As freiras.

Klein soltou um longo suspiro e colocou a mão no bule que fora trazido uma hora antes, para ver se ainda estava quente. Serviu-se meia xícara antes de responder: — Na minha opinião, muito disto é redundante, Sra. Jape, e a senhora tem minha garantia *pessoal* de que vou libertá-la tão logo seja humanamente possível. Nesse meio tempo, peço que não leve isso a sério. Pense nisso como um jogo... — Seu rosto ficou levemente amargo. — Eles gostam de jogos.

— Quem?

Klein franziu a testa.

— Não importa — acrescentou. — Quanto menos souber, menos teremos de fazer você esquecer.

Vanessa olhou com raiva.

— Nada disso faz sentido — disse.

— Nem deveria — respondeu Sr. Klein. Ele parou para provar o café velho. — Cometeu um erro lamentável ao vir aqui, Sra. Jape. E, claro, cometemos um erro ao deixá-la entrar. Normalmente, nossas defesas são mais rígidas do que as que a senhora encontrou. Mas a senhora nos apanhou de surpresa... e quando vimos...

— Escute — falou Vanessa. — Não sei o que está acontecendo aqui. *Não quero* saber. Só quero que me deixem voltar ao hotel e terminar minhas férias em paz. — A julgar pela expressão no rosto de seu interrogador, o apelo não estava sendo muito convincente. — E pedir demais? — ela perguntou. — Não *fiz* nada, não *vi* nada. Qual é o problema?

O Sr. Klein se levantou.

— O problema — ele repetiu baixinho para si mesmo. — Agora existe um problema.

— Mas não tentou responder. Apenas chamou: — Stanislaus.

A porta se abriu, e lá estava a freira.

— Leve a Sra. Jape de volta ao seu quarto, sim?

— Vou protestar com a minha embaixada! — reclamou Vanessa, irritada. — Tenho meus direitos!

— Por favor — replicou Sr. Klein, parecendo sentir dor. — Gritar não vai ajudar nenhum de nós.

A freira pegou Vanessa pelo braço. Ela sentiu a proximidade de sua pistola.

— Vamos? — ele perguntou com educação.

— Tenho alguma escolha? — ela retrucou.

— Não.

O truque da boa farsa, um dia lhe dissera seu cunhado, ator itinerante, era que ela devia ser encenada com absoluta seriedade. Não devia haver piscadelas para a plateia, marcando a intenção cômica do farsista; nenhum recurso tão ultrajante a ponto de

destruir a realidade daquele momento. Conforme esses padrões rígidos, ela estava cercada por um elenco de especialistas: todos dispostos — sem contar com hábitos e Madonas espiãs — a desempenhar seus papéis como se aquela situação ridícula não fosse de forma alguma fora do comum. Por mais que tentasse, ela não conseguia acabar com a farsa; não anulava suas caras fingidas, não ganhava um único sinal de autoconsciência deles. Obviamente, não tinha as habilidades necessárias para esse tipo de comédia. Quanto mais rápido percebessem seu erro e a despedissem da companhia, mais feliz ela ficaria.

Dormiu bem, ajudada por metade do conteúdo de uma garrafa de uísque que alguma pessoa inteligente havia deixado em seu quartinho, quando ela voltou para lá. Poucas vezes na vida bebera tanto em tão pouco tempo, e quando — logo antes do amanhecer — foi acordada por leves batidas na porta, sua cabeça parecia inchada e a língua um chumaço de algodão. Levou um instante para se orientar, durante o qual as batidas se repetiram e a janelinha na porta abriu do outro lado. Um rosto urgente fazia pressão contra ela: o de um velho, com uma barba cheia de fungos e olhos perturbados.

— Sra. Jape — ele sussurrou. — *Sra. Jape*. Podemos conversar?

Ela foi até a porta e olhou pela janela. O hálito do velho era dois terços licor estragado e um terço de ar puro. Isso impedia que ela chegasse perto demais da janela, embora ele pedisse isso.

— Quem é você? — perguntou Vanessa, não simplesmente por curiosidade abstrata, mas porque aqueles traços, curtidos, queimados de sol, a lembravam alguém.

O homem olhou-a nervoso.

— Um admirador — respondeu.

— Eu conheço o senhor?

Ele balançou a cabeça.

— Você é muito jovem — reconheceu. — Mas eu conheço *você*. Eu a vi chegando. Queria avisá-la, mas não tive tempo.

— Você também é um prisioneiro aqui?

— De certa forma. Diga-me... você viu Floyd?

— Quem?

— Ele fugiu. Anteontem.

— Ah — fez Vanessa, começando a juntar os pedaços. — Floyd era o homem que estavam caçando?

— Certamente. Sabe, ele escapou. Foram atrás dele... e deixaram o portão aberto. A segurança é horrível hoje em dia... — Ele parecia verdadeiramente chocado com a situação. — Não que eu não esteja satisfeito com sua presença aqui. — Havia *certo* desespero em seu olhar, ela pensou; uma certa tristeza que ele lutava para manter oculta. — Ouvimos tiros — ele comentou. — Não pegaram ele, pegaram?

— Não que eu tenha visto — respondeu Vanessa. — Fui dar uma olhada. Mas não havia sinal...

— Ha! — fez o velho, mais animado. — Então talvez tenha escapado.

Vanessa já havia considerado que aquela conversa podia ser uma armadilha, que o velho fosse um joguete de seu captor, e que aquilo fosse apenas outra forma de extrair informações dela. Mas seus instintos diziam outra coisa. Ele olhava para ela com tanto afeto, e seu rosto, que lembrava o de um grande palhaço, parecia incapaz de sentimentos forjados. Fosse isso bom ou ruim, ela *confiou* nele. Não tinha muita escolha.

— Ajude-me a fugir — ela pediu. — Preciso fugir.

Ele pareceu desanimado.

— Tão cedo? — perguntou. — Você acabou de chegar.

— Eu *não sou* ladra. Não gosto de ser trancafiada.

Ele assentiu.

— Claro que não — respondeu, admoestando-se silenciosamente por seu egoísmo.

— Desculpe. E que uma mulher bonita...

— Parou, depois recomeçou, com nova disposição. — Nunca levei muito jeito com palavras...

— Você tem certeza de que não o conheço de algum lugar?

— Vanessa quis saber. — Seu rosto, de alguma forma, é familiar.

— Mesmo? — ele comentou. — Que bom. Sabe, nós todos achamos que fomos esquecidos aqui.

— Todos?

— Fomos sequestrados há muito tempo. Muitos de nós estavam apenas começando nossas pesquisas. Foi por isso que Floyd tentou fugir. Ele queria fazer alguns meses de pesquisa decente antes do fim. As vezes sinto a mesma coisa. — Sua melancolia fez uma pausa e ele voltou à pergunta dela. — Meu nome é Harvey Goram. Professor Harvey Gomm. Embora hoje em dia eu já não me lembre *de que* eu seja professor.

Gomm. Era um nome singular, e a lembrava de algo, mas não conseguia ligar o nome à pessoa.

— Você *não lembra*, não é? — ele perguntou, olhando nos olhos dela.

Ela gostaria de poder mentir, mas isso poderia fazer com que perdesse o sujeito — a única voz sã que encontrou — mais do que a verdade; que era:

— Não... não exatamente. Não pode dar uma pista?

Mas antes que ele lhe pudesse oferecer mais uma peça do mistério, ouviu vozes.

— Não posso falar agora, Sra. Jape.

— Me chame de Vanessa.

— Posso? — O rosto dele se iluminou no calor da generosidade dela. — *Vanessa*.

— Você *vai* me ajudar? — ela perguntou.

— Da melhor forma possível — respondeu. — Mas se me vir acompanhado...

— ..Nunca nos vimos antes.

— Precisamente. *Au revoir*. — Ele fechou o painel da porta, ela ouviu os passos desaparecerem no corredor. Quando seu guardião, um capanga amigável de nome Guillemot, chegou alguns minutos depois trazendo chá, ela era toda sorrisos.

Sua explosão do dia anterior parecia ter gerado alguns frutos. Naquela manhã, depois do café, o Sr. Klein apareceu rapidamente e lhe disse que poderia sair para os jardins do local (com Guillemot a tiracolo), e aproveitar o sol. Depois deram-lhe uma nova muda de roupa — um pouco grande para ela, mas um alívio bem-vindo para as roupas suadas que usava há mais de vinte e quatro horas. Mas essa última concessão ao seu conforto era uma faca de dois gumes.

Por mais satisfeita que estivesse por vestir calcinhas limpas, o fato de que as roupas lhe haviam sido dadas sugeria que o Sr. Klein não tinha intenção de soltá-la em breve.

Quanto tempo levaria, ela tentava calcular, antes que o gerente um tanto obtuso de seu pequeno hotel percebesse que ela não voltara? E, nesse caso, o que ele faria? Talvez já tivesse alertado as autoridades; talvez encontrassem o carro abandonado e traçassem seu caminho até aquela curiosa fortaleza. Quanto a esse último ponto, suas esperanças foram arrasadas naquela mesma manhã, durante o banho de sol. O carro estava estacionado dentro do terreno, ao lado do portão, e, a julgar pelos copiosos excrementos de pombos sobre ele, passara a noite ali. Seus captores não eram idiotas. Ela poderia ter de esperar até que alguém na Inglaterra ficasse preocupado e tentasse descobrir onde estava, e durante esse tempo poderia muito bem morrer de tédio.

Outros ali haviam encontrado distrações para afastá-los da insanidade. Enquanto passeava com Guillemot pelo jardim naquela manhã, ela podia claramente ouvir vozes — uma delas a de Gomm — vindas de um jardim próximo. Estavam elevadas, animadas.

— O que está acontecendo?

— Estão jogando — respondeu Guillemot.

— Podemos assistir? — ela perguntou sem maldade.

— Não...

— Eu gosto de jogos.

— Gosta? — ele perguntou. — Então vamos jogar, ora!

Não era a resposta que ela queria, mas insistir na questão poderia levantar suspeitas.

— Por que não? — ela disse. — Ganhar a confiança do homem só poderia lhe trazer vantagens.

— Pôquer? — ele perguntou.

— Nunca joguei.

— Eu ensino — ele respondeu. O pensamento o agradava claramente. No jardim ao lado, os jogadores agora gritavam. Parecia ser alguma espécie de corrida, a julgar pelos gritos e exclamações de encorajamento, e pela diminuição subsequente do burburinho,

quando o final de algum lance era alcançado. Guillemot a pegou ouvindo.

— Sapos — ele disse. — Corrida de sapos.

— Imaginei.

Guillemot olhou para ela quase com carinho, e acrescentou:

— Melhor não pensar.

Apesar do conselho de Guillemot, uma vez que sua atenção se concentrou no som dos jogos, ela não conseguiu afastar o burburinho de sua cabeça. Burburinho que continuou durante a tarde, aumentando e diminuindo. As vezes, irrompiam gargalhadas; quase sempre, discussões. Eram como crianças, Gomm e seus amigos, da forma como brigavam por uma coisa inconsequente como corrida de sapos. Mas, na falta de diversões mais interessantes, poderia ela culpá-los? Quando o rosto de Gomm apareceu na porta no final daquela tarde, quase a primeira coisa que disse foi:

— Ouvi você esta manhã, num dos jardins. E esta tarde também. Parecia estar se divertindo bastante.

— Ah, os jogos — respondeu Gomm. — Foi um dia ocupado. Tinha tanta coisa a ser decidida.

— Você acha que poderia convencê-los a me deixar ficar com vocês? Está ficando tão chato aqui.

— Pobre Vanessa. Queria poder ajudar. Mas é praticamente impossível. Estamos tão sobrecarregados de trabalho no momento, especialmente com a fuga de Floyd.

Sobrecarregados de trabalho?, ela pensou. Com *corrida de sapos*? Com medo de ofender, não expressou sua dúvida em voz alta. — O que está havendo aqui? — perguntou. — Vocês não são criminosos, são?

Gomm pareceu ultrajado. — *Criminosos?*

— Desculpe...

— Não. Eu entendi por que você perguntou. Suponho que deve ser estranho para você... uma vez que estamos trancafiados aqui. Mas não, não somos criminosos.

— Mas o que é, então? Qual é o grande segredo?

Gomm respirou fundo antes de responder: — Se eu lhe contar — disse —, você nos ajuda a sair daqui?

— Como?

— Seu carro. Está lá na frente.

— Sim, eu vi...

— Se pudéssemos chegar até ele, você nos levaria para fora?

— Vocês são quantos?

— Cinco. Eu, Ireniya, Mottershead e Goldberg. Claro, Floyd provavelmente está lá fora em algum lugar, mas ele vai ter que se virar sozinho, não é?

— O carro é pequeno — ela avisou.

— Somos pequenos — acrescentou Gomm. — A gente encolhe com a idade, como as passas, sabe? E somos velhos. Com Floyd, nós tínhamos um total de trezentos e noventa e oito anos. Toda essa experiência amarga — ele confessou — e nenhum de nós é *sábio*.

Gritos explodiram subitamente no jardim, fora do quarto de Vanessa. Gomm desapareceu da porta, tornou a aparecer rapidamente para murmurar: — Eles o encontraram. Ah, meu Deus: eles o encontraram. — Então saiu correndo.

Vanessa foi espiar pela janela. Não conseguia ver muito do jardim embaixo, mas a parte que podia ver estava cheia de atividade frenética, irmãs correndo de um lado para outro. No centro do tumulto, conseguiu ver uma figura pequena — o fugitivo Floyd, sem dúvida — lutando nos braços de dois guardas. Parecia estar horrível devido aos dias e noites de vida ao relento, o rosto macilento sujo, a careca descascando por excesso de sol. Vanessa ouviu a voz do Sr. Klein acima do burburinho, e ele entrou em cena. Aproximou-se de Floyd e começou a desancá-lo sem piedade. Vanessa não conseguiu entender mais de uma entre dez palavras, mas o ataque verbal rapidamente reduziu o velho a lágrimas. Ela desviou o olhar, rezando em silêncio para que Klein engasgasse com seu próprio pedaço de chocolate.

Até o momento, sua estada ali havia trazido uma curiosa coleção de experiências: um momento agradável (o sorriso de Gomm, a pizza, os sons dos jogos num jardim), outro desagradável (o interrogatório, a agressividade que ela acabara de testemunhar). E mesmo assim não estava perto de compreender qual a função daquela prisão: por que o lugar só tinha cinco internos (seis,

contando com ela própria) e todos tão velhos, encolhidos pela idade, como Gomm dissera? Mas depois da humilhação que Klein fizera Floyd passar, agora estava certa de que nenhum segredo, por mais importante que fosse, a impediria de ajudar Gomm em seu pedido de liberdade.

O Professor não voltou naquela noite, o que a desapontou. Talvez a recaptura de Floyd tivesse significado regras mais rígidas para o lugar, concluiu, embora esse princípio praticamente não se aplicasse a ela. Parecia ter sido esquecida. Embora Guillemot tivesse trazido comida e bebida, não ficou para ensiná-la a jogar pôquer, como haviam combinado, nem ela foi escoltada para respirar ar puro. Deixada no quarto abafado sem companhia, sua mente intocada por qualquer entretenimento, senão contar carneirinhos, ficou logo cansada e sonolenta.

Na verdade, estava cochilando no meio da tarde quando alguma coisa atingiu a parede do lado de fora da janela. Ela se levantou, e quando caminhava para descobrir o que era o som, um objeto foi atirado contra a janela. Caiu com um som oco no chão. Ela tentou ver quem havia jogado aquilo, mas a pessoa já desaparecera.

O objeto era uma chave embrulhada num bilhete. "*Vanessa*", ele dizia, "*Esteja pronta. Seu, in saecula saeculorum. H. G.*"

Latim não era seu forte; ela esperava que as últimas palavras fossem uma expressão de afeto, e não alguma instrução. Tentou a chave na porta da cela. Funcionou. Obviamente Gomm não pretendia que ela a usasse agora, mas esperasse por algum sinal. Com a porta aberta e o corredor dando para o sol, sem ninguém vigiando, era tão tentador esquecer Gomm e os outros, e correr para lá. Mas H. G. havia sem dúvida corrido algum risco para conseguir a chave. Ela lhe devia obediência.

Depois disso, não cochilou mais. Cada vez que ouvia passos nos claustros, ou um grito no jardim, estava de pé e pronta. Mas o chamado de Gomm não veio. A tarde se arrastou até a noite. Guillemot apareceu com outra pizza e uma garrafa de Coca-Cola para o jantar; antes que ela percebesse, a noite havia caído e outro dia se passado.

Talvez eles viessem protegidos pela escuridão, pensou, mas isso não aconteceu. A lua se ergueu, seus mares sorrindo afetados, e ainda não havia sinal de H. G. ou desse êxodo prometido. Começou a suspeitar o pior: que o plano deles havia sido descoberto e estavam todos sendo punidos por isso. Se era isso, será que o Sr. Klein não descobriria seu envolvimento mais cedo ou mais tarde? Embora sua parte tivesse sido mínima, que sanções o homem do chocolate poderia aplicar contra ela? Pouco depois da meia-noite, decidiu que esperar ali que o machado caísse sobre sua cabeça não era de forma alguma seu estilo, e seria mais inteligente fazer o que Floyd havia feito: fugir. Saiu da cela e trancou-a atrás de si, passando apressada pelos claustros, mantendo-se nas sombras da melhor forma possível. Não havia sinal de presença humana — mas ela se lembrava da Virgem vigilante, que primeiro a espionara. Não podia confiar em nada ali. Esgueirando-se e contando com pura sorte, acabou encontrando o caminho para o jardim onde Floyd havia enfrentado o Sr. Klein. Passou por ali, para tentar descobrir em que lado ficava a saída. Mas as nuvens haviam coberto a face da lua, e na escuridão seu senso de direção a abandonava por completo. Confiando à sorte o fato de ainda não ter sido presa, escolheu uma das saídas do jardim e passou por ela, seguindo o próprio nariz ao longo de uma passagem coberta que serpenteava antes de levar para outro jardim, maior que o primeiro. Uma brisa suave balançava as folhas de dois loureiros entrelaçados no centro do jardim; insetos noturnos cantavam nas paredes. Por mais pacífica que parecesse, a praça não oferecia promessa de caminho que pudesse ver, e estava para voltar por onde viera, quando a lua sacudiu seus véus e iluminou o jardim de muro a muro.

Estava vazio, exceto pelos loureiros e suas sombras, mas essa sombra caía sobre um desenho elaborado que tinha sido pintado sobre o chão do jardim. Ela ficou olhando, curiosa demais para ir embora, conquanto, a princípio, não conseguisse entender o que era aquilo; o padrão parecia ser apenas isso: um padrão. Caminhou por uma das margens, tentando entender seu significado. Então percebeu que estava vendo a figura inteira de cabeça para baixo. Passou para o outro lado do jardim, e o desenho ficou claro. Era um

mapa-múndi, reproduzido até a mais insignificante ilha. Todas as grandes cidades estavam marcadas e os oceanos e continentes eram atravessados por centenas de linhas finas que marcavam latitudes, longitudes e muito mais. Embora muitos dos símbolos fossem idiossincráticos, era claro que o mapa estava repleto de detalhes políticos. Fronteiras contestadas; águas territoriais; zonas de exclusão. Muitos desses detalhes haviam sido desenhados e redesenhados a giz, como em resposta a informações diárias. Em algumas regiões, onde os eventos eram particularmente frágeis, a massa de terra estava totalmente obscurecida por rabiscos.

A fascinação ficou entre ela e sua segurança. Não ouviu os passos no Polo Norte até que o dono deles saiu de seu esconderijo e se mostrou à luz. Ela já ia fugir quando reconheceu Gomm.

— Não se mova — ele murmurou do outro lado do mundo.

Ela fez o que lhe mandaram. Olhando ao redor como um coelho cercado, até estar certo de que o jardim estava deserto, H. G. foi até onde Vanessa estava.

— O que está fazendo aqui? — ele quis saber.

— Você não apareceu — ela o acusou. — Pensei que havia me esquecido.

— As coisas ficaram difíceis. Eles nos observam o tempo todo.

— Eu não podia continuar esperando, Harvey. Isto aqui não é lugar para se passar férias.

— Você está certa, claro — ele concordou, uma expressão de desalento. — Não há esperança. *Não há esperança*. Você devia ter fugido sozinha. Esqueça a gente. Eles nunca nos deixarão sair. A verdade é terrível demais.

— Que verdade?

Ele balançou a cabeça.

— Esqueça. Esqueça que nos vimos algum dia.

Vanessa pegou-o pelo braço magro. — *Não vou esquecer* — afirmou. — Preciso saber o que está acontecendo aqui.

Gomm deu de ombros.

— Talvez você deva saber. Talvez o mundo inteiro deva saber. — Pegou-a pela mão e voltaram para a segurança relativa dos claustros.

— Para que serve o mapa? — foi a primeira pergunta.

— Aqui é onde jogamos... — ele respondeu, olhando para o turbilhão de rabiscos no piso do jardim. Suspirou. — Claro que nem sempre são jogos. Mas sistemas decaem, você sabe. E uma condição irrefutável comum à matéria e às ideias. Você começa com boas intenções e em duas décadas... *duas décadas*... — repetiu, como se o fato lhe tivesse ocorrido apenas agora — ... estamos brincando com sapos.

— Você não está falando coisa com coisa, Harvey — observou Vanessa. — Está sendo deliberadamente obtuso ou isso é senilidade?

Ele riu com a acusação, mas deu certo. Olhar ainda fixo no mapa, ele disse as próximas palavras amargamente, como se tivesse ensaiado essa confissão.

— Houve um dia de sanidade, em 1962, quando ocorreu aos potentados que eles estavam à beira de destruir o mundo. Mesmo para potentados, a ideia de um mundo que prestasse apenas para as baratas não era particularmente atraente. Se quiséssemos impedir a aniquilação, eles decidiram, nossos melhores instintos tinham de prevalecer. Os poderosos se reuniram a portas fechadas num simpósio em Genebra. Nunca houve tamanho encontro de mentes. Líderes de Politburos e Parlamentos, Congressos, Senados — os Senhores da Terra — num debate colossal. E foi decidido que, no futuro, as questões mundiais deveriam ser analisadas por um comitê especial, feito de mentes poderosas e influentes como a minha — homens e mulheres que não se sujeitassem aos caprichos dos favorecimentos políticos, que pudessem oferecer princípios de orientação para evitar que a espécie cometesse suicídio em massa. Esse comitê deveria ser constituído por pessoas de muitas áreas da iniciativa humana — os melhores dos melhores —, uma elite intelectual e moral, cuja sabedoria coletiva pudesse trazer uma nova idade de ouro. Pelo menos, era essa a teoria...

Vanessa ouvia, sem fazer as centenas de perguntas que o pequeno discurso havia incitado até o momento. Gomm continuou.

— ..e por algum tempo deu certo. Realmente deu certo. Só havia treze de nós, para manter algum consenso. Uma russa, alguns

européus, a querida Yoniyoko, claro, um neozelandês, dois americanos... éramos um bando bem poderoso. Dois Prêmios Nobel, eu inclusive...

Agora ela se lembrava de Gomm, ou pelo menos onde vira esse rosto um dia. Ela, uma estudante, aprendera suas teorias de cor.

—... nossa missão era encorajar a compreensão mútua entre os poderes constituídos, ajudar a formar estruturas econômicas compassivas e desenvolver a identidade cultural das nações emergentes. Tudo lugar-comum, claro, mas soava bem na época. Na prática, quase desde o começo nossas preocupações foram *territoriais*.

— Territoriais?

Gomm fez um gesto expansivo, abrangendo o mapa à sua frente.

—Ajudando a dividir o mundo — ele explicou. — Regulando pequenas guerras para que não se tornassem grandes, impedindo ditadores de ficar muito cheios de si. Nós nos tornamos as empregadas domésticas do mundo, limpando sempre que a sujeira começava a se acumular demais. Era uma grande responsabilidade, mas nós a abraçamos com alegria. Agradava-nos, no começo, pensar que nós treze estávamos moldando o mundo, e que ninguém, senão os mais altos escalões do governo, sabia que sequer existíamos.

Isso, pensou Vanessa, era a Síndrome de Napoleão escrita com letras enormes na testa dele. Gomm era indiscutivelmente louco: mas que insanidade heroica! E ele era essencialmente inofensivo. Por que precisavam trancá-lo? Certamente não era capaz de fazer qualquer dano.

— Parece injusto — observou — que vocês estejam trancados aqui dentro...

— Bem, é para nossa própria segurança, claro — respondeu Gomm. — Imagine o caos que seria se um grupo anarquista descobrisse onde operamos e acabasse conosco. *Nós governamos o mundo*. Não era para ser assim, mas, como eu disse, sistemas decaem. A medida que o tempo foi passando, os potentados — sabendo que estávamos ali para tomar decisões críticas por eles —

passaram a se preocupar cada vez mais com os prazeres dos seus ofícios e cada vez menos em *pensar*. Em cinco anos, não éramos mais assessores, mas líderes substitutos, comandando nações.

— Que divertido — comentou Vanessa.

— Por algum tempo, talvez — respondeu Gomm. — Mas o encanto se desvaneceu muito rápido. E depois de uma década, a pressão começou a aparecer. Metade do comitê já está morta. Golovatenko se jogou de uma janela. Buchanan — o neozelandês — tinha sífilis e não sabia. A velhice pegou a querida Yoniyoko, Bernheimer e Sourbutts. Ela vai nos pegar a todos mais cedo ou mais tarde, e Klein fica nos prometendo arranjar pessoas para assumirem quando tivermos morrido, mas eles *não ligam*. Não dão a mínima! Somos funcionários, é tudo. — Ele estava ficando bastante agitado. — Desde que forneçamos julgamentos a eles, eles ficam contentes. Bem... — sua voz tornou-se um sussurro.

— Estamos desistindo.

Seria um momento de auto realização?, imaginou Vanessa. Seria possível que o homem saudável na cabeça de Gomm estivesse tentando jogar fora a ficção da dominação mundial? Se fosse isso, talvez ela pudesse auxiliar o processo.

— Quer dar o fora? — ela perguntou.

Gomm fez que sim.

— Gostaria de ver minha casa mais uma vez antes de morrer. Desisti de tanta coisa, Vanessa, pelo comitê, e ele quase me deixou louco... — Ah, ela pensou, *ele sabe*. — Soa egoísta dizer que minha vida parece um sacrifício grande demais a se fazer pela paz global? — Ela sorriu com suas pretensões de poder, mas não disse nada. — Se é assim que soa, que seja! Não me arrependo. Quero sair! Quero...

— Baixe a voz — ela aconselhou.

Gomm se deu conta disso, e concordou.

— Quero um pouco de liberdade antes de morrer. Todos nós queremos. E achamos que você poderia nos ajudar, sabe? — Olhou para ela. — O que há de errado?

— Errado?

— Por que está me olhando assim?

— Você não está bem, Harvey. Não acho que você seja perigoso, mas...

— Espere um minuto — pediu Gomm. — O que acha que lhe contei até agora? Me dei a todo esse trabalho...

— Harvey. É uma ótima história...

— *História?* O que quer dizer com *história?* — ele falou, petulante. — Ah... Sei. Você não acredita em mim, não é? É isso! Acabei de lhe contar o maior segredo do mundo e você não acredita em mim!

— Não estou dizendo que você esteja mentindo...

— E isso? Você acha que sou louco! — explodiu Gomm. Sua voz ecoou ao redor do mundo retangular. Quase imediatamente ouviram vozes vindas de vários prédios, e logo depois o trovejar de passos.

— Olhe só o que você fez agora — protestou Gomm.

— *Eu fiz?*

— Estamos em apuros.

— Escute, H. G., isso não quer dizer que...

— Tarde demais para retratações. Você fica onde está — vou fugir. Você os distrai. Ele estava para sair quando voltou-se para ela, pegou-a pela mão e levou-a aos seus lábios.

— Se sou louco, — concluiu — você me fez ficar assim. Então sumiu, as pernas curtas o conduzindo a uma boa velocidade jardim afora. Mas não chegou aos loureiros antes dos guardas. Gritaram para que parasse. Como não parou, um dos homens atirou. Balas mergulharam no oceano ao redor dos pés de Gomm.

— Está bem! — ele gritou, parando e levantando as mãos.

— *Mea culpa!*

Os tiros pararam. Os guardas se separaram quando seu comandante avançou.

— Ah, é você, Sidney — H. G. disse ao Capitão. O homem ficou visivelmente incomodado ao ser tratado dessa forma na frente de patentes inferiores.

— O que está fazendo aqui fora a esta hora da noite? — Sidney exigiu saber.

— Olhando as estrelas — pilheriou Gomm.

—Você não estava sozinho —afirmou o Capitão. O coração de Vanessa afundou. Não havia como voltar à sua cela sem atravessar o jardim aberto; e mesmo agora, com o alarme suspenso, Guillemot provavelmente estaria verificando como ela estava.

— E verdade — assentiu Gomm. — Eu não estava sozinho.

— Será que ela ofendera tanto o velho que ele agora iria traí-la?

— Eu estava olhando a mulher que vocês trouxeram...

— Onde?

— Pulando o muro — respondeu.

— Meu Deus! —exclamou o Capitão, e virou-se para ordenar que os homens fossem atrás dela.

— Eu disse a ela — Gomm contava. — Eu disse "você vai quebrar o pescoço pulando o muro. E melhor esperar até eles abrirem o portão".

Abrirem o portão. Ele não era nenhum lunático, afinal de contas.

—Phillipenko... —ordenou o Capitão — ...escolte Harvey de volta ao seu dormitório...

Gomm protestou.

— Não preciso de canções de ninar, obrigado.

— Vá com ele.

O guarda foi até H. G. e o escoltou para longe. O Capitão ficou tempo suficiente para murmurar: — Quem é o esperto, Sidney? — Falou baixinho e depois foi embora.

O jardim estava vazio novamente, exceto pela luz da lua e o mapa-múndi.

Vanessa esperou que cada som tivesse morrido e então esgueirou-se para fora de seu esconderijo, tomando o caminho que os guardas despachados haviam seguido. Acabou chegando a uma área que reconheceu vagamente de seu passeio com Guillemot. Encorajada, correu por uma passagem que levava para o jardim com a Nossa Senhora dos Olhos Elétricos. Esgueirou-se colada à parede e abaixou-se para que o olhar da estátua não a visse; finalmente foi na direção dos portões. Estavam de fato abertos. Como o velho havia protestado quando se encontraram pela primeira vez, a segurança

era *mesmo* terrivelmente inadequada, e ela agradeceu a Deus por isso.

Quando correu na direção dos portões, ouviu o som de botas no cascalho e olhou para trás para ver o Capitão, rifle na mão, saindo detrás da árvore.

— Chocolate, Sra. Jape? — ofereceu o Sr. Klein.

— Isto aqui é um hospício — ela protestou quando a escoltaram de volta à sala de interrogatório. — Nem mais nem menos. Você não tem o direito de me manter aqui.

Ele ignorou as reclamações dela.

— Você falou com Gomm — comentou. — E ele com você.

— E se ele falou?

— O que ele disse?

— Eu disse: e se ele falou?

— E *eu* disse: *o que ele disse?* — rugiu Klein. Ela não havia imaginado que ele fosse capaz de tamanha apoplexia. — Quero saber, Sra. Jape.

Muito contra a vontade, ela percebeu que estava tremendo com a explosão dele.

— Ele me disse coisas sem sentido — respondeu. — Ele é louco. Acho que vocês *todos* são loucos.

— *Que* coisas sem sentido ele disse?

— Besteiras.

— Eu gostaria de saber, Sra. Jape — insistiu Klein, sua fúria se apaziguando. — Quero rir também.

— Ele disse que existia uma espécie de comitê trabalhando aqui, que tomava decisões sobre a política mundial, e que ele era um dos membros. Foi só isso.

— E?

— E eu gentilmente lhe disse que ele estava maluco.

O Sr. Klein forçou um sorriso.

— Naturalmente, isso é uma completa ficção — reconheceu.

— Naturalmente — concordou Vanessa. — Meu Deus, não me trate como uma imbecil, Sr. Klein. Sou uma mulher crescida...

— O Sr. Gomm...

— Ele disse que era professor.

— Outra ilusão. O *Sr. Gomm* é um esquizofrênico paranoico. Pode ser extremamente perigoso, se lhe der a menor chance. Você teve muita sorte.

— E os outros?

— Outros?

— Ele não está sozinho. Eu ouvi outros. São todos esquizofrênicos?

Klein suspirou.

— São todos perturbados, embora suas condições variem. E, em seu tempo, por mais improvável que isso possa parecer, foram todos assassinos. — Parou para permitir que essas informações fossem assimiladas. — Alguns cometeram vários assassinatos. Por isso têm esse lugar oculto para eles. Por isso, os policiais estão armados...

Vanessa abriu a boca para perguntar por que eles estavam disfarçados de freiras, mas Klein não ia lhe dar uma oportunidade.

— acredite, é tão inconveniente para mim quanto irritante para você estar aqui — ele concordou.

— Então me deixe ir embora.

— Quando minhas investigações estiverem completas — sentenciou. — Nesse meio tempo, eu apreciaria a sua cooperação. Se o *Sr. Gomm* ou qualquer um dos outros pacientes tentar cooptá-la para um plano ou outro, por favor, me diga *imediatamente*. Fará isso?

— Suponho que...

— E, *por favor*, não tente mais fugir. A próxima tentativa poderia ser fatal...

— Eu queria perguntar...

— Talvez amanhã — escusou-se o *Sr. Klein*, olhando o relógio enquanto se levantava.

— Por ora, dormir.

Ela discutiu consigo mesma quando o sono se recusou a vir. De todas as rotas para a verdade que estavam à sua frente, qual era o caminho mais *improvável*? Ela recebera várias alternativas: de *Gomm*, de *Klein*, de seu próprio senso comum. Todas eram tentadoramente improváveis. Todas, como o caminho que a havia

levado até ali, sem sinais de seu destino final. Havia sofrido a consequência de sua perversidade ao seguir aquela trilha; ali estava, cansada e derrotada, trancafiada, com poucas esperanças de escapar. Mas essa perversidade era sua natureza — talvez, como Ronald lhe dissera um dia, o único fato indiscutível a seu respeito. Se desconsiderasse esse instinto agora, apesar de tudo o que lhe havia trazido, estava perdida. Ficou acordada, revirando as alternativas disponíveis em sua cabeça. Quando a manhã chegou, já se decidira.

Esperou o dia inteiro, na esperança de que Gomm aparecesse, mas não ficou surpresa quando isso não aconteceu. Era possível que os acontecimentos da noite passada o tivessem colocado em mais problemas do que ele próprio pudesse se livrar com sua lábia. Mas ela não estava inteiramente só. Guillemot ia e vinha, com comida, bebida e — no meio da tarde — cartas. Aprendeu pôquer de cinco cartas rapidamente, e eles passaram uma hora ou duas divertidas, jogando, enquanto o ar trazia gritos do jardim onde os internos faziam sua corrida de sapos.

— Acha que poderia me arranjar um jeito de tomar um banho de banheira, ou pelo menos uma ducha? — ela perguntou quando ele voltou para pegar sua bandeja de jantar naquela noite.

— Já estou começando a não me suportar.

Ele chegou a sorrir ao responder: — Vou ver para você.

— Verdade? — ela disse aliviada. — Que gentileza sua.

Ele voltou uma hora depois para lhe dizer que a permissão havia sido dada; ela poderia acompanhá-lo até os chuveiros.

— Você vai esfregar minhas costas? — ela perguntou sem maldade.

Os olhos de Guillemot entraram em pânico com o comentário e suas orelhas ficaram roxas. — Por favor, me acompanhe — ordenou ele. Obediente, ela o acompanhou, tentando traçar um quadro mental de sua rota, caso quisesse percorrê-la depois, sem seu guarda.

As instalações onde ele a levou não eram nada primitivas, e ela lamentou, ao entrar no banheiro cheio de espelhos, que na verdade o banho não estivesse em primeiro lugar em sua lista de prioridades. Não importava; a limpeza poderia ficar para outro dia.

— Vou ficar do lado de fora — falou Guillemot.

— Fico mais tranquila assim — ela respondeu, oferecendo a ele um olhar que esperava que fosse interpretado pelo homem como promissor, e fechou a porta. Então ela ligou o chuveiro o mais quente possível, até o vapor começar a invadir o ambiente, e abaixou-se para esfregar o sabão no piso. Quando o banheiro estava suficientemente oculto e o piso suficientemente escorregadio, chamou Guillemot. Poderia ter ficado lisonjeada pela velocidade da reação dele, mas estava ocupada demais colocando-se atrás dele, quando ele diminuiu a velocidade para tentar ver algo no vapor, e dando-lhe um bom empurrão. Ele deslizou no piso e tropeçou sob o chuveiro, gritando quando a água escaldante bateu em sua cabeça. Seu rifle automático caiu no chão, e quando ele procurava se apurar ela já estava com a arma na mão, apontando-a para seu torso, um alvo substancial. Embora não fosse uma excelente atiradora, e suas mãos estivessem tremendo, nem uma cega poderia errar àquela distância; ela sabia, e Guillemot também. Ele levantou as mãos.

— Não atire.

— Se você mover um músculo...

— Por favor... Não atire.

— Agora... Você vai me levar ao Sr. Gomm e os outros. Rápido e em silêncio.

— Por quê?

— Leve-me — ordenou, gesticulando com o rifle para que ele fosse na frente. — E se tentar qualquer movimento espertinho, dou-lhe um tiro nas costas — continuou. — Sei que isso não é coisa que um homem faça, mas não sou homem. Sou simplesmente uma mulher imprevisível. Então me trate com muito cuidado.

— ...sim.

Ele fez como ela mandou, manso, levando-a para fora do prédio e através de uma série de passagens que os conduziram — ou assim ela achava — à torre do sino e ao complexo que se aglomerava ao redor. Ela sempre supusera que aquilo, o coração da fortaleza, fosse uma capela. Não poderia estar mais errada. O lado de fora poderia ser de telhado de azulejos e paredes caiadas, mas era apenas

uma fachada; passaram pelo umbral e entraram num labirinto de concreto que mais lembrava um *bunker* do que um lugar de oração. Rapidamente ocorreu-lhe que o lugar havia sido construído para suportar um ataque nuclear, impressão reforçada pelo fato de que todos os corredores levavam para *baixo*. Se aquilo fosse um asilo, havia sido construído para abrigar lunáticos de alguma espécie rara.

— Que lugar é este? — ela perguntou a Guillemot.

— Nós o chamamos de Boudoir — ele respondeu. — E onde tudo acontece.

Não acontecia muita coisa naquele momento; a maioria dos escritórios ao longo dos corredores estava às escuras. Numa sala, um computador calculava suas chances de pensamento independente, sem nenhum operador; noutra, um telex escrevia cartas de amor para si mesmo. Desceram às entranhas do lugar sem que ninguém aparecesse, até que, fazendo uma curva, deram de cara com uma mulher abaixada, de quatro, esfregando o linóleo. O encontro assustou os três, e Guillemot foi rápido ao tirar vantagem do momento. Derrubou Vanessa contra a parede e saiu correndo. Antes que ela tivesse tempo para fazer mira, ele já havia sumido.

Xingou a si mesma. Agora seria questão de momentos até que os alarmes começassem a soar e os guardas viessem correndo. Ela estava perdida se ficasse onde estava. As três saídas daquele corredor pareciam igualmente desoladoras, portanto ela simplesmente escolheu a mais próxima, deixando a mulher da limpeza olhando para ela. A rota que escolheu provou ser outra aventura. Levou-a por uma série de salas, uma das quais estava cheia de relógios, todos exibindo horários diferentes; a sala seguinte continha mais de cinquenta telefones pretos; a terceira e maior estava cheia, de ponta a ponta, de telas de televisão. Uma em cima da outra, iam do chão ao teto. Todas desligadas, menos uma. A exceção a essa regra exibia o que a princípio pensou ser uma luta na lama, mas era na verdade um filme pornô malfeito. Sentado, vendo o filme, escarrapachado numa cadeira com uma lata de cerveja equilibrada no estômago, uma freira de bigode. Ela apontou o rifle para ele.

— Vou matar você — ela falou.

— Merda.
— Onde estão Gomm e os outros?
— O quê?
— Onde estão eles? — ela exigiu saber. — *Rápido!*
— Descendo o corredor. Vire à esquerda e depois à esquerda de novo — ele explicou. E acrescentou: — Eu não quero morrer.
— Então sente e cale a boca — ela respondeu.
— Graças a Deus — ele disse.
— Por que não agradece mesmo? — perguntou. Quando saiu da sala, o homem caiu de joelhos, enquanto os lutadores davam cambalhotas atrás dele.

Esquerda e esquerda novamente. As direções foram corretas: elas a levaram a uma série de quartos. Preparou-se para abrir uma das portas à força, quando o alarme soou. Mandando a cautela às favas, abriu todas as portas. Vozes de dentro reclamaram ao ser acordadas, e perguntaram por que o alarme soava. No terceiro quarto, encontrou Gomm. Ele sorriu para ela.

— Vanessa — exclamou, pulando para o corredor. Estava vestindo um camisolão, e mais nada. — Você veio. *Você feto!*

Os outros estavam saindo de seus quartos, zonzos de sono. Ireniya, Floyd, Mottershead, Goldberg. Ela podia acreditar — olhando seus rostos devastados — que eles realmente tinham quatrocentos anos de idade no total.

— Acordem, bichas velhas — ordenou Gomm. Havia encontrado um par de calças e as estava vestindo.

— O alarme está tocando... — comentou um. Seus cabelos, que eram de um branco brilhante, batiam quase nos ombros.

— Estarão aqui logo... — observou Ireniya.

— Não importa — respondeu Gomm.

Floyd estava quase vestido. — Estou pronto — anunciou.

— Mas estamos em menor número — protestou Vanessa. — Nunca sairemos vivos.

— Ela tem razão — reconheceu um deles, olhando de esguelha para ela. — Não temos saída.

— Cale a boca, Goldberg — reclamou Gomm. — Ela tem uma arma, não tem?

— Uma — disse o indivíduo de cabelos brancos, que devia ser Mottershead. — Uma arma contra todos.

— Vou voltar para a cama — falou Goldberg.

— Há uma chance de escapar — sugeriu Gomm. — Provavelmente a única chance que teremos.

— Ele tem razão — concordou a mulher.

— E quanto aos jogos? — Goldberg lembrou.

— Esqueça os jogos — Floyd respondeu ao outro. — Deixe que eles esquentem a cabeça um pouco.

— E tarde demais — avisou Vanessa. — Eles estão chegando. — Ouviram gritos de ambos os lados do corredor. — Pegaram-nos.

— Ótimo — fez Gomm.

— Você é louco — ela lhe disse pura e simplesmente.

— Você ainda pode atirar em nós — ele respondeu, sorrindo.

Floyd grunhiu.

— Não quero sair daqui *tanto assim* — confessou.

— *Ameace! Ameace!* — pediu Gomm. — Diga que se tentarem algo você matará nós todos!

Ireniya sorriu. Havia deixado os dentes no quarto. — Você não é só uma carinha bonita — ela falou a Gomm.

— Ele tem razão — reconheceu Floyd, que agora sorria. — Eles não se atreveriam a se arriscar. Terão de nos deixar partir.

— Vocês estão malucos — resmungou Goldberg. — Não há nada lá fora para nós... — Voltou para seu quarto e bateu a porta. Nesse momento, o corredor foi bloqueado em ambas as extremidades por uma massa de guardas. Gomm agarrou o rifle de Vanessa e levantou-o para que apontasse para seu coração.

— Seja carinhosa — sussurrou, e jogou-lhe um beijo.

— Abaixе a arma, Sra. Jape — ordenou uma voz familiar. O Sr. Klein havia aparecido por entre a turba de guardas. — Pode acreditar, a senhora está completamente cercada.

— Vou matá-los, todos — afirmou Vanessa, um pouco hesitante. Então, novamente, agora com mais sentimento: — Estou avisando. Estou desesperada. Vou matá-los, *todos*, antes que vocês me matem.

— Sei... — Klein resmungou baixinho. — E por que você acha que dou a mínima, se você matá-los ou não? Eles são loucos. Eu já disse isso: todos loucos, assassinos...

— Nós dois sabemos que não é verdade — aduziu Vanessa, ganhando confiança ao ver a ansiedade no rosto de Klein. — Quero os portões da frente abertos e a chave na ignição do carro. Se tentar alguma coisa idiota, Sr. Klein, vou matar esses reféns um a um. Agora mande os capangas embora e faça o que estou dizendo.

O Sr. Klein hesitou, e então fez sinal para uma retirada geral.

Os olhos de Gomm brilharam.

— Muito bem — murmurou.

— Por que não vai na frente? — sugeriu Vanessa. Gomm fez como foi instruído, e seu pequeno grupo saiu em fila indiana passando pelos amontoados de relógios, telefones e telas de vídeo. A cada passo, Vanessa esperava que uma bala a atingisse, mas o Sr. Klein obviamente estava muito preocupado com a saúde dos anciões para arriscar e pagar para ver. Chegaram ao lado de fora sem incidentes.

Os guardas estavam mobilizados do lado de fora, embora procurassem se manter afastados. Vanessa manteve o rifle apontado para os quatro reféns, enquanto se dirigiam, passando pelos jardins, para onde seu carro estava estacionado. Os portões tinham sido abertos.

— Gomm — ela murmurou. — Abra as portas do carro.

Gomm abriu as portas. Ele havia dito que a idade encolhera todos, e talvez fosse verdade, mas eram cinco a entrar no veículo pequeno, e ele ficou bem apertado. Vanessa foi a última a entrar.

Quando se abaixou para entrar no lugar do motorista, um tiro ecoou, e ela sentiu o impacto no ombro. Largou o rifle.

— Filhos da puta — xingou Gomm.

— Deixe ela — alguém disse na parte de trás, mas Gomm já estava do lado de fora, empurrando Vanessa para o assento traseiro, ao lado de Floyd. Então ele próprio passou para o lado do motorista e ligou o motor.

— Pode dirigir? — Ireniya quis saber.

— Claro que posso, droga! — ele retrucou, e o carro arrancou portões afora, as marchas rangendo.

Vanessa nunca levara um tiro antes, e esperava — se sobrevivesse a esse episódio — evitar que isso acontecesse novamente. A ferida em seu ombro sangrava demais. Floyd fez o melhor possível para estancar o sangue, mas com Gomm dirigindo qualquer ajuda realmente construtiva ficava praticamente impossível.

— Há uma trilha — ela conseguiu dizer — para o lado de lá.

— *Lá onde?* — gritou Gomm.

— *À direita! A direita!* — ela gritou de volta.

Gomm tirou as duas mãos do volante e olhou para eles.

— *Direita onde?*

— Pelo amor de Deus...

Ireniya, no assento ao lado, apertou as mãos dele, levando-as de volta para o volante. O carro dançou uma tarantela. Vanessa gemia a cada solavanco.

— Estou vendo! — disse Gomm. — Estou vendo a trilha! — Acelerou o carro.

Uma das portas traseiras, que não havia sido bem fechada, abriu-se de repente e Vanessa quase caiu. Mottershead, esticando o braço por cima de Floyd, puxou-a de volta à segurança, mas antes que a pudessem fechar, a porta encontrou a pedra que marcava a convergência das duas trilhas. O carro virou quando a porta foi arrancada.

— Precisamos de mais ar aqui dentro — reclamou Gomm, e continuou em frente.

O motor do carro não era o único a perturbar a noite do Egeu. Havia luzes atrás deles, e o som de uma perseguição apressada. Com o rifle de Guillemot caído no convento, não tinham morte de refém algum para barganhar, e Klein sabia disso.

— Pise fundo! — ordenou Floyd, sorrindo de orelha a orelha. — Estão vindo atrás de nós.

— Estou indo o mais rápido possível — insistiu Gomm.

— Desligue os faróis — sugeriu Ireniya. — Seremos um alvo menos fácil.

— Mas assim não passo enxergar o caminho — Gomm reclamou sobre o rugido do motor.

— E daí? Você não está dirigindo nele mesmo.

Mottershead riu, e — contra seus melhores instintos — Vanessa o acompanhou. Talvez a perda de sangue a estivesse tornando irresponsável, mas ela não conseguia evitar. Quatro matusaléns e ela num carro de três portas avançando no escuro: só um maluco teria levado aquilo a sério. E *ali* estava a prova final e incontestável de que aquelas pessoas não eram lunáticas, como Klein os havia rotulado, pois todos sabiam ver o humor daquilo tudo. Gomm havia até começado a cantar enquanto dirigia: trechos de Verdi e uma interpretação em falsete de *Over the Rainbow*.

E se — como sua mente entorpecida havia concluído — eles eram criaturas tão normais quanto ela? Como ficava a história que Gomm lhe contara? Aquilo seria verdade também? Seria possível que aquele Armagedon tivesse sido mantido a distância por essa ala geriátrica?

— Estão chegando perto! — avisou Floyd. Estava ajoelhado no banco de trás, olhando pelo vidro traseiro.

— Não vamos conseguir — observou Mottershead, diminuindo só um pouco as gargalhadas. — Vamos todos morrer.

— Lá! — gritou Ireniya. — Outra trilha! Tente aquela! Tente aquela!

Gomm girou o volante e o carro quase capotou ao sair da trilha principal e seguir a nova rota. Com os faróis apagados era impossível ver mais que um relance da estrada adiante, mas o estilo de Gomm não ia ser destruído por essas pequenas considerações. Pisou fundo até o motor gritar. O carro levantou poeira em todas as direções, e entrou pela abertura onde a porta ficava; à frente, uma cabra voou do caminho segundos antes de perder a vida.

— *Para onde estamos indo?* — Vanessa gritou.

— *Não tenho ideia* — comentou Gomm. — *Você tem?*

Para onde quer que estivessem indo, iam a uma boa velocidade. Aquela trilha era mais plana do que a anterior, e Gomm tirava toda vantagem do fato. Estava cantando novamente.

Mottershead inclinava-se para fora da janela do outro lado do carro, os cabelos cascadeando. Vigiava seus perseguidores.

— Estão ficando para trás! — uivou triunfante. — Estão ficando para trás!

O ânimo tomou conta de todos os viajantes, e começaram a cantar com H. G. Cantavam tão alto que Gomm não ouviu Mottershead informá-los de que a estrada adiante parecia ter desaparecido. Na verdade, H. G. não se dera conta de que havia levado o carro para o despenhadeiro até que o veículo mergulhou, e o mar se aproximou para encontrá-los.

— Sra. Jape? Sra. Jape?

Vanessa acordou sem vontade. A cabeça doía, o braço doía.

Passara por poucas e boas recentemente, embora fosse levar algum tempo para se lembrar do conteúdo desses momentos. Então as lembranças voltaram. O carro caindo da ribanceira; o mar gelado entrando rápido pela porta aberta; os gritos frenéticos ao seu redor enquanto o veículo afundava. Ela conseguira se libertar, semiconsciente, percebendo vagamente que Floyd flutuava ao seu lado. Ela dissera seu nome, mas ele não respondeu. Agora ela o repetia.

— Mortos — concluiu o Sr. Klein. — Estão todos mortos.

— Oh, meu Deus — ela murmurou. Olhava não para o rosto dele, mas para uma mancha de chocolate em seu colete.

— Não pense mais neles — ele insistiu.

— Não pensar?

— Existem coisas mais importantes, Sra. Jape. Precisa se levantar, e rápido.

A urgência na voz de Klein fez Vanessa se levantar. — Já é de manhã? — ela perguntou. Não havia janelas no quarto que ocupavam. Aquele era o Boudoir, a julgar por suas paredes de concreto.

— Sim, é de manhã — respondeu Klein, impaciente. — Agora, quer vir comigo?

Tenho algo para lhe mostrar. — Ele abriu a porta e saíram para o corredor sombrio. Pouco adiante, um barulho como o de uma

grande discussão; dezenas de vozes, xingamentos e clamores elevados.

— O que está acontecendo?

— Um aquecimento para o Apocalipse — ele respondeu, e levou-a para dentro da sala, onde Vanessa vira pela última vez os lutadores na lama. Agora todas as telas de vídeo estavam ligadas, e cada uma mostrava um interior diferente. Havia salas de guerra e suítes presidenciais, gabinetes e salas do Congresso. Em cada uma delas, alguém estava gritando.

— Você esteve inconsciente dois dias inteiros — Klein lhe disse, como se isso explicasse a história toda. A cabeça dela doía. Ela olhou de uma tela para outra: de Washington a Hamburgo, de Sidney ao Rio de Janeiro. Em toda parte do globo, os poderosos aguardavam notícias. Mas os oráculos estavam mortos.

— Eles são apenas *performers* — disse Klein, gesticulando para as telas que gritavam. — Não conseguiriam correr num pé só, quanto mais governar o mundo. Estão ficando histéricos, e os dedos que apertam os botões estão começando a coçar.

— O que eu deveria fazer ? — retrucou Vanessa. Aquela apresentação de Babel a deixava deprimida. — Não sou estrategista.

— Gomm e os outros também não eram. Podiam ter sido um dia, mas as coisas logo se deterioraram.

— Sistemas degeneraram — ela reconheceu.

— Não é verdade. Quando cheguei aqui, metade do comitê já estava morta. E o resto havia perdido todo o interesse em suas tarefas...

— Mas ainda promoviam julgamentos, como disse H. G.?

— Ah, claro.

— Governavam o mundo?

— De certa forma — respondeu Klein.

— O que você quer dizer com *de certa forma*?

Klein olhou para as telas. Seus olhos pareciam estar à beira das lágrimas.

— Ele não explicou? Eles participavam de *jogos*, Sra. Jape. Quando ficavam entediados com a razão e o som das próprias vozes, desistiam da discussão e começavam a jogar moedas para o alto.

— Não.

— E disputar corrida de sapos, claro. Era o jogo favorito deles.

— Mas os governos... — ela protestou —... certamente eles não aceitavam simplesmente...

— Acha que eles se importam? — perguntou Klein. — Desde que estejam na mídia, o que lhes importa a verborragia que derramam ou como chegaram a ela?

Sua cabeça girou.

— E tudo obra do acaso? — ela perguntou.

— Por que não? O acaso tem uma tradição muito respeitável. Nações caíram por decisões divinatórias lidas nas entranhas de cordeiros.

— E absurdo.

— Concordo. Mas eu lhe pergunto, com toda a honestidade, se não é muito mais terrível do que deixar o poder nas mãos *deles*. — Apontou para as fileiras de rostos irados. Democratas suando frio, com medo de que o dia seguinte viesse encontrá-los sem causa a abraçar ou aplausos a receber; déspotas com pavor de que, sem instruções, suas crueldades perdessem o apoio e eles fossem derrubados. Um *premier* parecia ter sofrido um ataque dos brônquios e estava sendo ajudado por dois assessores; outro pegou um revólver e apontava para a tela, exigindo satisfação; um terceiro mastigava sua peruca. Eram aqueles os melhores frutos da árvore política; idiotas balbuciantes, brigões, bajuladores, levados à apoplexia porque ninguém queria lhes dizer para que lado pular. Não havia homem ou mulher entre eles em que Vanessa confiasse para ajudá-la a atravessar a rua.

— Melhor os sapos — ela murmurou, por mais amargo que fosse o pensamento.

A luz no jardim, após a iluminação morta do *bunker*, era estonteantemente brilhante, mas Vanessa considerava-se satisfeita por estar fora do alcance da estridência lá de dentro. Muito em breve, eles encontrariam um novo comitê, Klein lhe dissera enquanto saíam para o ar livre: era questão de semanas antes que o equilíbrio fosse restaurado. Enquanto isso, o mundo poderia ser

leito em pedacinhos pelas criaturas desesperadas que ela acabara de ver. Eles precisavam de *juízos*, e rápido.

— Goldberg ainda está vivo — lembrou Klein. — E continuará com os jogos. Mas para jogar precisamos de dois.

— Por que não você?

— Porque ele me odeia. Odeia a todos nós. Diz que só joga com você.

Goldberg estava sentado sob os loureiros, jogando paciência. Era um jogo lento.

Sua miopia exigia que ele levasse cada carta a dois centímetros do nariz para vê-la. Quando chegava ao fim da fileira, já havia esquecido as cartas do início.

— Ela concordou — falou Klein. Goldberg não levantou os olhos do jogo. — Eu disse: *ela concordou*.

— Sou cego, e não surdo — Goldberg disse a Klein, ainda olhando para as cartas. Quando finalmente levantou a cabeça, forçou a vista para olhar Vanessa. — Eu disse a eles que ia acabar mal... — aduziu mansinho, e Vanessa percebeu que por baixo daquela exibição de fatalismo ele sentia profundamente a perda dos companheiros. — ...Eu disse desde o começo: estávamos aqui para ficar. Não havia como escapar. — Deu de ombros e voltou para as cartas. — Fugir para onde? O mundo mudou. Eu sei. Nós o mudamos.

— Não foi tão ruim — reconheceu Vanessa.

— O mundo?

— A forma como eles morreram.

— Ah.

— Nós nos divertimos até o último minuto.

— Gomm era tão sentimental — lembrou Goldberg. — Nunca gostamos um do outro.

Um sapo enorme pulou no caminho de Vanessa. Goldberg reparou no movimento.

— O que é isso? — perguntou.

A criatura olhou o pé de Vanessa, perniciosamente. — Apenas um sapo — ela respondeu.

— Como é ele?

— Gordo — ela explicou. — Com três pontinhos vermelhos nas costas.

— Esse é Israel — ele falou. — Não pise nele.

— Podemos tomar algumas decisões ao meio-dia? — Klein interrompeu. — Em particular, a situação do Golfo, e a discussão mexicana, e...

— Sim, sim, sim — disse Goldberg. — Agora vá embora.

— ...Poderia acontecer outra Baía dos Porcos.

— Você não está dizendo nada que eu já não saiba. Vá! Está perturbando as nações. — Ele olhou para Vanessa. — Bem, você vai sentar ou não vai?

Ela sentou.

— Vou deixar vocês — disse Klein, e se retirou.

Goldberg começara a produzir um som na garganta, imitando a voz de um sapo. Em resposta, coaxares em vários pontos do jardim. Ouvindo o som, Vanessa conteve um sorriso. Farsa, ela dissera a si mesma uma vez, tinha de ser desempenhada com seriedade, como se o ator acreditasse em cada palavra absurda que dissesse. Somente a tragédia exigia risos; e isso, com o auxílio dos sapos, eles ainda poderiam impedir.

NA CARNE

Quando Cleveland Smith voltou à cela depois da entrevista com o oficial da condicional, seu novo companheiro de prisão já estava instalado, olhando a luz solar empoeirada pela janela de vidro reforçado. Foi uma curta exibição; durante menos de meia hora a cada tarde (quando as nuvens permitiam), o sol encontrava seu caminho entre a parede e o prédio da administração, e se esgueirava pelo lado da Ala B, desaparecendo até o dia seguinte.

— Você é Tait? — perguntou Cleve.

O prisioneiro tirou os olhos do sol. Mayflower havia dito que o novo garoto tinha vinte e dois anos, mas Tait parecia cinco anos mais jovem. Tinha cara de cachorro perdido.

E um cachorro feio; um cão abandonado pelos donos para brincar no meio do tráfego. Olhos excessivamente atentos, lábios débeis demais, braços demasiadamente finos; uma vítima nata. Cleve ficou irritado por ter sido colocado com o rapaz. Tait era um peso morto, e Cleve não tinha energias para gastar protegendo-o, apesar do *papo-furado* de Mayflower sobre estender a mão amiga.

— Sim — o cãozinho respondeu. — William.

— As pessoas te chamam de William?

— Não — disse o garoto. — Me chamam de Billy.

— Billy — repetiu Cleve, e entrou na cela. O regime em Pentonville era relativamente liberal; as celas ficavam abertas durante duas horas nas manhãs e frequentemente duas horas durante as tardes, permitindo aos internos alguma liberdade de movimento. Mas esse arranjo tinha suas desvantagens, e aí entrava o argumento de Mayflower.

— Me mandaram lhe dar alguns conselhos.

— É? — fez o rapaz.

— Nunca esteve no xadrez?

— Não.

— Nem no reformatório?

Os olhos de Tait piscaram.

— Pouco tempo.

— Então você sabe como é. Sabe que o seu já está na reta.

— Claro.

— Parece que fui escolhido como voluntário — comentou Cleve sem entusiasmo — para impedir que te ferrem.

Tait fitou Cleve com olhos de um azul leitoso, como se o sol ainda estivesse neles.

— Não precisa se preocupar — respondeu o rapaz. — Você não me deve nada.

— Não devo mesmo. Mas parece que tenho uma responsabilidade social — Cleve concluiu amargo — E é você.

Cleve estava no segundo mês de uma sentença por tráfico de maconha; era sua terceira visita a Pentonville. Aos trinta anos de idade, estava longe da decadência. Seu corpo era sólido, o rosto esguio e refinado; de terno, a dez metros de distância poderia passar por um advogado. Mais de perto, o espectador poderia ver a cicatriz em seu pescoço, recordação de um ataque feito por um viciado sem dinheiro, e uma certa desconfiança no seu jeito de andar, como se a cada passo à frente ele mantivesse a opção de uma retirada rápida.

Você ainda é jovem, dissera-lhe seu último juiz, ainda tem tempo de limpar as manchas. Apesar de não ter discordado em voz alta, Cleve sabia, em seu coração, que era um leopardo por natureza e formação. O crime era fácil, o trabalho não. Até que alguém provasse o contrário, faria o que sabia melhor, e aguentaria as consequências, caso fosse capturado. Ir para o xadrez não era tão difícil de engolir, se o sujeito tivesse a atitude correta. A comida é passável, a companhia seleta; enquanto tivesse algo para manter a mente ocupada, estaria satisfeito. Atualmente estava lendo sobre o pecado. *Aquele*, sim, era um grande tema. Já escutara diversas explicações de como o pecado entrara no mundo; de oficiais da condicional, de advogados e de sacerdotes. Teorias sociológicas, teológicas, ideológicas. Algumas mereciam minutos de

consideração; a maioria era tão absurda (pecado nascido do ventre; pecado nascido do Estado) que ele ria na cara de seus defensores. Nenhuma se sustentava por muito tempo.

Mas era uma boa ferida para cutucar. Precisava de um problema para ocupar seus dias. E noites também; dormia mal na prisão. Não era a *sua* culpa que o mantinha acordado, mas a dos outros. Afinal, ele era, só um avião, oferecendo sempre que houvesse demanda; uma pequena engrenagem na máquina de consumo; não tinha nada para sentir culpa. Mas havia outros, *muitos* outros, aparentemente, cujos sonhos não eram tão benevolentes, nem as noites tão pacíficas. Eles choravam e reclamavam; amaldiçoavam juízes locais e celestiais. O tumulto que faziam poderia acordar os mortos.

— E sempre assim? — perguntou Billy depois de uma semana. Um novo interno estava fazendo a maior zorra no andar de baixo; num momento, lágrimas; no seguinte, obscenidades.

—E. A maior parte do tempo — respondeu Cleve. —Alguns precisam gritar um pouco. Impede que suas cabeças acabem derretendo.

— Você, não — observou a voz sem melodia do beliche inferior. — Você só lê seus livros e evita problemas. Eu vi. Você não se incomoda, não é?

— Dá para aguentar — respondeu Cleve. — Não tenho uma esposa que venha aqui toda semana para me lembrar do que estou perdendo.

—Já esteve aqui antes?

— Duas vezes.

O garoto hesitou antes de dizer: — Então deve conhecer bem o lugar, não é?

— Bom, não estou escrevendo um guia turístico, mas já peguei o quadro geral. — Parecia um comentário estranho da parte do garoto. — Por quê?

— Só curiosidade — retrucou Billy.

— Alguma pergunta?

Tait não respondeu durante vários segundos, e então disse: — Ouvi dizer que eles costumavam... costumavam *enforcar* pessoas

aqui.

Seja lá o que Cleve estava esperando que o rapaz dissesse, não era aquilo. Mas já deduzira há vários dias que Billy Tait era esquisito. Olhares matreiros com aqueles olhos azuis-leitosos; um jeito de encarar uma parede ou uma janela como um detetive na cena de um crime, desesperado em busca de pistas.

— Acho que havia uma forca por aqui — comentou Cleve.

Novamente, silêncio; e depois outra pergunta, feita do modo mais desinteressado que o rapaz conseguiu fingir. — Ela ainda está de pé?

— A forca? Não sei. Eles não enforcam mais ninguém Billy, não sabia? — Não houve resposta da parte de baixo. — Que importância tem isso, afinal de contas?

— Só estou curioso.

Billy tinha razão; era muito curioso. Tao estranho, com seus olhares vazios e seu jeito solitário, que a maioria dos homens o evitava. Só Lowell se interessou por ele, e os seus motivos eram inequívocos.

— Quer me emprestar sua garota esta tarde? — perguntou a Cleve, enquanto esperavam na fila para o café. Tait, que estava por perto, não disse nada; nem Cleve.

— Não me ouviu? Fiz uma pergunta.

— Ouvi. Deixe-o em paz.

— Uma mão lava a outra — insistiu Lowell. — Posso fazer alguns favores para você. Podemos combinar alguma coisa.

— Ele não está à sua disposição.

— Bem, por que não pergunta a *ele*? — indagou Lowell, sorrindo através da barba.

— E aí, boneca?

Tait olhou na cara de Lowell.

— Não, obrigado.

— Não, *obrigado* — repetiu Lowell, e sorriu novamente para Cleve, dessa vez sem humor algum. — Você o treinou direitinho. Ele também fica sentadinho para pedir?

— Vá passear, Lowell — respondeu Cleve. — Ele não está disponível, e acabou.

— Você não tem como ficar de olho nele o dia todo — observou Lowell. — Mais cedo ou mais tarde, ele vai ter que andar com as próprias pernas. A menos que seja melhor ajoelhado.

A indireta arrancou uma risada do colega de cela de Lowell, Nayler. Nenhum dos dois era homem que Cleve gostaria de encarar numa briga, mas suas habilidades no blefe eram afiadíssimas, e ele as usou naquele momento.

— Você não vai querer problemas — desafiou a Lowell. — Barbas não cobrem muitas cicatrizes.

Lowell olhou para Cleve, de cara fechada. Claramente não conseguia distinguir a verdade do blefe, e era igualmente óbvio que não estava disposto a arriscar o pescoço.

— E melhor não dar mole — afirmou, e não disse mais nada.

O encontro no café não foi mencionado até aquela noite, quando as luzes já estavam apagadas. Foi Billy que abordou o assunto.

— Você não devia ter feito aquilo — falou. — Lowell é um canalha malvado. Já ouvi o pessoal comentando.

— Então queria ser estuprado, é?

— Não — negou rapidamente. — De jeito nenhum. Preciso ficar em forma.

— Não vai estar em forma para nada se Lowell puser as mãos em você.

Billy deslizou para fora do beliche e ficou de pé no meio da cela, quase invisível na penumbra.

— Suponho que queira algo em troca — sussurrou.

Cleve se virou e olhou para a silhueta incerta a um metro de distância. — O que você tem que eu poderia querer, Billy-Boy?

— O que Lowell queria.

— Foi assim que você entendeu aquela palhaçada? Que eu estava garantindo minha posse?

— Foi.

— Como você disse: não, obrigado. — Cleve voltou a encarar a parede.

— Eu não quis dizer...

— Não me interessa o que você quis dizer. Eu não quero ouvir falar nisso, está bem? Fique fora do caminho de Lowell, e não me venha com babaquices.

— Ei — murmurou Billy. — Não fique assim, por favor. *Por favor*, você é meu único amigo.

— Não sou amigo de ninguém — Cleve disse para a parede. — Só não quero problema algum. Entendeu bem?

— Sem problema algum — repetiu o garoto, inexpressivo.

— Certo. Agora... preciso tirar um cochilo.

Tait não disse mais nada, voltou ao beliche de baixo e se deitou, fazendo com que as molas rangessem. Cleve ficou em silêncio, matutando sobre a conversa. Não tinha vontade alguma de pôr as mãos no garoto; mas talvez tivesse sido áspero demais.

Bem, já estava feito. Da sua cama, podia ouvir Billy murmurando consigo mesmo, de modo quase inaudível. Esforçou-se para ouvir o que o garoto dizia. Foram necessários vários segundos de escuta cuidadosa para que Cleve pudesse perceber que Billy-Boy estava rezando.

Cleve sonhou naquela noite. Com o quê, não conseguia se lembrar pela manhã, embora curiosos vislumbres passassem pela sua cabeça enquanto tomava banho e fazia a barba. Não passaram dez minutos naquela manhã sem que alguma coisa — sal derramado na mesa do café, ou o som de gritos no pátio de exercícios — promettesse decodificar seu sonho: mas a revelação não veio. Isso o deixou nervoso e mal-humorado, o que não era do seu feitio. Quando Wesley, um pequeno falsário que conhecera na sua estada anterior, o abordara na livraria e começara a conversar como se fossem amigos íntimos, Cleve mandou o baixinho calar a boca. Mas Wesley insistiu em falar.

— Você está com problemas.

— É mesmo?

— Aquele seu garoto. Billy.

— O que tem ele?

— Anda fazendo perguntas. Está ficando intrometido. As pessoas não gostam disso. Estão dizendo que você devia dar um jeito nele.

— Não sou o pai dele.

Wesley fez uma careta.

— Estou lhe dizendo; como um amigo.

— Me poupe.

— Não seja estúpido, Cleveland. Você está fazendo inimigos.

— É? — fez Cleve. — Cite um.

— Lowell — respondeu Wesley na hora. — Nayler também.

Todo tipo de gente. Eles não gostam do jeito de Tait.

— E como é o jeito dele? — Cleve retrucou de volta.

Wesley deu um pequeno grunhido de protesto.

— Só estou tentando ajudá-lo — protestou. — Ele é sonso.

Feito um rato, porra.

Isso vai dar problema.

— Me poupe de suas profecias.

A lei das probabilidades exige que o pior dos profetas esteja certo algumas vezes; aparentemente, esse era o momento de Wesley. No dia seguinte, voltando da oficina onde exercitava o intelecto encaixando rodinhas em carros de plástico, Cleve encontrou Mayflower esperando por ele na escada.

— Pedi que cuidasse de William Tait, Smith — comentou o oficial. — Você não tá nem aí?

— O que aconteceu?

— Não, acho que não tá.

— Perguntei o que aconteceu. Senhor.

— Nada de mais. Não desta vez. Ele levou uma surra, só isso.

Parece que Lowell está a fim dele. Estou certo? — Mayflower olhou para Cleve, e quando não teve resposta continuou: — Cometi um erro, Smith. Achei que havia algo a que apelar sob o homem durão. Engano meu.

Billy estava deitado no beliche, rosto machucado, olhos fechados. Eles não se abriram quando Cleve entrou.

— Você está bem?

— Claro — afirmou o garoto suavemente.

— Nenhum osso quebrado?

— Vou sobreviver.

— Você precisa entender...

— *Escute.* — Billy abriu os olhos. As pupilas tinham escurecido de algum modo, ou era um truque de luz. — Estou vivo, ok? Não sou idiota. Eu sabia onde estava me metendo, quando vim para cá. — Ele falava como se tivesse escolha. — Posso cuidar de Lowell — continuou. — Portanto não se preocupe. — Fez uma pausa, e então disse: — Você estava certo.

— Quanto a quê?

— Quanto a não ter amigos. Estou sozinho, você está sozinho. Certo? Só aprendo um pouco devagar. Mas estou pegando o jeito da coisa. — Sorriu consigo mesmo.

— Você andou fazendo perguntas — falou Cleve.

— Ah, é? — Billy respondeu tranquilo. — Quem disse?

— Se quiser fazer alguma pergunta, pergunte a mim. As pessoas não gostam de xeretas. Elas ficam desconfiadas. E então viram as costas, quando Lowell e sua turma pegam pesado.

Nomear o algoz fez com que a testa de Billy se franzisse dolorosamente. Ele quase tocou a face machucada.

— Ele está morto — murmurou o rapaz, de forma quase inaudível.

— Conta outra — comentou Cleve.

O olhar de resposta de Tait poderia ter cortado aço.

— Estou falando sério — insistiu sem um traço de dúvida na voz. — Lowell não vai sair daqui vivo.

Cleve não respondeu; o rapaz precisava dessa fanfarronice, por mais ridícula que fosse.

— O que tanto quer saber, para ficar xeretando por aí?

— Nada de mais — retrucou Billy. Não olhava mais para Cleve, mas para o beliche de cima. Suavemente, continuou: — Só queria saber onde estão os túmulos, só isso.

— Os túmulos?

— Onde enterraram os homens que enforcaram. Alguém me disse que há uma roseira onde Crippen foi enterrado. Já ouviu falar nisso?

Cleve balançou a cabeça. Só agora se lembrara do rapaz perguntando sobre a forca; e agora os túmulos. Billy olhou para ele. O machucado inchava a cada minuto.

— Você sabe onde eles estão, Cleve? — perguntou. Novamente, aquela indiferença fingida.

— Poderia descobrir, se você me fizesse a fineza de me dizer por que quer saber.

Billy olhou para fora do abrigo do beliche. O sol da tarde descrevia seu curto arco nos tijolos pintados da parede da cela. Estava fraco hoje. O rapaz tirou as pernas do beliche e sentou-se na beira do colchão, encarando a luz como fizera naquele primeiro dia.

— Meu avô, isto é, o pai da minha mãe, foi enforcado aqui — afirmou ele, numa voz sincera. — Em 1937. Edgar Tait. Edgar St. Clair Tait.

— O pai da sua *mãe*?

— Assumi o nome dele. Não queria o nome do meu pai. Nunca pertenci a ele.

— Ninguém pertence a ninguém — respondeu Cleve. — Você é independente.

— Mas isso não é verdade — retrucou Billy dando de ombros levemente, ainda olhando para a luz na parede. Sua certeza era irreduzível; a gentileza com que falava não diminuía a autoridade da declaração. — Eu *pertenço* ao meu avô. Sempre pertenci.

— Você nem era nascido quando ele...

— Isso não importa. Ir e vir; isso não é nada.

Ir e vir, cismou Cleve; será que Tait queria dizer vida e morte?

Mas não teve chance de perguntar. Billy estava falando de novo, o mesmo fluxo baixo, mas insistente.

— Naturalmente, ele era culpado. Não do modo como eles pensavam que fosse, mas *culpado*. Ele sabia o que era e do que era capaz; isso é culpa, não é? Ele matou quatro pessoas. Ou pelo menos foi por isso que o enforcaram.

— Você está querendo dizer que ele matou mais?

Billy novamente deu de ombros; números aparentemente não significavam muito. — Mas ninguém veio ver onde o enterraram.

Isso não está certo, não é? Eles não se importaram, acho. A família toda provavelmente estava contente com a morte dele. Pensaram que ele estava ruim da cabeça. Mas não estava, eu sei que *não estava*. Tenho as mãos dele, os olhos dele.

Foi o que mamãe disse. Ela me contou tudo sobre ele, sabe, antes de morrer. Ela me disse coisas que nunca contara a ninguém, e só lhe contou por causa dos meus olhos...

— ele vacilou, e pôs a mão sobre os lábios, como se a luz flutuante no tijolo o houvesse hipnotizado a falar demais.

— O que sua mãe lhe contou? — pressionou Cleve.

Billy pareceu pesar respostas alternativas antes de falar.

— Só que ele e eu éramos *parecidos* em algumas coisas — respondeu.

— Quer dizer malucos? —interrogou Cleve, mais ou menos brincando.

— Algo assim — respondeu Billy, olhos ainda na parede. Suspirou, e então permitiu-se outra confissão. —Foi por isso que vim para cá. Para que meu avô soubesse que ele não tinha sido esquecido.

— *Veio* para cá? perguntou Cleve. — O que está dizendo? Você foi preso e sentenciado. Não teve escolha.

A luz na parede extinguiu-se quando uma nuvem passou na frente do sol. Billy olhou para Cleve. A luz estava ali, em seus olhos.

— Eu cometi um crime para vir para cá — respondeu o rapaz. — Foi um ato deliberado.

Cleve balançou a cabeça. A afirmação era absurda.

— Eu tentei antes: duas vezes. Levou tempo. Mas cheguei, não foi?

— Não pense que sou bobo, Billy — preveniu Cleve.

—Não estou pensando —o outro respondeu. Agora parecia de algum modo mais leve, depois de contar sua história; até mesmo sorriu, ainda que de modo hesitante, enquanto dizia: —Você foi bom para mim. Não pense que não sei disso. Estou grato agora. — Encarou Cleve antes de acrescentar: — Quero saber onde estão os túmulos. Descubra e não darei mais um pio, prometo.

Cleve não sabia quase nada da prisão ou da sua história, mas conhecia alguém que sabia. Havia um homem chamado Bishop — tão familiar aos internos que seu nome adquirira o artigo definido — que costumava estar na oficina na mesma hora de Cleve. Bishop estivera dentro e fora da prisão na maior parte dos seus quarenta e

tantos anos, geralmente por pequenos crimes, e — com todo o fatalismo de um pernetta que se aprofunda no estudo da monopedia — tornara-se especialista em prisões e no sistema penal. Pouco das suas informações vinha de livros. Adquirira o grosso do seu conhecimento de velhos presos e guardas que queriam jogar conversa fora, e aos poucos se transformara numa enciclopédia ambulante sobre crime e castigo. Fizera disso um negócio e vendia, por meio de palavras, seu conhecimento cuidadosamente acumulado; às vezes, uma informação geográfica para um futuro fugitivo, às vezes, como mitologia carcerária para o preso ateu em busca de uma divindade local. Cleve o procurou, e apresentou seu pagamento em tabaco e vales.

— O que posso fazer por você? — perguntou Bishop. Ele era pesado, mas não de modo doentio. Os cigarros finos como agulhas, que estava sempre enrolando e fumando, ficavam pequenos em seus dedos de açougueiro, manchados de marrom pela nicotina.

— Quero saber sobre os enforcamentos daqui.

Bishop sorriu.

— Ótimas histórias — reconheceu ele; e começou a contar.

Nos detalhes mais básicos, Billy estivera basicamente correto. Ocorreram enforcamentos em Pentonville até o meio do século, mas a forca há muito fora demolida. No lugar, agora, ficava o escritório da condicional na Ala B. Quanto à história das rosas de Crippen, também havia alguma verdade nela. Diante de uma barraca no terreno, que, segundo Bishop, era um depósito para equipamento de jardinagem, havia uma pequena faixa de grama, em cujo centro florescia um arbusto, plantado (e, nesse ponto, Bishop admitiu que não podia separar a verdade da ficção) em memória ao Dr. Crippen, enforcado em 1910.

— Os túmulos ficam ali? — perguntou Cleve.

— Não, não — corrigiu Bishop, reduzindo metade de um de seus cigarrinhos a cinzas com uma única tragada — Os túmulos estão junto ao muro, à esquerda e atrás da barraca. Lá tem um grande gramado; você já deve ter visto.

— Nenhuma lápide?

— De jeito nenhum. O terreno sempre ficou sem marcas. Só o governador sabe quem foi enterrado lá; e ele provavelmente perdeu a planta. — Bishop catou a sua lata de tabaco no bolso da camisa do uniforme e começou a enrolar outro cigarro com tamanha familiaridade que mal olhava o que fazia. — Sabe, ninguém tem permissão para ficar de luto. O que os olhos não veem o coração não sente; é essa a ideia. Naturalmente, não é assim que a coisa funciona, não é? As pessoas esquecem primeiros-ministros, mas se lembram dos assassinatos. Você pode caminhar sobre aquele gramado, e a apenas dois metros de profundidade estão alguns dos homens mais famigerados que já passaram por esta pátria amada e idolatrada. E nem mesmo uma cruz para marcar o lugar. Um crime, não é?

— Você sabe quem está enterrado lá?

— Alguns cavalheiros muito perversos—respondeu Bishop, como se os estivesse admoestando carinhosamente pelas suas travessuras.

— Já ouviu falar de um homem chamado Edgar Tait?

Bishop levantou as sobrancelhas; a gordura da testa ficou toda franzida. — São Tait? Oh, certamente. Ele não é fácil de esquecer.

— O que você sabe sobre ele?

— Ele matou a esposa e os filhos. Passou a faca em todos eles, sim senhor.

— Todos?

Bishop colocou seu cigarro recém-enrolado nos lábios grossos. — Talvez nem todos — considerou ele, estreitando seus olhos enquanto tentava recordar os detalhes específicos. Talvez um deles tenha sobrevivido. Acho que talvez uma filha... — deu de ombros.

— Não sou muito bom para recordar as vítimas. Mas, também, quem é? — Fixou seu olhar tranquilo em Cleve. — Por que está tão interessado em Tait? Ele foi enforcado antes da Guerra.

— 1937. Já deve estar bem decomposto, hem?

Bishop levantou o indicador.

— Nem tanto — ponderou ele. — Veja bem, o terreno em que esta prisão foi construída possui propriedades especiais. Os corpos enterrados aqui não apodrecem como em outros lugares.

— Cleve lançou a Bishop um olhar de descrença. — E verdade — protestou tranquilamente o gordo. — Ouvi isso de autoridades isentas. Acredite em mim, sempre que precisam exumar um corpo do terreno, ele sempre é encontrado em condições quase perfeitas. — Fez uma pausa para acender um cigarro, e fumou, soprando a fumaça através da boca junto com suas palavras seguintes. — Quando chegar o fim do mundo, os bons homens de Marylebone e Camden Town se erguerão como carne podre e ossos. Mas, e os perversos? Dançarão para o julgamento com o mesmo frescor do dia em que morreram. Imagine só. — Essa ideia perversa com certeza o deliciou. O rosto amassado enrugou-se de prazer. — Ah! — meditou. — E quem vai chamar quem de corrupto *naquela* bela manhã?

Cleve nunca entendeu precisamente como Billy conseguiu entrar para a equipe de jardinagem, mas ele o fez. Talvez tivesse apelado diretamente para Mayflower, que convenceu os superiores de que o rapaz podia ser confiado ao ar livre. Fosse como fosse, no meio da semana, após a descoberta de Cleve da localização dos túmulos, Billy estava cortando grama na fria manhã de abril.

O que aconteceu naquele dia passou de boca em boca na hora da recreação. Cleve escutou a história de três fontes independentes, nenhuma das quais estivera presente. Os relatos variavam no colorido, mas eram claramente da mesma espécie. Era basicamente o seguinte: a equipe de jardinagem, composta de quatro homens supervisionados por um único oficial carcerário, estava se movendo ao redor dos blocos, aparando a grama e tirando ervas daninhas na preparação para o plantio da primavera. Aparentemente, a custódia estava relaxada. Levou dois ou três minutos antes que o oficial até mesmo notasse que um de seus presos havia chegado à periferia do grupo e escapulado. O alarme tocou; no entanto, os guardas não precisaram procurar longe. Tait não tentara escapar, ou se o fizera fora frustrado por algum tipo de crise, que o incapacitara. Fora encontrado (e aqui as histórias divergiam consideravelmente) num grande trecho gramado ao lado do muro, deitado na grama. Alguns relatos alegavam que ele estava com o rosto negro, o corpo dobrado e a língua praticamente mastigada; outros que ele fora encontrado

com o rosto no chão, falando com a terra, choroso, suplicante. O consenso era de que o rapaz perdera a cabeça.

Os rumores fizeram de Cleve o centro das atenções; uma situação que ele não apreciava. No dia seguinte, mal ficou sozinho; os homens queriam saber como era compartilhar a cela com um lunático. Ele insistia em que não tinha nada a dizer. Tait havia sido o perfeito companheiro de cela —silencioso, sem exigências e inquestionavelmente são. Ele contou a mesma história para Mayflower quando foi interrogado no dia seguinte; e para o médico da prisão, mais tarde. Não deu um pio sobre o interesse de Tait nos túmulos, e fez questão de ver Bishop e pedir a ele um silêncio semelhante. O homem estava disposto a concordar, se no devido tempo soubesse a história toda. Cleve prometeu. Bishop, de acordo com sua posição sacerdotal (Bishop quer dizer bispo), não deixaria de cumprir sua palavra.

Billy ficou separado do rebanho durante dois dias. Durante esse tempo, Mayflower desapareceu de suas tarefas de oficial da condicional. Não foi dada nenhuma explicação. No seu lugar, entrou um homem chamado Devlin, transferido da Ala D. Sua reputação o precedia. Não era, aparentemente, um homem de rara compaixão. A impressão foi confirmada quando, no dia do retorno de Billy Tait, Cleve foi chamado ao escritório de Devlin.

— Ouvi dizer que você e Tait são íntimos — inquiriu Devlin. Ele tinha um rosto tão franco quanto granito.

— Nem tanto, senhor.

— Não vou cometer o erro de Mayflower, Smith. Na minha opinião, Tait é encrenca. Vou vigiá-lo como um falcão e, quando não estiver aqui, você vai fazê-lo para mim, compreendeu? Se ele piscar, vai para o trem-fantasma. Vou tirá-lo daqui e mandá-lo para uma unidade especial antes que possa peidar. Está me entendendo?

— Visitando seu avô, não foi?

Billy perdera peso no hospital; quilos dos quais seu corpo franzino não podia se dar ao luxo de se desfazer. Sua camisa caía dos ombros; seu cinto estava no último buraco. O emagrecimento destacou ainda mais sua vulnerabilidade física; o golpe de um peso-pena o derrubaria, pensou Cleve. Mas isso deu ao seu rosto uma

intensidade nova, quase desesperada. Ele parecia todo olhos; e eles haviam perdido todos os traços da luz do sol capturada. Também sumira a fachada de vacuidade, substituída por uma sinistra determinação.

— Fiz uma pergunta.

— Escutei — respondeu Billy. Não havia sol naquele dia, mas de qualquer modo ele olhava para a parede. — Sim, se quer saber, estava visitando meu avô.

— Devlin me mandou tomar conta de você. Ele quer você fora. Talvez transferido totalmente.

— Fora? — O olhar de pânico que Billy deu a Cleve era intenso demais para ser encarado por mais que alguns segundos. — Você quer dizer, fora daqui?

— Acho que sim.

— Eles não podem fazer isso!

— Ah, podem, sim. Chamam isso de trem-fantasma. Num minuto você está aqui; no outro...

— Não — o garoto protestou, os punhos se fechando. Começara a tremer, e durante um momento Cleve temeu um segundo ataque. Mas pareceu, por um ato de vontade, controlar os tremores, e novamente voltou seu olhar para o colega de cela. As escoriações que recebera de Lowell haviam empalidecido e adquirido um tom cinza- amarelado, mas não haviam desaparecido; seu rosto com barba por fazer estava pontilhado de pelos claros. Olhando para ele, Cleve sentiu uma indesejada pontada de preocupação.

— Me conte — pediu Cleve.

— Contar o quê? — perguntou Billy.

— O que aconteceu nos túmulos.

— Fiquei tonto. Quando dei por mim já estava no hospital.

— Foi isso que você disse a *eles*, não foi?

— E verdade.

— Não foi isso que escutei. Por que não me explica o que realmente aconteceu? Quero que confie em mim.

— Eu confio — assegurou o rapaz. — Mas preciso guardar isso para mim, veja bem. E entre ele e eu.

— Você e Edgar? — perguntou Cleve, e Billy assentiu. — Um homem que matou toda a família, menos a sua mãe?

Billy ficou claramente impressionado com o fato de Cleve possuir essa informação.

— Sim — respondeu, depois de pensar um pouco. — Sim, ele matou todos. Poderia ter matado mamãe também, se ela não tivesse escapado. Ele queria acabar com a família toda. Para que não existissem herdeiros para carregar o sangue ruim.

— Seu sangue é ruim?

Billy se permitiu o mais fraco dos sorrisos.

— Não — contestou. — Não penso assim. Meu avô estava errado. Os tempos mudaram, não é?

Ele é louco, pensou Cleve. De imediato, Billy captou seu julgamento.

— Não estou maluco — negou. — Pode dizer isso a eles. Diga a Devlin e a qualquer um que perguntar. Diga-lhes que sou um cordeirinho. — A ferocidade estava de volta aos seus olhos. Não havia nada de cordeiro ali, embora Cleve não o comentasse.

— Eles não podem me transferir, Cleve. Não depois de chegar tão perto. Tenho negócios aqui. Negócios importantes.

— Com um homem morto?

— Com um homem morto.

Fosse qual fosse a nova finalidade que ele apresentara a Cleve, as janelas se fecharam quando Billy voltou ao convívio com os presos. Ele não respondia nem às perguntas nem aos insultos; sua fachada de indiferença e seus olhos vazios eram impecáveis. Cleve ficou impressionado. O garoto tinha futuro como ator, se decidisse abandonar a maluquice profissional.

Mas o desgaste de ocultar sua urgência recém-encontrada começara a aparecer. Num vazio ao redor dos olhos e no tremor durante os movimentos; e em silêncios ensimesmados e irreduzíveis. A deterioração física era aparente para o médico a quem Billy continuava a se apresentar; o médico diagnosticou depressão e insônia profunda, e prescreveu sedativos. Essas pílulas Billy repassava para Cleve, insistindo que não precisava delas. Cleve

ficou grato. Pela primeira vez em muitos meses começou a dormir bem, sem ser perturbado por lágrimas e gritos de seus colegas.

Durante o dia, o relacionamento entre ele e o rapaz, que sempre fora mínimo, caiu para a mera cortesia. Cleve sentiu que Billy estava se fechando totalmente, afastando-se das meras preocupações materiais.

Não era a primeira vez que testemunhava esse recolhimento premeditado. Sua cunhada, Rosanna, morrera de câncer no estômago três anos antes: um declínio prolongado e, até as últimas semanas, constante. Cleve não era íntimo dela, mas talvez essa distância houvesse lhe dado uma perspectiva quanto ao comportamento da mulher que o resto da família ignorava. Ficara impressionado com a maneira sistemática como ela se preparara para a morte, limitando suas afeições até que se restringissem às figuras mais vitais de sua vida — seus filhos e seu pastor —, exilando todas as outras, incluindo o marido de um casamento de quatorze anos.

Agora ele via o mesmo desapego e frugalidade em Billy. Como um homem treinando para atravessar um deserto sem água e cioso demais de suas energias para gastá-las num único gesto inútil, o rapaz estava afundando dentro de si. Era assustador; Cleve sentia um desconforto cada vez maior de compartilhar o espaço limitado da cela com Billy. Era como viver com um homem no Corredor da Morte.

O único consolo eram os tranquilizantes, que Billy convenceu o médico a continuar fornecendo. Eles garantiam um sono tranquilo a Cleve, e durante vários dias, pelo menos, sem sonhos.

Então ele sonhou com a cidade.

Primeiro não foi a cidade; primeiro veio o deserto. Um espaço vazio de areia negro-azulada, que feria as solas dos seus pés enquanto ele caminhava. A areia era soprada por um vento frio em seu nariz, olhos e cabelos. Ele estivera ali antes, sabia. Seu ego onírico reconhecia a paisagem de dunas estéreis, sem árvores ou habitações para quebrar a monotonia. Mas em suas visitas anteriores viera com guias (ou pelo menos era o que acreditava); agora estava sozinho, e as nuvens acima de sua cabeça eram pesadas

e cinzentas como cimento, sem promessa de sol. Durante o que pareceu horas a fio, ele caminhou pelas dunas, os pés sangrando devido à areia cortante, o corpo, polvilhado pelos grãos, tingido de azul. Quando parecia que a exaustão ia derrotá-lo, viu ruínas, e se aproximou delas.

Não era um oásis. Não havia nada de saudável ou substancioso nessas ruas vazias; nenhuma árvore frutífera nem fontes borbulhantes. A cidade era um conglomerado de casas, ou partes de casas — às vezes andares inteiros, às vezes simples salas — lançadas lado a lado em paródias da ordem urbana. Os estilos eram uma mistura irreconciliável — belos estabelecimentos georgianos ao lado de pobres edifícios de cômodos com salas queimadas; uma casa retirada de uma rua de terraços, perfeita até no cão vitrificado na janela, lado a lado com uma suíte de cobertura. Todas pareciam ter sido rudemente arrancadas de seus contextos; as paredes estavam rachadas, oferecendo vislumbres de interiores privados; escadarias se lançavam céu acima, sem destino; as portas abriam e fechavam com o vento, levando a lugar nenhum.

Havia vida ali, Cleve sabia. Não só os lagartos, ratos e borboletas — todos albinos — que flutuavam e se arrastavam na frente dele enquanto caminhava pelas ruas esquecidas — mas não vida *humana*. Ele sentia que cada passo que dava estava sendo supervisionado, embora não percebesse sinal de presença humana; não na sua primeira visita, pelo menos.

Na segunda, sua personalidade onírica deixou de lado a caminhada penosa e foi direto para a necrópole, os pés facilmente ensinados seguindo a mesma rota da primeira visita. O vento constante estava mais forte àquela noite. Ele prendera as cortinas rendadas na janela e um penduricalho chinês balançava nelas. Ele também carregava vozes; sons horríveis e estranhos que vinham de algum lugar distante além da cidade. Ouvindo os pipilos e choramingos, como de crianças loucas, ficou agradecido às ruas e às salas, por sua familiaridade, e pelo menos pelo conforto que poderiam oferecer. Não tinha desejo algum de entrar naqueles interiores, com vozes ou não; não queria descobrir o que marcava

aqueles fragmentos de arquitetura para que tivessem sido arrancados de suas raízes e jogados naquela desolação plangente.

No entanto, uma vez tendo visitado o local, sua recordação adormecida retornava a ele, noite após noite; sempre caminhando, com os pés sangrando, vendo apenas ratos, borboletas e aquela areia negra em cada portal, soprando para dentro de salas e corredores que nunca mudavam de visita a visita; parecia, pelo que podia ver entre as cortinas, ou através da parede quebrada, que elas tinham se *fixado*, de algum modo, durante um momento fundamental, com uma refeição abandonada numa mesa posta para três (o capão intocado, os molhos fumegando), um chuveiro aberto no banheiro em que a lâmpada perpetuamente balançava, uma sala que poderia ser o escritório de um advogado, um cão fraldeiro, uma peruca arrancada e lançada ao chão, descartada sobre um bom carpete cujos detalhes intrincados estavam parcialmente devorados pela areia.

Só uma vez ele viu outro ser humano na cidade; era Billy. Aconteceu de modo estranho. Certa noite — enquanto sonhava com as ruas —, quase despertou do seu sono. Billy estava acordado, de pé, no meio da cela, olhando para a luz que passava pela janela. Cleve mal teve tempo de registrar o transe em que o rapaz parecia estar antes do tranquilizante voltar a arrastá-lo para o seu sonho. No entanto, levou consigo um fragmento da realidade, envolvendo o rapaz na sua visão. Quando alcançou novamente a cidade, lá estava Billy Tait; de pé, na rua, rosto voltado para as nuvens, a boca aberta, os olhos fechados.

A imagem ficou no ar por um instante. No seguinte, o garoto se afastou, os calcanhares levantando nuvens negras de areia. Cleve o chamou. Billy, no entanto, continuou correndo sem escutar; e, com aquela impressionante precognição que os sonhos trazem, Cleve sabia onde o rapaz estava indo. Para os limites da cidade, onde as casas rareavam e o deserto começava. Talvez para encontrar algum amigo chegando naquele vento terrível. Nada o induziria a segui-lo, mas não queria perder contato com o único ser humano que vira naquelas ruas despossuídas. Novamente chamou o nome de Billy, mais alto.

Dessa vez, sentiu uma mão no braço, e deu um pulo, aterrorizado, para descobrir que estava sendo sacudido para acordar em sua cela.

— Está tudo bem — disse Billy. — Você está sonhando.

Cleve tentou tirar a cidade da cabeça, mas durante vários segundos perigosos o sonho sangrou para o mundo desperto; e, olhando para o rapaz, viu o cabelo de Billy ser levantado por um vento que não pertencia, não *podia* pertencer, aos confins da cela. — Você está sonhando — repetiu Billy. — Acorde.

Tremendo, Cleve sentou-se inteiramente no seu beliche. A cidade estava recuando — quase se fora —, mas antes de perdê-la totalmente de vista sentiu a indiscutível convicção de que Billy *sabia* sobre o que o estava acordando; haviam estado lá, juntos, durante uns poucos momentos fugidios.

— Você sabe, não é? — acusou o rosto pálido ao seu lado.

O rapaz olhou perturbado.

— Do que você está falando?

Cleve sacudiu a cabeça. A suspeita tornava-se cada vez mais terrível a cada passo para longe do sono. Mesmo assim, quando olhava para a mão ossuda de Billy, que ainda agarrava seu braço, quase esperou ver grãos daquela areia de obsidiana sob suas unhas. Só havia sujeira.

Porém, as dúvidas continuavam, muito depois da hora em que a razão deveria tê-las submetido. Cleve deu por si vigiando o rapaz mais de perto a partir daquela noite, esperando por algum sinal, da língua ou do olho, que revelasse a natureza do seu jogo. Essa vigilância era uma causa perdida. Os últimos traços de acessibilidade desapareceram depois daquela noite; o garoto tornou-se — como Rosanna — um livro indecifrável, sem dar pistas da natureza do mundo secreto sob suas pálpebras. A única alusão indireta àquela noite era a redobrada insistência de Billy para que Cleve continuasse a tomar sedativos.

— Você precisa do seu sono — disse ele depois de voltar da enfermaria com mais um suprimento. — Tome.

— Você também precisa dormir — respondeu Cleve, curioso para ver até onde o rapaz insistiria naquilo. — Não preciso mais

disso.

— Mas você precisa — insistiu Billy, oferecendo o frasco de cápsulas. — Sabe como isso aqui é barulhento.

— Alguém me disse que elas viciam — respondeu Cleve, sem pegar as pílulas. — Estou fora.

— *Não* — afirmou Billy. E agora Cleve sentiu um nível de insistência que confirmava suas suspeitas mais profundas. O garoto *queria* que ele ficasse drogado, sempre quis.

— Eu durmo como um bebê — insistiu Billy. — Por favor, fique com elas. Senão serão desperdiçadas.

Cleve deu de ombros.

— Se tem certeza — falou ele, satisfeito — seus medos confirmados —, para mostrar que cedia.

— Tenho certeza.

— Então obrigado — pegou o frasco.

Billy sorriu. Com aquele sorriso, de certo modo, os maus momentos realmente começaram.

Naquela noite, Cleve respondeu à atuação do garoto com uma das suas, fingindo tomar os tranquilizantes, como sempre fazia, mas sem engolir as cápsulas. Uma vez deitado em seu beliche, de rosto para a parede, tirou-as da boca e colocou-as sob o travesseiro. Então fingiu dormir.

Os dias na prisão começavam e terminavam cedo; às 8:45 ou 9 horas da noite, a maioria das celas nas quatro alas estava no escuro, os internos trancados até a aurora e deixados em paz.

Aquela noite estava mais silenciosa do que a maioria. O chorão a duas celas de distância fora transferido para a Ala D; houve poucas perturbações. Até mesmo sem a pílula, Cleve sentiu sono. Do beliche de baixo, praticamente não vinha som nenhum, exceto suspiros ocasionais. Era impossível adivinhar se Billy estava dormindo ou não. Cleve manteve o silêncio, ocasionalmente dando uma rápida olhada na face luminosa do seu relógio. Os minutos se arrastavam, e ele temeu, enquanto passavam as primeiras horas, que muito em breve sua imitação do sono se tornaria a coisa real. De fato, estava pensando nessa possibilidade, quando a inconsciência o venceu.

Acordou muito depois. Sua posição parecia não ter mudado. A parede parecia estar diante dele, a tinta descascada como um mapa sombrio de algum território sem nome. Levou um minuto ou dois para se orientar. Não vinha som do beliche de baixo. Disfarçando seu gesto como um movimento de quem dorme, levou o braço ao alcance do olho e espiou os números verdes de seu relógio. Era uma e cinquenta e um. Ainda faltavam várias horas para a aurora. Ficou deitado na posição em que acordara durante quinze minutos, escutando cada som na cela, tentando localizar Billy. Não quis se virar e olhar, por medo de que o garoto estivesse em pé no meio da cela como na noite da visita à cidade.

O mundo, embora escuro, estava longe de ser silencioso. Ele podia ouvir passos monótonos de alguém que andava para um lado e para outro na cela correspondente do andar de cima; água correndo nos encanamentos e o som de uma sirene na Caledonian Road. O que não conseguia ouvir era Billy. Nem sequer sua respiração.

Outro quarto de hora se passou, e Cleve pôde sentir o torpor familiar voltando para envolvê-lo novamente; se pudesse ficar parado mais tempo, poderia adormecer de novo, e seria a manhã a próxima coisa que veria. Se quisesse descobrir algo, tinha que se virar e *olhar*. Era melhor não tentar se mover sub-repticiamente, mas tentar se virar da maneira mais natural possível. Foi o que fez, murmurando como se estivesse dormindo, para dar mais peso à ilusão. Depois de se virar totalmente, e posicionar sua mão ao lado do rosto para disfarçar sua espionagem, cautelosamente abriu os olhos.

A cela parecia mais escura do que na noite em que vira Billy com o rosto voltado para a janela. Quanto ao rapaz, não estava visível. Cleve abriu os olhos um pouco mais e vasculhou a cela o melhor que pôde por trás da mão. Havia algo errado, mas ele não conseguiu descobrir o que era. Ficou deitado vários minutos, esperando que os olhos se acostumassem à escuridão. Não se acostumaram. A cena diante dele continuou indefinida, como uma pintura tão impregnada de sujeira e verniz que suas profundezas recusassem o olhar investigador. No entanto, ele sabia —*sabia* —

que as sombras nos cantos da cela, e na parede oposta, não estavam vazias. Queria acabar com a expectativa que fazia seu coração saltar, queria levantar a cabeça do travesseiro duro e chamar Billy para fora do seu esconderijo. Mas o bom senso o convenceu do contrário. Em vez disso, ficou parado, suando, e espiou.

E agora ele começava a perceber o que estava errado com a cena diante dele. As sombras fechando a visão caíam onde não devia haver sombra nenhuma; elas se espalhavam pelo quarto onde a luz fraca da janela deveria estar iluminando. De algum modo, entre a janela e a parede, aquela luz havia sido sufocada e devorada. Cleve fechou os olhos para dar à sua mente confusa uma chance de racionalizar e rejeitar sua conclusão. Quando os abriu novamente, seu coração disparou. A sombra, em vez de enfraquecer, crescera um pouco.

Ele nunca sentira um medo como aquele; nunca sentira um frio em suas entranhas como o arrepio que o envolvia agora. Era como se tudo que pudesse fazer fosse manter a respiração controlada e as mãos onde estavam. Seu instinto era de encolher-se e esconder o rosto, como uma criança. Dois pensamentos o impediam de fazê-lo. Um era que o menor movimento poderia atrair atenção indesejada para ele. O outro, que Billy estava em alguma parte da cela, e talvez tão ameaçado por aquela escuridão viva quanto ele.

E então, do beliche inferior, o rapaz falou. Sua voz era suave, de modo a presumivelmente não acordar o colega de cela. Era também estranhamente íntima. Cleve não alimentou a ideia de que Billy estava falando em seu sono; o tempo de auto ilusão voluntária já acabara. O rapaz estava se dirigindo à escuridão; não havia como duvidar daquele fato desagradável.

— ...dói... — disse ele, com uma pálida nota de acusação. — ..você não me disse o quanto doía...

Era a imaginação de Cleve, ou o espectro das sombras floresceu um pouco em resposta, como a tinta de uma lula na água? Ele estava terrivelmente assustado.

O rapaz voltou a falar. Sua voz era tão baixa que Cleve mal conseguiu entender as palavras.

— ...precisa acontecer logo... — lembrou ele, com suave urgência. — ...não tenho medo. Não tenho medo.

Novamente, a sombra mudou. Desta vez, quando Cleve olhou para seu coração, teve uma ideia da forma quimérica que aquilo continha. Sua garganta estreitou-se; um grito se alojou por trás de sua língua, louco para ser gritado.

— ...tudo que puder me ensinar... —dizia Billy. — ...rápido...

As palavras iam e vinham; mas Cleve mal as escutava. Sua atenção estava na cortina de sombras, e a figura — bordada nas trevas — que se movia dentro dela. Não era uma ilusão. Havia um homem ali dentro; ou melhor, a cópia tosca de um homem, de tênue substância, a silhueta se deteriorando o tempo todo, sendo levada, com o maior dos esforços, de volta para algo semelhante à humanidade. Dos traços do visitante, Cleve viu pouco, mas o bastante para sentir deformidades que se expunham como virtudes; um rosto semelhante a um prato de frutas podres, inchado, descascando, crescendo aqui como um ninho de moscas e ali, subitamente, fechando-se num núcleo pestilento. Como o garoto podia falar tão facilmente com aquela *coisa*? E, no entanto, apesar da podridão, havia uma amarga dignidade na postura da criatura, na agonia de seus olhos, e no círculo desdentado da sua boca.

Subitamente, Billy se ergueu. O movimento abrupto, depois de tantas palavras sussurradas, quase arrancou o grito da garganta de Cleve. Ele o engoliu, e fechou os olhos; deixou apenas uma frestinha, e olhava através das barras das pestanas para ver o que acontecia em seguida.

Billy falava novamente, mas agora a voz era baixa demais para ser ouvida. Ele deu um passo na direção da sombra, o corpo bloqueando grande parte da figura na parede oposta. A cela não tinha mais que dois ou três passos de largura, mas, devido a algum afrouxamento das leis físicas, o garoto pareceu dar cinco, seis, sete passos para fora do beliche. Os olhos de Cleve se arregalaram; sabia que não estava sendo vigiado. A sombra e o seu acólito tinham um assunto particular, e isso ocupava totalmente a atenção deles.

A figura de Billy dentro do espaço da cela era menor do que parecia possível, como se ele tivesse atravessado a parede para

alguma outra província. E só agora, com os olhos abertos, Cleve reconhecia aquele lugar. A escuridão da qual o visitante de Billy era feito não passava de sombra de nuvem e poeira; por trás dele, quase invisível na treva enfeitada, mas reconhecível para qualquer um que já houvesse estado lá, estava a cidade dos sonhos de Cleve.

Billy alcançara seu mestre. A criatura se erguia sobre ele, esfarrapada e magra, mas queimando com poder. Cleve não sabia como ou por que o garoto fora até ela, e temia agora pela segurança de Billy, mas o medo de arriscar a própria segurança o manteve preso ao beliche. Percebeu naquele momento que nunca amara ninguém o bastante, homem ou mulher, para ter a coragem de penetrar dentro da sombra daquela sombra. O pensamento trouxe-lhe um terrível senso de isolamento, sabia, naquele instante, que ninguém, vendo *ele* caminhar para a danação, daria um único passo para salvá-lo da beira do abismo. Duas almas perdidas; ele e o garoto.

Agora o senhor de Billy levantava a cabeça intumescida, e o vento incessante naquelas ruas azuladas erguia sua crina para uma vida de fúria. No vento, as mesmas vozes que Cleve escutara antes, o choro de crianças enlouquecidas, em algum lugar entre lágrimas e uivos. Como que encorajada por essas vozes, a entidade moveu-se na direção de Billy e o abraçou, envolvendo o rapaz em vapor. Billy não lutou contra esse abraço, e sim o devolveu. Cleve, incapaz de assistir a essa horrível intimidade, fechou os olhos e, quando (segundos? minutos? depois) os abriu novamente, o encontro aparentemente terminara. A coisa sombria estava se desfazendo, abandonando seu frágil direito à coerência. Fragmentou-se, pedaços da sua anatomia voaram para as ruas como lixo ao vento. Sua retirada pareceu ser o sinal para a dispersão de todo o cenário; as ruas e casas já estavam sendo devoradas pela poeira e pela distância. Antes mesmo que o último dos pedaços da sombra tivesse sumido, a cidade desaparecera. Cleve estava contente de estar livre dela. A realidade, por pior que fosse, era preferível àquela desolação. Tijolo a tijolo pintado, a parede estava se reagregando, e Billy, livre dos braços do seu mestre, voltava à sólida geometria da cela, olhando para a luz que vinha da janela.

Cleve não voltou a dormir naquela noite. De fato, ele se perguntava, deitado no duro colchão e olhando para as estalactites de tinta pendentes do teto, se algum dia, ao dormir, voltaria a sentir segurança.

O sol era um *showman*. Lançava o brilho de sua luz com tanta animação, desejosa de impressionar e distrair como qualquer vendedor de panelas. Mas por trás da superfície brilhante que a luz iluminava existia outro estado; um que a luz do sol — sempre a demagoga — conspirava para ocultar. Era vil e desesperada, aquela condição. A maioria, cega pela luz, nunca a vislumbrava. Mas Cleve agora conhecia o estado sem sol; até mesmo caminhara nele, em sonhos; e embora lamentasse a perda de sua inocência, sabia que nunca poderia retrair seus passos de volta à sala de espelhos da luz.

Tentou de tudo para manter oculta sua mudança aos olhos de Billy; a última coisa que desejava era que o rapaz suspeitasse que ele estava espionando. Mas o ocultamento era quase impossível. Durante o dia seguinte, Cleve fez o máximo que pôde para demonstrar normalidade, mas não conseguiu realmente acobertar sua inquietação. Ela transparecia sem que ele pudesse controlá-la, como o suor de seus poros. E o garoto sabia, não havia dúvida, *sabia*. Tampouco demorou a dar voz às suas suspeitas. Quando, após a oficina da tarde, eles voltaram à cela, Billy rapidamente abordou o assunto.

— O que há de errado com você hoje?

Cleve ocupou-se arrumando sua cama, até mesmo com medo de olhar para Billy.

— Nada de errado — respondeu. — Não estou muito bem, só isso.

— Dormiu mal? — perguntou o rapaz. Cleve podia sentir os olhos de Billy cravados nas suas costas.

— Não — disse ele, dando um ritmo à sua negação para que saísse bem rápido. — Tomei suas pílulas, como sempre.

— Ótimo.

A conversa esfriou, e Cleve pôde arrumar a cama em paz. Mas isso só podia ir até determinado ponto. Quando deixou o beliche

devidamente arrumado, viu Billy sentado à mesinha, com um de seus livros aberto no colo. Ele folheava casualmente o volume, sem qualquer sinal de sua suspeita anterior. Cleve, no entanto, sabia que não devia confiar em simples aparências.

— Por que lê essas coisas? — perguntou o rapaz.

— Mata o tempo — respondeu Cleve, desfazendo a arrumação do beliche ao subir nele e esticar-se.

— Não. Não estou perguntando por que você lê livros. Quero dizer, por que lê *estes* livros? Todo esse negócio sobre pecado.

Cleve só ouviu em parte a pergunta. Deitar no beliche lembrava-o demasiadamente de como havia sido a noite. Lembrava-o, também, de que a escuridão, mesmo agora, arrastava-se pelo outro lado do mundo. Ao pensar nisso, seu estômago pareceu subir à garganta.

— Você me ouviu? — perguntou o rapaz.

Cleve murmurou que sim.

— E então? Por que os livros? Sobre danação e tudo o mais?

— Ninguém mais os pega na biblioteca — respondeu Cleve, tendo dificuldade de formar pensamentos para expressar-se, quando outros, silenciosos, muito mais exigentes, pediam passagem.

— Então você não acredita?

— Não — respondeu. — Não. Não acredito numa única palavra.

O garoto ficou em silêncio durante algum tempo. Embora Cleve não olhasse para ele, pôde ouvir Billy virando uma página. Então, outra pergunta, pronunciada de modo mais baixo; uma confissão.

— Você já ficou *com medo*?

A pergunta surpreendeu Cleve, tirando-o de seu transe. A conversa passara de um diálogo sobre leitura para algo mais pertinente. Por que Billy perguntaria sobre medo, a menos que também estivesse assustado?

— O que poderia temer? — perguntou Cleve.

Com o canto do olho, viu o rapaz dar de ombros antes de responder.

— Coisas que acontecem — aduziu ele, sem vitalidade na voz.

— Coisas incontroláveis.

— Sim — respondeu Cleve, sem saber ao certo para onde ia a conversa. — Sim, claro. As vezes, tenho medo.

— O que você faz então? — perguntou Billy.

— Não há *nada* a fazer, não é? — concluiu Cleve. Sua voz estava tão baixa quanto a de Billy. — Deixei de rezar na manhã em que meu pai morreu.

Ele ouviu uma pequena batida, quando Billy fechou o livro, e inclinou a cabeça o suficiente para ver o rapaz. Billy não pôde esconder inteiramente sua agitação. Ele *está* com medo, percebeu Cleve; não quer que a noite chegue, tanto quanto eu. Ficou mais seguro com a ideia de compartilhar seu medo. Talvez o rapaz não pertencesse inteiramente à sombra; talvez até mesmo pudesse convencer Billy a desviar seu caminho para fora daquele pesadelo em espiral.

Sentou-se ereto, a cabeça a centímetros do teto da cela. Billy pareceu fugir de suas meditações; seu rosto era uma forma oval pálida, de músculos contraídos. Agora era o momento de falar, compreendeu Cleve; *agora*, antes que as luzes fossem apagadas nos andares e todas as celas mergulhadas nas sombras. Então não haveria tempo para explicações. O rapaz já estaria meio perdido para a cidade, e não poderia mais ser persuadido.

— Tenho sonhos — informou Cleve. Billy não disse nada, só olhou para ele, vazio de expressão. — Sonho com uma cidade.

O garoto nem piscou. Obviamente, não ia oferecer nenhuma explicação; teria de ser forçado.

— Você sabe do que estou falando?

— Billy sacudiu a cabeça. — Não — disse levemente. — Nunca sonho.

— Todo mundo sonha.

— Então simplesmente não me lembro dos sonhos.

— Eu me lembro dos meus — respondeu Cleve. Estava determinado, agora que abordara o assunto, a não deixar Billy escapar facilmente. — E você está lá. Você está na cidade.

Agora o rapaz piscou; só uma pestana traiçoeira, mas o bastante para assegurar a Cleve que ele não estava gastando saliva.

— Que lugar é esse, Billy? — perguntou.

— Como posso saber? — retrucou o garoto, prestes a rir, mas depois desistindo da tentativa. — Não sei, ora. Os sonhos são seus.

Antes que Cleve pudesse rebater, ouviu a voz de um dos guardas que passava pela fileira de celas, mandando que os homens fossem para a cama, pois já era noite. Em breve, as luzes seriam apagadas e Cleve estaria preso naquela cela estreita durante dez horas. Com Billy; e fantasmas...

— Na última noite — ele disse, com medo de mencionar o que vira e ouvira sem a devida preparação, mas com mais medo ainda de encarar outra noite nos limites da cidade, sozinho nas trevas. — Na última noite, eu vi — hesitou. Por que as palavras não vinham? — Vi...

— Viu o quê? — o garoto quis saber, o rosto insondável; qualquer sinal de apreensão que estivesse antes em seu rosto havia desaparecido. Talvez ele também tivesse ouvido o avanço do guarda e soubesse que não havia nada a ser feito; nenhuma maneira de evitar o avanço da noite.

— *O que você viu?* — insistiu Billy.

Cleve suspirou.

— Minha mãe — respondeu.

O rosto do rapaz só traiu seu alívio no leve sorriso que se esgueirou pelos seus lábios.

— Sim... vi minha mãe. Como se estivesse aqui.

— E isso o perturbou, não foi? — perguntou Billy.

— As vezes, os sonhos fazem isso.

O policial chegara ao B. 3. 20. — Luzes apagadas em dois minutos — disse enquanto passava.

— Você deveria tomar mais daquelas pílulas — aconselhou Billy, deixando o livro de lado e passando para o seu beliche. Então você seria como eu. Sem sonhos.

Cleve perdera. Ele, o grande blefador, fora vencido pelo garoto, e agora teria que suportar as consequências. Ficou deitado, olhando para o teto, contando os segundos até que as luzes fossem apagadas, enquanto, embaixo, o rapaz se despia e se enfiava sob os lençóis.

Ainda havia tempo de saltar e chamar o guarda de volta; tempo de bater a cabeça contra a porta até que alguém aparecesse. Mas o

que poderia dizer para justificar seu histrionismo? Que tivera pesadelos? *Quem não tinha?* Que estava com medo do escuro? *Quem não estava?* Eles ririam na sua cara e o mandariam para a cama, acabando com sua camuflagem, e o garoto e seu mestre esperando na parede. Não havia segurança nessa tática.

Nem na oração. Ele dissera a verdade a Billy sobre desistir de Deus quando suas orações pela vida de seu pai não fossem respondidas. Dessa negligência divina nascia o ateísmo; a crença não podia ser reavivada agora, por mais profundo que fosse o seu horror.

Pensamentos sobre seu pai conduziram inevitavelmente a pensamentos sobre a infância; poucos assuntos, se houvesse algum, poderiam ter despertado seu interesse o suficiente para tirá-lo de seus medos. Quando as luzes finalmente se apagaram, sua mente assustada refugiou-se em lembranças. Seu batimento cardíaco ficou mais lento; os dedos deixaram de tremer, e finalmente, sem perceber, o sono o conquistou.

As distrações disponíveis em sua mente consciente não estavam disponíveis para seu inconsciente. Uma vez adormecido, as doces recordações foram banidas; as memórias da infância se tornaram uma coisa do passado, e ele estava de volta, os pés sangrando, àquela cidade terrível.

Ou melhor, em seus limites. Pois, nessa noite, ele não seguiu a rota familiar além da casa georgiana e das casas próximas, mas caminhou pelos subúrbios da cidade, onde o vento era mais forte do que nunca, e as vozes que ele carregava, mais claras. Embora esperasse a cada passo encontrar Billy e seu companheiro tenebroso, não viu ninguém. Só borboletas o acompanhavam pelo caminho, luminosas como o mostrador do seu relógio. Elas pousavam em seus ombros e em seu cabelo como confetes, e depois voavam novamente.

Ele alcançou a margem da cidade sem incidentes e ficou ali, parado, vasculhando o deserto. As nuvens, sólidas como sempre, moviam-se no alto com a majestade de destróieres. As vozes pareciam mais próximas esta noite, pensou, e as paixões que

expressavam, menos aflitivas do que achara antes. Se essa melhora estava nelas ou na sua resposta a elas, não soube dizer.

E então, enquanto olhava as dunas e o céu, hipnotizado pelo seu vazio, ouviu um som e olhou para trás para ver um homem sorridente, vestido com o que certamente era seu traje dominical, saindo da cidade em sua direção. Trazia uma faca; o sangue nela, na sua mão e na camisa, ainda estava úmido. Mesmo nesse estado onírico, e aparentemente invulnerável, Cleve ficou intimidado pela visão e recuou — uma palavra de autodefesa nos lábios. O homem sorridente, contudo, pareceu não vê-lo, e avançou além dele rumo ao deserto, largando a lâmina enquanto cruzava alguma fronteira invisível. Só agora Cleve percebia que outros estavam fazendo o mesmo, e que o chão, no limite da cidade, estava cheio de objetos letais — facas, cordas (até mesmo uma mão humana, cortada no pulso) —, a maioria dos quais praticamente enterrada.

O vento trazia novamente as vozes: retalhos de canções insensatas e risos inacabados. Ele tirou os olhos da areia. O homem exilado já estava a cem metros da cidade e, agora, de pé no topo de uma das dunas, aparentemente esperava. As vozes tornavam-se cada vez mais altas. Cleve ficou subitamente nervoso. Sempre que estava na cidade, e escutava aquela cacofonia, a imagem que fizera de quem a produzia congelava seu sangue. Poderia agora suportar e esperar que as assombrações aparecessem? A curiosidade venceu a prudência. Colou os olhos no ponto de onde viriam, incapaz de afastar o olhar. O homem na roupa dominical começara a tirar sua jaqueta. Ele a descartou e passou a afrouxar a gravata.

E agora Cleve achava que via algo nas dunas, e o barulho evoluiu para um uivo estático de boas-vindas. Ele olhou, desafiando os nervos a traí-lo, determinado a ver esse horror nas suas muitas faces...

Subitamente, acima do barulho da música desses seres, alguém estava gritando; a voz de um homem, mas aguda, castrada pelo terror. Não vinha da cidade do sonho, mas daquela outra ficção que o ocupava, e cujo nome não conseguia recordar. Redobrou sua atenção, voltando a olhar as dunas, determinado a não perder a reunião que ocorreria diante dele. O grito naquele outro e

inominado lugar chegou a uma altura capaz de destruir a garganta, e parou. Mas agora um sino de alarme tocava em seu lugar, mais insistente do que nunca. Cleve podia sentir seu sonho escapando.

— Não... — murmurou. — ... deixe-me ver...

As dunas se moviam. Mas o mesmo acontecia com sua consciência — fora da cidade e de volta para sua cela. Seus protestos não lhe trouxeram nenhum alívio. O deserto sumiu, a cidade também. Ele abriu os olhos. As luzes na cela ainda estavam apagadas; o alarme tocava. Escutou gritos nas celas, em cima e embaixo, e o som das vozes dos guardas, subindo numa confusão de perguntas e exigências.

Ficou deitado no beliche por um momento, esperando, mesmo agora, retornar ao espaço do seu sonho. Mas não; o alarme era agudo demais, a histeria, crescente nas celas ao redor, perturbadora demais. Ele admitiu sua derrota e sentou-se, totalmente acordado.

— O que está acontecendo? — perguntou a Billy.

O rapaz não estava no seu lugar perto da parede. Dormia, pelo menos dessa vez, apesar do barulho.

— *Billy?*

Cleve curvou-se na borda do seu beliche e deu uma olhada no espaço abaixo.

Estava vazio. Os lençóis e cobertas, desfeitos.

Cleve saltou do beliche. Todo o conteúdo da cela podia ser visto em duas olhadas, não havia onde se esconder. O garoto não estava em parte alguma. Teria sido levado enquanto Cleve dormia? Não seria sem precedentes; esse era o trem-fantasma de que Devlin falara; a remoção inexplicada de prisioneiros difíceis para outros estabelecimentos. Cleve nunca ouvira dizer que isso acontecia à noite, mas havia uma primeira vez para tudo.

Foi até a porta para ver se podia entender a gritaria lá fora, mas o barulho desafiava sua compreensão. A explicação mais provável é que seria uma luta, suspeitou; dois presos que não suportavam a ideia de mais uma hora no mesmo espaço. Tentou compreender de onde viera o grito inicial, da direita ou da esquerda, de cima ou de baixo; mas o sonho confundia qualquer ideia de direção.

De pé diante da porta, esperando que um guarda passasse, sentiu uma mudança no ar. No início foi tão sutil que quase não a registrou; só quando levantou a mão para esfregar os olhos sonolentos percebeu que os braços estavam totalmente arrepiados.

Moveu os lábios para formar a palavra "Billy", mas não disse nada. O arrepio chegara à sua espinha; agora ele começava a tremer. A cela *não* estava vazia, afinal; havia alguém com ele naquele pequeno espaço.

Reuniu toda a coragem e forçou-se a virar e olhar. A cela estava mais escura do que quando acordara; o ar era um véu perturbador. Mas Billy não estava na cela; não havia ninguém.

E então ouvia-se novamente o barulho, que atraiu a atenção de Cleve para o beliche de baixo. O espaço estava negro como piche, uma sombra — como aquela na parede — profunda e volátil demais para que possuísse origens naturais. De dentro dela, uma tentativa arfante de respirar que poderia ter sido o último momento de um asmático. Ele percebeu que a escuridão na cela vinha dali — do espaço estreito da cama de Billy; a sombra vazava para o chão e se enrolava como névoa até o topo do beliche.

O suprimimento de medo de Cleve não era inesgotável. Nos últimos dias, usara-o em sonhos e em devaneios; suara, gelara, vivera no limite da experiência sã e sobrevivera. Agora, embora seu corpo ainda insistisse em se arrepiar, sua mente não fora levada ao pânico. Sentia-se mais calmo do que nunca; moldado pelos eventos recentes numa nova imparcialidade. Ele *não* ia se acovardar; *não* ia cobrir os olhos e rezar pela chegada da manhã, pois, se o fizesse, algum dia acordaria morto e nunca saberia qual a natureza daquele mistério.

Respirou fundo e aproximou-se do beliche, que começava a estremecer. O ocupante amortalhado na parte mais baixa estava se movendo violentamente.

— Billy — disse Cleve.

A sombra se moveu. Enrolou-se ao redor de seus pés; deslizou até seu rosto, rescendendo à chuva sobre pedra, fria e sem conforto.

Ele estava a menos de um metro do beliche e ainda assim não conseguia enxergar nada; a sombra o desafiava. Recusando-se a não

ver, avançou rumo à cama. Diante disso, o véu esgarçou-se como fumaça, e a forma que rolava no colchão tornou-se aparente.

Era Billy, naturalmente; mas também não era. Um Billy perdido, talvez, ou por vir. Se fosse esse o caso, Cleve não queria parte de um futuro que poderia causar tamanho trauma. Ali, no beliche inferior, uma forma sombria e miserável, ainda se solidificando, enquanto Cleve assistia, construindo-se a partir das sombras. Havia algo de raposa hidrófoba em seus olhos incandescentes, em seu arsenal de dentes afiados como agulhas; algo de inseto caído de costas no modo como curvava-se sobre si mesmo, as costas mais parecendo concha do que carne, e mais pesadelo do que ambos.

Nenhuma parte era fixa. Qualquer que fosse sua configuração (talvez tivesse muitas), Cleve presenciava a dissolução daquele estado. Os dentes tornavam-se ainda mais compridos e, ao fazê-lo, mostravam-se menos substanciais, sua matéria esticada até o ponto da fragilidade, e então dispersa como neblina; seus membros crispados, pedalando no ar, também se tornavam insignificantes. Sob o caos, ele viu o fantasma de Billy Tait, de boca aberta, balbuciando estertores, lutando para fazer-se conhecer. Ele queria enfiar a mão no redemoinho e retirar o garoto, mas sentia que o processo que presenciava tinha seu próprio ritmo e poderia ser fatal intervir. Tudo o que pôde fazer foi esperar enquanto os magros e pálidos membros de Billy e seu abdome ofegante se contorciam para se destacar daquela horrenda anatomia. Os olhos luminosos foram praticamente a última coisa a ir embora, escorrendo para fora das órbitas em milhares de filamentos que se evaporavam em fumaça negra.

Finalmente, viu o rosto de Billy, sua face inocente de qualquer expressão.

Cleve lembrou-se de como o garoto reclamara com a criatura da cidade. — *...isso dói...* — Ele dissera. *Você não me disse como doía...* — Era uma verdade incontestável. O corpo do garoto era uma ruína de suor e ossos; difícil conceber visão mais desagradável. Mas *humana*; pelo menos isso.

Billy abriu a boca. Seus lábios estavam vermelhos e viscosos, como se estivesse de batom.

— Agora... — ele perguntou, tentando falar entre respirações dolorosas — ... o que vamos fazer?

O ato de falar pareceu ser demais para ele. Fez um som de engasgo no fundo da garganta e apertou a mão contra a boca. Cleve abriu espaço enquanto Billy se levantou e cambaleou até o balde no canto da cela, reservado para os dejetos noturnos. Não conseguiu chegar lá antes que a náusea o vencesse; um fluido escorreu entre seus dedos e caiu no chão. Cleve desviou o olhar enquanto Billy vomitava, preparando-se para o fedor que teria que tolerar até a hora da limpeza na manhã seguinte. No entanto, não foi o cheiro de vômito que encheu a cela, mas algo mais adocicado e enjoativo.

Perplexo, Cleve olhou novamente para a figura agachada no canto. No chão, entre seus pés, poças de um líquido escuro; filetes desse líquido corriam por suas pernas nuas. Até mesmo na escuridão da cela, não havia dúvida de que era sangue.

Na mais organizada das prisões, a violência pode — e inevitavelmente o faz — irromper sem aviso. O relacionamento de dois presos, encarcerados juntos durante dezesseis horas de cada vinte e quatro, era imprevisível. Mas, segundo parecia aos prisioneiros e carcereiros, não havia ressentimentos entre Lowell e Nayler; nem houve som algum na cela, até que comesçassem os gritos; nenhuma discussão, nenhuma voz alterada. O que induziu Nayler a espontaneamente atacar e trucidar seu colega de cela, e depois infligir ferimentos devastadores a si mesmo, era um tema para debate no refeitório e no pátio de exercícios. O *porquê* do problema, no entanto, ficava subordinado ao *como*. Os rumores que descreviam a condição do corpo de Lowell, quando encontrado, desafiavam a imaginação; mesmo entre os homens calejados na brutalidade casual, as descrições eram ouvidas com um choque. Lowell não era muito querido; era valentão e trapaceiro. Mas nada que tivesse feito merecia tamanha mutilação. O homem fora estripado; os olhos perfurados, a genitália arrancada. Nayler, o único possível antagonista, conseguira depois abrir o próprio estômago.

Estava numa Unidade de Terapia Intensiva; o prognóstico não era esperançoso.

Foi fácil, para Cleve, com a rumorosa indignação percorrendo a ala, passar o dia despercebido. Ele também tinha uma história para contar; mas quem acreditaria nele? Ele mal conseguia acreditar em si mesmo. Na verdade, volta e meia, naquele dia, quando as imagens retornavam a ele, Cleve perguntava a si mesmo se estava inteiramente são. Mas a sanidade era uma festa móvel, não era?; a loucura de um homem podia ser a política de outro. Tudo o que ele sabia ao certo era que vira Billy Tait se transformar. Apegou-se àquela certeza com uma tenacidade nascida de um quase desespero. Se deixasse de acreditar na evidência dos seus próprios olhos, não teria nenhuma outra defesa para manter afastada a escuridão.

Depois das abluções e do café, a ala inteira foi confinada nas celas; oficinas, recreação — qualquer atividade que exigisse movimento entre os andares — foram canceladas, enquanto a cela de Lowell foi fotografada e examinada, e em seguida limpa. Depois do café, Billy dormiu durante a manhã; um estado mais próximo ao coma do que ao sono, tamanha a sua profundidade. Quando acordou para o almoço, estava mais alegre e extrovertido do que Cleve o vira em semanas. Não havia nenhum sinal, sob a conversa vazia, do que ele sabia que acontecera na noite anterior. A tarde, Cleve o confrontou com a verdade.

— Você matou Lowell — afirmou ele. Não havia por que tentar fingir ignorância; se agora o rapaz não se lembrasse do que fizera, certamente se recordaria com o tempo. E com aquela memória, quanto tempo levaria para se recordar de que Cleve assistira à sua transformação? Era melhor que confessasse logo. — Eu vi você — reiterou Cleve. — Eu vi você mudar...

Billy não pareceu muito perturbado por essas revelações.

— Sim — respondeu. — Eu matei Lowell. Você me culpa?

— A pergunta, que pedia centenas de outras, foi feita de maneira leve, como se fosse nada mais do que uma questão de pouca importância.

— O que aconteceu com você? — perguntou Cleve. — Eu vi você — *ali* — ele apontou para o beliche inferior, horrorizado com a

lembrança. — Você não era humano.

— Eu não queria que você me visse — respondeu o garoto.

— Dei as pílulas para você, não dei? Não devia ter me espionado.

— E na noite anterior... —disse Cleve. —Eu também estava acordado — continuou.

O garoto piscou como um pássaro surpreso, a cabeça ligeiramente inclinada. —

Você foi realmente idiota — comentou. — Muito idiota.

— Goste disso ou não, não estou de fora — afirmou Cleve.

— Eu tenho sonhos.

— Ah, sim. —Agora uma ruga marcava aquela testa de porcelana. — Sim. Você sonha com a cidade, não é?

— Que lugar é esse, Billy?

— Li em algum lugar: os *mortos têm estradas*. Já ouviu isso? Bem... eles também possuem cidades.

— Os mortos? Quer dizer que é algum tipo de cidade-fantasma?

— Nunca quis que você se envolvesse. Você foi mais direito comigo do que a maioria das pessoas daqui. Mas eu *lhe disse*, vim a Pentonville a negócios.

— Com Tait.

— Isso mesmo.

Cleve quis rir; o que ele ouvira — *uma cidade dos mortos*?

— só empilhava bobagem em cima de bobagem. E, no entanto, sua razão exasperada não encontrava explicação mais plausível.

— Meu avô matou os filhos — contou Billy — porque não queria passar sua condição para mais uma geração. Ele aprendeu tarde, sabe. Não percebeu, até ter esposa e filhos, que não era como a maioria dos homens. Ele era especial. Mas *não queria* passar as habilidades que recebera. E não queria que seus filhos sobrevivessem com o mesmo poder no sangue. Ele teria se suicidado, e terminado o trabalho, mas minha mãe escapou. Antes que ele pudesse encontrá-la e matá-la também, foi preso.

— E enforcado. E enterrado.

— Enforcado e enterrado; mas não *perdido*. Ninguém é perdido, Cleve. Nunca.

— Você voltou para encontrá-lo.

— Mais do que isso: para fazer com que ele *me ajudasse*. Eu sabia desde os dez anos de idade do que era capaz. Não conscientemente; mas tinha uma certa ideia. E tinha medo. E claro que tinha medo; era um mistério terrível.

— Essa mutação... você sempre a realizou?

— Não. Eu só *sabia* que era capaz dela. Vim aqui para que meu avô me ensinasse, me *mostrasse como fazer*. Mesmo agora... — olhou para os braços devastados —... com ele me ensinando... a dor é quase insuportável.

— Então por que fazer isso?

O garoto olhou para Cleve com incredulidade. — *Não* ser eu mesmo; ser sombra e fumaça. Ser algo terrível. — Ele parecia verdadeiramente surpreso com a indisposição de Cleve. — Você não faria o mesmo?

Cleve balançou a cabeça.

Billy concordou.

— Foi o que meu avô pensou. No seu julgamento, ele chamou a si mesmo de abominação. Não que compreendessem o que ele estava falando, naturalmente, mas foi isso o que falou. Ele se levantou e disse: "Sou o excremento de Satã..." — Billy sorriu com a lembrança. — "Pelo amor de Deus, me enforcuem e me queimem." Ele mudou de ideia desde então. O século está ficando velho e sem graça; precisa de novas tribos. — Olhou atentamente para Cleve.

— Não se preocupe, — falou — não vou feri-lo, a menos que comece a contar coisas. Você não vai fazer isso, não é?

— O que poderia dizer que não parecesse loucura? — Cleve respondeu, calmo. — Não. Não vou dizer nada.

— Ótimo. E logo irei embora; e você irá embora. E poderá esquecer.

— Duvido.

— Até mesmo os sonhos acabarão, quando eu não estiver aqui. Você só os compartilha comigo porque possui um ligeiro talento paranormal. Confie em mim. Não há nada o que temer.

— A cidade...

— O que tem ela?

— Onde estão seus habitantes? Não vi ninguém. Não; não é bem verdade. Vi uma pessoa. Um homem com uma faca... indo para o deserto...

— Não posso ajudá-lo. Também vou como visitante. Tudo o que sei é o que meu avô me conta; é uma cidade ocupada por almas mortas. Seja lá o que vir por lá, esqueça. Não é seu lugar. Você ainda não está morto.

Seria sábio acreditar sempre no que os mortos diziam?; seriam eles purgados de toda mentira pelo ato de morrer, e depois passarem ao próximo estágio como santos? Cleve não era tão ingênuo. Provavelmente levavam seus talentos com eles, bons e maus, e os usavam da melhor maneira possível. Havia sapateiros no céu, não havia? Tolice pensar que eles haviam esquecido de como costurar o couro.

Talvez Edgar Tait houvesse *mentido* sobre a cidade. Havia mais sobre a cidade do que Billy sabia. E as vozes no vento? O homem com a faca, deixando-a cair entre várias armas antes de ir para Deus sabe onde? Que ritual era aquele?

Agora — sem medo, e nenhuma realidade imaculada a que se agarrar —, Cleve não viu nenhuma razão para não ir voluntariamente até a cidade. O que poderia haver lá, naquelas ruas empoeiradas, que fosse pior do que vira no beliche de baixo, ou do que acontecera com Lowell e Nayler? Ao lado dessas atrocidades, a cidade era um refúgio. Havia uma serenidade nas suas ruas e praças vazias; uma sensação de que a ação terminara, de que toda a raiva e perturbação haviam acabado; de que aqueles interiores (com a água correndo e a taça cheia) tinham visto o *pior*, e que agora estavam contentes em ficar esperando o milênio. Quando aquela noite trouxe o sono, e a cidade se abriu diante dele, Cleve entrou não como um homem assustado em território hostil, mas como um visitante contente em relaxar num lugar que conhecia bem demais para se perder, mas não o bastante para se entediar.

Como em resposta à sua tranquila descoberta, a cidade se abriu para ele. Percorrendo as ruas, os pés sangrentos como sempre,

descobriu as portas escancaradas, as cortinas das janelas recolhidas. Não depreciou o convite que ofereciam, mas foi olhar mais de perto as casas e sobrados. Numa inspeção mais atenta, descobriu que não eram paradigmas de calma doméstica, como acreditara primeiramente. Em cada lugar descobriu algum sinal de violência recente. Em um, talvez não mais do que uma cadeira virada, ou uma marca no chão onde um calcanhar deslizara numa mancha de sangue; em outros, manifestações mais óbvias. Um martelo, com um coágulo na unha, fora abandonado numa mesa coberta com jornais. Havia uma sala com as tábuas do assoalho arrancadas, e pacotes de plástico negro, suspeitamente úmido, colocados próximo ao buraco. Em uma delas, havia um espelho em pedaços; em outra, uma dentadura abandonada ao lado de uma lareira onde o fogo crepitava e cuspia.

Eram cenas de assassinatos, todas elas. As vítimas tinham partido — para outras cidades, talvez, cheias de crianças trucidadas e amigos assassinados —, deixando essas imagens fixadas para sempre nos momentos sem fôlego que se seguiram aos crimes. Cleve desceu as ruas, o perfeito *voyeur*, e espiou cena após cena, reconstruindo em sua mente as horas que haviam precedido a estudada quietude de cada sala. Aqui morrera uma criança: seu berço estava virado; ali, alguém havia sido assassinado na cama, o travesseiro empapado de sangue, o machado no tapete. Seria aquela a danação? Os matadores obrigados a esperar por uma parte da eternidade (talvez por toda ela) na sala onde haviam matado?

Dos próprios malfeitores não viu nada, embora a lógica dissesse que deviam estar por perto. Será que tinham o poder da invisibilidade para se ocultarem dos olhos curiosos de passantes sonhadores, como ele? Ou será que um período neste lugar em parte alguma os transformava, de modo que não fossem mais carne e sangue, mas uma parte das suas celas: uma cadeira, uma boneca de porcelana?

Então lembrou-se do homem no perímetro da cidade, que aparecera com sua melhor roupa, as mãos cobertas de sangue, e caminhara para o deserto. *Ele* não estava invisível.

— Onde está você? — perguntou ele, de pé no limiar de uma sala comum, com o fogão aberto e utensílios na pia, a água correndo sobre eles. — Apareça.

Sua visão captou um movimento e então olhou para a porta. Havia um homem ali. Estivera ali o tempo todo, percebeu Cleve, mas tão parado, tão perfeitamente harmonizado com o resto da sala, que não ficara visível até que moveu os olhos e olhou na direção de Cleve. Este sentiu uma pontada de inquietação, pensando que cada quarto que espiara possuía, provavelmente, um ou mais matadores, cada um similarmente camuflado pelo êxtase. O homem, sabendo que fora visto, saiu do esconderijo. Estava no final da meia-idade, e havia se cortado de manhã fazendo a barba.

— Quem é você? — perguntou o homem. — Já vi você antes. Caminhando por aí — falou de modo triste e suave. Um estranho matador, pensou Cleve.

— Só um visitante — disse ao homem.

— Não existem visitantes aqui — respondeu ele. — Só futuros moradores.

Cleve franziu a testa, tentando entender o que o homem dizia. Mas sua mente no sonho era vagarosa, e antes que pudesse solucionar o enigma das palavras do homem vieram outras.

— Eu conheço você? — perguntou o homem. — Percebi que esqueço cada vez mais. Não adianta, não é? Se eu esquecer nunca irei embora, irei?

— Ir embora? — repetiu Cleve.

— Fazer uma troca — explicou o homem, realinhando a peruca.

— E ir para onde?

— De volta. Fazer de novo.

Agora ele se aproximou de Cleve. Esticou as mãos, palmas para cima; estavam cheias de bolhas.

— Você pode me ajudar — afirmou ele. — Posso fazer um acordo com os melhores deles.

— Não estou entendendo.

O homem pensou obviamente que ele blefava. Seu lábio superior, que possuía um bigode tingido de preto, curvou-se. — Entende, sim — disse ele. — Você entende perfeitamente. Quer

apenas se vender, como todo mundo. Oferta mais alta, é? O que é você, um assassino?

Cleve balançou a cabeça.

— Estou apenas sonhando — respondeu.

A irritação do homem amainou.

— Seja camarada — pediu. — Eu não tenho influência; não como alguns. Alguns deles, sabe, vêm para cá e vão embora em questão de horas. São profissionais. Eles fazem negócios. Mas e eu? Comigo foi um crime passional. Não me preparei. Ficarei aqui até fazer um acordo. Por favor, seja camarada.

— Não posso ajudá-lo — declarou Cleve, sem ao menos estar certo do que o homem estava pedindo.

O matador assentiu. — É claro que não — reconheceu ele.

— Eu não esperava...

Deu as costas a Cleve e foi até o forno. O calor saía dali e formava uma miragem na grelha. Casualmente, colocou uma das mãos na porta e a fechou; assim que ele o fez, ela se abriu novamente. — Sabe como é apetitoso o cheiro de defunto cozinhando?

— perguntou, enquanto voltava à porta do forno e tentava fechá-la uma segunda vez.

— Será que alguém pode me culpar? Pode?

Cleve o deixou com seus pensamentos; se havia algum sentido ali, não merecia seu esforço para compreendê-lo. Essa conversa de trocas e fuga da cidade desafiava a compreensão de Cleve.

Ele continuou perambulando, cansado agora de olhar para dentro das casas. Vira tudo o que quisera ver. Certamente, a manhã estava próxima, e o sino tocaria na prisão. Talvez fosse melhor acordar a si mesmo e acabar com a viagem naquela noite.

Enquanto pensava nisso, viu a garota. Ela não devia ter mais que seis ou sete anos, e estava de pé na encruzilhada ali perto. Certamente, não era uma matadora.

Caminhou em sua direção. Ela, por timidez ou outro motivo menos benigno, virou para a direita e saiu correndo. Cleve a seguiu. Quando chegou à encruzilhada, ela já estava longe, na rua seguinte; novamente a seguiu. Aparentemente, nessas perseguições oníricas

as leis físicas não afetavam do mesmo modo perseguidos e perseguidores. A garota parecia mover-se com facilidade, enquanto Cleve lutava contra um ar tão espesso quanto o melado. No entanto, não desistiu, mas esforçou-se para alcançar a menina. Logo estava longe de qualquer local que reconhecesse: uma colmeia de pátios e becos — todos, supostamente, cenas de atrocidades. Ao contrário das ruas principais, este gueto continha poucos espaços inteiros; só pedaços de geografia: um gramado, mais vermelho do que verde; um andaime com um nó de força pendurado; um monte de terra, e agora, simplesmente, uma parede.

A garota o levara para um beco sem saída; ela mesma desaparecera, deixando-o diante de uma simples parede de tijolos, muito desgastada, com uma janela estreita.

Ele se aproximou; era claramente isso que fora conduzido a ver. Espiou pelo vidro reforçado, sujo do lado de fora por um acúmulo de fezes de pássaros, e viu que estava olhando para uma das celas de Pentonville. Seu estômago revirou-se. Que tipo de jogo era esse? Sair de uma cela para aquela cidade, num sonho, só para voltar à prisão? Mas alguns segundos de estudo esclareceram que não era a *sua* cela. Era a de Lowell e Nayler. Eram deles as fotos coladas no tijolo cinzento; deles, o sangue espalhado no chão, na parede, no beliche e na porta. Era outra cena de um crime.

— Deus todo-poderoso — murmurou. — Billy...

Afastou-se da parede. Na areia, a seus pés, lagartos copulavam; o vento que descobrira o caminho para aquele beco trouxera borboletas. Enquanto assistia à sua dança, o sino tocou na ala B, e era manhã.

Era uma armadilha. Seu mecanismo não estava claro para Cleve — mas ele não tinha dúvidas quanto à sua finalidade. Billy iria para a cidade; em breve. A cela em que cometera o assassinato já o esperava, e de todos os locais amaldiçoados que Cleve vira naquela geografia de crimes, certamente a pequena cela encharcada de sangue era o pior. O rapaz não sabia o que estava sendo planejado para ele; seu avô mentira sobre a cidade, por omissão, deixando de contar a Billy que qualificações especiais eram necessárias para existir nela. E por quê? Cleve recordou a conversa oblíqua que tivera

com o homem na cozinha. Aquela história de trocas, de tratos, de *voltar*. Edgar Tait se arrependera dos seus pecados, não se arrependera? Decidira, com o passar dos anos, que ele *não era* o excremento do Diabo, que voltar ao mundo não era uma ideia tão ruim assim. De algum modo, Billy seria um instrumento daquele retorno.

— Meu avô não gosta de você — disse o garoto, quando foram trancados depois do almoço. Pelo segundo dia consecutivo, todas as atividades de recreação e de oficinas haviam sido canceladas, enquanto um inquérito estava sendo feito cela por cela sobre a morte de Lowell, e — desde as primeiras horas da manhã — de Nayler.

— Não? — disse Cleve. — E por quê?

— Ele diz que você faz perguntas demais. Na cidade.

Cleve estava sentado no beliche de cima; Billy, numa cadeira contra a parede oposta. Os olhos do garoto estavam injetados; um tremor leve, mas constante, tomava conta do seu corpo.

— Você vai morrer — afirmou Cleve. De que outra maneira falar sobre o assunto, a não ser assim? — Eu vi... na cidade...

Billy balançou a cabeça.

— As vezes, você fala como um louco. Meu avô diz que não devo confiar em você.

— Ele está com medo de mim, é por isso.

Billy riu com escárnio. Era um som desagradável, aprendido, adivinhou Cleve, com o avô Tait. — Ele não tem medo de ninguém — respondeu Billy.

— Tem medo do que verei. Do que vou contar a você.

— Não — respondeu o garoto, com absoluta convicção.

— Ele disse para você matar Lowell, não disse?

Billy levantou a cabeça bruscamente.

— Por que disse isso?

— Você nunca quis assassiná-lo. Talvez assustá-los um pouco; mas não *matá-los*.

Foi ideia do seu querido avô.

— Ninguém me diz o que fazer — respondeu Billy; seu olhar estava gelado. — Ninguém.

— Tudo bem — admitiu Cleve. — Talvez ele o tenha *persuadido*, hein? Talvez tenha dito a você que era uma questão de orgulho familiar. Algo assim? — A observação, claramente, tocara um nervo; os tremores aumentaram.

— E daí? E se ele fez isso?

— Já vi para onde você vai, Billy. Para um lugar que espera por você... — O rapaz olhou para Cleve com intensidade, mas não o interrompeu. — Só assassinos ocupam a cidade, Billy. E por isso que seu avô está lá. E se ele puder encontrar um substituto — se ele puder fazê-lo cometer mais crimes — poderá ficar livre.

Billy ficou de pé, o rosto furioso. Não havia ali mais nenhum traço de zombaria.

— O que quer dizer com *livre*?

— De volta ao mundo. *De volta para cá.*

— Você está mentindo...

— Pergunte a ele.

— Ele não me enganaria. E sangue do meu sangue.

— Você acha que ele se importa? Depois de cinquenta anos naquele lugar, esperando uma chance de sair. Você acha que ele dá *a mínima* para como vai fazer isso?

— Vou contar a ele como você mente... — avisou Billy. A raiva não estava diretamente direcionada para Cleve; havia ali uma ponta de dúvida que Billy estava tentando suprimir. — Você está morto — reiterou ele. — Quando ele descobrir como está tentando me envenenar contra ele. Você irá vê-lo, então. Oh, sim. Irá vê-lo. E então desejará nunca ter nascido.

Parecia não ter saída. Mesmo que Cleve pudesse convencer as autoridades a removê-lo antes do cair da noite (uma chance realmente pequena; ele teria que reverter tudo o que alegara sobre o garoto, dizer a eles que Billy era perigosamente insano, ou algo parecido; certamente, não a verdade), mesmo que ele conseguisse ser transferido para outra cela, não havia nenhuma promessa de segurança nessa manobra. O garoto havia dito que era fumaça e sombra. Nem portas nem barras podiam manter insinuações como aquelas a distância; o destino de Lowell e Nayler era prova disso. E Billy não estava sozinho. Havia Edgar St. Clair Tait; que poderes ele

possuiria? No entanto, ficar na mesma cela com o rapaz naquela noite seria o mesmo que suicídio. Ele estaria se entregando às mãos de monstros.

Quando deixaram suas celas para a refeição noturna, Cleve procurou Devlin, achou-o, e pediu a oportunidade de uma pequena entrevista, que foi concedida. Depois da refeição, Cleve foi ter com o oficial.

— O senhor me pediu para ficar de olho em Billy Tait.

— O que há com ele?

Cleve pensara muito no que poderia dizer a Devlin que o levasse a ser transferido imediatamente; não veio nada à sua cabeça. Gagaejou, esperando alguma ideia, mas não tinha nada a dizer.

— Eu... eu... quero pedir uma transferência de cela.

— Por quê?

— O garoto é um desequilibrado — respondeu Cleve. — Tenho medo que ele me machuque. Tenha outro ataque...

— Você pode derrubá-lo com uma mão amarrada atrás das costas; ele está em péssimo estado. — Nesse ponto, se estivesse falando com Mayflower, Cleve poderia ter feito um apelo direto ao homem. Com Devlin, essas táticas estavam fadadas ao fracasso desde o início.

— Não sei por que você está reclamando. Ele tem se comportado muito bem — sentenciou Devlin, apreciando a paródia de um pai carinhoso. — Quietos... sempre educados. Ele não é perigoso para você nem para ninguém.

— O senhor não conhece ele...

— O que está tentando fazer?

— Me coloque numa cela de Regra 43, senhor. *Qualquer lugar, eu não me importo. Só me tire do caminho dele. Por favor.*

Devlin não respondeu, mas olhou para Cleve perplexo. Finalmente, disse: — Você está *com medo* dele.

— Estou.

— O que há de errado com você? Já dividiu celas com caras durões e nunca se assustou.

— Ele é diferente — respondeu Cleve; não havia muito a dizer, exceto: — Ele é louco. Estou dizendo ao senhor que ele é louco.

— Todo mundo é louco, exceto eu e você, Smith. Não sabia? — Devlin riu. — Agora volte para sua cela e pare de reclamar. Você não quer uma carona no trem-fantasma, quer?

Quando Cleve voltou à cela, Billy estava escrevendo uma carta. Sentado em seu beliche, curvado sobre o papel, parecia inteiramente vulnerável. O que Devlin havia dito era verdade: o rapaz *estava* em péssimo estado. Era difícil acreditar, olhando para a escada das suas vértebras, visíveis sob a camiseta, que aquela forma frágil pudesse sobreviver aos estertores da transformação. Mas talvez não pudesse; talvez os rigores da mudança o despedaçassem com o tempo. Mas não cedo o bastante.

— Billy...

O garoto não tirou os olhos da carta.

— ... o que eu disse, sobre a cidade...

Ele parou de escrever...

— .. talvez eu *estivesse* imaginando tudo. Apenas sonhando...

...e recomeçou.

— ...só disse isso porque fiquei preocupado com você. Isso é tudo. Quero que sejamos amigos...

Billy olhou para ele.

— Não está em minhas mãos.— respondeu, com muita simplicidade. — Não agora.

E com meu avô. Ele pode ser misericordioso; pode não ser.

— Por que precisa contar a ele?

— Ele sabe o que está em mim. Ele e eu... somos como um só. E por isso que eu sei que ele não me enganaria.

Logo seria noite. As luzes se apagariam na ala, as sombras chegariam.

— Então só preciso esperar, não é? — perguntou Cleve.

Billy concordou.

— Vou chamá-lo, e então veremos.

Chamá-lo?, pensou Cleve. Será que o velho precisava ser invocado do seu lugar de repouso todas as noites? Era isso que ele vira Billy fazer, de pé no meio da cela, olhos fechados e rosto voltado para a janela? Caso fosse, talvez o rapaz pudesse ser *impedido* de chamar os mortos.

Enquanto a noite se aprofundava, Cleve ficou deitado em seu beliche e pensou sobre suas opções. Seria melhor esperar ali, e ver que julgamento viria de Tait, ou tentar controlar a situação e bloquear a chegada do velho? Se fizesse isso, não haveria retorno; nenhum espaço para pedidos de desculpas: sua agressão indubitavelmente geraria agressão. Se não conseguisse impedir o garoto de chamar Tait, seria o fim.

As luzes se apagaram. Nas celas dos cinco andares da Ala B, os homens voltavam os rostos para os travesseiros. Alguns, talvez, ficariam acordados planejando suas carreiras, quando aquele pequeno hiato em suas vidas profissionais acabasse; outros estariam nos braços de amantes invisíveis. Cleve prestou atenção nos sons da cela: o barulhento progresso da água nos canos, a fraca respiração do beliche de baixo. As vezes, parecia que ele vivera uma segunda vida naquele travesseiro mofado, um naufrago nas trevas.

A respiração em baixo logo tornou-se praticamente inaudível; tampouco havia som de movimento. Talvez Billy estivesse esperando que Cleve adormecesse antes de agir. Se era esse o caso, o garoto esperava em vão. Ele não fecharia os olhos, deixando que o massacrassem enquanto dormia. Não era um porco para ser levado ao matadouro sem reclamar.

Movendo-se da maneira mais cautelosa possível, para não levantar nenhuma suspeita, Cleve desafivelou o cinto e o puxou das calças. Conseguiria uma corda mais adequada rasgando o lençol e a fronha, mas não poderia fazer isso sem chamar a atenção de Billy. Agora esperava, cinto na mão, e fingia estar dormindo.

Esta noite, ele estava grato pelo fato de o barulho na ala impedi-lo de dormir, porque Billy só saiu do seu beliche duas horas depois, duas horas em que —apesar de temer o que poderia acontecer, caso dormisse — as pálpebras de Cleve o traíram em três ou quatro ocasiões. Mas outros na prisão estavam chorosos naquela noite; as mortes de Lowell e Nayler haviam assustado até mesmo os presos mais durões. Gritos — e respostas ofensivas dos que haviam sido acordados — pontuavam as horas. Apesar da fadiga nos membros, o sono não o dominou.

Quando Billy finalmente saiu do beliche inferior, já passava de meia-noite, e o andar estava praticamente silencioso. Cleve podia escutar a respiração do garoto; não era mais regular, mas estava contida. Prestou atenção, com os olhos quase fechados, enquanto Billy cruzava a cela até chegar no seu lugar costumeiro diante da janela. Não havia dúvida de que ele estava prestes a chamar o velho.

Enquanto Billy fechava os olhos, Cleve se sentou, jogou longe o lençol e desceu do beliche. O garoto demorou a reagir. Antes que compreendesse direito o que estava acontecendo, Cleve havia cruzado a cela e jogado o rapaz contra a parede, tapando sua boca com a mão.

— Não, nada disso — sussurrou. — Não vou acabar como Lowell — Billy lutou, mas Cleve o dominou facilmente.

— Ele não virá esta noite — disse Cleve, olhando nos olhos arregalados do rapaz. — Porque você não vai chamá-lo.

Billy lutou com mais violência para se libertar, mordendo com força a mão do agressor. Cleve instintivamente removeu sua mão e em dois passos o rapaz estava na janela, erguendo o braço. Na sua garganta, um estranho semicântico; no seu rosto, lágrimas súbitas e inexplicáveis. Cleve o arrastou para longe.

— Pare com esse barulho! — gritou. Mas o garoto continuava. Cleve bateu nele, com a mão aberta, mas com força, bem no rosto. — *Cale a bocal* — repetiu. Ainda assim, o garoto se recusava a parar de cantar; agora a música adquirira outro ritmo.

Novamente, Cleve bateu nele; e mais uma vez. Mas o ataque não conseguiu silenciá-lo. Houve um sussurro e mudança de ar na cela; uma alteração no *jogo* de luzes e sombras. As sombras estavam se movendo.

O pânico tomou conta de Cleve. Sem avisar, cerrou o punho e bateu com força no estômago do garoto. Quando Billy se curvou, um *upper-cut* acertou seu queixo. Ele bateu com a cabeça contra a parede, o crânio acertando o tijolo. As pernas de Billy cederam, e ele desmaiou. Um peso-leve, pensara Cleve certa vez, e tinha razão. Dois bons socos e o garoto fora a nocaute.

Cleve olhou rapidamente ao redor da cela. O movimento nas sombras fora contido; no entanto, elas tremiam, como galgos

esperando a liberação. Com o coração em disparada, ele levou Billy de volta ao seu beliche e o deitou. Não havia nenhum sinal de retorno da consciência; o rapaz jazia frouxo no colchão, enquanto Cleve rasgava seu lençol e o amordaçava, enfiando uma bola de tecido na boca do garoto para evitar que ele emitisse algum som por trás da mordança. Então, passou a amarrar Billy ao beliche, usando seu cinto e o do garoto, suplementado por outras cordas feitas com lençóis rasgados. Levou vários minutos para terminar o trabalho. Os olhos de Billy se abriram, cheios de perplexidade. Então, percebendo sua situação, começou a jogar a cabeça de um lado para o outro; não podia fazer muito mais para demonstrar seu protesto.

— Não, Billy — murmurou Cleve para ele, jogando um lençol sobre seu corpo preso para impedir que algum carcereiro o visse pela portinhola antes da manhã. — Esta noite, você não vai trazê-lo. Tudo o que eu disse era verdade, garoto. Ele quer sair; e pretende usar você como via de escape. — Cleve segurou a cabeça de Billy, os dedos pressionando suas faces. — Ele não é seu amigo. *Eu sou*. Sempre fui. — Billy tentou livrar sua cabeça das mãos de Cleve, sem sucesso. — Não gaste sua energia — aconselhou Cleve. — Vai ser uma longa noite.

Deixou o rapaz no beliche, cruzou a cela até a parede, e deslizou por ela até agachar-se, de cócoras, e ficar vigiando. Ficaria acordado até de manhã, e então, quando houvesse alguma luz para pensar, bolaria seu próximo plano. Por enquanto, estava contente com o fato de que suas táticas rudes haviam funcionado. O garoto parara de lutar; obviamente, havia percebido que os nós estavam muito bem-feitos para que pudesse afrouxá-los. Um tipo de calma desceu sobre a cela; Cleve sentado no raio de luz que entrava pela janela, o garoto deitado na escuridão do beliche inferior, respirando de maneira regular pelas narinas. Cleve olhou o relógio. Faltavam seis minutos para uma da madrugada. Quando chegaria a manhã? Ele não sabia. Cinco horas, pelo menos. Descansou a cabeça e olhou para a luz.

Ela o hipnotizou. Os minutos passavam lenta, mas regularmente, e a luz não mudava. As vezes, um policial passava pelo andar, e Billy, ouvindo os passos, começava novamente a lutar.

Mas ninguém olhou dentro da cela. Os dois prisioneiros foram deixados com seus pensamentos: Cleve se perguntando se algum dia estaria livre da sombra atrás dele, Billy entretendo os pensamentos sobre monstros aprisionados que passam pela cabeça. E os minutos das horas mortas passavam, minutos que se arrastavam pela mente como crianças obedientes, um sobre os calcanhares do seguinte, e, depois da passagem de sessenta, aquela soma era chamada de uma hora. E a aurora estava um pouco mais perto, não estava? Mas a morte também, e assim, provavelmente, o final do mundo: aquela gloriosa última trombeta de que Bishop falara com tanto carinho, quando os homens mortos sob o gramado lá fora se levantariam frescos como o pão de ontem e encontrariam seu criador. E sentado ali, contra a parede, escutando as inspirações e expirações de Billy, e contemplando a luz no vidro e através do vidro, Cleve soube sem sombra de dúvida que mesmo que escapasse dessa cilada, seria apenas um alívio temporário; que aquela longa noite, seus minutos, suas horas, eram um gosto prévio de uma vigília mais longa. Quase se desesperou naquele momento; sentiu sua alma afundar num buraco de onde não parecia haver esperança de salvação. *Ali* estava o mundo real, chorou. Nenhuma alegria, nenhuma luz, nenhuma expectativa; só essa espera na ignorância, sem esperança, nem mesmo o medo, pois o medo só vinha com aqueles medos a serem perdidos. O buraco era profundo e escuro. Ele espiou para fora, para a luz através da janela, e seus pensamentos tornaram-se um círculo miserável. Esqueceu o beliche e o rapaz deitado ali. Esqueceu a dormência nas pernas. Poderia, com o tempo, ter esquecido até mesmo o simples ato de respirar, se não fosse pelo cheiro de urina que o tirou de sua fuga.

Olhou para o beliche. O garoto estava esvaziando a bexiga; mas aquele ato era simplesmente um sintoma de alguma outra coisa. Sob a coberta, o corpo de Billy mexia-se de uma dúzia de maneiras que seus nós deveriam evitar. Cleve precisou de alguns segundos para livrar-se da letargia, e ainda outros para perceber o que estava acontecendo. Billy estava mudando.

Cleve tentou ficar de pé, mas seus membros inferiores estavam mortos depois de ficar tanto tempo parado. Quase caiu para

frente, e só conseguiu se equilibrar esticando o braço para pegar a cadeira. Seus olhos estavam colados na escuridão do beliche inferior. Os movimentos aumentavam em escala e complexidade. O lençol foi jogado para fora. Sob ele, o corpo de Billy já estava além do reconhecimento; o mesmo procedimento terrível que já vira antes, e coagulando em formas atrozes. Membros e órgãos invocados do inefável, dentes se formando como agulhas e aparecendo numa cabeça que crescera e ainda estava inchando. Implorou a Billy que parasse, mas com cada respiração havia menos humanidade a quem apelar. A força que o garoto não possuía fora dada à fera; ela já se livrara de quase todos os nós, e agora, enquanto Cleve assistia, lutou para soltar-se do último, e rolou do beliche para o chão da cela. Cleve recuou até a porta, os olhos perscrutando a forma alterada de Billy. Lembrou-se do horror de sua mãe por lacraias e viu algo do inseto naquela anatomia: a maneira como ele curvava suas costas brilhantes sobre si mesmo, expondo o labirinto de patas que percorria seu abdome. Em outras partes, nenhuma analogia era evidente. A cabeça estava cheia de línguas que limpavam os olhos com lambidas e corriam para cima e para baixo nos seus dentes, molhando-os constantemente; de buracos purulentos em seus flancos, vinha um fedor de esgoto. No entanto, até mesmo agora havia algum resíduo de humanidade preso àquela podridão, o seu rumor só servindo para aumentar a imundície do todo. Vendo seus ganchos e espinhos, Cleve recordou-se do grito crescente de Lowell; sentiu a própria garganta pulsar, pronta a deixar escapar um som semelhante, se a fera se voltasse para ele.

Mas Billy tinha outras intenções. Ele se moveu — os membros num feixe horrível — até a janela e se esticou, pressionando a cabeça contra o vidro como uma sanguessuga. A música que produziu não era semelhante à canção anterior — mas Cleve não tinha dúvida de que era a mesma invocação. Voltou-se para a porta e começou a bater nela, esperando que Billy estivesse distraído demais com o seu chamado para voltar-se contra ele antes que chegasse ajuda.

— Depressa! Pelo amor de Deus! Depressa! — Ele gritou o mais alto que sua exaustão permitiu e olhou sobre os ombros para

ver se Billy avançava em sua direção. Não estava; continuava agarrado à janela, embora seu chamado já estivesse quase silencioso. Sua finalidade fora alcançada. A escuridão tiranizava a cela.

Em pânico, Cleve voltou-se para a porta e recomeçou a bater com as mãos. Havia alguém correndo pelo andar agora; ele podia escutar gritos e xingamentos de outras celas. — Meu Deus, socorro! — gritou. Sentia um calafrio nas costas. Não precisava voltar-se para saber o que estava acontecendo. A sombra crescia, o muro se dissolvia de modo que a cidade e o seu ocupante pudessem atravessá-lo. Tait estava ali. Podia sentir a presença do homem, vasta e tenebrosa. Tait, o matador de crianças; Tait, a coisa da escuridão; Tait, o mutante. Cleve bateu na porta até que suas mãos sangrassem. Os pés pareciam estar a um continente de distância. Estavam chegando? Estavam chegando?

O calafrio atrás dele tornou-se um vento gelado. Viu sua sombra lançada contra a porta pela luz azul oscilante; sentiu o cheiro de areia e sangue.

E então, a voz. Não a do garoto, mas do avô, de Edgar St. Clair Tait. Este era o homem que se declarara o excremento do Diabo, e ouvindo aquela voz abominável, Cleve acreditou tanto no inferno quanto no seu mestre, acreditou que já estava nos intestinos de Satã, uma testemunha de suas maravilhas.

—Você é curioso demais — censurou Edgar. — Está na hora de ir para a cama.

Cleve não quis se voltar. Seu último pensamento era de que *deveria* se voltar e encarar a presença. Mas não estava mais sujeito à própria vontade; Tait tinha dedos na sua cabeça e estava mexendo nela. Ele se virou e olhou.

O enforcado estava na cela. Não era a besta que Cleve vira parcialmente, a face de larvas e ovos. Estava lá em carne e osso; vestido para outra era, e não sem charme. Seu rosto era bem-feito; a testa larga, os olhos sem hesitação. Ainda usava sua aliança de casamento na mão que acariciava a cabeça curvada de Billy, como a um cão de estimação.

— Hora de morrer, senhor Smith — disse ele.

Do lado de fora, Cleve ouviu Devlin gritando. Ele não tinha fôlego para responder. Mas estava ouvindo chaves na fechadura ou era só uma ilusão que sua mente criara para aplacar o pânico?

A pequena cela estava cheia de vento. E o vento jogou longe a cadeira e a mesa, e levantou os lençóis no ar com fantasmas da infância. E agora levava Tait, e o garoto com ele; sugava-os de volta para as perspectivas fugidias da cidade.

— Venha agora — exigiu Tait, o rosto se corrompendo. — Precisamos de você, de corpo e alma. Venha conosco, senhor Smith. Não seremos recusados.

— Não! — Cleve gritou de volta para o seu atormentador. A sucção puxava seus dedos, seus olhos. — Eu não vou...

Atrás dele, a porta estalava.

— Eu não vou, está ouvindo?

Subitamente, a porta foi aberta, e ele jogado para a frente e para dentro do vórtice de névoa e poeira que empurrava Tait e seu neto para longe. Quase foi com eles, mas uma mão segurou sua camisa e o arrastou de volta, enquanto sua consciência se entregava.

Em algum lugar, muito longe, Devlin começou a rir como uma hiena. Ele enlouqueceu, concluiu Cleve; e a imagem que seus pensamentos eclipsados evocaram foi do conteúdo do cérebro de Devlin escapando pela sua boca como uma matilha de cães voadores.

Ele acordou em sonhos; e na cidade. Acordou lembrando-se de seus últimos momentos conscientes; a histeria de Devlin, a mão impedindo sua queda, enquanto as duas figuras eram sugadas para longe dele. Ele as seguira, aparentemente, incapaz de evitar que sua mente em coma trilhasse novamente a rota familiar para a metrópole dos matadores. Mas Tait ainda não vencera. Só estava *sonhando* com sua presença ali.

Sua personalidade corpórea ainda estava em Pentonville; seu deslocamento em relação a ele informava cada um dos seus passos.

Escutou o vento. Era eloquente como sempre; as vozes indo e vindo em cada brisa cheia de areia, mas nunca, até mesmo quando o vento quase morria, desaparecendo inteiramente. Enquanto escutava, ouviu um grito. Naquela muda cidade, aquilo era um

choque; espantou ratos dos seus ninhos, e pássaros voaram de alguma praça isolada. Curioso, ele perseguiu o som, cujos ecos quase podiam ser traçados no ar. Enquanto corria pelas ruas vazias, escutou outras vozes que se elevavam, e agora homens e mulheres apareciam nas portas e janelas de suas celas. Tantos rostos, e nada em comum entre eles para confirmar as esperanças de um fisionomista. O assassinato tinha tantas faces quanto ocorrências. A única qualidade comum era a miséria de mentes desesperadas depois de uma era no local do seu crime. Olhou para elas enquanto passava, distraído o suficiente pelas suas aparências para não notar até onde o grito o levava, até descobrir mais uma vez o gueto, até onde a criança o conduzira.

Agora ele dobrava uma esquina e, no final do beco que vira na visita anterior (a parede, a janela, a câmara sangrenta além), estava Billy, contorcendo-se na areia aos pés de Tait. O garoto parecia estar entre sua própria forma e a da fera que se tornara diante dos olhos de Cleve. A parte melhor estava em convulsões, tentando se livrar da outra, mas sem sucesso. Num momento, o corpo do rapaz emergia, branco e frágil, só para ser absorvido no momento seguinte pelo fluxo da transformação. Seria um braço que se formava, e era agarrado novamente antes que pudesse ganhar dedos? Era um rosto pressionado pela casa de línguas que era a cabeça do monstro? A visão desafiava a análise. Assim que Cleve fixava alguma característica reconhecível, ela era novamente afogada.

Edgar Tait tirou os olhos da luta à sua frente e mostrou os dentes para Cleve, em *performance* que daria inveja a um tubarão.

— Ele duvidou de mim, senhor Smith... — disse o monstro — ... e veio procurar a sua cela.

Na colcha de retalhos da areia, surgiu uma boca que deu um grande grito, cheio de dor e terror.

— Agora ele quer se afastar de mim — continuou Tait. — Você acendeu a dúvida dele. Ele precisa sofrer as consequências.

— Apontou um dedo trêmulo para Cleve, e, no ato de apontar, o membro se transformou, a carne tornando-se couro machucado. — Você veio onde não era chamado, e veja a agonia que causou.

Tait chutou a criatura a seus pés. Ela rolou sobre as costas, vomitando.

— Ele precisa de mim — reconheceu Tait. — Não consegue perceber isso? Sem mim, ele está perdido.

Cleve não deu resposta ao enforcado, mas abordou a fera na areia.

— Billy — falou ele, chamando o garoto para fora do seu fluxo.

— *Perdido* — disse Tait.

— Billy... — repetiu Cleve. — Me escute...

— Ele não vai voltar agora — afirmou Tait. — Você só está sonhando isto. Ele está *aqui*, em carne e osso.

— *Billy* — insistiu Cleve. — Está me ouvindo? Sou eu; é o Cleve.

O garoto pareceu fazer uma pausa nos seus giros por um instante, como se ouvisse o apelo. Cleve repetiu de novo o nome de Billy, e de novo.

Era uma das primeiras coisas que a criança humana aprendia; a reconhecer o próprio nome. Se alguma coisa podia alcançar o rapaz, certamente seria o próprio nome.

— Billy... Billy... — com a repetição da palavra, o corpo se enroscou.

Tait pareceu ficar inquieto. A confiança que apresentara agora fora silenciada. Seu corpo estava escurecendo, a cabeça tornava-se bulbosa. Cleve tentou tirar os olhos das *sutis* distorções da anatomia de Edgar e se concentrar na reconquista de Billy. A repetição do seu nome dava resultados; a fera estava sendo vencida. A cada instante, uma parte maior do garoto emergia. Ele parecia digno de pena; pele e osso na areia negra. Mas seu rosto estava quase reconstruído agora, e os olhos fitavam Cleve.

— Billy...?

Ele assentiu. Seu cabelo estava colado à testa com suor; os membros se moviam em espasmos.

— Você sabe onde está? *Quem* você é?

No início parecia que a compreensão abandonara o garoto. E então — aos poucos — o reconhecimento formou-se nos seus olhos, e com ele veio um terror do homem de pé sobre ele.

Cleve deu uma olhada em Tait. Nos últimos segundos, desde que olhara pela última vez, quase todas as suas características humanas haviam sido apagadas de sua cabeça e do torso superior, revelando corrupções ainda mais profundas do que as do neto. Billy olhou sobre o ombro, como um cão chicoteado.

— *Você me pertence* — pronunciou Tait, embora a configuração de seu rosto parecesse indicar a impossibilidade de falar. Billy viu os membros descendo para agarrá-lo, e levantou-se para escapar deles, mas foi lento demais. Cleve viu o gancho cheio de espinhos do membro de Tait enrolar-se ao redor do pescoço de Billy e puxá-lo. O sangue saltou da garganta cortada, e com ele o gemido do ar escapando.

— Comigo — disse Tait, as palavras se deteriorando num resmungo incompreensível.

Subitamente, o beco estreito estava se enchendo de luz, e o menino, Tait e a cidade estavam sendo apagados. Cleve tentou segurá-los, mas escaparam dele; no seu lugar, outra realidade concreta: uma luz, um rosto (rostos) e uma voz chamando-o de um absurdo para outro.

A mão do médico estava em seu rosto. Era úmida.

— Que diabos estava sonhando? — perguntou, o perfeito idiota.

Billy se fora.

De todos os mistérios que o diretor — e Devlin e os outros policiais que entraram na cela B. 3. 20 naquela noite — precisou encarar, a desapareção total de William Tait de uma cela trancada foi a mais desconcertante. Da visão que deixou Devlin rindo como um doido nada foi dito; era mais fácil crer em alguma ilusão coletiva do que acreditar que tinham visto alguma realidade objetiva. Quando Cleve tentava falar sobre os acontecimentos daquela noite, e das muitas noites anteriores, seu monólogo, interrompido muitas vezes por lágrimas e silêncios, era recebido com entendimento fingido e olhares de soslaio. No entanto, contou a história várias vezes, apesar da condescendência dos ouvintes; e eles, sem dúvida procurando por uma pista entre suas fábulas lunáticas quanto à realidade do ato houdiniano de Billy Tait, escutaram cada palavra. Quando não

acharam nada em suas histórias que ajudasse nas investigações, começaram a perder a paciência com ele. O consolo foi substituído por ameaças. Exigiram, com vozes cada vez mais altas, saber onde estava Billy. Cleve respondeu da única maneira que sabia. — Para a cidade — contou. — Ele é um assassino, sabe?

— E o corpo dele? — o diretor quis saber. — Onde você acha que está o *corpo* ?

Cleve não sabia, e foi o que disse. Só muito depois, quatro dias mais tarde, quando estava diante da janela, olhando a equipe de jardinagem levando as plantas da primavera por entre as alas, lembrou-se da grama.

Encontrou Mayflower, que voltara à Ala B para substituir Devlin, e disse ao policial a inspiração que tivera. — Está no túmulo — afirmou. — Está com o avô. Fumaça e sombra.

Eles desenterraram o caixão durante a noite, com um escudo elaborado de estacas e toldos para ocultar as escavações de olhos curiosos, e lâmpadas, claras como o dia, mas não tão quentes, iluminavam os esforços dos voluntários da equipe de exumação.

A resposta de Cleve ao enigma do desaparecimento de Tait fora recebida com perplexidade quase universal, mas nenhuma explicação — por mais absurda que fosse — estava sendo posta de lado num mistério tão insondável. Assim, eles se reuniram na tumba sem lápide para remover a terra que não parecia ter sido mexida durante cinco décadas; o diretor, uma seleção de policiais do gabinete central, um patologista e Devlin. Um dos médicos, acreditando que a ilusão mórbida de Cleve seria melhor tratada se ele visse o conteúdo do caixão e contemplasse o terror com seus próprios olhos, convenceu o diretor de que Cleve também deveria estar entre os espectadores.

Havia pouco no interior do caixão de Edgar St. Clair Tait que Cleve já não tivesse visto antes. O cadáver do assassino — devolvido aqui (como fumaça, talvez) nem exatamente fera, nem exatamente humano, e preservado, como Bishop prometera, tão inteiro como no dia da sua execução — compartilhava o caixão com Billy Tait, que estava deitado, nu como um bebê, no abraço de seu avô. O braço corrompido de Edgar ainda estava ao redor do pescoço de Billy, e as

paredes do caixão estavam escuras de sangue coagulado. Mas o rosto de Billy não fora tocado. *Ele parece uma boneca*, observou um dos médicos. Cleve quis replicar, dizendo que boneca nenhuma tinha aquelas manchas de lágrimas no rosto, nem tamanho desespero nos olhos, mas o pensamento recusou-se a sair em palavras.

Cleve foi libertado de Pentonville três semanas depois, após um apelo especial na Junta da Condicional, com apenas dois terços da sua sentença completados. Ele voltou, depois de meio ano, à única profissão que já conhecera. Qualquer esperança que tivera de estar livre de seus sonhos teve vida curta. O lugar ainda estava com ele; nem tão nítido nem tão assustador quanto antes, agora que Billy — cuja mente abrira aquela porta — se fora, mas ainda um terror potente, presença constante que desgastava Cleve.

As vezes, os sonhos desapareciam quase inteiramente, só para voltarem mais tarde com intensidade terrível. Cleve levou vários meses para entender o padrão desta oscilação. *Pessoas* traziam o sonho para ele. Se ele passasse algum tempo com alguém que tinha intenções de assassinato, a cidade voltava. E essas pessoas não eram raras. Quando ficou mais sensível à marca letal nas pessoas à sua volta, descobriu que mal podia andar na rua. Estavam *em toda parte*, esses assassinos embrionários; pessoas vestindo roupas da moda, rostos alegres, caminhavam pela calçada e imaginavam, enquanto andavam, as mortes de patrões e de cônjuges, de estrelas de novelas e de alfaiates incompetentes. O mundo tinha assassinato em sua mente, e ele não podia mais suportar seus pensamentos.

Só a heroína oferecia alguma liberação do fardo dessa experiência. Ele nunca usara muita H intravenosa, mas ela estava rapidamente se tornando céu e terra para ele. Era um vício caro, porém, um que seu círculo cada vez menor de contatos profissionais não podia financiar. Foi um homem chamado Grimm — outro viciado tão desesperado para evitar a realidade, que chegava a ficar em êxtase com leite fermentado — que sugeriu a Cleve um trabalhinho para ganhar uma grana que pudesse aplacar seu apetite. Parecia uma boa ideia. Um encontro foi arranjado, e uma proposta foi feita. O pagamento pelo trabalho era tão alto que não podia ser

recusado por um homem tão necessitado de dinheiro. O trabalho naturalmente, era um assassinato.

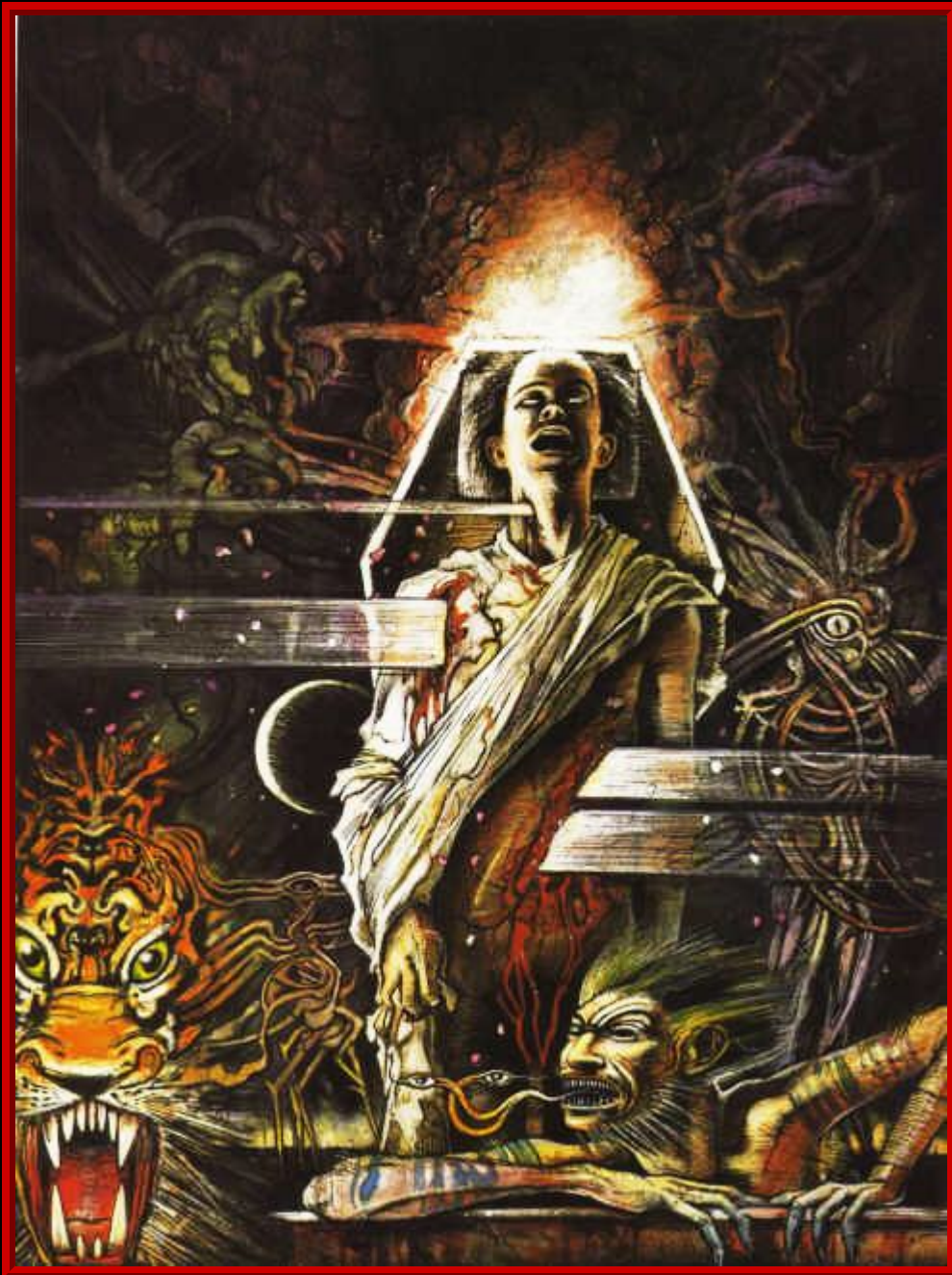
Não existem visitantes aqui; só futuros moradores. Ele escutara isso antes, embora não se lembrasse mais de quem, e acreditava em profecias. Se não cometesse o assassinato agora, seria apenas uma questão de tempo até fazê-lo.

Mas, embora os detalhes do assassinato que cometeu fossem muito e terrivelmente familiares para ele, Cleve não antecipou a colisão de circunstâncias que terminou fazendo com que fugisse da cena do crime descalço, e correu tanto no pavimento e no asfalto que, quando a polícia o cercou e atirou nele, seus pés estavam sangrando e prontos, finalmente, para andar pela rua da cidade — como fizera nos sonhos.

A sala em que matara esperava por ele, e ele viveu ali, escondendo sua cabeça de qualquer um que aparecesse na rua, durante vários meses. (Ele acreditava que ali o tempo passava, pois sua barba crescera; embora raramente o sono viesse, e nunca chegasse o dia.) Depois de algum tempo, no entanto, enfrentou com bravura o vento fresco e as borboletas, e foi até o perímetro da cidade, onde as casas rareavam e o deserto reinava. Foi, não para ver as dunas, mas para escutar as vozes que sempre vinham, subindo e descendo, como os uivos de chacais ou de crianças.

Ficou ali durante muito tempo, e o vento conspirou com o deserto para enterrá-lo. Mas não se desapontou com o fruto de sua vigília. Pois certo dia (ou ano), viu um homem chegar àquele lugar e deixar cair uma arma na areia, e depois ir para o deserto, onde, após algum tempo, os donos das vozes vieram encontrá-lo, pulando como selvagens, dançando nas suas muletas. Eles o cercaram, gargalhando. Foi com eles, gargalhando. E embora a distância e o vento nublassem sua visão, Cleve teve certeza de que viu o homem ser agarrado por um dos celebrantes, e levado nos ombros como um garoto, sendo depois conduzido nos braços de outro, como um bebê, até que, no limite de seus sentidos, escutou o homem chorar enquanto era entregue de volta à vida. Foi embora satisfeito, sabendo finalmente como o pecado (e ele) tinham vindo ao mundo.

Volume VI



A MORTE VIVA

Era a primeira edição do dia do jornal, e Elaine devorou-o da primeira à última página, sentada na sala de espera do hospital. Um animal, que imaginava-se ser uma pantera — o qual vinha aterrorizando a vizinhança de Epping Forest há dois meses — fora capturado, e descobriu-se que era um cão selvagem. Arqueólogos no Sudão haviam descoberto fragmentos ósseos que, acreditavam poderiam levar a uma reavaliação das origens do Homem. Uma jovem, que um dia dançara com alguém da Família Real, tinha sido encontrada morta nas proximidades de Clapham; um Homem que dava a volta ao mundo sozinho em um iate havia desaparecido; fortes esperanças, recentemente criadas, de cura definitiva de resfriados pareciam destruídas. Elaine lia com a mesma avidez notícias internacionais e comentários corriqueiros — qualquer coisa para não pensar no exame que tinha pela frente — mas as notícias de hoje eram bastante semelhantes às de ontem; apenas os nomes haviam sido alterados.

O dr. Sennett informou-a de que estava se recuperando muito bem, tanto interna quanto externamente, e que poderia retomar todas as suas atividades tão logo se sentisse preparada psicologicamente. Ela deveria marcar outra consulta para a primeira semana do novo ano, disse ele, quando então se procederia ao último exame. Quando se foi, ele estava lavando as mãos que a haviam examinado.

A ideia de entrar logo no ônibus e ir direto para o seu quarto parecia-lhe repugnante após tanto tempo sentada, esperando; resolveu então que andaria um ou dois quarteirões a pé. O exercício lhe faria bem: era dezembro, e o dia de inverno, apesar de bastante frio, estava claro. Seus planos, entretanto, demonstraram ter sido

pretensiosos. Após não mais que alguns minutos de caminhada, começou a sentir dores no abdômen e enjoo, por isso saiu da rua principal para procurar um local onde pudesse descansar e tomar um chá. Sabia que também deveria comer, ainda que seu apetite, que nunca fora bom, tivesse piorado após a operação. Elaine foi recompensada por suas perambulações. Encontrou um pequeno restaurante que, apesar de faltarem cinco minutos para as 13 horas, não estava ainda tomado pela clientela do almoço. Uma mulher pequena, os cabelos ruivos obviamente tingidos, serviu seu chá e uma omelete de cogumelos. Ela esforçou-se ao máximo para comer, mas não teve muito sucesso. A garçonete ficou visivelmente perturbada.

— Algo errado com a comida? — perguntou, um pouco irritada.

— Não, não — garantiu Elaine. — E comigo mesma.

Mesmo assim, a garçonete pareceu ter se ofendido.

— Mas eu gostaria de um pouco mais de chá, se for possível — pediu.

Afastou o prato, na esperança de que a garçonete o levasse logo. Ter de ficar olhando sua refeição esfriar não estava ajudando seu humor. Odiava esse seu estado de sensibilidade indesejável: era um absurdo que um prato de ovos, ainda por comer, lhe causasse depressão, mas aquilo estava fora de seu controle. Parecia ouvir os ecos de sua sensação de perda por toda parte. Ecoava na morte das flores no canteiro de sua janela, devido às geadas inesperadas de dezembro — afinal, o mês de novembro havia sido brando; ecoava também na lembrança do cão selvagem, cuja morte em Epping Forest fora mostrada pelo jornal. A garçonete voltou com seu chá, mas não retirou o prato. Elaine chamou-a e pediu que o fizesse. Ela obedeceu, resmungando. Agora havia mais clientes no local além de Elaine, e a garçonete mantinha-se ocupada tirando os cardápios de almoço de cima das mesas e substituindo-os pelos *menus* de jantar. Elaine permaneceu sentada, olhando pela janela. Nuvens de fumaça cinza-azulada haviam tomado a rua durante os últimos minutos, alterando a luz do sol.

— Estão queimando outra vez — falou a garçonete. — Essa droga de cheiro invade tudo.

— O que estão queimando?

— Era um centro comunitário. Estão destruindo o antigo para construir um novo. Um desperdício do dinheiro dos contribuintes.

A fumaça estava realmente invadindo o restaurante, mas não incomodava Elaine; era um cheiro que lembrava o outono, sua estação preferida. Curiosa, terminou de beber o chá, pagou a conta e resolveu ir andando até encontrar o que provocava a fumaça. Não precisou andar muito. No fim da rua havia uma pequena praça, dominada pelo local da demolição. Encontrou, entretanto uma surpresa ali. O prédio descrito pela garçonete como um comunitário era na verdade uma igreja; ou pelo menos um dia fora. Já haviam retirado do telhado as folhas de zinco e as telhas, deixando as vigas expostas ao céu; as janelas tinham sido desnudadas de suas vidraças; não se via mais verde no que um dia fora um gramado, ao longo do prédio, e duas árvores foram derrubadas no local. Queimavam numa fogueira, produzindo o cheiro torturante.

Elaine duvidava que o prédio fora realmente belo, mas ainda sobrara o suficiente de sua estrutura para que chegasse à conclusão de que um dia tivera algum charme. Suas paredes de pedra, gastas pelo tempo, destoavam dos tijolos e do concreto à sua volta, mas sua aparência de praça de guerra (os operários pelejando para derrubá-lo; o trator a postos, com fome de detritos) fazia com que oferecesse algum encanto.

Um ou dois operários repararam que ela estava ali, assistindo enquanto trabalhavam, mas nenhum fez menção de impedi-la quando resolveu atravessar a praça até a varanda da igreja e olhar para dentro. O interior, já despido de sua decoração em alvenaria, do púlpito, da pia batismal, dos bancos e todo o resto, era apenas uma grande sala de pedra, totalmente pobre em termos de atmosfera e austeridade. Entretanto, alguém havia se interessado por alguma coisa ali. Na outra ponta da igreja, um homem, de costas para Elaine, olhava concentrado o chão. Ao ouvir passos atrás de si, virou-se com ar culpado.

— Ah — ele disse — não vou demorar.

— Tudo bem — respondeu Elaine. — Acho que nós dois estamos em propriedade alheia.

O homem concordou. Estava vestido de maneira sóbria — sombria até — com exceção de sua gravata-borboleta verde. Seu rosto, apesar dos trajes e dos cabelos brancos, que mostravam um homem de meia-idade, não apresentava rugas, como se nem sorrisos nem maus humores pudessem perturbar sua perfeita indiferença.

— Triste, não é? — ele comentou. — Ver um lugar assim, deste jeito.

— Você conhecia a igreja como era antes?

— Eu vinha aqui de vez em quando, mas nunca foi um local muito frequentado.

— Como se chamava?

— Todos os Santos. Foi construída no final do século dezessete, eu acho. Gosta de igrejas?

— Não especialmente. É que vi a fumaça, e...

— Todo mundo gosta de assistir a uma demolição — ele disse.

— E — ela concordou. — Acho que é verdade.

— E como assistir a um enterro. Antes eles do que nós, não é mesmo?

Ela murmurou algo concordando, mas sua mente voou para outro lugar. De volta ao hospital. A sua dor e sua melhora atual. A sua vida, salva através da perda da capacidade de gerar nova vida. *Antes eles do que nós.*

— Meu nome é Kavanagh. — O homem andava a curta distância que os separava, sua mão estendida.

— Como vai? Sou Elaine Rider.

— Elaine. Lindo nome.

— Está apenas dando uma última olhada, antes que ponham tudo abaixo?

— Isso mesmo. Estava observando as inscrições nas pedras do chão. Algumas são bastante eloquentes. — Ele empurrou um pequeno pedaço de madeira de cima de uma das pedras com o pé. — Parece uma perda tão grande. Tenho certeza de que vão simplesmente estilhaçar as pedras em mil pedaços quando começarem a quebrar o chão.

Elaine olhou para as pedras aos seus pés. Nem todas eram marcadas: entre as que eram, muitas continham apenas nomes e datas. Havia, entretanto, algumas inscrições. Uma, à esquerda de onde ele estava, mostrava um relevo quase completamente gasto de ossos cruzados, como baquetas de um tambor, e o lema desconexo: *Recupere o tempo*.

— Acho que no passado havia uma cripta aqui debaixo — falou Kavanagh.

— Ah, sim. E estas seriam pessoas que foram enterradas nesta cripta.

— Bem, não consigo pensar em nenhuma outra justificativa para as inscrições, e você? Tinha pensado em pedir aos operários... — fez uma pausa no meio da frase — ..você certamente achará que é uma coisa absolutamente mórbida...

—O quê?

— Bem, pedir que preservem uma ou duas das melhores pedras, para não as destruírem.

— Não acho que seja mórbido — disse Elaine. — Elas são lindas.

Kavanagh animou-se com a resposta.

— Talvez eu deva falar com eles agora mesmo — resolveu. — Você me daria licença um minutinho?

Ele deixou-a no meio da igreja, como uma noiva abandonada, enquanto ia interrogar um dos operários. Ela foi até onde havia sido o altar, lendo os nomes pelo caminho. Quem saberia, ou a quem interessaria o local de sepultura destas pessoas, a esta altura? Mortos há mais de duzentos anos, sem um lugar carinhosamente guardado para a posteridade: simplesmente caídos no esquecimento. E subitamente a esperança de uma vida após a morte, que havia mantido durante seus trinta e quatro anos, desapareceu; não sentia mais o peso daquela vaga ambição de chegar ao céu. Algum dia, talvez mesmo *naquele* dia, ela morreria, assim como aquelas pessoas haviam morrido, e isso não teria muita importância. Não havia nada por vir, nada ao que aspirar, nada com o que sonhar. Elaine ficou pensando nisso, entre o sol e a fumaça, e sentiu-se quase feliz.

Kavanagh voltou de seu encontro com o capataz.

— Existe realmente uma cripta — informou — mas ainda não foi esvaziada.

— Ah.

“Ainda estão ali debaixo”, ela pensou. “Pó e ossos”.

— Parece que não estão conseguindo entrar lá. Todas as entradas foram fechadas. Por isso estão cavando em volta da fundação. Para tentar encontrar outra maneira de entrar.

— E comum as criptas estarem totalmente fechadas?

— Não tão bem fechadas quanto esta.

— Talvez não houvesse mais espaço — comentou.

Kavanagh considerou o comentário com seriedade. — Talvez — murmurou.

— E eles vão lhe dar uma das pedras?

Balançou a cabeça que não.

— Não podem resolver isso. São apenas lacaios do Conselho. Parece que possuem uma firma de escavadores profissionais, que vêm e transportam os corpos para novos túmulos. É preciso que isso seja feito com toda dignidade.

— Como se eles ligassem — murmurou Elaine, baixando novamente os olhos para ver as pedras.

— Eu também acho — replicou Kavanagh. — Parece, no entanto, um certo exagero com relação aos fatos. Mas, por outro lado, talvez não tenhamos suficientemente a Deus.

— É provável.

— De qualquer forma, disseram-me para voltar daqui a um ou dois dias e perguntar aos rapazes da remoção.

Ela riu ao imaginar os mortos mudando de residência; guardando e levando seus bens e pertences. Kavanagh alegrou-se, pensando ter feito uma piada, mesmo que não fosse intencional. Entusiasmado com seu poder de sedução, perguntou:

— Será que poderia lhe convidar para um drinque?

— Acho que não seria muito boa companhia. Estou realmente muito cansada.

— Talvez pudéssemos nos encontrar mais tarde — sugeriu Kavanagh.

Ela tirou os olhos de seu rosto, com uma expressão ansiosa. Ele era até agradável, de uma forma inexpressiva. Gostara de sua gravata-borboleta verde — certamente um toque de humor em contrapartida à sua própria insipidez. Seu modo sério também a agradara. Mas não suportava a ideia de beber com ele; pelo menos não naquela noite. Desculpou-se e explicou que estivera doente recentemente, e que ainda não havia recuperado suas energias.

— Outro dia, talvez? — ele perguntou, dócil. A falta de agressividade em seu cortejo persuadiu-a, e ela respondeu:

— Seria ótimo. Obrigada.

Antes de se separarem trocaram números de telefone. Ele parecia encantado com a ideia de se reencontrarem; isso a fez sentir que, apesar de tudo o que lhe haviam tirado, ainda possuía sua sexualidade. Voltou ao apartamento, para encontrar no degrau de entrada um pacote enviado por Mitch e um gato faminto. Alimentou o animal, fez café e abriu o pacote. Dentro dele, aninhado em diversas camadas de papel crepom, achou um lenço de seda, escolhido por Mitch com seu olho único para o gosto de Elaine. O bilhete que acompanhava dizia apenas: *E a sua cor. Te amo. Mitch.* Sentiu vontade de pegar o telefone na mesma hora e falar com ele, mas de algum modo escutar sua voz parecia uma ideia perigosa. Muito próximo da ferida, talvez. Ele perguntaria como estava se sentindo, ela responderia que estava bem, e ele insistiria: *é, mas bem mesmo? E ela diria: estou vazia, tiraram metade de minhas entranhas, seu filho da mãe, e eu nunca vou poder ter seus filhos, ou de mais ninguém; então é isso, e fim de papo, certo?* Só de pensar nessa conversa sentiu que iria chorar e, num acesso de raiva inexplicável, embrulhou o lenço no papel rasgado e o enfurnou bem no fundo de sua maior gaveta. O canalha queria agora fazê-la sentir-se melhor, ao passo que, na época em que mais havia precisado dele, só soubera falar em ser pai, e como os tumores dela impediriam que ele o fosse.

A noite estava clara — o tecido frio do céu esticado a ponto de rasgar.

Elaine não queria fechar as cortinas do quarto da frente, mesmo sabendo que quem passasse na rua poderia olhar para

dentro, porque o azul do céu, cada vez mais escuro, estava bonito demais para não ser admirado. Portanto, sentou-se à janela para assistir à chegada da escuridão. E só bloqueou o frio que vinha através da janela quando se deu a última alteração no céu.

Estava sem apetite, mas mesmo assim preparou algo e sentou-se em frente à televisão enquanto comia. Sem terminar de comer tudo, colocou a bandeja no chão e adormeceu, a programação chegando a ela de forma intermitente. Um comediante sem graça, que não precisava fazer mais do que tossir para que a platéia gargalhasse; um programa de história natural sobre a vida no Serengeti; o telejornal. Já lera tudo o que precisava saber de manhã: as notícias não haviam mudado.

Algo, porém, despertou sua curiosidade: uma entrevista com o navegador solitário, Michael Maybury, que fora resgatado naquele dia, após duas semanas à deriva no Pacífico. A reportagem era transmitida da Austrália, e o contato estava ruim; a figura de Maybury, barbudo e queimado de sol, sofria a constante ameaça de ser tomada pelos chuviscos. Mas a imagem era de pouca importância: a história que ele contava de sua viagem fracassada era de prender a atenção mesmo sem a parte visual, especialmente um acontecimento que parecia angustiá-lo mesmo agora enquanto o narrava. Seu veleiro havia parado devido à calmaria, e como não possuía motor ele viu-se forçado a esperar novos ventos. Que não vieram. Uma semana havia se passado sem que se movesse mais do que um quilômetro do mesmo local do oceano lânguido; não passara nenhum pássaro ou barco para quebrar sua monotonia. A cada hora que transcorria, sua claustrofobia aumentava; no oitavo dia, assumiu proporções de pânico, ele desceu pela lateral do veleiro e saiu nadando, amarrado ao barco pela cintura, na tentativa de fugir daqueles poucos metros de convés. Entretanto, quando viu-se longe do veleiro, sentindo a água morna e calma, não teve vontade alguma de voltar. Por que não desatar o nó, pensou, e sair boiando?

— O que fez com que mudasse de ideia? — indagou o repórter.

Maybury franziu a testa. Chegara ao ponto central de sua história, mas não queria terminá-la. O repórter repetiu a pergunta.

Finalmente, o navegador respondeu, com hesitação:

— Eu olhei na direção do veleiro... e vi uma pessoa no convés.
O repórter, achando que talvez não tivesse escutado direito, insistiu:

— Uma pessoa no convés?

— Isso mesmo — confirmou Maybury. — Havia alguém lá. Eu vi uma figura, bem nitidamente... caminhando.

— E você... você reconheceu esse clandestino?

Maybury fechou a cara, sentindo que sua história estava sendo tratada de modo ligeiramente sarcástico.

— Quem era? — insistiu o repórter.

— Não sei. A Morte, eu acho.

O repórter ficou momentaneamente sem palavras.

— Mas é claro que você voltou ao barco, no final.

— É claro.

— E não havia nem sinal de ninguém?

Maybury olhou para seu interlocutor, lançando um certo olhar de desprezo.

— Eu sobrevivi, não foi?

O repórter insinuou algo como se não entendesse onde ele queria chegar.

— Não morri afogado — declarou Maybury. — Eu poderia ter morrido ali, se quisesse. Ter desamarrado a corda e me deixado afogar.

— Mas não o fez. E no dia seguinte...

— No dia seguinte, o vento melhorou.

— E uma história extraordinária — concluiu o repórter, satisfeito com o fato de que a parte mais difícil da entrevista já havia passado. — Você deve estar ansioso para rever sua família neste Natal...

Elaine não prestou atenção à troca final de cordialidades. Sua imaginação estava presa, como por uma corda fina, ao quarto; seus dedos brincavam com o nó. Se a Morte podia encontrar um veleiro perdido no Pacífico, deveria ser bem mais fácil encontrá-la. Sentar ao seu lado, talvez, enquanto dormia. Ficar assistindo-a enquanto seguia com seu luto. Levantou-se e desligou a televisão. O apartamento ficou repentinamente silencioso. Questionou o

silêncio impaciente, mas não havia sinal algum de outra presença, bem-vinda ou não.

Enquanto prestava atenção, sentiu um gosto de água salgada. Do oceano, com certeza.

Ofereceram-lhe diversos refúgios onde poderia convalescer-se logo que recebeu alta do hospital. Seu pai a convidara para ficar em Aberdeen; Rachel, sua irmã, pedira várias vezes que fosse por algumas semanas para Buckinghamshire; até Mitch telefonara para sugerir que passassem os feriados juntos. Rejeitara todas as ofertas, dizendo a eles que queria restabelecer o ritmo de sua vida anterior o mais rápido possível; retornar ao trabalho, aos colegas de escritório e aos amigos. Na verdade, suas razões eram mais profundas. Tivera *medo* da compaixão deles, medo de que o carinho pudesse torná-la dependente. Seu jeito independente, que a trouxera àquela cidade hostil, desafiava calculadamente sua necessidade asfixiante de segurança.

Sabia que, se cedesse àqueles convites carinhosos, logo criaria raízes em solo familiar e nem olharia para o mundo exterior durante mais um ano. Neste tempo, quantas aventuras não poderia ter perdido?

Em vez disso, voltara ao trabalho logo que se sentira melhor, na esperança de que, apesar de não ter retomado todas as suas atividades anteriores, as rotinas às quais estava acostumada ajudariam-na a restabelecer sua vida normal. Mas essa estratégia não foi inteiramente eficaz. Volta e meia alguma coisa acontecia — ela escutava comentários ou percebia olhares que não deveria perceber — fazendo entender que todos a tratavam com cautela, que seus colegas de trabalho consideravam-na substancialmente mudada por causa da doença. Isso a enfurecia. Quis cuspir suas suspeitas na cara deles; informá-los de que ela e seu útero não eram sinônimos e que a remoção de um, não significava uma diminuição do outro.

Mas neste dia, ao retornar ao escritório, Elaine não tinha tanta certeza de que eles estavam errados. Sentia-se como se não dormisse há várias semanas, apesar de que vinha dormindo muitas horas e muito profundamente todas as noites. Sua visão estava

turva, e tinha uma sensação estranha de distância com relação aos acontecimentos do dia, sensação que ela associava a um grau extremo de fadiga, como se estivesse sendo levada para cada vez mais longe do trabalho em sua mesa; para longe de suas sensações, e mesmo de seus pensamentos. Duas vezes naquela manhã começara a dizer algo, para em seguida pensar quem estaria formando aquelas palavras. Certamente não era *ela*; estava muito ocupada com o ato de escutar.

De repente, uma hora após o almoço, as coisas mudaram para pior. Foi chamada à sala de seu supervisor, que pediu para ela se sentar.

— Você está bem, Elaine? — perguntou o sr. Chimes.

— Estou. Estou bem.

— Estamos um pouco preocupados...

— Com o quê?

Chimes mostrou-se ligeiramente constrangido.

— Seu comportamento — disse ele, finalmente. — Não pense que estou tentando me meter, Elaine. Só queria dizer que se você precisar de mais algum tempo para se recuperar...

— Não há nada de errado comigo.

— Mas tem chorado...

— Quê?

— O modo como está chorando hoje. Estamos preocupados.

— Chorando? Eu não choro.

O supervisor ficou confuso.

— Mas você chorou hoje o dia inteiro. Está chorando agora.

Elaine levou uma mão vacilante ao rosto. Realmente, ela *realmente* chorava. Seu rosto estava molhado. Então levantou-se, chocada com sua própria conduta.

— Eu não... Eu não sabia — soluçou. Apesar de parecer absurdo, era verdade. Ela *não sabia*. Só agora, com a observação de seu supervisor, passou a sentir o gosto das lágrimas em sua garganta e nariz; e, com este gosto, veio a lembrança de quando exatamente começara este comportamento excêntrico: diante da televisão, na noite anterior.

— Por que não vai para casa mais cedo?

— Está bem.

— Pode ficar fora o resto da semana, se quiser — falou Chimes.

— Você é uma funcionária de muito valor, Elaine; eu não preciso nem dizer isso. Não queremos que nada aconteça a você.

Este último comentário fez Elaine refletir. Será que eles pensavam que ela estava à beira do suicídio? Era por isso que estavam pisando em ovos? Meu Deus, eram apenas lágrimas, e ela tão indiferente que nem as percebera.

— Vou para casa — decidiu. — Obrigada por... se preocupar.

O supervisor pareceu consternado. — Deve ter sido uma experiência muito traumática. Nós todos compreendemos, acredite. Se você quiser falar a respeito, qualquer dia desses...

Ela recusou a oferta, mas agradeceu novamente e saiu da sala. Frente a frente consigo mesma no espelho do toalete feminino, Elaine viu que sua aparência era mesmo péssima. O rosto estava vermelho, os olhos inchados. Fez o que pôde para esconder os indícios dessa tristeza indolor, depois apanhou o casaco e seguiu para casa. Quando chegou à estação do metrô, resolveu que não seria uma boa ideia voltar ao apartamento vazio. Iria remoer os acontecimentos, dormir (dormia tanto ultimamente, um sono tão completamente sem sonhos), mas nenhuma dessas duas alternativas levariam a uma melhora em seu estado mental. Foi o sino da Santos Inocentes, soando na tarde ensolarada, que a fez lembrar da fumaça, da praça e de Kavanagh. Resolveu que aquele seria o lugar ideal para caminhar. Tomaria um pouco de sol e aproveitaria para pensar. Talvez encontrasse seu admirador mais uma vez.

Não foi difícil encontrar o caminho até a igreja de Todos os Santos, mas decepcionou-se ao chegar lá. O local da demolição fora interditado, suas fronteiras demarcadas por uma fileira de pequenos postos ligados por uma fita vermelha. A área era vigiada por apenas quatro policiais, que conduziam os pedestres em direção a um desvio por fora da praça. Os operários e suas máquinas haviam sido exilados dos escombros da igreja, e um grupo totalmente diferente — acadêmicos, de terno e gravata — tomara conta da zona demarcada pelas fitas, alguns entrosados em conversas, outros de pé

sobre a terra lamacenta, mirando a igreja abandonada, perplexos. O cruzeiro e boa parte da área à sua volta haviam sido isolados do olhar do público por um arranjo de panos e folhas de plástico pretas. De vez em quando, alguém emergia por trás desse véu para consultar outra pessoa do lado de fora. Todos, notou Elaine, vestiam luvas; um ou outro usava também máscara. Era como se estivessem realizando algum tipo de cirurgia por trás daqueles panos. Um tumor, quem sabe, nas entranhas da Todos os Santos.

Aproximou-se de um dos policiais.

— O que está acontecendo?

— As fundações estão instáveis — disse ele. — Pelo jeito, isso tudo pode desabar a qualquer instante.

— Por que estão usando máscaras?

— É apenas uma precaução, devido à poeira.

Ela não discutiu, apesar da explicação parecer-lhe improvável.

— Se quiser chegar até a rua Temple, terá de contornar por trás. — informou o policial.

O que ela queria mesmo era ficar ali, assistindo aos trabalhos, mas a proximidade do quarteto uniformizado a intimidava: então desistiu e foi para casa. Quando começou a voltar para a rua principal, avistou uma figura conhecida, atravessando a outra ponta de uma das ruas da praça. Era Kavanagh, sem sombra de dúvida. Chamou seu nome, apesar dele já ter sumido de vista, e ficou contente ao vê-lo voltar ao seu campo de visão e acenar com a cabeça.

— Que surpresa. — Kavanagh veio em sua direção. — Não esperava encontrá-la aqui tão cedo.

— Vim ver o resto da demolição — comentou Elaine.

O rosto de Kavanagh estava corado pelo frio, e seus olhos brilhavam.

— Fico satisfeito. Gostaria de tomar um chá? Conheço um lugar ótimo logo ali na esquina.

— Gostaria sim.

Enquanto caminhavam em direção à casa de chá, Elaine perguntou se ele sabia o que estava acontecendo na Todos os Santos.

— É a cripta — ele respondeu. Confirmava as suspeitas dela.
— Foi aberta?
— Bem, tenho certeza de que encontraram uma forma de entrar. Eu estive aqui pela manhã...
— Por causa das pedras?
— Isso mesmo. Já estavam colocando os panos.
— Alguns deles estavam de máscara.
— O cheiro lá embaixo não deve ser muito agradável. Não depois desse tempo todo.

Relembrando a cortina preta erguida entre ela e o mistério contido ali, Elaine falou:

— Queria saber como é.
— Uma maravilha — retrucou Kavanagh.

A resposta foi estranha, mas ela não a questionou, pelo menos não naquele momento. Mais tarde, porém, quando já estavam sentados, conversando há uma hora, e sentia-se mais à vontade com ele, retornou ao assunto.

— O que disse sobre a cripta...
— Sim?
— Disse que era um lugar maravilhoso.
— Eu disse isso? — Ele pareceu um pouco encabulado. — O que você não deve estar pensando de mim!
— Fiquei intrigada. Não sabia o que queria dizer.
— Gosto de lugares onde estão os mortos. Sempre gostei.

Alguns cemitérios são muito bonitos, não acha? Mausoléus e tumbas; o trabalho artístico fino que existe nestes locais. As vezes, vale a pena examinar até os mortos mais de perto. — Ele olhou para ela, querendo ver se havia ultrapassado seu limite de bom gosto, mas, ao constatar que ela apenas o olhava com fascinação, continuou: — Podem ser muito belos, em certas ocasiões. Tem um certo encanto. E uma pena que todo o encanto é desperdiçado com agentes e diretores funerários. — Ele sorriu, um pequeno e malicioso sorriso. — Tenho certeza de que há muito para se ver dentro daquela cripta. Coisas estranhas. Coisas maravilhosas.

— Só vi uma pessoa morta na minha vida. Minha avó. Eu era muito nova, na época...

— Deve ter sido uma experiência muito importante.

— Acho que não. Na verdade, quase não me lembro de nada. Só me lembro de todo mundo chorando.

— Ah.

Ele assentiu solenemente.

— Tanto egoísmo. Não acha? Estragar uma cerimônia de adeus com meleca e lágrimas.

Mais uma vez ele olhou na direção de Elaine para ver sua reação; mais uma vez ficou satisfeito não ter se ofendido. — Choramos por nós mesmos, não pelos mortos. Os mortos já não ligam mais. pronunciou, baixinho: — Sim — e depois, mais alto: — é claro. É verdade. Sempre por nós mesmos...

— Viu o quanto os mortos podem nos ensinar, sem nem mexer os ossinhos?

Elaine riu; Kavanagh riu junto. Ela o havia julgado mal, naquele primeiro encontro, tinha achado que seu rosto não era dado a sorrisos; não era verdade. Mas suas feições, quando parava de rir, logo retomavam aquela estranha aparência inabalável que percebera no primeiro dia. Quando, depois de mais meia hora de comentários lacônicos, ele disse que tinha alguns compromissos e, portanto, tinha de ir, ela agradeceu-lhe pela companhia e revelou:

— Ninguém consegue me fazer rir assim há semanas. Fico grata.

— Você *deve* rir. Cai bem em você. — E completou: — Seus dentes são muito bonitos.

Elaine ficou pensando neste estranho comentário depois que Kavanagh se foi, e também em mais uma dúzia de outros que ele fizera no decorrer da tarde. Sem dúvida, era um dos indivíduos menos convencionais que já conhecera, mas havia entrado em sua vida — ansioso para falar sobre criptas e os mortos e a beleza de seus dentes — no momento certo. Era a distração perfeita para suas tristezas profundas, pois fazia com que suas aberrações atuais parecessem sem importância perto das dele. Quando dirigiu-se para casa, estava de ótimo humor. Se não se conhecesse melhor, teria pensado que estava meio apaixonada por ele. No caminho, e mais tarde, à noite, ficou pensando especialmente na piada que Kavanagh

fizera sobre os mortos — ensinando sem mexer os ossinhos — e essa lembrança levou-a a pensar nos mistérios escondidos dentro da cripta. Sua curiosidade, uma vez atiçada, não era facilmente aquietada; foi crescendo dentro dela a ponto de fazê-la sentir uma vontade quase incontrolável de passar por baixo daquela fita vermelha para ver o local com seus próprios olhos. Era um desejo que até então nunca admitira consigo. (Quantas vezes não tinha se afastado do local de um acidente, dizendo para si própria que controlasse a curiosidade vergonhosa que sentia?) Mas Kavanagh, com seu indisfarçado entusiasmo por coisas funéreas, havia feito com que esse apetite se tornasse aceitável. Agora, livre do antigo tabu, Elaine queria voltar à igreja de Todos os Santos e olhar a Morte nos olhos, e, da próxima vez que encontrasse Kavanagh, também teria algumas histórias para contar. Essa ideia logo amadureceu e, no meio da noite, vestiu-se novamente para sair e dirigiu-se à praça. Só chegou à Todos os Santos bem depois das onze e meia, mas ainda havia sinais de atividade no local. Luzes, penduradas em postes e na própria parede da igreja, encarregavam-se de iluminar a cena. Um trio de técnicos, que Kavanagh havia chamado de rapazes da remoção, estava do lado de fora da cortina negra, a expressão de extremo cansaço em seus rostos, sua respiração formando pequenas nuvens no ar gelado. Ela ficou onde não podia ser vista e assistiu. Sentia cada vez mais frio, e suas cicatrizes já haviam começado a doer quando ficou claro que o trabalho na cripta estava mais ou menos terminado por esta noite. Após trocarem algumas palavras com os policiais, foram embora. Havia apagado todas as luzes menos uma deixando o local — igreja, cortinas negras e lama congelada num sinistro claro-escuro. Os dois policiais que ficaram guardando o local não pareciam demasiado preocupados com as intenções dela. Que tipo de idiota, pareciam pensar, viria roubar os túmulos aquela hora, e com aquele frio? Após alguns minutos de vigilância zelosa, recolheram-se ao relativo conforto da cabine dos operários. Parecia que não voltariam, então Elaine saiu de seu esconderijo e foi, com o máximo de cuidado, até a fita que separava uma área da outra. Tinham ligado o rádio dentro da cabine; o som (música para os amantes, do pôr-do-

sol ao amanhecer, dizia a voz distante) abafava sua caminhada enquanto cruzava o solo congelado. Quando conseguiu ultrapassar a fita e pisar em território proibido, perdeu boa parte de sua hesitação. Rapidamente atravessou o chão duro, as marcas das rodas dos tratores como concreto e chegou à igreja. Debaixo da luz ofuscante, o ar quente sua boca parecia tão denso quanto a fumaça da queimada das árvores, no dia anterior. Na cabine, a música para os amantes continuava a murmurar suas rimas. Ninguém apareceu para chamar sua atenção por ter invadido a área interdita. Nenhum alarme soou. Chegou à beira da cortina negra sem ocorrências, e espreitou a cena que se ocultava por trás dela.

Os operários da demolição, seguindo instruções bastante específicas, a julgar pelo cuidado com que fizeram o trabalho, tinham cavado um buraco de quase três metros de comprimento na lateral da Todos os Santos, expondo os alicerces. Com isto, descobriram uma passagem para a cripta que, antes, mãos cuidadosas certamente se esmeraram em ocultar. Essas mãos não só haviam amontoado muita terra no flanco da igreja para esconder a entrada, mas também removido a porta da cripta, que fora então fechada por pedreiros. Estava claro que o trabalho foi feito um pouco às pressas, pois estava longe de ser ordenado. Tinham simplesmente preenchido a entrada com qualquer pedaço de pedra ou tijolo que encontravam e jogado cimento por cima. Nesse cimento — apesar de o desenho ter sido estragado pelas escavações — algum artesão havia feito uma cruz que media aproximadamente dois metros. Entretanto, todos os esforços anteriores — o isolamento da cripta e a cruz no cimento, para espantar os ateus — foram em vão. Os operários, desta vez, demoliram a barreira, destroçaram o cimento e arrancaram as pedras. Existia agora uma pequena abertura bem no meio da porta, do tamanho certo para a passagem de uma pessoa. Elaine não hesitou em descer até a parede violada, nem em se esgueirar pelo buraco até o interior.

Já prevendo a escuridão que encontraria do outro lado, trouxera um isqueiro que Mitch lhe dera de presente há três anos. Ela o acendeu. A chama estava pequena; aumentou-a e, utilizando-se da claridade um pouco maior, examinou o espaço à sua frente.

Não entrara na cripta propriamente dita, mas em um vestíbulo estreito: a mais ou menos um metro dela havia mais uma parede e mais uma porta, que não fora bloqueada com tijolos, apesar de outra cruz ter sido esculpida em sua madeira sólida. Aproximou-se da porta. A fechadura tinha sido retirada — provavelmente pelos investigadores — e a porta estava amarrada com uma corda para que se mantivesse fechada. Dedos cansados haviam feito o trabalho às pressas. Não foi difícil desamarrar a corda, mas era uma tarefa que precisava ser executada com as duas mãos e, portanto, no escuro.

Enquanto desatava o nó, Elaine escutou vozes. Os policiais — malditos sejam — saíram de sua reclusão na cabine e faziam suas rondas na noite gelada. Ela largou a corda e apertou seu corpo contra a parede interna do vestíbulo. As vozes dos policiais chegavam mais perto: falavam de seus filhos e do custo cada vez maior da alegria natalina. Agora já estavam a poucos metros da entrada da cripta — provavelmente no abrigo criado pela cortina negra. Não demonstraram, porém, nenhuma intenção de descer até onde estava Elaine, terminando sua inspeção na beira da escavação, e afastaram-se novamente. As vozes foram sumindo.

Vendo que estavam longe demais para vê-la ou escutá-la, Elaine acendeu mais uma vez a chama do isqueiro e retornou à porta, que era grande e incrivelmente pesada; sua primeira tentativa de abri-la teve pouco êxito. Tentou novamente, e desta vez a porta moveu-se, arrastada por cima da areia no chão do vestíbulo. Quando conseguiu que se abrisse os centímetros necessários para que ela passasse, parou de puxar. O fogo do isqueiro tremulou como se viesse um sopro de dentro da cripta; por alguns instantes, a chama queimou azul em vez de amarelo. Não parou para admirar o fenômeno; entrou de uma vez, procurando a maravilha prometida.

Agora a chama ardia — tornando-se vívida — e por um momento sua claridade cegou-a. Pressionou os cantos dos olhos para que sua visão retornasse e olhou novamente.

Então isso era a Morte. Não via nada da arte ou encanto dos quais falara Kavanagh; nenhum arranjo tranquilo de beldades amortalhadas em plataformas de mármore; nenhum relicário sofisticado, nenhum aforismo sobre a natureza da fragilidade

humana: não havia nomes nem datas. Na maioria dos casos, os corpos não possuíam nem caixões.

A cripta era uma casa mortuária. Corpos amontoados por todos os lados; famílias inteiras prensadas em nichos feitos para um só caixão, outras dezenas de corpos largados no mesmo local onde mãos apressadas e descuidadas os haviam jogado. A cena — embora absolutamente estática — estava carregada de pânico. Pânico nos rostos dos empilhados após a morte: bocas abertas num protesto silencioso, órbitas, cujos olhos tinham murchado, esbugalhados, chocados com o tratamento recebido. Havia pânico também no próprio sistema de sepultamento, que ia da colocação ordenada de caixões na ponta extrema da cripta, passando por um agrupamento desorganizado de outros caixões mal acabados, sua madeira por lixar, suas tampas decoradas apenas por uma cruz rabiscada de qualquer maneira, e terminava naquele amontoado de carcaças humanas sem leito, toda e qualquer preocupação com dignidade, talvez até com ritos de passagem, esquecida na histeria generalizada.

Acontecera uma catástrofe, sem dúvida nenhuma; um influxo repentino de corpos — homens, mulheres, crianças (um bebê, logo à sua frente, aparentava não ter tido nem um dia de vida) — que haviam morrido em quantidades tão absurdas sem tempo sequer de fechar seus olhos antes de depositá-los nesse buraco. Talvez os carpinteiros que confeccionaram os caixões tivessem morrido também, e estavam jogados ali, junto com seus clientes; da mesma forma, os alfaiates que costuraram as mortalhas, e os padrões. Todos mortos em um mês (ou uma semana) de apocalipse, seus parentes sobreviventes chocados ou assustados demais para pensar em detalhes, apenas ansiosos para que os mortos fossem levados logo para algum lugar onde sumissem de vista, para que nunca mais tivessem de olhar para sua carne morta.

E havia ainda muita carne morta ali. O fechamento da cripta, isolando-a do ar que provocaria inevitavelmente a decomposição, fizera com que seus ocupantes permanecessem intactos. Agora, com a violação dessa câmara secreta, o calor da decomposição despertado, os tecidos recomeçavam a se deteriorar. Elaine via

putrefação por todos os lados, gerando chagas e supurações, bolhas e pústulas. Aumentou a chama para ver melhor, apesar de começar a sentir-se sufocada e um pouco tonta devido ao fedor. Para onde quer que olhasse, encontrava alguma cena lastimável. Duas crianças colocadas juntas, como se estivessem dormindo nos braços uma da outra; uma mulher, cuja última iniciativa aparentemente fora pintar seu rosto adoecido para morrer, maquiando-se mais para o leito nupcial do que para sua cova.

Elaine precisava olhar: não conseguia evitar, apesar de sentir que sua fascinação invadia a privacidade dos mortos. Havia tanta coisa ali para ver e lembrar. Ela não seria mais a mesma, nem poderia ser, depois de se deparar com aquelas cenas. Um corpo — uma metade ocultada debaixo de outro — chamou sua atenção em especial: era uma mulher, com longos cabelos castanhos que saíam de seu couro cabeludo com tanta abundância que Elaine chegou a sentir inveja. Chegou mais perto e, livrando-se do que ainda restava de seu melindre, pegou o corpo jogado por cima da mulher e arrastou-o. A superfície estava gordurosa e manchou seus dedos, mas isso não a incomodou. O corpo descoberto tinha as pernas abertas, mas o peso de seu companheiro as havia entortado, de modo que assumira uma configuração impossível em qualquer ser humano vivo. A ferida que a matara havia ensanguentado suas coxas e feito com que sua saia ficasse colada ao abdômen e à virilha. Teria ela perdido um bebê, pensou Elaine, ou será que fora devorada ali por alguma doença?

Aproximou-se mais ainda para melhor examinar o olhar distante no rosto decomposto da mulher. Que lugar para ficar, pensou, com seu próprio sangue ainda a maculando. Diria a Kavanagh, da próxima vez que o encontrasse, como ele se equivocara, com suas histórias sentimentais sobre tranquilidade debaixo da terra.

Tinha visto o suficiente, mais do que o suficiente. Limpou as mãos na jaqueta e achou a porta novamente; fechou-a ao sair e amarrou de novo a corda, exatamente como a encontrara. Então, escalou a subida e chegou ao ar puro do lado de fora. Os policiais

não estavam por perto e saiu sem que ninguém a visse, como a sombra de uma sombra.

Não havia nada a sentir, uma vez dominados o nojo inicial e a ponta de compaixão que sentira ao ver as crianças e a mulher de longos cabelos castanhos; e mesmo estes sentimentos — mesmo a compaixão e a repugnância — eram bastante suportáveis. Ela os sentira com mais intensidade ao ver um cachorro ser atropelado do que na cripta da Todos os Santos, apesar das cenas horríveis por todos os lados. Naquela noite quando se deitou para dormir e percebeu que não estava nem tremendo, nem enjoada, sentiu-se forte. O que haveria no mundo para se temer, se o espetáculo da mortalidade que acabara de presenciar podia ser suportado com tanta facilidade? Dormiu um sono profundo e acordou bem-disposta.

Voltou ao trabalho naquela manhã, pediu desculpas a Chimes pelo seu comportamento do dia anterior e garantiu que há meses não se sentia tão feliz. Para provar sua reabilitação, agiu de forma mais social que podia, puxando conversas com colegas que deixara de lado, mantendo seu sorriso sempre a postos. No início encontrou um pouco de resistência por parte das pessoas; sentia que não estavam acreditando que esta súbita aparição da luz do sol poderia realmente marcar o início do verão. Mas quando manteve este humor no decorrer do dia e durante todo o dia seguinte, começaram a reagir de forma mais positiva. Na quinta-feira, era como se aquelas lágrimas do início da semana nunca tivessem existido. As pessoas comentavam que ela estava muito bem. Era verdade; o espelho confirmava isso. Seus olhos brilhavam, sua pele também. Era um retrato de saúde. Naquele dia, à tarde, sentada à sua mesa, examinava inquéritos atrasados, quando uma das secretárias apareceu no corredor chorando. Alguém foi tentar ajudá-la; pelo que dizia entre soluços, ficou claro que estava falando sobre Bernice, que Elaine conhecia o suficiente para uma troca de sorrisos na escada, nada mais. Acontecera um acidente, ao que parecia; a secretária falou que tinha sangue no chão. Elaine ficou de pé e juntou-se aos outros, que saíam para ver o que acontecera. O supervisor, já do lado de fora do toailete feminino, tentava, em vão,

fazer com que os curiosos mantivessem distância. Outra pessoa — outra testemunha, aparentemente — dava sua versão do ocorrido:

— Não havia nada de errado e, de repente, ela começou a tremer. Pensei que estivesse tendo um ataque. Começou a sair sangue de seu nariz. Depois de sua boca. Jorrando.

— *Não há nada aqui — insistia Chimes. — Por favor, afastem-se.* — Mas foi completamente ignorado. Traziam cobertores para envolver a vítima, e assim que a porta do toalete se abriu, os curiosos começaram chegar mais perto. Elaine viu uma pessoa movendo-se no chão do toalete, como se tivesse convulsões; não quis ver mais nada. Afastando-se do grupo no corredor, que falava em voz alta como se Bernice já estivesse morta, Elaine voltou à sua mesa. Tinha tanta coisa para fazer; tantos dias gastos com sua angústia, deixando muito trabalho acumulado. Uma frase adequada ao momento passou pela sua cabeça: *Recupere o tempo*. Anotou as três palavras em seu caderno, como um lembrete. Onde as escutara? Não lembrava. Não importava. As vezes, era mais sábio esquecer.

Kavanagh telefonou naquela noite, chamando-a para jantar na noite seguinte. Entretanto, Elaine precisou recusar o convite, apesar de estar extremamente ansiosa para conversar sobre suas recentes explorações, pois alguns amigos iam dar uma festa para comemorar a recuperação de sua saúde. Será que ele gostaria de ir?, pensou. Kavanagh agradeceu o convite, mas confessou que sempre se sentira intimidado em grandes grupos. Elaine disse que não fosse tolo: as pessoas em seu círculo adorariam conhecê-lo, e ela adoraria que o conhecessem, mas ele replicou que só iria se seu ego se sentisse à altura e que, se não aparecesse, esperava que ela não ficasse ofendida. Elaine acalmou seus medos. Antes do final da conversa, mencionou que, da próxima vez que se encontrassem, ela lhe contaria uma história.

O dia seguinte trouxe notícias tristes. Bernice morrera no início da manhã de sexta-feira, sem ter sequer voltado a consciência. A causa de sua morte ainda não era conhecida, mas todos concordavam que ela nunca fora uma mulher forte — era sempre a primeira entre as secretárias a pegar resfriados e a última a se livrar deles. Falavam também, um pouco menos abertamente,

de seu comportamento pessoal. Diziam que era muito generosa em seus favores sexuais e imprudente na escolha de parceiros. Com o número epidêmico de casos de doenças venéreas, não seria esta a explicação mais provável para sua morte? Apesar de manter os fofoqueiros em atividade, a notícia não ajudou o estado de ânimo geral. Duas meninas adoeceram naquela manhã e, na hora do almoço, Elaine parecia ser a única ali com algum apetite. Compensava a abstinência dos colegas. Tinha uma fome feroz; seu corpo quase que implorava por alimento. Era uma sensação boa, depois de tantos meses de lassidão. Quando olhava para os rostos cansados em volta da mesa, sentia-se completamente alheia a eles: não partilhava de suas fofocas e nem de suas opiniões triviais, não participava da conversa, que estava centrada na morte repentina de Bernice, como se não tivessem sequer pensado nessa possibilidade há anos, e por isso ficassem surpresos ao descobrir que ela não deixara de existir mesmo assim.

Elaine era mais realista. Estivera próxima da morte tantas vezes recentemente: durante os meses anteriores à sua histerectomia, quando os tumores haviam dobrado de tamanho, como se soubessem que seus dias estavam contados; na mesa de operações, quando por duas vezes os cirurgiões pensaram que a tinham perdido; e, há poucos dias, na cripta, face a face com aquelas carcaças humanas. A Morte estava por toda parte. Parecia quase engraçado que seus colegas ficassem tão surpreendidos com sua entrada em seus círculos sem vida. Comeu com vontade, e deixou que continuassem sussurrando.

PAREI AQUI

Encontraram-se para sua festa na casa de Reuben — Elaine, Hermione, Sam e Nellwyn, Josh e Sonja. Foi uma noite agradável; uma oportunidade de saber como iam os amigos em comum; a vida e as ambições de cada um haviam mudado. Todos embebedaram-se rapidamente; línguas já soltas pela intimidade soltavam-se cada vez mais. Nellwyn fez um brinde emocionado a Elaine; Josh e Sonja tiveram uma conversa curta, porém mordaz, sobre o Evangelismo; Reuben fez suas imitações de advogados conhecidos. Foi como nos velhos tempos, acrescidas, porém, pelas novidades do momento.

Kavanagh não apareceu, e Elaine achou isso bom. Apesar de ter insistido enquanto falava com ele, sabia que se sentiria um peixe fora d'água em companhia de pessoas tão íntimas umas das outras.

Um pouco depois de meia-noite e meia, quando a festa tornara-se uma sequência de conversas tranquilas, Hermione mencionou o navegador solitário. Mesmo estando quase do outro lado da sala, Elaine escutou o nome claramente. Interrompeu sua conversa com Nellwyn e passou por cima das pernas e braços largados pelo chão, chegando a Hermione e Sam.

— Ouvi vocês mencionarem Maybury.

— E — admitiu Hermione. — Sam e eu estávamos discutindo como é estranho...

— Eu o vi na televisão — falou Elaine.

— História triste, não é? — comentou Sam. — O jeito como aconteceu.

— Triste por quê?

— O que ele declara: que a Morte estava no barco com ele...

— E depois ele ter morrido — completou Hermione.

— Ter morrido? — perguntou Elaine. — Quando?

— Deu em todos os jornais.

— Não tenho tido concentração para ler os jornais — replicou Elaine. — O que aconteceu?

— Ele foi morto — disse Sam. — Estava sendo levado ao aeroporto, ia pegar um avião para casa, e houve um acidente. Ele morreu, no estalar de um dedo. — Sam estalou os dedos. — Como se apaga uma luz.

— Triste mesmo — suspirou Hermione.

Ela lançou um olhar para Elaine e franziu a testa. Sua expressão a confundiu, até que — com o mesmo choque que sentira ao descobrir e reconhecer suas lágrimas na sala de Chimes — percebeu que estava sorrindo.

Então o navegador estava morto.

Quando a festa terminou na madrugada de sábado — após os abraços e beijos, já de volta à sua casa — ela memorou a entrevista com Maybury, lembrando de seu rosto queimado de sol, de seus olhos cansados por tudo que havia passado, e da mistura de

objetividade e vergonha ao contar a história de seu passageiro clandestino. Pensara também, é claro, em suas palavras, quando pressionado para que identificasse o desconhecido:

— A Morte, eu acho.

Estava certo.

Elaine acordou tarde na manhã de sábado, sem a ressaca que havia previsto. Tinha recebido uma carta de Mitch. Não a abriu, deixando-a sobre a lareira para ser lida em algum momento de tédio, no decorrer do dia. Havia um pouco de neve — a primeira do inverno — no vento, porém estava muito úmida para deixar algum sinal de sua existência nas ruas. Mas o frio estava terrível, a julgar pela expressão fechada no rosto de quem passava a pé. Ela, porém, sentia-se estranhamente imune à temperatura. Apesar do aquecimento não estar ligado, andava para lá e para cá de roupão e descalça, como se um fogo ardesse dentro de sua barriga.

Depois de tomar um café, foi lavar o rosto. Havia um bolo de cabelo no ralo; tirou-o e jogou na privada, retornando então à pia. Desde que tirara os curativos, evitara qualquer exame mais cuidadoso de seu próprio corpo, mas, neste dia, seus escrúpulos e sua vaidade pareciam ter desaparecido. Despiu-se do roupão e mirou-se de cima a baixo.

Ficou satisfeita com o que viu. Seus seios estavam cheios e rosados, sua pele ostentava um brilho agradável ao olhar, seus pelos púbicos tinham crescido e estavam mais abundantes do que nunca. As cicatrizes ainda pareciam — e eram — sensíveis ao toque, mas seus olhos interpretaram sua lividez como um sinal das sensações de sua boceta, como se, qualquer dia desses, seu sexo fosse crescer do ânus ao umbigo (e talvez além), abrindo-a; fazendo com que se tornasse horrível.

Era paradoxal, sem dúvida: só agora, depois que os cirurgiões a haviam esvaziado, é que ela se sentia tão sensual, tão resplandecente. Ficou meia hora admirando-se no espelho, seus pensamentos vagando. Finalmente, retomou a tarefa inicial de lavar o rosto. Terminou e voltou à sala, ainda nua. Não desejava de modo algum esconder-se; muito pelo contrário. Teve de se controlar para não sair assim mesmo na neve e dar à rua inteira motivo para falar

dela. Foi à janela, com dezenas de pensamentos tolos, como este, passando pela cabeça. A neve caía mais grossa. Através dela, Elaine viu algo mexer-se no beco entre as casas do outro lado da rua. Havia alguém lá, espreitando, mas não conseguia ver quem era. Isto não a incomodava. Ficou observando seu observador, imaginando se ele teria coragem de se mostrar. Mas ele não o fez.

Permaneceu olhando durante vários minutos até perceber que sua imprudência o havia assustado. Desapontada, voltou ao quarto e vestiu-se. Já era hora de arranjar algo para comer; começava a sentir a já conhecida fome feroz. A geladeira estava quase vazia. Ela teria de sair para fazer compras para o final de semana.

Supermercados eram como circos, especialmente aos sábados, mas estava bastante bem-humorada para ficar deprimida com o fato de ter de enfrentar a multidão. Desta vez conseguiu até sentir algum prazer em observar as cenas de consumismo: os carrinhos e cestas abarrotados de compras, as crianças com gula no olhar quando se aproximavam da seção de doces e balas e choramingando se seus pedidos eram negados, as esposas pesando os prós e os contras de um pernil de carneiro, enquanto seus maridos lançavam olhares não menos calculistas em direção às atendentes.

Ela comprou para o fim-de-semana o dobro de comida que normalmente compraria para uma semana inteira, seu apetite estimulado pelos cheiros vindos da *delicatesse* e do açougue. Ao chegar em casa novamente, já estava quase trêmula, ansiosa por alimento. Colocou as sacolas no degrau da porta e começou a procurar suas chaves, quando escutou uma porta de automóvel bater atrás de si.

— Elaine?

Era Hermione. O vinho tinto que consumira na noite anterior deixara-a com a aparência cansada e o rosto amassado.

— Está se sentindo bem? — perguntou Elaine.

— A questão é: você está? — quis saber Hermione.

— Sim, estou bem. Por que não estaria?

Hermione parecia um tanto quanto desesperada.

— Sonja teve uma espécie de intoxicação por algo que comeu, e Reuben também. Vim até aqui para ver se você estava bem.

— Já falei, estou bem.

— Não consigo entender.

— E Nellwyn e Dick?

— Não atenderam o telefone. Mas Reuben está muito mal. Foi levado ao hospital para alguns exames.

— Quer entrar e tomar um café?

— Não, obrigada, tenho de voltar para ver como está Sonja. Vim porque não estava gostando da ideia de você estar sozinha caso também se sentisse mal.

Elaine sorriu. — Você é um amor — e beijou Hermione no rosto. Por alguma razão, esse gesto pareceu assustar a outra. Deu um passo atrás depois do beijo, e ficou olhando para Elaine com uma vaga expressão perplexa.

— Preciso... Preciso ir — ela disse, tentando fazer com que seu rosto não a entregasse.

— Eu ligo mais tarde — avisou Elaine — para ver como eles estão.

— Tudo bem.

Hermione virou as costas e atravessou a rua até onde estava seu carro.

Apesar de ter ensaiado uma tentativa de esconder o movimento, Elaine flagrou-a levando os dedos ao local onde a havia beijado e esfregando-o como se quisesse anular o contato.

A estação não era propícia para moscas, mas as que tinham sobrevivido ao frio dos últimos dias voavam pela cozinha enquanto Elaine preparava uma refeição com pão, presunto defumado, e linguiça com alho. Em menos de cinco minutos devorou o presunto e a linguiça e uma quantidade significativa de pão, mas sua fome estava ainda longe de ser satisfeita. Com uma sobremesa de doce de figo com queijo à sua frente, começou a pensar na omelete que não conseguira terminar no dia de sua última consulta no hospital. Um pensamento levou ao outro: da omelete passou para a fumaça, daí para a praça e para Kavanagh e para sua última visita à igreja e, ao lembrar-se do local, foi tomada por uma vontade repentina de vê-lo por uma última vez antes que fosse completamente destruído e ocupado. Certamente já era tarde demais. Os corpos teriam sido

empacotados e removidos, a cripta descontaminada e desinfetada; as paredes derrubadas. Mas sabia que não se daria por satisfeita até que visse tudo por si mesma.

Mesmo após uma refeição, que lhe teria causado náuseas por seus excessos alguns dias atrás, sentia-se leve ao sair em direção à Todos os Santos; era como se estivesse bêbada. Não a bebedeira sentimental, a que sempre aparecia quando na companhia de Mitch, mas uma euforia que a fazia sentir-se quase invulnerável, como se tivesse finalmente encontrado uma parte alegre e incorruptível de si própria e nada de mal a pudesse afetar, nunca mais.

Preparara-se para encontrar a Todos os Santos já em ruínas, mas não foi o que aconteceu. O prédio estava lá, suas paredes inteiras, suas vigas ainda dividindo o céu. Talvez a igreja também não pudesse ser destruída, pensou Elaine; talvez ela e a igreja fossem gêmeas imortais. A suspeita foi reforçada pela manada de novos fiéis que a igreja atraía. O número de policiais havia triplicado desde a última vez em que esteve lá e a cortina negra que protegera a entrada da cripta tinha se tornado uma enorme barraca, sustentada por uma armação, que abrigava agora todo o flanco da igreja. Os coroinhas, postados próximos da barraca, usavam máscaras e luvas; os sacerdotes — os poucos escolhidos aos quais era permitido acesso ao santuário — estavam inteiramente cobertos por roupas protetoras.

Ela ficou assistindo atrás da fita vermelha: os sinais e genuflexões dos devotos; a lavagem, com jatos d'água, dos que emergiam por trás das cortinas; a leve nuvem de fumigação que invadia o ar como incenso agridoce.

Outro curioso perguntava a um dos policiais:

— Para que toda essa proteção?

— Caso seja contagioso — veio à resposta.

— Depois desses anos todos?

— Eles não sabem o que encontrarão ali dentro.

— Doenças não duram tanto, duram?

— Aquilo é um poço pestilento — disse o policial. — Estão apenas sendo cautelosos.

Elaine prestou atenção à conversa, com coceira na língua, querendo falar. Poderia poupar as investigações dos curiosos com algumas poucas palavras. Afinal, ela era a prova viva de que, qualquer que tenha sido a peste que acabou com as famílias da cripta, não era mais contagiosa.

Havia respirado aquele ar, tocado na pele podre dos mortos e, mesmo assim, sentia-se mais saudável agora do que antes. Mas eles não lhe agradeceriam por suas revelações. Estavam muito ocupados com seus rituais; talvez até entusiasmados com a descoberta de tais horrores, suas inquietações incensadas pela possibilidade de que aqueles mortos ainda tivessem vida. Não seria tão estraga-prazeres ao ponto de destruir o entusiasmo deles com uma confissão de sua própria e boa saúde. Portanto, virou as costas para os sacerdotes e seus ritos, para a nuvem de incenso no ar, e foi andando em outra direção, pensativa. Quando levantou os olhos, viu uma figura conhecida observando-a da esquina da rua seguinte. Ele virou o rosto quando ela olhou para cima, era Kavanagh, sem sombra de dúvida. Ela chamou-o, e foi até a esquina, mas ele foi andando, com a cabeça inclinada, como se estivesse fugindo dela. Chamou seu nome novamente e, desta vez, ele se virou — fingindo estar surpreso — e começou a voltar de sua fuga em direção a Elaine.

— Já sabe o que encontraram? — ela perguntou.

— Sei, sim — ele respondeu. Apesar da intimidade que sentira em seu último encontro, ela lembrou-se da primeira impressão que tivera dele: de que não era muito dado a demonstrar sentimentos.

— Agora você nunca vai conseguir suas pedras — disse ela.

— É, acho que não — ele replicou, não muito preocupado com a perda.

Elaine teve vontade de dizer-lhe que vira o poço pestilento com seus próprios olhos, na esperança de que a notícia trouxesse o brilho de volta a seus olhos, mas a esquina ensolarada não era o local apropriado para este tipo de conversa. Além do mais, parecia que ele já sabia.

Olhava-a de maneira tão estranha, sem nenhum vestígio do calor humano que sentira da última vez.

— Por que voltou?

- Só para ver — ela respondeu.
- Fico lisonjeado.
- Lisonjeado?
- Que o meu entusiasmo por mausoléus seja contagioso.

Ele continuou a observá-la; ela, retornando seu olhar, estava consciente de como seus olhos eram frios, e como brilhavam. Poderiam ter sido de vidro, pensou; e sua pele, colada como uma capa sobre a sutil arquitetura de seu crânio.

- Preciso ir — ela disse.
- Trabalho ou lazer?
- Nenhum dos dois. Tenho alguns amigos que estão doentes.
- Ah.

Ela tinha a impressão de que ele não queria estar ali, que era apenas o medo de parecer tolo que fazia com que não fugisse dela.

— Talvez o veja novamente. Qualquer dia.

— Com certeza. — Kavanagh parecia grato pela deixa e continuou por seu caminho. — Estimo melhoras a seus amigos.

Mesmo que tivesse a intenção de desejar melhoras a Reuben e Sonja por Kavanagh, não poderia fazê-lo. Nem Hermione nem os outros atendiam o telefone. O melhor que conseguiu foi deixar um recado na secretária eletrônica de Reuben.

A sensação de leveza que sentira antes logo se transformou em outra, uma estranha sensação de estar sonhando, à medida que a noite se aproximava. Ela comeu outra vez, mas seu banquete não conseguiu evitar que o estado de fuga se tornasse mais profundo. Sentia-se bastante bem; aquela anterior sensação de invulnerabilidade ainda estava intacta. Mas diversas vezes, no decorrer do dia, surpreendeu-se entrando em um quarto sem saber por que havia ido até lá; ou vendo a luz do dia minguar sem ter muita certeza se ela era a observadora ou o objeto de observação. Agradava-lhe sua própria companhia, da mesma forma que as moscas estavam contentes. Continuavam a voar e zumbir, mesmo depois do sol ter-se posto.

Mais ou menos às sete horas da noite, escutou um carro parar defronte ao prédio, e a campainha tocou. Foi até a porta do apartamento, mas não sentiu nenhum desejo de abri-la, de ir até o

saguão de entrada e de receber as visitas. Seria Hermione outra vez, provavelmente, e ela não estava com a mínima vontade de falar sobre assuntos sombrios. Na verdade, não queria a companhia de ninguém, só das moscas.

As visitas tocaram insistentemente; quanto mais tocavam, mais decidida estava a não abrir. Deixou-se escorregar pela parede ao lado da porta até o chão e ficou tentando ouvir a discussão abafada que vinha da porta da frente. Não era Hermione; não era ninguém que ela reconhecesse. Em seguida, passaram a tocar as campainhas dos apartamentos de cima de maneira sistemática, até que o sr. Prudhoe desceu do último andar, falando sozinho pelas escadas, e abriu a porta para eles. Da conversa que se seguiu, escutou o suficiente apenas para captar a urgência da missão deles, mas sua mente confusa não teve persistência para prestar atenção aos detalhes. Convenceram Prudhoe a permitir que entrassem no prédio. Aproximaram-se da porta de seu apartamento e bateram, chamando seu nome. Ela não respondeu. Bateram novamente, trocando palavras de frustração. Pensou se podiam escutá-la enquanto sorria no escuro. Finalmente — após uma última conversa com Prudhoe — eles a deixaram em paz.

Ela não sabia quanto tempo ficara sentada sobre seus calcanhares ao lado da porta, mas, quando se levantou, suas pernas estavam completamente dormentes e tinha fome. Comeu com vontade, quase acabando com tudo o que havia comprado naquela manhã. As moscas pareciam ter procriado durante as últimas horas: andavam sobre a mesa e comiam as sobras e os farelos. Ela deixou que comessem. As moscas também tinham uma vida para viver.

Finalmente, resolveu tomar um pouco de ar fresco. Logo que colocou os pés para fora do apartamento, entretanto, foi vista por Prudhoe, que a esperava no alto das escadas.

— Senhorita Rider. Espere um instante. Tenho um recado para a senhora.

Pensou em bater a porta na cara dele, mas sabia que não desistiria enquanto não houvesse passado o seu recado. Ele desceu as escadas às pressas — como um profeta de chinelos rasgados.

— Vieram uns policiais aqui — anunciou, mesmo antes de chegar ao primeiro piso — e estavam procurando a senhora.

— Hmm. E eles disseram a que vieram?

— Queriam falar com a senhora. *Com urgência*. Dois amigos seus...

— O que aconteceu?

— Morreram. Hoje à tarde. Pegaram alguma doença estranha.

Prudhoe estava com uma folha de caderno nas mãos. Passou-lhe a folha soltando-a um instante antes que ela a tivesse pego.

— Deixaram esse número para que a senhora ligasse. Deve entrar em contato com eles logo que possível. — Tendo passado seu recado, subiu as escadas de volta ao seu apartamento.

Elaine olhou para a folha de papel e seus números rabiscados. Quando terminou de ler os sete dígitos, Prudhoe já havia desaparecido.

Voltou ao apartamento. Por alguma razão, não sabia qual, não estava pensando em Reuben ou Sonja — que, tudo levava a crer, ela não veria novamente — e sim no navegador, Maybury, que havia visto a Morte e escapado dela, apenas para que o seguisse como um cão fiel que espera o momento certo para pular sobre o dono e lambe seu rosto.

Sentou-se ao lado do telefone e ficou olhando para os números na folha, depois para os dedos que seguravam a folha, depois para a mão. Será que o toque tão inocente que possuía na ponta dos dedos era agora fatal? Seria isso que os detetives tinham vindo lhe dizer? Que seus amigos estavam mortos por causa dela? Se este fosse o caso, em quantas outras pessoas não teria esbarrado e tocado desde sua experiência pestilenta na cripta? Na rua, no ônibus, no supermercado; no trabalho, no lazer. Lembrou-se de Bernice, no chão do toailete feminino, e em Hermione, que esfregara o local onde Elaine a beijara, como se sentisse que uma peste lhe fora passada. E de repente entendeu; teve certeza de que seus perseguidores estavam certos em suas suspeitas e que, durante todos esses dias em que parecera estar sonhando, na verdade gerava uma criança fatal. Daí sua fome; daí a auto-realização que vinha sentindo. Largou o bilhete e ficou parada, sentada na sala quase

escura, tentando descobrir a localização exata da peste. Seria em seus dedos? Em sua barriga? Em seus olhos? Nenhuma e ao mesmo tempo todas as alternativas estavam corretas. Errara em sua primeira suposição. Não era uma criança: não carregava a peste em nenhuma célula específica. Estava *por toda parte*. Ela e a peste eram sinônimas. Assim, não poderiam pensar em retirar a parte infratora, como haviam extirpado seus tumores e tudo o que haviam devorado. Não iriam se esquecer desse detalhe. Eles tinham vindo procurar por ela, para levá-la e mantê-la prisioneira em quartos estéreis, para despi-la de suas opiniões e sua dignidade, para fazer com que servisse apenas para suas investigações desumanas. A ideia era revoltante; ela preferia morrer, como a mulher com longos cabelos castanhos na cripta, abandonada e agonizante, do que submeter-se a eles novamente. Rasgou a folha de papel e deixou os pedaços caírem no chão.

De qualquer forma, era tarde demais para suposições. Os rapazes da remoção haviam aberto a porta e encontrado a Morte do outro lado, ansiosa pela luz do dia. Elaine era sua agente, e ela — com sua sabedoria — tinha-lhe concedido essa imunidade; dera-lhe forças e uma tranquilidade eufórica; removera todos os seus medos. Em troca, mandara seu recado, e não havia como desfazer esse trabalho: não agora. As dezenas, talvez centenas, de pessoas que ela contaminara nos últimos dias teriam ido de encontro às suas famílias e amigos, ao trabalho e aos seus locais de lazer, e ajudado a transmitir o recado; passado sua promessa fatal a seus filhos ao colocá-los na cama para dormir, e a seus amantes durante o ato de amor. Sacerdotes e padres a teriam passado junto com a hóstia; lojistas, junto com o troco para uma nota de cinco. Enquanto pensava nisso — na doença se propagando como fogo em uma caixa de fósforos — a campanha tocou novamente. Eles haviam voltado para buscá-la. E, como da outra vez, tocaram as outras campanhas do prédio. Ouviu Prudhoe descendo escadas. Desta vez, ele saberia que ela estava em casa. Passaria essa informação adiante. Eles bateriam à sua porta e, quando ela se recusasse a abrir...

Enquanto Prudhoe abria a porta da frente, ela abria a de trás. passava para o quintal, podia ouvir vozes à sua porta, batidas e seus

gritos. Abriu o portão e fugiu para a do beco escuro. Já não escutava mais nada quando eles conseguiram arrombar a porta.

O que mais queria era voltar a Todos os Santos, mas sabia que essa tática seria um convite à prisão. Eles esperavam que ela seguisse aquela rota, contando com sua subserviência à causa original. Mas queria ver a Morte novamente, agora mais do que nunca. Falar com a Morte. Discutir suas estratégias. Suas estratégias conjuntas.

Perguntar-lhe por que havia sido escolhida.

Apareceu no beco para dar uma olhada, da esquina, para saber o que estava acontecendo em frente a seu prédio. Desta vez, havia mais de dois homens; viu pelo menos quatro, entrando e saindo da casa. O que estariam fazendo? Procurando em suas calcinhas e nas cartas de amor, provavelmente procurando cabelos em seus lençóis e algum sinal dela no espelho. Mas, mesmo se virassem o apartamento de cabeça para baixo, examinassem cada coisa e cada canto, não encontrariam a pista que queriam. Eles que continuassem sua busca. A amante havia escapado. Havia apenas as manchas de suas lágrimas e moscas nas lâmpadas para dar depoimentos.

A noite estava estrelada, mas, quando se chegava mais próximo ao centro da cidade, a claridade das decorações de Natal nas árvores e prédios superava a luz das estrelas. A maioria das lojas estava fechada àquela hora, mas havia ainda muita gente pelas calçadas, olhando vitrines. Elaine, porém, logo cansou-se desse cenário, das decorações e dos manequins nas vitrines, e saiu da rua principal, passando às ruas laterais. Era mais escuro ali, o que estava mais de acordo com seu humor um tanto quanto abstraído. Podia-se escutar música e risadas vindas de bares cujas portas estavam abertas; uma briga teve início num salão de jogos: houve pancadaria; em frente à porta de um dos prédios dois amantes desafiavam a discricção; defronte à outra porta, um homem urinava com o vigor de um cavalo.

Só agora, no silêncio de ruas relativamente desertas, Elaine percebera que não estava sozinha. Podia escutar passos a segui-la, mantendo uma distância segura, mas nunca perdendo-a de vista.

Será que seus perseguidores a haviam encontrado? Será que a estavam cercando, preparando-se para agarrá-la e levá-la prisioneira? Se fosse o caso, fugir apenas adiaría o inevitável. Melhor confrontá-los agora e desafiá-los a chegar perto de sua contaminação. Escondeu-se e ficou escutando, enquanto os passos se aproximavam; finalmente, seu dono tornou-se visível:

Não era a lei, e sim Kavanagh. Seu choque inicial foi quase que imediatamente substituído pela compreensão do *porquê* dele a haver seguido. Ela observou-o. A pele parecia tão esticada por cima de seu crânio que se podia ver o osso brilhar. Como, perguntava a si mesma em sua confusão, não o reconhecera antes? Como não percebera naquele primeiro encontro, quando ele falara dos mortos e de seu encanto, que falava como seu Criador?

— Eu lhe segui.

— Desde minha casa?

Ele confirmou.

— O que lhe disseram os policiais?

— Nada que eu já não tivesse adivinhado — ela respondeu.

— Você sabia?

— Mais ou menos. Acho que sabia, no fundo de meu coração.

Lembra-se de nossa primeira conversa?

Ele sussurrou que sim.

— Tudo aquilo que disse sobre a Morte. Tanto egoísmo.

— É. Imagino o que você não deve estar pensando de mim...

— Fazia algum sentido, mesmo naquele dia. Mas ainda não sabia por quê.

— Não sabia o que o futuro traria...

— E o que traz o futuro? — ele perguntou em voz baixa.

Ela encolheu os ombros.

— A Morte estava me esperando este tempo todo, não é?

— Sim, sim — ele disse, contente por ela ter compreendido a situação que havia entre eles. Deu um passo em sua direção, e estendeu a mão para tocar-lhe o rosto.

— Você é incrível — exclamou.

— Nem tanto.

— Mas você permanece tão inabalada com tudo isso. Tão fria.

— O que eu haveria de temer? — ela indagou. Ele acariciou seu rosto. Esperava que sua capa de pele se desfizesse ali e que as bolas de gude que dançavam em suas órbitas caíssem no chão e quebrassem. Mas ele conservou seu disfarce intacto, para manter as aparências.

— Quero você.

— Eu sei — ela replicou. É claro que queria. Estava implícito em cada uma de suas palavras desde o princípio, mas não fora esperta o suficiente para entender. Toda história de amor sempre é — no fim das contas — uma história de morte; os poetas sempre haviam insistido nesse ponto. Por que o oposto seria menos verdadeiro?

Não poderiam ir para a casa dele; os policiais estariam lá também, disse Kavanagh, pois certamente sabiam do romance que havia entre eles. Nem, é claro, poderiam voltar ao apartamento dela. Então, encontraram um pequeno hotel por perto e hospedaram-se em um quarto. Ainda no elevador malcuidado, ele tomou a liberdade de passar a mão pelos cabelos dela e, em seguida, vendo que ela aceitava suas carícias, colocou a mão sobre seu seio.

O quarto dispunha de pouca mobília, mas as luzes coloridas de uma árvore de Natal, bem em frente à janela, conferiam um certo charme. Seu amante não tirou os olhos dela por um minuto sequer, como se esperasse que desse meia-volta e saísse correndo a qualquer instante. Ele não precisava se preocupar; tratava-a bem, ela não tinha do que reclamar. Seus beijos eram insistentes, mas não sufocantes; a maneira como a despiu — apesar de um pouco desajeitada (um toque humano, pensou ela) — era um modelo de finura de doce sobriedade. Ficou surpresa que ele não soubesse de sua cicatriz, pois já começara a pensar que essa intimidade iniciara-se na mesa de operações, quando por duas vezes havia caído em seus braços e por duas vezes haviam-lhe sido negados pelos esforços dos cirurgiões. Mas talvez, já que não era dado a sentimentalismos, houvesse esquecido aquele primeiro encontro. Qualquer que fosse a razão, ele pareceu perturbado quando tirou seu vestido, e houve um silencioso intervalo durante o qual ela achou que ele a rejeitaria.

Mas esse momento passou, e então ele estendeu a mão em direção ao seu abdômen e alisou-lhe a cicatriz.

— É linda! — exclamou.

Ela alegrou-se.

— Quase morri com a anestesia.

—Teria sido um desperdício — ele comentou, suas mãos chegando aos seus seios e acariciando-os. Parecia estar excitado, pois sua voz saiu mais gutural, quando voltou a falar. — O que lhe disseram? — perguntou, passando as mãos no veio por trás de sua clavícula e acariciando-a nesse local. Há meses não era tocada, exceto por mãos desinfetadas; sua delicadeza causou-lhe arrepios. Estava tão concentrada em seu prazer que não respondeu à pergunta. Ele insistiu, começando a tocá-la entre as pernas.

— O que lhe disseram?

Já nas nuvens, antecipadamente respondeu:

— Deixaram um telefone para que eu ligasse. Para que pudessem me ajudar...

— Mas você não quis ajuda?

— Não — sussurrou. — Por que haveria de querer?

Por um instante, ela viu o sorriso dele, mas seus olhos queriam deixar-se fechar. Sua aparência não despertava nenhuma paixão dentro dela; na verdade, havia muito em seu disfarce (aquela gravata-borboleta absurda, por exemplo) que ela achava ridículo. Com os olhos fechados, porém, podia esquecer estes detalhes triviais; podia despi-lo de sua capa e imaginá-lo puro. Quando pensava nele dessa forma, sua mente dava piruetas.

Ele tirou as mãos de seu corpo; ela abriu os olhos. Ele estava tentando tirar o cinto. Enquanto o fazia, alguém gritou algo do lado de fora, na rua. Virou a cabeça em direção à janela; seu corpo enrijeceu. Elaine surpreendeu-se com sua preocupação repentina.

— Está tudo bem—ela tentou acalmá-lo.

Ele inclinou-se sobre ela e colocou a mão em seu pescoço.

— Fique quieta — ordenou.

Ela olhou para seu rosto. Ele começara a suar. A conversa do lado de fora durou mais alguns minutos; eram apenas dois jogadores notívagos indo para casa. Ele percebeu seu equívoco.

— Achei que tinha ouvido...

— O quê?

— Achei que chamavam meu nome.

— Quem faria isso? — perguntou com carinho. — Ninguém sabe que estamos aqui.

Ele afastou seu olhar da janela. Sua maneira decidida havia se diluído; após aquele instante de medo, suas feições haviam se afrouxado. Ele parecia quase estúpido.

— Chegaram perto. Mas não me acharam.

— Perto?

— Quando chegaram a você. — Ele deitou a cabeça sobre seu peito. — Muito perto — sussurrou. Ela sentia o sangue pulando em sua cabeça.

— Mas eu sou veloz — ele disse — e invisível.

Suas mãos voltaram a descer até a cicatriz dela, e depois mais para baixo.

— E sempre limpo — completou.

Ela suspirou enquanto ele a acariciava.

— Eles me admiram por isso, tenho certeza. Não acha que eles devem me admirar? Por ser sempre tão limpo?

Ela lembrou-se do caos dentro da cripta; suas indignidades, suas desordens.

— Nem sempre... — ela suspirou.

Ele parou de acariciá-la.

— Ah, sim. Sim, sim. Nunca derramo sangue. E uma regra que tenho. Nunca derramo sangue.

Sorriu ao ouvi-lo contar suas proezas. Ela lhe contaria agora — apesar de que certamente já saberia — sobre sua visita à Todos os Santos e um certo trabalhinho seu que vira lá.

— As vezes, não pode evitar que sangue seja derramado — ela disse. — Não tenho nada contra.

Ao ouvir estas palavras, ele começou a tremer.

— O que lhe disseram sobre mim? Que mentiras contaram?

— Nada — ela respondeu, perplexa. — O que poderiam saber?

— Sou um profissional. — Sua mão voltou ao rosto dela. Elaine sentiu, outra vez, a recuperação de sua maneira decidida. Havia

seriedade na maneira como ele pressionava-lhe o corpo contra o seu.

— Não vou deixar que mintam sobre mim. Não vou deixar.

Ele levantou a cabeça do peito dela e fitou-a.

— Tudo o que faço é parar o relógio — ele afirmou.

— O relógio?

— Tenho que pará-lo de maneira limpa. No ato.

As luzes que piscavam na árvore de Natal pintavam seu rosto ora de vermelho, ora de verde, ora de amarelo; cores puras, como no estojo de tintas de uma criança.

— Não vou deixar que contem mentiras sobre mim. Que falem que derramo sangue.

— Não me disseram nada — ela assegurou. Ele desistira de vez de seu travesseiro e estava agora montado sobre ela. Suas mãos haviam cansado de toques suaves.

— Quer que eu lhe mostre como sou limpo? — perguntou.

— Como paro o relógio com facilidade?

Antes que pudesse responder, as mãos dele fecharam-se em volta de seu pescoço. Ela não teve tempo nem para uma última respiração, muito menos para gritar. Seus dedos eram especialistas; encontraram sua traqueia e apertaram. Ela ouvia o ritmo de seu pulso acelerar em seus ouvidos. — É rápido; e limpo — ele dizia, as cores em seu rosto ainda seguindo a mesma sequência previsível. Vermelho, amarelo, verde; vermelho, amarelo, verde.

Havia um engano aqui, ela tinha certeza; um terrível mal-entendido que não conseguia imaginar. Esforçou-se para que tudo fizesse sentido.

— Não estou entendendo — tentou falar, mas sua laringe já não produzia mais do que um som gargarejado.

— Tarde demais para desculpas — ele disse, meneando a cabeça. — Você veio a mim, está lembrada? Quer que eu pare o seu relógio. Por que mais viria? — Apertou seu pescoço com mais força ainda. Ela tinha a sensação de que seu rosto estava inchando; sentia o sangue latejando, querendo saltar-lhe pelos olhos.

— Não percebe que foram lhe avisar sobre mim? — franziu a testa no esforço. — Queria levá-la para longe de mim, por isso

disseram que derramo sangue.

— Não — ela conseguiu pronunciar a sílaba com seu último sopro, mas ele apenas apertou com mais força, para cancelar sua negação.

Agora seu pulso estava ensurdecedor em seus ouvidos; a boca de Kavanagh continuava a se mexer, mas ela não escutava mais o que ele dizia. De resto, era de pouca importância. Sabia agora que ele não era a Morte; não era o guardião de ossos claros que ela havia esperado. Em sua ansiedade, havia caído nas mãos de um assassino comum, um Caim da esquina. Queria cuspir seu desprezo na cara dele, mas estava perdendo a consciência; o quarto, as luzes, o rosto, tudo latejava ao ritmo de seu pulso. Então, tudo parou.

Ela olhou para a cama. Seu corpo estava lá, jogado em cima dela. Uma mão desesperada tinha agarrado o lençol, e ainda o segurava, mesmo sem vida. A língua saía de sua boca, havia saliva em seus lábios azuis. Mas (conforme ele prometera) não havia sangue.

Ela flutuava, sua presença sequer fazendo com que as teias de aranha no canto do teto se movessem, e assistia enquanto Kavanagh cumpria os rituais de seu crime. Estava inclinado sobre o corpo, sussurrando em seus ouvidos, enquanto o arrumava sobre os lençóis amarfanhados. Então, ele sabotou as calças, revelando o osso cuja inflamação era a forma mais sincera de lisonja. O que se seguiu foi cômico por sua falta de graciosidade; como também era cômico o corpo dela, com suas cicatrizes e os locais onde a idade o havia enrugado e amassado. Ela assistiu a suas tentativas desajeitadas de coito sem qualquer tipo de interesse. Suas nádegas eram brancas, e marcadas pelo elástico da cueca; seus movimentos lembravam um brinquedo mecânico.

Ele a beijava enquanto copulava, engolindo a peste com sua saliva; as mãos dele estavam infectadas pelas células contagiosas que se soltavam de sua pele. Ele nada sabia disso, é claro. Estava completamente desavisado quanto à contaminação que assimilava cada vez que introduzia o membro em seu corpo sem vida. Finalmente terminou. Não soltou nenhum grito, nenhum gemido.

Simplesmente parou seus movimentos mecânicos e saiu de cima dela, limpando-se com a ponta do lençol e abotoando as calças novamente. Os guias estavam chamando por ela. Tinha caminhos a percorrer, pessoas para encontrar. Mas não queria ir; pelo menos ainda. Ela manobrou o veículo, que era seu espírito, para um novo posicionamento, onde pudesse ver melhor o rosto de Kavanagh. Sua visão, ou qualquer que fosse o sentido daquela condição percebia como as feições dele eram pintadas sobre uma base feita de músculo, e como, debaixo daquela estrutura complexa, os ossos brilhavam. Ah, os ossos. É claro que ele não era a Morte; e ao mesmo tempo era. Tinha a sua cara, não tinha? E, um dia, graças às dádivas da decomposição, ele a mostraria. Era lamentável que uma fina camada de pele estivesse entre essa cara e o olho nu de um observador.

Venha, insistiam as vozes. Sabia que não podia evitá-las por muito mais tempo. E, na verdade, havia algumas que ela acreditava conhecer. Um minuto, implorou, só mais um minuto.

Kavanagh tinha feito o que lhe interessava na cena do crime. Olhou-se no espelho do armário e dirigiu-se à porta. Ela o seguiu, intrigada com a banalidade de sua expressão. Ele foi até o topo da escada, desceu e esperou um momento em que o porteiro da noite estivesse distraído, para sair à rua, em liberdade.

Era o amanhecer que clareava o céu ou eram as luzes da rua. Talvez ela o tivesse observado do canto do quarto durante mais tempo do que imaginara — as horas passando como breves momentos nesse estado só alcançado recentemente.

Só agora, ao final de sua espera, é que foi recompensada por sua vigília, ao reconhecer uma nova expressão no rosto de Kavanagh. Fome! O homem estava com fome! Não morreria da peste, como ela também não morreria. Ele irradiava a sua presença — sua pele tinha um novo brilho e seu estômago novas necessidades.

Viera a ela como um reles assassino e ela fizera dele uma sentença de Morte ambulante. Riu, vendo a profecia auto-realizável que engendrara sem intenção. Por um instante, ele diminuiu o passo, como se tivesse escutado. Mas não; era seu pulso que

reverberava, batendo mais forte do que nunca em seu ouvido e gerando, conforme ia andando, nova e mortífera energia a cada passo.

COMO OS GRILEIROS SANGRAM

Locke olhou em direção às árvores, O vento passava por elas e o agitar de seus galhos carregados soava como a torrente de um rio cheio. Uma de muitas personificações. Quando chegou pela primeira vez à selva, ficara abismado pela absoluta variedade de fauna e flora, pelo infindável desfile da vida. Mas aprendera a discernir melhor. Essa diversidade, vista pela ótica burguesa, era a selva fazendo-se passar por um jardim singelo. Ela não era isso. Onde o invasor somente via um espetáculo de brilhante esplendor natural, Locke agora percebia uma sutil conspiração em andamento, na qual cada coisa espelhava uma outra.

As árvores, o rio; o desabrochar de uma flor, um pássaro. Na asa de uma mariposa, o olho de um macaco; no dorso de um lagarto, os raios de sol nas pedras. Dando voltas, em um círculo desnorteante de personificações, uma galeria de espelhos que desnorteava os sentidos, e, com o tempo, corrompia de vez a razão.

Olhe... só para nós agora, pensou bêbado, enquanto estavam em volta do túmulo de Cherrick; olhe como também participamos do jogo. Estamos vivos, mas personificamos os mortos melhor do que eles próprios.

O corpo estava uma crosta só quando o colocaram no saco e o carregaram para trás da casa de Tetelman a fim de enterrá-lo. Ali havia outra meia dúzia de túmulos. Todos europeus, a se julgar pelos nomes grosseiramente marcados nas cruces de madeira; mortos por cobras, pelo calor ou de saudades.

Tetelman tentou rezar uma rápida oração em espanhol, mas o barulho das árvores e o ruído dos pássaros retornando a seus ninhos antes do anoitecer, tudo isso abafava sua voz. Finalmente, ele desistiu, e voltaram para o frescor do interior da casa, onde Stumpf,

sentado, bebia conhaque: com um olhar fixo, morto, olhava a mancha que escurecia nas tábuas do assoalho.

Do lado de fora, dois índios domesticados de Tetelman jogavam, com a pá, a terra fértil da selva em cima do saco com Cherrick, loucos para acabar logo o serviço e irem embora antes do anoitecer. Locke olhava pela janela. Os coveiros não conversavam enquanto trabalhavam: encheram a cova rasa, e depois nivelaram a terra da melhor forma possível com as solas de seus pés curtidos como o couro. Com isso, o bater de seus pés adquiriu um ritmo. Ocorreu a Locke que aqueles homens fariam qualquer coisa por um uísque barato; ele conhecia poucos índios que não bebiam como gambás. Agora, um pouco cambaleantes, eles começaram a dançar ao redor do túmulo de Cherrick.

— Locke?

Locke despertou. Na escuridão, um cigarro brilhava. Quando o fumante tragou e a brasa ardeu mais intensamente, as feições; cansadas de Stumpf emergiram na escuridão.

— Locke? Está acordado?

— O que você quer?

— Não consigo dormir — replicou a sombra. — Estive pensando. O avião com os suprimentos chegará de Santarém depois de amanhã. Nós poderíamos estar de volta em algumas horas. Longe disso tudo.

— Claro.

— Quero dizer para sempre — disse Stumpf. — Ir embora.

— Para sempre?

Stumpf acendeu outro cigarro na guimba do último, antes de falar:

— Não acredito em maldições. Não pense que eu acredito.

— Quem falou em maldições?

— Você viu o corpo de Cherrick. O que aconteceu com ele...

— Existe uma doença. Como se chama mesmo... quando o sangue não estanca direito?

— Hemofilia — respondeu Stumpf. — Ele não tinha hemofilia, e nós dois sabemos disso. Eu o vi cortado e arranhado um punhado de vezes. Ele cicatrizava igual a você e a mim.

Locke pegou um mosquito, que tinha pousado em seu peito, e o esmagou entre o polegar e o dedo indicador.

— Está bem. Então o que o matou?

— Você viu as feridas melhor do que eu, mas para mim sua pele parecia rachar assim que era tocada.

Locke assentiu, concordando.

— Parece que foi assim.

— Talvez seja alguma coisa que ele tenha pego dos índios.

Locke compreendeu.

— Eu não toquei em nenhum deles.

— Nem eu. Mas ele sim, lembra?

Locke se lembrava; cenas como aquelas eram difíceis de ser esquecidas, por mais que ele tentasse. “Deus”, quase sussurrou. “Que merda de situação.”

— Eu vou voltar para Santarém. Não quero que eles voltem procurando por mim.

— Não vão.

— Como sabe? Nós fizemos merda lá. Poderíamos tê-los subornado. Tirá-los da terra de uma ou outra forma.

— Eu duvido. Você ouviu o que Tetelman falou. Território de ancestrais.

— Você pode ter a minha parte da terra — disse Stumpf. — Eu não quero participar disso.

— Então você está falando sério? Está caindo fora?

— Eu me sinto sujo. Nós somos grileiros, Locke.

— Problema seu.

— Estou falando sério. Não sou como você. Na verdade nunca tive estômago para esse tipo de coisa. Você compraria a minha terça parte?

— Depende do seu preço.

— O que você quiser. E seu.

Com o fim do desabafo, Stumpf voltou para a cama, e deitou-se no escuro para terminar o seu cigarro. Logo estaria claro. Mais um amanhecer da selva: um intervalo precioso, muito curto, antes que o mundo começasse a transpirar. Como ele *odiava* o lugar. Pelo menos não tinha tocado em nenhum dos índios; nem estivera perto

deles. Fosse qual fosse a infecção que eles passaram para Cherrick, com certeza ele não se contaminara. Em menos de quarenta e oito horas estaria voltando para Santarém, e depois para alguma cidade, *qualquer* cidade, onde a tribo nunca o seguiria. Já tinha pago seus pecados, não tinha? Pago, com a podridão em seu abdômen, por sua ganância e sua arrogância, e com os terrores dos quais sabia que jamais conseguiria livrar-se por completo. Que fosse punição suficiente, rezou ele, e mergulhou no sono, antes que os macacos começassem a anunciar o dia.

Um besouro de costas abauladas, preso dentro do mosquito de Stumpf, zumbia em círculos cada vez menores, à procura de uma saída. Não pôde encontrar nenhuma. Finalmente, exausto pela procura, pairou sobre o homem adormecido e pousou em sua testa. Ali, vagou bebendo pelos poros. Embaixo de seu rastro imperceptível, a pele de Stumpf começou a abrir e rachar em uma trilha de pequenas feridas.

Ao meio-dia, chegaram à aldeia índia, o sol como o olho de um basilisco. À primeira vista, pensaram que o lugar estava deserto. Locke e Cherrick entraram no povoado, deixando Stumpf, que estava com diarreia, no jipe, fora do calor intenso. Foi Cherrick o primeiro a perceber a criança. Um menino com a barriga estufada, de quatro ou cinco anos, rosto pintado com largas faixas vermelhas feitas com o corante vegetal urucum, saiu de seu esconderijo e veio olhar os invasores, com uma curiosidade sem medo. Cherrick ficou imóvel, Locke fez o mesmo. Um por um, das cabanas e do abrigo das árvores em volta do povoado, a tribo apareceu, e, igual ao garoto, todos olharam fixo para os invasores. Se havia qualquer indicação de emoção em seus rostos largos, com narizes achatados, Locke não conseguiu perceber.

Esta gente — ele considerava todos os índios membros de uma única tribo de desgraçados — era impossível de ser decifrada; a dissimulação era a sua única habilidade.

— O que vocês estão fazendo aqui? — gritou. O sol queimava a sua nuca. — Esta terra é nossa.

O garoto continuava a olhá-lo. Seus olhos amendoados recusavam-se a sentir medo.

— Eles não entendem você — disse Cherríck.
— Traga o Kraut aqui. Deixe que ele explique para eles.
— Ele não pode se mover.
— *Traga ele aqui* — insistiu Locke. — Não quero nem saber se ele cagou nas calças.

Cherríck voltou pela trilha, deixando Locke em pé no meio do círculo de cabanas. Olhou de porta em porta, de árvore em árvore, fazendo uma estimativa. Eram, no máximo, três dúzias de índios, sendo dois terços deles mulheres e crianças; descendentes dos grandes povos que um dia tinham andado aos milhares pela Bacia do Amazonas. Agora estavam todos dizimados. A floresta, na qual tinham prosperado durante gerações, fora aplainada e queimada; rodovias com oito pistas cortavam suas áreas de caça. Tudo em que acreditavam ser sagrado — a selva e os seus lugares naquele ecossistema — estava sendo esmagado e invadido; eram exilados em suas próprias terras. Mas mesmo assim, recusavam-se a render tributo a seus novos senhores, apesar dos rifles que eles traziam. Somente a morte poderia convencê-los de uma derrota, refletia Locke.

Cherrick encontrou Stumpf recostado no banco da frente do jipe, suas feições pastosas mais infelizes do que nunca.

— Locke quer você — avisou, sacudindo e tirando o alemão do seu cochilo. — A aldeia ainda está ocupada. Você vai ter de falar com eles.

Stumpf gemeu.

— Não posso me mexer. Estou morrendo.

— Locke quer você vivo ou morto — disse Cherrick. O medo implícito que tinham de Locke era uma das duas coisas que tinham em comum: o medo e a ganância.

— Sinto-me péssimo — admitiu Stumpf.

— Caso eu não te leve, ele virá pessoalmente — alertou Cherrick. Isso era indiscutível.

Stumpf olhou desesperado para o outro homem, e concordou acenando sua cabeça macilenta.

— Está bem. Ajude-me.

Cherrick não tinha a menor intenção do colocar a mão em Stumpf. O homem exalava um cheiro repugnante; dava a impressão de estar expelindo suas entranhas pelos poros; sua pele tinha a aparência de carne estragada. Mesmo assim, manteve a mão estendida. Sem ajuda, Stumpf jamais conseguiria andar os cem metros entre o jipe e o povoado.

Mais à frente, Locke gritava.

— Anda — apressou Cherrick, levantando Stumpf do assento e indo em direção aos gritos. — Vamos acabar logo com isso.

Quando os dois homens voltaram para dentro do círculo de cabanas, a cena era praticamente a mesma. Locke olhou para Stumpf.

— Temos invasores — ele disse.

— Estou vendo — retrucou Stumpf, cansado.

— Diga para darem o fora das nossas terras. Diga que este território é nosso: nós o compramos. Sem inquilinos.

Stumpf acenou a cabeça em concordância, sem encarar o olhar colérico de Locke. Por vezes ele o odiava tanto quanto a si mesmo.

— Continue... — ordenou Locke, sinalizando para Cherrick deixar de ajudar Stumpf. E ele o fez. O alemão cambaleou para frente, cabeça abaixada. Demorou vários segundos para concatenar seu jargão, e então ergueu a cabeça e falou algumas palavras vacilantes num português ruim. A fala foi recebida com os mesmos olhares vazios dedicados à performance de Locke. Stumpf tentou mais uma vez, reagrupando o seu vocabulário inadequado, na tentativa de acender uma chama de compreensão entre aqueles selvagens.

O garoto, que tinha se entretido tanto com os trejeitos de Locke, agora olhava fixo para aquele terceiro demônio, seu rosto despido de sorrisos. Aquele não era tão engraçado quanto o outro. Estava doente e acabado; fedia a morte. O garoto tapou o nariz para não cheirar o odor doentio do homem.

Stumpf olhou para sua platéia com um olhar embaçado. Caso eles *estivessem* entendendo, e estavam encenando a sua ignorância, era uma atuação impecável. Derrotado pelo seu conhecimento limitado, virou-se meio tonto para Locke.

- Eles não estão me entendendo.
- Fale de novo.
- Acho que eles não falam português.
- Não interessa.

Cherrick ergueu seu rifle.

— Nós não precisamos falar com eles — murmurou. — Estão em nossas terras. Estamos no nosso direito...

— Não — disse Locke. — Não há necessidade de atirar. Não se nós conseguirmos convencê-los a irem embora pacificamente.

— Não entendem o bom senso — comentou Cherrick.

— Olhe para eles. São animais. Vivendo na imundície.

Stumpf tinha recomeçado a tentar comunicar-se, desta vez fazendo uma mímica precária para acompanhar suas palavras imprecisas.

— Diga que nós temos trabalho a fazer aqui — acrescentou Locke.

— Estou fazendo o melhor possível — Stumpf respondeu irritado.

— Nós temos documentos.

— Não creio que isso os impressione muito — Stumpf devolveu, com um sarcasmo cauteloso, que não foi compreendido pelo outro.

— Diga apenas para eles irem em frente. Para acharem um outro pedaço de terra para se assentarem.

Enquanto olhava Stumpf colocar em palavras e gestos o que foi dito, Locke já estava avaliando as opções alternativas. Ou os índios — os Txucarramãe ou os Achual, ou qualquer outro raio de família que fossem — aceitavam as condições e se mudavam, ou então eles seriam obrigados a garantir o cumprimento da lei. Como Cherrick havia dito, estavam nos seus direitos. Possuíam documentos das autoridades dos órgãos de desenvolvimento; mapas que demarcavam as divisões entre um território e outro; dispunham de todos os tipos de sanções, de cabo a rabo.

Locke não tinha o menor desejo de derramar sangue. O mundo ainda estava repleto de liberais de coração mole e de *sentimentalistas para fazer do genocídio a solução* mais

conveniente. Mas armas foram usadas *antes, e o seriam de novo, até* que cada índio porco estivesse usando um par de calças e desistisse de comer macacos.

De fato, apesar de todo barulho dos liberais, a arma tinha o seu encanto. Era suave e definitiva. Quando exercia a sua palavra, não sobrava muito espaço para discussão; não dava chance de, dali a alguns anos, algum índio mercenário, que por acaso tivesse encontrado uma cópia de Marx no esgoto, retornar para reclamar as suas terras — com petróleo, minerais e tudo mais. Uma vez livres deles, livres para sempre.

Ao imaginar os rostos avermelhados daqueles selvagens atirados ao chão, Locke sentiu uma *coceira* no dedo que estava no gatilho; uma *coceira física*. Stumpf tinha terminado sua apresentação; sem obter reações.

Então gemeu, e virou-se para Locke.

— Vou vomitar. — Seu rosto estava lívido; o brilho de sua pele fazia com que seus pequenos dentes parecessem amarelados.

— Fique à vontade — respondeu Locke.

— *Por favor*. Preciso me deitar. Não quero que eles me vejam.

Locke balançou a cabeça.

— Você não se move até que eles escutem. Se não conseguirmos nada de bom deles, então você vai ter motivos para passar mal. Enquanto falava, Locke brincava com o cano de sua espingarda, passando a unha quebrada do polegar nas pequenas incisões entalhadas nele. Talvez houvesse uma dúzia delas, cada uma com um túmulo. A selva ocultava facilmente os assassinatos; ela parecia, com sua aura enigmática, quase perdoar os crimes.

Stumpf desviou o olhar de Locke e examinou o grupo silencioso. Havia muitos índios ali e, apesar de carregar uma pistola, era um péssimo atirador. E se colocassem Locke, Cherrick e ele próprio para correr?

Ele não sobreviveria. Contudo, olhando para os índios, não via sinal de agressividade. Um dia, eles tinham sido guerreiros; mas, e agora? Como crianças agredidas, faziam-se de soturnos e sonsos. Notavam-se alguns traços de beleza em uma ou duas das mulheres mais jovens; suas peles, apesar de sujas, eram delicadas, os olhos

pretos. Se estivesse se sentindo-se melhor, poderia ficar excitado pela nudez delas, tentado a apalpar suas peles brilhantes. Do jeito que estava, a simples incompreensão disfarçada deles o irritava. Em seu silêncio, eles pareciam pertencer a uma outra espécie, tão misteriosos e impenetráveis quanto às mulas ou os pássaros. Em Uxituba, alguém não dissera que muitos destes povos sequer davam nomes apropriados às crianças? Que cada um era como uma parte do corpo da tribo, sem denominação e portanto sem relações entre si? Agora ele podia acreditar naquilo, após olhar dentro daqueles olhares negros; poderia crer que via à sua frente não simplesmente um grupo de trinta indivíduos, mas um sistema fluente de ódio humano.

Tremia só de pensar nisso.

Então, pela primeira vez desde que tinham aparecido, uma das pessoas reunidas moveu-se. Era idoso, uns trinta anos mais velho do que toda a tribo. Ele, como todo o resto, também estava nu. A pele flácida de seus membros e peito lembrava couro curtido; seus passos, perfeitamente confiantes, apesar dos olhos esbranquiçados que indicavam cegueira. Uma vez em frente dos intrusos, abriu sua boca — não existiam dentes em suas gengivas apodrecidas — e falou. O que saiu de sua garganta macilenta não era uma linguagem composta de palavras, mas somente de ruídos; um *pot-pourri* de sons da selva. Não havia uma forma distinta para o que estava sendo falado, mas simplesmente uma amostra — impressionante em sua singularidade — de personificações. O homem podia rosnar como uma onça, gritar como um papagaio; podia-se encontrar em sua garganta o borrifar da água nas orquídeas; o grito dos macacos.

Os sons levaram a garganta de Stumpf a contrair-se. A selva o tinha infectado, desidratado e esgotado. Agora aquele homem magro, com olhos gosmentos, estava cuspiendo todo aquele lugar odioso para ele. O calor escaldante no meio do círculo feito pelas cabanas fazia com que a cabeça de Stumpf latejasse, e ele tinha certeza, enquanto escutava os murmúrios do sábio, que o velho homem estava marcando o ritmo de sua baboseira na batida de suas têmporas e pulsos.

— O que ele está falando? — quis saber Locke.

— O que te parece? — Stumpf respondeu, irritado pelas perguntas idiotas de Locke. — É tudo barulho.

— O puto está nos amaldiçoando — disse Cherrick.

Stumpf olhou para o terceiro homem. Os olhos de Cherrick estavam arregalados.

— É uma praga — falou para Stumpf.

Locke riu, sem pena da preocupação de Cherrick. Empurrou Stumpf para fora de seu caminho, para que pudesse olhar de frente o velho, que agora tinha abaixado o tom de seu discurso, e estava, ao que parece, cantando.

Cantava o crepúsculo, pensou Stumpf; aquela breve ambiguidade entre o dia intenso e a noite sufocante. Claro, era isso. Ele podia ouvir na música os ronronares e arrulhos de um reino sonolento. Era tão convincente que ele desejava deitar ali mesmo e dormir.

Locke quebrou o encanto.

— O que você está dizendo? — cuspiu no rosto perplexo do índio. — Fale direito!

Mas os barulhos da noite continuaram sendo sussurrados, uma corrente indestrutível.

— Esta é nossa aldeia — uma voz intercedeu, como se traduzisse as palavras do velho. Locke virou-se rapidamente para saber quem havia falado. Era um jovem magro, que no passado provavelmente tivera uma pele dourada. — *Nossa aldeia, nossa terra.*

— Você fala inglês — Locke surpreendeu-se.

— Um pouco — respondeu o jovem.

— Por que não me respondeu antes? — A raiva de Locke aumentava com o desinteresse estampado no rosto do índio.

— Não é meu dever falar — respondeu o homem. — Ele é o mais velho.

— Você quer dizer... o Chefe?

— O Chefe está morto. Toda a sua família está morta. Este é o mais sábio de nós...

— Então diga a ele...

— Não é preciso falar — o jovem interrompeu. — Ele entende você.

— Ele também fala inglês?

— Não. Mas ele entende você. Você e... transparente.

Para Locke, a impressão era de que o jovem estava insultando-o de forma sutil, mas não tinha certeza. Olhou intrigado para Stumpf. O alemão balançou a cabeça. Locke voltou sua atenção para o jovem.

— De qualquer forma, diga a eles, diga a todos. Esta é nossa terra. Nós a compramos.

— A tribo sempre viveu aqui — foi à resposta.

— Não mais — disse Cherrick.

— Nós temos documentos... — argumentou Stumpf suavemente, ainda na esperança que o confronto terminasse pacificamente — ... do governo.

— Nós estávamos aqui antes do governo — replicou o índio. O velho tinha parado de representar a floresta. Talvez, pensou Stumpf, ele esteja chegando ao começo de um novo dia, e tenha interrompido. Agora, virava-se para ir embora, indiferente à presença daqueles convidados indesejados.

— Chame-o de volta — Locke ordenou, cutucando com o rifle o jovem índio. O gesto era ambíguo. — Faça-o dizer para o resto da tribo que eles precisam ir embora.

Porém, o jovem não parecia impressionado com o rifle de Locke, e obviamente não tinha vontade de dar ordens ao velho, quaisquer que fossem as condições. Ele simplesmente ficou olhando o homem caminhar em direção à cabana da qual tinha saído. Ao redor do povoado, outros também estavam indo embora. Aparentemente a retirada do velho tinha dado o sinal de que o *show* tinha acabado.

— *Não!* — gritou Cherrick. — *Vocês não estão ouvindo.* — A cor de suas bochechas tornara-se mais intensa, a sua voz subiu uma oitava.

Avançou, com o rifle levantado.

— *Seus filhos da puta!*

Apesar da histeria, ia perdendo audiência rapidamente. O velho tinha chegado à porta de sua cabana, então curvou-se e desapareceu em seu interior; os poucos membros da tribo que ainda mostravam algum sinal de interesse pelo fato olhavam para os europeus, com um olhar de piedade pela sua idiotice. Isso enfureceu Cherrick ainda mais.

— Escutem aqui! — ele berrou, o suor espirrando de sua sobrancelha quando virou a cabeça na direção de um ou outro índio que recuava — *Escutem*, seus imbecis.

— Calma... — pediu Stumpf.

O pedido atçou Cherrick. Sem avisar, ele levou o rifle ao ombro, apontou para a porta da cabana na qual o homem velho tinha desaparecido e atirou. Pássaros voaram das copas das árvores próximas, cachorros saíram em disparada. De dentro da cabana ouviu-se um leve grito, completamente diferente da voz do velho. Ao constatar a situação, Stumpf caiu de joelhos, segurando a barriga, suas entranhas em espasmos. Com a cara no chão, ele não viu a pequena figura sair de dentro da cabana e cambalear em direção ao sol. Quando olhou para cima e viu o menino da cara pintada de vermelho segurando a barriga, desejou que seus olhos estivessem mentindo. Mas não estavam. Era sangue que jorrava por entre os dedinhos da criança, e a morte estava estampada em seu rosto. Ele caiu para frente na soleira de terra da cabana, contorceu-se e morreu.

De algum lugar entre as cabanas, uma mulher começou a chorar baixinho.

Por um instante o mundo rodou na cabeça de um alfinete, equilibrando-se frágil entre o silêncio e o choro que deve quebrá-lo, entre a trégua e a barbárie por vir.

— Seu estúpido — sussurrou Locke para Cherrick. Sua voz tremia. — Chega pra lá. Levante, Stumpf. Não vamos esperar Levante e venha, agora ou nunca mais.

Stumpf ainda estava olhando para o corpo do garoto. Abafando os gemidos, ele se levantou.

— Ajude-me — implorou. Locke estendeu-lhe um braço Cubranos — disse a Cherrick.

Lívido de medo, este fez sim com a cabeça. Uma parte da tribo encarava a retirada dos europeus, suas expressões mais inescrutáveis do que nunca, apesar da tragédia. Somente a mulher que chorava, provavelmente a mãe da criança morta, circulava por entre as pessoas caladas lamentando a sua perda.

O rifle de Cherrick tremia enquanto mantinha a mira. Ele tinha feito os cálculos; caso se tornasse um confronto corporal, tinham poucas chances de sobreviver. Mas mesmo agora, com a retirada do inimigo, não havia sinal de movimento entre os índios. Somente as provas de acusação: o menino morto, o rifle quente. Cherrick arriscou dar uma olhadela sobre os ombros. Locke e Stumpf já estavam a 20 metros do jipe, e os selvagens ainda não haviam se mexido.

Então, ao olhar de volta para a aldeia, teve a impressão de que toda ela respirava unida, e ao ouvir esse som Cherrick sentiu a morte como uma espinha de peixe em sua garganta; profunda demais para ser arrancada com os dedos, grande demais para ser esmigalhada. Ela estava lá, alojada em sua anatomia, além de qualquer pedido ou ordem. Sua atenção foi desviada por um movimento da cabana. Passando por cima do corpo do garoto, que ainda permanecia estirado no lugar onde havia caído. Mais uma vez Cherrick olhou para trás. Com certeza eles estavam no jipe não? Mas Stumpf tinha tropeçado; Locke estava levantando-o. Ao ver o velho indo em sua direção, Cherrick recuou um passo e mais outro. Mas o velho não tinha medo. Caminhou calmamente através da aldeia, parando tão perto de Cherrick, o rifle encostou em sua barriga encolhida, o corpo mais vulnerável do que nunca.

Havia sangue em suas mãos, fresco o suficiente para escorrer pelos braços quando as mostrou para Cherrick. Será que ele tinha tocado no garoto quando saiu da cabana?, pensou Cherrick. Era um truque, mas o significado do ato era claro; ele estava sendo acusado de assassinato!

Confuso, Cherrick não ia ser intimidado. Encarou o velho, devolvendo o mesmo olhar desafiante que lhe era lançado.

Mas o velho não fazia nada, a não ser mostrar as mãos ensanguentadas, o olhar cheio de lágrimas. Cherrick podia sentir

sua raiva crescendo de novo. Cutucou o homem com o dedo.

—Você não me amedronta. Você entende? Eu não sou bobo!

À medida que falava, notou uma mudança na expressão do velho. Era uma ilusão causada pelo sol ou a sombra de um pássaro, mas lá estava ela, sob o desgaste da velhice; uma impressão de estar vendo agora o garoto que estava morto, na porta da cabana: a pequena boca parecia até estar sorrindo. Então a imagem desapareceu tão sutilmente quanto aparecera.

Cherrick tirou a mão do peito do velho, estreitou os olhos para não ver mais imagens. Então recomeçou a recuar. Só tinha dado três passos, quando alguma coisa moveu-se à sua esquerda. Virou-se rapidamente, levantou o rifle e atirou. Um porquinho malhado, entre os muitos que pastavam ao redor das cabanas, foi atingido no pescoço quando batia em retirada. Pareceu tropeçar em si próprio, e caiu no chão poeirento.

Cherrick virou o rifle em direção ao velho. Mas o homem não tinha se mexido, a não ser para abrir a boca. Sua boca emitia os grunhidos do porco morto. Um grito engasgado, triste e ridículo, que seguiu Cherrick pelo caminho que levava ao jipe. Locke estava com o motor ligado. — Entre — disse ele. Cherrick não precisava de encorajamento, e jogou-se no banco da frente. O interior do carro parecia uma fornalha, e cheirava às entranhas de Stumpf, mas era o lugar mais seguro em que tinha estado nas últimas horas.

— Era um porco. Eu atirei num porco.

— Eu vi — retrucou Locke.

— Aquele velho filho da ...

Não terminou a frase. Olhava para os dois dedos com os quais tinha cutucado o velho. — Eu o toquei — resmungou, perplexo pelo que via. As pontas de seus dedos estavam ensanguentadas, apesar da pele que tinha tocado estar limpa. Locke não ligou para o estado de confusão de Cherrick e deu meia-volta com o jipe, afastando-se da aldeia por uma trilha que parecia ter ficado coberta de folhagem desde a última vez em que passaram por ela. Não havia explicação lógica.

O pequeno entreposto ao sul de Averio não possuía muitos habitantes, mas era razoavelmente seguro. Havia pessoas de pele

branca e água limpa. Stumpf, que piorara muito durante a viagem de volta, foi tratado por Dancy, um inglês que tinha os trejeitos de um conde sem privilégios e rosto igual a bife batido. Dizia ter sido médico num passado sóbrio, e, apesar de não mostrar provas de sua qualificação, ninguém contestava o seu direito de tratar Stumpf. O alemão estava delirando, e em certas ocasiões tornava-se violento; mas Dancy, com suas pequenas mãos, pesadas com tantos anéis de ouro, parecia ter um genuíno prazer em cuidar do paciente consumido.

Enquanto Stumpf delirava no interior de seu mosquiteiro, Locke e Cherrick sentaram-se à meia-luz e beberam, relatando então seu encontro com a tribo. Foi Tetelman, o dono do entreposto, quem mais falou no fim do relato. Ele conhecia bem os índios.

— Estou aqui há anos — conversaram e alimentava com castanhas o macaquinho sarnento que pulava em seu colo. — Conheço a forma de pensar dessa gente. Eles podem agir como se fossem estúpidos; até covardes. Pode acreditar em mim, eles não são nem uma coisa nem outra.

Cherrick resmungou. O macaquinho esperto encarou-o com um olhar vago.

— Eles não nos ameaçaram — disse Cherrick — apesar de estarem em maior número, na proporção de dez para um. Se não é covardia, o que é?

Tetelman recostou-se em sua cadeira, que rangia, enxotando o bicho do colo. Seu rosto estava vermelho e cansado. Somente os lábios, constantemente molhados pelo corpo, tinham alguma cor; ele parecia uma puta velha, pensou Locke. — Trinta anos atrás — contou Tetelman — todo este território era a pátria deles. Ninguém o ambicionava; eles *iam* aonde queriam, faziam o que queriam. Do ponto de vista do homem branco, a selva era suja e cheia de doenças: nós não queríamos nada com ela. E, é claro, até certo ponto nós estávamos certos. Ela é suja e cheia de doenças, mas também possui reservas que agora desejamos desesperadamente: minerais, talvez petróleo — o poder.

— Nós pagamos por aquela terra — interrompeu Locke, mexendo os dedos com nervosismo na borda do corpo. — É tudo que

temos agora.

Tetelman perguntou com um ar irônico:

— Pagaram? — O macaco grunhiu aos seus pés, aparentemente tão entretido pela conversa quanto seu dono. — Não. Vocês só pagaram por um olho cego, para que assim pudessem tomar à força. Vocês pagaram pelo direito de poder foder os índios como bem entendessem. Isto é o que seus dólares compraram, sr. Locke. O governo deste país está contando os meses para que todas as tribos deste subcontinente tenham sido dizimadas por vocês ou por gente da sua estirpe. Não adianta querer fazer-se de inocente. Eu estou neste lugar há muito tempo...

Cherrick cuspiu no chão. O discurso de Tetelman tinha feito seu sangue subir à cabeça.

— Se você é tão inteligente, por que *you* veio para cá? — perguntou ao comerciante.

— Pela mesma razão que você — respondeu Tetelman francamente, olhando para as árvores além do terreno atrás da loja. A silhueta delas movia-se contra o céu, o vento ou pássaros noturnos.

— E que razão é essa? — perguntou Cherrick, mal podendo conter a sua hostilidade.

— Ganância — respondeu Tetelman suavemente, ainda olhando para as árvores. Alguma coisa correu através do telhado baixo. O macaco, que estava nos pés de Tetelman, escutou e ergueu a cabeça. — Pensei que pudesse ficar rico aqui, igual a vocês. Eu dei um prazo de dois anos a mim mesmo. Três no máximo. Isso há quase duas décadas. — Franziu a testa; o pensamento que lhe passou na cabeça era amargo. — Cedo ou tarde, a selva te come por dentro, e depois te cospe para fora.

— A mim não — corrigiu Locke.

— Ah, sim — disse educadamente. — A destruição está no ar, sr. Locke. Posso senti-la. — E voltou a olhar pela janela.

O que quer que estivesse no telhado agora tinha companhia. Eles não virão aqui, virão? — perguntou Cherrick. — Eles não nos seguirão?

A pergunta, feita quase num sussurro, implorava uma resposta negativa. Por mais que tentasse, Cherrick não conseguia esquecer os fatos do dia anterior. Não era exatamente o corpo do menino que o assustava; isso, cedo ou tarde, ele esqueceria. Mas o velho — com seu rosto inconstante e iluminado — e com as palmas das mãos erguidas como se quisesse mostrar um estigma; ele, sim, era inesquecível.

— Não se preocupe — Tetelman procurou ser condescendente. — As vezes, um ou dois deles entram aqui para vender um papagaio, ou alguns potes, mas nunca vi aparecerem aqui em grande número. Não gostam. Para eles, isto aqui é a civilização, e ela os intimida. Além disso, não machucariam meus convidados. Eles precisam de mim.

— Precisam de você? — Locke demonstrou surpresa; quem poderia precisar daquele lixo de homem?

— Eles usam os nossos remédios. Dancy os fornece. Uma vez ou outra, um cobertor. E como eu disse, não são tão burros.

Na porta ao lado, Stumpf começou a gritar. Podiam ouvir a voz confortante de Dancy, na tentativa de acalmar o pânico. Obviamente, não estava conseguindo.

— Seu amigo piorou — comentou Tetelman.

— Ele não é meu amigo — respondeu Cherrick.

— Ela apodrece — Tetelman falou baixinho, quase que para si mesmo.

— O quê?

— A alma. — Decididamente a palavra vinda dos lábios brilhantes de uísque de Tetelman soava fora de contexto. — É como fruta, sabia? Apodrece.

De alguma forma os gritos de Stumpf reforçavam a observação. Não parecia a voz de uma pessoa saudável, havia uma certa podridão. Mais para distrair sua atenção do barulho feito pelo alemão do que interesse genuíno, Cherrick perguntou:

— O que eles dão em troca de seus remédios e cobertores? Mulheres?

A possibilidade obviamente agradou a Tetelman; ele riu, seus dentes dourados brilhando. — Não sirvo muito para as mulheres —

respondeu. — Tenho sífilis há muitos anos. — Estalou os dedos e o macaco subiu no seu colo. — A alma não é a única coisa que apodrece.

— Então, o que você recebe deles em troca? — insistiu Locke — pelos seus suprimentos?

— Artefatos — explicou Tetelman. — Tigelas, canecas, esteiras. Os americanos os compram de mim, e os revendem em Manhattan. Todo mundo hoje em dia quer alguma coisa feita pelas tribos em extinção. *Memento mori*.

— Extinção? — perguntou Locke. A palavra tinha um som sedutor; para ele, parecia como a vida.

— Ah, certamente — disse Tetelman. — Eles são tão bons mortos quanto vivos. Caso você não os extermine, eles o farão a si próprios.

— Suicídio? — Locke parecia excitar-se.

— A sua maneira. Eles perdem o gosto pela vida. Já vi acontecer mais de meia dúzia de vezes. Uma tribo perde a sua terra, e seu gosto de viver vai junto. Eles param de cuidar de si mesmos. As mulheres param de engravidar; os jovens começam a beber, os velhos param de comer até morrerem. Em um ano ou dois, é como se nunca tivessem existido.

Locke tomou o resto de sua bebida, silenciosamente brindando à sabedoria fatal daquele povo. Sabiam a hora de morrer, o que é mais do que se pode dizer de muitas pessoas que ele já tinha conhecido. A ideia do desejo de morrer deles o absolveu do sentimento de culpa que lhe restava. O que era a arma na sua mão senão um instrumento de evolução?

No quarto dia, depois de sua chegada ao entreposto, a febre de Stumpf cedeu, para desapontamento de Dancy.

— O pior já passou — ele anunciou. — Mais dois dias de descanso, e vocês poderão voltar ao trabalho.

— Quais são os seus planos? — Tetelman queria saber.

Locke olhava a chuva da varanda. Uma cortina de água caía de nuvens tão baixas que chegavam a tocar o topo das árvores. Então, tão subitamente quanto surgiu, a chuva parou, como se tivesse sido

desligada. O sol voltou a brilhar; a selva, lavada, estava aquecida, brotando e florescendo mais uma vez.

— Eu não sei o que vou fazer — disse Locke. — Talvez arranjar ajuda e voltar lá.

— Existem maneiras — comentou Tetelman.

Cherrick, sentado perto da porta para aproveitar a pouca brisa existente, pegou o copo, que durante aqueles dias mal tinha sido abandonado, enchendo-o de novo. — Armas, nunca mais — falou. Não tocara no rifle desde que tinha chegado no entreposto; na realidade, evitou ter contato com qualquer coisa, a não ser a bebida e sua cama. Sua pele parecia estar enrugada e arrepiada constantemente.

— Não há necessidade de armas — quase murmurou Tetelman. A afirmação ficou parada no ar, como uma promessa ainda não cumprida.

— Livrar-se deles sem armas? — perguntou Locke. — Se sua intenção é esperar que eles morram naturalmente, eu não sou tão paciente.

— Não — disse Tetelman. — Podemos ser mais sutis.

— Como?

Tetelman olhou o homem com tranquilidade.

— Eles são o meu ganha-pão — disse ele — ou parte dele. Você está pedindo que eu leve a mim próprio à falência.

“Ele não só se parece com uma puta velha”, avaliou Locke, como pensa como uma.”

— O que você quer em troca das suas informações? — perguntou.

— Uma parte do que vocês encontrarem lá — respondeu Tetelman.

Locke concordou com a cabeça.

— O que temos a perder? Cherrick? Você concorda em colocá-lo na partilha? — Cherrick deu de ombros em sinal de concordância.

— Está bem — continuou Locke. — Diga.

— Eles precisam de remédios — explicou Tetelman —, pois são muito vulneráveis às nossas doenças. Uma boa praga poderia acabar com eles da noite para o dia.

Sem olhar para Tetelman, Locke pensou no assunto.

— Uma única tacada — Tetelman continuou. — Eles não têm praticamente nenhuma defesa contra bactérias. Nunca precisariam criar anticorpos. Gonorreia. Varíola. Até sarampo.

— Como assim? — A curiosidade de Locke aumentava.

Silêncio mais uma vez. No fim dos degraus da varanda, onde terminava a civilização, a selva crescia em direção ao sol. No calor úmido, as plantas floresciam, morriam e floresciam de novo.

— Perguntei *como* — disse Locke.

— Cobertores — respondeu Tetelman. — Cobertores de cadáveres.

Um pouco antes do amanhecer, no dia seguinte à recuperação de Stumpf, Cherrick acordou de repente, interrompendo seu descanso com sonhos ruins. Lá fora ainda estava escuro; nem as estrelas nem a lua diminuían a profundidade da noite. Mas seu relógio biológico, treinado com uma exatidão impressionante pela vida de mercenário, dizia-lhe que o nascer do dia não ia demorar muito, e ele não tinha o menor desejo de voltar a dormir. Não para sonhar de novo com o velho. O que perturbava Cherrick não eram as mãos estendidas, nem o sangue brilhante. Eram as palavras com que ele sonhava, vindas da boca do velho, e que o faziam sentir o suor frio que envolvia seu corpo agora.

— Quais eram as palavras? — Por mais que tentasse, não conseguia lembrar-se; gostaria de trazer à tona seus sentimentos, para que pudessem ser analisados e esquecidos como se fossem baboseiras. Mas eles não se revelavam. Continuou deitado em sua cama deplorável, a escuridão o envolvendo, impedindo-o de se mover. Subitamente as mãos ensanguentadas estavam lá, suspensas no alto. Não havia rosto, nem céu, nem tribo. Somente as mãos.

— Estou sonhando — Cherrick falou' para si mesmo, mas não era burro.

E agora, a voz. O seu pedido fora atendido; ali estavam as palavras ditas no sonho. Poucas faziam sentido. Cherrick era como um bebê recém-nascido, deitado no berço, ouvindo seus pais falarem, mas incapaz de dar sentido ao que lhe estava sendo dito. Era um ignorante, não era? Pela primeira vez, desde a sua infância,

sentia ambiguidades que já tinha esquecido a duras penas, dos sussurros que sua vida atormentada já tinha tornado inaudíveis. Desajeitadamente, tentou compreender, e não ficou completamente desapontado. O homem falava do mundo e do exílio do mundo, de sempre ter sido ‘derrotado por algo que alguém almeja possuir. Cherrick sofria, desejando poder fazer calar a voz e pedindo explicações. Mas ela já se desvanecia, apressada pelos gritos dos papagaios nas árvores, ruídos roucos e barulhentos que de repente apareciam de todos os lados. Pela malha de seu mosquitoireo podia ver o céu deslumbrante por entre os galhos.

Levantou-se. Tanto as mãos quanto as vozes tinham sumido, e com eles o irritante murmúrio que quase tinha compreendido. Durante o sono, havia jogado o seu único lençol para fora da cama; agora olhava seu corpo com desgosto. Suas costas e nádegas, e o lado de trás de suas coxas, estavam doloridas. Muito suor nestes lençóis ásperos, pensou ele. Não era a primeira vez nestes últimos dias que pensava numa pequena casa em Bristol, que um dia ele conheceu como seu lar.

O barulho dos pássaros enchia sua mente. Levantou-se com esforço na beira da cama, puxou o mosquitoireo para trás. A trama áspera da rede parecia esfolar a palma de sua mão quando a segurou. Livrou-se dele e soltou um palavrão. Hoje, sentia de novo uma leve sensibilidade em sua pele, que já havia experimentado desde que chegara ao entreposto. Até as solas de seus pés, pressionadas no chão, devido ao peso de seu corpo, pareciam sofrer com cada farpa e desnível. Desejava desesperadamente ir para longe daquele lugar.

A sensação de alguma coisa morna escorrendo pelo punho chamou sua atenção, e ficou chocado ao ver que um pequeno filete de sangue escorria de sua mão para o braço. Havia um corte na parte de dentro de seu polegar, aparentemente onde o mosquitoireo o havia machucado. Sangrava, embora não em profusão. Sugou o corte, sentindo mais uma vez aquela sensibilidade peculiar ao toque que só a bebida, e em abundância, oferecia.

As roupas que vestiu maculavam suas costas. Sua camisa suada arranhava os ombros e o pescoço: dava a sensação de ser feita

de lona, tamanho o incômodo. Ele parecia poder sentir cada fio irritando seus pontos nervosos.

Ao lado, ouviu Locke se mexendo. Com cuidado, acabou de vestir-se e foi juntar-se a ele. Locke estava sentado na mesa perto da janela. Olhava o mapa de Tetelman, e bebia uma caneca de café. Dancy gostava muito da bebida, que tomava com bastante leite condensado.

Os dois homens pouco tinham a dizer um para o outro. Desde o incidente na aldeia, não fingiam mais qualquer tipo de respeito ou amizade. Agora, Locke tratava seu antigo companheiro com indisfarçável desprezo. A única coisa que os mantinha juntos era o contrato assinado por eles e Stumpf. Em vez de tomar uísque no café da manhã, que Cherrick tinha certeza de que Locke veria como um sinal de fraqueza, serviu-se da mistura de Dancy e saiu para apreciar a manhã.

Sentia-se estranho. Algo neste nascer do dia deixava-o desconfortável. Tinha consciência dos perigos de alimentar medos infundados, e tentava evitá-los, mas eram incontestáveis. Será que era simplesmente a exaustão que o deixava consciente de toda a inquietude que o incomodava naquela manhã? Por que motivo, se não esse, ele sentira de forma tão aguda o peso de suas roupas malcheirosas, o cano da bota arranhando o osso de seu tornozelo, o roçar cadenciado do tecido da calça em suas pernas quando andava, e até o toque do ar em volta do rosto e dos braços expostos. O mundo o estava esmagando — pelo menos essa era a sensação — como se quisesse expulsá-lo.

Uma enorme libélula, com asas incandescentes, que zumbia a sua volta, colidiu com o seu braço. A dor da colisão fez com que deixasse sua caneca cair. Ela não quebrou, mas rolou para fora da varanda, e perdeu-se no mato. Irritado, Cherrick esmagou o inseto com um tapa, deixando uma mancha de sangue em seu antebraço tatuado, e fazendo uma marca no local onde a libélula morreu. Limpou o sangue, que aparecia de novo no mesmo lugar, escuro e em profusão.

Percebeu que não era o sangue do inseto, mas o seu. De alguma maneira a libélula o tinha cortado, apesar de não ter sentido

nada.

Irritado, olhou mais de perto a pele lacerada. A ferida era insignificante, mas *muito* dolorosa.

Podia ouvir Locke falando lá dentro. Ele descrevia, em alto e bom som, as atitudes erradas de seus companheiros aventureiros.

— Stumpf não serve para esse tipo de trabalho. E Cherrick...

— Eu o quê?

Cherrick entrou no ambiente em ruínas, limpando o braço que continuava a sangrar.

Locke sequer deu-se ao trabalho de olhar para ele.

— Você está paranoico — disse calmamente. — Paranóico e não confiável.

Cherrick não estava com disposição de ouvir os insultos de *Locke*.

— Só porque matei um pirralho índio — respondeu. Quanto mais limpava o sangue do braço picado, mais este latejava. — Você simplesmente não teve colhão pra fazer isso sozinho.

Locke continuava a estudar o mapa, sem olhar para cima. Cherrick deu a volta à mesa.

— Está me ouvindo? — e reforçou a pergunta dando um murro na mesa. Com o impacto, sua mão simplesmente rompeu-se. O sangue espirrou por todos os lados, respingando no mapa.

Cherrick gritou, e afastou-se da mesa cambaleando, o sangue jorrando por um corte no lado de sua mão. Podia ver o osso. Através do zunido de dor que invadia sua cabeça, ouvia uma voz tranquila. As palavras eram inaudíveis, mas ele sabia a quem pertenciam.

— Eu não vou escutar. — Sacudia a cabeça como um cachorro pulgento. Cambaleou em direção à parede, mas o menor contato se transformava em agonia. — *Eu não vou ouvir, vá para o inferno!*

— De que diabo ele está falando? — Dancy apareceu na porta acordado pelos gritos, ainda segurando *Obras Completas* de Shelley, livro sem o qual, segundo Tetelman, ele não conseguia dormir.

Locke repetiu a pergunta a Cherrick, em pé no canto da sala, com os olhos esbugalhados e sangue escorrendo entre os dedos, enquanto tentava estancar sua mão ferida. — O que está dizendo?

— Ele falou comigo — respondeu Cherrick. — O velho.

— Que velho? — quis saber Tetelman.

— Ele está se referindo à aldeia — explicou Locke. Depois, para Cherrick: — É isso o que você quer dizer?

— Ele nos quer fora daqui. Exilados. Como eles. *Como eles!* — O pânico de Cherrick começou a crescer, fugindo ao controle de qualquer um, especialmente o dele.

— O homem está com insolação — diagnosticou Dancy.

Locke sabia que não era isso.

— Sua mão precisa de curativos... — Aproximou-se devagarinho de Cherrick.

— Eu ouvi ele... — Cherrick murmurou.

— Eu acredito. Fique calmo. Nós vamos resolver o problema.

— Não — respondeu Cherrick. — Isto está nos expulsando. Tudo o que tocamos. Tudo o que tocamos.

Fez que ia cair, e Locke o segurou. Quando seus dedos tocaram nos ombros de Cherrick, a carne embaixo da camisa abriu, e as mãos de Locke ficaram instantaneamente manchadas de vermelho. Ele recolheu-as apavorado. Cherrick caiu de joelhos, que por sua vez se transformavam em novas feridas. Olhou para baixo, vendo sua camisa e calça escurecendo. — O que está acontecendo comigo? — choramingou.

Dancy aproximou-se.

— Deixe-me ajudar.

— Não! Não me toque! — implorou Cherrick, mas Dancy não ia permitir que lhe tirassem o direito de tratar.

— Está tudo bem — disse do modo mais suave possível.

Não estava. Quando Dancy segurou os punhos do homem, com a intenção apenas de levá-lo de seus joelhos ensanguentados, novos cortes apareceram onde quer que se tocasse. Dancy sentiu o sangue brotar por baixo de suas mãos, sentiu a carne soltar-se do osso. A sensação era demasiadamente trágica até para seu gosto pela agonia. Como Locke, percebeu que não havia salvação para o homem.

— Ele está apodrecendo — sussurrou.

O corpo de Cherrick tinha se aberto em uma dezena ou mais de lugares. Tentava ficar em pé, cambaleava ao se erguer e caía de

novo; sua pele abrindo sempre que encostava na parede, ou na cadeira, ou no chão. Não havia como ajudá-lo. Tudo o que os outros podiam fazer era ficar em volta como espectadores de uma execução, esperando o fim da agonia. Até Stumpf levantou-se da cama e aproximou-se para saber a razão da gritaria. Encostou-se no portal, o rosto magro e doentio não acreditando no que via.

Mais um minuto e Cherrick foi vencido pela perda de sangue. Ajoelhou-se e caiu estirado o chão, com a cara para baixo. Dancy aproximou-se e se agachou perto da cabeça.

— Ele está morto? — perguntou Locke.

— Quase — respondeu Dancy.

— Apodrecido — disse Tetelman, como se a palavra explicasse a atrocidade que tinham presenciado. Tinha um grande crucifixo, rudemente entalhado, em suas mãos. Parece artesanato indígena, pensou Locke. O Messias espetado na árvore, olhos negros como carvão, e indecentemente nu. Ele sorria, apesar dos pregos e espinhos.

Dancy tocou o corpo de Cherrick, deixando o sangue surgir ao toque, virou-o e curvou-se para perto do rosto trêmulo. Os lábios do moribundo mexiam-se levemente.

— O que ele está dizendo? — Dancy chegou mais perto para poder entender o que o homem balbuciava. Da boca de Cherrick escorria uma baba ensanguentada, mas não saía nenhum som.

Locke aproximou-se, empurrando Dancy para o lado. As moscas já estavam voando ao redor do rosto de Cherrick. Locke colocou seu pescoço grosso e sua cabeça no campo de visão de Cherrick.

— Você está me ouvindo? — perguntou.

— Você me conhece?

Novo gemido.

— Quer me dar a sua parte nas terras?

O gemido era mais fraco agora, quase um suspiro.

— Há testemunhas aqui — continuou Locke. — Apenas diga sim. Eles o escutarão. Apenas diga sim.

O corpo fazia o melhor que podia. Abriu a boca um pouco mais.

— Dancy — chamou Locke. — Ouviu o que ele disse?

Dancy não conseguia esconder seu horror pela insistência de Locke, mas concordou com a cabeça.

— Você é testemunha.

— Caso você precise — murmurou o inglês.

Dentro do seu corpo, Cherrick sentiu a espinha — com a qual tinha engasgado anteriormente na aldeia — mover-se uma última vez e finalmente matá-lo.

— Ele disse que sim, Dancy? — Tetelman perguntou.

Dancy sentiu a presença física do brutamontes ajoelhado ao seu lado. Não sabia o que o homem morto falara, mas que importância havia agora? Locke iria ficar com as terras de qualquer jeito, não iria? Locke levantou-se e foi pegar um copo de café fresco.

Sem pensar, Dancy colocou os dedos sobre as pálpebras de Cherrick para selá-las. Sob o mais leve toque, elas racharam, e o sangue tingiu as lágrimas que apareceram no lugar do olhar fixo e vazio de Cherrick.

Eles o enterraram ao anoitecer. Apesar do corpo ter ficado durante todo o calor da tarde na parte mais fresca da loja, junto com os alimentos secos, e já começara a deteriorar-se quando foi colocado dentro do saco de lona para o enterro. Na noite seguinte, Stumpf ofereceu a Locke o último terço do território para ser adicionado à parte de Cherrick, e Locke, sempre realista, aceitou. O contrato, cujos termos eram simplesmente absurdos, foi assinado no dia seguinte. Na tarde desse dia, como Stumpf esperava, o avião de carregamento chegou. Locke, aborrecido com o olhar de alegria de Tetelman, também decidiu voar de volta a Santarém, a fim de passar alguns dias embriagando-se, com a intenção de tirar a selva de seu organismo, e depois voltar revitalizado. Pretendia comprar suprimentos novos, e, se possível, contratar um motorista e um atirador confiáveis.

O voo foi barulhento, desconfortável e enfadonho; os dois homens não trocaram uma palavra durante todo o trajeto. Stumpf mantinha seu olhar nas áreas de árvores derrubadas que sobrevoavam, apesar da paisagem pouco mudar de uma para outra. O visual verde-escuro era interrompido ocasionalmente pelo brilho

da água, talvez por uma nuvem de fumaça azul que subia aqui e acolá, e onde as clareiras estavam sendo abertas, não mais que isso.

Em Santarém, despediram-se apenas com um aperto de mão, o que deixou cada nervo da mão de Stumpf dolorido, com um corte aberto na pele macia entre o dedo indicador e o polegar.

Santarém não era o Rio, pensou Locke ao encaminhar-se para um bar localizado no extremo sul da cidade, dirigido por um veterano da guerra do Vietnã, que tinha uma preferência por *shows* de sexo explícito com animais. Era um dos poucos prazeres de Locke, do qual ele nunca se cansava, ver uma mulher nativa submeter-se a um cachorro ou jumento por uns poucos dólares sujos. Em geral, as mulheres de Santarém eram tão sem graça quanto a cerveja, mas Locke não se interessava pela beleza delas: importava é que os seus corpos estivessem razoavelmente inteiros e sem doenças. Encontrou o bar e acomodou-se para passar a tarde jogando conversa fora com o americano. Quando se cansou — um pouco depois da meia-noite — comprou uma garrafa de uísque e saiu à procura de um corpo para descarregar suas energias.

A mulher estrábica estava prestes a concordar com a pequena perversão de Locke — da qual ela havia discordado veementemente antes da embriaguez levá-la a abandonar a pouca dignidade que ainda possuía — quando alguém bateu na porta.

— Merda — praguejou Locke.

— Sim — suspirou a mulher. — Tropa. Tropa. — Parecia a única palavra que conhecia de qualquer coisa que lembrasse a língua inglesa. Locke ignorou-a e arrastou-se embriagado para a beira da cama.

Tornaram a bater.

— Quem é? — perguntou.

— Senhor Locke? — a voz em português vinda do corredor era de um menino.

— Sim? — respondeu Locke. Sua calça tinha sumido entre os lençóis. — Sim? O que você quer?

— Mensagem — disse o garoto, sempre em português. — Urgente. Urgente.

— Para mim? — Tinha encontrado as calças e estava vestindo-as. A mulher, nem um pouco decepcionada pela deserção, olhava-o da cabeceira da cama enquanto brincava com uma garrafa vazia. Abotoando-se, Locke em três passos foi da cama à porta. Destrancou-a. O garoto no corredor escuro era descendente de índios, a julgar pela negritude de seus olhos e a peculiar luminosidade que possuía. Vestia uma camisa com o logotipo da Coca-Cola.

— Mensagem, senhor Locke — ele repetiu — ... do hospital.

O garoto fitava a mulher na cama. Abriu um sorriso de orelha a orelha com os remelexos dela.

— Hospital? — surpreendeu-se Locke.

— Sim. Hospital Sagrado Coração de Maria.

Só poderia ser Stumpf, pensou Locke. Quem mais ele conhecia naquele canto do inferno? Quem o chamaria? Ninguém. Olhou para o garoto esperto.

— Vem comigo — insistiu o garoto. — Vem comigo. Urgente.

— Não — recusou Locke. — Não vou. Agora não. Você me entende? Depois, depois.

O garoto deu de ombros.

— Tá morrendo — ele explicou.

— Morrendo? — perguntou Locke.

— Sim. Tá morrendo.

— Então deixe-o. Você me entende? Volte lá e diga que não irei até estar pronto. Mais uma vez o garoto deu de ombros.

— E meu dinheiro? — pediu, quando Locke ia fechando a porta.

— Vá para o inferno — respondeu Locke, batendo a porta na cara do garoto.

Após duas horas e um inepto ato sexual sem entusiasmo, Locke abriu a porta e descobriu que o menino, por pura vingança, tinha defecado ali.

O hospital Sagrado Coração de Maria não era lugar para se ficar doente. “É melhor”, pensou Locke ao caminhar pelos corredores sujos, “morrer na própria cama tendo o suor como companhia do que vir para cá”. O cheiro de desinfetante não

conseguia encobrir completamente o cheiro da dor humana. O que teria acontecido a Stumpf para trazê-lo aqui? Uma briga de bar, uma *discussão com um cafetão sobre o preço de uma mulher*? O alemão era estúpido o suficiente para se deixar envolver com alguma coisa tão sem importância.

— Senhor Stumpf? — ele perguntou, arranhando um português ruim, à mulher de branco que abordou no corredor. — Estou procurando o senhor Stumpf.

A mulher balançou a cabeça e apontou para o final do corredor na direção de um homem de aparência descuidada que acendia um charuto. Soltou o braço da enfermeira e aproximou-se do sujeito. Ele estava envolto em uma nuvem de fumaça malcheirosa.

— Estou procurando o senhor Stumpf.

O homem o olhou com ar de ironia.

— Você é Locke? — perguntou.

— Sou.

— Ah. — Ele deu uma tragada. O cheiro forte e desagradável da fumaça exalada com certeza provocaria uma recaída no paciente, por mais forte que ele fosse. — Eu sou o dr. Edson Costa — disse o homem ao oferecer a Locke a mão pegajosa. — Seu amigo ficou esperando por você a noite toda.

— O que houve com ele?

— Machucou o olho — respondeu Edson Costa, claramente indiferente ao estado de Stumpf. — Apresenta pequenas feridas nas mãos e no rosto. Mas não deixa ninguém aproximar-se dele. Está se automedicando.

— Por quê? — quis saber Locke.

O médico parecia desconcertado.

— Ele pagou por um quarto limpo. Pagou bem. Portanto, eu o coloquei em um. Quer vê-lo? Talvez levá-lo embora?

— Talvez — respondeu Locke, sem entusiasmo.

— Sua cabeça... — falou o médico. — Ele tem alucinações.

Sem dar maiores explicações, o homem saiu rapidamente, deixando um rastro de fumaça de charuto atrás de si. O caminho levava para fora do prédio principal, passava por um pequeno jardim interno e terminava num quarto com uma janela de vidro na porta.

— Aqui — indicou o médico. — Seu amigo. Você diz para ele — sua voz era pausada — paga mais, ou sai amanhã.

Locke olhou pelo vidro. O sujo quarto branco estava vazio, com exceção de uma cama e uma pequena mesa iluminada pela mesma luz fraca que impregnava cada maldito nicho daquele estabelecimento. Stumpf não estava na cama, mas agachado no chão, no canto do quarto, o olho coberto por um curativo volumoso, seguro por uma bandagem grosseiramente colocada em volta de sua cabeça.

Locke olhava-o já há algum tempo, antes que Stumpf percebesse que estava sendo observado. Olhou vagarosamente para cima. O olho saudável, como que compensando o companheiro perdido, tinha inchado para o dobro de seu tamanho normal. Demonstrava um medo suficiente para ambos os olhos, na verdade para uma dezena deles.

Cuidadosamente, como um homem com ossos tão frágeis que tem medo de quebrá-los ao respirar, Stumpf arrastou-se pela parede e cruzou o quarto em direção à porta. Não a abriu, mas dirigiu-se a Locke pelo vidro.

— Por que não veio antes? — perguntou.

— Eu estou aqui.

— Mas *antes* — disse Stumpf. Seu rosto estava em carne viva, como se tivesse apanhado. — Mais cedo.

— Eu tinha compromissos — Locke retrucou. — O que aconteceu com você?

— E verdade, Locke — falou o alemão. — E tudo verdade.

— Como assim?

— Tetelman contou-me. As baboseiras de Cherrick. Sobre serem expatriados. É verdade. Eles têm a intenção de nos afugentar.

— Agora nós não estamos na selva. Aqui você não tem razão para ficar amedrontado.

— Tenho sim. — O olho de Stumpf estava esbugalhado, mais aberto do que nunca.

— Tenho sim! Eu vi ele...

— Quem?

— O velho da aldeia. Ele esteve aqui.

— Ridículo.

— *Ele esteve aqui*, porra. Estava em pé, onde você está. Olhando para mim pelo vidro.

— Você andou bebendo demais.

— Aconteceu com Cherrick, e agora está acontecendo comigo. Eles estão tornando impossível viver...

Locke bufou.

— Eu não estou tendo nenhum problema.

— Não vão deixar você escapar. Nenhum de nós vai escapar. Só se corrigirmos os erros.

— Você precisa deixar o quarto — falou Locke, sem vontade de continuar a conversa fiada. — Informaram que você tem de sair pela manhã.

— Não — replicou Stumpf. — Não posso ir embora. Eu não posso ir embora.

— Não há o que temer.

— A poeira — disse o alemão. — A poeira no ar. Ela vai me cortar todo. Entrou um cisco no meu olho, somente um cisco, e em seguida meu olho começou a sangrar como se não fosse estancar nunca. Eu mal posso me deitar, o lençol parece uma cama de pregos. As solas de meus pés parecem que vão rachar. Você precisa me ajudar.

— Como?

— Pague pelo quarto. Pague até que você consiga trazer um especialista de São Luís. Depois volte à aldeia, Locke. Volte e fale. Eu não quero a terra. Fale que não a quero mais.

— Eu voltarei. Mas na hora que me convier.

— Você deve voltar *rápido* — insistiu Stumpf. — Peça para me deixarem em paz.

De repente, a expressão da face desfigurada mudou, e Stumpf olhou através de Locke para alguma coisa que acontecia no corredor. De sua boca, entreaberta de medo, veio a expressão:

— *Por favor.*

Locke, impressionado pela expressão do outro, voltou-se. O corredor estava vazio, a não ser por algumas mariposas que rodeavam a lâmpada.

— Não há nada lá... — disse, virando-se outra vez para a porta do quarto de Stumpf. No vidro com uma tela de arame, via-se a marca de duas mãos ensanguentadas.

— Ele está aqui — o alemão falava enquanto olhava atentamente para o milagre do vidro ensanguentado. Locke não perguntou quem. Ergueu as mãos para tocar as marcas no vidro. As impressões, ainda molhadas, estavam no *seu* lado do vidro, não no de Stumpf.

— Meu Deus — murmurou. Como alguém poderia ter se colocado entre ele e a porta, deixado as impressões ali e depois sair sorrateiramente, durante o minuto que levou para olhar para trás? Era loucura. Tornou a olhar para o fim do corredor. Ainda não havia visitantes nele. Somente a lâmpada — balançando como se uma leve brisa tivesse soprado — e o ruflar das asas das mariposas. — O que está acontecendo? — sussurrou Locke.

Stumpf, fascinado pelas impressões das mãos, encostou levemente as pontas dos dedos no vidro. Ao menor contato, seus dedos abriram em sangue, escorrendo livremente pelo vidro. Ele não mexeu os dedos, mas olhou para Locke, com um olhar desesperado.

— Viu?

— Que brincadeira é essa? — a voz de Locke também tinha um tom baixo. — Isto é algum tipo de truque?

— Não.

— Você não tem a mesma doença de Cherrick. Não pode ter. Você não os tocou. Nós *concordamos*, porra — falou com mais irritação. — Cherrick tocou nele, nós não.

Stumpf olhou para Locke, com uma expressão semelhante à de pena.

— Estávamos errados — disse suavemente. Seus dedos, que já retirara do vidro, continuavam a sangrar, o líquido passando pelas costas de suas mãos e descendo pelo braço. — Isto não é algo que você possa vencer e dominar, Locke. Está fora do nosso controle. — Ergueu os dedos ensanguentados, rindo das próprias palavras: — Viu?

A calma repentina e fatalista do alemão deixou Locke amedrontado. Segurou a maçaneta e virou-a. O quarto estava trancado. A chave estava do lado de dentro, onde Stumpf tinha pago para ela ficar.

— Fique do lado de fora — ordenou Stumpf. — Fique longe de mim.

O seu sorriso tinha desaparecido. Locke encostou os ombros na porta.

— Eu disse para ficar longe — berrou Stumpf com voz aguda. Afastou-se da porta ao ver Locke forçá-la novamente. Então, ao perceber que a porta logo cederia, gritou alto como um alarme. Locke não ligou, e continuou a jogar-se contra ela. Podia ouvir o som da madeira começando a rachar.

De algum lugar, Locke ouviu a voz alta de uma mulher, que respondia às súplicas de Stumpf. Não importava; ele colocaria as suas mãos no alemão antes que chegasse ajuda, e então, por Deus, acabaria com qualquer vestígio do sorriso nos lábios do miserável, Jogou-se com mais força contra a porta, de novo, e de novo. A porta cedeu.

No interior de seu quarto, um casulo esterilizado, Stumpf sentiu a primeira rajada de ar poluído vindo do lado de fora. Não era mais que uma brisa suave que invadia o seu santuário temporário, mas trazia consigo o lixo do mundo. Fuligem e sementes, pele coçada, descascada e esfarelada em milhares de lascas, penugens e areia, e cabelos embaraçados; a poeira brilhante da asa da mariposa. Partículas tão pequenas que o olho humano só conseguia vê-las contra os raios de sol; cada uma delas, um corpo pequeno e rodopiante, inofensiva para a maioria dos organismos vivos. Mas essa nuvem era fatal para Stumpf; em questão de segundos seu corpo tornou-se um campo repleto de pequenas feridas. Ele gritou estridentemente, e correu em direção à porta para fechá-la de novo, indo de encontro a uma saraivada de pequenas navalhas, que o dilaceravam. Ao empurrar a porta para não permitir a entrada de Locke, suas mãos machucadas romperam-se. De qualquer forma, já era tarde demais para não deixar Locke passar. O outro tinha aberto a porta completamente e estava entrando, cada movimento seu

criando novas correntes de ar, que dilaceravam e abatiam Stumpf. Locke segurou os pulsos do alemão. Ao ser agarrada, a pele abriu como se estivesse sendo cortada por uma faca.

Atrás dele, uma mulher gritou horrorizada. Ao perceber que Stumpf já não poderia mais sorrir, Locke soltou-o. Ornamentado com feridas expostas por todo o corpo, e ganhando mais a cada minuto, Stumpf cambaleou para trás, cego, e caiu ao lado da cama. O ar assassino ainda o cortava, enquanto ele caía; a cada estremecimento agonizante, surgiam novos cortes e redemoinhos.

Lívido, Locke retirou-se do lugar onde estava o corpo, e cambaleou em direção ao corredor. Um grupo de espectadores barulhentos bloqueava o caminho; mas todos se afastaram ao vê-lo se aproximar, intimidados por seu tamanho e pelo olhar louco em seu rosto, que os ameaçava. Ele voltou pelo mesmo caminho, pelo labirinto com cheiro de doença, atravessando o pequeno jardim interno e retornando ao prédio principal. Viu de relance Edson Costa correndo em seu encalço, mas não se deteve para dar explicações.

O vestíbulo, apesar da hora, estava cheio de vítimas de todos os tipos. O olhar penetrante de Locke pousou num pequeno garoto sentado no colo da mãe. Aparentemente ele tinha machucado a barriga. Sua camisa, grande demais para ele, estava manchada de sangue; o rosto, cheio de lágrimas. A mãe não olhou para cima, enquanto Locke passava por entre a multidão. Mas a criança olhou. Levantou a cabeça como se soubesse que ele estava prestes a passar, e abriu um sorriso radiante.

Não havia ninguém que Locke conhecesse na loja de Tetelman; tudo que pôde arrancar do pessoal contratado, cuja maioria estava tão bêbada que mal podia ficar em pé, era que seu patrão fora para a floresta no dia anterior. Locke encostou o mais sóbrio de todos na parede, e convenceu-o por meio de ameaças a acompanhá-lo de volta à aldeia, como intérprete. Não tinha a menor ideia de como faria as pazes com a tribo: só a certeza que teria de alegar sua inocência. Afinal de contas, não fora ele quem dera o tiro fatal. Com certeza, houvera alguns mal-entendidos, mas ele não causara dano, de forma nenhuma, aos índios. Como poderiam, em

sã consciência, desejar-lhe algum mal? Caso exigissem alguma forma de penitência de sua parte, ele não estava lá para ir contra as exigências. Será que não haveria alguma satisfação nesse ato? Tinha visto sofrimento demais ultimamente. Queria purificar-se deles. Concordaria com qualquer coisa razoável que eles pedissem; qualquer coisa que evitasse que ele morresse como os outros. Devolveria até a terra.

Foi uma viagem acidentada, e seu companheiro rabugento reclamava constante e incoerentemente. Locke preferiu fazer-se de surdo. Não havia tempo a perder. O progresso deles era barulhento, o motor do jipe reclamando a cada nova manobra, levando à selva viva um repertório de gritos, chiados e guinchos estridentes. Era um lugar faminto e maldito, pensou Locke; e, pela primeira vez desde que tinha posto os pés naquele subcontinente, odiou-o com todas as suas forças. Ali não havia espaço para se fazer previsões calcadas no bom senso; o melhor que se podia esperar era a permissão de ter um nicho, para respirar entre um florescer esquálido e outro.

Meia hora antes do anoitecer, exaustos pela viagem, chegaram aos arredores da aldeia. O lugar não havia mudado desde os últimos dias infelizes em que estiveram ali, mas o grupo de cabanas estava deserto. As portas, abertas; as fogueiras comunitárias, sempre acesas, agora eram cinzas. Não havia criança nem porco a observá-lo enquanto andava.

Quando chegou ao centro do círculo, parou, olhando para ver se achava alguma pista que lhe indicasse o que tinha acontecido ali. Mas não encontrou nenhuma. O cansaço tornava-o receoso. Reunindo suas forças enfraquecidas, gritou para o silêncio:

— *Onde estão vocês?*

Duas araras vermelhas, com asas no formato de dedos, levantaram voo de um extremo da aldeia, gritando freneticamente. Logo em seguida, uma figura saiu de uma moita de balsa e jacarandá. Não era ninguém da tribo, mas Dancy. Parou antes de ficar completamente à vista; então, ao reconhecer Locke, um largo sorriso tomou conta de seu rosto, e avançou aldeia adentro. Atrás dele, o mato se mexia à medida que os outros também apareciam. Tetelman estava lá, assim como vários noruegueses, guiados por um

homem chamado Bjornstrom, que Locke já tinha visto rapidamente no entreposto. Seu rosto, sob um cabelo louro-esbranquiçado, era vermelho como um camarão.

— Meu Deus — disse Tetelman. — O que você está fazendo aqui?

— Faça-lhe a mesma pergunta — Locke respondeu, desafiador.

Bjornstrom acenou para que seus três companheiros abaixassem os rifles, e avançou com um sorriso desarmante.

— Sr. Locke. — O norueguês estendeu uma das mãos com luvas de couro. — É bom encontrá-lo.

Locke olhou com repugnância para a luva manchada, e Bjornstrom, como que advertido, tirou-a. A mão encoberta era limpíssima.

— Desculpe. Nós estávamos trabalhando.

— Em quê? — perguntou Locke, o ácido em seu estômago subindo em direção à garganta.

— Índios — Tetelman retrucou.

— Onde está a tribo? — indagou Locke.

Foi Tetelman quem voltou a falar:

— Bjornstrom alega ter os direitos sobre este território...

— A tribo — insistiu Locke. — Onde estão eles?

O norueguês entretinha-se com a luva.

— Vocês compraram a parte deles ou o quê? — perguntou Locke.

— Não exatamente. — O inglês de Bjornstrom era tão impecável quanto suas feições.

— Traga-o conosco — Dancy sugeriu com um certo entusiasmo. — Deixe-o ver por si mesmo.

Bjornstrom concordou.

— Por que não? Não toque em nada, sr. Locke. E diga ao seu carregador para ficar onde está.

Dancy já tinha acabado de se virar, e dirigia-se para o mato; Bjornstrom fez o mesmo, enquanto acompanhava Locke através do povoado, rumo a um corredor aberto na mata fechada. Locke mal conseguia acompanhar a marcha; suas pernas relutavam a cada novo passo. A trilha já estava bem usada. Um pequeno monte

formado por folhas e orquídeas havia sido esmagado no solo encharcado.

Tinham cavado um buraco, em uma pequena clareira, a menos de cem metros do povoado. O buraco não era grande nem pequeno. O odor misturado de cal e *petróleo anulava* qualquer outro cheiro.

Tetelman, que chegara na clareira antes de Locke, evitava aproximar-se dos trabalhos de terraplenagem, mas Dancy não se contentava facilmente. Ele deu a volta, indo para o outro lado do buraco e chamou Locke para ver o que havia dentro.

Todos já estavam em estado de putrefação. Os índios dispostos de forma como haviam sido jogados, um monte de seios, nádegas, rostos e membros, seus corpos tingidos aqui e ali de preto e azul. Moscas zuniam no ar acima deles.

— Eles aprenderam — comentou Dancy. Locke continuou a olhar em frente, enquanto Bjornstrom rodeava o buraco, para juntar-se a Dancy.

— Todos eles? — perguntou Locke.

O norueguês acenou com a cabeça, concordando.

— De um golpe só — pronunciou cada palavra com uma precisão irritante.

— Cobertores — Tetelman deu nome à arma fatal.

— Mas tão rápido... — murmurou Locke.

— É muito eficiente — disse Dancy. — E difícil de se provar. Mesmo no caso de alguém perguntar.

— Doenças são naturais — observou Bjornstrom. — Não é? Como as árvores.

Locke balançou a cabeça devagar, os olhos formigando.

— Ouvi coisas boas a seu respeito — Bjornstrom dirigiu-se a ele. — Talvez pudéssemos trabalhar juntos.

Locke nem tentou responder. Os outros noruegueses largaram os rifles e agora voltavam ao trabalho, removendo do monte esquecido ao lado da cova os poucos corpos que ainda precisavam ser jogados no buraco, para se juntarem aos seus companheiros. Locke podia ver, entre a massa disforme, uma criança e um velho, que ainda eram manipulados pelo grupo que os enterrava. Um corpo parecia não ter juntas quando era jogado sobre a borda do buraco:

rolou a descida suavemente e parou com o rosto virado para cima, seus braços arremessados ao alto, paralelos à cabeça, em um sinal de submissão, ou expulsão. Era o velho, claro, que Cherrick havia encarado. As palmas de suas mãos ainda estavam vermelhas. Havia um nítido buraco de bala em sua têmpora.

Aparentemente, a doença ou o desespero não tinham sido suficientes.

Locke olhava enquanto o próximo corpo era jogado na sepultura comunitária, e, depois daquele, um terceiro.

Bjornstrom, do outro lado do buraco, acendia um cigarro. Olhou para Locke.

—E por aí vai —disse ele.

Por trás de Locke, Tetelman falou, talvez tentando justificar sua aliança com Bjornstrom:

— Pensávamos que você não voltaria.

— Stumpf está morto — avisou Locke.

— Bom, menos gente para a divisão. — Tetelman aproximou-se dele, e colocou a mão em seu ombro. Locke não respondeu; olhava fixo para os corpos, que começavam a ser cobertos com cal, somente se dando conta aos poucos de um leve calor que escorria por seu corpo, oriundo do lugar onde Tetelman tinha tocado. Enojado, o outro removeu a mão, enquanto olhava a crescente mancha vermelha na camisa de Locke.

CREPÚSCULO NAS TORRES

As fotografias de Mironenko, mostradas a Ballard em Munique, mostraram-se de pouca valia. Somente uma ou duas retratavam o rosto inteiro do homem da KGB; e das outras, a maioria estava manchada ou granulada, traíndo suas origens furtivas. Ballard não se importava muito com isso. Sabia, de longa e eventualmente amarga experiência, que o olho humano enganava-se com facilidade; mas havia outras particularidades remanescentes dos sentidos, agora obsoletos pela própria vida moderna — que aprendera a considerar, capacitando-o a vislumbrar os menores sinais de traição. Seriam essas as aptidões que usaria quando se encontrasse com Mironenko. Com eles, arrancaria a verdade do homem.

A verdade? Aí evidentemente residia a charada, pois não era a sinceridade algo de mutável nesse contexto? Sergei Zakharovich Mironenko fora Chefe de Seção no Diretório 5 da KGB por onze anos, com acesso às informações mais privilegiadas sobre a dispersão de dissidentes soviéticos no Ocidente. Nas últimas semanas, porém, desiludiu-se com seus atuais chefes e daí o conseqüente desejo de desertar, sabido pelo Serviço de Segurança Britânico. Em retribuição aos elaborados esforços que teriam de ser feitos a seu favor, ofereceu-se para atuar como agente da KGB por um período de três meses, após o qual seria conduzido ao “centro da democracia” e escondido onde seus vingativos superiores jamais o achariam. Coube a Ballard encontrar o russo cara a cara, na esperança de definir se a desilusão de Mironenko por sua ideologia era real ou falsa. A resposta não seria encontrada nos lábios de Mironenko, disso Ballard sabia, mas em alguma nuance de seu comportamento, que apenas o instinto iria compreender.

Houve um tempo em que Ballard teria achado o enigma fascinante: cada pensamento desperto girando em torno de sua decifração adiante. Mas essa postura fora a de um homem convencido de que suas ações tinham algum efeito significativo sobre o mundo. Agora, ele era mais sábio. Os agentes do Ocidente e do Oriente cuidavam de suas missões secretas ano sim, ano não. Tramavam-nas; tornavam-se coniventes; ocasionalmente (embora raramente) derramavam sangue. Havia desastres, barganhas e pequenas vitórias táticas. Mas, no final, as coisas eram sempre iguais. Aquela cidade, por exemplo. Ballard veio a Berlim pela primeira vez em abril de 1969. Tinha 29 anos, recém-saído de anos de treinamento intensivo e pronto para viver um pouco. Mas não se sentira à vontade em Berlim. Achou a cidade sem charme; frequentemente sombria. Foi preciso Odell, seu colega daqueles dois primeiros anos, provar que Berlim era merecedora da sua afeição; uma vez convencido Ballard estava perdido para sempre. Agora, sentia-se mais em casa nessa cidade dividida do que jamais ocorrera em Londres. O desconforto de Berlim, seu idealismo fracassado e — talvez mais do que tudo — seu terrível isolamento, combinavam com os dele. Ele e o isolamento, mantendo presença em uma terra inútil, de ambição morta.

Encontrou Mironenko na galeria Germalde: sim, as fotografias haviam mentido. O russo parecia mais velho do que seus 46 anos, e mais doente do que aparentava naqueles retratos furtados. Nenhum dos dois fez qualquer sinal de reconhecimento. Circularam pela exposição durante meia hora, com Mironenko mostrando minucioso — e aparentemente genuíno — interesse nas obras. Somente quando ambos se convenceram de que não eram observados, o russo deixou o edifício e levou Ballard aos elegantes subúrbios de Dahlem, para uma casa considerada segura pelos dois. Lá, em uma cozinha pequena e sem aquecimento, sentaram-se e conversaram.

O domínio do inglês de Mironenko era tênue, ou pelo menos assim aparentava, embora Ballard tivesse a impressão de que seus esforços para fazer sentido eram tão gramaticais quanto táticos. Poderia muito bem ter apresentado a mesma estratégia do russo;

raramente faz mal parecer menos competente do que realmente se é. Mas apesar das dificuldades em se expressar, as declarações de Mironenko eram inequívocas.

— Eu não sou mais um comunista — foi direto ao ponto. — Não tenho sido partidário, não *aqui* — levou a mão fechada ao peito — há muitos anos. Pegou um lenço branco no bolso do casaco, tirou uma das luvas, e puxou um frasco de comprimidos das dobras do lenço.

— Desculpe — disse, ao despejar comprimidos do frasco. — Sinto dores. Na cabeça, nas mãos.

Ballard esperou até que ele tivesse engolido o medicamento antes de perguntar:

— Por que você começou a ter dúvidas?

O russo colocou o frasco e o lenço no bolso, o rosto largo desprovido de expressão.

— Como um homem perde sua... sua fé? É que eu vi demais; ou muito pouco, talvez.

Olhou para a cara de Ballard para ver se suas palavras hesitantes haviam feito sentido. Não encontrando compreensão, tentou novamente.

— Acho que o homem que não acredita estar perdido, está perdido.

O paradoxo foi elegantemente colocado; a suspeita de Ballard quanto ao verdadeiro domínio do inglês de Mironenko foi confirmada.

— Você está perdido agora? — Ballard foi incisivo.

Mironenko não respondeu. Estava tirando a outra luva e fitando as mãos. As pílulas que engolira não pareciam estar aliviando a dor da qual se queixara. Abriu e fechou as mãos, como quem sofre de artrite ao testar o avanço do seu estado. Sem olhar para cima, disse:

— Ensinaaram-me que o Partido tinha soluções para tudo. Isso livrou-me do medo.

—E agora?

— Agora? Agora eu tenho pensamentos estranhos. Eles me ocorrem do nada...

— Continue.

Mironenko deu um ligeiro sorriso.

— Você precisa me conhecer pelo avesso, não é? Até o que eu sonho?

— Sim — admitiu Ballard.

Mironenko acenou com a cabeça.

— Seria a mesma coisa conosco. — Depois, após uma pausa: — Pensei algumas vezes que eu iria arrebentar. Você entende o que eu digo? Eu queria partir, porque há muita raiva dentro de mim e isso me amedronta, Ballard. Acho que eles verão o quanto os odeio. — Olhou para seu interlocutor. — Você precisa ser rápido, ou eles me descobrirão. Tento não pensar no que farão.

— Novamente fez uma pausa. Todos os vestígios do sorriso, ainda que sem humor, haviam desaparecido — O Diretório tem seções de que eu nem tenho conhecimento. Hospitais especiais, onde ninguém pode ir. Eles têm meios de partir a alma de um homem em pedaços.

Ballard, sempre pragmático, perguntava-se se o vocabulário de Mironenko não era um tanto extravagante. Nas mãos da KGB, ele duvidava se o russo iria pensar na satisfação de sua alma. Afinal, é o corpo que detém os terminais nervosos.

Conversaram por uma hora ou mais, o diálogo indo e voltando entre política e memórias pessoais, entre trivialidades e confissões. Ao fim da reunião, Ballard não tinha dúvidas quanto à antipatia de Mironenko por seus chefes. Era, como havia dito, um homem sem fé.

No dia seguinte, Ballard encontrou-se com Cripps no restaurante do hotel Schweizerhof e fez seu relatório verbal sobre Mironenko.

— Ele está pronto e aguardando. Mas insiste em que sejamos rápidos em resolver.

— Tenho certeza disso — falou Cripps. Seu olho de vidro o incomodava naquele dia; o ar frio, explicou, deixa-o lento. Movia-se precariamente, mais devagar do que o olho natural e, de vez em quando, Cripps tinha de tocar nele com as pontas dos dedos para fazê-lo mover-se.

— Não nos apressaremos em tomar nenhuma decisão — Cripps informou.

— Onde está o problema? Eu não tenho dúvidas do seu comprometimento; ou do seu desespero.

— Foi o que você disse — Cripps replicou. — Gostaria de uma sobremesa?

— Você duvida da minha avaliação? É isso?

— Coma algo doce para terminar, para que eu não me sinta um castrador total.

— Ballard pressionou. Como Cripps não respondeu, inclinou-se sobre a mesa. — Você acha, não acha?

— Você acha que estou errado sobre ele, não acha?

— Estou apenas dizendo que há motivos para cautela. Se nós finalmente decidirmos admiti-lo, os russos ficarão muito aflitos. Temos de estar certos de que o negócio compensa os maus ventos que o acompanham. As coisas estão muito arriscadas no momento.

— Quando não estão? — Ballard questionou. — Diga-me uma só vez em que não exista alguma crise no horizonte. — Acomodou-se novamente na cadeira e tentou ler o rosto de Cripps. Seu olho de vidro era mais sincero que o verdadeiro. — Estou cansado desse maldito jogo — murmurou Ballard.

O olho de vidro vagueou.

— Por causa dos russos?

— Talvez.

— Acredite em mim — disse Cripps. — Tenho bons motivos para ser cauteloso com esse homem.

— Cite um.

— Não há nada confirmado.

— O que você tem sobre ele? — Ballard insistiu.

— Como eu falei, boatos — respondeu Cripps.

— Por que não fui informado sobre isso?

Cripps sacudiu levemente a cabeça.

— Essa agora é uma questão acadêmica. Você forneceu um bom relatório. Quero apenas que entenda que se as coisas não correm como você acha que deveriam, não é porque suas avaliações não sejam confiáveis.

— Entendo.

— Não, você não entende. Você está se sentindo martirizado, e eu não o culpo totalmente.

— Então o que acontecerá agora? Esperam que eu esqueça que um dia encontrei o homem?

— Não faria mal algum — concluiu Cripps. — Longe dos olhos, longe do coração.

Evidentemente, Cripps não acreditou que Ballard seguiria seu conselho. Embora este último tenha feito diversas investigações discretas sobre o caso Mironenko na semana seguinte, estava claro que seus contatos de costume haviam sido avisados para manter os lábios selados.

Assim, a notícia seguinte sobre o caso chegou a Ballard através das páginas dos jornais matutinos, num artigo sobre um corpo encontrado numa casa, perto da estação de Kaiser Damm. Quando o leu, não tinha como saber de que forma o relato relacionava-se a Mironenko, mas havia detalhes suficientes na história para despertar seu interesse. Para começar, desconfiava de que a casa citada no artigo tivesse sido usada pelo Serviço ocasionalmente; o artigo descrevia, ainda, como dois homens não identificados quase foram apanhados no ato de remoção do corpo, sugerindo adiante que aquele não era um crime passional.

Por volta do meio-dia, foi visitar Cripps em seu escritório, na esperança de persuadi-lo com alguma argumentação, mas Cripps não estava disponível, nem estaria, sua secretária explicou, até segunda ordem; assuntos urgentes haviam-no levado de volta a Munique. Ballard deixou o recado que desejava falar com ele quando retornasse.

Ao sair novamente para o ar frio, percebeu que havia ganho um admirador: um indivíduo de rosto magro, cujos cabelos tinham retrocedido de sua frente, deixando um topete ridículo no topo. Ballard conhecia-o, de passagem, do séquito de Cripps, mas não conseguia associar um nome ao rosto. Isso foi resolvido rapidamente.

— Sucklín — o homem disse.

— Claro — disse Ballard. — Olá.

— Acho que talvez devamos conversar, se você tiver um momento — o homem falou. Sua voz era tão contraída quanto seus traços. Ballard não queria saber da sua tagarelice. Estava prestes a recusar a oferta, quando Suckling comentou: — Suponho que você tenha ouvido o que aconteceu com Cripps.

Ballard sacudiu a cabeça. Suckling, deleitado em possuir essa pepita, insistiu: — Precisamos conversar.

Caminharam ao longo da Kantstrasse, em direção ao zoológico. A rua estava cheia de pedestres em horário de almoço, mas Ballard mal os notava. A história que Suckling desenrolava à medida em que caminhavam exigia sua completa e absoluta atenção.

A narrativa foi simples. Cripps, ao que parecia, fizera um arranjo para encontrar-se com Mironenko, a fim de elaborar sua própria avaliação da fidelidade do russo. A casa em Schoneberg, escolhida para o encontro, fora usada antes em diversas ocasiões, e era há muito considerada um dos lugares mais seguros da cidade. Contudo, não foi o que demonstrou na noite anterior. Homens da KGB tinham, aparentemente, seguido Mironenko até a casa e tentado acabar com a festa. Não havia ninguém para testemunhar o que aconteceu em seguida: ambos os homens que acompanhavam Cripps, um deles o antigo colega de Ballard, Odell, estavam mortos; Cripps encontrava-se em coma.

— E Mironenko? — Ballard perguntou.

Suckling deu de ombros.

— Levaram-no para casa, para a mãe-pátria, provavelmente.

Ballard sentiu um falso ar no homem.

— Estou comovido por estar me mantendo atualizado — disse a Suckling. — Mas *por quê?*

— Você e Odell eram amigos, não eram? — veio a resposta.

— Com Cripps fora de cena, não lhe restam muitos deles.

— E mesmo?

— Sem intenção de ofender — Suckling falou depressa — mas você tem a reputação de alguém que não obedece muito às regras.

— Vá direto ao ponto.

— Não há ponto — Suckling protestou. — Apenas achei que você deveria saber o que tinha acontecido. Estou arriscando meu

pescoço aqui.

— Boa tentativa — ironizou Ballard. Ele parou de andar; Suckling deu um ou dois passos antes de se virar e ver Ballard sorrindo para ele.

— Quem mandou você?

— Ninguém me mandou — retrucou Suckling.

— Esperteza enviar os intrigantes da corte. Eu quase caí nessa. Você é muito plausível.

Não havia gordura suficiente no rosto de Suckling para esconder o tique em sua bochecha.

— O que eles suspeitam de mim? Açam que sou conivente com Mironenko, é isso? Não, não acho que sejam tão estúpidos.

Suckling sacudiu a cabeça, como um médico diante de uma doença incurável.

— Você gosta de fazer inimigos?

— Risco ocupacional. Não perderia meu sono por isso. Não perco.

— Há mudanças no ar — disse Suckling. — Eu me certificaria de ter as respostas prontas.

— Fodam-se as respostas — Ballard replicou com educação. — Acho que já está na hora de elaborar as perguntas certas.

Mandar Suckling para sondá-lo cheirava a desespero. Eles queriam informações internas; mas sobre o quê? Poderiam acreditar seriamente que ele tinha algum envolvimento com Mironenko; ou pior, com a própria KGB? Deixou que seu ressentimento abrandasse; estava revirando muita lama, e precisava de água limpa se quisesse mesmo livrar-se dessa confusão. Sob um aspecto, a avaliação de Suckling era perfeitamente correta: ele realmente tinha inimigos e, com Cripps incapacitado, estava vulnerável. Nessas circunstâncias, havia dois cursos de ação. Poderia voltar a Londres e ficar quieto lá, ou aguardar em Berlim para ver que manobra eles tentariam em seguida. Decidiu pela última opção. O charme do esconde-esconde acabava-se rapidamente.

Ao virar ao norte na Leibnizstrasse, vislumbrou o reflexo de um homem de casaco cinza em uma vitrine. Foi um relance, nada

mais, mas teve a sensação de que conhecia o rosto do sujeito. Será que haviam posto um cão de guarda atrás dele? Virou-se e encarou o homem. O suspeito pareceu embaraçado e desviou o olhar. Uma representação, talvez; por outro lado, talvez não. Pouco importava, Ballard pensou. Que eles o observem o quanto quiserem. Não tinha culpa alguma. Se é que realmente existia essa sensação daquele lado da insanidade.

Uma estranha felicidade apossara-se de Sergei Mironenko; uma felicidade sem sentido, que preencheu seu coração a ponto de fazê-lo transbordar.

Até o dia anterior, as circunstâncias pareciam insustentáveis. A dor em suas mãos, na cabeça e na coluna piorara, e era agora acompanhada de uma coceira tão forte que ele teve de cortar as unhas bem rente, para evitar que se machucasse seriamente. Seu corpo, havia concluído, revoltava-se contra ele. Era essa a ideia que tentara explicar a Ballard: que estava separado de si mesmo, e temia que em breve fosse despedaçado. Mas hoje o medo desaparecera.

As dores não. Estavam piores do que ontem. Seus tendões e ligamentos doíam como se tivessem sido exercitados além dos limites de sua formação; havia escoriações em todas as juntas, onde os vasos sanguíneos tinham se rompido. Mas aquela impressão de rebelião iminente tinha sumido, para ser substituída por uma paz de sonhos. E em seu coração, uma enorme felicidade.

Quando pensava nos acontecimentos recentes para tentar descobrir o que incitara essa transformação, sua memória pregava-lhe peças. Fora chamado para se encontrar com o superior de Ballard; disso lembrava-se. Se tinha ido ao encontro, não. A noite era uma lacuna. Ballard saberia em que pé estavam às coisas, raciocinou. Tinha gostado e confiado no inglês desde o início, sentindo que, apesar das muitas diferenças entre eles, eram bem parecidos. Se deixasse seu instinto prevalecer, encontraria Ballard, disso estava certo. Sem dúvida, o inglês ficaria surpreso ao vê-lo; mesmo com raiva, a princípio. Mas quando contasse a Ballard sobre essa recém- encontrada felicidade, certamente suas transgressões seriam perdoadas, não seriam?

Ballard jantou tarde, e bebeu até mais tarde ainda, no *The Ring*, um pequeno bar de travestis onde fora levado pela primeira vez por Odell há quase duas décadas. Não havia dúvida de que a intenção de seu guia tinha sido a de provar sua própria sofisticação, mostrando ao colega inexperiente a decadência de Berlim, mas Ballard, embora nunca tivesse sentido nenhum ímpeto sexual na companhia da clientela do *The*

Ring, imediatamente sentira-se em casa ali. Sua neutralidade era respeitada; não tentavam seduzi-lo. Simplesmente deixavam-no beber e observar o desfile de gêneros.

Estar ali naquela noite evocou o fantasma de Odell, cujo nome seria agora eliminado das conversas por causa de seu envolvimento com o caso Mironenko. Ballard já tinha visto antes aquele processo em funcionamento.

A História não perdoava o fracasso, a menos que fosse tão profundo que alcançasse uma espécie de grandeza. Para os Odells da vida, — homens ambiciosos, que tinham encontrado a si mesmos, em seus deslizos, numa espécie de beco sem saída, onde qualquer retrocesso era barrado — para esses homens não haveria belas palavras proferidas, nem medalhas cunhadas. Apenas esquecimento.

Pensar nisso deixou-o melancólico; bebeu muito para ficar meio embriagado, mas quando — às duas horas da manhã — saiu para a rua, sua depressão estava apenas parcialmente amortecida. Os bons cidadãos de Berlim já estavam no sétimo sono; amanhã seria outro dia de trabalho. Somente o ruído do tráfego da Kurfürstendamm dava sinal de vida em algum lugar próximo. Seguiu nessa direção, o pensamento confuso. Atrás dele, risadas. Um rapaz — glamorosamente vestido como uma estrela — passeava ao longo da rua de braços dados com seu acompanhante sério. Ballard reconheceu o travesti como um frequentador assíduo do bar; o cliente, a julgar pelo terno sóbrio, era um forasteiro matando sua sede de garotos vestidos de garotas, traindo sua esposa pelas costas. Ballard retomou o passo. A risada do jovem, sua musicalidade pateticamente forçada, dava-lhe nos nervos.

Ouviu alguém correndo por perto; vislumbrou pelo canto do olho uma sombra movendo-se. Seu cão de guarda, muito provavelmente. Embora o álcool tivesse anuviado seus instintos, sentiu vir à tona uma certa ansiedade, cuja causa não conseguia determinar. Continuou andando. Leves tremores percorreram sua nuca.

Alguns metros adiante se deu conta de que as risadas provenientes da rua de trás haviam cessado. Olhou de relance por sobre o ombro, talvez esperando ver o garoto e seu cliente abraçando-se. Porém, ambos tinham sumido; escapuliram por uma das vielas abaixo, sem dúvida, para concluir o contrato no escuro. Em algum lugar por perto, um cachorro começara a latir ferozmente. Ballard virou-se para olhar o caminho pelo qual tinha vindo, desafiando a rua deserta a mostrar-lhe seus segredos. Fosse o que fosse que estivesse provocando o zumbido em sua cabeça e a coceira nas palmas das mãos, não era uma ansiedade qualquer. Havia algo de errado com a rua, apesar de sua aparente inocência; ela escondia terrores.

As luzes brilhantes da Kurfürstendamm não estavam além de uma caminhada de três minutos, mas ele não queria dar as costas para esse mistério e refugiar-se lá. Em vez disso, continuou a andar de volta pelo caminho que percorrera, lentamente. O cachorro cessara o alarme e ficara em silêncio; agora, tinha apenas seus passos como companhia.

Alcançou a esquina da primeira viela e espreitou-a. Nenhuma luz brilhava pelas janelas ou portas. Não conseguia sentir nenhuma presença viva na escuridão. Atravessou a rua estreita e andou até a próxima. Um exagerado mau cheiro espalhava-se pelo ar, mais forte à medida que se aproximava da esquina. E enquanto o inalava, o zumbido em sua cabeça aumentava para uma ameaça de estrondo.

Uma única luz cintilava na entrada do beco, um débil facho vindo de uma janela superior. Através dela, viu o corpo do forasteiro estendido no chão. Tão traumáticamente mutilado que parecia que haviam tentado virá-lo pelo avesso. Das tripas espalhadas emanava um cheiro próprio de podridão.

Ballard já vira mortes violentas antes, e achava-se indiferente ao espetáculo. Porém, algo ali no beco transformou sua calma em desordem. Sentiu os membros começarem a tremer. E então, do outro lado do fecho de luz, o garoto falou:

— Pelo amor de Deus... — Sua voz tinha perdido toda a pretensão de feminilidade; era um murmúrio de terror indisfarçado. Ballard deu um passo à frente. Nem o garoto, nem o motivo da sua oração sussurrada tornaram-se visíveis até que ele se aproximasse cerca de nove metros. O garoto estava caído contra a parede, entre os restos. Suas lantejoulas e tafetás tinham sido arrancados; o corpo estava pálido e assexuado. Ele parecia não notar Ballard: seus olhos estavam fixos nas mais profundas sombras.

O tremor nos membros de Ballard piorava à medida que seguia o olhar do garoto; não conseguia evitar que seus dentes rangessem. Entretanto, continuou a avançar, não pelo bem do garoto (heroísmo tinha pouco mérito, sempre lhe ensinaram), mas porque estava curioso, mais do que curioso, ávido, para ver que tipo de homem era capaz de tamanha violência negligente. Olhar nos olhos de tamanha ferocidade parecia, naquele momento, a coisa mais importante do mundo.

Vendo-o agora, o garoto murmurou uma lamentável súplica, mas Ballard mal o ouviu. Sentia outros olhos sobre ele, e seu toque era como um murro. O barulho em sua cabeça assumiu um ritmo nauseante, como o ruído de hélices de helicóptero. Em questão de segundos elevou-se a um estrondo alucinante.

Ballard apertou os olhos com as mãos e tropeçou de encontro à parede, sombriamente consciente de que o assassino estava saindo do esconderijo (os restos foram revirados) e escapando. Sentiu algo roçar contra ele, e abriu os olhos a tempo de vislumbrar o homem escapulindo pela viela abaixo. Parecia de algum modo deformado; as costas encurvadas, a cabeça grande demais. Ballard soltou um grito atrás dele, mas o ensandecido seguiu adiante, parando apenas para olhar o corpo antes de correr em direção à rua.

Ballard levantou-se e pôs-se de pé. O barulho em sua cabeça diminuía um pouco; a vertigem estava passando.

Atrás dele, o garoto tinha começado a soluçar.

— Você viu? — perguntou. — Você *viu*?

— Quem era? Alguém que você conhecia?

O garoto fitou Ballard como uma corça amedrontada, os olhos maquiados arregalados.

— Alguém...?

Ballard estava prestes a repetir a pergunta, quando ouviu o chiado de freios, rapidamente seguido pelo ruído do impacto. Deixando o garoto a puxar suas roupas esfarrapadas ao seu redor, Ballard voltou em direção à rua. Vozes elevaram-se por perto; correu para o lugar de onde vinham. Um carro grande estava parado no asfalto, os faróis brilhando. O motorista era socorrido em seu assento, enquanto seus passageiros — vindos de uma festa, a julgar pelas roupas e pelos rostos afogueados pela bebida — s aíam e discutiam acaloradamente como o acidente tinha ocorrido. Uma das mulheres falava de um animal no caminho, mas outro passageiro a corrigiu. O corpo que estava na sarjeta, onde tinha sido jogado, não era de um animal. Ballard tinha visto pouco do assassino no beco, mas sabia, instintivamente, que era ele. Contudo, não existia nenhum sinal da deformação que pensou ter vislumbrado; apenas um homem, vestido em um terno que já tivera melhores dias, estendido com o rosto numa poça de sangue. A polícia já tinha chegado, e um oficial gritou para que ele se afastasse, mas Ballard ignorou a ordem e foi dar uma espiada na cara do morto. Não havia nada da ferocidade que tanto esperava ver. Entretanto, mostrava muita coisa que reconhecia. O homem era Odell.

Disse aos oficiais que não vira nada do acidente, o que era essencialmente verdade, e escapou da cena antes que os acontecimentos no beco adjacente fossem descobertos. Parecia que cada curva no caminho de volta para seus aposentos trazia uma nova pergunta. A principal dentre elas: por que mentiram a ele sobre a morte de Odell? E que loucura o acometeu, a ponto de fazê-lo capaz da carnificina que Ballard havia testemunhado? Não obteria as respostas para essas perguntas de seus eventuais colegas, disso sabia ele. O único homem de quem poderia ter extraído uma resposta era Cripps. Recordava-se da discussão que tiveram sobre Mironenko, e a conversa de Cripps sobre motivos para precaução ao

lidar com o russo. O olho de vidro sabia então que havia alguma coisa no ar, embora certamente nem mesmo ele previsse a proporção do atual desastre. Dois valiosos agentes assassinados; Mironenko desaparecido, supostamente morto; ele próprio — a se acreditar em Suckling — à beira da morte. E tudo isso começou com Sergei Zakharovich Mironenko, o homem perdido de Berlim. Parecia que sua tragédia era contagiosa.

Amanhã, Ballard decidiu, encontraria Suckling e lhe arrancaria algumas respostas. Enquanto isso, sua cabeça e suas mãos doíam, queria dormir. O cansaço comprometia o discernimento e, se precisava daquela faculdade, era exatamente agora. Mas apesar da exaustão, o sono esquivou-se dele por uma hora ou mais e quando chegou, não foi reconfortante. Sonhou com sussurros e firme sobre eles, elevando-se como que para abafá-los, o estrondo dos helicópteros. Por duas vezes, emergiu do sono com a cabeça estourando; por duas vezes, a ânsia de entender o que os sussurros lhe diziam conduziu-o ao travesseiro novamente. Quando despertou pela terceira vez, o barulho entre suas têmporas tornara-se dilacerante; um ataque que obliterava seu pensamento e fazia-o temer por sua sanidade. Quase incapaz de enxergar o quarto através da dor, rastejou para fora da cama.

— Por favor,... — murmurou, como se houvesse alguém para socorrê-lo de sua aflição.

Uma voz fria, proveniente da escuridão, respondeu:

— *O que você quer?*

Não questionou quem fez a pergunta; simplesmente implorou:

— *Faça minha dor parar.*

— *Você mesmo pode fazer isso.*

Inclinou-se contra a parede, segurando a cabeça que parecia querer explodir, lágrimas de agonia escorrendo.

— *Eu não sei como* — disse.

— *Seus sonhos lhe causam dor — a voz respondeu — então você deve esquecê-los. Entendeu? Esqueça-os, e a dor passará.*

Entendeu a instrução, mas não como realizá-la. Não tinha poderes para governar o sono. Ele era o objeto desses sussurros, e não o contrário. Porém, a voz insistiu:

— *O sonho tem a intenção de feri-lo, Ballard. Você precisa enterrá-lo. Enterrá-lo fundo.*

— Enterrá-lo?

— *Visualize-o, Ballard. Imagine-o em detalhes.*

Fez o que lhe foi dito. Imaginou um funeral e uma caixa; e na caixa, esse sonho. Fez com que cavassem fundo, como a voz o instruiu, de modo que nunca pudesse desenterrar essa coisa nociva outra vez. Mas mesmo enquanto imaginava a caixa descendo para a cova, ouvia suas bordas chiando. O sonho não iria repousar. Debatia-se contra o confinamento. As bordas começaram a quebrar-se.

— *Rápido!* — a voz apressou-o.

O ruído dos rotores elevava-se a um nível extremo, aterrorizante. Sangue tinha começado a jorrar de suas narinas; sentia gosto de sal no fundo da garganta.

— *Termine!* — a voz gritou acima do tumulto. — *Cubra isso!*

Ballard olhou para a sepultura. A caixa estava batendo de um lado para o outro.

— *Cubra, desgraçado!*

Tentou fazer o funeral obedecer; tentou desejar que pegassem suas pás e enterrassem viva aquela coisa ultrajante, mas eles não o fariam. Em vez disso, encaravam a sepultura como ele, e observavam enquanto o conteúdo da caixa buscava a luz.

— *Não!* — a voz ordenou, sua fúria aumentando. — *Você não deve olhar!*

A caixa dançava no buraco. A tampa quebrou-se em lascas. Logo, Ballard vislumbrou algo brilhando entre as bordas.

— *Vai matar você* — disse a voz e, como que para provar sua razão, o volume de ruído elevou-se além do ponto de tolerância, varrendo funeral, caixa e tudo, numa explosão de dor. De repente, parecia que a voz dizia a verdade; que ele estava perto da morte. Contudo, não era o sonho que conspirava para matá-lo, mas sim a sentinela que tinham colocado entre ele e o sonho: essa cacofonia que despedaçava seu cérebro.

Somente agora percebia que caíra no chão, prostrado pelo ataque. Tateando às cegas, encontrou a parede e arrastou-se em

direção a ela, as máquinas ainda trovejando por trás de seus olhos, o sangue quente em seu rosto.

Ergueu-se o melhor que pôde e começou a andar na direção do banheiro. Atrás dele, a voz, controlado seu ataque, recomeçou sua exortação. Soava tão íntima, que olhou em volta na total expectativa de ver o interlocutor, e não se decepcionou. Por um instante de hesitação, parecia estar num pequeno aposento sem janelas, as paredes pintadas de branco. O ambiente ali era claro e sem brilho e, no meio do aposento, o rosto por trás da voz, sorrindo.

— *Seus sonhos lhe causam dor. — Era o primeiro Mandamento outra vez. — Enterre-os Ballard, e a dor passará;*

Ballard chorou como uma criança; esse escrutínio o constrangia. Desviou os olhos de seu tutor para esconder as lágrimas.

— *Confie em nós* — outra voz ouviu-se, ali perto. — *Somos seus amigos.*

Não confiava nessas palavras gentis. A dor, da qual diziam querer livrá-lo, era produzida por eles: uma vara para surrá-lo, se os sonhos se manifestassem.

— *Nós queremos ajudá-lo* — *um deles disse.*

— Não... — murmurou. — Não, seus filhos da... Eu não acredito...

O aposento desvaneceu-se e ele estava no quarto de novo, agarrando-se à parede como um alpinista num penhasco. Antes que pudessem vir atrás dele com mais palavras, mais dor, retomou seu caminho às cegas para o porta do banheiro, e tropeçou rumo ao chuveiro. Houve um momento de pânico enquanto localizava as torneiras, e então a água caiu num jato. Estava excessivamente fria, mas pôs a cabeça embaixo dela, enquanto a investida das lâminas dos rotores tentava sacudir seu crânio até desmontá-lo. Água gelada escorria por suas costas, mas deixou que o jato caísse sobre ele como uma torrente e, aos poucos, os helicópteros retiraram-se. Não se moveu, embora seu corpo tremesse de frio violentamente, até que o último deles tivesse ido. Então, sentou-se na beirada da banheira, secando a água do pescoço, do rosto e do corpo e,

finalmente, quando sentiu suas pernas suficientemente firmes, voltou para o quarto.

Deitou-se nos mesmos lençóis amarrotados, quase na mesma posição em que estava deitado antes; no entanto, nada era igual. Não sabia o que havia mudado nele, ou como. Mas deitou-se ali, sem que o sono perturbasse o sossego das horas que ainda restavam da noite, tentando descobrir. Um pouco antes do amanhecer, recordou as palavras que havia murmurado diante da ilusão. Palavras simples; mas, ah, o poder que elas continham.

— Eu não acredito... — murmurou; e os Mandamentos tremeram.

Eram onze e meia quando chegou à pequena firma de exportação de livros que servia de fachada para Suckling. Sentia-se sagaz, a despeito dos distúrbios da noite, e logo arranjou um jeito de encantar a recepcionista e entrar na sala de Suckling sem ser anunciado. Quando seus olhos avistaram o visitante, Suckling levantou-se da mesa com um pulo, como se atirassem nele.

— Bom dia — disse Ballard. — Achei que era hora de conversarmos. Os olhos de Suckling fugiram para a porta da sala, que Ballard havia deixado entreaberta.

— Desculpe; tem alguma corrente de ar? — Ballard fechou a porta gentilmente. — Quero ver Cripps.

Suckling nadou por entre o mar de livros e manuscritos que ameaçava engolfar sua mesa. — Você está louco, voltando aqui.

— Diga-lhes que sou amigo da família — sugeriu Ballard.

— Não posso acreditar que você seria tão estúpido.

— Basta me dizer onde está Cripps e eu vou embora.

Suckling ignorou a proposta.

— Foram necessários dois anos para estabelecer minhas credenciais aqui.

Ballard sorriu.

— Eu vou relatar isso, porra!

— Acho que você deve — admitiu Ballard, aumentando o volume. — Enquanto isso, *onde está Cripps?*

Suckling, aparentemente convencido de que estava diante de um lunático, controlou sua apoplexia.

— Está bem. Mandarei alguém lhe telefonar; levar você a ele.

— Isso não basta — Ballard replicou. Foi até Suckling em dois passos curtos e agarrou-o pela lapela. Em dez anos, tinha passado no máximo três horas com Suckling, mas dificilmente lembrava-se de um instante em que estivesse tão louco de vontade de fazer o que estava fazendo agora. Afastando as mãos de Suckling, empurrou-o contra a parede de livros enfileirados. Um monte de livros, atingidos pelo tombo de Suckling, foram derrubados.

— Vou repetir — disse Ballard. — O velho.

— Tire as suas mãos de mim — irritou-se Suckling, sua fúria redobrada ao ser tocado.

— De novo — disse Ballard. — *Cripps*.

— Farei com que seja repreendido por isso. Farei com que seja expulso!

Ballard inclinou-se contra o rosto avermelhado e sorriu.

— Estou fora, de qualquer maneira. Pessoas morreram, recorda-se? Londres precisa de um bode expiatório, e acho que serei eu. — Suckling ficou de queixo caído.

— Então não tenho nada a perder, tenho? — Não houve resposta. Ballard chegou mais perto de Suckling, aumentando a pressão contra ele. — Tenho?

A coragem de Suckling o abandonou.

— *Cripps* está morto.

Ballard não o soltou.

— Você disse o mesmo sobre Odell. Ao ouvir o nome, os olhos de Suckling arregalaram-se. — E eu o vi ontem mesmo —? Ballard continuou. — Na cidade.

— Você viu Odell?

— Oh, sim.

A menção do homem morto trouxe a cena do beco de volta à mente. O cheiro do corpo; os soluços do garoto. Existiam outras crenças, Ballard pensou, além daquela que uma vez compartilhou com o sujeito agora pressionado por ele. Crenças cujas devoções eram feitas com calor e sangue, cujos dogmas eram sonhos. Onde melhor se batizar na nova crença do que ali, no sangue do inimigo?

Em algum lugar, bem no fundo de sua cabeça, podia ouvir os helicópteros, mas não os deixaria alçar voo. Estava forte hoje; sua cabeça, suas mãos, tudo. Quando enfiou suas unhas nos olhos de Suckling, sangrou facilmente. Teve uma súbita visão do rosto sob a carne, dos traços de Suckling despidos de sua essência.

— Senhor?

Ballard olhou de relance por cima do ombro. A recepcionista estava em pé, diante da porta aberta.

— Ah, desculpe-me — disse, preparando-se para sair. A julgar pelo seu rubor, supôs que fosse um encontro amoroso que ela havia interrompido.

— Fique — disse Suckling. — O Sr. Ballard... já estava de saída.

Ballard soltou sua presa. Haveria outras oportunidades para tirar a vida de Suckling.

— Eu o verei de novo — avisou.

Suckling tirou um lenço do bolso superior e pressionou-o contra o rosto.

— Conte com isso — retrucou.

Agora, viriam atrás dele, não poderia ter dúvidas quanto a isso. Era um elemento desgarrado, e eles se empenhariam em silenciá-lo o mais rápido possível. O pensamento não o afligiu. Fosse o que fosse que tentavam fazê-lo esquecer com sua lavagem cerebral, era mais ambicioso do que haviam previsto. Por mais profundamente que o tenham ensinado a enterrar, cavava seu caminho de volta à superfície. Ainda não podia vê-lo, mas sabia que estava próximo. Mais de uma vez, ao retornar a seus aposentos, imaginou olhos atrás dele. Talvez ainda estivesse sendo seguido de perto, mas seus instintos diziam-lhe outra coisa. A presença que sentia por perto — tão perto que estava, às vezes, em seus ombros — era, talvez, simplesmente outra parte dele.

Sentia-se protegido por ela, como que por um Deus local.

Esperava, de certa forma, que houvesse um comitê de recepção aguardando-o em seus aposentos, mas não viu ninguém. Ou Suckling tinha sido obrigado a atrasar sua chamada de alarme, ou os escalões superiores ainda estavam discutindo suas táticas. Colocou no bolso as poucas lembranças que queria preservar em seus olhos

calculistas e deixou o edifício novamente, sem que ninguém fizesse qualquer movimento para detê-lo.

Era bom estar vivo, apesar do frio que tornava as ruas ainda mais medonhas. Decidiu, sem nenhum motivo em especial, ir ao zoológico, o que, embora estivesse na cidade há duas décadas, nunca fizera. Enquanto caminhava, ocorreu-lhe que jamais sentira-se tão livre como agora; que havia se desprendido da dominação como alguém que se livra de um casaco velho. Não era de admirar que o temessem. Tinham um bom motivo.

A Kantstrasse estava movimentada, mas ele abriu caminho entre os pedestres com facilidade, quase como se sentissem nele uma rara certeza e o evitassem. Contudo, ao aproximar-se da entrada do zoológico, alguém o empurrou. Olhou em volta para repreender o sujeito, mas viu apenas a cabeça do homem por trás, ao imergir na multidão, dirigindo-se à Hardenbergstrasse. Suspeitando de uma tentativa de roubo, conferiu seus bolsos e descobriu que um pedaço de papel fora enfiado num deles. Era experiente o bastante para examiná-lo ali, mas relanceou ao redor casualmente outra vez, para ver se reconhecia o mensageiro. O homem já tinha escapulado.

Protelou a visita ao zoológico e, em vez disso, foi ao Tiergarten; lá — nos desertos do grande parque — achou um lugar para ler a mensagem. Era de Mironenko e pedia um encontro para falar de um assunto de considerável urgência, citando uma casa em Marienfelde como local. Ballard memorizou os detalhes, depois rasgou o bilhete.

Era perfeitamente possível que o convite fosse uma armadilha, claro, preparada por sua própria facção ou pela oposição. Talvez um modo de testar sua lealdade; ou para manipulá-lo rumo a uma situação na qual pudesse ser facilmente despachado. Todavia, a despeito dessas dúvidas, não tinha outra escolha senão ir, na esperança de que esse encontro às escuras fosse realmente com Mironenko. Quaisquer perigos que a reunião trouxesse, não seriam tão novos. De fato, dadas as suas dúvidas, há muito sustentadas, sobre a eficácia da visão, todos os encontros que já tiveram, não foram, de certa forma, às escuras?

Ao cair da noite, o ar úmido estava se condensando numa neblina e, quando Ballard desceu do ônibus em Hildburghauserstrasse, ela já tomara a cidade, fazendo o frio incomodar mais ainda. Seguiu rapidamente pelas ruas sossegadas. Mal conhecia o bairro, mas sua proximidade do Muro tirava-lhe o pouco de charme que poderia ter tido algum dia. Muitas das casas estavam desocupadas; entre as ocupadas, a maioria permanecia lacrada contra a noite e o frio e as luzes que brilhavam a partir das torres de observação. Foi apenas com a ajuda de um mapa que conseguiu localizar a pequenina rua citada no bilhete de Mironenko.

Não havia nenhuma luz acesa na casa. Ballard bateu forte, mas não ouviu passos no hall. Tinha previsto diversas situações possíveis, mas ausência de resposta na casa não estava entre elas. Bateu de novo; e mais uma vez. Só então escutou ruídos vindos de dentro e, finalmente, abriu-se a porta. O vestíbulo era pintado de cinza e marrom, iluminado apenas por uma simples lâmpada. A silhueta do homem contra esse interior monótono não era a de Mironenko.

— Sim? O que você quer? — Seu alemão era falado com uma nítida inflexão moscovita.

— Estou procurando um amigo meu — disse Ballard.

O homem, que era quase tão largo quanto à entrada da porta, sacudiu a cabeça.

— Não há ninguém aqui. Somente eu.

— Disseram-me...

— Você deve estar na casa errada.

No exato momento em que falava, um barulho irrompeu do vestíbulo lúgubre. Móveis estavam sendo virados; alguém tinha começado a gritar.

O russo olhou por cima do ombro e ia bater a porta na cara de Ballard, mas seu pé estava lá para detê-lo. Aproveitando-se da atenção desviada do homem, Ballard pôs o ombro contra a porta e empurrou-a. Estava no vestíbulo — na verdade, no meio dele — antes que o russo o perseguisse. O barulho de demolição aumentara e era agora abafado pelo som de um homem gritando. Ballard seguiu o barulho, passando pela claridade da lâmpada solitária,

rumo à escuridão nos fundos da casa. Poderia ter perdido o caminho naquele ponto, não fosse uma porta que se escancarou à sua frente.

O aposento adiante tinha chão de tábuas escarlates: cintilavam como se houvessem sido pintadas recentemente. E agora o decorador aparecia em pessoa. Seu torso tinha sido rasgado do pescoço ao umbigo. Pressionou suas mãos contra a represa fendida, mas elas eram inúteis para deter o transbordamento; o sangue saía em esguichos e, junto com ele, tripas. Encontrou o olhar de Ballard, os olhos inundados pela morte, mas o corpo ainda não tinha recebido a instrução para estender-se e morrer; continuava tremendo, numa lamentável tentativa de escapar da cena da execução atrás dele.

O espetáculo fez Ballard deter-se, e o russo da porta agora o segurava e o puxava de volta ao vestíbulo, gritando na sua cara. A explosão, num idioma excitado, estava além da compreensão de Ballard, mas ele não precisava de tradução para as mãos que circundavam sua garganta. O outro tinha a metade do seu peso e agarrava-o como um perito estrangulador, mas Ballard sentia-se, sem esforço, superior ao homem. Arrebatou as mãos do atacante do seu pescoço e esbofeteou-o. Foi um golpe fortuito. O russo caiu para trás contra a escada, seus gritos silenciados.

Ballard olhou para trás, em direção ao aposento escarlate. O morto havia desaparecido, embora sobras de carne fossem deixadas na soleira da porta.

Vindo de dentro, risadas.

Ballard virou-se para o russo.

— Meu Deus, o que está acontecendo? — queria saber, mas o homem simplesmente encarava-o através da porta aberta.

Justo quando falava, as risadas pararam. Uma sombra moveu-se pela parede respingada de sangue do interior, e uma voz chamou:

— Ballard?

Havia nela uma aspereza, como se o interlocutor estivesse gritando o dia e a noite inteira, mas era a voz de Mironenko.

— Não fique aí fora no frio, entre. E traga Solomonov.

O outro tentou alcançar a porta da frente, mas Ballard segurou-o antes que pudesse dar dois passos.

— Não há nada a temer, camarada — disse Mironenko. — O cachorro se foi.

Apesar das palavras de conforto, Solomonov começou a soluçar à medida que Ballard o puxava em direção à porta aberta.

Mironenko estava certo: lá dentro era mais quente. E nenhum sinal de cachorro. Contudo, havia sangue em abundância. O homem que Ballard tinha visto por último, zigzagueando na entrada da porta, fora arrastado de volta para o abatedouro enquanto ele e Solomonov lutavam. O corpo, tratado com barbaridade assombrosa; a cabeça, esfacelada; as tripas, uma miscelânea medonha e abjeta.

Agachado no canto sombrio desse aposento horrível, Mironenko. Tinha sido impiedosamente espancado, a julgar pelo inchaço em torno da sua cabeça e da parte superior do tronco, mas o rosto com a barba por fazer trazia um sorriso para seu salvador.

— Sabia que você viria. — Seu olhar recaiu sobre Solomonov. — Eles me seguiram. Pretendiam me matar, suponho. É isso que tencionava, camarada?

Solomonov tremeu de medo — seus olhos passando rapidamente da lua escoriada da cara de Mironenko aos pedaços de tripa que se exibiam por toda parte — não encontrando refúgio em parte alguma.

— O que os deteve? — Ballard perguntou.

Mironenko levantou-se. Até esse leve movimento fez Solomonov titubear.

— Conte ao sr. Ballard — sugeriu Mironenko. — Conte a ele o que aconteceu. — Solomonov estava aterrorizado demais para falar. — Ele é da KGB, claro — Mironenko continuou. — Ambos homens de confiança. Porém não confiáveis o suficiente para serem avisados, pobres idiotas. Então, foram enviados para me assassinar com apenas uma arma e uma oração. — Sorriu ao pensar nisso. — Nenhuma das quais de muita utilidade nas circunstâncias.

— Eu imploro... — Solomonov murmurou — ... deixe-me ir. Não direi nada.

— Você dirá o que eles querem que você diga, camarada, como todos nós devemos fazer — respondeu Mironenko. — Não está certo, Ballard? Todos escravos de nossa crença?

Ballard observou atentamente o rosto de Mironenko; estava cheio, o que não podia ser explicado inteiramente pelas escoriações. A pele parecia quase se arrepiar.

— Tornaram-nos esquecidos — .disse Mironenko.

— De quê? — perguntou Ballard.

— De nós mesmos. — E com a resposta Mironenko saiu de seu canto escuro para a luz.

O que Solomonov e seu companheiro tinham feito a ele? Sua carne era uma massa de pequeninas contusões, e havia protuberâncias ensanguentadas no seu pescoço e nas têmporas, que Ballard poderia ter tomado como escoriações se não palpitassem, como se houvesse algo alojado sob a pele. Contudo, Mironenko não deu nenhum sinal de desconforto ao alcançar Solomonov. Ao seu toque, o assassino fracassado perdeu o controle da bexiga, mas as intenções de Mironenko não eram homicidas. Com uma estranha ternura, esfregou suavemente uma lágrima na bochecha de Solomonov. — Volte para eles — aconselhou ao homem trêmulo. — Conte-lhes o que você viu.

Solomonov parecia mal acreditar em seus ouvidos, ou suspeitava — como Ballard — que esse perdão era uma simulação: qualquer tentativa de partir traria consequências fatais. Mas Mironenko enfatizou sua posição.

— Vá. Deixe-nos, por favor. Ou você preferiria ficar e comer?

Solomonov deu um único e hesitante passo rumo à porta. Como não veio nenhum golpe, deu um segundo passo, e um terceiro, e agora estava além da porta, e longe.

— Conte a eles! — Mironenko gritou atrás dele. A porta da frente bateu com violência.

— Contar a eles o quê? — Ballard indagou.

— Que eu me recordei — respondeu Mironenko. — Que eu achei a pele que eles roubaram de mim.

Pela primeira vez desde que entrou na casa, Ballard começou a sentir-se enjoado. Não era o sangue, nem os ossos a seus pés, mas o olhar de Mironenko. Tinha visto olhos tão brilhantes antes. Mas onde?

— Você — disse calmamente —, você fez isso.

— Certamente — Mironenko respondeu.

— Como? Havia um estrondo familiar elevando-se do fundo da cabeça de Ballard. Tentou ignorá-lo e forçar alguma explicação sobre o russo. — Como, porra?

— Nós somos iguais — replicou Mironenko. — Eu farejo isso em você.

— Não — falou Ballard. O clamor estava aumentando. — As doutrinas são apenas palavras. Não é o que nos ensinam, mas sim o que sabemos que importa. Em nossa medula; em nossas almas.

Ele falara de almas antes; de lugares que seus superiores tinham construído onde um homem podia ser partido. Na ocasião, Ballard achara tal conversa mera extravagância; agora não estava tão certo. O que era o funeral senão a subjugação de alguma parte secreta dele? A parte essencial; a parte da alma.

Antes que Ballard pudesse encontrar as palavras para se expressar, Mironenko gelou, seus olhos brilhando mais do que nunca,

— Eles estão lá fora.

— Quem?

O russo deu de ombros.

— Isso importa? Seu lado ou o meu. Ambos irão nos silenciar, se puderem.

Aquilo era verdade.

— Precisamos ser rápidos — disse, e dirigiu-se para o vestibulo. A porta da frente estava entreaberta. Mironenko chegou lá em instantes. Ballard o seguiu. Juntos, escaparam para a rua.

A neblina havia engrossado. Vagueava em volta dos postes, turvando a luz, fazendo da entrada de cada porta um esconderijo. Ballard não esperou para incitar os perseguidores a virem para fora, mas seguiu Mironenko, que já estava bem à frente, rápido apesar de sua corpulência. Ballard teve que apertar o passo para mantê-lo à vista.

Num instante era visível, no outro a neblina fechava-se à sua volta.

Os conjuntos de prédios residenciais por onde passavam davam lugar agora a mais construções isoladas anônimas, armazéns

talvez, cujas paredes estendiam-se pela tenebrosa escuridão, não interrompidas por janelas. Ballard chamou-o para diminuir seu passo aleijado. O russo parou e voltou-se para Ballard, seu contorno ondulando na luz sitiada. Era um truque da neblina ou o estado de Mironenko deteriorara-se desde que deixaram a casa? Seu rosto parecia estar porejando; as protuberâncias no pescoço tinham inchado mais.

— Não precisamos correr — falou Ballard. — Eles não estão nos seguindo.

— Estão sempre seguindo — replicou Mironenko. Como que para dar peso à observação, Ballard ouviu passos amortecidos pela neblina numa rua por perto.

— Não há tempo para discutir — Mironenko murmurou e, girando sobre os calcanhares, correu. Em segundos, a neblina fizera-o desaparecer misteriosamente outra, vez.

Ballard hesitou por um momento. Por mais imprudente que fosse, queria vislumbrar seus perseguidores, a fim de conhecê-los para o futuro. Mas agora, à medida que as passadas macias de Mironenko diminuía até silenciar, dava-se conta de que os outros passos também tinham cessado. Saberiam que estava esperando por eles?

Segurou a respiração, mas não havia ruídos nem sinal deles. A neblina vagabunda continuava vagueando. Ele parecia estar sozinho nela. Relutantemente, desistiu de esperar e foi correndo atrás do russo. Alguns metros adiante, o caminho se dividia. Não havia sinal de Mironenko em parte alguma. Maldizendo sua estupidez em permanecer para trás, Ballard seguiu o caminho mais encoberto pela neblina cerrada. A rua era curta e terminava num muro coberto de espetos, além do qual havia uma espécie de parque. A neblina agarrava-se com mais tenacidade a esse espaço de terra úmida do que à rua, e Ballard não podia ver mais do que três ou quatro metros através do gramado em que ele se encontrava agora. Porém, sabia intuitivamente que tinha escolhido o caminho certo; que Mironenko tinha escalado esse muro e esperava por ele em algum lugar próximo. A sua volta, a neblina mantinha seu segredo. Os perseguidores o perderam, ou seu próprio caminho, ou ambos.

Subiu no muro, evitando as estacas de metal de raspão, e desceu do lado oposto.

A rua parecia absolutamente sossegada, mas evidentemente não estava, pois dentro do parque sentia-se mais tranquilidade ainda. Mais fria ali, a neblina cobria-o com mais insistência, conforme avançava através do gramado molhado. O muro atrás dele — seu único porto seguro nesse cenário desolador — tornou-se um espectro de si mesmo, e depois desapareceu inteiramente.

Agora comprometido, deu mais alguns passos, sem nem saber ao certo se estava tomando um caminho reto. Subitamente, a cortina de neblina abriu-se e viu uma figura esperando por ele poucos metros adiante. As escoriações agora deformavam tanto seu rosto, que Ballard não teria sabido que era Mironenko não fossem seus olhos, que ainda brilhavam tão intensamente.

O russo não esperou por Ballard, mas virou-se novamente e saltou para a inconsistência, deixando o inglês a segui-lo, maldizendo a caçada e a caça. Ao fazê-lo, sentiu um movimento próximo. Seus sentidos eram inúteis no abraço viscoso da neblina e da noite, mas viu com aquele outro olho, ouviu com aquele outro ouvido, e soube que não estava sozinho. Será que Mironenko havia desistido da corrida e voltado para acompanhá-lo? Falou o nome dele, sabendo que com isso tornava sua posição conhecida para qualquer um, mas igualmente certo de que fosse quem fosse que o espreitasse sorrateiramente, já sabia precisamente onde ele estava.

— Fale.

Não houve nenhuma resposta da neblina.

Então, o movimento. A neblina enroscou-se e Ballard vislumbrou uma forma dividindo seus véus. Mironenko! Chamou-o novamente, dando diversos passos no escuro, em perseguição a ele; de repente, algo estava andando ao seu encontro. Viu o fantasma apenas por um instante; o suficiente para deparar-se com olhos incandescentes e dentes tão arreganhados que torciam a boca em uma careta permanente. Daqueles elementos — olhos e dentes — ele estava certo. Das outras coisas bizarras — a carne peluda, os membros monstruosos — tinha menos certeza. Talvez sua mente, exausta com tanto barulho e dor, estivesse finalmente perdendo o

contato com o mundo real; inventando terrores para amedrontá-lo de volta à ignorância.

Filho da puta — disse, desafiando tanto o estrondo que vinha para cegá-lo novamente quanto os fantasmas diante dos quais ficaria cego. Quase que como para testar seu desafio, a neblina adiante tremulou e abriu-se: algo que ele poderia ter tomado como humano, se não tivesse a barriga no chão, esgueirou-se à vista e sumiu. À direita, ouviu grunhidos; à esquerda, outra forma indeterminada apareceu e sumiu. Estava cercado, ao que parecia, por homens loucos e cachorros selvagens.

E Mironenko? Era parte dessa assembleia ou presa dela? Ouvindo meia palavra proferida atrás dele, virou-se e viu uma figura que era possivelmente a do russo recuando para a neblina. Dessa vez, não andou em seu encaixo; *correu* e sua velocidade foi recompensada. A figura reapareceu à sua frente e Ballard esticou-se para agarrar a jaqueta do homem. Seus dedos alcançaram-no, e de repente Mironenko estava cambaleando, um grunhido na garganta, e Ballard encarava um rosto que quase o fez berrar. Sua boca era uma ferida em carne viva, os dentes vastos, os olhos como fendas de ouro derretido; as protuberâncias em seu pescoço tinham inchado e se espalhado, de forma que a cabeça do russo não se elevava mais acima do corpo, mas sim era parte de uma energia indivisível. O crânio tornando-se torso sem a intervenção de um eixo.

— Ballard — a besta sorriu.

Sua voz agarrava-se à coerência com a maior dificuldade, mas Ballard ouvia nela os restos de Mironenko. Quanto mais esquadrihava a carne fervente, mais estarrecido ficava.

— Não tenha medo — disse Mironenko.

— Que doença é essa?

— A única doença de que já sofri foi o esquecimento, e estou curado disso. — Fazia uma careta enquanto falava, como se cada palavra fosse formada em contradição com os instintos da sua garganta.

Ballard pôs a mão na cabeça. Apesar da sua revolta contra a dor, o barulho aumentava cada vez mais.

— Você se lembra também, não é? Você é igual.

— Não — murmurou Ballard.

Mironenko estendeu uma mão peluda para tocá-lo.

— Não tenha medo. Você não está sozinho. Existem muitos de nós. Irmãos e irmãs.

— Eu não sou seu irmão — falou Ballard. O barulho era ruim, mas a cara de Mironenko era pior. Irritado, deu as costas, mas o russo simplesmente o seguiu.

— Você não sente o gosto da liberdade, Ballard? E da vida? Tão perto.

Ballard continuou andando, o sangue começando a escorrer pelas narinas. Deixou que escorresse.

— Dói apenas por um instante — sussurrou Mironenko. — Depois a dor se vai...

Ballard manteve a cabeça baixa, olhos para o chão. Mironenko, vendo que não o estava impressionando muito, deixou-se ficar para trás.

— Eles não o levarão de volta — disse. — Você viu demais. O estrondo dos helicópteros não bloqueou inteiramente essas palavras. Ballard sabia que havia verdade nelas. Seu andar vacilou e, através da cacofonia, ouviu Mironenko murmurar:

—Veja...

Adiante, a neblina tinha atenuado um pouco e o muro do parque era visível por entre farrapos de névoa. Atrás dele, a voz de Mironenko tinha abaixado para um resmungo.

— Veja o que você é.

As hélices estrondavam; Ballard sentia como se suas pernas fossem se dobrar e fazê-lo cair. Porém, manteve seu avanço rumo ao muro. A alguns metros dele, Mironenko chamou-o novamente, mas desta vez as palavras tinham-lhe escapado totalmente. Havia apenas um baixo grunhido. Ballard não pôde resistir; apenas uma vez. Olhou por cima do ombro. Novamente a neblina o confundiu, mas não inteiramente. Por instantes — tão longos e ainda assim tão breves — Ballard viu a coisa que tinha sido Mironenko em toda sua plenitude e, com aquela visão, o som das hélices aumentaram para um tom alarmante. Colocou as mãos contra o rosto. Ao fazê-lo, um tiro ressoou; depois outro; depois uma saraivada de tiros. Caiu no

chão, tanto por fraqueza como para se defender, e descobriu os olhos, vendo diversas figuras humanas movendo-se na neblina. Embora tivesse esquecido seus perseguidores, eles não o tinham esquecido. Seguiram-no até o parque e o encaminharam para o meio dessa loucura; agora, homens, meio-homens e coisas não-humanas perdiam-se na neblina, e havia uma confusão sanguinolenta por toda parte. Um pistoleiro atirando numa sombra, apenas para ver um aliado surgir por entre a neblina com uma bala na barriga; uma coisa aparecendo em quatro pernas e sumindo outra vez em duas; outro, ao correr, carregando uma cabeça humana pelos cabelos e rindo da sua cara focinhuda.

O tumulto espalhou-se até ele. Temendo por sua vida, levantou-se e cambaleou de volta em direção ao muro. Os berros, tiros e rosnados continuavam; esperava que uma bala ou uma fera o encontrassem a cada passo que dava. Mas alcançou o muro com vida e tentou escalá-lo. Contudo, sua coordenação o abandonara. Não tinha escolha senão acompanhar o muro em toda sua extensão até chegar ao portão.

Atrás dele, as cenas de desmascaramentos, transformações e identidades erradas prosseguiram. Seus pensamentos depauperados voltaram-se brevemente para Mironenko. Ele, ou alguém da sua tribo sobreviveria a esse massacre?

— Ballard — ouviu um som na neblina. Não podia ver quem falava, embora reconhecesse a voz. Ele a tinha escutado em seu delírio, dizendo-lhe mentiras.

Sentiu uma pontada no pescoço. O homem tinha vindo por trás e estava enfiando uma agulha nele.

— Durma — ordenou a voz. E, juntamente com as palavras, veio à inconsciência.

A princípio, não conseguia se lembrar do nome do homem. Sua mente perambulava como uma criança perdida, embora seu interrogador exigisse sua atenção a todo momento, falando com ele como se fossem velhos amigos. E havia, de fato, algo familiar em seu olho errante, que se mexia muito mais lentamente do que seu companheiro. Finalmente, ocorreu-lhe o nome.

— Você é Cripps.

— Claro que sou Cripps — o homem respondeu. — Sua memória está lhe pregando peças? Não se preocupe. Dei-lhe alguns supressivos para evitar que você perdesse o equilíbrio. Não que eu pense que seja muito provável. Você lutou bravamente, Ballard, apesar da considerável provocação. Quando penso na forma como Odell se arrebentou... — suspirou. — Lembra-se de alguma coisa da noite passada?

A princípio, o olho da sua mente estava cego. Mas depois as lembranças começaram a surgir. Formas vagas movendo-se numa neblina.

— O parque — disse finalmente.

— Simplesmente tirei você de lá. Deus sabe quantos estão mortos.

— O outro... O russo...?

— Mironenko? — Cripps ajudou. — Eu não sei. Não sou mais encarregado, você entende; entrei apenas para salvar alguma coisa, se pudesse. Londres precisará de nós outra vez, mais cedo ou mais tarde. Principalmente agora que eles sabem que os russos têm um corpo especial como nós. Tínhamos ouvido boatos, claro; e então, depois que você se encontrou com ele, começou-se a questionar sobre Mironenko. Foi por isso que arranjei o encontro. E evidentemente, quando o vi frente a frente, eu soube. Há algo nos olhos. Algo faminto.

— Eu o vi mudar...

— Sim, e que visão, não é? O poder que emana. Por isso, desenvolvemos o programa, entende, para dominar aquele poder, fazê-lo trabalhar para nós. Mas é difícil de controlar. Foram necessários anos de terapia de repressão, enterrando lentamente o desejo de transformação, de modo que restou-nos um homem com faculdades de uma fera. Um lobo em pele de ovelha. Pensamos que tivéssemos resolvido o problema; que, se os sistemas de crença não o mantivessem subjogado, a resposta de dor o faria. Porém, estávamos enganados. — Levantou-se e caminhou até a janela. — Agora temos de recomeçar.

— Suckling disse que você tinha sido ferido.

— Não. Meramente rebaixado. Mandado de volta a Londres.

— Mas você não irá.

— Irei agora; agora que o encontrei. — Olhou ligeiramente para Ballard.

— Você é a prova viva de que minhas técnicas são viáveis. Você tem total consciência de seu estado e, ainda assim, a terapia segura a correia. — Virou-se para a janela. A chuva batia contra o vidro. Ballard podia quase senti-la sobre sua cabeça, sobre suas costas. Fria, suave chuva. Por bem-aventurados instantes, parecia que ele estava correndo na chuva, rente ao chão, com o ar impregnado de aromas que o aguaceiro tinha desprendido do solo.

— Mironenko disse...

— Esqueça Mironenko — Cripps retrucou. — Ele está morto. Você é o último da velha ordem, Ballard. E o primeiro da nova.

Lá embaixo soou uma campainha. Cripps espiou pela janela as ruas abaixo.

— Bem, bem, uma delegação, vindo para implorar que voltemos. Espero que esteja lisonjeado. — Foi até a porta. — Fique aqui. Não precisamos exibi-lo esta noite. Você está fatigado. Deixe que esperem, hein? Deixe que suem. — Deixou o aposento mal conservado, fechando a porta atrás de si. Ballard ouviu seus passos na escada. Tocavam a campainha pela segunda vez. Levantou-se e foi até a janela. A tênue luz do final da tarde combinava com a sua fraqueza; ele e a cidade ainda estavam em harmonia, apesar da maldição que havia sobre si. Lá embaixo, um homem surgiu de trás do carro e foi até a porta da frente. Mesmo desse ângulo estreito, Ballard reconheceu Suckling.

Ouviu vozes no vestíbulo; com o surgimento de Suckling, a discussão pareceu tornar-se mais acalorada. Ballard foi até a porta e escutou, mas sua mente embotada pelas drogas não conseguia apreender bem o sentido da discussão. Rezou para que Cripps mantivesse sua palavra e não permitisse que o vissem. Não queria ser uma besta como Mironenko. Não era liberdade ser tão terrível? Era simplesmente uma espécie diferente de tirania. Mas também não queria ser o primeiro da heroica nova ordem de Cripps. Não pertencia a ninguém, percebeu; nem a si mesmo. Estava desesperadamente perdido. Todavia, Mironenko não dissera

naquele primeiro encontro que o homem que não acreditava estar perdido, estava perdido? Talvez fosse melhor isso — melhor existir no crepúsculo entre um estado e outro, prosperar da melhor forma possível através da dúvida e da ambiguidade — do que sofrer as certezas da torre.

A discussão lá embaixo ganhava impulso. Ballard abriu a porta para ouvir melhor. Foi a voz de Suckling que chegou até ele. O tom era impertinente, mas nem por isso menos ameaçador.

— Acabou... — falava a Cripps — ... você não entende inglês claro? — Cripps tentou protestar, mas Suckling interrompeu-o. — Ou você vem como um cavalheiro, ou Gideon e Sheppard o carregam para fora. Como vai ser?

— O que é isso? — Cripps perguntou. — Você não é ninguém, Suckling. Você é uma piada.

— Isso foi ontem — o outro replicou. — Fizeram algumas mudanças. Todo cão tem o seu dia, não é mesmo? Você deveria saber isso melhor do que ninguém. Eu pegaria um casaco se fosse você. Está chovendo.

Houve um breve silêncio, então Cripps falou:

— Está bem, eu vou.

— Bom rapaz. — O comentário de Suckling veio suavemente. — Gideon, vá checar lá em cima.

— Estou sozinho.

— Acredito em você. — Suckling virou-se para Gideon. —Vá mesmo assim.

Ballard ouviu alguém mover-se através do vestíbulo e depois uma súbita agitação.

Cripps estava escapando ou atacando Suckling, um dos dois. Suckling gritou; houve um tumulto. Então, através da confusão, um único tiro.

Cripps berrou, depois veio o ruído de sua queda.

Agora a voz de Suckling, cheia de fúria.

— Idiota — murmurou. — Idiota.

Cripps gemeu alguma coisa que Ballard não entendeu. Tinha pedido para ser despachado, talvez, pois Suckling lhe disse: — Não.

Você vai voltar a Londres. Sheppard, faça-o parar de sangrar. Gideon, lá em cima.

Ballard recuou do topo da escada quando Gideon começou a subir. Sentiu-se frouxo e incapaz. Não havia saída da armadilha. Iriam encurralá-lo e exterminá-lo. Ele era uma besta, um cachorro louco num labirinto. Se ao menos tivesse matado Suckling quando teve forças para isso. Por outro lado, que espécie de bem isso faria? O mundo estava cheio de homens como Suckling, homens aguardando a sua hora, até que pudessem mostrar como realmente eram. Homens desprezíveis, untuosos, secretos. De repente, a besta pareceu mover-se em Ballard, pensou no parque, na neblina e no sorriso no rosto de Mironenko, e veio uma onda de pesar por algo que nunca sentira antes: a vida de um monstro.

Gideon estava quase no topo da escada. Embora isso pudesse apenas protelar o inevitável por alguns instantes, Ballard esgueirou-se pelo patamar e abriu a primeira porta que encontrou. Era o banheiro. Havia um ferrolho na porta, que ele girou.

O som de água corrente preencheu o aposento. Um pedaço da calha quebrara-se e jogava uma torrente de água da chuva no peitoril da janela. O barulho e o frio do banheiro trouxeram de volta a noite das ilusões. Lembrou-se da dor e do sangue; lembrou-se do chuveiro — água batendo em seu crânio, expurgando-o da dor subjugante. Ao pensar nisso, três palavras vieram aos seus lábios espontaneamente:

— Eu não acredito.

Ele tinha sido ouvido.

— Tem alguém aqui em cima — Gideon chamou. O homem aproximou-se da porta e bateu. — Abra.

Ballard ouviu-o claramente, mas não respondeu. Sua garganta ardia e o estrondo das hélices aumentava novamente. Encostou-se na porta e entrou em desespero.

Suckling chegou lá em cima e, em segundos, estava à porta.

— Quem está aí? Responda! *Quem está aí?* — Não obtendo resposta, ordenou que Cripps fosse trazido para cima. Houve mais tumulto enquanto a ordem era obedecida.

— Pela última vez... — disse Suckling.

A pressão crescia no crânio de Ballard. Desta vez parecia que o barulho tinha intenções letais; seus olhos doíam como se estivessem prestes a saltar das órbitas. Viu alguma coisa no espelho acima da pia; algo com olhos brilhantes, e outra vez vieram as palavras “Eu não acredito”. Agora, porém, sua garganta, ardendo por outras coisas, mal conseguiu proferi-las.

— *Ballard* — disse Suckling. Havia triunfo na palavra. — Meu Deus, pegamos Ballard também. E o nosso dia de sorte.

Não, pensou o homem no espelho. Não havia ninguém com aquele nome aqui. Ninguém com nome algum, na verdade, pois não eram nomes o primeiro ato de fé, a primeira borda da caixa na qual se enterrou a liberdade? A coisa em que estava se transformando não receberia um nome; nem seria encaixotada; nem enterrada. Nunca mais.

Por um momento perdeu a visão do banheiro e sentiu-se suspenso acima da sepultura que o tinham feito cavar; nas profundezas, a caixa dançava enquanto seu conteúdo lutava contra o enterro prematuro. Podia ouvir a madeira se rompendo em lascas — ou era o barulho da porta sendo arrombada?

A tampa da caixa voou longe. Uma chuva de pregos caiu sobre as cabeças dos presentes ao funeral. O barulho em sua cabeça, como que sabendo que seus tormentos tinham sido infrutíferos, foi-se subitamente, e com ele a ilusão. Estava de volta ao banheiro, encarando a porta aberta. Os homens que o fitavam tinham cara de idiotas. Bambos e estupificados com o choque — vendo como ele estava inflamado. Vendo seu focinho, seus pelos, o olho dourado e dentes amarelos. O horror deles envaideceu-o.

— Mate-o — ordenou Suckling, e empurrou Gideon pela abertura. O homem já tinha tirado a arma do bolso e estava apontando-a, mas seu dedo era muito lento no gatilho. A fera agarrou sua mão e amassou a carne em volta do aço. Gideon gritou e desceu aos tropeções escada abaixo, ignorando os brados de Suckling.

Quando a fera ergueu a mão para cheirar o sangue nela, houve um clarão de fogo e ela sentiu o tiro no ombro. Contudo, Sheppard não teve chance de atirar uma segunda vez antes que sua presa

atravessasse a porta e se jogasse sobre ele. Largando a arma, lançou-se inutilmente para a escada, mas a mão do animal abriu sua cabeça com um simples golpe. O pistoleiro tombou para frente, o patamar estreito impregnando-se com seu cheiro. Esquecendo os outros inimigos, a fera caiu sobre o refugio e comeu.

Alguém disse:

— Ballard.

A fera engoliu os olhos do morto de uma só vez, como ostras de primeira qualidade.

De novo, aquelas sílabas: — Ballard. — Teria continuado sua refeição, não fosse o som do choro penetrando em seus ouvidos. Estava morto para ele mesmo, mas não para a tristeza. Largou a carne dos seus dedos e olhou para trás, para o patamar.

O homem que estava chorando lacrimejava por apenas um olho; o outro olho contemplava estranhamente intocado. Mas a dor no órgão vivo era realmente profunda. Era desespero, a fera sabia; um sofrimento muito próximo dele para que a suavidade da transformação o tivesse apagado inteiramente. O homem em prantos estava preso nos braços de outro homem, que tinha a arma apontada contra a cabeça de seu prisioneiro.

— Se fizer outro movimento — disse o captor — vou estourar a cabeça dele. Você entendeu?

A fera limpou a boca.

— Diga-lhe, Cripps! Ele é seu bebê. Faça-o entender.

O caolho tentou falar, mas as palavras o derrotaram. O sangue do ferimento do abdômen escorria por entre seus dedos.

— Nenhum de vocês precisa morrer — repetiu o captor. A fera não gostou do tom de sua voz; era estridente e falso. — Londres iria preferir tê-los com vida. Então por que não lhe diz, Cripps? Diga-lhe que não quero lhe fazer mal algum.

O homem choroso acenou com a cabeça.

— Ballard... — murmurou. Sua voz era mais suave que a outra. A fera escutou.

— Diga-me, Ballard, como se sente?

A fera não conseguia entender a pergunta.

— Por favor, diga-me. Por curiosidade...

— Filho da puta — praguejou Suckling, apertando a arma contra a carne de Cripps.

— Isto aqui não é um *talk-show*.

— É bom? — Cripps perguntou, ignorando o homem e a arma.

— Cale-se!

— Responda-me, Ballard. *Como se sente?*

Ao fitar os olhos desesperados de Cripps, o significado dos sons que ele proferira surgiu claro, as palavras encaixando-se como peças de um mosaico. — E bom? — o homem perguntou.

Ballard ouviu risadas em sua garganta e encontrou nela as sílabas para responder.

— Sim. Sim. É bom.

Não tinha acabado de responder quando a mão de Cripps adiantou-se para agarrar a de Suckling. Se ele tentou cometer suicídio ou escapar, ninguém jamais saberá. O dedo puxou o gatilho e uma bala atravessou a cabeça de Cripps, espalhando seu desespero pelo teto. Suckling jogou o corpo para longe e ia apontar a arma, mas a fera já estava sobre ele. Se ainda existisse algo de humano nele, Ballard poderia ter imaginado fazer Suckling sofrer, mas não tinha essa ambição perversa. Seu único pensamento era destruir o inimigo o mais eficientemente possível. Dois golpes violentos e mortais liquidaram-no. Ballard foi até onde Cripps estava estendido. Seu olho de vidro escapara da destruição. Ele contemplava fixamente, intocado pelo holocausto em volta. Ballard soltou-o da cabeça mutilada e colocou-o no bolso; depois saiu para a chuva.

Estava anoitecendo. Não sabia para qual bairro de Berlim fora trazido, mas seus impulsos, livres da razão, levaram-no através das ruas seguintes e das sombras, até um terreno baldio nas imediações da cidade, no meio do qual havia uma ruína solitária. Ninguém saberia ao certo o que a construção poderia ter sido algum dia (um abatedouro? uma casa de ópera?), porém, por um capricho do destino, escapara da demolição, embora todos os outros prédios tivessem sido derrubados por centenas de metros, em cada direção. Enquanto caminhava através do cascalho emaranhado de ervas daninhas, o vento mudou de direção e levou o cheiro de sua tribo até ele. Havia muitos lá, juntos sob a proteção das ruínas. Alguns

encostavam-se contra o muro e compartilhavam um cigarro; uns eram perfeitos lobos e buscavam a escuridão como fantasmas de olhos dourados; outros, todavia, poderiam ter passado por inteiramente humanos não fossem suas caudas.

Embora desconfiasse que nomes fossem coisas proibidas em meio a esse clã, perguntou a dois amantes no cio, resguardados pelo muro, se sabiam de um homem chamado Mironenko. A cadela tinha as costas macias e sem pelo e uma dúzia de fartas tetas pendendo de sua barriga.

— Escute — disse ela.

Então Ballard ouviu alguém falando a um canto das ruínas. A voz subia e descia. Seguiu o som através do interior sem telhado até onde estava um lobo, cercado por uma audiência atenta, um livro aberto nas patas anteriores. A aproximação de Ballard, um ou dois da platéia voltaram seus olhos luminosos para ele. O lobo parou.

— Ssh! O Camarada está lendo para nós.

Era Mironenko quem falava. Ballard esgueirou-se entre os ouvintes, enquanto o leitor retomava a história.

— *E Deus os abençoou, e Deus lhes disse, cresci e multiplicai-vos, e ocupai a terra...*

Ballard ouvira aquelas palavras antes, mas esta noite elas eram novas.

— *... e conquistem-na; e tenham domínio sobre o peixe do mar, e sobre a ave do ar...*

Olhou em volta do círculo de ouvintes, enquanto as palavras descreviam as regras familiares.

— *... e sobre todas as coisas vivas que se movam sobre a terra.*

Em algum lugar próximo, uma fera chorava.

A ÚLTIMA ILUSÃO

O que houve então — quando o mágico, tendo hipnotizado o tigre enjaulado, puxou o cordão ornado com borlas que liberava uma dezena de espadas sobre sua cabeça — foi assunto de séria discussão tanto no bar do teatro quanto mais tarde, após o término da atuação de Swann, na calçada da rua 51. Alguns garantiram ter observado, de relance, o fundo da jaula abrir-se na fração de segundo em que todos os olhos voltavam-se para as lâminas que desciam, e visto o tigre saltar velozmente para fora enquanto a mulher de vestido vermelho assumia seu lugar atrás das barras laqueadas. Outros eram igualmente inflexíveis em sustentar que o animal nunca estivera na jaula, sendo sua presença uma mera projeção que se extinguiu quando um mecanismo impulsionara a mulher do compartimento sob o palco; isso, é claro, a uma velocidade tal que enganou os olhos de todos, menos os dos mais argutos e céticos o bastante para percebê-lo. E as espadas? A natureza do truque — que as transformara, nos meros segundos de sua brilhante descida de aço, em pétalas de rosa — pôs ainda mais lenha na fogueira dos debates. As explicações iam do prosaico ao elaborado, mas poucas pessoas, entre as que deixaram o teatro, não apresentavam nenhuma teoria. Nem as discussões terminaram ali, na calçada. Continuaram, sem dúvida, nos apartamentos e restaurantes de Nova Iorque.

O prazer de ser alvo das ilusões de Swann era, ao que parecia, redobrado. Primeiro: o espetáculo do truque em si — no extasiante momento em que a desconfiança, se não suspensa, era ao menos elevada na ponta dos pés. Segundo: findo o momento e após a lógica ser recuperada, no debate acerca de como o truque se realizara.

— Como faz isso, sr. Swann? — Barbara Bernstein estava ansiosa para saber.

— É mágica — respondeu Swann. Tinha-a convidado aos bastidores a fim de examinar a jaula do tigre em busca de algum sinal de fraude em sua construção; ela não encontrara nenhum. Examinara as espadas: eram letais. E as pétalas, perfumadas. Ainda assim, insistia.

— Sim, mas *falando sério*... — Inclinou-se para ele. — Pode me contar, prometo que minha boca será um túmulo.

Ele deu um sorriso lento como resposta.

— Ah, já sei... — disse ela. — Vai me dizer que assinou algum tipo de juramento.

— É isso mesmo — admitiu Swann.

— E que está proibido de revelar qualquer segredo profissional.

— A intenção é dar prazer a vocês. Fracassei quanto a isso?

— Ah, não — ela não demonstrou hesitação um instante. — Estão todos falando sobre o espetáculo. Você é o assunto de Nova Iorque.

— Não — ele protestou.

— É verdade. Conheço gente que daria um braço para estar neste teatro. E fazer um passeio com você como guia pelos bastidores... Ora, serei invejada por todos.

— Fico contente. — Swann tocou-lhe o rosto. Ela obviamente esperava um movimento como esse. Seria alguma coisa a mais para se gabar: sua sedução pelo homem que os críticos chamavam de Mago de Manhattan.

— Gostaria de fazer amor com você — ele sussurrou.

— Aqui? — perguntou ela.

— Não. Não onde os tigres possam ouvir.

Ela riu. Preferia que seus amantes fossem uns vinte anos mais jovens que Swann — ele parecia, alguém tinha comentado, um homem que lamentava o próprio aspecto, mas seu toque prometia uma sofisticação que nenhum garoto podia oferecer. Ela gostava do ar de dissolução que sentia por baixo de sua máscara cavalheiresca. Swann era um homem perigoso. Se ela o recusasse, talvez nunca encontrasse outro.

— Poderíamos ir a um hotel — sugeriu ela.

— Um hotel é uma boa ideia.

Um olhar de dúvida cruzou o rosto dela.

— E quanto a sua esposa...? Podemos ser vistos.

Ele pegou sua mão.

— Sejam invisíveis, então.

— Estou falando sério.

— Eu também — ele insistiu. — Ouça o que digo: ver não é crer. Sei do que estou falando. É o fundamento de minha profissão.

— Ela não parecia muito segura. — Se alguém nos reconhecer, simplesmente lhes direi que seus olhos os estão enganando.

Ela sorriu e então ele a beijou. Ela devolveu-lhe o beijo com um fervor inquestionável.

— Milagroso — falou ele, quando suas bocas se separaram. — Vamos antes que os tigres comecem a fofocar?

Swann levou-a pelo palco. Os faxineiros ainda não tinham começado seu serviço e, ali, abandonado na beirada, havia uma camada de botões de rosa. Alguns esmagados, outros não. Pegou a mão dela entre as suas e caminhou para onde estavam as flores.

Ela o observou abaixar-se para pegar uma rosa do chão, encantada pelo gesto, mas antes que ele pudesse endireitar o corpo novamente, alguma coisa no ar acima dele prendeu-lhe os olhos. Seu olhar voltou-se para cima e encontrou uma lâmina de aço que mergulhava em sua direção. Ela fez que ia avisá-lo, mas a espada era mais rápida do que sua língua. No último instante ele parece ter sentido o perigo em que se encontrava e olhou em volta, o botão em sua mão, enquanto a ponta atingia suas costas. O impulso da espada atravessou-lhe o corpo até o punho. Sangue espirrou de seu peito e espalhou-se pelo chão. Ele não soltou qualquer som, mas caiu para frente, forçando dois terços da espada a saírem de seu corpo quando atingiu o palco.

Ela teria gritado, mas sua atenção foi desviada por um som de clangor de aparatos mágicos presos nos bastidores atrás de si, um rugido sussurrado que era, indiscutivelmente, a voz do tigre. Ela gelou. Provavelmente devia haver instruções de como fitar tigres

fugidos, mas para alguém nascido e criado em Manhattan eram técnicas com as quais não estava familiarizada.

— Swann? — chamou, na esperança de que fosse alguma ilusão barroca encenada apenas para ela. — Swann, por favor, levante-se.

Mas o mago apenas permaneceu deitado onde caíra, a poça aumentando sob ele.

— Se isso é uma piada — falou, irritada — não tem graça. — Como ele não se ergueu, tentou uma tática mais atraente. — Swann, docinho, gostaria de ir embora agora, se não se importa. O rugido soou de novo. Não queria se virar e procurar por sua fonte, mas também não queria ser apanhada por trás.

Cautelosamente, ela se voltou. Os bastidores estavam no escuro. O clangor dos acessórios dos contra-regras não lhe permitiam determinar a localização precisa da fera. Contudo, ainda podia ouvi-la: seus movimentos, seus rugidos. Passo a passo, ela recuou na direção da boca de cena do palco. As cortinas fechadas a isolavam da platéia, mas esperava que pudesse se arrastar por debaixo delas antes que o tigre a alcançasse. Quando encostou no tecido pesado, uma das sombras nos bastidores deixou sua ambiguidade e o animal apareceu. Ele não era bonito, como ela imaginava enquanto estava atrás das grades, mas grande, letal e faminto. Ela ficou de cócoras e pegou a ponta da cortina. O tecido era muito pesado e encontrou mais dificuldade em erguê-lo do que esperava; mas já tinha conseguido esgueirar metade de seu corpo por baixo da cortina quando, com a cabeça e as mãos pressionadas contra as bordas, sentiu o baque do avanço do tigre. Um segundo depois sentiu o sopro de seu bafo em suas costas nuas e gritou enquanto ele enganchava suas garras em seu corpo e a arrastava da frágil segurança para suas mandíbulas quentes.

Mesmo aí ela recusou-se a desistir de viver. Deu chutes e arrancou tufo do pelo da fera, e desferiu uma saraivada de socos em seu focinho. Mas sua resistência era insólita diante de tamanha força; seu ataque, apesar de todo o vigor, não deteve nem um pouco o tigre. Ele rasgou seu corpo com um sopapo casual. Com esse primeiro ferimento, os sentidos dela piedosamente abandonaram todo e qualquer apego à realidade e, em vez disso, assumiram uma

dimensão despropositada. Parecia que estava ouvindo aplausos em algum lugar e que, ao invés do sangue que certamente despejava de seu corpo, fluíam fontes de luz cintilante. A agonia que seus terminais nervosos sofriam não a afetava em absoluto. Mesmo quando o animal dividiu-a em três ou quatro partes, sua cabeça deitada de lado na borda do palco observava seu dorso ser rasgado e seus membros devorados.

Durante todo o tempo, enquanto se perguntava como tudo isso era possível — que seus olhos pudessem viver para testemunhar essa derradeira refeição — só poderia recordar a última resposta de Swann:

— *É magia* — dissera ele.

Na verdade, ela refletia exatamente sobre isso, que devia *ser* magia, quando o tigre caminhou até sua cabeça e engoliu-a de uma só vez.

Em um certo grupo, Harry D'Amour gostava de acreditar que tinha alguma reputação — uma roda seleta que, por sinal, não incluía sua ex-esposa, seus credores ou os críticos anônimos que regularmente colocavam fezes de cachorro na caixa de correspondência do escritório. Mas a mulher que agora falava ao telefone, sua voz tão cheia de tristeza que devia ter chorado um ano inteiro — e estava para recomeçar — conhecia-o pelo exemplo de perfeição que ele era.

— Preciso de sua ajuda, sr. D'Amour, preciso muito.

— Estou ocupado em vários casos no momento. Poderia vir ao meu escritório?

— Não posso deixar a casa — informou a mulher. — Eu lhe explicarei tudo. Venha, por favor.

Ele estava seriamente tentado. Mas havia *mesmo* vários casos pendentes, um dos quais, se não solucionado logo, talvez terminasse em fratricídio. Sugeriu-lhe que tentasse outra pessoa.

— Não posso procurar qualquer um — a mulher insistiu.

— Por que eu?

— Li sobre o senhor. Sobre o que aconteceu no Brooklyn.

Mencionar seu fracasso mais patente não era um bom método de assegurar seus serviços, pensou Harry, mas isso certamente

chamou-lhe a atenção. O que aconteceu na rua Wyckoff começara de modo bastante inocente, com um marido que o contratara para espionar sua esposa adúltera, e terminara no último andar da casa dos Lomax, com o mundo que ele pensava conhecer virado de cabeça para baixo. Quando a contagem dos corpos foi feita, e os sacerdotes sobreviventes despachados, ficara com medo de escadas e de mais perguntas a que jamais respondera nesse tipo de conspiração familiar. Não tinha prazer nenhum em ser lembrado desses terrores.

— Não gosto de falar do Brooklyn.

— Perdoe-me — replicou a mulher — mas preciso de alguém que tenha experiência com... com o oculto. — Parou de falar por um instante. Ele ainda podia ouvir sua respiração pela linha: suave, mas errática.

— Preciso de você — ela disse. Ele já tinha decidido, nessa pausa quando apenas o medo dela era audível, que resposta daria.

— Eu vou.

— Fico-lhe grata. A casa fica na rua 61 leste... — Ele anotou os detalhes. Suas últimas palavras foram: — Por favor, rápido. — E desligou o telefone.

Fez algumas Ligações, na vã esperança de apaziguar dois de seus clientes mais nervosos, e então vestiu o paletó, trancou o escritório e desceu as escadas. O patamar e o saguão tinham um odor pungente. Quando chegou à porta da frente, pegou Chaplin, o servente, saindo do porão.

— Este lugar fede — reclamou o homem.

— É desinfetante.

— É mijó de gato — falou Harry. — Faça alguma coisa quanto a isso, sim? Tenho uma reputação a zelar.

Deixou o homem rindo.

A fachada de arenito da rua 61 leste estava em condições impecáveis. Parou sobre o degrau escovado, suando e sentindo o hálito ruim, e achou-se um palhaço. A expressão no rosto que o saudou, quando a porta foi aberta, não fez nada para dissuadi-lo dessa opinião.

— Sim?

— Sou Harry D'Amour. Recebi um telefonema.

O homem assentiu.

— É melhor entrar — disse sem entusiasmo.

Estava mais fresco do lado de dentro do que fora; e mais doce. O lugar exalava perfume. Harry seguiu o rosto desaprovador pelo saguão e entrou num grande aposento, no qual, do outro lado — depois de um tapete oriental, que tinha tudo tecido em sua padronagem menos o preço — viu uma viúva sentada. O preto não a favorecia; tampouco as Lágrimas. Ela se levantou e ofereceu-lhe a mão.

— Sr. D'Amour?

— Sim.

— Se quiser beber algo, Valentin o servirá.

— Por favor. Leite, se possível. — Seu estômago estava dando voltas há uma hora; desde que ela mencionara a rua Wyckoff, na verdade.

Valentin saiu do aposento, sem remover seus olhos intensos de Harry até o último instante.

— Alguém morreu — Harry falou, depois que o homem saiu.

— Isso mesmo — confirmou a viúva, tornando a sentar-se. A seu convite, ele sentou-se diante dela, em meio a um mar de almofadas que dava para encher um harém. — Meu marido.

— Sinto muito.

— Não há tempo para sentimentos — ela retrucou, seu olhar e gestos traindo-lhe as palavras. Ela estava feliz por sua tristeza; os sulcos das lágrimas e a fadiga empanavam uma beleza que, se ele visse ao natural, poderia tê-lo deixado mudo de admiração.

— Dizem que a morte de meu marido foi acidental. Eu sei que não foi.

— Posso perguntar... seu nome?

— Desculpe. Meu nome é Swann, sr. D'Amour. Dorothea Swann. Talvez tenha ouvido falar de meu marido.

— O mágico?

— *Ilusionista* — corrigiu ela.

— Li a respeito. Trágico.

— Alguma vez o viu atuar?

Harry fez que não.

— Não tenho dinheiro para ir à Broadway, sra. Swann.

— Ficaríamos aqui por apenas três meses, enquanto estivesse fazendo seu show. Voltaríamos em setembro...

— Voltar?

— Para Hamburgo — disse ela. — Não gosto desta cidade. Ela é tão quente. E tão cruel.

— Não culpe Nova Iorque — ele falou. — O que aconteceu foi inevitável.

— Talvez — replicou ela. — O que aconteceu a Swann teria ocorrido de qualquer modo, onde quer que estivéssemos. As pessoas vivem me dizendo: foi um acidente. E tudo. Só um acidente.

— Mas não acredita nisso?

Valentin surgiu com um copo de leite. Colocou-o na mesa, diante de Harry. Quando se preparava para sair, ela falou: — Valentin. A carta?

Ele a fitou com estranheza, como se achasse que ela dissera alguma coisa obscena.

— *A carta* — ela repetiu.

Ele saiu.

— Estava dizendo...

Ela franziu a testa.

— Como?

— Sobre ser um acidente.

— Ah, sim. Vivi com Swann por sete anos e meio e aprendi a compreendê-lo tão bem quanto alguém poderia efetivamente fazê-lo. Aprendi a sentir quando ele me queria por perto, e quando não. Quando não me queria, eu saía para algum lugar e o deixava com sua privacidade. Os gênios precisam de privacidade. E ele *era* um gênio, sabe. O maior de todos os ilusionistas desde Houdini.

— E mesmo?

— Eu às vezes achava que era algum tipo de milagre ele ter me aceito em sua vida...

Harry queria dizer que Swann estaria louco se não o fizesse, mas o comentário era impróprio. Ela não desejava lisonjas; não

precisava delas. Não precisava de nada, a não ser, talvez, seu marido vivo de novo.

— Agora, acho que não o conhecia nem um pouco — continuou ela — não o *compreendia*. Acho que isso foi algum outro truque. Outra parte de sua mágica.

— Eu o chamei de mágico ainda há pouco — comentou Harry. — A senhora me corrigiu. #

— É verdade — ela admitiu, aceitando-lhe a observação com um olhar de desculpas. — Perdoe-me. Aquilo foi Swann falando. Ele *odiava* ser chamado de mágico. Dizia que era uma palavra que deveria ser usada para feitores de milagres.

— E ele não fazia milagres?

— Ele costumava se chamar de O Grande Fingidor. — O pensamento a fez sorrir.

Valentin reaparecera, suas feições lúgubres cheias de suspeita. Segurava um envelope, que obviamente não tinha nenhum desejo de entregar. Dorothea teve de cruzar o tapete e tirá-lo de suas mãos.

— Acha isso sábio? — perguntou ele.

— Sim — ela respondeu.

Virou-se e fez uma retirada inteligente.

— Ele está muito triste — disse ela. — Perdoe-o por seu comportamento. Acompanhava Swann desde o início de sua carreira. Acho que amava meu marido tanto quanto eu.

Ela enfiou o dedo no envelope e tirou uma carta. O papel era de um amarelo-pálido e quase transparente de tão fino.

— Algumas horas depois dele morrer, esta carta foi entregue aqui, em mãos. Estava endereçada a ele. Eu a abri. Acho que deveria lê-la. Passou-a para Harry. A letra cursiva de quem a escrevera era sólida e sóbria:

Dorothea, escrevera ele, se estiver lendo isto, então estou morto. Você sabe quando pouco acredito em sonhos, premonições e coisas do gênero; mas nos últimos dias pensamentos estranhos têm invadido minha mente e suspeito de que a morte esteja muito perto para mim. Se estiver, que seja. Não há como evitar isso. Não desperdice tempo tentando descobrir os porquês e senões; eles

agora são história antiga. Saiba apenas que a amo, e que, a meu jeito, sempre a amei. Desculpe-me por qualquer infelicidade que lhe tenha causado, ou esteja causando agora, mas isto não está em minhas mãos.

Tenho algumas instruções quanto à remoção de meu corpo. Por favor, siga-as ao pé da letra. Não deixe que ninguém tente persuadi-la a não fazer como lhe peço.

Quero que meu corpo seja vigiado noite e dia até que tenha sido cremado. Não tente levar meus restos de volta para a Europa.

Mande me cremarem aqui mesmo, tão logo seja possível, e depois jogue as cinzas no rio Leste.

Meu doce amor, estou com medo. Não de sonhos ruins, ou de que possa me acontecer nesta vida, mas do que meus inimigos possam tentar fazer após minha morte. Sabe como são os críticos: eles esperam até que você não possa mais revidar, e então começam o assassinio do personagem. Seria muito longo tentar lhe explicar tudo isso, então devo simplesmente confiar em que você fará o que lhe peço.

Repito, eu a amo, e espero que nunca venha a ler esta carta. Seu adorador

Swann.

— Que bilhete de despedida — comentou Harry depois de lê-lo por duas vezes. Dobrou-o e devolveu para a viúva.

— Gostaria que ficasse com ele — disse ela. — Que tomasse conta do corpo, se aceitar. Apenas até que todas as formalidades legais sejam resolvidas e eu possa encomendar sua cremação. Não deve levar muito tempo. Tenho um advogado trabalhando nisso.

— Pergunto de novo: por que eu?

Ela evitou seu olhar.

— Como escreveu na carta, ele nunca foi supersticioso. Mas eu sou. Acredito em presságios. E havia uma atmosfera estranha em torno do lugar alguns dias antes dele morrer. Como se estivéssemos sendo observados.

— Acha que foi assassinado?

Ela meditou sobre isso e então disse:

— Não creio que tenha sido um acidente.

- Esses inimigos dos quais ele fala...
- Ele era um grande homem. Muito invejado.
- Inveja profissional? Isso é motivo para assassinato?
- Qualquer coisa pode ser um motivo, não? Pessoas são mortas por causa da cor de seus olhos, não são?

Harry estava impressionado. Levava vinte anos para aprender como as coisas eram arbitrárias. Ela falava como se isso fosse senso comum.

— Onde está seu marido? — perguntou.

— Lá em cima. Mandei que trouxessem o corpo para cá, onde posso cuidar dele. Não finjo que compreendo o que está havendo, mas não vou correr o risco de ignorar suas instruções.

Harry assentiu.

— Swann era minha vida — ela acrescentou suavemente, por um motivo qualquer... e por todos.

Ela levou-o para cima. O perfume que o saudara à porta intensificou-se. O quarto principal fora transformado numa capela, repleta de ramos e coroas de todas as formas e variedades; seus odores misturados beiravam ao alucinógeno. Em meio a essa abundância, o caixão — uma elaborada peça em preto e prata — apoiava-se em cavaletes. A metade superior da tampa estava aberta, a cobertura de pelúcia recolhida. A convite de Dorothea, ele passou pelos tributos a fim de ver o morto. Gostou do rosto de Swann: tinha humor e uma certa malícia; era até mesmo belo em sua aparência cansada. Mais: ele inspirara o amor de Dorothea; um rosto poderia ter poucas recomendações melhores. Harry estava com flores até a cintura e, apesar do absurdo, sentiu uma pontada de inveja pelo amor que esse homem devia ter vivido.

— Vai me ajudar, sr. D'Amour?

O que poderia ter dito?

— Sim, é claro que ajudarei. — E acrescentou: — Chame-me de Harry.

Sentiriam falta dele naquela noite no *Wing's Pavillion*. Ele ocupava a melhor mesa toda noite de sexta-feira nos últimos seis anos e meio, comendo numa refeição o bastante para compensar o que sua dieta carecia em quantidade e variedade nos demais dias da

semana. Esse banquete — a melhor cozinha chinesa ao sul da rua do Canal — era grátis, graças aos serviços que ele uma vez prestara ao dono. Essa noite, no entanto, a mesa estaria vazia.

Não que com isso seu estômago fosse sofrer. Estava sentado com a sra. Swann há pouco mais de uma hora quando Valentin entrou e perguntou:

— Como quer seu bife?

— Quase queimado — respondeu Harry.

Valentin não ficou muito satisfeito com a resposta.

— Odeio fritar demais um bom bife.

— E eu odeio ver sangue — replicou Harry — mesmo que não seja o meu.

O *chef* obviamente desprezou o paladar de seu hóspede e virou-se para sair.

— Valentin?

O homem o olhou por sobre o ombro.

— É este o seu nome de batismo? — perguntou Harry.

— Nome de batismo é para cristão — veio à resposta.

Harry assentiu.

— Não gosta de minha presença aqui, não é mesmo?

Valentin não ligou. Seus olhos tinham vagado de Harry para o caixão aberto.

— Não vou ficar aqui por muito tempo — falou Harry — mas enquanto eu estiver aqui, não poderíamos ser amigos?

O olhar de Valentin encontrou-o uma vez mais.

— Não tenho amigos — murmurou, sem inimizade ou autopiedade. — Não agora.

— OK. Sinto muito.

— O que há para se sentir muito? Swann está morto. Está tudo acabado, menos os gritos.

O rosto pesaroso recusava estoicamente as lágrimas. Uma pedra choraria antes, considerou Harry. Mas havia tristeza ali, e ainda mais pungente por ser latente.

— Uma pergunta.

— Só uma?

— Por que não queria que eu lesse a carta dele?

Valentin levantou ligeiramente as sobrancelhas; eram finas o bastante para serem feitas a lápis.

— Ele não era louco — respondeu. — Eu não queria que, por causa do que escreveu, você pensasse que era louco. O que leu, guarde para si. Swann era uma lenda. Não quero sua memória manchada.

— Deveria escrever um livro — disse Harry. — Contar a história de uma vez por todas. Soube que estive com ele por algum tempo.

— Ah, sim. Tempo bastante para saber que não deveria contar a verdade.

Após dizer isso, saiu, deixando as flores murchando e Harry com mais quebra-cabeças nas mãos do que quando começara.

Vinte minutos depois, Valentin trouxe uma bandeja de comida: uma grande salada, pão, vinho e o bife — que estava um ponto abaixo de ter virado carvão.

— Do jeito que eu gosto. — Harry começou a comer.

Ele não viu Dorothea Swann, apesar de só Deus saber como pensava intensamente nela. Cada vez que ouvia um sussurro na escada, ou passos ao longo do patamar acarpetado, esperava que seu rosto aparecesse na porta, um convite em seus lábios. Talvez não fosse o mais apropriado dos pensamentos, dada a proximidade do cadáver de seu marido, mas com o que o ilusionista se importaria agora? Estava para lá de morto. Se tinha alguma generosidade de espírito, não iria querer ver sua viúva afogar-se na dor.

Harry bebeu a meia garrafa de vinho que Valentin trouxera; quando — quarenta e cinco minutos depois — o homem reapareceu com café e *Galvados*, pediu para deixar a garrafa.

O cair da noite estava próximo. O tráfego era barulhento na Lexington com a Terceira. Por puro tédio, começou a olhar a rua da janela. Dois amantes brigavam em voz alta na calçada: só pararam quando uma morena, com lábio leporino e um pequinês, parou, assistindo a tudo acintosamente. Havia preparativos para uma festa na casa do outro lado da rua; observou uma mesa arrumada com amor e velas sendo acesas. Após um tempo, a espionagem começou a deprimi-lo, e então chamou Valentin e perguntou se havia uma televisão portátil a que pudesse assistir. Num instante foi

providenciada, e nas duas horas seguintes Harry sentou-se com o pequeno monitor preto e branco no chão, entre as orquídeas e os lírios, vendo um entretenimento idiota qualquer, a luminescência prateada piscando nas flores como um belo luar.

Às quinze para a meia-noite, com a festa do outro lado da rua rolando solta, Valentin subiu.

— Quer um lanche? — perguntou.

— Aceito.

— Leite ou algo mais forte?

— Algo mais forte.

Ele trouxe uma garrafa de conhaque fino e dois copos. Juntos, brindaram ao homem morto.

— Ao sr. Swann.

— Ao sr. Swann.

— Se precisar de mais alguma coisa — falou Valentin — estou no aposento logo acima. A sra. Swann está no andar de baixo; portanto, se ouvir alguém andar por lá, não se preocupe. Ela não tem dormido bem ultimamente.

— E quem tem?

Valentin deixou-o com sua vigília. Harry ouviu o homem subir a escada e, depois, o estalar de tacos no andar superior. Voltou sua atenção para a televisão, mas perdera o fio da meada do filme a que estava assistindo. Faltava um bom tempo até a madrugada; enquanto isso, Nova Iorque teria uma ótima noite de sexta: danças, brigas, brincadeiras.

A imagem na televisão começou a piscar. Levantou-se e começou a andar até o aparelho, mas nunca chegou lá. Dera dois passos da cadeira quando a imagem piscou e apagou-se, lançando o aposento em total escuridão. Harry teve um breve tempo de registrar que nenhuma luz vinda da rua passava pela janela. Então a insanidade iniciou-se.

Alguma coisa moveu-se na escuridão: formas vagas ergueram-se e caíram. Ele levou um instante para reconhecê-las. As flores! Mãos invisíveis faziam as coroas e os tributos em pedaços, e as jogavam no ar. Acompanhou com os olhos sua descida, mas elas não alcançavam o chão. Era como se os tacos tivessem perdido toda a fé

em si mesmos e desaparecessem; as flores continuavam caindo — *descendo, descendo* — através do assoalho para o aposento abaixo e através do piso do porão, descendo para onde apenas Deus sabia. O medo envolveu Harry, algo como um velho traficante prometendo uma viagem horrível. Até mesmo os poucos tacos que permaneciam sob seus pés tornavam-se inconsistentes. Em segundos ele seguiria o caminho das flores. Virou-se para localizar a cadeira da qual se levantara — um ponto fixo naquele pesadelo vertiginoso. Ainda estava lá; podia discernir sua forma na semi-escuridão. Com botões rasgados chovendo sobre ele, tentou alcançá-la, mas quando sua mão segurou o braço da cadeira, o chão tornou-se fantasmagórico e agora, por uma luz medonha projetada do *fosso* que se abria sob seus pés, Harry viu-a rolar para dentro do inferno, girando e girando até virar um pontinho pequeno como uma cabeça de alfinete.

Então ela sumiu; também as flores, as paredes, as janelas e tudo o mais, exceto *ele*.

Não tudo. O caixão de Swann permaneceu ali, sua tampa ainda aberta, a cobertura virada como o lençol na cama de uma criança. O cavalete sumira, da mesma forma que o chão sob ele. Mas o caixão flutuava no escuro como uma ilusão mórbida, enquanto um som retumbante, vindo das profundezas, acompanhava o truque como o rufar de um tambor.

Harry sentiu a última solidez sumindo sob ele; ouviu o chamado do fosso. Seus pés deixaram o chão, que desfez-se em nada e, por um instante aterrador, ele pendeu sobre os Abismos, suas mãos procurando a tampa do caixão. A mão direita segurou um dos apoios, e fechou-a agradecida em volta dele. O braço foi quase arrancado quando sentiu o peso de seu corpo, mas jogou o outro braço para cima e encontrou a borda do caixão. Usando-a como apoio, ergueu-se como um marinheiro meio afogado. Era um estranho bote salva-vidas, mas, afinal, tudo parecia um estranho mar. Infinitamente profundo, infinitamente terrível.

Enquanto se esforçava para segurar-se melhor, o caixão balançou e Harry olhou para cima: descobriu que o morto estava se sentando. Os olhos de Swann arregalaram-se. Ele os voltou para Harry; pareciam longe de ser benignos. No instante seguinte, o

ilusionista morto tentava ficar de pé — o caixão flutuante balançando ainda mais violentamente a cada movimento. Uma vez na vertical, Swann continuou a agredir seu hóspede pisando nos nós dos dedos de Harry. Ele olhou para Swann, implorando- lhe que parasse.

O Grande Fingidor era uma visão e tanto. Os olhos arregalados em seus orifícios, a blusa rasgada mostrando o ferimento em seu peito. Sangrava profusamente. Uma chuva de sangue frio caiu sobre o rosto erguido de Harry. E ainda assim os pés pisavam em suas mãos. Harry sentiu que seus dedos escorregavam. Swann, vendo seu triunfo aproximar-se, começou a sorrir.

— Caia, rapaz! — gritou. — Caia!

Harry não podia mais aguentar. Num esforço frenético para salvar-se, soltou sua mão direita e avançou para agarrar a perna da calça de Swann. Seus dedos encontraram a bainha e puxaram-na. o sorriso desapareceu do rosto do ilusionista quando sentiu que perdia o equilíbrio. Tentou agarrar a tampa do caixão como apoio, mas o gesto apenas fez com que sacudisse mais ainda. A coberta de pelúcia cascadeou pela cabeça de Harry; flores a seguiram.

Swann rosnou em sua fúria e deu um chute maldoso na mão de Harry. Foi um erro. O caixão emborcou de vez e lançou fora o homem. Harry teve tempo de vislumbrar o rosto estarrecido de Swann quando o ilusionista, na queda, passou por ele. Então, ele também perdeu as forças e caiu em seguida.

O ar escuro soprou por seus ouvidos. Abaixo dele, os Abismos esticavam seus braços vazios. E, então, além do barulho em sua cabeça, outro som: uma voz humana.

— Ele está morto? — ela perguntou.

— Não — outra voz respondeu. — Não, acho que não. Qual o nome dele, Dorothea?

— D'Amour.

— Mr. D'Amour? Mr. D'Amour?

O baque de Harry diminuiu de algum modo. Sob ele, os Abismos rugiram de ódio.

A voz surgiu novamente, educada porém não melodiosa.

—Sr. D'Amour.

— Harry — disse Dorothea.

A essa palavra, vinda dessa voz, ele parou de cair; sentiu-se puxado para cima. Abriu os olhos. Estava deitado num chão sólido, sua cabeça a milímetros da tela branca de televisão. As flores estavam todas no lugar em torno do aposento, Swann estava em seu caixão e Deus — se as crenças deviam mesmo ser respeitadas — em seu céu.

— Estou vivo.

Tinha uma platéia e tanto para sua ressurreição. Dorothea, claro, e dois estranhos. Um, o dono da voz que ele ouvira primeiro, de pé perto da porta. Suas feições eram comuns, exceto pelas sobrancelhas e cílios, pálidos ao ponto da invisibilidade. Sua acompanhante estava por perto. Compartilhava com ele dessa enervante banalidade, sem possuir nenhuma característica que oferecesse a Harry uma pista sobre suas naturezas.

— Ajude-o a se levantar, anjo — ordenou o homem, e a mulher inclinou-se para obedecer-lhe. Ela era mais forte do que parecia, colocando Harry imediatamente de pé. Ele vomitara em seu estranho sonho. Sentia-se sujo e ridículo.

— Que diabos aconteceu? — perguntou, enquanto a mulher o escoltava para a cadeira. Sentou-se.

— Ele tentou envenená-lo — explicou o homem.

— Quem tentou?

— Valentin, é claro.

— Valentin?

— Ele se foi, simplesmente desapareceu. — Dorothea estava tremendo. — Ouvi você chamando, vim até aqui e encontrei-o no chão. Pensei que ia se engasgar.

— Está tudo bem — disse o homem —, agora está tudo em ordem.

— Sim — completou Dorothea, obviamente segura por seu sorriso ameno. — Este é o advogado de quem lhe falei, Harry. Sr. Butterfield.

Harry limpou a boca.

— Prazer em conhecê-lo.

— Por que não vamos todos lá para baixo? — disse Butterfield.
— E posso pagar ao Sr. D'Amour o que lhe devemos.

— Está tudo bem — respondeu —, nunca recebo meu pagamento antes do serviço terminar.

— Mas ele está terminado — retrucou Butterfield. — Seus serviços não são mais necessários.

Harry lançou um olhar a Dorothea. Ela removia um antúrio murcho de um arranjo que, de resto, conservava-se saudável.

— Fui contratado para ficar com o corpo...

— Os arranjos para a remoção do corpo de Swann já foram feitos. — A cortesia de Butterfield era a única coisa que permanecia inalterada. — Não é mesmo, Dorothea?

— Estamos no meio da noite — protestou Harry. — Não conseguirá uma cremação antes de amanhã, no mínimo.

— Obrigada por sua ajuda — disse Dorothea. — Mas tenho certeza de que tudo ficará bem agora que o sr. Butterfield chegou. Tudo ficará ótimo.

Butterfield voltou-se para sua acompanhante.

— Por que não sai e encontra um táxi para o sr. D'Amour? — sugeriu.

Então, olhando para Harry:

— Não queremos o senhor andando pelas ruas, não é mesmo?

Enquanto descia a escada, e depois, no saguão, quando Butterfield o pagou, Harry queria que Dorothea contradissesse o advogado e afirmasse que desejava sua permanência. Mas ela nem mesmo ofereceu-lhe uma palavra de adeus quando ele saiu da casa. Os duzentos dólares que lhe foram dados eram, é claro, uma recompensa mais do que adequada pelas poucas horas de ociosidade que passara ali, mas ficaria feliz em queimar todas as notas a um sinal de que Dorothea abominava a ideia deles se separarem. Ela obviamente não abominava. Por experiências passadas, ele sabia que seu ego levaria vinte e quatro horas para se recuperar de tamanha indiferença.

Desceu do táxi na Terceira perto da 83 e caminhou para um bar na Lexington, onde sabia que poderia colocar meia garrafa de *Bourbon* entre ele e os sonhos que tivera.

Já passava de uma hora. A rua estava deserta, exceto por ele, e pelo eco que seus passos acabavam de adquirir. Dobrou a esquina na Lexington e esperou. Alguns segundos depois, Valentin virou na mesma esquina. Harry pegou-o pela gravata.

— Não é um nó ruim — disse, erguendo o homem acima do chão.

Valentin não fez qualquer tentativa de se libertar.

— Graças a Deus está vivo — falou ele.

— Não graças a você — revidou Harry. — O que pôs na bebida?

— Nada — insistiu Valentin. — Por que poria?

— Então como fui parar no chão? E quanto aos sonhos ruins?

— Butterfield — falou Valentin. — Seja lá o que tenha sonhado, veio com ele, creia-me. Entrei em pânico assim que o ouvi na casa, admito. Sei que deveria tê-lo avisado, mas eu tinha certeza de que se não saísse rápido não conseguiria sair nunca.

— Está me dizendo que ele o teria matado?

— Não pessoalmente, mas me mataria, sim. — Harry parecia incrédulo.

Percorremos um longo caminho, eu e ele.

— Ele é bem-vindo para você. — Soltou-lhe a gravata. — Estou cansado demais para me envolver com essa merda. — Virou as costas para Valentin e começou a afastar-se.

— Espere... — disse o outro —... eu sei que não fui muito delicado com você na casa, mas tem de compreender, as coisas vão ficar ruins. Para nós dois.

— Pensei que tivesse dito que estava tudo sob controle, além da gritaria.

— Pensei que estivesse. Pensei que tivéssemos organizado tudo. Então o sr. Butterfield chegou e percebi como estava sendo ingênuo. Eles não vão deixar Swann descansar em paz. Nem agora nem nunca. Temos de salvá-lo, D'Amour.

Harry parou de andar e estudou o rosto do homem. Pensou que, se encontrasse com ele na rua, não o consideraria um lunático.

— Butterfield subiu? — perguntou Valentin.

— Sim, subiu. Por quê?

— Lembra se ele se aproximou do caixão?

Harry sacudiu a cabeça.

— Ótimo — falou Valentin. — Então as defesas estão resistindo, o que nos dá algum tempo. Swann era um ótimo tático, sabe? Mas podia ser desleixado. Foi assim que o pegaram. Puro desleixo. Ele sabia que estavam atrás dele. Eu lhe disse abertamente que deveríamos cancelar as apresentações restantes e ir para casa. Pelo menos lá ele dispunha de algum santuário.

— Acha que foi assassinado?

— Deus do céu — disse Valentin, quase em desespero por causa de Harry — é claro que ele foi assassinado.

— Então ele está além da salvação, certo? O homem está morto.

— Morto, sim. Além da salvação, não.

— Você fala besteira para todo mundo?

Valentin pôs a mão no ombro de Harry.

— Ah, não — respondeu com sinceridade. — Não confio em mais ninguém como confio em você.

— Isso é muito repentino — admitiu Harry. — Posso perguntar por quê?

— Porque está nisso até o pescoço, como eu — respondeu Valentin.

— Não estou não.

Valentin ignorou a negativa de Harry e continuou o que dizia. — No momento não sabemos quantos eles são, é claro. Podem ter mandado apenas Butterfield, mas acho improvável.

— Com quem está Butterfield? Com a Máfia?

— Quisera ter essa sorte. — Valentin pôs a mão no bolso e tirou um pedaço de papel. — Esta é a mulher com quem Swann estava naquela noite, no teatro. É possível que ela saiba alguma coisa da força deles.

— Havia testemunha?

— Não apareceu, mas existia sim. Veja bem, eu era o “agente dele. Ajudava-o a arranjar seus vários adultérios, de modo que nenhum lhe causasse constrangimentos. Veja se vai até ela... — Parou abruptamente. Em algum lugar por perto uma música era tocada. Soava como uma banda bêbada de jazz improvisando com

gaitas de foles; uma cacofonia ofegante e divagante. O rosto de Valentin tornou-se instantaneamente um retrato de angústia. — Que Deus nos ajude... — disse suavemente, e começou a se afastar de Harry.

— Qual é o problema?

— Sabe rezar? — Valentin perguntou-lhe enquanto recuava pela rua 83. O volume da música estava aumentando a cada intervalo.

— Não rezo há vinte anos — replicou Harry.

— Então *aprenda* — veio à resposta, e Valentin virou-se para correr.

Ao fazê-lo, uma ondulação de escuridão moveu-se pela calçada ao norte, obscurecendo o brilho das tabuletas dos bares e lâmpadas de rua à medida que se aproximava. Anúncios em neon repentinamente piscaram e morreram; houve protestos das janelas superiores quando as luzes falharam e, como que encorajada pelas maldições, a música assumiu um ritmo ágil e ainda mais agitado. Acima de sua cabeça, Harry ouviu um som lamuriante e, olhando para o alto, viu contra as nuvens uma silhueta desigual que arrastava gavinhas como uma belonave enquanto descia na rua, deixando o fedor de peixe podre em sua esteira. Seu alvo era obviamente Valentin. Ele gritou mais do que o lamento, a música e o pânico do blecaute, mas logo ouviu o berro de Valentin vindo da escuridão; um brado de revolta, rudemente interrompido.

Permaneceu nas trevas, seus pés sem a menor vontade de levá-lo um passo mais próximo do local de onde partira o grito. O odor ainda assaltava suas narinas; sentindo-o, sua náusea retornou. E, então, as luzes o mesmo fizeram; uma onda de força acionou as lâmpadas e as tabuletas dos bares quando a energia retornou pela rua. Ela alcançou Harry e moveu-se para o local onde ele vira Valentin pela última vez. Estava deserto; na verdade, a calçada esvaziara-se até a encruzilhada seguinte. O jazz ensandecido havia parado.

Com os olhos procurando pelo homem, pela fera ou os restos de ambos, Harry vagou pela calçada. A cerca de dezoito metros, o concreto estava molhado. Não de sangue, ficou contente ao ver; o

fluido tinha cor de bile e fedia terrivelmente. Entre as poças, vários pedaços do que poderia ter sido tecido humano. Valentin evidentemente lutara e tivera sucesso em abrir um ferimento em seu atacante. Havia traços de sangue mais adiante na calçada, como se a coisa ferida tivesse se arrastado por algum tempo antes de voltar a voar. Presumivelmente com Valentin. Diante de tal força, Harry sabia que seus esquálidos poderes de nada lhe teriam servido, mas considerava-se culpado assim mesmo. Ele ouvira o grito — vira o agressor investir — e ainda assim o pânico grudara as solas de seus pés no chão.

A última vez em que sentira um medo semelhante àquele fora na rua Wyckoff, quando o amante-demônio de Mimi Lomax finalmente desfizera-se de seu fingimento de humanidade. O aposento tinha sido invadido pelo fedor de éter e sujeira humana: o demônio estava lá de pé, em *sua apavorante nudez* e mostrara-lhe cenas que fizeram sua bexiga verter água. Essas cenas agora estavam com ele. Estariam com ele para sempre.

Olhou para o pedaço de papel que Valentin lhe dera: o nome e o endereço, rabiscados com pressa, eram quase indecifráveis.

Um homem inteligente, Harry ponderou, amassaria esta nota e a jogaria na sarjeta. Mas se os acontecimentos na rua Wyckoff ensinaram-lhe algo, era de que, uma vez tocado por malignidade como ele vira e sonhara nas últimas horas, não haveria como se livrar fortuitamente disso. Ele tinha de seguir até sua fonte, não importa o quanto esse pensamento lhe fosse repugnante, e fazer com ela todas as barganhas que a força de seu jogo lhe permitisse.

Não existia uma hora adequada para lidar com assuntos como este: o momento presente serviria muito bem. Caminhou de volta para Lexington e pegou um táxi em direção ao endereço no papel. Não obteve resposta da campainha com o nome Bernstein, mas despertou o porteiro e envolveu-se num debate frustrante através da porta de vidro. O homem estava furioso por ter sido acordado àquela hora; a srta. Bernstein não estava em seu apartamento, insistiu ele, e permaneceu impassível mesmo quando Harry intimidou-o com o fato de tratar-se de uma questão de vida e morte. Somente quando

ele abriu a carteira é que o sujeito mostrou uma certa sombra de interesse. Finalmente, deixou Harry entrar.

— Ela não está lá em cima — disse ele, guardando as notas. — Não está lá há dias.

Harry pegou o elevador: suas canelas estavam doendo, bem como suas costas. Queria dormir; um *Bourbon* e depois dormir. Não houve resposta no apartamento, como previra o porteiro, mas ele continuou tocando e chamando-a.

— Srta. Bernstein? Está em casa?

Nenhum sinal de vida vindo lá de dentro; ao menos até ele anunciar: — Quero falar de Swann.

Ele ouviu um som ofegante próximo à porta.

— Tem alguém aí? Por favor, responda. Não tem nada a temer.

Após vários segundos, uma voz indistinta e melancólica murmurou:

— Swann está morto.

Ao menos *ela* não estava, pensou Harry. Fossem quais fossem as forças que tivessem levado Valentin, ainda não haviam alcançado aquele canto de Manhattan.

— Posso falar com você?

— Não. — Sua voz era uma chama de vela quase morrendo.

— Só umas perguntas, Barbara.

— Estou na barriga do tigre — veio à resposta lenta — e ele não quer que eu o deixe entrar.

Talvez elas *tivessem* chegado antes dele.

— Não pode alcançar a porta? — insistiu. — Ela não está muito longe...

— Mas ele me comeu — disse ela.

— *Tente*, Barbara. O tigre não vai se importar. *Alcance*.

Fez-se silêncio do outro lado da porta, depois um som arrastado. Ela estava fazendo o que lhe pedira? Parecia que sim. Ouviu seus dedos lutando com a fechadura.

— Isso mesmo — encorajou-a. — Pode virá-la? Tente virá-la.

No último instante, pensou: suponha que esteja dizendo a verdade e *haja* um tigre com ela. Era tarde demais para recuar: a porta se abriu. Não havia sinal de animal no saguão. Só uma

mulher, e o cheiro de sujeira. Obviamente não se lavara nem mudara de roupa desde que fugira do teatro. O vestido de noite que usava estava manchado e rasgado, sua pele cinzenta de tão encardida. Ele entrou no apartamento. Ela moveu-se pelo saguão, afastando-se dele, desesperada em evitar seu toque.

— Está tudo bem — tranquilizou-a —, não há nenhum tigre aqui.

Os olhos arregalados da mulher estavam quase vazios; a presença que vagava por lá perdera a sanidade.

— Ah, mas há sim — ela falou. — Estou no tigre. Estou dentro dele para sempre.

Como ele não tinha nem tempo nem a capacidade necessária para dissuadi-la daquela loucura, decidiu que era mais sábio continuar com a farsa.

— Como chegou aí? — perguntou-lhe. — Dentro do tigre? Quando estava com Swann?

Ela assentiu.

— Lembra-se disso, não?

— Ah, sim.

— Do que se lembra?

— Havia uma espada; ela caiu. Ele estava pegando... — Parou e franziu as sobrancelhas.

— Pegando o quê?

Ela parecia repentinamente mais distraída do que nunca. — Como pode me ouvir, se estou dentro do tigre? Você também está dentro do tigre?

— Talvez esteja — disse ele, não querendo analisar demais a metáfora.

— Estamos aqui para sempre, sabe? Nunca nos deixarão sair.

— Quem lhe disse isso?

Ela não respondeu, mas inclinou um pouco a cabeça.

— Consegue ouvir? — ela indagou.

— Ouvir?

Ela recuou mais outro passo no saguão. Harry tentou, mas nada escutou. Contudo, a agitação crescente no rosto de Barbara era suficiente para fazê-lo voltar à porta da frente e abri-la. O elevador

estava funcionando. Ele podia ouvir seu zumbido suave pelo patamar. Pior: as luzes no hall e nas escadas deterioravam-se; as lâmpadas perdiam força a cada centímetro que o elevador subia.

Voltou ao apartamento e pegou o pulso de Barbara. Ela não fez nenhum protesto. Os olhos estavam fixos na porta através da qual parecia saber que passaria seu julgamento.

— Vamos pela escada. Ele levou-a para o patamar. As luzes estavam a um suspiro de apagar. Olhou para o número de andares que havia acima das portas dos elevadores. Aquele era o último ou o penúltimo? Não conseguia lembrar-se e não houve tempo de pensar em mais nada antes que as luzes apagassem de vez.

Tropeçou pelo território desconhecido da plataforma com a garota a tiracolo, rezando a Deus para que encontrasse a escada antes do elevador chegar àquele andar. Barbara queria ir devagar, mas ele a forçou a apressar o passo. Quando seu pé encontrou o topo da escada, o elevador acabou de subir.

As portas se abriram e uma fluorescência fria inundou o patamar. Ele não podia ver a fonte, nem queria vê-la, mas seu efeito foi revelar a olho nu cada mancha e imperfeição, cada sinal de decadência e apodrecimento que a pintura tentara camuflar. O cenário roubou a atenção de Harry por apenas um instante; então, pegou na mão da mulher com mais firmeza e começaram a descer. Mas Barbara não estava interessada em fugir e sim nos movimentos no patamar. Preocupada, ela tropeçou e tombou pesada contra Harry. Os dois teriam fatalmente caído, mas ele segurou-se no corrimão. Furioso, virou-se para ela. Estavam fora da visão do patamar, mas a luz infiltrava-se pela escada e banhava o rosto de Barbara. Sob um impiedoso escrutínio, Harry viu a degradação apossar-se dela: a podridão em seus dentes, e a morte em sua pele, cabelos e unhas. Sem dúvida alguma ele pareceria igual, se ela o fitasse, mas Barbara olhava por sobre seus ombros, subindo a escada. A fonte de luz movia-se. Vozes a acompanhavam.

— A porta está aberta — uma mulher falou.

— O que está esperando? — replicou uma voz. Era Butterfield.

Harry prendeu a respiração e o pulso quando a fonte de luz movimentou-se outra vez, presumivelmente em direção à porta; foi,

então, parcialmente eclipsada quando desapareceu dentro do apartamento.

— Temos de ser rápidos — disse a Barbara. Foi com ele por três ou quatro degraus e, então, sem aviso, seus dedos voaram-lhe no rosto, unhas arranhando sua bochecha. Ele largou a mão dela para se proteger, e nesse instante ela se afastou — voltando pela escada.

Soltou um palavrão e seguiu-a, cambaleante, mas sua morosidade anterior se fora; estava agora surpreendentemente ágil. Pelas nêsgas de luz que escapavam do patamar, ele a viu alcançar o topo da escada e desaparecer de sua linha de visão.

— Aqui estou — ela chamou enquanto prosseguia.

Harry permaneceu imóvel na escada, incapaz de resolver se ia ou ficava, e, portanto, incapaz de se mover. Odiava escadas desde a rua Wyckoff. A luz acima piscou momentaneamente, lançando as sombras dos corrimões sobre ele; depois, morreu novamente. Pôs a mão no rosto. Ela arranhara a pele, mas havia pouco sangue. O que poderia esperar dela se fosse em seu encalço? Apenas mais do que já recebera. Era uma causa perdida.

Enquanto se desesperava por ela, ouviu um ruído vindo da curva do alto da escada; um som suave que poderia ser um passo ou um suspiro. Ela escapara da presença deles, afinal? Ou talvez nem tivesse chegado à porta do apartamento, pensara melhor e dera meia-volta. Enquanto pesava os prós e contras, ouviu-a dizer:

— Ajude-me... — A voz era um fantasma de um fantasma; mas era indiscutivelmente dela, e estava aterrorizada. Pegou seu revólver e recomeçou a subir a escada. Antes mesmo de ter virado a esquina, sentiu sua nuca coçar quando os pelos se eriçaram.

Ela estava lá. Mas o tigre também. No patamar, a uns trinta centímetros de Harry, seu corpo altivo com força latente. Os olhos eram líquidos; sua mandíbula aberta indescritivelmente grande. E ali, já em sua enorme garganta, Barbara. Ele encontrou seus olhos fora da boca do tigre e viu um lampejo de sanidade neles, pior do que qualquer loucura. Então a fera balançou a cabeça para trás e para frente a fim de ajustar a presa em seu bucho. Ela, aparentemente, fora engolida inteira. Não havia sangue no patamar,

nem no focinho do tigre; apenas a visão aterradora do rosto da garota desaparecendo pelo túnel da garganta do animal.

Ela soltou um grito final na barriga da coisa, e quando o animal ergueu-se, pareceu a Harry que ele tentava dar um sorriso. O rosto enrugou-se grotescamente para cima, os olhos estreitando-se como os de um Buda risonho, os lábios afastando-se para expor uma fileira de dentes brilhantes. Depois dessa exibição, o grito foi finalmente aquietado. Nesse instante, o tigre saltou.

Harry atirou no corpanzil devorador e quando o tiro encontrou-se com sua carne, o olhar malicioso, o focinho e toda a sua massa listrada desfizeram-se em um segundo. De repente ele desapareceu, e à sua volta apenas uma garoa de confetes em tons pastéis caía em espirais. O tiro chamou atenção. Em um ou dois apartamentos ergueram-se vozes e a luz que acompanhara Butterfield no elevador iluminava através da porta aberta da residência de Bernstein. Harry estava quase tentado a ficar para ver quem trazia a luz, mas a discrição levou a melhor sobre sua curiosidade; virou-se e desceu a escada de dois em dois e depois de três em três degraus. Os confetes rolaram atrás dele, como se tivessem vida própria. A vida de Barbara, talvez: transformada em pedaços de papel e jogada fora.

Chegou ao saguão sem fôlego. O porteiro estava lá, fitando a escada com olhar vago.

— Alguém foi ferido? — perguntou.

— Não — disse Harry. — Comido.

Enquanto seguia para a porta, ouviu o elevador começar a zumbir sua descida. Talvez fosse apenas um morador, descendo para uma caminhada antes da alvorada. Talvez não.

Deixou o porteiro onde o encontrara, carrancudo e confuso, e fugiu pelas ruas, colocando dois quarteirões de distância entre ele e o prédio de apartamentos antes de parar de correr. Eles não se esforçaram em vir em seu encalço. Era mais provável que estivesse além da preocupação deles.

O que deveria fazer agora? Valentin estava morto, assim como Barbara Bernstein. Ele não sabia mais agora do que sabia no início, exceto que aprendera novamente uma lição que lhe fora ensinada

na rua Wyckoff: que quando se lida com os Abismos, é mais sábio nunca acreditar em seus olhos. No momento em que se confia nos sentidos, em que se crê que um tigre é um tigre, você já é metade dele.

Não era uma lição complicada, mas parecia que a esquecera, e, como um tolo, fora preciso duas mortes para lembrá-lo. Talvez fosse mais simples ter a regra tatuada nas costas de sua mão; desse modo, não poderia deixar de verificar as horas sem ser advertido: *Nunca acredite em seus olhos.*

O princípio ainda estava fresco em sua mente enquanto voltava a seu apartamento. Um vulto saiu de uma porta e disse:

— Harry.

Parecia Valentin; um Valentin ferido, desmembrado e recosturado por um grupo de cirurgiões cegos, mas em essência o mesmo homem. Mas, até aí, o tigre parecera um tigre, não?

— Sou eu.

— Ah, não — falou Harry. — Não desta vez.

— Do que está falando? *Sou Valentin.*

— Então prove.

O outro homem parecia intrigado.

— Não é hora para brincadeiras, estamos numa situação desesperadora.

Harry pegou sua arma no bolso e apontou-a para o peito de Valentin. — Prove ou atiro em você.

— Você enlouqueceu?

— Eu o vi ser feito em pedaços.

— Não exatamente — retrucou Valentin. Seu braço esquerdo estava envolto em bandagens improvisadas das pontas dos dedos até a metade do bíceps. — Foi um ataque rápido... mas tudo tem seu tendão de Aquiles. É só uma questão de encontrar o ponto certo.

Harry encarou o homem. Queria acreditar que fosse realmente Valentin, mas era incrível demais para crer que a massa frágil diante dele pudesse ter sobrevivido à monstruosidade que vira na rua 83. Não, aquilo era outra ilusão. Como o tigre: papel e má-fé.

O homem interrompeu a linha de pensamento de Harry:

— Seu bife...

— Meu bife?

— Gosta dele quase queimado. Eu protestei, lembra-se?

Harry lembrava-se.

— Prossiga.

— E você disse que odiava ver sangue. Mesmo que não fosse o seu próprio.

— Sim. — As dúvidas de Harry diminuía. —,É isso mesmo.

— Pediu-me para provar que sou Valentin. É o melhor que posso fazer. — Harry estava quase convencido. — Pelo amor de Deus, temos que discutir isso parados na rua?

— É melhor entrar.

O apartamento era pequeno, mas agora parecia mais sufocante do que nunca. Valentin sentou-se com uma boa visão da porta. Recusou qualquer bebida ou primeiros- socorros. Harry serviu-se de *Bourbon*. Estava no terceiro copo quando Valentin finalmente avisou:

— Temos de voltar à casa, Harry.

— *O quê?*

— Temos de resgatar o corpo de Swann antes de Butterfield.

— Eu já fiz o melhor que podia. Não é mais da minha conta.

— Então deixará Swann para o Fosso? — perguntou Valentin.

— *Ela* não se importa, por que eu deveria?

— Fala de Dorothea? Ela não sabe com o que Swann estava envolvido. Por isso é tão confiante. Talvez suspeite, mas, até onde é possível não se ter culpa em tudo isto, ela não a tem. — Fez uma pausa para ajustar a posição de seu braço ferido. — Ela era uma prostituta, sabia? Não creio que tenha lhe contado. Uma vez Swann confessou-me que casara com ela apenas porque as prostitutas sabem o valor do amor.

Harry deixou passar este aparente paradoxo.

— Por que ela ficou com ele? Ele não era exatamente fiel, era?

— Ela o amava — respondeu Valentin. — Não é nenhum absurdo.

— E você?

— Ah, eu também o amava, apesar de suas idiotices. Por isso temos de ajudá-lo. Se Butterfield e seus cúmplices puserem a mão

nos restos mortais de Swann, vamos passar o diabo.

— Eu sei. Tive uma ideia na casa de Bernstein.

— O que viu?

— Alguma coisa e nada — disse Harry. — Um tigre, pensei; só que não era.

— A velha parafernália — comentou Valentin.

— E havia mais alguma coisa com Butterfield. Alguma coisa que espalhava luz: não vi o que era.

— O Castrato — murmurou Valentin para si, claramente desconcertado. — Devemos ter cuidado.

Levantou-se, o movimento fazendo-o estremecer.

— Acho que temos de ir logo, Harry.

— Está me pagando para isso? Ou estou fazendo isso tudo por amor?

— Está fazendo isso por causa do que aconteceu na rua Wyckoff — veio a resposta suave. — Porque perdeu a pobre Mimi Lomax para os Abismos e não quer perder Swann. Quero dizer, se já não o perdeu.

Pegaram um táxi na avenida Madison e voltaram para a rua 61, mantendo silêncio enquanto seguiam. Harry tinha meia centena de perguntas a fazer a Valentin. Quem era Butterfield e qual fora o crime de Swann que fazia com que fosse perseguido até a morte e além dela? Tantos mistérios. Mas Valentin parecia doente e incapaz de responder a perguntas. Além disso, Harry sentia que, quanto mais soubesse, menos entusiasmado ficaria quanto à jornada que fariam agora.

— Talvez tenhamos uma vantagem... — disse Valentin quando se aproximaram da rua 61. — Eles não devem estar esperando por este ataque frontal. Butterfield acha que morri e que provavelmente você esconde sua cabeça num terror mortal.

— Estou trabalhando nisso.

— Você não se encontra em perigo — respondeu Valentin — pelo menos do jeito em que Swann está. Se eles fossem rasgar você membro a membro, não seria nada comparado aos tormentos que planejam para o mago.

— Ilusionista — corrigiu Harry, mas Valentin balançou a cabeça.

— Ele era mago, e sempre será.

O motorista interrompeu-os antes que Harry pudesse citar Dorothea nessa questão.

— Que número vocês querem?

— Pode nos deixar aqui à direita — instruiu Valentin. — E espere por nós, sim?

— Claro.

Valentin virou-se para Harry.

— Dê cinquenta dólares ao homem.

— *Cinquenta?*

— Quer que ele espere ou não?

Harry pôs cinco notas de dez na mão do motorista.

— É melhor manter o motor ligado — disse ele.

— Tudo o que quiserem — o motorista sorriu.

Harry juntou-se a Valentin na calçada e caminharam os sessenta metros que os separavam da casa. A rua ainda estava barulhenta apesar da hora: a festa que Harry vira sendo preparada à meia-noite atingia o auge. Não havia, porém, qualquer sinal de vida na casa de Swann.

Talvez eles *não estejam* esperando por nós, pensou Harry. Este ataque de loucura certamente era uma das mais absurdas táticas imagináveis, e como tal deveria pegar o inimigo de guarda baixa. Mas será que essas forças alguma vez estiveram de guarda baixa? Haveria um minuto sequer, em suas vidas maníacas, em que suas pálpebras caíssem e o sono os anestesiasse por algum tempo? Não. Pela experiência de Harry, apenas o bem precisava de sono; a iniquidade e seus praticantes estavam acordados, ávidos, em todos os momentos, planejando novos crimes.

— Como vamos entrar? — perguntou diante da casa.

— Tenho a chave — Valentin respondeu, e foi até a porta.

Não havia mais como recuar. A chave foi virada, a porta aberta e eles saíram da relativa segurança da rua. Dentro, a casa parecia tão escura quanto fora. Não se ouvia som de presença humana em nenhum dos andares. Era possível que as defesas que Swann pusera

em volta do corpo tivessem realmente afastado Butterfield, e que ele e seu grupo houvessem recuado. Valentin dirimiu esse otimismo mal articulado quase que imediatamente, pegando no braço de Harry e chegando mais perto para sussurrar:

— *Eles estão aqui.*

Não era hora de indagar a Valentin como ele sabia disso, mas Harry fez um registro mental de perguntar-lhe quando, ou melhor se, eles sairiam da casa com suas línguas ainda dentro das cabeças.

Valentin já estava na escada. Harry — seus olhos ainda se acostumando à luz residual que se infiltrava da rua — atravessou o saguão depois dele. O outro andava confiante na penumbra e Harry sentia-se feliz por isso. Sem Valentin puxando-lhe a manga e o guiando pela semiplataforma, ele poderia ter tropeçado em si mesmo.

Apesar do que Valentin dissera, havia tanto som ou sinal de ocupação no andar de cima quanto no andar de baixo, mas conforme avançavam em direção ao quarto principal — onde Swann presumivelmente estava — um dente cariado na arcada inferior de Harry, ultimamente tranquilo, começou a latejar e seus intestinos doíam, pedindo alívio. A ansiedade era aflitiva. Sentiu um impulso quase irreprimível de gritar e de obrigar o inimigo à mostrar seu jogo, se é que ele realmente tinha um jogo a ser mostrado.

Valentin chegara à porta. Virou a cabeça na direção de Harry e mesmo na escuridão era visível que o medo também cobrava um preço sobre ele. Sua pele brilhava; fedia a suor fresco.

Ele apontou para a porta. Harry assentiu. Estava tão pronto quanto jamais imaginara. Valentin alcançou a maçaneta. O som da tranca pareceu ensurdecidamente alto, mas não trouxe nenhuma resposta de qualquer lugar da casa. A porta abriu-se e o odor intoxicante de flores os saudou. Tinham começado a apodrecer no calor forçado da casa; havia um ranço sob o perfume. Mais bem-vindo que o odor foi à luz. As cortinas no aposento não foram totalmente fechadas e a claridade vinda da rua descrevia o interior: as flores aglomeravam-se como nuvens em volta do caixão; a cadeira onde Harry se sentara, a garrafa de *Calvados* ao lado; o espelho acima da lareira mostrando ao aposento seu lado secreto.

Valentin já movia-se na direção do caixão e Harry ouviu-o suspirar quando seus olhos encontraram o antigo mestre. Não demorou-se muito: ergueu imediatamente a tampa. Ela, porém, desafiava seu único braço sã e Harry foi ajudá-lo, ansioso para acabar logo com o trabalho e ir embora. Tocar a madeira sólida do caixão trouxe seu pesadelo de volta com força arrasadora: o Fosso abrindo-se sob ele, o ilusionista erguendo-se de sua cama como alguém que fora despertado contra a vontade. Mas agora não havia nenhum espetáculo como esse. Na verdade, um pouco de vida no cadáver poderia ter facilitado o trabalho. Swann era um homem grande e seu corpo sem energia não cooperava em nada. O simples ato de erguê-lo do caixão roubou-lhes todo o fôlego e atenção. Ele finalmente veio, ainda que relutante, seus longos membros batendo em volta.

—Agora... — disse Valentin —.. para baixo.

Quando se encaminhavam para a porta, alguma coisa na rua acendeu-se, ou assim parecia, pois o interior foi repentinamente iluminado. A luz não foi gentil para seu fardo. Revelou a cruieza dos cosméticos aplicados nos rosto de Swann, e o germinar de putrescência sob eles.

Harry teve apenas um instante para apreciar esses detalhes; então, a luz brilhou novamente e percebeu que ela não estava do lado de *fora*, mas do lado de *dentro*.

Olhou para Valentin e quase desesperou-se. A luminescência era ainda menos caridosa com o servo do que com o mestre; parecia remover a carne do rosto de Valentin. Harry teve apenas um vislumbre do que era revelado — acontecimentos roubaram-lhe a atenção um segundo depois — mas viu o bastante para concluir que se Valentin não fosse seu cúmplice nesta aventura, certamente fugiria dele.

— *Tire-o daqui!* — gritou Valentin.

Soltou as pernas de Swann, deixando Harry cuidar sozinho dele. O corpo, contudo, mostrou-se recalcitrante. Harry tinha apenas dado dois passos em direção à saída quando as coisas tenderam ao cataclismo.

Ouviu Valentin soltar uma imprecação, olhou para cima e viu que o espelho desistira de fingir reflexos: alguma coisa movia-se de suas profundezas líquidas, trazendo consigo a luz.

— O que é isso? — suspirou Harry.

— O Castrato — veio à resposta. — Quer ir embora?

Não houve tempo, porém, de obedecer à instrução em pânico de Valentin antes da coisa oculta partir a superfície do espelho e invadir o aposento. Harry estava errado. Ela não carregava a luz: ela *era* a luz. Ou melhor, algum holocausto ardia em seus intestinos, cujo brilho escapava pelo corpo da criatura por toda e qualquer rota que encontrasse. Algum dia, ela fora humana; um homem enorme com a barriga e os peitos de uma Vênus neolítica. Mas o fogo em seu corpo espalhou-se, vagando por suas palmas e seu umbigo, queimando sua boca e narinas num único buraco rasgado. Tivera, como seu nome indicava, o sexo arrancado; e também desse buraco a luz cuspiu. Com isso, a decadência das flores deu-se em segundos. Secaram e morreram. Em instantes o aposento ficou cheio de fedor de matéria vegetal apodrecendo.

Harry ouviu Valentin chamar seu nome uma e outra vez. Só então lembrou-se do corpo em seus braços. Desviou os olhos do viscoso Castrato e carregou Swann dando mais um passo. A porta estava às suas costas, e aberta. Arrastou seu fardo para o patamar enquanto o Castrato chutava o caixão. Ouviu o tumulto e, então, os gritos de Valentin. Seguiu-se outra terrível agitação e a voz aguda do Castrato, falando através daquele buraco em seu rosto.

— Morra e seja feliz — disse ele, e uma saraivada de mobília voou contra a parede com tal força que as cadeiras ficaram presas no gesso. Contudo, Valentin escapara ao ataque, ou assim parecia, pois um instante depois Harry ouviu o Castrato guinchar. Era um som de arrepiar, deplorável e revoltante. Ele teria tapado os ouvidos, mas tinha as mãos ocupadas.

Já quase alcançara o topo da escada. Puxando Swann por mais alguns passos, baixou o corpo. A luz do Castrato não diminuía, apesar de seus reclamos; ainda piscava na parede do quarto como uma tempestade de verão. Pela terceira vez naquela noite — uma vez na rua 83, e novamente na escada do apartamento da srta.

Bernstein — Harry hesitou. Se voltasse para ajudar Valentin, talvez tivesse visões ainda piores do que as da rua Wyckoff. Mas não poderia haver recuos desta vez. Sem Valentin estava perdido. Voltou correndo pelo patamar e abriu a porta. O ar estava denso; as lâmpadas balançavam. No meio do aposento pendia o Castrato, ainda desafiando a gravidade. Segurava Valentin pelos cabelos. A outra mão estava posicionada com os dedos indicador e médio esticados como chifres gêmeos e prontos para furar os olhos de seu prisioneiro.

Harry tirou seu revólver do bolso, mirou e disparou. Sempre fora horrível quando tinha mais de um instante para mirar, mas *in extremis*, quando o instinto governava o pensamento racional, não era assim tão ruim. E esta era uma dessas ocasiões. A bala encontrou o pescoço do Castrato e abriu outra ferida. Talvez mais por surpresa do que pela dor, soltou Valentin. Havia um vazamento de luz do buraco em seu pescoço e ele pôs a mão no local.

Valentin pôs-se rapidamente de pé.

— De novo — disse para Harry. — *Atire de novo!*

Harry obedeceu. A segunda bala furou o peito da criatura; a terceira, a barriga. Este último ferimento pareceu particularmente traumático; a carne distendida, propícia para explodir, partiu-se, e o fio de luz que fluía do ferimento rapidamente transformou-se numa torrente quando o abdômen rasgou.

Novamente o Castrato rugiu, desta vez em pânico, e perdeu todo o controle sobre seu voo. Girou como um balão furado para o teto, suas mãos gordas tentando desesperadamente controlar o motim em sua substância. Mas ele alcançara uma massa crítica; feito o estrago não havia como desfazê-lo. Nacos de sua pele começaram a soltar-se.

Valentin, surpreso ou fascinado demais, permaneceu fitando a desintegração, enquanto chuvas de carne cozida caíam à sua volta. Harry puxou-o em direção à porta.

O Castrato finalmente fazia jus ao nome, soltando uma desolada nota de perfurar os tímpanos. Harry não esperou para observar seu falecimento; fechou a porta do quarto quando a voz alcançava um tom absurdo e as janelas despedaçavam-se.

Valentin sorria.

— Sabe o que fizemos? — perguntou ele.

— Deixa pra lá. Vamos dar o fora daqui, porra.

A visão do cadáver de Swann no topo da escada pareceu abrandar Valentin. Harry instruiu-o para ajudá-lo e ele o fez tão eficientemente quanto sua condição atônita o permitia. Juntos começaram a escotar o ilusionista escada abaixo. Ao chegarem à porta da frente, ouviu-se um grito final vindo de cima, quando o Castrato desfez-se em pedaços nas fendas. Depois, o silêncio.

A agitação não passara despercebida. Foliões surgiram da casa em frente, uma multidão de pedestres noturnos formou-se na calçada. “Que festa”, comentou um deles quando o trio emergiu. Harry esperava que o táxi tivesse desertado deles, mas não contara com a curiosidade do taxista. O homem estava fora do veículo fitando a janela do primeiro andar.

— Ele precisa de um hospital? — perguntou quando jogaram Swann na parte de trás do carro.

— Não — respondeu Harry. — Melhor do que está, impossível.

— Quer *dirigir*? — falou Valentin.

— Claro. Só me diga para onde.

— Qualquer lugar — veio à resposta cansada. — Mas dê o fora daqui logo.

— Espere um minuto — avisou o motorista —, não quero me meter em encrenca.

— Então é melhor *andar* — ordenou Valentin.

O motorista fitou o olhar de seu passageiro. O que quer que tenha visto lá, suas palavras seguintes foram:

— Estou dirigindo — e partiram pela 61 leste como o proverbial morcego saído do inferno.

— Conseguimos, Harry — disse Valentin quando já rodavam há alguns minutos. — Nós o pegamos de volta.

— E essa *coisa*? Fale-me dela.

— O Castrato? O que há a ser dito? Butterfield deve tê-lo deixado como cão de guarda até que pudesse trazer um técnico para decodificar os mecanismos de defesa de Swann. Tivemos sorte. Ele precisava de uma ordenha. Isso os torna instáveis.

— Como sabe tanto sobre tudo isso?

— E uma longa história — suspirou Valentin. — Não para um passeio de táxi.

— E agora? Não podemos andar em círculos a noite toda.

Valentin fitou o corpo sentado entre eles, vítima de cada capricho da suspensão do carro e da perícia de quem consertava as ruas. Gentilmente, pôs as mãos de Swann no colo dele.

— Você está certo, é claro — admitiu. — Temos de tomar providências para a cremação, o mais rápido possível.

O táxi quicou sobre uma cratera. O rosto de Valentin fechou-se.

— Está com dor? — preocupou-se Harry.

— Já estive pior.

— Podíamos ir para meu apartamento e descansar lá.

Valentin balançou a cabeça.

— Não é muito inteligente. É o primeiro lugar que vão procurar.

— Meu escritório, então...

— O segundo lugar.

— Ora, Jesus, este táxi vai acabar ficando sem gasolina.

Neste ponto o motorista interferiu.

— Digam-me, vocês mencionaram cremação?

— Talvez — replicou Valentin.

— É que meu cunhado tem uma funerária no Queens.

— E mesmo? — animou-se Harry.

— Preços bastante razoáveis. Posso recomendá-lo. Sério.

— Poderia contactá-lo *agora*? — perguntou Valentin.

— São duas da manhã.

— Estamos com pressa.

O motorista ajustou o espelho; olhava para Swann. — Não se importam se eu perguntar, mas o que vocês têm um “presunto”?

— É sim — falou Harry. — E ele está ficando impaciente.

O motorista soltou um brado.

— Merda! Já tive uma mulher parindo gêmeos nesse assento; putas trabalhando; até um jacaré, uma vez. Mas esta ganha de todas! — Ponderou por um instante:— Vocês o mataram, não é?

— Não — respondeu Harry.

— Acho que estaríamos seguindo para o rio Leste se tivessem, hein?

— Exatamente. Queremos apenas uma cremação decente. E *rápido*.

— E compreensível.

— Qual é o seu nome? — perguntou-lhe Harry.

— Winston Jowitt. Mas todo mundo me chama de Byron. Sou um poeta, sabe? Ao menos nos finais de semana.

— Byron.

— Veja bem, qualquer outro motorista ficaria apavorado, certo? Encontrar dois caras com um corpo no assento traseiro. Mas do modo como vejo, é tudo material.

— Para os poemas.

— Exato — confirmou Byron. — A Musa é uma amante caprichosa. É preciso pegá-la onde quer que ela apareça, sabe? Falando nisso, os senhores têm alguma ideia de onde gostariam de ir?

— Que seja para seu escritório. — Valentin virou-se para Harry.

— E de lá ele pode ligar para o cunhado.

— Ótimo — falou Harry. Então, para Byron: — Siga para oeste pela rua 45 para a 8.

— É pra já — disse Byron, e a velocidade do táxi dobrou no espaço de vinte metros. — Gostariam de um poema?

— Agora? — Harry espantou-se.

— Gosto de improvisar — replicou Byron. — Escolha um assunto. Qualquer assunto.

Valentin apertou mais seu braço ferido. Calmamente, sugeriu:

— Que tal o fim do mundo?

— Ótimo tema — respondeu o poeta. — Deem-me um minuto ou dois.

— Tão rápido? — perguntou Valentin.

Pegaram uma rota tortuosa para o escritório, enquanto Byron Jowitt tentava uma seleção de rimas para Apocalipse. Na rua 45, os sonâmbulos procuravam uma ou outra viagem; alguns sentavam-se nas portas, um deles estava jogado na calçada. Nenhum deu ao táxi

ou a seus ocupantes mais do que uma olhadela. Harry destrancou a porta da frente e ele e Byron carregaram Swann para o terceiro andar.

O escritório era o lar fora de casa: entulhado e caótico. Puseram Swann na cadeira giratória atrás das xícaras de café sujas e os pedidos de pensão alimentícia amontoados na mesa. O morto, de longe, parecia o mais saudável do quarteto. Byron suava como um porco após a subida; Harry sentia-se — e certamente assim o parecia — como se não tivesse dormido por sessenta dias; Valentin sentou-se estirado na cadeira dos clientes, tão sugado de vitalidade que parecia estar à beira da morte.

— Você está horrível — disse Harry.

— Não importa. Tudo acabará logo.

Harry virou-se para Byron.

— Que tal ligar para seu cunhado?

Enquanto Byron fazia isso, Harry retornou sua atenção para Valentin.

— Tenho uma caixa de primeiros-socorros em algum lugar aqui. Posso cuidar desse braço?

— Obrigado, mas não. Como você, odeio ver sangue. Principalmente o meu.

Byron, ao telefone, passava um sermão no cunhado por sua ingratidão.

— Qual é o drama? Tenho um cliente para você! Pelo amor de Deus, eu sei que horas são, mas negócio é negócio...

— Diga-lhe que pagaremos o dobro de seu preço normal — avisou Valentin.

— Ouviu isso, Mel? O *dobro* de seu preço normal. Então venha até aqui, sim? — Passou o endereço para seu cunhado e baixou o fone. — Ele está vindo — anunciou.

— Agora? — perguntou Harry.

— Agora. — Byron olhou no relógio. — Meu estômago acha que minha garganta foi cortada. Que tal comermos? Tem alguma loja “tipo vinte e quatro horas” por aqui?

— Tem uma, descendo um quarteirão.

— Quer comida? — Byron perguntou a Valentin.

— Acho que não. Ele estava parecendo cada vez pior.

— Certo — falou Byron para Harry — então somos só você e eu. Tem dez mangos pra me emprestar?

Harry deu-lhe uma nota, as chaves da porta da rua e um pedido de rosquinhas e café; Byron saiu. Somente depois que ele se foi Harry desejou ter convencido o poeta a suportar sua fome por mais algum tempo. O escritório estava angustiantemente silencioso sem ele: Swann postado atrás da mesa, Valentin sucumbido ao sono na outra cadeira. A quietude trouxe à sua mente outro silêncio semelhante, durante aquela última e assustadora noite na casa dos Lomax, quando o amante-demônio de Mimi, ferido pelo padre Hesse, fugira para dentro das paredes por um tempo e os deixara esperando e esperando, sabendo que ele voltaria, mas nem quando nem como. Por seis horas permaneceram sentados — Mimi ocasionalmente quebrando o silêncio com risadas ou falando besteiras — e a primeira coisa que chamou a atenção de Harry para seu retorno foi o cheiro de excremento cozinhando, e o grito de Mimi de “Sodomita!” quando Hesse rendeu-se a um ato que sua fé há muito lhe proibira. Não houve mais silêncio a partir de então, por um longo espaço de tempo: apenas os gritos de Hesse, e os pedidos de Harry por esquecimento. Todos tinham ficado sem resposta.

Parecia agora que ele podia ouvir a voz do demônio, suas exigências, seus convites. Mas não; era apenas Valentin. O homem jogava sua cabeça para trás e para frente em seu sono, o rosto todo contraído. De repente, saltou de sua cadeira, uma palavra em seus lábios:

— *Swann!*

Seus olhos se abriram e, quando se fixaram no corpo do ilusionista, que estava na cadeira oposta, lágrimas surgiram, incontroláveis, destroçando-o.

— Está morto — disse, como se tivesse esquecido esse fato penoso em seu sonho. — Fracassei, D'Amour. Por isso ele está morto. Por causa de minha negligência.

— Está fazendo o melhor por ele agora. — Harry sabia que as palavras eram um consolo pobre. — Ninguém poderia pedir para ter melhor amigo.

— Nunca fui amigo dele. — Valentin fitava o cadáver com olhos marejados. — Sempre esperei que um dia ele confiasse totalmente em mim. Mas nunca fez isso.

— Por que não?

— Ele não poderia dar-se ao luxo de confiar em ninguém. Não em sua situação. — Secou as bochechas com as costas das mãos.

— Talvez — principiou Harry — esteja na hora de me contar tudo.

— Se quiser ouvir.

— Quero ouvir.

— Muito bem — começou Valentin. — Há trinta e dois anos Swann fez uma barganha com os Abismos. Concordava em ser um embaixador deles se, em troca, lhe dessem magia.

— *Magia?*

— A capacidade de realizar milagres. Transformar matéria. Enfeitiçar almas. Até mesmo afastar Deus.

— Isso é um milagre?

— É mais difícil do que você pensa — Valentin replicou.

— Então Swann era um mago genuíno?

— Realmente era.

— Então, por que ele não usava seus poderes?

— Ele os usava. Todas as noites, a cada apresentação.

Harry parecia desconcertado.

— Não entendo.

— Nada do que o Príncipe das Mentiras oferece à humanidade tem algum valor — disse Valentin — ou não seria oferecido. Swann não sabia disso na primeira vez em que fez seu Pacto. Mas logo aprendeu. Milagres são inúteis. Magia é uma distração das preocupações reais. E retórica. Melodrama.

— Então o que são exatamente as preocupações reais?

— Deveria saber melhor do que eu. Companheirismo, talvez? Curiosidade? Pouco importa se a água pode ser transformada em vinho ou se Lázaro vive mais um ano.

Harry entendeu o significado, mas não como levara o mago para a Broadway. Contudo, não precisou perguntar. Valentin

continuava a história. Suas lágrimas sumiram; alguns traços de vida voltaram às suas feições.

— Não demorou muito para Swann perceber que vendera sua alma por um monte de nada. E quando o fez, ficou inconsolável. Ao menos por um tempo. Ele então começou a preparar uma vingança.

— Como?

— Pronunciando o nome do inferno em vão. Usando a magia da qual gabava-se como um entretenimento trivial, degradando a força dos Abismos ao mostrar suas maravilhas como meras ilusões. Veja bem, era um ato de perversidade heroica. A cada vez que um truque de Swann era explicado como um truque de mãos, os Abismos contorciam-se.

— Por que não o mataram?

— Ah, tentaram. Muitas vezes. Mas Swann tinha aliados. Agentes no campo deles que o avisavam de suas tramas contra ele. Desse modo, escapou de sua retribuição por anos.

— Até agora?

— Até agora — suspirou Valentin. — Ele foi descuidado, como eu fui. Agora está morto, e os Abismos estão loucos por ele.

— Sei.

— Mas não estávamos totalmente despreparados para esta eventualidade. Ele pedira suas desculpas para o céu; e ousou esperar que tenha sido perdoado por suas transgressões. Reze para que tenha sido. Esta noite há mais do que a salvação dele em jogo.

— A sua também?

— Todos nós que o amamos estamos maculados, mas se pudermos destruir seus restos físicos antes que os Abismos os reclamem, então talvez possamos evitar as consequências de seu Pacto.

— Por que esperou tanto? Por que simplesmente não o cremaram quando morreu?

— Os advogados deles não são idiotas. O Pacto prescreve especificamente um período de corpo presente. Se tivéssemos tentado ignorar essa cláusula, sua alma teria sido automaticamente levada.

— E quando termina esse período?

— Daqui a três horas, exatamente à meia-noite — anunciou Valentin. — Por isso estão tão desesperados. E tão perigosos.

Outro poema ocorreu para Byron Jowitt enquanto ele ia pela Oitava avenida, mordiscando um sanduíche de salada de atum pelo caminho. Sua Musa não devia ser apressada. Os poemas podiam levar até cinco minutos para serem finalizados; mais tempo ainda se envolvessem uma rima dupla. Portanto, não apertou o passo na volta ao escritório; vagou numa espécie de sonho, virando os versos pelo avesso para fazê-los se encaixar. Desse modo esperava chegar com outro poema terminado. Dois numa única noite era mais do que bom.

Mas ainda não havia terminado de burilar os dois últimos versos quando alcançou a porta. Operando em piloto automático, mexeu em seu bolso à procura das chaves que D'Amour lhe emprestara e entrou. Ia fechar a porta quando uma mulher entrou pela fresta, sorrindo para ele. Era uma beleza e Byron, como um poeta, era um tolo quanto à beleza.

— Por favor, preciso de ajuda.

— O que posso fazer por você? — perguntou Byron através do mastigar de um bocadinho de comida.

— Conhece um homem chamado D'Amour? Harry D'Amour?

— Claro. Vou para o escritório dele neste instante.

— Pode me mostrar o caminho? — pediu a mulher enquanto Byron fechava a porta.

— Será um prazer — respondeu ele, e levou-a pelo saguão até o início da escada.

— Sabe, você é um amor. — Byron derreteu-se todo.

Valentin estava parado diante da janela.

— Alguma coisa errada? — quis saber Harry.

— Só uma sensação — comentou Valentin. — Tenho uma suspeita de que talvez o Demônio esteja em Manhattan.

— O que há de novo nisso?

— Talvez esteja vindo atrás de nós. — Como se fosse uma deixa, ouviu-se uma batida na porta. Harry saltou. — Está tudo bem — Valentin acalmou-o —, ele nunca bate.

Harry foi até a porta, sentindo-se um tolo.

— É você, Byron? — perguntou antes de destrancá-la.

— Por favor — falou uma voz que ele pensou jamais ouvir novamente. — Ajude-me.

Abriu a porta. Era Dorothea, é claro. Ela estava incolor como água e igualmente imprevisível. Mesmo antes de Harry tê-la convidado a passar pela soleira do escritório, uma dúzia de expressões, ou sombras do que seriam expressões, cruzaram seu rosto: angústia, suspeita, terror. E agora, quando seus olhos fixaram-se no corpo de seu amado Swann, alívio e gratidão.

—Você está *mesmo* com ele — disse, entrando no escritório.

Harry fechou a porta. Havia uma corrente de ar subindo a escada.

— Graças a Deus. Graças a Deus. — Pegou o rosto de Harry entre suas mãos e beijou-o levemente nos lábios. Somente então notou Valentin.

Baixou suas mãos.

— O que *ele* está fazendo aqui?

— Está comigo. Conosco.

Ela parecia duvidar.

— Não — retrucou.

— Podemos confiar nele.

— Eu disse *não!* Livre-se dele, Harry. — Havia uma fúria gelada nela; tremia. — *Livre-se dele!*

Valentin fitava-a, seus olhos vítreos.

— A dama protesta demais — murmurou.

Dorothea pôs os dedos em seus lábios como que para segurar outra explosão.

— Sinto muito. — Ela virou-se novamente para Harry. — Mas você deve saber do que este homem é capaz...

— Sem ele, seu marido ainda estaria na casa, sra. Swann — apontou Harry. — É a *ele* que deve ser grata, não a mim.

Com isso a expressão de Dorothea suavizou-se, passando de frustração para uma nova gentileza.

— Ah, é? — Agora olhava de novo para Valentin. — Desculpe. Quando fugiu da casa, presumi uma certa cumplicidade...

— Com quem? — Valentin perguntou.

Ela balançou levemente a cabeça.

— Seu braço. Está ferido?

— Um ferimento menor.

— Já tentei fazer uma nova bandagem — explicou Harry —, mas o idiota é teimoso demais.

— Sou teimoso mesmo — replicou Valentin, sem inflexão na voz.

— Mas logo acabaremos isso... — Harry comentou.

Valentin interrompeu-o.

— Não lhe diga nada — cortou ele.

— Só ia explicar-lhe sobre o cunhado... — falou Harry.

— O cunhado? — disse Dorothea, sentando-se. O murmúrio das pernas dela cruzando-se era o som mais encantador que Harry ouvira nas últimas vinte e quatro horas. — Ah, por favor, conte-me sobre o cunhado...

Antes que Harry pudesse abrir a boca, Valentin revelou:

— Não é ela, Harry.

As palavras, ditas sem um traço de dramaticidade, levaram alguns segundos para fazer sentido. Mesmo quando fizeram, a loucura era evidente. Lá estava ela, em carne e osso, perfeita em cada detalhe.

— Do que está falando?

— Como posso dizer isso de modo mais óbvio? — replicou Valentin. — *Não é ela.*

É um truque. Uma ilusão. Eles sabem onde estamos e enviaram isto para espionar nossas defesas.

Harry teria rido, mas essas acusações trouxeram lágrimas aos olhos de Dorothea.

— Pare com isso — disse a Valentin.

— Não, Harry. *Pense* por um minuto. Todas as armadilhas que puseram, todas as criaturas que reuniram. Acha que ela poderia ter escapado de tudo isso? — Afastou-se da janela em direção a Dorothea. — Onde está Butterfield? No saguão, à espera de seu sinal?

— Cale-se — falou Harry.

— Ele está com medo de vir por si mesmo, não está? — Valentin prosseguiu: — Com medo de Swann, provavelmente com medo de nós depois do que fizemos a seu capão.

Dorothea fitou Harry.

— Faça ele parar.

Harry interrompeu Valentin com uma mão em seu peito ossudo.

— Você ouviu a dama.

— Ela não é uma dama. — Os olhos de Valentin cintilavam. — Não sei o que é, mas não é uma dama.

Dorothea levantou-se.

— Vim aqui porque esperava sentir-me segura.

— Você *está* segura — disse Harry.

— Não com ele por perto. — Olhou para Valentin. — Acho que é melhor partir.

Harry tocou seu braço.

— Não.

— Sr. D'Amour — falou com doçura —, já mereceu dez vezes seus honorários. Agora acho que é hora de *eu* assumir a responsabilidade sobre meu marido.

Harry sondou aquele rosto vivo. Não havia sequer um traço de embuste nele.

— Estou com um carro lá embaixo. Será que... poderia levar Swann pela escada para mim?

Harry ouviu um barulho como o de um cão acuado atrás dele e virou-se para ver Valentin de pé ao lado do cadáver. Pegara o isqueiro pesado de mesa e estava acendendo-o. Faíscas surgiram, mas nenhuma chama.

— Que diabos vai fazer? — perguntou Harry.

Valentin não fitava seu interlocutor, mas Dorothea.

— Ela sabe.

Ele descobrira o truque do isqueiro; a chama acendeu.

Dorothea fez um som baixo e desesperado.

— Por favor, não.

— Se necessário, vamos todos queimar com ele — ameaçou Valentin.

— Está ensandecido. — As lágrimas de Dorothea sumiram de repente.

— Ela está certa — Harry repreendeu Valentin. — Está agindo como um louco.

— E você é um tolo por cair por algumas lágrimas! — veio a resposta. — Não pode deduzir que, se ela o levar, teremos perdido tudo por que lutamos?

— Não ouça — murmurou ela. — Você me conhece, Harry. Confia em mim.

— O que há sob esse seu rosto? — O que é você? Um coprólito? Um homúnculo?

Os nomes nada significavam para Harry. Tudo de que sabia era da proximidade da mulher a seu lado; a mão dela pousada em seu braço.

— E quanto a você? — perguntou a Valentin. Em seguida, mais suavemente: — Por que não nos mostra seu ferimento?

Ela afastou-se do abrigo de Harry e cruzou a sala até a mesa. A chama do isqueiro gotejou à sua aproximação.

— Prossiga... — ela disse, sua voz não mais alta do que um suspiro — ... eu o *desafio*.

Fitou Harry.

— Peça-lhe, D'Amour. Peça-lhe que mostre o que tem escondido sob as bandagens.

— Do que ela está falando? — assustou-se Harry. O brilho de ansiedade nos olhos de Valentin era o bastante para convencê-lo de que Dorothea tinha razão. — Explique.

Valentin, porém, não teve a chance. Distraído pelo pedido de Harry, foi uma presa fácil quando Dorothea atacou pelo lado da mesa e derrubou o isqueiro de sua mão. Curvou-se para recuperá-lo, mas ela pegou na ponta da bandagem e puxou. A atadura rasgou e caiu no chão.

Ela recuou.

— Está vendo?

Valentin fora revelado. A criatura na rua 83 tirara a máscara de humanidade de seu braço; o membro na verdade era uma massa de escamas arroxeadas. Cada dígito da mão empolada terminava numa

unha que se abria e fechava como um bico de papagaio. Não fez nenhuma tentativa para esconder a verdade. A vergonha eclipsava qualquer resposta.

— Eu avisei — afirmou ela. — Avisei que ele não era confiável.

Valentin fitava Harry.

— Não tenho desculpas. Apenas peço que acredite que quero o melhor para Swann.

— Como pode? — falou Dorothea. — Você é um demônio.

— Mais do que isso — Valentin retrucou. — Sou o demônio de Swann. Familiar a ele; a criatura dele. E pertencço mais a ele do que jamais pertenci aos Abismos. E eu os desafiarei... — encarou Dorothea — ... e a seus agentes.

Ela virou-se para Harry.

— Você tem uma arma. Atire nessa nojeira. Não deve deixar uma coisa dessas viver.

Harry viu o braço purulento; as unhas estalando: o que havia à espera, e ainda mais repugnante sob a máscara de carne?

— Atire nele — insistiu a mulher.

Sacou a arma do bolso. Valentin parecia ter encolhido em instantes desde a revelação de sua verdadeira natureza. Inclina-se agora contra a parede, o rosto lívido de desespero.

— Mate-me, então; mate-me se eu o revolto tanto. Mas, Harry, eu *imploro*, não entregue Swann a ela. Prometa-me isso. Espere até o motorista voltar e disponha do corpo do jeito que puder. Mas não o entregue a ela!

— Não escute — sustentou Dorothea. — Ele não se preocupa com Swann como eu me preocupo.

Harry ergueu a arma. Mesmo olhando a morte de frente, Valentin não recuou.

— Você fracassou, Judas — ela acusou Valentin. — O mágico é meu.

— Que mágico? — perguntou Harry.

— Ora, Swann, é claro! — ela respondeu, excitada. — Quantos mágicos você tem aqui em cima?

Harry baixou sua pontaria de Valentin.

— Ele é um ilusionista. Você mesma me disse isso bem no início. Nunca o chame de mágico, você comentou.

— Não seja pedante — ela tentava rir de seu passo em falso. Harry ergueu a arma para Dorothea. Ela repentinamente jogou a cabeça para trás, seu rosto contorcido, e soltou um som que, se Harry não o ouvisse saindo de uma garganta humana, jamais teria acreditado que uma laringe seria capaz de emití-lo. Ressoou pelo corredor e pela escada, à procura de algum ouvido à escuta.

— Butterfield está aqui — Valentin falou sem emoção.

Harry assentiu. No mesmo instante, ela veio em direção a ele, suas feições grotescamente contorcidas. Era forte e rápida; um borrão de veneno que o pegou de guarda baixa. Ouviu Valentin dizer-lhe para matá-la, antes que ela se transformasse. Levou um instante para compreender o significado disso, e quando entendeu, os dentes dela já estavam em volta de sua garganta. Uma de suas mãos era uma garra fria em torno do pulso; sentiu nela força suficiente para transformar seus ossos em pó. Seus dedos já estavam dormentes devido ao aperto; não teve mais tempo de fazer nada a não ser acionar o gatilho. A arma disparou. O hálito dela em sua garganta parecia ter saído à força. Ela então soltou-o e cambaleou para trás. O tiro abriu seu abdômen.

Estremeceu ao ver o que fizera. A criatura, apesar de todos os seus guinchos, ainda se parecia com uma mulher que ele poderia ter amado.

— Ótimo — alegrou-se Valentin, quando o sangue atingiu o chão do escritório aos borbotões. — Agora ela tem de se mostrar.

Ouvindo-o, ela balançou a cabeça.

— Isto é tudo o que há para mostrar — murmurou.

Harry jogou fora a arma.

— Meu Deus, é ela...

Dorothea fez uma careta. O sangue continuava a jorrar.

— Uma *parte* dela... — completou.

— Então esteve sempre com eles? — perguntou Valentin.

— É claro que não.

— Por que então?

— Nenhum lugar para onde ir... — ela disse, sua voz diminuindo a cada sílaba. — Nada em que acreditar. Tudo mentiras. Tudo: *mentiras*.

— Então tomou o partido de Butterfield?

— Melhor o inferno do que um falso céu.

— Quem lhe ensinou isso? — indagou Harry.

— Quem você pensa? — replicou virando o olhar para ele. Apesar de sua força estar esvaindo-se com o sangue, os olhos ainda cintilavam. — Você está acabado, D'Amour. Você, o demônio e Swann. Agora não há mais ninguém para ajudá-los.

Apesar do desprezo nas palavras, ele não podia ficar ali e vê-la sangrar até morrer. Ignorando a ordem de Valentin de que ficasse longe, foi até ela. Assim que se aproximou o bastante, ela o açoitou com força surpreendente. O golpe cegou-o por um instante; caiu contra o arquivo alto, que tombou para o lado. Harry e o arquivo atingiram o chão juntos. O *arquivo* cuspiu papéis; ele, palavras. Estava vagamente ciente de que a mulher passava por ele para escapar, mas, ocupado demais, tentando evitar que sua cabeça girasse, para segurá-la. Quando o equilíbrio retornou, ela havia partido, deixando suas impressões ensanguentadas na parede e na porta.

Chaplin, o servente, era cioso de seu território. O porão do prédio era um domínio particular no qual remexia em lixo de escritórios, alimentava sua amada fornalha e lia em voz alta suas passagens favoritas do Bom Livro; tudo sem medo de interrupção. Seus intestinos — que estavam longe de ser saudáveis — permitiam-lhe pouco descanso. Um poucas horas à noite, não mais, que ele complementava cochilando durante o dia. Não era tão ruim. Tinha privacidade suficiente no porão para descansar sempre que a vida nos andares de cima se tornasse por demais exigente; e o calor às vezes trazia estranhos sonhos, mesmo estando acordado.

Seria aquele *sujeito* insípido em seu terno elegante um desses sonhos? Se não era, como conseguira acesso ao porão quando a porta estava trancada e barrada? Não fez perguntas ao intruso. Alguma coisa no modo como o homem o fitava segurava sua língua.

— Chaplin — os lábios finos quase não se movendo —, eu gostaria que você abrisse a fornalha.

Em outras circunstâncias, ele bem poderia pegar sua pá e acertar o sujeito no meio da cabeça. A fornalha era seu bebê. Conhecia, como ninguém mais, suas sutilezas e ocasional petulância: amava, como ninguém mais, o rugido que ela dava quando estava contente. Não gostou nem um pouco do tom ditatorial usado pelo outro. Mas perdera a vontade de resistir. Pegou um trapo e abriu a porta descascado, oferecendo o coração quente como Lot oferecera suas filhas ao estranho em Sodoma.

Butterfield sorriu ao cheiro de calor da fornalha. Três andares acima, ouviu a mulher gritar por socorro; e, poucos instantes depois, um tiro. Ela fracassara. Ele já pensara que isso aconteceria. Mas a vida dela estava mesmo perdida. Enviá-la pela brecha fora a chance mínima de que poderia conseguir tirar o corpo de seus protetores. Isso teria poupado a inconveniência de um ataque em grande escala, mas não importava agora. Ter a alma de Swann valia qualquer esforço. Ela desafiara o bom nome do Príncipe das Mentiras. Por isso, sofreria como nenhum outro mágico descrente. Ao lado da punição de Swann, a de Fausto seria uma inconveniência e a de Napoleão um cruzeiro prazeroso.

Quando os ecos do tiro morreram lá em cima, tirou a caixa de laca negra do bolso de seu casaco. Os olhos do servente estavam voltados para cima. Ele também ouvira o tiro.

— Não foi nada — disse Butterfield. — Alimente o fogo.

Chaplin obedeceu. O calor no porão apertado cresceu rapidamente. O zelador começou a suar; o visitante não. Ele permanecia a poucos centímetros da porta aberta da fornalha e fitava a claridade com feições impassíveis. Finalmente, pareceu satisfeito.

— Basta — ordenou, e abriu a caixa. Chaplin pensou ter visto movimento dentro dela como se estivesse cheia de larvas até a boca, mas antes que pudesse ter a oportunidade de olhar mais de perto, tanto a caixa quanto seu conteúdo foram jogados nas chamas.

— Feche a porta. — Chaplin obedeceu a Butterfield. — Pode observá-los por um tempo, se assim lhe aprouver. Eles precisam do

calor. Isso os torna poderosos.

Deixou o servente em sua vigília ao lado da fornalha e voltou para o saguão. Pela porta da rua aberta entrara um traficante, fugido do frio, para tratar de negócios com um cliente. Negociavam nas sombras até que o meliante viu o advogado.

— Não se preocupem comigo. — Butterfield subiu a escada. Encontrou a viúva Swann no primeiro patamar. Ela não estava totalmente morta, mas ele rapidamente terminou o trabalho que D'Amour iniciara.

— Estamos com problemas — alertou Valentin. — Estou ouvindo ruídos lá embaixo. Há outro meio de sair daqui?

Harry estava sentado no chão, inclinado contra o arquivo caído e tentava não lembrar do rosto de Dorothea quando à bala a encontrara, ou pensar na criatura da qual agora estava condenado a necessitar.

— Há uma saída de emergência — respondeu. — Ela desce pelos fundos do prédio.

— Mostre-me. — Valentin tentava pô-lo de pé.

— Tire suas mãos de mim!

Valentin recuou, magoado pela repulsa.

— Desculpe. Talvez não devesse esperar por sua aceitação. Mas espero.

Harry nada comentou; simplesmente levantou-se no meio do lixo de relatórios e fotografias. Levava uma vida suja: espionando adultérios para esposas vingativas; cavucando cortiços à procura de crianças perdidas; lidando com gente de merda porque merda flutuava, e o resto simplesmente afundava. Seria possível que a alma de Valentin fosse ainda mais suja?

— A saída de incêndio é descendo pelo saguão — explicou.

— Ainda podemos tirar Swann. Ainda podemos lhe dar uma cremação decente... — A obsessão do demônio com a dignidade de seu mestre era lisonjeira à sua maneira.

— Mas você precisa ajudar-me, Harry.

— Eu ajudo. — Ele evitava olhar para a criatura. — Só não espere carinho e afeto.

Se era possível ver um sorriso, foi o que aconteceu.

- Eles querem acabar com isso antes do amanhecer.
- Não deve faltar muito.
- Uma hora, talvez — replicou o demônio. — Mas é o bastante.

De qualquer forma, é o bastante.

O som da fornalha acalmou Chaplin; seus murmúrios e rugidos eram-lhe tão familiares quanto a reclamação de seus próprios intestinos. Mas havia outro som crescendo atrás da porta, como nunca ouvira antes. Sua mente criava imagens idiotas para combinar com ele. De porcos gargalhando; de vidro e arame farpado passando entre dentes; de pés com cacos dançando na porta. Sua trepidação cresceu junto com os ruídos, mas quando chegou à porta do porão para pedir ajuda, estava trancada; a chave havia sumido. E agora, como se as coisas já não estivessem ruins o bastante, a luz apagava-se.

Começou a procurar na memória uma prece.

— Ave Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora...

Mas parou quando uma voz o chamou de forma indiscutível.

— Michelmas.

Era sua mãe, sem dúvida. E também não poderia haver dúvidas quanto ao lugar de onde vinha. Vinha da fornalha!

— *Michelmas* — chamou com veemência. — Você vai me deixar cozinhar aqui dentro?

Não era possível, é claro, que ela estivesse ali em carne e osso.

— Abra, Michelmas — sua mãe ordenou, naquela voz especial que usava quando tinha alguma coisa boa para dar-lhe. Como um bom filho, aproximou-se da porta. Nunca havia sentido tamanho calor saído da fornalha quanto agora; era possível sentir os pelos de seus braços se arrepiarem.

— *Abra a porta* — a mãe repetiu. Não havia como negar. Apesar do ar tórrido, ele estendeu a mão para obedecer.

— Zelador filho da puta — berrou Harry, dando um chute na porta de incêndio trancada. — Esta porta deveria estar sempre destrancada. — Deu um puxão nas correntes que cercavam a tranca. — Teremos de ir pelas escadas.

Ouviram um ruído que vinha do fundo do corredor; um rugido no sistema de aquecimento que fazia os radiadores antiquados ratearem. Nesse momento, no porão lá embaixo, Michelmas Chaplin estava obedecendo à sua mãe e abrindo a porta da fornalha. Um grito veio de baixo quando seu rosto foi arrancado na explosão. Em seguida, o som da porta do porão sendo esmagada.

Harry olhou para Valentin, a repugnância esquecida por um instante.

— Melhor não pegarmos as escadas — disse o demônio.

Urros, rateios e gritos estridentes podiam ser ouvidos. O que quer que tivesse nascido no porão, era precoce.

— Precisamos encontrar alguma coisa para quebrar a porta — falou Valentin. — *Qualquer coisa.*

Harry tentava traçar mentalmente o caminho pelos escritórios adjacentes, buscando alguma ferramenta que fizesse efeito na porta de incêndio ou nas rígidas correntes que a mantinham fechada. Mas não havia nada de útil: somente máquinas de escrever e arquivos.

— *Pense, homem* — insistiu Valentin.

Ele saqueou sua memória. Era necessário algum instrumento pesado. Um pé-de-cabra; uma marreta. Um machado! Havia um agente chamado Shapiro no andar de baixo, que representava exclusivamente atores pornôis, um dos quais tentara dar um tiro no seu saco um mês atrás. A atriz falhara, mas um dia ele vangloriou-se nas escadas que tinha comprado o maior machado que pudera encontrar, e decapitaria com prazer qualquer cliente que tentasse um ataque à sua pessoa.

A agitação de baixo diminuía. O silêncio era, à sua maneira, mais perturbador que o burburinho de antes.

— Não temos muito tempo — avisou o demônio.

Harry deixou-o em frente à porta trancada.

— Pode pegar Swann? — perguntou ao afastar-se correndo.

— Vou fazer o melhor que puder.

Quando Harry alcançou o topo da escada, os últimos ruídos estavam morrendo; quando começou a descer o lance, cessaram completamente. Não havia como julgar a distância do inimigo. No

andar seguinte? Virando a curva? Tentou não pensar neles, mas sua imaginação febril enchia de habitantes cada sombra.

Mas chegou ao pé da escada sem incidentes, e esgueirou-se ao longo do corredor escuro do segundo andar em direção ao escritório de Shapiro. A meio caminho de seu destino, ouviu um leve assoviar as suas costas. Olhou para trás, o corpo louco para correr. Um dos radiadores, aquecido além do limite, estava vazando por uma válvula. Seus canos soltavam um vapor sibilante. Deixou o coração bater mais devagar, e então apressou-se para a porta de Shapiro, rezando para que o homem não estivesse apenas contando vantagem com seu papo de machados. Se fosse o caso, eles estavam perdidos. O escritório estava trancado, claro, mas quebrou o vidro opaco com o cotovelo, e esticou a mão para abrir a maçaneta por dentro, os dedos procurando o interruptor. As paredes estavam repletas de fotografias de deusas do sexo. Harry nem deu bola; seu pânico aumentava a cada segundo em que passava ali. Desajeitado, vasculhou a sala, revirando os móveis em sua impaciência. Mas nem sinal do machado de Shapiro.

De repente, outro ruído vindo de baixo. Ele subiu pelas escadas e percorreu o corredor à sua procura — uma cacofonia alienígena como a que ouvira na rua 83. Isso mexeu com seus dentes; os nervos do molar podre começaram a latejar com intensidade renovada. O que a música queria dizer? Seu avanço?

Desesperado, foi até a mesa de Shapiro para ver se o homem tinha outra coisa que pudesse ser usada para o serviço, e ali, escondido entre a mesa e a parede, encontrou o machado. Tirou-o de seu esconderijo. Conforme Shapiro se vangloriara, era dos bons, seu peso a primeira garantia de segurança que Harry sentia em muito tempo. Voltou ao corredor. O vapor do cano aberto era mais espesso agora. Através de seus véus, ficava claro que o concerto havia assumido um novo fervor, O gemido pungente aumentava e abaixava, pontuado por uma certa percussão frouxa.

Aventurou-se pela nuvem de fumaça e apertou o passo para a escada. Quando pôs o pé no primeiro degrau, a música pareceu pegá-lo pela nuca e sussurrar *escute* no seu ouvido. Não tinha o menor desejo de ouvir; o som era vil. Mas de alguma forma —

enquanto se distraíra procurando o machado — ela havia aberto caminho para dentro do seu crânio. Sugava a força de seus braços. Em instantes o machado começou a ter um peso impossível.

— *Desça — a música seduzia-o — desça e junte-se à banda.*

Embora tentasse formar a simples palavra “não”, a melodia o influenciava cada vez mais, a cada nota tocada. Começou a ouvir acordes na algazarra; longos temas circulares que faziam seu sangue correr mais lento, e seus pensamentos mais idiotas. Sabia que não havia prazer a ser obtido na fonte da música — que ela tentava-o somente à dor e à desolação — mas mesmo assim não conseguia afastar o delírio. Seus pés começaram a mover-se ao compasso dos gaiteiros.

Esqueceu-se de Valentin, Swann e de toda a ambição de fuga, e ao invés disso começou a descer as escadas. A melodia tornou-se mais complexa. Agora, podia ouvir vozes, cantando um acompanhamento sem graça numa língua que não entendia. De algum lugar acima, ouviu seu nome ser chamado, mas ignorou o apelo. A música capturou-o, e então — enquanto descia o próximo lance de escadas — os intérpretes apareceram.

Eram mais brilhantes do que havia pensado, e mais variados. Mais barrocos em suas configurações (as crinas, as múltiplas cabeças); mais particulares em suas decorações (o traje feito de rostos esfolados; o ânus avermelhado); e — seus olhos drogados e doloridos agora viam — mais atrozes na escolha dos instrumentos. E que instrumentos! Byron estava ali, seus ossos ocos e com buracos perfurados neles, sua bexiga e seus pulmões usados, através de rasgos em seu corpo, como reservatórios para o fôlego do gaiteiro: colocado, em posição invertida, sobre o colo do músico, que tocava nele — o saco inflando, a cabeça sem língua emitindo urna nota soprada. Dorothea estava escarrapachada ao seu lado, não menos transformada, as cordas de seus intestinos esticadas entre suas pernas abertas como uma lira obscena; seus peitos eram tambores. Havia ainda outros instrumentos, homens que vieram das ruas e caíram vítimas da banda. Até Chaplin estava ali, a maior parte de sua carne queimada, sua caixa torácica sendo tocada de forma indistintamente correta.

— Eu não o considerava um amante da música — disse Butterfield, dando uma tragada num cigarro e sorrindo em sinal de boas-vindas. — Largue o machado e venha juntar-se a nós. A palavra *machado* lembrou Harry do peso em suas mãos, embora não conseguisse desvencilhar-se dos compassos da melodia para lembrar o que ela significava.

— Não tenha medo — insistiu Butterfield. — Você é um inocente nesta história. Não temos nada contra você.

— Dorothea... — murmurou.

— Ela também era inocente — explicou o advogado. — Até que mostramos a ela algumas visões.

Harry olhou para o corpo da mulher; para as mudanças terríveis que eles haviam provocado nela. Vendo isso, um tremor percorreu seu corpo, e algo intrometeu-se entre ele e a música; a iminência das lágrimas a tornava indefinida.

— Largue o machado — Butterfield ordenou.

Mas o som do concerto não era páreo para a tristeza que começava a invadi-lo. Butterfield aparentemente viu a mudança em seus olhos; o nojo e a raiva crescendo neles. Jogou o cigarro pela metade no chão e fez um sinal para que a música parasse.

— Então vai ser preciso a morte? — perguntou Butterfield; mas mal havia terminado de falar, Harry começou a descer os últimos degraus em sua direção. Levantou o machado e baixou-o sobre o advogado, mas falhou no golpe. A lâmina enterrou-se no estuque da parede, errando o alvo por meio metro.

Com essa erupção de violência, os músicos jogaram de lado os instrumentos e começaram a atravessar o saguão, arrastando seus paletós e fraques em sangue e gordura. Harry percebeu esse movimento com o canto dos olhos. Atrás da horda, ainda enraizada nas sombras, estava outra forma, maior do que o maior dos demônios reunidos, de onde vinha agora uma batida que poderia ser a de uma gigantesca marreta. Tentou distinguir o que ouvia ou via, mas não conseguia fazer nenhuma das duas coisas. Não havia tempo para curiosidades; os demônios estavam quase em cima dele.

Butterfield deu uma olhada ao redor para encorajar seu avanço, e Harry — aproveitando o momento — desceu o machado

uma segunda vez. O golpe pegou o ombro de Butterfield; o braço foi cortado na hora. O advogado soltou um berro estridente; a parede ficou coberta de sangue. Mas não houve tempo para um terceiro golpe. Os demônios estavam quase chegando perto dele, com sorrisos mortais.

Virou-se e começou a subir as escadas, dois, três, quatro degraus de cada vez. Butterfield ainda gritava lá embaixo; do andar de cima ouviu Valentin chamar seu nome. Não tinha tempo nem fôlego para responder.

Estavam nos seus calcanhares, subindo num burburinho de grunhidos, urros e bater de asas. E atrás de tudo, a marreta batia na direção das escadas, seu barulho de longe mais intimidador que os ruídos das criaturas às suas costas. Essa batida estava em seu estômago, em suas tripas. Como o batimento cardíaco da morte, firme e irrevogável.

No segundo patamar, ouviu um zumbido logo atrás, e virou-se para ver uma mariposa de cabeça humana do tamanho de um urubu voando em sua direção. Enfrentou-a com a lâmina do machado, e derrubou-a. Ouviu um grito vindo de baixo quando o corpo caiu pelas escadas, suas asas funcionando como remos. Harry acelerou o passo pelo resto dos degraus até onde Valentin estava esperando, na escuta. Não prestava atenção no barulho da turba, nem nos gritos do advogado, mas na marreta.

— Trouxeram o Saqueador — ele disse.

— Eu feri Butterfield...

— Eu ouvi. Mas isso não os deterá.

— Ainda podemos tentar a porta.

— Acho que é tarde demais, meu amigo.

— Não! — gritou Harry, empurrando Valentin para o lado. O demônio desistira de tentar arrastar o cadáver de Swann até à porta, e havia deixado o mágico no meio do corredor, mãos cruzadas sobre o peito. Num último ato misterioso de reverência, pusera cuias de papel dobrado nos pés e na cabeça de Swann, e uma minúscula flor de origami em seus lábios. Harry ficou parado apenas o suficiente para reacostumar-se com a doçura da expressão de Swann; então, correu para a porta e começou a atacar as correntes. Seria um longo

trabalho. O ataque fez mais danos ao machado do que aos elos de aço. Mas não ousava desistir. Era a única rota de fuga que tinham agora, além da opção de se atirarem para a morte por uma das janelas. Isso ele faria, decidiu, se o pior acontecesse. Pularia e morreria, mas não seria brinquedo deles.

Seus braços logo ficaram entorpecidos com os golpes repetidos. Era uma causa perdida; a corrente era inquebrável. Seu desespero aumentou ainda mais com um grito de Valentin — um apelo alto e choroso ao qual não podia deixar de responder. Abandonou a porta de incêndio e voltou, passando pelo corpo de Swann, para o alto da escada.

Os demônios tinham apanhado Valentin. Enxamearam em cima dele como abelhas sobre mel, rasgando-o de alto a baixo. Por um brevíssimo instante ele libertou-se da fúria deles, e Harry viu a máscara de humanidade em ruínas e a verdade brilhando sangrenta por baixo. Era tão vil quanto os que o cercavam, mas Harry foi em seu socorro mesmo assim, tanto para ferir os demônios quanto para salvar sua presa.

O machado fez estragos por toda parte, jogando os torturadores de Valentin escada abaixo, membros cortados, rostos abertos. Nem todos sangravam. Uma barriga fatiada derramou ovos aos milhares, uma cabeça ferida deu à luz pequenas enguias, que fugiram para o teto e ficaram penduradas ali pelos lábios. Na confusão, perdeu Valentin de vista. Na verdade, esqueceu-se dele, até ouvir a marreta novamente, e lembrar-se do olhar melancólico no rosto de Valentin quando dera nome à coisa. Ele a chamara de *Saqueador*, ou algo semelhante.

E agora, enquanto sua memória dava forma à palavra, ela aparecia. Não tinha o mesmo aspecto de seus companheiros; não tinha asas, nem crina, nem vaidade. Sequer parecia ser feita de carne, mas *forjada*, uma máquina que só precisava de maldade para manter-se funcionando.

Quando surgiu, o resto recuou, deixando Harry no alto das escadas em meio a um lixo de criaturas. Seu progresso era lento, meia dúzia de membros movendo-se em configurações oleosas e elaboradas para perfurar as paredes das escadas e assim manter-se

em pé. Lembrou-se de um homem de muletas, colocando os apoios à frente e em seguida puxando o próprio peso, mas não havia nada de inválido no trovejar de seu corpo; nenhuma dor no olho branco que queimava na cabeça arrepiada.

Harry achava que conhecia o desespero, mas não era verdade. Só agora sentia o gosto de suas cinzas na garganta. Havia apenas a janela para ele. Isso, e o chão bem-vindo. Recuou do alto das escadas, esquecendo o machado.

Valentin estava no corredor. Não morto, como Harry presumira, mas ajoelhado ao lado do cadáver de Swann, seu próprio corpo babando por uma centena de feridas. Agora ele curvava-se sobre o mágico. Pedindo desculpas ao mestre, sem dúvida. Mas não. Era mais do que isso. Com o isqueiro na mão, acendia uma bucha. Então, murmurando alguma prece para si mesmo, levou a bucha à boca do mágico. A flor de origami incendiou-se. A luz era estranhamente brilhante, espalhou-se com uma eficiência sobrenatural pelo rosto de Swann e desceu por seu corpo. Valentin levantou-se, o brilho das chamas lustrando suas escamas. Achou forças suficientes para inclinar sua cabeça junto ao corpo enquanto a cremação começava; então, suas feridas o venceram. Caiu para trás, e não mexeu-se mais. Harry viu as chamas aumentarem. Obviamente o corpo havia sido molhado com gasolina ou coisa do gênero, pois o fogo cresceu em instantes, dourado e verde.

Subitamente, alguma coisa agarrou sua perna. Olhou para baixo; um demônio, a carne parecida com amoras maduras, ainda tinha apetite por ele. Sua língua estava enrolada ao redor da canela de Harry; suas garras tentavam alcançar sua virilha. O ataque fez com que esquecesse a cremação ou o Saqueador. Curvou-se para rasgar a língua com as mãos nuas. Mas ela era escorregadia demais, e invalidou suas tentativas. Recuou cambaleando enquanto o demônio subia por seu corpo, envolvendo-o com os braços.

A luta levou-os ao chão, e rolaram para longe das escadas, na direção do outro braço do corredor. A briga estava longe de ser desequilibrada; a repugnância de Harry era, no mínimo, contraponto para o ardor da criatura. O dorso pressionado contra o chão, subitamente lembrou-se do Saqueador. Seu avanço

reverberava em cada tábua e parede. Agora ele aparecia no alto das escadas, e virou sua cabeça lenta na direção da pira funerária de Swann. Mesmo daquela distância, Harry podia ver que as tentativas improvisadas de Valentin para destruir o corpo de seu mestre haviam falhado. O fogo mal começara a devorar o mágico. Eles ainda conseguiriam pegá-lo.

Olhos fixos no Saqueador, Harry esqueceu seu inimigo mais próximo e enfiou um pedaço de carne em sua boca. Sua garganta encheu-se com um fluido pungente; sentiu-se engasgado. Abriu a boca e mordeu com força o órgão, decependo-o. O demônio não gritou, mas soltou jatos de excremento escaldante dos poros ao longo de suas costas, e soltou-se. Harry cuspiu o pedaço de músculo, e o demônio fugiu arrastando-se. Então tornou a olhar para a fogueira.

Todas as outras preocupações foram esquecidas diante do que via.

Swann havia se levantado!

Queimava da cabeça aos pés. Cabelos, roupas, pele. Não havia parte dele que não estivesse acesa. Mas mesmo assim estava de pé e levantava as mãos para dar as boas-vindas ao seu público.

O Saqueador havia interrompido seu avanço. Estava a um ou dois metros de Swann, os membros absolutamente parados, como se estivesse hipnotizado por aquele truque fantástico.

Harry viu outra figura emergir do alto das escadas. Era Butterfield; o toco de seu braço tinha uma atadura improvisada; um demônio apoiava seu corpo desequilibrado.

— Apague o fogo — exigiu o advogado do Saqueador. — Não é tão difícil.

A criatura não se moveu.

— *Vamos* — disse Butterfield. — É só um truque dele. Está morto, porra. É só uma conjuração.

— Não — reagiu Harry.

Butterfield olhou para ele. O advogado sempre fora insípido. Agora estava tão pálido que sua existência certamente estava em questão.

— O que você sabe? — ele perguntou.

— Não é conjuração — falou Harry. — E *mágica*.

Swann pareceu ouvir a palavra. Suas pálpebras abriram-se, e ele enfiou lentamente a mão dentro do paletó e com um floreio tirou um lenço. Também estava em chamas. E não estava sendo consumido. Ao sacudir o lenço, pequenos pássaros brilhantes começaram a surgir zumbindo as asas. O Saqueador ficou encantado com o passe de mágica. Seu olhar fixo seguiu a ilusão dos pássaros enquanto eles voavam para o alto e dispersavam, e nesse momento o mágico deu um passo à frente e abraçou a máquina.

Ela pegou o fogo de Swann imediatamente, as chamas espalhando-se por seus ombros, que se debatiam. Embora lutasse para se libertar do abraço do mágico,

Swann não iria permitir isso. Agarrou-a com mais força do que a um irmão que não se via há muito, e não soltou-a até que ela começou a murchar com o calor. Quando a decomposição começou, parecia que o Saqueador fora devorado em segundos, mas era difícil ter certeza. Levou um minuto? Dois? Cinco? Harry jamais saberia. Não que quisesse parar para pensar nisso. Descrença era para covardes; e sem dúvida, um hábito que podia ser fatal. Contentou-se em olhar — sem saber se Swann estava vivo ou morto; se pássaros, fogo, corredor ou ele próprio — Harry D'Amour — eram reais ou ilusórios.

Por fim, o Saqueador não existia mais. Harry levantou-se. Swann também estava de pé, mas sua performance de despedida obviamente já terminara.

A derrota do Saqueador havia acabado com a coragem da horda. Todos fugiram, deixando Butterfield sozinho no alto das escadas.

— Isto não será esquecido ou perdoado — ele disse para Harry.
— Não haverá descanso para você. Jamais. Sou seu inimigo.

— Espero que sim — Harry assentiu.

Virou-se e olhou para Swann, deixando que Butterfield se retirasse.

O mágico voltara a se deitar. Os olhos estavam fechados, as mãos repousadas sobre o peito. Era como se ele jamais tivesse se movido. Mas agora o fogo estava mostrando seus verdadeiros

dentes. A carne de Swann começou a borbulhar, as roupas se descascando em fuligem e fumaça. Demorou um bom tempo para as chamas completarem seu trabalho, mas acabaram reduzindo o homem a cinzas.

A essa altura já amanhecera, mas era domingo, e Harry sabia que não haveria visitantes para interromper seu trabalho. Teria tempo de recolher os restos; de reunir as lascas de ossos e pô-las, junto com as cinzas, numa sacola. Então sairia e encontraria uma ponte ou um cais, e jogaria Swann no rio.

Muito pouco sobrou do mágico depois que o fogo fez seu trabalho; nada que lembrasse um homem.

Coisas vinham e iam embora; esse era um tipo de mágica. E no meio?

Perseguições e conjurações; horrores, disfarces. A alegria ocasional.

Haver espaço para a alegria; ah! isso também era mágica.

NA RUA JERUSALÉM

O Livro de Sangue (um post-scriptum)

Wyburd olhou o livro, e o livro retribuiu o olhar. Tudo o que lhe disseram sobre o garoto era verdade.

— Como entrou? — McNeal quis saber. Não se notava raiva nem nervosismo em sua voz, apenas uma curiosidade casual.

— Pulei o muro — Wyburd respondeu.

O livro assentiu.

— Veio ver se os rumores eram verdadeiros?

— É. Por aí.

Entre *connoisseurs* do bizarro, a história de McNeal era contada em sussurros reverentes. Como o garoto havia se passado por médium, inventando histórias sobre os mortos para lucro próprio; e como os mortos tinham finalmente se cansado de suas brincadeiras, e invadiram o mundo dos vivos para realizar uma vingança imaculada. *Escreveram* sobre ele; tatuaram seus verdadeiros testamentos sobre sua pele para que McNeal nunca mais encarasse a tristeza deles em vão. Transformavam seu corpo num livro, um livro de sangue, cada centímetro minuciosamente entalhado com suas histórias.

Wyburd não era um homem crédulo. Jamais acreditara de fato na história — até aquele instante. Mas prova viva de sua veracidade encontrava-se ali, de pé à sua frente. Não havia parte da pele exposta de McNeal que não estivesse repleta de pequenas palavras. Embora já tivessem se passado quatro anos desde que os fantasmas apareceram para ele, a carne ainda parecia sensível, como se as feridas jamais fossem sarar inteiramente.

— Já viu o bastante? — perguntou o garoto. — Tem mais. Está coberto da cabeça aos pés. Às vezes, ele se pergunta se não está escrito por dentro também. — Suspirou. — Quer uma bebida?

Wyburd aceitou. Talvez um gole de álcool fizesse com que suas mãos parassem de tremer.

McNeal serviu-se de vodca, tomou um gole e depois encheu um segundo copo para seu convidado. Wyburd viu então que a nuca do garoto estava tão cheia de inscrições quanto seu rosto e suas mãos, a escrita subindo para os cabelos. Aparentemente, nem mesmo seu crânio havia escapado à atenção dos autores.

— Por que você fala de si mesmo na terceira pessoa? — dirigiu-se a McNeal, quando voltou com o copo. — Como se não estivesse aqui...?

— O garoto? — perguntou McNeal. — Ele não está aqui. Há muito tempo não está aqui.

Sentou-se e bebeu. Wyburd começou a sentir-se pouco à vontade. O garoto estava apenas louco, ou brincando de algum jogo idiota?

O garoto engoliu outro gole de vodca e depois perguntou, num tom de voz tranquilo:

— Quanto ela vale para você?

Wyburd franziu a testa.

— Quanto vale o quê?

— A pele dele — o garoto respondeu automaticamente. — Foi para isso que você veio, não foi? — Wyburd esvaziou o copo em dois goles, sem falar nada. McNeal deu de ombros. — Todo mundo tem direito ao silêncio — afirmou. — Menos o garoto, claro. Para ele, não há silêncio. — Olhou para sua mão, virando-a para apreciar os escritos na palma. — As histórias seguem e seguem. Noite e dia. Não param jamais. Elas se contam sozinhas, sabia? Sangram e sangram. Não se pode jamais calá-las; jamais curá-las.

Ele é louco, pensou Wyburd, e perceber isso de algum modo tornou mais fácil o que estava para fazer. Melhor matar um animal doente do que um saudável.

— Sabe, existe uma estrada... — o garoto dizia. Não olhava sequer para seu carrasco. — Uma estrada pela qual os mortos

descem. Ele a viu. Estrada estranha, escura, cheia de gente. Não se passa um dia sem que ele não queira... não queira voltar lá.

— Voltar? — perguntou Wyburd, feliz por fazer com que o garoto continuasse falando. Meteu a mão no bolso da jaqueta; tocou a faca. Ela confortava-o na presença daquele lunático.

— Nada é o bastante — disse McNeal. — Nem amor. Nem música. Nada.

Agarrando a faca, Wyburd tirou-a do bolso. Os olhos do garoto encontraram a lâmina, e ganharam vida com essa visão.

— Você não falou o quanto valia.

— Duzentos mil — respondeu Wyburd.

— Alguém que ele conheça?

O assassino balançou a cabeça.

— Um exilado. No Rio de Janeiro. Um colecionador.

— De peles?

— De peles.

O garoto pôs o copo sobre a mesa. Murmurou algo que Wyburd não entendeu. Então, muito baixinho, as palavras saíram:

— Vá em frente, e seja rápido.

Ele estremeceu um pouco quando a faca encontrou seu coração, mas Wyburd foi eficiente. O momento chegou e passou antes que o garoto sequer soubesse o que estava acontecendo, quanto mais sentir algo. Então tudo acabou, pelo menos para ele. Para Wyburd, o verdadeiro trabalho apenas começara. Levou duas horas para completar o esfolamento. Quando terminou — a pele dobrada em linho virgem e trancada na maleta, trazida especialmente com esse objetivo — estava cansado.

Amanhã voaria para o Rio, pensou ao deixar a casa, e exigiria o resto do pagamento. E então, Flórida.

Passou a noite no pequeno apartamento que alugara para as tediosas semanas de reconhecimento e planejamento que haviam precedido o trabalho daquela tarde. Estava contente por ir embora. Agora o serviço fora feito, e ele poderia compensar todo esse tempo.

Dormiu bem, embalado pelo aroma imaginado de laranjais.

Mas não foi o cheiro de frutas que sentiu ao acordar, e sim algo picante. O quarto estava escuro. Esticou o braço direito e

tentou acender a luz do abajur de cabeceira, mas nada aconteceu.

Ouvia agora um som molhado do outro lado do quarto. Sentou-se na cama, forçando a vista na escuridão, mas não conseguia ver nada.

Balançando as pernas na beira da cama, levantou-se.

Seu primeiro pensamento era o de que deixara as torneiras do banheiro abertas e o apartamento havia inundado. Estava com água morna até os joelhos. Confuso, caminhou com dificuldade até a porta e esticou a mão para ligar o interruptor, acendendo a luz. Não era água. Muito denso, muito precioso; muito vermelho.

Soltou um grito de nojo e virou-se para abrir a porta, mas estava trancada, e não havia chave. Desferiu uma saraivada de socos contra a madeira sólida e gritou por socorro. Seus apelos não foram respondidos.

Voltou-se para o quarto, a maré quente já chegando às coxas, e procurou a fonte.

A maleta. Estava na escrivaninha, onde a havia deixado, e sangrava copiosamente por cada costura, pelas fechaduras; e pelas dobradiças — como se mil atrocidades estivessem sendo cometidas em seu interior e ela não pudesse conter o dilúvio que esses atos haviam desencadeado.

Viu o sangue derramando-se em abundância. Nos poucos segundos desde que saíra da cama, a piscina aumentara em vários centímetros, e a enchente não parava.

Tentou a porta do banheiro, mas também estava trancada e não tinha a chave. Tentou as janelas, mas era impossível mover os postigos. O sangue havia alcançado sua cintura. A maior parte da mobília estava flutuando. Sabendo que estava perdido, a menos que tentasse alguma ação direta, abriu caminho pela pressão do líquido até à maleta, e pôs as mãos sobre a tampa na esperança de que ainda pudesse conter o fluxo. Em vão. Ao seu toque, foi como se o sangue jorrasse com mais intensidade, ameaçando arrebentar as costuras.

As histórias seguem, dissera o garoto. *Sangram e sangram*. E agora ele parecia ouvi-las em sua cabeça. Dezenas de vozes, cada uma contando uma história trágica. A enchente levou-o para o teto. Pelejava para manter o queixo acima da maré espumante, mas em

minutos mal havia um centímetro de ar no alto da sala. E quando até mesmo essa margem ficou mais estreita, acrescentou sua própria voz à cacofonia, implorando para que o pesadelo parasse. Mas as outras vozes o afogaram com suas histórias, e quando ele beijou o teto seu fôlego acabou.

Os mortos possuem estradas. Elas correm, linhas retas de trens-fantasmas, de carruagens de sonhos, pela vastidão desolada através de nossas vidas, levando um tráfego interminável de almas. Essas rodovias têm placas, pontes e desvios. Têm trevos e encruzilhadas.

Foi numa dessas encruzilhadas que Leon Wyburd avistou o homem de terno vermelho. A turba pressionava-o para frente, e apenas quando chegou mais perto percebeu seu erro. O homem não vestia terno algum. Não estava sequer vestindo sua pele. Entretanto, não era o garoto McNeal; ele havia partido daquele ponto há muito tempo. Era outro homem esfolado. Leon alcançou-o e eles conversaram. O esfolado explicou como havia chegado àquele estado; das conspirações de seu genro e da ingratidão de sua filha. Por sua vez, Leon contou-lhe seus últimos momentos.

Foi um grande alívio falar do caso. Não porque quisesse que fosse lembrado, mas porque narrá-lo o desvencilhava do peso da história. Ela não pertencia mais a ele, àquela vida, àquela morte. Tinha coisa melhor a fazer, como todos ali. Estradas para viajar; esplendores a desfrutar. Ele sentia a paisagem se abrir. Sentia o ar mais puro.

O que o garoto havia dito era verdade. Os mortos têm estradas. Somente os vivos estão perdidos.

{1} Doppelganger: o suposto fantasma de uma pessoa viva.

{2} Hamlet - 3 Ato - Cena 1: “This a consummation/Devoutly to be wish'd”.

{3} Noite & Reis - Ato 1, Cena 1.

{4} Ham as deggs: ovos com presunto.

{5} O autor faz um trocadilho intraduzível, apoiando-se na semelhança fonética do Quaid com quake (tremor), quail (codorna ou covarde) e quarrel (rixa).